



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E CULTURAS POLÍTICAS

As representações históricas do Orientalismo na Obra de Tolkien (1930 1950)

Átila Siqueira Martins Lopes

2016

ÁTILA SIQUEIRA MARTINS LOPES

As representações históricas do Orientalismo na Obra de Tolkien (1930 1950)

Dissertação final apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa História e Culturas Políticas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Pereira Miatello

2016

907.2

L864r Lopes, Átila Siqueira Martins

2016 As representações históricas do orientalismo na obra de Tolkien (1930 1950) [manuscrito] / Átila Siqueira Martins Lopes. - 2016.

619 f. : il.

Orientador: André Luís Pereira Miatello.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.História – Teses. 2. Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973. I. Miatello, André Luís Pereira. II Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**"As Representações Históricas do Orientalismo Na Obra de Tolkien (1930
1950)"**

Átila Siqueira Martins Lopes

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. André Luis Pereira Miatello - Orientador
UFMG

Prof. Dr. Vinicius Cesar Dreger de Araujo
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof. Dr. Cristina Isabael Campolina de Sá
UFMG

Belo Horizonte, 09 de dezembro de 2016.

Dedicatória:

Dedico essa dissertação, no auge desses dias sombrios, a todos os estudantes que tiveram suas bolsas de estudos cortadas e seus sonhos interrompidos, a todos os pesquisadores que tiveram suas pesquisas paralisadas, a todos os professores que tiveram os seus salários arrojados, a todos os escritores que tiveram seus livros adiados, a ciência brasileira, que foi completamente negligenciada, enfim, a todos os estudiosos que foram agredidos pelo Golpe de 2016.

Dedico essa pesquisa a todos os que tiveram os seus empregos perdidos, a todos os trabalhadores que sofrem o efeito do Golpe e da desestabilização, mesmo aqueles que ainda não entendem e que jamais vão entender que há um Golpe em curso.

Dedico essa dissertação também aos direitos trabalhistas e previdenciários que estão sendo retirados e aos trabalhadores que sofrerão com isso, bem como a todos os direitos ameaçados por grupos fascistas, como o direito a orientação sexual e o da livre expressão artística e religiosa, dentre outros.

Dedico esse trabalho, finalmente, a todos que sabem que 1964 e 2016 foram igualmente Golpes. Dedico a todos que lutaram contra o Golpe de 1964 e também aos que lutam hoje contra o Golpe de 2016. Dedico a todos que se mantêm de pé frente às calúnias, as acusações e condenações sem provas, e que continuam lutando para que os dias escuros cheguem ao fim, para que possamos novamente sonhar com um país com distribuição de renda, igualdade e justiça social.

Agradecimentos:

Há muitas pessoas para serem agradecidas, pois muitos colaboraram com essa dissertação, das mais variadas formas. Há professores, colegas de estudos, amigos, família, e mesmo, desconhecidos, que em momentos ímpares colaboraram para que esse estudo fosse realizado. Assim sendo, não será possível citar a todos, e peço desculpas a aqueles que ajudaram e que não terão seus nomes aqui incluídos.

Começo então agradecendo a minha mãe e irmã, pelo apoio dado em toda a minha trajetória de estudos. Foram anos árduos de apoio e compreensão, que jamais poderão ser pagos.

Agradeço ao professores: Marcelo Cedro, primeiro orientador do pré-projeto que mais tarde tornou-se monografia e depois essa dissertação; Carlos Veriano e Elisabeth

Guerra Parreiras Baptista Pereira, que acreditaram nesse projeto e o orientaram em sua versão de monografia, quando muitos se opuseram e desacreditaram; Adriane Aparecida Vidal, que iniciou a orientação dessa dissertação; Eduardo França Paiva, pelas aulas e discussões salutares, que geraram reflexões de grande ajuda; ao professor Vinícius Dreger, pelas diversas orientações de leitura e também pelas discussões sobre as minhas interpretações sobre a obra de Tolkien; e finalmente, ao meu orientador, André Luís Pereira Miatello, pela paciência, pelas longas revisões e por todo o trabalho que realizamos juntos nesse período.

Por fim, quero agradecer as pessoas e ao grupo político que fez com que a produção dessa tese fosse possível, pois sem os investimentos em educação, cultura, e sem programas sociais como o Prouni, eu jamais teria chegado até aqui. Assim, agradeço ao Partido dos Trabalhadores, por ter realizado um projeto político dentre 2003 e 2015, com tanta ênfase em desenvolver o país de forma sustentável, com tanta preocupação em distribuir renda e em investir solidamente em educação para as classes trabalhadoras, democratizando como nunca antes na história desse país a educação superior para os mais pobres. Agradeço também ao grande e eterno presidente Luís Inácio Lula da Silva, aquele que governou para os mais pobres, que deu a um jovem como eu, pobre, filho de faxineira e de vigilante, a oportunidade de entrar em uma Universidade; que gerou mais de 30 milhões de empregos, que distribuiu renda como ninguém antes, que colocou comida na mesa daqueles que mais precisavam, e que hoje segue de cabeça erguida, lutando contra as calúnias das acusações dos seus detratores, que o acusam e condenam sem provas. Agradeço também aos companheiros José Dirceu e José Genuíno, por se manterem fiéis a luta por um Brasil democrático e por um projeto de nação cujo foco é a justiça social. Por fim, agradeço a presidenta eleita e legítima desse país, Dilma Rousseff, que fez todo o possível para manter o legado construído por Lula e que o ampliou enquanto foi possível, bem como por sua resistência ao Golpe e ao desmonte do Estado que atualmente vivemos.

Resumo:

O presente trabalho visa problematizar a obra literária de Tolkien sobre a Terra Média, com a finalidade de identificar dentro do enredo diversas representações positivas sobre os europeus ocidentais e pejorativas sobre os não europeus e, principalmente, sobre os orientais. Assim, através da análise dos textos desse autor, buscar-se-á entender como este autor apresentou as ideias de civilização e barbárie, raça superior e inferior e Ocidente como um lugar superior e Oriente como um lugar inferior.

Essas formas valorativas de lidar com o Ocidente e com o Oriente serão abordadas na obra de Tolkien como representações de ideias que circulavam no período de sua formação intelectual e de sua escrita. Dessa forma, sua obra literária será analisada, buscando compreender, a luz dos estudos mais recentes sobre Orientalismo, Alteridade, Etnocentrismo e Eurocentrismo, as influências de ideias de seu tempo, corroboradas por ele.

PALAVRA-CHAVE: Tolkien; Orientalismo; Representação.

Abstract

This present work aims at questioning Tolkien's literary work about the Middle-earth, with the objective of identifying, in the plot different positive representations about the western Europeans and pejorative about the eastern ones. This way, through the analysis of this author's texts, there is a search for the comprehension of the way this author presents the ideas of civilization and barbarism, superior and inferior race and the West as a superior place and the East as an inferior place.

These evaluating forms to deal with the West and the East are addressed in Tolkien's literary works as a representation of ideas which were around in the period of his intellectual formation and writing. This way, his literary work will be analyzed aiming at understanding the light of the most recent studies about Orientalism, Alterity, Ethnocentrism and Eurocentrism, the influence of ideas from his time, by him confirmed.

Keywords: Tolkien; Orientalism; Representation.

Sumário:

| | |
|--|------------|
| Dedicatória: | 5 |
| Agradecimentos: | 5 |
| Resumo: | 7 |
| Introdução..... | 12 |
| Capítulo 1: Civilizados e bons x bárbaros, selvagens e maus na obra de Tolkien | 31 |
| 1.1 Foco narrativo: Narrador com ponto de vista | 31 |
| 1.2. Conhecimento, talento, virtude e dons na obra de Tolkien | 34 |
| 1.3. Progresso, organização e estágios das populações na obra de Tolkien | 45 |
| 1.3.1. A organização e o progresso dos Valars e dos elfos | 45 |
| 1.3.2. O progresso e o nível de organização dos homens das três casas dos amigos dos elfos | 50 |
| 1.3.3. O progresso e o nível de organização dos homens númenorianos | 52 |
| 1.3.4. O progresso levado à Terra Média pelos reinos de Gondor e Arnor | 54 |
| 1.3.5. O progresso e o nível de organização do reino de Rohan | 57 |
| 1.3.6. Gondor, seu progresso e seu nível de organização social..... | 58 |
| 1.4 Os hábitos civilizados e incivilizados na Obra de Tolkien..... | 70 |
| 1.4.1 Os hábitos dos elfos e dos homens das três casas amigas dos elfos | 73 |
| 1.4.2 Os hábitos superiores dos elfos noldors e os hábitos dos homens e dos demais elfos da Terra Média: representações de hábitos em três escalas de valor..... | 75 |
| 1.4.3 Os homens da Casa de Hador com hábitos polidos e os orientais com hábitos rudes | 76 |
| 1.4.4 Os hábitos e as vestimentas na passagem de Tuor pelos portões de Gondolin e animalidade dos orcs | 82 |
| 1.4.5 Os hábitos dos Númenorianos | 86 |
| 1.4.6 Os hábitos dos hobbits no livro O Hobbit | 87 |
| 1.4.7 Os hábitos dos elfos em Valfenda | 97 |
| 1.4.8 Os hábitos rudes dos orcs | 101 |
| 1.5 Liberdade e escravidão como hábitos na obra de Tolkien | 110 |

| | |
|---|------------|
| 1.5.1 Escravidão e liberdade como valores | 110 |
| 1.5.2 Melkor/Morghot e a escravidão | 111 |
| 1.5.3 A escravidão e Sauron | 117 |
| 1.5.4 A liberdade oferecida pelos Valars e pelos povos que os seguem | 127 |
| 1.6 Modelos de monarquia na obra de Tolkien | 132 |
| 1.6.1 As monarquias de Melkor/Morghot e de Sauron | 132 |
| 1.6.2 O reino dos Valars | 136 |
| 1.6.3 As monarquias élficas..... | 139 |
| 1.6.4 Os reinos humanos | 144 |
| Capítulo 2: raça e miscigenação na literatura de Tolkien | 171 |
| 2.1 A raça como ideia no pensamento ocidental | 171 |
| 2.2 Diferença entre raças na obra de Tolkien..... | 192 |
| 2.2.1 A apresentação das raças na obra de Tolkien..... | 192 |
| 2.2.2 A raça dos balrogs | 193 |
| 2.2.4 A raça dos elfos | 193 |
| 2.2.5 A raça dos anões..... | 197 |
| 2.2.6 A raça dos homens..... | 198 |
| 2.2.7 A raça dos orcs | 209 |
| 2.3 Outras raças na obra de Tolkien..... | 210 |
| 2.3.1 A raça dos ents | 211 |
| 2.3.2 A raça dos trolls..... | 211 |
| 2.4 A miscigenação na obra de Tolkien | 229 |
| 2.4.1 Os meio elfos e os númenorianos | 229 |
| 2.5 As raças e o que cada uma delas representa na obra de Tolkien | 235 |
| 2.5.1 Os orcs | 236 |
| 2.5.2 Os homens..... | 236 |
| Capítulo 3: As representações de Orientalismo na obra de Tolkien | 240 |
| 3.1 A alteridade e o etnocentrismo na obra de Tolkien..... | 240 |

| | |
|---|------------|
| 3.2 O Oriente e o Ocidente na obra de Tolkien | 251 |
| 3.2.1 Eurocentrismo na obra de Tolkien..... | 251 |
| 3.2.2 O Orientalismo na obra de Tolkien | 253 |
| 3.2.2.1 O Ocidente como luz e o Oriente como trevas no início do enredo | 255 |
| 3.2.2.2 O Ocidente e o Oriente no exílio dos elfos noldors | 257 |
| 3.2.2.3 Essência oriental e ocidental na obra de Tolkien..... | 260 |
| 3.2.2.4 O mito de Númenor Atalantë (Atlântida) como origem da cultura ocidental avançada na obra de Tolkien | 264 |
| 3.2.2.5 Avallonë e Valinor como origens do Ocidente..... | 270 |
| 3.2.2.6 Colonização númenoriana levando as luzes do conhecimento ao Oeste da Terra Média – Oeste Civilizado e Leste bárbaro..... | 275 |
| 3.2.2.7 O Ocidente e o Oriente nos tempos dos exilados númenorianos na Terra Média | 287 |
| 3.2.2.8 Os Orcs e os orientais – raça e Oriente | 288 |
| 3.3 Temas orientalistas na obra de Tolkien | 290 |
| 3.3.1 Despotismo, escravização, loucura, pilhagem e crueldade | 290 |
| 3.3.2 Mal que vem do Oriente: Oriente que degenera..... | 294 |
| 3.3.3 O Oriente e o Ocidente em conflito | 301 |
| 3.3.4 Coragem e heroísmo ocidental x Covardia e vilania oriental..... | 315 |
| 3.3.5 Verdade e sinceridade Ocidental x mentira e malícia oriental | 328 |
| 3.3.7 O oriental e o ocidental como arquétipos na obra de Tolkien | 340 |
| 3.3.8 O Oeste como valor na construção de uma realidade orientalista na obra de Tolkien | 344 |
| Conclusão | 370 |
| Referências Bibliográficas | 382 |
| Fontes: | 382 |
| Fontes auxiliares: | 382 |
| Bibliografia: | 383 |
| Anexo Capítulo 1:..... | 399 |
| Anexo: Tolkien, uma breve trajetória intelectual | 399 |
| Anexo: A obra de Tolkien e sua organização | 408 |

| | |
|---|------------|
| Anexo: Resumindo a obra de Tolkien | 411 |
| Anexo O progresso e o nível de organização dos povos da Terra Média no livro “O Hobbit” e na Saga “O Senhor dos Anéis” | 428 |
| Anexo: Sobre os hábitos dos hobbits, de Tom Bombadil e da população de Bri no livro “O Senhor dos Anéis” | 438 |
| Anexo Os hábitos dos homens de Rohan | 447 |
| Anexo Os hábitos dos homens de Gondor | 452 |
| Trechos: | 457 |
| Anexo Capítulo 2: | 507 |
| Trechos | 507 |
| Anexo capítulo 3 | 524 |
| Trechos: | 524 |

Introdução

O presente trabalho visa problematizar as obras literárias de J.R.R Tolkien (1893 – 1971), autor inglês que escreveu principalmente entre as décadas de 1930 a 1950. Os textos analisados nessa pesquisa serão aqueles que falam de um universo mitológico chamado de Terra Média, que ambientam os seus livros mais famosos, que lhe renderam fama em nível mundial como escritor, tornando-o muito popular a partir da segunda metade do século XX, sendo um dos autores mais vendidos em língua inglesa do século XX e do início do século XXI (KYRMSE, 2002, p. 4, 8).

A problematização da obra de Tolkien será feita buscando compreender, identificar e analisar representações pejorativas sobre o Oriente e sobre o mundo não europeu que estariam presentes em sua obra, bem como representações positivadas sobre o europeu como superior. Essa pesquisa deverá contribuir esclarecendo como Tolkien seria signatário de determinadas ideias, o que deve ajudar a elucidar mais um ponto na história das formas como a intelectualidade europeia pensava e representava o Oriente e o mundo não europeu nos fins do século XIX e no início do século XX. Esse problema de pesquisa foi levantado a partir de uma leitura preliminar de um dos livros de Tolkien, chamado “*The Lord of the Rings – The two tower* (O Senhor dos Anéis – As Duas Torres), lançado originalmente em 1954, como segunda parte da trilogia “*The Lord of the Rings*” (O Senhor dos Anéis).

Desde o início do século XX, uma vasta bibliografia sobre as formas pejorativas como o mundo ocidental europeu havia tratado o resto do mundo colonial começou a ser produzida (ARMANI, 2011, p. 25 – 34). Estudos como o de Lênin (LÊNIN, 2010) e Rosa Luxemburgo (LUXEMBURGO, 2006), bem como os de Norbert Elias (ELIAS, 1994. Vol. 1) e Hannah Arendt (ARENDR, 2010) podem ser entendidos como precursores nesse campo. Esses primeiros trabalhos deram abertura para novas abordagens, atraindo o interesse de estudantes e pesquisadores, principalmente nos países que passaram por colonização europeia e que se mantiveram considerados como nações de Terceiro Mundo (COSTA, 2006, p. 117 – 120).

Após a segunda Grande Guerra (1939 – 1945), com a divulgação dos horrores da guerra e dos campos de concentração nazista, bem como com o crescimento dos processos de independência das colônias europeias na Ásia e na África, os estudos sobre

as formas pejorativas produzidas pelo pensamento europeu para lidar com os não europeus se tornaram mais populares em meio às ciências humanas. O Racismo, o Eurocentrismo, o Etnocentrismo e o Imperialismo se tornaram temas de diversos estudos, principalmente nos departamentos de Ciências Sociais, embasando, inclusive, diversos discursos provenientes de colônias que buscavam a independência (BONNICI, sem data).

Essa conjuntura produziu aquilo que ficou conhecido como Estudos pós-coloniais, uma série de pesquisas, principalmente na área das Ciências Sociais, Letras e História, que buscavam problematizar os mecanismos de dominação dos europeus, bem como as formas de resistência produzidas pelas populações nativas e também as culturas resultantes desses contatos coloniais (BONNICI, sem data). No Brasil, na década de 1960, alguns nomes se destacaram nos estudos da forma de dominação europeia e das ideias de superioridade que eram usadas para justificar a dominação, sendo eles o do sociólogo Florestan Fernandes (FERNANDES, 2008), o do cientista social Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 2000), o do cientista social Darcy Ribeiro (MATIAS, 2008) e o do também sociólogo Landslaw Dowbor (DOWBOR, 1989), em meio a muitos outros pesquisadores que, entre as décadas de 1960 e 1990, escreveram diversos trabalhos sobre essa temática, com os mais variados objetos de pesquisa.

Movimentos como o dos Estudos pós-coloniais e da Virada Linguística/Giro Linguístico trouxeram grandes contribuições para os estudos sobre as formas de representações produzidas pelos europeus sobre os não europeus de forma pejorativa (BONNICI, sem data).

A Virada Linguística, por exemplo, buscou observar como os vocabulários produzidos e reproduzidos em diversos meios de comunicação, bem como na fala cotidiana, possuíam não somente palavras, mas verdadeiros discursos sobre o meio social, carregando diversos juízos de valores sobre a própria sociedade e sobre o que se almejava para a mesma. Dessa forma, mudar a realidade e produzir novos projetos passaria também por uma reorganização da linguagem. Logo, filósofos como Michel Foucault (1926 – 1984), Jean-François Lyotard (1924 – 1998), Félix Guatarri (1930 – 1992) e muitos outros, aproximaram as suas pesquisas dos estudos da linguística, a fim de compreender como se produziam formas de dominação através da linguagem, em conjunto com muitas outras maneiras de dominar e convencer (BONNICI, sem data).

Assim, a Virada Linguística/Giro Linguístico deu grandes contribuições para os Estudos pós-coloniais e, de maneira geral, para as pesquisas que buscavam compreender como a intelectualidade europeia construiu discursos pejorativos para dominar, inferiorizar e estigmatizar os não europeus, produzindo estudos importantes e abrindo portas para novas abordagens interpretativas. Através dessa corrente de pensamento, muitos autores puderam construir suas bases interpretativas levando a linguagem em consideração para abordar os textos que seriam objeto de suas investigações (BONNICI, sem data).

Mundialmente alguns autores se tornaram famosos por seus estudos sobre as formas de dominação europeia no mundo colonial. Dentre esses autores se destacam os nomes do africano Frantz Fanon, do búlgaro Tzvetan Todorov, do palestino Edward Said, do jamaicano Stuart Hall, do indiano Kavalam Madhava Panikkar, dos franceses Jean Paul Sartre, Claude Lévi-Strauss, Jean Delemeau e Michael Foucault, e do indiano Homi Bhabha.

Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009) foi um dos primeiros a produzir um amplo questionamento das teorias de superioridade europeia, ao apresentar em seus escritos como a ideia das populações humanas divididas em três estágios de evolução, civilizados, bárbaros e selvagens, havia sido produzida pelo pensamento europeu para que os europeus pudessem se auto-construírem como superiores. Dessa forma, Strauss propôs relativizar esses conceitos e buscar compreender cada sociedade a partir de suas próprias dinâmicas internas, e não através da comparação com outras e sem classificá-las como mais ou menos evoluídas (CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

O contexto de seus escritos foi importante nesses estudos sobre o modo de pensar europeu sobre o Outro, pois Strauss provinha de uma das ciências que mais produziam o estereótipo da superioridade europeia, a antropologia, que tinha sido o grande sustentáculo da ideia dos povos em diversos estágios evolutivos, desde o século XIX (CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

Frantz Fanon (1925 – 1961) foi outro autor que deu grande contribuição para os estudos da forma como o pensamento europeu construiu imagens depreciativas sobre os não europeus. Suas pesquisas, na área da psicologia, buscaram compreender como a colonização e seus mecanismos ideológicos produziram efeitos psicológicos nocivos, tanto nos colonizados, como também nos colonizadores, embora a ênfase de sua

pesquisa tenha ficado nos problemas psíquicos produzidos sobre a população colonial (FANON, 2008).

O principal livro de Frantz Fanon foi lançado em 1954, com o título: “Pele Negra, máscara branca”, cujo conteúdo mostrava como a ideologia colonial buscava inferiorizar os não europeus, produzindo uma população, nas áreas coloniais, que almejava se europeizar, tentando apagar sua cultura e até mesmo os seus traços étnicos, buscando se tornar brancos. Esse trabalho contribuiu em grande medida para se perceber o discurso colonial e seus mecanismos de depreciação do Outro, colaborando de forma significativa para as pesquisas sobre as formas como os europeus construíram discursivamente os demais povos do mundo e a si mesmos.

Junto a Frantz Fanon, outro intelectual que colaborou de forma significativa para a compreensão das formas como o pensamento europeu produziu representações pejorativas sobre os não europeus foi Jean Paul Sartre (1905 – 1980), que militou ativamente pela libertação das áreas coloniais e escreveu uma série de textos sobre o assunto, denunciando o racismo e o discurso de superioridade europeia como uma falácia (ARANTES, 2011, p. 386 – 397).

O indiano Kavalam Madhava Panikkar (1895 – 1963) também produziu um estudo que deu grandes contribuições ao tema das formas pejorativas produzidas pelos europeus para lidar com o mundo não europeu. Sua pesquisa, publicada no livro: “A dominação Ocidental na Ásia”, analisa a colonização europeia no Oriente, desde o início das navegações ibéricas, passando pelo começo das expansões francesas e inglesas, até culminar no século XIX, com o domínio total de vários locais no Oriente, como a China e a Índia. A obra de Panikkar deu grande colaboração, ao mostrar que as potências europeias, mesmo com as suas divergências e rivalidades, quando se tratava de lidar com os questionamentos dos governos locais das áreas coloniais, agiam em bloco, tanto discursiva quanto militarmente. O autor dá como exemplo a forma como as potências agiram em conjunto na tomada e na partilha da China, com discursos e práticas afinados nas justificativas para a dominação (PANIKKAR, 1965. Vol 1).

Jean Delemeau (1923 -), em seu livro: “História do Medo no Ocidente – 1300 – 1800 – uma cidade sitiada”, publicado em 1978, aborda o medo dos árabes, dos judeus, das bruxas e dos nativos americanos, impregnado ao modo de pensar coletivo do europeu (DELEMEAU, 1983).

Michael Foucault (1926 – 1984), ao desenvolver o conceito de discurso, como uma construção de ideias para darem credibilidade a uma determinada visão de mundo, auxiliou na discussão sobre como os europeus construíram a si mesmos como superiores e os demais povos do mundo como inferiores. Suas teorizações influenciaram a perspectiva desenvolvida por Edward Said, sobre o pensamento orientalista, bem como de Stuart Hall, sobre o mundo não europeu e também o dos demais pensadores posteriores que escreveram sobre as formas pejorativas construídas pelos europeus sobre os demais povos do mundo (MACEDO, 2006, p. 7 – 10).

Outro autor de grande importância para os estudos sobre a construção do Outro pelo pensamento europeu foi Homi Bhabha (1949 -), intelectual indiano que escreveu sobre a ideia de hibridismo cultural nas áreas coloniais, mostrando que a cultura dos colonizadores, embora fosse imposta aos colonizados, sofria resistências e ressignificações, que produziam então culturas híbridas, a partir dessas negociações em meio à sociedade. As ideias defendidas por Bhabha auxiliaram na compreensão do funcionamento do pensamento europeu sobre o Outro e nos mecanismos usados para inferiorizar as culturas colonizadas (COSTA, 2006, p. 122 – 123).

Sob muitos aspectos, Edward Said (1935 – 2003), dentre os autores aqui citados, foi um dos maiores em contribuição para a compreensão das formas como o pensamento europeu se auto-construiu como superior e construiu o mundo não europeu como inferior. Seu livro de maior repercussão, chamado: “O Orientalismo, a invenção do Oriente pelo Ocidente”, publicado em 1979, é uma das obras mais conhecidas no mundo sobre esse assunto, tendo sido traduzida para diversas línguas e discutida desde então no meio acadêmico, sem perder a sua validade interpretativa (MACEDO, 2006, p. 7 – 10).

Esse livro demonstra que o pensamento europeu teria criado uma ideia que dividia o mundo entre Ocidente e Oriente, como duas grandes entidades culturais com essências diversas e que, em inúmeros aspectos, seriam opostos e rivais. Essa construção discursiva teria legitimado a colonização europeia pelo mundo e teria sido em grande parte produzida por um pensamento que ele denomina como orientalista, que seria uma construção discursiva sobre o Oriente através dos estudos e dos estereótipos sobre essa região, produzidos por aqueles que se entendiam como parte do Ocidente (MACEDO, 2006, p. 7 – 10).

Tzvetan Todorov (1939 -), por sua vez, também se dedicou a pesquisar as formas como o pensamento europeu construiu o Outro. O seu principal livro sobre esse assunto foi publicado em 1982, e tem por título: “A conquista da América: a questão do Outro”. Nesse livro (TODOROV, 2003), ele discute como os europeus, no período das grandes navegações, construíram os povos indígenas americanos como o Outro e como inferiores aos europeus cristãos (MACEDO, 2006, p. 13 – 14).

Stuart Hall (1932 – 2014) também é um dos que mais se destacam, tendo escrito um texto elucidativo sobre o assunto, chamado: “The West and the Rest: Discourse and Power”, como parte do livro organizado por ele e por Bram Gieben, chamado: “Formations of modernity”, publicado em 1994. Nesse texto, Hall defende que a ideia de Orientalismo, produzida por Said, não se refere somente ao mundo oriental islâmico, mas que deve ser estendido para todos os outros não europeus (HALL, 1991).

Cada um desses autores, ao seu modo, alguns em diálogo uns com os outros, outros de forma mais isolada, deram contribuições significativas para os estudos das formas pejorativas de representações produzidas pelo pensamento europeu para lidar com os não europeus.

A partir da década de 1990, diversas revisões começaram a ser produzidas. As pesquisas sobre história conectada, do francês Serge Gruzinski (1949 -) e do indiano Sanjay Subrahmanyam (1961 -), trouxeram novas perspectivas, buscando entender os contatos não somente pelas representações depreciativas, mas também relacionadas às trocas culturais e da produção de culturas diversificadas em várias partes do mundo.

Contudo, os estudos das representações depreciativas voltaram à tona após a queda das torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, e depois da invasão do Afeganistão e do Iraque, respectivamente em 2001 e 2003, pelas forças armadas dos Estados Unidos da América e de alguns países integrantes da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Esses conflitos entre o modelo de mundo ocidental e parte do islã reabriram diversas discussões sobre as intervenções ocidentais no Oriente Médio e sobre as formas como o islã passou a ser representado nas mídias ocidentais, como uma religião de bárbaros e fanáticos¹.

¹ Alguns exemplos de pesquisas são os textos: “A invenção dos trópicos: clima e dominação à luz do Orientalismo de Edward Said”, escrito por Luiz Fernando Tosta Barbatto. “Imagens do outro: o orientalismo na mídia de massa”, escrito por Luciana Barcelos de Sousa. “Do Orientalismo a construção de uma imagem, mulheres do mundo árabe”, de Juliana Maria Martins. “Árabes, muçulmanos e terroristas: o Oriente no discurso ocidental”, de Vanessa Fonseca Henriques da Silva. “Canibalismo literário: exotismo e orientalismo sob a ótica de Milton Hatoum”, de Daniela Birman. “Cartografias

Autores como Edward Said, Stuart Hall, Albert Hourani, Tzvetan Todorov e Norbert Elias, dentre outros, foram revisitados e relidos na busca de se compreender os conflitos que surgiam e as representações produzidas pelos europeus e norte-americanos sobre os árabes como bárbaros e sobre o Ocidente como civilizado. Uma série de estudos nos departamentos de História e Ciências Sociais começou a ser produzida, levando em conta as reflexões sobre as representações pejorativas dos não europeus e principalmente dos muçulmanos como algo constante em meio à intelectualidade europeia (MACEDO, 2006, p. 2 – 6).

Passou-se a observar que as representações pejorativas sobre o mundo não europeu, ao lado de imagens positivadas sobre o Ocidente, estariam presentes em diversas manifestações culturais, muitas vezes de forma bastante sutil, outras vezes de maneira mais evidenciada. Essa visão depreciativa sobre o mundo não ocidental, segundo esses estudos, pode ser encontrada em diversas manifestações culturais, como obras literárias, filmes, músicas e peças de teatro.

Obras literárias, como a de Júlio Verne e tantas outras, que foram escritas nos fins do século XIX e no início do século XX, e que tinham por gênero a aventura, mostrariam essa visão depreciativa. O mesmo ocorreria com algumas músicas, sobretudo aquelas produzidas entre 1875 e 1914, período em que as expansões coloniais das grandes potências europeias estavam em voga, como as composições do francês Claude Debussy (1862 – 1918) (SIQUEIRA, 2007, p. 188). Diversas peças teatrais e óperas, como as de Charles Gounod (1818 – 1893), Georges Bizet (1838 – 1875), Giacomo Meyerbeer, Massenet (1791 – 1864), Camille Saint-Saëns (1835 – 1921) e Léo Delibes (1836 – 1891) (CORDOVA, 2006), também possuiriam visões depreciativas sobre o mundo não europeu, principalmente aquelas que buscavam retratar a expansão colonial e os exploradores como heróis (MACEDO, 2006, p. 13 – 20).

identitárias e territórios imaginários: a invenção do Oriente da obra O Fundamentalista Relutante de Mohsin Hamid”, de Fernanda Glavam Duarte. “Oriente, Ocidente e Ocidentalização: Discutindo Conceitos”, de Helder Alexandre de Medeiros de Macedo. “Latino-americanismo e Orientalismo: Roberto Schwarz, Silviano Santiago e Edward Said”, de Renata Telles. “O místico e a rede: grupos místico-esotéricos, novas religiões e religiosidades na internet”, de Márcio Giovanni Macedo. “Modernidade social e a contemporaneidade do "orientalismo". O legado de Edward Said para uma hermenêutica póscolonial e não etnocêntrica”, de Vinicius Valentin Raduan Miguel. “O humanismo crítico de Edward W. Said”, de Marcos Costa Lima. “Uma Índia na Tijuca - Concepções, imaginações da Índia a partir de um centro espírita carioca”, de Felipe Brito Macedo.

Contudo, outras muitas manifestações desse pensamento eurocêntrico estariam disseminadas em meios culturais no Ocidente, como em desenhos animados, revistas em quadrinhos, bem como em obras literárias, filmes e mesmo em peças de teatro que versariam sobre outros temas, mas que de forma bastante sutil, apresentariam o mundo não europeu como inferior e o mundo europeu como superior. Muitas dessas referências ocorreriam até mesmo sem a intencionalidade daqueles indivíduos que as produzem, pois esse seria uma espécie de senso comum, que carregaria valores muitas vezes entendidos como algo inocente e natural.

Esse processo passa pela heroização de indivíduos loiros e caucasianos em meio a diversas obras de ficção variadas, bem como pela demonização de indivíduos morenos, arabizados e que tinham um biótipo diversificado, distante do estereótipo construído sobre o europeu ocidental. Assim, a cultura e mais especificamente as expressões artísticas produzidas em massa por inúmeros intelectuais europeus funcionariam como propagadoras de ideias eurocêtricas.

Dos muitos trabalhos produzidos por essa nova historiografia sobre a construção do Outro, a obra de François Hartog é uma das que mais se destacam, colaborando ao inserir o livro: “A História”, de Heródoto, em meio a uma cultura europeia ocidental de construção do Outro como inferior e bárbaro. O mesmo ocorre com o livro escrito por Claude Mossé sobre Alexandre, o Grande (MOSSÉ, 2004), que tece diversas análises sobre como a expedição alexandrina teria produzido uma série de representações pejorativas sobre o Outro.

É nesse contexto historiográfico que esse trabalho se encontra, pois se pretende contribuir para essas novas reflexões sobre como o pensamento europeu tem sistematicamente, através de meios diversos e às vezes sutis, como a literatura, produzido uma série de representações pejorativas sobre os não europeus e, em contraponto, uma série de ideias positivadas sobre os europeus.

Essa pesquisa parte então da hipótese de que a obra de Tolkien contém, em seu enredo, inúmeras representações pejorativas sobre os não europeus como o Outro, bem como uma visão positivada sobre os europeus. Essa visão provém do meio cultural e intelectual em que Tolkien viveu, marcado pela ideia de superioridade europeia.

De certa forma, Tolkien reproduz essa visão de mundo, mesmo que ofereça uma interpretação pessoal sobre cada assunto a que sua obra alude. Ao mesmo tempo, sua

literatura, por ser amplamente lida, é uma das obras propagadoras de uma visão negativa sobre os não europeus e sobre a superioridade europeia.

O tema da Alteridade e do Orientalismo na obra de Tolkien já foi abordado por alguns estudos, principalmente na área dos estudos literários e das ciências sociais. Esses trabalhos serão aqui cotejados, para que se possa compreender todos os argumentos contra e a favor a ideia de uma representação orientalista na obra de Tolkien. Dos trabalhos que abordam o tema, pode-se destacar os seguintes textos:

“The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization” escrito por John G. West, Jr, publicado em 2001. Nesse trabalho, o autor defende que o livro “O Senhor dos Anéis é uma defesa aberta a civilização Ocidental e seus valores (WEST, 2001, p. 2 – 9).

“Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy”, publicado em 2004. Nesse artigo, Myles Balfe defende que as obras literárias do gênero fantasia tendem a uma visão orientalista de mundo, que em grande parte, pelo menos nos tempos modernos, teria se iniciado com a obra de Tolkien (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

“Myth, Late Roman History, and Multiculturalism in Tolkien’s Middle-earth”, publicado em 2004, por Sandra Ballif Straubhaar. Nesse artigo, a autora defende uma postura multicultural em relação ao texto de Tolkien (STRAUBHAAR, 2004, p. 101 – 116).

“World Creation as Colonization: British Imperialism in “Aldarion and Erendis””, publicado em 2005, por Elizabeth Massa Hoiem. Nesse artigo, a autora defende que Tolkien, em seu conto sobre os personagens Aldarion e Erendis, faz uma crítica aberta ao colonialismo e ao imperialismo britânico (HOIEM, 2005, p. 75 – 90).

“Aspects of Orientalism in J. R. R. Tolkien’s The Lord of the Rings”, publicado em 2005, por Astrid Winegar. Nesse artigo, Winegar defende que Tolkien retratou o pensamento orientalista em sua obra, mas o rechaçou (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

“An evaluation of a post-colonial critique of Tolkien”, publicado em 2009, por Zakarya Anwar. Nesse artigo, o Anwar defende que a obra de Tolkien possui, ao mesmo tempo, uma série de representações pejorativas sobre os não europeus, e uma crítica ao colonialismo, de forma que ele, em certo grau, corroboraria ideias de seu tempo e romperia com elas até certo ponto (ANWAR, 2009, p. 1 – 8).

“Monsterized Saracens,” Tolkien’s Haradrim, and Other Medieval “Fantasy Products”, publicado em 2010, escrito por Margaret Sinex. Nesse artigo a autora

defende que a obra de Tolkien apresenta os homens denominados no enredo como haradrins, como inferiores, exóticos e bárbaros, e que eles seriam uma representação dos muçulmanos do período medieval. Dessa forma, ela defende que a obra de Tolkien apresenta inúmeras características do pensamento orientalista (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

“Reimagining Tolkien: A Post-colonial Perspective on The Lord of the Rings”, publicado em 2012, escrito por Louise Liebherr. Nessa tese de doutorado, defendida no Mary Immaculate College, University of Limerick, Liebherr defende que a obra de Tolkien apresenta uma forte e constante crítica ao colonialismo e ao imperialismo britânico, bem como se mostra como uma defesa a diversidade cultural e étnica e contra o racismo, sendo que os poucos temas depreciativos em relação aos orientais seriam pequenos deslizes, fruto da cultura de seu tempo (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

“Orientalism and religious aspects on characters and objects in J.R.R Tolkien’s The Lord of the Rings: A Semiotic Analysis”, escrito em 2013, por Fredy Widya Pratama. Nesse artigo, Pratama defende que a obra de Tolkien apresenta uma série de ideias orientalistas e uma conotação religiosa, com inúmeras alegorias ao cristianismo (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7).

“The Land of Shadow Reading Mordor in J.R.R. Tolkien’s The Lord of the Rings: A Geopolitical Threat or the Suppressed Other?”, publicado em 2015, por Sanni Hakkarainen. Essa monografia, apresentada na School of Language, Translation and Literary Studies - English Philology University of Tampere, na Finlândia, defende que a obra de Tolkien, principalmente em relação ao espaço geográfico de Mordor, apresenta uma visão pejorativa sobre o Oriente e que pode ser classificada como orientalista (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

“Racial Issues in Middle-Earth”, publicado em 2016, escrito por Alexander Fahlén. Nesse artigo, Fahlén defende que a obra de Tolkien apresenta uma hierarquia racial, em que há raças superiores e inferiores, em um escalonamento. E a superioridade, por sua vez, seria atribuída a indivíduos com estereótipo físico europeu, enquanto a inferioridade seria designada aos povos não europeus, de forma a corroborar as teorias raciais que circulavam nos fins do século XIX e na primeira metade do século XX (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

“Medievalismo y Orientalismo: “El pasado es un país extranjero””, publicado em 2016, escrito por María Eugenia Góngora Díaz. Nesse artigo a autora defende que

inúmeras representações artísticas da modernidade e da contemporaneidade possuem visões fantásticas sobre o medievo e sobre o Oriente. Algumas dessas representações sobre o medievo apresentam o período como bom e outras como ruim. Já em relação ao Oriente, apresenta-se um quadro exótico (DÍAZ, 2016, p. 223 – 231).

. A obra de Tolkien seria um desses casos, sendo um autor que teria em grande parte influenciado as gerações posteriores.

Em meio a esses textos, há trabalhos que defendem posições diferentes sobre a obra de Tolkien, alguns, colocando a literatura desse autor como marcada por racismo e Orientalismo, outros, defendendo o oposto. Por isso, esses trabalhos serão discutidos no decorrer do texto, referente a cada uma de suas argumentações contra e a favor da ideia do racismo e do Orientalismo na obra de Tolkien. Dessa forma, será possível refutar algumas ideias, e corroborar outras, conforme as fontes analisadas e a bibliografia dê respaldo, buscando assim, defender a ideia de uma representação sistemática do pensamento orientalista na obra de Tolkien.

Estudar uma obra literária ficcional como fonte histórica exige que o investigador esclareça os métodos de sua abordagem e sua epistemologia. Parte-se do princípio de que toda a manifestação do homem no mundo pode ser tratada como uma fonte histórica (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 119 – 136). Esta é uma ideia que vem norteando a historiografia desde meados da década de 1930, quando a Escola dos Annales buscou romper com diversos paradigmas das historiografias anteriores, que em grande parte tratavam como fonte histórica somente documentos oficiais. Desde esse momento, outros objetos produzidos pelo homem passaram a ser interpretados como repositórios de informação sobre o passado desde que o pesquisador soubesse como abordá-los, questionando-os conforme os seus propósitos e os problemas da pesquisa (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 119 – 152).

Desde então a literatura passa a ser também uma das possíveis fontes a serem utilizadas pela historiografia, para se compreender, por exemplo, como as ideias circulavam e mesmo como determinadas ideias funcionavam dentro de uma sociedade, através de argumentos e de suas apresentações dentro das narrativas ficcionais. A partir dessas possibilidades, uma série de historiadores usou obras literárias como fontes para

as suas pesquisas. Entre as décadas de 1960 e 1980, diversos autores buscaram abordar fontes literárias para trabalharem a partir da metodologia de correntes historiográficas específicas, como a História das Mentalidades e a História dos Imaginários (GRECCO, 2014, p. 40 – 42).

Desses trabalhos podem-se destacar os estudos de Michael Vovelle, que abordou várias ficções em seu livro “Imagens e Imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX” (VOLVELLE, 1997); Vovelle, analisou como determinadas ideias presentes nos textos literários circulavam nas sociedades em que foram produzidas e como foram então representadas nas narrativas, sendo elas, por sua vez, corroboradas pelos seus autores. De modo semelhante, Jacques Le Goff, em “O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval” (LE GOFF, 1990), aborda uma série de obras literárias, apresentando, a partir delas, ideias comuns que circulavam no medievo sobre cavalaria, mouros e cristãos e que teriam sido representadas nesses contos de cavalaria.

A partir da década de 1980, com a crise nas Ciências Sociais, cujo paradigma de História Universal foi posto em descrédito (CHARTIER, 1991), outras abordagens da literatura passaram a vigorar em meio à historiografia mundial, principalmente aquela que toma a literatura a partir da História dos Livros, buscando, assim, mapear quais livros foram produzidos, em quantas tiragens e quais eram os leitores e círculos literários desses livros (GRECCO, 2014, p. 45 – 52).

A História dos Livros foi, em grande parte, encabeçada por autores como Roger Chartier (1945 -), Robert Darnton (1939 -) e Carlo Ginzburg (1939 -). Todos eles dedicaram boa parte de suas pesquisas a compreender como os livros circulavam em determinados períodos, quais eram aqueles com maiores tiragens e quem eram os seus leitores (VIEIRA, 2009, p. 27 – 31). Chartier, por exemplo, investigou o período anterior à Revolução Francesa e concluiu que a maior parte das obras lidas não era a dos filósofos iluministas, mas sim os livros proibidos de contos eróticos e de sátira, que maculavam a imagem dos monarcas e da nobreza tradicional.

Por meio do estudo e do mapeamento da circulação desses livros, Chartier defende que o Iluminismo teve uma participação muito menor do que se supunha na formação da explosão revolucionária, que teria ocorrido muito mais em decorrência de uma quebra constante de valores da sociedade do Antigo Regime, na França, bem como em relação às mudanças que o próprio reino francês já vinha implementando. Em

contrapartida, ele ainda defende que os filósofos iluministas foram escolhidos a *posteriori* como influenciadores do processo revolucionário pelos próprios líderes da revolução, para dar um caráter mais erudito ao movimento (CHARTIER, 2003).

Mas além desse tipo de abordagem da História do Livro, outras possibilidades ainda foram abertas nesse mesmo período, por esses e por outros historiadores, que trouxeram a perspectiva de analisar a literatura com um aspecto semelhante ao que os historiadores da História do Imaginário faziam, porém, levando em conta que tais análises não poderiam ser entendidas como um reflexo de um modo de pensar geral, mas sim apenas de um grupo e de uma época específica (BORGES, 2010 e PESAVENTO, 2003, 2006). Esse tipo de análise leva em conta a potencialidade de uma obra literária em expressar o real, mas toma o cuidado de afirmar que as obras, antes de representar o pensamento de uma dada sociedade, reproduz antes o do seu autor e, talvez, no máximo, o pensamento do grupo a que o autor se vincula.

De 1990 em diante, a literatura passa a ser estudada pela historiografia principalmente por essas duas vertentes: a primeira prioriza os conteúdos das obras e as ideias do tempo e de determinados grupos que aparecem no enredo; a segunda vertente lança mão da metodologia da História do livro e, por isso, tenta identificar os públicos leitores, as recepções e interpretações, bem como as muitas trajetórias dos livros, suas tiragens, os meios em que circularam, quem os lia e como os lia. Atualmente as duas maiores vertentes continuam as mesmas, sempre em diálogo com outras disciplinas das Ciências Sociais, como a Sociologia e a Antropologia (BORGES, 2010 e PESAVENTO, 2003, 2006).

Diante das duas vertentes interpretativas da literatura como fonte histórica, este trabalho optou pela primeira, pois analisou-se o conteúdo da obra de Tolkien e as ideias contidas no enredo como representações de formas de pensamento que circulavam no tempo do autor e em seu círculo de convivência e formação.

A obra de Tolkien será estudada em três capítulos pelos quais evidenciar-se-ão as visões depreciativas sobre os não europeus e as visões positivas sobre os europeus para, ao final, discutir-se a hipótese de que Tolkien reproduziu, em sua obra, uma visão orientalista de mundo, aos moldes propostos por Edward Said e por Stuart Hall.

O primeiro capítulo inicia-se discutindo o foco narrativo do autor e o fato de que o narrador tem um ponto de vista que contribui para reforçar determinadas ideias, como a de Ocidente superior e Oriente inferior.

A segunda parte do primeiro capítulo investiga os modos com que Tolkien classifica as civilizações e povos em estágios diferentes. Nessa parte buscou-se evidenciar como as ideias de conhecimento, talento, virtude, hábitos e progresso são apresentadas por Tolkien dentro de sua ficção, de forma que os povos que representariam os europeus estariam colocados como superiores civilizacionalmente aos demais povos. Esse capítulo buscou dialogar com a historiografia que versa sobre a ideia de missão civilizadora, para tentar compreender como Tolkien produziu, dentro de sua obra, a perspectiva de povos civilizados e de povos bárbaros.

O segundo capítulo concentra-se no estudo da ideia de raça na obra de Tolkien; esta concepção, como será demonstrado, era próxima dos conceitos racialistas que circulavam entre os letrados europeus de fins do século XIX e do início século XX. Na obra de Tolkien, cada raça possui uma característica fixa, como um arquétipo², que faz com que suas ações sejam pré-determinadas. Dar-se-á relevância aos dois principais significados de raça dentro do enredo, a saber, raça como sinônimo de espécie e, por sua vez, de sub-espécie. Será destacada também a ideia de miscigenação racial e como ela é apresentada como algo que pode ser positivo, como quando o sangue de uma raça superior é transmitido para raças inferiores, e quando pode ser negativo, no caso de o sangue de raças inferiores se misturar ao de uma raça superior.

Essas ideias de raças mobilizadas por Tolkien serão questionadas ao lado das teorias raciais que circulavam no período em que o enredo foi produzido, tendo em vista que se constata grande proximidade entre elas.

O terceiro e último capítulo será destinado a problematizar as representações de Oriente e Ocidente na obra de Tolkien, sendo essas substantivamente ligadas à ideia de civilização, conhecimento, talento, virtude, hábitos, progresso, povos em vários estágios e raças. Buscou-se demonstrar que a obra de Tolkien reproduz muitos dos estereótipos sobre o Oriente e o Ocidente como regiões e como grandes berços culturais interligados, porém, amplamente antagônicos e mesmo rivais.

Para observar as formas como Tolkien representa o Oriente e o Ocidente em sua obra, serão utilizadas as obras de Edward Said, que discutem a ideia de Orientalismo, bem como alguns dos textos de Start Hall e também o trabalho de outros autores atentos à noção de Alteridade, Eurocentrismo e Etnocentrismo.

² O conceito de arquétipo será devidamente discutido no terceiro capítulo desse trabalho.

Assim, parte-se da hipótese de que Tolkien representa o Oriente e o Ocidente a partir do que Edward Said definiu como pensamento orientalista, ou seja, como uma forma de construir o Ocidente europeu cristão como essencialmente superior, tanto civilizacional como também racialmente, tendo como o seu contraponto todo o resto do mundo, mas principalmente o Oriente muçulmano (SAID, 2007, p. 27, 28 e 29). Influenciado por inúmeras ideias positivas acerca do Ocidente e negativas acerca do Oriente e do mundo não europeu, Tolkien sustentou um Ocidente essencialmente bom e virtuoso e um Oriente tirano, cruel, mesquinho, um inimigo a ser combatido e domado pelo Ocidente.

Em seu estudo sobre o Orientalismo como uma forma de pensar disseminada em meio à intelectualidade europeia, Said defende que o pensamento europeu, desde seus primórdios, buscou criar a sua identidade construindo muitos Outros. À medida que o conceito de cristandade, de Ocidente, de mundo Greco-romano cristão e de Europa foi se consolidando, a noção de um pensamento Ocidental coeso foi sendo gestada a partir da invenção de um passado retilíneo que se iniciava na Grécia Antiga, passava por Roma, pelos reinos e feudos medievais, pelo Renascimento, pelas monarquias europeias e pelas reformas iluministas, culminando no século XIX europeu e sua modernidade, seu progresso e sua dita superioridade (SAID, 2007, p. 27).

Dessa forma, Said afirma que o Ocidente passou a se auto-construir como um local e ao mesmo tempo como uma cultura coesa, mesmo em meio à diversidade dos países que o compunham. Esse Ocidente, construído pela intelectualidade da Europa ocidental, principalmente de países como Inglaterra, França e Alemanha, passou a ser entendido como portador de uma essência comum que os diferenciava do resto do mundo (SAID, 2007, p. 28).

Este pensamento essencialista teria, por inúmeros motivos, construído o Oriente islâmico como o seu antípoda civilizacional, sendo que essa não teria sido uma escolha, a início, consciente, mas sim proveniente dos conflitos entre o cristianismo e o islã, que marcaram boa parte da história europeia desde o reinado de Carlos Magno até os fins do século XVIII. Ao mesmo tempo, a construção da noção de Ocidente como um local coeso foi algo produzido na longa duração, primeiramente surgiu a concepção de cristandade católica, depois a de Europa Ocidental e por fim, a de Ocidente (SAID, 2007, p. 84, 98, 100, 112, 115). O contraponto dessa essência ocidental foi a essência

oriental, entendida como inteiramente diversa, produzida por uma experiência histórica análoga, completamente apartada da experiência europeia (SAID, 2007, p. 78).

O Oriente foi construído sistematicamente como a figura do Outro para o pensamento europeu, como a do inimigo, materializada no islã, bem como a do exótico, do distante, do despótico e mesmo do extravagante. A Europa ocidental, por sua vez, produzida como o Nós, passou a ser a figura dos civilizados, dos belos, dos virtuosos e daqueles que tinham a luz do conhecimento e a luz do Evangelho e das palavras de Cristo (SAID, 2007, p. 30).

Segundo Said, a construção de um Ocidente e de um Oriente como dois grandes blocos e duas grandes essências apartadas passa por um longo processo histórico, de conflitos entre uma Europa cristã católica/protestante contra um mundo não cristão/católico protestante. Esse processo teria culminado em uma grande cultura de depreciação ao oriental dentro da Europa ocidental, que estaria presente nas mais diversas manifestações culturais, políticas e religiosas, atribuindo ao Oriente a alcunha de mal, de inimigo a ser combatido e de local a ser conquistado e civilizado (SAID, 2007, p. 31).

A ficção literária de Tolkien comporta todas as ideias orientalistas descritas por Said, mesmo que aquele tenha conferido uma interpretação pessoal, como a de que o Ocidente é um local de virtudes ímpares, ao passo que o Oriente é o inimigo a ser combatido, rechaçado e civilizado.

A ideia de Orientalismo, produzida por Said, é bastante aceita no meio acadêmico, contudo, há alguns críticos que a refutam em partes. A obra de Said, assim como a de outros autores que evidenciaram a estereotipação constante do pensamento europeu contra os não europeus passaram por diversas críticas, que, no entanto, não invalidaram os seus resultados. A crítica a Said pode ser dividida em dois blocos: o primeiro refere-se ao meio jornalístico, e o segundo ao meio acadêmico norte-americano. O ponto de vista de jornais e revistas, por não serem especializados, não será aqui discutido, de forma que serão levadas em conta somente as críticas que partiram do ambiente acadêmico.

As primeiras críticas a Said partiram dos meios acadêmicos que Said classificou como produtores de um tipo de saber orientalista³. A maior parte das reações foi respondida por ele nas reimpressões do livro “Orientalismo – A invenção do Oriente

³ O debate entre Said e os orientalistas pode ser visto em: SAID, 2007, p. 438 – 467.

pelo Ocidente”. Elas se baseavam na ideia de que Said concebia uma espécie de determinismo na descrição das formas como o Ocidente representou e construiu depreciativamente o Oriente. Assim, segundo esses autores, Said tratou como pejorativas todas as análises do Oriente feitas pelos especialistas ocidentais, o que, segundo eles, era um exagero, já que nem todas as pesquisas tinham esse caráter pejorativo.

A resposta de Said nega qualquer generalização ou determinismo de sua parte; o autor explica que sua ênfase incidiu sobre as formas com que a cultura árabe muçulmana foi representada, amiúde de maneira negativa e depreciativa. As poucas análises menos duras para com o Oriente basearam-se, para Said, numa caracterização de Oriente exótico em que se nota a inferioridade oriental em relação ao Ocidente.

A discussão entre Said e seus opositores ultrapassou, inclusive, o tempo de sua morte, ocorrida em 2005, pois seus discípulos assumiram o protagonismo de suas ideias e, desde então, tornaram-se alvo das críticas antes dirigidas a Said.

Num campo relativamente diferente de reação a Said, pode-se localizar o indiano Aijaz Ahmad com seu livro “Orientalismo e Depois: Ambivalência e Posição Metropolitana na Obra de Edward Said” (MACEDO, 2011, p. 35 – 37). Nesta obra, Ahmad relativiza as conclusões de Said, dizendo que o livro “Orientalismo” não leva em conta as formas como a intelectualidade do mundo colonial recebeu, dialogou e mesmo resistiu aos discursos de superioridade produzidos pela intelectualidade europeia. Ahmad também discute os limites do essencialismo que marcou a obra Said, o qual propunha que o Ocidente fosse um lugar coeso, um centro produtor de discursos pejorativos em massa contra o Oriente (AHMAD, 2002).

No prefácio de 2003 de seu livro “Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Ocidente” (SAID, 2007, p. 11 – 26), como resposta a tais críticas, Said evidencia que desde o início deixou claro, na introdução de “Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Oriente”, que pretendia, com aquele estudo, observar e discutir as formas pejorativas pelo qual o Oriente foi estigmatizado por uma cultura dita ocidental e que, por esse motivo, não abordaria as inúmeras formas de resistência a essas construções, tanto dentro do âmbito europeu como dentro do mundo colonial.

Além disso, ele enfatiza que não produziu uma ideia essencialista sobre o Ocidente como um local coeso, sem mensurar as suas diferenças, pois buscou evidenciar a diferença entre o Orientalismo produzido em locais como a França e a

Inglaterra. Contudo, o que ele afirma ter feito foi analisar todas essas representações como um conjunto, pois de certa forma elas funcionariam assim, umas referenciando e corroborando as outras, em um processo que construiria discursivamente um Ocidente e um Oriente em meio à tradição orientalista.

Apesar de contundente, a crítica de Aijaz Ahmad não tira a validade do que foi defendido por Said sobre o modo de pensar europeu em relação ao mundo não europeu, mas apenas aponta uma esfera que Said não teria discutido àquela altura, a da recepção das teorias depreciativas em meio à intelectualidade das áreas coloniais.

Malgrado as críticas que lhe são dirigidas, a obra de Said possui grande aceitação no meio acadêmico, como um aporte para se compreender as formas como a Europa ocidental produziu discursos sobre os demais povos, inferiorizando-os e estereotipando-os. Dessa forma, junto a uma bibliografia revisada sobre o conceito de Orientalismo, é possível utilizá-lo para analisar historicamente a obra literária de Tolkien.

A apreciação de Edward Said será matizada com a obra de Stuart Hall, “The West and the rest: Discourse and Power”, que alarga o significado do discurso europeu sobre o Oriente, já visto por Said, para o resto do mundo não europeu. (HALL, 1991, p. 209 – 211). Said já havia defendido essa perspectiva, porém, em seu estudo sobre o pensamento orientalista, ele buscou enfatizar as construções discursivas depreciativas feitas pelo pensamento europeu sobre o Oriente muçulmano, que, segundo ele, seria a parte do Oriente de maior interesse para o Ocidente e, conseqüentemente, sofreria a maior carga de representações pejorativas (SAID, 2007, p. 34).

Além de Stuart Hall, os estudos de Serge Gruzinski (GRUZINSKI, 1992, 1999) também colaboram com a pesquisa sobre as representações pejorativas dos não europeus na obra de Tolkien, pois eles trazem novas formas de perceber o discurso produzido pelos europeus para legitimar a colonização, enfatizando também a constante resistência e as trocas culturais entre os povos em contato. Seus estudos, ao lado do indiano Sanjay Subrahmanyam, produziram diversas explicações sobre os mecanismos discursivos usados pela intelectualidade europeia para dominar os não europeus e mesmo para tentar dialogar com as resistências e ainda assim manter o domínio (FONSECA, 2013, p. 62 – 65).

Outro autor que deve ser levado em consideração para se analisar as representações do Oriente na obra de Tolkien é François Hartog, com a noção de

Alteridade. Sua pesquisa, em que pese o interesse pela Antiguidade, auxilia a compreender como a construção do Outro foi importante para a ideia de Ocidente, pois segundo Hartog, em grande medida a obra de Heródoto auxiliou o processo de construção do Nós e do Outro no pensamento europeu. Acrescente-se que a Alteridade foi importante na produção de identidades, algo que corrobora o estudo de Said e de Hall (HARTOG, 1999).

Além dos estudos de Edward Said, Stuart Hall e François Hartog, a pesquisa de outros dois autores devem ser levadas em consideração para a análise da obra de Tolkien no capítulo 3 desse trabalho, pois eles contribuem bastante para a compreensão das construções do Outro produzidas pelo pensamento europeu. Esses autores são: Tzvetan Todorov e Jean Delemeau.

Todorov produziu, em 1982, um livro chamado “A conquista da América: a questão do Outro”, em que problematizou a forma como o continente americano foi colonizado pelos europeus e como essa colonização se apropriou de discursos cruzadistas e em parte os transferiu para as Américas e para os americanos, construindo os americanos como um Outro (TODOROV, 2003). O mesmo ocorre com a pesquisa produzida por Jean Delemeau, em um livro publicado em 1978, chamado “História do Medo no Ocidente – 1300 – 1800 – uma cidade sitiada”. Em parte desse livro Delemeau apresenta a forma como os europeus, através de uma divulgação produzida a partir de clérigos católicos, construiu um processo de medo coletivo em relação aos muçulmanos, aos indígenas americanos, aos judeus e as bruxas, todos entendidos como potenciais feiticeiros, capazes de usar seus feitiços e levar os cristãos à perdição.

Através das propostas analíticas desses autores, a obra de Tolkien será analisada nesse terceiro capítulo, buscando problematizá-la como tendo em seu conteúdo inúmeras representações de um pensamento denominado como orientalista, cuja principal característica seria a valorização de uma cultura europeia ocidental e a desvalorização das demais culturas, principalmente as culturas orientais ligadas ao islã e ao Oriente mongólico.

Por fim, essa dissertação deverá terminar com uma consideração final, fazendo uma síntese dos resultados obtidos dessa pesquisa, bem como mostrando as questões em aberto, como possibilidades para novas abordagens sobre o tema.

Capítulo 1: Civilizados e bons x bárbaros, selvagens e maus na obra de Tolkien

1.1 Foco narrativo: Narrador com ponto de vista

Das muitas características da obra de Tolkien⁴, uma das mais marcantes e importantes para a construção de modelos de sociedade, um bom e outro mal em seu enredo, é a que se refere ao foco narrativo adotado pelo narrador⁵. Esse foco narrativo apresenta-se de forma bastante homogênea em todos os livros, sempre por um narrador que fala em terceira pessoa, mas que não é completamente onisciente, sendo talvez mais próximo a um narrador-observador ou a um narrador onisciente seletivo⁶.

Sob muitos aspectos, o narrador da obra de Tolkien se mistura em grande parte com a figura do autor e também com a de alguns personagens⁷. No livro “O Silmarillion”, narra-se a partir do ponto de vista da tradição de conhecimento criado pelo autor para elfos, dito de outro modo, o narrador adota o ponto de vista dos elfos que legaram a sua tradição de pensamento, a sua versão dos acontecimentos e mesmo as suas opiniões para a posteridade.

Adotando o ponto de vista dos elfos, o narrador então os apresenta como sendo os seres mais evoluídos, ao passo que ele também adota a ideia de que Melkor/Morghot, inimigo dos elfos, é o mal absoluto, e, posteriormente, a maldade será atribuída a Sauron e aos demais discípulos de Melkor, como os orcs, os orientais, os balrogs e os dragões. Assim, o enredo de “O Silmarillion” é todo produzido sob uma criação de um ponto de vista dos elfos, que, por sua vez, assume ares de verdade absoluta.

Autor e narrador se misturam nesse processo, pois Tolkien, enquanto autor, produz uma determinada história em que os elfos são os heróis, enquanto os povos inimigos são rudes e abjetos, isso porque o autor procura contar a história do ponto de vista dos elfos. Dessa forma, o enredo se torna coeso, como um regime de verdade⁸,

⁴ Para saber um pouco mais sobre a vida e a trajetória intelectual de Tolkien, ver: Anexo Capítulo 1: Tolkien, uma breve trajetória intelectual.

⁵ Para saber um pouco mais sobre a organização das obras literárias de Tolkien ambientadas no universo da Terra Média, ver: Anexo Capítulo 1: A obra de Tolkien e sua organização.

⁶ Sobre os focos narrativos e suas classificações, ver: PINNA, 2006, p. 157 – 165.

⁷ Sobre a diferença entre autor e narrador, ver: CARDOSO, 2003.

⁸ O regime de verdade é a forma como uma determinada sociedade ou um determinado grupo adota um ponto de vista, baseado em inúmeros argumentos, que se constroem como um discurso e como uma verdade absoluta, com base em inúmeros paradigmas. Dessa forma, uma ideia, por exemplo, como a superioridade racial pode ser considerada como um regime de verdade, por construir uma verdade

pois a história inventada pelo autor vem respaldada pelo testemunho dos personagens e pela descrição do narrador.

O livro “O Hobbit”, por sua vez, possui um narrador que se define como uma mistura de narrador personagem e narrador em terceira pessoa onisciente seletivo. Isso ocorre porque, a princípio, o narrador, em terceira pessoa, interage com o público e não parece ser ele o próprio personagem principal da trama, contudo, no decorrer do enredo, fica claro que se trata de um relato do personagem principal, que conta a sua aventura em terceira pessoa.

Em “O Hobbit” (SANTOS & CAMELO, SEM DATA), em que pese às diferenças com “O Silmarillion”, mantém-se o ponto de vista de um grupo específico de personagens, nesse caso, o do hobbit que é o personagem principal, mas também o dos elfos e das populações do Oeste, sendo que, em contrapartida, os demais povos são apresentados como inimigos e maus.

Na trilogia “O Senhor dos Anéis”, a narrativa assemelha-se à do livro “O Silmarillion”, com um narrador onisciente seletivo, que também narra em terceira pessoa e o faz sob o ponto de vista do personagem Frodo Bolseiro, que depois escreveu suas memórias e as de seus companheiros de viagem em um livro, que seria a continuação daquele de Bilbo. Contudo, não é possível perceber a voz de Frodo na narrativa, que é feita toda em terceira pessoa, embora a narração se apresente sempre favorável aos personagens de povos entendidos como bons e desfavorável aos dos tidos como maus.

Em sua tese de doutorado, Louise Liebherr, enfatiza esse caráter no livro “O Senhor dos Anéis”, defendendo que a narrativa se centra totalmente no ponto de vista dos hobbits, sendo, pois, esse o motivo das muitas descrições de estranhamento com relação a outros povos da Terra Média, sobretudo aqueles aliados a Sauron (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). No decorrer dessa pesquisa, no entanto, argumentar-se-á em contrário, pois de fato o livro se centra no ponto de vista dos hobbits, contudo, essa não seria a causa das representações pejorativas feitas sobre alguns povos, mas sim, o próprio ponto de vista do autor, já que, em última instância, ele produz a sua opinião através dos personagens que ele cria como heróicos em sua obra, ao passo que apresenta tudo aquilo que ele discorda como sendo características dos inimigos.

absoluta sobre uma determinada ideia, criando todo um aparato de técnicas discursivas e argumentativas para dar sustentação a essa verdade. Sobre a ideia de regime de verdade, ver: CARDOSO, 2003.

“Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média” e “Os filhos de Húrin” seguem o mesmo padrão de “O Silmarillion”, podendo ser entendidos ou como trechos excluídos desta obra ou como continuções da mesma para dar resposta a trechos e partes que ficaram incompletas.

Como foi dito, todos esses livros sobre a Terra Média trabalham com um narrador que tem um ponto de vista fixo. Isso dá coesão ao texto, pois o ponto de vista do narrador é o mesmo dos personagens construídos como bons, bem como do autor, que corrobora as ideias apresentadas pelo enredo.

Essa narrativa coesa produz o que pode ser entendido como um regime de verdade, que convence o leitor a achar natural atrair-se pelos povos considerados bons e repelir os povos descritos como maus. Essa relação então produz uma determinada versão dos fatos como uma verdade absoluta, bem como constrói heróis, vilões e valores.

As obras literárias de aventura, sob inúmeros aspectos, tendem a apresentar esse tipo de visão, construindo heróis e vilões, bem como povos bons e maus, sobretudo quando seus enredos tratam de conflito entre duas ou mais populações diferentes (IWAI, 2011). Esse aspecto pode ser visto de forma enfática na obra de Tolkien.

Para compreender melhor como esse mecanismo funciona na obra de Tolkien, é necessário visitar a crítica literária.

Tzvetan Todorov, em seu livro “Introdução a literatura fantástica”, apresenta a ideia de como o discurso sobre o bem e o mal são apresentados nos textos literários que falam sobre o sobrenatural. Ao escrever sobre o assunto, na década de 1980, Todorov analisa principalmente os textos sobrenaturais sobre fantasmas e outros tipos de aparições (TODOROV, 2008, p. 4 – 15). Contudo, sua análise, em parte, pode ser considerada para refletir sobre a obra de Tolkien.

Todorov enfatiza que para produzir uma literatura fantástica o autor geralmente emprega alguns recursos de narrativa, dentre os quais, a produção de um fantástico do mal, a ser combatido, em detrimento do mundo da ordem, a ser defendido, mantido e preservado a qualquer custo. Assim, muitos fantasmas e monstros da literatura são apresentados como inimigos a serem defenestrados, sejam pelo exorcista, que se dedica e mesmo se sacrifica para trazer novamente a normalidade à vida do possuído, ou por aquele que lida com os fantasmas que assombram uma casa ou uma região e que tentam desvendar os mistérios daqueles fenômenos sobrenaturais.

De uma forma ou de outra apresenta-se um mundo da ordem, de onde o narrador também parte, a fim de narrar com empatia a situação daqueles que sobrenaturalmente encontram-se perturbados. Do outro lado há o universo da desordem, nem sempre compreendido pelo narrador, que o descreve como anormal, errado, muitas vezes intolerável, apesar de reafirmar a importância da ordem estabelecida.

Na literatura fantástica, ordem e desordem aparecem em confronto, sendo que nesse embate o narrador assume um lado, o da ordem, auxiliando o leitor a distinguir o bem do mal e a optar pelo primeiro (TODOROV, 2008, p. 16 – 23).

A obra de Tolkien apresenta esse mesmo tipo de situação, a de um texto que constrói um mundo fantástico, cujo um lado é o da ordem e o outro é o da desordem, sendo que o autor produz um narrador que cria toda a narrativa direcionando o enredo e o leitor para o ponto de vista produzido como o do bem. Esse processo auxilia então na coesão do texto e, por sua vez, na construção da superioridade e das virtudes de um lado e da inferioridade e dos defeitos do outro.

1.2. Conhecimento, talento, virtude e dons na obra de Tolkien

Ao escrever a sua ficção, Tolkien se utiliza de diversos mecanismos para caracterizar povos e personagens, sendo que o conhecimento, o talento, a virtude e os dons são elementos que ajudam a construir a ideia de alguns povos como bons e heróicos e outros como ruins e inimigos a serem combatidos. Assim, o conhecimento surge como uma dádiva divina, que por sua vez, é transmitido para certos povos, gerando dons, talentos e virtudes em alguns indivíduos, ao passo que outras populações possuem atributos contrários.

Assim, a narrativa constrói a ideia da transmissão do conhecimento dos mais evoluídos para os menos, bem como a de povos ignorantes.

O início do mundo criado por Tolkien em suas obras literárias sobre a Terra Média é narrado através da criação de tudo por Eru Ilúvatar, auxiliado pelos seus Ainur, também criados por ele (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25)⁹. Com o surgimento dos Primogênitos, os elfos, a primeira ideia sobre o conhecimento sendo passado de um povo para o outro surgiria na obra de Tolkien, pois Oromë, um dos Valars que cuidam

⁹ Eru Ilúvatar, dentro do enredo de Tolkien, é a figura do Deus único monoteísta judaico-cristão. Os Ainurs, por sua vez, seriam as figuras de seus anjos. Logo, Melkor é o anjo caído. Para um pouco mais sobre o enredo de Tolkien, ver: Anexo Capítulo 1: Resumindo a obra de Tolkien.

do bem estar do mundo, entra em contato com os elfos e passa a morar um tempo entre eles (TOLKIEN, 2009 A, p. 31)¹⁰.

Posteriormente, os elfos são levados para o Oeste, para a terra de Aman, onde aprendem com os Valars todo o tipo de coisas (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 44).

O fato de dentro da obra literária de Tolkien os Valars ensinarem aos elfos e esses se tornarem os seus aprendizes, que pouco sabiam antes, remeter-se-ia a uma série de ideias pré-concebidas sobre a construção do conhecimento e como ele se transmitiria de uma geração para outra e de um povo para o outro, o que também se vincula a ideia de povos civilizados e incivilizados. Assim, segundo essas teorias (CASTRO, 2005, p. 4 – 18), os povos civilizados ensinariam aos incivilizados, que por sua vez, deixariam tal condição de inferioridade, sem, no entanto, jamais chegarem ao estágio de seus mentores.

Esse processo de transmissão do conhecimento, na obra de Tolkien, ocorre através da ideia de difusão: os Valars ensinaram aos elfos, civilizando-os; tornaram-nos mais sábios e auxiliaram-nos a se desenvolverem, mesmo que eles já estivessem pré-dispostos a isso, aprendendo com facilidade¹¹.

No século XIX, as teorias difusionistas se tornaram bastante fortes no pensamento europeu, partindo da premissa de que as ideias são originais e que elas só podem ser desenvolvidas em um local e depois transmitidas para outros lugares e povos (BARRETO, 1983, p. 11 – 12).

O difusionismo (BARRETO, 1983, p. 11 – 12) se relacionava e complementava as teorias de povos em vários estágios de organização social, uma ideia que vinha se desenvolvendo enfaticamente no pensamento europeu pelo menos desde o século XIX. Nesse sentido, defendia-se que haveria povos na vanguarda do desenvolvimento técnico, enquanto os demais recebiam esse conhecimento de outros; acreditava-se que todos os povos, de alguma forma, podiam desenvolver técnicas, contudo, só os mais avançados eram capazes de produzir tecnologias realmente revolucionárias para mudar a vida do homem na terra e produzir o progresso (BARRETO, 1983, p. 11 – 12. HOBBSAWN, 1988, p. 234).

A ideia de progresso também é importante no processo da construção do pensamento difusionista, pois a concepção de difusão tem relação direta com a

¹⁰ Ver: Trecho 1, anexo capítulo 1.

¹¹ Ver: Trecho 2, anexo capítulo 1.

perspectiva produzida no pensamento europeu sobre a humanidade em constante melhoramento e em um caminho retilíneo rumo a esse progresso, tendo a Europa como a vanguarda desse processo, desde os tempos da Grécia Antiga. Nesse sentido, a intelectualidade europeia do século XIX e da primeira metade do século XX produziu uma série de ideias sobre as sociedades divididas em estágios de progresso e de um desenvolvimento retilíneo não só da sociedade, mas também dos saberes (HOBSBAWN, 1988, p. 54).

Entendia-se que uma ideia ou uma técnica era criada em determinado local e depois, caso fosse de fato boa, se espalhava para outros, sendo copiada e melhorada, enquanto as ideias e as técnicas menos importantes desapareciam ou se tornavam apenas algo local, pertencente a uma comunidade, não sendo copiada pelas demais. É por esse motivo que uma série de estudos do século XIX buscava encontrar a origem de determinadas coisas e saber quem foram os seus precursores (BARRETO, 1983, p. 11 – 12).

Nesse sentido, as ideias de genialidade também são importantes, pois invenções significativas eram sempre entendidas como fruto não só de uma sociedade altamente desenvolvida, mas de gênios à frente de seu tempo, homens visionários que conseguiam ver além dos demais, que vislumbravam possibilidades que a maioria não conseguia, bem como inventavam soluções revolucionárias. A ideia dos grandes vultos da história foi muito forte e se fez por muito tempo presente, de forma que as invenções ficavam quase sempre entendidas como o produto de homens individuais dentro de sociedades específicas que lhes deram as condições para criar tais inventos (MATOS, 1995, p. 83 – 90).

Há uma longa bibliografia que aborda como boa parte da intelectualidade europeia produziu a ideia de progresso retilíneo, de saberes sendo passados retilineamente, de forma progressiva, de genialidade e de sociedades mais e outras menos desenvolvidas. Norbert Elias (ELIAS, 1994. Vol. 1), ainda na década de 1930, ao estudar os hábitos de sociabilidade desenvolvidos pela Europa, observou como a ideia de progresso e de refinamento estavam ligadas à premissa de que havia sociedades mais e menos avançadas e como isso era utilizado para justificar as pretensões das potências europeias em todo o mundo.

Os diversos autores da Escola dos Annales, em vários momentos, contribuíram com trabalhos sobre como o pensamento europeu produziu uma ideia de progresso

retilíneo e do conhecimento sendo difundido a partir de certos lugares, principalmente através de uma historiografia denominada como positivista, que acreditava no tempo histórico como uma grande linha do tempo progressiva, cujo tempo histórico seria uma constante evolução. A escola dos Annales desenvolveu diversas pesquisas sobre como esses historiadores produziram uma ideia de progresso histórico retilíneo, juntamente a ideia de sociedades mais e menos avançadas, bem como de grandes heróis nacionais e gênios (BURKE, 1991, p. 11 – 15; 24 – 30) e de difusão de conhecimento através de origens únicas.

Nas décadas de 1980 e 1990 alguns historiadores como Lynn Hunt (HUNT, 2007) e Claude Mossé (MOSSÉ, 2004), retomaram estudos sobre as interpretações produzidas pelos historiadores do século XIX e da primeira metade do século XX sobre a ideia de progresso retilíneo, de difusão do conhecimento e de grandes vultos da história, mostrando, ao mesmo tempo, os equívocos desses historiadores, mas também, retomando uma História Política e Biográfica, em torno de grandes líderes, enfatizando a importância de estudar esses indivíduos que de fato haviam se destacado em suas sociedades de origem (BARROS, sem data).

Essa historiografia mais recente busca mensurar a importância de se discutir como a ideia de progresso, de sociedades mais e menos desenvolvidas, de difusão do conhecimento e de grandes heróis e gênios, foram importante para se construir as identidades das nações europeias no século XIX e na primeira metade do século XX (BARROS, sem data).

Na obra de Tolkien, essas ideias se mostram presentes, tanto no que se refere ao difusionismo - pois de início tudo é difundido através de Eru Ilúvatar, depois, através de seus Valars, cada qual tendo desenvolvido habilidades específicas e se tornado especialista nelas (TOLKIEN, 2009 A, p, 5 – 25) - quanto no que se refere às sociedades divididas em estágios diferentes e na perspectiva dos indivíduos prodígios. Dessa forma, como se verá a seguir, o enredo apresenta sociedades em diversos estágios. A sociedade dos elfos é descrita como muito desenvolvida, acima das demais e, no entanto, dentro de seu contexto surgem indivíduos geniais, que sob inúmeros aspectos, revolucionam o que aquela sociedade já havia produzido, melhorando-a.

Dentro do enredo, Eru Ilúvatar é descrito como sendo o criador de tudo, inclusive dos Ainur, a quem ele propôs temas musicais, que uma vez cantados, geraram uma maior compreensão das coisas por parte dos Ainur, que, no entanto, entendiam

cada qual melhor uma parte específica do que havia sido proposto (TOLKIEN, 2009 A, p, 5)¹².

Cada Ainur, posteriormente chamados de Valars, volta seu pensamento para uma parte diferente do mundo que havia sido proposto por Ilúvatar, recebendo conhecimento sobre o assunto e tornando-se responsável por ela (TOLKIEN, 2009 A, p, 9)¹³.

O conhecimento transmitido aos elfos teria, nesse sentido, uma origem divina, o que os teria feito então se desenvolverem de forma grandiosa, produzindo uma sociedade altamente avançada.

Sob muitos aspectos, a ideia de civilização desenvolvida no século XIX e na primeira metade do século XX concebia uma origem divina para o progresso, partindo das revelações do cristianismo e chegando à cultura europeia ocidental (MACEDO, 2006, p. 7 - 20). Muitos teóricos entendiam que os europeus eram civilizados por intermédio do cristianismo e, por conseguinte, pelos ensinamentos que Deus havia legado aos europeus, através do evangelho, que uma vez disseminado na Europa, teria produzido ali um padrão ético e as possibilidades para o pleno desenvolvimento¹⁴.

A historiografia mais tradicional¹⁵ sobre o pensamento racional e sobre a ideia de evolução e de sociedades em estágios diferenciados, defendia que havia uma cisão quase intransponível entre o pensamento religioso, que postulava a origem do homem em Adão e Eva e cria no cristianismo como a essência da Europa moderna; e um pensamento racionalista que acreditava no progresso e na razão e que havia abandonado completamente a ideia de Deus e o cristianismo. Em parte, essa historiografia embasava todo o pensamento racionalista como tendo a mesma posição dos positivistas comteanos, que de fato eram ateus e haviam buscando um rompimento radical com as religiões¹⁶.

Os principais teóricos do total afastamento entre evolucionistas e religiosos foram os historiadores ligados à própria corrente historiográfica dita positivista. Com o surgimento da Escola dos Annales, muitos dos paradigmas da historiografia positivista

¹² Ver: Trecho 3, anexo capítulo 1.

¹³ Ver: Trecho 4, anexo capítulo 1.

¹⁴ Sobre a ideia de civilização desenvolvida através do cristianismo, Ver: FAITHFUL, 2012, p. 17 – 27. ENGLER, 2007, p. 83 – 107.

¹⁵ Sobre essa historiografia mais tradicional, ver: BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 82 – 118. Ver também: BURKE, 1992, p. 11 – 15.

¹⁶ Sobre os positivistas e seu rompimento com a religião, ver: ENGLER, 2007, p. 83 – 107.

foram derrubados, porém, a ideia dos racionalistas e evolucionistas como completamente opostos aos religiosos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX permaneceu por um longo período na historiografia.

Mas a partir da década de 1980 uma nova postura investigativa buscou resgatar os laços entre a religião e a ciência no século XIX, através da percepção de que muitos dos cientistas e evolucionistas que colocaram em xeque vários paradigmas teológicos eram homens religiosos, muitos deles indivíduos inclusive, ligados diretamente a essas instituições, sendo padres ou pastores (PORTOCARRERO, 1994, p. 43 – 65). Roger Chartier, ao discutir o Estado absolutista francês e o iluminismo pré-revolucionário, foi um dos pesquisadores a perceber que o pensamento racional não era completamente desligado de uma visão religiosa e que ser contrário aos dogmas católicos ou protestantes não era um sinônimo de falta de fé (CHARTIER, 2003, p. 147 – 170).

O professor Luiz Roberto Salinas Fortes (1937 – 1987), da Universidade de São Paulo (USP), em seu livro “O iluminismo e os reis filósofos”, também corrobora essa visão, evidenciando, por exemplo, que vários dos filósofos iluministas não eram ateus e defendiam não o fim do cristianismo, mas sim a separação entre Estado e religião, bem como a criação de uma sociedade racionalizada e laicizada, em que a religiosidade teria um papel muito mais moral e pessoal, ao invés de cívico. A defesa desses filósofos, nesse sentido, não seria a de extinção da religião, mas sim a do fim do poderio de certas instituições religiosas em meio à sociedade e ao Estado (FORTES, 1993, p. 65 – 74).

Outros historiadores salientam que no século XIX muitos dos pensadores racionalistas e evolucionistas, como Mendel, Charles Darwin, Peter Lunde, Gobineau (SOUSA, 2008, p. 111 – 122), dentre outros, eram homens ligados à religião, com formações religiosas sólidas e tendo mesmo cargos litúrgicos, ao passo que suas prerrogativas científicas não eram completamente contrárias às perspectivas religiosas. Muitos deles, inclusive, teriam desenvolvido suas pesquisas para provar fatos relatados na bíblia, como é o caso de alguns arqueólogos e paleontólogos, ou para esclarecer pontos considerados confusos. Além disso, suas teorias tendiam a buscar uma conciliação com o pensamento religioso, através, por exemplo, das ideias de evolucionismo induzido pela vontade divina (ENGLER, 2007, p. 83 – 107), tal como foi desenvolvida no kardercismo.

A recente história das ciências, com suas pesquisas voltadas para as formas como se desenvolveu o pensamento científico, teve importante papel nessa releitura da

ciência e de suas ligações com o pensamento religioso no século XIX europeu (BORTOLINI & YAMAMOTO, 2013, p. 223 – 228). Diversos historiadores ligados a essa área produziram pesquisas que evidenciam que a separação entre evolucionistas e religiosos era sistematicamente menor do que se supunha, e que boa parte do desenvolvimento de teorias racionalistas se dava por religiosos, ao passo que boa parte das missões religiosas de ordens cristãs da Europa ocidental buscavam a conversão de fiéis junto a um processo de escolarização e divulgação científica (MADEIRA, 2007, p. 158 – 186).

O que é encontrado na obra de Tolkien corrobora essa historiografia mais recente, pois ele produz em sua literatura ao mesmo tempo, a ideia de um conhecimento com origem divina, que é difundido para certos povos, ao passo que a ideia de evolução e de povos em diversos estágios também se encontram presentes. Não obstante, Tolkien, em sua vida pessoal, sempre esteve próximo ao mundo científico, sendo ele um acadêmico de grande renome em Oxford, porém, era um religioso fervoroso, o que também corrobora a perspectiva de que em sua obra ele tentou conciliar as ideias religiosas com as teorias científicas.

Na obra de Tolkien, as ideias sobre conhecimento com origem divina, difusão do conhecimento, povo civilizado e talento individual aparecem em referência aos elfos, como é o caso de Fëanor, um indivíduo descrito como grande aprendiz e um grande gênio na arte de produzir jóias (TOLKIEN, 2009 A, p, 44 – 46). Assim, esse personagem aprende com os Valars, bem como o seu povo, tornando-se civilizado através desse conhecimento vindo de origem divina. Ao mesmo tempo, individualmente ele tem grande talento e produz grandes benfeitorias.

Tolkien descreve Fëanor como um indivíduo de grande desenvoltura, que se destacava dos demais, tendo aprendido suas habilidades especificamente com o Valar Aulë (TOLKIEN, 2009 A, p, 44 – 46); contudo, de certa forma, Fëanor o ultrapassa, pois criara as silmarillis, que eram jóias de beleza inigualáveis. Ao mesmo tempo, havia outras tantas obras belíssimas produzidas pelos elfos nos tempos em que eles habitaram a terra dos Valar, mas as de Fëanor eram as mais belas e ele era considerado o melhor de todos (TOLKIEN, 2009 A, p, 42)¹⁷, tendo produzindo verdadeiras maravilhas (TOLKIEN, 2009 A, p, 44 – 46, 70).

¹⁷ Ver: Trecho 5, anexo capítulo 1.

A descrição de Fëanor como tendo dentro de si “um fogo secreto aceso” (TOLKIEN, 2009 A, p, 42) mostra a ideia de um indivíduo que possui um dom, algo de extraordinário que o diferencia dos outros, que o fez desenvolver grandes habilidades. O próprio Fëanor, no decorrer da narrativa, demonstra acreditar nisso, no momento em que decide desobedecer às ordens dos Valars e viajar para a Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p, 159 – 160)¹⁸.

A narrativa evidencia que Eru Ilúvatar distribuiu os dons tanto a indivíduos especiais quanto a grupos específicos, com características próprias. Desse modo, os elfos noldors tinham dons especiais para certos ofícios, que por sua vez foram desenvolvidos sob a tutela do Valar Aulë (TOLKIEN, 2009 A, p, 22)¹⁹.

Esse relato sobre os noldors apresenta, pois, tanto a ideia de dom coletivo e individual, quanto à perspectiva de que o conhecimento podia se difundir a partir de alguém superior para um povo inteiro. Por exemplo, Aulë era superior e transmitiu o seu conhecimento aos noldors, civilizando-os; estes, por sua vez, já possuíam predisposição para receber tais ensinamentos, tendo um tipo de dom para os ofícios ensinados pelo Valar. Ao mesmo tempo, há indivíduos como Fëanor, dotados de dons especiais acima da média, e que produzem então grandes avanços com as suas criações individuais, desenvolvidas, no entanto, no contexto coletivo em que se encontrava.

Tolkien também reporta dons específicos a homens e a elfos, sendo que cada uma dessas raças teria seu dom, próprio de sua natureza, mas que não impedia o desenvolvimento de dons individuais, como se pode ver na narrativa (TOLKIEN, 2009 A, p, 24 – 25)²⁰.

Tal concepção de que cada povo possuía virtudes específicas²¹ e, ao mesmo tempo, indivíduos especiais e dotados de talentos extraordinários, correspondia à forma de pensar que permeou o século XIX e a primeira metade do século XX (MATOS, 1995, p. 83 – 89). A construção das ideias de dons e de prodígios também se coloca

¹⁸ Ver: Trecho 6, anexo capítulo 1.

¹⁹ Ver: Trecho 7, anexo capítulo 1.

²⁰ Ver: Trecho 8, anexo capítulo 1.

²¹ Teorias defendiam que o homem branco tinha aptidão para o trabalho intelectual, que os orientais tinham aptidão para o cultivo de plantas e que os negros serviam para carregar coisas pesadas. A teoria das aptidões das raças foi bastante forte durante todo o século XIX e durante a primeira metade do século XX. Ver: SCHWARCZ, 1993, p. 15 – 56.

No Brasil, por exemplo, a teoria das aptidões das raças pode ser encontrada nos escritos do historiador imperial Van Hanger, que defendia que cada uma das raças formadoras da nação brasileira teria contribuído com algo, sendo que o português seria aquele que contribuíra com o principal, com a organização, enquanto índios teriam contribuído com a mandioca e outras poucas coisas e os negros com a força física para certos trabalhos. Ver: CEZAR, 1999, p. 38 – 51.

nessa discussão, pois tratam-se de termos que se referem às formas como as virtudes e as grandes invenções seriam produzidas, através dos dons que alguns indivíduos teriam desde o nascimento, lapidados pelo ensino e pelo trabalho duro que, em conjunto com o talento, produziria o indivíduo prodígio (HOBSBAWN, 1988, p. 297).

Assim, o pensamento europeu do século XIX produziu a ideia de que um povo era civilizado ao passar por um processo civilizador, que o faria ter um nível cada vez crescente de progresso, desenvolvendo grandes coisas, sobretudo no que se refere a técnicas de produção das mais diversas coisas, como roupas, jóias, casas, cidades, sistema tributário, jurisprudência e sistema produtivo. O desenvolvimento de um povo civilizado dependia de uma ação coletiva da população que, sob muitos aspectos, produziria uma sociedade capaz de criar inovações e melhorias constantes em seus modos de vida e, ao mesmo tempo, pudesse absorver tais inovações e continuar buscando-as.

As inovações, no entanto, dependiam tanto do talento coletivo de uma sociedade, em conseguir aprender novas coisas, ser educada, conseguindo lidar com as mudanças do progresso, como também do talento, do dom especial de alguns indivíduos, que com a sua genialidade, usufruindo dos saberes da sociedade em que era criado, conseguia produzir inventos que davam grandes saltos de progresso àquela comunidade.

A discussão sobre a ideia de dons no século XIX, como ligada a grandes gênios, é abordada pela História da Ciência como mais uma das relações de proximidade entre o pensamento racionalista e o pensamento religioso, pois dom é algo que vem de origem divina, como um presente de Deus²².

Todas estas ideias encontram-se na obra de Tolkien. Fëanor é o primeiro exemplo dessa relação: um indivíduo, com extremo talento, atinge todo o seu potencial através do ensinamento dos Valars, que difundem o conhecimento aos elfos, tornando-os mais sábios em diversos aspectos e possibilitando-lhes atingirem todo o seu potencial coletiva e individualmente. O mesmo ocorre com as muitas versões existentes para os primeiros dias de Galadriel, narrada como uma grande senhora élfica, que se destaca dos demais por sua beleza, por sua altura e também por sua sabedoria e por seu poder, força de vontade e decisão (TOLKIEN, 2009 B, p. 230)²³.

²² Sobre as ideias de dons e de gênios, ver: ELIAS, 1995, p. 67 – 85. ENGLER, 2007, p. 83 – 107.

²³ Ver: Trecho 9, anexo capítulo 1.

As origens de Galadriel aparecem discutidas principalmente no livro “Os contos inacabados de Númenor e da Terra Média”. Muitos desses textos foram abandonados por Tolkien, outros têm mais de uma versão, sendo algumas versões correções umas das outras. Há ainda os textos acabados ou quase acabados que não chegaram a ser publicados por motivos diversos (TOLKIEN, 2009 B, p. 2 – 20, 230 – 231).

Nesse livro, Galadriel é descrita em suas origens, em manuscritos com versões com detalhes diferentes, embora sejam bastante semelhantes. Em todos os casos ela é alguém de grande poder e talento²⁴, que se destaca entre seu povo (que já é apresentado como um povo em alto grau de progresso), tanto em beleza quanto em altura e mesmo em sabedoria e força. Em uma das versões²⁵ ela rivalizava com Fëanor e tinha por ele grande repulsa, o que seria recíproco. Nessa versão, Fëanor criara as silmarillis inspirado nos cabelos de Galadriel, que teriam o mesmo tom iluminado de mistura da luz das duas árvores de Valinor que Fëanor produziu nas silmarillis (TOLKIEN, 2009 B, p. 230).

Tanto no caso de Galadriel como no caso de Fëanor, que são duas histórias que se complementam, o tema do conhecimento com uma única origem, sendo difundido, permanece, bem como dos prodígios e dos inventores como grandes gênios e de um povo altamente civilizado. No decorrer da obra de Tolkien outros exemplos semelhantes aparecem, como nos casos dos elfos Celebrimbor (TOLKIEN, 2009 A, p. 224. TOLKIEN, 2009 B, p. 234 – 240) e Enderhil (TOLKIEN, 2009 B, p. 251 – 256), descritos como indivíduos de grande talento, que teriam produzido grandes jóias, dentre as quais as pedras elessar, que em algumas versões seriam duas e em outras seria apenas uma pedra (TOLKIEN, 2009 B, p. 251 – 256).

Celebrimbor é descrito como um grande artesão, talentoso, que trabalhava muito para aperfeiçoar as suas habilidades, tentando mesmo igualar-se a Fëanor. Suas grandes obras foram a produção dos anéis de poder, sendo que os três mais poderosos ele os produziu sozinho, muito embora todos os demais tivessem sido produzidos com o auxílio dos conhecimentos de Sauron (TOLKIEN, 2009 B, p. 238 – 239)²⁶.

²⁴ Existe a possibilidade que Galadriel tenha sido inspirada na figura da Virgem Maria. Tolkien discute essa questão com um interlocutor em uma de suas cartas. Ver: TOLKIEN, 2009 C, p. 287 – 290. Carta 142.

²⁵ Para ver sobre as várias versões da origem de Galadriel, ver: TOLKIEN, 2009 B, p. 368 – 388.

²⁶ Ver: Trecho 10, anexo capítulo 1.

Celebrimbor, além dos anéis de poder, construiu a segunda pedra Elessar, uma jóia de grande poder e valor, que tentava recriar os poderes da pedra original (TOLKIEN, 2009 B, p. 255)²⁷.

Outra versão sobre Celebrimbor o mostra criando a pedra Elessar. Mas ambas as versões atribuem-lhe as qualidades de grande artífice, talentoso em meio à tradição élfica aprendida dos conhecimentos vindos de Aulë e, por sua vez, de Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 B, p. 255)²⁸.

Outro exemplo encontra-se em Enderhil; este também era muito talentoso, sendo o melhor artífice depois de Fëanor e produzindo a primeira pedra Elessar, uma bela jóia, de grande beleza e poder (TOLKIEN, 2009 B, p. 252)²⁹.

Nesses dois casos, assim como no caso de Fëanor, são elfos que aprenderam a arte do trabalho com as pedras preciosas através dos ensinamentos difundidos pelo Valar Aulë (TOLKIEN, 2009 A, p. 42 – 46. TOLKIEN, 2009 B, p. 251 – 256), sendo membros, portanto, de uma sociedade dita civilizada; acrescenta-se a isso o fato de serem altamente talentosos, (o que os coloca na posição de prodígios), superarem a todos os demais e criarem coisas grandiosas com o esforço e com o talento que aperfeiçoaram a partir dos dons naturais que possuíam e do que lhes foi legado pela sociedade em que viviam. Os mesmos elementos sobre difusão, talento, dom e desenvolvimento se encontram nesses dois relatos da obra de Tolkien sobre Celebrimbor e Enderhil, assim como nas descrições sobre Fëanor e sobre Galadriel.

Em relação aos homens númenorianos, eles são apresentados como membros de uma sociedade altamente civilizada e em amplo progresso, ao passo que, para manterem essa situação, a inteligência como uma forma de genialidade de alguns deles também é mostrada como de extrema importância. Um desses personagens criados por Tolkien é o rei Tar Aldarion, conhecido como o Marinheiro, por suas muitas viagens à Terra Média, onde fundou portos importantes, tendo também iniciado o trabalho de cultivo de árvores em Númenor e de busca de madeira na Terra Média, produzindo grandes barcos e grandes inovações na arte de navegar pelos oceanos. Ele é descrito como um indivíduo genial, que tinha um talento especial para as coisas do mar e também em relação ao cultivo de árvores, habilidade que ele desenvolveu para produzir madeira para os seus barcos (TOLKIEN, 2009 B, p. 179 – 221).

²⁷ Ver: Trecho 11, anexo capítulo 1.

²⁸ Ver: Trecho 12, anexo capítulo 1.

²⁹ Ver: Trecho 13, anexo capítulo 1.

Outro desses númenorianos de grande talento era Elendil, que se tornou rei de Gondor e organizou a fuga dos fiéis para a Terra Média antes do afundamento de Númenor. Ali ele fundou o reino de Gondor, junto aos filhos, que criaram o reino de Arnor. Muitas das grandes obras de Gondor são atribuídas a seu reinado e foram importantes na luta contra Sauron (TOLKIEN, 2009 B, p. 216 - 217, 219 – 221, 226 – 229).

Na obra de Tolkien, o difusionismo e as ideias de genialidade se mostram como partes importantes do sentido dado pelo autor à civilização e à cultura: é através dessa difusão do conhecimento e da genialidade de alguns indivíduos que Tolkien propõe a ideia de que toda uma grande civilização e que toda uma determinada cultura teria sido construída na região Oeste da Terra Média, no passado mítico da Europa ocidental.

1.3. Progresso, organização e estágios das populações na obra de Tolkien

1.3.1. A organização e o progresso dos Valars e dos elfos

Toda a obra literária de Tolkien se mostra permeada por uma ideia contínua de progresso retilíneo, com um início pensado e arquitetado e depois executado progressivamente, como um grande planejamento racional, tal como se a construção do mundo fosse a realização de uma grande obra de engenharia³⁰. Inicialmente tudo é planejado por Eru Ilúvatar e pelos seus Ainur, na grande canção, que depois vai sendo materializada pela vontade de Ilúvatar e pelo trabalho constante dos Ainur que são incumbidos desse trabalho³¹ e passam a serem chamados de Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

A construção do mundo, desde as montanhas, as águas, as plantas, tudo é narrado como sendo produzido pelo trabalho dos Valars, como um esforço progressivo, produzido em torno dos planejamentos da canção inicial. Os percalços ao progresso eram ações de Melkor, sempre destruindo e atrapalhando a labuta dos Valars, embora não conseguisse impedi-los e de certa forma até mesmo fizesse parte do trabalho (TOLKIEN, 2009 A, p. 11)³² de Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

³⁰ Sobre as idéias do mundo criado por Deus como algo racional e evolutivo, como um grande projeto, ver: HOBBSAWN, 1988, p. 111 – 112.

³¹ Ver: Trecho 14, anexo capítulo 1.

³² Ver: Trecho 15, anexo capítulo 1.

Essa narrativa sobre o início da construção do mundo pode ser entendida como uma das muitas representações da ideia de progresso que estariam presentes na obra de Tolkien. Melkor e suas tentativas de atrapalhar as obras dos Valars é algo que pode ser visto como uma representação das visões de progresso que circulavam nos tempos de Tolkien, inclusive com a ideia de que as dificuldades encontradas eram parte integrante da produção das obras, pois resolver os problemas tornaria o avanço ainda mais significativo e melhor, como uma espécie de seleção natural e de relação dialética.³³

A ideia de progresso continua na obra de Tolkien enfaticamente quando os Valars constroem Valinor como uma terra abençoada (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25), superior ao que se havia construído antes (TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 21)³⁴.

O mesmo se dá com os elfos, que ao surgirem e começarem a aprender com os Valars, sendo levados para Valinor, começaram a desenvolver grandes aptidões técnicas e a desenvolver grandes maravilhas (TOLKIEN, 2009 A, p. 41).

Agora as Três Famílias dos eldar estavam finalmente reunidas em Valinor, e Melkor estava acorrentado. Esse foi o Apogeu do Reino Abençoado, a plenitude de sua glória e bemaventurança, longo na contagem dos anos, mas muito breve na memória. Naquele tempo, os eldar atingiram a maturidade de corpo e mente; **e os noldor progrediram sempre em conhecimentos e habilidades**; e os longos anos foram preenchidos com seus trabalhos prazerosos, **nos quais inventaram muitas coisas belas e maravilhosas**. Aconteceu então que os noldor foram os primeiros a quem ocorreu a idéia das letras, e Rúmil de Tirion foi o nome do estudioso que conseguiu adequar sinais ao registro da fala e da música, alguns para serem gravados em metal ou em pedra, outros para serem desenhados com pincel ou pena. (TOLKIEN, 2009 A, p. 41). Grifos meus.

O progresso, mais uma vez, aparece como algo retilíneo, passando das obras dos Valars para as obras dos elfos, que embelezaram toda a terra de Aman com o seu trabalho, e que de certa forma, melhoraram aquilo que os Valars já haviam produzido, fazendo com que o lugar progredisse em seu esplendor (TOLKIEN, 2009 A, p. 41).

mas os noldor tinham a preferência de Aulë, e ele e seu povo costumavam andar entre eles. Enormes tornaram-se seu conhecimento e sua habilidade. Entretanto, ainda maior era sua sede de conhecimento; e, sob muitos aspectos, logo ultrapassaram seus mestres. Eram criativos na fala, pois tinham um amor imenso pelas palavras e sempre procuravam descobrir nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam. E aconteceu que os pedreiros da casa de Finwë, trabalhando nas

³³ Sobre progresso e seleção natural, ver: HOBBSAWN, 1988, p. 219.

³⁴ Ver: Trecho 16, anexo capítulo 1.

montanhas em busca de pedra (pois adoravam construir altas torres), descobriram pela primeira vez as pedras preciosas e as apresentaram em miríades incontáveis.

E inventaram ferramentas para cortar e lapidar as pedras, esculpindo-as em muitas formas. Eles não as guardavam como tesouros, mas as davam livremente e, com seu trabalho, enriqueceram toda Valinor. (TOLKIEN, 2009 A, p. 39).

Esse progresso também apresenta estágios, a partir dos quais as sociedades foram classificadas em posições diferentes. Os mais evoluídos são os Valars e os Maiars (TOLKIEN, 2009 A, p. 16)³⁵. Abaixo dos Maiar, estão os elfos que viveram em Aman junto aos Valars³⁶.

Das três casas élficas que viveram em Aman, a dos Vanyar era tida como a mais bela, bem como a que atingira o maior estágio de progresso, voltados quase que totalmente para a poesia e a música (TOLKIEN, 2009 A, p. 33). O rei dos vanyar, por esse motivo, era considerado o rei supremo de todos os elfos.

Em seguida havia os noldors, descritos como muito talentosos e sábios, voltados para as grandes artes de confecção de jóias e lâminas, conhecidos por terem grande sabedoria e por terem desenvolvido também uma sociedade de grande progresso em Aman (TOLKIEN, 2009 A, p. 33)³⁷.

Por fim havia os teleri, que eram os elfos que por último chegaram ao Oeste e se estabeleceram nas costas de Aman, embora entre eles haja outras subdivisões, pois muitos deles não chegaram a viajar para o Oeste e permaneceram na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 34)³⁸.

Os três grupos de elfos apresentam graus de desenvolvimento diferentes. Os Vanyar são descritos como muito elevados, nunca tendo contestado as ordens e os conselhos dos Valars³⁹, vivendo sempre em harmonia desde o momento em que foram levados para Aman, aprendendo muito com Manwë e Varda, os dois Valars mais poderosos. Seu rei chamava-se Igwë e era o rei supremo de todos os elfos.

Os noldors foram o segundo grupo a findar a marcha para o Oeste. Aprenderam muito com o Valar Aulë, que controlava coisas como o metal e a terra (TOLKIEN, 2009

³⁵ Ver: Trecho 17, anexo capítulo 1.

³⁶ Ver: Trecho 18, anexo capítulo 1.

³⁷ Ver: Trecho 19, anexo capítulo 1.

³⁸ Ver: Trecho 20, anexo capítulo 1.

³⁹ A lealdade dos Vanyar é mostrada em “O Silmarillion”. Ver: TOLKIEN, 2009 A, p. 56 – 60.

A, p. 33), e que não era um Valar tão poderoso, estando abaixo de Manwë e de Ulmo (TOLKIEN, 2009 A, p. 39)⁴⁰.

Na narrativa, os noldors foram aqueles que desafiaram as ordens dos Valars e fugiram para a Terra Média, mostrando-se arredios em alguns momentos em aceitar os conselhos dos senhores do Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 64).

Os teleri são conhecidos por serem aqueles que jamais chegaram de fato a Aman. Os que chegaram às terras imortais ficaram nas margens, vivendo nos portos, onde desenvolveram belas embarcações, cuja arte aprenderam com os Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 40, 60 – 61). Os que não foram para Aman subdividiam-se em diversos grupos, chamados de elfos escuros pelos noldors, tendo desenvolvido uma sociedade bem menos organizada, em que muitos viviam na selva, embora fossem mais avançados do que os homens, nos tempos antes da volta dos noldors para à Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 41).

Os homens, por sua vez, eram também afetados por esse progresso retilíneo; alguns deles eram discípulos dos elfos escuros, que não foram para Valinor e se mantiveram na Terra Média, embora tenham tido algum contato com os Valars nos primeiros momentos (TOLKIEN, 2009 A, p. 75)⁴¹.

O progresso e o conhecimento iniciados por Eru Ilúvatar e pelos Valars, continuado pelos elfos, foram levados para a Terra Média quando os noldors, uma das linhagens dos elfos, voltaram de lá, contra a vontade dos Valars. Os elfos que voltaram para a Terra Média levaram consigo grandes saberes e ali desenvolveram coisas que até então só existiam na terra de Aman (TOLKIEN, 2009 A, p. 75, 112).

Os elfos escuros também foram influenciados pelos noldors, aprendendo com eles e se desenvolvendo a partir disso; os elfos escuros, em diversos momentos, são descritos como nômades, quando do início desse processo de transmissão de conhecimento.

O nomadismo dos elfos escuros é mostrado quando os homens tomam contato com eles e a narrativa os descreve como um povo da raça élfica, porém, ainda nômades (TOLKIEN, 2009 A, p. 75)⁴².

A “sindarinização”, por sua vez, teria modificado esse nomadismo dos elfos escuros aos poucos, com a influência de uma cultura descrita ali como superior.

⁴⁰ Ver: Trecho 21, anexo capítulo 1.

⁴¹ Ver: Trecho 22, anexo capítulo 1.

⁴² Ver: Trecho 23, anexo capítulo 1.

“mas muitos sindar e noldor vieram morar com eles, e começou sua 'sindarinização' sob o impacto da cultura beleriândica”. (TOLKIEN, 2009 B, p. 237).

Assim, quando os elfos noldors chegam à Terra Média estabelece-se uma gradação entre os povos que ali viviam. Os noldors, que viveram em Aman junto aos Valars, formavam sociedades mais avançadas, seguidos por alguns elfos teleri, que não foram para Valinor, mas que tiveram contatos com os Valars; pelos elfos escuros e, por último, pelos homens.

Naquela época, os elfos e os homens eram semelhantes em estatura e força física, mas os elfos tinham mais sabedoria, habilidade e beleza; e aqueles que haviam morado em Valinor e contemplado os Poderes superavam os elfos-escuros nesses aspectos tanto quanto estes últimos suplantavam os mortais. Somente no Reino de Doriath, cuja rainha Melian era da linhagem dos Valar, os sindar quase se equiparavam aos calaquendi do Reino Abençoado. (TOLKIEN, 2009 A, p. 75).

No relato acima, os elfos de Doriath, por sua vez, embora pertencessem aos elfos teleri que não foram para o Oeste, possuíam um nível semelhante ao dos elfos noldors, devido à influência da Maiar Melian, que por ser uma Maiar, teria também o seu conhecimento vindo dos Valars e de Eru Ilúvatar. Dessa forma, o progresso desse povo também se mostra vindo de uma fonte única, os Valars e Eru Ilúvatar.

Mesmo com essa subdivisão entre os elfos, cada um deles com características diferentes e mesmo com um grau diferente de organização, esses indivíduos são apresentados como os que possuem as sociedades mais avançadas, sendo eles, por sua vez, descritos com características físicas caucasianas, que serão discutidas mais a frente no capítulo que versará sobre a ideia de raça na obra de Tolkien. Entretanto, o oposto dos elfos dentro do enredo são os orcs, criados a partir de uma perversão dos elfos capturados por Melkor. Essas criaturas, por sua vez, são os que apresentam sociedades com menor grau de organização e desenvolvimento, ao passo que são narrados por Tolkien como tendo características físicas mongólicas⁴³.

Essa relação, entre um povo avançado com características tidas como europeias e outro atrasado com características mongólicas é um indício de que Tolkien representaria em seu enredo uma visão valorativa sobre os europeus e pejorativa sobre os povos orientais.

⁴³ Esse assunto será tratado com mais detalhes no capítulo 2 dessa pesquisa.

1.3.2. O progresso e o nível de organização dos homens das três casas dos amigos dos elfos

No que se refere ao desenvolvimento, os homens, de início, eram muito menos desenvolvidos do que os elfos, mesmo em relação aos teleri (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). Quando os noldors voltaram da terra de Aman, a contragosto dos Valars, eram os mais desenvolvidos da Terra Média e de inúmeras formas passaram esse desenvolvimento para os homens das três casas amigas dos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 112), que pela proximidade com os elfos ficaram assim conhecidos (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). Algumas das casas dos teleri, como é o caso do rei Thingol, tinham sociedades também bastante desenvolvidas (TOLKIEN, 2009 A, p. 64 – 69, 86 – 91).

Com a chegada dos noldors à Terra Média, o desenvolvimento das sociedades dos homens recebe grande impulso, pois o aprendizado passa dos elfos para os homens das três casas amigas dos elfos, do mesmo modo que os noldors passaram grande conhecimento aos elfos teleri que viviam na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 64 – 112). No caso dos homens das três casas amigas dos elfos, esses teriam saído de um estágio de organização quase tribal e passado para um estágio descrito como mais avançado, em que eles estabeleceram residências fixas, bem como uma ordem hierárquica bastante rígida e organizada, com rei, nobreza e servos, bem como com uma tradição de sucessão ao trono (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

O uso do cavalo também recobre importância para essa nova fase dos homens, bem como a construção de moradias fortificadas, o que mostra uma diferença de padrão em relação ao momento em que eles são encontrados pelos elfos, ainda como nômades (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). A passagem do nomadismo para a vida sedentária, com a construção de estruturas de moradia e defesas sólidas é um dos momentos em que a ideia de progresso aparece na obra de Tolkien, dentro do modelo de progresso retilíneo e do progresso como uma melhoria e como uma evolução.

Os elfos transmitiram esse progresso para os homens das três casas amigas dos elfos, pois os homens receberam a instrução dos elfos, tendo sido encontrados fugindo da escuridão do Leste, sendo acolhido por eles⁴⁴.

⁴⁴ Ver: Trecho 24, anexo capítulo 1.

Os homens que não tiveram contato com os elfos, por sua vez, permaneceram num estágio de organização inferior⁴⁵, não atingindo o mesmo nível de progresso daqueles das três casas amigas dos elfos.

Na obra de Tolkien, a difusão das qualidades dos Valars e dos elfos para os edains⁴⁶ não se deu apenas através do aprendizado, mas também pela mistura com os elfos e mesmo com o sangue dos Maiar, espíritos menores que os Valars, embora muito poderosos. Alguns homens se misturaram a elfos através de casamentos. O primeiro caso foi o de Beren e Lúthien (TOLKIEN, 2009 A, p. 122 – 145), um casal que gerou descendentes⁴⁷. Lúthien, por sua vez, era filha do rei Thingol, um elfo, com Melian, uma Maia. Beren era um homem. O segundo caso foi o de Idril Celebrindal e Tuor.

Idril era uma princesa élfica e Tuor descendente de uma das casas dos homens que estavam em ruínas.

O caso de Beren e Lúthien e de Idril Celebrindal e Tuor geraram aquilo que foi chamado por Tolkien de meio elfos, mestiços entre elfos e homens, que geravam indivíduos de grande beleza, mas pertencentes à raça dos homens, pelo menos nos primeiros casos, embora ganhassem vidas com grande longevidade. O filho de Beren e Lúthien se chamava Dior Eluchil e foi considerado uma das mais belas criaturas viventes.

Dior Eluchil teve uma filha, chamada Elwing. Ela se casou com Eärendil, filho de Idril Celebrindal e Tuor (TOLKIEN, 2009 A, p. 111, 190).

Eärendil e Elwing tiveram dois filhos que foram extremamente importantes para o enredo, tornando-se grandes líderes. Seus nomes eram Elrond e Elros (TOLKIEN, 2009 A, p. 194, 201, 203 – 204).

Tolkien narra que em determinado momento os Valars deram uma opção aos meio elfos, a de escolher a qual povo pertencer, aos elfos ou aos homens. Elrond escolheu pertencer aos elfos e se tornou um grande líder entre eles. Elros decidiu se tornar um homem e a ele foi concedida grande longevidade (TOLKIEN, 2009 A, p. 194, 201, 203 – 204).

⁴⁵ Ver: Trecho 25, anexo capítulo 1.

⁴⁶ Edains é a forma como eram chamados os homens das três casas dos amigos dos elfos no tempo do exílio dos noldors na Terra Média.

⁴⁷ Esses casos das misturas raciais serão abordados mais profundamente no capítulo 2 desse trabalho, que discutirá a ideia de raça na obra de Tolkien.

A narrativa registra que a escolha dos meio elfos foi imposta a eles (TOLKIEN, 2009 A, p. 194, 201, 203 – 204) no momento em que se estabeleceu a última guerra entre os Valars e Morghot, que terminou com a expulsão de Morghot para fora dos círculos do mundo. Um dos motivos para que ocorresse a intervenção dos Valars foi a ação de Eärendil, que navegou para o antigo Oeste e implorou pela ajuda dos Valars. Elwing e Eärendil foram os dois primeiros meio elfos a escolherem pela vida dos Primogênitos, sendo que eles foram impedidos de voltar à Terra Média, embora pudessem navegar a vontade, inclusive para além dos círculos do mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 193 – 198).

O progresso dos homens das três casas amigas dos elfos é mostrado na narrativa como algo dependente do aprendizado dos elfos, que por sua vez, aprenderam com os Valars, que aprenderam com Eru Ilúvatar, em um processo retilíneo. Nesse processo a mistura com os elfos foi importante para os homens, pois deu a eles indivíduos superiores, que ajudaram no desenvolvimento do reino mais avançado dos homens, Númenor. Os humanos que não se aproximam dos elfos ficam então a margem desse progresso que havia sido levado para a Terra Média com os elfos noldors, sendo descritos como bárbaros, como estando em um estágio inferior de desenvolvimento. Essa relação continua quando os homens das três casas amigas dos elfos se tornam o povo númenoriano, que seria a população humana mais civilizada dentro do enredo.

1.3.3. O progresso e o nível de organização dos homens númenorianos

Na narrativa de Tolkien, quando Morghot foi atacado pelos Valars, os homens das três casas dos amigos dos elfos ajudaram na batalha. Como recompensa eles foram presenteados com uma nova terra para viverem, longe dos perigos e das agruras da Terra Média. A eles foi dada a grande ilha de Númenor e seu primeiro rei foi Elros; um dos meio elfos que escolhera pela vida dos homens; filho de Eärendil e Elwing. Da mesma forma que Elros possuía uma grande longevidade em seus anos de vida, o mesmo foi dado aos demais edains, embora nenhum deles tenha vivido tanto quanto Elros e seus descendentes diretos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205).

O tema do progresso que se difunde volta a se repetir nesse relato sobre os meio elfos e sobre a doação da Terra de Númenor, pois os homens continuam a receber o conhecimento e mesmo a sua longevidade a partir do contato com os elfos e com os

Valars. Em Númenor, eles se desenvolveram, se tornando cada vez mais sábios e belos, além de habilidosos em diversas atividades, pois eram instruídos pelos elfos que vinham de Erêssea para ensiná-los, bem como eram também, no início, ensinados pelo Valar Eöwë, que viveu um tempo entre os númenorianos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 204)⁴⁸.

Enquanto os númenorianos vivem em bem aventurança, com uma civilização em grande progresso, os homens que ficaram na Terra Média são descritos vivendo anos escuros (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205).

É um momento na narrativa de Tolkien em que as gradações aparecem com bastante ênfase, pois os homens vivendo em anos escuros na Terra Média, a qual Tolkien se refere nesse momento não são os orientais, que antes haviam lutado ao lado de Morghot, mas sim os homens das três casas que, por motivos diversos, não haviam seguido os edains para o Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205). A superioridade dos númenorianos é então colocada em detrimento desses homens que não receberam as graças dos Valars, ao passo que eles eram ainda assim tidos como superiores aos demais homens, os orientais, por isso, recebiam instruções⁴⁹ dos númenorianos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205)⁵⁰.

Assim, apresenta-se a ideia de três estágios civilizatórios para os homens. Ao primeiro estágio corresponderiam os númenorianos, os civilizados. No segundo estágio encontravam-se os homens das três casas dos amigos dos elfos, que não foram para Númenor, como bárbaros a serem civilizados. Por fim, no terceiro estágio viriam os povos que estavam na completa barbárie e na selvageria, sendo eles os orientais. Uma das falas do personagem Faramir, filho do regente de Gondor, no livro “O Senhor dos Anéis – As Duas Torres”, evidencia essa ideia: ele descreve como os númenorianos classificam os homens em três estágios diferentes. Contudo, naquele momento, os homens das três casas dos amigos dos elfos que não foram para Númenor, agora na figura dos homens de Rohan, já se mostrariam como mais civilizados do que nos tempos dos númenorianos (TOLKIEN, 2010 B, p. 249)⁵¹.

⁴⁸ Ver: Trecho 26, anexo capítulo 1.

⁴⁹ Ver: Trecho 27, anexo capítulo 1.

⁵⁰ A descendência comum entre os númenorianos e os homens do norte, bem como a diferenciação entre esses homens e os orientais, ver: TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301.

⁵¹ Ver: Trecho 28, anexo capítulo 1.

O ponto de vista da narrativa coincide com o que é dito pelo personagem Faramir, pois o narrador, como já se discutiu, narra a partir do ponto de vista dos elfos e desses homens, discípulos da tradição élfica.

Por outro lado, todo o conhecimento que os inimigos possuem é mostrado, mesmo que como inferior, como tendo vindo da mesma fonte única, pois o mal provém do trabalho de Melkor, um dos Ainur de Eru Ilúvatar. O mesmo se dá em relação aos homens orientais, que são descritos como ligados ao mal e tendo menor tecnologia e organização, porém, seu conhecimento proviria, em alguns casos, da colonização númenoriana, bem como dos ensinamentos de Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205) e de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 228), que por sua vez deviam a sua sabedoria a Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Os homens orientais eram influenciados pelos númenorianos, e aprendiam com eles, ao serem colonizados, embora não aprendessem tanto quanto os descendentes das três casas dos amigos dos elfos que ficaram na Terra Média. O príncipe númenoriano Aldarion navegava para portos no Harad, nos tempos em que Sauron almejava aumentar o seu poder na Terra Média. Nessas viagens ele acabara por iniciar contato com esses homens, que o enredo dá a entender terem aprendido diversas coisas através dessa experiência (TOLKIEN, 2009 B, p. 237)⁵².

A narrativa mostra que alguns dos altos homens númenorianos que se voltaram para o mal teriam se estabelecido entre os orientais, se tornando líderes entre eles e vassalos de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 228)⁵³. Todo o conhecimento, portanto, que os orientais tinham era produzido em última instância pelo conhecimento que vinha do Oeste, ainda que fosse um conhecimento pervertido por Morghot e por Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 223).

1.3.4. O progresso levado à Terra Média pelos reinos de Gondor e Arnor

O progresso teria também ido para a Terra Média, quando os remanescentes dos númenorianos fundaram Gondor e Arnor, desenvolvendo toda a região e a mantendo

⁵² Ver: Trecho 29, anexo capítulo 1.

⁵³ Ver: Trecho 30, anexo capítulo 1.

livre, graças ao empenho dos dunedains⁵⁴ e de suas obras (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 228).

Quando os númenorianos são destruídos pela grande onda e apenas alguns poucos conseguem se salvar, indo para a Terra Média e fundando o reino de Gondor e Arnor (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 227), a ideia da difusão do conhecimento e do progresso é mais uma vez apresentada, bem como a de um povo civilizado, pois os dunedains levaram à Terra Média inúmeras obras (TOLKIEN, 2009 A, p. 220) e ensinaram muito aos homens que ali habitavam, principalmente aos homens do norte, seus antigo parentes (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301).

Muitas das grandes obras da Terra Média foram construídas por esses homens que fugiram da destruição de Númenor e que fizeram grandes construções, muitas das quais eram quase indestrutíveis, como a torre de Orthanc, que abrigou Saruman durante a Guerra do anel (TOLKIEN, 2009 A, p. 227, 234)⁵⁵.

Os orientais continuam a ser descritos como tendo um tipo de organização social menos sofisticada, além de serem inimigos dos númenorianos, estando a serviço de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 223 – 228). Dos muitos orientais narrados na fase em que os númenorianos remanescentes se estabeleceram na Terra Média, formando o reino de Gondor e Arnor, os que mais chamam a atenção são aqueles chamados de carroceiros (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301), que atacam Gondor pelo Leste em diversos momentos, surgindo com grandes contingentes invasores (TOLKIEN, 2009 B, p. 285)⁵⁶.

Os carroceiros viviam em um estágio de desenvolvimento bem baixo, comparado aos homens de Gondor e aos homens do norte⁵⁷, parentes dos dunedains (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301).

Nessa parte do enredo existe uma gradação entre esses três tipos de homens e as suas sociedades, na qual os númenorianos são aqueles com um estágio apresentado como o mais avançado, sendo também mais civilizados e com uma sociedade com maior progresso, seguido pelos homens do norte, chamados em alguns momentos como os Éothéod. Nessa escala de estágio os últimos são os carroceiros, descritos como inferiores organizacionalmente, vivendo de forma mais simples (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301).

⁵⁴ Dunedains é um dos nomes usados para designar os homens númenorianos exilados na Terra Média.

⁵⁵ Ver: Trecho 31, anexo capítulo 1.

⁵⁶ Ver: Trecho 32, anexo capítulo 1.

⁵⁷ Ver: Trecho 33, anexo capítulo 1.

Exemplo dessa inferioridade organizacional é que na guerra, os carroceiros eram muito numerosos e desorganizados, usando as suas grandes forças militares sem estratégia (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301)⁵⁸.

Os homens de Gondor, por sua vez, são apresentados como muito organizados na batalha, com armas bem preparadas e muito eficientes (TOLKIEN, 2009 B, p. 288 – 289)⁵⁹.

O mesmo acontecia com os homens do norte, bastante organizados, embora não tanto como os homens de Gondor, porém, bem mais do que os carroceiros (TOLKIEN, 2009 B, p. 295)⁶⁰.

Esses três povos são mostrados em três estágios de progresso (TOLKIEN, 2010 B, p. 248 – 249), o que reflete no resultado que eles obtêm no decorrer da narrativa, pois mesmo em menor número, os homens de Gondor ainda são tidos como reis entre os homens e mantêm um reino grande e próspero, com a ajuda de seus aliados do norte, que os ajudam e se beneficiam dessa relação com os homens de Gondor (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301). Em seguida, descreve-se como os homens do norte se beneficiam dessa aproximação com Gondor, aprendendo com essa civilização superior, ao passo que muitos dos reis dos homens do norte eram instruídos em sua infância em Gondor, para se tornarem mais eruditos em diversos aprendizados (TOLKIEN, 2010 C, p. P. 378)⁶¹.

Se Gondor e os homens do norte são apresentados em um grau maior de progresso, os carroceiros o eram em um grau menor, não conseguindo realizar os seus objetivos, mesmo tendo maior contingente populacional, o que os faz acabar derrotados na guerra que empreendem contra o Oeste (TOLKIEN, 2009 B, p. 284 – 301).

Essa comparação entre estágios de desenvolvimento das sociedades continua na obra de Tolkien à medida que a relação entre Gondor e os homens do norte vai se solidificando em meio à narrativa. No ápice da invasão dos carroceiros, os homens do norte, chamados de Éothéod, correram em auxílio de Gondor. O rei dos Éothéod naquele momento era um jovem chamado Eorl, descrito como muito habilidoso na arte de domar cavalos. Esse jovem monarca marchou com o seu exército e conquistou uma

⁵⁸ Ver: Trecho 34, anexo capítulo 1.

⁵⁹ Ver: Trecho 35, anexo capítulo 1.

⁶⁰ Ver: Trecho 36, anexo capítulo 1.

⁶¹ Ver: Trecho 37, anexo capítulo 1.

importante vitória contra os carroceiros, em um momento em que Gondor estava em grande perigo (TOLKIEN, 2009 B, p. 292 – 297).

Na descrição dessa batalha, ocorrida nos campos de Celebrant, a organização dos Éothéod foi apresentada como superior a dos carroceiros, que embora em maior número, lutavam com menor organização, sendo descritos como bárbaros (TOLKIEN, 2009 B, p. 292 – 297)⁶².

Por causa desse feito, o regente de Gondor deu ao rei Eorl e ao seu povo uma grande região de planície para que o seu povo pudesse habitar e viver. Era uma região extensa, onde o povo de Eorl poderia se desenvolver melhor e também trabalhar na segurança da região em apoio a Gondor, de forma que os dois povos fizeram juramentos de ajuda mútua na luta contra as forças do Leste (TOLKIEN, 2009 B, p. 297 – 306). Assim, os dois reinos, a partir daquele momento, progrediram sempre juntos. Porém, se mantendo em graus diferentes de progresso, bem como em relação aos demais humanos.

Em artigo publicado em 2004, cujo título é: “Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy”, Myles Balfe defende que o livro “O Senhor dos Anéis”, juntamente a outros inúmeros romances de aventura e fantasia, apresentam o Oriente como monolítico e atrasado, enquanto o Ocidente é descrito como progressista (BALFE, 2004, p. 75 – 88). Essa análise, corrobora a ideia de graus de progresso apresentada na obra de Tolkien, bem como a de um pensamento orientalista sendo representado em sua escrita literária, sendo que até o presente momento não se encontrou nenhum trabalho que defenda diretamente uma posição contrária.

1.3.5. O progresso e o nível de organização do reino de Rohan

Em sua nova terra, os Éothéod fundaram um reino chamado Rohan e, por isso, seus habitantes passaram a ser conhecidos como rohirins ou como eorlingas, em referência ao nome de Eorl. Naquela terra, eles tiveram novos conflitos com invasores do Leste (TOLKIEN, 2010 C, p. 370 – 380) e também com os homens da Terra Parda (TOLKIEN, 2010 C, p. 370 – 380. TOLKIEN, 2009 B, p. 345 – 365). Esses confrontos evidenciam a ideia de povos em graus diferentes, pois os homens de Rohan, sob inúmeros aspectos, são mostrados com superiores.

⁶² Ver: Trecho 38, anexo capítulo 1.

Os terrapardenses viviam de forma bem mais simples do que os homens de Rohan, evidenciando um nível de organização social bem menor; a maioria deles levava uma vida rústica e nem chegaram a formar uma nação (TOLKIEN, 2009 B, p. 345 – 360).

Por esse motivo, pela rusticidade, os terrapardenses são apresentados como selvagens e como bárbaros, de forma que os homens de Gondor, superiores, lhes dão pouca atenção⁶³.

Descreve-se o conflito entre os rohirins e os homens da Terra Parda quando Rohan já constituía um reino consolidado, com um rei forte, chamado Helm. Esse rei foi desafiado por um homem chamado Freca, descrito como tendo sangue terrapardense, o que gerou um conflito e uma longa guerra entre os terrapardenses e os rohirins (TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 373)⁶⁴.

Nesse momento, os terrapardenses aparecem como bárbaros e cruéis, tendo um nível organizacional menor (TOLKIEN, 2009 B, p. 360. TOLKIEN, 2010 B, p. 115 – 123), inclusive, sem a figura de um rei, diferente de Rohan. O próprio ataque a Rohan é descrito como parte de um plano maior dos homens do Leste que estavam atacando Gondor e que precisavam que os cavaleiros de Rohan não intervissem em auxílio de Gondor, ao passo que Gondor não pôde ajudá-los, pois também se encontrava lutando contra os carroceiros do Leste, que a narrativa dá a entender estarem a serviço de Sauron, para, aos poucos, enfraquecerem as forças do Oeste (TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 375). Dessa forma, os terrapardenses são apresentados apenas como obedecendo às ordens, sendo incapazes de planejarem sozinhos um ataque bem organizado a Rohan.

Nesse contexto, Rohan se apresenta como mais organizada e com maior grau de progresso do que os seus rivais diretos, os terrapardenses, embora menos do que os homens de Gondor⁶⁵.

1.3.6. Gondor, seu progresso e seu nível de organização social

Na narrativa da Guerra do Anel, as gradações entre os povos continuam a ser apresentadas em relação também a Gondor, o reino humano descrito como o mais

⁶³ Ver: Trecho 40, anexo capítulo 1.

⁶⁴ Ver: Trecho 41, anexo capítulo 1.

⁶⁵ Para mais detalhes, ver: Anexo Capítulo 1: O progresso e o nível de organização dos povos da Terra Média no livro “O Hobbit” e na Saga “O Senhor dos Anéis”.

organizado da Terra Média, pois é a monarquia que descende diretamente de Númenor, herdando toda a sua organização e conhecimento avançado⁶⁶.

Os homens de Gondor são descritos como grandes senhores, inteligentes, sábios, com uma grande longevidade, tendo corpos fortes e alta estatura, o que os torna hábeis guerreiros, principalmente porque se mostram muito bem armados e equipados.

Na descrição da Guerra do Anel, o primeiro homem de Gondor a aparecer é Boromir, filho do regente de Gondor. Ele se mostra um homem altivo e orgulhoso, porém, um grande guerreiro⁶⁷.

Ao lado dele se encontra Aragorn, o herdeiro do reino de Gondor, que tinha maior sabedoria, sendo também um grande senhor (TOLKIEN, 2010 A, p. 340)⁶⁸.

Boromir morreu lutando contra uruk hais em meio à mata, para proteger a vida dos hobbits Merry e Pipin, em um grande ato de bravura, deixando aos seus pés vários cadáveres de inimigos; sua corneta partiu-se e o seu corpo foi cravado de flechas (TOLKIEN, 2010 B, p. 4 – 6). Durante esta guerra, os homens de Gondor voltam a aparecer quando Frodo e Sam estão passando por Ithilien e são encontrados pelos homens da guarda do capitão Faramir, irmão de Boromir, que vigiavam aquela região quase desabitada, para tentar atrapalhar a passagem de inimigos vindos do Leste.

Novamente os homens de Gondor são descritos como muito altos e valorosos, bem como muito bem treinados e preparados (TOLKIEN, 2010 B, p. 228).

Eles são superiores aos homens que vêm do Leste, montados em gigantescos elefantes, armados e vestidos de forma diferente, mas apresentando menor nível de eficiência e organização do que os primeiros, pois os guerreiros a comando do capitão Faramir conseguem derrotá-los, mesmo em uma situação de desvantagem (TOLKIEN, 2010 B, p. 231 – 232)⁶⁹.

A organização dos homens de Gondor é ainda evidenciada quando o acampamento deles foi montado em um local escondido, seguro e de difícil acesso, uma espécie de caverna onde eles estocavam armas e mantimentos (TOLKIEN, 2010 B, p. 244)⁷⁰. Diferente das cavernas dos orcs ou mesmo dos homens das Sendas dos Mortos,

⁶⁶ Ver: Trecho 83, anexo capítulo 1.

⁶⁷ Ver: Trecho 84, anexo capítulo 1.

⁶⁸ Ver: Trecho 85, anexo capítulo 1.

⁶⁹ Ver: Trecho 86, anexo capítulo 1.

⁷⁰ Ver: Trecho 87, anexo capítulo 1.

o local é apresentado como confortável e altamente organizado, mesmo sendo um alojamento provisório.

Os dúnedains surgem novamente quando se preparam em Osgiliath e em Minas Tirith para resistir aos ataques das forças de Sauron, que se aproximam com toda a velocidade possível para atacar Gondor. O tema da organização militar superior retorna, pois eles são narrados defendendo Osgiliath com um número muito menor de guerreiros e, no entanto, tendo êxito, causando muitas baixas aos inimigos antes de abandonarem a posição e serem derrotados ali (TOLKIEN, 2010 C, p. 87)⁷¹.

Depois de abandonarem Osgiliath, causando grandes perdas aos inimigos, eles foram para Minas Tirith, a principal fortificação de Gondor.

A cidade era minuciosamente esculpida na montanha como uma fortaleza praticamente intransponível, com poderosas muralhas de pedra em vários círculos de proteção que subiam montanha acima, entalhadas na rocha de forma estratégica para sempre manter aquele local seguro contra invasores, podendo ser defendido por uma resistência organizada. A cidade era toda constituída dentro dos círculos, sendo que no último deles ficava a morada do rei de Gondor e dos regentes, sendo uma cidadela muito bem protegida (TOLKIEN, 2010 C, p. 11 – 12)⁷².

Minas Tirith é descrita como um lugar difícil de ser dominado, feita em um lugar escolhido para resistir as investidas do Leste e do Sul, principalmente de Mordor, sendo que nos tempos da formação de Gondor o local teria sido adotado como uma das principais moradas do rei, por estar em um ponto estratégico (TOLKIEN, 2009 A, p. 231 – 232)⁷³.

Os vários círculos daquele posto avançado, que depois se tornou a mais importante cidade de Gondor, foram construídos em épocas diferentes, o que também mostra a questão do progresso, uma vez que a construção do local como um esforço concreto é apresentado como um exercício produzido através de um trabalho de várias gerações que foram se desenvolvendo e buscaram melhorar cada vez mais aquele local tão importante para a segurança de todo o reino.

— Há um bom trabalho feito em pedra aqui — disse ele, olhando para as muralhas —; mas também há trabalhos piores, e as ruas podiam ter sido mais bem

⁷¹ Ver: Trecho 88, anexo capítulo 1.

⁷² Ver: Trecho 89, anexo capítulo 1.

⁷³ Ver: Trecho 90, anexo capítulo 1.

planejadas. ... E sem dúvida o trabalho em pedra que é de boa qualidade é o mais antigo, e foi feito na primeira construção — disse Gimli. (TOLKIEN, 2010 C, p. 150 – 151).

Quando a descrição dos inimigos que ameaçam Gondor começa a ser feita, percebe-se que se trata de uma horda de bárbaros atacando uma bela e organizada cidade, o que apresenta uma dicotomia entre os dois polos da contenda, sendo que um seria o lado organizado, enquanto o outro seria o da desordem. As forças de Sauron são narradas chegando ao campo de batalha fazendo uma grande destruição, construindo barricadas, em meio a uma algazarra de vozes, demonstrando pouca organização, enquanto Minas Tirith se prepara ordenadamente (TOLKIEN, 2010 C, p. 90)⁷⁴.

As forças de Sauron são descritas tendo pouca organização, se desorganizando frente a qualquer problema. Isso ocorre quando a retaguarda de Gondor volta para as muralhas de Minas Tirith. Os cavaleiros que dão cobertura a retirada eliminam e desorganizam os orcs e os demais inimigos com certa facilidade nesse relato (TOLKIEN, 2010 C, p. 90 – 91)⁷⁵.

A pouca organização das forças de Sauron, formadas por orcs e por diversos tipos de orientais, fica evidente quando o combate começa e as tropas invasoras se desmontam logo que os primeiros problemas aparecem, com a chegada dos cavaleiros de Rohan, que atacam a retaguarda dos batalhões que sitiavam Minas Tirith. É um momento em que os homens de Rohan mostram grandes atos de bravura, ao passo que a defesa e a organização das tropas de Sauron não resiste às investidas dos rohirrins e também encontram grande dificuldade para invadirem Minas Tirith (TOLKIEN, 2010 C, p. 102 – 133)⁷⁶.

A organização e a desorganização, bem como o progresso e o estágio evolutivo de cada povo continuam a aparecer em toda a narrativa sobre a batalha em Minas Tirith, quando Aragorn chega à batalha, vindo com os barcos dos inimigos, os quais ele e seus companheiros haviam tomado e enchido com os aliados que conseguiu reunir para ajudar na batalha (TOLKIEN, 2010 C, p. 122 – 123)⁷⁷.

As técnicas usadas pelas forças de Sauron se mostram também obsoletas frente à defesa de Gondor, não conseguindo de fato romper os muros de Minas Tirith, quebrando apenas o seu portão, o primeiro, que dava abertura para o primeiro círculo de

⁷⁴ Ver: Trecho 91, anexo capítulo 1.

⁷⁵ Ver: Trecho 92, anexo capítulo 1.

⁷⁶ Ver: Trecho 93, anexo capítulo 1.

⁷⁷ Ver: Trecho 94, anexo capítulo 1.

defesa da cidade (TOLKIEN, 2010 C, p. 112 – 125). Os olifantes dos homens de Harad, embora muito fortes e gigantescos, não se mostraram páreos para lutar contras as forças de Gondor e Rohan (TOLKIEN, 2010 C, p. 112 – 125).

No fim da batalha, o que resta das tropas de Sauron foge para o Leste de forma desesperada, afogando-se muitos no grande rio que protegia a cidade, outros fugindo para descampados e sendo abatidos pelos cavaleiros de Rohan (TOLKIEN, 2010 C, p. 124 – 125).

E naquela hora a grande Batalha do campo de Gondor terminava, e nenhum inimigo vivo foi deixado dentro do circuito da Rammas. Todos foram mortos, exceto aqueles que fugiram para morrer, ou para se afogar na espuma vermelha do Rio. Poucos conseguiram se dirigir para o leste, para Morgul ou Mordor, e à terra dos haradrim chegou apenas uma história de um lugar longínquo: um rumor da ira e do terror de Gondor. (TOLKIEN, 2010 C, p. 124 – 125).

Mesmo com uma tropa inúmeras vezes maior, as forças de Sauron conseguiram perder a batalha, graças ao empenho e ao trabalho dos homens de Rohan e Gondor, que conseguiram usar melhores estratégias e diminuir a vantagem numérica dos inimigos (TOLKIEN, 2010 C, p. 121)⁷⁸.

A partir dos exemplos elencados, as ideias de transmissão de conhecimento por uma origem única (difusionismo), de progresso retilíneo, de sociedades em estágios evolutivos diferentes e de indivíduos prodígios que produziram grandes avanços por sua genialidade estariam representadas na obra de Tolkien, retiradas, em grande parte, das formas de pensar sobre esses assuntos que circulavam no período de sua formação intelectual e de sua escrita, uma vez que elas coincidem com o que se defendia sobre esses assuntos por boa parte da intelectualidade europeia dos fins do século XIX e da primeira metade do século XX.

As muitas passagens analisadas nessa parte, evidenciam como a obra de Tolkien, em inúmeros aspectos, reproduz a ideia de sociedades com graus distintos de evolução e progresso, medidos pela organização dessas e pela capacidade de lidar com os diversos problemas e situações que encontram em seu cotidiano. A ideia das sociedades divididas em três grandes estágios e subdivididas em outros tantos era bastante comum nos tempos de Tolkien. Uma série de pensadores dos fins do século XVIII até a

⁷⁸ Ver: Trecho 95, anexo capítulo 1.

primeira metade do século XX havia teorizado sobre e descrito sociedades humanas divididas em graus de desenvolvimento diferentes, o que se tornou uma teoria bastante comum nos meios acadêmicos europeus⁷⁹.

Lewis Henry Morgan, em 1874, lançou o livro “A Sociedade Antiga”, que em inúmeros aspectos produziu uma síntese dessas teorias que já circulavam sobre os estágios das sociedades humanas, aprofundando as análises de outros que escreveram antes dele e propondo subdivisões bastante fixas para lidar com algumas nuances encontradas entre sociedades entendidas como em um mesmo grau de desenvolvimento. A proposta dele era que todas as sociedades humanas estariam sempre dentro de três estágios: selvageria, barbárie e civilização (CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

Autores pertencentes ao período iluminista já trabalhavam com a ideia da humanidade dividida em três estágios de desenvolvimento, sendo essa uma premissa que ainda foi bastante corroborada pelos teóricos racialistas, que afirmavam que esses estágios também tinham a ver com a questão racial, pois certas raças não seriam capazes de ultrapassar certos estágios (CASTRO, 2005, p. 4 – 18). A ideia de hábitos civilizados também dialogou muito com a ideia dos três grandes estágios de desenvolvimento, pois um dos argumentos para o uso de certos hábitos era o de civilizar todo o mundo, eliminando os hábitos bárbaros, que eram considerados grosseiros, em detrimento aos hábitos refinados, que ao serem adotados, ajudariam os indivíduos a abandonarem a barbárie e se tornarem civilizados (SAID, 2007, p. 64, 65, 132, 238, 295, 306, 321, 330, 341).

Há uma extensa bibliografia que aborda as missões civilizadoras, os hábitos civilizados e a divisão das sociedades humanas em três estágios pela intelectualidade europeia dos fins do século XIX e da primeira metade do século XX.

Sob muitos aspectos, um dos estudos que primeiro se preocupou em questionar o imperialismo, buscando questionar o discurso imperialista e sua missão civilizadora foi Vladimir Lênin, no livro “Imperialismo, a fase superior do capitalismo” (LÊNIN, 2010).

⁷⁹ De certo modo isso era novo. No auge da crença liberal no progresso, parecia que a maioria das ciências sociais - etnografia/antropologia, filologia/lingüística, sociologia e diversas escolas importantes de economia - partilhava um quadro básico de pesquisa e teoria com as ciências naturais, o evolucionismo (ver A Era da Capital, cap. 14:2). O cerne da ciência social era o estudo da ascensão do homem de um estado primitivo até o atual e a compreensão racional deste presente. Esse processo era habitualmente considerado como um progresso da humanidade passando por vários "estágios", embora mantendo em suas margens sobrevivências de estágios anteriores, bastante semelhantes a fósseis vivos. O estudo da sociedade humana era uma ciência positiva como qualquer outra disciplina evolucionária, da geologia à biologia. (HOBSBAWN, 1988, p. 234). Ver também: CASTRO, 2005, p. 4 – 18.

Seu estudo abriu as portas de um novo questionamento sobre o capitalismo, a partir da ideia de exploração dos povos não europeus.

Seu estudo foi seguido pelo livro “A Acumulação do Capital”, de Rosa Luxemburgo (LUXEMBURGO, 2006), que em conjunto com o estudo escrito por Lênin, produziu grande controvérsia sobre a exploração capitalista no mundo não europeu. A partir desse momento, boa parte da intelectualidade marxista se engajou nessa discussão sobre o imperialismo e seus malefícios, enquanto diversos defensores do imperialismo se contrapunham a essas interpretações.

Contudo, os questionamentos levantados pelos marxistas deram origem a estudos mais sóbrios e menos engajados sobre o funcionamento do imperialismo e sobre as ideias de missão civilizadora, sociedades em estágios diferentes e exploração. Norbert Elias (ELIAS, 1994. Vol. 1), em parte influenciado por esses debates, iniciou as suas pesquisas sobre hábitos civilizados e como a ideia de civilizar era algo valorativo, produzido pela cultura de elite europeia. Hannah Arendt (ARENDR, 2010), também discutiu os aspectos do pensamento civilizador em seu livro sobre totalitarismo.

A historiografia produzida pela história dos Annales tratou em parte desse assunto, buscando compreender como o pensamento europeu tentou produzir a sua identidade em torno da diferenciação e mesmo da depreciação do Outro (BURKE, 1991, p. 57 – 76). Contudo, os estudos de Lévi Strauss (STRAUSS, 1998), nos fins da década de 50, abriram novas perspectivas para o estudo do pensamento europeu e das ideias de povos em três estágios de desenvolvimento, questionando essa teoria e mostrando como ela havia sido produzida pelo pensamento europeu para legitimar a Europa e o Ocidente e suas ideias sobre progresso e civilização.

Autores como Tzvetan Todorov (TODOROV, 2003) e Jean Delemeau (DELEMEAU, 1983), na década de 1960, deram grandes contribuições a essa discussão, evidenciando como o pensamento da elite europeia, no tempo longo, havia construído a Europa cristã ocidental como superior e os demais povos como inferiores. Contudo, em meio ao contexto da emancipação de várias colônias europeias na África e na Ásia, surgiu o movimento denominado como Estudos pós-coloniais, que por um lado, apresentava a forma como as potências europeias haviam construído a Europa como superior e o mundo não europeu como inferior. Por outro lado, essas abordagens passaram não somente a ver as colônias como vítimas, mas também como agentes históricos, que contribuíram na formação da modernidade (HALL, 1991, p. 187).

Diversos intelectuais iniciaram estudos sobre a forma como as missões civilizadoras funcionaram e criaram discursos para desqualificar as culturas do mundo não europeu (MACEDO, 2006, p. 11, 12). Ao mesmo tempo, essas abordagens também buscavam compreender as formas de resistência e interação produzidas pelas culturas subalternas. Nesse processo, as obras de Michael Foucault se mostraram importantes, desenvolvendo o conceito de discurso, como uma construção racional de um argumento, como seria o caso da produção da ideia de superioridade europeia e de inferioridade dos não europeus.

Desses estudos, há um destaque para os trabalhos de Edward Said, que mapearam como a cultura erudita europeia ocidental buscou sistematicamente construir a sua identidade em torno da diferenciação e da depreciação do Outro. A partir das abordagens de Said, outros inúmeros intelectuais levantaram outras muitas questões sobre o discurso europeu sobre o Outro.

Contudo, a partir da década de 1980, novas abordagens foram abertas, mostrando que o pensamento europeu, por um lado, de fato construiu uma série de estereótipos depreciativos sobre o Outro, porém, nem toda a intelectualidade corroborava completamente tais preceitos, havendo também admiração por outras culturas, inúmeras trocas culturais e mecanismos de poder, resistência, de diálogo e mesmo de negociação entre colonizadores e colonizados. Serge Gruzinsky, aponta essas diversas facetas em algumas de suas pesquisas. Outros diversos autores também mostram esse aspecto, em que o discurso hegemônico, embora fosse majoritário, coexistia com outros discursos e realidades (MACEDO, 2006, p. 11, 12).

Depois dos atentados de 11 de setembro, em Nova York, novas abordagens sobre a ideia de missão civilizadora, de colonização e de civilização e barbárie voltaram a atenção novamente para os estudos sobre as formas como os europeus produziram discursos de inferiorização sobre o Outro e sobre como muitos deles ainda se mantinham vivos e se reacendiam, principalmente na mídia, para explicar o terrorismo. A obra de Said voltou a ser revisitada, junto as reflexões de Stuart Hall, ao passo que as representações pejorativas sobre os não europeus e valorativas sobre os europeus se tornaram novamente um assunto de grande relevância para se compreender a realidade.

É em torno dessas novas abordagens que a obra de Tolkien e as suas diversas passagens sobre povos em diversos estágios de desenvolvimento são vistas nesse estudo, pois, sob muitos aspectos, as ideias de selvagens, bárbaros e civilizados estavam

bastante disseminadas na sociedade do início do século XX, como se vê nas muitas justificativas usadas pelas missões civilizadoras, que se baseavam exatamente na premissa dessa divisão e na perspectiva de que era possível civilizar os bárbaros, ou pelos menos aperfeiçoá-los da melhor maneira possível. Boa parte da colonização da África e da Ásia, bem como a do Oeste dos Estados Unidos e mesmo das Américas foi empreendida com base nesses argumentos e nessa divisão das sociedades que, para todos os efeitos, era de fato algo que a intelectualidade acreditava ser uma verdade quase absoluta, crendo, de certa forma, que estavam de fato levando as luzes aos bárbaros, civilizando-os e fazendo o bem a eles, ainda que eles sofressem no início (CANÊDO, 1994, p. 10 – 26).

Intelectuais europeus de diversas formações e visões políticas mostram acreditar nessas teorias, como é o caso de Karl Marx, um dos maiores críticos da sociedade capitalista do século XIX. Karl Marx, com todas as críticas que propôs sobre a exploração da classe trabalhadora, entendia que as ações do império britânico na Índia, por exemplo, eram benéficas, no sentido de tirar o povo da estagnação e fazê-los progredir, ainda que sofressem no início, pois essa seria a única forma de progredirem, abandonando a barbárie (SAID, 2007, p. 215 – 221).

No discurso de muitos dos colonizadores, percebe-se que a ideia de civilizar, de tirar os povos da selvageria e da barbárie e levá-los a um estágio superior, ainda que jamais pudessem chegar ao nível dos europeus, era algo de fato acreditado e estava para além da mera ideia de apenas explorar as riquezas dos colonizados (SAID, 2007, p. 64). O usufruto da riqueza era crida como algo que de fato era importante para toda a humanidade, pois também traria benefícios para os colonizados, que não teriam a capacidade suficiente para explorar as riquezas em seus territórios e se beneficiar delas, o que os europeus faziam então, levando a civilização a todos os lugares e ensinando aos demais povos a se desenvolverem (CANÊDO, 1994, p. 10 – 26).

A ideia dos povos em três estágios, bem como a de um progresso retilíneo, é algo que estava arraigado no pensamento intelectual europeu e explicava a diversidade do mundo de forma racional, o que era importante para os europeus do século XIX e da primeira metade do século XX, que buscavam explicações lógicas para tudo o que encontravam (HOBBSAWN, 1988, p. 134). Muitas das teorias sobre selvagens e bárbaros foram desenvolvidas através da aproximação dos europeus com os demais povos com os quais eles obtinham contatos cada vez mais assíduos, através de seus

muitos viajantes que faziam as suas excursões por partes inóspitas do mundo. Muitos deles com objetivos científicos, buscando encontrar novas informações que ajudavam a conhecer mais sobre a realidade do mundo, sobre a diversidade da fauna e da flora no planeta, bem como dos povos que eles entendiam como primitivos e como sendo o passado deles, o passado dos civilizados, estando ainda em estágios que os europeus já teriam abandonado há milênios atrás (HOBSBAWN, 1988, p. 134. SARAT E SARAT, sem data).

Muito do que foi escrito pelos viajantes que estiveram no Brasil, no século XIX, bem como no restante das Américas, auxiliou no desenvolvimento das ideias sobre os selvagens e do estabelecimento de critérios para se definir selvageria, barbárie e civilização. Os relatos dos viajantes, sobretudo daqueles que possuíam carreiras acadêmicas e ligações mais assíduas com as sociedades científicas, circulavam bastante pelas demais sociedades e universidades, que mensuravam os relatos sobre povos categorizados e descritos como primitivos, narrados por esses homens com muitos detalhes que os ajudaram a observar os graus de complexidade desses povos e a desenvolver uma teoria de desenvolvimento para as sociedades humanas, criado como uma espécie de fórmula matemática, ou como algo retilíneo, que seguia sempre os mesmos critérios, de forma que todos os povos se desenvolviam da mesma forma, passando pelos mesmos processos, pois esses estágios eram considerados lógicos e mesmo imutáveis, tais como as leis da física (HOBSBAWN, 1988, p. 61 – 65).

A antropologia e a descrição dos povos considerados selvagens era algo de extrema importância para o conhecimento europeu da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX, pois ajudava a desvendar os caminhos percorridos pela humanidade para chegar até a era de ouro em que eles julgavam viver, até porque era um momento em que as teorias evolucionistas estavam em discussão e o conhecimento sobre os povos entendidos como primitivos ajudava a desenvolver hipóteses sobre os primórdios da humanidade e sobre essa evolução. Os povos tidos como selvagens eram também comparados com os povos entendidos como bárbaros, que estavam a ser observados e estudados nas colônias de partes da África e da Ásia, em meio ao processo de colonização daquelas terras, que ocorria em meio a uma luta entre as potências pela partilha daquelas regiões (BARRETO, 1983, p. 11 – 12; CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

A barbárie como forma de organização era entendida como algo que tinha a ver com uma série de estágios que uma sociedade poderia passar. Os intelectuais europeus, majoritariamente, entendiam que eles mesmos, no passado distante, foram povos bárbaros, colonizados e civilizados pelo Império Romano e pelo cristianismo. Assim, eles acreditavam que os bárbaros atuais poderiam, ao longo do tempo, se tornar mais civilizados, embora não como os europeus, que estariam em um estágio sempre acima, até porque em meio ao pensamento civilizacional incidiam as ideias de diferenças raciais, que serão discutidas no próximo capítulo (CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

A ideia que circulava nos meios intelectuais europeus era a de que o mundo era habitado por civilizações com graus diferentes de organização, alguns estando já muito adiantados, outros em um estágio mediano e alguns em um estágio completamente atrasado e primitivo. Para se chegar a essa conclusão de que os povos que habitavam as vastas regiões do planeta estavam em estágios diferentes, e mesmo para se estabelecer padrões de definição do que eram os níveis, a comparação e a descrição eram usados o tempo todo para que se pudesse mensurar diferenças de estágio.

A missão dos civilizados, dentro desse modo de pensar, era civilizar todos os bárbaros e selvagens e, acima de tudo, evitar que os bárbaros ganhassem territórios e que expandissem uma cultura tida como atrasada. A missão civilizadora tinha então como obrigação auto-imposta levar as luzes da razão e da ética cristã para todo o mundo, cristianizando e levando o progresso e a ordem para toda a sociedade. Nesse sentido, todos que resistiam a esse processo eram tidos como inimigos do progresso (CANÊDO, 1994, p. 10 – 26)⁸⁰.

Essas ideias sobre progresso e sobre povos divididos em estágios diferentes, sob inúmeros aspectos, se mostram representadas na obra de Tolkien, sendo que uma série de povos são descritos como sendo civilizados, ou como tendo chegado a um estágio avançado de sociedade, que pode ser interpretado como uma representação, ainda que involuntária, da ideia de civilização. Os Valars, na obra de Tolkien, se mostram como os mais evoluídos e civilizados, levando os seus saberes superiores, os espalhando aos demais, através de seus primeiros discípulos, os elfos.

É uma perspectiva que pode ser compreendida dentro do contexto em que Tolkien vivia e foi criado. De certa forma, a ideia de que Deus havia não só criado tudo, mas espalhado as luzes dos saberes sobre a cristandade europeia era uma premissa

⁸⁰ Sobre a relação entre cristianização e missão civilizadora, ver: FAITHFUL, 2012, p. 17 – 27.

comum em meio aos religiosos europeus do século XIX e da primeira metade do século XX, principalmente entre aqueles das vertentes envolvidas com os trabalhos das missões civilizadoras⁸¹.

Tolkien teve uma criação muito próxima a essas vertentes, pois o padre que foi seu tutor era um jesuíta, ou seja, pertencia a uma das agremiações católicas mais empenhadas no processo de missão civilizadora e no trabalho missionário nas colônias, enquanto o seu pai era próximo ao trabalho colonial, tendo sido empregado no Bank of Africa, na atual África do Sul. É bastante plausível supor que Tolkien conhecia as ideias defendidas por esses intelectuais religiosos comprometidos com as missões civilizadoras e evangelizadoras, de que o conhecimento avançado existente na Europa, desde a tecnologia, até a medicina e também a moral elevada que eles entendiam existir nas sociedades europeias provinha da sabedoria de Deus e da luz do evangelho, que por isso mesmo deveria ser espalhada para o restante do mundo (HOBBSAWN, 1988, p. 54).

O que os Valars fazem na obra de Tolkien é bastante semelhante ao que os religiosos europeus daquele período majoritariamente acreditavam, em espalhar as luzes do conhecimento para todo o mundo, pautados na ideia de que o saber provinha da providência divina e que cultivar e espalhar o conhecimento associado à palavra de Deus era a missão do cristão, para levar um melhor modo de vida e melhores preceitos morais para os povos que ainda não haviam conhecido essas benesses. Ao mesmo tempo, a ideia de povos escolhidos e povos não escolhidos pela providência divina também se encontra presente na obra de Tolkien, quando os elfos e, depois, os homens das três casas amigas dos elfos são escolhidos dentre os demais, para irem para o Oeste e desfrutarem do saber, tendo acesso a grandes aprendizados, tornando-se mais sábios e poderosos, aprendendo grandes ofícios e se tornando muito superiores aos demais, com uma organização social descrita como superior.

Essas ideias de povos escolhidos e recebendo as bênçãos divinas por serem fiéis às divindades e a Deus era algo bastante comum nos tempos de Tolkien, e era a versão religiosa que explicava a dita superioridade dos europeus e ao mesmo tempo conciliava a religião com a ciência e o progresso, entendendo todo o poderio europeu frente aos outros povos como uma graça divina pelo fato dos europeus serem cristãos e

⁸¹ Sobre as ideias religiosas de Deus como o produtor e difusor do conhecimento racional em meio aos religiosos envolvidos com as missões civilizadoras, ver: FAITHFUL, 2012, p. 17 – 27.

conhecerem a palavra de Deus. Da mesma forma, os povos considerados em estágios inferiores eram entendidos como aqueles que não teriam ainda recebido essa graça, mas que poderiam recebê-la se fossem devidamente instruídos, se viessem a conhecer a palavra de Deus, o que os faria também ter o progresso e o conhecimento (HOBSBAWN, 1988, p. 54).

A obra de Tolkien trabalha com a mesma ideia, de que os homens que não pertencem às três casas dos amigos dos elfos deveriam ser trazidos para o lado dos Valars, embora isso não aconteça de fato, pois as tentativas sempre se mostram problemáticas, como na narrativa em que os orientais traem os edains e os elfos na batalha contra Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 149). A ideia de uma conversão ao progresso e a civilização na obra de Tolkien fica bastante evidente também no trabalho realizado pelos istaris, ou magos, que vêm do Oeste em formas humanas para ajudar os homens e os elfos a combaterem o mal de Sauron, sendo que a missão deles dentro da narrativa era trabalhar para reanimar os homens do Oeste e os elfos para a luta contra a sombra do Leste (TOLKIEN, 2009 B, p. 582 – 603).

Assim, a obra de Tolkien apresenta uma civilização do Oeste como superior, civilizada e boa, enquanto no Leste há apenas povos bárbaros. A ideia de um Ocidente superior e civilizado e de um Oriente inferior e bárbaro, como se verá nas partes seguintes dessa pesquisa, é uma das construções discursivas que seriam parte do pensamento orientalista, a qual Said define em seu livro “O Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Ocidente”, e que outros autores corroboram (MACEDO, 2011, p. 7 – 12). Dessa forma, esse é um dos indícios de que Tolkien representaria dentro de seu enredo uma visão orientalista de mundo.

1.4 Os hábitos civilizados e incivilizados na Obra de Tolkien

Das muitas ideias que podem ser percebidas sendo representadas na narrativa literária de Tolkien, a de hábitos pode ser entendida como sendo parte de uma série de questões valorativas que vão aparecendo no decorrer dos textos. Da mesma forma que as sociedades são descritas na obra de Tolkien estando em estágios de organização e progresso diferentes e tendo conhecimentos e indivíduos com talentos, virtudes e dons diferenciados, o mesmo ocorre com a questão dos hábitos.

Na narrativa também é possível diferenciar que cada povo possui seus próprios hábitos, mas para além das diferenças culturais, existe também a questão de valores referentes a esses costumes. Como se verá adiante, os hábitos alimentares, de higiene e de educação são descritos de forma diferente. Os orcs são apresentados tendo hábitos repugnantes, independentemente de sua raça, se são uruks hais ou do norte, ou se são orcs do olho ou da mão branca. Já os homens do Oeste, notadamente os rohirrins e os homens de Gondor, são narrados com hábitos diversificados entre eles, porém, sendo considerados como refinados, ainda que diferentes uns dos outros.

Pode-se supor que existe uma diferença entre a ideia de hábitos diferentes e hábitos bons e maus dentro da obra de Tolkien. Os hábitos bons e diferentes são assim mensurados no decorrer da narrativa. Os hábitos maus são, por sua vez, descritos como tais, e inclusive, comparados com os hábitos tidos como bons.

A ideia de hábitos, no período em que Tolkien escreveu a sua obra literária, era algo que se remetia a questões valorativas, pois ter hábitos considerados como refinados era sinônimo de ser civilizado, enquanto ter hábitos rudes era o mesmo que ser rústico e, por sua vez, era um indicativo que poderia significar incivilidade (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

O século XX produziu uma bibliografia que discutiu como a ideia de hábitos foi importante na construção das categorizações de civilizados e incivilizados, bem como das diferenciações de classes sociais dentro da Europa ocidental. Norbert Elias pode ser considerado como o precursor desses estudos, com o seu livro “O Processo Civilizador” (ELIAS, 1994. Vol 1), em que, no decorrer do texto, descreve e analisa os mecanismos usados pela intelectualidade europeia para construir a ideia de hábitos civilizados, bem como a de hábitos rústicos. Essa normatização é apresentada por Elias como tendo sido de suma importância para a constituição identitária do Ocidente enquanto um conjunto que passou a se pensar como uma civilização.

Outros trabalhos seguiram evidenciando e ampliando o que Elias apontou em suas pesquisas. Dessas investigações, o livro “Vigiar e Punir”, de Michael Foucault (FOUCAULT, 1999), amplia a perspectiva proposta por Elias, ao propor a concepção de docilização dos corpos, defendendo que o processo de polidez dos hábitos foi institucionalizado pelos Estados modernos com a produção de três tipos de instituições, as prisões, os hospitais e as escolas, que tinham o mesmo objetivo, docilizar os corpos dos trabalhadores, polindo-os para servirem de forma cada vez mais eficaz ao trabalho

mecânico exigido pelas fábricas. Essa nova abordagem produzida por Foucault abriu novas discussões sobre as dimensões da ideia de hábitos polidos produzida pelos europeus, mostrando um objetivo mais prático, de dominação e de poder interno dentro do contexto das sociedades europeias, que não se referia somente à diferenciação de classe e de povos, mas também respondia a uma necessidade real do mundo do trabalho frente à revolução industrial.

Concomitante ao trabalho de Foucault, a historiografia sobre as missões civilizadoras, sobre a colonização europeia e sobre o racismo e o racialismo passou a abordar a imposição dos hábitos europeus como uma das formas de domínio e como uma poderosa estratégia de colonização (CANÊDO, 1994, p. 15 – 25). A partir da década de 1990, os estudos sobre os hábitos voltaram a sua atenção para explicar a relação entre a ideia de hábitos refinados, sua divulgação e sua relação com a modernidade, pois ter hábitos tidos como civilizados, como algumas pesquisas demonstraram, era também um sinônimo de ser moderno. Dessa forma, todos os países do mundo que desejavam serem considerados modernos tinham uma preocupação real em realizar reformas nos hábitos de suas populações (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

A historiografia mais recente sobre a ideia de hábitos polidos (RODRIGUES, 2012, p. 1 – 17) vem mostrando a questão valorativa sobre os costumes, que sua construção discursiva tinha um objetivo normatizador, de distinção e de identificação (CUCHE, 1999, p. 23 – 32). Sob inúmeros aspectos, como se verá, a obra de Tolkien mostra a ideia de hábitos com tais características, autorgando os hábitos mais polidos aos povos tidos como mais avançados, mostrando-se como algo valorativo, que é uma norma, que distingue e identifica.

Em seu artigo “Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy”, Myles Balfé defende que inúmeras obras de literatura fantástica apresentam a ideia do fardo do homem branco e da superioridade civilizacional dos europeus, ao passo que em grande medida, a obra de Tolkien teria inaugurado essa tendência em obras modernas de fantasia (BALFE, 2004, p. 75 – 88). Como se verá adiante, essa perspectiva, pode ser vista em vários trechos na obra de Tolkien em que indivíduos com estereótipo europeu são apresentados como civilizacionalmente superiores. Contudo, ver-se-á também que outros autores, a despeito da análise de Balfé, defendem que a literatura de Tolkien possui pouco ou nenhuma ideia de superioridade de alguns povos sobre os outros, mas sim, a da igualdade e do convívio harmônico e tolerante entre todos.

1.4.1 Os hábitos dos elfos e dos homens das três casas amigas dos elfos

Começando pelo livro “O Silmarillion”, que inicia cronologicamente a história do mundo na narrativa de Tolkien, pouco se fala dos hábitos dos Valars, de como viviam ou como se portavam frente uns aos outros. Com a chegada dos elfos, o tema dos costumes se torna um pouco mais constante, pois a início eles vivem de forma pouco sofisticada, assim, tendo também hábitos simples (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 31).

Haveria um refinamento⁸² de hábitos entre os elfos, a partir do momento em que eles são encontrados pelos Valars, aprendendo muitas coisas com eles e depois sendo levados para Aman, com exceção daqueles que ficaram para trás, mas que também, ao que parece, receberam ensinamentos vindos de Valinor, passando a ter hábitos mais refinados, embora, os elfos que foram para Aman fossem os que se tornaram mais polidos, principalmente aqueles da primeira leva, chamados de Vanyar, seguido dos Noldor e dos Teleri. Não há, no entanto, detalhes muito precisos sobre os hábitos dos elfos em Aman, mas apenas uma descrição geral, dizendo que eles se desenvolveram muito com os ensinamentos dos Valars, tornando o local mais bonito com as suas obras, ao passo que eles teriam feito para eles grandes construções⁸³, o que indica que eles passaram a ter cada vez mais hábitos refinados, sendo que o mesmo pode ser dito em relação as suas vestimentas, que passam a ser apresentadas, de forma geral, como sendo cada vez mais belas e ornadas com jóias cada vez mais bem produzidas (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 35).

Das poucas indicações existentes na narrativa sobre os hábitos dos elfos no período em que eles se encontravam em Aman, muitas delas ficam em torno das contendas relacionadas à Fëanor, um elfo muito sábio na arte de produzir jóias, porém, muito soberbo, filho de uma das mais poderosas casas dos Noldors. Tanto as roupas, quanto as moradas e algumas cenas envolvendo esse personagem, aludem aos hábitos dos elfos como tendo sido cada vez mais refinados, como é o caso da cena em que ele confronta seu irmão diretamente, devido às intrigas de Melkor. Nessa passagem, o local

⁸² Tolkien não fala em hábitos refinados ou em hábitos polidos em relação aos elfos. Esses são termos que ele pouco utiliza em toda a sua obra. Assim, a ideia de que há um processo de refinamento dos hábitos na obra de Tolkien é algo atribuído por essa pesquisa, à medida que se percebe que no decorrer da narrativa os elfos são mostrados como cada vez mais tendo hábitos mais refinados.

⁸³ Ver: Trecho 96, anexo capítulo 1.

em que eles se encontram é brevemente descrito como um palácio, tendo uma corte (TOLKIEN, 2009 A, p. 46 – 47)⁸⁴, o que indicaria então hábitos cortesês⁸⁵.

Na narrativa, Fëanor é condenado a viver no norte de Aman pelos Valars e lá ele, junto aos seus filhos, produziu uma bela morada, o que é outro indício de que os elfos ali tenham adquirido hábitos bastante refinados (TOLKIEN, 2009 A, p. 48)⁸⁶. Nesses relatos dos elfos em Aman, pouco se fala de como se dava a alimentação desses personagens, embora, em um determinado momento é citado um festejo grandioso (TOLKIEN, 2009 A, p. 51)⁸⁷.

O festejo como ideia faz supor que na narrativa de Tolkien ele propõe um hábito refinado aos elfos, de se alimentar em conjunto, educadamente, em meio aos festejos em uma data considerada como especial para todos. Pressupõe-se, pois, a interação social, com um ritual à mesa, bem como com uma ritualização em torno da data que se está festejando.

Para um autor instruído como Tolkien, pode-se supor que ele pensou o festejo como uma confraternização social e não apenas como um aglomerado de pessoas se amontoando de forma desordenada para comer. A ideia de um festejo em meio a um grande salão, as belas roupas, jóias e ornamentos, faz supor que se trataria de uma interação em conjunto a diálogos e com ordenamento.

Dessa forma, nos relatos sobre os elfos em Aman, vê-se um processo gradativo ocorrendo em meio à narrativa, cujos elfos são encontrados por criaturas angelicais, os Valars, em seguida, são levados para uma terra de bem aventurança, sendo instruídos nesse local e ganhando um alto grau de polidez em seus hábitos. Esses hábitos polidos, por sua vez, como se verá adiante, são levados para a Terra Média e difundidos entre alguns dos povos que ali habitam, cujos costumes seriam menos polidos.

⁸⁴ Ver: Trecho 97, anexo capítulo 1.

⁸⁵ Segundo Perry Anderson a ideia de uma corte é diferente de um mero salão em que o rei governa. A corte pressupõe toda uma série de hábitos e de cerimoniais adotados pelo rei e pelas pessoas da nobreza ao seu redor, o que difere dos hábitos mais rústicos de uma elite guerreira e seus hábitos anteriores dentro dos castelos. Ver: ANDERSON, 1994, p. 84 – 111.

⁸⁶ Ver: Trecho 98, anexo capítulo 1.

⁸⁷ Ver: Trecho 99, anexo capítulo 1.

1.4.2 Os hábitos superiores dos elfos noldors e os hábitos dos homens e dos demais elfos da Terra Média: representações de hábitos em três escalas de valor.

Após a menção desse festejo em Valinor, o próximo indício da ideia de hábitos na obra de Tolkien se remete ao momento em que os elfos noldors já haviam saído da terra de Aman e se estabelecido na Terra Média. Nessa fase da narrativa os noldors estabelecem reinos na Terra Média e ao mesmo tempo entram em contato com os elfos teleri que não haviam migrado antes para Valinor (TOLKIEN, 2009 A, p. 64 – 69).

Nesse ponto do enredo, há algumas menções aos hábitos refinados dos elfos, sobretudo dos noldors, sendo contrapostos aos costumes mais rudes dos primeiros homens que chegam ao Oeste e são encontrados pelos elfos. É possível evidenciar que os hábitos dos noldors eram mais polidos, já que eles conheciam moradias e alimentações mais refinadas, enquanto os edains viviam de forma rústica.

Primeiramente esses homens são apresentados como discípulos dos elfos escuros que ainda eram nômades e que não foram para Valinor, por isso, sendo elfos com menor nível de organização e, por conseguinte, tendo também hábitos menos polidos (TOLKIEN, 2009 A, p. 75)⁸⁸.

Os homens, por sua vez, só são apresentados estabelecendo moradias fixas e depois sociedades organizadas a partir do momento em que os elfos noldors lhes ensinam isso, o que evidencia que esses eldar teriam um maior nível de polidez, enquanto os edain estariam ainda em um estágio mais rudimentar (TOLKIEN, 2009 A, p. 111)⁸⁹.

Esse é um momento da narrativa em que a ideia de superioridade e inferioridade dos hábitos são apresentados, de forma que os elfos que foram para Amam são descritos como tendo hábitos mais polidos, sendo mais civilizados que os demais elfos e do que os homens (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Nos tempos do cerco feito contra Angband, algumas menções aos hábitos dos elfos e dos homens das três casas amigas dos elfos são brevemente feitas, em torno dessa relação de aprendizado dos homens com os elfos, pois fala-se de uma situação em que os edain prestam serviços aos grandes senhores élficos e passam cada vez mais a copiar-lhes a cultura, falando a língua dos noldors e aprendendo com eles em tudo,

⁸⁸ Ver: Trecho 100, anexo capítulo 1.

⁸⁹ Ver: Trecho 101, anexo capítulo 1.

inclusive na forma de vestir, de fazer suas casas e fortificações, bem como na forma de fazer seus armamentos e também na alimentação, na medicina e nos hábitos corriqueiros, de respeito e de convívio cotidiano (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Dessa forma, os elfos teriam civilizado esses homens, feito-os passarem de um estágio quase tribal para um nível de organização social mais complexo, o que também ocorre em relação aos hábitos, que são então apresentados como se tornando cada vez mais polidos, a medida que esses homens aprendem com os elfos.

Isso é apresentado quando os rapazes, filhos dos homens, vão prestar serviços aos reis élficos, bem como nos trechos em que os edains são descritos se comprazendo com os eldar, passando o maior tempo possível com eles, habitando então as suas terras e aprendendo com tudo o que podiam⁹⁰.

Essas ideias dentro do enredo seriam representações de princípios que circulavam nos tempos de Tolkien, cuja bibliografia mais recente aponta como sendo uma forma de pensar muito forte nesse período. Assim, Tolkien estaria representando a ideia de povos mais avançados civilizando e levando os seus hábitos mais polidos aos povos menos desenvolvidos, tal como era defendido pela ótica das missões civilizadoras do Ocidente.

1.4.3 Os homens da Casa de Hador com hábitos polidos e os orientais com hábitos rudes

Os homens da casa de Hador, por exemplo, que são os principais discípulos dos elfos, são descritos como tendo se tornado cordiais e hospitaleiros, tendo desenvolvido hábitos bastante educados e corteses. Isso é apresentado principalmente em comparação aos homens orientais que haviam invadido a região em que habitavam esses homens. Quando o personagem Túrin, herdeiro da casa de Hador, chega a sua antiga terra, que estava sob domínio dos orientais, o local é descrito como habitado por pessoas rudes, sendo que a narrativa dá a entender que antes, nos tempos dos homens da casa de Hador, essa situação era diferente e que o lugar fora uma terra de bons costumes.

Apesar de haverem se passado 23 anos desde que pisara aquela trilha, ela estava gravada em seu coração, tão grande fora o pesar de cada passo ao separar-se de Morwen. Assim chegou por fim à terra de sua infância. Estava árida e deserta. **Ali as**

⁹⁰ Ver: Trecho 102, anexo capítulo 1.

peessoas eram escassas e rudes, e falavam o áspero idioma dos Orientais enquanto o idioma antigo se tornara a língua dos servos, ou dos inimigos. (TOLKIEN, 2009 A, p. 185). Grifos meus

A idéia de hábitos de cortesia aparece em diversos trechos dos relatos sobre a casa de Hador, cujos membros se mostram como heróis importantes dentro da narrativa de Tolkien. Dessas cortesias dos homens da Casa de Hador, é possível evidenciar a prática da hospitalidade aos mais necessitados. Esse hábito acolhedor é apresentado quando Túrin chega à região e é recebido na casa de Aerin, uma mulher proveniente da casa de Hador, que havia sido tomada a força como esposa por um oriental de nome Brodda. Nesse ponto da narrativa alguns homens mantêm o que é descrito como os modos mais gentis de outrora naquela região, o de acolher estranhos, sendo que isso se daria graças à intervenção de Aerin.

Túrin foi, exausto da caminhada e de tristeza, implorando abrigo; e este lhe foi concedido, **pois alguns dos modos mais gentis de outrora lá ainda eram mantidos por Aerin**. Deram-lhe um lugar perto do fogo, entre os criados, na companhia de alguns errantes tão sinistros e esgotados quanto ele; e perguntou por notícias da terra. (TOLKIEN, 2009 A, p. 185). Grifos meus.

— Se precisa falar a língua antiga, rapaz — disse-lhe um velho errante —, fale-a mais baixo e não pergunte por notícias. Gostaria de ser espancado como delinqüente ou enforcado como espião? Pois você pode ser ambos, a julgar por sua aparência. O que significa apenas — disse, aproximando-se e falando baixo no ouvido de Túrin — **alguém da gente bondosa de antigamente**, que veio com Hador nos dias de ouro, antes que as cabeças usassem pêlo de lobo. Alguns daqui são dessa espécie, apesar de terem se tornado mendigos e escravos; e, não fosse pela Senhora Aerin, não ganhariam nem este fogo nem este caldo. De onde é você, e que notícias deseja? (TOLKIEN, 2009 A, p. 186). Grifos meus.

O hábito da hospitalidade é então apresentado como um valor, quando Aerin cuida para que os errantes sejam acolhidos, ao passo que os orientais tratam o antigo povo da terra da pior maneira possível. O mesmo ocorre em relação ao rei Turgon, descrito acolhendo Túrin, mostrando então um gesto hospitaleiro para com alguém em dificuldade.

Os hábitos polidos, por sua vez, são apresentados como um valor em meio ao enredo, o que pode ser visto, por exemplo, no relato sobre Turin e sua morada na casa de Turgon.

Nessa narrativa sobre Túrin, muitos anos se passaram e ele se tornou um grande guerreiro a serviço de Turgon, porém, nesse reino ele fez um inimigo, um elfo chamado Saeros, descrito como muito soberbo. Em determinado momento, Túrin e Saeros entram em conflito e boa parte dessa briga ocorre porque Saeros ofende Túrin, falando que as mulheres de seu povo eram selvagens, com costumes rudes, o que evidencia que no enredo de Tolkien os hábitos refinados são considerados como algo de valor, tanto para os elfos quanto para os homens, sendo por isso um assunto capaz de gerar ofensa.

— Sem dúvida, homem de Hithlum, você chegou às pressas a esta mesa, e pode ser desculpado por seu manto esfarrapado; mas não precisa deixar sua cabeça desgrenhada como uma moita de sarças. E talvez, se suas orelhas estivessem descobertas, ouvisse melhor o que lhe dizem.

Túrin nada disse, mas voltou os olhos para Saeros, e havia um rebrilhar no escuro deles. Mas Saeros não atentou para o aviso, e devolveu o olhar com desprezo, dizendo para que todos ouvissem: — **Se os homens de Hithlum são tão selvagens e cruéis, de que espécie são as mulheres daquela terra? Correm como corças, vestidas apenas com seus cabelos?** (TOLKIEN, 2009 B, p. 140 – 141). Grifos meus.

Com problemas que lhe surgiram na casa de Turgon, Túrin acabou por se tornar um errante e em meio a muitas aventuras, juntando-se a outros próscritos por algum tempo, organizando-os e os tornando um pouco mais aptos a conviverem em sociedade, pois antes eles pertenciam também às três casas dos amigos dos elfos, mas eram homens que se tornaram violentos e quase selvagens, devido à guerra e ao exílio (TOLKIEN, 2009 B, p. 150 – 164). Depois de perder a companhia desses homens, Túrin decidiu buscar por sua mãe e irmã, para saber onde elas se encontravam e se estavam em segurança, sendo ele já um guerreiro experimentado em muitas batalhas, o que o capacitava a defendê-las e a resgatá-las, se assim fosse necessário (TOLKIEN, 2009 A, p. 132 – 190).

Foi nesse ponto da narrativa que Túrin encontrou sua antiga casa vazia e saqueada, então ele decide ir até a casa de sua tia, irmã de sua mãe, uma mulher que havia sido tomada à força como esposa por um oriental. Chegando ao local, com roupas esfarrapadas, Túrin é recebido em volta de uma lareira, mantida ali por sua tia para receber as pessoas necessitadas que chegavam, precisando de um abrigo, de comida e de um lugar quente. Aquilo era o máximo que ela conseguia oferecer, diferentemente da época do povo de Hador (TOLKIEN, 2009 B, p. 185 – 190).

No local, Turin vê a situação e conversa com outros de seu povo que estavam ali, como mendigos perto da fogueira, depois, ele vai até o oriental dono da casa e o interpela, mostrando como era diferente o tratamento antes, educado, e o atual, com falta de cortesia. A situação termina com uma luta entre Túrin e os orientais, em que os orientais são vencidos e Túrin foge levando alguns homens com ele.

Os costumes dos orientais são então apresentados em contraponto aos dos homens da casa de Hador, os primeiros com hábitos cruéis, sem polidez, alimentando-se em uma mesa, sem qualquer refinamento, os segundos, com mais refinamento e com polidez, tendo o hábito da gentileza, da hospitalidade e da educação.

Com isso, entrou no salão, tirou o capuz, e, empurrando para o lado todos que estavam em seu caminho, dirigiu-se para a mesa onde estavam sentados o dono da casa e sua esposa, e outros senhores Orientais. Então alguns correram para agarrá-lo, mas ele os lançou ao chão.

— **Ninguém comanda esta casa, ou é ela uma toca de orcs?** — gritou — Onde está o dono? (TOLKIEN, 2009 B, p. 189). Grifos meus.

— **Então não aprendeu a cortesia que havia nesta terra antes de você.** Agora os homens têm o costume de deixar os lacaios maltratarem os parentes das esposas? Sou um deles, e tenho um mandado para a Senhora Aerin. Devo vir em liberdade, ou devo vir como quero? (TOLKIEN, 2009 B, p. 189). Grifos meus.

A interpelação de Túrin sobre os costumes dos orientais evidencia essa relação, em que os hábitos dos homens da casa de Hador são entendidos como mais refinados, ao passo que ele compara o lugar a uma toca de orcs, fazendo um juízo de valor pejorativo sobre esses homens orientais e também sobre os orcs, por seus hábitos considerados menos refinados.

No artigo “Monsterized Saracens,” Tolkien’s Haradrim, and Other Medieval “Fantasy Products”, publicado em 2010, Margaret Sinex defende uma perspectiva semelhante para os orientais representados no livro “O Senhor dos Anéis. Sinex argumenta que os orientais na obra de Tolkien, são descritos com cores exóticas, com pele escura e com atitudes bárbaras e animalizadas. Ao mesmo tempo, a autora enfatiza essa mesma característica sendo encontrada na literatura inglesa desde o período medieval, embora ela afirme que os haradrins e sulistas de Tolkien são menos bestializados do que os sarracenos encontrados na literatura medieval inglesa, ao passo que ela salienta que na obra de Tolkien, quanto mais a Oriente, mais bestializado é o oriental (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

A análise de Sinex pode ser de fato comprovada em diversos trechos em que a obra de Tolkien apresenta os orientais como inferiores, exóticos e bárbaros.

Já Liebherr, em sua tese, defende uma perspectiva diferente para os orientais na obra de Tolkien. Para Liebherr, embora os orientais sejam por diversas vezes tidos como inimigos, essa visão não seria propriamente do autor, mas sim, dos personagens que dentro do enredo teriam uma longa história de luta e inimizade com esses orientais e por isso os veriam com uma visão marcada por essas relações. Em contrapartida, Liebherr defende que Sam, em dado momento, ao ver um sulista caído em combate, trataria esse indivíduo de forma humanizada, se questionando sobre os motivos que o levaram para a guerra. E por fim, Liebherr salienta que no fim do livro “O Senhor dos Anéis”, Gondor busca firmar a paz com os orientais, cessando o confronto e reestabelecendo as relações comerciais entre esses povos (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

A análise de Liebherr, no entanto, pode ser questionada em vários pontos. Em primeiro lugar, não é possível desvincular a visão do autor do que é apresentado por seus personagens heróicos dentro da trama. Sob inúmeros aspectos, os personagens apresentados como sendo aqueles do lado bom, apresentam o ponto de vista do autor, pois o autor não apresentaria um ponto de vista contrário as suas crenças como algo bom ou como sendo defendida por seus heróis. Logo, se os personagens heróicos são apresentados vendo os orientais de forma pejorativa, essa representação parte do autor e é apresentada como a visão correta dentro do enredo.

O trecho em que Sam é visto se questionando sobre o sulista caído pode ser interpretada de outra forma. O personagem se questiona sobre o que teria levado aquele indivíduo a abandonar o seu lar para ir lutar longe de casa e se ele não teria preferido ficar lá em paz, ou ainda, que mentiras e ameaças Sauron poderia ter usado para fazê-lo lutar. Assim, se por um lado o hobbit mostra um certo sentimento de pena do homem morto, ele também o vê como um indivíduo suscetível, sem vontade própria, ameaçado e incapaz, portanto, de escolher o caminho do bem, o que se aproxima das formas como os orientais eram interpretados pela cultura europeia do período, como indivíduos incapazes de se auto-governarem, como bárbaros e pouco refinados.

Além disso, os sulistas continuam a ser apresentados, mesmo na cena em que Sam vê o sulista caído, como exóticos, usando roupas estranhas, montados em um

elefante gigantesco e monstruoso, enfim, em um tom que distoa do refinamento dos homens de Gondor e seus costumes polidos, apresentados ali em contraste.

Dessa forma, a partir dos exemplos elencados, a obra de Tolkien outorga a ideia de hábitos refinados em referência aos homens da Casa de Hador, principais discípulos dos elfos, bem como a de hábitos rudes aos homens orientais, principais homens inimigos dos elfos e servidores de Morghot. Assim, o enredo apresenta uma gradação entre os hábitos, de forma que os elfos seriam os mais polidos, seguidos dos homens das três casas dos amigos dos elfos e, por último, como rudes, estariam os homens orientais.

Representações semelhantes são vistas em outros pontos da obra de Tolkien, principalmente em comparação com modelos de povos que estariam em estágios desiguais e teriam, da mesma forma, hábitos diferentes, uns mais refinados, outros menos, em uma escala de gradação, que na narrativa, parece ter os Valars e os elfos como os mais refinados em hábitos, da mesma forma que seriam os mais avançados e os que teriam maior progresso em suas sociedades.

Nesse trecho sobre Túrin e suas aventuras, muitas ideias sobre hábitos civilizados e hábitos rudes que podem se referir as teorias civilizacionais do século XIX e do início do século XX podem ser encontradas, pois apresenta-se um lado como civilizado, tendo sido, por sua vez, refinado em seus hábitos através do aprendizado com um povo tido como superior. Em contraponto, há o contato com povos tidos como bárbaros, que possuem hábitos cruéis e rudes e que invadem a terra desses homens, descritos como já bastante polidos.

Essa ideia de um choque entre realidades sociais conflitantes e díspares seria, em grande parte, uma representação do modo de pensar do tempo em que Tolkien escreveu, cuja historiografia mais recente sobre o assunto (MIRANDA, 2014, p. 1 – 12) indica ser uma visão bastante comum na época, a de que os povos estavam todos em estágios diferentes, porém, em constante contato, ao passo que os mais evoluídos civilizavam alguns mais rudes, enquanto outros, de certa forma, eram incivilizáveis (CASTRO, 2005, p. 4 – 18). Esse modo de interpretar o mundo e a relação entre sociedades diversas, sob inúmeros aspectos, estaria representado nesse trecho sobre Túrin, cuja barbárie dos orientais e dos orcs se contrasta com os hábitos gentis e bons dele e de seu povo.

Essa relação entre hábitos diferenciados pode ser vista na narrativa sobre o personagem Tuor e sua missão na cidade élfica de Gondolin. Nessa narrativa, a cultura

élfica é apresentada como altamente sofisticada, ao passo que os orcs são apresentados como animalizados.

1.4.4 Os hábitos e as vestimentas na passagem de Tuor pelos portões de Gondolin e animalidade dos orcs

No trecho em que se descreve o trajeto feito por Tuor até Gondolin, os hábitos também são apresentados como algo diferenciado dentro da obra de Tolkien. Tuor, em seu trajeto, encontra antigas fortificações dos elfos nas praias e ali descobre belos salões, com sinais de que o lugar era habitado por pessoas de grande estirpe (TOLKIEN, 2009 B, p. 62 – 63)⁹¹.

Ali também ele encontra uma armadura e armas, ao passo que recebe o sinal de que elas estão ali o aguardando, por isso, ele as veste, tomando posse daquelas relíquias e depois sendo incumbido pelo próprio Valar Ulmo de levar suas mensagens até Gondolin, sendo guiado por um elfo (TOLKIEN, 2009 B, p. 63 – 73).

No caminho, Tuor passa por grandes desafios, até ser guiado pelos guardas de Gondolin ao primeiro dos sete portões que guardavam a cidade secreta do rei Turgon, sendo que ali a organização e os hábitos refinados daquela sociedade ficam são descritos, evidenciando como o local se mostrava preparado para resistir aos inimigos e, ao mesmo tempo, possuía um bom padrão de vida para os seus habitantes (TOLKIEN, 2009 B, p. 73 – 91).

Cada portão é apresentado com um material mais nobre do que o anterior, bem como com ornamentos cada vez mais bem trabalhados, ao passo que as forças armadas que guardavam cada um dos portões era condizente com o mesmo, organizados, bem vestidos e bem armados, com um refinamento que se apresenta contrastando com o que é narrado pouco antes em relação aos orcs.

Cada um dos portões de Gondolin apresenta um grau de refinamento e ornamento diferente, sendo que o primeiro é mais simples e rústico e os demais são mais refinados e belos de forma gradativa, sempre havendo um aumento de beleza e de refinamento conforme o portão acima é apresentado.

Não obstante, cada tropa apresentada após os portões é mais sofisticada que a anterior.

⁹¹ Ver: Trecho 103, anexo capítulo 1.

O portão de madeira é descrito como bem ornado e pouco vigiado (TOLKIEN, 2009 B, p. 94). O segundo portão, de pedra, é relatado como bem formado em meio a uma muralha do mesmo material, ao passo que atrás dele, em um pátio, guardando-o, estavam guardas armados, trajados de cinza (TOLKIEN, 2009 B, p. 96).

O terceiro portão, de bronze, estava afixado em uma muralha maior do que a anterior, com adornos e placas de bronze representando figuras e sinais. Atrás dele havia uma companhia maior de guardas, em relação a anterior, sendo que suas vestimentas são também mais suntuosas (TOLKIEN, 2009 B, p. 97)⁹².

O quarto portão, de ferro forjado, é ainda mais bem ornado e trabalhado que o anterior, tendo como enfeite uma escultura de uma grande águia. Os guardas desse portão usavam armamentos e roupas características, com elmos em formato de águia e tecidos negros⁹³.

O quinto portão, de prata, estava em meio a uma muralha toda de mármore branco, com muitos ornamentos entre o portão e a muralha. Sobre os muros havia arqueiros vestidos de branco, com cotas “de malha de prata e elmos de cristas brancas⁹⁴”.

O sexto portão era de ouro e estava afixado em uma estrutura bem semelhante ao anterior, porém, com a predominância da cor dourada. Muitas pedras preciosas são relatadas ornando esse portão. Os arqueiros que o guardavam também usam roupas e armamentos de ouro (TOLKIEN, 2009 B, p. 99)⁹⁵.

O último portão, de aço, era chamado de o grande, devido ao seu tamanho, tendo também grandes torres. Os guerreiros que o guardavam são narrados apenas como sendo cavaleiros, porém, o líder que guardava esse portão, chamado Ecthelion, é apresentado como um grande senhor, ornado com vestimentas de grande nobreza (TOLKIEN, 2009 B, p. 100)⁹⁶.

Nesses trechos sobre os portões de Gondolin, mostra-se um refinamento em relação à arquitetura, feita com muito cuidado, com representações significativas para aquele povo que ali vivia. Ao mesmo tempo, o local é descrito como organizado e preparado para os fins práticos, o de defender a cidade. As vestimentas e a educação dos

⁹² Ver: Trecho 104, anexo capítulo 1.

⁹³ Ver: Trecho 105, anexo capítulo 1.

⁹⁴ Ver: Trecho 106, anexo capítulo 1.

⁹⁵ Ver: Trecho 107, anexo capítulo 1.

⁹⁶ Ver: Trecho 108, anexo capítulo 1.

soldados de Gondolin são relatadas com uma polidez de hábitos e organização extrema. Em contrapartida, os orcs, com os quais Tuor havia se deparado pouco tempo antes, são descritos tendo um sentido animalesco mais aguçado, o de farejar como os cães, bem como produzindo gritos selvagens⁹⁷.

Dentro desses trechos da narrativa, há uma oposição binária entre aqueles organizados, com hábitos polidos, e aqueles animalizados, com hábitos grosseiros, sendo que essa polarização é apresentada de forma valorativa, colocando os elfos como superiores, bons, polidos, bem como Tuor, o homem que os ajuda, em detrimento aos orcs, como bestiais, desorganizados, com hábitos grosseiros. A arquitetura, por sua vez, é utilizada como um elemento para apresentar a polidez e a superioridade técnica e educacional de um dos lados, enquanto o outro é narrado com atitudes grotescas.

A ideia de uma oposição entre animalizados e polidos, que estaria presente na obra de Tolkien, frente aos exemplos aqui colocados, é uma perspectiva que circulava com bastante ênfase nos meios intelectuais europeus, como uma forma de diferenciar as pessoas por classe social e também por origem nacional (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

Norbert Elias, em seu estudo clássico sobre o processo civilizador, enfatiza que a ideia de povos e classes sociais civilizados era algo construído no pensamento europeu por aqueles que se entendiam como tais, que interpretavam os seus hábitos como mais polidos e como superiores, em detrimento aos povos tidos como primitivos e inferiores e das classes sociais mais baixas (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21). Nessa pesquisa, Elias defende que a ideia de civilizados, de ter atitudes civilizadas era algo valorativo, que não se referia meramente a ter higiene e educação, mas que era algo que distinguia, que mostrava o lugar de cada indivíduo na sociedade, que estabelecia normas do que é certo e errado, e que legitimava o domínio político e a ideia de superioridade, através dessa distinção (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 28, 38).

Pode-se entender que esse modo de pensar está contido e representado nessas passagens da obra de Tolkien, cujos indivíduos entendidos como superiores são assim apresentados e legitimados como tais a partir de seus hábitos, de sua beleza, de sua superioridade, que é anunciada através de alguns mecanismos, dentre os quais a ideia de hábitos superiores, em detrimento aos hábitos inferiores, grosseiros e animalizados dos Outros, dos inimigos.

⁹⁷ Ver: Trecho 109, anexo capítulo 1.

Elias fala também da ideia dos hábitos animalizados em seu estudo, enfatizando que a perspectiva de tratar como animalizados os hábitos das outras classes sociais e dos outros povos entendidos como inferiores era uma das formas que a classe alta europeia desenvolveu para se diferenciar, para tentar marcar a sua diferença e se colocar como superior e, portanto, como detentora legítima de poder e autoridade sobre os outros. Assim, a ideia de tratar os outros hábitos como errados e como animalizados, em detrimento aos seus hábitos como bons, polidos, civilizados e como corretos seria uma das estratégias de auto-representação e auto-identificação das classes altas europeias para consolidar o seu poder e, ao mesmo tempo, para se colocarem como superiores e se justificarem como tal (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 193 – 210).

Após a Revolução Francesa, segundo Elias, em que as velhas elites da nobreza perdiam cada vez mais poder para uma nova classe dominante pertencente à burguesia, os hábitos da nobreza foram sendo passados para essa nova elite, que se mesclava com a velha através de casamento e através da compra dos títulos, sendo que ter esses costumes considerados como refinados era essencial para que essa nova classe dominante ganhasse o status que almejava, se diferenciando das camadas mais populares e também da população colonial, de locais como a Índia, a Argélia e o Egito. Os hábitos tidos como civilizados passaram a ser então um divisor de águas entre as classes dominantes e as classes mais baixas, bem como entre europeus e os não europeus, de forma que se entendia que os costumes aos moldes desenvolvidos pelas elites europeias era um sinônimo de hábitos corretos, enquanto os demais costumes eram errados (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65 – 73).

A situação não teria sido diferente no âmbito inglês, com o crescimento de uma burguesia ascendente e com o aburguesamento de uma baixa nobreza que se tornou empreendedora. Nesse contexto, os hábitos tidos como refinados, bem como as vestimentas e as residências ornadas se constituíram como aquilo que diferenciava as pessoas e que dava o status almejado, distinguindo a nova burguesia e a baixa nobreza dos velhos plebeus (BRESCIANI, 1982, p. 22 – 48).

Sob inúmeras formas, esse modo de pensar permaneceu inalterado, ou pouco modificado durante todo o século XIX e primeira metade do século XX, sendo um senso comum no pensamento europeu (BRESCIANI, 1982, p. 109 – 122).

Os estudos mais recentes sobre o assunto corroboram a obra de Elias, enfatizando o caráter segregador da construção discursiva da ideia de hábitos polidos,

como algo que produzia um valor binário entre aqueles que eram tidos como refinados e, portanto, civilizados, e os que eram entendidos como rudes e bárbaros (MIRANDA, 2014, p. 1 – 12).

Tolkien parece corroborar essa perspectiva, ao representar a ideia de seus personagens mais nobres, com características europeias, tendo esses hábitos, ao passo que representa os inimigos desses indivíduos nobres como tendo hábitos rústicos e grosseiros, também mostrados como nojentos, em alguns momentos da narrativa, como se verá.

1.4.5 Os hábitos dos Númenorianos

Na obra de Tolkien, os homens das três casas dos amigos dos elfos, principalmente os homens da Casa de Hador, tornam-se os númenorianos, homens que recebem inúmeras bênçãos dos Valars. Esses indivíduos, como já se discutiu, se tornam aqueles com um nível de progresso mais alto em meio ao enredo, com uma sociedade entendida como mais avançada. Contudo, pouco se fala dos hábitos desses homens, embora as poucas menções existentes levam a crer que se trata da população humana também com o maior grau de polidez em seus hábitos.

Os númenorianos são descritos aprendendo diversas coisas com os Valars e com os elfos, sendo que a partir desses aprendizados, constroem uma série de tradições, como a de prestar culto a Eru Ilúvatar na montanha mais alta de Númenor, ou de colocar o ramo de uma determinada árvore nas embarcações dos viajantes, ou dar festejos públicos para anunciar o novo herdeiro do trono. Todos esses costumes, cada um ao seu modo, são realizados pela população de Númenor com grande refinamento.

O culto a Eru Ilúvatar, na montanha, é realizado com uma marcha organizada, cheia de rituais, como uma mostra de respeito, em meio a uma hierarquia no cortejo (TOLKIEN, 2009 B, p. 281 – 283). O mesmo ocorre nos relatos sobre as mulheres colocando ramos nas embarcações dos viajantes, algo apresentado como um hábito de boa sorte, mas também de solidariedade e de cortesia para com aqueles que arriscavam a vida nos mares desconhecidos (TOLKIEN, 2009 B, p. 299).

Os festejos públicos para o anúncio do novo herdeiro ao trono são também descritos como algo que ocorria em meio a uma grande comemoração, com um

banquete cujos hábitos polidos ocorrem em meio a uma ritualização em um ambiente de corte (TOLKIEN, 2009 B, p. 295 – 296).

Os relatos sobre os hábitos refinados dos númenorianos, no entanto, ficam mais evidentes em relação aos seus descendentes, os homens de Gondor, que são descritos como continuadores dos costumes númenorianos⁹⁸.

Esses hábitos apresentados na narrativa possuem as mesmas características descritas por autores como Norbert Elias e corroboradas pelos estudos mais recentes (CUCHE, 1999, p. 17 – 32, PILLA, 2003, p. 105 – 134 e MIRANDA, 2014, p. 1 – 12), como sendo um dos aspectos fundamentais da construção de uma sociedade entendida como tendo hábitos refinados, pois esses costumes polidos eram construídos como ingredientes que buscavam compor uma civilidade que seria ao mesmo tempo pertencente a uma determinada classe social, mas que, por sua vez, buscava acionar ideários coletivos. Assim, as sociedades modernas, em seus ritos religiosos e também em suas comemorações cívicas, construíam todo um aparato de rituais e festejos que seguiam uma série de pré-requisitos, sendo que em meio a eles os hábitos polidos da classe mais abastada eram então apresentados como algo público, diferenciando as classes mais abastadas e, ao mesmo tempo, mostrando as classes mais pobres os costumes entendidos como corretos.

Os trechos que evidenciam a polidez dos homens de Númenor representam tais ideias, a de um rito cívico-religioso, em meio a hábitos polidos, conduzidos pelos indivíduos mais nobres e abastados e copiados pelos demais, que tratavam os primeiros com reverência. Assim, a ordem social se mostra estabelecida dentro do enredo, ao passo que os hábitos polidos são mais uma vez apresentados como algo valorativo, que se contrasta, por sua vez, com os hábitos menos polidos dos demais povos humanos nessa fase do enredo.

1.4.6 Os hábitos dos hobbits no livro O Hobbit

Uma das descrições mais detalhadas sobre hábitos na obra de Tolkien se encontra no livro “O Hobbit”, em que o protagonista é um hobbit chamado Bilbo

⁹⁸ Os costumes dos homens de Gondor serão retomados mais a frente, em conjunto aos demais povos que são descritos na trilogia O Senhor dos Anéis.

Bolseiro, que mora em uma bela toca de hobbit, em um local conhecido como Condado, ou como a terra dos pequenos.

A casa de Bilbo, uma toca, é descrita como muito confortável, organizada e mesmo bastante rica e bela, mostrando que os hobbits e em especial esse indivíduo possuíam hábitos sofisticados.

Numa toca no chão vivia um hobbit. **Não uma toca desagradável, suja e úmida, cheia de restos de minhocas e com cheiro de lodo; tampouco uma toca seca, vazia e arenosa, sem nada em que sentar ou o que comer: era a toca de um hobbit, e isso quer dizer conforto.**

A toca tinha uma porta perfeitamente redonda como uma escotilha, pintada de verde, com uma maçaneta brilhante de latão amarelo exatamente no centro. A porta se abria para um corredor em forma de tubo, como um túnel: **um túnel muito confortável**, sem fumaça, com **paredes revestidas e com o chão ladrilhado e atapetado, com cadeiras de madeira polida e montes e montes de cabides para chapéus e casacos** - o hobbit gostava de visitas. O túnel descrevia um caminho cheio de curvas, afundando bastante, mas não em linha reta, no flanco da colina - A Colina, como todas as pessoas num raio de muitas milhas a chamavam -, e muitas portinhas redondas se abriam ao longo dele, de um lado e do outro. Nada de escadas para o hobbit: **quartos, banheiros, adegas, despensas (muitas delas), guarda-roupas (ele tinha salas inteiras destinadas a roupas), cozinhas, salas de jantar, tudo ficava no mesmo andar, e, na verdade, no mesmo corredor.** Os melhores cômodos ficavam todos do lado esquerdo (de quem entra), pois eram os únicos que tinham janelas, janelas redondas e fundas, que davam para o jardim e para as campinas além, que desciam até o rio. (TOLKIEN, 2010 D, p. 9). Grifos meus.

Após essa descrição, Bilbo se vê em contato com um Mago chamado Gandalf e o convida para um chá no dia seguinte. Gandalf, no entanto, tramava levar Bilbo em uma aventura, junto a um grupo de anões, que tinha por objetivo recuperar tesouros escondidos de seus antepassados, que estavam agora sob o poder de um dragão (TOLKIEN, 2010 D, p. 30 – 31). Como sabia que Bilbo não aceitaria tal jornada, o Mago manda que os anões cheguem à casa do hobbit no horário do chá para o qual ele havia sido convidado, para que aos poucos eles pudessem convencê-lo a entrar naquela empreitada.

Quando os anões chegam à casa de Bilbo é possível perceber na descrição feita por Tolkien, um pouco dos hábitos dos hobbits, que nos dizeres de Tolkien, embora fossem pessoas muito simples, eram também, em sua maioria, bastante educados, ainda que não fossem tão refinados quanto os elfos de Valíndria, ou os homens de Rohan e Gondor, como se verá adiante. A casa de Bilbo é descrita como sendo espaçosa para um hobbit, com muitas coisas acumuladas e bem organizadas, bem como com uma cozinha sempre farta, sendo que fica explícito que seus hábitos alimentares possuem certa

polidez, pois ele sempre se alimenta a mesa, usando talheres, pratos e vasilhas, sendo alguns desses instrumentos de cozinha feitos mesmo de materiais mais nobres (TOLKIEN, 2010 D, p.16 – 32).

A primeira menção a hábitos alimentares sofisticados em “O Hobbit” é o momento em que o personagem Bilbo Bolseiro convida o mago Gandalf para tomar chá com ele no dia seguinte (TOLKIEN, 2010 D, p. 13)⁹⁹. Essa ação pode ser compreendida como uma descrição de um costume polido por parte dos hobbits, o de tomar chá, um costume que no contexto inglês a qual Tolkien escreve, significa um hábito educado (CUCHE, 1999, p. 23 – 32). Além disso, o hobbit é descrito preocupado em não ser rude, uma inquietação que indica um refinamento de hábitos em relação a esse personagem.

Essa relação de polidez, organização e refinamento continua a ser apresentada, quando Bilbo é narrado usando uma agenda, local em que anotava os seus compromissos. Nesse lugar ele marcou o compromisso e o horário em relação ao chá com Gandalf. Por isso, quando ouviu a batida na porta, Bilbo prepara a mesa, com um pires e uma xícara a mais, colocando a água no fogo para preparar o chá. Esse ato de colocar a mesa com todo o cuidado para receber o seu convidado corrobora a ideia de hábitos polidos em relação a esse personagem, que no caso desse livro específico, é o personagem principal.

No dia seguinte, quase havia esquecido Gandalf. Ele não se lembrava muito bem das coisas, **a não ser que as anotasse em sua Agenda de Compromissos**. Assim: Gandalf - Chá, Quarta-Feira. No dia anterior tinha ficado muito agitado para fazer qualquer coisa desse tipo.

Um pouco antes da hora do chá, um tremendo toque soou na campainha da porta da frente, e então ele se lembrou! **Apressou -se e colocou a chaleira no fogo, pôs na mesa outra xícara e outro pires, um ou dois pedaços de bolo a mais**, e correu para a porta. (TOLKIEN, 2010 D, p. 14). Grifos meus.

A polidez dos hábitos de Bilbo continua a ser apresentada quando ao invés de Gandalf, chegou a sua porta um anão e ele então, por educação, o recebe e o convida para tomar chá com ele, oferecendo a ele chá com bolo (TOLKIEN, 2010 D, p. 14)¹⁰⁰.

⁹⁹ Ver: Trecho 110, anexo capítulo 1.

¹⁰⁰ Ver: Trecho 111, anexo capítulo 1.

Outro anão chega em seguida e Bilbo se vê obrigado a recebê-lo, sendo que ele entende que é seu papel como anfitrião receber bem, de forma que sua preocupação passa a ser com o bolo, se haveria em quantidade suficiente para os dois anões recém chegados e talvez para Gandalf, que havia sido originalmente convidado no dia anterior. Essa situação evidencia a ideia de uma preocupação do personagem em ter hábitos polidos (TOLKIEN, 2010 D, p. 14 – 15)¹⁰¹.

O novo convidado de Bilbo, ao ser recebido e ao ser convidado para o chá diz preferir cerveja, e o anfitrião, mais uma vez em uma prova de cortesia, se prepara para trazer o que o seu hóspede pediu (TOLKIEN, 2010 D, p. 15)¹⁰².

Outros dois anões chegam à casa de Bilbo e ele os recebe com educação, inclusive, colocando-se aos serviços deles e de suas famílias, algo que na narrativa é apresentado como tendo sido por ele se lembrar de seus bons modos (TOLKIEN, 2010 D, p. 15)¹⁰³.

Cinco outros anões chegam à casa de Bilbo e ele continua com a mesma disposição educada, embora estivesse bastante confuso com tudo o que acontecia. Alguns deles pedem cerveja escura, outros pedem cerveja clara e também café, coisa que o hobbit atende prontamente (TOLKIEN, 2010 D, p. 16)¹⁰⁴.

Por fim chegam mais quatro anões, acompanhados pelo mago Gandalf. Todos são recebidos da mesma forma, com cortesia e solicitam alimentos diversos (TOLKIEN, 2010 D, p. 17 – 18)¹⁰⁵.

Essa narrativa da chegada inesperada dos anões mostra um pouco dos hábitos do hobbit Bilbo, personagem principal desse livro. Além dos hábitos polidos do hobbit em receber como um bom anfitrião, a narrativa também evidencia a ideia de um refinamento nos hábitos alimentares, com o uso de xícaras, bules, talheres, além de alimentos muito bem produzidos e distintos, relatando a existência de uma verdadeira culinária, com bolos e bebidas diversificadas. Toda essa relação sugere a ideia de hábitos à mesa, que segundo Elias, norteiam a perspectiva dos hábitos civilizados, em detrimento aos hábitos tidos como incivilizados (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 95 – 134).

¹⁰¹ Ver: Trecho 112, anexo capítulo 1.

¹⁰² Ver: Trecho 113, anexo capítulo 1.

¹⁰³ Ver: Trecho 114, anexo capítulo 1.

¹⁰⁴ Ver: Trecho 115, anexo capítulo 1.

¹⁰⁵ Ver: Trecho 116, anexo capítulo 1.

Esses hábitos incivilizados, como se verá mais a frente, são atribuídos aos orcs, mostrados vivendo em moradias rudes.

Bilbo, após a visita inesperada dos anões, acaba por entrar com eles em uma aventura, sendo que o mago Gandalf foi quem ajudou a convencê-lo disso. Na estrada, em determinado momento, Bilbo se depara com três trolls. É um momento no enredo em que os hábitos dos hobbits são apresentados em comparação aos trolls que eles encontram na estrada, que são narrados vivendo em uma caverna fétida, com vasilhames sujos e rústicos, roubados de suas vítimas, junto a ossos e outros trapos.

Logo que são percebidos pelo personagem Bilbo, os trolls são descritos como diferentes e o linguajar que usavam é apresentado como não sendo adequado para uma sala de visitas. Esse juízo de valor acerca da linguagem evidencia a ideia de hábitos polidos, em detrimento a hábitos rudes, sendo que os hábitos dos hobbits, nesse caso o da linguagem, são tidos ali como os mais polidos, em detrimento aos dos trolls, colocados como totalmente inadequados.

Mas eram trolls. Obviamente trolls. Até Bilbo, apesar de sua vida pacata, podia perceber isso: pelas grandes caras pesadas, pelo tamanho, pelo formato de suas pernas, **para não falar no linguajar, que estava longe de ser adequado para uma sala de visitas, muito longe.** (TOLKIEN, 2010 D, p. 39). Grifos meus.

Em relação aos hábitos, os trolls, diferentemente do hobbit Bilbo e sua casa, são apresentados se alimentando sem nenhum tipo de polidez, comendo uma pata de carneiro e limpando a boca na manga da blusa.

- Arrancou um enorme pedaço da perna de carneiro que estava assando. E limpou os beijos na manga. (TOLKIEN, 2010 D, p. 40).

Essa ideia continua ainda a ser apresentada no trecho em que os trolls são descritos comendo homens, o que seria uma representação de extrema selvageria, que se contrapõe ao modo polido de Bilbo apresentado anteriormente (TOLKIEN, 2010 D, p. 40)¹⁰⁶.

Além da ideia dos trolls se alimentando de forma selvagem, eles também são descritos brigando entre si de forma enlouquecida, em meio a xingamentos, o que

¹⁰⁶ Ver: Trecho 117, anexo capítulo 1.

novamente se contrapõe às representações de polidez presentes nos trechos que descrevem a casa de Bilbo e a forma educada como ele recebeu os seus convidados (TOLKIEN, 2010 D, p. 42)¹⁰⁷.

Os objetos carregados pelos trolls são sujos e fedorentos, em meio a vasilhames jogados ao chão e ossos roídos, de forma desorganizada, destoando da limpeza, polidez e organização mostradas na casa de Bilbo (TOLKIEN, 2010 D, p. 43)¹⁰⁸.

Depois que os trolls são vencidos, Bilbo e seu grupo entram na toca em que essas criaturas se escondiam durante o dia. O lugar é cheio de ossos no chão e com um cheiro nauseabundo. Além disso, o local é desorganizado e tudo o que há de valor ali é produto de saque, o que novamente destoa do que é mostrado na casa de Bilbo (TOLKIEN, 2010 D, p. 47)¹⁰⁹.

Nessa narrativa se percebe a ideia de hábitos diferenciados, sendo que enquanto os hobbits possuem hábitos polidos, educados, os trolls vivem em cavernas, saqueando, na sujeira, e mesmo, ao que tudo indica, se alimentando de carne humana, o que seria um dos sinais de distanciamento dos hábitos polidos.

Dicotomias semelhantes são narradas quando o grupo formado pelo hobbit e pelos anões, subindo em uma montanha, acaba por se deparar com um local que seria a morada de orcs da montanha. De forma muito semelhante a dos trolls, os orcs vivem na sujeira, se alimentando de forma grotesca, vivendo na escuridão, o que é descrito como sendo repugnante aos olhos dos personagens principais.

A primeira descrição deles os narra em grande número, prendendo os aventureiros e os forçando a andar em um local muito escuro com um ar abafado, sendo descritos também como muito rudes, beliscando e rindo com vozes descritas como terríveis.

Agarraram Bilbo e os anões e os forçaram a andar. Estava muito, **muito escuro**, uma escuridão em que apenas orcs acostumados a viver no coração das montanhas conseguem enxergar. Os corredores se cruzavam e se emaranhavam em todas as direções, mas os orcs sabiam o caminho, tão bem como vocês sabem o caminho para o correio mais próximo; e o caminho descia mais e mais, e **o ar estava terrivelmente abafado. Os orcs eram muito rudes, e beliscavam sem dó, riam e gargalhavam com suas vozes horríveis e cruéis**; Bilbo estava ainda mais infeliz do que na ocasião em que o troll o suspendera pelos pés. Mais uma vez desejou muito estar em sua toca de hobbit. Não pela última vez. (TOLKIEN, 2010 D, p. 65). Grifos meus.

¹⁰⁷ Ver: Trecho 118, anexo capítulo 1.

¹⁰⁸ Ver: Trecho 119, anexo capítulo 1.

¹⁰⁹ Ver: Trecho 120, anexo capítulo 1.

A descrição seguinte narra os orcs usando chicotes para fazer os anões e o hobbit correrem, agindo de forma rude contra os aventureiros (TOLKIEN, 2010 D, p. 66)¹¹⁰.

Os orcs são descritos todos alojados em uma caverna, em volta de uma grande fogueira. Eles roubam todos os pertences dos viajantes, inclusive seus pôneis, revirando as bagagens dos anões e do hobbit e farejando tudo. Além disso, a narrativa os descreve como comedores de cavalos, pôneis, burros e outras coisas mais, sendo também desorganizados e sujos, evidenciando uma diferença de hábitos em relação aos hobbits e aos outros povos de costumes semelhantes. O ato de farejar, de saquear, de estarem em uma caverna escura e abafada, em torno de uma fogueira, sem uma moradia mais sofisticada, mostra um nível mais rudimentar e mesmo animalesco, principalmente em relação à casa de Bilbo, descrita anteriormente como tendo um nível alto de organização¹¹¹.

A narrativa ainda corrobora a ideia da diferença de organização e dos hábitos entre os hobbits e os orcs. Isso ocorre quando os hobbits são descritos como acostumados a tocas, porém, suas tocas são salientadas como lugares alegres e arejados, diferentes dos túneis dos orcs, que seriam exatamente o contrário:

Mas vocês devem se lembrar de que o aperto não era tão grande para ele como teria sido para mim ou para vocês. Os hobbits não são como as pessoas comuns; e, afinal, se as **tocas deles são lugares alegres e adequadamente arejados, bem diferentes dos túneis dos orcs**, ainda assim eles estão mais acostumados a túneis do que nós, (TOLKIEN, 2010 D, p. 73). Grifos meus.

Gollum, encontrado por Bilbo nessa mesma montanha, quando ele havia se perdido dos anões, é descrito da mesma forma, comendo peixes crus, que ele agarrava com as próprias mãos, sendo que sua morada seria uma pequena ilha no meio do lago, em que ele habitava sozinho na escuridão. A figura de Gollum também é apresentada como maltrapilha, quase sem a presença de roupas, usando apenas alguns farrapos, tendo os poucos cabelos que lhe restaram usados de forma desgredada (TOLKIEN, 2010 B, p. 189). Esse personagem distoa em hábitos do que é narrado em relação aos hobbits, evidenciando uma ideia de hábitos polidos atribuídos a certos indivíduos e povos e hábitos rudes atribuídos a outros¹¹².

¹¹⁰ Ver: Trecho 121, anexo capítulo 1.

¹¹¹ Ver: Trecho 122, anexo capítulo 1.

¹¹² Ver: Trecho 123, anexo capítulo 1.

Essa figura, bem como a dos orcs, contrasta com a dos hobbits, dos anões e dos elfos, sendo que os hábitos dos primeiros são descritos como opostos ao do segundo grupo, existindo aí uma dicotomia entre os hábitos polidos e os hábitos rudes e selvagens.

O mesmo acontece na casa de Beorn, o homem urso, que recebe os anões e o hobbit em sua casa e lhes oferece alimentos de forma educada, embora sua residência se mostre simples, sem grandes pompas, mas tendo o básico, com comida bem preparada, talheres e pratos para a refeição, bem como a sua receptividade em receber os hóspedes.

A princípio, Beorn é descrito falando em tom rude, uma postura que se segue por toda a narrativa, porém, os seus hábitos rudes são bem diferentes daqueles descritos em relação aos trolls e aos orcs, pois seus modos grosseiros se mostram apenas na forma de falar, com pouca cortesia e polidez (TOLKIEN, 2010 D, p. 117)¹¹³.

Assim, Beorn é descrito como nunca sendo muito educado:

- Então continue contando! - **disse Beorn, que nunca era muito educado.**
(TOLKIEN, 2010 D, p. 119). Grifos meus.

Embora seja descrito como nunca sendo muito educado, Beorn oferece uma boa refeição aos seus visitantes, montando uma mesa para os convidados, que é preparada pelos seus animais de estimação, o que mostra uma polidez de hábitos (TOLKIEN, 2010 D, p. 123 – 124)¹¹⁴.

Após a refeição oferecida por Beorn, os convidados são alojados para dormir, sendo oferecido a eles camas improvisadas, porém, confortáveis, mostrando a cortesia e a polidez, mesmo em meio a simplicidade do local (TOLKIEN, 2010 D, p. 126)¹¹⁵.

No final, Beorn ainda oferece aos viajantes alguns pôneis, para que eles possam cavalgar até um determinado ponto da viagem, de onde eles teriam de seguir a pé, bem como provisões para que eles pudessem se manter, dentre as quais um biscoito preparado especialmente para viagens, mostrando-se, ao seu modo, gentil, embora sempre se mantivesse com atitudes e palavreados entendidos como rudes, aos olhos do hobbit Bilbo (TOLKIEN, 2010 D, p. 130)¹¹⁶.

¹¹³ Ver: Trecho 124, anexo capítulo 1.

¹¹⁴ Ver: Trecho 125, anexo capítulo 1.

¹¹⁵ Ver: Trecho 126, anexo capítulo 1.

¹¹⁶ Ver: Trecho 127, anexo capítulo 1.

A casa de Beorn e a sua forma de receber os viajantes, com educação e cordialidade, embora fosse ele um homem simples e até um tanto estranho e rude, que vivia isolado, longe de outras povoações, remete a muitas das ideias que circulavam no século XIX e na primeira metade do século XX sobre a educação, a polidez, a cordialidade e a receptividade.

Segundo Elias, os hábitos refinados desenvolvidos pelas elites europeias passaram a ser sinônimos de hábitos corretos, bem como de uma educação que distinguia as classes mais altas das classes baixas e das populações coloniais. Esses hábitos também passaram a ser entendidos como tendo de ser expandidos, pelo menos em parte, para todas as classes sociais. A ideia era que para ser minimamente considerado como civilizado, os indivíduos deveriam conhecer pelo menos um mínimo dos hábitos tidos como corretos, principalmente em relação à vestimenta, a educação cotidiana, a comer, a higiene, aos modos de cumprimentar e aos modos de usar cabelos e barbas (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65 – 72).

A historiografia mais recente sobre o assunto (PILLA, 2003, p. 105 – 134 e MIRANDA, 2014, p. 1 – 12) defende que foi nesse sentido que se intensificou boa parte das missões civilizadoras nas áreas coloniais, tendo como um dos objetivos levar aos demais povos os hábitos considerados mínimos para que eles se integrassem no mundo tido como moderno e civilizado, cujo sinônimo era o mundo europeu, suas regras e seus parâmetros (HOBSBAWN, 1988, p. 131 – 147). Esse mínimo de polidez nos hábitos, por sua vez, era também cobrado dos próprios habitantes da Europa, das classes sociais mais baixas, que não tinham, no século XIX e em boa parte do século XX, esses hábitos refinados entendidos como essenciais (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 108).

Em torno do objetivo de fazer toda a humanidade ter esses hábitos polidos, de iluminar toda a sociedade, a Europa passou a produzir os seus manuais de civilidade, que tinham por objetivo instruir a todos, usando várias metodologias para isso, mostrando o que era correto e o que seria errado nas várias ocasiões do cotidiano. Esses manuais já vinham sendo produzidos na Europa em longa data, pelo menos desde o século X, com objetivo, em primeiro lugar, de educar e polir a própria nobreza, que em inúmeros casos, por sua origem guerreira, possuía hábitos mais rudimentares, que passaram a ser entendidos como necessários de serem modificados, de serem polidos, para atenderem a novas demandas sociais, em que a guerra já não era mais o centro das

prioridades e se fazia necessário que a classe governante tivesse meios de distinção mais sofisticados para se diferenciar da plebe (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

Os hábitos rudes e ao mesmo tempo cordiais do personagem Beorn e sua maneira de receber os seus visitantes podem ser considerados como representações dessa ideia de que todos deveriam conhecer o mínimo dos hábitos tidos como educados. Mesmo sendo um homem rústico, vivendo sozinho apenas entre os seus animais e o seu trabalho rural, Beorn mostra conhecer esses hábitos tidos como educados, sendo por isso, entendido como um amigo pelos viajantes, ao passo que aqueles que são apresentados como não conhecendo e não tendo esses hábitos tidos como polidos, como é o caso dos trolls e dos orcs, são então descritos como inimigos.

Beorn representa um pouco do que o homem rústico deveria ser para o ideal de mundo civilizado gestado pelo pensamento europeu. Ele seria a ideia do rústico civilizado, que teria recebido o conhecimento mínimo de educação entendido como necessário a todos.

Em parte, esses trechos da obra de Tolkien em que padrões diferentes de polidez são apresentados, podem se referir às ideias de seu tempo sobre as classes sociais e as sociedades tendo esses padrões diferenciados, tendo a classe alta europeia o padrão considerado mais polido, enquanto as classes baixas e os não europeus um padrão mais rústico. Ao mesmo tempo, entendia-se que havia aqueles que estavam em um meio termo, já tendo adotado os hábitos entendidos como civilizados, porém, não tendo condições para adotar hábitos muito refinados, como o uso de utensílios de materiais mais nobres e roupas mais refinadas e sofisticadas (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

As diferenças entre a casa de Bilbo, a casa dos elfos em Valfenda, e a casa de Beorn, podem ser entendidas como representações dessa forma de pensar comum na época de Tolkien sobre os hábitos dos indivíduos e seu desenvolvimento. Dessa forma, estariam ali representados os indivíduos com hábitos selvagens e grotescos, na figura dos trolls, dos orcs e de Gollum, bem como os indivíduos com hábitos polidos, porém, rústicos e agrários, como os hobbits e Beorn, bem também como aqueles com hábitos mais refinados, como os elfos que vieram de Aman para a Terra Média e os de Valfenda¹¹⁷.

¹¹⁷ Ver o anexo Capítulo 1: Sobre os hábitos dos hobbits, de Tom Bombadil e da população de Bri no livro “O Senhor dos Anéis”.

1.4.7 Os hábitos dos elfos em Valfenda

No livro “O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel”, os hábitos dos hobbits são descritos tendo os mesmos padrões apresentado no livro “O Hobbit”. Além disso, as populações que vivem perto do Condado, são também narradas tendo costumes semelhantes. Esse é o caso da população da cidade de Bri, e também da casa de Tom Bombadil, um indivíduo que também vive próximo ao condado e em dado momento recebe Frodo, Sam, Merry e Pipin em viagem, com muita cortesia, embora tendo acomodações modestas.

O contraste entre os hábitos dos hobbits com um padrão superior se dá quando Frodo e seus companheiros chegam até Valfenda¹¹⁸, uma cidade de elfos. O lugar é descrito como um local de hábitos infinitamente mais refinados, com grandes salões e muitos elfos se dedicando a poesia e as tradições cultas.

Bilbo, o velho tio de Frodo, vive na cidade, escrevendo as suas poesias e suas histórias, tendo sido abrigado ali por Elrond, senhor daquele local. Depois da chegada dos hobbits, Elrond convida todos os seus hóspedes para um grande banquete, dessa vez, diferentemente do jantar sem grandes indumentárias na casa de Bilbo, mostrado no mesmo livro (TOLKIEN, 2010 A, p. 349), esse é cheio de hábitos polidos, com belas roupas e jóias, com o uso de utensílios sofisticados e com um cerimonial bem aparamentado¹¹⁹.

O banquete é organizado em torno de uma grande mesa, tendo Elrond como o chefe, sentado na cabeceira, sendo que logo em seguida vinha Glorfindel, um elfo muito nobre e importante, e Gandalf, o mago.

— Mais que refeição! **Um banquete!** — disse Merry. — Assim que Gandalf contou que você estava recuperado, os preparativos começaram. — Mal tinha acabado de falar, e o badalar de muitos sinos chamou todos para o salão.

O salão da casa de Elrond estava cheio de pessoas: elfos na maioria, embora houvesse alguns convidados diferentes. Elrond, como era de costume, **sentou-se numa cadeira grande na cabeceira de uma mesa comprida sobre o tablado**; perto dele, de um lado sentou-se Glorfindel, e do outro, Gandalf. (TOLKIEN, 2010 A, p. 348 – 349). Grifos meus.

¹¹⁸ O personagem Frodo é sobrinho de Bilbo Bolseiro, protagonista do livro O Hobbit. Frodo herda a casa de Bilbo e todos os seus pertences, inclusive, o anel de poder de Sauron, que Bilbo havia conseguido em sua aventura. Por isso, assim como o seu tio, Frodo se vê em meio a uma aventura não planejada por ele, a de levar o anel de poder primeiramente até a cidade de Valfenda, depois, para ser destruído em Mordor. Na viagem, Frodo tem outros três companheiros hobbits, que o acompanham durante parte da viagem.

¹¹⁹ Sobre o jantar na casa de Bilbo, ver: Anexo Capítulo 1: Sobre os hábitos dos hobbits, de Tom Bombadil e da população de Bri no livro “O Senhor dos Anéis”.

Todos os personagens são descritos ornados com belas roupas e adornos. O primeiro deles é o elfo Elrond, senhor de Valfenda, apresentado como alguém venerável (TOLKIEN, 2010 A, p. 349)¹²⁰. Em seguida a filha de Elrond é descrita usando uma touca de renda prateada dentre outros adornos (TOLKIEN, 2010 A, p. 350)¹²¹. Por fim, há a descrição do anão Glóin, usando cinto de prata e corrente com diamantes (TOLKIEN, 2010 A, p. 351)¹²².

O fim do banquete é descrito em meio a salões e com toda uma pompa e refinamento, com Elrond sendo seguido ordenadamente para outro salão, como um ritual palaciano (TOLKIEN, 2010 A, p. 354)¹²³. A própria ideia de banquete, apresentado nessa parte do enredo, faz supor uma organização mais sofisticada, tanto é que o personagem Sam Gamgi, ao chamar os demais hobbits para a mesa, ressalta essa diferença, explicando que não se tratava apenas de uma refeição, mas de um banquete (TOLKIEN, 2010 A, p. 349).

Valfenda é narrada como um lugar, portanto, de hábitos mais refinados, diferente dos hábitos mostrados em relação aos hobbits. Nesse local se descreve jóias e toda uma ritualização da alimentação, com uma hierarquia até mesmo nos locais de sentar, algo muito próximo aos rituais palacianos da nobreza europeia dentre os séculos XVIII e XX.

Todos esses costumes evidenciados na obra de Tolkien e descritos até aqui apresentam a ideia dos hábitos, da diferenciação e da gradação entre hábitos de sociedades diferentes, sendo que as sociedades mais avançadas teriam hábitos mais sofisticados, enquanto as sociedades mais rústicas, por outro lado, teriam hábitos mais simples, sem serem, contudo, essencialmente rudes, pois a ideia é que é possível ser mais simples e ter hábitos mínimos de higiene e de polidez. Norbert Elias descreve como essas ideias eram fortes no pensamento europeu, produzindo os hábitos europeus de educação como um padrão a ser seguido por todos, sendo que o povo ou a classe social que não os seguisse, pelo menos em seus preceitos básicos, eram entendidos como incivilizados (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65 – 72).

¹²⁰ Ver: Trecho 128, anexo capítulo 1.

¹²¹ Ver: Trecho 129, anexo capítulo 1.

¹²² Ver: Trecho 130, anexo capítulo 1.

¹²³ Ver: Trecho 131, anexo capítulo 1.

Pode-se compreender que Tolkien, ao representar essas perspectivas sobre hábitos, ainda que não intencionalmente, corrobora essas ideias que foram fortemente construídas, principalmente no século XIX e no século XX. A difusão desses princípios se deu por diversas formas, mas principalmente pela mídia, pelo processo de escolarização e letramento e pela divulgação dessas regras através dos manuais de civilidade distribuídos em grande escala durante o século XIX e durante a primeira metade do século XX (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

Alguns autores como Maria Cecília Pilla e Norbert Elias descrevem e analisam como ocorriam a produção e a divulgação desses manuais de civilidade, que, segundo esses estudiosos, iniciavam ensinando coisas consideradas como básicas para um comportamento entendido como civilizado, como lavar as mãos para comer, não soltar gases à mesa, e não escarrar enquanto se come. Muitas dessas lições eram apresentadas em formas de versos simples ou pequenas canções fáceis de serem lembradas, com objetivo de que as pessoas pudessem decorar facilmente as rimas e, por conseguinte, as normas de etiqueta que deveriam ser então aplicadas no dia a dia (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 95 – 161).

Esse processo de tentativa de civilizar os indivíduos, de educá-los, teria se dado em grande medida visando às classes sociais mais pobres da Europa, como afirma Norbert Elias, que fala como a classe operária, vinda ainda em grande parte do campo, passava por esse processo, de tentativa de ser levada a agir com um padrão de hábitos entendidos como mais educado (ELIAS, 1994. Vol 2, p. 225 – 262). Michel Foucault, em seu livro “Vigiar e Punir”, corrobora algumas ideias defendidas por Elias e apresenta mais dados sobre esse processo de tornar os hábitos mais polidos, o qual ele denomina como docilização dos corpos, que teria por objetivo tornar o convívio social mais fácil e, conseqüentemente, o controle social, ensinando os indivíduos a seguirem uma série de normas desde a infância, o que os faria aptos para o trabalho nas fábricas, que exigiria concentração e suportar cargas horárias altas desenvolvendo movimentos repetitivos, exigindo, por sua vez, indivíduos com hábitos padronizados, para que o processo pudesse funcionar melhor (FOUCAULT, 1999, p. 162 – 194).

As argumentações de Foucault ajudam a entender muito sobre como a ideia dos hábitos polidos passou a ser tão fortemente defendida e se tornou um senso comum a partir do século XIX, o que ocorreu em conjunto com a necessidade das indústrias têxteis em ter mão de obra com um mínimo de qualificação, e que atendessem a um

mínimo de disciplina necessária para produzir tecidos e roupas em massa (HOBSBAWN, 1982, p. 221 – 240). Foucault fala da necessidade de trabalhadores que conhecessem certas normas de convívio, para que pudessem ser agrupados em grandes galpões, sem que isso ocorresse em desordem, pois qualquer tumulto resultaria em menor tempo de trabalho, menor produção e menor lucro para o proprietário, que precisava cada vez mais de uma produção mais rápida e com melhor qualidade (FOUCAULT, 1999, p. 162 – 194).

Segundo Foucault, havia um interesse de que os hábitos fossem docilizados, sendo que para isso algumas instituições foram desenvolvidas pelos estados nacionais modernos, para produzir em massa essa docilização dos corpos, que funcionava em conjunto com a disseminação da ideia de que todos deveriam ser educados e ter seus hábitos o mais polido possível. Era uma questão que envolvia vários problemas, pois era necessário que a população tivesse hábitos mais coesos para habitarem as cidades, pois não era possível aglomerar pessoas sujas, ao mesmo tempo em que os hábitos alimentares e os hábitos de vestimenta também precisavam ser normatizados, até porque, havia a questão das doenças que eram facilmente transmitidas dentro das cidades (FOUCAULT, 1999, p. 195 – 218).

O estudo de Foucault é corroborado por Brescianni, que em seu livro sobre Paris e Londres no século XIX, fala sobre como a classe operária vivia nos subúrbios e nos cortiços das grandes cidades francesas e inglesas do século XIX, com condições degradantes de higiene e de comodidade, com famílias vivendo amontoadas em casas sem móveis e sem as condições mais básicas de moradia (BRESCIANNI, 1982, p. 22 – 48). O resultado era as epidemias e doenças, criando uma classe trabalhadora doente, que se amotinava às vezes em rebeliões violentas, ao passo que as epidemias não ficavam reclusas somente às áreas pobres, mas se espalhavam com certa facilidade por toda a área urbana e mesmo por parte das áreas rurais mais próximas (BRESCIANNI, 1982, p. 49 – 77).

A tentativa de produzir hábitos mais polidos, segundo Brescianni, não era apenas formada pelos interesses em se criar uma classe trabalhadora mais eficaz, o que também pesava nesse desejo, mas tinha relação direta com as questões de saúde das cidades grandes, com as epidemias e com a mortalidade, além da contaminação do solo e outros problemas relativos a aglomerações urbanas sem o devido planejamento. Os debates nesse sentido começaram a ser feitos por médicos e outros profissionais que passaram a

ser chamados de sanitaristas ou higienistas, e que estavam preocupados com as questões sanitárias e de higiene das pessoas nas cidades, bem como com a destinação de esgotos, com a localização de cemitérios e com o destino que se daria a todos os dejetos que as grandes metrópoles produziam (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 108).

Norbert Elias ainda afirma que esse processo de civilizar os hábitos não teria se dado somente na Europa, com a classe operária, mas também com os habitantes das colônias europeias que se formavam no século XIX, principalmente as colônias francesas e inglesas, bem como as áreas de influência desses países nas Américas, como é o caso do Brasil (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65 – 72). Maria Cecília Pilla narra como foi esse processo no Brasil, com a chegada da família real portuguesa e com a vinda de uma série de manuais de civilidade, com objetivo de ensinar hábitos civilizados aos brasileiros, principalmente à população da cidade do Rio de Janeiro, para que essa agisse de forma mais condizente com uma cidade que abrigava uma corte real (PILLA, 2003, p. 105 – 134).

Os hábitos mostrados na obra de Tolkien, com diferenciações entre hábitos mais e menos polidos seriam representações dessas ideias sobre os hábitos que estavam arraigadas na sociedade em que ele vivia, que eram disseminadas como valores em sua época.

1.4.8 Os hábitos rudes dos orcs

As diferenciações de hábitos ficam mais claras na obra de Tolkien quando a narrativa do livro “O Senhor dos Anéis” passa a falar dos orcs e seus costumes. Isso ocorre no segundo livro da trilogia, enquanto é descrita a forma como os orcs se organizam e convivem entre si. Essa primeira descrição acontece enquanto os orcs são perseguidos, depois de terem seqüestrado os personagens Peregrin Tûk e Meriadoc Brandebuk, dois dos hobbits que acompanhavam Frodo em sua jornada para dar fim ao Anel de poder.

O acampamento dos orcs é apresentado como algo extremamente desorganizado, sendo que o tempo todo eles são descritos como criaturas que beiram a animalidade, correndo sem parar, com passos agressivos e sem quase nenhum descanso, o que praticamente impossibilitava que alguém os alcançasse a pé.

As primeiras descrições desses orcs os apresentam de forma bestializada, correndo durante dia e noite, enquanto os indivíduos que o seguiam, para recuperar os dois hobbits que haviam sido raptados, precisavam descansar a noite (TOLKIEN, 2010 B, p. 16)¹²⁴.

A animalização dos orcs é apresentada também no momento em que eles capturam os dois hobbits, sendo que eles não se importam com os golpes de espadas desferidos contra eles por suas vítimas, que arrancam várias mãos e braços antes de serem capturados. Essa descrição evidencia a ideia dos orcs animalizados, que não se preocupam em terem membros decepados e nem com os seus companheiros de jornada mortos.

Então gritaram e dúzias de outros orcs pularam das árvores. Merry e ele puxaram as espadas, mas os orcs não queriam lutar, e só tentaram prendê-los, **mesmo depois de Merry ter decepado várias mãos e vários braços**. (TOLKIEN, 2010 B, p. 33). Grifos meus.

Na narrativa um dos hobbits capturados pelos orcs é descrito pensando em uma forma de fugir do cativeiro, enquanto os orcs eram cercados pelos cavaleiros de Rohan. Em meio ao seu pensamento o hobbit classifica os orcs como animais e fica feliz em saber que eles serão destruídos (TOLKIEN, 2010 B, p. 41 -42)¹²⁵.

A língua dos orcs também é apresentada de forma animalizada, como horrenda e como não passando muito de resmungos e rosnados¹²⁶.

Na primeira parada da marcha dos orcs, quando eles montam o primeiro acampamento, a organização do local é quase inexistente, sem nenhum tipo de harmonia entre eles, sendo que também não demora para que eles comecem a brigar entre si, pois há divergências entre os membros daquele grupo, formado por duas ou três tribos de orcs, alguns a mando de Saruman, outros a mando de Sauron. Esse é mais um exemplo da representação dos orcs como animalizados e rudes, o que distoa dos relatos anteriores sobre os hobbits e sobre os elfos de Valinda.

Aparentemente, membros de duas **ou três tribos** completamente diferentes estavam presentes, e não podiam entender a língua uns dos outros. **Houve uma discussão**

¹²⁴ Ver: Trecho 132, anexo capítulo 1.

¹²⁵ Ver: Trecho 133, anexo capítulo 1.

¹²⁶ Ver: Trecho 134, anexo capítulo 1.

acalorada sobre o que deveriam fazer: que caminho deviam tomar e o que devia ser feito com os prisioneiros. (TOLKIEN, 2010 B, p. 34). Grifos meus.

A descrição deles como divididos em tribos já sugere algo que denota uma organização menor, bem como hábitos mais rudimentares, sobretudo no período em que Tolkien escrevia, pois nesse momento o termo tribo tinha uma conotação evolucionista bastante acentuada (BARRETO, 1983, p. 11 – 12. STRAUSS, 1998, p. 6 – 8). Em conjunto com as demais formas depreciativas com que os orcs são apresentados, o termo tribo apresenta, dentro do contexto narrado, de fato ter um tom depreciativo.

Além de estarem divididos em tribos e serem apresentados em um acampamento desorganizado, os orcs são descritos também como criaturas que comem carne humana, tal como é mostrado na fala de um dos personagens orc. Essa alusão a ingestão de carne humana é outro indício da ideia de animalização dos orcs.

Somos servidores de Saruman, o Sábio, a Mão Branca: **a Mão que nos dá carne humana para comer.** (TOLKIEN, 2010 B, p. 35). Grifos meus.

A narrativa descreve que alguns dos orcs queriam matar os hobbits, saquear seus bens e mesmo comê-los, outros desejavam seguir as ordens de Saruman e levar os prisioneiros para o cativeiro, sem que fossem molestados e sem que seus bens fossem saqueados. A briga acabou em morte até que a ordem pudesse ser parcialmente restabelecida. Essa luta interna pode ser considerada como outro exemplo dos orcs sendo representados como animalizados e rudes, em meio a berros e violência, algo que dentro do enredo é assistido pelos dois hobbits prisioneiros como algo grotesco (TOLKIEN, 2010 B, p. 35 – 36)¹²⁷.

É uma situação que em comparação ao narrado sobre os elfos, os homens e os hobbits, apresenta os costumes dos orcs como sendo completamente rudes, sem o mínimo de polidez, sem organização, ao ponto de realizarem ataques uns aos outros, o que no relato é descrito como algo abominável, assistido pelos hobbits com terror. Depois dessa cena, os orcs continuam a ser representados como desorganizados e como tendo hábitos pouco polidos, se alimentando com um pão cinza e velho, bem como usando um líquido ardente, que tinha a propriedade de revigorar o corpo e dar disposição para a corrida, além de algo escuro usado nos fermentos, que fez um dos

¹²⁷ Ver: Trecho 135, anexo capítulo 1.

hobbits se debater de dor ao ser medicado com isso. Os orcs também são apresentados comendo carne, porém, os hobbits, ao receberem esses alimentos, não ousam comer a carne oferecida pelos orcs, algo que evidencia que os hobbits entendem os hábitos dos orcs como ruins¹²⁸.

A descrição dos orcs medicando os hobbits evidencia-lhes os hábitos rudes, agarrando os prisioneiros pelos cabelos, chutando-os, medicando-os com grosseria e rindo deles de forma debochada. Além disso, a marcha dos orcs é descrita sempre como desorganizada, em meio a empurrões e xingamentos:

O grupo todo começou a correr no trote largo dos orcs. **Não iam em ordem, entrechocando-se, dando empurrões e xingando;** apesar disso, avançavam com grande velocidade. (TOLKIEN, 2010 B, p. 38). Grifos meus

A narrativa segue com vários momentos em que os orcs correm e também quando param um pouco para descansar, sendo que há um momento em que eles se dividem em dois grupos, por discórdias, mas depois voltam a se juntar (TOLKIEN, 2010 B, p. 39 – 40). Eles então são encurralados perto de uma floresta e ali mais uma vez são narrados como desorganizados, desmotivados e rebeldes, mesmo na eminência de serem atacados pelos cavaleiros de Rohan, que os haviam alcançado, por estarem a cavalo (TOLKIEN, 2010 B, p. 43)¹²⁹.

No meio da luta e da confusão causada tanto pelo ataque dos cavaleiros quanto pelas lutas e discórdias internas dos orcs, todos os orcs acabam mortos e queimados em uma pilha, feita pelos cavaleiros, enquanto os dois prisioneiros que eles levavam fogem para dentro da floresta (TOLKIEN, 2010 B, p. 43 – 48). Assim, os orcs acabam sendo mortos muito em decorrência da falta de organização, que os fazem uma presa fácil para os seus oponentes.

Em outros pontos da obra “O Senhor dos Anéis”, os orcs são apresentados tendo costumes completamente rudes. É o caso da batalha do Abismo de Helm, em que os orcs e os homens da Terra Parda cercam o local e se mostram com hábitos rudes, de forma animalizada, falando uma língua descrita na narrativa como sendo estranha e semelhante a grunhidos¹³⁰.

¹²⁸ Ver: Trecho 136, anexo capítulo 1.

¹²⁹ Ver: Trecho 137, anexo capítulo 1.

¹³⁰ Ver: Trecho 138, anexo capítulo 1.

Nos trechos em que Frodo e Sam estão tentando levar o Anel para Mordor, os orcs também são descritos como tendo hábitos rudes e grotescos. Isso ocorre nos episódios em que os dois hobbits se vêem próximos a toca da grande aranha chamada Laracna. Naquele local existe uma torre ocupada por orcs¹³¹, sendo que eles capturam o corpo desfalecido de Frodo e o levam para esse lugar, enquanto Sam os segue e escuta o que eles dizem, suas conversas e também o seu modo de agir (TOLKIEN, 2010 B, p. 300 – 307; TOLKIEN, 2010 C, p. 175 – 189).

Durante a narrativa os orcs são mais uma vez apresentados de forma animalizada, primeiro, com suas vozes descritas como ladrando, depois comparados com cães e em seguida, marchando desorganizadamente, trocando empurrões.

— Ouviu-se uma algazarra de buzinas ríspidas e uma **babel de vozes ladrando**. (TOLKIEN, 2010 B, p. 300). Grifos meus.

Lá estavam eles de novo! Ainda a uma boa distância. Um aglomerado de figuras em volta de alguma coisa que jazia no solo; alguns pareciam estar se atirando de um lado para o outro, **curvados como cães sobre um rastro**. Sam tentou se sacudir. ... Os orcs atingiram o túnel e estavam entrando. Os que levavam o fardo foram primeiro, e atrás deles havia **muita luta e empurrão**. (TOLKIEN, 2010 B, p. 301). Grifos meus.

No livro “O Senhor dos Anéis – O Retorno do rei”, há inúmeras descrições dos orcs com hábitos rudes que podem ser elencadas.

Em um trecho um orc é descrito tendo marcas de garra, de uma briga com outro orc, ao passo que sua boca é mostrada sangrando, pingando sangue e baba de suas presas pontudas, ao passo que ele rosna como um animal. Esse é mais um momento em que os orcs são apresentados como animalizados, o que difere dos relatos sobre os hobbits e sobre os elfos e seus hábitos polidos (TOLKIEN, 2010 C, p. 185).

A animalidade dos orcs é apresentada também na forma como um deles briga, pisoteando o oponente e depois emitindo gritos gorgolejantes e lambendo a faca que havia perfurado o seu inimigo (TOLKIEN, 2010 C, p. 185 – 186).

As vozes dos orcs são mais uma vez apresentadas como roucas, graves e ríspidas, ao passo que sua cantoria é descrita como rude (TOLKIEN, 2010 B, p. 302; TOLKIEN, 2010 B, p. 307; TOLKIEN, 2010 C, p. 188).

Sam, em dado momento, escuta os orcs tramando mal contra Frodo, bem como tendo pouco apreço uns pelos outros, agindo sempre com malícia e sarcasmo, com

¹³¹ É notável dizer que a torre pertencia aos tempos da colonização de Gondor a região. A obra dá a entender que os orcs não seriam capazes de construir um edifício daquela magnitude.

grandes rivalidades entre os grupos diversos (TOLKIEN, 2010 B, p. 300 – 307). O covil dos orcs é sujo e emporcalhado, ao passo que os hábitos dos orcs são descritos como tão bárbaros que antes mesmo que Sam chegasse ao local para lutar, eles mesmos já haviam quase todos se matado, em uma luta enlouquecida entre eles para ficar com um colete de metais preciosos que Frodo usava e que eles tentavam despojar.

Sam então ouve que havia luta na torre em que Frodo estava aprisionado, sendo que essa luta seria entre os próprios orcs, algo que é esperado por Sam, pois ele já mostra atribuir esse tipo de atitude rude aos orcs (TOLKIEN, 2010 C, p. 176).

Dentro da torre inimiga Sam confirma a sua suspeita, pois encontra o local em meio a um pandemônio, com orcs mortos por todos os lados, muitos ainda agarrados uns aos outros. Esse relato ocorre junto com passagens que descrevem a animalidade dos orcs, com a ideia de que os orcs mortos perderam a vida ainda buscando agredir uns aos outros (TOLKIEN, 2010 C, p. 181; TOLKIEN, 2010 C, p. 184).

Por fim Sam encontra Frodo, desmaiado e deitado sobre trapos imundos, o que evidencia a ideia de que os orcs viviam em meio à sujeira (TOLKIEN, 2010 C, p. 189)¹³².

Essa torre dos orcs em que Sam adentra para resgatar Frodo é descrita como um lugar sujo e escuro e que naquela ocasião também se fazia como um verdadeiro depósito de cadáveres, pois quase todos os orcs ali haviam morrido, com exceção de alguns poucos, que sobreviveram e que deram combate a Sam, que ainda sim conseguiu resgatar o seu amigo (TOLKIEN, 2010 B, p. 300 – 307; TOLKIEN, 2010 C, p. 189 – 194). Depois do resgate os dois hobbits se camuflaram com roupas e armaduras de orcs, para se misturarem e poderem entrar na terra de Mordor. Frodo é descrito olhando com enjôo para as vestimentas dos orcs. As roupas e as armaduras dos orcs são apresentadas como rudes, pesadas e mal feitas, ao passo que os tecidos são trapos sujos e fétidos, bem diferente da descrição feita das roupas dos hobbits, dos homens de Gondor e Rohan e dos elfos (TOLKIEN, 2010 C, p. 193).

No caminho final para dentro de Mordor, feita por Frodo e Sam, os orcs continuam a ser descritos como seres rudes. Logo no primeiro encontro com um grupo de orcs, os dois hobbits, confundidos com desertores, são colocados a marchar a toda velocidade, correndo impulsionados pelos chicotes dos carrascos que davam o ritmo a marcha, em uma corrida enlouquecida em que os dois personagens quase não

¹³² Ver: Trecho 139, anexo capítulo 1.

agüentaram. A narrativa, centrada nas experiências e no ponto de vista dos hobbits, evidencia o mau cheiro dos orcs, o que pode ser entendido como uma forma depreciativa de tratar esses indivíduos, construídos no decorrer do enredo como rudes, animalizados e mal cheirosos, diferente dos hobbits, que em certos pontos são apresentados mesmo preocupados com os hábitos de higiene, como o de tomar banho (TOLKIEN, 2010 C, p. 214)¹³³.

A cena seguinte corrobora a ideia dos orcs como extremamente rudes, pois a tropa de orcs que os hobbits acompanhavam encontra outra, em um entroncamento na estrada. Os dois grupos começaram a brigar, pois cada um deles queria passar primeiro e chegar ao destino mais rápido, para ganhar créditos com os seus comandantes em Mordor. Foi assim que os dois hobbits conseguiram fugir e se esconder, buscando outro caminho para a Montanha da Perdição. Esse relato evidencia bastante os hábitos animalizados dos orcs, como criaturas agressivas e sem nenhuma polidez (TOLKIEN, 2010 C, p. 214 – 215).

A cena descreve mais uma vez os costumes dos orcs como extremamente rudes, lutando vorazmente uns contra os outros. Os hobbits, por sua vez, ficam assustados com essa agressividade dos orcs, contudo, aproveitam para escapar.

Uma vez dentro de Mordor os hobbits encontram o lugar quase deserto, pois a maior parte das tropas estava seguindo para o ataque aos Capitães do Oeste, que estavam se dirigindo aos portões de Mordor. Ali eles passam cuidadosamente pelo local, pulando de buraco em buraco no chão, pois o lugar estava cheio de crateras no solo. Todo o local é um grande pandemônio de sujeira e fumaça escura, um lugar sem construções, uma terra desolada, o que alude a ideia de que as populações que ali viviam, majoritariamente formadas por orcs, tinham hábitos rudes, vivendo em um local completamente destruído (TOLKIEN, 2010 C, p. 217; TOLKIEN, 2010 C, p. 222).

Essa descrição do vale de Gorghoroth evidencia os orcs e os povos que servem a Sauron como incivilizados, uma vez que o território em que viviam era completamente desorganizado, diferente dos hobbits, que naquele momento são apresentados como cuidadosos, inclusive, carregando até aquele momento as suas provisões e até as suas panelas com o maior cuidado e limpeza possível (TOLKIEN, 2010 C, p. 221).

Na monografia “The Land of Shadow Reading Mordor in J.R.R. Tolkien’s The Lord of the Rings: A Geopolitical Threat or the Suppressed Other”, defendida em 2015

¹³³ Ver: Trecho 140, anexo capítulo 1.

Sanni Hakkarainen, corrobora a ideia dos orcs sendo altamente animalizados em todo o enredo e principalmente na trilogia “O Senhor dos Anéis”. Hakkarainen salienta que os orcs são tidos como essencialmente maus, bárbaros, selvagens, cruéis e completamente animalizados e que são então o Outro absoluto, sempre comparados a animais, sendo que podem ser mortos sem qualquer remorso. Prova disso é que os personagens Gmili e Légolas, em meio as batalhas, criam uma competição para ver quem consegue matar mais orcs, não havendo, portanto, nenhum tipo de consternação com essas mortes (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

No artigo “Racial Issues in Middle-Earth - A Postcolonial Perspective on J.R.R Tolkien’s Lord of the Rings”, publicado em 2016, Alexander Fahlén defende uma perspectiva semelhante, salientando a semelhança entre a animalização dos orcs em todo o enredo com o tratamento que se dava aos africanos nos fins do século XIX e no início do século XX, como indivíduos animalizados (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Até mesmo na tese de doutorado “Reimagining Tolkien: A Post-colonial Perspective on The Lord of the Rings”, defendida em 2012, Louise Liebherr que defende uma posição multicultural na obra de Tolkien, salienta a forma animalizada como os orcs são tratados dentro do enredo, como um outro absoluto, embora Liebherr interprete isso como algo que ocorre apenas pela questão genética (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165), o que não se sustenta, uma vez que os hábitos dos orcs, como se viu, são apresentados como rudes em todos os sentidos, embora, como se verá no próximo capítulo, isso incide sobre a questão racial em relação a esses personagens.

Uma interpretação sobre os orcs que distoia da ideia de que eles são seres completamente animalizados se encontra no artigo “An evaluation of a post-colonial critique of Tolkien” publicado em 2009 por Zakarya Anwar, que defende que as inúmeras falas dos orcs durante o enredo daria a eles, de certa forma, individualidade e um caráter humanizado, mostrando vontades e desejos próprios, ao invés de serem representados apenas como uma massa amorfa (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). Contudo, é possível interpretar de forma diferente essas falas, pois o conteúdo das mesmas apresenta extrema agressividade, de forma que através de tais diálogos eles estariam sendo representados como mesquinhos, cruéis, traíndo e lutando uns com os outros, sem qualquer consideração por qualquer coisa a não ser por tirar vantagem em tudo.

Anwar também apresenta as inúmeras falas dos orcs, durante o enredo do livro “O Senhor dos Anéis”, como uma forma de humanização desses indivíduos, sendo que

isso significaria que Tolkien não os consideraria tão selvagens e diferentes assim e que deu a eles individualidade. Ele compara essa situação a de uma outra obra literária, o livro “O coração das trevas”, de Joseph Conrad, em que os nativos africanos não possuem qualquer oportunidade de falar (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). No entanto, os diálogos dos orcs podem ser interpretados de forma diferente, pois quando se observa o conteúdo da fala desses personagens, se percebe que eles não são apresentados como humanizados, mas sim como cruéis, mesquinhos e selvagens grotescos, traindo e agredindo uns aos outros em diversos momentos.

Essas representações dos orcs, altamente pejorativas, mostram remeter-se a ideias pré-concebidas de que haveria no mundo povos que eram completamente incivilizados e que agiam de forma animalizada em todos os sentidos, sendo eles, por sua vez, praticamente impossíveis de serem civilizados. A historiografia sobre o século XIX e primeira metade do século XX apresenta como essa ideia foi concebida por inúmeros pensadores europeus, que acreditavam na perspectiva de que havia povos que eram tão bárbaros e que viviam em um estágio civilizacional tão baixo que chegavam mesmo a estarem próximos da animalidade (CASTRO, 2005, p. 4 – 18).

Essa ideia de povos animalizados é bastante comum no período em que Tolkien escreveu a sua obra literária e teve a sua formação intelectual, sendo parte integrante das teorias sobre superioridade racial e civilizacional que circulavam no período, servindo como argumento para as doutrinas de superioridade europeia sobre os demais povos do mundo.

Ao falar sobre os orcs com essas características elencadas, a de uma falta de polidez nos hábitos, vivendo em locais sujos, tendo todo o tipo de características animais, Tolkien estaria se remetendo a essas ideias de seu tempo, representando-as em sua obra, uma vez que elas estariam arraigadas em seu modo de pensar. Assim, ele constrói os orcs como seres inferiores e rudes, em detrimento aos povos de característica europeias, descritos como polidos e belos¹³⁴.

¹³⁴ Para mais detalhes sobre os hábitos polidos de alguns povos da Terra Média, ver: Anexo Capítulo 1: Os hábitos dos homens de Rohan; e Anexo Capítulo 1: Os hábitos dos homens de Gondor.

1.5 Liberdade e escravidão como hábitos na obra de Tolkien

1.5.1 Escravidão e liberdade como valores

Os temas, na obra de Tolkien, dos costumes, dos hábitos, dos povos civilizados, bárbaros e selvagens, dos dons, virtudes e talentos, bem como do difusionismo passam pela ideia da liberdade e da escravidão. A escravidão e a liberdade aparecem como ideias na obra de Tolkien ligadas como valores referentes a determinadas sociedades. As comunidades mais polidas, com indivíduos mais talentosos, com hábitos mais refinados, com indivíduos virtuosos, seriam aquelas também que cultivariam a liberdade como um valor, não escravizando outros povos, ao passo que as populações descritas como bárbaras, como tendo menor nível de desenvolvimento e estando distantes das orientações dos Valars seriam adeptos da escravidão.

No artigo “The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization”, publicado em 2001, John West defende que a ideia da liberdade é um tema constante na obra de Tolkien e também na cultura ocidental, sendo que esse é um dos aspectos que faz com que o livro “O Senhor dos Anéis” seja uma obra que pode ser considerada uma defesa aberta aos valores ocidentais construídos no decorrer da história do Ocidente (WEST, 2001, p. 2 – 9).

É possível corroborar parte da análise de West sobre o livro “O Senhor dos Anéis” e mesmo, estendê-la para as demais obras sobre a Terra-Média, pois a obra de Tolkien apresenta a ideia da liberdade como um valor e o relaciona sempre ao Ocidente e aos povos tidos como civilizados e com hábitos polidos dentro do enredo. Ao mesmo tempo, pode-se observar que a própria ideia de Ocidente, construída no tempo longo pela intelectualidade europeia, produz a ideia da liberdade como um valor essencialmente ocidental, em oposição a opressão e ao despotismo atribuídos aos orientais.

Como se verá adiante, a obra de Tolkien mostra corroborar esses valores e essa construção relacionada a liberdade como um valor ocidental, dos povos civilizados e bons, e a opressão como um valor oriental, dos povos selvagens, bárbaros e maus.

1.5.2 Melkor/Morghot e a escravidão

Da mesma forma que a obra de Tolkien apresenta uma divisão entre os povos com uma organização social e com um desenvolvimento maior e outros com menor, bem como populações mais e menos virtuosas, polidas e menos polidas, isso também acontece com o tema da liberdade e da escravidão. O primeiro relato referente a isso, dentro da cronologia interna do enredo, seria aquele próximo ao do surgimento dos Primogênitos previstos por Eru Ilúvatar. Quando eles surgem, Melkor não tarda a capturar diversos deles, torturando-os em sua fortaleza em Angband, transformando-os em espíritos perturbados que se tornariam os orcs, seus escravos, fruto de suas depravações (TOLKIEN, 2009 A, p. 31)¹³⁵.

A atitude dos Valars em relação aos elfos é completamente diversa aos atos de Melkor, pois eles oferecem aos Primogênitos amizade e conhecimento, bem como uma morada segura para viverem, a Terra de Aman, para habitarem como protegidos dos Valars, aprendendo com eles grandes coisas para se desenvolverem. Os eldars são convocados a ir para Aman, mas jamais foram forçados a isso, sendo que houve aqueles que decidiram ir de livre e espontânea vontade, bem como os que ficaram em dúvida e chegaram por último, assim como também os que recusaram o convite e permaneceram na Terra Média, jamais tendo ido para Aman (TOLKIEN, 2009 A, p. 33)¹³⁶.

Esse é o primeiro momento em que essa relação entre liberdade e escravidão aparece, como algo que seria um dos temas que marcam e que diferem os dois modelos em confronto durante toda a história desenvolvida por Tolkien. O lado de Melkor/Morghot e de Sauron é marcado pelo costume da escravidão, assim como pela organização social mais simples e pela barbárie, enquanto o lado dos Valars é caracterizado pela liberdade, pelo conhecimento e pelo desenvolvimento organizacional mais complexo, bem como pelo livre arbítrio.

Depois do primeiro relato sobre liberdade e escravidão, o tema volta a ser abordado quando Melkor, depois de longo tempo prisioneiro dos Valars, é perdoado e deixado livre em Aman. Nesse momento ele começa a produzir discórdia entre os elfos, incitando o desejo dos noldors de viajar para fora das terras de Aman, de ir para a Terra Média. Esse anseio é provocado de várias formas, sendo que uma delas é a

¹³⁵ Ver: Trecho 165, anexo capítulo 1.

¹³⁶ Ver: Trecho 166, anexo capítulo 1.

disseminação da ideia entre os noldors de que eles estariam ali como prisioneiros, de que eles poderiam crescer civilizacionalmente sozinhos na Terra Média, mais do que ali, sob a tutela dos Valars, sendo que os Valars os mantinham assim para se manterem como superiores (TOLKIEN, 2009 A, p. 41 – 49).

A liberdade é novamente apresentada nessa narrativa como um valor positivo, a ponto de Melkor o usar assim, como forma de atingir os seus objetivos maléficos.

Após Melkor e os noldors voltarem à Terra Média, o tema da liberdade e da escravidão volta a aparecer com bastante constância na narrativa de Tolkien. Os orcs e os orientais que servem a Melkor/Morghot são apresentados como seus escravos ou seus servos, ao mesmo tempo, esses orientais são também descritos como tendo escravos, inclusive, escravizando os homens aliados aos elfos na luta contra as forças de Angband.

Essa relação é apresentada em um trecho que fala da chegada dos orientais as terras de Beleriand, já sob o domínio de Morghot.

Diz-se que foi nessa época que os homens morenos chegaram pela primeira vez a Beleriand.

Alguns já estavam em segredo sob o domínio de Morgoth e vieram atender a um chamado seu. ...

Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos. ...

Não havia grande amor entre os edain e os **orientais**; e eles raramente se encontravam. (TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119). Grifos meus.

Outro trecho que mostra essa relação se refere ao momento em que os orientais tomam a região dos homens da Casa de Hador e os escravizam, ao passo que eles mesmos não passam de servos de Morghot.

Ora, depois da Nimaeth Amoediad, Morwen ainda residia em Dor-lómin, pois Túrin tinha apenas oito anos e ela estava novamente grávida. Eram tempos terríveis; pois os **orientais** que haviam chegado a Hithlum menosprezavam o povo de Hador e o oprimiam, confiscavam suas terras e bens e **escravizavam seus filhos**. (TOLKIEN, 2009 A, p. 154). Grifos meus.

Nesse ponto da narrativa a ideia da escravidão é apresentada com um valor e um hábito negativo, atrelado ao sofrimento do povo de Hador, que havia sido destruído e tiveram as suas terras invadidas pelos orientais, que escravizaram e mataram boa parte

da população que vivia ali. Ao mesmo tempo que a escravidão é descrita como uma prática dos homens orientais, esses indivíduos são apresentados como cruéis e injustos, enquanto o povo de Hador, principais discípulos dos elfos, que outrora vivia naquele lugar, é narrado como um povo bom e justo, que trabalhava por suas vidas e amava a sua liberdade.

No livro “Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média”, os orientais entraram na região e escravizaram o povo de Hador com crueldade, usando aqueles que eram aptos ao trabalho e matando ou expulsando para morrerem de fome aqueles que não eram entendidos como úteis. Isso mostra a prática da escravidão como algo comum aos orientais, enquanto o povo de Hador é descrito sofrendo essa situação, tal como se pode ver no trecho abaixo:

Os **Orientais** entraram na região em grandes números, **trataram com crueldade o povo de Hador**, roubaram tudo o que possuíam e os **escravizaram**. Todo o povo das terras natais de Húrin **que podia trabalhar ou servir a qualquer propósito foi levado**, mesmo moças e rapazes, e **os velhos foram mortos ou expulsos** para morrerem de fome. (TOLKIEN, 2009 B, p. 122). Grifos meus.

Em meio à narrativa de Tolkien, os homens da Casa de Hador são sempre apresentados como tendo hábitos de bondade, enquanto os orientais, que invadem as suas terras, são mostrados como cruéis e escravizadores. A descrição de Túrin em sua infância exemplifica a característica do hábito da bondade dos homens da casa de Hador, contrapondo os hábitos cruéis e escravistas dos orientais, pois ele é descrito como alguém justo e ao mesmo tempo piedoso, desde a infância (TOLKIEN, 2010 E, p. 105).

Os orientais, por outro lado, escravizam o povo de Hador sem piedade, matando os que não serviam para serem escravos, além disso, são associados aos orcs e servem a Morghot, ajudando os orcs a escravizarem os edains e os elfos, para serem levados para trabalhos forçados em Angband (TOLKIEN, 2010 E, p. 49).

Brodda, um dos personagens orientais, por exemplo, escraviza o povo de Húrin, e os coloca como gado em um estábulo, o que evidencia esse costume dos orientais em escravizar (TOLKIEN, 2010 E, p. 123).

Os relatos sobre o personagem Túrin, membro da Casa de Hador, também exemplificam por diversas vezes sobre o tema da liberdade e da escravidão:

Túrin, depois de ter passado uma vida inteira fora de sua terra natal, volta à região em que o povo da casa de Hador vivia, sendo surpreendido ao ver os orientais dominando o local e o remanescente de seu povo escravizado. Um dos antigos servos de sua casa fala a ele sobre a situação na região e sobre a forma como o oriental Brodda e muitos outros tratavam ali o que havia restado dessa população.

O povo de Hador é descrito escravizado, ao passo que a senhora Aerin, uma das mulheres tomadas à força como esposa por um dos orientais, de nome Brodda, é apresentada como uma pessoa caridosa, que acolhe os errantes famintos na região, ainda que de maneira precária. Esse é um relato que evidencia a ideia do povo de Hador como bom e caridoso, através da figura dessa mulher, enquanto os orientais são descritos como escravizadores cruéis (TOLKIEN, 2010 E, p. 186 – 187).

Brodda, em determinado momento é apresentado na narrativa como sendo um oriental cruel, que confronta Túrin, chamando a ele e a sua mãe de escravos. Mas Túrin revida, agarrando Brodda e dizendo a ele que ele era um escravo de escravos, aludindo ao fato de os orientais serem escravos de Morghot e ao costume deles do uso da escravidão. Esse é um relato que evidencia um juízo de valor dentro da obra, pois ser escravo ou ser assim chamado significa naquele contexto uma ofensa, ao passo que os orientais são confirmados como escravizadores e signatários do hábito da escravidão (TOLKIEN, 2010 E, p. 190 – 191).

Enquanto os orientais são descritos como escravizadores cruéis, como bárbaros sem escrúpulos, os homens da casa de Hador, bem como todos os homens das três casas amigas dos elfos, são apresentados como honrados e como homens que lutam pela liberdade, contra a opressão que estaria sendo espalhada a partir de Angband. Os escravizadores são exatamente aqueles categorizados como orientais, enquanto os que lutam pela liberdade são os homens descritos como amigos dos elfos e, portanto, como signatários dos ensinamentos dos Valars.

Os homens das três casas amigas dos elfos, também chamados de edains, são sempre descritos combatendo as forças de Angband, ao lado dos elfos, sendo que esse combate é apresentado como uma luta pela liberdade, em detrimento a escravidão a qual Morghot os submetiam quando os capturavam (TOLKIEN, 2010 E, p. 104 – 105).

A escravidão como um valor negativo é também apresentado na narrativa no momento em que Túrin aprende sobre o que é a escravidão. Um servo da casa de seu pai explica a ele, quando ele ainda era um menino, evidenciando a ideia de repúdio ao

hábito da escravidão, ao passo que os homens da casa de Hador são descritos como contrários a isso. A fala ainda apresenta os orientais como cruéis, tendo aprendido com orcs hábitos de crueldade, como o de caçar os escravos com cães, enquanto eles, da casa de Hador, seriam bondosos, pois teriam aprendido seus costumes com os elfos (TOLKIEN, 2010 E, p. 67)¹³⁷.

Túrin é um dos indivíduos que luta constantemente contra as forças de Morghot e, conseqüentemente, contra a escravidão. Em meio à trama, Morghot já havia escravizado Húrin, o pai de Túrin, assim, com o crescimento das ações de Túrin, Morghot começou a se preocupar com ele e passou a desejar escravizá-lo (TOLKIEN, 2010 E, p. 145).

Morghot então busca eliminar tanto Túrin quanto qualquer indivíduo na região em que ele habitava, de forma que todos ali deveriam ser escravizados por ele, o que mostra a ideia da escravidão como um hábito ligado a esse personagem e aos povos que o seguem e que são signatários de suas ideias (TOLKIEN, 2010 E, p. 221).

No livro “O Silmarillion”, o tema da escravidão atribuída a Melkor/Morghot aparece em inúmeros trechos. Um deles a ser destacado fala de como Morghot possuía o poder de amedrontar e escravizar apenas com os seus olhos, o que o constrói como um ser poderoso e cruel e corrobora o seu caráter de escravizador (TOLKIEN, 2009 A, p. 84, 85).

Fingolfin, rei dos elfos noldors, por sua vez, ao desafiar Morghot, o chama de covarde e senhor de escravos, algo que é colocado valorativamente dentro da obra e nesse trecho como algo ruim, como uma ofensa. Essa passagem evidencia como a escravidão é entendida dentro do contexto da obra, como algo a ser combatido, ao passo que é algo atribuído a determinados povos dentro da trama, em detrimento a outros (TOLKIEN, 2009 A, p. 115).

Essa situação também é descrita no livro “Os Filhos de Húrin” (TOLKIEN, 2010 E, p. 11). Nesse contexto, Morghot também escraviza muitos dos elfos noldors e sindars, que eram aqueles mais talentosos nos trabalhos manuais, considerados como mais desenvolvidos, pois eram aqueles diretamente influenciados pelos conhecimentos transmitidos pelo Valar Aulë. Assim ele teria se aproveitado do conhecimento desses elfos cativos, obrigando-os a prestar-lhes serviços.

¹³⁷ Ver: Trecho 167, anexo capítulo 1.

Muitos dos noldor e dos sindar, eles levaram em cativo até Angband, e os tornaram escravos, forçando-os a usar sua perícia e seus conhecimentos a serviço de Morgoth. (TOLKIEN, 2009 A, p. 118).

Durante o reinado de Morghot na Terra Média, o seu principal servo era Sauron. Uma das cenas descreve então Lúthien, uma princesa élfica, lutando contra Sauron e libertando escravos sob o seu jugo, indivíduos há muito tempo reclusos nas trevas. Essa é uma cena que evidencia uma questão valorativa, pois enquanto Morghot e seu servo Sauron são apresentados como cruéis e escravizadores, os elfos, representados ali pela figura de Lúthien, são aqueles que combatem os escravizadores e libertam os escravos.

Lúthien postou-se então na ponte e declarou seu poder. E foi quebrado o encantamento que prendia uma pedra à outra, os portões foram derrubados, as paredes se abriram e as masmorras foram expostas. **Muitos escravos e prisioneiros surgiram, espantados e desnorteados, protegendo os olhos do pálido luar, pois haviam permanecido muito tempo nas trevas de Sauron.** (TOLKIEN, 2009 A, p. 134). Grifos meus.

A escravidão é também descrita na narrativa do período em que Morghot produziu o seu reino na Terra Média, como uma das maiores armas utilizadas por ele para punir seus inimigos. Elfos de diversas regiões são escravizados, após terem suas terras tomadas. Isso ocorre, por exemplo, na região de Hithlum, sendo que aqueles que não foram capturados tiveram que fugir para manter a sua liberdade.

Os que restaram dos eldar de Hithlum foram levados para as minas do norte, para lá trabalhar como escravos, à exceção de alguns que o enganaram e fugiram para o meio das matas e das montanhas. (TOLKIEN, 2009 A, p. 152).

Além da região de Hithlum, a escravidão é também levada aos povos élficos estabelecidos nas costas ocidentais da Terra Média, como é o caso do povo de Cirdan, que tem os seus portos arrasados e a maior parte do seu povo sendo exterminada e escravizada.

Os Portos foram então arrasados; e a torre de Barad Nimras, derrubada. E a maioria do povo de Cirdan foi exterminada ou escravizada. (TOLKIEN, 2009 A, p. 152).

Em meio aos relatos de escravidão atribuídos a Morghot, diversos indivíduos lutam contra essa realidade. Esses personagens sempre pertencem aos povos élficos ou aos povos das três casas dos amigos dos elfos. Dentre os que são descritos lutando contra Morghot, a figura de Túrin é uma das que mais se destaca. Em uma das cenas ele luta contra os orcs e contra um dos dragões de Morghot. Nesse momento diversas

mulheres são escravizadas e ele tenta libertá-las. Esse é mais um ponto em que há um juízo de valor, de forma que um dos heróis da narrativa é apresentado tentando libertar as mulheres escravizadas por Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 167)¹³⁸.

Húrin, pai de Túrin, é descrito da mesma forma, combatendo a escravidão e as forças de Morghot, primeiro, lutando nas guerras contra ele, depois, o confrontando pessoalmente, quando havia sido capturado pelas forças do inimigo. Na narrativa, Húrin confronta Morghot e o chama de escravo fugido dos Valars e diz a ele que ele nunca seria senhor dos homens. A escravidão é novamente descrita como algo pejorativo, bem como sendo um costume de Morghot¹³⁹.

Em diversos momentos da narrativa orcs e orientais são descritos escravizando as pessoas. Um dos escravizados é o personagem Tuor, que depois é apresentado combatendo os orientais. Tuor é um dos personagens que podem ser entendidos como heróicos dentro da obra de Tolkien. Toda a narrativa em torno de sua vida o descreve lutando contra os orcs e contra os orientais, combatendo aqueles que haviam escravizado o seu povo. Dessa forma, o tema do herói que luta contra a escravidão se repete nos relatos sobre esse personagem, enquanto o hábito da escravidão como algo rude e depreciativo é atribuído aos orcs, aos orientais e, por sua vez, a Morghot¹⁴⁰.

1.5.3 A escravidão e Sauron

Em meio a toda essa luta entre Morghot e os elfos, por fim os Valars venceram Morghot e ao abrirem sua fortaleza uma grande quantidade de escravos é liberta do cativeiro. O tema da escravidão e dos libertadores de escravos se repete de forma valorativa, com os povos tidos como desenvolvidos e bons libertando os escravos produzidos por aqueles tidos como subdesenvolvidos e maus.

Assim teve fim o poder de Angband no norte, e o reino do mal foi aniquilado. E das prisões profundas uma multidão de escravos, já sem nenhuma esperança, saiu para a luz do dia; e encontrou um mundo que estava mudado. (TOLKIEN, 2009 A, p. 199).

¹³⁸Ver: Trecho 168, anexo capítulo 1.

¹³⁹Ver: Trecho 169, anexo capítulo 1.

¹⁴⁰Ver: Trecho 170, anexo capítulo 1.

A prática da escravidão é então atribuída aos mesmos povos que são apresentados como estando em um grau de desenvolvimento menor, tendo os costumes menos polidos e não sendo signatários dos ensinamentos dos Valars. Essa mesma relação continua em outros momentos da obra de Tolkien. Quando Morghot foi completamente vencido, lançado para fora dos círculos do mundo, os povos do Leste, que o serviam, continuam com as suas práticas descritas como bárbaras. Logo eles se juntaram a Sauron, o principal discípulo de Morghot, que permaneceu escondido na Terra Média e logo que pôde tomou o lugar de seu mestre, reunindo ao seu redor todos os antigos vassallos de Angband que pôde, voltando a erguer uma grande fortaleza para reunir as suas forças, em um local em que ele já havia construído no passado a sua fortificação avançada, em nome de seu antigo mestre.

Sauron é descrito no livro “O Silmarillion” como o principal discípulo de Morghot e como um ser poderoso, capaz de enganar a muitos (TOLKIEN, 2009 A, p. 222)¹⁴¹. Ele ergue a sua grande fortaleza de Mordor, ao Leste da Terra Média, local em torno do qual começou a arregimentar as forças de todos os antigos aliados de Morghot, que passaram a servi-lo e a adorá-lo como um rei e como um deus, tendo medo dele, produzindo, dessa forma, uma relação de escravidão sobre esses povos.

No leste e no sul praticamente todos os homens estavam sob seu domínio, e naquele período eles se fortaleceram e construíram muitas cidades e muralhas de pedra; e eram numerosos e ferozes na guerra com suas armas de ferro. **Para eles, Sauron era tanto rei quanto deus; e sentiam um pavor extremo dele**, pois sua morada era cercada com fogo. (TOLKIEN, 2009 A, p. 226). Grifos meus.

Esse sucessor de Morghot é descrito mesmo conseguindo influenciar os númenorianos, quando eles estavam em decadência, depois de terem se afastado dos conselhos dos Valars, tornando-os cruéis e adotando a prática de escravizar os homens da Terra Média, ao passo que antes os númenorianos os ajudavam e os ensinavam. Assim, a escravidão é apresentada como algo que se relaciona aos povos menos desenvolvidos, se tornando prática dos númenorianos quando eles decaíram¹⁴².

Em relação a Sauron, ele é várias vezes descrito como sendo um ser que escraviza e obriga que outros o sirvam. Isso é apresentado em relação aos anéis de poder e ao um Anel, pois o segundo foi feito para controlar todos os outros, ou seja, para

¹⁴¹ Ver: Trecho 171, anexo capítulo 1.

¹⁴² Ver: Trecho 172, anexo capítulo 1.

escravizar os seus portadores, para enlouquecê-los e para fazer com que no fim todos os outros portadores sucumbissem a sua vontade, seguindo as suas ordens (TOLKIEN, 2009 A, p. 224)¹⁴³.

Foi o que ocorreu com os espectros do anel, que eram homens, alguns deles númenorianos, que foram controlados pelo Anel mestre, enquanto usavam os seus anéis de poder. Esse domínio os fez se transformarem em criaturas sombrias, assustadores para todos os seres vivos, mesmo para os orcs, ao passo que eles estavam sob o completo governo de Sauron, eram seus maiores aliados, mas acima de tudo, seus escravos, obedecendo cegamente a sua vontade.

Além de escravizar os espectros do anel, Sauron é descrito como um ser cruel e tirano, que escraviza a tudo e a todos, que se auto-intitulou Senhor da Terra, não tolerando nenhuma liberdade, pois desejava que todos se submetessem a ele, governando pela força e pelo medo sempre que possível, reunindo novamente os antigos servos de Morghot sob o seu comando, ao passo que todos que desejavam ser livres precisavam fugir de suas forças¹⁴⁴.

Além dos espectros do anel, apresentados no livro “O Senhor dos Anéis” e no livro “O Silmarillion”, como seres cruéis e atormentados, no livro “O Senhor dos Anéis”, muitos homens são escravizados por Sauron para servirem em sua guerra, na linha de frente, para morrerem primeiro. Diversos trechos da obra aludem a essa ideia.

O verso que abre o primeiro livro da trilogia “O Senhor dos Anéis”, já alude a essa perspectiva, mostrando que Sauron produziu o seu Anel de poder para governar todos os povos, para escravizá-los.

Três Anéis para os Reis-Élficos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais, fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar,
Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam. (TOLKIEN, 2010 A, p. 6). Grifos meus.

Esses versos mostram a figura de Sauron como à de um escravizador, que deseja dominar todos os povos da Terra Média, subjugando-os a sua vontade. Essa visão sobre

¹⁴³ Ver: Trecho 173, anexo capítulo 1.

¹⁴⁴ Ver: Trecho 174, anexo capítulo 1.

Sauron continua a ser apresentada no restante dos livros da Saga “O Senhor dos Anéis”. Em meio à narrativa do primeiro livro, o mago Gandalf, dialogando com o personagem Frodo, fala sobre o tema da escravidão, enfatizando que não havia como fugir da guerra contra Sauron, e que ela chegaria ao Condado e levaria a escravidão aos hobbits. Essa fala corrobora a ideia dentro do livro, de Sauron como escravizador e da escravidão atribuída a determinados povos dentro do enredo, enquanto outros eram signatários da liberdade (TOLKIEN, 2010 A, p. 82)¹⁴⁵.

Winegar, em seu artigo “Aspects of Orientalism in J. R. R. Tolkien’s The Lord of the Rings”, publicado em 2005, enfatiza essa característica do anel de Sauron, sendo um objeto com objetivos tirânicos, cuja inscrição, em letras com uma grafia que ele defende ter um estilo oriental, demonstra esses sentimentos de tirania (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

No livro “O Senhor dos Anéis - as Duas Torres”, o tema volta a se repetir na narrativa sobre Isengard e sobre como o Mago Saruman havia passado para o lado de Sauron, se tornando seu servo e ao mesmo tempo, seu concorrente, desejando tomar posse do Anel. Saruman é descrito tendo modificado muito Isengard, local em que residia por muito tempo. Essa modificação é mostrada como algo feito para pior, o que apresenta uma visão valorativa dentro da obra, atribuindo características positivas a certos grupos e negativas a outros. Essa guinada para algo pior é apresentada, por sua vez, como obra da escravidão, ao passo que Isengard era um belo local antes, sendo uma obra dos homens livres de Gondor (TOLKIEN, 2010 B, p. 134)¹⁴⁶.

Relata-se então acres cultivados por seus escravos, ao passo que a maior parte do lugar é descrito tendo se tornado um deserto com mato e espinheiros, contrastando com o que o local era antes, quando Saruman não estava sob a influência de Sauron (TOLKIEN, 2010 B, p. 134)¹⁴⁷ e não era, portanto, ainda um indivíduo signatário da escravidão.

Há uma discrepância nos dois relatos. Quando existe a presença de escravos e quando Saruman está sob a influência de Sauron, o local em que ele vive é descrito como deserto. Antes, sob a influência dos Valars, o local é apresentado como belo.

A escravidão continua sendo tema da narrativa sobre Isengard e sobre as suas transformações realizadas por Saruman, sob a influência de Sauron. Na descrição do

¹⁴⁵ Ver: Trecho 175, anexo capítulo 1.

¹⁴⁶ Ver: Trecho 176, anexo capítulo 1.

¹⁴⁷ Ver: Trecho 177, anexo capítulo 1.

local fala-se de muitas casas, salões e corredores, sendo que dos que poderiam morar ali a narrativa alude a servidores e escravos, além de guerreiros, o que naquele momento demonstra que o lugar era amplamente habitado por indivíduos escravizados (TOLKIEN, 2010 B, p. 135)¹⁴⁸.

Em um determinado ponto da narrativa, Saruman é descrito mesmo como sendo um escravo de Sauron, tendo feito modificações em Isengard que não passavam de imitações do poderio da Terra de Mordor, ao passo que ele teria abandonado a sua sabedoria antiga em troca de artifícios que vinham de Sauron. Esse é um trecho que evidencia a ideia da escravidão como algo pejorativo, atribuído sempre aos povos entendidos como menos sofisticados. Ali Saruman é apresentado como tendo antes uma sabedoria verdadeira, mas a tendo abandonado em troca de algo menor, com menor valor. A alusão é a de que Saruman havia deixado o modo de vida e os hábitos do Oeste, transmitidos pelos Valars, em troca de hábitos e conhecimentos menos virtuosos, embora mais estravagantes a primeira vista (TOLKIEN, 2010 B, p. 135)¹⁴⁹.

No relato de um dos hobbits sobre a tomada de Isengard pelos ents, ele fala que Saruman não soube o que fazer e que ele não era muito poderoso e nem corajoso sem os seus escravos. Assim, ele é comparado a Gandalf, o mago que não havia abandonado os conhecimentos dos Valars, sendo por isso mais forte. Esse trecho complementa o anterior, sobre Saruman ter abandonado o conhecimento e ter se tornado tanto um escravo como também alguém que escraviza, o que é apresentado de forma pejorativa, em detrimento ao mago Gandalf, mostrado então como melhor (TOLKIEN, 2010 B, p. 146)¹⁵⁰.

Sauron continua, no decorrer da narrativa, a ser apresentado como um indivíduo que escraviza, sendo que o resultado dessa escravidão é uma terra desolada e morta. Esse relato contrasta com o dos locais em que não há a escravidão, sempre descritos como belos e bem organizados, que são aquelas sociedades entendidas como mais desenvolvidas e com hábitos mais polidos, como Gondor, Rohan, Valfenda, Bri, e o Condado (TOLKIEN, 2010 B, p. 204 – 205)¹⁵¹.

Os escravos de Sauron, em meio à narrativa, são apresentados tanto construindo a suas obras destrutivas, quanto também não significando muito para ele, sendo seres

¹⁴⁸ Ver: Trecho 178, anexo capítulo 1.

¹⁴⁹ Ver: Trecho 179, anexo capítulo 1.

¹⁵⁰ Ver: Trecho 180, anexo capítulo 1.

¹⁵¹ Ver: Trecho 181, anexo capítulo 1.

descartáveis, que ele usa ao seu bel prazer. Em um dos trechos do livro “O Senhor dos Anéis – As Duas Torres”, Sauron usa os seus escravos para às vezes alimentar uma aranha gigante chamada Laracna, que acabava por proteger uma das fronteiras de suas terras. Por ter muitos escravos, Sauron não se importava em abrir mão de alguns para alimentar a criatura que era uma grande proteção para os seus domínios. Esse relato contrasta com o das terras dos elfos e dos homens das três casas amigas dos elfos e seus descendentes, pois diferentemente de Sauron, essas sociedades marcadas pelos ensinamentos dos Valars e dos elfos mostram prezar a vida de todos os indivíduos, além de não haver ali a escravidão. Esse é um aspecto valorativo importante dentro da obra, pois o lado dos elfos é descrito como sendo o da liberdade e todos que ali lutam são importantes, enquanto o lado de Sauron apresenta a ideia de que os indivíduos são escravizáveis e descartáveis, evidenciando assim uma dicotomia entre esses dois modelos de sociedade (TOLKIEN, 2010 B, p. 291)¹⁵².

No livro “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, o hábito da escravidão continua a ser atribuído a Sauron. Em um dos diálogos de Gandalf, antes do início da batalha em Minas Tirith, ele afirma ter piedade até mesmo dos escravos de Sauron, colocados para morrer como seres substituíveis.

— Você está pensando, meu senhor, como é seu costume, apenas em Gondor — disse Gandalf. — Apesar disso há outros homens e outras vidas, e outro tempo ainda por vir. E, quanto a mim, **condô-me até dos escravos dele**. (TOLKIEN, 2010 B, p. 83). Grifos meus.

Esse é um trecho que evidencia um juízo de valor, pois Gandalf é apresentado na narrativa como bom, tendo piedade dos escravos, enquanto Sauron o é como aquele que escraviza. Isso demonstra a ideia de dois modelos de sociedade diferentes, com hábitos diversificados, sendo que o modelo do Oeste, arquitetado pelos Valars e pelos elfos, é construído no decorrer do enredo como bom e justo, enquanto o modelo de Morghot e Sauron é descrito como mal e cruel.

Outro trecho semelhante apresenta Gandalf falando sobre o líder dos espectros do anel, sendo que ele é descrito como alguém extremamente perigoso, mas que antes de atacar sempre mandava os seus escravos alucinados à frente, enquanto ele ficaria na retaguarda, esperando à hora certa de se revelar. A escravidão é apresentada mais uma

¹⁵² Ver: Trecho 182, anexo capítulo 1.

vez como algo atribuído a Sauron, como um costume rechaçável e completamente diferente dos costumes dos povos do Oeste.

— Pode ter sido isso – respondeu Gandalf numa voz suave. — Mas nosso teste de forças ainda não começou. E, se palavras pronunciadas antigamente forem verdadeiras, ele não deverá cair pela mão do homem, e o destino que o aguarda é desconhecido dos Sábios. Seja como for, o Capitão do Desespero não está avançando, ainda. **Ele governa bem de acordo com as regras que você acabou de mencionar, na retaguarda, empurrando antes para a frente seus escravos alucinados.** (TOLKIEN, 2010 C, p. 89). Grifos meus.

Um relato na mesma batalha fala dos escravos que movimentam o grande aríete produzido em Mordor, chamado Grond, sendo eles usados ali como descartáveis, pois a cada um que caía vinha outro para lhe substituir, como se aquelas vidas não tivessem importância, sendo a única coisa importante a movimentação da arma de guerra. (TOLKIEN, 2010. C, p. 100)¹⁵³.

Na narrativa, o regente de Gondor, Denethor, em sua loucura final, quando tenta queimar a si mesmo e ao seu filho, fala da queda eminente de Gondor e que todos serão mortos ou escravizados pelo inimigo. No fim de sua fala ele diz que o Ocidente falhou, aludindo a ideia de que os tempos de liberdade terminaram (TOLKIEN, 2010 C, p. 129)¹⁵⁴.

Enquanto o hábito da escravidão vai sendo atribuído a Sauron e aos seus servidores, o da libertação e da liberdade vai sendo, no decorrer da narrativa, imputado aos homens fiéis aos Valars. Esse é o caso, no livro “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, do personagem Aragorn, que é apresentado como o herdeiro do trono do reino de Gondor. Em uma das cenas, Aragorn liberta os escravos dos homens orientais, que haviam sido colocados para remar os grandes navios de guerra a serviço de Sauron. Muitos desses cativos e dos povos ao redor se juntam a Aragorn na luta pela liberdade¹⁵⁵.

Por último, na obra “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, esse tema da escravidão aparece quando o capitão negro de Mordor fala com Gandalf e com os capitães do Oeste, exigindo-lhes lealdade a Mordor, sendo que deveriam se submeter a Sauron e ao senhor que ele mandaria para tomar conta do Oeste da Terra Média. Os personagens que ouvem aquilo são narrados entendendo que aquele acordo significaria

¹⁵³ Ver: Trecho 183, anexo capítulo 1.

¹⁵⁴ Ver: Trecho 184, anexo capítulo 1.

¹⁵⁵ Ver: Trecho 185, anexo capítulo 1.

que eles passariam da condição de liberdade para a de meros servos de Sauron, sendo obrigados a obedecer-lhe em tudo e a se sujeitarem a todas as suas vontades (TOLKIEN, 2010 C, p. 170 – 171)¹⁵⁶.

Winegar, ao defender uma posição multicultural na obra de Tolkien, declara que a língua negra de Mordor é desprezada no enredo, e que isso se daria pelo caráter tirânico que ela possuía, bem como por sua associação ao modelo de sociedade de Mordor, baseado na tirania, e não por essa ser uma língua de um local que está a Oriente (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

Nos momentos oportunos, se discutirá as ideias de multiculturalismo na obra de Tolkien, mas parte da declaração de Winegar pode ser corroborada nesse capítulo, pois de fato, a língua negra de Mordor é rechaçada por ser atribuída a um modelo de sociedade descrito em todo o enredo como baseado na escravidão e na tirania. Sendo assim, esse é mais um aspecto que prova que a ideia da tirania atribuída a Melkor/Morghot, Sauron e todos os que os seguem.

Contudo, a despeito do argumento de Winegar, deve-se ter em conta que Morghot e Sauron instauram as suas tiranias a Leste e que, portanto, em última análise, o Oriente é apresentado como a terra do mal, da escravidão e da tirania.

As menções a escravidão na obra de Tolkien são constantes e elas se remetem a uma série de ideias pré-concebidas sobre esse assunto, que circulavam nos meios intelectuais europeus nos tempos de formação e de escrita desse autor.

Durante o século XIX a escravidão passou a ser rechaçada como prática pelos principais países europeus, muito em função das reformas econômicas pelos quais esses países passaram, em torno de uma Revolução Industrial ocorrida em alguns desses países, que teria gerado a necessidade de uma mão de obra livre, que fosse uma consumidora em potencial dos novos produtos industrializados, produzidos em grande escala (HOBSBAWN, 1982, p. 19 – 38). Assim, boa parte dos países europeus, com discursos produzidos por suas intelectualidades, vinculados aos setores industriais, produziram a ideia de que a escravidão era algo completamente ilegítimo e que deveria ser completamente abolida, sendo que boa parte da fundamentação dessa defesa já estava contida em autores dos séculos anteriores, muitos dos quais já defendiam o fim do trabalho escravo como forma de desenvolver as forças produtivas (ROCHA, 2000, p. 43).

¹⁵⁶ Ver: Trecho 186, anexo capítulo 1.

A bibliografia sobre essa teoria da não escravidão e da defesa do trabalho livre na Europa passa por estudos como o da Antropologia, do Direito, da Sociologia e da História, contudo, abordar-se-á aqui o assunto somente pelo âmbito da historiografia mais recente, usando autores como Eric Hobsbawm e José Alberto Bandeira Ramos¹⁵⁷, que compreendem esse projeto de rechaço da escravidão a partir de um determinado momento como ocorrendo em torno de objetivos econômicos e ideológicos que tentaram produzir uma identidade ocidental coesa. José Alberto Bandeira Ramos afirma que a escravidão foi questionada como sistema e como modelo somente quando essa prática passou a contrariar interesses das potências europeias que estavam se industrializando, ao passo que anteriormente esses mesmos países haviam participado e se beneficiado do grande tráfico de escravos africanos que marcou os séculos XVI, XVII e XVIII (RAMOS, 2008).

Hobsbawm diz o mesmo sobre a servidão no âmbito interno europeu, que só é descartada como prática quando já não atende mais aos interesses dos grupos dominantes. Contudo, ele aponta a ascensão de uma classe média e a Revolução Industrial como partes primordiais nesse processo de transformação, sobretudo na construção de uma teoria sobre a igualdade entre todos e dos fins dos privilégios, da servidão e da escravidão. Porém, essa proposição não estava preocupada em melhorar condições de trabalho ou em resolver os problemas de desigualdades sociais, mas somente em garantir que não houvesse a escravidão e a servidão em suas conformações clássicas (RAMOS, 2008).

Marc Ferro, dialogando com o que foi escrito por Hobsbawm, acrescenta alguns aspectos ao debate do ponto de vista cultural e argumenta que em meio a esse contexto econômico e político, das revoluções burguesas de viés econômico, a Europa teria passado então a se auto-construir como um lugar em que a liberdade reinava, fazendo desse preceito a base para a ideia de Ocidente, ao passo que a prática da escravidão passou a ser rechaçada e entendida como uma característica de outros povos e não dos europeus. Assim, a intelectualidade das potências europeias dos fins do século XIX passaram a construir uma visão de história e do passado bastante singular no que se refere ao tema da escravidão, tirando a responsabilidade de ingleses, franceses e holandeses do processo de escravização das populações africanas levadas para as

¹⁵⁷ Prof. Dr. José Alberto Bandeira Ramos, professor aposentado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

Américas, colocando tal responsabilidade na Espanha e em Portugal, dois países que sob inúmeros aspectos eram mal vistos pelos demais europeus, devido aos seus contatos constantes com os povos árabes (FERRO, 1996).

Junto à ideias de pureza racial, boa parte da intelectualidade europeia não entendia os espanhóis e portugueses como europeus, mas sim como mestiços e, portanto, como não europeus, pois a perspectiva era a de que ser europeu era ser puro racialmente e culturalmente. Essa perspectiva, por exemplo, pode ser vista no livro “A Mulher que fugiu a cavalo” de T.H Lawrence (1885 – 1930), em que um dos personagens, em viagem ao México, afirma que lá eles entraram em contato com mexicanos, espanhóis, mas raramente com homens brancos. Esse relato apresenta a ideia de espanhóis como não europeus, sendo que o argumento na época para esse tipo de visão era a de que os ibéricos eram povos miscigenados e, portanto, como não brancos e não europeus.

Uma vez como não europeus a escravidão foi então apresentada como sendo de responsabilidade dos ibéricos, que teriam realizado todo o tráfico negreiro, que teria, por sua vez, tido a participação de poucos verdadeiros europeus. Além disso, o mesmo processo foi produzido para explicar a escravidão negra nas colônias inglesas nas Américas, como nas treze colônias que depois se tornariam os Estados Unidos, de forma que o trabalho escravo nessa região foi em parte atribuído a indivíduos de origem espanhola que passaram a habitar as colônias do sul, próximas ao México (FERRO, 1996).

Assim, a escravidão foi sendo contruída como uma característica não europeia, enquanto se produzia uma identidade ocidental em torno da ideia de liberdade e dos valores tidos como iluministas, enquanto a escravidão produzida pelos próprios europeus no passado foi sendo minimizada discursivamente, atribuída a europeus degenerados e/ou miscigenados.

Outra característica do tema escravidão em meio à intelectualidade europeia é a sua constante atribuição como prática oriental, o que pode ser encontrado como um dos argumentos mais fortes do pensamento orientalista para definir o Oriente e o diferenciar do Ocidente, tal como afirma Said e outros estudiosos mais recentes sobre o tema do pensamento orientalista. Assim, a escravidão e o despotismo são características atribuídas pelo pensamento orientalista aos orientais, que, por sua vez, entendiam os ocidentais como tendo um valor oposto, o da liberdade, que teria sido uma constante,

mesmo nos tempos em que havia servidão na Europa, pois a servidão europeia, para esses pensadores, não produzia o mesmo grau de opressão encontrado no que eles chamavam de modo de produção asiático, em que os indivíduos eram apenas seres descartáveis para um déspota (MACEDO, 2011, p. 7 – 12).

A escravidão como característica oriental é uma das principais formas depreciativas de construção do Oriente pelo Ocidente produzido pela cultura europeia, segundo Said, sendo um discurso comum entre orientalistas desde pelo menos o século XVIII, se perpetuando na longa duração como uma verdade sobre o mundo oriental, que apresentava esse mundo como bizarro e cruel para o público europeu (SAID, 2007, p. 27 – 60).

A obra de Tolkien, sob inúmeros aspectos mostra reproduzir esse modo de pensar sobre a escravidão como uma característica oriental, pois apresenta o modelo de sociedade construído no Leste como sendo o da escravidão e do despotismo, com as figuras de Melkor/Morghot e de Sauron escravizando diversos povos e construindo a escravidão como um costume. Os orientais da obra de Tolkien, por sua vez, são apresentados tanto como estando sob o domínio de Morghot e depois de Sauron, como também escravizando outros homens, sendo que o mesmo ocorre com os orcs, apresentados da mesma forma, signatários da escravidão.

Assim, Tolkien apresenta uma visão depreciativa sobre os orientais, sejam eles os homens ou os orcs, que também possuem características orientais dentro do enredo, sendo que ele atribui ao Oriente o mesmo estigma da escravidão e do despotismo que era produzido pelo pensamento orientalista sobre essa região. Dessa forma, é possível compreender que Tolkien, sob inúmeros aspectos, estaria representando esse modo de pensar sobre a escravidão dentro de seu enredo, construindo, por sua vez, duas realidades dentro de sua ficção, com dois modelos de sociedade, os quais com valores diferentes, um positivo, com hábitos polidos, com progresso e com uma sociedade organizada, avançada e livre; o outro com hábitos rudes, com atraso e com uma sociedade desorganizada, atrasada e escravizada.

1.5.4 A liberdade oferecida pelos Valars e pelos povos que os seguem

Se na narrativa de Tolkien Melkor/Morghot e Sauron são aqueles que promovem um modelo de mundo cuja escravidão e a servidão são constantes, por outro lado, os

Valars e os elfos, bem como posteriormente os númenorianos e os homens de Gondor são os agentes da liberdade, signatários de um modelo de mundo cuja liberdade é um princípio e mesmo uma essência que lhes dá sentido. Desde o primeiro momento os Valars se apresentam abertos a dar liberdade aos elfos e a ensinar-lhes sem aprisioná-los.

Mesmo no momento da fuga dos elfos noldors, contra a vontade dos Valars, eles não são impedidos, embora fique muito claro que se fosse do desejo dos Valars não lhes faltaria força para impedir que os Primogênitos abandonassem a terra de Aman.

Os Valar haviam trazido os eldar para sua terra em liberdade, para que ficassem ou partissem; e, embora pudessem considerar a partida uma insensatez, os Valar não poderiam impedi-los de ir embora. (TOLKIEN, 2009 A, p. 47).

Os elfos que voltam para a Terra Média agem da mesma forma, não escravizando nenhum homem e acolhendo como discípulos e amigos aqueles que foram chamados de amigos dos elfos, que mesmo quando colocados na posição de subordinados, são sempre tratados com deferência, como serviçais leais, porém, não como servos ou escravos¹⁵⁸.

Os homens das três casas, por sua vez, também agem da mesma forma, com seus nobres não escravizando os camponeses de seu povo, mas sim, tratando-os com dignidade e respeito, ainda que como pessoas de posição social diferente. Isso é descrito em relação à Túrin, que quando criança faz amizade com um serviçal que trabalhava em sua casa, tratando-o com respeito e amizade (TOLKIEN, 2009 B, p. 107)¹⁵⁹.

Essa situação de não escravização se mantém quando os homens das três casas são levados para Númenor, se tornando o povo chamado de númenoriano, que tinha dentre muitas qualidades um grande apreço pela liberdade e uma forte ligação com os elfos e com os Valars, principalmente no início, nos primeiros reinados. Os númenorianos, enquanto se mantiveram fiéis aos Valars, são descritos como sendo homens sábios, que aprenderam grandes ofícios e grandes artes, sendo que ao começarem a viajar para a Terra Média, em excursões cada vez mais constantes, passaram a ensinar muitas coisas aos homens que a habitavam, sem escravizá-los, mas

¹⁵⁸ Ver: Trecho 187, anexo capítulo 1.

¹⁵⁹ Ver: Trecho 188, anexo capítulo 1.

sim trabalhando para que eles também se desenvolvessem, criando uma amizade (TOLKIEN, 2009 A, p. 205)¹⁶⁰.

Somente depois que a sombra da infidelidade aos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 107, 111) teria começado a rondar Númenor é que os númenorianos teriam deixado essa prática amistosa para com os homens da Terra Média, começando a cobrar-lhes taxas e exigindo deles subserviência e posteriormente escravizando-os (TOLKIEN, 2009 A, p. 214 – 215)¹⁶¹.

Mas os númenorianos fiéis são descritos como jamais tendo feito tal coisa, discordando do rei e dos seus partidários, que davam as costas aos Valars. Esses fiéis foram aqueles que mantiveram amizade com os elfos, tanto os da Terra Média como os de Erëssea, bem como não concordavam com a opressão aos povos da Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 212 – 213). Foram eles que são narrados como aqueles que conseguiram escapar a queda de Númenor e que fundaram os reinos de Gondor e Arnor (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 227).

Gondor e Arnor mantêm a mesma relação em referência ao tema liberdade e escravidão, pois se estabelecem como reinos que combatiam Sauron e seu costume de escravizar, ao passo que sustentavam relações de cordialidade para com os demais povos, sem escravizá-los, oferecendo amizade e compartilhando conhecimento (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 229), como no caso dos homens do norte, que se tornam grandes aliados dos gondorianos (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 484). Várias das regiões a Oeste, sob a área de influência de Gondor e Arnor são conservadas como terras livres, em que seus povos não são incomodados pelos reis, que são apresentados apenas prestando auxílio a esses povos, exigindo, em contrapartida, que eles não se aliassem a Sauron (TOLKIEN, 2010 A, p. 5 – 25).

Isso ocorre, por exemplo, com os homens das Sendas dos mortos, que fizeram um juramento de lealdade a Gondor e que depois não o quiseram cumprir. Gondor não os retaliou, mas rompeu relações com eles, pela quebra do juramento, ao passo que Isildur os amaldiçoou (TOLKIEN, 2010 C, p. 47)¹⁶².

Essa relação de liberdade é apresentada em relação ao Condado e ao povo de Bri, que nos primeiros tempos eram regiões pertencentes ao reino de Arnor, que editava as leis locais e tinha uma autoridade sobre o local, deixando, no entanto, o governo aos

¹⁶⁰ Ver: Trecho 189, anexo capítulo 1.

¹⁶¹ Ver: Trecho 190, anexo capítulo 1.

¹⁶² Ver: Trecho 191, anexo capítulo 1.

próprios líderes locais, quase não interferindo nos assuntos daquelas comunidades. Depois do fim do reino de Arnor o povo do Condado e de Bri ficam sem uma liderança maior, porém, ainda sim, mantiveram as tradições, elegendo seus prefeitos, que ainda seguiam a tradição e as leis dos tempos de Arnor (TOLKIEN, 2010 A, p. 5 – 25).

O próprio confronto contra Sauron, sustentado pelos númenorianos e pelos elfos tinha a sua principal argumentação na ideia de que Sauron era um opressor, uma espécie de déspota, que escravizaria a todos, ao passo que os númenorianos e os elfos defendiam a liberdade para eles mesmos e para os demais povos que estavam sob a proteção deles. Essa relação se mantém na obra após a grande batalha em que Sauron perde o Um Anel e é derrotado, pois suas forças ainda permanecem ocultas e os homens do Leste atacam Gondor, tentando impor um regime de opressão sobre os povos do Oeste, como é o caso das constantes invasões dos carroceiros, que escravizam os homens do norte.

Mas, quando as invasões dos Carroceiros começaram e envolveram Gondor em guerras que duraram quase cem anos, os Homens do Norte suportaram o pior impacto dos primeiros ataques. ... **A maioria dos Homens do Norte caiu na servidão, e todas as suas antigas terras foram ocupadas pelos Carroceiros.** ... mas disseram também que estava em preparação uma revolta dos Homens do Norte que haviam **sido escravizados**, e que esta irromperia caso os Carroceiros se envolvessem em alguma guerra. (TOLKIEN, 2009 B, p. 455 – 456). Grifos meus.

Na guerra do Anel, narrada na trilogia “O Senhor dos Anéis”, a liberdade e a escravidão voltam a aparecer como um grande tema na narrativa, pois toda a ameaça de Sauron ao Oeste, motivo da guerra, tem relação com o desejo de liberdade dos povos do Oeste, em se manterem livres do jugo de Sauron, considerado por eles um tirano, que iria lhes tirar a liberdade e transformar a todos em seus servos. A luta para destruir o Anel de poder, bem como para deter as tropas de Mordor se baseiam na ideia de manter o Oeste livre, sem sucumbir à escuridão, a escravidão e a barbárie.

A ideia de liberdade e escravidão é constante na obra de Tolkien. Essas ideias fazem parte de um amplo debate existente no campo intelectual europeu, a dos costumes e da evolução de cada povo. Os povos tidos como mais adiantados, com hábitos mais polidos, eram entendidos, a partir de meados do século XIX, como povos que repudiavam a escravidão, mesmo que de povos considerados como inferiores. A própria Europa, no período em que se utilizou da mão de obra escrava dos negros em suas

colônias americanas era entendida como uma Europa ainda bárbara, que havia passado ao estágio da civilização através da grande revolução do pensamento produzida pelo iluminismo (STRAUSS, 1998, p. 8 – 10).

A historiografia sobre como a escravidão passou a ser tratada a partir do século XIX pelos europeus apresenta essa relação de como os pensadores europeus do século XIX e da primeira metade do século XX passaram a abominar a ideia de escravidão, ainda que não se opusessem a colonizar os povos considerados por eles como inferiores (ROCHA, 2000, p. 37 – 40). Essa é uma relação que é apresentada por Antonio Penalves Rocha, em seus estudos sobre o anti escravismo, em que ele evidencia a mudança do discurso europeu sobre a escravidão após o iluminismo e a Revolução Francesa, produzindo uma intelectualidade anti-escravista, embora continuassem a crer na superioridade europeia, mas a partir de então em torno de outro discurso, o de superioridade civilizacional e racial, embora a superioridade religiosa não tenha sido completamente abandonada, como se vê no movimento das missões civilizadoras (ROCHA, 2000, p. 37 – 40).

Diversos pensadores, ao escreverem sobre a ideia de selvagens, bárbaros e civilizados usavam a ideia da liberdade e da escravidão como um dos parâmetros para evidenciar o estágio de desenvolvimento de uma sociedade, sendo que uma das marcas de uma sociedade civilizada seria o não uso de mão de obra escrava, mas sim de mão de obra livre. A barbárie, por sua vez, seria marcada pelo uso de servos e de escravos. Esse era um dos argumentos usados para se entender chineses, japoneses, indianos, Turco Otomanos e outros povos orientais como bárbaros, por se utilizarem ainda da servidão e da escravidão como uma de suas formas de mão de obra (SAID, 2007, p. 61 – 113).

Essas representações dos elfos e dos homens do Oeste como contrários a escravidão corroboram a ideia apresentada sobre as versões históricas produzidas no século XIX de que a verdadeira Europa teria participado de forma pouco significativa na escravidão africana e que isso teria sido obra majoritariamente da região ibérica. Tolkien, sob inúmeros aspectos, ao produzir um Oeste com populações com características físicas caucasianas e sendo signatário da liberdade, lutando contra um Leste com populações com características mongólicas e denominados como orientais, que defendiam o despotismo e a escravidão, estaria representando essas ideias de seu tempo, introjetadas em seu pensamento.

No contexto em que Tolkien escreveu sua ficção, a ideia de liberdade era parte importante do princípio de ser civilizado, uma premissa que ele mostra corroborar, pois em sua obra ele retrata os povos considerados como do bem como tendo os hábitos polidos entendidos como uma das marcas da civilidade, bem como corrobora a ideia de liberdade e de uma grande luta contra a escravidão e contra os hábitos e os modos de vida daqueles considerados como bárbaros. A liberdade e a escravidão como temas na obra de Tolkien se apresentam, pois, como parte de algo maior, de uma ideia constante em sua obra sobre o que é ser bom, civilizado, em detrimento a ser mal e bárbaro.

1.6 Modelos de monarquia na obra de Tolkien

Das descrições sobre hábitos e modos de viver e de se organizar, as sociedades descritas na obra de Tolkien quase sempre são apresentadas como monarquias. Que, no entanto, carregam diferenciações, pois cada povo ali, como já se discutiu, estaria em um estágio diferente de desenvolvimento, tendo hábitos diversificados e modos de agir e de viver diferenciados e antagônicos em diversos casos.

1.6.1 As monarquias de Melkor/Morghot e de Sauron

As monarquias dos povos a serviço de Melkor/Morghot e de Sauron são descritas como sendo arbitrárias e cruéis, com reis que pensam em si mesmos, que governam para si, sem piedade com os seus súditos¹⁶³. Isso é apresentado logo no início da narrativa sobre a criação do mundo, quando se fala sobre Melkor e seu desejo de se tornar o senhor daquele mundo, levando consigo muitos espíritos da raça dos Maiars e depois, pervertendo muitos dos Primogênitos, criando a raça dos orcs.

¹⁶³ Tolkien corrobora a ideia de Melkor/Morghot e Sauron como tiranos em algumas de suas cartas:

Na minha história, Sauron representa uma aproximação do completamente mau tão próximo quanto possível. Ele seguiu o caminho de todos os tiranos: começando bem, pelo menos no nível que, apesar de desejar ordenar todas as coisas de acordo com sua própria sabedoria, ele no início ainda levava em consideração o bem-estar (econômico) de outros habitantes da Terra. Mas ele foi além dos tiranos humanos no orgulho e na ânsia pela dominação, sendo em origem um espírito (angelical) imortal*.

(TOLKIEN, 2009 C, p. 406. Carta 183).
Sauron desejava ser um Rei-Deus, e assim era considerado por seus servidores*; se tivesse sido vitorioso, ele teria exigido honras divinas de todas as criaturas racionais e poder temporal absoluto sobre o mundo inteiro. (TOLKIEN, 2009 C, p. 406. Carta 183).

Mas, quando os Ainur contemplaram essa morada numa visão e viram os Filhos de Ilúvatar surgirem dentro dela, muitos dos mais poderosos dentre eles concentraram todo o seu pensamento e seu desejo nesse lugar. E, desses, Melkor era o chefe, exatamente como no início ele fora o mais poderoso dos Ainur que haviam participado da Música. E ele fingia, a princípio até para si, que desejava ir até lá e ordenar tudo pelo bem dos Filhos de Ilúvatar, controlando o turbilhão de calor e frio que o atravessava. **No fundo, porém, desejava submeter à sua vontade tanto elfos quanto homens, por invejar-lhes os dons que Ilúvatar prometera conceder-lhes; e Melkor desejava ter seus próprios súditos e criados, ser chamado de Senhor e ter comando sobre a vontade de outros.** (TOLKIEN, 2009 A, p. 8). Grifos meus.

O desejo de Melkor na narrativa é descrito como o de se tornar o senhor de tudo, o de fazer aquele mundo ser seu e tudo ali estar ao seu serviço.

Assim teve início sua enorme labuta em espaços imensos e inexplorados, e em eras incontáveis e esquecidas, até que nas Profundezas do Tempo e no meio das vastas mansões de Eä, veio a surgir à hora e o lugar em que foi criada a habitação dos Filhos de Ilúvatar. E, nessa obra, a parte principal coube a Manwë, Aulë e Ulmo; mas Melkor também estava ali desde o início e interferia em tudo o que era feito, transformando-o, se conseguisse, de modo que satisfizesse seus próprios desejos e objetivos; e ele acendia enormes fogueiras. **E assim, quando a Terra ainda era jovem e repleta de energia, Melkor a cobiçou e disse aos outros Valar: - Este será o meu reino; e eu o designo como meu!** (TOLKIEN, 2009 A, p. 10). Grifos meus.

Melkor se torna incansável nesse seu objetivo, mesmo depois de aprisionado e de passar longo período preso, sendo perdoado pelos Valars, ao passo que logo que foi libertado na ilha de Aman, começa a tramar para destruir a paz e a bem aventurança dos elfos, pois assim ele mesmo poderia ganhar grande poder (TOLKIEN, 2009 A, p. 41 – 53). Ao voltar para a Terra Média, fugindo de Aman, Melkor reorganiza a sua antiga fortaleza em Angband e reúne novamente todas as forças que outrora estavam ao seu redor, iniciando um reinado de terror, enquanto buscava expandir os seus domínios, se autoproclamando Rei do mundo.

Em Angband, porém, Morgoth forjou para si uma coroa de ferro e se intitulou Rei do Mundo. (TOLKIEN, 2009 A, p. 56).

Melkor/Morghot é apresentado como um rei que detém todo o poder em sua mão, ao passo que seus servos mais leais e mais poderosos também possuem uma posição de destaque em seu reinado, como é o caso de vários dragões, criaturas que ele produz e que lhe servem, sendo sempre mandados para cantos e locais do mundo para

perturbar a paz de seus inimigos, para causar devastação, além de lhe servirem na guerra com grande presteza. O mesmo acontecia com os balrogs, espíritos antigos que ele havia corrompido dentre a raça dos Maiars. Dentre esses aliados o mais poderoso deles e o que mais teria se tornado semelhante a ele foi Sauron, também da raça dos Maiars (TOLKIEN, 2009 A, p. 17 – 18).

Morghot então se torna um rei cada vez mais tirano e cruel, sendo essa uma das principais características de seu reinado.

Pois agora, mais do que nos tempos de Utumno, antes que seu orgulho sofresse humilhação, o ódio o devorava; e ele consagrava seu espírito a dominar seus servos e a inspirar-lhes o desejo do mal. Mesmo assim, sua majestade como um Vala persistiu por muito tempo, embora transformada em terror, e, diante de seu semblante, todos, a não ser os mais poderosos, sucumbiam num negro abismo de pavor. (TOLKIEN, 2009 A, p. 56).

O reinado de Morghot tinha por seu centro a sua fortaleza em Angband, local fortificado por uma grande muralha e por um portão de ferro. Ali ele era rei absoluto, sentado em seu trono. Os seus vassallos, por sua vez, o obedeciam como seus servos e não como o seu povo (TOLKIEN, 2009 A, p. 56)¹⁶⁴.

Não há muitas informações sobre como o reino de Morghot funcionava internamente, mas apenas que era povoado por criaturas monstruosas, como dragões, balrogs e orcs. Os relatos dão a entender que Angband não era um local com luxo, com grande requinte, mas sim, descrito como feio e escuro. Essa realidade pode ser percebida na narrativa que fala sobre o rei Thingol e seu pedido feito a Beren, para que lhe conseguisse uma das silmarillis da coroa de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 127)¹⁶⁵.

Outro relato que apresenta Angband como um reino habitado por criaturas terríveis é o da destruição de Gondolin, em que Morghot esvazia Angband, mandando para a guerra os seus balrogs e seus dragões (TOLKIEN, 2009 A, p. 149)¹⁶⁶.

Depois da queda de Angband e da expulsão de Morghot para fora dos círculos do mundo, seu principal servo e discípulo, Sauron, construiu ao seu redor, com o que havia restado das forças de Morghot, um reinado ao Leste da Terra Média, em Mordor, local em que ele já possuía um domínio nos tempos de Morghot. Sauron é descrito

¹⁶⁴ Ver: Trecho 192, anexo capítulo 1.

¹⁶⁵ Ver: Trecho 193, anexo capítulo 1.

¹⁶⁶ Ver: Trecho 194, anexo capítulo 1.

como um senhor considerado sábio, mesmo pelos elfos, pois naqueles tempos ele ainda conseguia usar uma aparência agradável para os elfos e para os homens, ao passo que muitos não sabiam que ele havia sido servo de Morghot e que pertencia a raça dos Maiars¹⁶⁷.

Porém, no Leste, Sauron é descrito como um líder tirano, reverenciado como um rei e como um deus pelos orientais, que muito o amavam, pelo que ele lhes ensinava, mas também muito o temiam e não ousavam desobedecê-lo. Sauron também é apresentado como tendo organizado diversos povos do Leste que o seguiam, para guerrearem contra os elfos e contra os númenorianos¹⁶⁸.

Nesse primeiro momento não há grandes descrições de como funcionava internamente os domínios de Sauron, embora fique implícito que a escravidão e a servidão eram coisas constantes, pois isso é mencionado depois, no livro “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, quando Frodo e Sam vagam por Mordor (TOLKIEN, 2009 A, p. 205)¹⁶⁹.

Depois da queda de Númenor, Sauron volta para Mordor, onde seus servos já o aguardavam. Naquele momento os elfos da Terra Média já sabem das más intenções de Sauron, pois a trama dos anéis de poder já havia sido desvendada naquele tempo. Sauron então reina no Leste, preparando as suas forças para guerrear contra os homens do Oeste e contra os elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 228)¹⁷⁰.

Pouco se narra sobre a organização interna de seu reino nesse momento, mas apenas que ele possuía grande poder, muitos servos e escravos, tendo um exército gigantesco.

Depois da derrota de Sauron e de perder o seu Anel de poder, Sauron ficou muito tempo sem poder e oculto, porém, aos poucos ele volta a reerguer o seu poder, iniciando um reinado na floresta das trevas, com o nome de Necromante ou feiticeiro de Dol Guldur, o que é narrado no livro “O Silmarillion”. Porém, esse reinado não é descrito em seu funcionamento interno (TOLKIEN, 2009 A, p. 233 – 234)¹⁷¹, mas fica implícito que ele era um senhor absoluto ali.

¹⁶⁷ Ver: Trecho 195, anexo capítulo 1.

¹⁶⁸ Ver: Trecho 196, anexo capítulo 1.

¹⁶⁹ Ver: Trecho 197, anexo capítulo 1.

¹⁷⁰ Ver: Trecho 198, anexo capítulo 1.

¹⁷¹ Ver: Trecho 199, anexo capítulo 1.

Quando volta para Mordor, depois de ser desvendado pelo Mago Gandalf, Sauron reergue a sua fortaleza e o seu reinado naquela região (TOLKIEN, 2009 A, p. 236)¹⁷².

Sua monarquia é nesse local regida com mão de ferro, causando medo e impondo o terror, obrigando outros povos a servi-lo ou a negociar com ele. Isso é apresentado em relação a alguns anões, que são coagidos a lutar ao lado de Sauron, com ameaças, mas se negam (TOLKIEN, 2010 A, p. 371 – 372)¹⁷³.

As maiores descrições do reino de Sauron se encontram em “O Senhor dos Anéis”, embora não haja nenhuma narrativa do convívio pessoal desse personagem com os seus súditos. O que é apresentado sobre a monarquia de Sauron é a forma como os seus exércitos e seus servos são tratados pelos nazgûl, seus principais aliados. O medo é a relação que impera nesse contexto, pois todos temem os espectros do anel e também o olho de Sauron. Já Mordor, como um todo, é um lugar desolado, sem luxo, sem requinte.

O medo dos nazgûl é exemplificado em uma cena em que dois orcs discutem, enquanto tentavam achar os rastros dos dois hobbits que haviam conseguido se infiltrar na terra de Mordor (TOLKIEN, 2009 A, p. 207 – 208)¹⁷⁴.

Os orcs, que seriam aqueles que em maior número habitariam as terras de Mordor, são em diversos momentos tratados como escravos dentro daquele local, sendo chicoteados por condutores de escravos em uma determinada cena (TOLKIEN, 2009 A, p. 213)¹⁷⁵. Assim, o reino de Sauron, da mesma forma que o de seu mestre Morghot, é apresentado como uma tirania, governado por ele e tendo todos ali como seus servos e escravos.

Muito diferente dos reinados de Morghot e de Sauron é a descrição dos reinados dos Valars, dos elfos e dos homens do Oeste.

1.6.2 O reino dos Valars

No livro “O Silmarillion”, os Valars produzem a sua primeira morada na Terra Média, um lugar cheio de luz e de beleza, com belas coisas (TOLKIEN, 2009 A, p. 18 –

¹⁷² Ver: Trecho 200, anexo capítulo 1.

¹⁷³ Ver: Trecho 201, anexo capítulo 1.

¹⁷⁴ Ver: Trecho 202, anexo capítulo 1.

¹⁷⁵ Ver: Trecho 203, anexo capítulo 1.

19)¹⁷⁶. Porém, Melkor destrói essa morada dos Valars, ao arruinar as duas grandes lamparinas que iluminavam o mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 20)¹⁷⁷.

Com a primeira morada dos Valars sendo destruída, eles decidem então erguer uma nova residência no Oeste, em uma ilha separada do continente, em que eles podiam construir com segurança, guarnecendo o lugar de estruturas, produzindo muralhas para proteger o local, e, por fim, erguendo a grande cidade de Valinor, uma obra descrita como sendo grandiosa e bela, com construções imponentes¹⁷⁸.

O lugar foi ainda embelezado pelos elfos noldors, que ao serem levados para lá, ornaram o reino com belas obras de arte (TOLKIEN, 2009 A, p. 39).

Valinor era regida pelo Valar Manwë e por sua esposa, Varda, embora as grandes decisões não fossem tomadas por ele sozinho, mas sim por um conselho, formado por ele e pelos demais Valars, que se reuniam sempre para deliberar sobre os principais assuntos a serem resolvidos, o que era sempre debatido em assembléia, até que se chegasse a um consenso ou ao resultado de uma votação. Cada um dos Valars tinha a sua morada em Valinor, para desenvolver as suas atividades, ao passo que o centro do poder era a morada de Manwë, um lugar descrito como suntuoso e muito bem ornado (TOLKIEN, 2009 A, p. 20)¹⁷⁹.

O debate e as decisões do reino dos Valars são descritas acontecendo sempre em assembléias, o que evidencia uma diferença em relação ao que é apresentado no reino de Melkor, que é descrito como um tirano cruel, que decide tudo por sua conta e em torno de sua vontade, para atingir seus objetivos pessoais e seu desejo de poder. As deliberações dos Valars tomadas em assembléias podem ser exemplificadas pelo trecho abaixo, em que o Valar Ulmo é descrito não indo às assembléias dos Valars para auxiliar nas decisões.

Ulmo é o Senhor das Águas. Ele vive só. Não mora em lugar algum por muito tempo, mas se movimenta à vontade em todas as águas profundas da Terra ou debaixo dela. Seu poder só é inferior ao de Manwë; e, antes da criação de Valinor, era seu melhor amigo. A partir dessa época, entretanto, **raramente foi às assembléias dos Valar, a menos que questões importantes estivessem em discussão.** (TOLKIEN, 2009 A, p. 13).
Grifos meus.

¹⁷⁶ Ver: Trecho 204, anexo capítulo 1.

¹⁷⁷ Ver: Trecho 205, anexo capítulo 1.

¹⁷⁸ Ver: Trecho 206, anexo capítulo 1.

¹⁷⁹ Ver: Trecho 207, anexo capítulo 1.

Esse modelo de monarquia dos Valars contrasta com o desenvolvido por Melkor no mesmo período, sendo eles completamente antagônicos. O padrão adotado por Melkor se apresenta centrado em sua figura e não há nenhuma preocupação com o bem estar dos outros, ao passo que o modelo desenvolvido pelos Valars é descrito como sendo mais descentralizado, voltado para o bem estar de todos e não apenas do governante, baseado em algo maior, pois ali o governante é um representante do criador do mundo¹⁸⁰.

Esse é um antagonismo que pode se remeter a uma ideia sobre a legitimidade do poder e dos governos. Segundo Perry Anderson, o pensamento europeu, no decorrer da modernidade, desenvolveu algumas teorias sobre os governos e suas legitimidades, enfatizando que cada governo se legitimaria de uma forma, ao passo que alguns seriam considerados ilegítimos, não passando de tiranias ou ditaduras, por não estarem galgados em nenhum outro princípio além daquele voltado para uma vontade despótica do soberano em exercício (ANDERSON, 1994, p. 7 – 14; 42 – 57).

Essa é uma ideia que aparece na narrativa de Tolkien, pois o governo dos Valars é apresentado como aquele que possui um fundamento, que está representando o criador do universo e que pensa no bem estar de todos, sendo seu objetivo construir um mundo para que os filhos de Ilúvatar, os elfos e os homens, pudessem habitar e viver em felicidade. Em contrapartida, o governo de Melkor visaria unicamente suprir os seus desejos, a sua vontade, sem se importar com os desejos e com o bem estar de outros, além disso, não estaria representando o criador do universo, muito pelo contrário, seria contra as suas vontades.

¹⁸⁰ Tolkien fala um pouco da ideia dos Valars como representantes do criador do mundo em alguns trechos de suas cartas:

Os ciclos começam com um mito cosmogônico: a *Música dos Ainur*. Deus e os Valar (ou poderes: vertidos por deuses) são revelados. Estes últimos são o que chamaríamos de poderes angelicais, cuja função é exercer uma autoridade delegada em suas esferas (de domínio e governo, *não* de criação, fazer ou refazer). São “divinos”, isto é, originalmente estavam “fora” e existiam “antes” da criação do mundo. (TOLKIEN, 2009 C, p. 246. Carta 131).

Não há “Deuses”, assim propriamente chamados, no pano de fundo mitológico em minhas histórias. Seu lugar é assumido pelos indivíduos referidos como os Valar (ou Poderes): seres angelicais criados designados ao governo do mundo. (TOLKIEN, 2009 C, p. 611. Carta 286).

1.6.3 As monarquias élficas

Além do reino dos Valars, a narrativa de Tolkien também descreve os reinos dos elfos, sendo que o povo élfico havia se dividido em diversas comunidades. Havia um grande rei élfico, considerado o rei supremo de todo aquele povo. Contudo, esse monarca havia ido para a terra de Aman, ainda no início da primeira Era, vivendo lá junto aos Valars, por toda a eternidade, até que o mundo viesse a mudar (TOLKIEN, 2009 A, p. 33).

Outros reis e reinos élficos são descritos na narrativa, o primeiro desses é o de Doriath, governado por Thingol e por sua esposa Melian, uma mulher da raça dos Maiars, a única em toda a narrativa de Tolkien que se casa com alguém dos povos chamados de filhos de Ilúvatar.

O reino de Thingol é descrito como um dos poucos lugares seguros para os elfos e para os amigos dos elfos, nos tempos em que Melkor havia voltado para a Terra Média, depois do exílio dos noldors, ao passo que se tratava de um local bastante organizado, sendo Thingol um monarca bom e benevolente, que tinha ao seu redor diversos conselheiros, que o auxiliam em suas decisões, de forma que ele não tomava medidas sem ouvir uma série de argumentos.

Isso é descrito, primeiramente, quando o rei Thingol é apresentado tendo conselheiros, dentre os quais um chamado Saeros, o que evidencia que ele não tomava as suas decisões sozinho.

Caso se encontrasse a sós com Túrin, dirigia-se a ele de modo altivo e mostrava seu desprezo claramente; e Túrin cansou-se dele, apesar de durante muito tempo responder às palavras malévolas com silêncio, pois **Saeros era grande entre o povo de Doriath e conselheiro do Rei.** (TOLKIEN, 2009 B, p. 136). Grifos meus.

A mesma ideia do reino de Thingol sendo governado ouvindo conselheiros continua a ser desenvolvida na narrativa, quando o personagem Túrin senta-se no lugar de Saeros, entre os anciões do reino (TOLKIEN, 2009 B, p. 140)¹⁸¹.

A narrativa descreve também o rei Thingol resolvendo um conflito em meio aos senhores e conselheiros, julgando com sabedoria e justiça, o que evidencia uma diferença com as narrativas sobre o reino de Morghot, apresentado sempre como um

¹⁸¹ Ver: Trecho 208, anexo capítulo 1.

tirano injusto e senhor de escravos, como já foi descrito anteriormente (TOLKIEN, 2009 B, p. 145)¹⁸².

Na narrativa do livro “O Silmarillion”, Thingol é apresentado como um rei justo que acolhe em seu reino, ainda que a contragosto, um homem errante, que havia sofrido nas lutas contra Morghot (TOLKIEN, 2009 B, p. 126 – 127). Esse homem era Beren, que no decorrer do enredo, assume um papel de grande importância.

O relato sobre Beren demonstra a ideia de benevolência do rei élfico, o que distoa das ações de Morghot e de Sauron, mostrados como reis cruéis.

O reino de Thingol é protegido por uma barreira invisível chamado de o Cinturão de Melian, que era produzido pela esposa de Thingol, Melian, da raça dos Maiars, que usava seu poder para produzir aquela proteção, que guardava todo o povo e não os deixava ser atacados pelo poder de Morghot. O reino e sua dinâmica interna, nos poucos relatos existentes sobre ele, é um lugar organizado para o bem estar de sua população, ao passo que seu rei, as vezes descrito como muito duro em muitas de suas decisões, é apresentado como muito sábio e também como um indivíduo muito preocupado com o bem estar de seu povo (TOLKIEN, 2009 A, p. 35 – 36; 64 – 69).

A benevolência de Thingol é descrita em parte do livro “Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média”, em que aceita Túrin, filho de Huor, em sua corte, criando o jovem como seu filho, mesmo ele sendo da raça dos homens (TOLKIEN, 2009 B, p. 131 – 132)¹⁸³. Essa adoção é feita depois de longa reflexão por parte do rei, que entende a necessidade de salvar o único herdeiro da Casa de Hador, pois aquele era um povo amigo, que os havia servido lealmente e que lutavam bravamente contra os desígnios de Morghot.

No reino de Thingol, Túrin foi sempre bem tratado e o local era muito bem fortificado, tendo por objetivo guardar aquele reino de uma invasão, protegendo seu povo e servindo como um refúgio para todos aqueles que lutavam contra Morghot, um lugar para onde se poderia ir e se proteger. Em toda a narrativa a preocupação com a segurança do local se encontra em torno do bem estar da população daquele lugar, que precisaria ficar bem escondido, pois não suportaria um ataque vindo de Angband, que possuía um poderio bélico imensamente maior do que o de Doriath (TOLKIEN, 2009 B, p. 103 – 118).

¹⁸² Ver: Trecho 209, anexo capítulo 1.

¹⁸³ Ver: Trecho 210, anexo capítulo 1.

Uma das contendas apresentadas na narrativa exemplifica como o reino de Doriath era governado por Thingol, com sabedoria, ouvindo os seus conselheiros e pensando no bem estar coletivo.

A contenda envolveu Túrin, que tinha por rival um elfo do conselho de Thingol e que tinha rancor pela alta posição ocupada por aquele homem em meio aos elfos. A situação leva a trocas de insultos e depois o elfo tenta assassinar Túrin, mas é vencido e humilhado pelo jovem, ao passo que o elfo acaba morrendo. Túrin então se exila e todos pensam que ele havia sido o culpado do ocorrido, o que faz com que Thingol e seu conselho decidam por expulsar oficialmente Túrin de Doriath. Porém, a decisão é revista quando uma testemunha conta ao rei e ao seu conselho que o elfo havia atacado Túrin primeiro, e pelas costas, e que ele havia se defendido de forma legítima.

— Senhor Rei! — exclamou ela então. — Tenha paciência, e deixe-me falar primeiro. Eu estava sentada numa árvore para vigiar Túrin quando ele partia; e vi Saeros sair da floresta com espada e escudo e saltar sobre Túrin sem aviso. (TOLKIEN, 2009 B, p. 147).

— E outro há de ser agora meu julgamento — disse Thingol.

— Ouçam-me! A culpa que possa ser encontrada em Túrin eu agora perdoou, considerando-o insultado e provocado. E como foi de fato, como ele disse, um membro de meu conselho que assim o destratou, ele não há de buscar este perdão, mas eu o enviarei até ele, onde quer que possa ser encontrado; e o chamarei com honra ao palácio. (TOLKIEN, 2009 B, p. 148).

Essa cena evidencia como o reino de Doriath funcionava, com um rei que governa a todo o momento ouvindo os seus súditos, buscando soluções justas, sem pensar em seus interesses próprios, mas sim nos interesses coletivos ali colocados, ao passo que a todo o momento há a voz dos conselheiros, indivíduos influentes naquela sociedade. Esse relato, ao lado dos relatos de tirania de Morghot, produz dentro do contexto da obra uma questão valorativa, de forma que se constrói a ideia de um reino legítimo, governado por um rei bom e justo, ao passo que do outro lado há um déspota tirano e cruel, que deseja apenas se servir do poder e que faz de todos a sua volta seus servos.

Dois modelos de monarquia são então descritos, um modelo que tem valores positivos e é apresentado de forma positivada, ao lado de outro com valores negativos, narrado como algo cruel, a ser combatido.

Além do reino de Doriath, havia o reino de Gondolin, governado pelo rei Turgon, que produz ali uma excelente estrutura para dar segurança ao seu povo.

Gondolin é descrito como um local seguro, um refúgio para os elfos e como um local secreto, a qual poucos conheciam a entrada. Turgon, por sua vez, é apresentado como um monarca justo e benevolente, que governa ao lado de muitos conselheiros, estando sempre preocupado com as fronteiras do seu reino, que estavam constantemente atacadas por orcs.

O acesso a cidade de Gondolin era secreto e passava por um caminho que poucos conheciam, chegando a uma estrada com sete portões muito bem vigiados, que para serem transpostos por qualquer recém chegado precisava de um longo processo (TOLKIEN, 2009 B, p. 94 – 102). O reino é descrito como um belo local e Turgon é apresentado como um soberano bom para o seu povo, sempre muito preocupado com o bem estar de todos (TOLKIEN, 2009 A, p. 92 – 104).

Outro reino élfico importante na narrativa de Tolkien é o reino de Lindon, que tem Gil Galad como líder. Esse reino é descrito como muito próspero, ao passo que Gil Galad é um rei sábio, que acolhe os povos da Terra Média e os mantém no caminho do bem, abrigando muitos elfos desgarrados que se mantiveram na Terra Média. Nas versões mais aceitas, Gil Galad provém de uma nobre linhagem de elfos noldors, vindo de uma família de grande nobreza, que era muito valorizada pelos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 222 – 226).

Na batalha em que Sauron é derrotado e perde o seu Um Anel, Gil Galad é um dos maiores líderes, entregando ali a sua vida para o bem de todos (TOLKIEN, 2009 A, p. 229), o que mostra uma postura completamente diferente desse rei em relação à Morghot e Sauron. Gil Galad é narrado dando a sua vida para a liberdade de seu povo e de todos os povos livres, mostrando altruísmo, enquanto Morghot e Sauron governam apenas pensando em seus próprios desejos pessoais

Há também o reino de Lórien, comandado por Galadriel e por Celeborn, dois grandes senhores élficos, que haviam fundado um reino élfico em uma floresta. Os dois monarcas são descritos como benevolentes e muito sábios, vivendo em uma morada bela e suntuosa, que conseguia unir beleza, suntuosidade e ao mesmo tempo, proximidade com a natureza (TOLKIEN, 2009 B, p. 544 – 547).

A monarquia de Galadriel e Celeborn é galgada no bem estar do povo do reino de Lórien, inclusive, ambos relutaram em assumir o comando daquele povo, mas o

fizeram em prol dos elfos que viviam ali, bem como em torno da perspectiva de combater Sauron (TOLKIEN, 2009 B, p. 395)¹⁸⁴.

Outro reino élfico é o de Valfenda, liderado por Elrond, um líder descrito como um grande mestre nas tradições da Terra Média, tendo fundado esse reino em torno de uma cidade, que se tornou um grande refúgio para os elfos e contra as forças das trevas vindas de Mordor. Elrond é apresentado liderando indivíduos sábios, tendo grandes habilidades de cura e sendo sempre procurado para aconselhar mesmo os indivíduos mais sábios, como o mago Gandalf (TOLKIEN, 2010 C, p. 140).

Na Guerra do Anel, a decisão de levar o Um Anel para ser destruído em Mordor foi tomada em um conselho em Valfenda, convocado por Elrond, que ao invés de deliberar sozinho sobre o que deveria acontecer, o fez coletivamente, não pensando somente em sua vontade, mas no desejo e no bem estar coletivo de todos.

A narrativa apresenta muito pouco dos reinos élficos em Aman, formados pelos elfos Vanyar, Noldors e Teleri, que tinham os seus próprios reis e espaços separados em Valinor, embora estivessem todos sob o governo de Manwë e dos demais Valars.

Os Vanyar são descritos tendo um único rei, chamado Ingwë, considerado como rei de todos os elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 33), porém, seu governo não é descrito, uma vez que seu povo vivia sempre pacificamente em Valinor, se dedicando a música e a poesia.

Os Noldors são descritos, a início, sendo governados por Finwë, e seu reinado em Valinor é apresentado como justo, ao passo que seu povo era voltado para os trabalhos com metais e pedras preciosas. Há algumas menções também sobre esses elfos terem alguns palácios e mesmo uma cidade na Terra de Aman, mas pouco se fala sobre a relação interna desse reino dos noldors. Um dos relatos evidencia que o rei tomava as decisões em conselhos, com a presença de seu povo, o que corrobora a ideia de que tratava-se de uma monarquia, assim como a dos Valars, que deliberava com ponderação e ouvindo conselheiros, o que difere do relato sobre o reino de Morghot e de Sauron.

Houve então enorme inquietação em Tirion, o que perturbou Finwë. E ele convocou todos os senhores seus súditos para uma reunião. (TOLKIEN, 2009 A, p. 46 – 47).

¹⁸⁴ Ver: Trecho 211, anexo capítulo 1.

Os Teleri são apresentados tendo inúmeros líderes e subdivisões, porém, o reino dos Teleri em Eressëa, junto à terra de Aman é pouco descrito e esse povo é mostrado sendo governado por um rei chamado Olwë (TOLKIEN, 2009 A, p. 37) e se dedicando a fabricação de belas embarcações em formato de cisne, bem como votados a produção de portos e de edificações litorâneas.

Assim, todos os reinos élficos são apresentados como monarquias legítimas, baseadas nos ensinamentos dos Valars e no bem estar de suas populações, algo que os difere dos reinos baseados no modelo de sociedade produzido por Melkor/Morghot.

1.6.4 Os reinos humanos

Além das monarquias élficas, a obra literária de Tolkien apresenta os reinos dos homens. Os primeiros deles a serem descritos são o das três casas de homens conhecidos como amigos dos elfos. Esses são os primeiros homens que haviam chegado do Leste da Terra Média, sendo eles os povos de Bëor, de Haleth e de Marach, ao passo que desses, somente o povo de Marach, posteriormente chamado de o povo da Casa de Hador, criou um reino que é mais longamente descrito.

O povo de Bëor foi o que primeiro havia chegado ao Oeste da Terra Média, fugindo da sombra de Morghot no Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 105), porém, era um grupo pequeno, que se constituiu como um povo independente por alguns anos, até sofrer uma dura derrota na luta contra Angband, o que fez o remanescente daquela população se juntar principalmente ao povo da Casa de Hador (TOLKIEN, 2009 A, p. 119). Há poucas descrições sobre como a monarquia desse povo funcionava, apenas que era centrada na figura de um líder, embora houvesse um conselho de homens que o ajudavam nas decisões. A liderança passava de pai para filho, sendo que eles tinham por característica priorizar a amizade com os elfos e a luta contra Morghot como um dos princípios de legitimidade de sua existência como povo, algo de que os líderes não podiam se desviar.

Isso é apresentado na reunião feita por Bëor, em que ele convoca o seu povo para habitar em uma região oferecida a eles pelos elfos, para viverem em amizade. Bëor, por sua vez, passa a prestar serviço a um dos reis élficos e seu filho assume o seu lugar como líder, o que evidencia a ideia das decisões importantes tomadas

coletivamente, da sucessão de pai para filhos, bem como a relação entre eles e os elfos e o compromisso na luta contra Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 106)¹⁸⁵.

A casa de Haleth, uma das casas dos amigos dos elfos, que a início é chamada de haladin, era formada por homens pouco sociáveis e mais reservados, que não gostavam de ter contatos com os outros, embora não fossem hostis a eles. Esses indivíduos pouco se aliaram aos demais das três casas ou aos elfos, se mantendo distantes e não formando um reino, mas sim uma sociedade sem liderança. Com o tempo eles se dispersaram e se tornaram um povo agrário e simples¹⁸⁶. Contudo, nos poucos momentos em que são mostrados organizados de forma mais próxima a um reino, são apresentados tendo um rei preocupado com o bem estar do povo, como é o caso da rainha Haleth, que deu o seu nome a esse povo exatamente por sua preocupação e por seu empenho em manter todos bem (TOLKIEN, 2009 A, p. 109 – 110).

A Casa de Hador, por sua vez, é a que mais aparece nos relatos de Tolkien e a que se mostra tendo maior importância para o enredo, pois é dessa casa que vem boa parte dos homens que mais tarde constroem os grandes reinos humanos na Terra Média.

Essa casa era formada por um grande contingente de homens, que tinham algumas características especiais, como a altura, certas características físicas e uma grande inteligência e perspicácia, o que os fazia muito aptos para a guerra, mas também para aprender muitas outras coisas.

Esse é o povo que mais se aproxima dos elfos, tendo contatos cada vez mais próximos a eles, servindo-os na guerra contra Morghot e, ao mesmo tempo, construindo em Beleriand, um reino próspero em todos os sentidos, pois esses homens haviam aprendido a produzir grandes casas e grandes salões, bem como fortalezas e também coisas belas, além de armamentos cada vez mais eficazes. A monarquia dessa população é sempre conduzida por reis justos e sábios, da mais alta nobreza, vivendo em salões bastante luxuosos, pois eles aprenderam muitos dos costumes dos elfos.

A Casa de Hador e sua legitimidade como reino na narrativa de Tolkien é construída em torno da liderança hereditária, cuja linha de sangue do rei tinha como respaldo a benção dos Valars (e os Valars tinham a benção de Eru Ilúvatar) na luta contra Morghot e na produção de um mundo planejado por Eru Ilúvatar e pelos Valars. Essa legitimidade é continuada à medida que os homens da casa de Hador se mostram

¹⁸⁵ Ver: Trecho 212, anexo capítulo 1.

¹⁸⁶ Ver: Trecho 213, anexo capítulo 1.

fiéis aos desígnios dos Valars, auxiliando os elfos na luta contra Morghot e sempre governando para o bem de seu próprio povo.

A Casa de Hador e os remanescentes das duas outras casas dos amigos dos elfos auxiliam os Valars na última luta contra Morghot e suas forças. Por causa disso, os Valars recompensam esses indivíduos que lhes foram tão leais e dá a eles uma nova morada, a ilha de Númenor, ao passo que aqueles homens do povo de Hador, descendentes de Eärendil, ganham maior longevidade em seus tempos de vida e se tornam os reis daquele local (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203)¹⁸⁷.

Alguns dos homens da casa de Bëor também vão para Númenor, contudo eles ganham menor longevidade e são considerados como diferentes dos númenorianos que descendem da casa de Hador. Isso é mostrado na narrativa sobre a rainha Erendis, que descenderia da linhagem de Bëor, tendo ela menor longevidade, em detrimento aos indivíduos descendentes de Eärendil¹⁸⁸.

Os reis e a monarquia númenoriana descrita na obra de Tolkien se baseiam completamente na ideia de que aqueles líderes são representantes dos Valars e de Eru Ilúvatar, governando segundo a vontade dos mesmos, respeitando as leis produzidas pelos Valars, como a da interdição ao Oeste. O monarca é sempre sucedido por um herdeiro do mesmo sangue, geralmente por um filho ou pelo parente mais próximo, ao passo que das muitas funções do rei, uma delas é manter o culto a Eru Ilúvatar, em uma montanha sagrada, algo que legitima a monarquia e que a narrativa mostra como abençoando aquele reino. Nessa ocasião, o governante dá mostras de ser ele o legítimo líder de Númenor, falando ao povo naquela montanha, local sagrado em que ninguém ousa falar, somente o rei (TOLKIEN, 2009 A, p. 281 – 282)¹⁸⁹.

Assim, a legitimidade em torno dos reis númenorianos é então mostrada através dessa lealdade aos Valars e a Eru Ilúvatar, que em troca dava a eles muitas bênçãos (TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 204)¹⁹⁰.

Númenor, assim como os demais reinos ligados a tradição dos Valars é também como governada por um rei que está sempre preocupado com o bem estar de seu povo e que administra ouvindo conselheiros e respaldado por uma lei que é, por sua vez, discutida com os sábios e os anciões do reino.

¹⁸⁷ Ver: Trecho 214, anexo capítulo 1.

¹⁸⁸ Ver: Trecho 215, anexo capítulo 1.

¹⁸⁹ Ver: Trecho 216, anexo capítulo 1.

¹⁹⁰ Ver: Trecho 217, anexo capítulo 1.

Quando os reis númenorianos começaram a questionar a interdição dos Valars para as viagens para o Oeste, a benção dos Valars aos númenorianos começou a diminuir e muitos deles perderam a longevidade em suas vidas (TOLKIEN, 2009 A, p. 205 – 214)¹⁹¹. Essa situação de afastamento dos ensinamentos vindos de Valinor, por sua vez, também teria produzido nos últimos monarcas, sobretudo no último deles, uma atitude que cada vez mais se aproximava da tirania e se afastava da forma de governar ensinada pelos Valars, de maneira que os governantes passaram a não se importar mais com o bem do povo, governando com crueldade e até mesmo adotando a prática da escravidão.

A legitimidade dos reis, no decorrer da narrativa, começa a ser questionada pela facção dos fiéis, homens númenorianos que ainda se mantinham leais aos Valars e aos elfos, sendo que esses continuaram a serem abençoados pelos Valars, muitos deles ainda mantendo a mesma longevidade de suas vidas, bem como continuando a ter contato com os elfos, que os visitavam em segredo, vindos de Erêssea (TOLKIEN, 2009 A, p. 209)¹⁹².

A divisão em Númenor é assim apresentada entre aqueles que se afastaram dos Valars e dos elfos e entre os que continuaram fiéis (TOLKIEN, 2009 A, p. 207)¹⁹³.

A maioria dos númenorianos, seguindo os reis, vai se afastando dos Valars, questionando a interdição cada vez mais abertamente e desejando a imortalidade, se tornando um povo cruel e soberbo, abandonando as práticas de amizade com o elfo Gil Galad na Terra Média e adotando mesmo o feitio de explorar outros povos humanos, ao passo que antes eles os ajudavam e os ensinavam, sendo vistos como amigos (TOLKIEN, 2009 A, p. 208)¹⁹⁴.

Os fiéis então se juntaram em um grupo mais organizado, buscando a liderança de um indivíduo, que por sua vez, pertencia à linhagem real, mas que se mantivera fiel aos Valars e aos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 213)¹⁹⁵. Esses fiéis se conservaram contrários a escravidão e adeptos a ideia de uma monarquia que seguisse os preceitos vindos de Valinor, de uma busca constante do bem estar do povo.

¹⁹¹ Ver: Trecho 218, anexo capítulo 1.

¹⁹² Ver: Trecho 219, anexo capítulo 1.

¹⁹³ Ver: Trecho 220, anexo capítulo 1.

¹⁹⁴ Ver: Trecho 221, anexo capítulo 1.

¹⁹⁵ Ver: Trecho 222, anexo capítulo 1.

Quando os númenorianos que seguiam o rei decidiram romper abertamente a interdição e navegar em batalha contra os Valars, Númenor foi destruída com quase todos os númenorianos, ao passo que quem sobreviveu foi somente aqueles que eram chamados de fiéis, que foram então jogados na Terra Média por grandes ondas.

A frota dos númenorianos do rei era grandiosa, preparada para atacar Aman, desrespeitando a interdição e conseqüentemente rompendo de vez com os Valars, acabando com aquilo que legitimava o reino de Númenor¹⁹⁶.

Como castigo o rei númenoriano e seus seguidores foram mortos, sendo engolidos por um abismo que se abriu no mar, ao passo que Númenor também foi engolida pelas águas e desapareceu para sempre¹⁹⁷. Essa situação da destruição de Númenor e da perda de sua legitimidade apresenta a ideia de dois tipos de monarquias na obra de Tolkien, sendo que somente o modelo oferecido pelos Valars é considerado como justo e digno. Ao se afastarem desse modelo, os últimos reis númenorianos teriam então se tornado semelhantes aos monarcas descritos como despóticos e cruéis, perdendo então a sua legitimidade.

Os númenorianos fiéis conseguem fugir e criam então dois reinos na Terra Média, Gondor e Arnor. As duas monarquias seguiam a tradição dos númenorianos dos primeiros tempos, se pautando na fidelidade aos Valars e na preocupação com o bem estar do povo, ao passo que trabalhavam para produzir novas infra-estruturas que se comparassem ao que eles possuíam em Númenor, criando edificações e cidades em que eles pudessem viver o mais confortavelmente possível, bem como se proteger, uma vez que na Terra Média eles possuíam inúmeros inimigos.

Esses dois reinos, assim como Númenor, têm a sua legitimidade na lealdade aos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 227 – 228)¹⁹⁸.

O reino de Gondor, o mais duradouro dos dois reinos, manteve muitos dos símbolos régios da monarquia de Númenor. A própria hereditariedade do trono foi conservada, pois Elendil, líder dos fiéis, fundador de Gondor, era antepassado do primeiro rei númenoriano, tendo, portanto, legitimidade como novo monarca, por ser descendente da casa dos reis e ainda, descendente de um rei dos tempos em que os

¹⁹⁶ Ver: Trecho 223, anexo capítulo 1.

¹⁹⁷ Ver: Trecho 224, anexo capítulo 1.

¹⁹⁸ Ver: Trecho 225, anexo capítulo 1.

monarcas númenorianos eram fiéis aos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 213)¹⁹⁹ e se preocupavam com o bem estar de sua população.

Além da hereditariedade, os númenorianos levam para a Terra Média muitos outros símbolos, como a muda da árvore branca de Númenor, que se tornou um símbolo de Gondor e da casa real, por ser considerada como uma lembrança dos elfos e dos Valars, sendo mostrada em diversos momentos da narrativa.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; e desses os mais renomados eram as Sete Pedras e a **Árvore Branca**. A Árvore Branca nasceu do fruto de Nimloth, a Bela, que ficava nos pátios do Rei em Armenelos, em Númenor, antes que Sauron a queimasse. E Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar. **A Árvore, uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor**, foi plantada em Minas Ithil, em frente à casa de Isildur, já que fora ele quem salvara o fruto da destruição; mas as Pedras foram repartidas. (TOLKIEN, 2009 A, p. 227).

Na narrativa de Tolkien, a árvore branca é uma planta que tem um caráter quase sagrado para os númenorianos nos tempos em que os reis eram fiéis aos Valars, pois a primeira delas havia sido dada aos reis pelos elfos de Erêssea, que por sua vez a receberam dos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 205).

Uma das frutas dessa planta é levada para a Terra Média, com muita dificuldade, por Isildur, filho de Elendil, líder dos fiéis, tornando-se então o símbolo do reino de Gondor e de sua fidelidade aos Valars, bem como da aliança deles com os elfos. Sauron havia tentado destruí-la e Isildur arriscou a vida para salvar uma fruta da árvore (TOLKIEN, 2009 A, p. 213), devido ao seu alto valor simbólico.

Uma muda da árvore é então colocada nas embarcações dos fiéis que fugiram da queda de Númenor, junto a muitas outras coisas que eram caras a aqueles númenorianos exilados (TOLKIEN, 2009 A, p. 216).

A árvore branca se torna então um símbolo dos númenorianos exilados, e, por esse motivo, é alvo das investidas de seus inimigos, atacada em Minas Ithil, embora Isildur consiga mais uma vez salvar uma muda da planta, ao mesmo tempo em que salva o seu reino e a sua própria vida. Essa relação evidencia a ideia da legitimidade de Gondor em torno de certos símbolos e de certos ideais, como o de se manter fiéis aos Valars e lutarem contra Sauron e contra os demais seguidores de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 228).

¹⁹⁹ Ver: Trecho 226, anexo capítulo 1.

Depois da derrota de Sauron, quando ele perde o Anel de poder, Isildur planta novamente a muda da árvore branca, sendo que naquelas circunstâncias a narrativa fala de um período de esperança e alegria. Gondor é mostrada florescendo, enquanto a árvore cresce novamente depois da queda de Sauron, como se aquele fosse um novo recomeço (TOLKIEN, 2009 A, p. 229).

Quando o reino de Arnor cai, somente Gondor continua, e um dos símbolos de seu poder e de sua resistência a Sauron e a tudo o que ele representava era a árvore branca, que continua de pé em Minas Arnor (TOLKIEN, 2009 A, p. 231).

Quando Minas Arnor muda de nome e se torna Minas Tirith, Torre da Guarda, passando a ser a morada dos reis, a árvore branca é novamente apresentada como sendo o principal ornamento do lugar, um símbolo da aliança daquele reino, de seu compromisso com os Valars. Sua permanência de pé simboliza, dentro do enredo, a resistência dos ideais defendidos pelos homens de Gondor, pela lealdade aos elfos e aos Valars, frente às ameaças das forças de Sauron, que lentamente iam crescendo novamente (TOLKIEN, 2009 A, p. 231 – 232).

No livro “O Senhor dos Anéis” a árvore branca de Gondor continua sendo descrita como um símbolo desse reino e de sua majestade. No primeiro livro da Saga, que tem por subtítulo: “A Sociedade do Anel”, o tema é mostrado como de grande importância, em meio ao debate sobre o Anel de poder e sobre o que seria feito com ele. A árvore branca é citada como um símbolo de Gondor e de sua resistência heróica a Sauron, que até aquele momento havia livrado todo o Oeste da Terra Média da ameaça do inimigo (TOLKIEN, 2010 A, p. 377; TOLKIEN, 2010 A, p. 388).

No segundo livro da Saga, que tem por subtítulo: “As Duas Torres”, o tema da árvore branca volta a aparecer, como algo que identifica Gondor até mesmo para os outros povos. A fala do personagem Gollum/Smeagol mostra isso, pois ele demonstra conhecer a árvore branca como o símbolo do reino de Gondor (TOLKIEN, 2010 A, p. 214).

Ainda no mesmo livro, o personagem Faramir, herdeiro da casa dos regentes de Gondor e que até aquele momento seria o provável novo líder daquele reino, também se refere a árvore branca com reminiscência, desejando vê-la florida de novo, junto à coroa de prata que também era símbolo de Gondor, associando isso à paz. Essa sua reminiscência em torno da árvore branca evidencia que ele associa a sua felicidade e a

de seu povo ao bem estar de seu reino, que, por sua vez, tem como símbolo a árvore branca em plena saúde (TOLKIEN, 2010 A, p. 242).

No terceiro livro da Saga “O Senhor dos Anéis”, o tema da Árvore branca aparece de forma ainda mais evidenciada do que nos livros anteriores. A sua primeira menção nesse livro é quando Gondor é descrita, com a chegada de Peregrin Tûk e Gandalf a Minas Tirith. Os guardas são então apresentados usando roupas cujo símbolo é a árvore branca de Gondor, algo que os distinguiria dos demais, por ser aquela uma marca da casa real, dos herdeiros do rei Elendil (TOLKIEN, 2010 C, p. 13).

O personagem Pippin, por sua vez, vê a árvore branca morta e mesmo assim não cortada, então, logo entende que ela não havia sido derrubada porque era o símbolo daquele reino e não poderia ser arrancada se outra da mesma espécie não a pudesse substituir (TOLKIEN, 2010 C, p. 13).

O símbolo de Gondor e de sua monarquia é também apresentado na batalha principal que ocorre no livro, quando a cidade de Minas Tirith é atacada pelas forças de Sauron. Nesse momento, o herdeiro do trono aparece vindo em um navio para salvar a cidade, ao passo que ele desenrola a bandeira contendo o símbolo de sua linhagem, cujo principal elemento é o desenho da árvore branca, junto a um navio e a sete estrelas. Usando essa bandeira ele mostra a força e a unidade daquele povo e abre novas esperanças para as forças de Gondor, que a partir daquele momento, passam a vencer a batalha (TOLKIEN, 2010 C, p. 122).

O símbolo da monarquia, a árvore branca, ao ser mostrada por Aragorn, lhe dá o direito de reivindicar o trono de Gondor (TOLKIEN, 2010 C, p. 137).

O elfo Legolas também se refere à árvore branca de Gondor, no momento em que mostra querer lutar contra Sauron, tanto pelo povo da Grande floresta, lugar de onde ele provinha, quanto também por Aragorn, o novo rei de Gondor, senhor da Árvore Branca (TOLKIEN, 2010 C, p. 157).

Após o fim da Guerra do Anel, Frodo e Sam, os dois hobbits que haviam conseguido destruir o Anel de poder, chegam até o local em que Aragorn, o novo rei de Gondor, estava acampado, esperando por eles. Ali mais uma vez o símbolo da árvore branca, junto ao do navio e das sete estrelas é apresentado como de extrema importância, dando legitimidade ao reino de Gondor e ao rei, estando esse símbolo colocado atrás do trono (TOLKIEN, 2010 C, p. 239).

Nos anexos do livro “O Senhor dos Anéis - O retorno do rei”, existem várias explicações sobre a Terra Média, seus povos, seus costumes e coisas afins. Em meio a esses esclarecimentos há um relato sobre os regentes de Gondor, uma casa de homens que governou por muitas gerações, enquanto não havia ninguém para assumir o trono, que fosse pertencente à linhagem real. Os regentes nunca tomaram acento no trono e não usavam coroa e cetro e nem insígnias, governando com uma bandeira branca e tendo atrás a bandeira com o símbolo da árvore branca, que era o que dava legitimidade ao reino, ao passo que eles, por não serem os reis, não tinham o direito a usá-la, embora governassem e prestassem reverência a esse símbolo (TOLKIEN, 2010 C, p. 355).

Nos anexos do livro “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, outro trecho também versa sobre a morte da árvore branca, explicando que ela foi deixada lá na esperança do retorno do rei legítimo de Gondor, bem como por não se ter achado outra muda da árvore, para substituir a planta que havia morrido. Esse anexo evidencia a importância desse símbolo, que sempre representava a legitimidade daquele reino, em torno dos compromissos daqueles homens com os Valars, de defenderem o modelo de sociedade ensinado pelos Valars (TOLKIEN, 2010 C, p. 357).

O fim do governo dos regentes de Gondor é também explicado em torno do retorno do rei legítimo, que tomou o seu lugar de direito, sendo que o símbolo desse novo reinado é mais uma vez construído em torno da árvore branca de Gondor, colocada na bandeira, para mostrar a todos o retorno do rei (TOLKIEN, 2010 C, p. 360).

O fim da Guerra do anel foi seguido ainda por outros conflitos, mas o rei de Gondor, chamado de rei do Oeste, por fim conseguiu estabelecer a paz. Nesse relato a árvore branca é mais uma vez citada como símbolo desse reino. O trecho narra que o rei precisou combater muitos inimigos até que a árvore branca pudesse então crescer em paz, algo que remete a ideia de que o seu crescimento em paz simboliza também a total vitória do modelo de sociedade defendido por Gondor, um modelo que tinha a sua legitimidade em ser signatário aos ensinamentos dos Valars (TOLKIEN, 2010 C, p. 380).

No fim do livro “O Silmarillion”, a árvore branca também é citada como símbolo de Gondor e como símbolo do retorno do rei, depois de várias gerações de ausência. A árvore é descrita então florindo de novo, como sinal de bem aventurança (TOLKIEN, 2009 A, p. 237 – 238).

A ideia de um símbolo da monarquia, que dá respaldo e legitimidade ao rei e ao reino, que é preservado a todo custo e, ao mesmo tempo, que é algo que vem da mão dos seres angelicais, os Valars, é algo presente nessa narrativa sobre o reino de Gondor, o que destoa dos reinos ligados às forças de Melkor, que estariam baseadas apenas na tirania de seus reis. Essa simbologia remeter-se-ia às ideias das monarquias europeias e de suas legitimidades, em contrapartida a ideia de reis despóticos, cruéis e bárbaros, que governariam sem legitimidade (ANDERSON, 1994, p. 15 – 41).

A monarquia de Gondor se mostra na narrativa como tendo sido construída junto ao reino de Arnor, pois ambos eram povoados pelos númenorianos que haviam fugido de Númenor antes da submersão da Ilha. Por isso os dois reinos funcionavam em conjunto e as coisas permaneceram assim até que o reino de Arnor chegou ao fim, pois a linhagem de seus monarcas havia se perdido e seu povo sido praticamente destruído, restando poucos remanescentes, que passaram a viver de forma mais simples, em pequenos aglomerados em meio às florestas do norte da Terra Média, passando a serem conhecidos como os dunedains do norte.

A ideia de herdeiros legítimos e de linhagem dos reis na narrativa de Tolkien é constante em relação ao reino de Gondor, pois em determinado momento da história desse reino a linhagem dos reis teria chegado ao fim, com a morte do último rei, que não teve herdeiros e não deixou nenhum outro parente em linha de sangue direta para assumir o trono. O reino passou então a ser governado pelos regentes, uma casa nobre que tinha a função de governar na ausência do rei e também de auxiliar o monarca em momentos de necessidade. Porém, os regentes governam por diversas gerações na ausência de um herdeiro legítimo que pudesse reclamar o trono.

A substituição do rei era, portanto, impensável, a não ser que algo extraordinário pudesse ocorrer, como uma nova linhagem ser designada pelos Valars para ocupar o lugar da antiga. Nesse sentido, o princípio de lealdade aos Valar permanece, pois um novo rei só é possível sendo herdeiro daquele que fora designado no passado para liderar aquele povo.

Na narrativa da Guerra do Anel, depois de muitas gerações, o herdeiro de Gondor finalmente surge e reclama o seu trono por direito, tornando-se rei de Gondor e Arnor, pois com o fim do conflito ele conseguiu novamente fazer com que os remanescentes do povo de Arnor, da qual ele provinha, voltassem a habitar suas antigas regiões e a se juntarem aos demais dunedains. Mas para reclamar o trono, Aragorn

precisou provar que de fato era o herdeiro legítimo, sendo que das muitas provas que teve de dar, uma delas é muito significativa, pois havia uma tradição em Gondor que dizia que o rei verdadeiro possuía o dom de curar com as mãos.

Aragorn provou que de fato era o rei ao conhecer essa tradição e por saber o segredo da mão do rei que cura, através do ato de manejar uma erva antiga que era usada pelos reis para curar os enfermos e que havia sido há muito esquecida pela tradição de Gondor, mesmo por aqueles considerados os mais eruditos no lugar.

A primeira menção à ideia da mão que cura ocorre quando Faramir, herdeiro da casa dos regentes de Gondor se encontra ferido, à beira da morte, sendo cuidado em um lugar chamado Casa de Cura, que era destinado à cura dos enfermos, através do manejo de ervas. Nessa ocasião, uma mulher já velha que trabalhava nesse local alude à ideia da mão do rei que cura, lamentando que não houvesse ali a presença do rei para curar os enfermos, ao passo que ela ainda afirma que essa era uma forma de se ter certeza de que um indivíduo era o rei de fato (TOLKIEN, 2010 C, p. 137)²⁰⁰.

A partir dessa afirmação da velha mulher, Aragorn é levado até as Casas de Cura por Gandalf, que sabia que ele era o herdeiro legítimo ao trono e diz a todos que a chegada dele traria esperança aos enfermos, bem como que as mãos do rei são as mãos que curam (TOLKIEN, 2010 C, p. 139)²⁰¹.

Aragorn é levado até três dos enfermos e declara que iria exercer ali toda a sua habilidade que havia lhe sido concedida (TOLKIEN, 2010 C, p. 140)²⁰². Um dos mestres da casa de Cura então recita algumas rimas de dias antigos sobre o rei que cura com as mãos, através do uso de uma erva específica (TOLKIEN, 2010 C, p. 142)²⁰³. Depois, Aragorn pede a um jovem que lhe traga as tais ervas, o que é prontamente atendido (TOLKIEN, 2010 C, p. 143)²⁰⁴.

Assim, Aragorn usa a erva do rei para curar um dos enfermos, algo que se concretiza, pois o doente se recupera rapidamente (TOLKIEN, 2010 C, p. 143)²⁰⁵. Por fim, a velha mulher, chamada Ioreth, diz que Aragorn era de fato o rei, por ter curado com as suas mãos (TOLKIEN, 2010 C, p. 143 – 144)²⁰⁶. O ar do local foi revigorado,

²⁰⁰ Ver: Trecho 227, anexo capítulo 1.

²⁰¹ Ver: Trecho 228, anexo capítulo 1.

²⁰² Ver: Trecho 229, anexo capítulo 1.

²⁰³ Ver: Trecho 230, anexo capítulo 1.

²⁰⁴ Ver: Trecho 231, anexo capítulo 1.

²⁰⁵ Ver: Trecho 232, anexo capítulo 1.

²⁰⁶ Ver: Trecho 233, anexo capítulo 1.

através do vapor benfazejo da erva, após os enfermos já terem tido alguma melhora, o que provou que Aragorn seria então de fato o herdeiro do trono de Gondor (TOLKIEN, 2010 C, p. 145 – 146)²⁰⁷.

Com essa prova não houve mais dúvidas de que Aragorn era o herdeiro legítimo do trono e assim ele pôde assumir o reino, tornando-se, posteriormente, o grande rei do Oeste, uma vez que Sauron havia sido definitivamente derrotado e os povos do Oeste estavam livres da sombra para poderem prosperar.

Outra monarquia apresentada como legítima na obra de Tolkien é a do reino de Rohan, fundado pelo jovem Eorl, que teria recebido as terras de Rohan como presente das mãos dos regentes de Gondor, pela importante ajuda que deram ao reino de Gondor na guerra contra os Carroceiros (TOLKIEN, 2009 B, p.454 – 484). Rohan é descrito como um reino governado por reis justos e sábios, sendo que o trono é sempre herdado pelos filhos mais velhos dos reis, ou pelo parente mais próximo dentro de uma linha de sucessão bem estabelecida (TOLKIEN, 2010 C, p. 370 – 380). E assim como Gondor, a monarquia de Rohan possuía um símbolo que a representava e que se mostra importante para a sua coesão, sendo ele a figura do cavalo de Eorl, o fundador do reino, correndo em meio ao campo (TOLKIEN, 2010 C, p. 380)²⁰⁸.

Ao escrever sobre essas ideias de monarquia, Tolkien estaria representando muitas das perspectivas a qual mostrava acreditar, a de que um governo precisava ter alguns requisitos para ser considerado como legítimo, ao passo que sem eles um governo não estaria completo e, muitas vezes, poderia mesmo se voltar para o mal (TOLKIEN, 2009 C, p. 107, 186, 246. Cartas 52, 96, 131). Na narrativa ficcional de Tolkien, haveria os governos pautados nesses fundamentos, que representavam Deus na terra, bem como todos os valores bons, enquanto outros governos não possuíam essa relação e estavam centrados apenas nas figuras de líderes que governavam sem esses princípios que Tolkien entendia como primordial.

A narrativa literária de Tolkien mostra um pouco o que esse autor entendia e defendia em relação a governo e modelos de sociedade, ideias essas que ele representaria em suas obras literárias. A sua visão do que seria monarquia em sua forma legítima estaria bastante arraigada às formas como foram pensadas e legitimadas as monarquias absolutistas pelos pensadores do século XIX, que em grande parte

²⁰⁷ Ver: Trecho 234, anexo capítulo 1.

²⁰⁸ Ver: Trecho 235, anexo capítulo 1.

atribuíram a essas monarquias a ideia de terem se pautado nas ideias de serem um governo legítimo baseado em uma série de prerrogativas, tais como o direito divino dado a Deus e seus anjos para que um determinado indivíduo governasse um povo em seu nome, bem como a perspectiva de que esse rei deveria seguir uma série de regras, como buscar o bem estar de seu povo, ser justo e fazer a justiça ser cumprida, pensar em primeiro lugar nos interesses do reino e não apenas em suas vontades e caprichos, bem como ter princípios morais e éticos elevados, baseados nas escrituras (ANDERSON, 1994, p. 15 – 41).

Liebherr, em seu estudo sobre a obra de Tolkien, defende uma perspectiva semelhante, a despeito de sua posição geral ser diferente, defendendo uma posição pós-colonial para o enredo. Para Liebherr, em toda a sua trama, o livro “O Senhor dos Anéis” defende a ideia de um poder moderado como sendo o ideal, uma vez que o poder seria algo corruptível, que corromperia um indivíduo que passasse a tê-lo em demasia (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

A historiografia mais recente sobre as formas como as monarquias absolutistas europeias se desenvolveram e como foram interpretadas defende que essas monarquias buscaram mecanismos para se legitimarem depois dos momentos em que houve um processo de pacificação das guerras feudais internas dentro do contexto europeu, sendo que esse mecanismo era basicamente a ideia de uma linhagem que teria direito ao trono, por ser ela representante de Deus na terra. Assim, um indivíduo só poderia ser rei se pertencesse a essa linhagem ou a uma dessas linhagens, pois várias famílias de nobres se declaravam como aptos, construindo árvores genealógicas que os faziam como descendentes de certos indivíduos que seriam a origem de um reino (VIANNA, 2008).

Os historiadores do século XIX e da primeira metade do século XX, por sua vez, construíram versões históricas que em grande parte corroboravam a ideia de que essas monarquias tinham de fato legitimidade e que embora estivessem ultrapassadas frente à criação dos estados modernos de direito, foram ainda assim diferentes das monarquias do restante do mundo, que em sua grande maioria teriam sido controladas por déspotas cruéis, que não estavam preocupados com nada além de seus próprios caprichos. Dessa forma, boa parte da interpretação da intelectualidade desse período era a de que as monarquias absolutistas eram diferentes e que estavam baseadas em inúmeros argumentos que de fato davam a elas legitimidade, tendo sido tais monarquias que

geraram o embrião dos estados modernos, que de outra forma não poderiam se desenvolver²⁰⁹.

Assim, as diversas simbologias dos reinos, da monarquia e da nobreza eram entendidas como símbolos legítimos, sobretudo em um contexto inglês, em que jamais se rompeu de fato com o estado absolutista e com a monarquia, mas apenas se realizou reformas paulatinas para transformar a monarquia em uma república parlamentarista (BLOCH, 1993, p. 41 – 67).

A descrição do rei de Gondor tendo a mão que cura, nesse sentido, pode ser interpretada como uma referência direta ao costume inglês e francês do toque do rei que curava os enfermos das escrófulas. Essa era uma tradição muito forte na monarquia inglesa e era algo que dava legitimidade ao rei, que provava o seu direito divino e que de fato ele era um escolhido por Deus, seu representante na terra para guiar aquele povo.

Marc Bloch escreveu um livro sobre essa prática, chamado “Os reis Taumaturgos”, que fala como esses reis usavam essa prática como um símbolo do direito divino a qual possuíam, ao passo que isso os fazia serem vistos como detentores de qualidades especiais, como homens distintos, diferentes dos demais, pois ao serem sagrados reis, por terem esse direito legítimo, passariam também a serem representantes de Deus na terra e por isso teriam dons especiais. A prática da cura das escrófulas atribuída ao toque das mãos dos reis seria um traço dessa divindade, da escolha daquele indivíduo como um representante de Deus na terra para guiar aquele povo (BLOCH, 1993, p. 41 – 67).

Tolkien mostra usar a mesma relação ao atribuir a mão do rei que cura como uma prova definitiva do direito de seu personagem, Aragorn, de assumir o trono de Gondor. Ao ter essa habilidade, Aragorn mostra ser um indivíduo especial, de uma linhagem escolhida pelos Valars para governar, tendo, portanto, habilidades diferenciadas, o que o torna então o rei por direito.

Como Tolkien trabalha com muitas alegorias e representações em suas obras, ao passo que a Terra Média, como ele mesmo afirma, seria um passado mítico da Europa central, é possível compreender que esses reinos com reis que possuem todo um corpo elaborado de conduta para justificar as suas monarquias, seriam, dentro de seu enredo,

²⁰⁹ Sobre o absolutismo e suas diversas interpretações nas sociedades europeias modernas, ver: VIANNA, 2008, p. 1 – 13.

os antepassados dos europeus modernos. Ao mesmo tempo, os demais reinos, aqueles fundados na tirania, na escravidão e no atraso seriam os dos povos não europeus.

Essas ideias sobre as monarquias, suas legitimidades, no caso dos reinos descritos como ocidentais, bem como de sua ilegitimidade, no caso dos reinos do mal, se mostram como partes da relação referente aos costumes dos povos descritos em suas obras literárias, sendo que essa perspectiva sobre os hábitos faria parte da forma como esse autor pensava a ideia de civilização, barbárie e selvageria, influenciado pelas discussões de seu tempo sobre esses assuntos, que dividiam os povos em três estágios evolutivos de sociedade. Assim, haveria reinos mais e menos evoluídos dentro da obra. Nesse caso, os reinos mais avançados seriam aqueles que tinham a sua legitimidade em torno dos ensinamentos dos Valars, figuras angelicais que em sua obra representam os anjos de Deus, enquanto os atrasados seriam os demais reinos.

Por conseguinte, os reinos mais evoluídos representariam a Europa, enquanto os atrasados simbolizariam os povos não europeus, principalmente aqueles do Oriente, como se pode ver no fato de que muitos desses povos estão no Oriente da Terra Média e mesmo em determinados momentos são chamados de orientais²¹⁰.

A obra de Tolkien mostra então fazer uma série de juízos de valor sobre os hábitos, representando em sua ficção ideias preconcebidas sobre os costumes tidos como corretos e incorretos, bem como sobre as sociedades entendidas como mais e menos evoluídas. Assim, o enredo apresenta as sociedades do Oeste com valores positivos, com uma civilização mais avançada, com reinos legítimos, favoráveis a liberdade, enquanto o Oriente é apresentado como inferior, com costumes rudes, como bárbaros cruéis e favoráveis a escravidão.

A bibliografia que analisa especificamente a obra de Tolkien conta com autores que defendem que sua literatura apresenta a ideia de povos mais e menos avançados e outros que advogam uma posição multicultural em seus escritos.

Como já foi dito, Myles Balfé, em seu artigo “Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy”, publicado em 2004, defende que a literatura fantástica possui como uma de suas características a apresentação de um cenário em que existem povos mais e menos civilizados, e que a obra de Tolkien teria contribuído largamente para a construção desse paradigma nas literaturas fantásticas modernas. Dessa forma,

²¹⁰ As relações e representações valorativas sobre as ideias de Ocidente e Oriente na obra literária de Tolkien serão melhor abordadas no terceiro capítulo desse trabalho.

esse autor advoga que é uma perspectiva constante a ideia de que nesse gênero literário, os ocidentais são apresentados como superiores e os não europeus, principalmente os africanos e os orientais, são construídos como inferiores (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

Nesse processo, haveria então uma relação de constante subjulgação e de ocidentalização do Oriente e mesmo, um reconhecimento dos povos orientais da superioridade ocidental e da necessidade de ocidentalizar.

Conforme o que foi apresentado até o momento, nesse capítulo, é possível perceber que de fato a obra de Tolkien apresenta povos mais e menos civilizados, alguns com hábitos mais refinados e outros como rudes, bem como populações descritas como superiores e inferiores, conforme defende Balfe. Vários mecanismos são utilizados para construir essas ideias dentro do enredo, como as ideias de conhecimento, talento, virtude e dons atribuídos a certos povos em detrimento a outros, bem como as ideias de progresso, organização e estágios diferenciados das populações da Terra-Média, as ideias de hábitos civilizados e incivilizados em relação a certas populações, as ideias de liberdade e escravidão como hábitos de povos diferenciados e a de modelos de monarquia legítimos e ilegítimos apresentados no enredo.

No artigo “World Creation as Colonization: British Imperialism in “Aldarion and Erendis””, publicado em 2005, Elizabeth Massa Hoiem defende uma posição contrária.

Em seu artigo, Hoiem defende, em primeiro momento, que Tolkien se posiciona contra o imperialismo em sua obra. O tema da colonização e do imperialismo se discutirá em outro momento. Porém, a autora, ao afirmar um caráter anti-imperialista no enredo, alude também a ideia da não existência de povos superiores e inferiores no enredo.

No artigo “Aspects of Orientalism in J. R. R. Tolkien’s The Lord of the Rings”, publicado em 2005, Astrid Winegar defende posições semelhantes a de Elizabeth Massa Hoiem, em relação a ideia de uma perspectiva multicultural na obra de Tolkien e a uma crítica ao sistema colonial.

Em meio a sua argumentação, Winegar cita um dos episódios do fim da trilogia “O Senhor dos Anéis”, em que os orientais são perdoados pelo rei Elessar e se estabelece uma paz entre Gondor e boa parte dos reinos orientais. Essa situação é interpretada pelo autor como uma prova de que os orientais não são tratados como diferentes ou como inferiores, ou ainda, que se isso ocorreu, o fim da trama estaria

propondo o fim dessa visão (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9). No entanto, o autor parece não levar em consideração que as relações de poder continuam estabelecidas de forma hierárquica. A paz é oferecida sob rendição e os orientais que a aceitam são submetidos a vontade do rei de Gondor. Aos orientais que não aceitam os termos é lhes oferecida a guerra novamente, como fica evidenciado em um dos anexos do terceiro livro da trilogia.

Esse trecho, então, longe de ser uma descrição de cooperação e de fim das desigualdades, pode ser interpretado como o estabelecimento de uma relação de submissão daqueles que foram durante todo o enredo apresentados como violentos, bárbaros, cruéis e inferiores civilizacionalmente, perante a aqueles que foram descritos como superiores e virtuosos. Tratar-se-ia, em última instância, da reprodução literária de um dos mecanismos do pensamento colonizador europeu, a de que o Outro deve estar subjulgado para poder ser reconhecido como um povo amigo. Seria essa então a perspectiva do bom selvagem e a do selvagem colaborativo.

Outro trecho citado por Winegar se refere aos homens da Floresta, que ajudam os homens de Rohan a chegarem até a cidade de Minas Tirith e que, por esse serviço prestado, passam a terem o direito reconhecido como sendo os donos daquela floresta. Esse episódio é interpretado por Winegar como uma prova de que não haveria um tratamento imperialista, pois um povo com características primitivas é respeitado em seu direito dentro do enredo (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9). Contudo, essa interpretação pode ser refutada quando se observa mais a fundo toda a relação estabelecida entre esses indivíduos da floresta e os demais homens ocidentais. Em primeiro momento, os homens da floresta são descritos pelos homens de Rohan como sendo selvagens e, por sua vez, a narrativa assim os apresenta, como indivíduos nodosos e com uma aparência que distoa da nobreza e da altura dos homens de Rohan, com quem eles travam contato.

No decorrer do encontro entre esses dois grupos, os homens da floresta colocam uma condição para ajudar os rohirrins, a de não serem mais caçados como animais e serem deixados em paz. Em troca, esses indivíduos se dispõem a ajudar os cavaleiros de Rohan a chegar até o local desejado, em segurança.

Assim, a relação que se estabelece não é de amizade e de reconhecimento, pois fica evidenciado que esses homens da floresta eram caçados como animais e, portanto, não eram respeitados, sendo tratados como selvagens, de uma maneira que pode ser considerada como imperialista pelos indivíduos que, por sua vez, são apresentados

dentro da trama como o bem e como os heróicos. Dessa forma, a posterior relação de amizade e de reconhecimento para com esses homens da floresta não é uma prova de uma atitude anti-imperialista, mas sim, uma continuidade da perspectiva estabelecida do selvagem colaborativo, ao passo que eles recebem em troca o direito a não serem cassados e o direito a existirem, bem como também a terra a qual eles vivem. No entanto, essa terra é entendida como doada a eles pela autoridade dos homens ocidentais e não como deles de direito.

No artigo “An evaluation of a post-colonial critique of Tolkien”, publicado em 2009, Zakarya Anwar, defende uma posição intermediária sobre a ideia de povos civilizados e incivilizados na obra de Tolkien, bem como sobre Tolkien ser favorável ou desfavorável ao imperialismo.

Em primeiro momento, Anwar afirma que há uma tendência na obra de Tolkien em apresentar certas culturas como civilizacionalmente superiores, sendo que essas seriam aquelas que estiveram próximas aos conhecimentos dos Valars, recebendo instruções (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). Esse argumento é confirmado dentro do enredo, contudo, há de se acrescentar que não é por acaso que os povos mais civilizados, que receberam os conhecimentos dos Valars, são apresentados como sendo aqueles com características europeias, enquanto os que foram privados desses conhecimentos são aqueles tidos como orientais. Assim, os civilizados e incivilizados na obra de Tolkien seguem o mesmo padrão das teorias civilizacionais do período em que ele escreveu, apresentando o Ocidente como civilizado e os demais povos como bárbaros, conforme descreve Norbert Elias (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21).

Outra característica apresentada por Anwar é a linguagem, como tendo uma característica que pode ser considerada como imperialista em alguns aspectos e não imperialista em outros. O fato de os elfos não imporem a sua linguagem é apresentado como um reconhecimento da diferença, no entanto, sua linguagem ainda assim é apresentada durante todo o enredo como sendo superior. Essa superioridade, então, pode ser entendida como uma forma de estabelecer indivíduos e povos mais e menos civilizados dentro do enredo. Essa análise, se mostra plausível, embora a não imposição da língua não possa ser vista essencialmente como uma forma de anti-imperialismo.

Anwar cita também o episódio do firmamento da paz e do reestabelecimento do comércio entre Gondor e os orientais no fim do livro “O Senhor dos Anéis” como uma possível representação de rechaço ao imperialismo (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). No

entanto, como já se discutiu, esse trecho pode ser interpretado como uma ideia de submissão do Oriente e de seus povos tidos como bárbaros para serem civilizados.

As interpretações de Anwar, sobre a ideia de civilizados e incivilizados na obra de Tolkien podem ser, portanto, refutadas frente as evidências de que Tolkien hierarquizou as populações em sua literatura, apresentando alguns grupos como superiores e civilizados e outros como inferiores e bárbaros, bem como produziu um escalonamento entre povos mais e menos civilizados, muito semelhante as teorias civilizacionais que circulavam em seu tempo.

Na tese de doutorado “Reimagining Tolkien: A Post-colonial Perspective on The Lord of the Rings”, publicada em 2012, Louise Liebherr, faz uma das defesas mais sólidas a cerca de um caráter multicultural e pós-colonial na obra de Tolkien. Sua hipótese é que em sua obra, Tolkien critica as ideias coloniais e, por sua vez, apresenta em contrapartida, um modelo de tolerância entre povos diferentes (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Seu primeiro argumento é que o período de composição da trilogia “O Senhor dos Anéis”, coincide com o momento histórico que Allen J. Greenberger defende em seu livro “The British Image of India: A Study in the Literature of Imperialism 1880-1960”, como sendo de afastamento da população britânica dos ideais coloniais. Mas isso por si só não prova que Tolkien era contrário ao imperialismo e que tenha abandonado a visão hegemônica de sua época que dividia as populações do mundo entre civilizados e bárbaros. Sua obra literária, quando analisada, como se viu acima nas muitas representações de povos mais e menos sofisticados, corrobora as ideias de povos em estágios civilizacionais diferentes e separados entre superiores e inferiores.

No entanto, diferente de Anwar, Liebherr reconhece que a pouca fala dos orcs e dos orientais dentro do enredo, bem como a fala rude dos orcs, seria uma forma de continuidade do silenciamento dos povos coloniais. Essa perspectiva, por sua vez, corrobora a ideia de povos civilizados e incivilizados dentro do enredo, pois esse silenciamento era uma das estratégias utilizadas por aqueles que advogavam a superioridade civilizacional europeia.

Liebherr também defende a ideia de que os orientais são tratados de forma menos pejorativa, até mesmo com uma certa simpatia, em detrimento aos orcs. Esse argumento, de fato, se sustenta frente aos exemplos existentes, contudo, pode-se acrescentar a ele a interpretação de que isso ocorreria não por um processo de

humanização e de simpatia a esses orientais, mas pelo próprio processo de gradação existente dentro da obra e também na teoria civilizacional em voga no período. A teoria civilizacional defendia que havia povos bárbaros mais próximos e outros mais distantes da civilização e a mesma ideia pode ser encontrada na obra de Tolkien. Logo, tal como os muitos exemplos apresentados acima, os orcs seriam aqueles tidos como selvagens, enquanto os orientais seriam os bárbaros e estariam mais próximos da civilização.

Para defender uma certa simpatia aos haradrins, sulistas e outros homens orientais, em detrimento a total aversão apresentada aos orcs, Liebherr cita um trecho em que o personagem Sam, vendo um sulista caído morto, se questiona sob os motivos que levaram aquele homem a sair de sua casa para lutar, se não teria preferido ficar lá, em paz, e quais mentiras ou ameaças de Sauron poderiam tê-lo feito abandonar o seu lar. Contudo, esse trecho pode ser também interpretado de outra forma, não como uma demonstração de simpatia, mas como uma das muitas representações dos orientais como fracos, incapazes de resistir a opressão de ameaças, ou ainda, como suscetíveis a serem facilmente enganados, indivíduos, portanto, sem vontade própria. Sob inúmeros aspectos, essa era uma das muitas características do pensamento colonial sobre o Outro, a de entendê-lo como incapaz, fraco, e, por isso, subsequentemente, necessitando de alguém para governá-lo, para não ser governado por um déspota oriental.

Semelhante a argumentação de Winegar, Liebherr cita o episódio do final da trilogia “O Senhor dos Anéis”, em que alguns povos orientais são perdoados pelo novo rei de Gondor e se inicia um processo de paz e relações comerciais entre eles. Esse momento é mais uma vez interpretado como sendo uma defesa de uma visão de mundo multicultural e de uma perspectiva pós-colonial na obra, em detrimento a visão colonialista e racialista em voga no período em que ele escrevia.

Mais uma vez é necessário refutar essa interpretação, pois esse trecho não apresenta uma relação de amizade e confraternização entre povos diferentes, mas sim, de submissão dos povos derrotados a um povo vencedor. Não por acaso, os derrotados são os povos não-europeus, enquanto os vitoriosos são os povos com características europeias. Isso se remeteria, em grande parte, a ideias sobre superioridade civilizacional que circulavam no tempo de Tolkien, bem como a ideia de pax britânica, interpretada por Antônio Carlos Lessa (LESSA, 2005), em seu estudo, cuja paz era somente oferecida aos demais povos frente a um processo de submissão total a vontade do império britânico.

Contra a ideia de uma superioridade civilizacional na obra de Tolkien, Liebherr também argumenta sobre a cidade de Valfenda e como ela é apresentada no enredo da trilogia “O Senhor dos Anéis”. Liebherr interpreta essa cidade como um exemplo de lugar em que as diferenças são aceitas, tanto é que ali são abrigados indivíduos de povos diferentes, como anões, elfos, homens, hobbits, todos tratados como iguais e tendo o igual direito a falar.

Para Liebherr, O Conselho de Elrond, convocado para deliberar sobre o destino do anel de poder, evidencia essa aceitação das diferenças, pois trata-se de uma reunião em que se tem a presença de povos diferenciados, cada qual deles representados por seus membros mais ilustres. No entanto, é possível interpretar a cidade de Valfenda e essa reunião que ali ocorre, de forma diferente.

De fato, há uma aceitação de um grau de diferença, mas há um limite para essa diversidade. Os povos ali abrigados e chamados para o Conselho de Elrond são apenas os povos ocidentais, de pele clara, enfim, indivíduos que apresentam um estereótipo europeu. Não há, por exemplo, a presença de orcs, ou de homens da Terra Parda, ou dos diversos povos orientais. Grosso modo, trata-se de uma reunião de povos brancos, europeizados, reunidos para discutir como enfrentar orientais e uma ameaça que vem do Oriente. A diversidade ocorre somente entre indivíduos de povos europeizados diferentes, ao passo que o contexto ocorre distante de uma perspectiva realmente multicultural, sendo muito mais semelhante à preparação de uma cruzada contra inimigos orientais.

Outro argumento de Liebherr, para tentar defender a ideia de uma multiculturalidade na obra de Tolkien é a de que não existiria um modelo imposto aos povos da Terra-Média, sendo que os povos que lutam contra Sauron seriam diversificados e passariam a tolerar essas diferenças e ainda cooperar para um objetivo comum, que é se verem livre da opressão do Senhor do Escuro. Porém, deve-se levar alguns detalhes em consideração. Em primeiro lugar, há um modelo que não é aceito, o dos orientais, dos orcs e de Sauron, sendo que esses são forçados a se submeterem. Assim, o espaço para a diversidade é limitado a um grau específico de diferença, de forma que só se tolera as diferenças culturais dos povos que possuem um estereótipo europeu. Aos demais, só resta a submissão e o rechaço total de seu modo de vida.

Além disso, pode-se argumentar ainda que há um modo de vida imposto sim, o dos ocidentais. Isso fica evidenciado pelo fato de que os orcs e os orientais que não aceitam se submeterem continuam como inimigos, sendo combatidos.

Liebherr também argumenta que os orcs, ao invés de serem representados como apenas bárbaros, são descritos como tendo um certo grau de moralidade, que não os torna então tão diferentes. Ele cita os exemplos do enredo em que os orcs se esforçam para vingar os seus líderes caídos. Para Liebherr, isso prova a lealdade desses indivíduos e assim, evidencia um certo padrão de conduta moral (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Contudo, ainda que o ímpeto de vingança dos orcs pudesse ser visto como um padrão de moralidade, a existência de moral em povos tidos como bárbaros não distoia da teoria civilizacional do período em que Tolkien escreveu. Pois mesmo os indivíduos entendidos como bárbaros e selvagens eram compreendidos como tendo padrões culturais e morais estabelecidos. O que se dizia, no entanto, dessas condutas, é que elas eram inferiores as práticas ocidentais. Além disso, deve-se levar em consideração a própria ideia de vingança, pois esse é um atributo, por exemplo, atribuído pejorativamente pelos ocidentais a certos povos que eram classificados como bárbaros e violentos, tal como os afegãos.

Dessa forma, os argumentos de Liebherr sobre a ideia de uma multiculturalidade na obra de Tolkien podem ser rechaçados, uma vez que o enredo apresenta inúmeras representações significativas de povos divididos em estágios civilizacionais diferentes, sendo que os povos ocidentais, com estereótipo europeu, são apresentados como superiores, de forma semelhante as teorias civilizacionais em voga no período de escrita da obra.

No artigo “Orientalism and religious aspect n characters anda objects in J.R.R Tolkien’s The Lord of the Rings: A Semiotic Analysis”, publicado em 2013, Fredy Widya Pratama defende brevemente a construção da ideia de civilizados e incivilizados na obra de Tolkien, através da construção de uma linguagem comum, que se por um lado não é imposta a força a todos, é tida como um pré-requisito mínimo para a comunicação, sendo apresentada como uma língua universal. Essa língua, por sua vez, é o inglês. Dessa forma, Pratama apresenta essa situação como uma representação da imposição do inglês como língua universal no mundo (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7).

O argumento de Pratama é de fato sustentável, sobretudo quando ainda se leva em consideração que as línguas dos povos como os orcs e os orientais são apresentadas como rudes e agressivas. Assim, o enredo apresenta uma língua ocidental como universal e outras línguas ocidentais como boas e belas, em detrimento as línguas dos povos não ocidentais como ruins e indesejadas.

Na monografia “The Land of Shadow Reading Mordor in J.R.R. Tolkien’s The Lord of the Rings: A Geopolitical Threat or the Suppressed Other?”, publicada em 2015, Sanni Hakkarainen defende uma posição que distoa da de Liebherr, pois ele defende que a obra de Tolkien apresenta, dentre vários aspectos de sua defesa, que o enredo apresenta certos povos como civilizados e outros como incivilizados.

Hakkarainen defende que a ideia de primitivo pode ser usada para analisar as descrições dos orientais e dos sulistas na obra de Tolkien, pois esses povos seriam apresentados no enredo como selvagens, como sociedades monolíticas, que não se modificaram e que não têm história, incapazes de se auto-governarem e de progredirem. Essa ideia, por sua vez, se remete-ia às diversas representações dos povos tidos como primitivos pelas culturas ocidentais.

A argumentação de Hakkarainen é plausível, pois como se viu, os orientais, no decorrer do enredo, são apresentados como inferiores civilizacionalmente, com uma cultura apresentada como mais rude, com hábitos tidos como menos polidos, não se modificando no decorrer do tempo, mantendo sempre os mesmos costumes e sendo descritos como agressivos, bárbaros e selvagens. Esse processo, a despeito das argumentações de Liebherr, já discutidas, sobre uma possível reconciliação entre ocidentais e orientais no fim do enredo, continua, pois a única forma apresentada para que os orientais deixem de serem vistos como inimigos a serem combatidos é se submeterem ao rei do Ocidente.

Hakkarainen também afirma que os orientais são descritos vivendo em tribos e sendo liderados por chefes, enquanto os indivíduos do Ocidente possuem reis e vivem em reinos, vilas e cidades, o que evidencia a construção dentro do enredo de uma dicotomia civilizacional entre os povos do Ocidente e do Oriente, que coincide com as teorias civilizacionais que defendiam o status de civilizado aos ocidentais e de bárbaros aos orientais. O mesmo ocorreria com os homens da Terra Parda. Esse argumento pode ser de fato verificado em todo o enredo, pois os povos orientais e os terrapardenses sempre são descritos de forma tribal, enquanto, como já se argumentou, os ocidentais

são apresentados de forma nobre e majestosa, com hábitos refinados e com uma sólida organização social.

Hakkarainen, citando Stuart Hall, defende que a imagem apresentada no enredo a cerca dos haradrins são semelhantes as descrições dos negros africanos feitas nos fins do século XIX e no início do século XX, no que se refere a ideia de agressividade e selvageria. Hakkarainen defende que assim como os negros, os haradrins são descritos como brutos, ligados a escravidão, com uma luxúria de sangue e luta, bem como incivilizados e selvagens.

De fato, as descrições dos homens de Harad os apresenta como violentos, bárbaros, ligados a escravidão e ainda, como incivilizados, como já se argumentou, de forma que é possível defender essa posição frente ao enredo e a semelhança das descrições sobre os negros no início do século XX com as descrições dos haradrins na literatura de Tolkien.

Hakkarainen também evidencia que o próprio Tolkien, em uma de suas cartas, apresenta claramente a ideia do Oriente em sua Terra-Média, como um lugar habitado por homens selvagens e maus. Dessa forma, o Oriente seria um espaço de indivíduos incivilizados, enquanto o Ocidente seria o espaço da civilização, tal como nas teorias civilizacionais em voga.

Esse argumento de Hakkarainen torna claro a forma como Tolkien criou o Oriente em sua obra literária, como um espaço dos povos bárbaros e ao contrário da civilização, localizada no Ocidente (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

No artigo “Racial Issues in Middle-Earth – A Postcolonial Perspective on J.R.R Tolkien’s Lord of the Rings”, publicado em 2016, Alexander Fahlén defende que a obra de Tolkien possui um caráter essencialmente racista. Para sustentar tal ideia, uma de suas principais argumentações é sobre a presença da ideia de povos civilizados e incivilizados no enredo (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Fahlén afirma que os homens orientais, em todo o enredo, são apresentados como inferiores em vários aspectos, dentre os quais, civilizacionalmente, e argumenta que tal característica se remete as ideias sobre racismo e superioridade civilizacional que circulavam no tempo de Tolkien. Ele comenta o episódio do fim da trilogia “O Senhor dos Anéis”, em que com o fim da guerra do anel, o novo rei de Gondor concede várias terras aos povos orientais vencidos, tendo ainda levado paz e prosperidade a esses homens.

Fahlén interpreta esse episódio a luz das ideias coloniais em voga no período, afirmando que elas se remetem as perspectivas de superioridade civilizacional, uma vez que é o rei do Ocidente que tem o direito de doar as terras no Oriente aos orientais, sendo que as populações do Oriente só passam a ter direito reconhecido sobre esses territórios com essa doação e não por já habitarem aquela região. Seu direito depende da autorização do Ocidente. Além disso, a ação do novo rei ocidental é descrita levando paz e prosperidade a esses povos, o que seria mais uma representação da ideia de dependência, pois é o Ocidente que determina a paz dos povos orientais e que leva a eles a prosperidade.

Para Fahlén, essas passagens se remetem as teorias de superioridade europeia, que pregavam a autoridade natural dos europeus sobre os demais povos, por se considerarem racial e civilizacionalmente superiores, de forma que os europeus teriam o direito de governar todos os territórios e caberia a eles doar ou não uma área para a autonomia supervisionada de outros povos. O mesmo se dá sobre a menção de que o rei ocidental teria levado a paz e a prosperidade para os povos orientais no enredo. Fahlén interpreta essa passagem remetendo-se a ideia das missões civilizadoras e da perspectiva das teorias civilizacionais de que o Ocidente deveria levar o progresso aos povos bárbaros, acabando, inclusive, com as suas guerras sem sentido.

Essa interpretação é plausível, pois de fato, os orientais só são de alguma forma reconhecidos e entendidos como respeitáveis para não serem combatidos, quando se submetem, sendo que sua cultura e seu modo de vida continua sendo tratado como bárbaro, inferior aos modos ocidentais.

Fahlén também argumenta sobre o tratamento dos orcs, afirmando que eles seriam tratados no enredo da mesma forma que se tratou as tribos africanas nos fins do século XIX e no início do século XX, como selvagens, com linguagens rudes que não eram nem mesmo consideradas como verdadeiros idiomas. Para Fahlén, essa situação justifica que os orcs sejam tratados da maneira mais hostil possível, bem como a colonização de suas terras, tal como ocorreu com a África (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Esse argumento de Fahlén é justificável, pois os orcs, como se viu, são os indivíduos apresentados como aqueles mais selvagens e cruéis dentro do enredo, de forma que não há qualquer remorso ao se eliminá-los e eles podem ser abatidos sem qualquer problema de consciência. Dessa forma, eles são tidos como os mais distantes

da civilização e da humanidade, mesmo como monstruosos, tal como os africanos eram, no período colonial.

Dessa forma, pode-se perceber que há autores que defendem uma posição multicultural na obra de Tolkien, contudo, seus argumentos podem ser rechaçados, frente as evidências e argumentações contrárias, que indicam que Tolkien reproduziu em sua obra uma constante hierarquização civilizacional em todo o enredo. Nessa hierarquia, por sua vez, os mais civilizados estão no Ocidente, são denominados ocidentais e possuem características físicas e culturais que se assemelham a da Europa ocidental, enquanto os menos civilizados estão no Leste, são em grande parte chamados de orientais, são tidos como bárbaros e no caso dos orcs, como animalizados e monstruosos, ao passo que possuem características físicas e culturais que se assemelham com os povos do Oriente e da África.

A obra de Tolkien, dessa forma, pode ser observada frente as reflexões apresentadas por Norbert Elias, em seu estudo sobre os hábitos tidos como civilizados e incivilizados pela cultura europeia, bem como pela construção da ideia de civilizado, bárbaro e selvagem, pela intelectualidade ocidental (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21). Tolkien, em seu enredo sobre a Terra-Média, reproduz a ideia de povos com padrões culturais diferenciados, mas que não são somente diversificados, mas sim, uns superiores aos outros.

O enredo de Tolkien, produz a ideia de sociedades com hábitos tidos como refinados e, por sua vez, quanto maior o refinamento, maior também a superioridade de um determinado povo. Essas ideias, conforme propõe Elias, foram desenvolvidas pela sociedade europeia para construir a Europa e as elites europeias como superiores, com hábitos distintos do restante da população local e dos demais povos (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21).

Tolkien então reproduz esse modo de pensar em seu enredo, a de sociedades com um padrão de hábitos mais polidos e essa polidez como uma das marcas de superioridade civilizacional. Ao mesmo tempo, os mais polidos não são quaisquer sociedades ao acaso, mas sim os povos ocidentais, de pele branca, olhos claros, rostos finos, enfim, com estereótipo europeu. Enquanto os povos apresentados como menos polidos são os orientais, com pele mais escura, narizes chatos e estão geralmente no Sul e no Oriente ou residem no Ocidente como invasores.

Logo, a obra de Tolkien segue o mesmo padrão da ideia dos hábitos refinados e grosseiros produzida pela intelectualidade europeia e analisada por Norbert Elias, a de que era o europeu de classe alta o superior (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21). Ainda aproximando a obra de Tolkien da análise de Elias, pode-se perceber que a polidez de hábitos é só uma das muitas características na construção de povos tidos como civilizacionalmente superiores. Elias também enfatiza que esse processo se dava através da ideia de países mais desenvolvidos moralmente, tecnicamente e com a presença de grandes saberes, ciências e de grandes indivíduos geniais, produtores de grandes inovações, em sociedades que, por sua vez, os permitiam se desenvolverem ao máximo.

Esse aspecto defendido por Elias pode ser encontrado na obra de Tolkien no que se refere aos povos ocidentais, sobretudo os elfos Noldors e os homens das três casas dos amigos dos elfos, que mais tarde se tornam os númenorianos e os homens de Gondor e Arnor. Ambos possuem uma cultura de povos com um estereótipo físico europeu, todos com pele branca, olhos claros, apresentam um forte senso moral, ligado a ideia de serem do bem e seguidores dos preceitos ensinados pelos Valars, bem como são descritos com amplos conhecimentos técnicos e portadores de grandes saberes, com muitos indivíduos geniais e inovadores, em sociedades extremamente dinâmicas.

Elias também enfatiza que essa ideia de povos mais e menos desenvolvidos produzia então a divisão por parte do pensamento europeu dos povos do mundo entre civilizados, bárbaros e selvagens, sendo que os europeus eram considerados como civilizados e superiores (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 21).

A obra de Tolkien também reproduz esse padrão de pensamento, pois os povos ocidentais em sua trama, como já se viu, possuem um estereótipo europeu e, ao mesmo tempo, são apresentados como civilizados, em detrimento aos demais povos, notadamente aqueles denominados como orientais e os orcs, que possuem também um biótipo que pode ser considerado como mongólico.

Logo, é possível defender que Tolkien reproduz em seu enredo as teorias de superioridade civilizacional que estavam em voga no período de sua formação intelectual e de escrita de sua obra.

As ideias de sociedades mais e menos evoluídas na obra de Tolkien, por sua vez, se conectam a outro assunto que aparece em inúmeros trechos de sua obra e se mostram como uma ideia importante para o desenvolvimento do enredo, a ideia de raça.

Capítulo 2: raça e miscigenação na literatura de Tolkien

2.1 A raça como ideia no pensamento ocidental

O termo raça aparece 95 vezes²¹¹ na obra literária de Tolkien sobre a Terra Média. No entanto, o mesmo é apresentado com diversos significados: ora se refere à diferença entre indivíduos de espécies diferentes, ora a indivíduos de uma mesma espécie, porém de grupos diversos.

A primeira menção a raça se encontra no livro “O Silmarillion”, referente aos orcs, descritos como uma raça horrenda, criada por Melkor, que teria então corrompido os elfos capturados no início dos tempos e os escravizado até se tornarem criaturas pervertidas.

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda **raça** dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar. (TOLKIEN, 2009 A, p. 31).

²¹¹ Contamos somente as obras de Tolkien que falam diretamente sobre a Terra Média. Nesse sentido, estamos descartando as cartas de Tolkien e outras obras que abordam outros temas.

O termo raça aparece nos seguintes locais:

O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel. Ver: TOLKIEN, 2010 A, p. 16; p. 18; p. 41; p. 78; p. 299; p. 340; p. 376; p. 404; p. 436; p. 468; p. 479; p. 541. Tendo então 12 ocorrências do termo raça.

O Senhor dos Anéis – As duas torres. Ver: TOLKIEN, 2010 B, p. 25; p. 25; p. 28; p. 60; p. 69; p. 212; p. 229; p. 229. Tendo então 8 ocorrências do termo raça.

O Senhor dos Anéis – O retorno do rei. Ver: TOLKIEN, 2010 C, p. 79; p. 95; p. 115; p. 140; p. 149; p. 168; p. 206; p. 206; p. 213; p. 213; p. 252; p. 259; p. 260; p. 330; p. 344; p. 346; p. 355; p. 356; p. 361; p. 363; p. 367; p. 380; p. 384; p. 394. Tendo então 24 ocorrências do termo raça.

O Silmarillion. Ver: TOLKIEN, 2009 A, p. 31; p. 35; p. 46; p. 56; p. 58; p. 62; p. 65; p. 67; p. 73; p. 75; p. 76; p. 80; p. 104; p. 120; p. 124; p. 126; p. 138; p. 138; p. 184; p. 184; p. 186; p. 186; p. 189; p. 193; p. 203; p. 209. Tendo então 26 ocorrências do termo raça.

Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média. Ver: TOLKIEN, 2009 B, p. 136; p. 172; p. 221; p. 332; p. 379; p. 402; p. 452; p. 452; p. 455; p. 457; p. 561; p. 583; p. 608; p. 621. Tendo então 14 ocorrências do termo raça.

O Hobbit. Ver: TOLKIEN, 2010 D, p. 58; p. 103; p. 181; p. 183; p. 213; p. 213; p. 232; p. 238; p. 240; p. 245; p. 258. Tendo então 11 ocorrências do termo raça.

Esta passagem contém uma ideia significativa que se encontra em vários trechos da obra literária de Tolkien, a de degeneração, ou seja, de uma raça que se degenera, que perde atributos e se torna pior; assim, a raça dos elfos tinha atributos fixos e positivos, porém, por um processo degenerativo, alguns desses seres se transformaram em orcs.

As pesquisas que começaram a estudar a classificação dos homens em raças diferentes se iniciam no princípio do século XX, quando em meio ao pensamento hegemônico sobre o assunto passou-se também a questionar a ideia de raça e, sobretudo, as teorias raciais de superioridade. Entre os precursores desses estudos é possível evidenciar a figura de Franz Boas (1858 – 1942), que em meio a um círculo intelectual marcado pelo racismo e pela eugenia, começou a buscar uma forma diferenciada para compreender as diferenças humanas (CASTRO, 2005, p. 35).

Boas, ainda na década de 1920, passou a abordar, por exemplo, as diferenciações entre brancos e negros nos Estados Unidos da América a partir de uma perspectiva cultural, relativizando as interpretações racialistas que estavam em voga. Assim, ele começou a construir a probabilidade de que as diferenças se davam por se tratarem de culturas diversificadas, que interpretavam o mundo de forma diferente, com base em realidades históricas ímpares, que teriam feito com que os indivíduos buscassem soluções e respostas para os problemas cotidianos de forma diferenciada (PEREIRA, 2011, p. 104 – 111).

Outra figura a ser mencionada é a de Bronislaw Malinowski (1884 – 1942), intelectual polonês, precursor da antropologia social; ele se contrapôs ao dogma da antropologia física e naturalista, vertentes dominantes em seu tempo e que defendiam a interpretação das sociedades humanas a partir da ideia de diferenciação entre as raças. Malinowski começou a defender a proposta de que cada povo deveria ser analisado por sua cultura e não em comparação a outros povos, pois assim seria possível melhor compreender as formas e estratégias de sobrevivência de cada comunidade. Além disso, em seus textos, esse estudioso se opôs à perspectiva de superioridade racial europeia, argumentando que os demais povos, cada qual à sua maneira, haviam desenvolvido formas inteligentes e muito engenhosas de lidar com os problemas cotidianos (CASTRO, 2005, p. 12 – 18).

Os estudos de Boas e Malinowski iniciaram uma possibilidade teórica que se afastava do racismo e da eugenia como explicações para as diferenças entre as

populações do mundo. Seus estudos, por sua vez, se misturaram às ideias desenvolvidas por alguns cientistas da área da genética, que rechaçavam as premissas racialistas e eugenistas adotada por muitos cientistas (HOBSBAWN, 1988, p. 221 – 223). Assim, iniciou-se uma ruptura entre as ciências que estudavam a parte genética dos seres humanos, embora o grupo contrário às teorias raciais fosse, a princípio, significativamente menor do que o grupo racialista (HOBSBAWN, 1995, p. 98 – 99; 408 – 409).

Após o término da Segunda Grande Guerra, com a divulgação dos resultados dos campos de concentração nazista e com as discussões que descreviam esses locais como produtos de ideias eugenistas, o pensamento racialista passou a ser amplamente questionado. Assim, a perspectiva de se determinar os indivíduos pela raça passou a perder força, enquanto a vertente voltada a explicar as diferenças pela cultura passou a ser cada vez mais bem vista (CASTRO, 2005, p. 12 – 18).

Nesse contexto, iniciam-se novos estudos, como o do belga Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009), que buscaram questionar a ideia de raça e abordar os seres humanos e suas sociedades pelo viés da cultura, tratando todas as culturas como ímpares e não como superiores ou inferiores (CASTRO, 2005, p. 12 – 18). Ao mesmo tempo, essas pesquisas se aproximaram de outras vertentes das Ciências Humanas e Sociais interessadas em entender como as sociedades produzem ideias; um exemplo disso é a História dos Annales, que, desde a década de 1930, propunha uma historiografia bem distante das explicações racialistas, embora não fizesse críticas abertas ao racismo (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 177 – 216).

Os questionamentos de Malinowski, Boas e Strauss foram de grande importância, pois vieram de dentro de uma das disciplinas que mais corroboravam o racismo e a ideia de civilizados e bárbaros: a antropologia. Por sua vez, a aproximação da História dos Annales com a abordagem desses dois autores originou, então, diversos novos estudos de como a intelectualidade europeia construiu a ideia de raça para afirmar a superioridade da Europa e a inferioridade e o exotismo do resto do mundo (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 177 – 216).

A partir da década de 1950, inúmeros estudos na área das Ciências Humanas passaram a abordar o tema do racismo, do racialismo e da eugenia, bem como a vincular tais estudos às discussões sobre o imperialismo (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 177 – 216). Estudos como o de Frantz Fanon (1925 – 1961) e o dos intelectuais ligados aos

Estudos pós coloniais foram essenciais para que essa discussão fosse levada adiante, produzindo então a desmistificação da ideia de raça e da teoria de superioridade racial (BONNICI, sem data).

Entre a década de 1950 até os fins do decênio de 1980, vários autores versaram sobre a ideia de raça, alguns abordando a sua origem e a sua relação com outras perspectivas, como a do higienismo, o de civilização e hábitos superiores e a de cultura superior e padrão cultural (SCHWARCZ, 1993, p. 15 – 30). Na década de 1990, os estudos sobre raça e sobre a sua construção tornaram-se tema mais corriqueiro na História das Ciências, com inúmeros estudos voltados para a discussão de como a construção de um pensamento racalista e eugenista impactava locais específicos, através de políticas públicas e de uma militância ativa dos movimentos racialistas (ROCHA, 2008).

Essa historiografia mais recente, no entanto, em grande parte corrobora os estudos que foram a sua base desde a década de 1950, realizando um processo de preenchimento de lacunas, com pesquisas cada vez mais aprofundadas que encontram a aplicação das teorias raciais em pontos específicos das realidades com as quais ela se deparou e nos locais em que se tentou aplicar as soluções racialistas (BONFIM, 2013).

Com base na historiografia mais recente sobre o assunto, pode-se inferir que, no período em que Tolkien escreveu, circulava pelo mundo acadêmico europeu uma série de pensamentos e teorias sobre os povos humanos divididos em raças diferentes, bem como a ideia de que os indivíduos poderiam se degenerar racialmente, ou seja, perder atributos, piorar, tornando-se aleijados, fracos, doentes, bem como propensos à criminalidade, à vadiagem, a ter hábitos menos higiênicos e polidos, à brutalidade, em suma, tornando-se sujeitos que não prestavam à sociedade (SCHWARCZ, 1993, p. 15 – 30). Estas teorias, além do caráter de ciência, gozavam de boa aceitação no mundo político que procurava combater a degeneração racial.

Seria possível remontar à ideia de diferenciação racial no pensamento ocidental desde os tempos da Grécia Antiga e suas poleis, como inferiu o professor François Hartog, em que a ideia de bárbaro era atribuída a indivíduos de etnias diferentes, como os persas e os citas, considerados como naturalmente inferiores aos gregos, pois ainda que os gregos diferenciassem os habitantes de suas cidades-estados, essa relação era mais enfática em comparação aos não gregos (HARTOG, 1999, p. 227 – 272). Essa construção do Outro no pensamento ocidental seria a base para a diferenciação

propriamente racial posterior. O período alexandrino e suas expansões teriam, por sua vez, potencializado essa relação de construção do Outro, colonizando os povos da Ásia sob a justificativa de levar a eles a luz da razão, uma vez que eram considerados menos desenvolvidos (MOSSÉ, 2004, p. 161 – 216). O Império Romano, crendo-se continuador da expansão do conhecimento grego, sustentou seu expansionismo a partir da mesma premissa, sobretudo no período imperial, sendo que diversos de seus imperadores se apresentavam como continuadores dos trabalhos de Alexandre (MOSSÉ, 2004, p. 177 – 186). Pressuposto semelhante encontra-se nos tempos do império carolíngio, que em grande parte se construiu como continuador de Roma e que tratava muçulmanos e não cristãos como Outros (FAVIER, 2004, p. 49 – 62; 209 – 236; 265 – 289; 566 – 590). O período medieval ocidental também foi marcado pela rivalidade com o islã, sendo que a visão cristã do Outro se fundamentava essencialmente no elemento muçulmano (LE GOFF, 1990). O mesmo pode ser visto na época das grandes navegações (TODOROV, 2003, p. 3 – 72) e nos estados absolutistas (GRUZINSKI, 1999), até o século XIX, embora os orientais mongólicos e os nativos americanos tenham surgido como alteridades a partir das grandes navegações (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Sob inúmeros aspectos essa diferenciação atravessou toda a história do Ocidente, construída sob a evocada herança greco-romana²¹². A construção da Alteridade lançou mão de caracterizações físicas e culturais de outros povos como forma de diferenciá-los (MACEDO, 2001). Assim, a pele mais escura de algumas populações, ou mais amarelada e avermelhada de outras, olhos puxados, estatura, tipo de cabelo, constituição física dos membros e mesmo formato dos rostos eram motivo de diversas descrições, que tinham por objetivo falar do Outro, entendê-lo, compreender a sua diferença e compará-lo ao europeu. A intelectualidade europeia foi construindo, assim, sobretudo a partir do século XIX, um estereótipo de homem baseado no europeu, ao passo que os demais eram descritos como diferentes (MACEDO, 2006, p. 13 – 20).

A partir de tais ideias foi se desenvolvendo toda uma teoria racialisista, que defendia que os homens estavam então divididos em raças diversas e, por sua vez, mais e menos evoluídas. No século XVIII, pensadores como o alemão Immanuel Kant (1724 – 1804) já haviam desenvolvido a ideia de menoridade, falando de povos que, em sua

²¹² Sobre a construção da ideia de Ocidente, ver: MACEDO, 2006, p. 10 – 12.

interpretação, tinham menor capacidade de desenvolvimento, em detrimento de outros, que possuíam maior aptidão, sendo esses, notadamente os europeus.

A obra de Kant não dissimula que ele tinha aversão pelos negros africanos, sendo que seus escritos podem ser entendidos como influenciadores de uma posterior teoria racial, juntamente com outras obras, que no decorrer do século XVIII, auxiliaram a construir a ideia de que os diversos povos do mundo pertenceriam a raças diferentes, com características e aptidões diversificadas. Kant fala dos negros nos seguintes termos:

“Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas.” (KANT, 1993, p. 75 – 76).

Outra passagem que mostra essa característica no pensamento de Kant é o seu comentário sobre os indianos:

“Os indianos possuem um gosto dominante para o caricaturesco, daquela espécie que atinge o extravagante. Sua religião consiste em caricaturas. Ídolos de forma monstruosa, o dente inestimável do poderoso macaco *Hanuman*, as penitências desnaturadas do faquir (frades mendicantes pagãos) etc, fazem parte desse gosto. O sacrifício voluntário da mulher na mesma fogueira que consome o cadáver do marido é uma horrível extravagância. (KANT, 1993, p. 75).

Hegel também possui passagens significativas em que corrobora a ideia da superioridade racial europeia, em detrimento dos povos não europeus, principalmente com relação aos negros:

“a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma idéia geral de sua essência [...] O negro representa, como já foi dito o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a idéia do caráter humano[...] A carência de valor dos homens chega a ser inacreditável. A tirania não é considerada uma

injustiça, e comer carne humana é considerado algo comum e permitido [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes. (HEGEL, 1999, p. 83 – 86).

Além de Kant e Hegel, vários autores contribuíram para a construção de uma teoria racial que se desenvolveu amplamente no século XIX.

Um dos primeiros nomes a ser citado é o de Pierre Camper (1722 – 1789), médico e naturalista holandês, que fez diversos estudos de medição de crânios e que defendia a existência de uma determinada medida para os crânios alcançarem a perfeição. Esse autor afirmava que os crânios dos europeus estavam mais próximos da perfeição, enquanto os dos africanos eram mais próximos ao de orangotangos (SOUSA, 2008, p. 111 – 112).

Outro nome a ser mencionado é o de Carl Gustav Carus (1789 –1869), médico, fisiologista e pintor alemão, que:

subdividia a espécie humana em quatro estados. Tal qual o planeta passa por quatro estados, - o dia, a noite, o crepúsculo matutino e o crepúsculo vespertino -, os seres humanos seriam assim associados. O europeu com o dia, “pelo esplendor de sua ciência e a nitidez de sua civilização”, os negros com a noite, pois “dormem nas trevas da ignorância”, os chineses com a aurora, o que “lhes confere uma existência social incompleta, ainda que poderosa”; e, por fim, os pele-vermelhas com o crepúsculo, “Condenados a desaparecer pouco a pouco deste mundo”. (SOUSA, 2008, p. 113).

Outro autor relacionado a esse contexto é Johann Friedrich Blumenbach (1752 – 1840), antropólogo e zoólogo alemão, que contribuiu para as teorias raciais, sendo um dos primeiros a classificar as diversas populações humanas em raças diversificadas (SOUSA, 2008, p. 112 – 113).

Além de Blumenbach, pode-se citar também a figura de Christoph Meiners (1747 – 1810), naturalista de origem alemã, que dividia os homens entre bonitos claros e feios escuros (SILVEIRA, 1999, p. 124). Outro caso é o do naturalista francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, que ainda no século XVIII já defendia a ideia de que a mistura das raças produzia degeneração, perspectiva essa que outros teóricos enfatizarão com mais veemência no decorrer do século XIX (SILVEIRA, 1999, p. 99).

Esses primeiros teóricos influenciaram a obra de dois indivíduos que foram marcantes para a construção do pensamento racialista e das ideias de evolução, sendo eles o naturalista francês Jean-Baptiste de Lamarck (1744 – 1829) e o médico inglês Erasmus Darwin (1731 – 1802) (avô de Charles Darwin e de Francis Galton), que foram

autores essenciais para o desenvolvimento de uma teoria racial cada vez mais forte no decorrer do século XIX e na primeira metade do século XX.

Lamarck, auxiliado por Erasmus Darwin, produziu uma hipótese, com base em alguns estudos anteriores e em suas observações, que postulava a evolução das espécies através da passagem de genes de pais para filhos, ou seja, de caracteres adquiridos (RODRIGUES, 2012, p. 5 – 6). A teoria lamarckiana iniciava a sua proposta pela ideia de que organismos mais simples surgiriam por geração espontânea através da matéria inanimada. Sob muitos aspectos, a geração espontânea era um pensamento bastante comum nos fins do século XVIII e no início do século XIX, e só foi cair em desuso após os estudos de Louis Pasteur (1822 – 1895), que conseguiu produzir diversas críticas a esse pensamento, sem, no entanto, provar totalmente a sua ineficácia (MARTINS, 2009, p. 79 – 81; 87 – 90).

Acerca do desenvolvimento e da evolução das espécies, Lamarck propunha uma lei do uso e do desuso, de forma que consoante a mudança de ambiente, as necessidades dos seres vivos podiam também se modificar. A partir do momento em que uma espécie passava a usar mais certas partes do corpo em detrimento de outras, ou que começava a usar algumas partes de forma diferente, com o transcorrer das gerações as partes mais utilizadas se tornariam mais desenvolvidas.

Lamarck dava alguns exemplos dessa relação. O primeiro deles seria o das girafas, que segundo a sua teoria, teriam tido os seus pescoços alongados no decorrer de diversas gerações, graças ao esforço que faziam para alcançar galhos de árvores mais altos. Assim, as girafas, ao esticarem cada vez mais seus pescoços, desenvolveram esses músculos e, após inúmeras gerações, os pescoços ficaram encurtados de forma significativa.

Outro exemplo dado por Lamarck era o das aves aquáticas que tinham pernas compridas. Sua teoria afirmava que essas aves alongaram suas pernas ao fazerem um esforço para andarem na água sem molhar seus corpos. Da mesma forma que as girafas, depois de muitas gerações utilizando aquela parte do corpo, a espécie teria gradualmente se modificado (BONFIM, 2013, p. 57).

A hipótese de Lamarck foi decisiva para o futuro desenvolvimento de outra teoria, a do naturalista britânico Charles Darwin (1809 – 1882), neto de Erasmus Darwin, que antes de Lamarck havia produzido uma primeira teoria sobre evolução, em um livro lançado em 1792, chamado Zoonomia. A obra de Lamarck, por sua vez,

beneficiou-se das grandes contribuições de Erasmus Darwin para o desenvolvimento de sua teoria dos usos e dos desusos (NETO, 2009, p. 96 – 102).

Contribuição semelhante ao racismo pode ser vista nos escritos de Gustav Klemm (1802 – 1867), antropólogo alemão, que defendia a divisão da:

humanidade em raças “ativas” e “passivas” (ou “femininas”), colocou entre estas últimas não apenas os orientais, africanos e indianos, mas também os finlandeses e as camadas inferiores da sociedade européia. (SILVEIRA, 1999, p. 124).

Perspectiva similar pode ser vista nos estudos de Willem Vrolik (1801 – 1863) – anatomista e patologista holandês, professor de anatomia e fisiologia na Universidade de Groningem. Esse autor defendia:

que nos europeus a diferença da pélvis do homem em relação à da mulher era muito menos acentuada, enquanto no caso da raça negra haveria em ambos os sexos um caráter “bastante saliente de animalidade”. Partindo da idéia de que a conformação da pélvis influiria necessariamente na formação do feto, Vrolock chega à conclusão que há entre negros e brancos diferenças originais. (SOUSA, 2008, p. 115).

Há autores ainda no âmbito estadunidense que desenvolveram teorias semelhantes, dialogando com elas, como é o caso de Samuel Morton (1799 – 1851), médico e cientista natural, que argumentava que:

que a capacidade craniana da raça ariana era maior do que a das demais raças, deduzia que os povos arianos seriam mais desenvolvidos intelectualmente. Morton estabeleceu uma hierarquia entre as diferentes raças a partir do tamanho médio de seus cérebros. (SOUSA, 2008, p. 53 – 54).

Além dele, outros nomes podem ser mencionados, como o do alemão Franz Joseph Gall (1758 – 1828), criador da frenologia, uma ciência que estudava os crânios e determinava, através de suas marcas, as características, o caráter e a capacidade mental dos indivíduos. A frenologia foi de grande importância para o desenvolvimento das teorias raciais, pois através dessa ciência afirmou-se a ideia de que as populações tidas como de raças diferentes possuíam crânios com formatos e características díspares; a medida dos crânios indicaria uma diferença biológica entre esses povos, o que provaria que alguns teriam maior desenvolvimento que outros (MACEDO, 2016, p. 128 – 143).

A frenologia foi a base para a produção de uma outra ciência que media os crânios e que tinha, por sua vez, ênfase na diferenciação dos crânios das raças humanas tidas como diferentes. Essa ciência é a craniometria/craniologia, amplamente usada principalmente a partir da segunda metade do século XIX, dando respaldo às ideias de diferenças raciais entre os povos (SCHWARCZ, 1993, p. 57 – 86).

Além da frenologia e da craniometria/craniologia, houve ainda o desenvolvimento da antropometria, que estudava as proporções corporais, muitas vezes para estabelecer a qual raça o indivíduo pertencia, pois se acreditava que cada raça humana possuía certas proporcionalidades próprias (SCHWARCZ, 1993, p. 57 – 86).

Outro autor que pode ser entendido como um influenciador importante das teorias raciais é o botânico e meteorologista austríaco Gregor Mendel (1822 – 1884), estudioso que foi um dos precursores das ideias sobre genética, com as suas pesquisas sobre ervilhas, em que ele, através de observação e experimentação, descobriu o funcionamento dos genes que davam certas colorações às ervilhas. Essas investigações de Mendel ajudaram a construir a ideia das diferenciações raciais e a explicar o fenômeno das mesclas biológicas que ocorriam em meio aos contatos entre populações de origens diferentes. A ideia de híbrido, amplamente trabalhada nos estudos de Mendel para explicar as plantas que teriam características de duas outras plantas de tipos diferentes (ervilhas que teriam uma tonalidade de cor entre o verde mais escuro e o verde mais claro) passou a ser usada para explicar os indivíduos que seriam descendentes, por exemplo, de brancos e negros, que por sua vez gerariam o indivíduo mais escuro que o branco e mais claro que o negro (BONFIM, p. 16 – 17; 50; 57; 60).

A classificação de mestiço já era bastante comum no mundo colonial ibérico (PAIVA, 2013, p. 63 – 81), contudo, com as pesquisas de Mendel e com as teorias racialistas, essa ideia tomou uma perspectiva diferente.

Outro autor a ser destacado como figura importante para a construção de uma teoria racial disseminada pela intelectualidade europeia é Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807 – 1873), que viajou pelo Brasil em 1865 e usou os exemplos que viu no Brasil para reforçar as ideias sobre raças e sobre a mistura racial como algo ruim. Uma de suas frases mais conhecidas sobre o assunto fala dos efeitos perniciosos da mistura racial, usando o exemplo do Brasil (SOUSA, 2008, p. 52 – 101):

“Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu” (Agassiz. E. & L, 2000, p.282 Apud. SOUSA, 2008, p. 94).

O francês Arthur de Gobineau (1816 – 1882) é outro autor importante nesse contexto de criação de uma teoria racial no pensamento europeu, pois ele foi um dos primeiros teóricos a falar longamente sobre a diferença das raças, com uma visão bastante pessimista sobre as misturas raciais, que embora não tenha sido completamente adotada por todos os racialistas, foi em parte seguida por diversos defensores da não mistura racial. Gobineau também viajou pelo Brasil e usou o exemplo brasileiro para se opor à mistura racial, falando sobre os mulatos brasileiros, como figuras degeneradas, doentias, uma mistura racial que enfraquecia os indivíduos, pois o miscigenado herdaria o pior de ambas as raças, ao invés de trazer as qualidades (SOUSA, 2008, p. 102 – 142).

As pesquisas de Peter Lund no Brasil, sobre as populações e animais tidos como pré-históricos, também auxiliaram na construção de uma teoria racial, pois suas investigações colocaram abaixo o mito do diluvianismo e deram maior respaldo às teorias evolucionistas já existentes, como a de Charles Darwin, que conhecia a obra de Lund e era seu correspondente. Abandonando-se a teoria do dilúvio, a intelectualidade científica europeia assumiu a explicação da evolução dos seres humanos, a exemplo da evolução dos animais; esta nova perspectiva conseguia explicar os fósseis de seres humanos primitivos encontrados em escavações, que possuíam esqueletos diferentes, muitos dos quais mais semelhantes, em diversos aspectos, a animais (FARIA, 2008, p. 139 – 153).

Contudo, foram os estudos de Charles Darwin (1809 – 1882) que produziram o maior respaldo para o racismo como uma teoria com status de ciência (BOLSANELLO, 1996, p. 153 – 155). Esse estudioso inglês era um naturalista, formado em medicina e em teologia, e, sob muitos aspectos deu continuidade as investigações de seu avô, embora agora sob a influência de novas descobertas científicas sobre fósseis de animais e plantas. Durante uma longa viagem ao redor do mundo, passou pela ilha de Galápagos, onde observou espécimes e fósseis que deram sustentação à sua teoria da evolução e da seleção natural. Darwin postulava que os seres

vivos se modificavam de forma qualitativa, para se tornarem cada vez mais bem adaptados ao ambiente em que viviam, ao passo que essas alterações ocorreriam por um processo de mutações aleatórias, que por sua vez, produziria indivíduos mais bem adaptados, que conseguiriam então através do cruzamento, por serem os mais fortes, passar os seus genes para as gerações seguintes (CARMO & MARTINS, 2006, p. 335 – 348).

A teoria de Darwin, publicada em “A Origem das Espécies”, defendia, dentre outras coisas, que os humanos teriam também, como qualquer outra espécie animal, evoluído de ancestrais comuns aos demais primatas, em um processo evolutivo que teria gerado várias espécies diferentes de primatas, como em uma ramificação dos galhos de uma árvore. Negando o pressuposto da criação do mundo e da comum descendência de Adão e Eva, a publicação do livro de Darwin causou grande polêmica tanto no mundo acadêmico, que em grande parte era formado por cientistas que tinham formação teológica, sendo que alguns eram padres e reverendos, como também na sociedade europeia e europeizada da época, que tinha os seus princípios pautados no cristianismo (CARMO & MARTINS, 2006, p. 337 – 340).

O livro de Darwin foi lançado em conjunto a um ensaio, que defendia basicamente a mesma tese, escrita pelo jovem pesquisador britânico Alfred Russel Wallace (1823 – 1913). Ambos haviam desenvolvido, quase ao mesmo tempo, uma teoria bastante semelhante sobre a seleção natural e sobre a evolução, dialogando com as teorias de Lamarck e levando-as além, explicando parte de suas falhas teóricas. Contudo, o trabalho de Wallace era bem mais sucinto e possuía menor embasamento empírico, enquanto o de Darwin decorria de 20 anos de análise de dados coletados por ele em sua viagem ao redor da terra, bem como de outras pesquisas e correspondências com outros cientistas da época (CARMO & MARTINS, 2006, p. 337 – 348).

Mesmo colecionando muitas críticas negativas por parte dos cientistas que defendiam que a humanidade possuía a sua origem em Adão e Eva, Darwin foi apoiado por vários entusiastas, sobretudo estudantes mais jovens; ao mesmo tempo, boa parte dos defensores da ideia da humanidade dividida em raças diferentes passou a se basear nos estudos de Darwin. Assim, a ideia de superioridade dos europeus foi logo associada à teoria da seleção natural, partindo da premissa de que as diversas raças de homens pertenciam a estágios diferentes da evolução humana e de que os europeus, por sua vez, seriam os mais evoluídos de todos (SILVEIRA, 1999, p.134 – 142).

Concomitantemente ao estudo de Charles Darwin, a antropologia física ganhou grande status como uma ciência que estudava o homem e logo, as diversas raças humanas. Nesse contexto, destacou-se o médico, anatomista e antropólogo francês, Paul Broca (1824 – 1880), um dos precursores da craniologia (SILVEIRA, 1999, p. 113 – 118).

Broca, ao estudar e produzir uma grande coleção de crânios humanos, catalogou tipos de crânios de diversos povos e observou e descreveu as suas diferenças. Ao mesmo tempo, procurou comprovar e reunir cada vez mais dados que sustentassem a superioridade intelectual e racial dos europeus sobre os demais povos do mundo. Seus estudos se tornaram renomados e ele teve uma série de seguidores, entre os quais Charles Letourneau (1831 – 1902) e Abel Hovelacque (1843 – 1896).

Letourneau, por exemplo, desenvolveu a ideia de que algumas raças humanas eram raças pré-históricas vivas, defendendo a perspectiva da superioridade racial europeia, que seria então uma raça moderna, em detrimento a povos tidos como atrasados. Além disso, ele postula que algumas das raças encontradas no mundo eram infantilizadas e animalizadas, não tendo, portanto, um desenvolvimento completo, que poderia ser visto nas raças superiores (SILVEIRA, 1999, p. 118 – 121).

Hovelacque, por sua vez, conseguiu construir uma teoria que casava a crítica à sociedade moderna capitalista e as teorias racias, defendendo que a violência no contexto europeu, inclusive as agressões coloniais aos povos inferiores, seriam fruto de resquícios de um número ainda muito grande de ideias atrasadas em meio às sociedades europeias. Assim, ele via na ciência antropológica o antídoto para isso, que deveria levar a racionalidade a toda a Europa, espalhando-a, para que se pudesse produzir uma sociedade cada vez mais racionalizada (SILVEIRA, 1999, p.122 – 123).

Em meio a esse contexto, os teóricos racialistas passaram então a se dividir entre poligenistas e monogenistas. Os monogenistas eram aqueles que defendiam que os humanos, independentemente de suas diferenciações raciais, descendiam de um mesmo ancestral comum. Dentre os monogenistas havia os monogenistas religiosos, que defendiam que todos descendiam de Adão e Eva e posteriormente da família de Noé. Além desses houve monogenistas que acreditavam em ancestrais hominídeos comuns a todas as raças humanas, descartando assim a hipótese de Adão e Eva (SILVEIRA, 1999, p. 96 – 99).

Os poligenistas, por sua vez, acreditavam que as raças humanas eram formadas por ancestrais totalmente diferentes, embora em algum momento anterior à evolução, haveria algum ancestral comum entre eles. A grande diferença entre os monogenistas que não acreditavam em Adão e Eva e entre os poligenistas era a ideia de que as populações atuais do mundo teriam origens mais ou menos próximas umas das outras. Os poligenistas defendiam uma origem bastante afastada para as diversas raças humanas. Os monogenistas que não criam em Adão e Eva, acreditavam em uma origem comum para as raças humanas modernas, que teriam então se subdividido bem posteriormente e ganhado características diferentes em regiões diversas, graças às condições variadas de cada local (SILVEIRA, 1999, p. 96 – 99).

O racismo mais aguerrido era formado pelos poligenistas, que ao defenderem que as raças humanas tinham origens completamente diversas, advogavam também uma total segregação racial, a não mistura em hipótese alguma e mesmo um tratamento diferenciado em relação aos povos não europeus, entendidos como pertencentes a raças inferiores (SILVEIRA, 1999, p. 96 – 99). Seu contexto se dava em meio ao processo mais enfático de colonização do continente africano e asiático pelas potências europeias, a partir da segunda metade do século XIX, com uma efetiva penetração e colonização do interior desses continentes, com a subjugação de seus povos, colocados então sob a administração direta ou indireta dos governos europeus (CANÊDO, 1994, p. 5 – 25).

Sob inúmeros aspectos, esse processo de colonização moderna teria começado com a invasão napoleônica ao Egito, tendo ainda, na década de 1830, continuado e tomado uma proporção de invasão continental da África a partir da tomada da Argélia, pela França, que passou então a arregimentar a população civil mais pobre para a colonização, formando a Legião Estrangeira Francesa. Esse foi um modelo posteriormente copiado pelas demais potências, que também criaram as suas legiões estrangeiras e se utilizaram de sua população mais pobre para empreender missões coloniais, o que servia a diversos propósitos para os interesses dos governos dessas nações, que precisavam conter a pobreza e os delinquentes e, ao mesmo tempo, conseguir recursos, matérias primas e territórios coloniais para escoar seus produtos (CANÊDO, 1994, p. 5 – 25).

Esse processo de colonização, que aumentava o contato, funcionava dialeticamente com as teorias raciais, pois o contato gerava o estranhamento e confirmava as ideias de superioridade produzidas pelo pensamento europeu, que por sua

vez eram cada vez mais produzidas a partir dos contatos e dos estranhamentos de costumes, uma vez que os hábitos dos não europeus eram entendidos como selvagens e bárbaros e eram atribuídos em parte à ideia de inferioridade racial. Exemplo disso é o caso Sara Baartman, a Vênus hotentote, levada para a Europa e exposta como objeto humano exótico em diversas exposições, algo que reforçava esse estranhamento extremo e produzia cada vez mais a ideia de superioridade racial e civilizacional europeia (SOUSA, 2008, p. 7 – 9). A ideia da inferioridade racial e civilizacional dos povos não europeus era uma certeza absoluta, a ponto de gerar um processo de partilha formal do território africano por parte das potências europeias, sob a alegação de que esses povos não podiam se auto-governar e deveriam ser administrados pelos europeus, para o bem deles mesmos, assim como para o bem de toda a humanidade, pois não seria justo que os recursos que seus territórios possuíam ficassem sem serem usados por falta de habilidade de seus habitantes nativos (CANÊDO, 1994, 5 – 25).

Esse mesmo processo também ocorreu em relação à China, que foi formalmente dividida em áreas de influência pelas potências europeias, que da mesma forma que a divisão do continente africano, usaram como justificativa a incapacidade dos chineses em produzirem um governo moderno que garantisse o livre comércio, algo entendido naquele momento como uma prerrogativa essencial para o progresso da humanidade. As guerras do ópio foram as grandes desencadeadoras desse processo de partilha do território chinês, ao passo que essa divisão entre as potências se deu em meio a um processo de legitimação das teorias raciais e civilizacionais, que, em última instância, era o que respaldava todos os empreendimentos coloniais europeus, tal como relata o historiador indiano Kavalam Madhava Panikkar, que discorre sobre esse processo de partilha do território chinês (PANIKKAR, 1965, vol 1, p. 129 – 150; 178 – 213).

O positivismo proposto pelo filósofo francês Augusto Comte (1798 – 1857) igualmente postulava o progresso da humanidade; para tanto, Comte propunha um paradigma progressista retilíneo que tinha por base o princípio de que a humanidade sempre estava em uma longa escalada para um melhoramento constante, tanto no que se refere à moral, aos costumes, bem como à organização e ao maquinário. Essa teoria afirmava que os povos mais avançados é que estavam na vanguarda do progresso, enquanto os povos que não conseguiam avançar de forma significativa ficariam para trás, se tornando atrasados, tal como se entendia que havia ocorrido no passado, com

povos que não conseguiram avançar e se tornaram obsoletos (MADEIRA, 2007, p. 52 – 69).

Nesse sentido, as potências imperiais almejavam esse ideal de progresso, tentando achar formas de alcançá-lo. Diversos países encontraram na colonização da África e da Ásia o caminho mais lógico para o desenvolvimento de seus estados nações, sendo que com tais empreendimentos se pretendia conseguir acesso a matéria prima e a construção de áreas de influência, tanto para o escoamento de produtos quanto para o desenvolvimento de tecnologias.

O ideal de progresso, bem como a colonização cada vez mais intensiva, se deram concomitantemente com uma busca cada vez mais incessante por parte da intelectualidade europeia e de seus governos por uma política de pureza racial, para evitar que as raças entendidas como adiantadas, se misturassem aos tidos como atrasados, em meio a ampliação do contato colonial. A mistura era então compreendida como causadora de um processo de degenerescência nos indivíduos, portanto, precisava ser evitada a qualquer custo (CANÊDO, 1994, p. 5 – 25).

Em meio ao crescimento das teorias raciais no decorrer da segunda metade do século XIX, a ideia da degenerescência pela mistura racial se tornou bastante forte em diversos meios intelectuais, pois cada vez mais passou-se a crer que várias doenças eram causadas pela mistura racial, dentre as quais estariam as deformidades físicas e mentais (SCHWARCZ, 1993, p. 15 – 30). A síndrome de Down, por exemplo, era comumente chamada de mongolismo, uma referência aos povos mongóis, devido à semelhança nas feições faciais entre os habitantes da Mongólia e entre os portadores da síndrome de Down. Essa síndrome, por sua vez, era entendida como originada principalmente por um processo de degenerescência, causada pela mistura racial, que por sua vez, produziria indivíduos com a capacidade intelectual diminuída (LE MOS, 2010, p. 20 – 21).

A síndrome de Down corroborava a ideia da superioridade racial do europeu, pois a menor capacidade intelectual dos portadores dessa síndrome, chamada na época de mongolismo, era usada como argumento para se defender que os povos mongólicos tinham essa mesma característica, uma baixa capacidade intelectual disseminada entre toda a população. Ao mesmo tempo, outras deformidades físicas eram também atribuídas às misturas raciais, como sendo obras de um processo de degenerescência (BRESCIANI, 1982. p. 78 – 122).

Além das misturas raciais, outro aspecto da degenerescência advinha da pobreza; no contexto dos grandes centros urbanos europeus, acreditava-se que a pobreza da população operária produzia indivíduos fracos e doentios, pois os pobres viviam sem higiene, subnutridos e com hábitos educacionais e morais distantes daqueles considerados desejáveis. Passou-se então a construir uma ideia neo-lamarckiana de que os indivíduos em estado de pobreza transmitiam características doentias de uma geração para a outra, através da desnutrição e das enfermidades, de forma que, após algumas gerações, esses indivíduos moradores de cortiços enfrentavam um processo de degeneração profunda, algo que precisava ser contido (BRESCIANI, 1982. p. 78 – 122).

As ideias de Darwin sobre evolução tiveram grande repercussão e logo começaram a ser entendidas como um modelo para interpretar a sociedade. Assim, produziu-se o que ficou conhecido como Darwinismo Social, que seria a forma de compreender os problemas da sociedade humana pela ótica da evolução da espécie humana. Assim, os indivíduos problemáticos, bem como os países e povos mais atrasados, estariam em tais situações devido às questões evolutivas, de modo que quanto mais evoluído um povo, menores seriam os seus problemas (BOLSANELLO, 1996, p. 154).

As populações pobres europeias passaram então a ser entendidas dentro desse fundamento teórico, como os indivíduos mais fracos da espécie, aqueles que a teoria da evolução apresentava como os que pereceriam, em detrimento dos mais fortes e aptos, que conseguiam sobreviver, prosperar e transmitir os seus genes, produzindo assim um constante melhoramento da espécie. Logo, na mesma perspectiva, as classes mais abastadas eram tidas como a dos indivíduos mais fortes e aptos, que conseguiam então prosperar e que deviam ser de fato o futuro da raça humana, perpetuando-se, tal como ocorria com os animais, quando os indivíduos mais fracos pereciam e os mais fortes se mantinham e passavam os seus genes para as próximas gerações (BOLSANELLO, 1996, p. 154).

Assim, as teorias de Darwin produziram o respaldo para que as desigualdades fossem explicadas com uma teoria com status de ciência, dando então legitimidade para que essas disparidades fossem perpetuadas e mesmo naturalizadas, bem como para que a exploração ocorresse, como algo natural e legítimo, por seguir as ditas leis da sobrevivência propostas por Darwin, que seriam, em última instância, as leis da própria natureza (BOLSANELLO, 1996, p. 154).

Dos teóricos que produziram essa doutrina conhecida como darwinismo social, um dos que mais se destacam é o filósofo inglês Hebert Spencer (1820 – 1903), que como leitor assíduo de Charles Darwin, buscou produzir a sua teoria social advogando que a sociedade era dividida, assim como a natureza, pelos mais e menos aptos (BOLSANELLO, 1996, p. 154).

Com o estabelecimento cada vez mais forte, durante a segunda metade do século XIX, da ideia de raça e de degeneração racial, tanto pela pobreza quanto pela miscigenação, uma série de medidas começaram a ser pensadas para que esses problemas fossem evitados e sanados. Diversos médicos e outros profissionais ligados à saúde começaram a formar aquilo que ficou conhecido como movimento sanitaria e higienista, cujo objetivo era promover ações de limpeza nas grandes cidades europeias, bem como a expansão do saneamento básico e de condições mínimas de higiene para as populações mais pobres (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 122).

Os primeiros sanitaristas se distanciavam de um pensamento meramente filantrópico, de auxiliar as populações mais pobres, pois pretendiam, de um lado, evitar a propagação de grandes epidemias que, nas grandes metrópoles, assolavam pobres e ricos e, por outro lado, impedir a morte da mão de obra da indústria. Suas ações visavam então limpar as cidades, destruindo as aglomerações desordenadas, onde era possível acumular lixo e sujeira, que atraíam ratos e insetos transmissores de doenças. Outro objetivo era vacinar amplamente a população urbana, a fim de torná-la imune às doenças mais virulentas que contaminavam as grandes metrópoles europeias (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 122).

Por conta dessas ideias sanitaristas/higienistas, grandes reformas em diversos centros urbanos europeus e europeizados foram produzidas nos fins do século XIX e na primeira metade do século XX, visando produzir ruas mais largas, amplas redes de esgoto e de água tratada, bem como locais distanciados para que se depositassem o lixo e também os cemitérios, entendidos como focos de contaminações. A mais famosa dessas reformas foi feita em Paris, organizada por Georges-Eugène Haussmann (1809 – 1891), que modificou de forma drástica vários locais da cidade, que ainda tinham sua construção e organização datadas do período medieval, com vielas estreitas em que o esgoto corria a céu aberto e não era possível criar ali uma rede de captação dos dejetos humanos (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 122).

O processo de modificação das cidades com objetivos higienistas passou mesmo a ser denominado como haussmanização, graças ao exemplo do trabalho de Haussmann, em Paris, que foi entendido como um modelo a ser seguido por todas as cidades do mundo que desejassem ser consideradas como modernas; esse processo envolvia, outrossim, uma ação de desalojamento e de marginalização dos mais pobres, que passavam então a serem dispersados para as margens das cidades, em detrimento de seus antigos cortiços, que geralmente ficavam nas regiões centrais (BRESCIANI, 1982, p. 78 – 122).

Por esta época, também a eugenia, ao lado do higienismo/sanitarismo, tornou-se, ao mesmo tempo, uma ciência e um projeto político. O termo eugenia foi proposto em 1883, pelo naturalista inglês Francis Galton (1822 – 1911), primo de primeiro grau de Charles Darwin e neto de Erasmus Darwin (CONT, 2008, p. 201 – 217).

A eugenia era um saber com status de ciência que propunha evitar que raças humanas se misturassem e, assim, caíssem em degeneração. Seu objetivo, portanto, era cuidar da manutenção da pureza das raças. Como movimento político, a eugenia teve grande crescimento em diversos locais, pois a crença na mistura racial como algo ruim, que traria degeneração e que levaria a civilização europeia à barbárie tornou-se bastante forte, de forma que a eugenia era uma das muitas respostas encontradas para encarar o perigo que muitos pensadores europeus pensavam estar correndo (BONFIM, 2013, p. 46 – 62).

A eugenia, a frenologia, craniometria/craniologia e a antropologia advogavam que a degeneração racial e pela pobreza eram causadoras não somente de deformações corporais e mentais, mas também de problemas de caráter, que levariam certos indivíduos à criminalidade. A craniometria passou então a buscar um certo padrão de formato de cabeça e de proporções faciais entre os criminosos, sendo que um dos precursores desse estudo foi o italiano Cesare Lombroso (1835 – 1909), que desenvolveu uma complexa teoria sobre as características físicas e mentais dos criminosos, defendendo a ideia de que era possível determinar a tendência natural de cada indivíduo para cometer certos crimes ou para ser um cidadão de bem (SILVEIRA, 1999, p. 127 – 133).

Boa parte das teorias de Lombroso defendia que uma das principais causas que produziam os criminosos e os delinquentes que abundavam na sociedade urbana seria a degeneração, tanto pelas questões da mistura racial quanto pela pobreza e desnutrição.

Assim, Lombroso desenvolveu um método para identificar criminosos e indivíduos entendidos com propensão ao crime, sendo que a sua teoria auxiliava na argumentação dos eugenistas, que propunham, em alguns casos, intervenções enfáticas na sociedade, como a castração dos indivíduos das raças entendidas como inferiores, bem como a dos mestiços e a dos indivíduos supostamente propensos a crimes, para que eles não transmitissem para as próximas gerações características entendidas como nocivas à sociedade (SILVEIRA, 1999, p. 127 – 133).

O início do século XX foi então marcado por uma ampla teoria racial, que acreditava na degeneração racial como causa dos males e dos atrasos de algumas partes do mundo, de forma que a civilização ocidental, considerada mais avançada, poderia estar em risco, caso fosse tomada por indivíduos degenerados ou por sujeitos pertencentes às raças consideradas inferiores pelo pensamento europeu. Muitos pensadores propuseram mesmo medidas radicais para eliminar os indivíduos considerados racialmente inferiores ou degenerados, como a castração e mesmo o extermínio, levados a cabo após uma seleção baseada em diversas medições a fim de mostrar as características de um determinado indivíduo (BONFIM, 2013, p. 46 – 62).

Um dos primeiros a proporem uma ação efetivamente de castração e extermínio foi o estadunidense Charles Benedict Davenport (1866 – 1944), que propôs, nos Estados Unidos, um programa de castração e contenção de japoneses e negros, para que eles não se misturassem à população branca estadunidense, pois seu entendimento é que essa mistura contaminaria a sociedade, degenerando os costumes, levando a sociedade à criminalidade e à adoção de costumes bárbaros e imorais (BONFIM, 2013, p. 137). O movimento da Ku Klux Klan propunha algo semelhante, pensando especificamente na segregação dos negros, entendidos como os seres humanos mais inferiores dentre todos, embora eles também se preocupassem com os indígenas, os latino-americanos e os demais imigrantes que não tivessem origem europeia; seus agrupamentos eram formados não somente pelos racistas científicos, mas também por um racismo essencialmente religioso, que cria também na ideia da maldição de Cam (SOUSA, 2005, p. 89 – 109).

A Europa também teve teóricos e indivíduos amplamente engajados em um racialismo mais radical. Nessa linha, um dos grandes teóricos e difusores da ideia de superioridade racial no âmbito francês do início do século XX foi Gustave Le Bon (1841 – 1931), que mesclava a ideia de superioridade racial com outra ideia de extrema

importância para o desenvolvimento das teorias raciais, o nacionalismo. Para Le Bon, assim como para diversos outros autores, a ideia de nação estava associada à de raça, de modo que era essencial manter a pureza racial de uma nação, para que esta fosse então forte e desenvolvida: cria-se que somente as nações cujas populações pertencessem às raças superiores poderiam ter o seu pleno desenvolvimento (SILVEIRA, 1999, p. 134).

No âmbito inglês, no início do século XX, dois teóricos se destacam, além do próprio Francis Galton e de Darwin. Um deles é Thomas Henry Huxley (1825 – 1895), que desde o início defendeu o ponto de vista proposto por Darwin e foi um dos mais aguerridos defensores da teoria racial. Em uma de suas frases, ele compara os negros e os brancos, colocando os brancos como mais inteligentes e tendo cérebros maiores, enquanto aos negros caberia a característica de terem maiores mandíbulas (PORTO, 2010, p. 109 – 135).

Nenhum homem racional, bem informado, acredita que o negro médio seja igual, e muito menos superior, ao branco médio. E, se isto for verdade, é simplesmente inadmissível que, uma vez eliminadas todas as incapacidades de nosso parente prógnato, este possa competir em condições justas, sem ser favorecido nem oprimido, e esteja habilitado a competir com êxito com seu rival de cérebro maior e mandíbula menor em um confronto em que as armas já não são as dentadas, mas as ideias. (HUXLEY, 1998 Apud. MONTEIRO, 2010, p. 101).

Outro grande sustentáculo das teorias raciais na Inglaterra foi Houston Stewart Chamberlain (1855 – 1927), um dos maiores divulgadores mundiais das teorias raciais e defensor da ideia de arianismo (CORDEIRO, 2011, p. 1 – 9). Ao mesmo tempo, a Inglaterra, de uma maneira geral, sustentava a teoria racial de superioridade dos europeus e principalmente dos ingleses, entendidos como superiores até mesmo a outros povos europeus, como os irlandeses, que, segundo uma das visões poligenistas da época, teriam evoluído de neanderthais e, por isso, seriam inferiores (MONSMA, 2013, p. 2).

Entre os teóricos racialistas, conta-se o antropólogo e teórico eugenista Georges Vacher de Lapouge (1854 – 1936), aguerrido defensor da eugenia do início do século XX. Seu trabalho sobre a raça ariana foi um dos grandes sustentáculos para o racismo nesse período e para as ideias de superioridade europeia, nórdica e germânica, que se tornaram muito populares (SILVEIRA, 1999, p. 134 – 138).

Havia então, no período em que Tolkien desenvolveu a sua obra sobre a Terra Média, uma forte teoria racial que permeava não só a intelectualidade europeia, com

debates dentro das principais universidades e centros de saberes, como museus, escolas e centros de estudos, mas também à sociedade, pois as ciências que se baseavam na ideia de que a humanidade estava dividida em raças possuía status de verdade absoluta e inquestionável, provada e experimentada por métodos científicos. Essa teoria não apenas dividia as populações do mundo em raças diferentes, mas em raças diversas e desiguais, em um escalonamento de ideias de selvageria, barbárie e civilização, pois cada raça estaria intrinsecamente ligada a esses estágios de sociedade.

No tempo em que Tolkien escreveu, portanto, a ideia de raça e seu uso possuía um significado valorativo. Portanto, dividir os povos em raças era algo que possuía uma relação discursiva de valor intrínseco, em que se atribuíam certos valores e costumes como naturais de um povo. Tolkien, ao apresentar seus povos divididos em raças, mostra corroborar esses valores, como se verá adiante, pois cada uma das raças descritas em sua obra possui características fixas.

A obra de Tolkien, nesse sentido, será abordada em relação à ideia de raça conforme proposta pela análise do antropólogo Renato da Silveira, que defende que a ideia de raça, tal como foi construída no contexto centro europeu, entre os séculos XVIII e XX, serviu de parâmetro e sustentáculo para a construção de uma ideia de Ocidente centrada no estereótipo do europeu branco, civilizado e superior, bem como para a hegemonia desse dito Ocidente, justificando as colonizações. Como se verá a seguir, Tolkien, ao construir as diversas raças em sua ficção, apresenta os mesmos padrões defendidos por boa parte do pensamento racista que circulava em sua época.

2.2 Diferença entre raças na obra de Tolkien

2.2.1 A apresentação das raças na obra de Tolkien

Na obra literária de Tolkien, inúmeras raças são apresentadas. A raça descrita como a mais evoluída é a raça dos Ainurs, criada por Eru Ilúvatar, que na obra de Tolkien, é a figura do Deus único das religiões monoteístas. Os Ainurs são seres angelicais, criados pelo pensamento de Eru Ilúvatar a fim de fazer-lhe companhia e para criar junto com ele (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Os Ainurs que são descritos indo para dentro dos círculos do mundo, entrando no mundo material, são divididos em dois grupos, os Valars e os Maiars. Os Valars são

os Ainurs mais poderosos, enquanto os Maiars são os que têm o menor poder. Portanto, nesse relato há a presença de duas raças, uma melhor e mais poderosa, a outra menos poderosa; há, pois, uma gradação na construção dessas duas raças, não sendo, portanto, uma mera diferenciação entre dois tipos diferentes, mas sim entre um tipo mais evoluído e outro menos (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

2.2.2 A raça dos balrogs

Na primeira Era da Terra Média, Melkor/Morghot perverte para a sua causa diversos seres da raça dos Maiars. Muitos desses espíritos são então transformados nos balrogs, monstros gigantescos, envoltos em fogo, que passam a ser os principais soldados de Melkor/Morghot²¹³, uma espécie de tropa especial, ao lado dos seus temidos dragões.

Os balrogs são então uma raça/subespécie da raça/subespécie dos Maiars, pervertidos por Melkor/Morghot, sendo esses mais uma das muitas criaturas descritas como uma raça com características específicas que os diferenciam das demais raças.

2.2.3 A raça dos dragões

Dos seres da raça/subespécie dos Maiars pervertidos por Melkor/Morghot, alguns se tornaram os balrogs, outros tornaram-se dragões, gigantescos lagartos dotados de muitos poderes malignos, como o de soltar fogo pela boca, envenenar o solo à sua volta, voar, farejar e enfeitiçar com os olhos. Trata-se uma raça perversa usada por Morghot para fins malignos (TOLKIEN, 2009 A, p. 85).

2.2.4 A raça dos elfos

A segunda raça apresentada é a dos elfos, filhos Primogênitos de Eru Ilúvatar, que surgem bem depois que os Valars e os Maiars já haviam se instalado no mundo, alguns construindo um reino em Valinor e outros, ao lado de Melkor, o Valar caído,

²¹³ Ver: Trecho 1, anexo capítulo 2.

construindo um reino na região nordeste da Terra-Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 41)²¹⁴.

Os elfos são então divididos em três grandes grupos, os Vanyars, os Noldors e os Teleri. Essa divisão revela um tom qualitativo, pois os Vanyars são descritos como os elfos preferidos de Manwë, rei dos Valars e representante de Eru Ilúvatar no mundo. O rei dos Vanyar é, inclusive, o rei supremo de todos os elfos e eles são os mais próximos dos Valars, nunca tendo duvidado de suas promessas e nem tampouco se aproximado dos conselhos de Morghot²¹⁵.

O segundo grupo de elfos são os Noldors que, junto aos Vanyars, chegaram à terra dos Valars e construíram, dentro de Valinor, uma cidade em que passaram a habitar, separados dos Valars, enquanto os Vanyars moravam nos bosques próximos a Manwë. Os Noldors, dessa forma, são apresentados como um povo diferente e sendo mais próximos a um outro Valar menos poderoso, chamado Aulë, que tinha como característica ser perito nos trabalhos manuais; esses elfos, diferentemente dos Vanyars, rebelaram-se e fugiram de Valinor, contra as orientações dos Valars²¹⁶.

Nesse sentido, apresentados como um povo diferente, com um talento diferenciado e ensinados por outro Valar, menos poderoso, os Noldors constituem, então, uma raça diferente de elfos, um pouco inferiores aos Vanyar, porém, substancialmente superiores aos elfos teleri que, por sua vez, possuíam diversas subdivisões.

Os Teleri são o último dos povos élficos a aceitar o convite dos Valars para irem para a terra de Aman e, por seu grande número, são divididos entre dois reis. Muitos dos Teleri, no entanto, recusam o convite dos Valars e jamais chegam a abandonar a Terra-Média. Assim, o enredo apresenta uma gradação entre os Teleri, sendo que os que seriam mais evoluídos eram aqueles que efetivamente foram para Valinor, seguidos por um segundo grupo, que se estabeleceu com o elfo conhecido como Thingol e com a sua esposa, a Maiar Melian: por terem se estabelecido com alguém da raça dos Maiars, estes se desenvolveram bastante (TOLKIEN, 2009 A, p. 36).

Havia ainda um terceiro grupo, formado pelos elfos que ficaram nas costas ocidentais da Terra-Média e por muito tempo aprenderam com os Valars, sendo liderados por um elfo de nome Cirdan (TOLKIEN, 2009. A, p. 37). Os Avari eram um

²¹⁴ Ver: Trecho 2, anexo capítulo 2.

²¹⁵ Ver: Trecho 3, anexo capítulo 2.

²¹⁶ Ver: Trecho 4, anexo capítulo 2.

sub-grupo dos Teleri, eles haviam recusado completamente a convocação dos Valars para irem a Valinor; estabeleceram-se mais a Leste e, posteriormente, em diversas partes, como na Floresta das trevas, mantendo-se bastante isolados dos demais povos, embora, vez ou outra, tivessem contatos com os elfos de Thingol e depois com os Noldors (TOLKIEN, 2009 A, p. 33).

Além desses grupos ainda se fala em outros grupos menores de elfos negros, que viviam em pequenas sociedades ou mesmo sozinhos, e que são descritos como sendo selvagens e até mesmo agressivos²¹⁷.

Todas essas diferenciações entre os elfos fundamentam-se pela ideia de raça: cada um dos povos élficos, em determinados momentos, são apresentados como sendo de raças diferentes, embora, em outros momentos, diga-se que eles pertencem apenas a povos e linhagens que se afastaram. A ideia de raça para diferenciar os elfos é empregada, então, como um sinônimo de povo e de linhagem, o que, de certa forma, parece aludir às ideias racialistas que circulavam no período em que Tolkien escrevia.

Boa parte do pensamento racialista do início do século XX construía a ideia de raça junto à ideia de povo e de nação, de forma que uma nação deveria ser formada por um povo, que teria um corpo de costumes coesos, como fala, religião, hábitos, bem como um governo central, que lhes dava coesão. Mas além desses aspectos, acreditava-se que a base de um povo e, por conseguinte, de uma nação, era a raça, que pressupunha então, além de uma coesão de costumes, também uma uniformidade de estatura, aparência, cor da pele, cabelos e traços corporais e faciais (SILVEIRA, 1999, p. 134).

Essas são ideias que aparecem na descrição dos elfos, dotados de características diferentes entre si, com cabelos com certas colorações, conforme o grupo, bem como tendo alturas diferenciadas e, por último, hábitos e até línguas diferentes, sendo, portanto, povos diferentes, que formavam nações/reinos diversificados.

O elfos Vanyar, por exemplo, possuem a característica de terem os cabelos dourados²¹⁸:

Assim, essas palavras que descrevem características de rosto e cabelo foram realmente escritas em relação somente aos Noldor, e não aos demais Eldar: de

²¹⁷ Ver: Trecho 5, anexo capítulo 2.

²¹⁸ Ver trechos em que os Vanyar são descritos como louros: TOLKIEN, 2009. A, p. 42; 101. TOLKIEN, 2009. B, p. 268; 370.

fato os vanyar tinham cabelos dourados, (TOLKIEN & TOLKIEN, 2002, p. 40)²¹⁹.

O Noldors e os demais elfos tinham os cabelos predominantemente negros²²⁰, embora outras colorações sejam mencionadas, principalmente no caso dos Teleri:

Os homens daquela casa tinham cabelos escuros ou castanhos, e olhos cinzentos. E de todos eram os mais parecidos com os noldor e os mais amados por eles; pois eram sérios, habilidosos, céleres na compreensão e de longa memória; e ainda levados com mais facilidade à compaixão do que ao riso. Semelhante a eles era o povo da floresta de Haleth, mas esses tinham menor estatura e menor curiosidade pelas tradições. (TOLKIEN, 2009 A, p. 111 – 112).

Além das diferenças físicas, os elfos, em geral, possuíam idiomas diferentes, produzidos por cada um dos povos, quando se afastaram:

Ali os teleri permaneceram como queriam, sob as estrelas dos céus, mas podendo ver Aman e a costa imortal. E, desse longo isolamento na Ilha Solitária, resultou que seu idioma se afastou daquele dos vanyar e dos noldor. (TOLKIEN, 2009 A, p. 38).

Assim, no início da narrativa os elfos eram um povo só, e, de certa forma, somente uma raça, porém, no desenrolar do enredo eles se subdividem em vários povos/raças, ideia essa que estava de acordo com o pensamento monogenista.

Em algumas de suas cartas, Tolkien se posiciona muito próximo ao monogenismo, pois ele crê na ideia de criação tal como proposta pela bíblia, até porque ele era um católico fervoroso e praticante, que raramente perdia as missas e que, sob inúmeros aspectos, seguia a tradição católica a risca, mesmo sendo um inglês, ou seja, vivendo em um país majoritariamente protestante e anglicano. Tolkien, em meio aos seus escritos epistolares, mostra mesmo acreditar na ideia de Adão e Eva e no dilúvio, mas também não fala de um descarte total das ideias evolucionistas²²¹.

²¹⁹ Thus these words describing characters of face and hair were actually written of the Noldor only, and not of all the Eldar: indeed the Vanyar had golden hair, (TOLKIEN & TOLKIEN, 2002, p. 40).

²²⁰ Ver trechos em que os Noldors são descritos como tendo cabelos escuros: TOLKIEN, 2009. A, p. 40; 42; 99.

²²¹ Na carta 43, TOLKIEN, 2009 C, p. 80, Tolkien afirma acreditar no Éden e em Adão e Eva. Na carta 96, TOLKIEN, 2009 C, p. 185 – 186, ele reafirma a sua crença no Éden e critica a postura de inúmeros indivíduos que deixaram de acreditar em tais perspectivas, usando o mito somente como se fosse uma bela história alegórica.

Mas, se por um lado, Tolkien crê nas teorias monogenistas de Adão e Eva como origem da humanidade, por outro, não deixa de falar em raças, bem como acredita em um escalonamento civilizacional das populações, de forma a haver indivíduos e sociedades mais evoluídas e outras menos, e não somente no que se refere a padrões de sociedade, mas também a algo intrínseco de cada povo²²². Sua obra apresenta mesmo a ideia de uma origem única, como é o caso dos elfos, seguido de uma ramificação a partir de uma origem primeira, que teria gerado então subdivisões subsequentes (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 40).

Sob vários aspectos, essa era a teoria de boa parte dos monogenistas do início do século XX, principalmente daqueles que tentavam associar a teoria evolucionista à teologia cristã, usando a ideia de que todos os povos descendiam de Adão e Eva, e que a partir deles, subdivisões teriam criado povos diferentes, com características ímpares a ponto de se transformarem em raças apartadas, embora todas elas pertencessem a uma mesma origem (SILVEIRA, 1999, p. 96 – 99).

A ideia de raça apresenta então o significado de espécie, assim como se poderia falar em cães como animais diferentes de gatos. Ao mesmo tempo, a raça também comporta uma diferenciação interna entre a raça/espécie dos elfos, tal como uma diferenciação feita entre raças de cães diferentes.

Assim, a ideia de raça tanto se refere a uma espécie, como a dos cães, por exemplo, quanto também às subespécies, como a das várias raças de cães diferentes.

2.2.5 A raça dos anões

Além da raça dos Valars e dos Maiars e da raça dos elfos e todas as suas subdivisões, há a raça dos anões, apresentada como criação do Valar Aulë, que, na pressa de ver chegar os elfos e os homens, acabou criando a raça anã. Assim, eles possuem características muito semelhantes a esse Valar, com certa aptidão natural para trabalhar com os metais, com as pedras preciosas e com trabalhos de esculpir as pedras²²³.

²²² Um dos exemplos disso, que será à frente melhor abordado, é a forma como os númenorianos são construídos como sendo homens de raça superior, tendo não só uma sociedade mais avançada, como também seriam mais avançados naturalmente, enxergando melhor, tendo maior estatura, maior longevidade e melhor raciocínio que os demais homens.

²²³ Ver: Trecho 6, anexo capítulo 2.

Os anões, portanto, formam uma raça/espécie diferente da dos elfos e dos homens, tendo inclusive, características específicas, que de certa forma, lembravam tanto homens como elfos, como a de ter uma vida muito mais longa do que a dos homens, porém, não sendo imortais, como os elfos. Fisicamente, eles também assemelham-se aos elfos e aos homens, com rostos humanizados, embora tenham grandes barbas e baixa estatura.

. Eles também são divididos em algumas raças/povos, tais como os: barbas longas; barbas de fogo; vidas-longas; punhos de ferro; barbas-duras; cachos pretos; pés de pedra e anões pequenos (TOLKIEN & TOLKIEN, 2002, p. 167 – 190).

Não se sabe exatamente qual seria a diferença física e de temperamento entre todos esses anões. Os anões que mais aparecem nas narrativas de Tolkien são os barbas longas, também chamados de povo de Durin (TOLKIEN & TOLKIEN, 2002, p. 167 – 190). Os anões pequenos são diferenciados dos demais por serem menores que as demais raças, sendo que eles acabaram extintos ainda na Segunda Era da Terra-Média (TOLKIEN & TOLKIEN, 2002, p. 167 – 190).

Essas são as duas diferenciações identificáveis entre as raças de anões, sendo que eles também, em determinados momentos, são apresentados tendo conflitos entre eles e mesmo guerreando entre um povo e outro. Na batalha contra Sauron, quando homens e elfos formaram uma grande Aliança, todas as criaturas da Terra-Média, com exceção dos elfos, ficaram divididas, lutando cada qual de um lado, inclusive os anões, o que exemplifica essas contendas entre os anões diferentes²²⁴.

Contudo, no caso dos anões, não há evidências de que haja um escalonamento entre as diversas raças/subespécies, como no caso dos elfos, embora seja possível supor, com base no que se discutiu no primeiro capítulo, que os anões que se aliaram a Sauron possam ser entendidos como inferiores organizacionalmente, pois assim eram entendidos todos os povos que fizeram isso.

2.2.6 A raça dos homens

Uma das raças que mais aparecem na narrativa de Tolkien, com um número muito grande de personagens e de povos, é a raça dos homens.

²²⁴ Ver: Trecho 7, anexo capítulo 2.

A primeira menção aos homens acontece quando Eru Ilúvatar e os Ainurs imaginam/planejaram a chegada dos elfos e dos homens ao mundo, como raças/espécies diferentes, cada qual com uma característica específica. Os elfos, chamados de Primogênitos, eram aqueles mais semelhantes aos Ainurs, inclusive, imortais, não conhecendo as fadigas do mundo, nem doenças ou o envelhecimento. Mesmo assim os elfos podiam morrer, caso sofressem graves ferimentos, mas o seu destino estava vinculado ao destino do mundo, de forma que eles nunca abandonavam o mundo enquanto ele existisse e muitas vezes eles voltavam novamente à vida, reencarnando-se (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Já os homens são os segundos filhos de Ilúvatar, cujas características diferem daquelas oferecidas aos Primogênitos. A vida dos homens é curta, eles são altamente suscetíveis às fadigas do mundo, envelhecem e deterioram-se com o passar dos anos, sendo também acometidos por doenças. Dessa forma, eles são uma raça/espécie diferente, que ao morrerem, diferentemente dos elfos, não ficavam mais nos círculos do mundo, mas saíam dele, para locais em que os Valars não conheciam, pois essa seria a dádiva de Eru Ilúvatar para eles, a de poder fugir do mundo e se juntar a Deus (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Assim como os elfos, os homens pertenciam a uma raça/espécie específica dotada de subdivisões que, em diversos momentos, aparecem com o sentido de raças/subespécies originadas dos afastamentos entre os vários grupos, por um processo não descrito por Tolkien, mas que estaria relacionado à primeira queda dos homens, a queda do paraíso/Éden (TOLKIEN, 2009 C, p. 248. Carta 131). As divisões entre os homens levaram-nos a se dividirem em raças/subespécies bastante diferentes entre si, com ídoles completamente diversas quando comparadas (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112)²²⁵.

Em uma de suas cartas, Tolkien afirma que criou a sua mitologia literária pensando na perspectiva de que os homens descendiam de Adão e Eva e que, por seus pecados, teriam então sofrido uma queda, a expulsão do paraíso como narrada na Bíblia (TOLKIEN, 2009 C, p. 248. Carta 131). Esses homens então, depois da queda, teriam se dividido em vários grupos, gerando, pois, várias raças diferentes de homens, que, por muitas gerações, afastaram-se umas das outras e adquiriram características diferentes (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

²²⁵ Ver: Trecho 8, anexo capítulo 2.

Essa é uma perspectiva bastante comum entre os monogenistas que buscavam conciliar a teoria criacionista e a teoria evolutiva então em voga nos meios científicos na primeira metade do século XX; postulava-se a ideia de que o homem de fato havia sido criado por Deus, seja por uma evolução induzida, ou pela própria mão divina, e que, a partir disso, surgiram as muitas raças humanas (SILVEIRA, 1999, p. 96 – 99).

Os primeiros homens descritos por Tolkien são os homens do povo de Bëor, que formavam uma raça específica de homens, altos, com cabelos negros e lisos, rostos finos e pele clara. Esse povo é apresentado chegando ao Oeste e sendo encontrado pelos elfos, com quem fez amizade, tornando-se vassalo dos reis élficos (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Uma segunda raça de homens é a do povo de Haladin que, posteriormente ganhou o nome de Haleth. Esses indivíduos tinham características físicas semelhantes aos homens da casa de Bëor, porém, falavam uma língua bastante diferente e tinham costumes bem diversificados: eram mais reservados, viviam quase sempre apartados de outros homens, sem construir cidades e grandes aglomerações, preferindo propriedades rurais, e, muitas vezes, não tendo um líder (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Entre o povo de Haleth havia ainda outra raça considerada mais primitiva, que lhe prestava serviço e lhe era amigo, denominada homens drûg, que possuíam características físicas específicas, corpo atarracado, pele morena, pernas e braços grossos, nádegas pesadas, tendo costumes, como já se mostrou no capítulo 1, bastante diversos, sendo um povo primitivo, vivendo na mata, vestidos de palhas e falando uma língua própria (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Fala-se de um terceiro povo, inicialmente chamado de povo de Marach, mas depois denominado povo da Casa de Hador. Essa raça de homens é descrita desde sua chegada como superior aos demais, já muito bem organizados (TOLKIEN, 2009 A, p. 106 – 107). Fisicamente os homens do povo de Marach/Hador são muito altos e fortes, muitos deles tinham os cabelos loiros; eram homens altivos, muito dados à guerra, que aprenderam rápido todos os ofícios e os conhecimentos que os elfos lhes ensinaram.

Os homens das Três Casas cresceram e se multiplicaram, mas a maior delas foi a Casa de Hador Cabeça-dourada, par dos Senhores élficos. Seu povo tinha grande força e estatura, era alerta no raciocínio, corajoso e leal, rápido na irritação e no riso, poderoso entre os Filhos de Ilúvatar na juventude da

Humanidade. Louros eram eles em sua maioria, e de olhos azuis; (TOLKIEN, 2009 A, p. 111).

O povo da casa de Marach/Hador tornou-se rapidamente a população humana mais bem sucedida, construindo um grande reino, sob a liderança de um rei chamado Hador, passando a serem chamados de povo da Casa de Hador. Essa monarquia tornou-se próspera, ainda que em certo momento tenha sido quase completamente destruída por inimigos (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Os povos da cada de Bëor, de Haladin/Haleth e de Marach/Hador são chamados de amigos dos elfos, pois são os povos humanos que chegam primeiro ao Oeste, estabelecem amizade com os elfos, ajudam-lhes no combate contra Morghot, aprendem com os elfos e são fiéis aos princípios ensinados pelos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). Contudo, estas não são as únicas raças humanas, pois também existe a raça dos homens orientais, bastante diferentes das ocidentais (TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119)²²⁶.

Fisicamente, os orientais são apresentados como baixos e atarracados, com a pele amarelada ou morena, ao mesmo tempo, são descritos como estando à serviço de Morghot, que os corrompera há muito tempo (TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119).

Esta raça possui uma característica implícita de maldade: era um povo cruel, que escraviza e que serve ao senhor do escuro, inimigos dos elfos e dos homens das três casas dos amigos dos elfos²²⁷. Além disso, esses indivíduos são descritos como inferiores organizacional e moralmente, sobretudo em relação aos homens da casa de Hador, que em vários momentos lutam contra esses orientais (TOLKIEN, 2009 A, p. 151 – 154. TOLKIEN, 2009 B, p. 118 – 254).

Identifica-se, nesse momento, um padrão valorativo que corrobora uma série de estereótipos racialistas bastante disseminados no período em que Tolkien escreveu a sua obra literária, pois os homens apresentados como superiores, os homens da Casa de Hador, têm por características os cabelos louros e os olhos azuis. Enquanto isso, a raça de homens apresentada como inferior é aquela chamada de morena e, posteriormente, de oriental, cujas características físicas se remetem diretamente aos dos povos do Oriente Médio e da Ásia.

²²⁶ Ver: Trecho 9, anexo capítulo 2.

²²⁷ Ver: Trecho 10, anexo capítulo 2.

Assim, há uma questão valorativa na apresentação da dicotomia dessas duas raças de homens. Essa relação, por sua vez, apresenta o mesmo tipo de ideia respaldada nas teorias racialistas que defendiam a superioridade racial dos homens nórdicos e arianos, cujas características seriam a da pele clara, cabelos lisos, negros ou louros, e olhos azuis (CORDEIRO, 2011, p. 1 – 9. SILVEIRA, 1999, p. 134 – 138. SOUSA, 2008, p. 53 – 54).

Os homens das três casas dos amigos dos elfos deram origem ao povo númenoriano que, vivendo em uma ilha, se tornam uma nova raça de homens mais elevados, com grande longevidade, destacada sabedoria e uma capacidade mental superior, homens majestosos que realizam grandes feitos e são chamados de reis entre os homens. Os númenorianos se distinguem dos demais homens e se tornam uma raça/subespécie diferente, mais evoluída que as demais, pois seus indivíduos teriam sido selecionados dentre os melhores espécimes, que ganharam bênçãos dos Valars, pela lealdade que mostraram na luta contra Morghot e pela ajuda aos elfos na Terra-Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 201 – 205).

Como um povo racialmente superior aos demais homens, os númenóreanos eram cheios de talentos e virtudes, levavam sabedoria aos povos da Terra-Média, apresentados, em sua maioria, como selvagens, embora em graus diferenciados, mas sempre abaixo dos númenóreanos²²⁸. Nesse relato afirma-se uma gradação entre um povo racialmente mais evoluído e outros menos, com vida mais curta, subdesenvolvimento e carestia, ao contrário dos númenorianos, que vivem bem e são mais evoluídos em todos os quesitos²²⁹.

Númenor, no entanto, acaba sendo destruída graças à influência maligna de Sauron e ao crescimento de um sentimento de soberba por parte de grande parcela da população númenoriana; mas essa raça não é inteiramente destruída, pois a facção conhecida por ser fiel aos elfos e aos Valars se salva, fogem para a Terra-Média e ali funda dois grandes reinos númenorianos: Gondor e Arnor (TOLKIEN, 2009 A, p. 206 – 221). Tais reinos possuíam um nível organizacional bem mais alto do que os reinos humanos locais: realizavam grandes obras de infraestrutura e de beleza inauditas

²²⁸ Ver: capítulo 1 dessa pesquisa, sobre os graus de organização das populações na obra de Tolkien.

²²⁹ Ver: Trecho 11, anexo capítulo 2.

naquele mundo, graças à superioridade que tinham, enorme capacidade mental e talento para ofícios superiores ao das demais raças de homens²³⁰.

O contraste entre os númenorianos na Terra-Média e os outros povos fica também evidente quando se observa que aqueles são mais sábios, mais polidos, com um maior nível organizacional e tecnológico, ao passo que as demais populações humanas lhes são inferiores, cada qual em um estágio diferente, mas todos menos evoluídos que esses homens vindos de Númenor. Esse contraste é apresentado, em primeiro lugar, quando os homens númenorianos, ao chegarem a Terra-Média, logo são colocados ao lado dos elfos de Gil-Galad na liderança da luta contra Sauron, sendo então, constituídos líderes dos demais homens que lutavam contra esse inimigo em comum (TOLKIEN, 2009 A, p. 229).

Quando os númenorianos exilados estabelecem-se na Terra-Média, algumas raças de homens são aludidas. Fala-se de homens do Sul e do Leste, estando todos sob o domínio de Sauron. Esses povos seriam os mesmos orientais de outrora, que aparecem na narrativa no período em que os homens das três casas dos amigos dos elfos instalaram-se no Oeste da Terra-Média, em amizade aos elfos e combatendo Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 228 – 229).

Esses homens então são descritos como de uma raça diferente e essa relação de raça é apresentada à medida em que alguns dos servidores de Sauron são diferenciados dos sulistas e orientais, pois muitos dos senhores númenorianos do rei, que se afastaram dos ensinamentos dos Valars e dos elfos, voltaram-se para o serviço de Sauron. Esses indivíduos, membros da alta raça de Númenor, fato que os distingue dos orientais e sulistas, apresentam uma diferença racial entre eles e, por conseguinte, são tidos por superiores, mais poderosos e sábios, ainda que fosse uma habilidade mental usada para o mal²³¹.

Depois da guerra em que Sauron é derrotado e perde o seu Anel de poder, os númenorianos são confrontados em diversos momentos com a presença de outros homens, pertencentes a outras raças, sendo que a maior parte desses são hostis e inimigos, são-lhes inferior, com menor tempo de vida, com menor organização social, com hábitos rudes e com tradições tidas por mais simples (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 488).

²³⁰ Ver: Trecho 12, anexo capítulo 2.

²³¹ Ver: Trecho 13, anexo capítulo 2.

Contudo, nem todas as raças de homens são hostis aos númenóreanos. Alguns juram lealdade e fazem pactos de amizade e de ajuda mútua com os reinos de Gondor e Arnor. O povo Éothéod, chamados também de homens do norte e, posteriormente, de homens do reino de Rohan, são descritos como os principais aliados dos númenóreanos na Terra-Média; eles eram o povo que mais lhes era semelhante, pois eram os antepassados dos homens da casa de Hador, que por motivos diversos não haviam ido para Númenor, ficando para trás, na Terra-Média decadente, porém, sem deixarem de ser um povo ainda virtuoso, tendo inclusive aprendido com os próprios númenóreanos muitas coisas nos tempos em que eles visitavam a Terra-Média para ensinarem aos homens (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 488)²³².

Os homens do norte são apresentados como uma raça/subespécie específica, que embora aparentados aos númenóreanos, não eram da mesma raça. Os Éothéod, que depois passam a ser chamados de rohirrins, são descritos como homens altos, com cabelos loiros, que vivem bem organizados em um reino e que fazem grande uso de cavalos para a guerra e para as suas demais atividades (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 488).

Os próprios númenóreanos tinham os homens de Rohan em alta conta, considerava-os como seus quase iguais e mantinham com eles grande interação. A visão dos númenóreanos sobre os homens de Rohan é apresentada em um trecho em que o personagem Faramir descreve como os homens de Gondor entendem os homens, em uma escala que vai dos mais evoluídos aos menos evoluídos. Nessa escala, os númenóreanos estariam no topo e os homens de Rohan em uma etapa intermediária, sendo os mais próximos dos númenóreanos. Essa é uma passagem que ilustra a ideia de superioridade e inferioridade, tanto racial quanto civilizacional, como um valor na obra de Tolkien²³³.

Os númenóreanos em sua estada na Terra-Média, após a queda de Númenor, estabeleceram contatos com outros homens além dos Rohirrins. Esses homens também dividiam-se em grupos e raças/subespécies diferentes, com características físicas, morais, intelectuais, de organização e de hábitos bastante diferentes entre si e em relação aos númenóreanos²³⁴.

²³² Tolkien, em uma de suas cartas, confirma que os homens de Rohan são parentes distantes dos númenóreanos. Ver: Trecho 14, anexo capítulo 2.

²³³ Ver: Trecho 15, anexo capítulo 2.

²³⁴ Ver: Trecho 15, anexo capítulo 2.

Dentre essas raças/subespécies de homens há os homens das montanhas, descritos como bárbaros, que vivem em uma caverna grande que tomaram por morada. Não há grandes detalhes sobre esse povo, embora acentue-se que formavam uma raça diferente, aparentados aos homens de Bri, e, portanto, de alguma forma, descendentes dos homens da casa de Haladin/Haleth.

Inferiores ao númenóreanos, os homens das montanhas, a princípio prestaram serviços a Sauron, mas depois juraram lealdade ao reino de Gondor e tornaram-se vassalos dos númenóreanos; no entanto, quebraram esta promessa e se recusaram a lutar ao lado de Gondor na guerra contra Sauron. Eles se tornam depois os fantasmas das Sendas dos mortos, exatamente por não terem cumprido o juramento²³⁵.

Outra raça de homens que se destaca é a dos carroceiros, apresentados como inimigos cruéis do reino de Gondor. Esse povo veio do Leste e atacou Gondor. Fisicamente, eles eram um povo de pele amarelada, com estatura baixa e corpo atarracado, indícios de que eram semelhantes aos orientais descritos nos tempos da Casa de Hador. Tais características físicas fazem supor que essa raça teria uma origem mongólica.

Os carroceiros são descritos como bárbaros e como inferiores, através de inúmeras idéias que aparecem na narrativa, como a escravidão (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 488. TOLKIEN, 2010 C, p. 349). Os carroceiros associaram-se aos homens que vivem nas bordas da Floresta das trevas, igualmente descritos com uma organização social bastante simples²³⁶.

Além desses homens aparentados com os carroceiros, outro grupo aparece sendo mencionado na narrativa e logo depois se juntando aos carroceiros em uma grande aliança para lutar contra os homens de Gondor. Nesses casos, não é possível afirmar se esses homens pertenceriam a raças/subespécies diferentes da dos carroceiros, ou se são povos que pertencem à mesma raça/subespécie ou ainda se são em parte aparentados e em parte misturados com outros povos²³⁷.

Outra raça/subespécie que aparece na obra de Tolkien é a dos homens da Terra Parda, um nome que em parte se remete ao fato de eles terem a cor de pele mais amorenada, em comparação aos demais homens do Oeste da Terra-Média. Esses homens são narrados vivendo bem próximo ao território de Rohan e disputando terras

²³⁵ Ver: Trecho 16, anexo capítulo 2.

²³⁶ Ver: Trecho 17, anexo capítulo 2.

²³⁷ Ver: Trecho 18, anexo capítulo 2.

com os rohirrins, pois teriam perdido terras que julgavam suas quando o regente de Gondor deu a região ao rei Eorl²³⁸.

Esses homens da Terra Parda são descritos como tendo uma organização bem simples, sendo descritos fisicamente diferentes dos homens de Rohan e dos homens de Gondor. Eles são principalmente confrontados em relação à aparência dos homens de Rohan, com quem vivem diversos conflitos.

Os homens da Terra Parda são descritos como mais morenos na tonalidade da pele, com cabelos pretos, com estatura mais baixa e com membros mais curtos, ao contrário dos homens de Rohan, brancos, louros e altos. Dessa forma, os homens da Terra Parda vivendo às margens de Rohan, constituíam um outro povo, embora não formassem uma nação, como é o caso dos rohirrins e dos númenóreanos.

A diferenciação racial entre os homens de Rohan fica bastante evidente em alguns trechos, em que os homens da Terra Parda lutam contra os rohirrins ou conflitam com eles. Dentro da cronologia interna da obra, o primeiro momento em que isso acontece é nos anexos do livro “O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei”, em que se narra um pouco da história do rei Helm, de Rohan, que luta contra uma tentativa de invasão dos homens da Terra Parda.

Descreve-se, de forma depreciativa, a figura de um homem chamado Freca, que é desprezado pelo rei devido ao fato de ter muito sangue da Terra Parda²³⁹. Além de desprezado pelo rei, Freca era também um homem insolente e até um pouco caricato, tendo uma grande barriga, motivo de escárnio pelo rei de Rohan. Assim, Freca, em meio a uma discussão com Helm, é chamado, de forma depreciativa, de terrapardense, para enfatizar que ele não pertencia aos rohirrins, mas sim a um povo a que eles não respeitavam.

Esses relatos mostram a ideia de que os homens da Terra Parda são diferentes, pertencentes a uma outra raça/subespécie, entendidos pelos homens de Rohan como inferiores, indignos de estarem em um mesmo patamar que os rohirrins, de habitarem as mesmas terras e de serem admitidos como iguais. O conflito entre Helm e Freca exemplifica isso, pois Freca é descrito como um homem que se estabeleceu às margens do reino de Rohan e conseguiu acumular muita riqueza e, ao que tudo indica, sempre

²³⁸ Ver: Trecho 19, anexo capítulo 2.

²³⁹ Ver: Trecho 20, anexo capítulo 2.

esteve em contato com Rohan, embora fosse desprezado pelo rei, que não o convidava para as suas reuniões.

O conflito então se dá em uma dessas reuniões, quando Freca aparece e participa da reunião e, em meio ao diálogo, propõe que ele e Helm casassem os seus filhos, o que é entendido pelo rei como algo afrontoso (TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 373).

O conflito apresenta a ideia da diferenciação racial, em que cada povo é entendido como sendo de uma raça e pertencendo a uma nação/reino, ao passo que para se pertencer a um local deveria se pertencer a uma determinada raça. Dessa forma, por ter sangue terrapardense, Freca e seus descendentes são tidos como não pertencentes ao reino de Rohan, ainda que vivessem dentro de suas terras, sendo tolerados ali, na qualidade de estranhos, ignorados pelo rei que, ao que tudo indica, excluía a Freca por causa de sua origem racial dúbia.

Além dos homens da Terra Parda, uma das raças de homens que mais aparecem é a dos homens de Harad, oriundos da região do extremo Sudeste da Terra-Média, um local que os mapas aludem como um deserto. Esses homens eram morenos e altos, usavam turbantes, muitos brincos e argolas de ouro, além de escudos e lanças coloridas e outros apetrechos considerados extravagantes; além disso, são descritos indo para a guerra montados em gigantescos elefantes pré-históricos e estando ao lado de Sauron²⁴⁰.

Essa caracterização física dos homens de Harad evidencia que eles pertencem a outra tipologia de raça, que contrasta com as características físicas apresentadas pelos númenóreanos e pelos homens de Rohan, sendo-lhes inferiores. A inferioridade dos haradrin é apresentada a medida que no decorrer de toda a trama os homens do Leste são construídos como raças inferiores, que caíram sobre o domínio de Morghot e depois de Sauron. Os homens de Harad seriam um desses povos, apresentados dentro de um sistema de gradação em que eles seriam inferiores aos homens do Oeste, mas de certa forma, superiores a outros homens entendidos como selvagens. Essa relação é mostrada em relação aos homens pûkel, que são descritos tendo migrado para o Oeste a fim de fugir de homens com mais tecnologia do que eles, no Leste, e que eram cruéis e os oprimiam²⁴¹.

O relato alude à ideia de que esses homens do Leste que tinham tecnologia, mas, ao mesmo tempo, escravizavam e oprimiam, eram de raças/subespécies que serviam a

²⁴⁰ Ver: Trecho 21, anexo capítulo 2.

²⁴¹ Ver: Trecho 21, anexo capítulo 2.

Morghot e a Sauron desde o início, denominados, a princípio, orientais e depois, ao que tudo indica, dividiram-se em vários povos, como os carroceiros, os homens de Harad e os sulistas. Assim, esses homens do Leste são descritos como inferiores aos númenóreanos e aos rohirrins, mas superiores a homens tidos como selvagens, que viviam na mata, em estado primitivo.

O mesmo ocorre com os sulistas, fisicamente semelhantes aos haradrins, tendo pele morena e usando muito ouro e barbas compridas e negras, além de grandes machados. Contudo, não há muitas descrições sobre esse povo, embora a narrativa dê a entender que eles são bastante semelhantes e talvez da mesma raça/subespécie dos haradrins, ou pelo menos bastante próximos (TOLKIEN, 2010 C, p. 120 – 121).

Existe ainda alguns homens negros do extremo sul das terras de Harad, considerados muito cruéis. Não há muitos detalhes acerca desses homens, mas é possível supor que eles sejam uma representação dos negros africanos e que, portanto, dentro do contexto da obra, representem mais uma raça/subespécie (TOLKIEN, 2010 C, p. 120 – 121).

Das raças humanas, uma das mais peculiares é a dos hobbits, chamados também de perianaths ou ainda de pequenos. Esse grupo vive apenas em uma parte da Terra-Média, na região mais a Oeste, bem próximo ao mar, embora tivessem qualquer relação com a vida marinha (TOLKIEN, 2009 C, p. 263 – 264. Carta 131).

Fisicamente, os hobbits eram diferentes das demais raças de homens, principalmente por causa da altura, que não passaria muito de uma média de um metro e dez centímetros, sendo, portanto, ainda menores do que os anões. Apesar disso, eles são descritos como pertencentes à raça dos homens e não a dos elfos ou a dos anões, tendo, portanto, vida semelhante à dos demais homens, seja em relação ao tempo de vida, seja em relação às doenças e necessidades²⁴².

Os hobbits dividem-se em três raças, os pés peludos, os grados e os cascalvas, que possuem leves diferenças entre eles (TOLKIEN, 2010 A, p. 18). Dessa forma, ao pertencerem à raça dos homens, os hobbits formavam uma raça/subespécie que, por sua vez, teria ainda outras três subdivisões internas.

Em suma, os homens são apresentados por Tolkien como uma raça/espécie, dividida em várias raças/subespécies, cada qual delas com habilidades e características específicas, como se tivessem aptidões naturais para determinadas coisas, à exceção de

²⁴² Ver: Trecho 22, anexo capítulo 2.

outras. Cada raça/subespécie de homem possui característica intrínseca e natural, um específico processo de evolução: umas estão na barbárie, enquanto outros são progredidos e melhores.

2.2.7 A raça dos orcs

Os orcs são uma das raças que mais aparecem nas obras literárias de Tolkien. Eles são os principais soldados rasos dos senhores do escuro, usados, portanto, nas frentes de batalha, sob a liderança de seres mais poderosos. Tanto Morghot como Sauron empregavam os orcs e os escravizavam, pois estes, como já se discutiu no primeiro capítulo, são tanto o povo de Mordor quanto são os escravos de Morghot e depois de Sauron, servindo-os muito mais por medo do que por outros motivos, embora sejam uma raça/espécie descrita como essencialmente má (TOLKIEN, 2009 C, p. 266. Carta: 131).

A origem dos orcs é apresentada no livro “O Silmarillion”; ali se explica que eles são uma perversão produzida por Melkor/Morghot, quando a raça dos elfos surgiu. Melkor foi o primeiro dos Valars a perceber o surgimento da raça dos elfos e capturou a muitos deles, levando-os para a sua fortaleza no extremo Norte/Nordeste da Terra-Média, escravizando-os e pervertendo-os com torturas e suplícios, até produzir a raça dos orcs. Essa raça, sendo ela uma perversão, é apresentada como cruel por natureza, sempre voltada para o mal, fazendo o trabalho de Melkor/Morghot e depois de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p.31).

Os orcs são seres monstruosos, totalmente diferentes das demais raças/espécies. Eles têm a pele negra ou amarelada, dentes e presas animais e garras²⁴³.

Em uma de suas cartas, Tolkien disserta um pouco sobre os orcs e fala que eles são semelhantes aos povos mongólicos, descritos por ele como menos bem aparentados para os padrões europeus (TOLKIEN, 2009 C, p. 456. Carta 210)²⁴⁴.

Os orcs se dividem em duas grandes raças/subespécies, e, a partir destas, surgem outras raças/subespécies. A primeira delas é a dos grandes orcs do norte, geralmente apresentados com pele escura, braços muito compridos, tendo alguns as pernas tortas e estranhas. Uma das características dessa raça/subespécie é temerem a luz do sol, o que

²⁴³ Ver: Trecho 23, anexo capítulo 2.

²⁴⁴ Ver: Trecho 23, anexo capítulo 2.

os faz atacarem somente durante a noite ou em períodos em que a escuridão se alastra pelo mundo, vivendo, por esse motivo, em locais de cavernas ou em regiões escuras, como é o caso de Mordor, um local sempre escuro por causa da grande quantidade de fumaça (TOLKIEN, 2010 B, p. 33 – 48).

Os orcs das montanhas dividem-se em dois grupos, o dos grandes orcs das montanhas, de que se falou, e dos orcs menores, também chamados de snagas, que gozavam de menor prestígio no mundo de Mordor, sendo descritos até mesmo como escravos dos orcs maiores, tanto dos uruk hais quanto dos orcs maiores das montanhas. Uma das cenas que apresentam essa relação é a que mostra orcs menores sendo conduzidos em Mordor por orcs maiores que os chicoteavam e os levavam contra a sua vontade para as guerras de Sauron²⁴⁵.

Esses orcs menores possuíam uma habilidade específica, a de farejar os inimigos, enquanto os orcs grandes eram essencialmente guerreiros. Uma das cenas de “O Senhor dos Anéis - o retorno do rei” descreve orcs perseguindo os personagens Sam e Frodo, nas terras de Mordor. Ali, dois indivíduos são incluídos na perseguição. Um deles é um orc grande, guerreiro, o outro é um orc menor, subordinado ao primeiro, descrito como um farejador²⁴⁶.

A segunda grande raça é a dos uruk hais guerreiros, mais fortes e poderosos que os primeiros, uma espécie de elite entre os orcs, descritos como guerreiros mais eficientes, com pele escura e corpo mais atarracado, com membros curtos e grossos. Essa segunda raça foi modificada pelo mago Saruman, que cria então uma nova sub-raça que não teme a luz do sol, embora os uruk hais sejam apresentados originalmente como frágeis à luz do sol, como os orcs das montanhas (TOLKIEN, 2010 B, p. 33 – 48).

2.3 Outras raças na obra de Tolkien

Existe ainda uma diversidade de raças/espécies que aparecem na obra de Tolkien, porém, elas são pouco descritas e se mostram pouco importantes para o enredo, não servindo mais do que de pano de fundo para alguns cenários.

²⁴⁵ Ver: Trecho 24, anexo capítulo 2.

²⁴⁶ Ver: Trecho 25, anexo capítulo 2.

2.3.1 A raça dos ents

Uma dessas raças é a dos ents, conhecidos como os pastores de árvores.

Trata-se de uma raça criada pelo pensamento da Valar Yavanna, que recebera de Eru Ilúvatar a permissão para criá-los, a fim de que eles pudessem proteger as árvores e as plantas, criações que ela tanto amava e que via estarem desprotegidas frente às outras criaturas da Terra-Média, principalmente em relação às feras que Melkor havia solto pelo mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 28). Eles são descritos como muito semelhantes às árvores, tendo seus cabelos como folhas e sua pele como as cascas das árvores, como grandes árvores humanóides (TOLKIEN, 2009 A, p. 48 – 73).

A raça dos ents é então uma raça/espécie específica que vive na floresta; uma parte do tempo eles passam de forma semelhante às árvores, imóveis, desprovidos de uma sociedade organizada, e outra parte se reúnem para discutir assuntos que entendiam como relevantes e que eram relativos ao bem estar da floresta em que viviam. Não é possível dizer se eles são considerados superiores ou inferiores a outras raças. Aparentemente, eles são apresentados como superiores aos orcs, pelo menos no que se diz respeito aos valores, pois estavam do lado dos povos entendidos como do bem, o que dentro da obra de Tolkien, constitui uma das qualidades que fazem com que um povo seja entendido como virtuoso, tal como já se discutiu no capítulo 1 desse trabalho.

2.3.2 A raça dos trolls

A raça dos trolls foi criada ou pervertida por Morghot, como uma imitação dos ents. Há poucas descrições sobre eles, e o que se pode perceber é que eles são criaturas extremamente rudes. Além disso, são seres essencialmente maus, muitas vezes usados nas guerras de Morghot e depois de Sauron, sobretudo para trabalhos pesados, como o de carregar aríetes e empurrar portões e máquinas de guerra (TOLKIEN, 2010 B, p. 71)²⁴⁷.

Aparentemente a obra de Tolkien apresenta alguns tipos de trolls, que seriam raças distintas.

²⁴⁷ Ver: Trecho 26, anexo capítulo 2.

O primeiro tipo é apresentado no livro “O Hobbit” e eles são descritos como tendo grandes narizes e orelhas, além disso, falam a língua comum da Terra-Média. Eles não suportam o sol e transformam-se em pedra ao contato da luz solar (TOLKIEN, 2010 D, p. 43 – 45), sendo, por isso, chamados de trolls de pedra.

Além desse primeiro grupo há trolls da montanha (TOLKIEN, 2010 C, p. 100; 173), trolls das colinas (TOLKIEN, 2010 C, p. 361), trolls de neve (TOLKIEN, 2010 C, p. 374) e trolls das cavernas (TOLKIEN, 2010 A, p. 498), sendo que não há informações sobre como essas raças/subespécies se comportam ou quais sejam suas características específicas.

A ideia de raça na obra Tolkien foi discutida por diversos autores. Elizabeth Massa Hoiem, em seu artigo “World Creation as Colonization: British Imperialism in “Aldarion and Erendis””, publicado em 2005, apresenta um debate entre os críticos de Tolkien, dividindo-os entre aqueles que o consideram um autor racista, que incorpora em seus textos as teorias racialistas que circulavam no século XX, e os que o consideram um autor multicultural, opositor, portanto, das ideias racistas. Entre esses dois grupos, por sua vez, haveria uma tendência interpretativa vinda de áreas do saber diferentes. Os autores ligados a filologia e a lingüística são aqueles mais propensos em interpretar Tolkien como multicultural. Já os autores próximos aos estudos pós-coloniais, tendem a interpretar a literatura tolkeniana como racista.

Dentre os autores que interpretam Tolkien como multicultural, estão Hoiem, que nesse artigo, defende por diversas vezes a multiculturalidade nos escritos de Tolkien, se baseando especialmente no conto sobre Aldarion e Erendis (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Outro autor que defende a mesma posição é Winegar, em seu artigo “Aspects of Orientalism in J. R. R. Tolkien’s The Lord of the Rings”. Nesse texto, Winegar argumenta que mesmo tendo citado raças, Tolkien não seria racista, pois teria rechaçado várias atitudes racistas.

Winegar cita especialmente o caso em que Tolkien se nega a se declarar ariano para editores alemães ligados ao governo nazista, ainda antes da Segunda Grande Guerra. Em carta de resposta, Tolkien se declara contra o racismo. Em outras duas cartas Tolkien reforça essa posição. Para Winegar, essa seria uma prova para categorizar Tolkien como não racista (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

Contudo, é possível refutar essa posição. Em primeiro lugar, se declarar não racista não faz de alguém não racista. Se por um lado Tolkien assim se declara, por

outro, sua obra literária sobre a Terra-Média, do início ao fim, apresenta uma hierarquização racial, que apresenta algumas raças como superiores e outras como inferiores. E notadamente são os indivíduos de pele branca e tidos como ocidentais aqueles apresentados como racialmente superiores, de forma bastante semelhante ao que era defendido pelas teorias raciais que circulavam no período de sua formação e escrita. Isso se mantém como uma característica homogênea durante todo o enredo e não é em momento algum questionado.

Como então explicar a declaração de não racismo de Tolkien, em suas cartas, frente as hierarquizações raciais produzidas por ele dentro de sua literatura?

A interpretação mais convincente, e que será aqui adotada, é de que Tolkien foi um indivíduo contraditório e que de fato não defendia totalmente as ideias que muitos dos racialistas de seu tempo defenderam, como a de extermínio de raças tidas como inferiores, castrações e mesmo políticas de branqueamento. No entanto, isso não quer dizer que ele deixasse de acreditar na ideia da superioridade racial e civilizacional dos povos europeus frente a outros povos tidos como inferiores e atrasados. Em seu enredo, ele demonstra, como já se viu, corroborar tais ideias.

Winegar também sugere que a cor de pele mais morena de uma das raças de hobbits faz com que Tolkien não seja um autor racista. Winegar ainda tenta fazer uma conexão entre a mão morena do sulista e a mão morena de Sam, na cena em que o hobbit presencia a morte de um sulista, lutando contra os homens de Gondor, em Ithilien. No entanto, é necessário discordar dessa análise.

Os hobbits são apresentados como indivíduos com um estereótipo essencialmente europeu, com cabelos negros lisos, ou de outras colorações, como o loiro e o bege. Alguns deles de fato possuem a pele mais morena, mas o que tudo indica é que existe uma diferença de tonalidade de pele, mas nada que assemelhe esses indivíduos aos povos de pele morena apresentados no enredo. Uma prova disso é que não há nenhuma menção a essa suposta diferença de cor da pele em todo o restante do enredo, em relação aos hobbits. Por outro lado, os povos orientais são assim classificados enfaticamente, como sendo pessoas diferentes, de pele morena.

O personagem Sam, por exemplo, possui a mão morena devido a sua profissão, de jardineiro, ao contrário do sulista, que é um indivíduo de pele morena e que possui um estereótipo não europeu. A fala de Golum, descrevendo os sulistas como morenos,

em tom de surpresa em relação a essa condição diferenciada, evidencia que o tom de pele desse indivíduo era algo completamente diferente, nada semelhante ao de Sam.

Assim, é possível afirmar que Tolkien não produziu hobbits com pele morena, semelhante ao tom de pele dos povos não europeus, mas sim, que os descreveu com uma diferença de tom de pele, mas mantendo o estereótipo europeu para todos eles.

Winegar também defende que há dentro do enredo uma interação social entre raças que poderiam ser consideradas como tendo um status civilizacional diferentes e que, frente a uma realidade racista, não interagiriam e não estabeleceriam uma relação de amizade e aliança. O exemplo citado se refere ao momento em que os homens de Rohan travam relações de amizade com o povo da floresta, sendo ajudados por eles e em troca, passando a respeitar o direito desses indivíduos de viverem ali em paz.

Mas esse episódio pode ser interpretado de outra forma. Pois pode-se observar que esses homens, descritos no enredo como selvagens, só passam a ser respeitados quando ajudam os homens de Rohan em um momento crucial do enredo. Antes disso, eles eram caçados como bichos, ou seja, eram entendidos como inferiores civilizacionalmente e racialmente. Assim, é possível compreender esse episódio não como interação racial, até porque, em última análise, não há o estabelecimento de uma convivência ampla entre esses dois povos, mas apenas o reconhecimento do espaço do Outro de forma unilateral, pois é Rohan, o reino mais “civilizado” em meio a essa relação, que reconhece o direito dos ditos selvagens existirem e viverem em paz.

Há então a permanência de uma relação de poder entre um povo descrito no enredo como superior, belo e virtuoso, pertencente a uma raça específica de homens, cuja característica é a pele clara, a elevada estatura, os cabelos loiros e os olhos claros, e outro apresentado como selvagem, com a pele morena, baixa estatura. É necessário que os homens de Rohan dêem o direito aos homens da floresta, para que então eles possam ser minimamente respeitados. Dessa forma, é possível interpretar essa relação não como uma interação racial, mas sim, dentro da perspectiva do selvagem colaborativo, em que se classificava os selvagens, dentro das teorias raciais e civilizacionais, entre aqueles que eram hostis e precisavam, portanto, serem combatidos e rechaçados a qualquer custo, e aqueles que eram mais dóceis e dispostos a colaborar, podendo então, sob a supervisão de homens superiores, serem instruídos a colaborar para o progresso, sendo aos poucos civilizados.

Para rechaçar a ideia de racismo na obra de Tolkien, Winegar também defende que o enredo não apresenta um padrão uniforme de cores, de forma que a coloração negra é em inúmeros momentos atribuída a povos tidos como do bem. Aragorn, por exemplo, veste a cor negra, enquanto Saruman veste branco e tem como símbolo a mão branca. Já vários dos guerreiros de Gondor, também usam uniformes negros (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

Contudo, é preciso considerar que a questão racial não tem relação com as cores das roupas. Europeus no século XIX e XX se utilizaram largamente de roupas escuras e isso nunca foi um impecilio para se acreditar na cor de pele negra como negativa. E nunca se estabeleceu dentro da teoria racial que qualquer indivíduo de pele negra pudesse se vestir de branco para ser considerado como isento dos amalgamas raciais estabelecidos para os povos não europeus. Dessa forma, o autor confunde cor das roupas com a cor da pele. No enredo, de fato, a cor das roupas não interfere na índole dos personagens, mas a cor da pele tem relação direta com ser bom ou mal em toda a trama.

Zakarya Anwar, em seu artigo “An evaluation of a post-colonial critique of Tolkien”, publicado em 2009, também busca discutir as questões raciais na obra de Tolkien, bem como os argumentos dos autores até aquele momento, defensores da existência ou não de racismo no enredo.

Um dos primeiros argumentos apresentados por Anwar referente aos autores que defendem a não existência de racismo na obra de Tolkien, é a de que a cor da pele não interferiria por si só no caráter dos indivíduos. Logo, haveria indivíduos bons e maus dentre os povos tidos como bons. Assim, todos seriam corruptíveis, desde os Valars e os Maiars, com o exemplo de Melkor e Sauron, passando pelos elfos, com Fëanor, pelos magos, como Saruman, por anões e também por homens de Númenor e Gondor, como no caso dos reis númenorianos que traíram os Valars, ou mesmo de Denethor e tantos outros númenorianos que ficaram a serviço de Sauron, assim como Grima Língua de Cobra, referente a Rohan e também Smeágol e outros hobbits, que se tornaram maus.

O argumento de Anwar em parte pode ser corroborado, pois de fato, todos na obra de Tolkien são corruptíveis, contudo, nem todos podem ser bons. Assim, a questão racial de fato não define quem pode ser mal, mas define quem pode ser bom. Não há nenhum exemplo de um oriental, ou de um orc, ou de um troll que tenham se tornado bons dentro de todo o enredo. Todos esses indivíduos são apresentados como

essencialmente maus. Assim, a raça os define. As raças propensas ao bem podem se tornar más, mas as raças propensas ao mal não conseguem se tornar boas.

Anwar admite, no entanto, que existem tenções raciais dentro do enredo, mas que elas, no desenrolar da história, dariam lugar a uma postura cada vez mais aberta a diversidade. Como exemplo, cita-se o caso dos personagens Légolas e Gmili, o primeiro, pertencente a raça dos elfos, o segundo, a dos anões. No início, quando esses dois personagens travam contato, há uma grande hostilidade entre eles, advinda de conflitos entre suas raças e especificamente entre os seus reinos. No entanto, eles acabam por se tornar grandes amigos, a despeito de toda a inimizade racial que os divergia anteriormente.

Anwar também cita o final do livro “O Senhor dos Anéis”, especificamente nos trechos em que se afirma que se estabeleceu a paz e o comércio amistoso entre os reinos ocidentais de Gondor e Rohan, com os povos orientais que haviam se rendido após o término da guerra do anel.

Contudo, o exemplo de Anwar pode ser observado sob outro ponto de vista, pois de fato, há no enredo uma diminuição de algumas tenções raciais, mas elas acontecem somente entre raças diferentes que compõe o Ocidente da Terra-Média. Todos os indivíduos que passam a confraternizar no fim do enredo, possuem um estereótipo europeu. Não há uma relação de confraternização entre elfos e orcs, ou mesmo entre os homens ocidentais e orientais. O que se estabelece, portanto, é uma relação amistosa entre os povos com um determinado tipo de aparência, como raças igualmente equivalentes, ou pelo menos bastante próximas, enquanto os povos/raças apresentados como inferiores, cabe a eles a obediência, a colaboração e a resignação ao modelo ocidental, ou então a continuidade da condição de inimigo.

Os povos orientais, após a guerra do anel, são obrigados a se renderem e a se submeterem. Os que não aceitam tais condições, continuam a ser tidos como inimigos e são atacados. Dessa forma, pode-se interpretar que o que se estabelece não é a diminuição de tensão racial, mas sim, a consolidação da ideia da superioridade racial e civilizacional dos ocidentais frente aos orientais e a submissão dos orientais como algo desejável.

Anwar então conclui, frente as suas argumentações, que Tolkien não seria um autor racista (ANWAR, 2009, p. 1 – 8), mas como se viu, suas afirmações podem ser interpretadas de formas diferente.

Margaret Sinex, em seu artigo ““Monsterized Saracens,” Tolkien’s Haradrim, and Other Medieval “Fantasy Products””, interpreta a questão racial na obra de Tolkien sobre outro ponto de vista, diferente de Anwar. Sinex afirma semelhanças entre a forma como Tolkien descreve os haradrins e as formas pejorativas construídas na literatura ocidental sobre os muçulmanos. Dessa forma, ela enfatiza a ideia de que os haradrins de Tolkien seriam representações dos muçulmanos, tanto no que concerne as suas imagens medievais construídas pela intelectualidade europeia, como também referente as continuidades de tais ideias por uma visão de mundo orientalista.

Sinex então argumenta que ao mesmo tempo que os haradrins são apresentados no enredo com uma caracterização essencialmente medieval, eles também são descritos como raça, sendo que eles possuem então três características identificadoras, sendo elas as características físicas particulares, falhas morais específicas e uma terra bastante quente.

Para Sinex, uma boa parte das representações dos haradrins possuem referências nas formas como escritores medievais descreveram os povos sarracenos e que, por sua vez, em grande parte, as teorias raciais posteriores, foram amplamente influenciadas por essas caracterizações do Outro na cultura ocidental. Sinex também afirma que os gregos já haviam produzido uma forma de pensar que caracterizava os biótipos de pessoas de regiões diferentes e atribuía aos mesmos características de conduta conforme a aparência física, sendo que essa tradição teria continuado no tempo longo da história como uma permanência. A obra de Tolkien teria, por sua vez, se influenciado nessa longa tradição de depreciação do Outro.

Assim, Sinex defende que assim como na tradição medieval, as características físicas dos haradrins são relacionadas a falhas morais e espirituais. Ela ainda se remete as teorias sobre a cor escura da pele como falha de caráter, produzida pelos etnólogos medievais, advindos em grande parte do pensamento Greco romano, perpetuada pelo cristianismo e relacionada à ideia de ser ou não um crente. Para Sinex, assim como na tradição medieval, o inimigo na obra de Tolkien é negro ou tem a pele bastante morena e está a Oriente (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

É possível corroborar a análise de Sinex, pois de fato, em todo o enredo de Tolkien os inimigos estão essencialmente a Oriente ou, são tidos como invasores no Ocidente, como no caso dos orcs que vivem em Moria e em alguns locais, ao passo que são todos indivíduos de pele morena e negra, salvo os exemplos de ocidentais traidores,

como Saruman, que, no entanto, como se verá mais a frente, podem ser considerados como corrompidos pelo modelo oriental de pensamento construído dentro do enredo.

Em relação ao que é defendido por Sinex sobre as diferenciações produzidas na longa duração histórica pelo pensamento ocidental, essa análise pode ser corroborada, conforme o que é defendido por Hartog, em seu livro “O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do Outro”. Em seu texto, Hartog defende que o pensamento grego construiu uma série de teorias para explicar a cor da pele mais escura de alguns povos, e que tais teorias, sobretudo a de zona tórrida, se perpassaram na história ocidental (HARTOG, 1999).

Essa teoria da zona tórrida defendia que os indivíduos que viviam muito próximos a linha do Equador receberiam a incidência direta do sol, e, por isso, em certos locais, a vida seria completamente impossível, já próximo a tais locais, os indivíduos, com o passar do tempo, teriam ficado com a pele negra e com os cabelos queimados.

Para os gregos, todos esses povos diferentes, dentre os quais os que viviam próximos a zona tórrida, eram considerados como inferiores e como bárbaros, enquanto eles se consideravam superiores.

Claude Mossé, em seu livro “Alexandre, O grande”, defende essa mesma ideia, apresentando as formas como os gregos na campanha alexandrina, conforme as teorias já existentes sobre os outros povos na cultura grega, interpretaram esses povos, em grande parte, como inferiores aos gregos (MOSSÉ, 2004).

José Rivair Macedo, no artigo “Os herdeiros de Cam: representações da África e dos africanos no Ocidente Medieval”, defende que essas ideias gregas sobre características físicas e cor da pele foram utilizadas por autores cristãos da Idade Média para estereotipar negativamente os povos não europeus, principalmente os africanos e os povos orientais de uma maneira geral. Junto a essas teorias, provenientes da antiguidade clássica, Macedo enfatiza que a ideia da maldição de Cam também veio a se somar a essas explicações anteriores, produzindo assim, a ideia de que os negros eram povos amaldiçoados, graças a uma maldição ancestral, devido ao pecado de Cam, um dos três filhos de Noé, que teria zombado da nudez de seu pai e por isso, foi amaldiçoado junto a seus descendentes a serem todos escravos dos demais homens.

Já Sem, outro dos filhos de Noé, embora não tenha zombado da nudez do pai, também não tomou nenhuma atitude para repreender o irmão zombador, ou para

auxiliar o pai. Somente Jeff teria tomado a atitude tida como correta, auxiliando o pai a se vestir e repreendendo Cam por sua atitude. A humanidade então, segundo a teoria da igreja medieval, seria descendente desses três filhos de Noé. Jeff, o filho correto, seria o antepassado dos europeus. Sem, o filho omissor, seria antepassado dos povos semitas e orientais, daí o nome semita. Cam seria o antepassado dos africanos.

Essa descendência, por sua vez, teria definido a índole desses povos na posteridade. Os europeus, descendentes do bom filho de Noé, teriam herdado tal característica. Os semitas teriam herdado a omissão, já os africanos o amalgama da escravidão eterna.

Macedo então explica que as teorias da antiguidade sobre a zona tórrida se mesclaram a ideia da maldição de Cam, criando no pensamento cristão medieval, a ideia do negro e do sarraceno como inimigos a serem combatidos, como homens diferentes e frutos do pecado, tendo uma índole completamente adversa a dos cristãos europeus (MACEDO, 2001).

Eduardo França Paiva, em sua tese de livre docência, apresenta também uma perspectiva semelhante, ao estudar alguns léxicos envolvendo as categorizações das populações das Américas de colonização ibérica entre o século XV e XVIII. Embora trate de uma temática totalmente diferente, distante tanto da antiguidade, como do medievo e também de uma obra literária como a de Tolkien, as reflexões de Paiva podem auxiliar a compreender um pouco sobre o processo de longa duração do pensamento europeu defendidas por Sinex em seu artigo.

Paiva, ao estudar alguns dos léxicos encontrados nas documentações relativas a colonização ibérica nas Américas entre os séculos XV e XVIII, demonstra que as ideias gregas de zona tórrida, e medievais de maldição de Cam e da origem dos povos nos três filhos de Noé permanecem como modelo para explicar as diferenças entre os povos e também para justificar a escravidão negra e a inimizade com os muçulmanos e outros semitas no período das grandes navegações (PAIVA, 2012).

Edward Said, no livro “Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Ocidente”, também defende uma história de longa duração para o pensamento europeu sobre o Outro e em especial para a estigmatização dos muçulmanos (SAID, 2007).

Dessa forma, pode-se compreender que a argumentação de Sinex é apoiada por outros estudos que apresentam uma perspectiva semelhante, ao passo que a obra de Tolkien possui todos os elementos que a autora cita para argumentar sobre os haradrins

como representações pejorativas dos sarracenos e como algo que se remete a essa história de longa duração de construir os muçulmanos e os povos não europeus como inferiores pela cultura europeia.

Nesse mesmo sentido, Sinex também cita a tradição nórdica de pensamento, que segunda ela, teria também, ainda anteriormente ao contato com o cristianismo, produzido uma série de representações pejorativas sobre os povos de pele escura. Com o posterior contato com o cristianismo, essas representações teriam ganhado ainda mais força, de forma que a pele negra passou a ser sinônimo do mal. Os povos de pele negra, por viverem em um lugar quente passaram então a serem associados a população do inferno, devido a ideia do calor.

Essa associação se construía, por sua vez, ao lado da ideia do etíope, termo proveniente das classificações da antiguidade grega, embora na versão nórdica e católica, o etíope passou a ser identificado com a pele negra e com o diabo. Essa tradição, por sua vez, teria se mantido como uma permanência na literatura inglesa e francesa e foi também associada aos sarracenos. Dessa forma, Sinex argumenta que os sarracenos, bem como os etíopes e os povos não europeus, de uma maneira geral, sobretudo aqueles associados ao islã, foram associados ao diabo e retratados de forma pejorativa na cultura medieval (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

Jean Delemeau, em seu livro “História do Medo no Ocidente. 1300 – 1800. Uma Cidade Sitiada” corrobora o que Sinex defende sobre a pele escura e sobre o tratamento dos muçulmanos, acrescentando ainda a figura do judeu como um inimigo semelhante ao muçulmano e também, muitas vezes, apresentado com a tez negra. Além disso, Delemeau enfatiza a caracterização do muçulmano com a adoração ao diabo como uma representação constante (DELEMEAU, 1983).

Sinex também menciona esse aspecto da adoração do diabo como sendo bastante significativo na construção dos sarracenos de forma pejorativa na cultura ocidental, enfatizando que se construiu a ideia de que era o pecado da idolatria que fazia o indivíduo ter a pele negra. Dessa forma, a autora defende que os haradrins da obra de Tolkien seriam representações dos sarracenos em uma perspectiva medieval, possuindo os mesmos amalgamas, como sendo essencialmente maus e cruéis, tendo a pele escura e sendo os inimigos a serem combatidos e que haveria então, em todo o enredo, uma hierarquia de raças (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

De fato, a análise de Sinex esclarece bastante sobre a construção racial na obra de Tolkien e as suas possíveis influências, pois os haradrins são apresentados com características muito semelhantes as representações dos sarracenos. Além disso, de maneira geral, os orientais adoram Sauron como um deus, o que também pode ser um aspecto a mais para defender a posição de Sinex de que Tolkien estaria representando os sarracenos nos haradrins, pois a idolatria, como se viu, era um dos aspectos mais importantes para as construções pejorativas dos sarracenos.

Já Louise Liebherr, em sua tese de doutorado, defende que Tolkien não é um autor racista, mas sim, multicultural. Para tanto, em primeiro lugar, Liebherr salienta que Tolkien se declarava como não racista (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Mas como já se discutiu aqui, se declarar não racista não elimina as inúmeras representações sobre raça contidas em suas obras literárias.

Para defender o ponto de vista de que Tolkien não é um autor racista, Liebherr salienta que sua obra seria multicultural e multiracial, uma vez que apresenta em meio ao enredo diversas raças convivendo, ao passo que é dado a cada raça uma cultura que tem uma forte conotação identitária em meio a trama. Dessa forma, Liebherr defende que essa diversidade cultural seria o oposto de uma realidade racista.

Contudo, o argumento de Liebherr pode ser questionado em alguns pontos. De fato, há uma diversidade de raças e culturas na obra de Tolkien e todas elas possuem características próprias. Cada povo possui uma cultura, um modo de agir e de se portar, até mesmo de se vestir e falar. Ou seja, cada povo possui uma identidade própria. Mas as teorias raciais nunca negaram esse caráter aos diferentes povos encontrados no mundo. Descrever raças diferentes com culturas diversificadas não produz em si um sentido de multiculturalidade.

O enredo de Tolkien apresenta raças diferentes com culturas diferentes, mas elas são também antagônicas, pois existem povos descritos como racialmente superiores aos outros, bem como culturas apresentadas como civilizacionalmente superiores. Logo, há uma hierarquia racial e não se pode, dessa forma, falar em um caráter multiracial e multicultural dentro de uma realidade em que há povos considerados superiores e outros inferiores.

Liebherr argumenta que no início do enredo o Condado é um lugar que pode ser considerado como não aceitando pessoas de raças diferentes, pois ali não eram bem vindos anões, elfos ou qualquer outro povo, inclusive os homens, sendo que qualquer

hobbit que interagisse com esses estrangeiros seria visto com maus olhos pelos demais habitantes do Condado. Contudo, posteriormente, essa relação mudaria, no final do livro “O Senhor dos Anéis”, com a liderança local sendo dada aos hobbits Merry, Pippyn e Sam, que viajaram para fora, travaram contato com outros povos e regressaram com novos hábitos.

O argumento de Liebherr pode ser corroborado em partes. De fato, o Condado se torna mais receptível as diferenças no final do enredo, contudo, deve-se ter em mente que Bilbo também havia viajado anteriormente e travado contato com anões, elfos e outros indivíduos, nunca sendo, no entanto, rechaçado do Condado e se tornando, inclusive, um de seus moradores mais ilustres, embora fosse considerado um pouco excêntrico. No entanto, no final do enredo, os habitantes do Condado parecem terem se tornado mais amigáveis a estrangeiros, devido ao novo fluxo de indivíduos circulando, graças ao novo reinado de Gondor e Arnor, reestabelecido pelo novo rei.

Mas é necessário argumentar que se por um lado, se há uma tendência no fim do enredo em maior aceitação a diversidade no Condado, essa relação só muda em relação a povos ocidentais. Os orientais e os orcs, por exemplo, bem como aqueles homens denominados como rufiões, continuam não sendo tolerados de forma alguma. Assim, se há uma tendência a aceitação de raças diferentes, isso ocorre de forma restrita, e as raças tidas como inferiores, incivilizadas e ruins continuam a margem.

Liebherr também comenta a condição do personagem Bilbo, o interpretando, em primeiro momento, como avesso a aventuras e a interação com raças diferentes, tal como os demais hobbits do Condado. Mas depois de sua aventura, ele se torna amigo de anões e elfos, sendo que se estabeleceria uma abertura para a interação entre raças diferentes.

Assim como a argumentação anterior, essa afirmação de Liebherr pode ser rechaçada pela interação se dar somente com determinados povos. Bilbo, por exemplo, só se torna amigos de elfos e anões, ou seja, de povos apresentados no enredo com características europeizadas, semelhantes aos próprios hobbits. Não há amizade com orientais e orcs. Esses indivíduos continuam a margem, como o mal a ser combatido.

Liebherr também argumenta que se por um lado os orientais e os sulistas podem ser vistos como sendo representados como inferiores aos ocidentais, eles seriam menos inferiores que os orcs, o que então daria um caráter mais humanizado a esses indivíduos, em detrimento a bestialização total atribuída aos orcs.

Essa análise de Liebherr pode ser corroborada em parte, pois os orientais e sulistas realmente são apresentados como menos inferiores que os orcs, mas isso em si não os humaniza. O que há nesse processo é uma gradação de raças, de forma que os orcs são aqueles considerados como os mais inferiores, tal como a teoria racial pregava, o que não necessariamente passa pelo processo de qualquer valorização daqueles considerados como menos inferiores que um outro grupo.

Outro exemplo citado por Liebherr, para defender a interação racial é a da construção da amizade pelos personagens Gmili, o anão, e Légolas, o elfo, nos mesmos termos já defendido por Anwar. Liebherr ainda complementa a análise, enfatizando que o Conselho de Elrond, bem como a cidade de Valfenda, possuem esse mesmo caráter multiracial, pois ali vivem e se chama para debater indivíduos de diversas raças. Mas como já se viu, essa interação permanece apenas entre povos com estereótipo europeu, tanto no caso da amizade entre o anão e o elfo, quanto no que concerne a Valfenda e ao Conselho de Elrond, pois, afinal de contas, não há nenhum orc ou nenhum oriental convidados a debater ali. Há somente a presença de raças específicas, todas com um estereótipo europeu aparente.

Além disso, a amizade entre Gmili e Légolas, bem como a diversidade da cidade de Valfenda e do Conselho de Elrond são marcadas por uma realidade, a da união de povos considerados igualmente superiores, ocidentais e livres, para combater povos negros, orientais, escravistas e inferiores. Dessa forma, não há multiracialidade, mas sim, a união de certos povos considerados semelhantes para combater os povos das raças tidas como diferentes e piores.

Grosso modo, dizer que a amizade entre Gmili e Légolas expõe uma visão multiracial é o mesmo que dizer que a amizade entre um francês e um inglês os faz multiraciais, ainda que se trate de dois indivíduos que desprezem os povos africanos. Afinal de contas, Gmili e Légolas, embora tenham travado amizade multiracial, são os mesmos personagens que realizam uma aposta em meio a guerra para ver quem consegue matar mais orcs e orientais, não os tratando, portanto, como humanos, mais sim, como coisas a serem abatidas, não havendo neles qualquer remorso por tirarem a vida de outros seres inteligentes.

O mesmo pode ser dito sobre tratar Valfenda e o Conselho de Elrond como multiraciais. Seria o mesmo que interpretar a Paris ou Londres no século XIX como multiraciais por serem cidades em que se encontrava inúmeros estrangeiros europeus,

ou ainda, compreender a partilha da África discutida pelas potências europeias no século XIX como uma reunião multiracial por ter sido realizada entre vários povos europeus. Paris e Londres no século XIX não podem ser consideradas cidades receptivas a um negro de alguma comunidade tradicional africana, do mesmo modo que Valfenda, no enredo de Tolkien não se apresenta como aberta aos orcs, ou aos orientais. Da mesma forma, a partilha da África ocorreu como uma deliberação unilateral dos povos europeus para com os povos tidos como inferiores a serem colonizados, não dando oportunidade aos africanos de discutirem o assunto. O mesmo se dá com o Conselho de Elrond, em que os orientais e os orcs não são consultados sobre a guerra formada contra eles.

Não há, portanto, multiracialidade nesses casos, mas sim, a união entre ocidentais para combater e colonizar os não-ocidentais.

Liebherr também argumenta que os orcs são classificados em pelo menos três tipos diferentes, com características diversificadas, e que isso, de certa forma, os diferenciaria e os individualizaria, e que essa preocupação de Tolkien para com esses indivíduos seria uma prova de uma perspectiva multicultural. Contudo, esse argumento se mostra frágil, a medida que as teorias raciais que circulavam no período são colocadas em contraste, pois era comum a descrição detalhada das diferenças entre os povos, inclusive, com a medição de crânios e membros e o detalhamento do que seria as características físicas, psicológicas e mentais de cada povo/raça. Não se tratava, por exemplo, todos os povos da África apenas como negros, mas eles eram diferenciados racialmente como etíopes, hotentontes, pigmeus, zulus, dentre outros, e essa diferenciação não os humanizava ou os fazia serem considerados como menos inferiores do que os europeus. Dessa forma, diferenciar os orcs não os faz serem humanizados.

Citando o artigo de Winegar, Liebherr fala sobre a pele morena de alguns hobbits, a pele morena de Sam e sobre a cena em que Sam vê o sulista caído, na batalha em Ithilien, argumentando que a pele morena desses hobbits não são motivo dentro do enredo para discriminá-los e que logo, a cor da pele não seria motivo de julgamento, mas sim as ações das pessoas. Ao mesmo tempo, ele vê na cena do sulista caído uma postura de compaixão de Sam para aquele indivíduo, cuja mão morena seria semelhante a sua. Contudo, esse argumento já foi aqui debatido e descartado, pois a pele morena de Sam não é igual e nem tem os mesmos motivos ou conotações da pele dos sulistas.

Outro argumento novamente levantado é o da cor das roupas, enfatizando que as cores negras nem sempre são atribuídas ao mal. Mas como já se discutiu, há uma diferença entre cor das roupas e cor da pele. Complementando a argumentação de Winegar, Liebherr enfatiza que Aragorn, por exemplo, em sua primeira aparição, teria a pele descrita como tendo um tom mais moreno, queimada pelo sol, e que isso não o desqualifica para depois se tornar o rei do Ocidente.

Mas é preciso diferenciar as coisas. Pele morena queimada de sol é diferente da pele dos homens chamados no enredo de morenos. Não há dúvidas em todo o enredo que Aragorn é um homem branco, de cabelos negros, olhos claros e rosto aquilino. Várias das suas descrições majestosas em todo o enredo o enfatizam assim.

Insistindo nesse argumento e ainda o levando para outras ficções, Liebherr enfatiza que as cores branca e negra nem sempre significam bem e mal. Ele cita os gibis de Batman e Zorro, cuja cor preta das roupas é predominante nesses heróis. Dessa forma, ele conclui que as cores são irrelevantes para a construção do bem e do mal nessas ficções. Mas novamente, pode-se perceber uma confusão entre a ideia da cor da pele e a da cor das roupas. Roupas pretas nunca foram um sinônimo de maldade em si, assim como roupas brancas também não o são de bondade em qualquer ficção. Mas a cor da pele possui outra relação. O próprio Zorro, citado por Liebherr, é um homem de origem espanhola, ou seja, um colono europeu rico, enquanto o Batman possui a pele branca e os cabelos negros.

Além disso, considerar as cores como irrelevantes na construção do bem e do mal em meio as ficções é desprezar uma série de estudos e de averiguações que demonstram que a cor da pele tem sido sistematicamente apresentada como condicionante de caráter nas ficções. Ou seria então coincidência, por exemplo, que a obra de Tolkien apresente todos os seus heróis com pele clara e com um estereótipo europeu, enquanto os seus vilões, salvo aqueles pertencentes aos povos ocidentais que foram corrompidos, apresentem pele escura e um estereótipo não europeu?

Entender como coincidência ou desprezar essa relação de cor de pele encontrada tanto na obra de Tolkien, como em outras obras literárias, é abandonar evidências sólidas sobre uma relação estabelecida de construção de valores, que se relacionam a ideias e teorias raciais que foram importantes na construção do pensamento ocidental e que devem sempre ser estudadas para que possam ser melhor compreendidas.

Outra argumentação de Liebherr se refere a ideia de que todos os povos da Terra-Média estariam suscetíveis a se tornarem maus e que isso significaria uma igualdade de condição a todas as raças. Como já se discutiu, essa hipótese pode ser considerada como verdadeira, mas isso não quer dizer que todos são igualmente suscetíveis, pois há aqueles que podem ou não ser maus, em contrapartida, os povos orientais são descritos como sempre maus, enquanto aos ocidentais isso ocorre como uma exceção a regra, pois eles são apresentados como essencialmente bons e vez ou outra se desviando para o mal.

A despeito de suas argumentações anteriores, Liebherr admite que no entanto, há uma espécie de liderança racial no enredo, citando o caso dos elfos e dos númenorianos, que são colocados como líderes naturais em toda a trama e como racialmente superiores (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Esse argumento pode ser evidenciado e entendido como plausível, pois de fato os elfos são apresentados como superiores, bem como os númenorianos, sendo ambos povos que levam um progresso as demais raças.

Diferente dos argumentos de Liebherr, Fredy Widya Pratama, em seu artigo “Orientalism and religious aspects on characters and objects in J.R.R Tolkien’s The Lord of the Rings: A Semiotic Analysis”, defende que, de maneira geral, os protagonistas da obra de Tolkien possuem a pele branca, enquanto os antagonistas possuem a pele mais escura. Sendo que essa realidade representaria a ideia da superioridade racial europeia, representada no enredo (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7). Como já se discutiu, esse argumento pode ser considerado válido para interpretar o enredo.

Na monografia “The Land of Shadow Reading Mordor in J.R.R. Tolkien’s The Lord of the Rings: A Geopolitical Threat or the Suppressed Other?”, Sanni Hakkarainen, também argumenta que os inimigos são construídos como tendo essencialmente a pele negra, enquanto os heróis e os povos do bem têm a pele clara. Ao mesmo tempo, os orientais são descritos não só como sendo de uma raça específica, mas como sendo de outra raça de homens, diferenciando-os dos ocidentais.

Hakkarainen ainda evidencia essa diferenciação entre os ocidentais e os orientais salientando a forma como os ocidentais se interpretam, através da fala do personagem Faramir, que classifica os homens de Gondor e Rohan, ou seja, os ocidentais, embora como povos diferentes, mas como parentes distantes, enquanto os orientais são descritos

como outra raça de homens e como homens das trevas (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

Os argumentos de Hakkarainen podem ser corroborados, frente ao que se evidencia no enredo de Tolkien, pois de fato, os indivíduos de pele negra, como já se discutiu aqui, são apresentados como os inimigos, bem como os orientais são tratados como uma raça completamente diferente de homens e como inferiores aos ocidentais.

No artigo “Racial Issues in Middle-Earth 2016 - A Postcolonial Perspective on J.R.R Tolkien’s Lord of the Rings”, Alexander Fahlén inicia dizendo que seu principal objetivo é provar traços de racismo na obra de Tolkien e que há uma hierarquia racista estabelecida no enredo, que seria baseada nas ideias racialistas que circulavam no período de escrita. Para defender tal perspectiva, Fahlén declara que em meio a trama, o padrão de beleza é construído sobre a figura dos elfos, e que eles possuem pele clara, longos cabelos e um estereótipo essencialmente europeu (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Fahlén afirma que os humanos estão também divididos em raças diversa, porém, as raças apresentadas como boas tendem a viver no Norte e no Oeste e possuem um padrão de aparência mais semelhante ao dos elfos, enquanto as raças apresentadas como más tendem a viver no Sul e no Leste e são menos semelhantes aos elfos, tendo uma tonalidade de pele mais escura. Para Fahlén, essa é uma relação racista estabelecida dentro do enredo, em que um grupo, com características europeizadas, é tratado como bom e superior, enquanto o outro grupo, com características não europeias, é tratado como mal e inferior. Inclusive, ele afirma haver uma semelhança entre os haradrins e os povos norte-africanos e suas representações durante a Idade Média, semelhante ao argumento levantado por Margaret Sinex.

O argumento de Fahlén se assemelha com o que já foi defendido até o momento nessa pesquisa, pois é possível afirmar que o estereótipo europeu é apresentado em todo o enredo como superior e os homens das raças com esse padrão são tidos como mais civilizados e mais virtuosos em todos os sentidos. Ao mesmo tempo, pode-se observar que os elfos estabelecem o modelo de beleza e de conduta a ser seguido e entendido como o desejável em meio a narrativa. Em contrapartida, as raças descritas com um padrão diferente são apresentados como inimigos e inferiores.

Fahlén também apresenta uma reflexão bastante importante sobre a cor da pele na obra de Tolkien. Os orcs são as criaturas mais desprezadas em todo o enredo, não havendo qualquer possibilidade de se estabelecer a paz ou mesmo de poupá-los em

combate. A pele dos orcs, por sua vez, é negra, mas essa tonalidade não advem da exposição ao sol, pois eles são criaturas que não suportam a luz solar. Dessa forma, pode-se supor que eles foram criados para ter essa cor de pele, ao contrário da pele clara dos elfos, como uma marca de Melkor/Morghot, que os criou, corrompendo os elfos. A pele negra então é apresentada no enredo como um atributo negativo, associado ao mal. Ao mesmo tempo, é possível supor que, da mesma forma, é possível que a pele dos homens orientais que servem a Sauron seja também escura não pela exposição ao sol, mas pelo ato de servirem ao senhor do escuro.

A reflexão apresentada por Fahlén faz todo o sentido, embora não se possa afirmar categoricamente que a cor da pele negra dos homens orientais tenha essa origem. Contudo, ainda assim, a pele negra é mostrada como um atributo negativo durante todo o enredo.

Fahlén então relaciona essa diferenciação entre as cores de pele encontradas no enredo com as ideias que circulavam no período em que Tolkien se formou e escreveu, enfatizando o quão era disseminado as ideias de superioridade racial e civilizacional dos homens brancos, em detrimento as populações de cor. Assim ele propõe pensar o mapa da Terra-Média de Tolkien sobre o mapa mundi atual, de forma que as terras dos orientais coincidiriam com as regiões do norte da África e do Oriente Próximo, bem como o tratamento dentro do enredo as populações dessas regiões seria semelhante ao dado pelos europeus para com os povos desses locais, tratando-os como inferiores e como tendo a necessidade de serem civilizados (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

A argumentação de Fahlén se mostra plausível, uma vez que como já se viu, o enredo apresenta os orientais como inferiores racial e civilizacionalmente, o que pode ser atribuído as influências do período em que a obra foi escrita.

Dessa forma, frente ao debate estabelecido entre autores que discutem a ideia de raça na obra de Tolkien, bem como tendo em mente as reflexões feitas nessa pesquisa sobre as diferenciações raciais no enredo, é possível afirmar que a obra de Tolkien possui uma hierarquização racial e que seus povos estão divididos entre superiores e inferiores racialmente, assim como na questão civilizacional, sendo que ambas as questões se somam, pois a superioridade civilizacional vem relacionada a superioridade racial, assim como nas teorias de superioridade racial dos povos europeus, a qual pode se entender que Tolkien representa e corrobora no enredo.

Como se verá adiante, a ideia da miscigenação dentro do enredo corrobora e trás novos argumentos para enfatizar a ideia da hierarquia das raças na obra de Tolkien e a sua relação com as teorias de superioridade europeia de seu tempo.

2.4 A miscigenação na obra de Tolkien

A ideia de raça na obra de Tolkien significa uma perspectiva de pureza racial, ou seja, de uma unidade biológica de grupo que não se mistura a outro, mas que mantém a coesão, com características específicas. Essas ideias sempre são apresentadas em meio à possibilidade de mistura e não mistura, de forma que esses grupos são descritos como puros, ou seja, como não misturados.

Nos momentos em que a ideia de pureza é apresentada, surge também a perspectiva da mistura enquanto impureza. Nesses casos, produzir-se-iam os indivíduos mestiços, que podiam assim permanecer, como indivíduos indefinidos, sem pertencerem a nenhum povo específico, pois as identidades dos indivíduos estão sempre arraigadas ao povo a que cada um pertence e, por conseguinte, à raça.

2.4.1 Os meio elfos e os númenorianos

Alguns autores que analisaram a obra de Tolkien discutiram as misturas raciais dentro do enredo, sendo que duas são as principais discussões nesse sentido. Os autores Sandra Ballif Straubhaar, Elizabeth Massa Hoiem, Zakarya Anwar, Louise Liebherr, defendem que Tolkien não seria contrário as misturas raciais, uma vez que ele representou tal ideia, com os casamentos entre homens e elfos, gerando os meio-elfos, indivíduos que são descritos com grande beleza e majestade. Para esses autores, isso prova que Tolkien é favorável a uma visão multiracial e, portanto, contrário a uma perspectiva racista.

Contudo, esse argumento pode ser refutado, frente a algumas evidências e detalhes encontrados no enredo, pois, como se verá, há um padrão de mistura entendido como bom e desejável e outro como ruim e refutável.

Os primeiros exemplos de mistura racial ocorrem no momento em que se apresenta a convivência entre elfos e homens, nos tempos em que os elfos Noldors estavam exilados na Terra Média. Nesse contexto, a Maiar Melian casou-se com o elfo

Thingol (TOLKIEN, 2009 A, p. 35 – 36). Dessa união, nasceu Lúthien Thinuviel, uma senhora élfica que carregava em seu sangue, através de sua descendência materna, o sangue dos imortais (TOLKIEN, 2009 A, p. 64; 68).

Lúthien é então se envolve com um homem das três casas dos amigos dos elfos, chamado Beren, que tinha a sua origem na casa de Bëor, o velho. Da união desses dois personagens nasce Dior Eluchil, descrito como uma das mais belas criaturas que já habitaram o mundo, pois nele havia um pouco dos Maiars, dos elfos e dos homens (TOLKIEN, 2009 A, p. 122 – 145).

A mistura entre homens e elfos continua a ser descrita no livro “O Silmarillion” a partir de um outro casal, formado por Tuor, um homem da Casa de Hador, e Idril Celebridal, filha do rei Turgon, um dos reis Noldors exilados na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 93; 190). Desse relacionamento nasceu o personagem Eärendil, um dos mais importantes para a trama, descrito como um indivíduo de grandes virtudes (TOLKIEN, 2009 A, p. 190).

Eärendil casa-se com Elwing, filha de Dior Eluchil (TOLKIEN, 2009 A, p. 185) que, por sua vez, era filho de Idril Celebridal e Tuor. Do casamento de Eärendil e Elwing nascem os personagens Elrond e Elros (TOLKIEN, 2009 A, p. 111; 193).

Todos esses personagens nascidos das misturas entre homens e elfos são chamados de meio elfos, o que é um sinal de que os elfos são tratados como principais e como superiores, sendo eles os referentes da nomenclatura usada para definir esses indivíduos provenientes dessas misturas. Ao mesmo tempo, a nomenclatura meio-elfo também denota a ideia de pureza e impureza racial, pois o fato de ter descendência humana faz com que o indivíduo não seja chamado de elfo, mas sim de meio elfo, indicando a sua origem mestiça.

A mistura entre homens e elfos não interferiu na sorte dos povos élficos, que continuaram a manter a sua unidade. Porém, em relação aos homens, o sangue élfico, considerado superior, trouxe efeitos para a humanidade, pois através da mistura entre homens e elfos, o sangue dos elfos foi levado para meio dos homens das três casas dos amigos dos elfos, produzindo indivíduos significativamente melhores.

Elros, filho de Eärendil e de Elwin, é o meio elfo que leva o sangue élfico para o meio dos homens mortais, produzindo uma linhagem de homens descrita como melhor, com alta longevidade e com grande sabedoria e inteligência. Através de Elros, os

homens das três casas dos amigos dos elfos, que se tornaram os númenorianos, são apresentados em processo de melhoramento²⁴⁸.

Esse relato sobre Elros e os meio elfos apresenta a ideia de raça superior e raça inferior. Assim, a raça dos elfos é apresentada como superior, de forma que a mistura trouxe benefícios para os homens, uma vez que os indivíduos frutos dessas misturas se mantiveram em meio aos homens, produzindo, dessa forma, uma nova raça de homens, a partir da mistura.

A pureza e a mistura são então apresentadas na obra de Tolkien em meio a questões valorativas, de forma que se apresenta a ideia de raça superior e inferior, sendo que aos superiores não seria de interesse a mistura com povos inferiores. Já os inferiores teriam interesse em se misturar com povos superiores.

Ao mesmo tempo, a mistura, que a princípio romperia com a pureza, seria também capaz de produzir uma nova raça e, dessa forma, um novo padrão de pureza.

Os númenorianos são os primeiros exemplos de uma nova raça surgida através do processo de mistura e de melhoramento. Assim, eles são descritos como um povo formado da mistura dos homens da Casa de Hador, dos homens da Casa de Beor e de alguns poucos homens da Casa de Haleth. Além dessa mistura entre homens com um grau semelhante de desenvolvimento, os númenorianos são também descendentes dos meio elfos, tendo, assim, levado o sangue dos meio elfos para o seu povo, aos poucos, embora tenham por si mesmos ganhado maior longevidade, por benção dos Valars, o que se mantém sendo passado hereditariamente (TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 205).

No princípio, somente a linhagem direta de Elros possuía o sangue élfico, sendo, por esse motivo, aquela que gozava de maior longevidade, embora os demais númenorianos também tivessem uma vida muito maior do que a dos demais homens da Terra Média. Contudo, a linhagem de Elros e seu sangue foi se espalhando em meio à população, pois o trono era passado sempre ao primogênito, mas os demais filhos dos reis acabavam por se casar e seus descendentes, por sua vez, faziam o mesmo, espalhando o sangue élfico pela população (TOLKIEN, 2009 B, p. 290 – 352).

Essa mistura é apresentada como benéfica, por ser um caso em que um sangue considerado superior é transmitido para um povo tido inferior. Contudo, nem todos os exemplos de mistura racial aparecem na obra de Tolkien de forma positiva, pois alguns produziram efeito degenerativo.

²⁴⁸ Ver: Trecho 27, anexo capítulo 2.

Se a mistura racial levando um sangue entendido como superior a um povo de raça inferior é apresentada na obra de Tolkien como algo positivo, a mistura de raças inferiores em meio a povos superiores é descrito como algo negativo.

Os exemplos dessa relação são apresentados principalmente na descrição dos númenorianos na Terra Média e do povo de Rohan.

Os númenorianos, como a raça humana mais avançada do mundo, caíram em decadência quando foram para a Terra Média, através de um processo de degeneração; sendo um povo de reprodução lenta, enfrentaram, além disso, incontáveis guerras, na luta contra Sauron, e sua população foi devastada, o que os obrigou a se misturar com homens inferiores a eles. Essa mistura, à medida que ia se intensificando, fez com que boa parte dos númenorianos perdesse a sua longevidade e mesmo a inteligência elevada de que eram dotados²⁴⁹.

Esse processo de degeneração é apresentado como proveniente de uma mistura descrita com a palavra miscigenação, que possui um caráter pejorativo, enfatizando a ideia de uma mistura entre um superior e um inferior que produz descendentes piores do que os superiores originais. Assim, Tolkien descreve os númenorianos perdendo qualidades através da mistura com homens entendidos como piores. Esses indivíduos com os quais eles se misturaram, por sua vez, seriam os seus antigos parentes do norte, descendentes principalmente da Casa de Hador, que permaneceram na Terra Média, não tendo ido para Númenor.

Há, inclusive, uma guerra interna em Gondor por esse motivo, pois um dos príncipes decide se casar com uma das mulheres dos homens do Norte, tendo um filho, que ao subir ao trono, ocasiona uma guerra, já que muitos homens de Gondor não o aceitam e se juntam a outro descendente da linhagem de Elros. Essa guerra, portanto, ocorre por esse rei não ter uma origem pura, sendo descendente de sangue de uma raça tida por inferior (TOLKIEN, 2010 C, p. 344 – 345).

Esses homens do norte, em contrapartida, beneficiam-se da mistura com os númenorianos, como é o caso de alguns dos membros da casa real de Rohan, apresentados como mais altos e nobres que o seu próprio povo, por terem se misturado com pessoas de Gondor (TOLKIEN, 2010 B, p. 248 – 249).

Ao mesmo tempo, os homens de Rohan procuram evitar a mistura com os homens da Terra Parda, considerados inferiores, como é descrito no anexo do livro “O

²⁴⁹ Ver: Trecho 28, anexo capítulo 2.

Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, acerca dos reis de Rohan. Nesse anexo, o rei Helm é descrito em conflito com um homem chamado Freca, que teria muito sangue da Terra Parda. O conflito se dá exatamente porque o rei sempre é indiferente a esse homem, nunca o convidando para as suas reuniões, por entender que ele não fazia parte do povo de Rohan. Contudo, o homem propõe casar seu filho com a filha do rei, ou seja, misturar os dois povos, o que Helm então entende como algo ofensivo²⁵⁰.

As misturas raciais na obra de Tolkien, seguem, portanto, um padrão valorativo, de forma que elas podem significar uma melhora, quando um povo recebe um sangue considerado superior e que traz melhoras para a população. Porém, a mistura, na forma de miscigenação, significa degeneração, sendo, pois, algo negativo.

Essa perspectiva sobre a mistura racial coincide com o que era pregado e discutido pelos teóricos racialistas durante o século XIX e a primeira metade do século XX. Desde o momento em que os pensadores europeus começaram a desenvolver uma teoria racialista mais sólida, dividindo os homens em diferentes raças, a mistura racial também passou a ser amplamente discutida.

Houve teóricos raciais, como Gobineau, que abominavam a mistura racial e entendiam mesmo que a Europa estava em plena degeneração graças às misturas desordenadas entre as suas populações internas, que de certa forma já seriam de raças mais próximas. Esse teórico chegava mesmo a atribuir a queda de Roma a um processo degenerativo produzido pela mistura entre romanos e os povos bárbaros, o que, em sua visão, teria então produzido a idade das trevas que aprisionou a Europa durante o medievo (SOUSA, 2008, p. 102 – 142).

Visões negativas sobre a mistura racial podem ser vistas também em Agassiz, outro teórico que enfatizava a necessidade de evitar as misturas raciais e salientava que elas geralmente produziam indivíduos híbridos e defeituosos, que herdavam os defeitos de cada uma das raças envolvidas na mistura, ao invés de potencializar qualidades (SOUSA, 2008, p. 52 – 101). Porém, foi Francis Galton quem produziu uma teoria mais embasada que deu sustentação à ideia das misturas raciais como algo pernicioso, ao propor a eugenia como prática social.

Contudo, localmente, os movimentos eugenistas tinham propostas diversificadas que podem ser agrupadas em dois modelos. O primeiro, majoritariamente proposto e adotado na Europa central e nos Estados Unidos da América, propunha a não mistura

²⁵⁰ Ver: Trecho 29, anexo capítulo 2.

racial sob aspecto algum, entendendo que a miscigenação era causadora de uma extrema degeneração nos indivíduos, produzindo espécimes doentios e deformados (GOÉS, 2015, p. 44 – 60).

A segunda proposta partia das sociedades eugênicas das áreas coloniais de colonização ibérica e católica e entendiam que a miscigenação poderia sim ocorrer de forma benéfica, pois poderia produzir o gradual branqueamento de populações, surtindo uma melhora gradual em certas sociedades, levando o sangue de raças superiores a povos inferiores²⁵¹.

Ambas as visões eugenistas partiam do mesmo princípio, a de seres humanos divididos em raças diferentes separadas em superiores e inferiores. Por esse motivo, havia um grande embate entre as duas propostas. Um dos defensores do branqueamento, um brasileiro chamado João Batista de Lacerda (1846 – 1912), chegou mesmo a dar uma palestra em Londres, defendendo a visão dos eugenistas brasileiros sobre o branqueamento e seus resultados positivos (LOTIERZO & SCHWARCZ, 2013, p. 2 – 5).

Sob inúmeros aspectos, a visão apresentada por Tolkien coincide com o que era defendido pelos eugenistas católicos das áreas coloniais ibéricas, a de haver misturas raciais positivas e outras negativas, sendo que seria positivo quando uma população era melhorada pela mistura racial, recebendo sangue de uma população racialmente superior, ao passo que seria negativo quando o contrário ocorria.

Tolkien ser católico, criado por um padre, poderia ter alguma influência em sua forma de pensar sobre raça e sobre miscigenação? E as discussões sobre esse assunto, em voga no período de sua formação intelectual e de produção de seus livros, teria influenciado em sua escrita?

O fato de Tolkien apresentar uma visão que coincide com esses eugenistas não é suficiente para dizer que ele concordava com a visão eugenista e racalista de mundo. Em uma de suas cartas, ele inclusive diz que abomina a visão racalista²⁵². Contudo, isso não o impediu de representar os seus povos como raças e os colocar como superiores e inferiores, sendo essa uma das maiores contradições vistas entre a literatura e as cartas desse autor.

²⁵¹ Para observar a discussão sobre o racionalismo e a eugenia, bem como a da miscigenação e a proposta dos eugenistas brasileiros sobre o branqueamento, Ver: LOTIERZO & SCHWARCZ, 2013, p. 2 – 18.

²⁵² Ver: Trecho 30, anexo capítulo 2.

2.5 As raças e o que cada uma delas representa na obra de Tolkien

É possível afirmar que cada uma das raças apresentadas na literatura de Tolkien não foram construídas ao acaso, mas sim, que tinham um objetivo maior, o de representar modelos de condutas, como arquétipos, de forma que cada uma das raças mostra ter características muito específicas e quase invariáveis. Algumas apresentam grandes virtudes, outras são completamente defeituosas.

Eru Ilúvatar é a figura que representa o Deus monoteísta cristão. Tolkien afirma isso em suas diversas cartas. Da mesma forma, seus Valars seriam os seus anjos, realizando, na terra, o seu trabalho. Os Maiars, por sua vez, também seriam figuras angelicais, porém, em condição inferior (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

A raça dos Valars e dos Maiars significaria a materialização do mundo produzido pela vontade e pelo trabalho de Deus, algo que Tolkien mostra crer, por ser ele um católico praticante e fervoroso, muito ligado à teologia cristã (CARPENTER, 2014, p. 31, 58,81, 129).

Tolkien constrói os Valars como aqueles que controlam as forças do mundo, sempre trabalhando para realizar os desígnios de Deus. Ao mesmo tempo, Tolkien buscava, ao criar os seus Valars, aproximar a teologia cristã da cultura pagã europeia a qual ele tanto admirava e que entendia não ser completamente incompatível com o cristianismo. Nesse sentido, ele construiu os Valars como a figura dos deuses dos panteões pagãos, como os da mitologia celta, nórdica e grega, porém, os tratou como vistos pelos homens como deuses, mas sendo, verdadeiramente, anjos a serviço de Deus (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

A raça/espécie dos elfos, por sua vez, significaria a pureza da criação, a beleza e a perfeição extrema capaz de ser criada por Eru Ilúvatar. Os elfos, dessa forma, se apresentam sempre como altamente virtuosos, mesmo aqueles que por motivos diversos acabaram por cometer crimes.

Ao mesmo tempo em que a raça/espécie dos elfos se apresenta sempre como virtuosa, as raças/subespécies nas quais eles se encontram divididos se mostram da mesma forma, porém, com aptidões diversificadas.

2.5.1 Os orcs

Os orcs são descritos na narrativa como sendo uma perversão produzida por Melkor, que teria capturado alguns dos primeiros elfos e os torturado até transformá-los em orcs, criaturas completamente pervertidas. Dessa forma, eles representariam uma ideia de degeneração e de bestialidade extrema, sendo o máximo da decadência moral em que se poderia chegar.

Tolkien fala um pouco dos orcs em suas cartas e diz que na vida real existem orcs em todos os locais, em todos os lados e sociedades. À orcs ele se refere alegoricamente a ideia de pessoas cruéis e sem moral, algo que não seria característica apenas de um povo, mas sim de pessoas em todas as partes²⁵³.

2.5.2 Os homens

Os homens, de uma maneira geral, representam o próprio homem, contudo, cada um dos diversos povos humanos apresentados na obra mostra representar uma característica específica da humanidade.

Os homens das três casas dos amigos dos elfos representariam os homens bons e sérios, que logo que conheceram a mensagem das figuras angelicais, através dos elfos, passaram a segui-la, refutando Melkor/Morghot e seus servidores. Essa é uma perspectiva a qual Tolkien mostra acreditar em suas cartas. Ele fala em homens seguindo a palavra de Deus e daqueles que não a seguem. Como católico fervoroso ele crê na ideia da salvação cristã e de que a palavra de Deus, que estaria na Bíblia, é uma verdade absoluta e norteamento moral que teria levado a Europa a ser a civilização mais avançada do mundo (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

Esses homens das três casas dos amigos dos elfos seriam, então, representações dessa ideia, dos homens europeus desde o seu primórdio seguindo os preceitos de Deus, através dos ensinamentos dos Valars transmitidos pelos elfos. Seriam esses os homens antepassados dos europeus modernos (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

Em contrapartida aos homens das três casas dos amigos dos elfos, os demais homens, que de forma geral são apresentados como orientais, em suas diversas

²⁵³ Ver: Trecho 31, anexo capítulo 2.

subdivisões, são descritos como o contrário, como povos que estariam distantes dos ensinamentos dos Valars, tendo se juntado a Melkor/Morghot, figura que seria a de Lúcifer, o anjo caído. Por esse motivo, esses homens, distantes dos ensinamentos dos Valars, seriam os antepassados dos povos não europeus, sobretudo os orientais (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

Outro povo que tem um significado arquétipo dentro da obra de Tolkien são os hobbits, descritos como pertencentes à raça humana, porém, muito diferentes dos demais, por serem muito pequenos e viverem de forma muito isolada (TOLKIEN, 2009 C, p. 263 – 264. Carta 131). Esse povo representaria algo que Tolkien valorizava em demasia, a vida simples do campo. O condado, lar dos hobbits, foi baseado em uma região agrária em que Tolkien passou alguns anos de sua infância, ainda em companhia de sua mãe (KYRMSE, 2003, p. 3 – 20).

Nesse local Tolkien aprendeu a amar a natureza e a vida simples do campo, um gosto que ele levou para o resto de sua vida, de forma que sempre que podia ele passava um tempo em locais assim. E seria pensando nesse tipo de realidade que ele criou os seus hobbits, como representações dos camponeses ingleses, do homem simples do campo, que ele buscou representar como educados e ao mesmo tempo rústicos, vivendo uma vida honesta e pacata, em harmonia com a natureza (KYRMSE, 2003, p. 3 – 20).

Frente ao processo de racialização dentro do enredo de Tolkien, em que cada povo é apresentado como uma raça ou sub-raça, é possível interpretá-lo frente as reflexões levantadas por Frantz Fanon sobre o racismo, bem como em relação aos estudos sobre o racismo e o racialismo dos fins do século XIX e início do século XX.

Segundo Fanon, o processo de colonização produzido pela Europa a partir do século XV pela Península Ibérica e depois, principalmente no século XIX e XX, principalmente pela Inglaterra, construiu uma sólida teoria racial, que valorizava um estereótipo europeu, construindo-o como biologicamente superior as demais raças (FANON, 2008). A obra de Tolkien pode ser analisada por esse viés, pois o enredo, como se discutiu, apresenta os indivíduos com o estereótipo europeu como racialmente e civilizacionalmente superiores aos demais, com inúmeras virtudes. Dessa forma, Tolkien estaria reproduzindo essa ideologia em sua literatura.

Outro aspecto da obra de Fanon a ser levado em consideração para interpretar a obra de Tolkien seria a do racismo sendo infundido nas próprias populações coloniais, que teriam passado a adotar como verdade a ideia da superioridade racial europeia,

tentando assim, apagar de seus corpos, com o branqueamento e a supressão das culturas ancestrais, toda a marca de pertencerem a um povo tido como racialmente inferior. Assim, Fanon fala do processo a qual ele descreve no título de sua primeira obra, a ideia da pele negra com a máscara branca, ou seja, a do negro que deseja se tornar branco, abandonando sua cultura e costumes e adotando o modo de vida e de pensar do europeu e, por fim, tentando deixar inclusive na cor da pele de ser negro (FANON, 2008).

A obra de Tolkien pode ser interpretada por esse viés, pois dentro do enredo as raças de povos que não possuem um estereótipo europeu são apresentados como bárbaros, inferiores racialmente e civilizacionalmente. A esses povos cabe então o papel de inimigos dos povos europeizados. Além disso, há dentro do enredo um processo de valorização do estereótipo e da cultura europeia, bem como de apagamento, silenciamento e exclusão das demais culturas, semelhante ao que é apresentado no estudo de Fanon, pois os orcs são tidos, como já se discutiu, como inferiores em todos os aspectos e logo, podem ser exterminados sem que haja qualquer remorso quanto a isso. Já os orientais possuem alguma perspectiva para serem aceitos, sendo ela a de se renderem aos ocidentais e aceitarem a autoridade ocidental, mantendo comércio amistoso com o Ocidente.

Essa figura do oriental sendo anulado, tendo de se render, de se submeter, é semelhante ao apresentado por Fanon, com o processo de anulação das culturas colonizadas e mesmo da transformação mental dos subalternos, que perdem a sua identidade e passam a desejar ser o Outro.

No que se refere ainda aos povos divididos como raças no enredo de Tolkien, pode-se também interpretar a obra frente as reflexões de Lilian Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 1993) e de Renato da Silveira (SILVEIRA, 1999) sobre o processo de racialização produzido no século XIX e XX. Tal como propõe esses autores, a intelectualidade europeia, através de seu contato com outros povos, passou a classificar os povos diferentes em raças e sub-raças. Essas raças e sub-raças, por sua vez foram hierarquizadas entre os mais e menos evoluídos. Assim, produziu-se a ideia do europeu como a raça mais evoluída, ainda que houvesse discordância qual seria a sub-raça dentro da Europa com maior grau evolutivo.

A inferioridade foi então delegada aos demais povos, que foram então hierarquizados. Diversos estudos e teorias davam respaldo a tais interpretações, que foram se solidificando nos finais do século XIX e o início do século XX. Assim, se

construiu uma verdadeira hierarquia racial, cuja a raça denominada como branca era apresentada no topo.

A obra de Tolkien apresenta esse mesmo ponto de vista. Há uma hierarquia de raças no enredo, sendo que os indivíduos das raças com estereótipo europeu são apresentados como superiores, enquanto os demais ocupam a posição de inferioridade, tal como se demonstrou acima.

Todas essas representações na obra de Tolkien, que produzem as diversas raças como arquétipos de condutas, são produzidas de formas valorativas, sendo que determinados indivíduos são produzidos com valores positivos, enquanto outros o são de forma negativa. Assim, o cristianismo e os valores cristãos, bem como os povos de raças entendidas como ocidentais-europeias seriam construídos no decorrer de sua obra de forma positivada, enquanto os demais o são de forma pejorativa.

Essa relação valorativa, de valorização de uma cultura europeia cristã e de desvalorização de uma cultura não europeia continua a ser apresentada de forma mais enfática na relação Leste x Oeste que estaria representada na obra de Tolkien, como se verá no próximo capítulo.

Capítulo 3: As representações de Orientalismo na obra de Tolkien

3.1 A alteridade e o etnocentrismo na obra de Tolkien

Toda a narrativa de Tolkien é apresentada ao leitor por um narrador que narra a partir de um ponto de vista, o dos elfos e o dos homens do Oeste, signatários de uma cultura que seria proveniente das vontades de Eru Ilúvatar e de seus Valars. Dessa forma, todo o enredo é produzido a partir de uma perspectiva, de um “Nós”, que por sua vez, fala do mundo sob a ótica desses indivíduos e narra a si mesmo e também os povos e indivíduos que seriam os Outros²⁵⁴.

A primeira ideia de “Nós” e “Outros” que apareceria na obra de Tolkien ocorre quando Eru Ilúvatar e seus Ainur são descritos. Naquele momento toda a narrativa se baseia em uma unidade, que então é quebrada pela figura de Melkor e por seus seguidores, que criam um cisma na coesão. A partir daquele instante, o enredo passa a ter um ponto de vista estabelecido, o de Eru Ilúvatar e de seus Ainur fiéis, ao passo que Melkor e seus acólitos passam a ser apresentados como diferentes, errados, enfim, como Outros (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Essa perspectiva observada na obra de Tolkien pode ser entendida como Alteridade, que significa a diferenciação do Outro e a construção de uma identidade a partir dessa distinção (HARTOG, 1999, p. 229 – 314. SIDEKUN, 2006, p. 52 – 62).

A historiografia sobre o estudo da construção do Outro se mistura às pesquisas sobre as missões civilizadoras e sobre a colonização europeia. Claude Lévi-Strauss, ao propor novas reflexões para a antropologia, questionando as abordagens mais tradicionais em sua época e problematizando as ideias de civilizações superiores e inferiores, pode ser considerado como um dos precursores dos estudos sobre as formas como as culturas construíram o Outro (COSTA, 2006. LIMA, 2008).

Bronisław Malinowski (1884 – 1942), com as suas pesquisas sobre povos nativos, também deu grande contribuição, ao mostrar que diversos povos se entendiam não só através de uma identidade que os diferenciava de outros grupos, mas também que, em muitos casos, os construía como superiores. Assim, não só os europeus

²⁵⁴ Um indício dessa narrativa com um ponto de vista e baseado em uma versão específica dos fatos é o próprio subtítulo do Valaquenta, um dos livros que compõe “O Silmarillion”, que apresenta o relato conforme o conhecimento dos eldar (elfos): “Relato dos Valar e dos Maiar, segundo o conhecimento dos eldar”. Ver: TOLKIEN, 2009. A, p. 11.

possuíam uma cultura de se auto-construírem como superiores, mas sim, diversas sociedades, cada uma delas ao seu modo, algumas de formas mais agressivas, outras com interpretações mais tolerantes em relação aos Outros (CASTRO, 2005, p. 12 – 18).

Os estudos pós-coloniais, influenciados tanto pelas reflexões de Strauss e Malinovsky, como pelas críticas de outros autores que já questionavam as ideias de superioridade europeia, produziram grandes contribuições para as pesquisas sobre como as sociedades humanas criaram formas de construir identidades através da diferenciação com os Outros, a partir de suas abordagens que visavam compreender como os europeus construíram a si como superiores e os demais povos como inferiores, para justificar a colonização. A obra de Edward Said, em meio aos estudos pós-coloniais, com o seu livro: “Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Ocidente”, foi de grande importância para essas ponderações, ao apresentar como a cultura europeia construiu a sua identidade ao se diferenciar dos não europeus, principalmente em relação ao Oriente islâmico (LIMA, 2008, p. 71 – 92).

Jean Delemeau, ao escrever sobre os medos coletivos no Ocidente, em meio à vertente historiográfica da História das Mentalidades, cooperou com a discussão trazendo à cena, para além da identidade como diferenciação do Outro, também o medo em relação a essas sociedades entendidas como diferentes (DELEMEAU, 1983).

Outro estudo de grande importância foi o de Tzvetan Todorov, com o seu livro “A Conquista da América: A questão do outro”, que teoriza sobre a alteridade e sobre como os europeus, ao colonizarem as Américas, produziram uma identidade europeia e ocidental em oposição aos Outros, apoiando-se nas diferenciações dos tempos cruzadistas e ressignificando-as para os demais povos encontrados pelas grandes navegações (TODOROV, 2003).

Na década de 1990, alguns estudos enfatizaram a relação da construção das identidades e das alteridades em meio a um mundo que se tornou cada vez mais globalizado a partir das grandes navegações. Serge Gruzinski, em seu livro “A passagem do século: 1480 – 1520: as origens da globalização”, apresenta essa perspectiva (GRUZINSKI, 1999). Contudo, após os atentados de 11 de setembro de 2001, as pesquisas sobre Identidade e Alteridade se voltaram para a compreensão da diferenciação entre Alteridade e etnocentrismo, buscando evidenciar as diferenças entre um discurso que reconhece o Outro através de uma identidade e de discursos que inferiorizam o Outro (MACEDO, 2006, p. 2 – 6; 13 – 20).

Dentre os estudos mais recentes, François Hartog é o que teoriza de forma bastante elucidativa acerca do funcionamento da Alteridade e suas diferenciações e interligações com um pensamento etnocêntrico e eurocêntrico. Tal autor explica o funcionamento da Alteridade em seu livro “O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro”. Ele argumenta que a construção da Alteridade começa pela simples diferenciação do Nós e do Outro ou Outros. Essa distinção se inicia em torno de enfoques simplistas, como o regional, o linguístico, o étnico e o religioso (HARTOG, 1999, p. 229).

Hartog então define passo a passo as formas como o discurso de Alteridade se produz. Ele argumenta que a construção da Alteridade passa pelo narrador e seu processo narrativo, sendo que ao falar sobre o Outro um narrador fala a partir do ponto de vista da cultura da qual ele provém. Assim ele sempre falará do Outro para os indivíduos de sua própria cultura e o interpretará conforme a sua formação cultural. (HARTOG, 1999, p. 229).

Por esse motivo, muitos dos narradores usam-se da figura da inversão para explicar o Outro. Ou seja, explica-se o Outro pelo “Nós”, evidenciando, assim, as proximidades e as diferenças, caracterizando então as semelhanças como ponto positivo e as divergências como negativo. (HARTOG, 1999, p. 229 – 230).

Por esse motivo, ao explicar o Outro através da inversão, o discurso de Alteridade facilita a compreensão desse Outro e o simplifica para o leitor, fazendo com que este veja esse Outro, tome consciência da existência de um dessemelhante e das possibilidades da diferença (HARTOG, 1999, p. 231).

Hartog exemplifica tais ideias com o discurso de um viajante que visitou as Américas nos tempos do descobrimento, chamado Jean de Léry, cujo conteúdo apresenta a ideia de dessemelhança para explicar ao público europeu como a América seria um lugar completamente diferente da Europa. (HARTOG, 1999, p. 231).

Outro exemplo usado por Hartog é o do relato dos citas bebendo o sangue de seus inimigos, o que seria apresentado como uma diferença na narrativa de Heródoto e serviria para apresentá-los como diferentes dos gregos. (HARTOG, 1999, p. 238).

Além de diferenciar, o narrador, ao construir o Outro, usa também o artifício da comparação a fim de caracterizar e marcar as posições díspares (HARTOG, 1999, p. 240).

A comparação, por sua vez, estabeleceria uma tradução do Outro e, por conseguinte, produziria classificações sobre o Nós e sobre os Outros (HARTOG, 1999, p. 240).

No geral, as classificações marcam principalmente as diferenças, sobretudo em relação aos costumes. E os hábitos dos Outros, por sua vez, são apresentados como dessemelhantes, estranhos e inferiores, usando construções como a de caracterizar a cultura alheia como animalizada (HARTOG, 1999, p. 241).

A comparação e a classificação teriam um papel estrutural na construção do Outro e em sua tradução para a cultura do narrador, que passaria constantemente a exemplificar as práticas do Outro por hábitos similares em sua cultura, embora deixando claro que as práticas dos Outros, muitas vezes, poderiam ser qualificadas como errôneas (HARTOG, 1999, p. 241 – 242).

A estratégia para a construção do Outro produziria então uma verdadeira ficção sobre este, sempre buscando estabelecer paralelos entre ambas às culturas, embora tais proximidades e diferenças nem sempre fizessem qualquer sentido sem o trabalho do narrador em criar alguns sentidos em sua narrativa. (HARTOG, 1999, p. 242).

Em meio às estratégias para se produzir o Nós e o Outro, Hartog argumenta que um dos mecanismos mais utilizados e eficientes é aquilo que ele chama de *thôma*, que seria a caracterização do Outro como maravilhoso, descrevendo-o como algo curioso e exótico. Isso gera o interesse pelo Outro como algo mirabolante, que ao ser conhecido, oferece ao público um relato diferente, que foge do cotidiano (HARTOG, 1999, p. 246 – 247).

O *thôma* (maravilhoso, extraordinário, exótico), como um dos elementos essenciais da Alteridade, se apresenta, por sua vez, organizado qualitativamente pelo narrador, que o oferece ao público conforme os graus de proximidade e de distância com a construção do Nós. Assim, quanto mais semelhante menos fantástico, e quanto mais afastado mais extraordinário, o que produz então o efeito da construção do Outro em uma escala que vai do mais próximo ao mais distante (HARTOG, 1999, p. 247 – 249).

O *thôma* teria como garantia, por sua vez, a palavra do narrador, que teria presenciado o exotismo do Outro, para transcrevê-lo para a sociedade à qual ele pertence e que forma o Nós (HARTOG, 1999, p. 250 – 251).

Além disso, é o *thôma* que faz com que o Outro seja descrito, pois ele é o máximo da diferença e, por conseguinte, o que faz tal dessemelhança ser interessante e então narrável (HARTOG, 1999, p. 251).

Por esse motivo, segundo Hartog, o narrador que fala sobre o Outro busca, em seu texto, produzir efeitos para apresentar o exótico ao seu público, como, por exemplo, usando palavras do povo ao qual descreve, para mostrar a diferença e construir o estranhamento (HARTOG, 1999, p. 252 – 253).

A Alteridade seria então um discurso que, ao diferenciar o Outro, serviria, por sua vez, para auto-classificar e se auto-identificar como dessemelhante daquele que é apresentado como o Nós. Por esse motivo, a Alteridade produz-se-ia em conjunto com a Identidade, reforçando os mecanismos de auto-identificação (HARTOG, 1999, p. 259).

O discurso de Alteridade teria por característica, por seu turno, compreender os costumes dos Outros dentro das explicações culturais do próprio narrador. Assim, por exemplo, as divindades alheias são construídas como as divindades tidas por malignas na cultura daquele que descreve (HARTOG, 1999, p. 260).

Para produzir a diferença, o discurso de Alteridade, então, construiria uma linha divisória entre as duas sociedades em comparação. De um lado estaria o Nós, do outro lado estaria o Outro. E o Outro, seria então rotulado pelo Nós através de analogias com a cultura do Nós. Hartog exemplifica, nesse sentido, a categorização de animais tidos como exóticos na cultura alheia, sempre descritos como tendo partes de animais da cultura do narrador. O hipopótamo seria descrito como tendo partes de um cavalo, de um boi e de um javali (HARTOG, 1999, p. 262).

O que assinalaria uma narração com tais características, por sua vez, seria o testemunho do narrador, considerado como sendo o de um tradutor, que decodifica os signos de uma cultura para a outra, fazendo uma ponte entre os dois lados da linha divisória que repartiria tais sociedades (HARTOG, 1999, p. 263).

Para agir como um tradutor, o narrador então, ao produzir o seu discurso sobre o Outro, emprega o artifício da neutralidade, declarando sempre narrar apenas o que viu, usando, por sua vez, um vocabulário técnico para falar do Outro. No entanto, o narrador busca salientar as diferenças e aquilo que pode ser entendido como bizarro pelo seu público leitor, evidenciando no texto as práticas do Outro que seriam tidas como erradas e grosseiras na cultura da qual o narrador faz parte (HARTOG, 1999, p. 268 – 270).

O Outro é então caracterizado pelo estranhamento, pelo fato de ele ser de alguma forma diferente do grupo ou dos grupos que passam a ser entendidos como Nós, e que passam a ter um processo identitário comum. Dessa forma, povos de uma mesma região, que vivem de forma semelhante, com atividades de sobrevivência e de economia similares, falando a mesma língua ou dialeto, tendo os mesmos cultos religiosos, passam a integrar uma relação identitária entre si, enquanto qualquer outro grupo que haja diferente passa a ser compreendido como o Outro.

A Alteridade e a Identidade, portanto, podem se constituir em vários níveis. Dentro de um mesmo grupo identitário, pode surgir sub-grupos identitários que constroem Outros internos. Um país forma uma identidade, a de ser pertencente àquele país, porém, internamente, subdivisões identitárias surgem, como ser do sul e do norte, falar com determinado sotaque, comer um certo tipo de comida e ter certos festejos e costumes diferenciados. O mesmo ocorre dentro de uma religião, que produziria um processo identitário entre seus membros, porém, podendo se subdividir em agremiações diversas.

O processo de Identidade e Alteridade passa então por vários níveis de identidade e de construção do Outro, desde um Nós mais geral e um Outro mais distante, até um Nós mais próximo e um Outro com poucas diferenças, como é o caso da diferenciação entre Nós e o Outro ligado às famílias e aos vizinhos e até mesmo à individualidade.

A Alteridade envolve um processo de conhecimento, proximidade e estranhamento. Quanto mais uma determinada cultura, um certo povo e um hábito são desconhecidos e diferentes, mais eles causam estranhamento e, por conseguinte, mais eles são tidos por diferentes e peculiares.

O estranhamento, a diferenciação do Nós e dos Outros, em diversos níveis, produzem a Alteridade, uma perspectiva que delimita e que reconhece o Outro. Contudo, a construção do Outro por diversas vezes toma uma característica valorativa, sendo que esse tido por Outro passa a ser entendido não somente como diferente, mas como errado, inferior, inimigo e exótico.

A essa Alteridade valorativa se dá o nome de Etnocentrismo, situação em que um determinado grupo passa a se entender como o correto e superior em detrimento de um ou vários Outros. Sob inúmeros aspectos, essa é uma característica comum

encontrada em inúmeros agrupamentos humanos, a de se considerar superior (MENDES, 2012, p. 115 – 116).

Hartog dá alguns exemplos de como o processo de transformação do Outro em exótico ocorre, como é o caso dos escritos gregos sobre os persas e os citas, dois povos descritos de várias formas por diversos escritores gregos, dentre os quais Heródoto. Cada um desses autores, ao seu modo, teria auxiliado na caracterização desses povos como exóticos, o que, por sua vez, reforçava a superioridade dos gregos, como um povo melhor, mais sábio, produzindo a ideia de helenismo, como uma cultura mais avançada.

Hartog afirma que o exotismo atribuído ao Outro auxilia a produzir a ideia de povo bárbaro, que é uma das classificações pejorativas que corroboram a produção de um pensamento etnocêntrico. Dessa forma, o bárbaro é a produção do Outro como tendo todo tipo de conduta tida como animalizada e monstruosa, como se não fosse humano, mas sim uma mistura de homem com animais.

Um dos exemplos mais clássicos do Outro construído como animalizado e, por conseguinte, como bárbaro, seria a dos centauros, na mitologia grega, bem como os citas, ambos apresentados como animalizados, como uma raça de indivíduos proveniente de uma criatura monstruosa, assim como os Sauromatas.

Ao mesmo tempo, o pensamento etnocêntrico teria por regra a perspectiva de tratar os classificados como Outros em níveis diversificados, sendo os povos mais diferentes aqueles entendidos como mais bárbaros, enquanto aqueles que teriam hábitos relativamente semelhantes, ou que seriam colaborativos, seriam tidos como menos bárbaros. Hartog exemplifica esse parâmetro em relação aos Persas e aos Citas, de forma que os segundos são tratados, por Heródoto, como mais bárbaros do que os primeiros (HARTOG, 1999).

Tanto a Alteridade quanto o Etnocentrismo, definidos por Hartog, são perspectivas que Tolkien adota em sua obra e que podem ser identificadas em diversos momentos a partir do dualismo entre o Nós e o Outro. Porém, o Outro não é tratado apenas como uma sociedade diferente e distante, dotada de uma cultura diversificada, mas sim, de forma valorativa, como má, cruel, animalizada e bárbara, características de uma forma de pensar etnocêntrica.

Myles Balfe, em seu artigo “Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy”, publicado em 2004, em que analisa alguns aspectos nas obras modernas de fantasia, enfatiza que esse gênero é marcado pela luta contra o Outro e por uma

construção constante da ideia de bem e mal e que em grande parte, isso advém da literatura de Tolkien, pelo seu aspecto inovador na área. Para Balfe, Tolkien inaugura o gênero moderno de literatura fantástica, sendo seguido pelos demais autores do gênero, produzindo um estilo e um tipo de enredo que passou então a figurar em outras muitas obras literárias, bem como em revistas em quadrinho, em jogos de tabuleiro, cartas e eletrônicos, bem como no cinema (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

Dessa forma, a obra de Tolkien pode ser entendida, segundo Balfe, como tendo uma relação constante de Alteridade em seu enredo, construindo o “Nós” e o “Outro”, em torno da ideia de bem e mal.

Winegar, de forma semelhante, exemplifica, dizendo que os hobbits possuem uma visão que constrói os povos diferentes como Outros dentro do enredo (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9), muito embora seja importante diferenciar as diversas formas de Outros com os quais esses personagens se deparam, pois cada qual possui um tratamento diferente, alguns tratados como diferentes, como elfos, homens ocidentais e anões, mas outros como inferiores, bárbaros e inimigos.

Margaret Sinex também enfatiza a Alteridade na obra de Tolkien, afirmando que o autor constrói os inimigos em suas obras como os não europeus, enquanto seus protagonistas possuem um estereótipo marcadamente europeu. Assim como Hartog, Sinex também salienta a existência de vários níveis para construir o Outro e argumenta que a obra de Tolkien apresenta tais características, construindo alguns povos como o “Nós” e alguns como “Outros” (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

As argumentações de Balfe, Winegar e Sinex podem ser corroboradas pelo que se encontrou no enredo até o momento, pois pode-se afirmar que há povos tratados de formas diferentes dentro da trama, sendo alguns, em especial os orcs e os orientais, tratados como o “Outro”.

Louise Liebherr apresenta uma perspectiva diferente, pois argumenta que embora a tradição europeia apresente uma constante construção dos povos não europeus como o Outro, de forma inferiorizada, e que isso tenha se tornado ainda mais enfático no século XIX e na primeira metade do século XX, Tolkien demonstraria uma postura diferente. Com base na biografia escrita por Humphrey Carpenter, Liebherr argumenta que Tolkien, desde a mais tenra infância, teria tido contato com a Alteridade, ao ver a discriminação contra os africanos, nos tempos em que morou na África do Sul, ao passo que sua mãe sempre teria demonstrado discordar do preconceito e do tratamento

diferenciado a qual os negros sulafricanos eram submetidos. Além disso, ele teria sofrido preconceito, devido a opção religiosa de sua mãe, de se tornar católica, em meio a sua família, de tradição protestante. Dessa forma, Liebherr argumenta que esse contato com a Alteridade teria tornado Tolkien mais sensível a esses assuntos e pouco pré-disposto a agir de forma preconceituosa com outros povos, mas sim, a ser mais tolerante com as diferenças (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Esse argumento de Liebherr não se sustenta frente ao que é encontrado nas obras literárias de Tolkien, pois vários são os povos que dentro do enredo possuem um estereótipo não europeu e, por sua vez, são representados como bárbaros, inferiores, monstruosos e como inimigos a serem combatidos pelos protagonistas, cuja característica é serem ocidentais e com um estereótipo europeu.

Para sustentar a sua argumentação de que Tolkien teria uma postura multicultural e, portanto, distante da Alteridade, Liebherr afirma que o personagem Bilbo, no livro “O hobbit” e “O Senhor dos Anéis”, não se ajustaria aos padrões do Condado e que mesmo assim ele seria um dos principais protagonistas da trama. Contudo, outra interpretação é possível. Pode-se compreender que Bilbo não se encaixa apenas em parte dos padrões do Condado, embora em vários outros aspectos ele atenda todos os pré-requisitos, vestindo-se e portando-se cotidianamente igual aos demais hobbits, vivendo em uma habitação típica, mantendo os mesmos tipos de laços sociais, como o costume local de dar presentes aos outros no próprio aniversário. A diferença é que Bilbo está mais aberto a contato com alguns povos de fora do Condado, devido as suas experiências de viagens. No entanto, essa diversidade é restritiva dentro do enredo. Não há abertura para a tolerância a diversidade e a interação com povos como os orientais e os orcs, de forma que a Alteridade permanece no enredo.

No entanto, Liebherr também reconhece que há de fato alguns aspectos de Alteridade no enredo, pois a amizade e a tolerância estabelecida entre povos diferentes durante a Guerra do Anel pode ser interpretada como um ajuntamento de povos ocidentais com características comuns para combater e se defender de povos considerados como completamente diferentes (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Essa perspectiva, como já se viu até aqui, pode ser corroborada, frente aos conflitos apresentados no decorrer da trama, em que sempre os mesmos povos são descritos como os inimigos dos protagonistas.

Alexander Fahlén, também defende a ideia de que há um processo de Alteridade no enredo, e exemplifica essa situação com relação aos orcs, que seriam representados com as mesmas características negativas que os povos africanos o eram durante o século XIX e primeira metade do século XX (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17). Essa perspectiva, pode ser corroborada pelo que já se viu no enredo, uma vez que Tolkien apresenta os orcs como seres abomináveis, como completamente selvagens e mesmo como monstruosos, desvirtuados e sem humanidade.

Dessa forma, é possível corroborar as análises de Balfe, Winegar, Sinex, Fahlén e em parte as análises de Liebherr sobre a Alteridade na obra de Tolkien, pois pode-se afirmar que o ponto de vista da narrativa é o dos elfos e o dos povos do Oeste; o inimigo supremo desses povos, apresentados como fiéis aos Valars e a Erú Iluvatar, é Melkor, o Valar caído, a figura de Lúcifer. Melkor apresenta-se como a origem de todo o mal e, por conseguinte, de todos os Outros construídos dentro do enredo (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 - 269. Carta 131).

É possível diferenciar, em Tolkien, a Alteridade do Etnocentrismo.

Quando os elfos são apresentados divididos em três grandes grupos, a princípio, não há uma relação valorativa, mas apenas uma diferenciação entre esses agrupamentos, como uma relação de Alteridade entre eles, em que haveria uma separação entre os mesmos, mas não de forma valorativa (TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 35). O mesmo ocorre com os homens das três casas dos amigos dos elfos, apresentados, em um primeiro momento, como três grupos ou clãs distintos, contudo, sem uma relação valorativa entre eles (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Essa relação também ocorre com os hobbits, diferenciados em três povos/raças, que, no entanto, são colocados em pé de igualdade, apresentados tendo costumes um pouco diversificados, sem que houvesse hobbits superiores e inferiores (TOLKIEN, 2010 A, p. 18).

Por outro lado, a obra de Tolkien, na maior parte das vezes, apresenta uma visão de Alteridade etnocêntrica, em que certos povos são descritos como superiores aos outros, tendo uma cultura e uma civilização mais avançada, bem como sendo racialmente melhores. Isso ocorre, em um primeiro momento, com os Valars, que logo que são diferenciados, são mostrados divididos entre os mais e menos poderosos, bem como entre os que estão a serviço de Eru Ilúvatar e os que estão do lado de Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25). Essas divisões ocorrem de uma forma valorativa, a

partir de um narrador que possui um ponto de vista, o dos Valars que estão ao lado de Eru Ilúvatar.

Logo que a narrativa sobre os Valars começa a se desenvolver, o texto apresenta a ideia de que alguns são mais poderosos, enquanto outros são menos. Os primeiros são chamados de Valars e os demais são denominados Maiars. Nesse caso, a diferenciação se mostra como valorativa, pois um grupo é colocado como superior ao outro (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

O mesmo sucede com os Valars e seus seguidores, em detrimento de Melkor e dos espíritos que decidem acompanhá-lo (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25). A narrativa é produzida sob o ponto de vista dos primeiros, configurando os segundos como errados, dando então uma identidade de fiéis aos primeiros.

Essa mesma situação continua em relação aos elfos e aos homens na Terra Média, quando o enredo apresenta os noldors em seu exílio, depois de terem fugido da Terra de Aman. Esse é um momento em que se apresenta uma dicotomia dentro da obra, com dois grupos em guerra (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 205), em meio a diversas sociedades com graus diferentes, conforme o ponto de vista adotado pelo narrador, sendo esse olhar favorável a alguns povos e avesso a outros.

Em relação aos elfos, o enredo é todo apresentado sob o ponto de vista dos elfos noldors exilados, principalmente do rei Turgon e de alguns outros, mas mantendo Fëanor e seus filhos como indivíduos errados e tirando o foco narrativo deles. Além dos noldors, adota-se também o ponto de vista dos demais elfos que combatem Morghot, como é o caso do rei Thingol e de seus súditos (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 205).

Em relação aos homens, a narrativa se faz sob o ponto de vista dos homens das três casas dos amigos dos elfos, em detrimento dos orientais e dos orcs, apresentando esses homens, assim como os seus descendentes, como superiores aos demais (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 241).

Essa perspectiva de diferenciação e de valoração, em que o narrador adota um ponto de vista, pode ser entendida como uma visão etnocêntrica na obra de Tolkien, em que certos povos são descritos como superiores aos demais.

3.2 O Oriente e o Ocidente na obra de Tolkien

3.2.1 Eurocentrismo na obra de Tolkien

Por um lado, se há uma relação de Alteridade e de Etnocentrismo na obra de Tolkien, a partir de povos que são apresentados como bons e que estão sob o mesmo ponto de vista do narrador, essa situação pode ser entendida como indo além de uma perspectiva etnocêntrica, uma vez que o Etnocentrismo de Tolkien estaria arraigado em uma visão específica de Identidade e de Alteridade valorativa.

Dentro do enredo, os povos apresentados com características positivas são aqueles que estão a Oeste do mundo, tanto na terra de Aman, quanto na parte Oeste da Terra Média. Essas populações são aquelas que estão sob o mesmo ponto de vista do narrador e são descritos, como já se viu no capítulo 2, com determinadas características físicas e étnicas que Tolkien relaciona com o passado mítico da Europa Ocidental.

Dessa forma, os povos apreciados por Tolkien seriam os antepassados dos europeus, o que dota o texto de uma perspectiva etnocêntrica, ou antes, eurocêntrica, que eleva os povos europeus acima dos demais povos (BARBOSA, 2008, p. 2. DUSSEL, 2005, p. 24 – 31. QUIJANO, 2005, p. 107 – 126).

O pensamento eurocêntrico, diferentemente do etnocentrismo de outras sociedades, pode ser entendido como uma forma de pensar embasada sobre um discurso coeso, com diversos objetivos, produzido por uma intelectualidade que professava a superioridade da Europa e do Ocidente, em detrimento dos demais povos, e para isso, estabeleceu uma série de argumentos, muitos dos quais para justificar a subjugação de outros povos. Assim, o Eurocentrismo não seria somente uma visão de identidade em torno da diferenciação com o Outro, mas um constructo discursivo muito específico, alicerçado pela intelectualidade europeia, em torno de uma finalidade de se afirmarem como superiores aos demais povos do mundo, construindo a Europa como o centro e como os atores principais da história (BARBOSA, 2008, p. 2 – 9. QUIJANO, 2005, p. 107 – 126).

Ao defender a obra de Tolkien como uma defesa da civilização ocidental, Jonh West acaba por enfatizar o caráter eurocêntrico da obra, ao argumentar que Tolkien produz um processo de valorização da cultura ocidental europeia, em detrimento a

outras culturas, apresentando-a como superior e, ao mesmo tempo, defendendo-a, frente a outros modelos (WEST, 2001, p. 2 – 9).

Myles Balfe apresenta uma perspectiva semelhante, enfatizando que as obras de fantasia moderna, dentre as quais a literatura de Tolkien, tendem a apresentar um estereótipo europeu como protagonista, em detrimento a povos não europeus (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

Já Margaret Sinex enfatiza essa característica e ainda afirma que muitas das representações dos povos ocidentais e dos demais povos na obra de Tolkien teriam uma influência da literatura medieval, com os mesmos padrões depreciativos para a cultura não europeia e positivos para a construção de um estereótipo europeu (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

A despeito de sua argumentação enfática sobre o caráter multicultural na obra de Tolkien, Louise Liebherr admite um caráter eurocêntrico em alguns momentos do enredo, embora defenda que o final da trama termine com o rompimento dessa situação, uma vez que se teria estabelecido a paz e o comércio amistoso entre Gondor e os orientais (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, como já se discutiu, esse estabelecimento da paz pode ser interpretado de outra forma, inclusive, como uma perspectiva eurocêntrica, já que a paz é estabelecida frente a submissão dos orientais aos ocidentais.

Dessa forma, a análise de Liebherr a esse respeito só pode ser corroborada em parte, uma vez, que é possível compreender a ideia do eurocentrismo em todo o enredo e não somente em parte dele.

Ao escolher o ponto de vista dos povos apresentados como antepassados dos europeus, em sua mitologia, e inferiorizar os outros povos, a narrativa literária de Tolkien corrobora uma visão eurocêntrica de mundo, que sob muitos aspectos, era bastante disseminada em meio à intelectualidade europeia. Contudo, essa ficção, além de possuir uma visão eurocêntrica, iria além, produzindo uma supervalorização do Ocidente e uma desvalorização específica do Oriente, não só colocando a cultura europeia e ocidental como mais avançada, central e como única agente histórica, mas construindo e reproduzindo uma série de depreciações sobre as culturas do Oriente.

3.2.2 O Orientalismo na obra de Tolkien

A essa visão depreciativa sobre o Oriente, contida na obra de Tolkien, se dá o nome de Orientalismo. Quem propõe o termo Orientalismo, referindo-se às formas depreciativas produzidas pela cultura erudita europeia é Edward Said, em seu livro: “Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente”. Said defende que a cultura ocidental, sobretudo a partir do século XIX, mas baseando-se em uma longa tradição de pensamento, teria se auto-afirmado como superior e construído discursivamente o Oriente como inferior (SAID, 2007, p. 27 – 60). O pensamento orientalista, defendido por Said, teria passado por uma série de processos, para culminar em uma projeção sistemática do mundo europeu como algo coeso culturalmente, em meio às diversidades nacionais, cujo conjunto teria sido denominado como Ocidente, tendo como seu contraponto, o Oriente. Assim, para Said, a cultura ocidental teria se concebido discursivamente através da constituição de um oposto, o Oriente (SAID, 2007, p. 27 – 60).

O termo Orientalismo, antes das reflexões de Said, era utilizado somente para definir os estudos e as disciplinas específicas sobre o Oriente. Assim, o século XIX foi marcado por expedições e colonizações por parte das potências europeias ao redor do mundo. Esse contato prolongado produziu a necessidade de inúmeras pesquisas sobre o Oriente, com objetivos os mais diversos. Havia o estudo de línguas, como o hebraico, o sumério, bem como as escavações arqueológicas que buscavam encontrar cidades perdidas, descritas na bíblia. Ao conjunto dessas investigações se dava o nome de Orientalismo (SAID, 2007, p. 61 – 84).

Said, no entanto, propôs que o Orientalismo, enquanto um conjunto de disciplinas, não fazia somente um estudo do Oriente, mas também uma interpretação e mesmo inventava o Oriente, sendo que essas pesquisas eram realizadas através da autoridade dos acadêmicos, que proferiam sentenças sobre o Oriente e sobre os orientais. Assim, falava-se de uma mentalidade oriental, de uma raça ou de raças orientais, de um modo de pensar e de agir dos orientais, sem distinguir diferenças individuais e culturais (SAID, 2007, p. 61 – 84).

O estudo do Oriente, em suas diversas disciplinas, seria então um exercício de poder e domínio, produzido pela intelectualidade europeia sobre as áreas coloniais, não só para compreender os povos a serem subjugados, mas também para estigmatizá-los e

para produzir um discurso que justificasse a posse e a tornasse eficiente em todos os aspectos possíveis. Dessa forma, essas pesquisas não levariam em conta o oriental em si, em suas diversidades, mas sim, estariam baseadas no que os ocidentais entendiam e supunham sobre os orientais, a partir de seus pontos de vista, sem que os ditos orientais tivessem voz para falar sobre eles mesmos (SAID, 2007, p. 164 – 177). Esses estudos sobre o Oriente produziram uma ideia fixa sobre esse local, um Oriente imaginário, sendo o oposto e o rival civilizacional do Ocidente. (SAID, 2007, p. 27 – 163).

Dessa forma, o pensamento europeu teria construído duas grandes realidades antagônicas, dois modelos de mundos rivais, o Ocidente e o Oriente, adversários e opostos. O primeiro sendo o mundo civilizado e o mais avançado, o segundo sendo o mundo do exótico, da barbárie e do atraso (SAID, 2007, p. 85 – 113).

A projeção de dois mundos antagônicos, por sua vez, não seria algo criado deliberadamente pelo pensamento europeu, mas sim, seria um processo de longa duração, em que determinados passados foram selecionados para atuarem como origem da Europa ocidental, enquanto outras influências foram sendo apagadas. Dessa forma, o Ocidente, enquanto ideia, teria sido construído ao longo do tempo como descendente de uma cultura greco-romana-germânica-cristã, enquanto buscou-se extinguir as influências das culturas americanas, africanas e asiáticas no desenvolvimento cultural da Europa ocidental (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Tanto o Ocidente como o Oriente, portanto, seriam duas grandes invenções do pensamento europeu, com base em distinções já existentes, também construídas em outros momentos, como entre gregos e persas, império romano do Ocidente e do Oriente e cristãos e muçulmanos (SAID, 2007, p. 27 – 60).

A construção de um Ocidente e de um Oriente pelo pensamento europeu, não seria, no entanto, apenas uma distinção produzida em torno de uma relação de Alteridade, mas sim, como um pensamento etnocêntrico, em que o Ocidente foi sendo produzido como superior e o Oriente como inferior. Essa forma etnocêntrica específica, denominada por Said como Orientalismo, não estaria somente suposta em estudos eruditos, mas também estaria disseminada em expressões culturais populares, como em jornais, propagandas políticas, literatura popular e outras tantas representações culturais das sociedades ocidentais e ocidentalizadas (SAID, 2007, p. 210 – 231).

A proposta de Edward Said sobre o Orientalismo passou por inúmeras revisões desde o momento em que foi lançada, nos fins da década de 1970. Os estudos mais

atuais sobre os conflitos entre o Ocidente e o Oriente islâmico se baseiam, em grande parte, na obra de Said, embora tenham buscado revisar os seus escritos, mostrando que nem toda a cultura ocidental inferiorizava o Oriente e que havia movimentos que até mesmo valorizavam as culturas tidas como orientais (MACEDO, 2006, p. 2 – 6).

Contudo, tais ressalvas não retiram a validade do estudo de Said e de sua tese de que majoritariamente a cultura ocidental produziu representações estigmatizadas e inferiorizantes sobre os orientais ao mesmo em que positivava o Ocidente. Esta premissa saidiana será adotada, neste capítulo, para discutir a obra de Tolkien.

3.2.2.1 O Ocidente como luz e o Oriente como trevas no início do enredo

Na obra de Tolkien, o Ocidente, o Oeste, é concebido como um local de luz, como uma região habitada por indivíduos superiores. Em vários momentos essa ideia pode ser observada. O primeiro momento é quando os Valars estabelecem a sua morada na Terra de Aman, o local mais a Oeste do mundo. A partir de então, o Oeste passa a ser apresentado como um valor (TOLKIEN, 2009 A, p. 20 -25).

Valinor, na terra de Aman, aparece como a terra da luz, uma ideia que se remete tanto à luminosidade proveniente das árvores plantadas no local, ou seja, à uma luz real em meio à escuridão do mundo, como a luz do conhecimento da qual os Valars eram portadores, sendo eles seres angelicais, inspirados por Eru Ilúvatar. Essa ideia do Oeste como a terra iluminada e o restante do mundo como as trevas, sobretudo em uma realidade em que o mundo é apresentado como reto, produz o Leste, o Oriente, como a terra da escuridão, oposta à luz de Valinor²⁵⁵.

A terra de Aman é mostrada então em amplo desenvolvimento, sob a luz das duas árvores e sob a benção de Eru Ilúvatar, com o trabalho constante dos Valars e dos elfos que foram para Valinor, ao passo que no Leste, a Terra Média permanece na escuridão. As trevas da Terra Média é uma perspectiva tanto no sentido literal, pela falta de luminosidade, como também intelectual, por ser um local em que as populações estariam, de forma geral, menos desenvolvidas em relação aos elfos que se encontravam no Oeste²⁵⁶.

²⁵⁵ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 1.

²⁵⁶ Ver: Capítulo 1 dessa pesquisa.

Enquanto o Oeste é a terra da luz, o Leste é a terra das trevas, logo, o Oeste é apresentado como estando sob a influência dos Valars e o Leste, sob a influência de Melkor/Morghot, a figura de Lúcifer dentro do enredo, o anjo caído. Dessa forma, quanto mais a Leste, mais cresce a ideia de escuridão e ignorância; quanto mais ao Oeste, maior a perspectiva de luz e conhecimento.

Os elfos, por exemplo, chegam mesmo a ser divididos entre aqueles que viram a luz do Oeste, chamados de elfos-da-luz, e aqueles que não viram, permanecendo sempre no Leste, denominados como elfos-das-trevas.

Foram esses os três clãs de eldalië, que, tendo passado para o extremo oeste na época das Árvores, são chamados de calaquendi, elfos-da-luz. Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média, e esses eram em sua maioria do clã dos teleri, como será relatado a partir daqui. Eles moravam à beira-mar, ou perambulavam pelos bosques e montanhas do mundo, mas seus corações estavam sempre voltados para o oeste. A esses elfos os calaquendi chamam de úmanyar, já que nunca chegaram à terra de Aman e ao Reino Abençoado; mas também os úmanyar e os avari eles chamam de moriquendi, elfos-das-trevas, pois jamais contemplaram a Luz que existia antes do Sol e da Lua. (TOLKIEN, 2009 A, p. 34).

Além da terra de Valinor, descrita como um lugar iluminado, o Oeste da Terra Média é também retratado como um lugar de luz, de sabedoria e bondade, por ser habitado pelos elfos, mesmo antes do momento em que os noldors fogem para essa região, em seu exílio. É o caso do reino de Thingol, apresentado no Oeste da Terra Média como um lugar de sabedoria, em que os elfos produziram um belo reino, sob a proteção da Maiar Melian (TOLKIEN, 2009 A, p. 35 – 36). Thingol, no entanto, é um dos elfos que viram a luz do Oeste, o que também justifica a prosperidade crescente desse reino²⁵⁷.

Nesse relato sobre o reino de Thingol, o Oeste da Terra Média aparece também como um lugar de luz, em detrimento da escuridão total apresentada em relação ao restante da Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 35 – 36). O mesmo ocorre com o povo liderado pelo elfo Cirdan, na costa Oeste da Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 37 – 38; 64 – 69).

Winegar (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9) e Liebherr (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165), por sua vez, defendem uma perspectiva diferente, pois enfatizam que as cores

²⁵⁷ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 2.

negra e branca não são apresentadas como essencialmente ligadas a um dos lados da contenda na Guerra do Anel ou mesmo, em todo o enredo. Ambos salientam que personagens do lado bom, como Aragorn, usam roupas negras, enquanto alguns personagens maus, como Saruman, usam roupas brancas. Contudo, essa discussão só pode ser entendida como tendo validade para as cores das roupas, pois como já se discutiu, as cores de pele apresentam um padrão diferente no enredo. Além disso, a ideia da luz e da escuridão também apresentam outras características, como se viu acima.

Sanni Hakkarainen, por sua vez, corrobora a ideia de luz e sombras na obra de Tolkien, tal como apresentado nessa pesquisa. Hakkarainen defende que a escuridão está essencialmente no Leste, enquanto a luz, tanto literal, como da esperança, é apresentada no Oeste, e que esse padrão não muda durante a trama. Essa perspectiva apresentada por Hakkarainen, como se viu, pode ser corroborada quando se leva em conta a luz que vem de Valinor, sendo ela a luminosidade apresentada como o bem (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

3.2.2.2 O Ocidente e o Oriente no exílio dos elfos noldors

O antagonismo entre Oeste e Leste é forte em “O Silmarillion” e isso continua mesmo quando o foco da narração deixa de ser a terra de Valinor e passa para o Oeste da Terra Média. Isso ocorre porque um grupo grande de elfos noldors, que antes viviam em Aman, protegidos pelos Valars, vão viver na Terra Média, em exílio (TOLKIEN, 2009 A, p. 76 – 104).

Esse é um momento em que ocorre uma mudança estrutural dentro da narrativa, pois as duas árvores que iluminavam Valinor são destruídas pela ação de Melkor/Morghot e, com o que restou delas, os Valars fizeram o sol e a lua, colocados no firmamento para iluminar toda a terra. Dessa forma, todo o mundo passou a ser iluminado, não somente o extremo Oeste. Contudo, a luz que ilumina todo o mundo é apresentada como um presente, uma dádiva oferecida pelo Oeste para iluminar todas as terras e para frustrar os planos de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 70 – 74).

Embora nessa fase da narrativa todo o mundo passe a ser apresentado como igualmente iluminado pelo sol e pela lua, a luminosidade ainda continua a provir do Oeste, terra abençoada pelos Valars. A luz de Valinor permanece entendida como a luz

original e verdadeira, enquanto a claridade do sol e da lua seriam meras cópias, muito aquém da beleza e da majestade das luzes originais (TOLKIEN, 2009 A, p. 70 – 74).

Além disso, o Oeste continua a ser o local de sabedoria e onde se encontra a luz do conhecimento, em detrimento do restante da Terra Média, notadamente o Leste e o extremo Norte. Isso ocorre pelo fato de os elfos noldors, exilados de Valinor, terem se estabelecido nas partes mais a Oeste da Terra Média, expandindo-se até à região central do continente, sem avançarem muito para o Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 76 – 104).

Essa situação da chegada dos noldors leva grande progresso ao Oeste da Terra Média, de forma que esses indivíduos, vindos do extremo Oeste, da Terra dos Imortais, onde conviviam e aprendiam com os Valars, criam uma sociedade avançada, enquanto o Leste se mantém como um lugar de trevas. (TOLKIEN, 2009 A, p. 76 – 104).

Em seguida, essa ideia é reforçada quando os homens das três casas dos amigos dos elfos surgem. Esses homens, que logo encontram os elfos e são acolhidos por eles, estavam fugindo do Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). A fala do personagem Bëor, o primeiro líder desses homens a conversar com um dos elfos, evidencia isso, pois diz que ele e seu povo estavam fugindo das trevas do Leste, em busca da luz do Oeste.

- Atrás de nós, ficam as trevas – dizia Bëor – e nós lhes demos as costas. Não desejamos voltar para lá, nem mesmo em pensamento. Nossos corações estão voltados para o oeste, e acreditamos que encontraremos a Luz. (TOLKIEN, 2009 A, p. 105).

O mesmo personagem Bëor afirmava que há outros tantos homens que trilhavam o mesmo caminho, fugindo das trevas e do terror que havia no Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 106).

Esse trecho apresenta a terra do Leste não somente como uma terra de trevas, no sentido de não estar sob a égide do conhecimento oferecido pelos Valars, mas também como um local de terror. Isso é explicado no enredo pela influência de Morghot, que chegou antes ao local, mandando para lá diversos de seus espíritos cruéis para corromper os homens para o seu lado (TOLKIEN, 2009 A, p. 75 – 76).

Assim, o Leste seria um local de tirania, em que o mal havia se estabelecido, sem que houvesse ali a instalação do bem, como no Oeste. Ao mesmo tempo, muitos homens são corrompidos com essa investida de Morghot. Os que não se corromperam foram exatamente aqueles que fugiram para o Oeste, como é o caso do povo liderado pelo personagem Bëor (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112).

Os homens, por sua vez, a partir desse ponto, são diferenciados entre os do Oeste e os do Leste; os primeiros são os pertencentes às três casas dos amigos dos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112), e os segundos, são os chamados de Orientais (TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119). Os homens do Oeste se aliam aos elfos e se tornam signatários dos saberes que os elfos aprenderam com os Valars no extremo Oeste, enquanto os Orientais são maus, traiçoeiros, estão a serviço de Morghot e têm hábitos grosseiros e cruéis, dentre os quais a escravidão²⁵⁸. Assim, os povos do Oeste e do Leste estão imersos em uma realidade dualista, em que cada povo está vinculado a um modelo de sociedade.

Os indivíduos do Oeste se apresentam como signatários da cultura proposta pelos Valars, a da liberdade, a da luz do conhecimento e da beleza. Os homens do Leste são aqueles que servem a Morghot e que não passam de seus servos, estando vinculados a um modelo de sociedade que se utiliza da escravidão e que vive sob a égide de um ser tirano que pensa somente em si, sendo eles escravos do medo que sentem por esse ser e, ao mesmo tempo, gananciosos, esperando algum tipo de compensação por essa servidão²⁵⁹.

Os dois modelos apresentados nessa fase do enredo (em que os noldors estão na Terra Média lutando contra Morghot) contêm diversas ideias descritas por Said como características do pensamento orientalista, disseminado na sociedade europeia entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX: um Ocidente como lugar de luz, tanto no que se refere à luz do progresso e do conhecimento, como também à da benção de Deus, oposto a um Oriente atrasado, com povos cruéis, bárbaros e liderados por tiranos e sob a égide do diabo (SAID, 2007, p. 27 – 60). Assim, a obra de Tolkien apresenta os estereótipos de Ocidente e Oriente descritos por Said como características que alicerçam o pensamento orientalista.

Os atributos de tirania, escravidão e barbárie, atrelados por Tolkien aos povos orientais, coincidem com a perspectiva orientalista professada pela intelectualidade europeia do século XIX e que serviu para estigmatizar o Oriente e justificar a sua colonização (SAID, 2007, p. 27 – 60). Os argumentos do Orientalismo estão presentes na obra de Tolkien e, por eles, o autor elabora seu universo mítico pelo qual, desde a origem do mundo, o Oriente já desponta com características depreciativas.

²⁵⁸ Ver: Capítulo 1 dessa pesquisa.

²⁵⁹ Ver: Capítulo 1 dessa pesquisa.

3.2.2.3 Essência oriental e ocidental na obra de Tolkien

Na fase em que os noldors estão exilados na Terra Média, o enredo apresenta a ideia de uma essência diversificada para os povos do Oeste e do Leste da Terra Média, principalmente para os homens. O Oeste, como já se viu, é descrito como um lugar de luz, de sabedoria, de avanços e de qualidades e progresso. Os mesmos povos apresentados com inúmeros talentos, com genialidade, com alto grau de progresso e de organização social e com hábitos polidos, analisados no capítulo 1 desse trabalho, são aqueles que habitam o Oeste da Terra Média. São eles também os povos de pele clara, propostos como sendo de raças/espécies e raças/subespécies superiores, como se evidenciou no capítulo 2.

Em contrapartida, os povos apresentados sem talentos, sem genialidade, com baixo grau de progresso e de organização social e com hábitos rudes, analisados no capítulo 1, são aqueles que habitam o Leste da Terra Média. São eles também os povos de pele escura, associados a raças/espécies e raças/subespécies inferiores, como se evidenciou no capítulo 2.

Essa dicotomia reforça a ideia de uma essência, que vai sendo construída no decorrer do relato, de forma que os povos que seguem a tradição dos Valars e que estão no Oeste caracterizam-se por ser essencialmente cheios de virtudes, em contínuo progresso, ainda que erros possam ser cometidos e que indivíduos possam ser pervertidos. O outro lado, o de Melkor Morghot, é descrito como fundamentalmente pervertido e maligno, de forma que tudo que está sobre a sua influência tende ao mal e toda a cultura proveniente de seus conhecimentos pervertidos ganha uma essência ruim.

A descrição dos homens da Casa de Hador e de seus conflitos com os orientais exemplifica essa relação, que permanece inalterada pelo restante do enredo, como uma continuidade²⁶⁰.

Essa característica da obra de Tolkien é discutida por Said como um dos atributos mais marcantes do pensamento orientalista, a de conceber os orientais como pertencentes a uma essência, que norteia os seus comportamentos, a sua forma de pensar, a sua visão de mundo e, por isso, os impedem de ser iguais aos ocidentais, que teriam uma essência completamente diferente. A essência oriental, defendida pelos

²⁶⁰ Para melhor compreender sobre o conflito entre os homens da Casa de Hador e os orientais, Ver: TOLKIEN, 2009. B, p. 48 – 278.

orientalistas, faria com que esses povos não conseguissem ter um pensamento lógico, voltando-se para o misticismo, em detrimento da razão, característica dos ocidentais, mesmo em sua religião, que teria uma base teológica racional (SAID, 2007, p. 85 – 113).

A obra de Tolkien adota tais atributos quando se refere aos orientais que invadem as terras dos homens da Casa de Hador. Nessa parte do enredo, os orientais aparecem como cruéis e irracionais, contudo, a presença deles ali, de forma relativamente organizada, se daria por ordem de Morghot, que os tinha sob o seu jugo (TOLKIEN, 2009 B, p. 48 – 278).

A narrativa propõe dois modelos de homens a partir desse ponto. Um desses modelos é o do oriental, apresentado como irracional, cruel, escravo e escravizador, com uma sociedade menos organizada e com hábitos rudes, tendo um biótipo apresentado como diferente e inferior, com a pele amarela ou morena, baixa estatura e olhos e cabelos escuros²⁶¹. O outro modelo é o dos homens ocidentais, notadamente os da Casa de Hador, descritos como racionais, benevolentes, amantes da liberdade, com uma sociedade cada vez mais organizada e com hábitos polidos, tendo um biótipo apresentado como superior, com pele branca, grande estatura, cabelos loiros e olhos claros²⁶².

O biótipo também influencia nessa construção da essência na obra de Tolkien, pois os homens com determinadas características físicas, como pele branca, olhos claros e estatura elevada, são apresentados como pertencentes ao Oeste e à tradição vinda dos Valars, estando eles já predispostos a isso, pois naturalmente fugiram das trevas do Leste e da servidão de Morghot, buscando a luz no Oeste²⁶³. O mesmo ocorre com os indivíduos de pele morena e amarelada, descritos como propensos a pertencerem à tradição produzida por Morghot, de barbárie, escravidão e trevas, sendo que ao invés de fugirem do Leste, como fizeram os homens das três casas dos amigos dos elfos, eles se submeteram e foram pervertidos por Morghot²⁶⁴.

Nesses relatos que opõem os homens da casa de Hador e os orientais há uma série de juízos de valor, que partem de ideias preconcebidas sobre cada povo, de forma que as populações são exibidas tendo um comportamento padrão, que já é esperado e

²⁶¹ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 3.

²⁶² Ver: Anexo capítulo 3, trecho 4.

²⁶³ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 5.

²⁶⁴ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 6.

que se cumpre no decorrer do enredo. Assim, os homens das três casas dos amigos dos elfos, e mais notadamente os da Casa de Hador, desde o primeiro momento, são indivíduos organizados, ativos, que aprendem rapidamente a tradição dos elfos e que são aguerridos e leais aos seus mentores²⁶⁵.

Essa pré-concepção de povo se verifica em toda a narrativa e em todos os personagens elencados, sobretudo, naqueles com características heróicas, que mostram então ter essa predisposição de forma mais afluída e, por isso, se tornam tão importantes para o seu povo, sendo líderes e exemplos entre eles. Uma mesma pré-concepção marca os orientais, que desde o primeiro momento, são descritos como maus, primeiramente como corrompidos por Morghot, depois como traidores, e, por fim, como um povo cruel e escravizador. Os líderes dos orientais possuem tais características de forma mais enfática²⁶⁶, assim como os líderes dos homens das três casas dos amigos dos elfos são ainda mais virtuosos que os seus povos.

Said defende que esse tipo de pré-concepções foram usadas para definir orientais e ocidentais durante todo o século XIX e para explicar uma suposta diferença de nível organizacional, sendo que cada povo, segundo a lógica orientalista, teria uma predisposição para determinadas tarefas e atitudes, algo que estaria relacionado com a cultura desse povo, com a mentalidade e, ao mesmo tempo, com a questão racial. Dessa forma, os orientalistas, tanto aqueles profissionais que estudavam o mundo oriental, quanto aqueles que escreviam sobre ele de forma literária, atribuíam aos orientais características estáticas. Um egípcio agiria sempre de uma certa forma, pois sua cultura, a mentalidade de seu povo e a sua raça o faziam agir de tal maneira (SAID, 2007, p. 85 – 113).

As ideias orientalistas, segundo Said, estariam combinadas com as teorias raciais, de forma que o modo de agir e pensar de um povo era entendido como intrinsecamente relacionado às predisposições raciais do indivíduo. Por isso, entendia-se que era impossível ou, pelo menos, bastante difícil, ensinar um pensamento racional a um oriental, pois a sua mente não estaria preparada para isso, tanto culturalmente, devido a sua formação em uma cultura irracional, como geneticamente (SAID, 2007, p. 85 – 113).

²⁶⁵ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 7.

²⁶⁶ Ver: Anexo capítulo 3, trecho 6.

Esses determinismos podem ser encontrados na obra de Tolkien nos trechos sobre ocidentais e orientais, pois os primeiros são descritos como essencialmente inteligentes, dotados de grandes aptidões, que são, por sua vez, desenvolvidas com o aprendizado com os elfos. Em contrapartida, os segundos são descritos como fundamentalmente rudes, bárbaros e tolos, embora possuíssem alguma inteligência, que os permitia fazer o mal, como escravizar.

Jonh West, em seu artigo “The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization”, defende a ideia de um essencialismo ocidental e de sua representação na obra de Tolkien. West argumenta que a obra de Tolkien é uma defesa, ainda que implícita, aos princípios e ao modo de vida ocidental.

Essa essência ocidental, segundo West, se basearia em uma série de ideias entendidas como sendo partes integrantes do pensamento dos ocidentais, como a de que embora possa haver povos essencialmente bons, todos estão em constante risco de serem subjulgados e levados para o mal, e que deve-se manter uma vigilância constante para evitar isso. Ao mesmo tempo, boa parte dessa essência estaria também baseada na ideia de misericórdia para com os inimigos, bem como em manter um certo tipo de padrão de conduta ideal (WEST, 2001, p. 2 – 9).

Esse argumento apresentado por West também corrobora o que foi apresentado nessa pesquisa, pois como já se discutiu, uma série de valores podem ser entendidos como referenciados aos povos ocidentais e orientais em meio ao enredo, cada qual deles com características específicas.

Myles Balfe também defende a ideia da apresentação de um padrão de conduta essencialista nas obras de literatura fantástica e em especial na obra de Tolkien. Dessa forma, Balfe enfatiza que o Ocidente é apresentado como tendo uma série de padrões, enquanto o Oriente possui padrões opostos (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

Margaret Sinex, em seu artigo ““Monsterized Saracens,” Tolkien’s Haradrim, and Other Medieval “Fantasy Products””, também defende a ideia de uma essência ocidental e outra oriental em meio ao enredo de Tolkien e enfatiza as diversas influências da literatura e das representações medievais dos sarracenos na construção de tais elementos na obra (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

Alexander Fahlén apresenta uma perspectiva semelhante, enfatizando que os orcs, por exemplo, são essencialmente maus, enquanto os ocidentais são essencialmente bons, embora possam ser corrompidos (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Na mesma linha de raciocínio seguem as reflexões de Fredy Widya Pratama (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7) e Sanni Hakkarainen (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82), que enfatizam a diferenciação sistemática produzida no enredo de Tolkien entre ocidentais e orientais, como povos completamente distintos, cada qual com um modo de agir oposto, de forma a haver dentro da trama uma essência ocidental e oriental.

Quem distoa desse raciocínio é Louise Liebherr, que ao defender uma postura multicultural para a obra de Tolkien, argumenta que o autor talvez retrate o racismo e o Orientalismo em sua obra, mas que no fim do enredo supera essa visão de mundo, a medida que a paz, o comércio e a harmonia se reestabelecem entre os povos da Terra-Média, com o fim da Guerra do Anel (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, essa interpretação, como já se discutiu, pode ser rechaçada, pois a paz é estabelecida somente de forma unilateral, os orcs continuam como inimigos irreconciliáveis e mesmo os orientais são mantidos a distância e ainda combatidos, quando não aceitam colaborar.

Dessa forma, pode-se corroborar a perspectiva apresentada nessa pesquisa e corroborada pelas discussões levantadas por Jonh West, Myles Balfe, Margaret Sinex, Alexander Fahlén, Fredy Widya Pratama e Sanni Hakkarainen, referente a um caráter essencialista na obra de Tolkien, que atribui uma essência boa aos povos ocidentais e más aos orientais.

3.2.2.4 O mito de Númenor Atalantë (Atlântida) como origem da cultura ocidental avançada na obra de Tolkien

Em meio ao enredo, Tolkien busca conciliar inúmeras vertentes de pensamento que são de seu agrado. Ao mesmo tempo que sua narrativa, que tem um narrador que o faz sob um determinado ponto de vista, apresenta ideias valorativas sobre Ocidente e Oriente, o autor busca reproduzir aquilo que seria a cultura ocidental em suas origens, dando a essa, considerada superior, uma concepção ao mesmo tempo divina, racional e que mescla os elementos das culturas mitológicas pagãs da Europa e a cultura cristã. Dessa forma, o autor transforma os deuses das mitologias pagãs em anjos mandados por Deus para governar o mundo, sendo que esses deuses-anjos lutam contra a figura do deus-anjo caído, chamado de Melkor/Morghot.

A teoria, caso seja possível dignificar os modos da história com semelhante termo, é que ele era um espírito, um espírito menor, **mas ainda um espírito “angelical”**. De acordo com a mitologia dessas coisas isso significa que, embora obviamente uma criatura, ele pertencia à raça de seres inteligentes que foram criados antes do mundo físico e que receberam permissão para auxiliar com suas capacidades na criação dele. ... Foi-lhes permitido que assim fizessem, e os maiores dentre eles tornaram-se os **equivalentes dos “deuses” de mitologias tradicionais**; porém, a condição foi de que permaneceriam “nela” até que a História estivesse terminada. Estavam, portanto, no mundo, mas não de um tipo cuja natureza essencial é estar encarnado fisicamente. Ficavam auto-encarnados, caso desejassem; mas suas formas encarnadas eram mais análogas às nossas roupas do que aos nossos corpos, exceto que elas eram mais do que são as roupas a expressão de nossos desejos, temperamentos, vontades e funções. (TOLKIEN, 2009 C, p. 432. Carta 200). Grifos meus.

A origem dos homens, na narrativa, inicia-se com a expulsão do paraíso bíblico, de forma que a perspectiva de Adão e Eva e dos relatos bíblicos é assumida pelo relato ficcional. A figura do diabo, que tenta os homens, reproduz-se em Melkor, que fez inúmeros trabalhos para corromper a humanidade (TOLKIEN, 2009 C, p. 258. Carta 131).

Quando os homens chegam ao Oeste, fugindo das trevas do Leste, eles recebem uma nova chance para se redimirem da expulsão do paraíso e estarem juntos dos ensinamentos dos Valars, através dos elfos, e, por sua vez, para seguirem as vontades de Deus.

Os Homens “caíram” — quaisquer lendas apresentadas na forma de uma suposta história antiga deste nosso mundo real devem aceitar isso — mas os povos do Oeste, o lado bom, são Reformados. Isto é, são os descendentes dos Homens que tentaram arrepender-se e fugiram em direção ao Oeste do domínio do Primeiro Senhor do Escuro e da falsa adoração deste e, pelo contraste com os Elfos, renovaram (e ampliaram) seu conhecimento da verdade e da natureza do Mundo. (TOLKIEN, 2009 C, p. 340 Carta 156).

O valor dos homens do Oeste atesta-se no fato de, após a queda do paraíso, não terem se corrompido novamente, mas sim, fugido para o Oeste, em busca da luz de Valinor, resistindo às seduções da figura diabólica de Melkor/Morghot (TOLKIEN, 2009 C, p. 258. Carta 131). Nesse sentido, o enredo busca criar uma coesão para o Ocidente, produzida a partir da mistura harmoniosa entre a cultura cristã e pagã, que, na concepção de Tolkien, seriam partes de uma mesma cultura, posteriormente afastadas pelas gerações vindouras.

Assim, em sua mitologia, Tolkien produz um Oeste formado pela cultura cristã, com o mito do paraíso, dos anjos, de Deus criador do universo e também com a figura do anjo caído, o diabo. Ao mesmo tempo, ele mescla tais elementos aos das mitologias politeístas europeias, fazendo com que os seres angelicais fossem entendidos como deuses e que se assemelhavam às divindades de diversos panteões pré-cristãos.

O Ocidente que Tolkien inventou para ser o passado mítico da Europa ocidental é construído como uma realidade coesa em que a cultura pagã e cristã europeia possuem grande valor e são partes de uma tradição do bem. Dessa forma, ocorre um processo de cristianização da cultura pagã. Ao Oriente e aos orientais cabem então a alcunha de terem sucumbido à figura diabólica de Melkor/Morghot, ficando então condenados à barbárie, à escravidão e ao subdesenvolvimento (TOLKIEN, 2009 A, p. 202), até que fossem iluminados pelas luzes dos Valars.

Em meio a esse mito sobre o Ocidente como uma terra habitada pelos homens fiéis a Deus e guiados pela tradição dos anjos e dos primeiros aprendizes, os elfos, o mito de Atlântida é também apresentado como parte dessa construção de uma cultura ocidental superior. Dessa forma, os homens ocidentais, das três casas dos amigos dos elfos, principalmente os pertencentes à Casa de Hador, prestam grandes serviços aos Valars na guerra contra Morghot, por isso, ganham como presente uma morada separada, para poderem viver, se desenvolver, distantes do mal da Terra Média, deixado por Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205).

Essa terra é chamada de Númenor, a terra da dádiva, termo que significa Ocidente nas línguas produzidas por Tolkien (TOLKIEN, 2009 C, p. 599. Carta 276). O local foi erguido pelos Valars de dentro das profundezas do mar, a Oeste da Terra Média, bastante próximo à própria Terra dos Valars, em Valinor, e dos elfos, em Eressëa (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205).

E chamaram essa terra de Elenna, que significa Na Direção da Estrela; mas também Anadûnê, que significa Ponente, Númenorë no idioma alto-eldarin. (TOLKIEN, 2009 A, p. 203).

Númenor, também chamada de Atalantë, é descrita como uma terra especial, para onde foram os homens que serviram aos Valars e se desenvolveram de forma brilhante, muito acima da média dos demais humanos, tornando-se reis entre os homens,

superiores civilizacional, racial e culturalmente a todos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205). Esses indivíduos, por sua vez, são chamados de homens do Ponente e fundam toda a tradição do Oeste da Terra Média, uma tradição superior à das demais partes, pautada em preceitos como a liberdade, com leis e alta organização (TOLKIEN, 2009 A, p. 219 – 221; 226 – 233), o que destoava dos povos do Leste, que tinham um modelo bárbaro de organização (TOLKIEN, 2009 A, p. 223; 226; 228).

Dessa forma, nesse momento da narrativa, há uma dicotomia entre Númenor, no Oeste, apresentada como a terra dos homens superiores, protegidos pelos seres angelicais, iluminados pelo conhecimento divino, e a Terra Média no Leste, estando nas trevas de Morghot e de Sauron, em meio ao caos, sem a proteção dos Valars. Númenor, no Oeste, é a terra do progresso, dos homens racialmente superiores, da cultura e dos hábitos refinados, enquanto a Terra Média é o local da barbárie, do atraso e dos hábitos e da cultura rude, habitada pelos homens orientais, inferiores racialmente, e pelos homens que não foram para Númenor. Essa terra superior produzida por Tolkien é denominada por ele como Númenor-Atalantë em suas cartas, sendo que ele explica tratar-se da Atlântida, o continente perdido descrito e debatido desde a Antiguidade (TOLKIEN, 2009 C, p. 576 – 577. Carta 257).

Da mesma forma que Tolkien buscou mesclar o cristianismo com o paganismo, a fim de produzir um passado mítico para a Europa central, em que as tradições pagãs que ele tanto admirava pudessem ser entendidas como legítimas em sua visão de mundo de católico praticante, o mesmo foi feito em relação ao mito de Atlântida, apresentado na obra como parte da construção dos primórdios da civilização ocidental e de sua superioridade.

O mito de Atlântida tem a sua origem nos escritos do filósofo grego Platão (427/428 – 347/348), que expõe ter, em suas viagens ao Egito, ouvido de um monge uma história sobre uma ilha que fora engolida pelas águas, 9000 anos antes. O relato fala de um local altamente desenvolvido, com grandes riquezas e com uma população muito avançada tecnicamente. A partir desse relato, muitas reinterpretações foram produzidas sobre Atlântida, que se tornou, na cultura ocidental, uma espécie de mito fundador, em torno da ideia de uma civilização altamente sofisticada que, apesar de destruída, teria legado ao Ocidente a sua cultura, com grandes avanços, produzindo o

Ocidente então como um lugar muito mais avançado, por ser herdeiro dessa civilização²⁶⁷.

Tolkien relata, em uma de suas cartas, que sempre foi fascinado pelo mito de Atlântida, entendido por ele como um passado da civilização, algo ainda a ser desvendado. Ele descreve mesmo que em determinados momentos de sua vida sonhava com uma grande onda, como se fosse uma visão do que acontecera aos ancestrais dos homens e que isso seria algo corriqueiro, uma sensação comum em meio às pessoas no Ocidente²⁶⁸.

A partir desse seu fascínio pela história de Atlântida e por mesmo entendê-la como tendo um fundo de verdade, sendo ela uma origem da civilização ocidental, Tolkien a produz em sua obra literária, dando para Atlântida uma versão que se mesclava tanto ao cristianismo quanto aos mitos pagãos europeus do norte. Dessa forma, ele buscou combinar a sua crença no cristianismo com os trechos dos relatos sobre Atlântida e sobre a mitologia nórdica que poderiam ser compatíveis com uma visão cristã do universo, algo que para ele era essencial.

O mito de Atlântida tinha uma de suas características em dar à população da ilha uma origem divina. A mais comum delas falava dos reis daquele local como sendo descendentes do deus grego Poseidon, de forma que os atlantes teriam sangue divino, sendo misturados aos deuses²⁶⁹.

A partir dessa lenda, Tolkien recria o seu próprio mito de Atlântida, condizente com as suas crenças e princípios de que o mundo tinha a sua origem no que era pregado pela tradição cristã. Dessa forma, ele também deu uma procedência divina e superior aos homens de sua Atlântida, porém, condizente com a sua visão cristã de mundo, em que os povos dali eram oriundos de uma mistura de sangue élfico e dos Valars, através do sangue de uma Maiar (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 205).

A Atlântida de Tolkien originou-se de uma mescla da cultura pagã e do cristianismo, sendo que a origem divina ganhou uma perspectiva angelical e Atlântida

²⁶⁷ Sobre o mito de Atlântida, ver: MAGALHÃES, 2014 e NUÑEZ, 2009.

²⁶⁸ Para observar os trechos de cartas em que Tolkien fala de Atlântida e de como ele produziu uma Atlântida em sua obra literária, ver: Anexo capítulo 3, trecho 8.

²⁶⁹ Na Carta 257, (TOLKIEN, 2009 C, p. 576 – 577), Tolkien fala da sua ideia em produzir o mito de Atlântida dentro de sua obra literária e diz mesmo que chegou a escrever uma parte da história em que ele remontaria à descendência de sua Atlântida e de seus povos com origem élfica e divina até à Europa moderna, dando, inclusive, tal descendência à rainha da Inglaterra. Assim, Tolkien emprega o mito de Atlântida em sua versão, cujos atlantes possuíam origem divina, e a recria, em sua própria obra literária com as mesmas características da original, dando, contudo, tal origem divina aos europeus e em especial à monarquia britânica. Sobre o mito de Atlântida, ver: MAGALHÃES, 2014 e NUÑEZ, 2009.

tornou-se a origem da cultura avançada ocidental. De modo semelhante à Atlântida de Platão, localizada depois das colunas de Hércules (estreito de Gilbratar), portanto, a Ocidente da Grécia, a uma distância que não era conhecida (MAGALHÃES, 2014 e NUÑEZ, 2009), a Atlântida de Tolkien também ficava no Oeste, próximo à terra de Aman (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Númenor-Atalantë, a Atlântida de Tolkien, é apresentada, no entanto, em torno de seu oposto, a Terra Média, a Leste, que naquele momento estava imersa na barbárie, com a sua população humana em decadência graças aos males causados pela figura diabólica de Melkor/Morghot.

Na Grande Batalha, quando afinal Morgoth foi derrotado, e as Thangorodrim, destruídas, somente os edain das linhagens dos homens lutaram pelos Valar, enquanto muitos outros combateram ao lado de Morgoth. E, depois da vitória dos Senhores do Oeste, aqueles dos homens perversos que não foram destruídos fugiram de volta para o leste, onde muitos de sua espécie ainda perambulavam nas terras incultas, ariscos e sem lei, rejeitando ao mesmo tempo as convocações dos Valar e de Morgoth. E os homens maus vieram para o meio deles e lançaram sobre eles um manto de medo. E eles os aceitaram como reis. (TOLKIEN, 2009 A, p. 202).

Assim como a obra de Tolkien apresenta uma gradação entre sociedades com graus de desenvolvimento diferente, sendo esses graus vinculados a raças diferentes, como se discutiu no capítulo 1 e 2, isso ocorre também em relação ao Leste e ao Oeste, de forma que quanto mais ao Oeste, mais evoluída é a sociedade. Essa gradação ocorre no enredo a partir do extremo Oeste, a terra dos Valars, descrita como o lugar mais evoluído, com a sociedade mais avançada de todas (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Depois dos Valars, os mais desenvolvidos são os elfos, que foram levados para a terra de Aman, seguido dos elfos que não foram, mas que tiveram contato com os Valars e aprenderam um pouco com eles (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 76). Em seguida vêm os homens das três casas dos amigos dos elfos, que vivem no Oeste e que depois vão para Númenor (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112; 201 – 205). Por último, vem os homens do Leste e os orcs e demais criaturas, todos distantes dos ensinamentos dos Valars e mais a Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 201 – 205).

As mesmas gradações encontradas nas sociedades descritas na obra de Tolkien também se referem ao Leste e ao Oeste. Os povos do Oeste são construídos como superiores, virtuosos e belos e a narrativa é produzida sob o ponto de vista deles,

enquanto o Leste é apresentado como o mal, como cruel, escravista, despótico, sem virtudes e atrasados²⁷⁰.

Essas características de mescla entre a cultura pagã europeia, o mito de Atlântida e o cristianismo, bem como a ideia de povos em graus de desenvolvimento diferentes, tanto com base no desenvolvimento técnico, como também no moral, são ideias que seguem um padrão corriqueiro no período em que Tolkien escreveu. Essa forma de mesclar culturas consideradas superiores e avançadas para falar da origem do Ocidente, segundo Said, seria uma das características mais marcantes do pensamento orientalista, que ao construir o Oriente, o fazia em grande parte para apresentar o que era diferente do Ocidente (SAID, 2007, p. 27 – 61).

Said defende que o pensamento ocidental orientalista se construiu identitariamente em meio a uma mescla de culturas, excluindo características desagradáveis e se apropriando de outras que seriam convenientes. Dessa forma, a intelectualidade do século XIX decidiu por acolher como uma cultura tida como válida e erudita, com valores estéticos e morais positivos, a cultura e as lendas dos povos do norte da Europa, bem como a cultura grega, romana e cristã, rechaçando, no entanto, as influências vindas de locais como o Oriente Médio, inclusive, desvinculando a cultura cristã de sua base judaica e a transformando em uma cultura europeia (SAID, 2007, p. 27 – 61).

Tolkien realiza um processo semelhante de reconciliação das culturas pagãs com o cristianismo, projetando uma ideia de Ocidente cheio de valores e virtudes. Em contrapartida, ele rechaça as culturas vindas do Oriente, apresentando os orientais como bárbaros, inimigos e maus, reforçando o Orientalismo presente nos meios sociais do autor.

3.2.2.5 Avallonë e Valinor como origens do Ocidente

Além de Atlântida, representada na obra de Tolkien como uma das principais origens de uma civilização ocidental superior, outros dois locais são apresentados como origens do Ocidente, Valinor e Avallonë. Valinor, como já foi dito, é a terra mais a Oeste do mundo, habitada pelos deuses – anjos, figuras produzidas por Tolkien para

²⁷⁰ Ver: capítulo 1 e 2 dessa pesquisa.

mesclar a cultura pagã com a cultura cristã, transformando os deuses pagãos nas figuras dos anjos cristãos, a serviço do Deus cristão²⁷¹.

Valinor se apresenta então com as características da terra dos deuses em alguns dos mitos pagãos europeus, com uma semelhança mais evidente entre o Olimpo grego²⁷² e Valhalla, da cultura norte-europeia (FRANCHINI & SEGANFREDO, 2007, p. 5 – 8). Assim, esse local é descrito como uma grande ilha a Oeste do mundo, ao passo que depois de suas praias, o local é rodeado por grandes cadeias de montanhas, que lhe servem de muralhas, sendo que o centro do poder é a montanha de Manwë, rei dos seres angelicais (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Dessa forma, Valinor se apresenta com características semelhantes às do Olimpo grego, com o centro de poder em uma montanha e com um rei dentre os deuses. Além disso, algumas das figuras dos Valars possuem diversas das características dos deuses gregos, como a do Valar Ulmo, que tanto em sua descrição como nas imagens produzidas sobre ele, apresenta grandes semelhanças com Poseidon (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25). Esse Valar é o senhor das águas e por diversas vezes se apresenta com um formato corpóreo aquático, com barbas brancas feitas de espuma do mar e usando uma coroa de prata (TOLKIEN, 2009 B, p. 65 – 69), imagem semelhante à de Poseidon, deus do mar da mitologia grega (MOSSÉ, 2004. A, p. 94 – 95).

Essa figura coincide tanto em poderes como em aparência com a do deus grego Poseidon, apresentado na mitologia grega como o deus dos mares, usando tridente e com barbas brancas feitas de espuma do mar, quando aparece em sua forma corpórea, que em inúmeros casos é composta por água (MOSSÉ, 2004. A, p. 94 – 95).

Outro dos Valars que possui uma semelhança com os deuses gregos é Tulkas, sendo muito forte e alegre, bem como impulsivo e dado a práticas esportivas, tendo o corpo bronzeado (TOLKIEN, 2009 A, p. 15). Sua figura se assemelha muito a de Apolo, o deus grego do sol, conhecido por sua bela aparência e por sua figura bronzeada (MOSSÉ, 2004 A, p. 94 – 95).

Além desses dois Valars, Manwë também apresenta certa semelhança com o rei dos deuses gregos, Zeus, sendo ambos deuses que reinam sobre os demais, ao passo que

²⁷¹ Sobre o mito cristão dos anjos e sua mescla com os deuses pagãos dentro da obra de Tolkien, ver: TOLKIEN, 2009 C, p. 246 – 248; 261; 265. Carta 131; TOLKIEN, 2009 C, p. 312. Carta 151. TOLKIEN, 2009 C, p. 324. Carta 153. TOLKIEN, 2009 C, p. 337 – 339; 343. Carta 156. TOLKIEN, 2009 C, p. 393 – 394. Carta 181. TOLKIEN, 2009 C, p. 432. Carta 200. TOLKIEN, 2009 C, p. 472; 476. Carta 212. TOLKIEN, 2009 C, p. 611. Carta 286.

²⁷² Sobre o Olimpo grego, ver: MOSSÉ, 2004. A, p. 94 – 95.

seus poderes são ligados aos ares. Zeus é o deus dos raios e Manwë é o Valar que controla os ventos e que junto a Ulmo realiza as tempestades e a chuva (TOLKIEN, 2009 A, p. 9).

Quando se somam essas semelhanças ao fato de Tolkien afirmar, em uma de suas cartas, a influência homérica em sua formação e obra (TOLKIEN, 2009 C, p. 289. Carta 142), pode-se defender que a mitologia grega possui grande influência na construção de Valinor. O mesmo pode ser dito sobre a mitologia nórdica, devido ao gosto e conhecimento de Tolkien sobre esse assunto, o que já foi discutido no capítulo 1.

O nome Valinor, por exemplo, possui grande semelhança com o nome da morada dos deuses nórdicos, o palácio de Valhalla (FRANCHINI & SEGANFREDO, 2007, p. 5 – 8). Essa nomenclatura não seria coincidência, pois Tolkien sempre mostrou interesse em mitologia nórdica e em línguas, como o finlandês²⁷³. Os Valars de Tolkien, por sua vez, também apresentam algumas das características que podem ser atribuídas tanto à mitologia grega quanto à romana, com deuses altamente antropomorfizados e uma mitologia em que esses deuses possuem uma história em andamento (MOSSÉ, 2004 A, p. 94 – 95).

Valinor, formada pela mescla das culturas pagãs e cristã, através de um processo de conciliação feito por Tolkien, é então apresentada como uma das origens da civilização ocidental superior. Dessa forma, a ideia das culturas gregas e nórdicas como partes integrantes da cultura e da civilização ocidentais são reforçadas, enquanto outras culturas, como as orientais, são rechaçadas nesse processo de construção do Ocidente.

A cultura ocidental como continuidade das culturas nórdicas, gregas e cristãs era uma ideia que circulava entre a intelectualidade europeia no período em que Tolkien escreveu, sendo essa uma das perspectivas descritas por Said como característica do pensamento orientalista, a de construir o Ocidente em torno de um passado retilíneo vindo desde a Grécia antiga e passando por uma série de povos e realidades, até se chegar à civilização do século XIX (SAID, 2007, p. 27 – 61).

Além de Valinor, outro local na obra de Tolkien, a Oeste, apresentado como uma das origens da cultura e da civilização ocidental superior é a ilha de Eressëa, chamada também de Avallonë, uma referência direta à tradição dos contos arthurianos,

²⁷³ Ver o capítulo 1 dessa pesquisa.

cuja terra das fadas era Avalon²⁷⁴. Na obra de Tolkien, o termo elfo é também ligado à ideia de fadas. O início da escrita de Tolkien sobre o universo da Terra Média e sobre a história das silmarillis, que depois se tornaria o livro “O Silmarillion”, versava sobre fadas, que depois passaram a ser chamadas por Tolkien de elfos, um termo que para ele podia ser usado como sinônimo tanto para fada como para gnomo e duende (CARPENTER, 2014, p. 45, 67 – 68).

A Avallonë-Eressëa de Tolkien é apresentada na narrativa como uma terra de bem-aventurança, habitada por elfos e sendo a mais próxima das terras de Valinor (TOLKIEN, 2009 A, p. 38 – 40). As poucas descrições sobre esse local dão conta de se tratar de um lugar de grande progresso e beleza, que teria influenciado bastante a civilização númenoriana, pois dali os elfos teriam por longo tempo trazido muitos presentes e conhecimentos para os homens de Númenor (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Essa referência a Avalon liga também a mitologia dos contos arthurianos ao cristianismo, da mesma forma como Tolkien fizera ao construir os deuses das mitologias tidas como as mais importantes da tradição ocidental europeia ao cristianismo. Nos romances sobre o rei Arthur, produzidos pela cultura inglesa, no decorrer do tempo, Avalon é uma ilha sagrada, habitada por seres que são uma mistura de fadas com humanos, pertencentes à antiga religião da terra inglesa, sendo as pessoas ali dotadas de poderes especiais.

Sob muitos aspectos, os contos sobre o rei Arthur e sua tábua redonda tiveram grande influência na construção discursiva que produziu a legitimidade para a formação da Inglaterra como um reino e como uma nação, bem como produziu validade para a ideia de Ocidente, já que a Inglaterra se tornou um dos mais sólidos pilares do Ocidente e de seus valores. Nesse processo, a ilha de Avalon, dos contos arthurianos, possui uma grande importância, pois ela se torna um elemento de mistura entre o cristianismo e as antigas religiões, dando, assim, licitude a ambas as culturas, para formar a cultura inglesa (COELHO, 2015).

Tolkien, em um processo semelhante, como já se viu, tenta fazer das culturas pagãs europeias histórias tão legítimas quanto as histórias fundadoras do cristianismo. Por esse motivo, ele faz desses mitos partes integrantes dos mitos cristãos. Com Avalon dos contos arthurianos, ele realiza o mesmo processo, falando da ilha como a terra dos

²⁷⁴ Sobre as lendas arturianas e Avalon, ver: COELHO, 2015.

elfos e como um lugar próximo à terra dos deuses angelicais. Ao mesmo tempo, assim como a Avalon arthuriana, envolta em brumas e sendo um local acessível somente a um número limitado de indivíduos, a Avalon de Tolkien tem a mesma característica, que se liga, por sua vez, aos acontecidos com Valinor, a terra dos deuses angelicais, e com a Atlântida, a terra dos homens superiores (TOLKIEN, 2009 A, p. 219 – 221).

A Avalon de Tolkien, tal como a versão arthuriana, está inacessível para a maior parte dos indivíduos, sendo um lugar da morada de seres antigos e muito evoluídos, que em grande parte seriam a origem das sociedades avançadas, produzidas pelos ensinamentos desse lugar. Na versão de Tolkien, após a queda de Númenor/Atalantë, tanto Eressëa/Avallonë quanto Valinor foram retiradas para um outro plano, sendo que só poderiam ser acessadas por um caminho secreto, o qual somente os elfos conseguiam encontrar, de forma que assim como a Avalon arthuriana estaria encoberta pelas brumas, a de Tolkien estava também oculta (TOLKIEN, 2009 A, p. 219 – 221).

Tanto Eressëa/Avallonë quanto Valinor, no enredo de Tolkien, ao lado de sua Atlântida, são representações de mitos europeus, valorizados pela cultura europeia do século XIX como importantes para o desenvolvimento do Ocidente, referência de uma cultura superior e civilizada, sendo consideradas como partes da origem desse Ocidente (SAID, 2007, p. 27 – 61). Em sua obra, por conseguinte, essas histórias também são apresentadas como as origens de uma civilização ocidental superior, pois é desses locais que o Oeste da Terra Média herda uma cultura apresentada como em grande parte mais avançada do que a cultura do Leste, do Oriente. Dentro da narrativa, isso vai produzindo uma polarização, que valoriza a cultura entendida nos tempos de Tolkien como europeia e desvalorizando as demais culturas, principalmente a tida como oriental (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

Jonh West, em seu artigo “The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization”, também defende uma forte influência de diversas obras literárias e de uma série de tradições entendidas como ocidentais na obra de Tolkien.

West, seguindo a sua argumentação, fala sobre o tema da queda na obra de Tolkien e de sua referência a tradição ocidental de compreender a história da humanidade em torno da ideia de Queda, tanto da queda do paraíso/Éden, como na destruição de Atlântida. Nesse sentido, West defende que Tolkien faz uma referenciação a essas ideias em sua literatura, portanto, construindo a sua história da Terra-Média com base na tradição ocidental (WEST, 2001, p. 2 – 9).

Margaret Sinex defende uma perspectiva semelhante, argumentando que a obra de Tolkien teria sido amplamente influenciada por ideias encontradas na literatura medieval e que, algumas delas viriam ainda de períodos anteriores, como da antiguidade clássica. Nesse sentido, sua análise corrobora a ideia de uma influência constante de uma tradição ocidental na obra de Tolkien (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

3.2.2.6 Colonização númenoriana levando as luzes do conhecimento ao Oeste da Terra Média – Oeste Civilizado e Leste bárbaro.

Dentro do enredo produzido por Tolkien, a ilha de Númenor é um lugar de alta cultura e progresso (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208). Essa terra, por sua vez, leva essa cultura superior ao Oeste da Terra Média. Dessa forma, a narrativa produz uma ideia de Oeste civilizado e de Leste bárbaro, bem como de uma missão civilizadora do Ocidente sobre o Oriente (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

O Leste seria habitado por populações inferiores, tanto racial quanto civilizacionalmente. Ao Leste se atribui a influência maléfica de Melkor/Morghot que corrompe os homens que ali habitam (TOLKIEN, 2009 A, p. 202). Assim, tal como se viu no primeiro capítulo, dois modelos de desenvolvimento, organização social, hábitos e monarquia, são apresentados, um ligado aos Valars, e ao Ocidente, e o outro a Melkor/Morghot, e ao Oriente.

Essa perspectiva, iniciada nos primeiros períodos da narrativa de Tolkien sobre a Terra Média, continua em relação ao momento em que os númenorianos se formam como um povo, sendo eles os mesmos homens das três casas dos amigos dos elfos, levados para a ilha de Númenor pelos Valars, para ali poderem se desenvolver. Em Númenor, o modelo ocidental dos homens chega ao seu apogeu e esplendor, se desenvolvendo de forma brilhante, com grandes invenções e obras sendo produzidas através dos ensinamentos dos Valars e dos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Esses homens númenorianos passam a ser chamados de homens do Ponente, uma forma de distingui-los dos demais humanos, principalmente os orientais, tanto racial, quanto civilizacionalmente, por serem superiores (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Esses homens do Ponente são descritos como superiores em todos os aspectos, sendo mesmo chamados de reis entre os homens. Eles então são apresentados, como se

viu no capítulo 1, levando conhecimentos para a Terra Média, produzindo uma espécie de missão civilizadora, ensinando aos demais homens diversas coisas, uma vez que esses homens estariam nas trevas deixadas por Morghot na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Assim, o enredo apresenta os homens divididos em dois grandes graus de desenvolvimento. O nível mais alto é atribuído aos homens que estão mais a Oeste, os homens do Ponente. Eles são seguidos pelos homens do Ocidente da Terra Média e por fim, pelos orientais, apresentados como bárbaros. Em menor grau de desenvolvimento se encontram os homens pûkel, que são selvagens que praticam ainda uma forma de vida nômade²⁷⁵.

Quando Númenor é submersa, os remanescentes desses homens se estabelecem no Oeste da Terra Média e formam ali dois reinos de grande esplendor, que se tornam, por sua vez, os maiores opositores de Sauron, que liderava os orcs e os orientais. Dessa forma, os dois estados númenorianos, Gondor e Arnor, são aqueles que lideram os povos do Ocidente, reunindo todos os homens e demais criaturas que desejam viver sob os ensinamentos dos Valars, em liberdade (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

Através dos reinos de Gondor e Arnor, ocorre um processo de transmissão de conhecimento aos demais homens do Oeste da Terra Média, que passam a ter contato com uma cultura apresentada como superior e com valores de alto conhecimento, ao passo que esses remanescentes dos númenorianos produzem, no Oeste, um modelo de mundo baseado na liberdade e em governos apresentados como verdadeiramente legítimos, por pensarem no bem-estar de todos. Assim, o enredo apresenta uma colonização númenoriana no Oeste da Terra Média que produz uma cultura ocidental de grande valor e que se confronta com uma cultura oriental de escravidão, de despotismo e de crueldade (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

O enredo apresenta então uma visão positiva da colonização, levando as luzes do saber para os homens menos adiantados. No entanto, a narrativa também possui um ponto de vista muito sólido sobre alguns temas que dialogam com a colonização, colocando como errado a colonização agressiva, a escravidão e a exploração dos colonizados. O narrador defende a ideia de que um povo superior deve ensinar aos demais povos, contudo, jamais explorá-los, mas sim, oferecer a eles o conhecimento,

²⁷⁵ Ver: capítulo 1 dessa pesquisa.

que, por sua vez, lhes foi dado por Deus, para ser compartilhado com todos (TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 226).

Essa visão da colonização, com tal juízo de valor, ocorre quando os númenorianos são seduzidos pelas falácias de Sauron, que faz com que esses homens passem a usar a sabedoria superior que receberam dos Valars para fins maléficis, deixando então de auxiliar os homens da Terra Média e passando a extorqui-los e escravizá-los. O narrador apresenta essa prática como não sendo algo pertencente à cultura do Ocidente, mas sim como algo trazido de fora, por Sauron, que com a sua malícia, perverteu a maior parte dos númenorianos, principalmente o rei (TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 226).

Dessa forma, há dentro do enredo um tipo de modo de agir atribuído essencialmente aos povos ocidentais e outro aos povos orientais. Quando um ocidental, por sua vez, age fora desse padrão, isso é apresentado como uma perversão produzida pela malícia de Morghot e de Sauron. O enredo, assim, apresenta uma ideia valorativa sobre o Ocidente e o Oriente, com diversas características tidas como intrínsecas a cada um dos lados.

As ideias apresentadas na narrativa sobre a colonização númenoriana, sobre o Oeste com valores e com o Leste como um lugar a ser colonizado, para o bem dos próprios orientais, se remetem às formas de pensar sobre o Ocidente e o Oriente que circulavam em meio à intelectualidade europeia no século XIX e na primeira metade do século XX.

A perspectiva de povos ocidentais superiores, mais dotados de conhecimento, mais evoluídos racialmente e gozando de maior capacidade de desenvolvimento graças ao auxílio divino é apresentada por Said como parte integrante do pensamento orientalista.

As ideias apresentadas por Tolkien como narrador, sobre colonização, coincidem com o que era defendido por algumas vertentes religiosas e humanistas das missões civilizadoras, a de que essa prática era legítima e deveria ocorrer para levar as luzes do conhecimento aos povos bárbaros. Contudo, os colonizadores deveriam agir como amigos, como guardiões da liberdade e do conhecimento, oferecendo a tecnologia, mas não escravizando e explorando os povos menos desenvolvidos. Mesmo que os colonizados fossem inferiores civilizacional e racialmente, ainda assim eles não

deveriam ser tratados como escravos, mas sim, ensinados a amar a liberdade (FAITHFUL, 2012, p. 15 – 44).

Essa vertente, conhecida como humanismo cristão, se contrastava com outras, a dos que acreditavam na completa inferioridade dos não europeus e de que eles deveriam ser colonizados por completo, mesmo escravizados, para o seu bem, pois não seriam capazes de serem livres, uma vez que a liberdade era uma virtude de povos superiores. A escravidão ou a servidão era entendida como um bem a esses povos, que ao servirem aos homens superiores, aprenderiam com eles o máximo possível (CANÊDO, 1994, p. 15 – 25).

Tolkien parece ser signatário e representar a primeira vertente, isto é, a dos humanistas cristãos: ele defendia uma missão civilizadora humanista, que deveria levar aos bárbaros a luz do conhecimento, sem, no entanto, tomar suas terras e realizar uma colonização de seu território. No entanto, a ideia de povos superiores e inferiores, bem como a de um Ocidente superior e de um Oriente inferior se fazem presentes em sua obra literária, dentro dos parâmetros do pensamento proposto por Said como orientalista.

Elizabeth Massa Hoiem, em seu artigo “World Creation as Colonization: British Imperialism in “Aldarion and Erendis” 2005”, defende a tese de que Tolkien seria contrário a colonização e ao Imperialismo e deixaria tal posição bastante clara no seu conto sobre Aldarion e Erendis. Mas tal posição, como se verá, pode ser refutada.

A autora defende que Tolkien se posiciona contra o imperialismo em sua obra. Ele usa como exemplo a narrativa sobre Aldarion e Erendis (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Contudo, é necessário levar em conta as diversas tendências coloniais existentes no tempo de Tolkien e as suas filiações ideológicas pessoais. A visão colonial de Tolkien apresentada nesse e em outros trechos se assemelha ao defendido pelas missões católicas e pelo catolicismo inglês no período, a de uma missão civilizadora que levasse o conhecimento superior do Ocidente aos bárbaros, mas sem governá-los e oprimi-los, buscando povos cooperativos. No conto de Aldarion e Erendis essa perspectiva permanece, tanto que as viagens permanecem com um caráter civilizador e Aldarion se mantém como um herói bom e civilizador.

Hoiem advoga que Tolkien teria escrito a sua ficção influenciado por uma vertente cultural antropológica inglesa que teria buscado mudar o foco dos estudos dos povos coloniais e voltá-los para o enfoque interno, objetivando observar as

características e raízes da cultura inglesa, sendo esse o motivo de Tolkien se dedicar tanto a trabalhar as tradições inglesas e europeias em seu enredo (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). No entanto, a autora não define de forma clara essa corrente intelectual, uma vez que não explica exatamente a quais estudos e autores ela se refere. Por esse motivo, é possível supor que ela esteja se referindo ao período final da antropologia evolucionista e difusionista. Nesse caso, pode-se afirmar que a autora não contextualiza devidamente os aspectos desses estudos, pois os mesmos não apenas estudavam o passado inglês e seus costumes, mas o fazia marcando posição e demarcando a superioridade europeia em detrimento aos demais povos. No geral eles argumentavam que o passado primitivo inglês era mais rico culturalmente do que o atual estado primitivo de certos povos. Assim, somente levar a civilização aos bárbaros garantiria o progresso de toda a humanidade.

É possível também que Hoiem esteja se referindo a corrente antropológica funcionalista, marcada principalmente pelos estudos de Bronisław Malinowski, contudo, não é perceptível a influência dessa vertente na obra de Tolkien, uma vez que seu enredo apresenta a ideia constante de populações com graus de organização superiores e outras em estágios inferiores, muito diferente do que o funcionalismo interpretava, pois a corrente funcionalista se afastava das ideias de superioridade e trabalhava com a perspectiva de que cada cultura havia construído formas ímpares para resolver os mesmos problemas (BARRIO, 1992, p. 73 – 86; 115 – 122). A obra de Tolkien, como se tem aqui discutido, não apresenta esse tipo de interpretação, pois toda a sua narrativa se baseia na ideia da difusão do conhecimento, vindo primeiramente dos Valars, passado para os elfos e depois para os homens e para as demais raças, havendo então culturas mais adiantadas e outras mais atrasadas.

Em contraponto ao que é defendido por Hoiem, pode-se advogar que a visão colonial de Tolkien apresentada nesse e em outros contos, se assemelha ao defendido pelas missões católicas e pelo catolicismo inglês no período, a de uma missão civilizadora que levasse o conhecimento superior do Ocidente aos bárbaros, mas sem governá-los e oprimi-los, buscando povos cooperativos (MADEIRA, 2007, p. 158 – 186). No conto de Aldarion e Erendis essa perspectiva permanece, tanto que as viagens continuam com um caráter civilizador e Aldarion se mantém como um herói bom e civilizador.

Hoiem também defende que Tolkien, em seu conto sobre Aldarion, faz uma crítica ao imperialismo britânico e apresenta a colonização como algo ruim (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Mas é possível refutar essa análise, pois Tolkien apresenta as ações de Aldarion como positivas, fazendo amizade com Gil Galad, construindo portos, criando uma relação harmônica entre a produção de barcos e a natureza e ainda, ensinando os homens da Terra-Média. Somente a colonização posterior dos númenorianos é apresentada como negativa, quando os númenorianos, sob influência do medo da morte e desconfiando dos Valars, passam a explorar os povos da Terra-Média. E isso ocorre graças à herança de Morghot, deixada no mundo. Portanto, Tolkien não se faz contra a colonização, mas sim contra um modelo específico, próximo do que era defendido pela visão católica inglesa de missão civilizadora (MADEIRA, 2007, p. 158 – 186). Ao mesmo tempo ele se mostra contra um modelo agressivo de colonização, que ele aproxima do mundo oriental dentro de sua obra, sendo em grande parte influenciada por Sauron e continuada pelos númenorianos negros que permanecem ao seu serviço após a queda de Númenor. Ainda é necessário levar em conta que Tolkien, durante todo o seu enredo e em especial nesse conto, heroiza e apresenta a colonização e a navegação como algo bom e desejável. Eärendil, primeiro da linhagem de Númenor é apresentado realizando o seu maior ato de bravura como marinheiro e passa assim a ser conhecido, com a alcunha de o marinheiro. O mesmo ocorre com Elendil, que salva o que restou de Númenor da destruição, guiando os fiéis. Com Aldarion o mesmo ocorre, pois ele é apresentado revivendo a tradição marinheira de Númenor, como uma retomada ao ímpeto de Eärendil. E a navegação, por sua vez, é apresentada como uma atitude aventureira e ligada em grande parte ao contato com outros povos, seguido por um processo de levar conhecimentos superiores aos bárbaros.

Continuando o seu raciocínio, a autora defende que Erendis representa o nacionalismo não imperialista ao questionar Aldarion acusando-o de não amar Númenor em um certo trecho do conto (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Mas é possível discordar dessa interpretação. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que em sua maioria, os nacionalistas do tempo de Tolkien eram favoráveis a colonização e a entendiam como uma ação nacionalista para o bem e a grandeza da Inglaterra (HOBSBAWN, 1988). Portanto, imperialismo e nacionalismo não podem ser colocados em lados opostos nesse contexto, salvo em casos muito específicos. Tolkien, como se sabe, era um indivíduo que pode ser considerado nacionalista, pela sua expressa valorização da cultura inglesa

(CARPENTER, 2014). A personagem Erendis, por sua vez, é apresentada como uma figura inferior, como sendo da linhagem de Beor, o velho, tendo então menor tempo de vida, e se tornando amarga e vingativa depois das viagens de Aldarion, e não poderia, portanto, representar uma posição nacionalista para um autor nacionalista, visto que em última análise ela é descrita de forma negativa.

Para dar prosseguimento a sua argumentação, Hoiem compara a figura de Aldarion a de Fëanor e Melkor, apresentando ambos como colonizadores. Ao mesmo tempo, ela aproxima a ação de Melkor do imperialismo e da ideia de Fardo do Homem Branco. Dessa forma, Tolkien estaria refutando a colonização (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Mas é possível discordar dessa análise. Fëanor não é um colonizador, mas sim um artífice cheio de talentos e um rebelde, em grande parte vítima de Melkor. Melkor, por vez, é apresentado como um déspota oriental e também como um rebelde. Já Aldarion é apresentado como um herói esclarecido e leal a Gil galad, sendo um amigo dos elfos. Um certo tipo de colonização é de fato rejeitada por Tolkien, contudo, ele corrobora um modelo que seria semelhante ao defendido pelos teóricos que advogavam pela missão civilizadora (MADEIRA, 2007, p. 158 – 186). A colonização númenoriana no início é apresentada como boa e se assemelha as teorizações desse modelo. Ela só se torna má posteriormente, quando os númenorianos se afastam dos ensinamentos dos elfos de Eressëa e dos Valars. É difícil aproximar Melkor dos colonizadores brancos, pois ele, em todo o enredo, não se apresenta como um líder dos povos de pele clara, mas sim dos orcs e dos orientais, além disso, sua figura estaria mais próxima a uma representação dos déspotas orientais pela cultura europeia.

Dando prosseguimento a sua argumentação, Hoiem defende que os heróis de Tolkien vêm sempre em casais e que a tensão entre Aldarion e Erendis o mostraria como errado e seria uma condenação ao imperialismo (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). Essa ideia não se sustenta por várias razões. Vários heróis de Tolkien não têm par: Gandalf, Frodo, Pippin, Merry, Bilbo, Gmili, Légolas, Barbávore. Aldarion e sua tensão matrimonial não significa detrato a ele e a sua visão expansionista. O conto, de uma maneira geral, o apresenta como um jovem intelectualizado e visionário, que inclusive, conseguiu ver além de seu pai, firmando amizade com o elfo Gil Galad e ainda, conseguindo ser o portador da mensagem dos elfos da Terra-Média para o novo mal que surgia, Sauron. Seu pai, inclusive, reconhecendo as qualidades do filho, abdica ao trono em seu nome mais cedo do que era de costume até então.

Mesmo vendo uma crítica ao imperialismo na obra de Tolkien, interpretação essa refutável, como se viu, ainda assim a autora cita e argumenta sobre as semelhanças entre a perspectiva colonial, que nomeia e classifica os locais encontrados, e a criação de mundos fantásticos como o de Tolkien. Nesse sentido, mesmo com toda a sua argumentação anterior, ela aceita que em grande parte Tolkien reproduz o discurso colonial, sendo que de forma geral, inúmeras obras literárias fariam o mesmo.

A autora então defende, finalmente, que Tolkien é um anti-imperialista que acaba usando algumas idéias imperialistas (HOIEM, 2005, p. 75 – 90). No entanto, essa interpretação da obra de Tolkien é refutável. Tolkien, ao que tudo indica, é favorável a um modelo específico de colonização, não podendo ser classificado como anti-imperialista, ao passo que em toda a sua obra ele corrobora a ideia de povos civilizados e bárbaros, ou seja, de povos superiores e inferiores civilizacionalmente, o que é a base do imperialismo.

Com um ponto de vista semelhante a Hoiem, Zakarya Anwar defende que Tolkien se oporia a colonização e ao imperialismo e teria construído como imperialista não os seus povos protagonistas, mas sim os antagonistas, como Melkor e Sauron. Anwar argumenta que Melkor se apresenta como um colonizador, que escraviza os elfos e os transforma em orcs, criaturas essencialmente escravizadas. O mesmo se daria com Sauron, invadindo territórios e ainda, criando uma realidade altamente industrializada, sendo ele, portanto, a figura do colonizador.

Anwar cita o crítico pós-colonial James Obertino, que defende a perspectiva de que Sauron é o colonizador e que os povos que resistem a ele seriam os oprimidos, lutando contra um colonizador altamente industrializado e que não os reconheceria como indivíduos (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). Contudo, há outras formas de interpretar essa situação, pois Melkor e Sauron não possuem as características básicas dos colonizadores imperialistas. Em primeiro lugar, não se percebe a construção por parte deles de qualquer discurso de superioridade racial ou civilizacional. Esses dois indivíduos desejam dominar e controlar tudo monocraticamente, escravizando a tudo e a todos. Não há no enredo qualquer perspectiva de construção de progresso e de ensinar algo aos povos dominados por eles. Portanto, Melkor e Sauron não poderiam ser vistos como representações dos colonizadores europeus, uma vez que eles não agem da mesma forma.

As figuras de Melkor e Sauron, por outro lado, se assemelham muito mais as ideias de despotismo oriental, cujo déspota seria um indivíduo autoritário, monocrático e cruel, cheio de caprichos, dado a extravagância e a escravização, buscando subjugar tudo e todos a sua volta.

Louise Liebherr defende uma perspectiva semelhante a de Hoiem e Anwar, argumentando que no livro “O Senhor dos Anéis”, Sauron e Saruman seriam os colonizadores, enquanto os povos que os resistem estariam resistindo a uma ameaça imperialista. Liebherr ainda enfatiza que os povos que resistem a Sauron são mostrados em uma comunhão de povos diferentes, vencendo as barreiras das diferenças entre eles para lutarem contra um inimigo comum, de caráter imperialista (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Mas como já se discutiu acima, entender Sauron e suas forças como uma ameaça imperialista é não observar as características mais básicas da colonização imperialista ocorrida no século XIX e no início do século XX. Tanto Sauron quanto Saruman não constroem para os seus povos a ideia de superioridade racial e civilizacional, bem como não buscam levar um padrão cultural aos povos colonizados. Tudo o que esses dois personagens fazem é agirem como a figura dos déspotas, escravizando, destruindo, fazendo tudo pelo poder. Seus combatentes, diferente dos soldados do período imperialista, não passam de escravos, ao invés de indivíduos aventureiros que acreditavam na sua superioridade civilizacional e racial.

Além disso, a própria comunhão de povos se unindo e vencendo barreiras para lutar contra a ameaça de Sauron e Saruman pode ser interpretada muito mais como a união de povos diferentes, porém, europeizados, para combater um Outro externo, não europeu, no caso, as forças de orcs e orientais. Não há semelhança, portanto, com a ideia de povos resistindo ao imperialismo, mas sim, tal com analisa Sinex, com uma cruzada contra os sarracenos medievais (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

Mesmo Saruman tendo características físicas essencialmente europeias, ainda assim não é possível classificá-lo como uma ameaça imperialista, pois os povos que ele comanda são orcs e homens da Terra Parda, nenhum desses podendo ser considerado como uma representação dos soldados imperialistas das grandes potências imperiais. Pois como já se discutiu, os soldados das grandes potências possuíam a ideia de superioridade racial e civilizacional, bem como o processo era justificado por um discurso de missão civilizadora e de fardo do homem branco. Os soldados de Saruman,

por sua vez, assim como os de Sauron, são apresentados como incivilizados e como escravos de suas vontades, sendo que não há qualquer discurso que enfatize a ideia de uma missão civilizadora por parte de Sauron e Saruman.

Liebherr também afirma que, enquanto Mordor se constituiria como uma força imperialista, Gondor agiria de forma diferente, pois ao vencer a Guerra do Anel não teria se estabelecido um domínio imperial sobre os vencidos, mas sim, oferecido a eles a paz e o reestabelecimento do comércio amistoso, inclusive, doando-se terras aos mesmos, não havendo então um desejo de controle sobre o Outro. Porém, essa análise pode ser refutada, uma vez que a paz só é estabelecida frente a submissão e a rendição dos orientais, enquanto aqueles que não se submetem continuam a ser combatidos. Já a ideia de comércio amistoso, pode ser interpretada de muitas formas, dentre as quais, como a imposição do comércio aos povos vencidos, tal como a Inglaterra imperialista fez durante o século XIX e início do século XX.

Portanto, pode-se considerar que há um desejo de controle sobre o Oriente sim. Nem todo controle se faz com a invasão direta de um território, usando armas, soldados e agentes coloniais. No fim da Guerra do Anel se estabelece um controle por parte de Gondor sobre o Oriente, pois os orientais que não se rendem e não colaboram, continuam a ser atacados. Quanto a figura de Sauron e de Saruman, ambos podem ser vistos como mais próximos a de um déspota oriental, que nas representações ocidentais, são apresentados buscando escravizar o Ocidente e acabar com o modelo ocidental de liberdade, implantado um modelo oriental despótico, o que então justificaria a guerra contra o Oriente.

Para tentar salientar um caráter anti-imperialista em relação a Tolkien, Liebherr cita um trecho de uma das cartas do autor, interpretando tal passagem como uma declaração explícita de anti-imperialismo. No entanto, o autor em momento algum cita o imperialismo ou critica as ações imperiais nesse ou em qualquer outro trecho das cartas publicadas. No trecho em questão, Tolkien critica o feminismo e algumas inovações produzidas nos Estados Unidos da América, mostrando, portanto, um caráter mais conservador de sua parte.

Na mesma linha de raciocínio, Liebherr afirma que Aragorn, ao se tornar o novo rei de Gondor e líder do Ocidente teria adotado uma postura de tolerância aos demais povos, respeitando a autonomia do Condado, de Rohan e da terra dos anões, sendo isso uma prova do caráter não colonialista dos protagonistas da trama, que só teriam

realizado uma guerra defensiva (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Porém, há outra forma de interpretar esse enredo, pois todos estão submetidos ao novo rei do Ocidente. Grosso modo, não passam de governadores subordinados ao novo rei. Os que não se submetem continuam a ser vistos como inimigos e combatidos. E não se trata de uma guerra defensiva, pois a defesa resultaria em guardar suas fronteiras e defendê-las. Ao invés disso eles atacam os dissidentes orientais no próprio Oriente. Dessa forma, reconhecer Rohan e o Condado é reconhecer outros ocidentais, não sendo uma prova de anti-imperialismo, pois ainda continua havendo aqueles a serem combatidos e submetidos.

No que se refere a ideia de colonização apresentada por Hoiem, Anwar e Liebherr, frente a argumentação de que Mordor seria a representação de uma potência imperialista, Sanni Hakkarainen oferece uma interpretação que pode ser considerada mais consistente e que abriga a ideia de uma representação orientalista e, ao mesmo tempo, consegue abrigar algumas das características de Mordor, como o industrialismo. Assim, Hakkarainen argumenta que Mordor seria, ao mesmo tempo, a representação do Oriente monolítico clássico das representações orientalistas, e, ao mesmo tempo, da União Soviética industrializada e vista pelos ocidentais como um local sem individualidade, em que todos eram escravos frente a um tirano, uma nova versão de déspota oriental (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

A interpretação de Hakkarainen se mostra mais convincente, pois o período do início da Guerra fria e mesmo o seu momento anterior, em que já se formava um conflito entre as potências ocidentais e a União Soviética, coincide com a escrita, revisão e publicação do livro “O Senhor dos Anéis”. Dessa forma, Hakkarainen interpreta o industrialismo de Mordor como sendo uma referência a essa realidade, logo, a invasão de Mordor seria então, ao mesmo tempo uma representação orientalista do Oriente inimigo, bem como desse novo Oriente, representado pela União Soviética.

Em meio à discussão sobre a colonização na obra de Tolkien, em que se pese a diferença entre as interpretações em que alguns autores o entendem como favorável e outros como anti-colonialista e imperialista, um ponto em comum é a interpretação sobre a industrialização. Em todo o seu enredo Tolkien apresenta uma aversão aguda a industrialização e ao excesso de máquinas introduzidas na vida cotidiana, ao passo que defende uma vida mais voltada para a natureza, para o cultivo de árvores e plantas.

John West, em seu artigo “The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization”, ao defender a obra de Tolkien como uma defesa a civilização ocidental,

ênfatiza que o autor defende um padrão de conduta específico para o Ocidente, que não deve ser desviado, sendo tanto uma questão ética/moral, quanto ligado ao modo de vida e a harmonia com a natureza. Esse padrão ocidental seria a própria essência do Ocidente, que se perdida, faria o Ocidente perder a sua razão de ser (WEST, 2001, p. 2 – 9).

Zakarya Anwar apresenta uma interpretação semelhante em relação a industrialização, ênfaticando que Tolkien é contrário a destruição da natureza para o desenvolvimento de tecnologias, defendendo uma visão harmônica entre o progresso e a natureza, em que a vida natural seja sempre prioridade. Por esse motivo, como já se discutiu, Anwar, citando o crítico pós-colonial James Obertino, defende a ideia de que na obra de Tolkien o papel de imperialista caberia a Mordor, devido a industrialização extrema, a qual o autor constrói como característica desse reino e combate em todo o enredo (ANWAR, 2009, p. 1 – 8).

Mas a crítica de Tolkien a industrialização pode ser vista de outra forma, não como um rechaço total ao modelo ocidental e nem tão pouco ao colonialismo como um todo, mas sim, a defesa de um padrão específico de desenvolvimento entendido como correto para o Ocidente, como defende Jonh West (WEST, 2001, p. 2 – 9), juntamente com uma missão civilizadora também específica.

Louise Liebherr também defende a ideia da industrialização de Mordor e depois de Isengard, sob o governo de Sauron e Saruman, como um indício de que essas seriam representações contra o colonialismo, uma vez que Tolkien se oporia ao industrialismo e teria produzido os inimigos como industrializados e realizando uma expansão contra povos menos industrializados (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, como já se discutiu, ser industrializado dentro do enredo não é suficiente para defender que Mordor representaria o imperialismo.

Dessa forma, é um consenso entre os autores que analisam e discutem a obra de Tolkien frente às questões raciais e a ideia de Orientalismo que o autor se opõe a industrialização, porém, a interpretação sobre a industrialização difere, já que alguns entendem que ele trata a industrialização como uma marca colonial e que ao se opor a industrialização ele automaticamente se opõe a colonizações, enquanto há a interpretação que trata a crítica a industrialização desligada da questão colonial, pois ele seria contrário a ela independente das questões coloniais. Frente ao que se discutiu acima, a interpretação mais convincente é a que trata a industrialização independente da

questão colonial e ainda que trata a industrialização de Mordor como uma referência a União Soviética.

3.2.2.7 O Ocidente e o Oriente nos tempos dos exilados númenorianos na Terra Média

Dentro do enredo das obras de Tolkien, quando os númenorianos, que sobreviveram ao afundamento da ilha de Númenor, fundam reinos no Oeste da Terra Média, levando para o local uma cultura apresentada como superior, a dicotomia entre Oeste e Leste fica bastante evidenciada. O Oeste é então apresentado como o local da liberdade, dos homens do bem, enquanto o Leste é o refúgio de Sauron e de seus servidores cruéis e bárbaros (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

Os númenorianos na Terra Média são apresentados dotados de inúmeras virtudes, como homens quase perfeitos. No Oeste, eles fundam uma sociedade pautada na liberdade e no bem-estar de todos e lutam para manter esse modelo, enfrentando as forças de Sauron em um cerco que dura dez anos, em conjunto com os elfos que haviam permanecido na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

As semelhanças e influências desse episódio com o cerco de Tróia são grandes. A guerra de Tróia é apresentada na obra de Homero (928 – 898), poeta grego, sendo que esse poema se tornou um dos contos tidos como de grande importância para a história do Ocidente pelos pensadores do século XIX (MOSSÉ, 2004 A, p. 171 – 172). Na obra de Tolkien, o cerco a Mordor termina com um ato de bravura dos homens e dos elfos, sendo que Gil Galad, líder dos elfos, e Elendil, líder dos númenorianos exilados, dão suas vidas pela liberdade de todos os povos do Oeste, enfrentando pessoalmente Sauron, que termina derrotado e perde o seu anel de poder (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233). Assim como no conto homérico, esse cerco dura 10 anos e termina com a vitória daqueles apresentados como heróicos.

Dos dois reinos númenorianos, apenas o de Gondor consegue se manter estável (TOLKIEN, 2009 A, p. 231 – 232), porém, ele é constantemente atacado pelo Leste, principalmente por orcs e por homens orientais chamados de Carroceiros e pelos também orientais da Terra de Harad, o que traz uma perspectiva de conflito constante entre o Ocidente e o Oriente (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 472).

Isso continua no decorrer da narrativa que versa sobre os homens de Gondor, como no período da guerra do anel, narrado na trilogia “O Senhor dos Anéis”, em que os homens de Gondor são os principais protetores do Oeste e do estilo de vida adotado ali, com liberdade, em detrimento dos homens e criaturas do Leste. Dessa forma, os númenorianos são apresentados como a base do Oeste, sendo eles os homens que seguem os preceitos de sociedade desenvolvida pelos Valars, os anjos representantes de Deus na terra (TOLKIEN, 2010 A. TOLKIEN, 2010 B. TOLKIEN, 2010 C.).

3.2.2.8 Os Orcs e os orientais – raça e Oriente

Os orcs são criaturas criadas por Melkor, que capturou elfos e os perverteu. Dessa forma, eles se transformaram em uma raça distinta, apresentada como inferior. Esses indivíduos, por sua vez, se mostram quase sempre alocados no Norte e no Leste da Terra Média, embora eles possam ser encontrados perambulando por quase todas as partes, em momentos diferentes. Contudo, nos demais lugares, como no Oeste, eles são sempre entendidos como invasores, vivendo em locais ermos e saqueando os povoados ao redor (TOLKIEN, 2009 A).

Dentro do enredo, eles são os principais inimigos dos povos do Oeste, que vivem sob os ensinamentos dos Valars. De certa forma, eles são os antagonistas dos elfos, por terem sido criados a partir de uma perversão destes, transformando-os no oposto do que eles eram. Dessa forma, os orcs são os principais e piores oponentes dos homens do Oeste e dos elfos, sendo eles os principais soldados dos dois senhores do escuro, criaturas muito resistentes à dor, gananciosos por natureza, animais e cruéis.

Como se viu no capítulo 1, os orcs são apresentados com um nível organizacional baixo, com hábitos rudes e animais, sendo então predispostos ao mal, à barbárie, à crueldade, e a servir aos senhores do escuro. O padrão de comportamento dos orcs não apresenta variação em toda a narrativa: todo orc é apresentado como mal, cruel, inferior, feio, fétido, como um inimigo a ser combatido.

A ideia de uma essência ocidental e de outra oriental aparece nesse relato, uma vez que os orcs podem ser entendidos, sob inúmeros aspectos, como criaturas pensadas por Tolkien como orientais, com características mongólicas. Em uma de suas cartas,

Tolkien afirma esse seu pensamento na criação dos orcs, dizendo que eles teriam a aparência mongólica, feia para os padrões europeus²⁷⁶.

Dessa forma, o texto apresenta uma essência oriental aos orcs, tal como o que foi teorizado por Edward Said, que afirma que o pensamento orientalista teria produzido a ideia de uma essência oriental, que faria com que os orientais estivessem predispostos a agirem de uma determinada forma, com um pensamento ilógico, dados a credices e a superstições, bem como a ter hábitos rudes e mesmo a maldade. Essa essência seria o oposto daquela encontrada nos ocidentais, que teriam tendência à racionalidade, à polidez e à bondade (SAID, 2007, p. 46; 209 - 218; 312 – 323; 401).

A obra de Tolkien emprega essa ideia tanto em relação aos orcs, quanto em relação aos homens orientais, em detrimento dos homens ocidentais. Há uma essência em relação a todos eles, que os produz dentro do enredo como tendo um padrão de comportamento uniforme, de forma que os homens ocidentais, assim como os elfos, são bons por natureza, podendo, em algumas ocasiões, se bandearem para o lado do mal, ou serem corrompidos.

Os orientais, desde o primeiro momento em que são apresentados, são descritos como homens que foram pervertidos por Melkor, estando sob o seu domínio, tendo aprendido com ele a serem gananciosos e cruéis, sendo que o hábito da escravidão é sempre considerado algo extremamente negativo. Durante a narrativa de “O Silmarillion”, essa característica permanece, sendo que os orientais são especialmente descritos como cruéis e escravizando o povo da casa de Hador²⁷⁷, que é o principal povo que dá origem aos númenorianos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203); estes, por sua vez, são a base da civilização ocidental superior na Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208; 226 – 233).

Quando os homens das três casas dos amigos dos elfos se tornam os númenorianos, os homens orientais viviam de forma primitiva e, depois, acabaram sob o domínio de Sauron, sendo eles descritos como bárbaros (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203). Nos tempos em que os númenorianos exilados na Terra Média formaram o reino de Gondor e Arnor, os orientais lutaram ao lado de Sauron, contra os númenorianos e os homens do Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 233).

²⁷⁶ Ver: Trecho 9, anexo capítulo 3.

²⁷⁷ Ver: Trecho 6, anexo capítulo 3.

Depois da queda de Sauron, os homens orientais continuaram a lutar contra Gondor, sendo, em diversos momentos, os seus principais inimigos, juntamente com os orcs (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 472). A essência oriental é então construída em relação a esses povos orientais, tidos como bárbaros, sem qualquer tipo de desvio na conduta esperada para eles.

Em torno dos orcs e dos homens orientais, a obra de Tolkien produziu um mundo oriental, tal como o Oriente idealizado pelo pensamento orientalista, descrito por Said. Assim, em torno da ideia de raça e com uma construção sistemática de uma essência atribuída a cada povo, Tolkien produziu um Oriente, com uma população que representava as mesmas ideias sobre o Oriente que circulavam nos meios intelectuais europeus, bem como construiu um Ocidente, com as virtudes atribuídas pelos europeus a eles mesmos.

3.3 Temas orientalistas na obra de Tolkien

A partir das divisões entre Oeste e Leste existentes na obra de Tolkien, vistas até esse ponto da pesquisa, é possível identificar alguns temas recorrentes na obra desse autor, que podem ser considerados como temas orientalistas. O primeiro desses temas a serem discutidos foi denominado nessa pesquisa como:

3.3.1 Despotismo, escravização, loucura, pilhagem e crueldade

Esse tema, definido em torno de algumas ideias que aparecem na obra de Tolkien, é um dos muitos recorrentes e se refere a perspectivas atribuídas aos povos orientais, principalmente aos orcs e aos homens orientais, mas também a algumas criaturas apresentadas no Oriente ou como a margem do Ocidente. Dessa forma, essas são características interpretadas como negativas, em detrimento de uma série de valores positivos atribuídos aos homens do Ocidente.

Como se viu no capítulo 1, os temas do despotismo e da escravidão são apresentados em relação aos povos que estão sobre o domínio de Melkor/Morghot e de Sauron. Assim, suas monarquias são despóticas e cruéis e seus súditos nada mais são do que seus servos e escravos, que os servem sempre por um misto de medo e ganância.

Uma vez entendendo que os orcs e os homens do Leste, principais povos governados por Melkor/Morghot e por Sauron, são povos apresentados como orientais e como parte de um mundo oriental, o despotismo e a escravidão são também características atribuídas a eles, através das influências maléficas dos dois senhores do escuro. Assim, os homens orientais e os orcs, são signatários dessas práticas, escravizando outros seres vivos e tendo líderes e reis despóticos.

A ideia de despotismo e de escravidão são duas perspectivas que, segundo Said, são muito comuns no pensamento orientalista, que constrói o Oriente como um lugar com tais características, em detrimento do Ocidente, com um local de liberdade, sabedoria e de governos legítimos. Esse dualismo teria sido bastante forte no pensamento europeu, construído sobre o essencialismo entre Ocidente e Oriente, de forma que para o pensamento orientalista, o oriental, como povos com características monolíticas, eram propensos e mesmos fadados a práticas tidas pelos europeus como bárbaras, como o despotismo e a escravidão. Essa forma de pensar partia do princípio de que eles seriam incapazes de viver em liberdade, não tendo faculdades mentais para isso, de forma que somente um governo forte e coercitivo era capaz de mantê-los com um mínimo de organização (SAID, 2007, p. 62; 153; 216).

Esse pensamento sobre os orientais e sobre os não-europeus foi algo bastante disseminado no pensamento europeu do século XIX e da primeira metade do século XX, servindo de argumento legitimador para os governos coloniais europeus em locais como o Egito e a Índia, que na visão de muitos colonizadores e defensores do imperialismo, tinham populações incapazes de viverem em liberdade e que precisavam de uma liderança forte. Os líderes locais, por sua vez, até seriam capazes de governar, mas teriam de fazer isso de forma ainda mais agressiva, sendo que obteriam resultados piores do que se o povo estivesse na liderança de europeus (CANÊDO, 1994, p. 15 – 25).

A obra de Tolkien, no entanto, apresenta semelhança com uma versão mais branda, a de que os povos orientais seriam inferiores e predispostos ao despotismo e à escravidão, havendo, portanto, a necessidade de ensinar-lhes conceitos e costumes mais nobres, contudo, sem escravizá-los ou explorá-los, mas apenas oferecendo conhecimento. Mas, mesmo com essa visão mais branda, defendida por parte da intelectualidade europeia, o despotismo e a escravidão ainda continuam a ser entendidos como características dos povos orientais (FAITHFUL, 2012, p. 15 – 44).

Essa é uma ideia que se apresenta na obra de Tolkien, a do despotismo e da escravidão atribuídas ao Oriente²⁷⁸, de forma que ele estaria transmitindo essas ideias de seu tempo, de um pensamento orientalista que o teria influenciado em sua forma de ver o mundo.

Além do despotismo e da escravidão, a obra de Tolkien apresenta alguns valores negativos relacionados a essas duas práticas, sendo elas a loucura, a crueldade e a pilhagem, todos como sendo ações corriqueiras dos povos sobre a influência e governo de Melkor/Morghot e de Sauron. Nesse sentido, são os orcs e os homens orientais que são os principais praticantes desses atos, ao passo que os elfos e os homens ocidentais possuem condutas completamente diferentes, a de serem racionais, de serem bons e de respeitarem os demais povos.

O primeiro trecho em que as ideias de despotismo, escravidão, loucura, pilhagem e crueldade ocorrem na obra de Tolkien é quando Melkor captura e aprisiona os elfos, transformando-os em orcs, degenerando-os. Isso ocorre em meio a ações extremamente agressivas de Melkor, que os tortura com crueldade. Assim, o que é apresentado em relação a Melkor é uma ação despótica, escravizando, torturando e fazendo dessas criaturas os seus servos, que por sua vez o odiavam, mas o serviam por medo (TOLKIEN, 2009 A, p. 31).

Essa relação continua com os orcs, descritos também como cruéis, como torturadores e com o hábito de pilhar²⁷⁹, em contraste com os elfos, que são livres e vivem em felicidade, cultuando a liberdade²⁸⁰. Assim, a narrativa apresenta uma relação dual, com um lado sendo signatário da liberdade e o outro da opressão, da tortura, da pilhagem e da crueldade. O lado da liberdade é o dos elfos, criaturas apresentadas com fenótipo europeu, como signatários dos Valars e sendo o povo do Oeste, enquanto o lado da opressão e da crueldade é o dos orcs, com aparência monstruosa e mongólica, a serviço de Melkor e sendo um dos povos orientais (TOLKIEN, 2009 A, p. 68).

A ideia do despotismo de Melkor/Morghot também é corroborada em um trecho em que ele, ao capturar seus inimigos, os escraviza, sendo essa uma das formas mais temidas de agressão por parte desse inimigo. Essa escravização, por sua vez, ocorre por

²⁷⁸ Alguns trechos em que a ideia de despotismo e escravidão na obra de Tolkien podem ser vistos em: Trecho 10, anexo capítulo 3.

²⁷⁹ Ver: Trecho 10, anexo capítulo 3.

²⁸⁰ Para ver alguns trechos em que os elfos são apresentados como virtuosos e belos, ver: Trecho 11, anexo capítulo 3.

vários mecanismos e, um deles, é o ato de aterrorizar os escravizados a tal ponto que os faziam não ousar a desobedecê-lo (TOLKIEN, 2009 A, p.118). Essa ação de Melkor se contrasta com a dos Valars e a dos próprios elfos, de serem signatários da liberdade. E essas ideias, por sua vez, apresentam uma relação com a questão geográfica, pois o Oeste é então apresentado como promotor de um modelo de liberdade, enquanto o Leste se apresenta como dado à tirania e a escravização (TOLKIEN, 2009 A, p. 84 – 85).

O Leste como um lugar de tirania, de loucura e de valores ruins é reproduzido também em um trecho sobre as terras de Ered Gorghoroth, local em que depois Sauron construiu a sua fortaleza de Mordor e se tornou o centro de seu poder. O local é apresentado como altamente contaminado pela maldade, de forma que quem bebesse a água que vinha dali cairia na loucura (TOLKIEN, 2009 A, p. 89). Quando Melkor/Morghot é banido de vez do mundo, essa ideia volta a ser mencionada, pois seus prisioneiros são libertos da escravidão pelos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 105), contudo, Sauron dá sequência às ações de seu mestre e continua a reunir ao seu redor, como seus servos, os homens do Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 226).

Além desses trechos elencados, contidos no livro “O Silmarillion”, o tema despotismo, escravização, loucura, pilhagem e crueldade, volta a se repetir enfaticamente no livro “O Senhor dos Anéis – O retorno do rei”, terceiro volume da trilogia “O Senhor dos Anéis”. O primeiro momento em que ele aparece é quando os homens de Gondor falam sobre o Capitão negro, líder dos nazgûls.

A criatura é descrita como cruel e aterrorizante, causando pavor e loucura em todos e, ao mesmo tempo, governando com tal nível de despotismo que todos os que o seguiam o temiam e seriam mesmo capazes de se matarem, se ele ordenasse (TOLKIEN, 2009 A, p. 87)²⁸¹. No mesmo trecho, o Capitão negro é também evidenciado como uma figura despótica, que manda os seus escravos alucinados à frente da batalha, para morrerem (TOLKIEN, 2010 C, p. 89).

O contexto dessa narrativa sobre o Capitão Negro apresenta uma dicotomia entre o Oeste e o Leste, pois tudo ocorre em meio à batalha dos campos de Pelenor, uma luta em que a cidade de Minas Tirith é atacada pelas forças que vêm do Leste, saídas de Mordor e de Ogiliath. Nesse combate, Minas Tirith é descrita como a última esperança

²⁸¹ Para ver os trechos no livro “O Senhor dos Anéis – O Retorno do rei”, sobre o despotismo, a escravização e a loucura, ver: Trecho 12, anexo capítulo 3.

dos povos do Oeste para se manterem em liberdade, pois aquela era a cidade mais fortificada e capaz de resistir ao grande número de soldados sob o comando de Sauron.

Assim, o Oeste é apresentado defendendo a liberdade e o Leste tentando escravizar os povos livres. O líder desse ataque é o Capitão Negro, descrito como aterrorizante e à frente de escravos alucinados.

Outro trecho também relata a perspectiva do Oriente como um lugar de crueldade, pois quando o ataque a Minas Tirith começa, os orcs e os orientais realizam uma ação de grande atrocidade, que aterroriza os homens de Minas Tirith. Eles atiram para dentro das muralhas as cabeças dos homens de Gondor que eles haviam matado antes, mostrando um ato de desumanidade e de desrespeito aos inimigos (TOLKIEN, 2010 C, p. 93 – 94). Os orientais, mais uma vez são apresentados como cruéis, enquanto os homens de Minas Tirith são bons e aterrorizados pela desumanidade dos orientais, o que também, dentro do enredo, passa a justificar a luta e a expulsão desses orientais.

A crueldade e o despotismo são apresentados sempre ao lado da loucura. O Oriente da obra de Tolkien é descrito como um local de sofrimento e de maldade. Uma das cenas em que isso fica evidente é quando o aríete, que tenta derrubar os portões de Minas Tirith, é movimentado por orcs, homens e feras, ao passo que eles são substituídos ao serem mortos, enquanto outros são tomados pela loucura (TOLKIEN, 2010 C, p. 100).

Essa descrição contrasta com a organização dos homens do Oeste, de forma que o Oriente vai sendo apresentado como um lugar de desorganização e de loucura. Em contrapartida, o Oeste vai sendo construído como o lugar de valor, como o bem, como uma terra de liberdade e que liberta, enquanto o Oriente é o seu oposto.

3.3.2 Mal que vem do Oriente: Oriente que degenera

Das diversas ideias sobre Ocidente e Oriente existentes na obra de Tolkien, uma que aparece de forma constante é a de mal que vem do Oriente e de um Oriente que degenera.

A primeira ideia do mal que vem do Oriente se refere ao momento em que, no livro “O Silmarillion”, Melkor constrói a sua fortaleza em Utumno e começa, a partir daquele lugar, a infestar o mundo com criaturas nefastas (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Utumno fica no Norte da Terra Média e não especialmente no Leste, contudo, ela está à margem da região Oeste da Terra Média e a nordeste dessa região. É desse local que surgem às primeiras maldades de Melkor e é o centro de seu poderio durante a primeira Era do mundo. Esse local é onde ele desenvolve o seu reino despótico e, por sua vez, escraviza os povos livres (TOLKIEN, 2009 A, p. 29)²⁸².

A ideia do mal que vem do Oriente se mistura à ideia do Oriente que degenera, de forma que a obra de Tolkien apresenta o mal proveniente do Oriente e contaminando tudo o que tem acesso, ameaçando a sociedade livre e sadia produzida pelo Ocidente. Isso ocorre com os elfos, transformados por Melkor, através de um processo de degeneração, em orcs (TOLKIEN, 2009 A, p. 31), que, por sua vez, são criaturas pensadas com características mongólicas, como Tolkien relata em suas cartas.

Assim, através de Melkor, em Utumno, os elfos são transformados em criaturas nefastas e se tornam um mal que desola as terras em suas inúmeras invasões ao mundo ocidental.

Depois da prisão de Melkor em Valinor, a dicotomia entre Leste e Oeste se coloca de forma enfática, pois o extremo Ocidente, a Terra de Aman, é apresentada como a terra da luz, enquanto a Terra Média, no Leste, está na escuridão, assolada pelas criaturas nefastas criadas por Melkor. Contudo, no Oeste da Terra Média, os reinos élficos dos Teleri se mantêm fortes, embora constantemente ameaçados pelo mal que vem do Oriente, onde perambulavam muitas das criaturas criadas por Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 104).

O mal que vem do Oriente e o Oriente que degenera aparecem ainda de forma mais enfática no período em que Melkor/Morghot volta à Terra Média, depois de ter destruído as duas árvores de Valinor e de ter roubado as silmarillis. O próprio destroçamento das árvores ocorre por uma ação vinda do Leste, através do ato de Melkor de buscar em Avathar, na região Nordeste da Terra de Aman, uma criatura chamada Ungoliant, que tinha a forma de aranha, para destruir as árvores que davam luz ao mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 48 – 52).

Com Morghot instalado na Terra Média, em sua fortaleza na região Nordeste²⁸³, todo o mal passa a assolar os elfos a partir desse local e também do extremo Leste, onde Morghot infiltrou os seus servos para perverter os homens, uma vez que ele havia

²⁸² Para ver alguns trechos em que a ideia do mal que vem do Oriente e degenera aparecem no livro “O Silmarillion”, ver: Trecho 13, anexo capítulo 3.

²⁸³ Angband fica a Nordeste da região em que os elfos vivem.

descoberto que os homens haviam surgido no mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 74 – 76). Quando os homens das três casas dos amigos dos elfos surgem do Leste, fugindo da opressão e das trevas de Morghot, eles se tornam os homens ocidentais, se instalando no Oeste da Terra Média, junto aos elfos, que passaram a ensiná-los. Esses homens, que já estavam predispostos a serem os ocidentais, pois já possuíam características semelhantes aos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112), diferentemente dos demais, passaram então a serem molestados, juntamente com os elfos, pelos orientais e pelos orcs vindos do Leste e de Angband (TOLKIEN, 2009 A, p. 151 – 152).

Nesse contexto, em que os homens das três casas dos amigos dos elfos e os elfos se estabelecem no Oeste da Terra Média, o Leste passa a ser de onde vêm todos os males para as sociedades do Oeste. Um cerco a Angband foi formado pelos elfos e pelos homens ocidentais que os seguem, porém, não demorou para que as forças do Leste conseguissem rompê-lo e destruir boa parte das sociedades do Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 150).

Os homens da casa de Hador, o principal reino dos homens ocidentais nesse período, sofre com uma peste que vem de Angband, ou seja, da região Nordeste, através de um vento nefasto, que matou muitas pessoas e enfraqueceu outras, inclusive as crianças (TOLKIEN, 2009 A, p. 154). Essa ideia de uma peste que vem do Leste, causando mal à sociedade ocidental, pode se remeter a muitas das ideias que circulavam no período em que Tolkien escreveu, dentre as quais, a de um Oriente cruel e bárbaro que ameaça e que traz o mal ao mundo ocidental cheio de virtudes.

A ideia de uma peste vinda do Leste, através de um vento nefasto, pode se remeter à Peste Negra, que assolou a Europa no século XV e que foi tema de muitas discussões sobre povos civilizados e bárbaros e de civilização ocidental e oriental durante o século XIX e primeira metade do século XX. A ideia da Peste Negra, como um dos muitos males vindos do Oriente e assolando o Ocidente foi assunto de debates e, sob inúmeros aspectos, era um dos muitos argumentos dos pensadores orientalistas para diferenciar e mesmo para estigmatizar o Oriente (SAID, 2007, p. 27 – 61).

A representação de uma peste vinda do Leste volta a aparecer na obra de Tolkien em outro ponto mais à frente da narrativa, quando os homens de Gondor e os homens do Norte são assolados por esse mal, vindo de Mordor, mandado para o Ocidente dessa vez pelos sortilégios de Sauron, que é o continuador do trabalho de Melkor/Morghot no enredo (TOLKIEN, 2009 A, p. 231).

Além dessa peste como um mal que vem do Leste, causando extremo prejuízo aos povos do Oeste, há também os danos relativos aos orcs e aos homens orientais, que destroem as terras ocidentais, invadindo-as, trazendo a escravidão e a opressão aos homens e aos elfos, aniquilando quase toda a casa de Bëor, o velho, depois, a Casa de Hador, principal grupo dos homens do Oeste. Dessa forma, o enredo apresenta a ideia de um mal que vem do Leste, através de hordas de povos apresentados como bárbaros, cruéis e escravizadores, que atacam os povos livres do Oeste, que vivem sob os ensinamentos dos Valars, os seres angelicais (TOLKIEN, 2009 B, p. 103 – 278).

Essas representações se assemelham em grande parte às ideias que eram feitas pela intelectualidade europeia sobre as invasões mongólicas e as invasões muçulmanas no Ocidente, no período medieval, cuja interpretação pela intelectualidade europeia, sobretudo no século XIX, era a de que esses eventos demonstravam um choque de civilizações constante entre o Ocidente e o Oriente, ou seja, entre um Ocidente cristão, bom e relativamente civilizado, e um Oriente muçulmano, idólatra, mal e bárbaro (SAID, 2007, p. 27 – 61).

Sob inúmeros aspectos, a ideia do Oriente, dos bárbaros, do Leste invadindo o mundo ocidental é algo marcante no pensamento intelectual europeu, sendo, por sua vez, algo que pode ser considerado como estando representado na obra de Tolkien, que mostra corroborar essas ideias, talvez, em grande parte por sua formação intelectual e por sua visão amplamente arraigada do catolicismo.

A historiografia sobre as formas como a intelectualidade europeia representou e interpretou as invasões de povos orientais a regiões entendidas como essencialmente cristãs tem início com os estudos sobre o Imperialismo²⁸⁴. Seu auge, no entanto, se deu a partir da década de 1950 até o início da década de 1980, com textos e livros como “Raça e História”, de Levi Strauss (STRAUSS, 1998), “Pele negra, máscara branca”, de Frantz Fanon, (FANON, 2008) “História do Medo no Ocidente. 1300 – 1800. Uma Cidade Sitiada”, de Jean Delemeau (DELEMEAU, 1983), “Orientalismo – A invenção do Oriente pelo Ocidente”, de Edward Said (SAID, 2007), e “A Conquista da América – A questão do Outro”, de Tzvetan Todorov (TODOROV, 2003).

Todos esses textos evidenciam o quão expressivo foi o pensamento europeu no tocante à ideia de uma invasão bárbara oriental ao mundo ocidental civilizado em diversos momentos, bem como de como essas ideias foram usadas para se falar em uma

²⁸⁴ A discussão da historiografia sobre o imperialismo pode ser vista no capítulo, p. 56.

civilização superior, a cristã, rodeada por bárbaros orientais, que deveriam ser rechaçados e civilizados, para o bem de todos. Em diversos momentos, as cruzadas, as invasões mongólicas de Gengis Khan, a queda de Constantinopla e o medo do antigo Império Turco Otomano foram usados para argumentar sobre a barbárie dos orientais e a necessidade de se tomar cuidado com uma invasão oriental na Europa (SAID, 2007, p. 27 – 61).

A obra de Tolkien, ao apresentar a ideia do mal que vem do Leste, tanto através das pestes, que parecem aludir à Peste Negra, como através das representações das invasões do Ocidente vindo sempre do Oriente e dos povos apresentados na obra como não ocidentais – estaria reproduzindo essa visão que era bastante disseminada em meio à intelectualidade europeia de seu tempo.

Além da peste, que em dois momentos vem do Leste e causa mal aos povos do Oeste, o mal, na figura dos orcs e dos orientais, se apresenta em inúmeros momentos ameaçando a vida dos ocidentais, causando destruição e pervertendo o seu modo de vida. Os principais momentos em que isso ocorre na narrativa são quando os orientais invadem a terra dos homens da casa de Hador (TOLKIEN, 2009 B, p. 103 – 278). Depois, quando os orcs e os orientais, a mando de Sauron, invadem o Oeste da Terra Média, quando os elfos descobrem sobre os anéis de poder (TOLKIEN, 2009 B, p. 368 – 388). Em seguida, há o trecho em que os orientais lutam contra os homens de Gondor e Arnor, além dos elfos, no cerco contra Mordor (TOLKIEN, 2009 A, p. 229). Depois, os orientais invadem o Oeste, na onda imigratória dos carroceiros (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 472) e o mesmo ocorre novamente, na época da guerra do anel, quando orcs e homens do Leste lutam por Sauron e sitiavam Minas Tirith, para tomar todo o Oeste (TOLKIEN, 2010 C, p. 73 – 137).

Dentro da temática do mal que vem do Oriente, um desses males é a degeneração, de forma que o enredo de Tolkien apresenta a ideia de que a barbárie e a ganância, ensinadas aos povos servidores de Melkor/Morghot e que se instalou como um costume e característica fora do mundo ocidental, estaria constantemente a subverter e a contaminar o Ocidente. Logo no início do mundo, Melkor é apresentado fazendo isso, destruindo a obra dos Valars, depois, plantando o mal, fazendo os animais se tornarem selvagens e agressivos. Em seguida ele destrói as duas lamparinas que davam

a luz original criada pelos Valars e tempos depois subverte a raça dos elfos, produzindo os orcs²⁸⁵.

Essa contaminação ocorre também quando Melkor influencia os elfos noldors a se voltarem contra os Valars, plantando neles, com palavras que pareciam sábias, a desconfiança, a discórdia e um sentimento de mal-estar, mesmo estando eles vivendo em um local abençoado, a terra dos imortais, ao lado dos seres angelicais. Dessa forma, Melkor é apresentado realizando um trabalho constante de perverter tudo o que é bom²⁸⁶, sendo que o fruto de seu esforço é a criação de um modelo de sociedade, o oriental, diferente do que é construído pelos Valars, o ocidental²⁸⁷.

Melkor, além de plantar a discórdia entre os elfos e os Valars, perverte os homens, a princípio, todos eles. Como a obra de Tolkien possui um princípio cristão, a figura de Melkor/Morghot pode ser comparada à de Lúcifer. Assim, o enredo alude à ideia de Adão e Eva e do pecado original, ao passo que Melkor/Morghot seria aquele que teria tentado o primeiro casal e provocado a sua expulsão do paraíso (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

Em uma de suas cartas, Tolkien explica como produziu tal ideia em seu enredo. Ele afirma que quando chegam ao Oeste, fugindo das trevas do Leste, os três grupos de homens que passaram a ser chamados de três casas dos amigos dos elfos, fugiam de Melkor e que os homens, naquele momento, haviam acabado de passar pela primeira queda, a do paraíso. Há, no entanto, uma redenção para essa queda, através dessa fuga para o Oeste, de parte dos homens, que então ganham uma nova chance e se mostram dignos dela, se tornando aprendizes dos elfos e, por conseguinte, dos Valars (TOLKIEN, 2009 C, p. 240 – 269. Carta 131).

É a figura de Melkor/Morghot que produz essa queda, ao contaminar os homens, tal como fizera com os elfos noldors, os levando ao exílio na Terra Média. O modelo de sociedade que ele criou, por sua vez, se mantém como resultado desse processo com os homens orientais, que se mantiveram, a partir de então, distantes dos ensinamentos dos Valars.

Os homens das três casas dos amigos dos elfos, por sua vez, se estabelecem no Ocidente, recebendo uma nova chance. Depois, eles recebem a ilha de Númenor, um novo paraíso, mas novamente a ideia de um mal que vem do Oriente surge,

²⁸⁵ Ver Trecho 14, anexo capítulo 3.

²⁸⁶ Ver Trecho 15, anexo capítulo 3.

²⁸⁷ Ver capítulo 1 dessa pesquisa.

contaminando esses homens e produzindo uma nova queda para a humanidade, apresentada no afundamento de Númenor – Atalantë. Essa queda também ocorre pela influência de um mal que vem do Oriente e de um Oriente que degenera, através, primeiramente, dos maus pensamentos que são apresentados como tendo ficado no mundo, como parte das obras de Melkor/Morghot na Terra Média, ou seja, a Leste de Númenor.

Esse mal produz nos homens númenorianos um desejo pela imortalidade e uma inquietação, que aos poucos acaba com a felicidade deles em Númenor, mesmo com todas as bênçãos e desenvolvimento obtidos ali, fazendo esses indivíduos questionarem as orientações dos Valars, desejando a vida eterna e o direito de habitar a Terra dos Imortais²⁸⁸. Esse desejo os leva a se afastarem cada vez mais dos ensinamentos dos Valars, tornando-se soberbos e cruéis, usando o conhecimento que haviam recebido de forma incorreta, passando a explorar e a escravizar outros povos²⁸⁹.

O mal que vem do Leste se personifica ainda na figura de Sauron, que acaba sendo levado de sua morada no Oriente para Númenor como prisioneiro, mas que vendo a nova disposição dos númenorianos, consegue influenciá-los e levá-los a desafiar os Valars, o que os puxa para a destruição. Assim, a nova queda dos homens ocorre através da influência de um mal que vem do Leste, que deturpa e contamina a sociedade dos númenorianos, até pervertê-la quase por completa e condená-la à derrocada²⁹⁰.

A história da criação dos anéis de poder e do Um Anel, por sua vez, também passa pela temática do mal que vem do Oriente e de um Oriente que degenera, pois os anéis são produzidos pelos elfos, mas corrompidos por Sauron, que viera de sua fortaleza no Leste, disfarçado como alguém que desejava fazer o bem. Logo ele usa os anéis para contaminar e controlar homens, elfos e anões, e consegue grande êxito com os homens, corrompendo-os e escravizando-os, tal como ocorre com aqueles que usaram os anéis de poder dados por Sauron e que se tornaram os seus escravos, os espectros do anel, seres pervertidos pelo trabalho maléfico de Sauron²⁹¹.

No restante da narrativa, o mal continua vindo do Leste, como quando Gondor e Arnor se vêem atacadas por Sauron, ou quando Sméagol é pervertido pelo poder do Um

²⁸⁸ Ver Trecho 16, anexo capítulo 3.

²⁸⁹ Ver Trecho 17, anexo capítulo 3.

²⁹⁰ Ver Trecho 18, anexo capítulo 3.

²⁹¹ Ver Trecho 19, anexo capítulo 3.

Anel, ou mesmo quando se forma a guerra do anel e todo o Oeste se vê atacado pelas novas forças de Sauron.

Da mesma forma como Morghot e Sauron corrompem os elfos e os homens na Primeira e na Segunda Era, o mesmo ocorre na narrativa do livro “O Senhor dos Anéis”. Na trilogia, a influência do Anel de poder perverte o personagem Sméagol, fazendo-o se tornar uma criatura quase desumana²⁹². Efeito semelhante ocorre com Boromir, que fica enlouquecido na presença do anel e acaba atacando Frodo²⁹³.

O regente de Gondor, Denethor, também é apresentado enlouquecendo no final de sua vida, graças à influência de Sauron, que de sua morada no Leste, passou a duelar mentalmente com ele, até fazê-lo enlouquecer e atentar contra a sua própria vida e a de seu filho, Faramir (TOLKIEN, 2010 C, p. 125 – 137).

Assim, a temática de um mal que vem do Oriente e de um Oriente que degenera se apresenta como algo constante na narrativa de Tolkien. Essa ideia, no entanto, é também parte integrante de um pensamento orientalista que circulava entre boa parte da intelectualidade europeia na primeira metade do século XX, cuja característica principal era atribuir ao Oriente e ao mundo não europeu a maior parte da culpa pelas mazelas do mundo (SAID, 2007, p. 27 – 61). Assim, o Oriente era apresentado como um lugar subdesenvolvido, com uma população atrasada, o que produzia efeitos globais, pois a inabilidade dos orientais e dos demais não europeus em usufruírem dos recursos disponíveis em seus territórios estaria levando toda a humanidade ao atraso. Essa era uma das justificativas para o neo-colonialismo - a ideia da inaptabilidade dos orientais para usarem seus recursos, o que justificaria a intervenção dos homens brancos, para explorarem esses recursos, para o bem de toda a humanidade - e por isso foi altamente propagandeada nos fins do século XIX e na primeira metade do século XX (CANÊDO, 1994, p. 15 – 25).

3.3.3 O Oriente e o Ocidente em conflito

A temática do Oriente e do Ocidente na obra de Tolkien apresenta, como já se viu, dois modelos de sociedade, um dos Valars, no Ocidente, e um de Melkor/Morghot e Sauron, no Oriente. Esse dois blocos, por conseguinte, são descritos em confronto

²⁹² Ver Trecho 20, anexo capítulo 3.

²⁹³ Ver Trecho 21, anexo capítulo 3.

durante toda a narrativa, sendo esse, inclusive, o cerne do enredo, a luta entre os dois grupos.

Desde o início, Melkor é apresentado como um dissidente, mesmo antes da criação do mundo, se rebelando contra Eru Ilúvatar, a figura do Deus cristão, embora tenha se redimido. Quando o mundo começou a ser construído, ele se insurgiu novamente contra os demais seres angelicais e começou a cobiçar todo o mundo para si e a destruir e perverter tudo o que era criado pelos Valars fiéis a Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25). A partir desse momento se inicia um conflito constante entre os dois modelos de mundo, o dos Valars e o de Melkor.

O conflito continua quando Melkor destrói a primeira morada dos Valars e eles se estabelecem então em Aman, no extremo Oeste do mundo, produzindo ali o modelo de sociedade do Oeste, enquanto na Terra Média, a Leste, Melkor produz sua fortaleza de Utumno. Os dois blocos entram em confronto direto, quando os elfos passam a existir e começam a ser escravizados por Melkor, o que leva à intervenção dos Valars, que abrem guerra contra o insurgente (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Melkor foi vencido e levado como prisioneiro para o Oeste, embora muitas das criaturas que o serviam tenham permanecido perambulando pela Terra Média, principalmente na região Nordeste, próximo a Utumno, espalhando o mal pelo mundo. Já os elfos, em grande parte, foram levados para a terra de Aman, embora alguns grupos tenham ficado na região mais a Oeste da Terra Média, se estabelecendo ali (TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 40).

Os elfos na terra de Aman se desenvolveram e junto aos Valars criaram uma sociedade apresentada como altamente sofisticada. Já no Oeste da Terra Média, alguns elfos, sob a influência de uma Maiar, uma mulher da raça angelical, também desenvolveram uma comunidade bastante avançada (TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 41). Essas sociedades do Oeste, o tempo todo, estão em conflito com o modelo do Leste, em uma luta constante para dominar a Terra Média, sendo que a diferenciação entre os dois blocos parte em grande medida dessa disputa.

Quando Melkor volta à Terra Média, depois de roubar as silmarillis, ele reassume o controle de sua antiga fortaleza e se declara rei do mundo, apresentando o objetivo de dominar e subjugar todos os povos da Terra Média, para se tornarem seus vassallos ou seus escravos. Assim, ele deseja impor o seu modelo de sociedade, que é o

oposto daquele desenvolvido pelos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202). Dessa forma, os dois blocos são apresentados como antagônicos e em acirrada disputa.

O modelo dos Valars, como já se discutiu no capítulo 1, é o mais avançado, o do bem, dotado de extremo progresso, tendo a liberdade e a bondade como valores, bem como a ideia do bem-estar de todos, com governos apresentados como monarquias devidamente legítimas. Já o projeto de Melkor/Morghot e Sauron é o do mal, o atrasado, o bárbaro e o inferior. No entanto, a dicotomia entre os dois não se resume apenas às questões valorativas atribuídas aos mesmos. Cada qual, como já se viu nesse capítulo, é apresentado polarizado também em uma região, principalmente no Oeste e no Leste.

Além disso, a polarização se reverte em conflito, pois o Leste é apresentado o tempo todo tentando atacar o Oeste, o que se torna uma justificativa para a guerra enquanto legítima defesa, bem como fabrica a figura do oriental como a do inimigo a ser destruído, para o bem de todos os povos tidos como livres e bons.

No momento em que Melkor/Morghot volta à Terra Média e se coloca como o rei do Mundo, ele abre guerra contra os elfos que estão a Oeste. Por esse motivo, Morghot estende a sua influência para o Leste e arregimenta os homens para o seu domínio, uma vez que não conseguia fazer isso com os elfos. Assim, apresenta-se um conflito entre Oeste e Leste, de forma que o Leste ataca o modelo de mundo do Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Esse conflito entre os dois modelos tem boa parte de sua dinâmica e justificativa na ideia de que o modelo de Morghot se baseia na tirania, na opressão, na escravidão e em sua ganância pessoal em ser o senhor de tudo, a custa do bem-estar de todos. O narrador, por sua vez, tem como ponto de vista adotado o dos elfos e o dos Valars, bem como o dos homens ocidentais, que surgem e que se aliam aos elfos. Assim, os povos do Oeste são apresentados de forma legítima, combatendo os povos a mando de Morghot, lutando pela liberdade (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Os homens são então divididos entre os ocidentais e os orientais. O segundo grupo, comandados por Morghot, é bárbaro e cruel, o que justifica a luta dos primeiros contra eles. Além disso, há também os orcs, que possuem características mongólicas, como já se viu, e que também vêm do Leste e atacam os homens do Oeste e os elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Sobre as diversas lutas narradas no período em que Morghot esteve na Terra Média, de posse das silmarillis, a luta dos ocidentais é apresentada como legítima,

ocorrendo contra um ser opressor e seus lacaios bárbaros. Assim, os orientais são descritos com inúmeras características negativas, estando ao lado do anjo caído, a figura diabólica da obra de Tolkien (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Esses confrontos são então apresentados como uma luta do bem contra o mal, de forma que o Oriente e os orientais, tanto os homens orientais como os orcs são descritos como o mal a ser combatido. O desfecho desse período da narrativa termina com uma grande guerra, em que os Valars decidem intervir, graças à súplica de um dos meio-elfos, para que eles salvassem a Terra Média das agressões de Morghot, ou todos os homens e elfos que estariam ali cairiam na escravidão em breve (TOLKIEN, 2009 A, p. 155 – 202).

Vindos do Oeste, os Valars atacam as forças de Morghot e, ajudados pelos homens ocidentais e pelos elfos, eles vencem e expulsam para sempre o líder inimigo do mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 195 – 202). Assim, apresenta-se um grande conflito entre o Ocidente e o Oriente, no qual o Oriente e os orientais, bem como o modelo de sociedade oriental, sai derrotado.

Os homens ocidentais, em sua grande maioria, são levados para a ilha de Númenor, a Oeste da Terra Média, para ali se desenvolverem. No Oeste da Terra Média, muitos elfos permanecem habitando a região. No Leste, no entanto, muitos dos males causados por Morghot permanecem, bem como muitas criaturas criadas por sua maldade. Os homens orientais são abandonados ali à própria sorte, decaindo muito em hábitos e em nível de organização. Já os homens ocidentais que não foram para Númenor são apresentados sendo auxiliados pelos númenorianos, que lhes ensinam muitas coisas (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Um novo conflito entre o Leste e o Oeste é apresentado, pois no Leste a figura de Sauron, discípulo de Morghot, reúne as forças de seu antigo mestre e se torna o novo senhor do Escuro, buscando se tornar dono de tudo. O seu modo de agir é basicamente o mesmo, assim como a sociedade que ele constrói (TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 209). Dessa forma, Sauron, através dos anéis de poder, tenta aprisionar todos e logo é descoberto, abrindo precedente para um conflito entre as forças do Oeste e do Leste (TOLKIEN, 2009 A, p. 222 – 226).

O conflito, narrado sob o ponto de vista de um narrador que o faz a favor dos povos do Oeste, apresenta as forças do Leste invadindo de forma raivosa, o que justifica uma ação de legítima defesa por parte dos povos do Oeste da Terra Média, ajudados

pelos homens númenorianos. Sauron é derrotado e suas forças são rechaçadas novamente para o Leste²⁹⁴. Tempos depois Sauron se reergue e acaba sendo levado para Númenor, corrompendo o rei númenoriano e fazendo com que eles se voltassem contra os Valars²⁹⁵.

Sob inúmeros aspectos, a rebelião de Númenor contra os Valars também apresenta a ideia de uma luta entre o Leste e o Oeste, no qual mais uma vez o Oeste é entendido como o lugar portador do bem e da verdade, enquanto o mal está no Leste, que precisa ser combatido, por atacar o Oeste. Dentro do enredo, Númenor, sob a influência maléfica de Morghot e de Sauron, abandona o conselho dos Valars e se torna, gradativamente, um local signatário de práticas atribuídas aos povos do Leste, como a escravidão e a tirania²⁹⁶.

O narrador, que relata sob um ponto de vista, passa então a apresentar de forma valorativa a ideia de que os homens de Númenor decaíram, abandonando as boas práticas e se tornando maus e cruéis, tal como Sauron os instruíra e os levava a isso. Nesse processo, a própria ilha se divide entre dois grupos, o dos homens do rei, ocupando quase todo o espaço, mas principalmente a parte Leste, e a dos fiéis, indivíduos que eram ainda fiéis aos elfos e aos Valars, sendo que eles se concentravam a Oeste da ilha, em um porto²⁹⁷.

Dentro dessa nova realidade, o narrador começa a apresentar então uma visão favorável aos homens fiéis, como sendo agora eles os verdadeiros númenorianos, que não se deixaram contaminar pelas mentiras de Sauron, ao passo que os homens do rei passam a ser descritos de forma depreciativa. Assim, a própria Númenor se apresenta dividida entre uma população do Leste, do mal, decaída, e uma do Oeste²⁹⁸, que permaneceu do lado do bem e manteve as virtudes²⁹⁹.

Os homens do rei, númenorianos do mal, no entanto, dominam Númenor, que então é apresentada de forma geral agora como um lugar do mal, em contraponto à Terra de Aman, no extremo Oeste, como o lugar do bem. Um conflito entre o Leste e o Oeste é então formado e o Oeste, que tem a predileção do narrador, sai vencedor,

²⁹⁴ Ver trecho 22, anexo capítulo 3.

²⁹⁵ Ver trecho 18, anexo capítulo 3.

²⁹⁶ Ver trecho 18, anexo capítulo 3.

²⁹⁷ Ver trecho 23, anexo capítulo 3.

²⁹⁸ É notável salientar que os númenorianos fiéis a início se alojam no Oeste de Númenor, contudo, posteriormente, são forçados a morar no Leste, para serem vigiados. Ver: TOLKIEN, 2009. A, p. 209.

²⁹⁹ Ver trecho 24, anexo capítulo 3.

enquanto Númenor é destruída, junto com a grande maioria dos homens que seguiam o monarca³⁰⁰.

Da submersão de Númenor os homens fiéis conseguem se salvar e se estabelecem na parte Oeste da Terra Média, formando ali uma civilização ocidental apresentada como sendo de grande beleza e progresso. Esse modelo se contrapõe ao de Sauron e dos orientais, no Leste, bem como a dos poucos remanescentes dos númenorianos do rei que haviam se instalado no Leste e que se bandearam para o lado de Sauron, se tornando senhores entre os orientais (TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 230).

Mais uma vez uma relação de dicotomia e conflito se apresenta entre o Leste e o Oeste. O Oriente, a comando de Sauron, tenta dominar o Ocidente e o narrador, apresentando o ponto de vista do Oeste, narra como os homens ocidentais e os elfos se mobilizaram para se defender e fizeram um grande cerco a Mordor, que terminou com Sauron perdendo o seu anel de poder³⁰¹. A partir de então, o enredo segue em meio à luta dos povos do Oeste para se manterem livres e os povos do Leste, que a comando de Sauron, tentam dominar toda a Terra Média e destruir o modo de vida do Oeste.

Um dos principais momentos em que esse conflito é apresentado é quando os carroceiros surgem no enredo, ameaçando o reino de Gondor e os homens do Norte, principais defensores dos povos do Oeste nesse período da narrativa (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 464). Além dos carroceiros há os homens de Harad, os sulistas e os orcs, que principalmente nos livros da saga “O Senhor dos Anéis”, lutam contra os povos do Ocidente, também sob o comando de Sauron, com objetivo de destruírem o modelo de sociedade ocidental³⁰².

Alguns autores que discutem a obra de Tolkien dialogam sobre a ideia de haver um mal que vem do Oriente e do Oriente como inimigo dentro do enredo. Jonh West, em seu artigo “The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization”, apresenta a ideia de que no livro “O Senhor dos Anéis” o mal é marcado por ser uma cultura não ocidental e que ele pode corromper o bem ocidental (WEST, 2001, p. 2 – 9). Myles Balfe enfatiza uma perspectiva semelhante, ao defender a ideia de que as obras modernas de literatura fantástica, dentre as quais a de Tolkien, são marcadas pela luta entre o bem e o mal, ao passo que o bem tem a pele branca e estereótipo europeu e o mal tem a pele morena, amarela, negra e um estereótipo não europeu. Balfe argumenta

³⁰⁰ Ver trecho 25, anexo capítulo 3.

³⁰¹ Ver trecho 26, anexo capítulo 3.

³⁰² Ver trecho 27, anexo capítulo 3.

que nessas obras os heróis são europeizados e por sua vez, se aventuram em um Oriente fantástico, combatendo orientais cruéis e exóticos. Assim, se formaria um contexto de conflito constante entre ocidentais e orientais, cujo o resultado mais comum seria o da ocidentalização dos orientais, havendo, pois, a tendência de dominação e ocupação do Oriente (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

As argumentações de West e Balfe podem ser corroboradas pelo que se apresentou até o momento nessa pesquisa, pois a obra de Tolkien descreve os orientais como inimigos a serem combatidos e como o mal e, da mesma forma, representando uma força que pode corromper o Ocidente. Ao mesmo tempo, há um esforço para rechaçar o modelo oriental, dominá-lo, ocidentalizá-lo, apresentando-o como inferior, errado, exótico e como o oposto do Ocidente.

Astrid Winegar defende uma posição diferente ao discutir o tratamento dos orientais no enredo de Tolkien, argumentando que embora os inimigos estejam no Oriente, Tolkien não nutre por eles um ódio por eles serem orientais, mas apenas um tipo de repulsa a todos os indivíduos que se voltaram para o lado negro, se aliando a Sauron, independente de ser oriental ou ocidental. Analisando o livro “O Senhor dos Anéis”, Winegar defende que embora o mal esteja localizado no Oriente, a região Leste não é essencialmente má, mas sim, foi contaminada pelo poder de Sauron (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

Mas a argumentação de Winegar pode ser refutada se levando em consideração outros livros além da trilogia “O Senhor dos Anéis”. No “Silmarillion”, Tolkien apresenta os orientais como essencialmente maus, diferentes dos ocidentais que se tornam os amigos dos elfos. Todos os orientais, em todo o enredo, são apresentados como maus, cruéis, traiçoeiros, mesmo aqueles que têm oportunidade de servir aos Valars, enquanto os ocidentais, embora possam ser vez ou outra corrompidos, são descritos como os bons.

Winegar também declara que uma das provas de que os orientais não são essencialmente maus e inimigos é que com a destruição de Sauron surge a possibilidade da reconciliação, com a rendição dos orientais e com o estabelecimento de relações comerciais amistosas. Portanto, seria Sauron a figura essencialmente má e não os orientais (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9). No entanto, esse argumento pode ser refutado levando-se em consideração que os orientais só são tidos como não inimigos quando se rendem, ou seja, quando se submetem aos Capitães do Oeste. Os que não se rendem

continuam sendo considerados inimigos. Além disso, mesmo antes de Sauron, o Oriente, nos tempos de Morghot, assim como os orientais, são apresentados como inimigos. Seria então obra do acaso que o Oriente seja sempre representado como o mal ou mesmo como o lugar onde reside o mal?

Essa passagem de Winegar pode ser interpretada frente ao contexto do período em que Tolkien escreveu e a sua formação cultural como homem inglês, formado em Oxfor. Pois a ideia da rendição e da submissão dos orientais e dos demais povos não europeus era uma das principais ideias do pensamento imperialista, que advogava a inaptabilidade das raças consideradas inferiores para se auto-governarem, necessitando de serem guiados pelos homens civilizados. Além disso, defendia-se o modelo civilizacional europeu como superior e logo, os demais como inferiores e necessários de serem abandonados.

O trecho citado por Winegar da rendição dos orientais, antes de ser entendido como uma confraternização para a paz pode ser interpretado à luz das ideias imperialistas aqui citadas, uma vez que aos orientais dentro do enredo só cabe o papel de obedecer, se render e reconhecer a superioridade ocidental, ou então continuarem como inimigos a serem combatidos.

Zakarya Anwar, embora defenda uma postura pós-colonial para a obra de Tolkien, reconhece que os orientais são tratados como inimigos em parte do enredo (ANWAR, 2009, p. 1 – 8). Da mesma forma, Margaret Sinex também enfatiza que os orientais são apresentados na trama como o mal e como inimigos. Sinex enfatiza em especial os homens de Harad e argumenta que eles são descritos como dispostos ao mal e como inimigos constantes, e que na geografia de Tolkien o inimigo sempre está a Oriente e é negro.

Sinex relaciona essas ideias encontradas na obra de Tolkien às formas com que os sarracenos eram tratados no medievo europeu por diversas obras literárias, enfatizando que o autor teria se influenciado por uma larga tradição de tratar e representar os muçulmanos por parte dos europeus como inferiores, inimigos e como essencialmente maus (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

A colocação de Anwar e as argumentações de Sinex podem ser corroboradas frente ao que se discutiu sobre as representações dos orientais encontradas na obra de Tolkien, pois esses povos são tratados como essencialmente inimigos e como maus

dentro do enredo, enquanto os povos ocidentais são tidos como propensos ao bem, podendo, em alguns casos, também se voltarem para o mal.

Louise Liebherr, por outro lado, apresenta uma argumentação diferente sobre o tratamento dos orientais na obra de Tolkien. Para Liebherr, assim como para Winegar, o final do livro “O Senhor dos Anéis”, com o perdão aos orientais por parte de Gondor e o estabelecimento de um comércio amistoso provaria que a inimizade não se dava essencialmente entre ocidentais e orientais, mas antes, entre ocidentais e as forças do mal, primeiramente representadas por Melkor/Morghot e depois por Sauron (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Nesse sentido, Liebherr argumenta que na obra “O Senhor dos Anéis” o Anel e seu mestre, Sauron, são os grandes maus a serem combatidos e que esse mal, em grande parte se remeteria a ideia de um ataque a diversidade, pois a ameaça de Sauron seria a de dominar todos e colocá-los todos em um mesmo patamar de vida, destruindo todas as diversas culturas locais e os transformando em seus escravos. Liebherr então cita o Conselho de Elrond como sendo uma reunião em que a diversidade estaria imperando, havendo uma união pela diversidade, para combaterem um inimigo que colocaria em risco toda multiplicidade cultural da Terra-Média.

Esse argumento de Liebherr pode ter algum fundamento, pois de fato há uma diversidade de povos e culturas apresentados na Terra-Média e há um respeito e consideração pelos povos apresentados participando do Conselho de Elrond. Contudo, há um limite para esse respeito e essa diversidade, pois não há a inclusão dos povos orientais, nem dos orcs. Dessa forma, a argumentação de Liebherr pode ser rechaçada, uma vez que há uma diversidade sendo respeitada, mas somente entre povos brancos e europeizados, enquanto os orientais continuam a margem. E como já se discutiu, a rendição dos orientais pode ser interpretada não como uma ação de paz entre eles, mas antes, de submissão colonial aos europeus.

Além disso, se por um lado o Anel de Sauron possa representar uma ameaça a diversidade, por outro ele também apresenta ser ao modo de vida ocidental descrito como bom em meio ao enredo. E em última análise, é para combater esse ataque ao modelo ocidental que o Conselho de Elrond se forma, sendo, grosso modo, mais semelhante a uma cruzada, formada por reinos europeus, do que uma defesa da diversidade.

Outro argumento de Liebherr é que não somente o Oriente é apresentado como mal, assim como não só os orientais. Como exemplo, Liebherr menciona Isengard e Saruman. Saruman é um mago e sua aparência se remete a um estereótipo europeu, enquanto Isengard fica a Oeste da terra de Rohan, portanto, no Ocidente. Mesmo assim, Saruman se torna mal e Isengard, administrada por ele se torna um local aonde o mal se concentra. Por esse motivo, não seria somente o Oriente um local mal, mas também partes do Ocidente.

Contudo, o personagem Saruman e a terra que ele governa, Isengard, devem ser vistos como um todo e não somente no momento específico apresentado no livro “O Senhor dos Anéis”. Saruman é um mago, ou, como chamado em alguns escritos, um istari. Os istaris/magos são seres da raça dos Maiars mandados em missão a Terra-Média pelos Valars para ajudar a combater o poder de Sauron. Apenas cinco istaris foram enviados, dentre os quais só se sabe o nome de três: Saruman, Radagast e Gandalf. Os outros dois foram para a região oriental e desapareceram, não se sabendo nem mesmo os nomes deles.

Radagast ficou envolvido com plantas e animais, se esquecendo dos problemas da Terra-Média e pouco se envolvendo nos conflitos contra as forças de Sauron. Gandalf perambulou encansavelmente pela região ocidental, nunca adquirindo uma residência física, mas sim, conhecendo vários povos e ajudando-os no combate a Sauron e aos seus servos, porém, há uma descrição enfática dizendo que ele jamais viajou para o Oriente. Já Saruman viajou pouco, mas dentre as suas viagens há visitas ao Oriente, depois ele tomou Isengard como morada, se fixando ali.

Curiosamente os dois magos que vão para o Oriente desaparecem e não se tem nem se quer seus nomes lembrados, enquanto o terceiro, que viaja para essa região acaba por se tornar mal. Já o mago que é descrito jamais tendo ido para o Oriente se matem como bom, e, em grande medida, lidera os povos do bem para a vitória contra o mal. A mesma relação se dá com o lugar físico de Isengard, que antes era bom, mas que sob a influência de Saruman, influenciado por sua vez por Sauron, no Oriente, passa a se tornar um local mal. Assim, esse argumento de Liebherr pode ser rechaçado, pois Isengard e Saruman podem ser considerados como sendo coaptados por um mal que vem do Oriente e degenera.

O mesmo ocorre com a ideia levantada por Liebherr de que a obra de Tolkien apresenta todos os povos como suscetíveis a serem corrompidos pelo mal e que isso seria

uma prova de que o mal não é algo essencialmente oriental dentro do enredo. Pois de fato todos os locais podem ser corrompidos, porém, a corrupção parte do Oriente, além disso, os orientais são apresentados em massa como maus, enquanto no Ocidente há escolha e geralmente os povos são apresentados como bons.

Outro argumento de Liebherr para tentar justificar as muitas descrições inferirizantes produzidas sobre os orientais é de que as visões depreciativas partiriam de alguns personagens, que viriam, por sua vez, de povos que teriam uma série de conflitos históricos com os orientais e, por isso mesmo, os veriam como inimigos, da pior forma possível. Assim, Liebherr enfatiza que a visão depreciativa parte principalmente dos homens de Gondor, de indivíduos como Boromir, Faramir e Mablung, e não é parte do ponto de vista do autor ou do enredo, mas de personagens específicos, motivados por agressões constantes entre esses povos.

Mas a argumentação de Liebherr pode ser questionada, pois o próprio narrador, em diversos pontos, apresenta uma visão depreciativa sobre os orientais, quando os descreve na Primeira Era, atacando o povo da Casa de Hador, ou ainda, quando enfatiza que eles estavam propensos ao mal quando Morghot é vencido e depois, quando Sauron faz sua fortaleza no Oriente. Essa visão, portanto, não é somente dos personagens membros do reino de Gondor, mas sim, do próprio narrador, que como já se discutiu, narra sob um ponto de vista, a dos elfos e a dos homens do Oeste, que por sua vez, expressam as próprias opiniões do autor.

Para dar respaldo a sua argumentação, Liebherr apresenta a ideia de que os orientais se aliam a Sauron não por serem propensos ao mal, mas sim, por vingança ao expansionismo númenoriano, que teria os atacado, os escravizado e oprimido. Contudo, essa análise pode ser refutada, pois ela se baseia em uma informação errônea sobre o enredo de Tolkien.

Desde o primeiro momento em que os orientais são descritos, ainda na primeira Era, eles já eram aliados de Morghot e inimigos dos homens do Oeste. Morghot os teria corrompido, em primeiro momento, logo quando foge da Terra de Aman, ao roubar as silmarillis e se declarar o senhor da Terra-Média. Sabendo da existência dos homens, Morghot os teria corrompido, sendo essa a primeira queda dos homens, a qual Tolkien alude como sendo a expulsão do Éden.

Contudo, o enredo apresenta a ideia de que alguns homens fogem para o Oeste em três grandes grupos, que se aliam aos elfos e se tornam os homens ocidentais. Os

demais homens, que permanecem no Leste se matem sob o domínio de Morghot e mesmo quando vão para o Oeste, são apresentados como invasores, traidores e inimigos pelos ocidentais. Depois da expulsão de Morghot para fora dos círculos do Mundo, os orientais continuam sendo apresentados como homens maus. Em seguida, quando Sauron toma o lugar de seu mestre os orientais se aliam a ele, logo após Sauron ser descoberto pelos elfos em seus planos sobre o Anel de poder e, portanto, antes da colonização númenoriana e da escravização dos homens da Terra-Média pelos númenorianos, pois esses eventos só ocorrem posteriormente, quando Sauron é levado prisioneiro para Númenor, por ter se declarado senhor da Terra-Média, após ser descoberto sobre os anéis.

Dessa forma, diferente do que argumentou Liebherr, a causa da aliança dos orientais com as forças do mal não é o colonialismo númenoriano, mas sim, o fato de estarem dispostos desde o início a servir aos dois senhores do escuro. Isso então os apresenta como essencialmente maus, diferentes dos homens ocidentais, independente de qualquer conflito posterior ou agressão sofrida por outros povos.

Ao invés da visão negativa aos orientais creditada ao conflito e ao colonialismo númenoriano, como fez Liebherr, outra explicação pode ser entendida como mais plausível, sendo ela, a da influência do pensamento orientalista na obra de Tolkien, pois é necessário compreender que ao Oriente e seus povos foi atribuído por muito tempo pela cultura ocidental serem maus por serem um povo pagão, sob a influência do diabo. A obra de Tolkien remete a essa ideia ao apresentar Melkor corrompendo os orientais na primeira Era, e depois Sauron fazendo o mesmo e sendo adorado como rei e Deus. O Orientalismo, em sua origem de longa duração, atribuí ao Oriente o mal pela corrupção demoníaca, que só poderia ser em parte sanada com a conversão em massa. A obra de Tolkien apresenta a mesma ideia, e por isso, seu Oriente é inerentemente mal, embora possa ser convertido se colocado sob o julgo ocidental.

Liebherr também defende que essa visão negativa sobre os orientais, que ele atribui aos homens de Gondor, teria sido superada no final do livro “O Senhor dos Anéis”, quando Aragorn teria perdoado os orientais e estabelecido relações comerciais amistosas com eles (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). No entanto, como já se discutiu, os orientais continuam sendo entendidos como diferentes, sendo que eles são obrigados a se submeterem e, aqueles que não se rendem continuam a ser combatidos como inimigos.

Fredy Widya Pratama, por sua vez, apresenta uma perspectiva diferente da apresentada por Liebherr, sobre a ideia do Oriente como sendo um local de onde o mal vem em meio ao enredo de Tolkien. Para Pratama, o Oriente é apresentado como um lugar mal, exótico, onde Sauron reina, havendo, portanto, uma diferença completa entre a forma que o Ocidente e o Oriente são apresentados na obra (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7).

Sanni Hakkarainen apresenta uma interpretação semelhante a de Pratama, argumentando que há um contraste entre a bela e iluminada Minas Tirith e a negra e o horror de Mordor, sendo o primeiro local, no Ocidente, como o espaço do bem e o segundo, no Oriente, como a residência do mal. Ao Oriente se delega então a destruição, a feiúra, a monstruosidade, enquanto ao Ocidente se apresenta a beleza, as virtudes e a luminosidade.

Hakkarainen argumenta que Mordor pode ser interpretada ao mesmo tempo como uma representação do Oriente e mais especificamente dos países árabes, aos moldes das visões depreciativas que a cultura ocidental produziu, que os descrevia como bárbaros, instáveis, exóticos e perigosos, bem como uma representação que seria mais recente naquele período, a da União Soviética, entendida como industrializada e, ao mesmo tempo, com as mesmas características orientais atribuídas historicamente ao Oriente, como sendo um lugar sem individualidade e dominado por um déspota oriental. Nesse sentido, os orientais, segundo Hakkarainen, são sempre apresentados de forma violenta e ligadas ao posto militar ocupado, sem individualidade, enquanto os ocidentais, embora lutem, o fazem por necessidade, ao passo que são individualizados.

Em sua argumentação, Hakkarainen apresenta a análise de Joshua Roberts, que defende que Tolkien teria criado o seu mundo como um passado antigo da Europa e, portanto, teria produzido os povos ao redor com as mesmas características dos povos vizinhos aos europeus, bem como com os mesmos conflitos. Dessa forma, Roberts declara que inimigos no Sul e no Leste, com certas características físicas e culturais teriam parecido naturais a Tolkien. Mas Hakkarainen, discordando desse argumento, enfatiza o quanto essa naturalização da ideia de um conflito perpétuo entre Ocidente e Oriente prova uma visão depreciativa de Tolkien para com os orientais e a sua filiação ao pensamento orientalista, de construir o europeu como bom e o não europeu como exótico e mal.

Dessa forma, Hakkarainen argumenta que a obra de Tolkien apresenta orientais com a pele escura, bem como os orcs, ambos como maus, enquanto os ocidentais são descritos como heróicos, bons e brancos e que haveria uma relação histórica entre essas representações e as formas como os europeus se auto-construíram como superiores no tempo longo e construíram outros povos como inferiores e exóticos (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

Alexander Fahlén também apresenta uma argumentação semelhante a de Pratama e Hakkarainen, enfatizando que no enredo, as pessoas de pele negra lutam a favor do senhor do Escuro e estão no Oriente, mandando soldados para dominar o Oeste. Assim, o mal está no Oriente e o bem no Ocidente, havendo poucas exceções a essa regra (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

As argumentações de Pratama, Hakkarainen e Fahlén podem ser corroboradas pelo que se encontra no enredo, pois, como já se viu até aqui, os orientais, na obra de Tolkien, são construídos como inimigos a serem combatidos, bem como toda a obra constrói a ideia de um mal que vem do Oriente.

A ideia de um conflito constante entre o Oriente e o Ocidente, segundo Said, é parte importante do pensamento orientalista, que construiu a ideia de um mundo dividido entre um Ocidente civilizado e um Oriente bárbaro, com um antagonismo constante. Dessa forma, o pensamento orientalista teria produzido a perspectiva de que constantemente o Oriente, com o seu modelo civilizacional inferior, estaria sempre ameaçando o Ocidente e os seus valores, desde a antiguidade, com as invasões persas ao mundo grego, passando pelas campanhas alexandrinas, pelas invasões dos hunos ao Império Romano, as invasões muçulmanas à Península Ibérica, os ataques de Genghis Khan, a tomada de Jerusalém pelos muçulmanos, a queda de Constantinopla causada pelos Turco-Otomanos, a expansão Otomana no século XVI, a batalha de Lepanto, os conflitos com os muçulmanos e o Império Turco-Otomano (SAID, 2007, p. 359).

Não é possível afirmar se todas essas representações do Leste e do Oeste na obra de Tolkien foram feitas de forma consciente ou inconsciente, mas elas apresentam um valor atribuído a cada região, que, por sua vez, coincide com os valores que circulavam em meio à intelectualidade da época em que Tolkien escreveu. Dessa forma, é possível argumentar que ele foi influenciado por essas ideias e que as reproduziu e as transmitiu em suas obras.

3.3.4 Coragem e heroísmo ocidental x Covardia e vilania oriental

Em meio ao contexto de conflito entre Leste e Oeste, inúmeros mecanismos são utilizados para atribuir valores positivos ao Oeste e negativos ao Leste.

Um desses mecanismos é o de atribuir condutas heróicas aos ocidentais e atitudes opostas aos orientais, principalmente a covardia e as práticas apresentadas como indignas.

A figura de Melkor é a primeira a ser apresentada de forma pejorativa dentro do enredo, traíndo os planos iniciais de Eru Ilúvatar e produzindo uma desarmonia na música inicial, pervertendo para a sua causa vários outros espíritos. Depois desse momento inicial, Melkor é levado ao arrependimento, contudo, quando entra no mundo, volta a desejar subverter os planos iniciais de Eru. A partir desse momento ele entra em confronto com os Valars e passa a ser apresentado como a figura de um vilão cruel, que deseja tomar todo o mundo para si³⁰³ (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Por outro lado, o Valar Manwë, que se torna líder dos Valars e que organiza a resistência a Melkor é apresentado como sempre leal a Eru, como devidamente dotado de inúmeras virtudes, bem como sendo verdadeiro, altruísta e corajoso³⁰⁴. Sob inúmeros aspectos ele é o oposto a Melkor.

Os demais Valars, todos subordinados a Manwë, possuem as mesmas qualidades morais apresentadas em relação a ele, sendo todos figuras heróicas, que trabalham para o bem-estar do mundo, portanto, opostos ao que é descrito sobre Melkor³⁰⁵.

Os orcs, criaturas pervertidas e apresentadas com biotipo mongólico, são também descritos como cruéis, selvagens, violentos, odiosos e covardes. Assim, o primeiro povo mortal que se apresenta vinculado ao modelo de sociedade produzido por Melkor, que se estabelece a Oriente, é narrado com diversas características negativas (TOLKIEN, 2009 A, p. 31).

Essa característica dos orcs como covardes e como vilões é evidenciada de forma enfática nos momentos em que a narrativa apresenta o povo ocidental que é o seu oposto, os elfos, dos quais os orcs são uma perversão e, portanto, antagônicos. Assim, o povo élfico é descrito como dotado de inúmeras virtudes, como a bondade, a honradez e o heroísmo.

³⁰³ Ver trecho 28, anexo capítulo 3.

³⁰⁴ Ver trecho 29, anexo capítulo 3.

³⁰⁵ Ver trecho 30, anexo capítulo 3.

Em meio ao povo élfico, muitos personagens possuem características heróicas, como é o caso de Galadriel (TOLKIEN, 2009 B, p. 368 – 409), Fëanor (TOLKIEN, 2009 A, p. 36 – 49) e Fingolfin (TOLKIEN, 2009 A, p. 115 – 116), dentre inúmeras outras. Enquanto isso, nos mesmos relatos, os orcs, que por serem descritos como altamente animalizados, não possuem os nomes mencionados durante o livro “O Silmarillion”, e são narrados como vilões, cruéis, e inimigos a serem combatidos (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Os principais relatos de heroísmo ocidental e de vilania oriental se iniciam no período em que Melkor/Morghot voltou para a Terra Média, de posse das silmarillis, depois de seu cativeiro em Valinor, momento também em que os elfos noldors fogem da tutela dos Valars e se exilam na Terra Média. Nesse momento, os elfos realizam diversos atos de heroísmo, combatendo os orcs e as demais criaturas que assolavam o mundo, a mando de Morghot, criando pontos de resistência contra esses seres, que sempre eram mais fortes do que eles (TOLKIEN, 2009 A, p. 49 – 202).

Dos elfos que realizam atos de heroísmo nesse período, a figura de Fingolfin é uma das que mais se destacam, pois ele desafia o próprio Morghot pessoalmente, em um confronto que acabou em sua morte. No entanto, a narrativa apresenta esse relato como um ato de heroísmo memorável, em que um elfo enfrenta o ser que é o próprio anjo caído, a figura do diabo³⁰⁶. Morghot, no entanto, no mesmo relato, age de forma completamente inversa, com covardia, com desonra e crueldade.

Além de Fingolfin, representando o Oeste, os homens do Oeste, discípulos dos elfos, também produzem inúmeros atos de coragem, dentre eles estão os homens da casa de Haleth, que realizam uma heróica resistência ao ataque furioso dos orcs³⁰⁷, bem como os homens da Casa de Hador, que teriam participado ativamente do cerco a Morghot³⁰⁸ e trabalhado de tal forma, com tamanha coragem, que mantiveram a região em que viviam por muito tempo a salvo de ataques de orcs³⁰⁹.

Muitas partes ainda narram às resistências heróicas dos homens ocidentais e dos elfos em conjunto, nos tempos em que eles lutavam contra Morghot, na época em que ele estava de posse das silmarillis. Um desses trechos menciona os homens desesperados em um cerco, agindo com bravura, armando crianças e mulheres para

³⁰⁶ Ver trecho 31, anexo capítulo 3.

³⁰⁷ Ver trecho 32, anexo capítulo 3.

³⁰⁸ Ver trecho 33, anexo capítulo 3.

³⁰⁹ Ver trecho 34, anexo capítulo 3.

resistir aos ataques dos orcs³¹⁰. Esses homens se tornam proscritos e desesperados, mas não aceitam se render³¹¹.

Outro trecho fala da resistência heróica de Huor e Hurin, da Casa de Hador, junto aos elfos de Gondolin³¹².

Enquanto os homens ocidentais e os elfos são apresentados com grande honradez e coragem, os homens orientais são descritos de forma oposta. Logo que eles surgem no Ocidente, o narrador, que narra sob o ponto de vista dos Valars, dos elfos e dos homens ocidentais, os apresenta como já estando sob o domínio de Morghot, alguns deles em segredo (TOLKIEN, 2009 A, p. 118). Parte desses orientais, então, realizam uma ação considerada como indigna, pois eles simulam se aliar aos elfos e os traem em meio a uma importante batalha, passando para o lado dos inimigos e colocando todas as sociedades do Oeste em perigo³¹³.

Os orientais, dessa forma, são apresentados como o oposto dos homens ocidentais, sendo covardes, traidores e desonrados, tendo tramado de forma desonesta contra os elfos e os homens ocidentais.

Outro trecho que corrobora essa perspectiva é a que apresenta o personagem Túrin Turambar, que é um dos maiores heróis humanos dos tempos em que Morghot estava na Terra Média, de posse das silmarillis. Esse personagem produz diversos atos de coragem, dentre os quais, dois são os mais notáveis. Um deles é quando Túrin expulsa os orientais que haviam tomado a Casa de Hador, matando Brodda e expulsando os orientais da casa que Brodda havia tomado para si. Nesse momento Túrin realiza um grande gesto de bravura, contra inimigos mais numerosos e bem armados do que ele, ao passo que liberta muitos escravos, ato também que sempre é apresentado como de grande valor dentro do enredo³¹⁴.

Antes desse episódio, Túrin já havia realizado grandes atos de bravura, quando vivia na Casa de Turgon, ajudando a proteger o cinturão de Melian, tornando-se famoso por rechaçar os orcs de suas fronteiras (TOLKIEN, 2009 B, p. 121 – 149). Outro de seus atos foi o de ter protegido uma mulher de ser tomada à força por proscritos, tendo ainda levado esses homens desesperados a se tornarem melhores e a lutarem contra

³¹⁰ Ver trecho 35, anexo capítulo 3.

³¹¹ Ver trecho 36, anexo capítulo 3.

³¹² Ver trecho 37, anexo capítulo 3.

³¹³ Ver trecho 38, anexo capítulo 3.

³¹⁴ Ver trecho 39, anexo capítulo 3.

Morghot (TOLKIEN, 2009 B, p. 150 – 183). Dentre os atos de Túrin, ainda se destacam o seu combate com o dragão Glaurung e com os orcs, com ações que levaram à libertação de escravos (TOLKIEN, 2009 B, p. 194 – 245).

Tuor, parente de Túrin, praticava também inúmeros atos de bravura, coragem e heroísmo (TOLKIEN, 2009 A, p. 187 – 193). O mesmo pode ser dito de Húrin, pai de Túrin, que enfrenta os orcs com bravura e depois não se intimida frente ao próprio Morghot, respondendo-lhe com altivez (TOLKIEN, 2009 B, p. 103 – 121).

Beren, da Casa de Bëor, é outro desses indivíduos heróicos pertencentes aos homens ocidentais, pois ele, depois de lutar contra as forças de Morghot, se refugia na Casa de Turgon, dentro do cinturão de Melian. Lá ele se apaixona pela filha do rei e pleiteia casar-se com ela, paixão essa que é correspondida. Por esse motivo o monarca propõe-lhe uma tarefa quase impossível, roubar uma das silmarillis da coroa de Morghot e trazer a joia até ele.

A missão é aceita por Beren, que a partir desse momento vive inúmeras aventuras, algumas delas ao lado de Lúthien, filha de Turgon, sendo que, na tentativa de roubar a silmarilli, ele perde uma das mãos, devorada por um lobisomem. Durante todo o tempo, ele é apresentado como um grande herói, bem como Lúthien, que em vários momentos entra em combate e, em um deles, liberta escravos da fortaleza de Sauron, que era então apenas um servo de Morghot.

Beren e Lúthien são duas figuras importantes no enredo, descritas como heróicas e como antepassados dos homens Númenorianos, que criam boa parte do modelo de sociedade ocidental que a obra apresenta como sendo superior e sendo a origem da Europa. Dessa forma, os ocidentais são apresentados como descendentes desses dois indivíduos heróicos (TOLKIEN, 2009 A, p. 122 – 145).

Além de Beren e Lúthien, nos tempos de Morghot na Terra Média, a figura de Eärendil é destacada como uma das mais heróicas, pois ele é quem se arrisca, oferecendo a própria vida e a sua segurança para ir até os Valars e suplicar ajuda para deter os desmandos de Morghot. Eärendil é o indivíduo que salva todo o Ocidente e seu modelo de sociedade, sendo que toda a linhagem real númenoriana, que produz o Ocidente de Tolkien (TOLKIEN, 2009 A, p. 193 – 202), descende dele.

Depois da expulsão de Morghot para fora do mundo, outros exemplos da relação de coragem e heroísmo ocidental e de vilania e covardia oriental são apresentados na obra de Tolkien. Dos númenorianos, o rei Aldarion é um dos primeiros a serem

descritos realizando grandes feitos, com as suas inovações nas navegações e os seus contatos com o elfo Gil Galad, no Oeste da Terra Média (TOLKIEN, 2009 B, p. 290 – 352).

Contudo, no período númenoriano quem mais se destaca é Elendil e seus dois filhos, Anárion e Isildur, sendo eles líderes dos númenorianos fiéis, tendo realizado grandes feitos para salvar os fiéis da destruição de Númenor. Isildur, por exemplo, quase morre para salvar um fruto da árvore branca de Númenor, que se torna símbolo dos númenorianos de Gondor³¹⁵. Elendil e Anárion morrem, entregando a sua vida para salvar o Oeste da Terra Média das agressões de Sauron, juntamente com o elfo Gil Galad, outro indivíduo apresentado com características heróicas³¹⁶.

Esses três personagens entregam a vida pelo bem das sociedades do Oeste, contra a escravidão e a opressão de Sauron. Por esse motivo eles são apresentados como heróis de grande importância dentro da trama.

No período em que os remanescentes dos númenorianos se instalam na Terra Média, além de Gil Galad, Elendil, Isildur e Anárion, outros personagens se destacam como heróis do Oeste, lutando contra os povos do Leste. Inúmeros capitães, regentes e reis de Gondor são apresentados assim.

Na batalha contra os carroceiros, o rei Ondoher é apresentado em um ato heróico, comandando as suas tropas, para defender Gondor de ser invadida pelos orientais, perdendo a vida nesse episódio (TOLKIEN, 2009 B, p. 458 – 460). Um dos capitães ao seu comando realiza atos semelhantes. Em contrapartida, os carroceiros, homens orientais, agem com covardia e com atos descritos como maus (TOLKIEN, 2009 B, p. 461 – 462).

Outro dos reis de Gondor que realiza grandes atos de heroísmo e bravura contra as forças do Leste foi o rei Eärnur, que aceitou pessoalmente o desafio feito pelo rei dos espectros dos anéis e acabou vencido, sem se render. Sua ação só se torna importante e heróica em relação à maldade, vilania e mesmo covardia de seus oponentes, dentre os quais o nazgûl que o enfrenta e o vence (TOLKIEN, 2009 A, p. 232).

Além desses homens de Gondor, a figura do rei Eorl, dos Cavaleiros do Norte, é apresentada como heróica, quando em um ato de bravura, também contra orientais e orcs, salva Gondor da destruição e, por isso, recebe as terras onde funda o reino de

³¹⁵ Ver trecho 40, anexo capítulo 3.

³¹⁶ Ver trecho 41, anexo capítulo 3.

Rohan, um dos mais importantes da Terra Média, um dos responsáveis pela defesa do Oeste. Nesse relato, o heroísmo desse personagem é descrito edificando um reino, que então tem a sua fundação arraigada no ato heróico daquele que inicia a linhagem real daqueles homens (TOLKIEN, 2009 B, p. 465 – 472).

Dos descendentes de Eorl, vários deles também são apresentados como heróis, dentre os quais se destaca o rei Helm, que em uma luta árdua contra os homens da Terra Parda, morre protegendo o seu povo, resistindo em uma fortaleza que passou a ser conhecida como *O Abismo de Helm*, em homenagem aos seus feitos ali (TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 375). Além dele há a figura do rei Theóden (TOLKIEN, 2010 C, p. 102 – 125), de seu filho Théodred e de seu sucessor e sobrinho, o rei Éomer (TOLKIEN, 2009 B, p. 543 – 567).

O filho do rei Theóden tem o seu ato heróico ao morrer defendendo as passagens do Isen, contra a invasão dos homens da Terra Parda. Além dele, outros capitães fazem o mesmo e são apresentados com atos heróicos (TOLKIEN, 2009 B, p. 543 – 567). O rei Theóden, por sua vez, luta com grande bravura no Abismo de Helm, contra uma tropa muito grande de homens da Terra Parda e orcs de Saruman (TOLKIEN, 2010 B, p. 108 – 123). Depois ele reúne as suas tropas e vai ao socorro de Gondor, morrendo nos campos de batalha, depois de liderar por um bom tempo os seus cavaleiros, sendo então um dos reis mais afamados em meio aos homens de Rohan (TOLKIEN, 2010 C, p. 102 – 125).

O sobrinho de Theóden, Éomer, participa ativamente das lutas no Abismo de Helm (TOLKIEN, 2010 B, p. 108 – 123) e depois na luta em Gondor. Torna-se rei depois que o seu tio cai em campo de batalha e lidera com grandes atos de bravura os cavaleiros de Rohan para a vitória (TOLKIEN, 2010 C, p. 102 – 125).

No livro “O Senhor dos Anéis”, inúmeras figuras heróicas são apresentadas, algumas de maior envergadura, com atos de coragem e heroísmo mais constantes, outros com atos menores, contudo, descritos também como importantes e memoráveis. O primeiro desses indivíduos a ser mencionado é o mago Gandalf, que é uma figura de grande importância, pois no decorrer da história ele se transforma no líder do Oeste no combate contra as forças do Leste, lideradas por Sauron.

Gandalf é um ser da raça dos Maiars que foi mandado para a Terra Média para ajudar os homens e os elfos do Oeste na luta contra Sauron. No entanto, ele foi enviado com seus poderes diminuídos, tendo a aparência de um velho, embora ele ainda

dispusesse de grandes dons e de uma mente aguçada. Ele realiza inúmeros feitos de bravura. No livro “O Hobbit”, em que o personagem aparece pela primeira vez, em uma versão mais infantilizada, ele consegue vencer o bruxo de Dol Gudur, expulsando-o da floresta das trevas, algo que é descrito como de extrema importância para o futuro do Oeste da Terra Média (TOLKIEN, 2009 B, p. 582 – 603).

No livro “O Senhor dos Anéis”, Gandalf realiza diversos atos de bravura, os primeiros deles foi enquanto guiava a Sociedade do anel na direção Leste, sendo que, no trajeto, ele luta contra lobos ferozes (TOLKIEN, 2010 A, p. 460 – 463) e por fim, em um dos seus maiores feitos, enfrenta e vence um Balrog, às custas de sua própria vida, pois acaba caindo em um grande abismo junto à criatura e depois chega a morrer (TOLKIEN, 2010. A, p.507 - 509), tendo a sua vida devolvida pelos Valars. Com a sua nova vida ele se torna Gandalf, o branco (TOLKIEN, 2009 B, p. 582 – 603); então, com essa nova roupagem, ele liberta o rei Theóden de um feitiço, depois, luta na batalha do Abismo de Helm (TOLKIEN, 2010 B, p. 90 – 123), sendo crucial na vitória; em seguida, combate na defesa de Minas Tirith contra as forças de Sauron, enfrentando por diversas vezes os temíveis nazgûlz (TOLKIEN, 2010 C, p. 73 – 138) e, por fim, combate junto aos Capitães do Oeste, nas portas de Mordor.

Além de Gandalf, outra figura de grande importância, com inúmeros feitos heróicos é Aragorn, herdeiro do trono de Gondor. No início da trama ele é apenas um guardião, que vive na região noroeste da Terra Média, junto ao seu povo. Nessa posição, ele já havia realizado diversas façanhas (TOLKIEN, 2010 A, p. 236 – 276). Quando jovem, ele ajuda o regente de Gondor a combater o avanço dos orcs (TOLKIEN, 2010 C, p. 358 – 360). Na companhia da Sociedade do anel, ele lutou inúmeras vezes para salvar o grupo, vencendo orcs nas Minas de Moria (TOLKIEN, 2010 A, p. 455 – 511), bem como no ataque à comitiva, que terminou com a morte de Boromir (TOLKIEN, 2010 B, p. 4 – 11).

Na batalha do Abismo de Helm, ele é um dos principais campeões (TOLKIEN, 2010 B, p. 108 – 123), bem como na luta em Minas Tirith, onde realiza os seus maiores feitos, passando então a ser reconhecido como o verdadeiro rei de Gondor (TOLKIEN, 2010 C, p. 36 – 138). Por fim, ele lidera os Capitães do Oeste para os portões de Mordor, resistindo em uma dura batalha (TOLKIEN, 2010 C, p. 162 – 173).

Além desses personagens de grande significância, outros são apresentados com atos de coragem e heroísmo, como Boromir e seu irmão Faramir; Legolas, o elfo; Gmili,

o anão; Meriadoc Brandebuk e Peregrin Tûk, hobbits do condado. Contudo, dentre aqueles que realizam os atos mais importantes estão também os hobbits Frodo Bolseiro e Sam Gamgi, que tinham a missão de levar o Anel de poder até a Montanha da Perdição e jogá-lo no fogo para ser consumido.

Os dois personagens, a início pacíficos, provenientes de um local rural, vão se tornando altamente corajosos e heróicos no decorrer do enredo, tomando cada vez mais atitudes de grande valor. O primeiro desses atos dos dois hobbits foi o de se separarem da Sociedade do Anel, abandonando o grupo de indivíduos que os protegiam (TOLKIEN, 2010 A, p. 624 – 629). Depois eles enfrentam Gollum e o prendem, sem matá-lo (TOLKIEN, 2010 B, p. 177 – 194). Contudo, é no final da jornada que eles realizam feitos apresentados como heróicos.

Na toca de Laracna, uma aranha gigante, Sam Gamgi enfrenta a criatura, de posse somente de uma espada e de um frasco de luz, dado a Frodo por Galadriel, para iluminar os seus caminhos, ferindo a criatura de morte para defender Frodo, que por sua vez acabou gravemente ferido pelo aracnídeo, que o deixou com aparência de estar morto. Nessa luta contra Laracna, Sam mostrou extrema coragem, sendo ele apenas um hobbit, um indivíduo com menos de um metro de altura, sem nenhum treinamento militar, acostumado à vida rural, tendo trabalhado sempre como jardineiro³¹⁷.

Sam havia pensado que Frodo morrera e abandonou o seu corpo para trás, contudo, depois ele descobriu que seu mestre ainda estava vivo e que fora capturado por orcs e levado para uma torre negra, que servia de ponto de vigia para as criaturas. Ele, então empreende uma dura batalha para libertar o seu mestre, sozinho, contra diversos orcs perigosos, mais treinados e maiores do que ele, vencendo-os com obstinação e coragem (TOLKIEN, 2010 C, p. 174 – 196).

Nesses dois relatos Sam é apresentado realizando atos de coragem e heroísmo muito além do que seria esperado para um pequeno hobbit, enfrentando inimigos mais altos, fortes e bem treinados do que ele, sendo inclusive, considerado pelos orcs que haviam visto o que ele realizara como um grande guerreiro élfico. Frodo, por outro lado, realiza um dos feitos considerados como o mais difícil de todos, o de não desistir e seguir em frente, persistindo, mesmo contra todas as possibilidades contra ele, resistindo ao Anel de poder e sua crueldade, em meio à desolação, sendo, por esse motivo, considerado o maior herói de todos e, por conseguinte, sendo reverenciado por

³¹⁷ Ver trecho 42, anexo capítulo 3.

todos no Oeste, até mesmo por Gandalf e pelo rei Aragorn de Gondor (TOLKIEN, 2010 C, p. 240).

Todos esses indivíduos caracterizam-se pela heroicidade de seus feitos e por pertencerem aos povos sob a tutela dos ensinamentos dos Valars e, por sua vez, ao modelo de sociedade desenvolvido no Oeste, sendo eles também pertencentes às raças apresentadas como superiores. Dessa forma, a obra de Tolkien constrói o Oeste dotado de inúmeros valores e sendo habitado por populações que, além de serem racial e civilizacionalmente superiores, com costumes mais refinados, com maior organização e progresso, produzem também inúmeros indivíduos heróicos, que lutam por aquele modelo de forma exemplar, sendo modelos de retidão, de bravura e de perseverança para os demais indivíduos.

Com exceção dos hobbits, apresentados de forma heróica, e de Tom Bombadil, que são de baixa estatura, todos os heróis da obra de Tolkien possuem um biotipo físico específico, sendo altos, de pele clara, muitos deles loiros e todos eles, sem exceção, com um tipo físico caucasiano. Por sua vez, os vilões enfrentados por eles são todos seres com biotipo diferente, alguns monstruosos, outros humanos com características não europeias, sendo alguns de pele morena ou negra, outros com aparência descrita apenas como bárbara, porém, vindos do Sul e do Leste, como os sulistas e os homens de Harad, que vinham montados em grande elefantes pré-históricos e usando turbantes e cimitarras.

Myles Balfe, ao analisar as obras de literatura fantástica modernas, dentre as quais a obra de Tolkien, aborda o tema do heroísmo, enfatizando que todas essas narrativas constroem os seus mundos como um lugar de heroísmo e de masculinidade, sendo que há uma tendência constante na construção de heróis com estereótipos ocidentais, que por sua vez, combatem inimigos orientais e se aventuram em paisagens em um Oriente monstruoso e exótico (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

No entanto, Louise Liebherr apresenta uma visão diferente sobre o heroísmo na obra de Tolkien, argumentando que tanto os ocidentais como os orientais apresentam características heróicas, sendo descritos como grandes guerreiros, valentes, bem armados e perigosos (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, essa análise pode ser refutada, quando se leva em consideração algumas questões. Isoladamente pode-se até interpretar que ocidentais e orientais são apresentados como corajosos e masculinos. Mas há de se observar a própria ideia do herói. Esse não é somente corajoso e vigoroso, mas é apresentado com uma solidez moral, agindo, portanto, heroicamente, arriscando a

vida pelos outros ou por uma nobre causa além do convencional, tal como afirma Olgária Chain Féres Matos (MATOS, 1995, p. 83 – 90). Nenhum oriental é assim apresentado na obra de Tolkien.

A reflexão de Matos sobre as representações dos heróis, ainda que não tenham sido produzidas especificamente para discutir a obra de Tolkien, podem ser usadas para esse fim. Segundo Matos, os heróis são construídos em torno de uma dinâmica, que constrói certos indivíduos apresentando características positivas e eliminando ao máximo os defeitos. Em contrapartida, se produz a figura do vilão, ou do anti-herói, que é aquele ou aqueles a serem combatidos pelo herói. A esse anti-herói se autorga todas as características tidas como más, como a falta de caráter, uma série de hábitos tidos como excêntricos, de forma que as duas realidades valorativas, através da representação desses indivíduos opostos, se chocam, produzindo então a perspectiva da vitória do herói e, conseqüentemente, dos valores e dos povos tidos como bons.

A obra de Tolkien pode ser interpretada nesse contexto, pois aos ocidentais cabe a alcunha de povo heróico, com valores apresentados como bons, enquanto aos orientais, ainda que eles possam ser representados como guerreiros temíveis, cabe o papel de serem maus, cruéis, enfim, os inimigos a serem combatidos.

Fredy Widya Pratama defende uma perspectiva semelhante a de Balfe e próxima a análise do herói apresentada por Matos. Para Pratama, a obra de Tolkien constrói os heróis no Ocidente e os vilões no Oriente, criando um conflito constante e valorativo entre ocidentais e orientais (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7).

Através da ideia de herói e vilão, a obra de Tolkien produz um valor para o Oeste e um desvalor para o Leste, construindo os heróis como pertencentes aos povos do Oeste, líderes desses povos, enquanto os vilões são os líderes dos povos do Leste. Os heróis pertencem às sociedades já analisadas nos capítulos 1 e 2, sociedades estas caracterizadas como superiores. Já os vilões, por sua vez, pertencem aos povos apresentados como inferiores.

Os heróis não são somente povos que vivem aleatoriamente no Oeste, mas sim que são construídos como ocidentais, de forma valorativa, pois estar a Oeste não é apenas uma opção geográfica dentro do enredo, mas se refere também a uma questão civilizacional. O mesmo se refere aos anti-heróis, que não vivem por acaso no Leste, mas são produzidos como orientais, também de forma valorativa e como oposta aos

povos ocidentais, sendo que ser oriental dentro dessa narrativa também se refere a uma questão civilizacional, a da barbárie.

A construção dos heróis, tanto nas narrativas ficcionais como nas construções dos estados nacionais, se refere à produção de modelos para uma sociedade ideal, bem como a de membros fundadores de uma comunidade, que em determinado momento teriam transcendido as ações comuns e agido de forma diferenciada, demonstrando coragem e percepção ímpares das necessidades de uma coletividade. Na ficção, heróis tendem a refletir valores da sociedade ou do grupo a partir do qual a obra ficcional foi criada, bem como os princípios do autor, que se encontram explícitos nesse personagem, que agrega em si todos os valores positivos entendidos como ideais para um ser humano tido como exemplo para os demais (MATOS, 1995).

Tolkien constrói os seus heróis relacionados aos valores que defende, através da condução de um narrador que possui um ponto de vista, o de determinados povos, em detrimento de outros, apresentados como maus. Os seus heróis, assim como as sociedades pelas quais Tolkien demonstra predileção, pertencem ao Oeste e representam o Ocidente do mundo real.

A bibliografia sobre a produção dos heróis passa pelos estudos da sociologia, da literatura e da sociologia dos movimentos nacionalistas nas sociedades ocidentais. Os estudos mais recentes evidenciam como a construção dos heróis buscou criar valores para a sociedade, através de exemplos a serem seguidos e louvados, que uma vez tendo as suas histórias contadas produziriam um enraizamento de tais princípios nos seus ouvintes. Contudo, esses mecanismos não eram totalmente pensados por aqueles que construía discursivamente os heróis (IWAI, 2011, p. 119 – 133).

Em grande parte, os heróis surgiriam a partir de figuras que, além de simbolizar um valor, trabalharam para impor um determinado ideal considerado socialmente importante. Um herói, dessa forma, pode ser construído a partir de um indivíduo que em seu tempo não foi considerado como heróico, mas que depois passa a ser resgatado como símbolo de uma luta, como precursor. Para se produzir um herói é necessário, por sua vez, retirar todo amálgama de defeitos que esse possa ter em sua biografia, enfatizando as suas qualidades morais, intelectuais, bélicas e, sobretudo, ligadas ao aspecto que o fez ser entendido como herói.

Na ficção, o herói é produzido sobre o anseio da sociedade e do indivíduo que o produz, de forma que se busca construir um personagem que atenda àquela aspiração,

seja em torno de justiça, de moral, de força física ou mesmo de um conjunto seletivo de qualidades, que de forma geral não existiriam em um indivíduo só. O herói da ficção possui inúmeras possibilidades, inclusive sobre-humanas. Por outro lado, há os heróis que são produzidos ficcionalmente em torno das fábulas. Esses, por sua vez, são articulados para servirem a determinados objetivos, como o de serem heróis nacionais, ainda que entendidos como fabulosos, como é o caso do rei Artur em suas versões modernas, em relação à ideia de legitimidade da Inglaterra, sendo esse um personagem utilizado alegoricamente para se falar de certos princípios que deveriam ser os da Inglaterra, que diferenciariam os ingleses dos demais povos e os fariam ser o povo mais avançado do mundo (MATOS, 1995).

Tolkien produz os seus heróis em torno de princípios que ele mostra corroborar durante toda a narrativa. O heroísmo de seus heróis é produzido em cima da vilania de seus inimigos. No caso, os heróis ocidentais lutam sempre contra os mesmos inimigos, dotados de inúmeros defeitos, sendo eles Morghot, Sauron, os orcs e os orientais. Dessa forma, a coragem e o heroísmo na obra de Tolkien se referem sempre a um confronto constante entre o Ocidente e o Oriente, que por sua vez seria parte de um pensamento orientalista.

Segundo Said, o pensamento orientalista tinha por estratégia a produção dos heróis europeus e dos vilões orientais. Essa ideia, tanto na ficção quanto nas versões históricas, teria construído enfaticamente o europeu como o herói, com figuras históricas como a de Alexandre o Grande e outros inúmeros homens públicos da Grécia Antiga; Julio César e diversas outras figuras do Império Romano, Carlos Magno, Rolando, El Cid, Santiago Matamouros, Balduino IV, Marco Polo, Ricardo Coração de Leão, Vasco da Gama, Cristovão Colombo, dentre muitos outros; bem como figuras ficcionais como a dos diversos heróis mitológicos gregos e romanos, juntamente com figuras construídas na literatura popular medieval, como a de Rolando, o próprio Alexandre, em suas versões medievais (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Todas essas figuras heróicas ocidentais, tanto as históricas como as ficcionais, cada qual a seu tempo e de uma determinada forma, foram construídas como heróicas e utilizadas para legitimar determinadas ideias, porém, foram também empregadas e reconstruídas como sendo parte do Ocidente, sendo mesmo consideradas como os seus fundadores, tanto em relação a atos como a exemplos. Para se produzir a ideia de Ocidente, essas figuras foram de grande importância, sempre colocadas ao lado de

outras, produzidas como a dos vilões nefastos, que em inúmeros momentos eram a figura dos não europeus e em especial a dos orientais e mais especificamente a dos muçulmanos (HALL, 1991).

Muitos dos heróis produzidos pela história ocidental como fundadores do Ocidente têm as suas aventuras e realizam os seus heroísmos contra inimigos não europeus. Alexandre o Grande, por exemplo, tem a sua grande campanha realizada contra os Persas, apresentados como bárbaros a serem civilizados/helenizados pelos gregos e macedônios. O mesmo se refere às histórias sobre Carlos Magno e depois sobre o seu sobrinho fictício, Rolando, cujas aventuras e atos de heroísmo são apresentados ao lutarem contra as incursões muçulmanas.

Nesses relatos, versões históricas e fictícias se misturam. O mesmo se dá com Marco Polo e com outras tantas figuras que possuem versões historiográficas e fictícias que se misturaram em meio a um processo de heroicização, como é o caso dos muitos líderes cruzados e dos precursores das colonizações nas Américas, na Ásia e na África.

A intelectualidade europeia do século XIX, por sua vez, tratou de compilar todos esses heróis produzidos pela Europa, pelo mundo greco-romano, pela cristandade católica e pelos eruditos das grandes monarquias europeias, e tornou-os parte de um Ocidente e de uma cultura ocidental, heroicizando-os novamente, como heróis da civilização, que deram, cada qual ao seu tempo e ao seu modo, uma contribuição para a construção do progresso ocidental. Essa compilação, por sua vez, em diversos momentos, os colocou em luta contra os povos com os quais a Europa estava em contato no século XIX, produzindo assim, versões sobre Alexandre e Carlos Magno como iniciadores das missões civilizadoras e combatentes contra fanáticos de turbantes, montados em camelos.

A cultura orientalista produzida e fortalecida no pensamento europeu do século XIX buscou enfatizar o caráter desses heróis, as suas características europeias, bem como reforçou as marcas daqueles contra quem eles lutavam, os não europeus, selvagens e bárbaros a serem combatidos. Muito da literatura do século XIX, por sua vez, produziu diversos heróis protagonistas de seus romances/aventuras como indivíduos com estereótipo caucasiano, uma boa parte deles loiros, enquanto esses indivíduos, por sua vez, realizavam as suas aventuras na África e na Ásia ou mesmo nas Américas, encontrando selvagens hostis, os quais eles precisavam combater (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Em sua obra literária, Tolkien reproduz muito desse método de construção de heróis, sendo todos brancos, caucasianos, uma grande parte deles loiros, de olhos claros, descritos como ocidentais, com hábitos polidos, saídos de sociedades avançadas. Ao mesmo tempo, assim como na perspectiva orientalista, esses heróis são produzidos realizando os seus atos de heroísmo contra orientais monstruosos, como os orcs, semi-orcs e semi-trolls, bem como contra orientais e sulistas, muitos deles cobertos com turbantes, montados em elefantes pré-históricos, apresentados, dessa forma, com as mesmas características atribuídas aos muçulmanos pelo pensamento orientalista.

Essa produção na obra de Tolkien de vilões arabizados e de heróis europeizados é mais um indício da influência do pensamento orientalista em seu enredo, que mostra corroborar os estereótipos orientalistas sobre o Ocidente e o Oriente produzidos pelo pensamento europeu.

3.3.5 Verdade e sinceridade Ocidental x mentira e malícia oriental

Um dos temas que ajudam a compor a ideia de uma diferença entre o Ocidente e o Oriente na obra de Tolkien é a de verdade e sinceridade atribuída a um dos modelos de sociedade, o ocidental, e mentira e malícia atribuída ao outro, ao oriental.

O primeiro momento em que a ideia de mentira e malícia aparece na obra de Tolkien é quando Melkor, constrangido por Eru Ilúvatar, frente ao seu erro inicial, finge se arrepender, mas em seu íntimo, guarda rancor e mente para os seus semelhantes, os demais Ainur, mantendo em sua mente o desejo de ser o dono de tudo. Essa característica se segue quando ele, entrando no mundo, declara então esse seu desejo e começa a trabalhar para isso. Em contrapartida, os Valars se mostram sinceros e verdadeiros, inclusive, acreditando em Melkor enquanto ele mentia, por entenderem que ele seria como eles mesmos (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 25).

Melkor volta a usar de mentira e malícia quando recebe o direito de viver livre em Aman, fingindo arrependimento, quando na verdade ele se mantinha com os seus mesmos desejos maléficos e ainda passou a nutrir ódio e inveja dos elfos, ao ver a bem-aventurança em que eles viviam. Assim, ele passa a agir de forma dissimulada, espalhando boatos, inverdades e intrigas, com palavras que pareciam sábias a todos que as ouviam, mas que tinham por objetivo levar a discórdia entre os elfos e os Valars. Com essas suas ações, ele acabou produzindo um conflito entre os elfos noldors e os

Valars, que culminou na destruição das duas árvores de Valinor, no exílio dos noldors na Terra Média, no roubo das silmarillis e no fim do período de bem-aventurança de Valinor³¹⁸.

Na Terra Média, Melkor/Morghot e seus seguidores continuam a agir da mesma forma, com malícia e mentira, tentando desvirtuar todos que os podiam. Assim, eles fazem com os homens, levando-os à sua queda do paraíso, depois, subvertem os orientais, enquanto os homens que ficam conhecidos como os das três casas dos amigos dos elfos fogem para o Oeste, para encontrarem a luz. Contudo, os orientais continuam presos às mentiras de Melkor e por isso não se desenvolvem, ao passo que também passam a ter o hábito da malícia e da mentira (TOLKIEN, 2009 A, p. 74 – 76; 104 – 112).

Os homens orientais agem de forma maliciosa e mentirosa logo que chegam ao Oeste, estando eles a serviço de Melkor/Morghot, de forma que eles simulam trabalhar a favor dos elfos e dos homens das três casas dos amigos dos elfos, porém, os traem em batalha e os levam a uma das mais duras derrotas, que faz com que a situação da guerra mude completamente, de uma posição favorável aos elfos para uma posição completamente desfavorável, enquanto os homens do Oeste são devastados e perdem as suas terras, que são, por sua vez, ocupadas pelos homens orientais, que ainda os escravizam. Dessa forma, os homens orientais seguem essa característica de Melkor/Morghot, a da mentira e da malícia, enganando os povos do Oeste, que os acolheram de bom grado em suas terras, como amigos e aliados (TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 187).

Essa característica continua reproduzida em toda a narrativa em relação aos orientais, agindo sempre de forma dissimulada e mentirosa, e sendo, por sua vez, vítimas e também co-autores das mentiras e da malícia de Morghot e depois de Sauron, o seu substituto como o novo senhor do Escuro.

Sauron também apresenta a mesma característica, a da mentira e a da malícia, agindo assim logo quando o seu mestre, Morghot é preso e expulso do mundo. Sauron é então encurralado e jura aos Maiar que o encontraram que iria até Aman, pedir perdão pessoalmente aos Valars, porém, essa sua promessa se mostra falaciosa e ele se mantém na Terra Média, sem se curvar aos Valars e começa a reunir ao seu redor, em segredo,

³¹⁸ Ver trecho 43, anexo capítulo 3.

os antigos discípulos de Morghot para o servirem como o novo senhor do Escuro (TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 209).

Depois disso, Sauron continua agindo com malícia e mentiras para atingir os seus propósitos, o de dominar toda a Terra Média e submeter principalmente os elfos, mas também os demais povos, ao seu domínio, já que seu mestre Morghot já não estava mais no mundo. Ele faz isso ao se apresentar aos elfos em uma bela forma, passando a ser conhecido como o doador de presentes, sendo que ninguém sabia que ele era um antigo discípulo de Morghot. Por isso ele se passou por um emissário dos Valars, que havia chegado à Terra Média para auxiliar os povos ali a se desenvolverem. Então, com mentiras e malícia, Sauron conquistou a amizade de muitos elfos e ajudou alguns deles na produção dos anéis de poder, que tinham dons de criar coisas belas e espetaculares.

Sua atitude, contudo, mais uma vez era dotada de malícia e de mentira, pois secretamente ele forjou para si um anel mestre, o Um anel, para governar todos os anéis e para dominar todos que usassem os demais anéis de poder. Foi assim que a farsa de Sauron foi descoberta e ele então foi reconhecido como o principal discípulo de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 222 – 226).

Depois desse conflito, Sauron ainda age com malícia e com mentiras em relação aos númenorianos, quando foi levado como prisioneiro para Númenor, onde passa da condição de preso a de conselheiro do rei, usando a sua malícia e as suas mentiras para fazer com que aqueles homens se voltassem contra os Valars, se rebelando, até chegarem ao ponto de serem destruídos e terem a sua grande civilização submersa no mar, como castigo. Esse evento foi o último em que Sauron pôde realizar as suas artimanhas se utilizando de sua bela aparência, contudo, ele encontrou outras formas de desempenhar os seus desígnios, também através da malícia e da mentira (TOLKIEN, 2009 A, p. 211 – 221). Na guerra do anel, ele age com malícia e com mentiras, conseguindo resultados com Saruman, o mago, e com Denethor, regente de Gondor.

As mentiras de Sauron em relação a Saruman fizeram com que o mago abandonasse o lado dos povos do Oeste e fosse para o lado de Sauron, como seu aliado, para ser um líder na nova ordem que ele convencera a Saruman de ser inevitável. Saruman, no entanto, desejava mais do que ser um aliado de Sauron, objetivando também suplantar e tomar o seu lugar. Para isso, o mago buscava encontrar o anel de Sauron e tomar para si todo o seu poder.

No entanto, Sauron sabia muito bem das intenções de Saruman e apenas o usava para os seus desígnios, agindo, portanto, com mentiras e malícia para com o seu novo aliado, que na verdade jamais chegaria a governar ao seu lado, sendo que poderia ser no máximo um dos seus principais servos (TOLKIEN, 2010 B, p. 153 – 164).

Em relação a Denethor, regente de Gondor, Sauron agiu da mesma forma, com malícia e mentira, tentando, em primeiro lugar, fazê-lo levar Gondor para o seu lado, ou pelo menos parte do reino. Como isso não foi possível, Sauron então começou a se digladiar mentalmente com Denethor, através de uma das pedras Palantír, sendo que nesse processo ele enfraquecia o regente e o fazia temer cada vez mais o poderio vindo do Leste, até se convencer de que não era possível resistir àquela força.

Esse processo fez com que o regente de Gondor perdesse as esperanças e começasse aos poucos a ficar negligente com as defesas de Minas Tirith, sua principal cidade. No ataque final de Mordor a Minas Tirith, Denethor já estava tão perturbado que não conseguiu organizar a cidade para a defesa, deixando essa tarefa nas mãos de outros, ao passo que, no momento exato do cerco, ele caiu em desespero e deixou a fortaleza sem um líder, sendo que ela certamente teria sido tomada se não fosse a ação rápida do mago Gandalf, que tomou para si a liderança e guiou os homens à luta (TOLKIEN, 2010 C, p. 6 – 35; 73 – 137).

A malícia e a mentira são também características dos orcs, principais soldados de Morghot e depois de Sauron. Nas poucas cenas em que eles aparecem dialogando e interagindo entre si, essa característica é constantemente evidenciada.

No livro “O Hobbit”, os orcs são apresentados como seres mesquinhos e malvados, saqueando e torturando os viajantes que encontravam pela frente. Eles também agem o tempo todo com malícia, cada qual deles tentando tirar melhor proveito de todas as situações (TOLKIEN, 2010 D, p. 65 – 71).

No entanto, essa característica explicita-se melhor no decorrer da narrativa de “O Senhor dos Anéis”, em que há mais trechos com falas e interação entre orcs. Um desses momentos é no livro “O Senhor dos Anéis – As Duas Torres”, em que os orcs que haviam capturado os personagens Merry e Pipin são apresentados em uma marcha frenética para fugirem na direção Leste. Esses orcs são descritos como cruéis e traiçoeiros, até mesmo entre eles, sendo que por diversas vezes eles buscam trapacear uns aos outros, tirar vantagem das situações, de forma que em vários momentos eles acabam brigando entre si (TOLKIEN, 2010 B, p. 33 – 48).

O mesmo ocorre no trecho em que Sam e Frodo se deparam com os orcs em Mordor. Ali os orcs são apresentados em dois grupos, que logo que encontram Frodo caído, depois que ele havia sido atacado por uma aranha gigante chamada Laracna, começam a brigar entre si, agindo agressivamente uns contra os outros. Enquanto dialogam, eles se utilizam de malícia uns com os outros, para conseguirem o que querem e, quando encontram um tesouro no corpo desfalecido do hobbit, não chegam a um acordo e começam a se matar pela ganância de ficarem com o objeto valioso (TOLKIEN, 2010 B, p. 300 – 307).

A mentira e a malícia dos orcs aparecem em todos esses trechos, quando eles tentam ludibriar uns aos outros para tirar vantagem da situação e conseguir os seus objetivos. Eles se chantageiam por diversas vezes e não se importam em tirar vantagem dos outros para o seu bem-estar.

O contrário é apresentado em relação aos elfos e aos homens do Oeste. Em todos os momentos os elfos se apresentam como indivíduos de índole verdadeira, que falam a verdade e que desejam não só o bem-estar deles mesmos, mas também de todos ao seu redor. Desde o primeiro instante em que eles são descritos, surgindo na Terra Média, passando pelo momento em que são levados para Aman, sempre se mostram verdadeiros e honestos, com ideias nobres (TOLKIEN, 2009 A, p. 30 – 53).

Na Terra Média, quando os noldors se exilam, eles continuam com a mesma postura, sempre buscando os seus objetivos através do conhecimento e da verdade, sendo, inclusive, enganados pelos homens orientais, que os ludibriam e os traem. Depois desse período, eles continuam da mesma forma, sendo que os poucos elfos da Terra Média se mantêm com esse mesmo tipo de atitude. As únicas exceções a isso é a do elfo Saeros, que é apresentado como um indivíduo ardiloso e que acaba morrendo por isso, nas mãos de Túrin Turambar (TOLKIEN, 2009 A, p. 53 – 202), e do elfo Maeglin, que trai os demais e gera a queda de Gondolin (TOLKIEN, 2009 B, p. 103 – 104; 187 – 193).

Os homens ocidentais, aprendizes dos elfos, agem da mesma forma, com exceção de quando eles são corrompidos por Sauron, no momento em que antecede a queda de Númenor. Contudo, o enredo apresenta a ideia de que não é da índole desses homens agirem mal, de mentirem e de agirem com malícia (TOLKIEN, 2009 A, p. 211 – 221).

A obra de Tolkien, dessa forma, apresenta uma ideia constante sobre verdade e mentira, sendo a mentira uma característica atribuída aos povos do Leste, através da influência de Melkor/Morghot e de seu principal discípulo, Sauron. A ideia da mentira, por sua vez, se apresenta próxima à perspectiva religiosa intrínseca ao enredo, pois Melkor/Morghot é a figura do anjo caído, ou seja, do diabo, que por sua vez, é entendido na tradição cristã como sendo o pai da mentira.

Assim, a mentira e a malícia atribuídas a Melkor são, por sua vez, passadas para os povos sob sua influência, de forma que o enredo apresenta essas características sendo intrínsecas aos orientais e aos orcs, bem como ao modelo de sociedade desenvolvido por Melkor/Morghot, o modelo oriental, oposto ao do Ocidente.

Essa característica da obra de Tolkien, por sua vez, se remete a uma das ideias descritas por Said, como parte importante da construção do pensamento orientalista pela intelectualidade europeia, na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Said afirma que ao oriental, o pensamento orientalista atribuía a ideia de que eles eram não somente inferiores racial e civilizacionalmente, mas também que seriam altamente propensos à mentira e à malícia, sendo pouco racionais (SAID, 2007, p. 68 – 73). No enredo de Tolkien, como se pôde ver, as mesmas ideias são atribuídas, o que corrobora a hipótese de uma influência orientalista na obra de Tolkien.

3.3.6 Leste feio e exótico x Oeste belo e virtuoso

Dos temas orientalistas presentes na obra de Tolkien, o Leste como feio e exótico tem grande peso dentro do enredo, pois é essa uma das principais características, junto com a ideia de opressão, despotismo e escravização, que marca uma diferença entre os modelos de sociedade do Leste e do Oeste.

Logo que o enredo divide o mundo em dois grupos, entre os Valars e seus seguidores e Melkor e aqueles que o acompanham, a ideia de duas realidades completamente antagônicas se apresenta. As obras dos Valars são sempre apresentadas como de grande beleza e majestade, pois eles sempre tentavam criar coisas belas e boas, voltadas para o bem-estar de todos. Já Melkor, ao se tornar mesquinho, teria também se tornado sombrio e monstruoso, por isso, tudo o que ele perverteu tomou as mesmas características, de forma que ele transformou as águas em pântanos cheio de moscas, os

animais em seres selvagens, cheios de chifres e garras, fez árvores se tornarem lodosas e sombrias e plantas e florestas se tornarem ameaçadoras (TOLKIEN, 2009 A, p. 20; 56).

Os espíritos que seguiram Melkor também abandonaram as suas essências angelicais e se tornaram criaturas perversas e hostis. Uma parte significativa deles se tornou os Balrogs, outros se tornaram dragões e ainda houve o caso dos que tomaram corpos de orcs (TOLKIEN, 2009 A, p. 17). Outro caso dessas perversões são os próprios orcs, que foram pervertidos a partir de elfos capturados por Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 31).

Além dos orcs, Melkor também perverteu os homens, fazendo-os cair do paraíso, contudo, alguns desses indivíduos conseguiram fugir desses efeitos nocivos e se tornaram aqueles conhecidos como os homens das três casas dos amigos dos elfos e, posteriormente, os homens ocidentais. Contudo, outro grupo de homens continuou ao lado de Melkor e depois ao lado de seu sucessor, Sauron, sendo eles os denominados de orientais (TOLKIEN, 2009 A, p. 74 – 76; 104 – 112).

Todos esses grupos sob o comando de Melkor/Morghot e depois de seu sucessor, Sauron, são apresentados como indivíduos exóticos, com características monstruosas ou extravagantes. Ao mesmo tempo, os homens ocidentais e os elfos são sempre descritos como dotados de inúmeras virtudes, com grande beleza, mesmo havendo hábitos peculiares entre eles, pois essas diferenças entre os ocidentais são consideradas apenas como questões culturais.

As características monstruosas e extravagantes dos grupos sobre a influência de Melkor/Morghot e Sauron podem ser consideradas como representações de ideias sobre o exotismo, comuns no pensamento europeu orientalista do século XIX e da primeira metade do século XX. Essas características exóticas seriam uma das bases para se distinguir o Outro de forma valorativa, diferenciando e atribuindo a esse Outro valores negativos (SAID, 2007, p. 27; 73; 171; 227; 237; 250; 263). A obra de Tolkien, sob inúmeros aspectos, se utiliza desse tipo de narrativa sobre o exótico para construir o Outro como inferior e o Nós como superior, belo e virtuoso.

Através de um narrador que narra sob um determinado ponto de vista, o dos elfos e dos homens do Oeste, o Outro é construído como exótico, ao passo que se busca produzir uma identidade com aqueles que são apresentados como sendo os povos do bem e que estão positivados no foco narrativo. O primeiro aspecto nessa construção do Outro é então o da monstruosidade e da animalização, de forma que os indivíduos e

povos apresentados como sendo pertencentes ao modelo de sociedade ligados a Melkor/Morghot são expostos como monstruosos e animalizados. O primeiro caso em que isso ocorre é com os orcs.

Os orcs são apresentados como criaturas horrendas, como fruto de um ato de perversão produzido por Melkor/Morghot, por isso, são seres animalizados, com garras e presas, tendo um sangue negro, que em inúmeras cenas jorra por todos os lados, sendo também, em alguns casos, pouco suscetíveis à dor, pois perdem braços e pernas nas batalhas e ainda continuam a lutar. Seus hábitos, como já se discutiu no capítulo 1, são rudes, sendo que eles vivem em cavernas fétidas ou em acampamentos improvisados, tendo também costumes como o de farejar como cães ou mesmo o de uivar e ainda o de comer carne humana.

Enquanto os orcs são essencialmente monstruosos e animais, os homens orientais, por outro lado, são descritos como bárbaros e extravagantes, tendo também hábitos rudes, embora menos animalizados que os orcs, vivendo em moradias que são sugeridas como simples e pouco organizadas, nos diminutos trechos em que elas são aludidas. Suas roupas, por sua vez, são sempre coloridas, com o uso de turbantes e peças de ouro em grandes tamanhos (TOLKIEN, 2010 B, p. 232), o que contrasta com a forma como as roupas das populações ocidentais são apresentadas, como harmoniosas, com cores sóbrias e com ornamentos majestosos.

Há uma diferença de padrão entre os homens ocidentais e orientais, que constrói um lado como sóbrio, austero e dono de uma beleza verdadeira, e o outro como extravagante e bizarro. Sob inúmeros aspectos, o padrão dos homens ocidentais é apresentado de forma semelhante ao que era entendido pela intelectualidade europeia como sendo os modos de vestimentas e de hábitos das sociedades europeias (PILLA, 2003, p. 105 – 134). O mesmo pode ser dito em relação aos orientais, descritos com o mesmo tipo de vestimenta atribuída aos orientais pelo pensamento orientalista (SAID, 2007, p. 27).

No que se refere aos homens ocidentais, Tolkien, em algumas de suas cartas, relata ter se inspirado no que ele chama de cultura nórdica, para criar muito da estética de sua obra, tanto no que se refere às línguas criadas por ele, como também em relação à aparência e mesmo ao vestuário dos povos em que ele dedicou o seu foco narrativo (TOLKIEN, 2009 C, p. 249; 622. Cartas 131 e 294). Os homens orientais, ao serem apresentados como extravagantes, usando, por sua vez, roupas entendidas como

características dos povos orientais, como turbantes e vestimentas coloridas e ornadas com ouro excessivo, teriam, da mesma forma, sido baseados nos povos entendidos como orientais.

Desde o primeiro momento em que os orientais surgem no enredo, eles são apresentados como diferentes e exóticos, primeiro, tendo uma aparência física diferente, apresentada como atarracada e baixa, sendo que a mesma descrição também é feita em relação aos homens pûkel. Em seguida, a eles se atribuem características rudes, bárbaras e cruéis. Nesse primeiro momento, no entanto, não se descrevem suas roupas, sendo que a diferenciação é feita somente tratando-os como orientais e como bárbaros a serviço de Morghot³¹⁹.

Nos tempos de Gondor e da invasão dos Carroceiros, esse segundo grupo é apresentado como sendo oriental e tendo as mesmas características dos primeiros orientais descritos nos tempos de Morghot, sendo que não se fala muito sobre as suas vestimentas, embora se enfatize que eles são bárbaros e que possuem costumes rudes. Contudo, o hábito de viverem e lutarem em carroças é apresentado como algo estranho, que dentro do enredo se evidencia como uma perspectiva exótica (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 - 474), que, nas partes seguintes da narrativa, se apresentam com mais ênfase, principalmente nos livros da Saga “O Senhor dos Anéis”.

A primeira cena em que um oriental aparece no livro “O Senhor dos Anéis” é quando os quatro hobbits que carregavam o Anel de poder entraram na hospedaria *O Pônei Saltitante*, encontrando ali, dentre muitos indivíduos, um homem estranho, que depois se descobriu ser um meio orc, mandado para a região por Saruman, para espionar. Esse indivíduo, assim como os demais aliados de Saruman, são aparentados dos orientais, e nesse caso, trata-se de um sujeito com características tanto exóticas quanto monstruosas, pois é uma mistura de homens orientais com orcs, sendo, portanto, um tanto quanto monstruosos³²⁰.

Esse indivíduo, no entanto, aparece apenas em um trecho breve do enredo e nenhum outro aparecimento de orientais surge até o segundo livro da Saga. Nesse livro, quando os hobbits que levavam o Anel de poder para Mordor estão na região de Ithilien, eles se deparam com uma das cenas que mais apresentam o tema do exotismo na obra de Tolkien, pois eles assistem a uma batalha entre homens de Gondor e um grupo de

³¹⁹ Ver trecho 44, anexo capítulo 3.

³²⁰ Ver trecho 45, anexo capítulo 3.

homens descritos como morenos e vindos da terra de Harad, vestidos com roupas coloridas, turbantes, com muitos brincos e outros adornos dourados pendurados pelo corpo, armados com cimitarras e montados em um gigantesco elefante pré-histórico³²¹.

Mais à frente, na cena da luta em Minas Tirith, que acontece no último livro da trilogia “O Senhor dos Anéis”, os homens de Harad e os sulistas voltam a aparecer com as mesmas características, tendo a pele morena, sendo bárbaros com grandes barbas, portando machados, roupas coloridas, com cores como o vermelho, usando turbantes, alguns sendo mesmo semi-trolls e semi-orcs, ou seja, indivíduos miscigenados e monstruosos, estando ainda montados nos mesmos elefantes pré-históricos³²². No fim da marcha dos Capitães do Oeste rumo a Mordor, esses mesmos tipos de orientais também são descritos lutando ao lado de Sauron, sempre muito desorganizados, em todos os casos, tendo grandes contingentes, porém, usando-os de forma irracional³²³.

Os mapas da Terra Média apresentam ideias semelhantes sobre o Leste e o Oeste. Esses mapas, criados por Tolkien e ilustrados por seu filho Christopher Tolkien, sob orientação do pai, baseado nos rascunhos originais, apresentam o Oeste como um lugar muito bem demarcado, com fronteiras de reinos, cidades representadas por torres e por outras pequenas gravuras que buscam apresentar as características de cada local. Todo o mapa, em sua parte Oeste, se apresenta muito bem detalhado, o que contrasta, por sua vez, com a parte Leste, apresentada com poucas subdivisões, com locais abertos, sem desenhos de cidades ou fortalezas em abundância, mas sim como um espaço vazio e deserto, com a presença de figuras de elefantes e camelos em algumas partes, bem como com gravuras de tendas, representando as moradias de alguns povos.

Na parte Leste, logo após Minas Tirith e Ogiliath, que era uma cidade númenoriana, o mapa apresenta a Terra de Mordor, sem grandes subdivisões, apenas demarcada por um quadrado formado por cadeias de montanhas. Bem próximo ao norte desse quadrado se apresenta a Montanha da Perdição, onde também fica a torre de Barad-dûr, de onde Sauron governa. No restante do território de Mordor não se apresenta muita coisa, apenas uma lagoa e algumas cadeias de montanhas e quatro grandes estradas, como se o reino todo fosse formado apenas pela fortaleza ao redor da Montanha da Perdição.

³²¹ Ver trecho 46, anexo capítulo 3.

³²² Ver trecho 47, anexo capítulo 3.

³²³ Ver trecho 48, anexo capítulo 3.

Depois da terra de Mordor, o mapa apresenta a sul a terra de Rhûn, de onde veio, em grande parte, os carroceiros, no período das invasões dos carroceiros. Nesse local, não se apresentam muitas informações. Em algumas versões, há algumas carroças e tendas ilustradas, em outras simplesmente há um vazio. Ao sul de Mordor há uma parte descrita como sendo o sul de Gondor. Ali há informações desenhadas sobre estradas e todas as cidades e povoados, bem como em relação a montanhas e vales. Mais ao Leste e ao sul da parte sul de Gondor fica a terra de Umbar, de Khân e de Harad, tendo poucas diferenciações e fronteiras entre esses povos, que também são pouco descritos no que se refere a cidades³²⁴.

Em algumas versões, os mapas trazem gravuras de camelos, elefantes e de tendas nessas áreas, em outras versões os locais aparecem simplesmente vazios, como se não houvesse nada ali³²⁵.

O relato desses homens e depois o que é apresentado nos mapas, possuem todas as características do que Said define como a caracterização do exotismo pela cultura orientalista, com os véus, turbantes, cimitarras e adornos berrantes orientais, que se contrastava com o caráter austero e sério dos ocidentais. Said defende que a cultura ocidental passou, ao longo do tempo, através de relatos de viagens e de obras literárias, a construir a imagem do oriental como exótico, uma construção que seria de tempo longo e que sempre buscaria base em períodos anteriores (SAID, 2007, p. 27; 73; 171; 227; 237; 250; 263).

Assim, a cultura erudita da Europa ocidental teria passado a construir algumas imagens sobre o Oriente, sempre apresentando essas ideias como algo curioso, enquanto o Oriente passou cada vez mais a ser entendido como a terra da extravagância e, ao mesmo tempo, como um local de aventura e de exploração, a ser visitado, conquistado, onde se poderia descobrir tesouros e encontrar maravilhas e aberrações (SAID, 2007, p. 32; 293). Sob inúmeros aspectos, a obra de Tolkien apresenta essa perspectiva em sua literatura, reproduzindo o pensamento comum em sua época, apresentando os povos a Oriente de forma estigmatizada, com as mesmas características daquelas construídas pelo pensamento orientalista, bem como teria construído os povos a Ocidente de forma positivada, com características semelhantes ao que a intelectualidade europeia atribuía às populações europeias.

³²⁴ Ver trecho 49, anexo capítulo 3.

³²⁵ Ver trecho 50, anexo capítulo 3.

Astrid Winegar, a despeito de sua argumentação sobre a obra de Tolkien possuir um caráter multicultural, reconhece que o enredo apresenta mapas em que somente o Oeste é muito bem demarcado, enquanto o Leste é apenas esboçado. Zakarya Anwar, de forma semelhante, corrobora esse ponto de vista, enfatizando que o próprio Tolkien, em suas cartas, admite ter tido pouco interesse ao descrever o Leste e que, por sua vez, descreveu e mapeou minuciosamente o Oeste (ANWAR, 2009, p. 1 – 8).

Louise Liebherr também apresenta a mesma perspectiva, enfatizando que o Oeste tem cidades desenvolvidas, ao contrário do Leste. Além disso, ele afirma que a partir de certos pontos, quanto mais a Leste mais os mapas vão ficando menos detalhados, sobretudo em relação a Mordor e as terras dos orientais. Não obstante, Liebherr tenta encontrar uma justificativa para essa situação, argumentando que os mapas se baseiam nas experiências e nos conhecimentos geográficos que os povos ocidentais tinham, ao passo que o pouco esboçamento das regiões a Leste se daria por eles terem pouco conhecimento dessas regiões. No caso do livro “O Senhor dos Anéis”, tanto os mapas quanto as descrições estariam baseadas nos trajetos feitos pelos membros da Sociedade do Anel, por isso haveria apenas descrições referentes ao trajeto dos personagens em Mordor, não havendo nenhuma na terra de Harad, uma vez que eles não teriam passado por lá (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, como já se discutiu, as poucas descrições sobre a região Leste ocorrem em tom pejorativo, algo que Liebherr não leva em consideração. Assim, não é somente a vagueza de informações sobre o Leste que produz a interpretação de uma hostilidade ao Oriente, mas também o tom pejorativo apresentado pela narrativa.

Liebherr também argumenta que a Montanha Solitária, bem como a cidadela do príncipe Imrahil não são descritas no enredo pelo mesmo motivo, por não serem locais de passagem dos membros da Sociedade do Anel. Mas, se a obra de Tolkien for levada em consideração como um todo, poderá se observar que essa análise não se sustenta, pois a Montanha Solitária é sim descrita em outros momentos, já a cidade do príncipe Imrahil é mencionada em outros contos, além disso, sua população é apresentada como virtuosa e bela, o que difere das descrições sobre os orientais.

Outro argumento de Liebherr é que a primeira vista, o rio Anduin representaria um limite entre o Ocidente e o Oriente na Terra-Média, contudo, ele afirma que a Leste do Anduin ficam locais como Ithilien, bem como a Floresta das Trevas e a Montanha Solitária, ambos locais apresentados como pertencentes ao lado do bem e, portanto, caso

houvesse a dicotomia fixa entre Leste e Oeste dentro do enredo, tal coisa não poderia ocorrer (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Contudo, o mapa da Terra-Média, em sua divisão entre Ocidente e Oriente, pode ser interpretado a partir de outro ponto, não do rio Anduin, mas sim das fronteiras de Mordor, demarcadas por uma significativa cadeia de montanhas. Tudo dessa fronteira para Leste é apresentado no enredo como mal, cruel e combatível, ao passo que o mapa dessa região é apresentado sem detalhamento. Dessa forma, não é o rio Anduin o limite que demarca o Oriente, mas sim, os limites de Mordor e tudo o que está a Leste e ao Sul do mesmo.

Alexander Fahlén, diferente de Liebherr, argumenta sem ressalvas que o Leste é apresentado como a terra em que o mal habita, e que essa seria uma representação do pensamento europeu sobre o Oriente, de forma que colocando o mapa da Terra-Média sobre o mapa europeu e suas adjacências, as regiões ocidentais compreenderiam a Europa, já Mordor e o Oriente corresponderiam ao Norte da África e as regiões dominadas pelos muçulmanos (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Dessa forma, pode-se compreender que a obra de Tolkien representa o Oriente e o Ocidente como duas realidades antagônicas, cabendo ao Oeste ser o lado bom e o Leste o mal. Assim, frente ao que foi discutido até aqui, o mapa da Terra-Média pode ser interpretado frente ao que é defendido pelos autores que corroboram a ideia de que sua construção apresenta o Oriente de forma diferenciada em relação ao Ocidente.

3.3.7 O oriental e o ocidental como arquétipos na obra de Tolkien

Das muitas características da obra de Tolkien que evidenciam uma diferenciação dualista entre o Leste e o Oeste, pode-se mencionar a construção das populações desses dois blocos regionais no enredo como modelos ideais de indivíduos, que agem de uma determinada forma. Assim, a obra de Tolkien apresenta ocidentais e orientais como arquétipos, indivíduos que em todo o momento agem de uma forma pré-determinada e com uma ação padrão ideal, que tem pouca ou nenhuma variação.

A ideia de arquétipo é proposta pela psicologia jungiana para descrever como certas ideias sobre povos e populações foram sendo desenvolvidas, com base em expectativas que se tinham sobre os mesmos, junto a generalizações, produzindo uma visão estereotipada de como os indivíduos deveriam ser, o que não se sustentava na prática, produzindo efeitos psicológicos dos mais diversos em uma psiquê coletiva.

O arquétipo como conceito passou a ser utilizado pelas demais ciências sociais principalmente a partir da década de 1980, sendo utilizado na História e nas Ciências Sociais para explicar como se construiu durante a história da humanidade uma série de ideias pré-concebidas sobre povos e grupos sociais, que foram entendidos como portadores de determinados hábitos que seriam quase imutáveis. Em meio a essas pesquisas que levaram em conta a ideia de arquétipo, há de se enfatizar os trabalhos que buscaram evidenciar as formas como a intelectualidade europeia atribuiu a certos grupos uma série de características ideais, atribuindo, por exemplo, aos judeus o hábito da ganância, aos muçulmanos a barbárie, aos negros a pouca inteligência, as mulheres a pouca racionalidade, aos homossexuais a luxúria, dentre outros grupos.

Atualmente as Ciências Sociais e a História continuam a fazer uso desse conceito, para explicar como alguns grupos intelectuais produziram ideias estanques sobre como determinadas populações agiriam, sem levar em conta as variações individuais. Assim, o estudo dos arquétipos se aproxima do estudo dos determinismos, sendo que os arquétipos produzidos pela cultura ocidental para caracterizar as muitas culturas podem ser considerados também como formas de determinismos (SIDEKUN, 2006, p. 52 – 62).

A obra de Tolkien apresenta essas ideias de arquétipos sobre as populações em sua obra, principalmente na dicotomia entre as populações do Leste e do Oeste. Assim, cada povo possui um comportamento padrão, com pouca variação.

Os elfos são sempre altamente inteligentes e belos, com alta estatura e sempre profundos em seus pensamentos, sendo também bons por natureza, embora alguns poucos tenham se mostrado com comportamento diferente, sendo eles os que foram pervertidos por Sauron e se tornaram os orcs. Não há variações significativas nesse padrão, de forma que há pouca margem para escolhas individuais que fujam do que já é estabelecido para eles como uma característica geral.

Os orcs, por sua vez, são o oposto dos elfos, sendo eles exatamente a perversão sobre elfos feita por Melkor. Por esse motivo eles são sempre bárbaros, sujos, feios, cruéis, animais, ligados à escravidão e a tudo o que é ruim. Nenhum comportamento de orcs em meio ao enredo apresenta algo que fuja a esse padrão. Até mesmo o único personagem orc que parece ser mais avançado, Azog, ainda assim apresenta esse tipo de conduta, sendo somente um pouco mais inteligente do que os outros (TOLKIEN, 2010 D, p. 31).

Os anões, por sua vez, talvez seja um dos grupos que mais apresentam uma variação de alguns comportamentos, pois há tanto anões essencialmente maus e cruéis quanto alguns que são apresentados como nobres e bons (TOLKIEN, 2009 A, p. 229). Contudo, algumas características arquetípicas são atribuídas a eles, jamais mudando em todo o enredo, como o gosto por montanhas, por minas e mineração, por forja e por riquezas, sendo eles todos bastante gananciosos, sempre muito interessados em tesouros, sobretudo em ouro e em jóias, bem como em outros metais preciosos.

Contudo, os anões do povo de Durin, aqueles apresentados como sendo mais próximos aos elfos e tendo, portanto, hábitos bastante semelhantes aos das populações do Oeste, sempre possuem uma tendência para o bem, embora se mantenham com as mesmas características da ganância em relação ao ouro e às pedras preciosas. Os demais anões, em sua maioria, são descritos tendo, cada qual em seu tempo, se voltado para o lado de Morghot e depois para o lado de Sauron, embora nem sempre eles fizessem essa escolha, se mantendo às vezes neutros nas contendas, preocupados em escavar as montanhas atrás de riquezas, negociando com todos, sem se importarem com as questões morais das guerras que se formavam (TOLKIEN, 2009 A, p. 229).

No que toca aos homens, os arquétipos se relacionam com cada uma das raças de homens. Assim, aqueles das três casas dos amigos dos elfos apresentam características semelhantes entre eles, como a aparência e a conduta (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 112). Alguns desses homens são corrompidos, contudo, isso foge ao padrão, de forma que eles são descritos, nesse momento, como não agindo conforme era esperado para eles, enquanto toda a culpa dessas ações recai sobre a má influência de Morghot e de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 108 – 122).

Por outro lado, os homens orientais possuem um comportamento arquetípico oposto ao dos ocidentais, sendo bárbaros, cruéis, a maior parte deles pouco inteligente, dados à escravidão e pouco afeitos à liberdade, sempre liderados por um déspota. Essas características se apresentam imutáveis em todo o enredo, pois desde o primeiro momento em que esses homens aparecem (TOLKIEN, 2009 A, p. 118; 149 – 152), até o último, nada se modifica em seu modo de agir (TOLKIEN, 2010 C, p. 234; 380).

Dessa forma, a obra de Tolkien apresenta as suas populações com um comportamento padrão, que não se modifica no decorrer do enredo, sendo que isso também se refere à vinculação desses povos para serem do bem e do mal e, por sua vez, a pertencerem ao modelo do Oeste e do Leste. Assim, construindo arquétipos sobre cada

povo, Tolkien os vincula aos dois modelos de sociedade que ele constrói em sua obra, atribuindo comportamentos padrões a esses povos, condizentes a cada um dos dois modelos de sociedade apresentado por ele, de forma que o bem e o mal se polarizam na obra de forma externa às sociedades, e, assim, os povos do Oeste só precisam se preocupar em combater o mal externo, pois internamente seus povos são homogêneos, tendo apenas algumas poucas variações de indivíduos corrompidos.

As ideias arquetípicas sobre as sociedades humanas foi um pensamento marcante no período de escrita de Tolkien, bem como em todo o século XIX, de forma que esse determinismo em sua obra, sob inúmeros aspectos, pode ser creditado à forma de pensar de seu tempo (RÉMOND, 2004, p. 114 – 125). Em especial, há de se enfatizar a forma como a antropologia de seu tempo construía cada uma das sociedades humanas como tendo características arquetípicas, com um comportamento padrão entendido como esperado, ao passo que as variações mais bruscas do que era aguardado era compreendido como um desvio.

A historiografia sobre a eugenia e sobre a antropologia física enfatiza esse caráter dos saberes no início do século XX (SOUSA, 2008), o que pode ter, em grande parte, influenciado diretamente Tolkien. Esse debate produzido pela História das Ciências apresenta a forma como era enfática a ideia de que os diversos povos possuíam características comportamentais grupais fixas. Assim, sempre se esperavam certos padrões de comportamento de determinadas populações, ao passo que se entendia que aquilo era algo intrínseco a eles e não apenas questões culturais.

Somente com as pesquisas de Franz Boas, Malinowski e Lévi-Strauss é que se iniciou uma compreensão de que certos comportamentos coletivos eram fruto de meios culturais que os produziam e os reproduziam, ao passo que havia grande espaço para mudanças de comportamento em meio às sociedades e que não seria prudente esperar determinar as diversas sociedades como mais e menos evoluídas por tais comportamentos (CASTRO, 2005, p. 4 – 18)³²⁶.

A compreensão da forma como Tolkien construiu os seus povos de maneira arquetípica, por sua vez, bem como a percepção de que ele foi influenciado pelo pensamento de sua época nesse sentido, auxilia a compreender como ele estaria representando ideias orientalistas em sua obra, pois, sob inúmeros aspectos, esse

³²⁶ Há autores anteriores que questionam esse determinismo antes desses três autores, contudo, foram os três que sistematizaram trabalhos mais sólidos e mais lidos com esses questionamentos.

determinismo das ideias arquetípicas auxilia a construir o pensamento orientalista, dando, por exemplo, características fixas aos povos orientais. Said já afirma esse caráter, ao passo que as pesquisas mais atuais sobre o Orientalismo e suas representações apresentam essa proximidade entre as ideias arquetípicas produzidas sobre os diversos povos pela antropologia e pela eugenia e o pensamento orientalista, dialogando assim com essa historiografia das ciências que apresenta esse caráter da ciência antropológica e eugênica (MACEDO, 2006, p 7 – 12).

3.3.8 O Oeste como valor na construção de uma realidade orientalista na obra de Tolkien

Na obra de Tolkien as sociedades do Oeste são produzidas tendo uma série de valores positivos, enquanto as sociedades do Leste possuem valores negativos. Dessa forma, o Leste é apresentado como o local da mentira, da falsidade, que degenera, sendo que os muitos valores negativos apresentados em relação ao Leste sempre possuem valores positivos contrários, relativos ao Oeste.

Para reforçar e dar coesão a toda essa dinâmica de representações contidas no enredo, a narrativa de Tolkien apresenta então o Oeste e ser do Oeste como um valor, através de alguns símbolos, falas, poemas e outros mecanismos, que tornam a simples menção ao Oeste no decorrer do enredo como algo que já denota determinadas ideias, como liberdade, bem contra o mal e heroísmo. Assim, o Oeste sempre se refere a algo que produz esperança, ao passo que os símbolos heróicos da obra também se referem ao Oeste, para serem de fato heróicos.

O primeiro momento em que o Oeste se apresenta na obra de Tolkien é quando os Valars, depois da primavera de Arda, decidem criar a sua morada em Aman, a terra mais a Oeste do mundo, criando então ali o reino de Valinor e a bela cidade de Valimar, bem como as duas árvores de Valinor, que davam luz ao local, enquanto a Terra Média, em grande parte destruída por Melkor, estava na escuridão. Dessa forma, o Oeste passa a ser a terra da luz, enquanto o Leste é a terra da escuridão, sendo que a partir dessa construção, o Oeste sempre continua como a terra abençoada, de onde vem tudo de bom, de onde vem a luz das árvores e do conhecimento (TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 41).

Quando os noldors voltam à Terra Média, eles levam para o local uma série de saberes que haviam conquistado em Aman, ensinados a eles pelos Valars, ao passo que

eles passam tais conhecimentos para os homens do Oeste e para os elfos que ficaram na Terra Média. A partir desse momento, a narrativa apresenta tudo o que vem do Oeste como sendo uma tradição superior, a própria luz do conhecimento, bem como uma expressão da luta pela liberdade contra a opressão que vem do Leste, de Morghot e de Sauron (TOLKIEN, 2009 A, p. 64 – 202).

Durante o tempo do exílio dos noldors na Terra Média, esses elfos e os homens das três casas dos amigos dos elfos lutam contra Morghot e contra as suas práticas de escravidão. O fim dessa luta ocorre com uma intervenção do Oeste, vinda de Valinor, quando as tropas formadas pelos próprios Valars e pelos elfos que ainda viviam em Aman, atacaram Morghot e sua fortaleza, em uma dura batalha para libertar a Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 64 – 202).

O Oeste então é apresentado como o local que salva e liberta, que traz a luz e a liberdade. Depois da luta, os homens das três casas dos amigos dos elfos, que viviam na parte ocidental da Terra Média, e que lutaram ao lado dos Valars, ganharam um grande presente, uma nova morada para viverem e se desenvolverem, longe dos tumultos da Terra Média. Essa nova terra era uma ilha, a Oeste da Terra Média, chamada Númenor na língua alto-eldarin e Elenna. Ambos os nomes significavam terra do Ponente, e os númenorianos passaram a ser chamados de homens do Ponente (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Os númenorianos se tornaram o povo humano mais desenvolvido de todo o mundo, tanto racial quanto civilizacional e toda a cultura produzida por eles e depois levada para a Terra Média passa a ser chamada de cultura do Ponente, o que significa uma cultura superior, sublime, a qual se deve ter grande reverência (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 208).

Esses homens do Oeste levam para a Terra Média uma alta cultura de liberdade, sendo eles aqueles que mais lutaram pela liberdade do Oeste, para manter o modo de vida dos povos a Ocidente a salvo da opressão de Sauron³²⁷, que havia se estabelecido no Leste e governava com mãos de ferro todos os povos daquela região (TOLKIEN, 2009 A, p. 209; 223; 228).

A simbologia do Oeste como um valor então começa a aparecer cada vez de forma mais enfática no enredo. Primeiro isso ocorre quando os númenorianos, através de seus dois reinos na Terra Média, Gondor e Arnor, lutam contra as forças de Sauron.

³²⁷ Ver trecho 51, anexo capítulo 3.

Nesse momento, eles são apresentados ornados com os símbolos do Oeste, da Terra de Númenor. Esses símbolos são: a árvore branca de Númenor, a estrela de Eärendil e os armamentos vindos de Númenor, dentre os quais a espada de Elendil, chamada Narsil, pela qual Sauron é derrotado³²⁸.

A espada, mesmo quebrada, é guardada como um tesouro, por ter vindo do Oeste, da Terra de Númenor, como uma relíquia da monarquia de Gondor e Arnor e da linhagem real; ela continua a ser um símbolo do Oeste e, por conseguinte, de majestade e da luta pela liberdade, durante todo o restante da narrativa³²⁹.

A árvore de Númenor, levada em semente para Gondor, é também usada constantemente como um símbolo do Oeste e do Ocidente, como um local de valor e da liberdade, sendo utilizado em bandeiras e em vestes, não só como símbolo de Gondor, mas também de tudo o que aquele reino representa no enredo, como o local que protege todo o Oeste da opressão do Leste³³⁰.

Os númenorianos na Terra Média passaram então a serem entendidos como os homens do Ponente, considerados como reis entre os homens, por serem superiores e terem vivido na terra de Númenor, mais perto que qualquer outros mortais da terra dos imortais (TOLKIEN, 2009 A, p. 203).

A simbologia do Oeste como um valor aparece enfaticamente no livro “O Senhor dos Anéis”, embora no livro “O Silmarillion” ela esteja presente em todos os relatos. Porém, na trilogia “O Senhor dos Anéis”, o Oeste aparece de forma diferenciada, como uma ideia a ser reverenciada, enquanto em “O Silmarillion” os fatos reverenciados no livro “O Senhor dos Anéis” estão em andamento. Dessa forma, o livro “O Senhor dos Anéis” apresenta a glória do antigo Oeste como algo memorável e reverenciável, que ocorrera em tempos anteriores e que dera ao Oeste da Terra Média a sua atual condição de bem-estar e liberdade.

Os hobbits, amplamente descritos em seus costumes em “O Senhor dos Anéis”, apresentam, em suas canções e nas histórias que gostam de contar, muito sobre esses acontecimentos entendidos como memoráveis ocorridos no Oeste. Dentre os hobbits que possuem esse costume de forma mais constante está o personagem Bilbo Bolseiro, que possui grande conhecimento sobre a tradição do Oeste, cantando histórias, através

³²⁸ Ver trecho 52, anexo capítulo 3.

³²⁹ Ver trecho 53, anexo capítulo 3.

³³⁰ Ver trecho 54, anexo capítulo 3.

dos versos que produzia, de toda a tradição do Oeste, dos elfos e dos antigos homens das três casas dos amigos dos elfos, bem como de seus feitos heróicos³³¹.

Esses relatos sobre os feitos heróicos do passado apresentam o Oeste como a terra da liberdade, construída sobre feitos grandiosos e com muito heroísmo e empenho por parte de muitos indivíduos, que entregaram a vida por essa causa, na luta contra o mal que vem do Leste.

Do processo de valorização do Oeste e da construção do Oeste como um valor, muitos armamentos e objetos são apresentados como símbolos e utensílios dessa luta por uma sociedade que foi aos poucos se construindo no Oeste da Terra Média. Alguns desses objetos são armas, em sua maioria espadas. Uma delas é a espada Ferroadada, que foi usada por Bilbo no livro “O Hobbit” e que tinha por característica reconhecer a aproximação de orcs, através de uma luminosidade azul em sua lâmina, sendo também uma arma extremamente resistente, feita nos tempos de Gondolin, uma das cidades élficas do passado que mais se destacaram na luta contra Morghot e suas forças (TOLKIEN, 2010. D, p. 57). Essa arma, por sua vez, é usada por Frodo (TOLKIEN, 2010 A, p. 426) e por Sam (TOLKIEN, 2010 B, p. 294 – 295) quando eles levavam o Anel de poder para ser destruído, sendo de grande utilidade, ajudando muito na luta contra os diversos orcs encontrados no caminho.

Além dessa espada, havia outra, usada por Gandalf, adquirida por ele no mesmo momento em que Bilbo encontrou Ferroadada. Essa arma era chamada de Glamdring e tinha as mesmas características da primeira, porém, era maior, tendo sido usada pelo mago em diversos momentos, em que ele lutava contra as forças de Sauron, sendo também muito importante no enredo (TOLKIEN, 2010 D, p. 57).

Contudo, em meio a essas armas, a mais importante é a espada Andúril, chamada de *A chama do Oeste*, a arma escolhida para ser o símbolo e a principal força na luta contra as forças do Leste. Essa lâmina foi reforjada com os fragmentos da antiga espada de Elendil, chamada Narsil. Dessa forma, ela era o símbolo da monarquia de Gondor e Arnor e foi empunhada pelo herdeiro legítimo desses dois reinos, um indivíduo chamado Aragorn, descendente, por sua vez, dos antigos homens do Ponente.

A alcunha dessa espada, chamada de *A chama do Oeste*, bem como o seu portador, apresentado como líder do Oeste e como um homem do antigo Ponente,

³³¹ Ver trecho 55, anexo capítulo 3.

apresentam a ideia do Oeste como um valor, que significa liberdade e se refere a toda uma tradição já preconcebida dentro do enredo como o lado do bem³³².

O mesmo ocorre com o frasco de cristal dado a Frodo por Galadriel, em que se guardava a luz da estrela de Eärendil, um dos grandes heróis do Oeste no passado, responsável pela intervenção dos Valars que culminou na expulsão de Morghot para fora dos círculos do mundo. A luz de Eärendil provém de uma das silmarillis, a única das três que não se perdeu, sendo essas pedras também grandes símbolos do Oeste e do grande apogeu de Valinor.

O frasco de Galadriel é apresentado como um símbolo de luz e de esperança na luta contra as forças do Leste, da opressão de Sauron; esta luz de Eärendil é usada como uma arma para combater as trevas no Leste, como uma forma de iluminar o Leste e levar até aquele local a luz do Oeste. Ao mesmo tempo, a luminosidade do frasco é apresentada como uma arma e também como um sopro de esperança para os personagens que o portam e que estão imersos na escuridão e na opressão do Leste (TOLKIEN, 2010 A, p. 580).

Ao usar essa luz, o personagem Sam também passa a ser imbuído de certas habilidades especiais e começa a falar em língua élfica, usando palavras antigas que se remetem aos heróis élficos que lutaram no passado contra as trevas de Morghot, para fundarem a sociedade do Oeste. Assim, o frasco e seu uso no enredo se remetem a um valor intrínseco ao Oeste, o da liberdade, o da luz, da bondade e do conhecimento, bem como a de um modelo de sociedade pelo qual se deve lutar (TOLKIEN, 2010 B, p. 287 - 296).

Além do frasco de Galadriel, que é usado principalmente no segundo livro da trilogia “O Senhor dos Anéis”, como um símbolo de valorização do Oeste, pode-se destacar que é no terceiro livro da trilogia que o Oeste mais aparece como algo que tem um valor em si; inúmeras referências ao Oeste como local de uma sociedade a ser reverenciada podem ser observadas. Isso ocorre principalmente em relação à batalha de Minas Tirith e seus desdobramentos, pois aquela é descrita como a luta direta entre o modelo de sociedade do Leste, baseado na escravidão e no despotismo, e o modelo do Oeste, baseado na liberdade e no bem-estar de todos.

Minas Tirith é apresentada se preparando para o cerco, quando os personagens Gandalf e Pippin chegam ao local, para ali lutarem. Quando chegam à cidade é então

³³² Ver trecho 53, anexo capítulo 3.

descrita como uma obra magnífica, sendo também o principal ponto de defesa do Oeste contra as hostes do Leste, sendo ela fruto do conhecimento superior do Oeste, que teria produzido a possibilidade de se escavar com precisão e perícia uma cidade no flanco de uma montanha, criando assim uma fortaleza de força sem igual, com muralhas praticamente indestrutíveis e com um local difícil de ser invadido, caso houvesse homens para defender as muralhas.

Essa obra de arquitetura é um dos maiores símbolos do modelo de sociedade do Oeste, que havia sido capaz de construir, ao mesmo tempo, uma fortificação engenhosa, forte, altamente resistente e com uma beleza ímpar, local de resistência dos homens do Ponente contra as forças do Leste, feito em lugar estratégico exatamente para deter os avanços vindos da terra de Mordor (TOLKIEN, 2010 C, p. 11 – 13). No enredo, tudo o que está a Leste desse lugar é apresentado como já tendo sido tomado pelas trevas; os personagens, ao olharem nessa direção, só viam escuridão e desespero, bem como as nuvens densas e cheias de vapores fétidos vindos de Mordor, uma estratégia de Sauron para desestabilizar os combatentes de Gondor (TOLKIEN, 2010 C, p. 68).

Por sua vez, de Minas Tirith, ao olharem para o Oeste, os personagens vêem um cenário completamente diferente, com uma terra bela, de povos livres, de campos verdejantes e de alguma esperança, embora haja também um ar sombrio e triste envolvendo tudo, fruto da guerra que vem do Leste e se alastra, trazendo trevas e incertezas, acabando com a luz até mesmo no Oeste (TOLKIEN, 2010 C, p.25 - 28). Esse tipo de visão já havia sido apresentada no livro “O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel”, quando o personagem Frodo, ao colocar o Anel de poder em seu dedo e subir em um local alto, havia vislumbrado tanto o Oeste, como um lugar bom, quanto o Leste, como um lugar mal³³³.

O decorrer da batalha em Minas Tirith reforça a ideia do Oeste como algo que tem um valor em si, pois apresenta os guerreiros de Gondor de forma majestosa, lutando com os seus belos estandartes, levantando as suas bandeiras, cada uma delas representando uma cena histórica de eventos passados que rememoravam as glórias dos povos do Oeste em sua luta pela liberdade e contra a opressão do Leste³³⁴. Em contrapartida, o Leste tem forças animalizadas, homens bárbaros e escravos que gemem e morrem, sem que os líderes que comandam o ataque se importem com essas mortes;

³³³ Ver trecho 56, anexo capítulo 3.

³³⁴ Ver trecho 57, anexo capítulo 3.

ao mesmo tempo, seus estandartes e símbolos são descritos como bizarros e extravagantes, sem beleza e sem nenhum significado em um passado a ser lembrado³³⁵, como no caso do Oeste.

A vitória dos homens do Oeste nessa batalha, por sua vez, também ocorre em torno dos símbolos do Oeste como local de uma civilização superior, pois o momento dessa vitória ocorre quando o personagem Aragorn desfralda o estandarte de sua linhagem, com a árvore branca de Gondor, o navio e a estrela de Eärendil, todos esses símbolos do modelo de sociedade do Oeste, defendido por aqueles homens. O desfraldar dessa bandeira ocorre juntamente com o ato de Aragorn em desembainhar a sua espada, Andúril, descrita de forma heróica como Narsil reforjada e como a chama do Oeste, que, em seu rebrilhar, teria feito os inimigos do Leste recuarem frente à majestade daquela cena³³⁶.

Após essa vitória, em que o que restou dos inimigos é totalmente rechaçado para o Leste, os homens do Oeste decidem se juntar em uma grande força para empreender um ataque às forças do Leste, cujo objetivo era dar uma distração para que Frodo e Sam, que estavam de posse do Anel de poder, tivessem alguma chance de passarem despercebidos pelas defesas do inimigo. Essa força é chamada de Capitães do Oeste, pois era liderada pelos principais líderes das populações ocidentais, todos eles chefiados, por sua vez, por Aragorn, rei de Gondor e Arnor, e, por isso, rei do Oeste.

Na marcha dos Capitães do Oeste apresenta-se uma ideia do Oeste como um valor, de forma que esse grupo toma esse nome exatamente por esse valor intrínseco, que dentro do enredo mostra significar a luta contra o mal, contra a opressão e a escravidão do Leste, bem como grande honradez. Esses capitães são, por sua vez, apresentados como heróis, em uma marcha heróica, enquanto os inimigos evitam enfrentá-los, até que por fim eles chegam aos portões de Mordor e desafiam o próprio senhor do Escuro³³⁷.

Depois da vitória dos Capitães do Oeste, todo o mundo ocidental é apresentado como vitorioso e, sob a égide do rei de Gondor e Arnor, o rei do Oeste, sendo que todos os povos ficaram subordinados a ele. Enquanto isso, o Leste foi relegado ao papel de perdedor, de derrotado, com seus povos rechaçados e reduzidos à barbárie, havendo

³³⁵ Ver trecho 58, anexo capítulo 3.

³³⁶ Ver trecho 59, anexo capítulo 3.

³³⁷ Ver trecho 60, anexo capítulo 3.

depois ainda algumas lutas entre eles e os homens do Oeste, cuja vitória mais uma vez foi do Ocidente³³⁸.

A ideia de um rei do Oeste, com autoridade sobre todos, delegando comando a outros povos apresenta uma perspectiva de coesão ao Ocidente e, por sua vez, o princípio do Ocidente como um valor, pois esse rei é descrito como algo bom, que dá a possibilidade do modelo de sociedade do Oeste crescer ainda mais e se expandir.

Todos esses trechos apresentam a ideia do Oeste como um valor, em detrimento do Leste, que é descrito como um lugar de trevas, de barbárie, enquanto o Oeste é luz, conhecimento, liberdade. Essas ideias coincidem com as crenças do pensamento orientalista produzido pela intelectualidade europeia, no século XIX e na primeira metade do século XX, a de um Ocidente cheio de virtudes e valores intrínsecos, e a de um Oriente oposto, cheio de defeitos, como o lugar da barbárie (SAID, 2007, p. 27 – 60).

O Oeste como parte de um modelo superior também é apresentado na fala do regente de Gondor, Denethor, que depois de enlouquecer, tenta colocar fogo em si mesmo e em seu filho, que estava ferido, após lutar em uma batalha. O personagem Gandalf tenta persuadi-lo e evitar a tragédia, e, então, Denethor fala que deseja ser queimado como os reis bárbaros da Terra Média de antigamente, ao invés de ter o seu corpo guardado em um túmulo, como os homens do Oeste.

Essa fala de Denethor apresenta um valor em relação ao Oeste, como um lugar de costumes diferenciados, ao passo que aos demais homens se atribui uma outra prática, entendida como bárbara e, portanto, inferior. Essa fala se complementa com uma outra, em que Denethor, ainda no mesmo diálogo, diz a Gandalf que a guerra está perdida, que é melhor morrer queimado de uma vez, ao invés de entrar em uma luta perdida, sem esperança, para, no final, ser derrotado e escravizado pelas forças do senhor do Escuro, que viriam a partir daquele momento, incessantes do Leste, até tomarem tudo. Assim, ele proclama que o Ocidente falhou e só resta a eles a morte ou a escravidão, por isso ele decidiu pela morte, pois não achava digno se tornar um escravo.

Essa fala apresenta uma série de valores sobre o Oeste e, por conseguinte, sobre o Leste. Ao Oeste se delega os valores positivos, enquanto ao Leste se outorga a característica da escravidão, da opressão, que faz um indivíduo livre, como Denethor,

³³⁸ Ver trecho 61, anexo capítulo 3.

preferir a morte. Assim, quando ele diz que o Ocidente falhou, ele fala do modelo de sociedade livre, da qual ele é signatário e defensor³³⁹.

Inúmeras outras representações dentro das obras literárias de Tolkien apresentam o Oeste como um lugar de luz, de virtude, de sabedoria, de liberdade e onde tudo o que é bom reside. Ao mesmo tempo, o Leste é apresentado como um lugar de aventura, extravagante, de onde o mal vem para atacar o Oeste³⁴⁰. Todo esse conjunto de trechos forma dentro da narrativa uma conformidade de ideias, que constroem, dessa forma, o Ocidente como superior e o Oriente como inferior, aos moldes do pensamento orientalista, descrito e analisado por Edward Said.

A ideia de uma representação orientalista na obra de Tolkien foi discutida por alguns autores. John West, embora não defenda abertamente a visão orientalista na obra de Tolkien, enfatiza que o enredo seria uma defesa aberta da civilização ocidental e de seus valores. Ao afirmar essa característica, por sua vez, seus argumentos acabam por enfatizar o seu caráter orientalista, uma vez que West declara a obra como uma defesa do Ocidente, em detrimento a outras culturas, ou seja, a defesa é da superioridade do padrão cultural ocidental (WEST, 2001, p. 2 – 9).

Já Myles Balfe, em seu artigo sobre o gênero da literatura fantástica, defende uma tendência dessas obras a construir geografias fantásticas, cujo local da aventura, dos inimigos a serem combatidos e do exótico se apresentam no Oriente (BALFE, 2004, p. 75 – 88).

Astrid Winegar, por sua vez, declara que Tolkien teria representado o Orientalismo em sua obra, mas somente para rechaçá-lo no final e, que o autor estaria sendo acusado precipitadamente de corroborar um ponto de vista orientalista. Para sustentar essa posição, Winegar elenca uma série de argumentos. Primeiramente, ele afirma que se por um lado o Oriente de Tolkien pode ser considerado exótico, por outro, os próprios ocidentais em grande parte podem ser observados com as mesmas características (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9).

Como exemplo de exotismo dos ocidentais, Winegar apresenta os próprios elfos, que seriam exóticos, com uma cultura cheia de mistérios e com uma escrita que ele defende ter semelhança com as escritas orientais. No entanto, é possível questionar as argumentações de Winegar, frente a algumas questões.

³³⁹ Ver trecho 62, anexo capítulo 3.

³⁴⁰ Não será possível analisar todos esses trechos em que o Ocidente e o Oriente são apresentados no enredo de forma antagonica. No entanto, eles podem ser vistos no anexo do capítulo 3, trecho 63.

Em primeiro lugar, o exotismo orientalista sempre se refere a uma construção do Outro como exótico e inferior. O fato de a cultura élfica ser apresentada como contendo alguns mistérios não a faz essencialmente exótica, mas sim, dentro daquele contexto, como superior e altamente sofisticada, tendo todos os atributos considerados como valorosos e bons dentro do enredo.

Sobre a escrita dos elfos, é já de notório saber, seja pelas informações de cartas, dos biógrafos e mesmo de vários analistas da obra de Tolkien, que as línguas élficas se baseiam nas línguas dos povos do Norte da Europa, como o islandês, o irlandês, dentre outras línguas, podendo, portanto, ser consideradas muito mais semelhantes as runas nórdicas e não tendo qualquer semelhança ou referência as línguas orientais. Já a língua de Mordor, por sua vez, já pode ser compreendida como sendo baseada em idiomas orientais.

Sobre a língua de Mordor, Winegar segue a mesma linha de argumentação, dizendo que ela, assim como a língua dos elfos, teria semelhança com os alfabetos orientais, porém, ela seria rechaçada dentro do enredo não por ser oriental, mas sim, por ser algo que denota o despotismo a qual os povos apresentados como do bem tanto temem. O argumento de Winegar pode ser em parte reconhecido como plausível, pois de fato a língua de Mordor pode ser compreendida como tendo influência dos alfabetos orientais. Além disso, pode-se também interpretar que a aversão dos personagens protagonistas a essa linguagem se dá por ela de fato representar a opressão e a tirania. Contudo, deve-se observar que não é por acaso que a opressão e a tirania estão colocadas no Leste. Essas características, quando confrontadas com as teorias vigentes no pensamento europeu, apresentam uma série de referências a um pensamento que pode ser denominado como orientalista, que sistematicamente produz a ideia da opressão, do mal e do exótico no Oriente, enquanto ao Ocidente cabe o lugar das virtudes.

Frente a um número inegável de menções negativas ao Oriente em todo o enredo, dentre as quais o próprio Winegar enfatiza, como a semelhança entre o nome Mordor com o termo assassinato (Murder), em inglês, o autor defende que os personagens de Tolkien são orientalistas, mas que no decorrer do enredo ele busca mudar esse ponto de vista. Para isso, o autor, em meio a narrativa, iria construindo uma série de elos que passariam a criar a tolerância e a paz entre povos diferentes, culminando com o fim da guerra e um período de prosperidade e comércio amistoso.

Como exemplo, Winegar cita o episódio em que Sam vê o sulista caído e tem um sentimento de compaixão para com esse indivíduo, ao ver sua mão humana e morena desfalecida. No entanto, como já se discutiu, essa cena pode ser interpretada de outra forma, pois o sulista é apresentado como um indivíduo enganável por um déspota oriental, incapaz de discernir por si só entre o bem e o mal.

Winegar também insiste na ideia dos elfos como sendo exóticos, em detrimento a outros povos, e menciona a floresta de Galadriel e a compara mesmo a cidade de Shangri-la, do livro “Lost Horizon” (Horizonte Perdido), de James Hilton. A comparação é feita devido a floresta apresentar na obra de Tolkien a ideia de um tempo parado, preservado, imune aos efeitos de envelhecimento.

Mas é necessário comparar as duas obras com mais sapiência. O livro “Horizonte Perdido” é um romance do início do século XX, escrito por James Hilton, autor estadunidense, e lançado no ano de 1933, tendo feito bastante sucesso na Europa e nos Estados Unidos. Narra a história de um grupo de europeus que ao fugir de um local no Oriente, onde a posição européia se vê ameaçada por insurreições locais, acabam tendo o avião onde estavam seqüestrado e levado para uma região longínqua, nas montanhas do Tibete. Lá, eles são abandonados no alto de uma montanha, até que são resgatados por um monge, que os leva para um vale estranho e exótico na cidade de Shangri-la. Um lugar em que quase não se envelhece, devido ao efeito do ar local, e os recém-chegados precisam decidir se ficarão ali vivendo uma vida agradável ou se voltam para o seu mundo.

A característica de não envelhecimento, no entanto, só funciona para estrangeiros, pois os habitantes locais do vale não são afetados por ela, por isso, eles vivem como servos do templo budista, estabelecido mais acima na montanha, formado por estrangeiros de diversas épocas, que por vários motivos foram parar ali e foram ficando, devido a dificuldade local de se sair, tendo de atravessar montanhas congeladas perigosas. Esses estrangeiros se tornam então, ao mesmo tempo, prisioneiros do local e também, privilegiados, por serem servidos pelos moradores locais, que lhes abasteciam de todo tipo de alimentos e serviços, deixando-os apenas a cargo das tarefas intelectuais.

Como se pode observar, Shangri-la apresenta aspectos muito diferentes da floresta da senhora élfica. Shangri-la é apresentado como um lugar exótico, de servidão do povo local e que confere uma vida extremamente prolongada aos povos estrangeiros que chegam ali. Isso é apresentado no enredo como algo fabuloso e, ao mesmo tempo

como anormal, ao passo que o lugar é praticamente uma prisão, de onde não se pode mais sair, uma vez se estando lá.

A floresta de Galadriel, por sua vez, é apresentada somente com aspectos positivos, sendo que a característica de preservação da natureza e de não envelhecimento pode ser vista na obra de Tolkien com outro aspecto, o de preservar a natureza da destruição promovida por Sauron. Diferente de Shangri-la, a floresta da senhora élfica não dá vida prolongada para quem entra em seus domínios. O local apenas preserva algumas características de beleza e virtude da natureza que estariam se perdendo graças ao efeito do tempo e as mudanças no mundo. Portanto, há perspectivas totalmente diferentes entre Shangri-la e a floresta élfica de Galadriel.

Dessa forma, pode-se argumentar que o autor confunde a ideia de Orientalismo com a ideia de eternidade e com as ideias mitológicas apresentadas dentro da obra de Tolkien, assim ele acaba por classificar os elfos como uma representação orientalista erroneamente. O fato dos elfos terem longa vida não os aproxima do que é apresentado na obra de Hilton. Além disso, todas as referências mitológicas usadas na construção dos elfos se baseiam nas mitologias europeias e não em qualquer espécie de cultura entendida como oriental.

Winegar também menciona que o fato de Gandalf nunca ter viajado para o Oriente possa ser considerado alguns como uma ideia orientalista, assim, ele argumenta que Gandalf não viaja para o leste e que essa sua recusa não seria uma representação orientalista dentro da obra, mas apenas uma falta de interesse para com o Oriente. Contudo, é possível discordar dessa análise, pois como já se discutiu, Gandalf não viaja para o Oriente e se torna o herói ocidental. Já Saruman viaja para o Oriente e se torna um dos vilões. Assim a obra de Tolkien apresenta uma dicotomia entre aquele que tem contato com o Oriente e aquele que não tem e, que, portanto, não é corrompido pelas práticas orientais e despóticas capitaneadas pela figura de Sauron.

Winegar conclui então que a obra de Tolkien versa sobre o pensamento orientalista, mas que se opõe a ele (WINEGAR, 2005, p. 1 – 9). Contudo, essa análise pode ser rechaçada frente aos diversos exemplos aqui citados em que o Oriente é apresentado como exótico, inferior e como o inimigo a ser combatido, em detrimento ao Ocidente descrito como bom e superior.

Zakarya Anwar defende uma posição semelhante a de Winegar. Em primeiro momento Anwar admite que o Oriente é tratado de forma diferenciada dentro do enredo,

em detrimento ao Ocidente. Ele cita então um trecho de uma das cartas de Tolkien, em que o autor admite ter dado um tratamento especial ao Ocidente e justifica tal conduta por ser ele um ocidental e estar escrevendo em um universo baseado na realidade e na cultura ocidental, a qual ele conhece.

Anwar também reconhece que o Oriente é tratado de forma generalizada e que o Ocidente é tratado de forma individualizada e humanizada em vários trechos do enredo, porém, ele argumenta que essa relação inicial vai se diluindo no decorrer da história e que os povos diferentes se unem para combater um inimigo comum, Sauron, cuja marca principal pode ser considerada a do industrialismo. Dessa forma, Anwar declara que seria Sauron o verdadeiro imperialista, enquanto os povos que lutam contra ele adotariam uma postura multicultural (ANWAR, 2009, p. 1 – 8).

Esse argumento, como já se discutiu, pode ser rechaçado, pois o fato de ser industrializado não é suficiente para apresentar Mordor como uma potência imperialista e suas características estariam muito mais próximas as do despotismo oriental. Ao mesmo tempo, o Oriente continua a ser representado como exótico e inferior dentro da obra, portanto, Tolkien só constrói a tolerância entre diferentes dentro do próprio Ocidente, com populações ocidentais, com estereótipo europeu.

Outro autor que contribui sobre o debate a cerca da presença de uma visão orientalista na obra de Tolkien é Margaret Sinex, que defende que Tolkien reflete as visões pejorativas da literatura ocidental sobre os sarracenos em suas obras literárias. Assim, ela declara que os homens de Harad são representados com as mesmas características binárias com que os sarracenos eram representados desde o medievo, embora eles sejam ainda apresentados como menos monstruosos que outras figuras do enredo, como os semi-trolls, por exemplo.

Sinex também enfatiza a constante caracterização generalizada dos haradrins, que são descritos como subservientes a Sauron, sendo que as falhas que eles apresentam seriam as mesmas apresentadas sobre os sarracenos na cultura ocidental e principalmente nas teorias medievais. Assim, a obra de Tolkien seguiria o mesmo padrão de pensamento sobre cor da pele, região de origem e valor moral de cada povo, construídas pela intelectualidade europeia no tempo longo, sendo que na geografia do autor, o inimigo estaria localizado a Oriente e teria a pele negra

Além da cor da pele, Sinex argumenta que Tolkien usa também cores de vestimentas e acessórios, como o vermelho e o amarelo, que eram atribuídas aos

sarracenos, para construir os seus haradrins e que, devido ao seu conhecimento sobre literatura medieval, essa associação teria sido construída propositalmente. Ao mesmo tempo, o enredo apresentaria os ocidentais como bons, falando uma língua suave e tendo feições agradáveis, enquanto os haradrins possuem características inversas.

Sinex também menciona a fala rude de certos grupos de personagens, como orcs, homens da Terra Parda e orientais, em detrimento a língua suave dos ocidentais. A isso Sinex atribui ser uma menção a perspectiva grega, que classificava como bárbara o uso de outras línguas e que, por sua vez, teria se perpassado pela intelectualidade europeia, para classificar outros povos como inferiores (SINEX, 2010, p. 175 – 196).

As análises de Sinex podem ser corroboradas, frente ao que se discutiu sobre a apresentação de ocidentais e orientais dentro do enredo de Tolkien. Os haradrins, assim como outros povos não europeus, são descritos de forma estigmatizada, com cores aberrantes, como inimigos a serem combatidos e com todas as características de exotismo que podem ser atribuídas ao pensamento orientalista da época em que Tolkien escreveu.

Outro autor que contribui para o debate sobre a existência ou não de representações do pensamento orientalista na obra de Tolkien é Louise Liebherr, que defende uma perspectiva pós-colonial e multicultural na obra de Tolkien e descarta a ideia do Orientalismo presente no enredo. Assim, Liebherr inicia a sua argumentação tentando aproximar Tolkien de uma perspectiva pós-colonial, afirmando que ele seria bem mais sensível aos temas que posteriormente comporiam os estudos pós-coloniais, devido aos seus estudos em uma área próxima, a filologia (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165).

Contudo, tentar aproximar os estudos pós-coloniais, desenvolvidos principalmente após a década de 1960, por autores dedicados ao combate ao colonialismo, com a filologia dos tempos de Tolkien é algo forçado, pois como deve-se lembrar que, segundo estudo de Said sobre o Orientalismo, a filologia foi uma das principais disciplinas acadêmicas que produziram o pensamento orientalista moderno. Dessa forma, esse argumento levantado por Liebherr pode ser entendido como equivocado.

Liebherr também enfatiza que os povos orientais, ao serem retratados em muitos aspectos como escravizados por Sauron, estariam sendo apresentados não como maus, pois Tolkien teria uma posição anti-escravidão e, portanto, estaria tratando esses

indivíduos como também vítimas de Sauron, assim como os ocidentais, a qual ele pretendia escravizar. De fato, Tolkien se mostra contrário a escravidão, sendo esse um aspecto já discutido no primeiro capítulo desse trabalho. Porém, ser contrário a escravidão não faz automaticamente que o autor seja solidário a todos os povos escravizados, ou ainda, que entenda a escravidão de ocidentais e orientais da mesma forma, bem como que coloque em situação análoga os ocidentais e os orientais dentro do enredo.

Deve-se ter em conta que a escravidão, sendo por um lado, rechaçada por diversos autores, como é o caso de Tolkien, era também entendida pelo pensamento orientalista e colonialista que vigorava nos fins do século XIX e no início do século XX, como fraqueza de alguns povos racial e civilizacionalmente tidos como inferiores. Assim, pode ser considerado como mais plausível interpretar a escravidão dos orientais sendo vista dentro do enredo como um sinal de fraqueza e inferioridade, e não de igualdade em serem ameaçados por Sauron, como os ocidentais.

Exemplo disso é a própria maneira de lidar com a escravidão atribuída por Tolkien a orientais e ocidentais. Os ocidentais resistem e lutam, ainda que em desvantagem numérica e militar, enquanto os orientais se submetem. Logo, não há uma relação de igualdade de condição, mas antes, de diferença de conduta, que pode ser considerada como valorativa no enredo.

Ao se propor a discutir a obra de Tolkien frente a perspectiva de haver ou não uma representação orientalista contida no enredo, Liebherr passa a analisar a trama a luz do que Edward Said define como as características mais básicas do pensamento orientalista. Nesse sentido, Liebherr reconhece que em um primeiro momento o Ocidente é apresentado como belo e virtuoso, tendo como oposto o Oriente. Além disso, ele reconhece uma depreciação aos orcs e mesmo a possibilidade de que eles tenham sido baseados, em grande parte, nos povos mongólicos.

Contudo, Liebherr vê nas descrições dos orcs alguns elementos a mais, pois essas criaturas são subdivididas em raças diferentes, cada qual com uma certa característica. Assim, o autor argumenta que diferente de uma descrição orientalista, os orcs estariam sendo, de certa medida, individualizados e descritos em meio as diferenças entre eles, ao invés de massificados e coletivizados, como seria o mais esperado frente a uma representação orientalista.

Mas é possível observar outras possibilidades para essa diferenciação entre os orcs, pois ela se assemelha muito mais as descrições acadêmicas sobre os tipos de orientais e africanos, produzidas pela intelectualidade orientalista. Além disso, deve-se ter em mente, que Said também defendeu que uma das características do pensamento orientalista é a descrição e o estudo detalhado dos orientais, sendo que as representações variavam entre uma massificação extrema, criando-se estereótipos e, ao mesmo tempo, entre o detalhamento minucioso do Outro, sem, no entanto, dar a ele a voz para se auto explicar, como é o caso.

Os orcs podem ser assim interpretados, pois são estereotipados todos como maus, horrendos, cruéis, ao mesmo tempo, cada tipo de orc específico é detalhado e apresentado frente as características de sua subdivisão, sendo alguns maiores e mais fortes, outros bons em farejar. Dessa forma, os orcs não fugiram do que Said definiu como representação orientalista, diferente do que defende Liebherr.

Outro argumento levantado por Liebherr é que Sam, ao ver o sulista morto, na batalha em Ithilien, se apiedaria desse indivíduo. Mas essa cena já foi diversas vezes debatida e como já se discutiu, há outras formas de se interpretar esse episódio, principalmente como uma forma de apresentar os orientais como sucetíveis e fracos frente ao poder do mal, em detrimento a força de resistência dos ocidentais.

Liebherr também defende que o Oriente na obra de Tolkien não é inerentemente mal, mas que foi pervertido por Sauron, que teria corrompido e envenenado tudo ali, ao passo que o Ocidente sofreria o mesmo risco, não sendo essa uma vulnerabilidade somente do Oriente, mas sim, de todos. Para Liebherr, isso mostraria um caráter pós-colonial no enredo, apresentando todos como igualmente sucetíveis, rompendo então com a ideia orientalista de que o Oriente seria essencialmente mal e apresentando outra perspectiva, a de que o Oriente como mal é fruto do constructo dos homens e que é possível que haja paz e respeito entre todos.

Essa análise de Liebherr parece tentar redimir Tolkien das ideias que ele apresentou de forma explícita em todo o seu enredo e que por sua vez eram comuns em seu tempo, atribuindo a ele raciocínios que foram desenvolvidos posteriormente e em outros círculos intelectuais. Além disso, na obra de Tolkien, Sauron não é a causa única do mal no Oriente. Basta ter em mente a descrição dos orientais no livro “O Silmarillion”. A causa do mal, em última instância, seria Melkor, o Valar/anjo caído e sua rebelião contra Eru e os Valars. O Oriente, por conseguinte, é o espaço para aonde

Melkor leva a sua influência. Dessa forma, essa é uma região desde o início sob a influência da figura diabólica, o que remete a uma série de idéias pré-concebidas sobre o Oriente na cultura ocidental como um espaço corrompido, governado pelo demônio, através da instalação de suas idolatrias. Já Sauron é apresentado como o continuador de Melkor, e, assim como o primeiro, também como uma espécie de déspota oriental.

Seguindo o seu raciocínio, Liebherr então argumenta que se todos os povos dentro do enredo são suscetíveis ao mal, assim como todas as regiões e suas populações podem ser corrompidas, logo, não há uma diferença absoluta entre o Leste e o Oeste e, portanto, um dos princípios básicos do pensamento orientalista não se encontraria na obra de Tolkien. Contudo, pode-se interpretar esse contexto de outra forma, pois embora todos estejam suscetíveis ao mal, há níveis de suscetibilidade apresentados em meio a trama, uma vez que os orientais, desde o primeiro momento são apresentados como corrompidos, enquanto os ocidentais resistem desde de o início.

Dessa forma, existe uma diferença absoluta, a da submissão ao mal, que é apresentada como uma característica inerente dos povos do Oriente, enquanto aos ocidentais cabe o papel de serem aqueles que resistem e que estão inclinados ao bem, embora possam vez ou outra serem corrompidos. Em grande parte, o pensamento orientalista possuía uma perspectiva semelhante, a de atribuir a todo o mundo a possibilidade da ignorância e da barbárie, embora se considerasse que povos como os orientais, os africanos e outros não europeus estivessem mais suscetíveis a isso, enquanto os europeus eram naturalmente mais civilizados, o que não os impedia, vez ou outra, de agirem de forma bárbara.

As teorias sobre a criminalidade, desenvolvidas pela frenologia e pela criminologia lombrosiana, por exemplo, apresentam essa perspectiva, a de que nas sociedades ocidentais os criminosos eram indivíduos defeituosos, que agiam fora do padrão de conduta da sociedade civilizada. Já nas sociedades orientais, era entendido que o padrão vigente era a barbárie. Assim, a obra de Tolkien apresenta uma diferença absoluta em relação as populações do Ocidente e do Oriente.

Outra argumentação de Liebherr é a de que o Oriente na obra de Tolkien não seria representado como algo uniforme e estático, mas sim, com diversas culturas diferenciadas e com uma história de mudanças e lutas. Sendo assim, o Leste da Terra-Média não possuiria uma das principais características do pensamento orientalista descritas por Edward Said, a de ser o Oriente um lugar estático e homogêneo.

Mas é necessário observar algumas questões quanto a essa argumentação. Quando Said enfatiza que o Oriente no pensamento orientalista é estático e homogêneo ele não quer dizer que não existe uma diferença entre as culturas tidas como orientais e que os europeus não identificam essa diferença. Said está defendendo é que em meio as diferenças, por exemplo, entre árabes, egípcios e indianos, a representação orientalista os apresenta como tendo algo comum, no caso, a falta de raciocínio lógico, a tendência a subserviência e ao mesmo tempo, a teimosia e a trapaça. O pensamento orientalista, tal como proposto por Said, descreve os orientais como povos diferenciados, contudo, observa características comuns em meio as diferenças.

Essa homogeneidade pode ser percebida também no enredo de Tolkien, uma vez que todos os orientais, sejam eles homens de Ambar, ou de Harad, ou os sulistas, ou ainda, os carroceiros, todos estão aliados ao mal, primeiro a Melkor/Morghot, depois, a Sauron, além disso, todos eles são apresentados como bárbaros, violentos e cruéis. Portanto, há uma homogeneidade entre eles, sendo que as características são as mesmas dos orientais descritos por Said como sendo orientalizados pelo pensamento orientalista.

O mesmo pode ser visto em relação a ideia do Oriente estático. Quando Said define que o pensamento orientalista constrói os orientais como estáticos, ele não fala de uma falta de mudança histórica, mas sim, da ausência de modificações mais profundas que eram atribuídas as sociedades orientais. O pensamento orientalista, com suas descrições altamente detalhadas sobre as sociedades, línguas e culturas orientais, afirmavam tanto as diferenças entre sociedades orientais diversas quanto também as modificações que ocorriam no seio de cada povo oriental. No entanto, enfatizava-se também que havia uma estaticidade entre os orientais, ou seja, a ausência de modificações mais profundas, de forma que se atribui que tais povos se mantinham sempre ignorantes, fanáticos, superciosos, distantes do progresso e da intelectualidade, enfim, como bárbaros.

Tal ideia de um Oriente estático pode ser vista também na obra de Tolkien, pois desde o início os orientais são apresentados com as mesmas características, como bárbaros e cruéis, aliados ao mal. Embora eles mudem como sociedade, se subdividindo em povos diferentes e criando novos reinos e cidades, eles continuam agindo sempre de forma semelhante, ameaçando e atacando o Ocidente e sendo subservientes ao mal.

Seguindo o seu raciocínio, Liebherr apresenta a ideia de que ao invés dos orientais, seriam os elfos que estariam mais próximos de uma representação orientalista,

uma vez que eles seriam, em diversos momentos, apresentados como tendo uma sociedade estática, sem grandes mudanças. Esse argumento, em grande parte, já havia sido apresentado por Astrid Winegar, que interpretou o reino de Galadriel como estático e o comparou mesmo a Shangri-la, do livro “Horizonte Perdido”, de James Hilton.

Tal comparação já foi analisada, observando-se que há diversas diferenças entre as duas realidades. Porém, é necessário também discutir a ideia rerepresentada por Liebherr, de que as sociedades élficas de Tolkien seriam estáticas e estariam mais próximas de uma representação orientalista.

Como já se discutiu aqui, a ideia de sociedade estática atribuída ao pensamento orientalista se remete a perspectiva de uma sociedade que pode mudar em diversos aspectos, mas que mantém algumas características negativas, como a crueldade, a incivilidade e o pouco raciocínio lógico. Essas não são características que podem ser imputadas às sociedades élficas dentro da obra de Tolkien, muito pelo contrário, pois o enredo os apresenta como inteligentes, belos, criativos, com sociedades que são bem mais avançadas que as humanas, tendo eles vários talentos, como a confecção de jóias e a metalurgia.

Não há qualquer indício no enredo de Tolkien que apresente as sociedades élficas como atrasadas, com uma população ignorante, ou com uma índole voltada para a crueldade. Nesse sentido, é possível afirmar que Liebherr confunde a ideia de cultura estática com o tempo prolongado de vida dos elfos e com o fato de as sociedades élficas sendo representadas valorizando uma série de tradições. Contudo, o fato de valorizar tradições e de ter uma longa vida não faz com que os elfos sejam estáticos. Galadriel, por exemplo, bem como o povo liderado por ela apresenta uma contínua evolução no decorrer do enredo, aprendendo e se desenvolvendo. A personagem, nascida ainda em Valinor, migra para a Terra-Média quando do exílio dos Noldors, depois se auto-impõe a estadia na Terra-Média, com objetivo de vencer as forças deixadas por Morgoth, em especial, a presença de Sauron. Com isso, Galadriel e Celebrimbor passam a comandar o povo da floresta de Lothlórien, que em grande parte, se desenvolvem sob o governo dos casal. No livro “O Senhor dos Anéis”, Galadriel passa por sua última provação, resistindo a tentação do Anel e, com a derrota de Sauron ela pode finalmente voltar para Eressëa.

Dessa forma, a ideia dos elfos estáticos não se evidencia no enredo de Tolkien, sendo essa perspectiva podendo ser creditada a uma confusão entre a ideia da longa vida

desses personagens com o conceito de sociedade estática produzido por Edward Said para explicar a forma como a intelectualidade europeia caracterizou as sociedades orientais como incapazes de se desenvolverem.

Outro argumento de Liebherr para rechaçar a ideia de uma visão orientalista na obra de Tolkien se refere a ideia de que somente alguns personagens específicos dentro do enredo teriam certas visões pejorativas sobre os orientais, sendo esses, os homens de Gondor. Liebherr então declara que essa visão pejorativa seria pelos diversos conflitos entre os homens de Gondor e esses orientais e não por uma visão pejorativa por parte do autor. Como já se discutiu, não é somente os homens de Gondor que apresentam essa opinião, mas, de forma geral, todos os habitantes da parte ocidental da Terra-Média.

Ainda assim, é necessário fazer outras reflexões sobre o assunto, pois o fato de Tolkien construir um conflito entre os homens de Gondor, também chamados de homens ocidentais, devido a origem númenoriana, e os orientais, é significativo para compreender a forma como o autor construiu o seu universo. Como se sabe, e também isso é admitido por Liebherr, Tolkien construiu a sua ficção se espelhando no mundo real, tentando criar um passado mítico para a Europa e, para tanto, tentou criar uma mitologia que pudesse se encaixar nos padrões europeus.

Se Tolkien se espelhou no mundo real, como admite Liebherr, ele construiu uma hostilidade entre ocidentais e orientais também entendendo que isso era algo real e histórico, uma rivalidade absoluta entre duas civilizações. Essa ideia de uma oposição binária entre Ocidente e Oriente é parte do pensamento orientalista e não é uma realidade dada, ou algo natural, mas sim, uma construção discursiva que, ao que se percebe, Tolkien a reproduziu em seu enredo.

Outra reflexão a ser feita é que a fala de determinados personagens possuem peso diferenciado dentro do enredo, ainda que essa fala seja somente a opinião de um suposto personagem. Assim, a fala de um personagem do lado do bem reflete em grande parte o pensamento do próprio autor, enquanto a fala do mal é em grande parte aquilo que ele discorda. Dessa forma, ainda que as visões depreciativas sobre os orientais fossem somente uma especificidade dos homens de Gondor, isso já seria significativo para observar o ponto de vista do autor, uma vez que Gondor é o principal reino humano do bem.

Liebherr também discute a ideia de que se o Oriente é vez ou outra apresentado no enredo como o lugar de onde vem o mal, isso ocorreria não pelo Leste em si, mas

por aquele ser o lugar corrompido por Sauron. Para sustentar essa ideia, Liebherr argumenta que depois da derrota de Sauron, Gondor busca construir a paz com os orientais, sendo isso uma prova de que o Oriente em si não é tido como mal, mas sim, Sauron e sua influência.

No entanto, é necessário observar o enredo de Tolkien como um todo e não somente na obra “O Senhor dos Anéis”. Desde o princípio o Oriente é apresentado como um lugar ruim, enquanto o Ocidente é tido como bom. Essa relação se inicia com o estabelecimento de Valinor na terra de Aman, no extremo Oeste do Mundo. A partir desse ponto o Ocidente passa a representar luz, beleza, conhecimento, enquanto o Oriente é o local da escuridão, do mal e da ignorância.

Essa gradação se dá com os elfos, que quanto mais a Ocidente mais são tidos como sábios, enquanto os que ficam mais a Oriente estão menos desenvolvidos. Com os humanos a mesma relação se estabelece, de forma que os ocidentais fogem do Leste, em busca da luz do Oeste. Já os orientais se firmam a serviço do senhor do Escuro e permanecem bárbaros.

Essa relação permanece no decorrer de toda a história da Terra-Média, até o ponto da guerra do Anel, quando mais uma vez o Oriente é apresentado como o mal a ser combatido. Com o fim do conflito os orientais são obrigados a se render e reconhecer a autoridade do rei de Gondor, ou seja, são forçados a se submeterem aos ocidentais.

Dessa forma, não é somente por Sauron ou ainda, por Morghot que o Oriente é mal, mas sim por estar mais distante da luz de Valinor, ou seja, dos ensinamentos dos Valars. Assim, o Oriente é apresentado sempre como mais propício ao mal. É necessário compreender a quais ideias históricas essas relações no enredo se remetem, pois ao Oriente e seus povos foi atribuído por muito tempo pela cultura ocidental serem maus por serem um povo pagão, sobre a influência do diabo. A obra de Tolkien remete a essa ideia ao apresentar Melkor corrompendo os orientais na primeira Era, e depois, Sauron fazendo o mesmo e sendo adorado como rei e Deus. O Orientalismo, em sua origem de longa duração, atribuiu ao Oriente o mal pela corrupção demoníaca, que só poderia ser em parte sanada com a conversão em massa. A obra de Tolkien apresenta a mesma ideia, e por isso, seu Oriente é inerentemente mal, embora possa ser convertido se colocado sob o julgo ocidental. A luz de Valinor, por sua vez, é a luz angelical divina, a qual o Oriente está distante, devido ao seu paganismo. O equívoco de Liebherr aqui foi

separar um dos dogmas orientalistas em duas partes. Ver o Oriente como um local a ser sempre temido e dominado é algo que se completa e não pode ser separado no pensamento orientalista. O Oriente ao ser temido passa a ser entendido como um lugar a ser conquistado, como um desafio, cuja dominação é a única forma de eliminar aquele espaço como ameaça.

Liebherr também tenta analisar Tolkien através de sua formação e influência literária, assim, ele defende que o autor, em sua juventude, não leu autores essencialmente orientalistas, tendo, portanto, pouca influência dessa forma de pensamento. Contudo, a lista de leituras apresentada por Liebherr enfraquece o seu argumento, pois nela há obras notoriamente interpretadas como tendo um amplo conteúdo orientalista, como: “She” (Ela, a feiticeira) e “Kings Solomon’s Mines” (As Minas do rei Salomão), de Henry Rider Haggard, “Kim”, de Rudyard Kipling, “Treasure Island” (A Ilha do Tesouro), de Robert Louis Stevenson. Assim, esse argumento não se sustenta.

Por fim, Liebherr enfatiza que se há alguma ideologia orientalista contida no enredo ela não deve ser creditada ao autor e suas intencionalidades, mas sim, ao período histórico em que ele escreveu, marcado amplamente por essa cultura (LIEBHERR, 2012, p. 10 – 165). Essa argumentação final pode ser corroborada pelo que se discutiu até aqui, pois de fato a obra de Tolkien apresenta uma série de ideias comuns de seu tempo.

Além de Liebherr, Fredy Widya Pratama também tece alguns comentários sobre a ideia do Orientalismo na obra de Tolkien. Assim, Pratama defende que a obra de Tolkien constrói os ocidentais como superiores e como os heróis da trama, enquanto aos orientais cabe o papel de serem bárbaros, monstruosos e inimigos.

Pratama credita tal perspectiva ao pensamento orientalista em voga no período e nos meios intelectuais em que Tolkien se formou e escreveu. Como se observou nessa pesquisa, as considerações de Pratama podem ser consideradas como acertadas, tendo em vista que o Oriente no enredo de Tolkien é apresentado com diversas características negativas, enquanto ao Ocidente se outorga o papel do bem (PRATAMA, 2013, p. 1 – 7).

Além de Pratama, Sanni Hakkarainen também tece diversas reflexões sobre o Orientalismo na obra de Tolkien, enfatizando, em primeiro lugar, que existe uma diferença entre o Ocidente e o Oriente dentro do enredo, e que essa diferença se

remeteria a conflitos históricos entre a Europa e o Oriente e a África. Dessa forma, o Oriente de Tolkien seria uma representação da forma como os europeus, no tempo longo, passaram a interpretar os povos orientais. E essa visão sobre o Oriente se deveria em grande parte a experiência colonial europeia, que classificou, estereotipou e inferiorizou o Outro.

Dessa forma, Hakkarainen enfatiza a semelhança entre a forma como Mordor é apresentada e as representações europeias sobre a África do século XVIII e XIX e da União Soviética no período da Guerra Fria. Hakkarainen então defende a ideia de que a obra de Tolkien representa o Oriente tanto nos termos clássicos do pensamento orientalista, como também, frente a nova realidade apresentada a partir do fim da Segunda Grande Guerra, com o medo e a rivalidade do Ocidente para com o Oriente sendo transferida para a figura da União Soviética.

Hakkarainen também enfatiza que dentre as características do Oriente no enredo de Tolkien está a generalização do Oriente, que, como já se discutiu, é apresentado como um lugar sem detalhamentos, tanto nos mapas como em relação as suas populações, descritas uniformemente. Essa característica seria um dos principais indícios da ideologia orientalista sendo perpetuada na trama, o que pode ser evidenciado quando se observa que os orientais são sempre apresentados atacando o Oriente e poucos deles são individualizados, enquanto os seus locais de origem só são referenciados de forma superficial.

Junto a esse processo de massificação do Oriente, Hakkarainen descreve também outro processo que ocorre concomitantemente dentro do enredo, o silenciamento dos orientais, que jamais dão a sua versão sobre os conflitos, sendo muito raramente nomeados e individualizados. O silenciamento do Outro, como aponta Hakkarainen, citando os estudos de Stuart Hall e Edward Said, é um dos principais dispositivos da ideologia colonial e orientalista, sendo que a sua presença no enredo de Tolkien seria mais um indício da presença do pensamento orientalista sendo representado na obra.

Hakkarainen também argumenta que os sulistas, de forma semelhante, são descritos como exóticos e inferiores, sendo esse mais um indício para se comprovar a presença do pensamento orientalista no enredo. Além disso, ele enfatiza a diferença gritante entre as vestimentas dos ocidentais e dos sulistas como mais um agravante.

Como já se discutiu, as vestimentas e suas representações no universo social fazem parte de um rico sistema valorativo no pensamento europeu, que construiu,

conforme aponta os estudos de Norbert Elias, uma série de padrões de vestimentas associados a valores positivos e outros a questões negativas e ao exótico (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65). As roupas dos sulistas, abundantemente coloridas, com brincos e adornos em ouro apresenta um padrão distante do que era considerado pela cultura europeia como o mais adequado. Já as roupas dos homens de Gondor ou de Rohan, apresentam um padrão com cores sóbrias, enquanto as descrições em si apresentam adjetivos positivos a essas vestimentas.

Logo, pode-se compreender que as roupas dos sulistas, bem como a massificação com que são apresentados, constroem um processo para denominá-los como bárbaros, incivilizados, colocados em comparação aos ocidentais, que são apresentados como o oposto. Assim, o enredo justifica a guerra e a hostilidade a esses povos, bem como enfatiza a superioridade e a bondade dos ocidentais.

Ambas as argumentações de Hakkarainen podem ser entendidas como corretas, pois essas características da massificação do Oriente, do silenciamento do Outro e das representações dos sulistas como exóticos e inferiores, como já se discutiu, se encontram em diversos trechos do enredo.

Hakkarainen também apresenta outros elementos que corroboram a ideia dos sulistas exóticos e inferiores, como o uso dos elefantes monstruosos, chamados de Mumakils e Olifantes, bem como o uso de cimitarras, ao invés de espadas. Ambos os aspectos apresentam uma aproximação desses indivíduos a culturas consideradas como orientais. O elefante, e seu agravante de ser apresentado em uma versão monstruosa, se remeteria as muitas imagens da África, como um lugar de homens selvagens e cruéis, que se utilizam das feras locais nas guerras, ou mesmo da Índia, cujo uso do elefante nas guerras foi comum por muitos séculos.

A cimitarra, por sua vez, é sempre uma arma associada ao islã, de forma que colocar tal armamento nas mãos dos sulistas, bem como o fato de usarem panos cobrindo o rosto e a cabeça pode ser considerado como uma representação evidente aos muçulmanos. Assim, Hakkarainen enfatiza que Tolkien construiu seus sulistas usando roupas e elementos associados aos povos muçulmanos e africanos, muito provavelmente construindo-os baseados nos povos do Norte da África. Ao mesmo tempo, levando a reflexão de Hakkarainen para além, pode-se argumentar que a caracterização do elefante não em sua versão convencional, mas como um antepassado gigantesco e exótico agravaria a representação de tais povos como inimigos e inferiores. Assim, o autor se

remeteria a esses povos com base nas versões mais pejorativas dadas a eles pela cultura europeia, o que pode ser considerado como uma visão orientalista.

Hakkarainen também, citando o estudo de Maria Sachiko Cecire, explica que os mapas construídos em obras de literatura fantástica possuem uma tendência a criar uma região oriental periférica generalizada, que seria uma representação conjunta de todos os povos a Oriente tidos como inimigos e exóticos, como a China, o império de Genghis Khan, a Índia, os reinos muçulmanos e a África, incorporando também a União Soviética. Em grande medida, como aponta Hakkarainen, os mapas das fantasias tendem a construir uma realidade medievalizada e, seguindo tal padrão, muitas vezes alguns autores se basearam de fato em mapas medievais, cujas regiões orientais eram genericamente chamadas de Índias, engoblando todo o Oriente e a África.

Essa explicação de Hakkarainen sobre o Oriente nas obras literárias reforça a ideia do Orientalismo no enredo de Tolkien, pois enfatiza a construção do Leste como o Outro, como generalizado e exótico.

Hakkarainen também argumenta o caráter conflituoso da obra, em que se estabelece uma constante luta entre os povos ocidentais e orientais, que, em conjunto com a exotização e a inferiorização dos mesmos produz uma realidade aos moldes do pensamento orientalista. Assim, o autor enfatiza a presença de uma forte influência orientalista na obra de Tolkien.

Outro aspecto apresentado por Hakkarainen é a da semelhança da língua negra de Mordor com as línguas orientais, o que seria uma forma de depreciar o Oriente, em detrimento ao Ocidente. Além disso, o autor também salienta o papel dos orcs no enredo, sendo que Tolkien os descreveu como semelhante a mongóis, ao passo que em toda a trama eles são apresentados como selvagens cruéis, desprovidos de qualquer característica positiva.

Assim, o autor termina a sua argumentação enfatizando que o Oriente é apresentado como mal e cruel, enquanto o Ocidente é apresentado como bom e virtuoso, ao passo que as duas realidades são colocadas em comparação e conflito durante toda a trama. Logo, Hakkarainen atribui tal realidade a uma influência orientalista, que estaria presente no enredo e seria mesmo um dos principais temas da obra de Tolkien, a luta do bem ocidental e livre contra o mal oriental e opressor (HAKKARAINEN, 2015, p. 4 – 82).

A argumentação de Hakkarainen pode ser corroborada frente ao que se discutiu no enredo, pois a obra de Tolkien apresenta uma série de representações positivas sobre os ocidentais e negativas sobre os orientais, que podem ser interpretadas como uma representação orientalista, advinda da ideologia colonialista do período de formação do autor e de composição da obra.

Outro autor que tece reflexões semelhantes a Hakkarainen a cerca do Orientalismo na obra de Tolkien é Alexander Fahlén, que se utiliza das teorias pós-coloniais, principalmente as ideias do Orientalismo e da Alteridade para provar traços de racismo no enredo. Assim, Fahlén afirma que a obra possui uma série de descrições estereotipadas sobre ocidentais e orientais, cuja origem seriam as ideias que circulavam no período de formação do autor e de composição da obra, marcada por teorias de superioridade racial e civilizacional dos europeus sobre os demais povos, que por sua vez, teriam sido reproduzidas e reforçadas na trama (FAHLÉN, 2016, p. 3 – 17).

Frente ao debate que foi apresentado entre autores que consideram haver uma representação orientalista na obra de Tolkien, e os que interpretam o enredo por uma perspectiva pós-colonial, bem como tendo referência a tudo o que se defendeu e se demonstrou nessa pesquisa, pode-se perceber que a obra de Tolkien possui uma constante visão depreciativa para com os orientais e uma visão positivada sobre os povos ocidentais, cujo estereótipo é europeu. Assim, o Ocidente é apresentado como bom, civilizado, habitado por populações racialmente superiores, enquanto ao Oriente se delega o papel da barbárie, do mal a ser combatido e de tudo o que é ruim e sem valor.

Conclusão

Diversos autores convidam a reflexão salutar de que as ficções não são apenas produzidas para o entretenimento ou mesmo, para a construção de ideias filosóficas diversas, mas são também propagadoras de valores e ideias as quais autores e instituições crêem ser corretas e desejáveis de serem levadas e reforçadas ao público como o certo (BORGES, 2010). Ao mesmo tempo, há ideias sendo difundidas em meio as ficções que não são da intencionalidade do autor perpassá-las, mesmo assim as mesmas se fazem presentes e são divulgadas de forma tão intesa quanto aquelas cuja intenção original foi clara (GRECCO, 2014).

A obra de Tolkien pode ser interpretada frente a essa perspectiva, a de que o enredo produzido pelo autor, a despeito de sua intencionalidade, perpassa uma série de ideias pré-concebidas e juízos de valores que circulavam no período da formação intelectual e escrita do autor. Das muitas ideias contidas na trama, a visão orientalista é uma das que podem ser encontradas como sendo ali divulgadas.

Desde o início dessa pesquisa, o objetivo foi apresentar, analisar e contextualizar a forma como Tolkien escreveu a sua obra literária à luz de uma série de pensamentos que circulavam em meio à intelectualidade de sua época. Assim, buscou-se evidenciar como a obra desse autor seria signatária de determinados valores, muitos dos quais, bastante difundidos em seus círculos de convivência, sempre bastante próximos à Universidade de Oxford, local em que ele estudou e depois lecionou, tendo o alto posto de uma cátedra na área de filologia.

Para analisar as formas como Tolkien, a partir de sua trajetória intelectual, de sua formação e da influência de vertentes de pensamento de sua época, teria reproduzido, em sua obra literária, uma série de ideias pré-concebidas sobre o Oriente como um lugar inferior e o Ocidente como um lugar superior, buscou-se apresentar como Tolkien elaborou dois modelos de sociedade e quais foram os padrões estabelecidos por ele para criar cada arquétipo. Assim, analisou-se como o autor construiu as sociedades do Oeste como obras de seres angelicais, correlatos aos anjos cristãos, que criaram um sistema baseado no bem-estar coletivo, na liberdade, no progresso constante, conforme às vontades de Eru Ilúvatar, a figura de Deus dentro do enredo.

Em contraste com esse Oeste, analisou-se a construção do modelo rival, o do Leste, obra de uma criatura angelical caída, que seria correlata à figura de Lúcifer, na tradição cristã. Essa sociedade teria por base o bem-estar apenas de seu líder, Melkor, bem como basear-se-ia na escravidão e na opressão, produzindo perversões das coisas boas criadas pelos seres angelicais, sendo, por esse motivo, um sistema contrário ao proposto por Eru Ilúvatar.

Procurou-se demonstrar que Tolkien atribuiu uma base cristã ao seu enredo, e, logo, deu uma origem diabólica ao modelo de sociedade apresentada como o mal.

O modelo de sociedade do Oeste foi então construído como o bem, como avançado, cheio de progresso, com indivíduos prodigiosos e heróicos, produzindo inovações tornadas possíveis por aquele sistema que era, em si mesmo superior, e dava a liberdade para que os indivíduos com dons especiais pudessem se desenvolver plenamente. Os dons, por sua vez, eram conferidos aos indivíduos pela graça de Eru Ilúvatar. Já o sistema do Leste era o oposto e o rival desse modelo do Oeste.

Sob inúmeros aspectos é possível afirmar que Tolkien baseou-se nas diversas ideias de povos civilizados e bárbaros a fim de criar esses dois modelos; no período em que ele escrevia, assim como se constata no enredo, o Ocidente é considerado a sociedade civilizada, enquanto o Oriente tem como marca a barbárie. Tolkien apresenta tais ideias em sua literatura, ao apresentar o Oeste sempre como superior, com uma sociedade mais avançada, enquanto o Leste está sempre sob o domínio do mal e é pervertido pela figura diabólica do anjo caído.

Essa é uma questão constante na obra de Tolkien; ele atribui uma essência para o Oeste e outra para o Leste. O Oeste tende sempre a evoluir, a crescer, enquanto o Leste é bárbaro, cruel, degradado e, de diversas formas, tenta destruir as coisas boas que existem no Oeste.

Assim, ao contrastar essas duas essências, Tolkien amplifica o pensamento orientalista que circulava e era bastante disseminado na sociedade em que vivia. Essa essência apresentada no enredo, por sua vez, dá a cada um dos lados um tipo de comportamento pré-determinado, que tem variações individuais, mas que coletivamente pode ser descrito e mesmo esperado. Os orcs sempre são estúpidos, sujeitos, cruéis e bárbaros, portanto, vinculados às práticas como a escravidão. Os elfos, por outro lado, são belos, bons, educados, têm hábitos polidos e possuem grandes habilidades, além de

uma inteligência aguçada. Alguns elfos podem até ter se afastado desse tipo de comportamento, mas isso não é o usual e nem o esperado.

Tolkien, portanto, reforçava ideias de seu tempo, perspectivas que se tinha sobre as sociedades, que eram entendidas por boa parte da intelectualidade europeia daquele tempo como tendo comportamentos padrões que poderiam ser observados em cada povo e em cada raça. Assim, pensava-se que um inglês tenderia a agir de uma determinada maneira, pois racial e civilizacionalmente ele tenderia a certas ideias e a certos modos de agir, assim como também se poderia esperar certos modos de agir de um francês e também de um oriental (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Essa essência dentro do enredo se evidencia nos hábitos de cada povo, de forma que a obra apresenta uma gradação de hábitos, com povos com hábitos mais e outros menos polidos, em uma escala gradativa. Essa gradação, por sua vez, tem relação com o grau evolutivo de cada povo. Quanto mais evoluído, mais polido, e por sua vez, mais a sociedade tem progresso e organização.

Esses estágios também se relacionam com a essência de cada povo, que tem relação não somente com o modelo de sociedade em que se filiava, mas também à questão racial. Assim, buscou-se evidenciar que a obra apresenta a ideia de raça ligada diretamente ao desenvolvimento de cada povo. Os povos do Oeste, portanto, são descritos como sendo de raças superiores, enquanto os povos do Leste eram racialmente inferiores, provenientes de linhagens que se degeneraram, que se aproximaram da figura diabólica de Melkor/Morghot, sendo corrompidas e se mantendo nesse estado.

Os povos da obra de Tolkien se apresentam então divididos em raças/espécies e em raças/subespécies, sendo que há aqueles apresentados como superiores e outros apresentados como inferiores. Os primeiros são aqueles que possuem um fenótipo tipicamente atribuído ao europeu, como os elfos e os homens ocidentais, que possuem pele branca, cabelos lisos, olhos claros, estatura elevada, rosto aquilino e porte apresentado como garboso, com braços e pernas longos e estrutura corporal esguia. Esses povos, por sua vez, estão sempre na região Oeste do mundo, tanto na Terra Média, se estabelecendo na parte Oeste e na parte mais central do mapa, quanto estando ainda, em inúmeros casos, mais a Oeste, na ilha de Númenor, na ilha de Eressëa e mesmo em Valinor, ambos locais apresentados como tendo uma sociedade infinitamente superior.

Por outro lado, os povos descritos como raça inferior possuem um fenótipo entendido como não europeu. Criaturas como os orcs possuem uma aparência semelhante ao dos povos mongólicos, como se fossem uma mistura de povos mongólicos com povos negros. Além deles há os vários tipos de homens chamados de orientais, alguns descritos com pele morena, outros com pele amarela e alguns negros, sendo que fisicamente muitos deles são atarracados, com pernas e braços curtos e grossos, mais baixos que os ocidentais, tendo muitos deles narizes achatados e olhos escuros.

A partir dessas caracterizações, Tolkien parece representar em sua obra as ideias sobre raça que circulavam em meio à intelectualidade europeia de seu tempo, que defendia que os homens estavam divididos em raças/subespécies diferentes e que havia homens mais e outros menos evoluídos. Os mais avançados seriam os europeus, que mostravam estar mais adaptados no mundo, tendo uma sociedade mais avançada em todos os sentidos. Os menos evoluídos seriam os demais povos, cada qual deles em um estágio diferente.

As ideias de raça e de povos em estágios de progresso diferente dentro do enredo, por sua vez, se apresentam polarizados em dois modelos de sociedade que estão pautados em uma dualização entre o Leste e o Oeste, sendo o Oeste o local em que se encontram os povos superiores e o Leste os inferiores.

A pesquisa então buscou argumentar que ao construir essa imagem de Leste e Oeste com valores diferentes e com populações opostas, Tolkien estaria representando e refletindo em sua obra uma visão orientalista que era bastante comum no período em que ele escreveu. Assim, ele reproduz todos os estereótipos orientalistas que eram divulgados pelos pensadores orientalistas, construindo em seu enredo um Oriente com as mesmas características de exotismo, inferioridade, extravagância, despotismo, crueldade e escravidão, bem como um local monolítico, sem evolução e progresso, sempre desorganizado e bárbaro, em contraste a um Ocidente cheio de virtudes.

Dessa forma, pode-se afirmar que Tolkien apresenta uma literatura que em inúmeros aspectos é determinista, e que dentro de seu enredo os indivíduos são, em grande parte, condicionados pelo meio em que vivem e pela população à qual pertencem, embora haja espaço para desvios, que, no entanto, são apresentados como incomuns, sendo casos isolados ou criados por situações adversas.

Esse determinismo na obra de Tolkien, por sua vez, não possui somente uma característica meramente regional e racial, mas também civilizacional, aos moldes do que Said definiu como o pensamento orientalista, pois Tolkien produz dois modelos de sociedades antagônicas, um ocidental e outro oriental. Ao mesmo tempo ele reproduz todos os estereótipos descritos por Said como sendo parte desse pensamento orientalista, como supervalorizar o europeu e desvalorizar e exotizar o oriental, construindo-o como bárbaro, mal, cruel, escravizador e como inferior (SAID, 2007, p. 27 – 60).

Dessa forma, buscou-se defender que Tolkien, ao descrever o Oriente e o produzir em sua literatura, o faz aos moldes do Oriente construído pelos orientistas clássicos, produzindo um Oriente com as mesmas marcas de exotismo, despotismo, enfim, todas as ideias pejorativas atribuídas ao Oriente pelo Ocidente.

Assim, pode-se afirmar que a obra de Tolkien, em diversos de seus aspectos, supervaloriza uma ideia de Ocidente defendida pela intelectualidade de sua época, ao mesmo tempo, reproduz diversos paradigmas orientistas sobre o Oriente. Tolkien, ao que tudo indica, foi influenciado pelo pensamento orientalista de seu tempo, a qual ele reproduz no enredo de sua literatura. Essa reprodução, por sua vez, robusteceria e solidificaria essa forma de pensar, transmitindo-a e reforçando-a como algo normal para o público leitor.

Por isso, a obra de Tolkien pode ser refletida frente as pesquisas e teorizações de alguns autores que refletem sobre como a intelectualidade europeia, no tempo longo, construiu o Outro como inimigo, inferior e exótico, e construiu o Nós como superior.

Jean Delemeau, ao argumentar sobre os medos construídos pelos europeus com relação aos demais povos, apresenta algumas reflexões que podem ser aplicadas a obra de Tolkien. Delemeau, enfatiza que a intelectualidade cristã europeia, com base em suas ideias religiosas e se baseando também em autores da antiguidade, construíram sistematicamente os povos orientais e, mais especificamente os muçulmanos como essencialmente maus.

O autor então enfatiza a construção de um medo constante do Oriente, que se expressou na construção de grandes temores, como o pavor causado por Gengis Khan, ou por Termelão, ou ainda por Saladino e que foi também construído igualmente sobre outros povos, como os americanos, os judeus, os negros, enfim, todos os não europeus (DELEMEAU, 1983). Andrea Doré, também enfatiza esse medo ocidental para com o

oriental e em especial a construção do medo das invasões mongólicas (DORÉ, 2007, p. 105 – 124).

Serge Gruzinski, ao estudar as relações estabelecidas entre diversos povos em meio as grandes navegações ibéricas, salienta uma perspectiva semelhante a de Delemeau, a da construção de uma visão pejorativa e sistemática sobre o Outro produzida pelos europeus, ainda que em meio a isso se tenha produzido uma série de novas relações sociais e concepções culturais (GRUZINSKI, 1992, 1999).

Tzvetan Todorov, por sua vez, ao estudar a construção do Outro no processo de colonização das Américas por parte dos europeus, também apresenta um viés semelhante, descrevendo como as culturas nativas foram sendo demonizadas e inferiorizadas, em um processo de continuidade de uma visão cruzadista (TODOROV, 2003).

Já Kavalam Madhava Panikkar, por sua vez, apresenta a construção do Outro por parte dos europeus na colonização do Oriente, sobretudo da Índia, da China, da Indochina e de diversos territórios orientais, enfatizando que concomitantemente a construção do africano, dos americanos e dos muçulmanos como inferiores, os europeus realizaram o mesmo processo com as populações do extremo Oriente (PANIKKAR, 1965. Vol 1).

De forma semelhante, Edward Said enfatiza o processo de construção do pensamento orientalista pela intelectualidade europeia, estigmatizando o Outro e o construindo como inferior (SAID, 2007). Já Stuart Hall, por sua vez, enfatiza esse mesmo caráter ocorrendo não só para com os orientais, mas sim, para todos aqueles que ele denomina como não europeus (HALL, 1991).

A obra de Tolkien, frente a tudo o que se levantou a seu respeito nessa pesquisa, pode ser interpretada relacionando-a as argumentações acima apresentadas por Delemeau, Gruzinski, Todorov, Said e Hall.

Semelhante ao que é descrito por Delemeau, sobre a construção do medo para com os muçulmanos, o enredo de Tolkien apresenta um Oriente aos moldes dos medos cristãos medievais, como uma terra hostil, vazia, bem como com uma representação do Oriente como um lugar homogêneo, em que seus povos se misturam como parte de um mesmo território. Na literatura tolkeniana, o inimigo está no Leste, embora ele vez ou outra consiga se instalar como um intruso dentro do Oeste. Assim, tal como Delemeau apresenta a ideia de um medo da invasão dos bárbaros turco-otomanos, com as imagens

de suas hordas de pele escura e de turbantes invadindo as terras da cristandade, imagem semelhante se apresenta na narrativa de Tolkien, com os corsários de Ambar, ou mesmo com os haradrins e sulistas.

O Oriente de Tolkien é um espaço de medo, de trevas, em que só existe a barbárie, a crueldade, a violência, o despotismo de Morghot e posteriormente de Sauron. Os povos que ali habitam estão imersos na ignorância, sendo, como já se demonstrou, apresentados como civilizacional e racialmente inferiores aos ocidentais. Tais figuras coincidem com o que Delemeau apresenta sobre as imagens construídas sobre o Oriente, como uma terra em que o mal habitava, sendo, inclusive, a morada do Diabo e todos os seus demônios, que estariam presentes nas religiões pagãs, na forma dos deuses e entidades.

A perspectiva do paganismo apresentada por Delemeau como sendo uma característica marcante do medo ocidental para com os orientais também se encontra representada na obra de Tolkien, pois tanto Melkor quanto Sauron são descritos sendo adorados pelos orientais como reis e deuses, enquanto os homens ocidentais possuem a plena consciência da existência do Deus único e, embora reverenciem os Valars, os tratam não como Deuses, mas como os seus enviados na terra.

Há também a ideia apresentada por Delemeau do Oriente como um espaço de magia negra, de onde o mal viria, através de todo tipo de sortilégios e feitiçarias, trazendo mortes, desgraças, pestes, fome, guerras e todo o tipo de coisas ruins. Tal ideia também se encontra no enredo de Tolkien, pois é do Oriente que o mal vem para a Terra-Média, seja sob a versão dos constantes ataques de orcs e orientais, ou mesmo, com as nuvens negras que adoecem, ou com as magias mandadas por Morghot e Sauron, ou mesmo com um dos casos em que é citada uma peste vinda do Oriente.

As reflexões de Tzvetan Todorov também podem ser usadas para interpretar a obra de Tolkien. Todorov argumenta que no processo de colonização das Américas houve a continuidade de um ímpeto cruzadista e da Reconquista Ibérica, de forma que figuras como a de Cristovam Colombo desejavam chegar as Índias para conquistar riquezas para realizar uma nova Cruzada para libertar Jerusalém da dominação muçulmana. Além disso, com a descoberta do continente americano, Todorov enfatiza que os colonizadores se mantiveram com o mesmo ímpeto da Reconquista, de travar uma guerra contra infiéis, tomando-lhes territórios e, ao mesmo tempo, buscando convertê-los (TODOROV, 2003, p. 3 – 72).

A obra de Tolkien apresenta ideias semelhantes ao que é descrito por Todorov, sobre o conflito de povos tidos como inferiores, sendo combatidos pelos indivíduos brancos e ocidentalizados. Pois Tolkien, como se discutiu, apresenta os povos ocidentais como civilizados e, ao mesmo tempo, entrando em contato com povos apresentados como bárbaros.

Isso ocorre, por exemplo, nos conflitos entre os homens da Casa de Hador e os orientais que vêm para o Oeste a mando de Morghot. O mesmo se dá posteriormente com a invasão dos carroceiros ao reino de Gondor e dos corsários de Ambar e Haradrins também sobre Gondor. Assim, Tolkien constrói o seu Outro, de forma semelhante ao teorizado por Todorov, como uma figura demonizada, a ser combatida, conquistada, destruída e dominada, para o bem de todos.

A mesma perspectiva de dominação do Outro, com o propósito de salvar o bem estar de todos, descrita por Todorov no processo de colonização das américas pode ser vista sendo construída no enredo de Tolkien, pois a narrativa apresenta a ideia de que o modelo de civilização do Outro é um perigo ao Ocidente, ameaçando o modo de vida ocidental, construído como bom e como o único modo correto. Todorov, por sua vez, narra a construção desse tipo de ideia na colonização, em que o modo de vida dos indígenas precisava ser destruído, principalmente no que se refere as suas religiões, pois tais práticas religiosas eram consideradas heréticas e perigosas para os cristãos.

Dessa forma, a análise de Todorov, de que o pensamento europeu construiu no processo de colonização das Américas um Outro a ser combatido pode ser utilizada para refletir sobre a obra de Tolkien, pois o autor demonstra construir o mesmo tipo de ideia, a de um Ocidente branco e civilizado, em conflito com um mundo não europeu inferior, cujas práticas deviam ser combatidas, para não contaminar o Ocidente.

Da mesma forma, pode-se interpretar a obra de Tolkien frente a algumas reflexões produzidas por Serge Gruzinski, pois o autor fala da construção de um conflito cada vez mais beligerante entre os cristãos europeus e os povos que estavam sendo descobertos no período das grandes navegações. Mesmo com a incidência de novas trocas culturais, o processo, segundo Gruzinski, se deu com a produção de grandes conflitos e com a construção de visões cada vez mais pejorativas por parte dos europeus para explicar os demais povos (GRUZINSKI, 1992, 1999).

A obra de Tolkien apresenta uma perspectiva semelhante, pois os povos ocidentais dentro do enredo, a medida que vão travando contato com outras populações

passam a interpretá-las de forma pejorativa, como bárbaros, inferiores, cruéis, inimigos a serem combatidos e rechaçados. A narrativa, portanto, apresenta semelhança com a análise de Gruzinski, que enfatiza um caráter de exclusão e de construção do Outro como inferior.

Contudo, os dois principais autores a serem considerados para refletir sobre a obra de Tolkien e sobre a forma como ele constrói o Nós e o Outro em seu enredo é Edward Said e Stuart Hall.

De forma semelhante ao que é teorizado por Said, Tolkien constrói uma realidade amplamente dividida entre Ocidente e Oriente, cujo Ocidente é civilizado, bom, superior, belo, virtuoso, habitado por populações racialmente superiores e com um padrão moral elevado, enquanto o Oriente é bárbaro e selvagem, mal, inferior, feio, defeituoso, habitado por populações racialmente inferiores e com um baixo padrão moral. Dessa forma, há um juízo de valor dentro da narrativa, em que os heróis são ocidentais e os antagonistas são orientais.

Said também enfatiza o processo de exotização do Oriente, em que os orientais passam a ser descritos como aberrantes, como uma coisa anormal e curiosa, cheio de cores, a ser observado, estudado, como algo diferente e peculiar, que se contrasta com a normalidade e com a sobriedade ocidental (SAID, 2007). Essa é mais uma das características da reflexão de Said que pode ser encontrada com fartura no enredo de Tolkien, pois os orientais, desde sua primeira aparição no Ocidente, a mando de Morghot, são descritos como diferentes dos ocidentais, com características físicas pouco harmônicas, diferente dos ocidentais.

Contudo, é no livro “O Senhor dos Anéis” que os orientais passam a ser representados com características exóticas mais claras, semelhantes à análise de Said. Em primeiro momento isso ocorre em relação à descrição feita deles pelo personagem Gollum, que os relata para os hobbits Sam e Frodo. As descrições posteriores seguem então o mesmo padrão, narrando homens de pele escura ou amarelada, alguns com grandes barbas, outros usando turbantes e roupas geralmente em tons de vermelho e amarelo, com grande incidência de brincos e adornos em ouro.

Esse tipo de descrição segue o mesmo padrão apresentado por Said como sendo o das representações exóticas dos orientais produzidas pela cultura ocidental no tempo longo, que ocorreria em várias manifestações culturais, como na arte, no teatro, na literatura, no cinema, na música. Assim, a obra de Tolkien pode ser interpretada por

esse viés, como contendo significativas representações orientalistas de exotismo em seu enredo.

Outra característica do pensamento orientalista apresentada por Said e que pode ser encontrada na obra de Tolkien é a classificação dos orientais como bárbaros e selvagens. Said explica que a intelectualidade europeia, no tempo longo, construiu um discurso que denominava os povos orientais como bárbaros, agressivos, cruéis, maus, com hábitos pouco polidos, sendo eles então indivíduos sanguinários, que colocavam o Ocidente em perigo (SAID, 2007, p. 27).

A obra de Tolkien apresenta essa mesma ideia sobre os orientais, descrevendo-os como bárbaros. As primeiras descrições com esse caráter se evidenciam no momento em que os orientais invadem o território dos homens da Casa de Hador, escravizando e matando toda a população. O relato apresenta, como já se discutiu, a ideia de uma invasão de bárbaros ao território de um povo bom, justo e livre. Nas invasões dos carroceiros contra o território de Gondor o mesmo tipo de perspectiva é observada e, posteriormente, se vê o mesmo em relação as incursões dos corsários de Ambar e dos sulistas e haradrins, em meio a Guerra do Anel.

Outro ponto evidenciado por Said e que se liga a barbárie como característica atribuída pelos europeus ocidentais aos povos orientais seria a da prática constante da escravidão. Embora a escravidão tenha sido praticada pelos europeus ocidentais, sobretudo em relação as populações africanas, a intelectualidade europeia, a partir dos meados do século XIX, passou a nutrir a opinião de que escravizar era uma prática ruim, ainda que fosse contra povos inferiores. A escravidão passou a ser entendida como uma prática bárbara, de povos inferiores e não civilizados e passou a ser representada como sendo comum ao mundo árabe e aos despostas orientais, enquanto os ocidentais mantinham o trabalho livre como costume (SAID, 2007, p. 58).

Essa ideia, da escravidão como prática bárbara e como associada ao Oriente também pode ser observada no enredo de Tolkien. Como já se discutiu, a escravidão é atribuída a Melkor/Morghot e posteriormente a Sauron e aos demais povos que os seguem. Os orientais, da mesma forma, são tanto escravos de Morghot e de Sauron como também escravizam outros povos. Já os ocidentais, por sua vez, não são mostrados realizando tais práticas, mesmo com os seus inimigos capturados, que são aprisionados, mas jamais se fala em tortura ou maus tratos e muito menos em trabalho forçado.

Outra característica que Said afirma fazer parte do pensamento orientalista e que pode ser considerada como estando presente no enredo de Tolkien é a dos orientais sendo descritos como tolos e traiçoeiros. Said afirma que o pensamento europeu construiu os orientais como pessoas em quem não se pode confiar, pois pretenderiam levar vantagem em tudo, sendo, portanto, traiçoeiros. Ao mesmo tempo, os orientais também seriam construídos como tolos, com pouca inteligência, incapazes de se desenvolverem intelectualmente e, ao mesmo tempo que teriam o costume de tentar enganar, seriam também facilmente manipulados e enganados (SAID, 2007, p. 28).

A obra de Tolkien também apresenta esse ponto de vista sobre os orientais que Said considera como uma visão orientalista. No enredo os orientais são os povos humanos enganados por Morghot e levados a guerra contra os ocidentais. Além disso, eles também são apresentados traindo os elfos e os homens do Ocidente, pois haviam jurado lealdade a eles quando chegaram no Oeste, embora se mantivessem em segredo sob as ordens de Morghot. Os orientais também são apresentados como incapazes de se desenvolverem, sempre estando como povos bárbaros e subservientes a Morghot e depois a Sauron, sendo, portanto, descritos como indivíduos tolos, pouco desenvolvidos e enganados o tempo todo, para entrarem nas guerras dos senhores do escuro, ao passo que também seriam eles manipulados por também serem traiçoeiros e desejarem tirar vantagem de todas as situações.

Assim, a obra de Tolkien pode ser interpretada frente as ideias de Said, como tendo uma ampla representação orientalista contida em seu enredo. Não obstante, a narrativa de Tolkien também pode ser observada frente as reflexões de Stuart Hall, que em grande parte corroboram as análises de Said e as completam com mais dados e abordagens mais amplas.

Stuart Hall defende que a intelectualidade europeia construiu visões depreciativas não só sobre os povos orientais, como enfatizou Said em seus estudos, mas sim, sobre todos os povos não europeus (HALL, 1991). Essa visão descrita por Hall pode também ser encontrada na obra de Tolkien, pois não somente os indivíduos denominados como orientais são inferiorizados dentro do enredo, mas sim, todos aqueles que não possuem um estereótipo marcadamente europeu.

Além dos orientais, Tolkien apresenta de forma pejorativa os orcs, que embora possam ser interpretados como tendo uma aparência mongólica, possuem também a pele negra, o que pode ser uma referência direta aos povos africanos. Há também os homens

da Terra Parda, que são descritos como bárbaros e possuem a pele mais morena que os seus rivais, os homens de Rohan. Além desses, há os homens pukel, também descritos de forma exotizada.

Assim, a obra de Tolkien pode ser interpretada frente as reflexões de Hall, por representar todos os povos não-europeus de forma pejorativa, como inferiores, exóticos, bárbaros e selvagens, em detrimento aos povos ocidentais, descritos como civilizados, superiores. Dessa forma, conclui-se que Tolkien, ao construir a sua ficção, foi influenciado pelo pensamento europeu que circulava no período de sua formação intelectual e de sua escrita, perpassando os valores de seu tempo para o seu enredo e, assim, também reproduzindo preconceitos.

O Ocidente na obra de Tolkien seria então uma representação das diversas qualidades atribuídas pela intelectualidade europeia ao Ocidente, enquanto o Oriente se apresenta como uma representação dos medos do mundo Greco-romano para com o Leste desconhecido, dos cristãos medievais sobre o Oriente e dos medos modernos para com a União Soviética e o bloco socialista.

Frente ao que se discutiu nessa pesquisa, pode-se interpretar a obra de Tolkien como contendo uma ampla representação do pensamento orientalista de longa duração, refletido no enredo pelas descrições pejorativas sobre os orientais e sobre todas as populações apresentadas fora do estereótipo físico europeu. Dessa forma, chegasse a conclusão com essa pesquisa que a obra de Tolkien contem em seu enredo uma série de juízos de valores produzidos historicamente pela intelectualidade europeia, que construiu os ocidentais como superiores e os não-europeus, sobretudo os orientais, como inferiores, exóticos e bárbaros.

Referências Bibliográficas

Fontes:

TOLKIEN A, J.R.R. **O Silmarillion**. Editora WMF. São Paulo. 2009.

TOLKIEN A, J.R.R. **O Senhor dos Anéis. A sociedade do Anel**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2010.

TOLKIEN B, J.R.R. **Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2009.

TOLKIEN B, J.R.R. **O Senhor dos Anéis. As Duas Torres**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2010.

TOLKIEN C, J.R.R. **As Cartas de J.R.R Tolkien**. Arte & Letra Editora. São Paulo. 2009.

TOLKIEN C, J.R.R. **O Senhor dos Anéis. O Retorno do Rei**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2010.

TOLKIEN D, J.R.R. **O Hobbit**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2010.

TOLKIEN E, J.R.R. **Os Filhos de Húrin**. Publicações Europa-América. Lisboa. 2010.

TOLKIEN, J.R.R & TOLKIEN, Christopher. **The Book of Lost Tales 1**. In. The History of Middle-Earth. Nova Iorque: HarperCollins, 2002.

Fontes auxiliares:

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Penguin Companhia das Letras, São Paulo, 2012.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. E-book baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor. publicada por LELLO & IRMÃO – EDITORES. 2003.

HEGEL, G.W. Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília, Editora da UnB, 1999.

KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Campinas, Papirus, 1993.

Bibliografia:

AHMAD, Aijaz. **Orientalismo e Depois: Ambivalência e Posição Metropolitana na Obra de Edward Said**. Linhagens do Presente. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Editora brasiliense. São Paulo. 1994.

ANWAR, Astrid. **An evaluation of a post-colonial critique of Tolkien**. p. 1 – 9. Diffusion: the UCLan Journal of Undergraduate Research Volume 2 Issue 1 (June 2009).

ARANTES, Marco Antonio. **Sartre e o Humanismo Racista Europeu: uma leitura sartriana de Frantz Fanon**. p. 382 – 409. In. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras. São Paulo. 2010.

ARMANI, Carlos Henrique. **Por uma escrita pós-colonial da História: uma introdução ao pensamento de Stuart Hall**. In. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 25-36, 2011.

BALFE, Myles. **Incredible geographies? Orientalism and Genre Fantasy**. In *Social & Cultural Geography*, 5:1, 75-90, 2004.

BARBATO, Luiz Fernando Tosta. **A invenção dos trópicos: clima e dominação à luz do Orientalismo de Edward Said**. In. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v. 6, n. 1 (jan/abr. 2014) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2014.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo e História: problemas e alternativas.** In MATA, Sérgio Ricardo da, MOLLO, Helena Miranda & VARELLA, Flávia Florentino (org.). Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. (ISBN: 978-85-288-0057-9) Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

BARRETO, Maria Amália Pereira. **Da “Revolução Funcionalista” às novas sínteses antropológicas.** In. Perspectivas, São Paulo, 6:11-18, 1983.

BARRIO, Angel-B Espina. **Manual de Antropologia Cultural.** p. 73 – 145. Editora Massangana – Fundação Joaquim Nabuco. 1992.

BARROS, José D’Assunção. **História Política: dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário.** In. Endereço eletrônico: <http://www.uft.edu.br/revistaescritas/sistema/uploads/histoc81ria-policc81tica-dos-objetos-tradicionais-ao-estudo-dos-micropoderes-do-discurso-e-do-imaginacc81rio.pdf>. Acessado em 26-02-2016. Sem data.

BIRMAN, Daniela. **Canibalismo literário: exotismo e orientalismo sob a ótica de Milton Hatoum.** p. 243 – 255. In. ALEA VOLUME10 NÚMERO 2 JULHO-DEZEMBRO 2008. 243-255

BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos - o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra.** Companhia das Letras. São Paulo. 1993.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”:** sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. p. 153 – 165. In Educar em Revista. Editora da UFPR. Curitiba, n. 12. 1996.

BONFIM, Paulo Ricardo. **EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO EUGÊNICO BRASILEIRO (1917-1933).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Jr. Itatiba, 2013.

BONNICI, Thomas. **Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21**. In. Endereço eletrônico: http://www2.uefs.br/ppgldc/revista3_186.html. Acessado em 26-02-2016. Sem data.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Publicações Europa-América. Lisboa. 1983.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX – O espetáculo da pobreza**. Brasiliense. São Paulo. 1982.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. Editora Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 1991.

CANÊDO, Leticia Bicalho. **A descolonização da Ásia e da África**. Editora Atual. São Paulo. 1994.

CARDOSO, Luís Miguel. **A Problemática do Narrador - Da Literatura ao Cinema**. p. 57-72 In. ISSN 1516-0785 Lumina - Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.6, n.1/2, jan./dez. 2003.

CARMO, Viviane Arruda do & MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo**. p. 335-350. In Filosofia e História da Biologia, v. 1, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O sangue como metáfora: do anti-semitismo tradicional ao anti-semitismo moderno**. p. 343 – 376. In. GOROSTEIN & CARNEIRO. Org. Ensaio sobre a intolerância: Inquisição, marranismo e anti-semitismo (homenagem a Anita Novinsky). Associação editorial humanistas. São Paulo, 2005.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien Uma Biografia**. Epub Leddy. 2014.

CASTELO, Sander Cruz. **Da maldição do mestiço: relações raciais em Luz em agosto, de William Faulkner.** In Cadernos CECOM. Etnicidades – ano 23 – n 32. – jun 2010.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural – Texto de Morgan, Tylor e Frazer.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2005.

CEZAR, Temistocles. **Varnhagen e os relatos de viagem do século XVI: Ensaio de Recepção Historiográfica.** In. Anos 90 – Porto Alegre, n II. Julho. 1999.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação.** Estudos Avançados 11(5), 1991.
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>

CHARTIER, Roger. **Origens Culturais da Revolução Francesa.** Editora Unesp. São Paulo. 2003.

COELHO, Caio Fernando Flores. **Aqui jaz Arthur: literatura arturiana no medievo e seu reflorescimento na idade contemporânea.** In FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.2, nº2, p.42-60, jun.-dez., 2015.

CONT, Valdeir Del. **Francis Galton: eugenia e hereditariedade.** p. 201-218. In scientiæ zudia, São Paulo, v. 6, n. 2, 2008.

CORDEIRO, Tauãna Terra. **Entre cientista e político: O caso de Houston Stewart Chamberlain.** In OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda & BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (Orgs). Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual. (ISBN: 978-85-288-0275-7) Ouro Preto: EdUFOP, 2011.

CÓRDOVA, Mario. **Exotismo y orientalismo em el repertorio lírico.** In <https://teatro-nescafe-delasartes.cl/exotismo-y-orientalismo-en-el-repertorio-lirico/>.PUBLICADO EL 29/03/2016.

COSTA, Sérgio. **Desprovincializando a Sociologia - A contribuição pós-colonial.** In. RBCS Vol. 21 nº. 60 fevereiro/2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. – 2 ed. – Bauru: EDUSC, 1999.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1988.

DELEMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento. Vol 1**. Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

_____. **História do Medo no Ocidente. 1300 – 1800. Uma Cidade Sitiada**. Jean Delemeau. São Paulo, Companhia das Letras. 1983.

DÍAZ, María Eugenia Góngora. **Medievalismo y Orientalismo: “El pasado ES um país extranjero”**, p. 223 – 232. In Revista chilena de literatura. Número 92. Abril 2016.

DOMINGUES, Beatriz Helena. **A Disputa entre 'cientistas jesuítas' e 'cientistas iluministas' no mundo ibero-americano**. In Numen (Revista de Estudo e Pesquisa da Religião), Juiz de Fora, Editora da UFJF, ISSN 1516-1021, vol. 9 Julho-dezembro de 2002.

_____. **O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano**. In **Revista Estudos Históricos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV). V 10. N 20. 1997.

DORÉ, Andréa. **Relação entre Oriente e Ocidente (Séc. XIII – XVII): Mercadores, Missionários e Homens de Armas**. In Revista Biblos, Rio Grande, 21: 105-124, 2007.

DOWBOR, Landslaw. **A formação do 3º mundo**. Editora Brasiliense. 11ª Ed. São Paulo. 1989.

DUARTE, Fernanda Glavam. **Cartografias identitárias e territórios imaginários: a invenção do Oriente da obra O Fundamentalista Relutante de Mohsin Hamid**. In.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. p. 24 – 32. In LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Vol 1. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.

ELIAS, Norbert. **Mozart; sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1995.

ENGLER, Steven. **Tipos de Criacionismos Cristãos**. p. 83-107. In. Revista de Estudos da Religião junho / 2007.

FAITHFUL, Susan Anderson. **Uma “missão para civilizar”: a visão de educação popular do Sindicato de Mães Anglicanas e da Sociedade de Amigas das Moças (1886-1926)**. p. 15-44. In. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), jan./abr. 2012.

FAHLÉN, Alexander. **A Postcolonial Perspective on J.R.R Tolkien’s Lord of the Rings**, p. 1 -18. Karlstand Universitet, Faculty of Arts and Social Sciences, Supervisor: Anna Linzie, Suécia, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. EDUFBA. Salvador, 2008.

FARIA, Frederico Felipe de Almeida. **Peter Lund (1801-1880) e o questionamento do catastrofismo**. p. 139-156. In Filosofia e História da Biologia, v. 3, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, SC, 2008.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. Estação Liberdade. São Paulo. 2004.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes (o legado da raça branca)**. Volume 1. Editora Globo. São Paulo. 2008.

FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O iluminismo e os reis filósofos**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1993.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **Serge Gruzinski e as dinâmicas culturais na América colonial**. p. 60 – 71. In. Cultura Histórica & Patrimônio. Volume 2, número 1, ISSN 2316-5014, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Editora Vozes. Petrópolis. 1999.

FRANCHINI, A. S, & SEGANFREDO, Carmen. **As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica**. Editora Artes e Ofícios, São Paulo, 2007.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**. p. 39 – 53. In. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens e a ocidentalização da América**. p. 198-207. In, VAINFAS, Ronaldo (org.). América em tempo de conquista, RJ: Jorge Zahar. 1992.

_____. **A passagem do século: 1480 – 1520: as origens da globalização**. Tradução: Rosa Freire D'Aquiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories**. In. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.

HAKKARAINEN, Sanni. **The Land of Shadow Reading Mordor in J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings: A Geopolitical Threat or the Suppressed Other?** MA thesis, University of Tampere, School of Language, Translation and Literary Studies English Philology, 2015.

HALL, Stuart. **The West and the Rest: Discourse and Power**. In: FORMATIONS OF MODERNITY. The Open University, United States Of America, 1991.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte. UFMG. 1999.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções. 1789 – 1848.** Paz e Terra. Rio de Janeiro – RJ. 2009.

_____. **A Era do Capital.** Paz e Terra. Rio de Janeiro – RJ. 1982.

_____. **A Era dos Extremos – O breve século XX.** Companhia das Letras. São Paulo – SP. 1995.

_____. **A Era dos Impérios – 1875 – 1914.** Paz e Terra. Rio de Janeiro – RJ. 1988.

HOIEM, Elisabeth Massa. **World Creation as Colonization: British Imperialism in “Aldarion and Erendis”,** p. 75 – 92. In Tolkien Studies, vol 2. West Virginia University Press, 2005.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** Editora Unesp. São Paulo. 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso – Os motivos edênicos nos descobrimentos e colonização do Brasil.** Editora Publifolha (sob Licença da Editora Brasiliense) São Paulo. 2000.

HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa.** Companhia das Letras. São Paulo. 2007.

IWAI, Marcia. **O romance de aventura colonial europeu e o rito de iniciação do herói.** In. ponto-e-vírgula, 10: 119-133, 2011.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval.** Edições 70. Lisboa. 1990.

LEMOS, Reyges Vinícius Souza. **Recorte histórico e principais características da Síndrome de Down,** pp 20 – 22. In LEMOS, Reyges Vinícius Souza. Adolescentes

com Síndrome de Down: A sexualidade no contexto familiar - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família da Faculdade de Medicina/NESCON, Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Especialista. Governador Valadares, 2010.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo, etapa superior do capitalismo**. Editora Terra e Paz. São Paulo. 2010.

LESSA, Antônio Carlos. **História das Relações Internacionais: A Pax Britânica e o Mundo do século XIX**. Editora Vozes, Petrópolis, 2005.

LIEBHERR, Louis. **Reimagining Tolkien: A Post-colonial Perspective on The Lord of the Rings**. Thesis Phd, Supervisor: Dr. John McDonagh Mary Immaculate College, University of Limerick, 2012.

LIMA, Marcos Costa. **O Humanismo crítico de Edward W. Said**. In. Lua Nova, São Paulo, 73: 71-94, 2008.

LOTIERZO, Tatiana H. P & SCHWARCZ, Lilia K. M. **Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos**. In Artelogie, 2013. Endereço eletrônico: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article254>.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital**. Editora Terra e Paz. São Paulo. 2010.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. **A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848)**. In Revista Humanidades em diálogo. USP. V. 7, 2016.

MACEDO, Felipe Brito. **Uma Índia na Tijuca - Concepções, imaginações da Índia a partir de um centro espírita carioca**. Documento acessível online em: <http://pontourbe.revues.org/1814>. Acessado em 27-02-2016.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Oriente, Ocidente e Ocidentalização: Discutindo Conceitos**. Revista da Faculdade de Seridó, v.1, n.0, jan./jun.2006.

MACEDO, José Rivair. **Os Herdeiros de Cam: Representações da África e dos africanos no Ocidente Medieval.** In Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais. volume 3, 2001.

MACEDO, Márcio Giovani. **O Místico e a rede: Grupos místico-esotéricos, novas religiões e religiosidades na internet.** Trabalho monográfico apresentado ao curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2011.

MADEIRA, Ana Isabel. **Ler, escrever e orar: uma análise histórica e comparada dos discursos sobre a educação, o ensino e a escola em Moçambique, 1850 A 1950.** Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Doutorado em Ciências da Educação (Educação Comparada). 2007.

MAGALHÃES, Marcela Ulhôa Borges. **Passado, presente e futuro: a viagem pelo imaginário de Atlântida.** In Revista Recorte– revista eletrônica ISSN 1807-8591 Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 11 - N.º 2 (julho-dezembro - 2014).

MALARD, Letícia. **Literatura e dissidência política.** Editora UFMG. Belo Horizonte. 2006.

MARÇAL, Vicente Eduardo Ribeiro. **A teoria do conhecimento na modernidade: um percurso teórico.** In Confluências, páginas 19 a 41. ISSN 1678-7145. vol. 14, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, dezembro de 2012

MARCOCCI, Giuseppe. **Escravos ameríndios e negros africanos: uma história conectada. Teorias e modelos de discriminação no império português (ca. 1450-1650).** pp. 41-70. In UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Revista Tempo. vol. 15, núm. 30, enero-junio, 2011.

MARTINS, Juliana Maria. **Do Orientalismo a construção de uma imagem, mulheres do mundo árabe.** In. XXVII Simpósio nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal. RN. 22 a 26 de julho de 2013.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **Pasteur e a geração espontânea: uma história equivocada.** In Filosofia e História da Biologia, v. 4, p. 65-100, 2009.

MATIAS, Glauber Rabelo. **Aspectos do Evolucionismo Antropológico em O Processo Civilizatório de Darcy Ribeiro.** In. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar – <http://www.urutagua.uem.br/015/15matias.pdf> N° 15 – abr./mai./jun./jul. 2008 – Quadrimestral – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519-6178

MATOS, Olgária Chain Féres. **Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional.** *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 6(1-2): 83-90, 1994 **A R T I G O** (editado em jun. 1995).

MENDES, Maria Manuela. **Raça e racismo: controvérsias e ambigüidades.** p. 101 – 123. In Revista de Antropologia – Vivência. N° 39, 2012.

MIGUEL, Vinicius Valentin Raduan. **Modernidade social e a contemporaneidade do "orientalismo". O legado de Edward Said para uma hermenêutica póscolonial e não etnocêntrica.** In. us Navigandi no endereço <https://jus.com.br/artigos/18477>. Publicado em 02/2011.

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. **Controle das emoções e sexualidade na América portuguesa.** In Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores da Universidade Estadual de Londrina. Anais 14. Textos. Mesa Coordenadora. Trabalhos completos, pp. 1 – 10, UEL, 2014. Acessado em: 10/10/2016. http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Luiz_Miranda.pdf

MONSMA, Karl. **Racialização, racismo e mudança: um ensaio teórico, com exemplos do pós-abolição paulista.** In XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Conhecimento histórico e diálogo social – Natal RN – 22 a 26 de Julho 2013.

MONTEIRO, Nelma Gomes. **4.1 Raciologia: a teoria da hierarquização do humano,** p 99 – 106. In MONTEIRO, Nelma Gomes. *Afirmar as diferenças etnicorraciais como processo de enunciação para o enfrentamento ao racismo na educação infantil - Texto apresentado como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na área de concentração História,*

Sociedade, Cultura e Políticas Educacionais Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Elizabeth Barros de Barros. VITÓRIA-ES, 2010.

MOSSÉ, Claude. **Alexandre, o Grande**. Estação Liberdade. São Paulo. 2004.

_____. **Dicionário da Civilização Grega**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004

NETO, Geraldo Salgado. **Erasmus Darwin e a Árvore da Vida**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 96-103, jan | jun 2009.

NETTO, Rangel Cerceau. **Mesclas americanas: uma leitura historiográfica do fenômeno e do conceito de mestiçagem na América ibérica**. In Revista científica da área de humanidades do Centro Universitário de Belo Horizonte. Vol 6, n 1, 2013.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. **A Atlântida platônica: uma paisagem em crise**. In Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04. Anais do XIII CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

PAIVA, Eduardo França. **Dar nome ao novo: uma história lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)**. Tese de Professor Titular em História do Brasil apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

PANIKKAR, Kavalam Madhava. **A Dominação Ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. Primeiro volume. Editora Saga. Rio de Janeiro, GB. 1965.

PANIKKAR, Kavalam Madhava. **A Dominação Ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. Segundo volume. Editora Saga. Rio de Janeiro, GB. 1965.

PEREIRA, José Carlos. **Educação e cultura no pensamento de Franz Boas**. In. Revista Ponto e vírgula. Revista de Ciências Sociais – PUC-SP. ISSN 1982-4807. Edição número 10. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma *velha-nova* história.** In. <https://nuevomundo.revues.org/1560>. 2006

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** História da Educação, ASPHE/FAE/UFPE, Pelotas, n. 14, p. 31 – 45, set. 2003.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. **Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização.** In. História em Revista, Pelotas, v. 9. p. 105-134, dezembro/2003.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. **Animadas Personagens Brasileiras - A linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro.** Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes e Design da PUC-Rio. Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Luzio Coelho. Rio de Janeiro, agosto de 2006.

PORTO, Gabriel Pereira. **2.2.2 - Huxley e a Seleção Natural; 2.2.2.1 – O problema da barreira sexual; 2.2.2.2 – Hipótese ou Teoria? Huxley, Darwin e a Filosofia da Ciência na Inglaterra Vitoriana;** p 109 – 135. In PORTO, Gabriel Pereira. O BULDOGUE DE DARWIN: A interconexão entre agnosticismo e evolução em Thomas Huxley - Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de título de mestre em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Andrés Caponi. FLORIANÓPOLIS, 2010.

PORTOCARRERO, Vera. **Capítulo 2: FOUCAULT: A História dos saberes e das práticas.** In. Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Vera Portocarrero org. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 272 p. ISBN: 85-85676-02-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Editora Fiocruz.

PRATAMA, Fredy Widya Pratama. **Orientalism and religious aspects on characters and objects in J.R.R Tolkien's The Lord of the Rings: A Semiotic Analysis.** p. 1 – 8. English Department, Faculty of Letters, Jember University. Indonésia. 2013.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

RÉMOND, René. **O Século XIX – 1815/1914**. Editora Cultrix, São Paulo, 2004.

ROCHA, Antonio Penalves. **Idéias antiescravistas da Ilustração na sociedade escravista brasileira**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 43 -79. 2000.

ROCHA, Elaine Pereira. **A longa Novela do Racismo. Comparando história e literatura no Brasil e na África do Sul**. In. Antíteses, Ahead of Print do vol. 1, n. 2, jul.-dez. de 2008.

RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. **Reflexão sobre a ideia de progresso: a produção do saber e o controle dos comportamentos sociais no século XIX**. In Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. USP. São Paulo. 2012.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

SARAT, Magda. & SARAT, Lílian. **Histórias de viajantes e suas missões civilizadoras**. In. Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador (pp. 1-8). Campinas: UNICAMP. 2007. Retirado em 29/4/2008, de <http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais8/Magda%20Sarat%20UNIMEP%20.pdf>

SANTOS, Robiane Damasceno & CAMELO, Marco Antônio da Costa. **O Hobbit: o foco narrativo nas narrativas infanto-juvenis contemporâneas**. Link: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAfvqUAA/artigo-introducao>. acessado em [11/04/2016](http://www.ebah.com.br/content/ABAAfvqUAA/artigo-introducao).

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SIDEKUN, Antonio. **Cultura e Alteridade**, pp. 52 – 63. In: TREVISAN, Amarildo Luiz. TOMAZETTI, Elisete M. *Cultura e Alteridade: Confluências*. Ijuí. Rio Grande do Sul. ISBN da versão impressa: 86-7429-567-1. 2006.

SILVEIRA, Renato da. **O selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental.** In Revista Afro-Ásia, nº 23. UFBA, 1999.

SIQUEIRA, André. **Orientalismo e Música**, pp 187 – 196. In Baleia na Rede – Estudos de arte e sociedade. V 1, n 4, 2007.

SOUSA, Luciana Barcelos de. **Imagens do outro: o orientalismo na mídia de massa.** In. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

SOUSA, Luciana Maria Vilhena Ribeiro de. **Forma Sinistra de Americanismo: O Puritanismo na Ética e na Retórica do Ku Klux Klan.** Mestrado em Estudos Americanos Dissertação sob a orientação de: Professora Doutora Maria Filipa Palma dos Reis UNIVERSIDADE ABERTA Porto, Janeiro de 2005.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. **Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço.** Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências. 2008.

SILVA, Vanessa Fonseca Henriques da. **Árabes, muçulmanos e terroristas: o Oriente Médio no discurso ocidental.** In.

http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%2002%20pdf/EIXO%20%20GT1%20ARTIGO_3_Vanessa.pdf.

SINEX, Margaret. “**Monsterized Saracens,**” **Tolkien’s Haradrim, and Other Medieval “Fantasy Products,”** p. 175 – 196. In Tolkien Studies, vol 7. West Virginia University Press, 2010.

STRAUBHAAR, Sandra Ballif. Chapter 6: **Myth, Late Roman History, and Multiculturalism in Tolkien's Middle-earth.**”, p. 101 – 117. In Tolkien and the Invention of Myth. In CHANCE, Jane, Tolkien and the invention of myth : a reader. University Press of Kentucky, 2004.

STRAUSS, Claude Lévi. **Raça e História.** Editorial Presença. Lisboa, 1998.

TELLES, Renata. **Latino-americanismo e Orientalismo: Roberto Schwarz, Silviano Santiago e Edward Said.** Terra Roxa – Revista de Estudos literários. Volume 4 (2004) – 71-87. ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A questão do outro.** – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica.** Editora Perspectiva. São Paulo. 2008.

VIANNA, Alexander Martins. **‘Absolutismo’: Os limites de uso de um conceito liberal.** Departamento de Ciências Sociais - Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM). Revista Urutágua-revista acadêmica multidisciplinar – Quadrimestral – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519.6178. <http://www.urutagua.uem.br/014/14vianna.htm>. Nº 14 – dez. 07/jan./fev./mar. 2008.

VIEIRA, Fernando Gil Portela. **A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura.** Fronteiras: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.17, p.13-31, 2009.

VOLVELLE, Michael. **Imagens e Imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** Editora Ática. São Paulo. 1997.

WEST, John. **The Lord of the Rings as a Defense of Western Civilization.** In Discovery Institute Inquiry. From the “Celebrating Middle Earth” conference, November 9-10, 2001 at Seattle Pacific University, 2001.

WINEGAR, Astrid. **Aspects of Orientalism in J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings, p. 1 – 9.** In The Grey Book, volume 1, 2005.

Anexo Capítulo 1:

Anexo: Tolkien, uma breve trajetória intelectual³⁴¹

Com base nos estudos de alguns dos biógrafos que escreveram sobre a vida de Tolkien, é possível remontar parte da trajetória intelectual desse escritor, o que auxilia a compreender quais foram as suas principais influências, em qual cultura ele foi formado, qual era o seu ambiente de convívio, em quais locais ele estudou e onde lecionou, o que então permite compreender com quais indivíduos, instituições e correntes de pensamento ele tinha contato. É também possível observar quais eram as suas opiniões e as ideias que ele defendia, bem como ao que ele se opunha.

Um dos biógrafos que serão usados para remontar a trajetória intelectual de Tolkien é Michael White, que escreveu uma biografia sobre Tolkien³⁴², baseando-se em parte em uma biografia anterior, escrita por Humphrey Carpenter³⁴³, sendo Carpenter o único biógrafo autorizado pela família de Tolkien e o único que teve acesso aos arquivos originais desse autor, que estão sob a tutela de um dos filhos de J.R.R. Tolkien, Christopher Tolkien. Por se tratar de um trabalho bastante atual, a biografia escrita por Michael White será utilizada como base para se remontar um pouco da trajetória intelectual desse escritor, juntamente ao livro de Kyrmse, que discute a obra de Tolkien e tenta explicá-la.

Essa retomada da trajetória intelectual de Tolkien tem por objetivo ajudar a compreender melhor o contexto em que ele escreveu a sua obra literária. O livro de Carpenter (CARPENTER, 1992) também será utilizado para preencher algumas lacunas que o texto de White não supre.

Segundo White, a obra literária de Tolkien foi escrita entre 1914 e 1973, em meio aos seus muitos compromissos como estudante, soldado durante a Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), como professor universitário e como soldado novamente, na Segunda Grande Guerra (1939 – 1945) (WHITE, 2002, p. 6).

³⁴¹ Essa parte é baseada em duas obras que discutem a trajetória intelectual de Tolkien e em um artigo: KYRMSE, R. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MONTEIRO, M. do R. **O Senhor dos Anéis: Mitos, História e Fantasia**. ed. 2007, Publicação disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/LOTR_Rmonteiro.pdf acessado em: 28/03/2008.

WHITE, M. **Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

³⁴² Lançado no Brasil em 2002.

³⁴³ Lançado no Brasil em 1992.

Tolkien nasceu em 1892, na cidade de Bloemfontein, na República Livre de Orange, atual África do Sul, sendo filho de ingleses. Seu pai trabalhava no *Bank of Africa*, tendo falecido quando Tolkien tinha apenas três anos de idade, pouco tempo depois de sua mãe regressar à Inglaterra. Sua mãe faleceu em 1904, deixando-o aos cuidados de um padre jesuíta, chamado Francis Xavier Morgan³⁴⁴, uma vez que ela havia se convertido ao catolicismo pouco tempo antes³⁴⁵.

Carpenter, White e Kyrmse afirmam que durante a infância de Tolkien, sua mãe Mabel mostrou a ele e a seu irmão, os contos de fadas, bem como as narrativas mitológicas em línguas como o latim e o grego³⁴⁶. Em 1900, a sua mãe havia abraçado o catolicismo, abandonando a sua fé anterior, o anglicanismo, fato que influenciou profundamente toda a família. Tolkien afirmava, segundo White, que os mitos anteriores ao cristianismo guardavam em si elementos do que ele chamava de o Grande Mito, o Evangelho, que refletiam o Mundo Primário, o que era algo defendido por sua mãe, ao apresentar-lhes esses mitos, bem como pelo padre que mais tarde ficou com a sua tutela³⁴⁷.

Segundo White, a mãe de Tolkien o encorajou e o apresentou a diversos livros infantis, dentre os quais muitas fábulas como *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Steveson, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol e *O Flautista de Hamelin*, dos Irmãos Grimm. Contudo, um dos livros que mais despertou o seu interesse durante a sua infância foi um livro chamado *Red Fairy Book* (*O Livro Vermelho das Fadas*), de Andrew Lang. Ali ele encontrava contos diversos com temáticas como a da cavalaria, dragões e serpentes marinhas, além de tantas outras criaturas fantásticas, temas que muito o teriam influenciado posteriormente.

Desde criança, segundo Kyrmse, Tolkien já tinha conhecimento de línguas entendidas como clássicas, tais como o grego e o latim, e mais tarde teve contatos com o espanhol. Achava o italiano muito elegante desde o primeiro contato. Seu fascínio,

³⁴⁴ Há poucas informações sobre esse padre. O que se sabe é que ele teria contribuído para o processo de conversão da mãe de Tolkien, tendo se tornado o seu mentor espiritual. Como a mãe de Tolkien se afastou da família para se converter ao catolicismo, seus filhos ficaram desamparados com a sua morte, sendo esse o motivo de o padre ter ficado responsável por Tolkien e por seu irmão. Ver White e Kyrmse.

³⁴⁵ A biografia de Carpenter não cita o padre Francis Morgan como sendo jesuíta. Essa é uma informação que consta na biografia escrita por White, sendo que não há nenhuma explicação sobre como essa informação foi adquirida.

³⁴⁶ Em uma de suas cartas Tolkien fala um pouco sobre a influência de obras como as de Homero em sua formação e como uma influência para os seus escritos. Ver: TOLKIEN, 2009 C. Carta 142, p. 287 – 290.

³⁴⁷ Nas cartas 89, 181, 250, 306, Tolkien fala de como entendia os mitos como alegorias, como grandes lições para a humanidade e como parte integrante do mundo real. Ver: TOLKIEN, 2009 C.

contudo, era com o inglês e com o anglo-saxão. Pela língua francesa ele sempre teve menos interesse³⁴⁸. Ao se deparar com o idioma finlandês³⁴⁹ ele passou a se interessar cada vez mais por essa língua, usando a gramática finlandesa, juntamente com a galesa, como fonte para algumas das línguas que mais tarde apareceriam em seus livros³⁵⁰. Foi com base nestas línguas que Tolkien começou a desenvolver as suas histórias sobre a Terra Média. Para ele, primeiro vinha a palavra, depois a história. A composição de suas histórias para ele não era um passatempo qualquer ou uma mera produção de uma literatura de aventura e de seres fantásticos, mas um trabalho filológico. Ele tinha por interesse criar um mundo, uma realidade onde suas línguas pudessem ser faladas, bem como desejava desenvolver lendas para rodeá-las (KYRMSE, 2002, p. 6, 8).

Segundo White, Tolkien, órfão de pai e mãe, foi criado após 1904 pelo padre que ficou legalmente como o seu tutor e cuidou de seus estudos, ajudando-o a ingressar como bolsista em um colégio muito bem conceituado, o Exeter College, da Universidade de Oxford, em 1908. Posteriormente, em 1910, ele teve o seu ingresso na Universidade de Oxford, tornando-se então aluno do curso de literatura clássica, obtendo uma bolsa de estudos do Exeter College. Contudo, ele teria se desinteressado por esse curso, começando a gastar mais tempo nos estudos de filologia, sendo orientado pelo professor Joseph Wright, um dos mais renomados pesquisadores britânicos dessa disciplina na época e grande conhecedor do tronco linguístico indo-europeu. Tolkien solicitou transferência para a Honour School of English Language and Literature, onde teve uma notável melhoria em seu desempenho acadêmico, devido ao seu interesse pela filologia germânica. Em 1915, recebeu o título de licenciatura em literatura (CARPENTER, 1992, p. 69. KYRMSE, 2002, p. 9. WHITE, 2002, p. 23).

Logo após se formar, Tolkien foi convocado para lutar na Primeira Grande Guerra, servindo entre 1916 e 1917, até ser dispensado por doença. No período de sua recuperação, em um hospital militar improvisado, White afirma que Tolkien começou a

³⁴⁸ Tanto White como Kyrmse afirma que Tolkien não gostava do francês, achando esse idioma uma língua sem graça e que nunca aprofundou muito seus estudos nela. Contudo ele lia e falava francês fluentemente, apenas não gostava da língua. Ver: CARPENTER, 1992, p. 23.

³⁴⁹ Nas cartas 75, 131, 144, 163, 349, Tolkien fala de seu constante interesse pela língua finlandesa. TOLKIEN, 2009 C.

³⁵⁰ Em uma de suas cartas, Tolkien mostra a principal língua élfica tendo sido criada como uma mistura do grego, do latim e do finlandês. Ver: TOLKIEN, 2009 C. Carta 144, p. 290 – 302.

escrever os primeiros rascunhos de partes do que depois seria o livro “O Silmarillion” (CARPENTER, 1992, p. 67. KYRMSE, 2002, p. 9. WHITE, 2002, p. 25).

White afirma que três anos após se formar em Oxford, Tolkien começa a trabalhar como membro da direção do New English Dictionary, uma obra acadêmica de grande importância na época, pois pretendia ser o dicionário mais completo da língua inglesa. Nesse trabalho ele ficou por três anos, entre 1918 a 1920. Com o prestígio conquistado no trabalho do New English Dictionary, Tolkien passa a lecionar na Universidade de Leeds, na cátedra Rawlinson & Bosworth, posto ligado à Faculdade Pembroke em Oxford, entre os anos de 1920 – 1925. Em 1925 Tolkien se torna professor de anglo-saxão (inglês arcaico) em Oxford, até 1945. Em 1945 ele abandona Oxford e se torna professor de Língua e Literatura Inglesa em Merton, entre 1945 e 1959, tendo ministrado aulas de Inglês Antigo e Medieval, Filologia Germânica, Islandês, Galês e Saxão.

Tolkien foi muito influenciado pelo conflito da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), e pela Segunda Grande Guerra (1939 – 1945). Foi no período da Segunda Guerra, segundo White, que muito de sua obra literária foi criada, vários trechos foram lidos em voz alta no grupo informal de literatura, uma sociedade chamada os Inklings da qual ele, C. S. Lewis³⁵¹, Charles Williams, Adam Fox, Hugo Dyson, Robert Havard, Nevill Coghill, Charles Leslie Wrenn, Roger Lancelyn Green, Colin Hardie, James Dundas-Grant, John Wain, R. B. McCallum, Gervase Mathew, C. E. Stevens, J. A. W. Bennett, Lord David Cecil, Christopher Tolkien (filho de Tolkien), e Warren "Warnie" Lewis, fizeram parte, em épocas diferentes, que seguia a tradição dos grupos intelectuais do início do século XX, formado por homens que se reuniam em cafés, nas casas de seus membros ou em outros locais públicos com o objetivo de discutir literatura, artes, filosofia, teologia e política (WHITE, 2002, p. 57 – 72).

Antes dos Inklings, White afirma que Tolkien havia participado de duas outras sociedades literárias semelhantes, T.C.B.S. (Tea Club, Barrovian Society), e The Coalbiters.

A sociedade T.C.B.S. (Tea Club, Barrowian Society) foi formada por Tolkien, Rob Gilson, G. B. Smith e Christopher Wiseman. Tal sociedade formou-se ainda nos tempos de aluno universitário de Tolkien e não discutia apenas literatura, embora esse

³⁵¹ Sobre Lewis, ver: WHITE, 2002, p. 42.

fosse um dos temas mais recorrentes, tendo sido diluída com o início da Primeira Grande Guerra, que separou os seus membros³⁵².

A sociedade The Coalbiters formou-se após a Primeira Grande Guerra e tinha por seu objetivo principal discutir literatura nórdica, da qual Tolkien era grande apreciador. Era composta por Tolkien, R. M. Dawkins, C. T. Onions, G. E. K. Braunholz, John Fraser, Nevill Coghill, John Bryson, George Gordon, Bruce McFarlane e C. S. Lewis. Eles se autodenominavam Kolbitars, ou, "homens que chegam tão perto do fogo no inverno que mordem carvão" (CARPENTER, 1992, p. 43), o que teria originado o nome Coalbiters (mordedores de carvão). A existência dessa sociedade, formada exclusivamente para discutir literatura nórdica, é importante na compreensão da obra de Tolkien, pois mostra o quanto ele valorizava esta cultura, o que depois, como se verá, influenciou muito a sua produção literária.

Contudo, segundo White, os Inklings teria sido a sociedade mais duradoura e mais significativa para a produção da obra literária de Tolkien, pois foi em suas reuniões que ele começou a ler trechos dos seus primeiros escritos em voz alta para os demais participantes, principalmente do livro *O Hobbit*, seu primeiro livro publicado e seu primeiro sucesso, que abriu as portas para o seu maior êxito literário, a trilogia *O Senhor dos Anéis*.

A vida de Tolkien no período entre guerras e suas reuniões dos Inklings são assuntos importantes para o desenvolvimento desse trabalho, pois evidenciam a vivência cultural e intelectual do autor, mostrando seus contatos, os assuntos discutidos e a influência do meio acadêmico e da intelectualidade de sua época em sua literatura.

No período entre guerras, vários grupos informais de intelectuais se formaram por toda a Europa ocidental, e, esses grupos, constituídos geralmente por universitários, escritores, artistas plásticos, dramaturgos e músicos, discutiam assuntos dos mais diversos, embora as artes, de uma maneira geral, fosse o tema comum entre essas sociedades, sobretudo a literatura. Um desses grupos que muito se destacaram no cenário mundial foi o grupo conhecido como a "Geração Perdida" (MALARD, 2006, p. 99 – 103), formado por intelectuais como Ernest Hemingway, Alester Crowley e Pablo Picasso, que se reuniam nos cafés de Paris e discutiam sobre vários assuntos ligados à

³⁵² Segundo White, todos os seus membros foram para Guerra. G. B Smith e Christopher morreram nos combates. Tolkien e Rob Gilson sobreviveram. O nome Christopher seria mais tarde dado a um dos filhos de Tolkien, em homenagem a esse amigo morto. Ver também: KYRMSE, 2002, p. 9. CARPENTER, 1992, p. 43. WHITE, 2002, p. 19.

política e à cultura, sendo que no caso desse grupo, seus membros eram mais diversificados e nem todos possuíam contatos diretos uns com os outros, ao passo que o grupo agregava indivíduos com ideias diferentes, embora seu “núcleo central” fosse voltado para uma visão política de esquerda (MALARD, 2006. P 99 – 103). A figura centralizadora desse grupo era Gertrude Stein, uma intelectual francesa que possuía grandes contatos em diversos setores da classe artística parisiense e europeia.

Os Inklings, segundo White (WHITE, 2002, p. 57 – 72), seria um desses muitos grupos que surgiram no período entre guerras, porém, diferentemente do grupo da “Geração Perdida” os Inklings possuíam uma postura menos aberta à diversidade, discutiam quase que majoritariamente sobre literatura, filosofia e teologia, deixando a política de lado.

Tolkien e C.S Lewis eram os dois principais membros, que, além dos encontros do grupo, faziam também encontros somente entre os dois, quando continuavam suas discussões de forma mais reservada. Segundo Withe, os Inklings era um grupo mais reservado, que não admitia a presença de mulheres e nem de qualquer indivíduo, mas, apenas daqueles que eram convidados pelos seus membros fundadores. Esse grupo dos Inklings (CARPENTER, 1992, p. 123) compunha-se de indivíduos com formações intelectuais bastante eruditas, a maior parte deles professores universitários de Oxford (HOFBAUER, 2006, p. 118 – 139). Alguns dos membros listados fizeram parte do grupo somente esporadicamente e outros por pouco tempo.

A partir da década de 1930, segundo White e Carpenter, Tolkien se dedica à carreira literária com cada vez mais assiduidade, dividindo o seu tempo com o seu trabalho de professor universitário e suas obrigações de pai e marido. Foi nesse período que ele começou a escrever o livro O Hobbit, que passou por diversas correções e leituras preliminares, tendo mesmo trabalhos de desenhos produzidos por Tolkien para ilustrar partes do enredo, até que finalmente o livro foi lançado em 1937 (CARPENTER, 1992, p. 144).

O sucesso da primeira tiragem do livro surpreendeu Tolkien e a editora (CARPENTER, 1992, p. 150), que não esperavam que o livro tivesse tão boa aceitação. Outras tiragens se seguiram à primeira, bem como iniciaram-se negociações para que uma edição do livro fosse publicada nos Estados Unidos, dessa vez com mais gravuras coloridas, que foram produzidas por Tolkien (TOLKIEN, 2009 C. Carta 13, p. 27).

Segundo Carpenter (CARPENTER, 1992, p. 150), a editora inglesa passou a insistir com Tolkien, pedindo cada vez mais que ele escrevesse uma continuação para O Hobbit o quanto antes, pois o público sempre pedia isso em cartas a editora. Tolkien queria aproveitar a oportunidade e usar o seu livro O Silmarillion, que estava pronto em um rascunho³⁵³, porém, à editora achou o livro muito denso e difícil para um público juvenil, com um estilo bem diferente daquele apresentado pelo O Hobbit. Com essa situação Tolkien aceitou o desafio de escrever uma continuação para O Hobbit, que se transformou na obra O Senhor dos Anéis (TOLKIEN, 2009 C. Carta 17 a 35).

White afirma que aos poucos a obra O Senhor dos Anéis foi tomando proporção, pois de início Tolkien não tinha muita noção do que seria o enredo e começou a falar da vida de Bilbo na velhice, de seu aniversário e de sua viagem para longe do Condado³⁵⁴. O Anel que Bilbo havia encontrado na viagem anterior começou a tomar espaço na cabeça de Tolkien, como uma possibilidade para ser algo maior dentro do enredo. A princípio, o anel era apenas um objeto mágico que Bilbo havia encontrado e que tinha a função apenas de torná-lo invisível (TOLKIEN, 2009 C. Cartas 17 a 35).

Foi com o passar do tempo que Tolkien desenvolveu algo cada vez mais complexo em torno do anel encontrado por Bilbo, como uma saída ao desafio colocado a ele de escrever uma continuação da história dos hobbits³⁵⁵. Nas cartas de Tolkien, percebe-se que ele escreveu o primeiro capítulo sem ainda ter desenvolvido nada especificamente sobre o anel. Ele relata mesmo que tinha dificuldade para avançar para além do primeiro capítulo e que achava que já havia esgotado tudo o que precisava ser dito sobre os hobbits no livro O Hobbit, que não havia sido pensado originalmente para ter uma continuação (TOLKIEN, 2009 C. Carta 23, p. 48).

Tolkien mostra em suas cartas ter demorado algum tempo para desenvolver a trama após o primeiro capítulo, tendo ainda ideias bastante vagas sobre o que ele pretendia produzir no enredo. Ele relata, em uma de suas cartas, que seria necessário colocar os hobbits em contato com coisas maiores e mais gerais daquele universo que ele havia produzido e que era o mesmo universo descrito em “O Silmarillion”³⁵⁶.

³⁵³ Ao ser lançado posteriormente, o livro sofreu edições feitas por Christopher Tolkien, filho de Tolkien. Ver CARPENTER, 1992, p. 206 e 219.

³⁵⁴ Tolkien narra o mesmo em suas Cartas 17 a 35. Ver: TOLKIEN, 2009. C.

³⁵⁵ Sobre o desafio de escrever a continuação, ver TOLKIEN, 2009. C. Cartas 17 a 35.

³⁵⁶ Nesse momento havia pronto apenas o Quenta Silmarillion. Ver: TOLKIEN, 2009 C. Cartas 17 a 35.

O anel de Bilbo foi aos poucos se tornando o elo entre os hobbits de vida pacífica, relatados no livro *O Hobbit*, e as coisas maiores daquele universo. Segundo Carpenter, Tolkien passou a criar a ideia de que aquele artefato não era um dos muitos anéis mágicos que existiam, mas sim, uma peça única, de poder quase inestimável e da qual dependia todo o futuro da Terra Média (CARPENTER, 1992, p. 151).

A história foi se desdobrando em um enredo muitas vezes maior do que o do primeiro livro, com uma história com muito mais detalhes e quantidade de personagens, ao passo que Tolkien era constantemente pressionado a entregar uma continuação do *Hobbit*, que continuava a ter bom sucesso de vendas³⁵⁷. O início da Segunda Grande Guerra também marca esse trabalho de Tolkien, que foi em grande parte escrito durante esse conflito. Quase todo o manuscrito original de *O Senhor dos Anéis*, segundo White, foi escrito durante a guerra, tendo inclusive, partes escritas enquanto a Inglaterra era bombardeada pelos aviões nazistas³⁵⁸.

Tolkien fala sobre a guerra em suas cartas, critica abertamente Hitler e os objetivos nazistas (TOLKIEN, 2009 C. Cartas 42, 45, 79, 81), sendo que em meio às cartas ele continua a sua produção literária, correspondendo-se constantemente com os editores, que mesmo em meio a toda a crise pela qual eles estavam passando, até mesmo com dificuldades para ter papel suficiente para escrever, ainda continuavam a cobrar de Tolkien a continuação de sua obra³⁵⁹. A finalização de partes importantes do manuscrito contendo boa parte da história coincide com o fim da Segunda Grande Guerra e também com a saída de Tolkien da Universidade de Oxford; contudo, ainda se seguiriam alguns anos de revisões e de trechos reescritos, sendo que a diminuição das obrigações acadêmicas, segundo White (WHITE, 2002, p. 203 – 230), acelerou esse processo final de produção do livro “*O Senhor dos Anéis*”.

Depois da publicação de *O Senhor dos Anéis*, em 1954, Tolkien viu seus livros se tornarem grandes sucessos de venda, sendo *O Hobbit* reeditado e também vendendo muito bem (CARPENTER, 1992, p. 117, 136, 184, 185), fazendo o autor, pela primeira vez em sua vida, ter uma situação financeira confortável, como ele relata em suas

³⁵⁷ Nas cartas 19 e 28, Tolkien responde as muitas cobranças de seu editor para uma continuação para *O Hobbit*, devido ao sucesso de vendas desse livro. TOLKIEN, 2009 C.

³⁵⁸ A carta 47 fala um pouco sobre o trabalho literário e as obrigações de Tolkien em meio aos bombardeios a Inglaterra. Ver TOLKIEN, 2009 C.

³⁵⁹ TOLKIEN, 2009 C. As cartas 47, 74, 98, 105, 114, 124, 133 são as que contêm o diálogo de Tolkien com os seus editores sobre a continuação do livro *O Hobbit*, bem como é mostrado os problemas para se terminar e editar o livro em meio ao contexto da Segunda Grande Guerra, com uma economia mundial prejudicada, fazendo faltar inclusive o papel para que os livros pudessem ser publicados.

diversas cartas, em que explica que se submete todos os anos à correção de provas para ter uma renda extra para pagar as despesas básicas³⁶⁰. Além disso, Tolkien podia contar com a sua aposentadoria como professor em Oxford, o que lhe dava uma renda fixa, que somada aos lucros dos livros, proporcionava-lhe uma vida cada vez mais confortável, pois seus filhos já estavam adultos e o dinheiro tinha de cobrir somente as suas despesas e a de sua esposa (WHITE, 2002, p. 287).

Os últimos anos de Tolkien, segundo White, após o seu afastamento de suas atividades de professor universitário, em 1959, foram em grande parte dedicados aos trabalhos complementares para o universo da Terra Média. Ele escreveu diversos textos explicando partes específicas da história do mundo que ele havia produzido, tentando preencher lacunas, muitas das quais eram levantadas por seus leitores, que escreviam pedindo mais detalhes sobre os povos, sobre os personagens e sobre eventos do passado, que geralmente geravam mais explicações e novas perguntas (WHITE, 2002, p. 293).

Depois da morte de sua esposa, em 1971, Tolkien mudou-se para um apartamento em Oxford, onde passou a viver sozinho, dedicando os últimos anos de sua vida a terminar alguns escritos sobre a Terra Média (CARPENTER, 1992, p. 205).

Muitos desses escritos foram publicados no livro *Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média*, e outros foram publicados no livro *O Silmarillion* e no livro *Os filhos de Húrin*, ambos editados após a morte de Tolkien. Outras partes ainda não foram publicadas, estando guardadas pelo filho de Tolkien, Christopher Tolkien, que cuida dos papéis de seu pai. Alguns desses escritos estariam praticamente ilegíveis, outros estariam inacabados ou em rascunhos muito rudimentares e rabiscados, em meio a ideias soltas que mostram o que iria ser escrito e não chegou a ser (TOLKIEN, 2009 A, p. 2 -7).

Depois da morte de Tolkien, seu filho Christopher editou o livro *O Silmarillion* e o publicou em 1977. Carpenter escreveu a primeira biografia sobre Tolkien e a publicou no mesmo ano, sendo que nos anos seguintes diversas reimpressões da obra de Tolkien e novas traduções ocorreram por todo o mundo. Carpenter e Christopher Tolkien organizaram e selecionaram uma coletânea de cartas escritas por Tolkien durante a sua vida, lançada por eles em 1981. Em 1980 Christopher Tolkien lançou o livro *Os Contos Inacabados sobre Númenor e a Terra Média*, com diversos textos inacabados de seu pai,

³⁶⁰ Nas cartas 10 e 17, Tolkien narra como precisou trabalhar por longos anos corrigindo provas para poder suprir suas necessidades básicas. TOLKIEN, 2009 C.

alguns, inclusive, com mais de uma versão, sendo que se sabe que há outros materiais ainda inéditos escritos por Tolkien.

Os livros da Saga O Senhor dos Anéis voltaram a ter grande repercussão com as versões cinematográficas produzidas pelo cineasta Peter Jackson, que lançou o primeiro filme em 2001, o segundo em 2002, e o terceiro em 2003.

Depois dos filmes, que foram grandes sucessos de bilheteria, tendo conseguido vários oscars³⁶¹ em diversas categorias, Christopher Tolkien lançou o livro Os Filhos de Húrin, em 2007, sendo esse o último texto de Tolkien a ser publicado por seu filho.

Anexo: A obra de Tolkien e sua organização

A obra de Tolkien sobre a Terra Média é formada por diversos livros que contam parte de uma mesma história³⁶², que seria o passado mais remoto do mundo, principalmente o da parte mais ocidental do velho mundo, que corresponderia à Europa ocidental³⁶³. Cronologicamente, o primeiro livro seria “O Silmarillion”, o primeiro a ser iniciado por Tolkien, que começou a escrevê-lo ainda no período em que participava como combatente nas trincheiras inglesas da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), porém, foi um dos últimos livros a ser terminado e lançado.

Esse livro também é o primeiro dentro da cronologia da narrativa de Tolkien sobre a Terra Média. Depois do livro “O Silmarillion”, o próximo livro é “O Hobbit”, que narra a história de Bilbo Bolseiro e sua aventura na Terra Média, ajudando um grupo de anões a recuperar o seu tesouro perdido, que estava sobre a posse de um dragão. Esse livro é o mais infantil dentre todos e é o elo entre o livro “O Silmarillion” e a trilogia “O Senhor dos Anéis”.

O próximo livro do enredo é “O Senhor dos Anéis”, que foi feito como uma continuação do livro “O Hobbit” e que narra a guerra do anel e a destruição final de

³⁶¹ Sobre os oscars ganhos pelos filmes da trilogia O Senhor dos anéis, ver a reportagem: “O Senhor dos Anéis bate Record histórico de oscars”, publicada em 01/03/2004.

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,o-senhor-dos-aneis-bate-recorde-historico-do-oscar,20040301p3302>

³⁶² Esses livros são: O Hobbit (The Hobbit, lançado originalmente em 1937), Mestre Gil de Ham (Farmer Giles of Ham, lançado originalmente em 1947), O Senhor dos Anéis (The Lord of the Rings, lançado originalmente entre 1954 e 1955), As Aventuras de Tom Bombadil (The Adventures Tom Bombadil), O Silmarillion (The Silmarillion, lançado originalmente em 1977), Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média (Unfinished tales of numenor and middle-earth, lançado originalmente em 1980), Os filhos de Húrin (The Children of Húrin, lançado originalmente em 2007).

³⁶³ Ver: KYRMSE, p. 9. TOLKIEN, 2009 C. Carta 165.

Sauron e boa parte de seus seguidores. Além desses livros, que contam uma história contínua, há também o livro “Os Contos Inacabados sobre Númenor e a Terra Média” e “Os filhos de Húrin”, que apresentam apenas alguns pequenos trechos sobre o enredo que por motivos diversos não aparecem nos demais livros.

Essa narrativa aqui resumida³⁶⁴ mostra conter uma série de ideias e representações valorativas que podem ser analisadas, pois elas remeter-se-iam a formas de pensar construídas pela intelectualidade europeia na longa duração. Nas obras literárias escritas por Tolkien, muito de sua visão de mundo foi representada, bem como os valores que acreditava e corroborava, muitos dos quais bastante difundidos entre a intelectualidade europeia de seu tempo.

Tolkien escreveu suas obras tentando produzir um passado mítico para Europa central e também um ambiente para as línguas que ele havia desenvolvido, como uma espécie de hobby, ao mesmo tempo, suas histórias não estão desprovidas de valores, pois ele mostra acreditar em diversas ideias. Princípios como o de coragem, bom caráter, beleza, nobreza, fidelidade, honra, amizade e amor são construídos em sua obra como o bem, como características corretas, ao passo que seus opostos são também apresentados.

Esses antagonismos, como se verá adiante, estão colocados em referência aos povos que ele descreve, sendo que os povos do oeste, de pele branca, semelhantes a um estereótipo europeu, detinham todas as virtudes que Tolkien mostra tanto prezar, embora eles pudessem se corromper. Por outro lado, os povos do leste e de pele escura/não-branca possuíam os valores opostos, ainda que fossem capazes de se converterem ao bem em algumas ocasiões.

Mas a beleza e a nobreza extrema descritas por Tolkien em diversos trechos, como se verá, mostram-se como atributos somente daqueles personagens que seriam os antepassados dos europeus modernos, ao passo que os não europeus, embora possam ser convertidos ao bem, só poderiam chegar a certos estágios com o ensinamento dos superiores. Assim, uma série de gradações aparece na obra de Tolkien, com povos que possuem determinadas características coletivas, sendo alguns mostrados como naturalmente propensos a serem bons, honrados, nobres, belos e cheio de outras tantas virtudes, ao contrário de outros povos, propensos ao mal e à barbárie.

³⁶⁴ Para um resumo mais completo da obra de Tolkien, ver: Anexo Capítulo 1 – Resumindo a obra de Tolkien.

Essas gradações que aparecem na obra de Tolkien podem ser divididas em três grandes categorias, que são elas: civilização x barbárie; raça superior x raça inferior; Oeste x Leste.

Como se discutirá nos capítulos a seguir, Tolkien, ao construir a sua narrativa, atribui características quase fixas aos povos e criaturas que ele descreve. Eles sempre pertencem a uma raça, sendo que nesse caso raça pode ser algo tão diferente quanto a diferença entre um homem e um elfo, mas também pode ser a diferença entre os duneidans, que era uma raça de homens, em detrimento de homens de Harad, que pertenciam a outra raça.

Além de pertencerem a raças, todos os personagens pertencem de alguma forma a um povo e a algum tipo de vinculação com uma realidade dualista, de forma que esse indivíduo pertence ao mundo civilizado e bom ou ao mundo bárbaro e mal. O que não quer dizer que isso não possa mudar e que os personagens não possam ser corrompidos ou que não possam ser melhorados. Mas a questão é que cada povo dentro do universo de Tolkien já nasce com uma índole inicial. Um orc já nasce mal, ou pelo menos é mal porque é criado entre o seu povo, que é mal. O mesmo parece ocorrer com os elfos, embora a narrativa fale de alguns elfos que se tornaram maus.

Alguns povos, como orcs e trolls, apresentados como raças, talvez fujam a regra de poderem ser convertidos ao bem, pois em toda a narrativa não há nenhum relato de isso ter ocorrido ou mesmo de isso ser possível para eles.

Por fim, a obra de Tolkien associa raças, índole e costumes à questão geográfica, principalmente na relação entre o Oeste e o Leste. O Oeste é descrito como um lugar de luz, de sabedoria, de divindade. O Leste, por outro lado, seria um lugar de trevas, de coisas ruins, de onde vêm escuridão e caos. Às vezes isso aparece de forma muito direta na narrativa, outras vezes de forma mais alegórica, que, no entanto, dentro do contexto da obra, faz sentido e mostra os valores positivos do Oeste e negativos do Leste.

Anexo: Resumindo a obra de Tolkien

“O Silmarillion” se inicia contando a história do início da criação, quando Eru Ilúvatar, o primeiro e único criador do Universo, Deus³⁶⁵, teria iniciado a criação do mundo, como uma grande canção, junto aos seus Ainur, anjos, que seriam seres de luz que ajudariam Ilúvatar, que os criou com esse propósito (TOLKIEN, 2009 A, p. 5-6). Essa canção seria o andamento da história do mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 7), em que, primeiro, surgiram aqueles entendidos e chamados de os filhos Primogênitos (TOLKIEN, 2009 A, p. 8), os elfos, e, depois, surgiram os segundos filhos, os Sucessores, isto é, os homens mortais (TOLKIEN, 2009 A, p. 8).

Os Primogênitos teriam características específicas, com uma nobreza superior, imortalidade, podendo ser mortos apenas por graves ferimentos, mas jamais por idade ou doenças. Além disso, eles nunca saíam dos círculos do mundo, ou seja, sempre que morriam, acabavam voltando novamente, nascendo de novo, reencarnando com lembranças vivas de sua vida anterior (TOLKIEN, 2009 A, p. 9, 24).

Já os homens tinham um papel e características diferentes, sendo mortais e perecendo com muito mais facilidade, por doenças, por ferimentos e por velhice, ao passo que ao morrerem, saíam dos círculos do mundo, para um destino desconhecido ainda a ser revelado, conhecido apenas por Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 24 – 25).

Entre os Ainur e os planos de Eru Ilúvatar, teria havido uma discordância, colocada no texto como uma perturbação na música original, produzida por um dos Ainur, o mais poderoso e belo entre eles, o mais próximo a Eru Ilúvatar. Esse Ainur se chamava Melkor³⁶⁶, dotado de maior sabedoria e poder do que todos os outros, possuindo também um pouco do poder de cada um deles (TOLKIEN, 2009 A, p. 6).

Melkor então começa a se afastar dos planos originais de Eru Ilúvatar, criando planos alternativos de sua própria imaginação, causando uma perturbação na canção, que até então seguia em harmonia. Essa desordem levou outros Ainur a segui-lo, afastando-se também eles dos planos de Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 6).

³⁶⁵ Em uma de suas cartas, Tolkien afirma a figura de Eru Ilúvatar, dentro de sua obra, como a figura do Deus cristão. Ver: TOLKIEN, 2009. C. Carta 131, p. 240 – 269.

³⁶⁶ Melkor seria a figura de Lúcifer, conforme Tolkien afirma em uma de suas cartas: Ver: TOLKIEN, 2009. C, p. 240 – 269. Carta 131. p. 314 – 328. Carta 153.

Com a perturbação produzida por Melkor, Eru Ilúvatar propôs outros dois temas que entraram em conflito com a dissidência de Melkor, até que a música cessou e Ilúvatar mostrou a eles o que as canções entrelaçadas haviam criado, um novo mundo em meio ao vazio (TOLKIEN, 2009 A, p. 7).

Melkor, ao ver o resultado, passou a ter como objetivo governar todo o mundo, fazendo de todos os homens e elfos os seus servos. Porém, manteve isso em segredo (TOLKIEN, 2009 A, p. 8).

Os Ainur foram autorizados a entrar no mundo e muitos deles o fizeram, enquanto muitos outros continuaram com Ilúvatar. Os que entraram no círculo do mundo “*foram chamados de Valars, os Poderes do mundo*”(TOLKIEN, 2009 A, p. 10).

Mas o mundo ainda estava por ser construído e assim foi feito pelos Valars, em muitas eras de trabalho. Nesse tempo, Melkor tentava impor suas vontades na construção das coisas, mas era sempre detido por Manwë, o Valar mais poderoso depois de Melkor, que tinha muitos espíritos trabalhando ao seu lado (TOLKIEN, 2009 A, p. 10).

Houve guerra entre Melkor e os demais Valars, quando Melkor quis fazer do mundo o seu reino. Os outros Valars venceram e Melkor fugiu para longe. Depois disso os Valars tomaram formas físicas e continuaram a organizar e a construir coisas no mundo, o que gerou ainda mais ódio e inveja em Melkor, que tentava destruir tudo o que os Valars produziam, de forma que o mundo acabou por ser formado por um conjunto de obras dos Valars e tentativas de destruição de Melkor, que no final gerou um terceiro resultado, inesperado para ambos. E assim teria sido construída em meio às estrelas a casa dos filhos de Eru Ilúvatar (TOLKIEN, 2009 A, p. 11).

Manwë se tornou o líder dos Valars, por ser o mais estimado por Eru Ilúvatar e por compreender melhor do que todos os outros as suas vontades (TOLKIEN, 2009 A, p. 12).

Para iluminar o mundo, o Valar Aulë criou duas lamparinas, uma ao norte e outra ao sul, e a luz das Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia (TOLKIEN, 2009 A, p. 19).

Com isso surgiram as plantas, fruto do trabalho da Valir Yavanna, bem como diversas feras selvagens. Enquanto os Valars e seus aliados estavam em festa, por todas estas realizações, Melkor voltou em segredo, instalando-se no norte do mundo, na forma de uma sombra escura, escavando para si uma poderosa fortaleza abaixo das montanhas,

escondida das luzes das lamparinas. “*Esse reduto foi chamado Utumno*” (TOLKIEN, 2009 A, p 20).

Daquele local Melkor espalhou doenças para todo o mundo, adoecendo árvores, lagos e fazendo feras se tornarem perigosas:

E, embora os Valars ainda nada soubessem a respeito, mesmo assim a perversidade de Melkor e a influência maléfica de seu ódio emanavam de lá, e a Primavera de Arda foi destruída. Os seres verdes adoeceram e apodreceram, os rios foram obstruídos por algas e lodo; criaram-se pântanos, repelentes e venenosos, criatórios de moscas; as florestas tornaram-se sombrias e perigosas, antros do medo; e as feras se transformaram em monstros de chifre e marfim e tingiram a terra de sangue. TOLKIEN, 2009 A, p. 20.

Com isso os Valars souberam que Melkor estava novamente trabalhando e tentaram encontrá-lo, enquanto ele, confiante em seu poder, atacou as duas lamparinas, causando grande destruição e levando novamente o mundo para a escuridão (TOLKIEN, 2009 A, p. 20).

Com a terra destruída, os Valars perderam a sua morada na Terra Média e então decidiram por se estabelecer em Aman, a terra mais a Ocidente do mundo. Ali eles firmaram o seu domínio, chamado de Valinor, fortificando o local com muralhas ao redor, em forma de cadeias de montanhas, guardando ali o que restou de belo e de luz da destruição causada por Melkor; ali construíram as suas moradas, e, fizeram daquela terra um lugar puro e abençoado (TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 21).

Naquele local, na inauguração de sua cidade, Valmar, a Valir Yavanna, teria cantado e feito brotar de seu canto duas árvores, que depois ficariam conhecidas como as duas árvores de Valinor, uma chamada Telperion e a outra chamada Laurelin; estas, emitiam luz que iluminava Valinor, uma com uma luz dourada, a outra com uma luz prateada, sendo que elas iluminavam ao florescerem e floresciam em espaços de tempo regulares, criando o dia e a noite, embora o restante da Terra Média permanecesse na penumbra, iluminado somente pelas estrelas criadas pela Valir Varda, antes da destruição das lamparinas (TOLKIEN, 2009 A, p. 22).

Muito tempo se passara após a chegada dos Valars e os Primogênitos ainda não haviam surgido, conforme previsto pela canção inicial. O Valar Aulë, ansioso pela chegada dos Primogênitos, criou com as suas mãos o povo anão, porém, Ilúvatar, não permitiu que eles despertassem e os condenou a ficarem adormecidos até que os elfos

surgissem, embora tenha se apiedado deles e os livrado de serem destruídos (TOLKIEN, 2009 A, p. 25).

Tolkien narra que depois de muito tempo, o Valar Oröme, em suas cavalgadas pela Terra Média, descobrira o aparecimento dos Primogênitos na Terra Média e entrou em contato com eles. Para proteger os elfos, os Valars decidiram abrir guerra novamente contra Melkor, que os ameaçava constantemente, capturando muitos deles (TOLKIEN, 2009 A, p. 31).

O resultado dessa guerra foi a prisão de Melkor, que foi levado acorrentado para Valinor, condenado à prisão por três Eras, até que fosse novamente julgado (TOLKIEN, 2009 A, p. 32 – 33).

Depois da guerra, os Valars decidiram convocar os elfos para viverem com eles em Valinor, para morar e aprender com eles. Muitos elfos aceitaram esse convite e partiram naquilo que ficou conhecido como a marcha para o Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 35).

Esses elfos que aceitaram o convite dos Valars foram levados em grandes levas para Valinor, local em que aprenderam diversas coisas, como a agricultura, as artes, a joalheria e a metalurgia, enquanto se desenvolviam em sabedoria e beleza (TOLKIEN, 2009 A, p. 38 – 39). Eles estavam divididos em três grandes grupos: Os vanyar, os noldors e os teleri, cada qual tendo características diferenciadas.

Os elfos que foram habitar em Valinor, também chamada de Terra dos Imortais, tornaram-se muito sábios, mas também, junto ao alto conhecimento, passaram a ter uma atitude de soberba, tornando-se, alguns deles, muito orgulhosos (TOLKIEN, 2009 A, p. 46), sobretudo os noldors. Dentre os soberbos elfos noldors estava Fëanor, que possuía grandes habilidades na metalurgia e no trabalho de confecção de jóias e pedras preciosas (TOLKIEN, 2009 A, p. 41 – 43). Dentre as suas obras, ele produziu três gemas que guardavam parte da luz das árvores Telperion e Laurelin, sendo elas denominadas como Silmarilis (TOLKIEN, 2009 A, p. 44 – 45).

Essas três gemas, por sua beleza e por serem objetos únicos, teriam se tornado muito admiradas entre os elfos e mesmo entre os Valars, causando cobiça e inveja de alguns e orgulho por parte de Fëanor e seus parentes, que passaram, com o tempo, a esconder as Silmarillis e a só mostrá-las em ocasiões especiais, o que depois deixou de ser feito (TOLKIEN, 2009 A, p. 46).

Ao mesmo tempo em que os elfos viviam com os Valars e aprendiam, Melkor, foi novamente colocado na presença dos Valars e pediu perdão, sendo perdoado e libertado para viver livre em Valinor, tendo como restrição não voltar a Terra Média sem a permissão dos Valars (TOLKIEN, 2009 A, p. 43).

Melkor sentiu ódio e inveja da prosperidade dos elfos, a quem já odiava, por serem os filhos Primogênitos de Ilúvatar e por serem tão resistentes aos seus objetivos de domínio. Por isso, ele agiu dissimuladamente ao pedir perdão (TOLKIEN, 2009 A, p. 43 – 44) e daí em diante começou aos poucos a produzir sutilmente intrigas entre os elfos, incitando-os aos poucos a se afastarem dos Valars e a se rebelar contra eles e a voltar à Terra Média (TOLKIEN, 2009 A, p. 45 – 46).

Com esse trabalho sutil produzido por Melkor, muitos elfos começaram a entender que estariam aprisionados em Valinor, impedidos de atingir o seu pleno potencial que poderiam alcançar na Terra Média. Muitos se afastaram dos Valars e passaram a almejar a Terra Média, o que desagradava os Valars, que acabaram por descobrir que era Melkor que produzia toda a discórdia (TOLKIEN, 2009 A, p. 47 – 48).

Melkor fugiu de Valinor (TOLKIEN, 2009 A, p. 48 – 49) antes que pudesse ser capturado e planejou um duro golpe contra os Valars e os elfos, voltando a Valinor na companhia de Ungoliant, uma criatura sinistra e poderosa, que tinha a forma de uma aranha gigante. Eles ficaram ocultos e esperaram o momento de uma festa, quando todos os Valars e os elfos estavam reunidos na celebração. Nesse momento, eles atacaram as duas árvores e Ungoliant sugou toda a seiva de ambas, envenenando-as (TOLKIEN, 2009 A, p. 50 – 52). Antes de fugir eles ainda roubaram as silmarillis dos cofres de Fëanor (TOLKIEN, 2009 A, p. 54).

Com a destruição das árvores, Valinor caiu na escuridão e Melkor, a partir de então sempre chamado de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 54), começou a reconstruir suas forças no norte da Terra Média. Ao mesmo tempo, Fëanor falava contra os Valars e chamava os elfos noldors para retornarem à Terra Média, para se vingarem de Morghot e também para serem livres. Muitos elfos noldors o seguiram nessa rebelião, que fez com que pela primeira vez os elfos lutassem entre si nos portos dos elfos teleri (TOLKIEN, 2009 A, p. 57 – 61). Por esse derramamento de sangue, os elfos fugitivos passaram a sofrer a interdição dos Valars, que os impedia de retornar a Valinor (TOLKIEN, 2009 A, p. 62 – 63).

Com o que restou das duas árvores os Valars fizeram o sol e a lua e os colocaram no firmamento, a fim de iluminar o mundo e atrapalhar os planos de Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 70 – 71).

Tolkien então narra como a guerra dos elfos contra Morghot se deu na Terra Média, com muitos episódios dolorosos, enquanto Fëanor e seus filhos ainda lutavam para retomar as silmarillis (TOLKIEN, 2009 A, p. 57 – 201), que haviam sido colocadas por Morghot em sua coroa de ferro, intitulando-se rei do mundo (TOLKIEN, 2009 A, p. 56). Nessa guerra contra Morghot, os elfos foram ajudados pelos homens, os segundos filhos de Ilúvatar, que já haviam surgido há algum tempo (TOLKIEN, 2009 A, p. 104 – 201).

Nem todos os homens se aliaram aos elfos, mas sim aqueles que ficaram conhecidos como os homens das três casas dos amigos dos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 107), nome dado a eles pela proximidade com os elfos. Muitos outros homens, sobretudo os orientais, ficaram ao lado de Morghot durante as guerras (TOLKIEN, 2009 A, p. 198).

Duas das três Silmarillis acabaram se perdendo, enquanto a terceira foi levada para Valinor. Por fim, os Valars novamente atacaram Morghot, cortaram seus pés, o acorrentaram e o mandaram para fora dos círculos do mundo, embora muitas das maldades que ele havia produzido permanecessem (TOLKIEN, 2009 A, p. 197 – 201).

Na última luta contra Morghot, muitos homens das três casas dos amigos dos elfos participaram ao lado dos Valars. Como recompensa eles receberam dos Valars uma nova morada, a ilha de Númenor, um local abençoado em que eles poderiam se desenvolver em paz, aprendendo com os elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203), que também ganharam um novo lar, a ilha de Eressëa (TOLKIEN, 2009 A, p. 202).

Lá esses homens aperfeiçoaram-se e ganharam grande longevidade (TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203), enquanto aprendiam e desenvolviam grandes habilidades, como a medicina, o trabalho com ouro e pedras preciosas, bem como a construção de estruturas e de embarcações. Seus dias em Númenor foram grandiosos e cheio de bênçãos (TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 205), porém, na Terra Média, havia ainda muito mal deixado como herança por Morghot (TOLKIEN, 2009 A, p. 202).

O principal servo de Morghot, Sauron, seu principal tenente, continuou na Terra Média e era tão perverso quanto seu antecessor. Com a expulsão de Morghot, Sauron se

tornou o novo senhor do escuro, juntando, durante muitos anos, as forças que restaram do poderio de seu mestre (TOLKIEN, 2009 A, p. 208).

Enquanto Sauron crescia na Terra Média e acumulava poder, os númenorianos se desenvolviam. Nessa época Sauron se mostrou amigo dos elfos, dos homens e dos anões, ajudando-os a produzir muitas obras, dentre as quais diversos anéis de poder, que teriam sido arquitetados pelos elfos para trazer grandes dádivas aos seus portadores (TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 209). Mas aqueles que foram tocados pela mão de Sauron foram corrompidos com objetivos nefastos, subordinados ao Anel que Sauron havia feito para si mesmo, o Um Anel, que produzia controle sobre todos os outros anéis de poder (TOLKIEN, 2009 A, p. 224).

Quando os elfos descobriram os planos de Sauron, seu disfarce foi revelado e iniciou-se uma guerra entre os elfos da Terra Média e as forças de Sauron. Nessa ocasião os númenorianos estavam em grande apogeu e auxiliaram os elfos, derrotando Sauron e expulsando-o para o leste, onde ele se estabeleceu definitivamente, em sua fortaleza em Mordor, que já era a sua principal fortificação (TOLKIEN, 2009 A, p. 224).

Os númenorianos, por sua vez, também tinham os seus problemas internos, pois muitos ansiavam pela vida eterna dos elfos, coisa que não podiam ter. Com o tempo, muitos desses homens foram se afastando dos ensinamentos dos Valars, sobretudo quando os reis passaram a questionar cada vez mais a interdição que os Valars fizeram aos homens, impedindo-os de navegar para a terra de Aman. Com isso, os númenorianos se dividiram em dois grupos, o dos homens do rei, que questionavam os Valars, e os fiéis, que continuavam mostrando fidelidade aos elfos e aos ensinamentos vindos de Valinor.

Muito tempo depois, Sauron voltou a se erguer com um grande poderio na Terra Média, auto-intitulando-se como rei dos homens, bem como demonstrava todo o seu ódio pelos homens do ponente (TOLKIEN, 2009 A, p. 211). Por isso, o rei númenoriano Ar-Pharazôn decidiu partir com a sua poderosa esquadra contra Sauron. Quando a força naval númenoriana chegou aos litorais da Terra Média, Sauron os recebeu, mas vendo o esplendor e o poder das forças númenorianas, ele não expressou nenhuma ação violenta, mas rendeu-se e humilhou-se perante o poder dos seus inimigos (TOLKIEN, 2009 A, p. 211, 226).

Sauron foi levado para Númenor como prisioneiro pelo rei, embora desde a sua prisão já trabalhasse para influenciar os númenorianos, com palavras que lhes pareciam sábias. Em Númenor, Sauron não demorou a passar da posição de prisioneiro à de conselheiro do rei, pois mostrava ser muito sábio, conhecedor de muitas coisas e, por fim, levou o rei a se voltar ainda mais contra os Valar e o levando mesmo ao culto ao Escuro, o culto a Melkor (TOLKIEN, 2009 A, p. 212).

Sob os conselhos de Sauron, os númenorianos que seguiam o rei começaram a se voltar cada vez mais abertamente contra os Valar, questionando a interdição que os proibia de navegarem para o extremo Oeste, para as terras de Eressëa e de Valinor, pois o medo da morte e o desejo da imortalidade se tornavam cada vez mais agudos nos númenorianos (TOLKIEN, 2009 A, p. 212 – 217). Eles passaram a entender que poderiam se tornar imortais se fossem para as terras dos imortais e que os Valar estavam lhes negando a imortalidade ao lhes negarem o direito de viajar para Eressëa e Valinor (TOLKIEN, 2009 A, p. 215).

Por fim, o rei númenoriano decidiu se rebelar contra os Valar, preparou a sua esquadra e navegou para o oeste, prontos para a guerra contra os Valar, buscando reivindicar o direito a viver em Valinor e a desfrutar da imortalidade, que eles acreditavam estar naquela terra abençoada (TOLKIEN, 2009 A, p. 216 – 217). Essa rebelião causou a ira dos Valar, que destruíram completamente a armada dos númenorianos, com uma grande onda, que também engoliu completamente a ilha de Númenor (TOLKIEN, 2009 A, p. 219).

Uma grande quantidade de númenorianos morreu nesse desastre, porém, houve aqueles que se salvaram, os que eram conhecidos como fiéis e amigos dos elfos, um grupo que sempre se opôs à ideia de rebelião, desde seus primeiros murmúrios até os momentos finais da insubordinação. O líder dos fiéis nos tempos da grande onda que engoliu Númenor era Elendil, descendente da casa real (TOLKIEN, 2009 A, p. 213, 219 – 220, 226).

Quando a grande onda engoliu Númenor e sua armada, Elendil já havia fugido em segredo, com alguns navios tripulados pelos fiéis. Essas embarcações foram então impulsionadas pela própria onda e levada para a Terra Média, onde foram recebidas pelos elfos que ainda viviam fora das terras de Eressëa. Elendil, como o único herdeiro ao trono de Númenor, tornou-se rei dos fiéis e fundou na Terra Média o reino de

Gondor e de Arnor, governado por ele e seus dois filhos (TOLKIEN, 2009 A, p. 219 – 220).

Sauron estava em Númenor quando a ilha foi engolida pelas ondas e seu corpo foi consumido, mas seu espírito, erguendo-se numa sombra negra, fugiu novamente para a sua fortaleza em Mordor. Daí em diante ele não pôde mais assumir nenhuma forma física bela e agradável, como antes fazia para enganar os homens e os elfos, passando a ter uma aparência cruel e sinistra (TOLKIEN, 2009 A, p. 220).

Na Terra Média, Sauron tinha muitas forças organizadas e lutou contra os remanescentes dos númenorianos fiéis e os elfos da Terra Média. Nessa luta, homens e elfos se juntaram naquilo que ficou conhecido como a Última Aliança, que aliou forças em um ataque contra Mordor. Nessa batalha, Elendil foi morto por Sauron, sua espada foi quebrada, porém, seu filho Isildur, com os fragmentos da espada partida, decepou a mão de Sauron, tirando o seu Anel de poder, em que concentrava quase toda a sua força (TOLKIEN, 2009 A, p. 228 – 229).

Sauron teve o seu corpo físico destruído e seus servos fugiram de medo, abandonando a batalha e se escondendo em locais longínquos, pois muitos o serviam por medo e instigados por suas promessas e também por uma espécie de controle mental que ele acabava por exercer sobre seus serviçais. Com isso, Sauron foi vencido e os elfos e os homens de Númenor saíram vitoriosos (TOLKIEN, 2009 A, p. 229 – 230). Naquela ocasião, Isildur que pegou o Anel de Sauron em batalha, teve a chance de destruí-lo de uma vez por todas em Mordor, nas lavas da Montanha da Perdição, onde ele havia sido forjado e onde poderia ser destruído (TOLKIEN, 2009 A, p. 230).

Mas o Anel era poderoso e tentava aquele que o possuía, por isso, Isildur não aceitou destruí-lo e o guardou, como um troféu de batalha e como uma espécie de reparação pela morte de seu pai naquela luta. Tempos depois, em uma viagem, Isildur foi emboscado, junto à sua comitiva, por um bando grande de orcs, que o matou, ao passo que o Anel caiu em um rio e se perdeu por muitos anos. Esse ataque teria ocorrido pela influência e força do próprio Anel, tentando voltar para o seu dono (TOLKIEN, 2009 A, p. 230).

O reino de Arnor não demorou muito tempo a desaparecer, deixando parte de seu povo vivendo como errantes no norte. Já o reino de Gondor perdurou, embora em determinado momento a linhagem de seus reis tenha sido interrompida e o governo tenha continuado através dos regentes (TOLKIEN, 2009 A, p. 232).

Muitas guerras foram travadas pelos homens de Gondor, cujo reino estava em um ponto estratégico que defendia todas as terras do oeste dos ataques vindos dos homens do leste e dos orcs que vinham das montanhas ao norte, onde se escondiam, e também do leste. Todos esses eram ataques orquestrados por Sauron, como se descobriu depois, com intuito de enfraquecer Gondor, para que ele pudesse voltar a Mordor, que estava vigiada pelo povo de Gondor, enquanto esse reino permanecia forte (TOLKIEN, 2009 A, p. 231 – 232).

Gondor também contava com a ajuda dos homens do norte, seus antigos parentes das três casas dos amigos dos elfos, que não partiram para Númenor quando os Valar deram essa dádiva aos homens que os ajudaram na última batalha contra Morghot. Esses homens, como é narrado no livro “Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média” (TOLKIEN, 2009 B, p. 454 – 484), ajudaram muito os homens de Gondor, o que os fez receber de presente uma extensa faixa territorial que se tornou o reino de Rohan, lar desses homens, que passaram a se chamar de rohirrins e eorlingas (em referência ao seu rei Eorl), sendo eles os principais aliados de Gondor na luta contra os povos invasores do Leste, que em várias ocasiões atentavam contra Gondor e os demais povos do Oeste (TOLKIEN, 2009 A, p. 232).

Passado muito tempo o Anel de Sauron foi reencontrado por um jovem do povo pequeno, que vivia à margem do mesmo rio em que Isildur foi morto muito tempo antes. O Anel corrompeu imediatamente o jovem, fazendo-o assassinar o seu melhor amigo, que estava com ele no momento do encontro (TOLKIEN, 2009 A, p. 236. TOLKIEN, 2010 A, p. 87 – 98. TOLKIEN, 2010 C, p. 400). O jovem, chamado Sméagol, logo ficou completamente viciado no objeto, afastando-se de sua família e de seu povo, até passar a viver longe de todos, em uma caverna, pois também a luz do sol começou a incomodá-lo, à medida em que ele ia se voltando para o Anel e para as trevas, alimentando-se de peixe cru em meio à escuridão.

Seus anos de vida também foram alongados e ele viveu muito tempo mais que o seu povo. Contudo, o Anel tinha vontade própria e desejava voltar para o seu mestre. O Anel foi então encontrado por outro jovem do povo pequeno, chamado Bilbo Bolseiro, que estava em uma viagem, descrita no livro O Hobbit, junto a um grupo de anões para uma aventura que tinha por finalidade recuperar o tesouro roubado desses anões por um dragão, que se apossara das minas em que o povo daqueles anões possuía outrora um reino.

Bilbo encontrou o Anel enquanto tateava no escuro, pois estava perdido e havia se separado de seus companheiros de viagem. Sméagol deixara o Anel em um local que ele considerava seguro, enquanto pescava em um lago próximo (TOLKIEN, 2010 A, p. 87 – 98).

Bilbo terminou a aventura tomando para si o Anel de Sauron por muito tempo, ao passo que o dragão, chamado Smaug, foi morto e os anões travaram uma dura batalha contra os orcs e recuperaram sua antiga morada, o que mais tarde se mostrou muito importante para a luta contra Sauron (TOLKIEN, 2009 B, p. 497 – 498).

De posse do Anel, Bilbo, após o fim da aventura, voltou para a sua casa, um local chamado de Condado, onde boa parte do povo pequeno morava (TOLKIEN, 2010 A, p. 15 – 25). O povo pequeno era chamado por eles mesmos de hobbits e eram muito reservados, vivendo de forma pacífica e simples, basicamente cultivando os campos.

Raramente o Condado era frequentado por forasteiros (TOLKIEN, 2010 A, p. 15 – 25). Um dos visitantes constantes do Condado era o mago Gandalf, um velho de barbas longas e grisalhas, que usava um cajado. Os magos que vagavam pela Terra Média eram cinco, sendo que Gandalf e Saruman eram os dois mais poderosos entre eles.

Os magos eram, na verdade, enviados dos Valar para a Terra Média, mandados ali para ajudarem os homens e os elfos na luta contra Sauron, para aconselhar, lutar e instigar os homens e elfos a não se deixarem abater e a não desistirem frente às sombras de Sauron, que em grande parte ainda fazia o trabalho de seu mestre, Morghot. Dentre esses magos, Gandalf era o que mais viajava e mais buscava combater as forças de Sauron de diversas formas, enquanto os outros magos procuravam outras formas de combater, cada qual a seu modo (TOLKIEN, 2009 A, p. 234).

Gandalf, muitas gerações antes de Bilbo, passou a se interessar pelos hobbits depois de um longo período de inverno. Nessa ocasião ele vira a força e a perseverança do povo hobbit e começou a admirá-los e a sempre manter contato com eles. Foi Gandalf que apresentou Bilbo aos anões e os convenceu a todos a partirem na aventura que resultou na morte do dragão, na retomada do reino anão do Vale e na tomada do Um Anel por Bilbo (TOLKIEN, 2009 B, p. 300 – 327).

Ao mesmo tempo em que Bilbo e os anões viveram essa aventura, Gandalf, auxiliado pelas forças do Conselho Branco, formado por ele, pelo mago Saruman e por outros indivíduos, conseguiram uma importante vitória contra Sauron, que se

estabelecera no Norte da Terra Média em segredo, e ameaçava pontos estratégicos e vitais para que os povos do oeste se mantivessem livres (TOLKIEN, 2009 B, p. 300 – 327).

Bilbo, em posse do Anel, teve sua vida alongada, como é dito no livro *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*, e quando já velho, decidiu dar uma festa de despedida, pois partiria para viver com os elfos de Valfenda, com quem fez amizade nos tempos de sua aventura. Na festa, Gandalf descobriu que o anel que Bilbo achara naquela viagem não era um anel comum, mas sim muito raro e poderoso (TOLKIEN, 2010 A, p. 87 – 98).

O Anel foi dado para o sobrinho de Bilbo, Frodo Bolseiro, junto com todos os seus pertences, enquanto ele partia para Valfenda para passar o resto de seus dias. Frodo foi aconselhado por Gandalf a guardar bem o Anel e a não usá-lo em hipótese alguma, enquanto ele investigaria mais sobre aquele objeto. Vinte anos se passaram até que Gandalf voltou com informações, depois de muita pesquisa, que o fez descobrir e comprovar que aquele era o Um Anel (TOLKIEN, 2010 A, p. 87 – 98).

Frodo foi então incumbido por Gandalf a levar o Anel para o Leste, para a cidade de Valfenda, onde o elfo Elrond, considerado muito sábio nas tradições sobre a Terra Média, governava (TOLKIEN, 2010 A, p. 100 – 108). Para a viagem Frodo se juntou a outros três amigos (TOLKIEN, 2010 A, p. 175) e no caminho para Valfenda foi ajudado por um homem descrito como estranho, chamado de Passolargo, que os auxiliou em muitos perigos (TOLKIEN, 2010 A, p. 256 – 336). Em Valfenda o Anel foi apresentado em uma reunião a diversas pessoas e ali se formou a Sociedade do Anel, composta por nove indivíduos que tinham por objetivo auxiliar um deles, Frodo, a levar o Anel para dentro das linhas inimigas, até Mordor, na Montanha da Perdição, para ser jogado dentro da lava em que fora forjado, única forma de destruir o artefato e de matar de vez Sauron e destruir a sua força (TOLKIEN, 2010 A, p. 368 – 417).

No leste, a guerra se formava e Gondor estava sob intenso ataque de exércitos de orcs (TOLKIEN, 2010 A, p. 368 – 417). O mesmo ocorria com o reino de Rohan, que estava cercado por inimigos, dentre os quais as forças do mago Saruman, que havia se mostrado como um traidor a serviço de Sauron (TOLKIEN, 2010 B, p. 20 – 25, 90 – 124). Os Nazgûls, os espectros do Anel, também estavam à solta procurando por Frodo e o Anel, levando o terror por onde passavam, tendo já ferido Frodo antes de sua chegada a Valfenda (TOLKIEN, 2010 A, p. 106 – 308).

A sociedade do Anel partiu então em direção da guerra que se formava, com um grupo pequeno, que tinha como integrantes: quatro hobbits, dois homens, um anão, um elfo e o mago Gandalf (TOLKIEN, 2010 A, p. 424). Depois de muitos percalços, Gandalf se perdeu nas minas de Moria, lutando contra um Balrog, uma criatura cruel e poderosa, ainda dos tempos de Morghot (TOLKIEN, 2010 A, p. 509).

A sociedade acabou se desfazendo, em meio a um ataque de orcs, sendo que dois dos hobbits, Meriadoc Brandebuk e Peregrin Tûk foram capturados pelos inimigos, enquanto um dos homens, Boromir, foi morto, tentando impedi-los de se tornarem reféns (TOLKIEN, 2010 B, p. 5 – 6). Frodo e outro hobbit, chamado Sam, fugiram sozinhos, levando o Anel de poder (TOLKIEN, 2010 A, p. 626 – 629). O anão, o elfo e o homem (Passolargo, que se chamava Aragorn), que restaram da comitiva, seguiram o rastro dos inimigos que haviam capturado os dois hobbits, a fim de tentar libertá-los (TOLKIEN, 2010 B, p. 5 – 6).

Depois de perseguir por muito tempo os orcs que haviam capturado os hobbits, como é dito no livro O Senhor dos Anéis – As Duas Torres, o trio formado pelo anão, pelo elfo e por Aragorn (Passolargo) chegou correndo a pé à terra de Rohan, encontrando lá diversos cavaleiros, que já haviam destruído os orcs que capturaram os hobbits (TOLKIEN, 2010 B, p. 20 – 25). Porém, os pequenos não foram encontrados, continuando a serem seguidos pelos três até uma velha floresta (TOLKIEN, 2010 B, p. 29), para aonde suas pegadas indicavam. Naquele local, ao invés de encontrarem a quem procuravam, encontraram novamente Gandalf, que mudara muito nesse pouco tempo, deixando a sua roupa cinzenta e se transformando em Gandalf, o branco (TOLKIEN, 2010 B, p. 79).

Os quatro juntos partiram para Edoras, local em que o rei de Rohan vivia, pois os hobbits estavam em boas mãos, como Gandalf avisara ao trio que os procurava para resgatá-los (TOLKIEN, 2010 B, p. 84 – 85). Em Edoras Gandalf libertou o rei Théoden dos feitiços de um de seus conselheiros, chamado de Língua de Cobra, que estava ali a serviço de Saruman (TOLKIEN, 2010 B, p. 90 – 108). Com o rei livre, Rohan foi preparada para a guerra e quando eles foram atacados, refugiaram-se no abismo de Helm, uma poderosa fortaleza nas montanhas. Ali eles resistiram bravamente até vencerem (TOLKIEN, 2010 B, p. 108 – 123).

Enquanto isso, os dois hobbits capturados, Peregrin e Meriadoc, libertaram-se em meio à batalha, quando os cavaleiros de Rohan atacaram o acampamento dos orcs,

então eles foram para uma antiga floresta e lá encontraram uma criatura chamada Barbávore, que era um ent (TOLKIEN, 2010 B, p. 45 – 60). Os hobbits relataram ao ent o que estava ocorrendo e sobre a guerra que viria e ele decidiu se reunir aos demais ents, sobretudo depois de perceber que Saruman derrubara muitas árvores na floresta a fim de abastecer as suas fornalhas e guarnecer o seu exército (TOLKIEN, 2010 B, p. 60 – 73).

Os ents eram semelhantes a grandes árvores humanóides e eram chamados de pastores de árvores, pois cuidavam das florestas. Com a derrubada de árvores eles decidiram agir e partiram em comboio, atacando Isengard, a cidadela em que Saruman vivia e concentrava as suas forças. O local foi bastante destruído e Saruman ficou ilhado em sua torre, cercado pelos ents e pelas águas de uma represa que foi arrebentada no ataque (TOLKIEN, 2010 B, p. 139 – 149).

Saruman foi deixado em sua torre, preso, sendo confrontado por Gandalf, que esteve no local após a batalha do abismo de Helm (TOLKIEN, 2010 B, p. 154 – 163). O rei de Rohan, Gandalf e todos que os seguiam partiram todos juntos na direção de Edoras, pois pretendiam juntar forças militares em Rohan e seguir para o leste, para Gondor, para ajudar na guerra contra Sauron, da qual todos sabiam que seria bastante concentrada em um ataque contra Minas Tirith (TOLKIEN, 2010 B, p. 164 – 168).

No caminho, contudo, um dos hobbits tocou um artefato carregado por Gandalf, que havia sido jogado por Língua de Cobra e que estava antes sob o poder de Saruman, quando esse foi confrontado por Gandalf. O objeto levou o pequeno a uma conexão direta com Sauron, que o questionou e usou todo o seu poder sobre o hobbit, sem, contudo, descobrir muito a respeito dele, o que fez Sauron supor que ele portava o Anel e que ele seria usado na guerra e que estaria sendo levado para Minas Tirith (TOLKIEN, 2010 B, p. 169 – 177).

Por causa desse ocorrido, Gandalf e o hobbit partiram sozinhos para Minas Tirith. O resto do grupo continuou com o plano oficial, de ir até Edoras e juntar o máximo possível de forças para marchar em auxílio de Gondor (TOLKIEN, 2010 B, p. 169 – 177).

O trio que havia tentado resgatar os hobbits capturados também decidiu seguir um caminho diferente, pois o homem que o compunha era Passolargo, na verdade chamado Aragorn, e era o herdeiro do trono de Gondor, que se preparava há muito para assumir o seu lugar (TOLKIEN, 2010 C, p. 36 – 51). Ele havia reforjado a sua espada

Narsil, que pertencera ao rei Elendil, renomeando-a como Andúril, a chama do Oeste (TOLKIEN, 2010 A, p. 425).

Aragorn decidiu tomar um caminho antigo e pouco utilizado, conhecido como A Senda dos Mortos, um local assombrado por fantasmas do passado, de homens que tinham uma dívida com Gondor e não conseguiam descansar seus espíritos até pagar esse débito. Seguindo Aragorn foram Gmili, o anão e Légolas, o elfo, além de outros homens que haviam se juntado a eles, antigos companheiros de Aragorn. Esses homens eram os duneidans do norte, descendentes do extinto reino de Arnor (TOLKIEN, 2010 C, p. 36 – 51).

Na Senda dos Mortos, Aragorn chamou os espíritos a cumprir o juramento para terem paz e eles aceitaram e os ajudaram a tomar as embarcações dos corsários de Umbar, que estavam a serviço de Sauron (TOLKIEN, 2010 C, p. 52 – 56). Os barcos foram então carregados com tropas aliadas e navegaram para Minas Tirith, a fim de auxiliar na batalha que já estava prestes a ocorrer ali (TOLKIEN, 2010 C, p. 153 – 155).

Em Minas Tirith, a batalha não demorou a começar e o regente de Gondor estava enlouquecido, pois Sauron o atormentara. Por isso, ele se desesperou e tentou se matar, colocando fogo em si mesmo e em seu filho mais jovem, Faramir (TOLKIEN, 2010 C, p. 125 – 137). Ele foi impedido de matar seu filho, mas morreu deixando o comando da cidade nas mãos de Gandalf, que tomou a liderança para si por um tempo, pois Faramir estava ferido e desacordado (TOLKIEN, 2010 C, p. 125 – 137). A cavalaria de Rohan chegou e ajudou na batalha, bem como as embarcações de Aragorn, até que por fim, com muitas baixas, eles venceram aquela batalha, embora não tivessem grandes esperanças de vencer a guerra (TOLKIEN, 2010 C, p. 111 – 137).

Aragorn então se mostrou como o rei de Gondor e as forças que resistiam a Sauron ali se juntaram para atacar Mordor em um ataque que tinha por objetivo distrair as forças inimigas para que Frodo pudesse passar com o Anel sem ser visto por dentro da Terra de Mordor. As forças daquele grupo, denominado Os Capitães do Oeste, era muito menor do que as forças de Sauron, porém, eles estavam dispostos a se sacrificarem pelo bem maior, em nome da causa da liberdade, em um ato heróico descrito como grandioso, pois as chances de saírem vivos era muito pequena (TOLKIEN, 2010 C, p. 150 – 173).

Enquanto a guerra se desenrolava entre as forças de Gondor e Rohan, contra Sauron e contra Saruman, Frodo e Sam, de posse do Anel de poder, vagavam sozinhos

pelo ermo, tentando achar um caminho para entrar em Mordor sem serem vistos. Eles eram seguidos por Sméagol, antigo portador do Anel, que o perdera para Bilbo muitos anos antes. Sméagol era conhecido como Gollum, pois havia esquecido seu nome pelo tempo que passou sozinho, apenas apreciando o Anel, ao passo que esse novo nome era como o chamavam, pelo ruído que fazia, como uma espécie de engasgo (TOLKIEN, 2010 B, p. 177 – 193).

Depois de perder o Anel, Gollum vagou pelo vazio, indo na direção leste, até ser capturado pelas forças de Mordor, sendo torturado até revelar o sobrenome daquele que havia roubado o Anel. Foi através desse indício que Sauron mandou os seus nazgûls à caça do Anel, procurando a terra dos pequenos e alguém com sobrenome Bolseiro (TOLKIEN, 2010 A, p. 93 – 137).

Gollum foi libertado por Sauron, na esperança de que suas andanças o levassem até o portador do Anel, porém ele foi capturado por Aragorn, que o procurava a pedido de Gandalf. Ele foi então levado como prisioneiro entre os elfos do norte, onde não era mal tratado e se tentava curá-lo da doença que o Anel lhe causara, porém, a criatura conseguiu escapar (TOLKIEN, 2010 A, p. 93 – 137; 386 – 394) e não demorou a achar o rastro da Sociedade do Anel, seguindo-a por todo o caminho (TOLKIEN, 2010 A, p. 590 – 592). Quando Frodo e Sam se separaram, Gollum foi atrás deles e assim permaneceu por bom tempo durante a viagem, até que tentou atacar Frodo, enquanto este dormia, mas foi capturado, e obrigado a servir de guia para os dois hobbits, que o fizeram jurar que assim faria (TOLKIEN, 2010 B, p. 177 – 193).

Gollum cumpriu o seu juramento, pelo menos a início, levando Frodo para os portões de Mordor; chegando lá, Frodo e Sam convenceram-se de que não era possível entrar por ali e o guia falou-lhes sobre um outro caminho, mais longo e difícil, porém, mais seguro, por ser menos usado e menos vigiado. Os dois hobbits, sem outra opção, aceitaram seguir Gollum por esse trajeto, repleto de perigos e de privações (TOLKIEN, 2010 B, p. 194 – 211).

Em um determinado ponto do trajeto, eles foram encontrados pelos homens do capitão Faramir, que defendiam uma posição avançada, antes de se juntarem às forças de Minas Tirith. Eles receberam alimentos para continuar a viagem e abrigo, ao passo que ali Faramir mostrou ser um homem de grande valor e integridade, deixando Frodo seguir com o Anel e resistindo à tentação de tomá-lo para si (TOLKIEN, 2010 B, p. 220 – 261).

Quando Faramir encontrou o grupo, Sméagol fugiu, mas foi capturado, com ajuda de Frodo, que fez isso para que ele não se machucasse. Gollum ressentiu-se e a partir daí passou a ter em mente um ódio cada vez mais crescente contra Frodo e Sam, pois no início ele se mostrava em dúvida sobre o que fazer e se trairia o seu novo mestre. Ele vivia atormentado por uma segunda personalidade, que o impelia a fazer o mal e a se vingar dos hobbits, que teria roubado deles o Anel que eles tanto amavam e chamavam de o precioso (TOLKIEN, 2010 B, p. 220 – 261).

Decidido a trair Frodo, Sméagol o levou para uma caverna escura, que de fato fazia parte do caminho de Mordor, mas ali havia uma armadilha, uma aranha gigante, que atacou os dois hobbits e feriu Frodo, fazendo-o chegar quase à morte (TOLKIEN, 2010 B, p. 262 – 294). Sam então mostrou grande coragem, muito além do esperado, ferindo a aranha e depois resgatando Frodo das mãos de orcs que o haviam capturado (TOLKIEN, 2010 B, p. 294 – 307; TOLKIEN, 2010 C, p. 174 – 196).

Por fim eles conseguiram entrar em Mordor, em meio à escuridão, vestidos com roupas de orcs, o que os fez passar despercebidos, ao passo que a marcha dos capitães do Oeste os auxiliou, pois chamou a atenção dos inimigos para o portão e os deixou passar mais facilmente sem serem percebidos, sobretudo pelo grande olho da torre de Sauron, que vigiava tudo e via longe, mas que naquele momento estava voltado para os inimigos que marchavam contra Mordor (TOLKIEN, 2010 C, p. 196 – 215).

Na Montanha da Perdição, Frodo foi finalmente consumido pelo poder do Anel e desistiu de destruí-lo, colocando-o no dedo, porém, Gollum apareceu, pulou em Frodo e lutou com ele, arrancando o Anel e o dedo de Frodo com uma mordida. Gollum então se desequilibrou e caiu no penhasco, dentro da lava junto ao Anel, que finalmente foi destruído, matando também Sauron e fazendo Mordor ruir por completo, enquanto a montanha entrava em erupção (TOLKIEN, 2010 C, p. 215 – 232).

Frodo e Sam foram resgatados por Gandalf, nas asas das grandes águias do oeste e foram a partir de então celebrados como heróis, bem como os outros dois hobbits, que haviam realizado grandes feitos durante a guerra, mostrando bravura e honra. Aragorn foi coroado em Gondor como o rei Elessar e rei do Oeste, restabelecendo o controle sobre diversos territórios que os númenorianos governavam antes e haviam deixado de dominar (TOLKIEN, 2010 C, p. 233 – 287).

Com o fim da guerra, cada indivíduo voltou para o seu lar. Ao chegarem no Condado, os hobbits encontraram suas terras destruídas e tomadas por homens cruéis

que controlavam os habitantes, tomavam os seus bens e os tratavam basicamente como escravos. Frodo e seus companheiros tiveram de libertar o lugar e descobriram que quem estava lá era Saruman e seu laçao Língua de Cobra, que acabou matando Saruman (TOLKIEN, 2010 C, p. 288 – 316).

Tempos depois Frodo saiu em viagem e encontrou-se com Gandalf e com diversos elfos, bem como com o seu tio Bilbo. Eles foram em viagem até os portos dos elfos e lá embarcaram para fora da Terra Média, indo para o antigo oeste, para a Terra dos Imortais, enquanto a Terra Média caiu em um período de paz e bem aventurança, sob o governo do rei Elessar (TOLKIEN, 2010 C, p. 316 – 327).

Anexo O progresso e o nível de organização dos povos da Terra Média no livro “O Hobbit” e na Saga “O Senhor dos Anéis”

Da mesma forma que os terrapardenses teriam organização e estariam em um grau de progresso menor, a narrativa de Tolkien descreve que um povo parente deles jurou lealdade a Gondor, ainda nos tempos de Elendil, porém, quebrou o juramento e foi amaldiçoado por Isildur a não ter descanso, caso não cumprisse a promessa de prestar auxílio aos duneidans na luta contra Sauron (TOLKIEN, 2009 B, p. 360). No fim da guerra do anel, os fantasmas desses homens foram convocados por Aragorn, que depois tornar-se-ia o rei Elessar, para cumprir a promessa e se verem libertos da maldição de Isildur (TOLKIEN, 2010 C, p. 46 – 56).

Esses espíritos encontrados por Aragorn viviam em um local chamado A senda dos mortos, que não era visitado pelos vivos há muito tempo, pois era assombrado e os homens não ousavam ir àquele local. Lá era a morada daquele povo nos tempos em que se negaram a cumprir a promessa feita a Gondor. No relato em que eles são apresentados, é possível evidenciar que eles possuíam um rei (TOLKIEN, 2010 C, p. 46 – 56), o que demonstra um nível de organização maior do que a maioria dos terrapardenses, que seriam seus parentes e não teriam um líder.

É possível observar que esse povo vivia em uma caverna, com uma organização social bastante simples, embora houvesse entre eles uma figura central, como a de um rei. Mas em relação aos homens de Rohan e aos homens de Gondor, esses homens das Sendas dos Mortos apresentam menor grau de organização social, considerados

bárbaros e antigos servos de Sauron, que depois decidiram se aliar a Gondor, mas não quiseram lutar contra o seu antigo mestre (TOLKIEN, 2010 C, p. 46 – 56)³⁶⁷.

O nível de organização entre os povos da Terra Média se manifesta também no decorrer da narrativa da Guerra do Anel, sendo que os povos simples a noroeste da Terra Média são apresentados em comparação a populações que estariam mais avançadas, como a dos elfos e dos homens de Rohan e Gondor. O condado, por exemplo, lar dos hobbits, uma espécie de humanos de tamanho pequeno, chamados também de pequenos e de perianaths, é descrito como tendo uma estrutura de organização simples e bastante agrária, embora fossem bem organizados, com plantações, casas individualizadas, celeiros e mesmo com lideranças que eram eleitas de tempos em tempos entre os indivíduos mais notáveis daquela sociedade (TOLKIEN, 2010 A, p. 15 – 25)³⁶⁸.

O mesmo se diz das proximidades, como a cidade de Bri, mostrada como um local um pouco mais cosmopolita, organizado como uma verdadeira cidade, com hospedarias para os viajantes e com um trânsito significativo de indivíduos diferentes, sendo aquele um lugar de passagem de muitos viajantes da região. Contudo, esses locais, embora organizados, também são descritos como rústicos, o que depois contrasta com o alto nível organizacional dos elfos de Valfenda que habitavam em uma belíssima e sofisticada cidade construída em um Vale (TOLKIEN, 2010 A, p. 236 – 238)³⁶⁹.

Valfenda é descrita como uma morada com grandes paredes e portas, tendo grandes salões, onde os elfos se dedicam à música e à poesia (TOLKIEN, 2010 A, p. 348 – 354)³⁷⁰. Um universo bem diferente do que é mostrado no condado, com sua simplicidade, suas casas em forma de toca, ou mesmo em Bri, com a hospedaria rústica e as casas simples, em que os camponeses vivem sua vida basicamente em torno do cotidiano rural, ligado ao plantio e ao cuidado com animais.

Os contrastes continuam no decorrer dos livros da Saga “O Senhor dos Anéis”, bem como no livro antecessor, “O Hobbit”. Valfenda era um lugar de alta cultura e opulência, ao contrário de muitas terras habitadas por homens e criaturas bem menos sofisticadas. No livro “O Hobbit”, isso é apresentado na casa de Beorn, um homem que

³⁶⁷ Ver: Trecho 42, anexo capítulo 2.

³⁶⁸ Ver: Trecho 43, anexo capítulo 2.

³⁶⁹ Ver: Trecho 44, anexo capítulo 2.

³⁷⁰ Ver: Trecho 45, anexo capítulo 2.

em determinado momento ajuda Bilbo e os anões em sua jornada contra o dragão Smaug.

O local é mostrado como rústico, embora o seu dono seja um indivíduo de bom coração, mas também poderoso e perigoso em sua fúria (TOLKIEN, 2010 D, p. 116)³⁷¹.

Outro local apresentado como diferente e como mais rústico do que Valfenda é a casa dos elfos da floresta, descrito como um lugar escuro, uma caverna em meio à mata densa, sem muito conforto e luxo.

O contraste entre esses elfos tem a ver com a ideia de que existiria uma diferença entre os elfos que foram para Aman na primeira Era e aqueles que não foram. Valfenda é uma cidade produzida pela tradição dos elfos que foram para Aman, que compartilharam do conhecimento oferecido pelos Valars, desenvolvendo grande progresso, um alto nível de organização e de sofisticação. Em contrapartida, os elfos pertencentes à cultura que não havia ido a Aman teriam um nível mais modesto de organização, com menor sofisticação, sendo esses elfos aqueles que eram antes chamados de elfos escuros, exatamente porque não teriam se beneficiado das luzes de Valinor³⁷² (TOLKIEN, 2009 A, p. 34 – 75).

A ideia de luz de Valinor presente na obra de Tolkien tanto se refere a algo concreto, a luz das duas árvores, como a algo figurativo, o conhecimento dos Valars transmitidos aos elfos e aos homens, as quais os elfos escuros não teriam tido acesso, bem como os homens que não pertenciam às três casas dos amigos dos elfos (TOLKIEN, 2009 A, p. 34 – 75).

Outro local apresentado em “O Hobbit” como tendo um nível organizacional bem rústico é a cidade flutuante, feita de madeira, que ficaria nas proximidades da montanha onde Smaug se escondia. Ali o rústico é mais uma vez mostrado (TOLKIEN, 2010 D, p. 180)³⁷³.

Os anões, por sua vez, são descritos tendo um nível de organização bastante complexo, o que é explicado em “O Silmarillion” por eles serem filhos de Aulë, que lhes ensinou as suas artes, de forma que eles se tornaram muito sábios nos trabalhos de forja, criando grandes jóias e belas armas (TOLKIEN, 2009 A, p. 25 – 27, 64 – 65), só inferiores às obras dos elfos noldors. Contudo, no trabalho com a pedra, nenhum povo

³⁷¹ Ver: Trecho 46, anexo capítulo 2.

³⁷² Ver também: TOLKIEN, 2009. B, p. 49. Nessa página há um trecho complementar em que os elfos escuros são descritos como mais rústicos do que os elfos de Doriath.

³⁷³ Ver: Trecho 47, anexo capítulo 2

superava a habilidade dos anões, que construía suas cidades e reinos dentro das montanhas, com grandiosos e monumentais salões; ali eles trabalhavam e viviam de forma bem organizada³⁷⁴.

No livro “O Hobbit” esse alto nível de organização dos anões é descrito quando o grupo que pretende enfrentar Smaug para recuperar tesouros entra na grande mina ocupada pelo dragão, uma antiga morada dos anões que havia sido invadida pelo dragão, que expulsou os anões dali e roubou todos os seus tesouros (TOLKIEN, 2010 D, p. 29)³⁷⁵.

Os tesouros apresentados ali são grandiosos, ricas peças confeccionadas pelos anões que ali viviam antigamente e que haviam produzido grandes preciosidades dos mais variados tipos. Tudo isso mostra um nível de organização e progresso alto, em comparação aos demais povos mostrados na obra, semelhante apenas aos dos elfos de Valfenda e aos homens númenorianos³⁷⁶.

Nessas gradações encontradas em “O Hobbit”, o povo que tinha menor nível de organização eram os trolls (TOLKIEN, 2010 D, p. 39 – 49), pouco descritos, e os orcs das montanhas, que aparecem vivendo em locais sujos e fétidos, sem iluminação. Eles são descritos como bárbaros e cruéis e sempre vivem em sociedades sem o mínimo de conforto ou higiene (TOLKIEN, 2010 D, p. 65 – 67)³⁷⁷.

No fim do livro “O Hobbit”, os orcs aparecem em uma batalha, lutando contra os anões, que, mais uma vez, são descritos como mais organizados, enquanto os orcs possuem um grande número de soldados, mas pouca organização, o que os faz serem derrotados (TOLKIEN, 2010 D, p. 263)³⁷⁸.

As gradações continuam no livro “O Senhor dos Anéis”, em que Valfenda é descrita como o local mais organizado e próspero. Além de Bri e do Condado, já citados, aparecem outros lugares com boa organização, como é o caso da casa de Tom Bombadil (TOLKIEN, 2010 A, p. 195 – 200)³⁷⁹.

Tom Bombadil é um personagem que mostra ter grande poder, embora pouca importância dentro da trama. O Anel de poder não tinha nenhuma influência sobre ele,

³⁷⁴ Ver: Trecho 48, anexo capítulo 2.

³⁷⁵ Ver: Trecho 49, anexo capítulo 2.

³⁷⁶ Os númenorianos não aparecem no livro “O Hobbit”.

³⁷⁷ Ver: Trecho 50, anexo capítulo 2.

³⁷⁸ Ver: Trecho 51, anexo capítulo 2.

³⁷⁹ Ver: Trecho 52, anexo capítulo 2.

que era poderoso contra os espíritos malignos que rondavam a sua casa, um local cheio de túmulos muito antigos.

A casa de Tom Bombadil é descrita como simples e confortável, porém, muito bem organizada e de certa forma muito semelhante ao descrito sobre Bri e sobre o Condado.

Superior a Bri, ao Condado e à casa de Tom Bombadil é Edoras, o palácio dos reis de Rohan, construído de pedras e madeiras, com um grande salão suntuoso, onde o rei ficava sentado em seu trono (TOLKIEN, 2010 B, p. 90 – 96)³⁸⁰.

No restante do reino de Rohan³⁸¹ tudo é descrito também como bastante organizado (TOLKIEN, 2010 B, p. 93)³⁸², pois os senhores locais governavam sobre as ordens do rei e lhe deviam obediência, ao passo que o reino se mostra bastante integrado, com um sistema de comunicação eficiente, formado por mensageiros a cavalo³⁸³.

O uso do cavalo em Rohan também é apresentado como um fator importante para a coesão e para o alto nível organizacional do local, pois os homens de Rohan são também conhecidos por seu talento em criar bons cavalos, animais excelentes e fortes, que conseguem percorrer grandes distâncias sem se cansarem, ao mesmo tempo, se mostram fortes para a guerra e para a montaria, bem como para puxar cargas, se necessário. O cavalo é o que permite que naquele território de campo aberto os homens de Rohan consigam manter seus territórios coesos e em constante comunicação, bem como protegidos, pois os cavalos velozes e eficientes levam as notícias rapidamente pelas planícies e ao mesmo tempo eles conseguem alcançar com grande velocidade qualquer inimigo que se desloque dentro de seus territórios³⁸⁴.

O cavalo Scaudafux, apresentado na narrativa de Tolkien como tendo servido de montaria para o mago Gandalf é um exemplo do funcionamento desse sistema naquela região, pois se trata da montaria que havia sido escolhida para o rei, exatamente por ser a melhor, tendo, portanto, sido selecionada com muito critério. Mas Gandalf acaba por recebê-la de presente e o animal se mostra com um vigor descrito como maravilhoso, muito além do que qualquer outro de outra região conseguiria, correndo por dias a fio,

³⁸⁰ Ver: Trecho 53, anexo capítulo 2.

³⁸¹ Ver: Trecho 54, anexo capítulo 2.

³⁸² Ver: Trecho 55, anexo capítulo 2.

³⁸³ Ver: Trecho 56, anexo capítulo 2.

³⁸⁴ Ver: Trecho 57, anexo capítulo 2.

sem demonstrar cansaço, e com uma velocidade muito alta, o que faz com que Gandalf consiga se deslocar muito rápido por longas distâncias, algo que se evidencia fundamental para o desfecho da guerra na qual ele se encontrava envolvido (TOLKIEN, 2010 B, p. 25).

Outro exemplo da importância dos cavalos na organização de Rohan se refere ao momento da narrativa em que o rei Théoden começa a organizar as suas tropas para defender o Abismo de Helm, um local muito bem estruturado, em que o reino decide concentrar a sua defesa contra os ataques das forças do mago Saruman (TOLKIEN, 2010 B, p. 102). Esse é um momento emblemático na narrativa, pois se apresenta como uma batalha importante, cuja organização de Rohan é descrita como vital para que eles lograssem êxito, e, ao mesmo tempo, a comparação entre os homens de Rohan e os da Terra Parda se faz como algo constante, colocando de um lado os rorihins como organizados atrás de suas muralhas e do outro os terrapardenses como bárbaros³⁸⁵.

Os cavalos se mostram essenciais nesse momento da narrativa, pois é o que permite aos líderes juntar em tempo hábil todas as forças necessárias para guarnecer o Abismo de Helm, caso contrário, não adiantaria muito usar o local como ponto de defesa, pois sem estar devidamente guarnecido não seria possível defender as muralhas, por mais poderosas que elas fossem. Além disso, as montarias não tiveram somente o papel de levar as convocações rapidamente, mas também de fazer os homens chegarem a tempo para ocuparem os seus postos, antes que as passagens fossem completamente fechadas pelos inimigos, que estavam em maior número³⁸⁶.

Todo o espaço que o enredo separa para os cavalos em meio à narrativa sobre Rohan evidencia como esses animais foram utilizados de forma inteligente por aqueles homens, que fizeram deles uma ferramenta para atingirem um alto grau de organização e progresso dentro do território que controlavam. O uso desses animais, o empenho em domá-los e selecioná-los aponta para uma ideia de trabalho sobre eles, o que distoa do pouco empenho de alguns povos dentro da narrativa, evidenciando assim o progresso dos homens de Rohan.

O Abismo de Helm escolhido na luta contra os invasores apresenta dentro da narrativa um sentido de organização e também de coesão muito grande, pois aquele era um lugar emblemático para os homens de Rohan, onde o rei Helm, no passado, havia

³⁸⁵ Ver: Trecho 58, anexo capítulo 2.

³⁸⁶ Ver: Trecho 59, anexo capítulo 2.

vencido os invasores que mais haviam conseguido causar danos ao reino e que mais perto haviam chegado de destruir aquele povo. O local foi escolhido não somente por seu valor estratégico, mas também porque dava um sentido de união aos rohirrins, relembrando um dos eventos entendidos como emblemáticos para a história daquele povo, o que também mostra o nível de organização a qual eles teriam chegado, tendo estabelecidos marcos históricos entendidos como heróicos e fundadores de sua coletividade³⁸⁷.

Essa relação de coesão apresentada na narrativa se depara com a falta de organização e a barbárie dos inimigos, descritos como sem líderes, gritando palavras de ódio, enganados por Saruman, que os havia instigado a velhos ódios, por rivalidades do passado³⁸⁸.

No abismo de Helm, narra-se que a batalha logo se formou, pois o local não demorou a ser totalmente tomado pelos homens da Terra Parda, descritos na ocasião agindo como bárbaros e raivosos, que urravam com ódio, embora não se mostrassem organizados e enchessem o local sem muita estratégia. Os orcs que os acompanhavam, por sua vez, estavam tão mal organizados como os primeiros³⁸⁹.

Na batalha do Abismo de Helm os homens de Rohan, com a ajuda de Aragorn e seus conhecimentos vindos da tradição élfica e númenoriana, estavam mais organizados e acabaram por vencer os inimigos, mesmo com o número de combatentes entre as duas forças fosse bastante desproporcional³⁹⁰.

Esse momento constrói muito da superioridade organizacional de Rohan, que vence a luta, graças ao bom planejamento, em detrimento aos homens da Terra Parda, que naquela única batalha foram completamente derrotados, evidenciando essa dicotomia entre as duas gradações de forças que se enfrentaram naquele momento³⁹¹.

A questão da organização de Rohan é novamente apresentada após a batalha do abismo de Helm, quando o rei consegue reunir de todo o seu território uma grande cavalaria com seis mil lanças para ir ao auxílio de Gondor, o que evidencia mais uma vez o nível de coesão e organização do reino em se preparar rápido e se manter unido em meio às dificuldades³⁹².

³⁸⁷ Ver: Trecho 60, anexo capítulo 2.

³⁸⁸ Ver: Trecho 61, anexo capítulo 2.

³⁸⁹ Ver: Trecho 62, anexo capítulo 2.

³⁹⁰ Ver: Trecho 63, anexo capítulo 2.

³⁹¹ Ver: Trecho 64, anexo capítulo 2.

³⁹² Ver: Trecho 65, anexo capítulo 2.

No livro “Os Contos Inacabados sobre Númenor e a Terra Média”, a questão da organização de Rohan frente aos seus inimigos é também evidenciada como algo de suma importância para a sua vitória frente aos invasores vindos de Isengard, sendo que o primeiro trabalho feito por Saruman para tentar conquistar o reino de Rohan teria sido infiltrar seu discípulo Gríma Língua de cobra, junto ao rei, para semear a discórdia e quebrar a coesão e a organização daquele reino. A tentativa de derrubar a resistência internamente mostra o quão coeso e organizado era Rohan, em detrimento aos demais povos da Terra média, sendo que os rohirrins estariam em um estágio bem elevado dentro da gradação dos povos descritos dentro da obra de Tolkien³⁹³.

Isso é corroborado pelo relato sobre Gríma Língua de cobra, encontrado no livro “O Senhor dos Anéis - As duas torres”, que apresenta essa estratégia do mago Saruman, junto a sua preocupação sobre a organização e a coesão de Rohan, que precisaria ser enfraquecida para que ele pudesse chegar aos seus intentos³⁹⁴.

No mesmo relato do livro “Os Contos Inacabados sobre Númenor e a Terra Média”, os terrapardenses são descritos usando armamentos diferentes dos homens de Rohan, sendo essa uma diferença que se refere à qualidade, pois os rohirrins portam armamentos bem feitos e eficazes, muito condizentes com a forma principal em que eles lutavam, a cavalo. No entanto, eles se encontram muito organizados e como detentores de várias técnicas de combate para além do ataque montado em seus cavalos³⁹⁵.

Na primeira batalha pelos vaus do Isen, no início da Guerra do anel, descritas no livro “Os Contos Inacabados sobre Númenor e a Terra Média”, os rohirrins lutam contra as forças vinda de Isengard, sendo eles principalmente os homens da Terra Parda, que teriam sido arregimentados pelo mago Saruman (TOLKIEN, 2010 C, p. 402, 404), que havia se aliado as forças de Sauron no Leste, embora Saruman tenha mostrado ter as suas próprias ambições. Nesse conflito os homens de Rohan são apresentados tendo grande conhecimento estratégico na defesa daquele território, muito importante para eles, conseguindo bons resultados ali, mesmo contra forças inimigas bem maiores³⁹⁶.

Os rohirrins organizam as suas tropas e lutam no solo, sem os cavalos, fazendo uma parede de escudos contra um ataque inimigo, que veio com um número muito

³⁹³ Ver: Trecho 66, anexo capítulo 2.

³⁹⁴ Ver: Trecho 67, anexo capítulo 2.

³⁹⁵ Ver: Trecho 68, anexo capítulo 2.

³⁹⁶ Ver: Trecho 69, anexo capítulo 2.

maior de combatentes, que os cercaram e os teriam matado a todos caso eles não estivessem devidamente preparados³⁹⁷.

Enquanto isso, os homens da Terra Parda, estão em número muito maior e acompanhados de alguns tipos de orcs, principalmente os temidos uruk hais, temidos por seu tamanho e força excessiva, bem como por serem dentre os orcs os mais perigosos, mais organizados e mais resistentes³⁹⁸.

Os terrapardenses aparecem usando tochas, em meio à escuridão, a qual usam para tocar fogo no acampamento dos homens de Rohan e espantar seus cavalos³⁹⁹.

Contudo, as armas dos terrapardenses são descritas como inferiores ao dos rohirrins, o que os faria, inclusive, evitar um confronto cara a cara com os homens de Rohan⁴⁰⁰.

A questão da organização superior de Rohan marca a continuação da narrativa e evidencia a ideia de sociedades em estágios organizacionais diferentes, em que os rohirrins estão em um estágio mais avançado, sendo mais civilizados e tendo maior nível de progresso. Isso é apresentado com bastante ênfase quando os cavaleiros liderados pelo rei Theoden se vêem impedidos de passar pelo caminho que os levaria a Minas Tirith, a fim de ajudar os homens de Gondor na guerra contra Sauron.

Os homens de Rohan, então, são ajudados pelos homens pukêl, habitantes das florestas entre Rohan e Gondor. Esses indivíduos estavam em um estágio muito primitivo de organização, viviam na mata, sem roupas, apenas colhendo e caçando, sem terem o hábito da agricultura, muito embora fossem exímios caçadores⁴⁰¹.

Eles falavam uma língua diferente, apresentada como gutural, com palavras rudes⁴⁰².

Além de falarem uma língua rude e serem tratados como selvagens, os homens pûkel assim se auto-denominam⁴⁰³.

Tolkien explica essa auto-denominação como selvagens dos homens pûkel, mas a ideia deles como selvagens permanece mesmo em sua explicação, como um sinônimo de inferioridade, em detrimento a ideia de homens civilizados:

³⁹⁷ Ver: Trecho 70, anexo capítulo 2.

³⁹⁸ Ver: Trecho 71, anexo capítulo 2.

³⁹⁹ Ver: Trecho 72, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁰ Ver: Trecho 73, anexo capítulo 2.

⁴⁰¹ Ver: Trecho 74, anexo capítulo 2.

⁴⁰² Ver: Trecho 75, anexo capítulo 2.

⁴⁰³ Ver: Trecho 76, anexo capítulo 2.

Visto que Ghân-buri-Ghân estava tentando usar a Língua Geral, ele chamava sua gente de “homens selvagens” (não sem ironia); mas este evidentemente não era o nome que usavam para si mesmos. TOLKIEN, 2009 B, p. 364.

O linguajar descrito como rude e a auto-denominação como selvagem é também acompanhada por uma descrição dos homens pûkel como animalizados (TOLKIEN, 2010. C, p. 108)⁴⁰⁴.

O relato dos homens pukêl no livro “O Senhor dos Anéis”, complementa-se por um dos textos contidos no livro “Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média”, que discorre sobre a origem desse povo considerado estranho e selvagem (TOLKIEN, 2009. B, p. 367)⁴⁰⁵, sendo eles também aliados dos povos do Oeste, porém, sempre mostrados como diferentes, exóticos, e com um nível de organização e progresso bem aquém dos demais homens (TOLKIEN, 2009 B, p. 366)⁴⁰⁶.

Essa posição de menor complexidade os teria levado a serem quase extintos, diminuindo muito o seu número e deixando de habitar diversos lugares em que viviam antes, deixando para trás como rastro de sua existência apenas algumas lendas contadas por outros homens sobre eles, bem como as esculturas em pedras que eles faziam de si mesmos⁴⁰⁷.

No livro “O Senhor dos Anéis”, ao ajudarem os homens de Rohan em um momento de grande dificuldade para todos os homens do Oeste, os homens pûkel ganharam a gratidão dos rohirrins e, automaticamente, dos homens de Gondor, adquirindo o direito de viverem em paz na floresta, pelo tempo em que Rohan durasse⁴⁰⁸.

Esse reconhecimento e esse acordo de amizade mostra algumas das relações sociais estabelecidas dentro da obra por Tolkien, bem como a forma valorativa com que os níveis de progresso e organização social eram tratados. A primeira relação é a de que os homens pûkel são considerados como bons somente por ajudarem os homens de Rohan, pois os seus costumes em si, tidos como primitivos, não os fariam dignos de respeito em si (TOLKIEN, 2009 B, p. 363 – 364)⁴⁰⁹.

⁴⁰⁴ Ver: Trecho 77, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁵ Ver: Trecho 78, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁶ Ver: Trecho 79, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁷ Ver: Trecho 80, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁸ Ver: Trecho 81, anexo capítulo 2.

⁴⁰⁹ Ver: Trecho 82, anexo capítulo 2.

A segunda relação tem a ver com o fato de eles terem sido caçados como animais pelos homens de Rohan, uma condição que a partir daquele ponto da narrativa acaba, pois os rohirrins, em troca da ajuda recebida, prometem não mais fazerem isso.

A relação descrita nesse encontro evidencia dois níveis de organização social e progresso; um superior, que impõe regras e concessões; outro menos organizado e oferecendo ajuda em troca do reconhecimento de direitos mínimos, como o de sobreviver sem serem incomodados e sem serem caçados como animais. Nos demais relatos que falam desse povo, a mesma ideia permanece, a de que eles vivem à sombra de outras sociedades, em parceria, mas, sobretudo, protegidos por elas, em troca de uma prestação de serviços de menor capacidade organizacional (TOLKIEN, 2009 B, p. 366), como é o caso do que faziam em relação ao povo de Haleth.

Anexo: Sobre os hábitos dos hobbits, de Tom Bombadil e da população de Bri no livro “O Senhor dos Anéis”

Esse mesmo tipo de dicotomia e proximidade entre os hábitos pode ser vista também no livro “O Senhor dos Anéis”. A narrativa começa descrevendo os hobbits e seus costumes, apresentando aquele povo como sendo bastante agrário, embora tivessem hábitos entendidos como educados, como o de comer à mesa, com talheres, com refeições programadas, bem como o uso de roupas devidamente costuradas e limpas, além da organização territorial e política.

Logo no início os hobbits são apresentados como amantes da paz, da tranquilidade e de uma boa terra lavrada, tendo como local favorito para habitar uma região campestre organizada e cultivada. Essa é uma descrição que evidencia um nível de organização pensado para esse povo, com hábitos simples, porém, polidos.

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e **uma boa terra lavrada**: uma região **campestre bem organizada e bem cultivada** era seu refúgio favorito. TOLKIEN, 2010 A, p. 15. Grifos meus.

Em seguida os hobbits são descritos em relação aos tipos de roupas que usavam, o que também mostra um nível de organização e polidez, pois eles possuem um tipo de vestimenta específica, a qual quase sempre usam.

Vestiam-se com cores vivas gostando notadamente de verde e amarelo, mas raramente usavam sapatos uma vez que seus pés tinham solas grossas como couro e eram cobertos por pêlos grossos e encaracolados, muito parecidos com os que tinham na cabeça, que eram geralmente castanhos. TOLKIEN, 2010 A, p. 16. Grifos meus.

Os hobbits também são descritos como hospitaleiros, o que evidencia um nível de educação e polidez, que inclusive, corrobora a narrativa do livro analisado anteriormente,” O Hobbit”, sobre à casa de Bilbo.

Eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto. TOLKIEN, 2010 A, p. 16 – 17.

Além disso, eles são apresentados tendo muitos hábitos peculiares, tal como o de guardar a memória do passado, tendo, inclusive, um museu, o que evidencia uma preocupação daquele povo em guardar objetos do passado para recontar a história daquela comunidade. Esse ato é mais um indicativo da ideia de hábitos polidos⁴¹⁰.

Dentre os hábitos dos hobbits, há o de terem um estilo próprio em produzir as suas residências, sendo que eles se preocupavam muito com suas moradias, tendo desenvolvido toda uma arquitetura própria, sempre buscando habitações cada vez mais confortáveis. Essa descrição corrobora a do livro anteriormente analisado, “O Hobbit”, que apresenta a casa de Bilbo como sendo muito confortável, enquanto ele a habitava com hábitos polidos, comendo à mesa e sendo gentil com convidados⁴¹¹.

Outro hábito dos hobbits é o de fumar, o que para Tolkien, um fumante assíduo de cachimbos (CARPENTER, 2014, p. 30, 49), era entendido como um costume

⁴¹⁰ Dessa forma, embora ainda houvesse um pequeno estoque de armas no Condado, estas eram **usadas geralmente como troféus, penduradas sobre lareiras ou nas paredes, ou reunidas no museu** em Grã Cava. TOLKIEN, 2010 A, p. 22. Grifos meus.

⁴¹¹ Todos os hobbits viviam originalmente em tocas no chão, ou assim acreditavam, e nesse tipo de moradia ainda se sentiam mais à vontade; **mas com o passar do tempo foram obrigados a adotar outros tipos de habitação**. Na verdade, no Condado da época de Bilbo, geralmente apenas os mais ricos e os mais pobres mantinham o antigo hábito. TOLKIEN, 2010 A, p. 22. Grifos meus.

Afirmava-se que o hábito de construir celeiros e casas-grandes teve início entre os habitantes do Pântano, na região do rio Brandevin. TOLKIEN, 2010 A, p. 23.

Uma preferência por janelas e mesmo por portas redondas era a peculiaridade mais importante da arquitetura hobbit. TOLKIEN, 2010 A, p. 24.

elegante, o que também corrobora a ideia de hábitos polidos sendo atribuídos aos hobbits no decorrer da narrativa⁴¹².

Além das descrições sobre formas de morar e sobre alguns costumes, os hobbits também são apresentados com o hábito de realizarem banquetes⁴¹³.

Essa primeira narrativa do livro “O Senhor dos Anéis” mostra o quanto Tolkien se importava com os costumes, ao ponto de descrever, de forma resumida, todas as características desse povo que ele criou, buscando entregar ao leitor todos os detalhes possíveis sobre como eles se portavam, como viviam e qual a sua relação com os demais povos da Terra Média. Depois dessa descrição, Tolkien avança no enredo, iniciando de fato o primeiro capítulo da trama, que se relaciona ao aniversário de Bilbo Bolseiro, com uma festa bem planejada pelo velho hobbit, que estaria completando a idade de 111 anos, embora ainda mostrasse a aparência de ter por volta de 60 anos.

Bilbo é o mesmo hobbit aventureiro do livro “O Hobbit”, porém, essa narrativa, feita como continuação do primeiro sucesso de vendas (TOLKIEN, 2009 C, p. 45. Carta 20), conta o prosseguimento da história iniciada no livro anterior. Muitos anos se passaram desde a aventura de Bilbo com os anões e Gandalf. Agora o hobbit já está mais velho e de certa forma, cansado da vida pacata do Condado, que embora lhe seja uma vida boa, já não o satisfaz mais.

Bilbo toma algumas decisões, uma delas é a de fazer uma grande festa para comemorar o seu aniversário, convidando todas as grandes famílias tradicionais do Condado e dos arredores, dando um grande banquete, com dança, comida e bebida a vontade para todos os convidados. Para isso ele organizou uma grande infraestrutura em seu jardim, preparando o local para receber os convidados, levantando tendas e colocando mesas, ao passo que precisou expedir muitos convites, deixando o carteiro do Condado enlouquecido.

No dia da festa, que foi um evento memorável para o condado, todos os convidados chegaram e deram presentes a Bilbo, como era de costume, bem como,

⁴¹² Existe uma outra coisa a respeito dos hobbits que deve ser mencionada, **um hábito surpreendente**: eles inspiravam ou inalavam, através de um tubo de barro ou madeira, a fumaça derivada da queima de folhas de uma erva que chamavam de erva-de-fumo ou folha, provavelmente uma variedade Nicotiana. Um mistério enorme envolve a origem desse hábito peculiar, “arte”, como os hobbits preferiam chamá-lo. TOLKIEN, 2010 A, p. 25.

⁴¹³ O único cargo oficial no Condado nessa época era o de Prefeito Grã Cava (e do Condado), que era eleito a cada sete anos na Feira Livre nas Colinas Brancas no Lithe, isto é, no Solstício de Verão. Como **Prefeito, quase seu único dever era presidir banquetes, oferecidos nos feriados do Condado**, que ocorriam a intervalos freqüentes. TOLKIEN, 2010 A, p. 28. Grifos meus.

receberam presentes, o que também era costume no condado. Depois a festa se iniciou com muita comida e dança, ao passo que os convidados especiais de Bilbo foram levados para uma tenda separada, para saborearem um banquete especial em sua presença⁴¹⁴.

Essa narrativa de Tolkien apresenta a ideia de costumes em sua obra, pois nesse capítulo muitos dos hábitos dos hobbits são descritos como bastante complexos, sendo que aquela sociedade é narrada como sendo bastante organizada, com ruas bem feitas, casas devidamente cercadas, com uma regra de sociabilidade que envolvia ganhar e dar presentes, bem como chamar as pessoas para festejos, com convites formais. Há um sistema de correios, o sistema político organizado, bem como a ideia de famílias tradicionais e ilustres, em detrimento de outras que seriam mais comuns, sem tanta tradição e riqueza, mas como devidamente inseridas naquele contexto social em que eles viviam.

O texto descreve uma população camponesa, que vive dentro de uma sociedade voltada para a vida no campo, sem a existência de uma grande cidade, vivendo todos em torno da agricultura e da criação de pequenos animais. A vida campestre fica evidente quando boa parte dos referenciais apresentados nas falas dos personagens se referem a colheitas bem sucedidas, como uma boa safra de vinho, de cerveja, de fumo ou de invernos rigorosos sem alimentos (TOLKIEN, 2010 A, p. 26 – 71).

De maneira geral, as canções também são um indício dessa organização social sólida, porém, muito simples, sendo elas todas sobre coisas do cotidiano da vida rural, com gracejos e bom humor. O hobbit Merry, inclusive, em dado ponto da história, as classifica como sendo muito boas para as diversões, mas não muito adequadas para os grandes salões nobres, a qual essas canções pareciam inadequadas⁴¹⁵.

Além disso, mais uma vez o costume à mesa evidencia como a ideia dos hábitos é algo constante na obra de Tolkien. Dessa forma, a alimentação se mostra como um

⁴¹⁴ Sobre a festa dada pelo personagem Bilbo no início do enredo do livro O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel, ver: TOLKIEN, 2010 A, p. 26 – 71.

⁴¹⁵ — E serão, quando eu souber para que serviço você serve -disse Denethor. — Mas isso talvez eu saiba mais depressa se o mantiver ao meu lado. O escudeiro de minha câmara pediu permissão para ir à guarnição externa, de modo que você deve substituí-lo por algum tempo. Vai me servir, levar recados e conversar comigo. se a guerra e o planejamento me deixarem algum tempo de sobra. Sabe cantar"?

— Sei — disse Pippin. — Quero dizer, bem o suficiente para o meu próprio povo. **Mas não temos canções adequadas para grandes salões e tempos ruins.** Raramente cantamos sobre qualquer coisa mais terrível que o vento ou a chuva. E a maioria de minhas canções é sobre coisas que nos fazem rir, ou sobre comida e bebida, é claro. TOLKIEN, 2010 C, p. 74. Grifos meus.

dos pontos altos do festejo, pois somente aqueles pertencentes às famílias mais tradicionais foram convidados para o banquete separado com Bilbo, em torno de uma grande mesa, na qual prevaleciam os melhores utensílios de cozinha de que Bilbo dispunha⁴¹⁶.

Todos esses elementos nessa narrativa mostram o quanto Tolkien entendia os costumes e os hábitos como algo importante, como sendo algo que marca e dá virtude a um povo. Esses costumes dos hobbits, apresentados com muitos detalhes, continuam a aparecer no andar do enredo, pois depois da partida de Bilbo, que foi morar com os elfos em Valfenda, seu sobrinho, Frodo, herda todos os seus bens (TOLKIEN, 2010 A, p. 26 – 71).

Novamente a questão dos costumes fica evidente na narrativa, pois se fala de como Frodo vai amadurecendo, após ter chegado à maioridade, que no caso dos hobbits, seria com 33 anos de idade, bem como da forma como ele administra os seus bens e se relaciona com os seus amigos e parentes do Condado. Por fim, a narrativa chega a um ponto em que Frodo descobre que está de posse do anel de poder e é convencido por Gandalf a seguir viagem com o artefato para longe dali. Com ele seguem três companheiros: Sam Gamgi, Peregrin Tûk e Meriadoc Brandebuque (TOLKIEN, 2010 A, p. 175).

Nessa parte, Frodo se vê obrigado a se desfazer de sua casa, vendendo-a, com a desculpa de ir morar com parentes em outra parte do Condado, onde compra uma

⁴¹⁶ Todo ano os Bolseiros davam animadas festas duplas de aniversário em Bolsão; mas agora se entendia que alguma coisa muito excepcional estava sendo planejada para aquele outono, Bilbo ia fazer onzenta e um anos, 111, um número bastante curioso, e uma idade muito respeitável para um hobbit ... TOLKIEN, 2010 A, p. 40.

Quando todos os convidados tinham recebido as boas-vindas e estavam finalmente do lado de dentro, houve canções, danças, música, jogos e, é claro, comida e bebida. **Houve três refeições oficiais: almoço, chá e jantar (ou ceia). Mas o almoço e o chá foram marcados pelo fato de que nesses momentos todos estavam sentados e comendo juntos.** Em outros momentos havia simplesmente montes de pessoas comendo e bebendo — continuamente, das onze até as seis e meia, quando os fogos de artifício começaram. TOLKIEN, 2010 A, p. 48. Grifos meus.

— Este é o sinal para a ceia! — disse Bilbo. O sofrimento e o medo desapareceram imediatamente, e os hobbits prostrados se levantaram num segundo. **Havia uma ceia esplêndida para todos;** para todos, quer dizer, com a exceção daqueles convidados para o **jantar especial em família.** Este aconteceu no grande pavilhão onde estava a árvore.

Os convites foram limitados a doze dúzias (um número também chamado de uma Grosa, embora a palavra fosse considerada inadequada para se referir a pessoas); e os convidados foram selecionados de todas as famílias com as quais Bilbo e Frodo tinham parentesco, havendo mais uns poucos amigos que não eram parentes (como Gandalf). TOLKIEN, 2010 A, p. 49 – 50. Grifos meus.

residência mais modesta. Ele faz isso para não sumir repentinamente e chamar a atenção das pessoas do Condado. Nessa nova casa, Frodo e seus companheiros só passam uma noite (TOLKIEN, 2010 A, p. 174).

Na descrição dessa noite passada na nova casa de Frodo, pode-se observar uma série de elementos que se remetem aos hábitos educados dos hobbits. Em primeiro lugar, os hobbits, ao chegarem ao local, por estarem sujos da viagem, se colocam a tomar um banho, descrito como algo agradável, feito em bacias quentes, com muita água e sabão, enquanto se preparava a ceia para que eles se alimentassem⁴¹⁷.

Depois eles se colocam a fazer uma agradável refeição em conjunto, sendo narrados comendo felizes em torno de uma mesa⁴¹⁸.

Mais uma vez os hábitos polidos dos hobbits são evidenciados na narrativa, mesmo que em meio à simplicidade, sem grandes rituais nos hábitos à mesa, mas com educação, usando talheres, comendo em volta de uma mesa, confraternizando uns com os outros.

O próximo ponto da narrativa que mostra a relação dos hábitos polidos é o momento em que Tom Bombadil aparece, salvando a vida de Frodo e o convidando para a sua casa. Ali Tolkien descreve suas roupas, seus hábitos de cantar e a casa de Tom Bombadil e de sua esposa, Fruta de Ouro, também descrita minuciosamente, com detalhes de seu vestido.

Logo que Tom Bombadil aparece na narrativa, suas roupas são apresentadas como muito específicas e organizadas, condizentes com a vida que levava em meio a um lugar ermo⁴¹⁹.

⁴¹⁷ Naquela sala, há três **banheiras e um caldeirão cheio de água fervendo. Também há toalhas, tapetes e sabão.** Entrem e sejam rápidos! Merry e Fatty entraram na cozinha do outro lado do corredor, e se ocuparam com os **preparativos finais para a ceia.** Pedacos de canções concorrentes vinham do banheiro, misturados com o ruído dos hobbits espirrando água para todo lado. De repente a voz de Pippin ficou mais alta que as outras, cantando uma das canções de banho favoritas de Bilbo. TOLKIEN, 2010 A, p. 163. Grifos meus.

⁴¹⁸ — Que tal uma ceia e cerveja no gogó? — chamou ele. TOLKIEN, 2010 A, p. 164.

Cearam na cozinha, **numa mesa perto do fogo.**

— Suponho que não vão querer repetir de novo? — disse Fredegar, sem muitas esperanças.

— Claro que vamos! — gritou Pippin.

— Os cogumelos são meus! — disse Frodo. — Dados a mim pela Sra. Magote, a rainha das mulheres de fazendeiros. Tire as mãos gulosas daí, que eu sirvo. TOLKIEN, 2010 A, p. 64. Grifos meus.

⁴¹⁹ Houve nova explosão de música, e então, de repente, saltando e dançando pela trilha, apareceu por cima dos juncos **um velho chapéu gasto**, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita. Com

Em seguida, Tom Bombadil é descrito oferecendo refeição aos viajantes, sendo que a alimentação é oferecida em uma mesa posta, com alimentos bem produzidos, embora específicos do mundo rural, o que evidencia também o hábito da cordialidade, em meio à narrativa, sendo atribuído também a esse personagem, o que, como se verá adiante, destoa do que é mostrado em relação a outras populações na obra, apresentados como rudes, como é o caso dos orcs⁴²⁰.

A esposa de Tom Bombadil também é apresentada como uma senhora elegante e gentil, sentada em uma cadeira, vivendo junto a Tom em um lugar organizado, limpo e confortável, embora distante de quase tudo⁴²¹.

Na casa de Tom Bombadil os hobbits se vêem surpresos em encontrar no meio do nada uma residência bem organizada e ao mesmo tempo, tendo dentro dela uma mulher bela e elegante⁴²².

O tema dos hábitos polidos é mais uma vez abordado, pois os hobbits são narrados sendo recebidos educadamente e colocados sentados em cadeiras, enquanto a anfitriã coloca a mesa para os convidados⁴²³.

A alimentação, por sua vez, é feita de forma organizada e com preocupação com a higiene, sendo que o anfitrião, Tom Bombadil, recebe os convidados e os encaminha

mais um salto e um pulo, apareceu um homem, ou pelo menos assim parecia. De qualquer modo, era grande e pesado demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande; mas o barulho que fazia era digno de uma delas, pisando forte com **grandes botas amarelas** que lhe cobriam as pernas grossas, e avançando pelo capinzal. TOLKIEN, 2010 A, p. 192. Grifos meus.

Vestia um **casaco azul** e tinha uma longa barba castanha; os olhos eram claros e azuis, o rosto vermelho como uma maçã madura, mas que se franzia em inúmeras rugas provocadas pela sua risada. TOLKIEN, 2010 A, p. 192. Grifos meus.

⁴²⁰ Vocês vêm para casa comigo! **A mesa está posta com creme amarelo, favos de mel e pão branco com manteiga.** TOLKIEN, 2010 A, p. 193. Grifos meus.

⁴²¹ Numa cadeira, do lado oposto à porta de entrada, estava uma mulher. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre seus ombros; **o vestido era verde**, verde como juncos novos, salpicado de prata como gotas de orvalho; **o cinto de ouro** parecia uma corrente de lírios-roxos, presa por botões azuis de miosótis. TOLKIEN, 2010 A, p. 198. Grifos meus.

⁴²² — Entrem, caros convidados! — disse ela. Ao ouvi-la falar, os hobbits reconheceram a voz cristalina que tinham ouvido cantando. Deram alguns passos tímidos adiante, e começaram a fazer reverências, sentindo-se estranhamente surpresos e desajeitados, como pessoas que, batendo à porta de uma choupana para pedir um copo de água, tivessem sido atendidas por uma jovem e bela rainha-élfica toda coberta de flores. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, ela pulou por sobre os nenúfares e correu na direção deles, rindo; enquanto corria, seu vestido fazia um ruído suave, como o do vento agitando as flores à margem de um rio. TOLKIEN, 2010 A, p. 198.

⁴²³ Os hobbits, alegres, sentaram-se em cadeiras baixas de junco, enquanto Fruta d'Ouro se ocupava em pôr a mesa; os olhos deles a seguiam, pois a graça esguia de seus movimentos os enchia de um prazer sereno. TOLKIEN, 2010 A, p. 199.

para se lavarem e se limparem da viagem. Eles então são levados para um quarto, organizado e preparado para receber de forma cortes os convidados⁴²⁴.

Os dois anfitriões e os convidados então comem educadamente em torno de uma mesa, sentados uns de frente para os outros, dois dos hobbits de cada lado da mesa e os dois anfitriões nas cabeceiras⁴²⁵.

A casa de Tom Bombadil é apresentada como um lugar organizado, enquanto Tom e sua esposa são exibidos tendo hábitos educados, recebendo seus convidados, dando a eles refeições, cama para dormirem e os tratando com gentileza.

Em Bri, o destino seguinte dos hobbits na narrativa do livro “O Senhor dos Anéis”, os hábitos são mostrados como ainda em um padrão que dentro da classificação europeia desenvolvida a partir do século XIX, seria entendido como educado, embora não muito refinado, com homens bebendo e comendo em uma hospedaria rústica, sendo o local freqüentado por muitos forasteiros, muitos dos quais descritos com procedências duvidosas. Contudo, o local é também freqüentado por pessoas com hábitos educados, comendo em mesas, usando talheres e dialogando e interagindo.

Logo ao serem acolhidos, os hobbits que viajavam foram recebidos em uma hospedaria e levados para um local reservado, narrado como confortável, com uma lareira, poltronas, mesa coberta com uma toalha branca, com pratos e velas para iluminar.. Essa é uma descrição que se remete a ideia daquele local sendo freqüentado por indivíduos de hábitos polidos⁴²⁶.

⁴²⁴ Tom gritou, batendo palmas: — Tom, Tom! Seus convidados estão cansados, e você quase tinha esquecido! Venham agora, meus alegres amigos, e Tom cuidará para que se refresquem. **Vão limpar as mãos encardidas, lavar os rostos cansados, tirar as capas enlameadas e pentear os cabelos embaraçados!** Tom abriu a porta e eles o seguiram por um corredor curto que virava bruscamente. **Chegaram a um quarto baixo**, com teto inclinado (um puxado, ao que parecia, construído do lado norte da casa). As paredes eram de pedra lisa, mas na maior parte cobertas por cortinas e tapetes verdes e amarelos.

O chão também era de pedra, coberto com juncos verdes e novos. **Havia quatro colchões macios, ao lado dos quais ficava uma pilha de cobertores brancos**, colocados sobre o chão. Contra a parede oposta estava um banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns **com água fria, outros com água fumegante**. Ao lado de cada cama, **chinelos fofos** e verdes, prontos para serem usados. TOLKIEN, 2010 A, p. 200 – 201. Grifos meus.

⁴²⁵ Logo depois, de **banho tomado e reconfortados**, os hobbits estavam **sentados à mesa**, dois de cada lado, e nas pontas sentaram-se Fruta d’Ouro e o Senhor. Foi uma **refeição longa e alegre**. Embora os hobbits tenham comido como só os hobbits mais famintos sabem comer, não faltou nada. A bebida em suas vasilhas parecia água fresca e cristalina, mas entrava-lhes nos corações como vinho, libertando suas vozes. De repente, os convidados perceberam que estavam cantando alegremente, como se cantar fosse mais fácil e natural que conversar. TOLKIEN, 2010 A, p. 201. Grifos meus.

⁴²⁶ Viram-se numa **sala pequena e confortável**. Havia um belo fogo queimando na lareira, em frente do qual ficavam algumas **poltronas baixas e confortáveis**. Havia **uma mesa redonda, já coberta com uma**

Os hobbits recebem para comer uma série de alimentos bem produzidos, de forma que eles se vêem em um ambiente em que fazem uma refeição de forma educada e serena. A ceia é descrita como reconfortante e encorajadora, o que faz os personagens se juntarem ao grupo que estava na área coletiva da hospedaria⁴²⁷.

No ambiente coletivo, os hobbits se deparam com diversas pessoas, sentadas em bancos, confraternizando, ao passo que essas os recebem muito bem, dando a eles boas vindas, com muita cordialidade⁴²⁸.

Os hobbits que moravam em Bri são também descritos como muito simpáticos e agradáveis, o que é mais uma alusão aos hábitos polidos dos hobbits e de todo o povo daquela região⁴²⁹.

Em meio à narrativa, há a menção de talheres caindo, o que mostra que as pessoas ali estavam se alimentando e fazendo uso desses utensílios, considerados pelo pensamento europeu do século XIX e da primeira metade do século XX, como

toalha branca, e sobre ela uma grande campainha, Mas Nob, o empregado hobbit, veio esbaforido antes que eles pensassem em tocá-la. Trouxe **velas e uma bandeja cheia de pratos**. TOLKIEN, 2010 A, p. 244. Grifos meus.

⁴²⁷ — Querem alguma coisa para beber, senhores? — perguntou ele. — Gostariam que lhes mostrasse os quartos, enquanto a ceia está sendo preparada? Já tinham tomado banho e estavam em meio a muitas canecas de cerveja quando o Sr. Carrapicho e Nob vieram de novo. Num piscar de olhos, a mesa estava posta. **Havia sopa quente, carnes frias, uma torta de amoras, pães frescos, nacos de manteiga, e meio queijo curado: comida boa e simples**, boa como a do Condado, e suficientemente semelhante à de casa para afastar os últimos receios de Sam (já bastante diminuídos pela excelência da cerveja). TOLKIEN, 2010 A, p. 244 – 245. Grifos meus.

Sentiam-se tão **reconfortados e encorajados ao final da ceia** (que durou cerca de três quartos de hora ininterruptos, e sem conversa jogada fora) que Frodo, Pippin e Sam **decidiram juntar-se ao grupo**. Merry disse que lá estaria muito abafado. — Vou ficar aqui quieto, perto do fogo por um tempo, e talvez depois eu saia para respirar ar puro. Cuidado com o que vão dizer, e não esqueçam que nosso plano é fugir em segredo, e ainda estamos na estrada alta não muito longe do Condado. TOLKIEN, 2010 A, p. 245. Grifos meus.

⁴²⁸ O grupo estava na grande sala de estar da estalagem. **Havia um grande número de pessoas, e de todos os tipos**, como descobriu Frodo depois que seus olhos se acostumaram à luz. A iluminação vinha principalmente de um fogo alimentado por achas de lenha, pois as três lamparinas penduradas às vigas emitiam uma luz fraca, meio velada pela fumaça. Cevado Carrapicho estava em pé perto do fogo, conversando com alguns anões e com um ou dois homens de aparência estranha. **Nos bancos sentavam-se vários tipos de pessoas**: homens de Bri, um grupo de hobbits nativos (sentados, conversando), mais alguns anões e outras figuras vagas, difíceis de distinguir nas sombras e cantos. TOLKIEN, 2010 A, p. 245 – 246. Grifos meus.

Assim que os hobbits do Condado chegaram, **ouviu-se um coro de boas-vindas**, que vinha dos habitantes de Bri. Os estranhos, especialmente aqueles que tinham vindo pelo Caminho Verde, olharam-nos curiosos. O proprietário apresentou os recém — chegados às pessoas de Bri tão rapidamente que, embora tenham escutado muitos nomes, mal podiam ter certeza sobre quem tinha que nome. TOLKIEN, 2010 A, p. 246. Grifos meus.

⁴²⁹ Os hobbits de Bri eram, na verdade, **simpáticos e curiosos**, e Frodo logo descobriu que teria de dar alguma explicação sobre o motivo que o trazia ali. TOLKIEN, 2010 A, p. 246. Grifos meus.

essenciais para ser educado (PILLA, 2003, p. 105 – 134). Isso evidencia que o povo daquela região foi pensado como tendo hábitos polidos, inclusive à mesa⁴³⁰.

Todas essas descrições sobre Bri e sobre os hábitos na hospedaria evidenciam a ideia de hábitos polidos, com a mesma ênfase dada ao que se vê nas descrições sobre à casa de Tom Bombadil e sobre a Vila dos Hobbits, o que mostra que essa região em que esses três locais se encontram é narrada na obra de Tolkien como um lugar habitado por pessoas simples, porém, muito educadas, com hábitos cortesês.

Anexo Os hábitos dos homens de Rohan

Além da descrição dos hobbits, o livro “O Senhor dos Anéis” apresenta um pouco sobre os hábitos do povo de Rohan. Trata-se de um reino muito importante dentro do enredo, pois estão entre os principais combatentes contra Sauron na Guerra do Anel. Nesse contexto, enquanto os orcs possuem hábitos rudes, os homens de Rohan, por sua vez têm hábitos mais polidos até mesmo que os hobbits. A primeira vez em que aparecem na narrativa do livro “O Senhor dos Anéis” é quando encontram Aragorn, Legolas e Gmili em meio ao descampado. Ali eles são descritos como homens altivos, vestidos com roupas finas, montados em altos cavalos, trajados com armas bem produzidas, ostentando seus escudos, suas lanças compridas e seus elmos sobre a cabeça. Os hábitos de vestimentas desses homens são apresentados nesse trecho, sendo que seus trajes são narrados como sofisticados e bem produzidos, algo que indica um padrão refinado de comportamento (TOLKIEN, 2010 B, p. 21)⁴³¹.

Essas descrições apresentam as vestimentas e a organização dos homens de Rohan dentro de um padrão que pode ser entendido como polido, principalmente em comparação aos trechos anteriores, em que orcs haviam sido descritos como completamente rudes, chegando mesmo a comer carne de homens. A apresentação dos homens de Rohan como polidos continua quando o palácio de Edoras é narrado, com guardas uniformizados, um trono e seu rei vestido com roupas suntuosas.

⁴³⁰ Vigoroso demais, pois ele caiu, **bateu numa bandeja cheia de canecas**, escorregou e rolou da mesa para cair no chão com um estrondo de pancada, **talheres tinindo** e depois o golpe de algo batendo no chão. TOLKIEN, 2010 A, p. 253. Grifos meus.

⁴³¹ Ver: Trecho 141, anexo capítulo 2.

A primeira cena em que os guardas de Rohan são apresentados e suas vestimentas são descritas é quando os personagens Gandalf, Legolas, Aragorn e Gimili chegam às proximidades de Edoras, para falarem com o rei do local. O elfo Legolas visualiza ao longe e narra tudo o que vê no lugar, com a sua visão aguçada. Nesse relato ele fala de homens vestidos com roupas metálicas brilhantes, algo que evidencia um cuidado em relação aos trajes por parte das pessoas nesse reino.

Ali diviso homens vestidos em **malhas metálicas brilhantes**; mas todos os outros dentro dos pátios ainda estão dormindo. TOLKIEN, 2010 B, p. 90 – 91. Grifos meus.

Quando o grupo chega ao local eles encontram algo semelhante ao que o elfo já havia visualizado antes, um grande número de homens sentados usando roupas de malhas reluzentes, o que evidencia mais uma vez a ideia de hábitos refinados em relação aos homens de Rohan (TOLKIEN, 2010 B, p. 92)⁴³².

Mais a frente o mesmo é apresentado em relação a outros muitos soldados daquele reino (TOLKIEN, 2010 B, p. 93)⁴³³.

Quando o grupo chegou ao Palácio do rei de Rohan, o lugar foi descrito como muito bem organizado em torno do rei e de seu trono. As vestimentas mais uma vez são apresentadas como bem produzidas, bem como há a presença de uma cadeira dourada e pedras preciosas, o que reforça a ideia de hábitos polidos sendo atribuídos aos homens de Rohan (TOLKIEN, 2010 B, p. 96)⁴³⁴.

Além das descrições das roupas dos homens de Rohan, há também uma menção a ideia de costumes e de hábitos cortesês. Isso ocorre, quando em uma das falas, um personagem pede ao outro para que ele fale na língua geral e afirma ser aquilo o costume do Oeste. Esse referimento evidencia que no enredo haveria um grupo de hábitos tidos como sendo comuns a certas populações, em detrimento a outros, que seriam, pois, os de Mordor, do Leste. Há então a ideia de dois padrões de hábitos, um deles polido, outro rude e animalesco, sendo que os hábitos rudes, como já se viu, está atribuídos principalmente aos orcs (TOLKIEN, 2010 B, p. 92)⁴³⁵.

Outra ideia sobre costume e hábitos cortesês aparece em outro trecho, quando o mago Gandalf apela pelo hábito da cortesia para manter o seu cajado, o que é aceito

⁴³² Ver: Trecho 142, anexo capítulo 2.

⁴³³ Ver: Trecho 143, anexo capítulo 2.

⁴³⁴ Ver: Trecho 144, anexo capítulo 2.

⁴³⁵ Ver: Trecho 145, anexo capítulo 2.

pelos homens de Rohan, que são apresentados como signatários dessa polidez a qual o mago alude:

— Tolice! — disse Gandalf — Prudência é uma coisa, **descortesia é outra**. Sou velho. Se não puder me apoiar em meu cajado para ir até lá, então ficarei aqui fora, até que seja do agrado do próprio Théoden vir mancando até aqui, para falar comigo. TOLKIEN, 2010 B, p. 95. Grifos meus.

Em Edoras ocorre uma refeição em que Gandalf, Aragorn, Legolas e Gimili são convidados a comer e a alimentação ocorre em torno de uma mesa, com comida em boa quantidade e todos os convidados se alimentando. Não há uma descrição sobre os utensílios usados, mas tudo indica que a refeição ocorreu de forma polida, com todos se alimentando em pratos, com talheres, em torno daquela mesa, o que indica certo padrão de educação atribuído ao povo de Rohan, ou pelo menos ao seu rei, o que disto do narrado sobre os orcs⁴³⁶.

Outro contraste com a descrição de polidez e de organização dos homens de Rohan se faz nas cenas em que os homens da Terra Parda e os semi orcs de Saruman são descritos como bárbaros, uma denominação que pressupõe hábitos rudes⁴³⁷.

Na narrativa complementar apresentada no livro “Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média”, essa diferenciação é reforçada, de forma que ali existem descrições mais detalhadas sobre esses inimigos dos homens de Rohan, que são apresentados como bárbaros, iludidos por Saruman para irem a guerra, mas que não tinham organização e mesmo armamentos suficientes para isso, se valendo da quantidade em que estavam, pois não eram capazes de enfrentar cara a cara um dos rorihins (TOLKIEN, 2009 B, p. 353)⁴³⁸.

Na batalha do Abismo de Helm, no livro “O Senhor dos Anéis – As Duas Torres”, os homens da Terra Parda são representados da mesma forma, sem qualquer polidez, inclusive, grunhindo e urrando como se fossem animais selvagens, enquanto eram observados pelos guerreiros de Rohan, que aguardavam ordenadamente atrás das muralhas, equipados e preparados para resistir ao ataque inimigo.

No trecho abaixo pode se perceber um pouco da organização dos homens de Rohan, enquanto se preparam para defender o Abismo de Helm.

⁴³⁶ Ver: Trecho 146, anexo capítulo 2.

⁴³⁷ Ver: Trecho 147, anexo capítulo 2.

⁴³⁸ Ver: Trecho 148, anexo capítulo 2.

Rapidamente, Éomer deixou seus homens a postos. O rei e os homens de sua casa estavam no Forte da Trombeta, e também havia vários homens do Folde Ocidental. Mas na Muralha do Abismo e na torre, e atrás dela, Éomer reuniu a maioria de sua força, pois ali a defesa parecia mais duvidosa, se o ataque fosse determinado e violento.

Os cavalos foram conduzidos mais para cima do Abismo, ficando aos cuidados de alguns homens que foi possível separar para essa função.

A Muralha do Abismo tinha seis metros de altura, e era tão larga que quatro homens podiam andar lado a lado em cima dela, protegidos por um parapeito sobre o qual apenas um homem alto poderia olhar. Em alguns pontos havia fendas na pedra, através das quais os combatentes podiam atirar. Podia-se chegar a esse parapeito por uma escada que descia de uma porta no pátio externo do Forte da Trombeta; três lances de degraus também conduziam para a parte superior da muralha, saindo do Abismo lá embaixo; mas a parte da frente era lisa, e as grandes pedras foram assentadas com tal habilidade que não se via nenhuma saliência nas suas junções, e no topo elas tinham a forma de um penhasco esculpido pelo mar. (TOLKIEN, 2010 B, p. 113 – 114).

Em contrapartida a organização de Rohan, os orcs e os homens da Terra Parda são apresentados sem que se descreva se estão ou não bem organizados, porém, se enfatiza os seus gritos e berros ferozes, algo que dá a entender que seus hábitos seriam rudes, sobretudo em comparação aos homens de Rohan (TOLKIEN, 2010 B, p. 114)⁴³⁹.

Os homens de Rohan são ainda apresentados como polidos em comparação a outros homens, os homens pûkel, em um momento em que as tropas dos rorrihins estão em dificuldade e são ajudadas por esses indivíduos, descritos como selvagens, usando vestimentas mínimas, andando descalços e vivendo em um estilo de organização social primitiva, morando na mata. A narrativa evidencia que os homens de Rohan também os consideravam como selvagens e que se surpreendiam com os costumes rudes desses indivíduos, com o modo como falavam, com o mínimo de vestimentas, com o hábito de se sentarem sobre os calcanhares para descansar e de usarem armas rudimentares.

O primeiro momento em que eles são citados no livro “O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei”, um dos soldados do exército de Rohan fala deles como usando flechas envenenadas e tendo habilidades incomparáveis nas florestas (TOLKIEN, 2010 C, p. 103)⁴⁴⁰.

A narrativa então os relata como figuras estranhas e nodosas, vestidos com apenas uma palha ao redor da cintura. Essa é uma descrição que apresenta esses indivíduos como selvagens, o que pressupõe também hábitos rudes e contrasta com os

⁴³⁹ Ver: Trecho 149, anexo capítulo 2.

⁴⁴⁰ Ver: Trecho 150, anexo capítulo 2.

homens de Rohan, que são colocados em contato com eles em posição de superioridade (TOLKIEN, 2010 C, p. 104)⁴⁴¹.

Outra descrição que evidencia a ideia dos hábitos polidos sendo atribuídos a determinados povos em detrimento a outros é a dos hobbits Peregrin Tûk e Meriadoc se alimentando nos escombros de Isengard. A cena ocorre após a batalha do Abismo de Helm, quando os cavaleiros de Rohan junto a Gandalf, Aragorn, Gimili e Legolas, vão para Isengard. Enquanto Gandalf e Aragorn foram tratar de assuntos mais importantes, Gimili e Legolas foram convidados pelos dois hobbits a comerem com eles em um lugar que eles haviam encontrado, uma casa em que foram encontradas boa comida em meio a destruição do local.

O anão Gimili se mostra preocupado em comer comida de orcs, mas os hobbits o tranquilizam, dizendo que aquilo era comida de homens, que era comida boa, que certamente havia sido comprada em outro lugar e levada ali para alimentar as tropas humanas que serviam a Saruman. Por isso eles conseguem fazer uma refeição considerada por eles como razoável, sentados em uma mesa, usando alguns utensílios de cozinha (TOLKIEN, 2010 B, p. 140)⁴⁴².

A refeição é descrita sendo feita em torno de uma mesa e com alimentos bem produzidos, com uso de pratos, tigelas, taças e facas, o que evidencia uma polidez nos hábitos desse grupo (TOLKIEN, 2010 B, p. 140)⁴⁴³.

Por fim, o grupo, em meio à alimentação e ao diálogo em torno da mesa, discorre sobre a ideia de hábitos de cortesia, sendo que o elfo Legolas, ainda que de forma irônica, alude ao fato de os hobbits estarem cheios de cortesias. Essa menção também evidencia a ideia da valorização por aquele grupo e pelas sociedades de onde eles vêm dos hábitos tidos como corteses (TOLKIEN, 2010 B, p. 140 – 141)⁴⁴⁴.

A comparação nessa cena feita pelos personagens entre os seus costumes e os dos orcs apresenta uma relação valorativa na obra de Tolkien, em que os hábitos dos orcs e de seus acólitos são tidos como inferiores e mesmo como completamente errados e repulsivos, enquanto os dos povos do Oeste são tidos como superiores e mais polidos.

Essas representações de hábitos na obra de Tolkien sobre os homens de Rohan e depois, sobre a alimentação de alguns personagens em Isengard, apresenta a ideia de

⁴⁴¹ Ver: Trecho 151, anexo capítulo 2.

⁴⁴² Ver: Trecho 152, anexo capítulo 2.

⁴⁴³ Ver: Trecho 153, anexo capítulo 2.

⁴⁴⁴ Ver: Trecho 154, anexo capítulo 2.

povos que possuem costumes diversos, alguns sendo apresentados como melhores e outros como piores. As descrições dos hábitos dos homens de Rohan, por exemplo, se apresentam como representações do que se pensava sobre o passado dos europeus, como um povo que estaria em um constante processo de refinamento, sendo essas ideias bastante difundidas no período em que Tolkien escreveu (SAID, 2010, p. 88 – 113).

Anexo Os hábitos dos homens de Gondor

Em detrimento aos hábitos dos orcs, os homens de Gondor, principalmente de Minas Tirith, também são descritos como tendo hábitos elevados. Isso é apresentado na Trilogia “O Senhor dos Anéis” principalmente nos momentos que antecedem a batalha em Minas Tirith. A primeira evidência disso é quando Frodo se aloja junto ao capitão Faramir, sendo muito bem tratado e encontrando os homens bem organizados, com uma hierarquia bem definida e apresentando-se com hábitos cordiais, sendo que o capitão come a mesa e convida os hobbits, ao passo que todos dormem em camas improvisadas e o local tem lugares específicos organizados para cada coisa, como armas, comida e vestimentas.

Um dos trechos dessa narrativa sobre o alojamento dos dois hobbits junto a Faramir evidencia bastante sobre a ideia de hábitos polidos e hábitos rudes, bem como sobre a perspectiva de que certos povos possuem hábitos mais refinados do que outros (TOLKIEN, 2010 B, p. 246 – 247)⁴⁴⁵.

Esse trecho descreve um costume dos homens de Gondor em se virar para o Oeste antes de fazerem uma refeição, como uma reverência aos Valars e a antiga terra de Númenor, da qual eles provinham. Isso é apresentado como algo refinado, como um costume que mostra boa educação. Com isso, o hobbit Frodo então fala também de um hábito de seu povo, o de fazer uma reverência aos seus anfitriões, para mostrar que os hobbits eram também um povo educado.

A ideia dos homens de Gondor se virando para o Oeste antes de comer, como um hábito refinado, juntamente com o hobbit Frodo se sentindo rústico e então mostrando também que os hobbits possuíam alguns hábitos refinados, como o de fazer uma reverência ao anfitrião e o de agradecer após a refeição, evidencia a ideia do

⁴⁴⁵ Ver: Trecho 155, anexo capítulo 2.

refinamento de hábitos e de sua importância na obra de Tolkien como um valor desejável. A alimentação mostra ter um papel central nessas descrições sobre hábitos, sendo por diversas vezes no decorrer da obra, momentos em que se pode evidenciar hábitos mais sofisticados sendo apresentados em relação a certos povos e hábitos rudes atribuídos a outros.

A alimentação bem produzida é apresentada nesse trecho em que o hobbit Frodo é alojado pelo personagem Faramir. Ali se alude a ideia de um banquete, bem como se fala de alimentos bem produzidos sendo servidos, ainda que em uma situação de acampamento, ao passo que eles comem com as mãos devidamente higienizadas e com facas e pratos limpos.

Esse trecho contrasta com um momento anterior no enredo, em que o personagem Gollum tenta comer um coelho cru, enquanto os hobbits se esforçam para cozinhá-lo. A ação animalizada de Gollum se apresenta como um contraste em relação aos hábitos refinados dos homens de Gondor, evidenciando um dualismo dentro da narrativa, entre hábitos polidos e rudes (TOLKIEN, 2010 B, p. 224 – 225).

Tanto as ideias sobre os hábitos de fazer reverência a algo antes da refeição, como o da alimentação organizada, com pratos e com higiene, alude a ideias que circulavam no período em que Tolkien escrevia, sobre educação e hábitos polidos como um valor a ser seguido, como algo desejável, que seria uma das características que fariam um povo ser entendido como civilizado (ELIAS, 1994. Vol 1, p. 65 – 72). Esses hábitos apresentados na obra de Tolkien, portanto, podem ser entendidos como representações dessas ideias sobre hábitos refinados, que são, por sua vez, dentro da narrativa, atribuídos a certos povos, enquanto outros são descritos como rudes.

Outra ideia sobre hábitos refinados e cortesia sendo apresentada na obra de Tolkien referente aos homens de Gondor ocorre quando o personagem Faramir oferece aos hobbits, não só a refeição descrita acima, mas também camas preparadas para que os hobbits pudessem dormir. Isso evidencia a ideia de um refinamento de hábitos, de uma cortesia para com os seus hóspedes (TOLKIEN, 2010 B, p. 252)⁴⁴⁶.

Esse tratamento dado a Frodo e Sam por Faramir, com comida a mesa e cama, exemplificam os hábitos polidos dos homens de Gondor.

Nos momentos que antecedem a batalha de Minas Tirith, os hábitos dos homens de Gondor também são apresentados como polidos, sendo que a cidade é descrita como

⁴⁴⁶ Ver: Trecho 156, anexo capítulo 2.

altamente organizada e o palácio do regente Denethor como suntuoso, com grandes cenas gravadas nas paredes de pedras (TOLKIEN, 2010 C, p. 14). As vestimentas dos homens de Gondor, principalmente dos nobres e daqueles que servem ao senhor Denethor e ao exército se mostram luxuosas, sendo bem feitas e ricamente adornadas (TOLKIEN, 2010 C, p. 13)⁴⁴⁷.

Nos gestos, na forma de falar e mesmo na forma de comer, os homens de Gondor também são descritos como muito polidos, usando pratarias e talheres, comendo em mesas e se alimentando com comidas devidamente preparadas e acondicionadas. Além disso, Pippin e o guarda local são descritos no trecho abaixo discutindo sobre os costumes de Gondor, do Condado e dos demais locais em que Pippin esteve, o que evidencia a ideia dos costumes como algo importante em meio a narrativa.

Conseguiram pão, manteiga, queijo e maçãs: as últimas do suprimento de inverno, enrugadas, mas doces e firmes; e um odre de couro cheio de cerveja recém-tirada do barril, e **pratos e copos de madeira**. Colocaram tudo num cesto de vime e subiram de volta para o sol; ... Comeram e beberam, falando algumas vezes de Gondor, **de seus modos e costumes, e outras do Condado e das estranhas terras que Pippin vira**. (TOLKIEN, 2010 C, p. 24 – 25).

Outro momento dentro do enredo descreve Denethor, regente de Gondor, em seu trono, sendo atendido por seus serviçais, que trazem comida e vinho tanto para ele quanto para os seus convidados, em um ato de cortesia aos seus visitantes⁴⁴⁸.

Peregrin Tûk em outra cena se alimenta com alguns guardas de Gondor, que o tratam com grande gentileza, oferecendo a ele o melhor que havia disponível naqueles tempos de guerra. Esse é outro momento em que o hábito da cortesia é apresentado em relação aos homens de Gondor, mostrados como receptivos ao recém chegado (TOLKIEN, 2010 C, p. 30)⁴⁴⁹.

Peregrin Tûk havia se colocado ao serviço do regente de Gondor, Denethor, tendo se tornado guarda da cidadela. O jovem hobbit recebe roupas descritas como belas e altamente ornamentadas, para poder cumprir a sua nova função de servir ao regente de Gondor. Essa roupa também é uma evidência de polidez, sobretudo em contraste as

⁴⁴⁷ Ver: Trecho 157, anexo capítulo 2.

⁴⁴⁸ Ver: Trecho 158, anexo capítulo 2.

⁴⁴⁹ Ver: Trecho 159, anexo capítulo 2.

roupas pouco ornamentadas e grotescas atribuídas, por exemplo, aos orcs (TOLKIEN, 2010 C, p. 75)⁴⁵⁰.

Além desses trechos sobre os homens de Gondor, duas falas chamam a atenção sobre a ideia de hábitos polidos. A primeira delas é do personagem Gandalf, que alude a Peregrin Tûk como um indivíduo cortês. A segunda fala é de Peregrin Tûk, que respondendo a uma pergunta de um dos guardas, fala da cortesia de Denethor em ter oferecido a ele e a Gandalf um pouco de vinho e pedaços de bolo. Ambos os casos evidenciam que naquele contexto os hábitos são tidos como valores importantes, que dentre outras coisas, os distingui dos inimigos, os orcs⁴⁵¹.

Em relação às roupas, o mesmo tipo de vestimenta e de armaduras com grandes ornamentos e altamente trabalhadas mostradas com os guardas e com Peregrin Tûk é descrita em relação aos soldados que estão defendendo as muralhas de Minas Tirith e também aqueles que estão chegando antes do cerco. As comitivas que chegam ao local são apresentadas como suntuosas, em especial a do príncipe de Dol Amroth, com o seu símbolo sendo narrado como majestoso, em um grande estandarte, que tinha por figura o desenho de um cisne branco (TOLKIEN, 2010 C, p. 34)⁴⁵².

Toda a polidez mostrada em Minas Tirith e nos homens de Gondor contrasta com os hábitos rudes descritos em relação aos orcs e aos homens do Leste, de uma maneira geral. A obra de Tolkien apresenta esses hábitos diferenciados como estando em graus diferentes, conforme a sociedade, de forma que algumas sociedades teriam costumes mais polidos, enquanto outras teriam costumes mais rudes. Das sociedades dos homens, aquela que tem o maior grau de polidez em toda a obra seria a sociedade númenoriana, bem como seus descendentes, os homens de Gondor. Seguido deles estariam os homens de Rohan e depois os demais homens do Oeste, com exceção dos homens pûkel, que mostram ter costumes mais rudimentares até mesmo do que os homens do Leste.

A polidez superior dos homens de Gondor fica evidenciada quando em um dos anexos do livro “O Senhor dos Anéis” se explica que Rohan era uma terra cedida por Gondor para os rorrihins. Isso é corroborado pela passagem no livro “O Senhor dos

⁴⁵⁰ Ver: Trecho 160, anexo capítulo 2.

⁴⁵¹ Ver: Trecho 161, anexo capítulo 2.

⁴⁵² Ver: Trecho 162, anexo capítulo 2.

Anéis - As Duas Torres”, em que Faramir fala de como os homens de Rohan aprenderam com os homens de Gondor (TOLKIEN, 2010 B, p. 248)⁴⁵³.

Essa passagem mostra o quanto os hábitos de Gondor, sua tradição, sua cultura, eram consideradas como superiores dentro da narrativa, mesmo em detrimento aos rorrihins, apresentados também como mais polidos e sofisticados, em detrimento a povos mais simples, como no caso dos povos do Condado e das proximidades de Bri.

Outra das falas do personagem Faramir exemplifica a ideia dos povos em estágios diferentes e, por conseguinte, também em estágios de polidez diversificados.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos, ou homens do oeste, que eram os númenorianos; e os Povos Médios, homens do Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros, os homens da Escuridão. (TOLKIEN, 2010 B, p. 249).

Essa fala apresenta a ideia de povos em três estágios, sendo que os númenorianos são apresentados como os mais evoluídos, em todos os sentidos.

Os elfos, por sua vez eram considerados como mais polidos, sobretudo os noldors e as sociedades ainda regidas por eles, que não haviam regressado para o antigo Oeste. Os elfos silvestres também eram considerados bastante polidos em seus hábitos, embora seja difícil identificar se dentro do contexto das obras de Tolkien se eles teriam hábitos mais polidos do que os dos homens de Gondor. O relato dos elfos da floresta negra, contido no livro “O Hobbit”, em contraste com os relatos de Minas Tirith, em “O Senhor dos Anéis”, dá a entender que os homens de Gondor seriam mais polidos do que esses elfos silvestres, que embora morem em um local bem organizado, são descritos como tendo moradias bastante simples (TOLKIEN, 2010 D, p. 163)⁴⁵⁴, se comparado a todo o luxo descrito em Minas Tirith (TOLKIEN, 2010 C, p. 12 – 14).

Essas diferenças de hábitos dentro do universo de Tolkien mostram carregar uma série de valores, pois quanto mais nobre é a sociedade ali descrita, o povo e seus dirigentes, mais ilustres se mostram os seus costumes, sendo aqueles mais nobres apresentados como mais polidos, enquanto os demais vão sendo descritos como menos polidos. Essa valorização da polidez, dos hábitos tidos como refinados se mostra como algo constante na obra de Tolkien, o que refletiria valores que eram caros a esse autor, como o de ter hábitos educados, em detrimento a se ter hábitos rudes.

⁴⁵³ Ver: Trecho 163, anexo capítulo 2.

⁴⁵⁴ Ver: Trecho 164, anexo capítulo 2.

Essas ideias sobre hábitos polidos e rudes remete-se-iam a muitas das teorias de superioridade racial e civilizacional europeia que circulavam no período de Tolkien e que tinha grande penetração naquela sociedade, sobretudo em meio aos círculos intelectuais, de forma que Tolkien estaria representando tais ideias, as quais ele mostra acreditar como uma verdade, como muitos outros intelectuais de seu tempo, que também acreditavam nessas perspectivas. A ideia de hábitos polidos e rudes é parte integrante da construção de alguns povos como superiores e outros como inferiores, trabalhando em conjunto com as teorias sobre civilizados, bárbaros e selvagens, bem também, como contribuindo para a ideia dos povos da Europa ocidental como mais avançados, o que, como se verá, é uma das bases do pensamento orientalista a qual essa pesquisa compreende estar presente na narrativa de Tolkien.

Trechos:

1

Oromë demorou-se um pouco entre os quendi, e então voltou veloz por terra e mar a Valinor, trazendo as notícias a Valmar; e falou das sombras que perturbavam Cuiviémen. Alegraram-se então os Valar, e, no entanto sentiam alguma dúvida em meio ao júbilo; e debateram muito qual seria a melhor decisão a tomar para proteger os quendi da sombra de Melkor. Oromë, porém, voltou de imediato a Terra-média para morar com os elfos. TOLKIEN, 2009 A, p. 31.

2

Assim começou a primeira batalha dos Valar com Melkor pelo domínio de Arda; e sobre esses tumultos, os elfos sabem pouquíssimo, pois o que foi aqui declarado teve origem nos próprios Valar, com quem os eldalië falavam na terra de Valinor e por quem foram instruídos; TOLKIEN, 2009 A, p. 11.

É Aulë que é chamado de Amigo-dos-noldor, pois com ele aprenderam muito nos tempos que viriam; e os noldor são os mais habilidosos dos elfos. E, a seu próprio modo, de acordo com os dons que Ilúvatar lhes concedeu, eles muito acrescentaram aos seus ensinamentos, apreciando línguas e textos, figuras bordadas, desenho e entalhe. Foram também os noldor os primeiros a aprender a criar pedras preciosas; e as mais belas de todas as gemas foram as Silmarils, que estão perdidas. TOLKIEN, 2009 A, p. 22.

Os teleri muito aprenderam com Ulmo, e por isso a música deles tem tanto tristeza quanto encantamento. TOLKIEN, 2009 A, p. 23.

3

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado. E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam, pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais consonantes e harmoniosos. TOLKIEN, 2009 A, p. 5.

4

Ora, foi para a água que aquele Ainu que os elfos chamam de Ulmo voltou seu pensamento, e de todos foi ele quem recebeu de Ilúvatar noções mais profundas de música. Já sobre os ares e os ventos, mais havia refletido Manwë, o mais nobre dos Ainur. Sobre a textura da Terra havia pensado Aulë, a quem Ilúvatar concedera talentos e conhecimentos pouco inferiores aos de Melkor; mas a alegria e o prazer de Aulë estão no ato de fazer e no resultado desse ato, não na posse nem em sua própria capacidade; motivo pelo qual ele dá, e não acumula, é livre de preocupações e sempre se interessa por alguma nova obra. TOLKIEN, 2009 A, p, 9.

5

E Fëanor crescia rapidamente, como se houvesse dentro dele um fogo secreto aceso. Era alto, belo de rosto e dominador; seus olhos tinham um brilho penetrante, e seus cabelos eram negros e lustrosos. Para atingir seus objetivos, era ávido e obstinado. Poucos chegaram a conseguir mudar sua atitude por meio de conselhos, ninguém pela força. De todos os noldor, daquela época ou de épocas posteriores, tomou-se ele o de raciocínio mais sutil e de mãos mais habilidosas. Na juventude, aperfeiçoando a obra de Rúmil, Fëanor criou as letras que levam seu nome, e que os eldar usam desde então; e foi ele o primeiro dos noldor a descobrir como fazer, com técnica, pedras preciosas maiores e mais brilhantes do que as da Terra. As primeiras pedras que Fëanor criou eram brancas e sem cor, mas, quando expostas à luz das estrelas, brilhavam com raios azuis e prateados mais luminosos do que Helluin. E outros cristais ele também fez, com os quais era possível enxergar coisas distantes, em tamanho pequeno mas com nitidez, como se fosse com os olhos das águias de Manwë. Raramente descansavam as mãos e a mente de Fëanor. TOLKIEN, 2009 A, p, 42.

6

E talvez Eru tenha posto em mim um fogo maior do que conheces. No mínimo vou infligir tal sofrimento ao Inimigo dos Valar, de tal modo que mesmo os poderosos no Círculo da Lei ficarão espantados em saber. Sim, no final, eles me seguirão. Adeus! TOLKIEN, 2009 A, p, 159 – 160.

7

É Aulë que é chamado de Amigo-dos-noldor, pois com ele aprenderam muito nos tempos que viriam; e os noldor são os mais habilidosos dos elfos. E, a seu próprio modo, de acordo com os dons que Ilúvatar lhes concedeu, eles muito acrescentaram aos seus ensinamentos, apreciando línguas e textos, figuras bordadas, desenho e entalhe. Foram também os noldor os primeiros a aprender a criar pedras preciosas; e as mais belas de todas as gemas foram as Silmarils, que estão perdidas. TOLKIEN, 2009 A, p, 22.

8

Já aos atani concederei um novo dom Ele, assim, determinou que os corações dos homens sempre buscassem algo fora do mundo e que nele não encontrassem descanso; mas que tivessem capacidade de moldar sua vida, em meio aos poderes e aos acasos do mundo, fora do alcance da Música dos Ainur, que é como que o destino de todas as outras coisas; e por meio de sua atuação tudo deveria, em forma e de fato, ser completado; e o mundo seria concluído até o último e mais ínfimo detalhe. Ilúvatar sabia, porém, que os homens, colocados em meio ao torvelinho dos poderes do mundo, se afastariam com frequência do caminho e não usariam seus dons em harmonia; ... Inclui-se, nesse dom de liberdade, que os filhos dos homens permaneçam vivos por um curto intervalo no mundo, não sendo presos a ele, e partam logo, para onde, os elfos não sabem. Ao passo que os elfos ficam até o final dos tempos, e seu amor pela Terra e por todo o mundo é mais exclusivo e intenso por esse motivo e, com o passar dos anos, cada vez mais cheio de tristezas. Pois os elfos não morrem enquanto o mundo não morrer, a menos que sejam assassinados ou que definhem de dor (e a essas duas mortes aparentes eles estão sujeitos); nem a idade reduz sua força, a menos que estejam fartos de dez mil séculos; e, ao morrer, eles são reunidos na morada de Mandos, em Valinor, de onde podem depois retornar. Já os filhos dos homens morrem de verdade, e deixam o mundo, motivo pelo qual são chamados Hóspedes ou Forasteiros. A morte é seu destino, o dom de Ilúvatar, que, com o passar do tempo, até os Poderes hão de invejar. Melkor, porém, lançou sua sombra sobre esse dom, confundindo-o com as trevas; e fez surgir o mal do bem; e o medo, da esperança. Outrora, no entanto, os Valar declararam aos elfos em Valinor que os homens juntarão suas

vozes ao coro na Segunda Música dos Ainur: embora Ilúvatar não tenha revelado suas intenções com relação aos elfos depois do fim do Mundo; e Melkor ainda não as tenha descoberto. TOLKIEN, 2009 A, p, 24 – 25.

9

Galadriel era a maior dos noldor, a não ser talvez por Fêanor, se bem que fosse mais sábia que ele, e sua sabedoria aumentava com os longos anos.

Seu nome materno era Nerwen (“donzela-homem”), e ela atingiu uma altura além da medida até mesmo das mulheres dos noldor; era forte de corpo, mente e vontade, rivalizando tanto com os sábios quanto com os atletas dos eldar nos dias da juventude destes. Era considerada bela mesmo entre os eldar, e seu cabelo era tido como maravilha sem par. Era dourado como o cabelo de seu pai e de sua ancestral Indis, porém mais rico e mais radiante, pois seu ouro continha alguma lembrança da prata estelar de sua mãe; e os eldar diziam que a luz das Duas Árvores, Laurelin e Telperion, havia sido apanhada em seus cachos.

Muitos pensavam que foi essa expressão que deu primeiro a Fêanor a idéia de aprisionar e misturar a luz das Árvores que mais tarde tomou forma em suas mãos como as Silmarils. Pois Fêanor contemplava o cabelo de Galadriel com maravilha e deleite. Três vezes implorou por um cacho, mas Galadriel não lhe deu nem mesmo um fio de cabelo. Esses dois parentes, os maiores dentre os eldar de Valinor, ficaram sendo inimigos para sempre. TOLKIEN, 2009 B, p. 230.

10

Galadriel e Celeborn tinham em sua companhia um artesão noldorin chamado Celebrimbor. ... Celebrimbor tinha “uma obsessão quase ‘de anão’ pelos ofícios”, e logo tornou-se artífice-mor de Eregion ... Celebrimbor, que em seu coração desejava se equiparar à habilidade e à fama de Fêanor. TOLKIEN, 2009 B, p. 236, 238.

Agora, Celebrimbor não estava corrompido no coração nem na fé. mas aceitara Sauron como aquilo que este fingia ser. Quando, por fim, descobriu a existência do Um Anel, revoltou-se contra Sauron, e foi a Lórinand para se aconselhar mais uma vez com Galadriel. Deveriam ter destruído todos os Anéis de Poder nessa ocasião, “mas não conseguiram reunir as forças”. Galadriel aconselhou-o a esconder os Três Anéis dos Elfos, a jamais usá-los e a dispersá-los, longe de Eregion, onde Sauron cria que estivessem. Foi então que de Celebrimbor ela recebeu Nenya, o Anel Branco, e pelo seu poder o reino de Lórinand foi fortificado e embelezado. ... Celebrimbor seguiu seu conselho para enviar o Anel do Ar e o Anel do Fogo para fora de Eregion; e confiou-os a Gil-galad em Lindon. TOLKIEN, 2009 B, p. 238 – 239.

11

— Esse é seu destino, segundo julgo — disse Celebrimbor. — Mas você sabe que a (apesar de você ter-se voltado para Celeborn das Árvores), e por esse amor farei o que puder, caso seu pesar possa ser mitigado por minha arte. — Mas não disse a Galadriel que ele mesmo viera de Gondolin muito tempo atrás e que fora amigo de Enderhil, embora seu amigo o superasse na maioria das atividades. No entanto, se Enderhil não tivesse existido, então Celebrimbor teria tido maior renome. Meditou, portanto, e iniciou um trabalho longo e delicado, e assim fez para Galadriel a maior de suas obras (a única exceção dos Três Anéis). E diz-se que a gema verde que fez era mais sutil e mais límpida que a de Enderhil, mas ainda assim sua luz tinha menor poder. Pois, enquanto a de Enderhil era iluminada pelo Sol em sua juventude, já se haviam passado muitos anos quando Celebrimbor começou seu trabalho, e em nenhum lugar da Terra-média a luz era tão clara como havia sido, pois, apesar de Morgoth ter sido expulso para o Nada e não poder entrar novamente, sua sombra longínqua pairava sobre ela. Ainda assim era radiante a Elessar de Celebrimbor; e ele a montou em um grande broche de prata, à semelhança de uma águia que se erguia com asas estendidas. Com o uso da Elessar, todas as coisas tornavam-se belas em torno de Galadriel, até a Sombra chegar à Floresta. Porém mais tarde, quando Nenya, o principal dos Três, lhe foi enviado por Celebrimbor, Galadriel (conforme pensava.) não mais precisava dela, e a deu a sua filha Celebrían. Foi assim que ela chegou a Arwen e a Aragorn, que foi chamado Elessar. TOLKIEN, 2009 B, p. 255.

12

A Elessar foi feita em Gondolin por Celebrimbor, e assim chegou a Idril e assim a Earendil. Mas essa desapareceu. Já a segunda Elessar foi também feita por Celebrimbor em Eregion, a pedido da Senhora

Galadriel (a quem ele amava), e não estava sujeita ao Um, pois fora feita antes que Sauron se reerguesse. TOLKIEN, 2009 B, p. 255.

13

Havia em Gondolin um palheiro chamado Enerdhil. o maior desse ofício entre os noldor após a morte de Fëanor. Enerdhil amava todas as coisas verdes que cresciam, e sua maior alegria era ver a luz do sol através das folhas das árvores. Veio-lhe ao coração a idéia de fazer uma jóia dentro da qual a luz límpida do sol estivesse aprisionada, mas a jóia deveria ser verde como as folhas. E fez esse objeto, e até mesmo os noldor se maravilhavam com ele. Pois diz-se que aqueles que olhavam através dessa pedra viam coisas que haviam murchado ou queimado novamente sãs, ou tais como eram na graça de sua juventude, e que as mãos de quem a segurasse levavam a cura dos ferimentos a todos que tocassem. TOLKIEN, 2009 B, p. 252.

14

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado. E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam, pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais consonantes e harmoniosos.

E aconteceu de Ilúvatar reunir todos os Ainur e lhes indicar um tema poderoso, desdobrando diante de seus olhos imagens ainda mais grandiosas e esplêndidas do que havia revelado até então; e a glória de seu início e o esplendor de seu final tanto abismaram os Ainur, que eles se curvaram diante de Ilúvatar e emudeceram.

Disse-lhes então Ilúvatar: - A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia.

E então as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras, começaram a dar forma ao tema de Ilúvatar, criando uma sinfonia magnífica; e surgiu um som de melodias em eterna mutação, entretecidas em harmonia, as quais, superando a audição, alcançaram as profundezas e as alturas; TOLKIEN, 2009 A, p. 5 – 6.

Então, falou Ilúvatar e disse: - Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso dentre eles é Melkor; mas, para que ele saiba, e saibam todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas melodias que vocês entoaram, irei mostrá-las para que vejam o que fizeram E tu, Melkor, verás que nenhum tema pode ser tocado sem ter em mim sua fonte mais remota, nem ninguém pode alterar a música contra a minha vontade. E aquele que tentar, provará não ser senão meu instrumento na invenção de coisas ainda mais fantásticas, que ele próprio nunca imaginou. TOLKIEN, 2009 A, p. 7.

Entretanto, quando eles entraram no Vazio, Ilúvatar lhes disse: - Contemplem sua Música! - E lhes mostrou uma visão, dando-lhes uma imagem onde antes havia somente o som E eles viram um novo Mundo tornar-se visível aos seus olhos; e ele formava um globo no meio do Vazio, e se mantinha ali, mas não pertencia ao Vazio, e enquanto contemplavam perplexos, esse Mundo começou a desenrolar sua história, e a eles parecia que o Mundo tinha vida e crescia. E, depois que os Ainur haviam olhado por algum tempo, calados, Ilúvatar voltou a dizer: - Contemplem sua Música! Este é seu repertório. Cada um de vocês encontrará aí, em meio à imagem que lhes apresento, tudo aquilo que pode parecer que ele próprio inventou ou acrescentou. E tu, Melkor, descobrirás todos os pensamentos secretos de tua mente e perceberás que eles são apenas uma parte do todo e subordinados à sua glória. TOLKIEN, 2009 A, p. 7.

E assim foi que, enquanto essa visão do Mundo lhes era apresentada, os Ainur viram que ela continha coisas que eles não haviam imaginado. E, com admiração, viram a chegada dos Filhos de Ilúvatar, e também a habitação que era preparada para eles. E perceberam que eles próprios, na elaboração de sua música, estavam ocupados na construção dessa morada, sem saber, no entanto, que ela tinha outro objetivo além da própria beleza. TOLKIEN, 2009 A, p. 8.

Houve então inquietação entre os Ainur; mas Ilúvatar os conclamou, e disse: - Conheço o desejo em suas mentes de que aquilo que viram venha na verdade a ser, não apenas no pensamento, mas como vocês são e, no entanto, diferente. Logo, eu digo: Eä! Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá; e aqueles de vocês que quiserem, poderão descer e entrar nele. - E, de repente, os Ainur viram ao longe uma luz, como se fosse uma nuvem com um coração vivo de chamas; e souberam que não era apenas uma visão, mas que Ilúvatar havia criado algo novo: Eä, o Mundo que É. TOLKIEN, 2009 A, p. 9.

Aconteceu, assim, de entre os Ainur alguns continuarem residindo com Ilúvatar fora dos limites do Mundo, mas outros, e entre eles muitos dos mais fortes e belos, despediram-se de Ilúvatar e desceram para nele entrar. No entanto, essa condição Ilúvatar impôs, ou talvez fosse consequência necessária de seu amor, que o poder deles a partir daí fosse contido no Mundo e a ele restrito, e nele permaneceria para sempre, até que ele se completasse, para que eles fossem a vida do mundo; e o mundo, a deles. E por esse motivo foram chamados de Valar, os Poderes do Mundo. TOLKIEN, 2009 A, p. 9 – 10.

15

Diz-se, porém, entre os eldar que os Valar sempre se esforçaram, apesar de Melkor, para governar a Terra e prepará-la para a chegada dos Primogênitos: e eles criaram terras, e Melkor as destruía; sulcavam vales, e Melkor os erguia; esculpiam montanhas, e Melkor as derrubava; abriam cavidades para os mares, e Melkor os fazia transbordar; e nada tinha paz ou se desenvolvia, pois mal os Valar começavam algum trabalho, Melkor o desfazia ou corrompia. E, no entanto, o trabalho deles não foi totalmente vão; e embora em tarefa ou em parte alguma sua vontade e determinação fossem perfeitamente cumpridas, e todas as coisas fossem em matiz e forma diferentes da intenção inicial dos Valar, apesar disso, lentamente, a Terra foi moldada e consolidada. TOLKIEN, 2009 A, p. 11.

16

partiram da Terra-média e foram para a Terra de Aman, a mais ocidental de todas, junto aos limites do mundo ... Por trás das muralhas das Pelóri, os Valar estabeleceram seu domínio na região chamada Valinor; e ali ficavam suas casas, seus jardins e suas torres. Nesse território seguro, os Valar acumularam enorme quantidade de luz e tudo de mais belo que fora salvo da destruição. E muitas outras coisas ainda mais formosas eles voltaram a criar; e Valinor tornou-se ainda mais bonita do que a Terra-média na Primavera de Arda. E Valinor foi abençoada, pois os Imortais ali moravam; e ali nada desbotava nem murchava; não havia mácula alguma em flor ou folha naquela terra; nem nenhuma decomposição ou enfermidade em coisa alguma que fosse viva; pois as próprias pedras e águas eram abençoadas. E quando Valinor estava pronta, e as mansões dos Valar, instaladas no meio da planície do outro lado das montanhas, eles construíram sua cidade, Valmar de muitos sinos. TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 21.

17

Com os Valar vieram outros espíritos cuja existência também começou antes do Mundo, e da mesma ordem dos Valar, mas de grau inferior. São os Maiar, o povo dos Valar, seus criados e auxiliares. TOLKIEN, 2009 A, p. 16.

18

Naquela época, os elfos e os homens eram semelhantes em estatura e força física, mas os elfos tinham mais sabedoria, habilidade e beleza; e aqueles que haviam morado em Valinor e contemplado os Poderes superavam os elfos-escuros nesses aspectos tanto quanto estes últimos suplantavam os mortais. TOLKIEN, 2009 A, p. 75.
TOLKIEN, 2009 A, p. 30 - 41.

Os eldar prepararam então uma enorme marcha partindo de sua primeira morada no leste, e se organizaram em três grandes grupos. O menor e primeiro a iniciar viagem era liderado por Ingwë, o senhor supremo de todos os elfos. Ele entrou em Valinor e está sentado aos pés dos Poderes, e todos os elfos reverenciam seu nome. Jamais, porém retornou nem voltou a lançar seu olhar sobre a Terra-média.

Os vanyar eram seu povo. São os belos-elfos, amados por Manwë e Varda, e entre os homens poucos falaram com eles. TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

19

Em seguida, vinham os noldor, um nome de sabedoria, o povo de Finwë. São os elfosprofundos, amigos de Aulë; e eles são celebrados em música por terem lutado e trabalhado penosamente e por muito tempo nas antigas terras do norte. TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

20

O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri, pois se demoraram no caminho e não estavam totalmente decididos a passar da penumbra para a luz de Valinor. Demonstravam enorme encantamento pela água, e aqueles que chegaram finalmente ao litoral do oeste ficaram apaixonados pelo mar. Passaram a ser, na terra de Aman, os elfos-do-mar, os falmari, pois criavam música ao lado das ondas da arrebentação. Dois senhores tinham eles, pois eram muito numerosos: Elwë Singollo (que significa manto-cinzeno) e Olwë, seu irmão. ... Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média, e esses eram em sua maioria do clã dos teleri, TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 34.

21

Aulë tem poder pouco inferior ao de Ulmo. Governa todas as substâncias das quais Arda é feita. ... Ele é ferreiro e mestre de todos os ofícios; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado São suas as pedras preciosas que jazem nas profundezas da Terra, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as muralhas das montanhas e as bacias dos oceanos. Os noldor foram os que mais aprenderam com ele, e ele sempre foi seu amigo. TOLKIEN, 2009 A, p. 13.

os noldor tinham a preferência de Aulë, e ele e seu povo costumavam andar entre eles. Enormes tornaram-se seu conhecimento e sua habilidade. Entretanto, ainda maior era sua sede de conhecimento; e, sob muitos aspectos, logo ultrapassaram seus mestres. Eram criativos na fala, pois tinham um amor imenso pelas palavras e sempre procuravam descobrir nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam. E aconteceu que os pedreiros da casa de Finwë, trabalhando nas montanhas em busca de pedra (pois adoravam construir altas torres), descobriram pela primeira vez as pedras preciosas e as apresentaram em miríades incontáveis. TOLKIEN, 2009 A, p. 39.

22

Contudo, os homens não têm habilidade para essas questões, e tinham ainda menos naquele tempo, antes de se misturarem aos elfos. Por isso, adoravam as águas, e seus corações se comoviam, mas não compreendiam suas mensagens. Mesmo assim, diz-se que antes que se passasse muito tempo eles encontraram elfos escuros em muitos lugares e com eles fizeram amizade. E os homens tornaram-se companheiros e discípulos, em sua infância, desse povo antigo, nômade da raça élfica, que nunca partiram para Valinor e conheciam os Valar somente como um rumor e um nome distante. TOLKIEN, 2009 A, p. 75.

23

Mesmo assim, diz-se que antes que se passasse muito tempo eles encontraram elfos escuros em muitos lugares e com eles fizeram amizade. E os homens tornaram-se companheiros e discípulos, em sua infância, desse povo antigo, nômade da raça élfica, que nunca partiram para Valinor e conheciam os Valar somente como um rumor e um nome distante. TOLKIEN, 2009 A, p. 75.

24

Ora, os homens acordaram e escutaram Felagund, que tocava harpa e cantava, e cada qual julgou estar tendo um sonho agradável, até perceber que seus companheiros também estavam acordados a seu lado. A beleza da música e o encanto dos versos eram tais, que ninguém falou nem se mexeu enquanto Felagund

tocava. Havia sabedoria nas palavras do Rei élfico, e os corações que o ouviam tornavam-se mais sábios. Pois os fatos sobre os quais cantava, a criação de Arda, a bem-aventurança de Aman para além das sombras do Mar, chegavam aos olhos dos homens como visões nítidas, e o idioma élfico era interpretado em cada mente de acordo com sua capacidade. TOLKIEN, 2009 A, p. 105.

Diz-se também que esses homens lidavam havia muito com os elfos-escuros a leste das montanhas e com eles aprenderam grande parte de sua fala. TOLKIEN, 2009 A, p. 105.

- Atrás de nós, ficam as trevas – dizia Bëor – e nós lhes demos as costas. Não desejamos voltar para lá, nem mesmo em pensamento. Nossos corações estão voltados para o oeste, e acreditamos que encontraremos a Luz. TOLKIEN, 2009 A, p. 105.

25

Mesmo assim, os edain de outrora aprenderam rapidamente com os eldar toda arte e todo conhecimento que puderam absorver, e seus filhos desenvolveram sabedoria e perícia, até suplantar de longe todos os outros seres humanos que ainda permaneciam a leste das montanhas e não haviam visto os eldar, nem contemplado os rostos que conheceram a Luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 112.

26

Na Grande Batalha, quando afinal Morgoth foi derrotado, e as Thangorodrim, destruídas, somente os edain das linhagens dos homens lutaram pelos Valar, ... Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do que a de quaisquer outros de raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. ... Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dunedain: os númenorianos, reis entre os homens. ... Assim, foi passando o tempo; e, enquanto a Terra-média entrava em decadência e iam desaparecendo a luz e a sabedoria, os dunedain viviam sob a proteção dos Valar, gozando da amizade dos eldar, e progrediam tanto física quanto mentalmente. Pois, por conseguinte tornaram-se sábios e ilustres ... Pois, embora esse povo ainda usasse seu próprio idioma, seus reis e senhores conheciam e também falavam a língua élfica, que haviam aprendido nos tempos de sua aliança; e assim mantinham conversas com os eldar, tanto de Eressëa quanto das regiões acidentais da Terra-média. E os eruditos entre eles aprenderam também o alto-eldarin do Reino Abençoado, idioma no qual grande volume de prosa e verso foi preservado desde o início do mundo. E eles criavam cartas, pergaminhos e livros, neles escrevendo muitos textos de sabedoria e fantasia no auge de seu reino TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 204.

27

Eram um remanescente dos Homens do Norte, que outrora haviam sido uma numerosa e potente confederação de povos que viviam nas amplas planícies entre a Floresta das Trevas e o Rio Corrente, grandes criadores de cavalos e cavaleiros renomados por sua habilidade e resistência, apesar de seus lares estabelecidos ficarem nas beiras da Floresta, e especialmente na Angra Leste, que fora produzida em sua maior parte pela derrubada de árvores.

Esses Homens do Norte eram descendentes da mesma raça de homens dos que na Primeira Era chegaram ao oeste da Terra-média e se tornaram os aliados dos eldar em suas guerras contra Morgoth. Portanto, eram parentes distantes dos dunedain ou númenorianos, e havia grande amizade entre eles e o povo de Gondor. TOLKIEN, 2009 A, p. 285.

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais. E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim. ... Esses são os rohirrim, como os chamamos, senhores dos cavalos, ... TOLKIEN, 2010 B, p. 248.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos, ou homens do oeste, que eram os númenorianos; e os Povos Médios, homens do Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros, os homens da Escuridão. TOLKIEN, 2010 B, p. 249.

Notícias desses fatos chegaram aos ouvidos de Sauron e aumentaram seu temor acerca da chegada dos númenorianos a Lindon e às costas mais ao sul, bem como de sua amizade com Gil-galad. E ele também ouviu falar de Aldarion, filho de Tar-Meneldur, Rei de Númenor, que agora se tornara um grande armador e aportava suas embarcações bem longe no Harad. TOLKIEN, 2009 B, p. 237.

E Sauron chamou a si enorme contingente de seus servos do leste e do sul; e entre eles não eram poucos os da alta estirpe de Númenor. Pois nos tempos da estada de Sauron naquela terra, os corações de praticamente todo o seu povo se voltaram para as trevas. Por isso, muitos dos que navegaram para o leste naquela época e construíram fortalezas e moradias no litoral já estavam subjugados à sua vontade, e ainda serviam a Sauron com prazer na Terra-média. No entanto, em virtude do poder de Gilgalad, esses renegados, senhores tão poderosos quanto perversos, em sua maioria fixaram residência nas terras meridionais mais distantes. Havia porém dois deles, Herumor e Fuinur, que se alçaram ao poder entre os haradrim, povo numeroso e cruel que habitava o vasto território ao sul de Mordor, para além das Fozes do Anduin. TOLKIEN, 2009 A, p. 228.

Outras praças fortificadas eles também construíram de cada lado: Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, a leste, sobre uma plataforma saliente das Montanhas Sombrias, como uma ameaça a Mordor; e a oeste, Minas Anor, a Torre do Sol Poente, aos pés do Monte Mindolluin, como um escudo contra os homens selvagens das várzeas. Em Minas Ithil, ficava a casa de Isildur; e em Minas Anor, a de Anárion; mas os dois dividiam o reino entre si, e seus tronos estavam um ao lado do outro no Grande Palácio em Osgiliath. Essas eram as principais moradas dos númenorianos em Gondor, mas outras construções fortes e maravilhosas eles realizaram na Terra nos tempos de seu poder, nas Argonath e em Aglarond, assim como no Erech. E no círculo de Angrenost, que os homens chamavam de Isengard, eles construíram o Pináculo de Orthanc, feito de pedra indestrutível. TOLKIEN, 2009 A, p. 227.

Mas, quando as invasões dos Carroceiros começaram e envolveram Gondor em guerras que duraram quase cem anos, os Homens do Norte suportaram o pior impacto dos primeiros ataques. TOLKIEN, 2009 B, p. 285.

Assim, foi só quando terminou o inverno do ano de 2509 que Cirion se deu conta da preparação de um grande movimento contra Gondor: hostes de homens estavam se concentrando em toda a margem meridional da Floresta das Trevas. Estavam apenas toscamente armados e não tinham grande número de cavalos de montaria, empregando estes principalmente para tiro, visto que tinham muitas grandes carroças, à semelhança dos Carroceiros (com quem sem dúvida eram aparentados) que haviam atacado Gondor nos últimos dias dos Reis. Mas o que lhes faltava em equipamentos bélicos era compensado pelo número de homens, conforme se podia estimar. TOLKIEN, 2009 B, p. 293.

Os Carroceiros eram um povo, ou uma confederação de muitos povos, que vinha do leste; eram mais fortes e estavam mais bem armados do que qualquer outro exército que aparecera antes. Viajavam em grandes carroças, e seus líderes lutavam em carruagens. TOLKIEN, 2009 B, p. 349.

Os Carroceiros haviam alistado uma grande hoste perto das margens meridionais do Mar interior de Rhûn, reforçada por homens dos seus parentes em Rhovanion e dos seus novos aliados em Khand. Quando tudo estava pronto, partiram para Gondor vindos do leste, movendo-se a toda a velocidade possível ... Assim ocorreu que a cabeça do exército de Gondor acabava apenas de alinhar-se com os Portões de Mordor (o Morannon) quando uma grande poeira, trazida por um vento do leste, anunciou a chegada da vanguarda inimiga. ... A primeira fúria da investida consumira-se, com muito menos perdas e maior sucesso que o inimigo esperara. A cavalaria e os carros retiraram-se então, pois a hoste principal dos Carroceiros se aproximava. ... O primeiro triunfo dos Carroceiros era agora o começo de sua derrocada. Ignorando os números e a disposição do exército defensor, haviam lançado sua primeira investida cedo demais, antes que a maior parte do exército inimigo tivesse saído da região estreita de Ithilien, e a carga de seus carros e sua cavalaria tivera um sucesso muito mais rápido e avassalador do que esperavam. Sua investida principal foi então demasiado retardada, e eles não puderam mais se valer plenamente de sua superioridade numérica, de acordo com a tática que pretendiam, pois estavam acostumados à guerra em terrenos abertos. ... Os Carroceiros avançaram de modo pouco ordenado, ainda exultantes e entoando canções de vitória, não vendo ainda sinais de nenhum defensor que se opusesse a eles, até descobrirem que a estrada que conduzia a Gondor se virava para o sul, entrando em uma estreita terra de árvores à sombra escura de Ephel Dúath, onde um exército podia marchar ou cavalgar em boa ordem apenas acompanhando uma grande estrada. Esta estendia-se diante deles através de um profundo corte. TOLKIEN, 2009 B, p. 288 – 290.

Ondoher estava totalmente despreparado para enfrentar uma carga de cavaleiros e carros em grande número. Com sua Guarda e seu estandarte, havia ocupado às pressas uma posição numa colina baixa, mas isso de nada lhe adiantou. ... Minohtar assumiu o comando. Era um homem ao mesmo tempo valente e experimentado na guerra. ... No tempo que lhe restava, Minohtar, erguendo seu próprio estandarte, reagrupou os homens restantes do Centro e aqueles do seu próprio comando que estavam por perto. Imediatamente enviou mensageiros a Adrahil de Dol Amroth, o Capitão da Ala Esquerda, ordenando-lhe que retirasse com toda a pressa possível tanto seus próprios comandados como aqueles, na retaguarda da Ala Direita, que ainda não haviam travado combate. Com essas forças, devia assumir uma posição defensiva entre Cair Andros (que estava guarnecida) e as montanhas de Ephel Dúath, onde o terreno era mais estreito em virtude da grande curva do Anduin para o leste, para cobrir pelo máximo tempo possível os acessos a Minas Tirith. O próprio Minohtar, para dar tempo a essa retirada, formaria uma retaguarda e tentaria deter o avanço da principal hoste dos Carroceiros. Adrahil devia imediatamente enviar mensageiros para encontrarem Earnil, caso conseguissem, e informá-lo do desastre do Morannon e da posição do exército do norte, em retirada.

Quando a hoste principal dos Carroceiros avançou para o ataque, passavam duas horas do meio-dia, e Minohtar havia recuado sua linha até a extremidade da grande Estrada do Norte de Ithilien, meia milha além do ponto onde ela se voltava para o leste, em direção das Torres de Vigia do Morannon. TOLKIEN, 2009 B, p. 288 – 289.

Eorl imediatamente convocou seu conselho dos Anciãos e começou a fazer preparativos para a grande cavalgada. Mas isso levou muitos dias, pois a hoste tinha de ser reunida e recrutada, e era necessário pensar no ordenamento do povo e na defesa da terra. Naquela época, os Éothéod estavam em paz e não temiam a guerra. Poderia ocorrer o contrário, porém, quando se tornasse conhecido que seu senhor partira a cavalo para uma batalha no sul longínquo. Não obstante, Eorl percebeu claramente que de nada valeria levar menos que o total de suas forças, e que teria de arriscar tudo ou recuar e quebrar sua promessa. TOLKIEN, 2009 B, p. 295.

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais. E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim. ... Esses são os rohirrim, como os chamamos, senhores dos

cavalos, ...

— De nossa tradição e maneiras aprenderam o que lhes agradou, e seus senhores falam nossa língua quando necessário; mas na maioria dos casos mantêm as maneiras de seus antepassados e suas próprias lembranças, e conversam entre si na sua língua do norte. E nós os amamos: homens altos e belas mulheres, valorosos na mesma medida, de cabelos dourados, olhos claros, e muita força; fazem-nos lembrar da juventude dos homens, como eram nos Dias Antigos. Na verdade, os nossos mestres na tradição afirmam que é antiga essa afinidade com eles, que descendem das mesmas Três Casas dos homens, que eram os numenorianos em seu princípio; talvez não de Hador — o dos Cabelos Dourados, o Amigo-dos-elfos, mas de algum dentre seus filhos e sua gente que não atravessaram o Mar rumo ao oeste, recusando o chamado.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos, ou homens do oeste, que eram os numenorianos; e os Povos Médios, homens do Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros, os homens da Escuridão. TOLKIEN, 2010 B, p. 248 – 249.

38

No ano dois mil quinhentos e dez da Terceira Era, um novo perigo ameaçou Gondor. Um grande exército de bárbaros do nordeste se espalhou em Rhovanion e, descendo das Terras Castanhas, atravessou o Anduin em jangadas. ... Os invasores assolaram Calenardhon, e Cirion, regente de Gondor, pediu a ajuda do norte; ... Eorl ... chegou à batalha do Campo de Celebrant ... Não havia mais esperanças quando, inesperadamente, os Cavaleiros surgiram do norte e investiram contra a retaguarda do inimigo. Então as chances da batalha se inverteram, e o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas. TOLKIEN, 2009 B, p. 370 – 371.

39

Em Enedwaith os remanescentes dos Terrapardenses viviam no leste, no sopé das Montanhas da Névoa; e um grupo bastante numeroso, mas bárbaro, de pescadores morava entre as fozes do Gwathló e do Angren (Isen). TOLKIEN, 2009 B, p. 265.

40

a inimizade dos terrapardenses “selvagens” parecia aos Regentes ter pouca importância. TOLKIEN, 2009 B, p. 362.

Toda Isengard deve estar vazia; Saruman armou os bárbaros das colinas e os pastores da Terra Parda, além do rio: estes também ele atçou contra nós. TOLKIEN, 2010 B, p. 110.

Ali estavam reunidos os orcs maiores, e os bárbaros das colinas da Terra Parda. TOLKIEN, 2010 B, p. 115.

41

"Dos reis da Terra dos Cavaleiros entre Eorl e Théoden fala-se muito em Helm Mão-de-Martelo. Era um homem austero, de grande força.

Havia naquele tempo um homem chamado Freca, que afirmava ser descendente do rei Fréawine, embora tivesse, afirmavam os homens, muito sangue da Terra Parda, e os cabelos escuros. ...

— Agora, terrapardense — disse o rei — você só tem de lidar com Helm, sozinho e desarmado. Mas você já disse muito, e é minha vez de falar. Freca, sua loucura cresceu com sua barriga. Você fala em um bastão! Se Helm não aprecia um bastão torto que lhe é jogado, ele o quebra. Assim! — Com essas palavras, deu um murro em Freca com tal força que ele caiu zozno para trás, e morreu logo em seguida. ...

Quatro anos mais tarde (2758), grandes problemas sobrevieram a Rohan, e nenhum auxílio pôde ser enviado de Gondor, pois três esquadras dos Corsários atacaram aquele reino e havia guerra ao longo de todo o litoral. Ao mesmo tempo, Rohan foi mais uma vez invadida pelo leste, e os homens da Terra Parda, percebendo sua oportunidade, atravessaram o Isen e desceram de Isengard. Ficou-se logo sabendo que Wulf era o seu líder. Formavam um grande exército, pois juntaram-se a ele os inimigos de Gondor que desembarcaram na foz do Lefnui e na do Isen.

Os rohirrim foram derrotados e sua terra foi assolada; os que não foram mortos ou escravizados

fugiram para os vales das montanhas. Helm foi expulso das Travessias do Isen com grandes perdas, refugiando-se no Forte da Trombeta e no precipício que ficava mais atrás (que depois ficou conhecido como Abismo de Helm). Ali ficou sitiado. Wulf tomou Edores e sentou-se em Meduseld, intitulando-se rei. Ali Haleth, filho de Helm, foi o último a morrer, defendendo as portas. TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 373.

42

E então finalmente afundaram na fenda; ali se erguia uma parede de pedra íngreme, e na parede a Porta Negra abria-se diante deles como se fosse a própria boca da noite. Sinais e figuras apareciam entalhados acima de seu amplo arco, ilegíveis de tão apagados, e o medo fluía dela como um vapor cinzento. TOLKIEN, 2010 C, p. 52.

diante dele havia uma porta de pedra hermeticamente fechada: ...

— Mantenham seus tesouros e segredos ocultos nos Anos Amaldiçoados! Só queremos rapidez. Deixem-nos passar, e depois venham! TOLKIEN, 2010 C, p. 53 – 54.

Cf. O Senhor dos Anéis, Apêndice F (Dos homens): “Estes [os habitantes da Terra Parda] eram remanescentes dos povos que haviam habitado os vales das Montanhas Brancas em épocas passadas. Os Mortos do Templo da Colina eram da sua estirpe. Mas nos Anos Escuros outros se haviam mudado para os vales meridionais das Montanhas Sombrias, e de lá alguns haviam migrado para as terras vazias ao norte, até as Colinas dos Túmulos. Deles descendiam os homens de Bri. mas havia muito tempo eles se tinham sujeitado ao Reino do Norte de Arnor, adotando a língua westron. Somente na Terra Parda os homens dessa raça se ativeram à sua antiga fala e costumes: um povo reservado, hostil aos dúnedain, que odiava os rohirrim”. TOLKIEN, 2009 B, p. 621 – 622.

43

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranqüilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. ... A terra se estendia por 120 milhas desde as Colinas Distantes até a Ponte do Brandevin, e por 150 milhas dos pântanos do norte até os charcos do sul. Os hobbits a chamaram de Condado, sendo a região de autoridade de seu Thain e um distrito de negócios bem-organizados; e ali, naquele canto agradável do mundo, exerceram sua bem organizada atividade de viver e prestavam cada vez menos atenção ao mundo de fora, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra na Terra-média e o direito de todas as pessoas sensatas. ... Todos os hobbits viviam originalmente em tocas no chão, ou assim acreditavam, e nesse tipo de moradia ainda se sentiam mais à vontade; mas com o passar do tempo foram obrigados a adotar outros tipos de habitação. Na verdade, no Condado da época de Bilbo, geralmente apenas os mais ricos e os mais pobres mantinham o antigo hábito. ... As casas e tocas dos hobbits do Condado eram sempre grandes, e habitadas por grandes famílias. ... Algumas vezes, como no caso de Túks de Grandes Smials, ou os Brandebiques da Sede do Brandevin, muitas gerações de parentes viviam em (relativa) paz, juntos numa mansão ancestral e de muitos túneis. Todos os hobbits, de qualquer modo tinham tendência a viver em clãs, e tratavam seus parentes com muita atenção e cuidado. TOLKIEN, 2010 A, p. 21 – 25.

44

Bri era a aldeia mais importante daquela região, que era pequena e pouco habitada, semelhante a uma ilha cercada por terras desertas. Além da própria aldeia de Bri, havia Estrado do outro lado da colina; Valão, num vale profundo um pouco mais a leste, e Archet, na beirada da Floresta Chet. Ao redor da colina de Bri e das aldeias, havia um pequeno campo de plantações e de matas exploradas, cuja largura era de apenas algumas milhas.

Os homens de Bri tinham cabelos castanhos, eram truncudos e baixos, alegres e independentes: ... Segundo suas próprias histórias, foram os habitantes originais e eram descendentes dos próprios homens que ocuparam o Oeste do mundo-médio. Poucos tinham sobrevivido aos tumultos dos Dias Antigos; mas quando os Reis retornaram de novo através do Grande Mar, ainda encontraram os homens de Bri no mesmo lugar, onde permaneciam até aquela época, em que a memória dos velhos Reis tinha desaparecido por completo. ... Mas, de qualquer modo, em Bri os hobbits eram decentes e prósperos, não sendo mais rústicos que a maioria de seus parentes distantes de Dentro. TOLKIEN, 2010 A, p. 236 – 238.

Sam o conduziu por vários corredores e desceram muitos degraus, chegando a um jardim alto sobre a margem íngreme do rio. Frodo encontrou os amigos sentados num alpendre, no lado da casa que dava para o Leste. Sombras já cobriam o vale lá embaixo, mas ainda havia luz nas encostas das montanhas acima.

O ar estava quente. O som da água correndo e caindo era alto, e a noite se enchia do aroma suave de árvores e flores, como se o verão ainda permanecesse nos jardins de Elrond. ...

O salão da casa de Elrond estava cheio de pessoas: elfos na maioria, embora houvesse alguns convidados diferentes. Elrond, como era de costume, sentou-se numa cadeira grande na cabeceira de uma mesa comprida sobre o tablado; perto dele, de um lado sentou-se Glorfindel, e do outro, Gandalf. ...

No meio da mesa, diante de tapeçarias tecidas penduradas na parede, havia uma cadeira sob um dossel ...

Finalmente o banquete chegou ao fim. Elrond e Arwen se levantaram e se afastaram pelo salão, e o grupo os seguiu na devida ordem. As portas foram abertas, e todos seguiram através de um corredor largo, passando por outras portas, chegando a um outro salão. Nesse lugar não havia mesas, mas uma fogueira bem acesa queimava numa grande lareira, em meio a dois pilares entalhados. ...

Quando Elrond entrava e se encaminhava para o lugar preparado para ele, os menestréis élficos começaram a executar uma música suave. TOLKIEN, 2010 A, p. 348 – 354.

Logo chegaram a um portão de madeira, alto e largo, atrás do qual podiam ver jardins e um agregado de construções baixas de madeira, algumas com tetos de palha e feitas de troncos irregulares: celeiros, estábulos, barracões e uma casa de madeira comprida e baixa. Lá dentro, no lado sul da grande sebe, havia fileiras e fileiras de colméias com topos de palha, em forma de sino. O ruído das abelhas gigantes voando de um lado para o outro, entrando e saindo, enchia o ar. ... Logo chegaram a um pátio, do qual três paredes eram formadas pela casa de madeira e seus dois compridos pavilhões laterais. No meio jazia um grande tronco de carvalho e, ao lado, vários galhos cortados. TOLKIEN, 2010 D, p. 116.

Não muito longe da foz do Rio da Floresta ficava a estranha cidade sobre a qual ouvira os elfos falando nas adegas do rei. Não fora construída na margem, embora houvesse algumas cabanas e edificações ali, mas exatamente sobre a superfície do lago, protegida da fúria do rio por um promontório rochoso que formava uma calma baía, uma grande ponte feita de madeira conduzia até onde fora construída, sobre enormes estacas feitas de troncos de árvores, uma agitada cidade de madeira, não uma cidade de elfos, mas de Homens, que ainda ousavam morar ali. TOLKIEN, 2010 D, p. 180.

Ocorreu, durante a segunda era de cativo de Melkor, que anões atravessaram as Montanhas Azuis de Ered Luin, entrando em Beleriand. A si mesmos davam o nome de khazâd, mas os sindar os chamavam de naugrim, o povo nanico, e gonohirring, mestres da pedra. Muito ao longe no leste, ficavam as habitações mais antigas dos naugrim, mas eles haviam escavado para si grandes palácios e mansões, segundo seu próprio estilo, na parte oriental das Ered Luin. E essas cidades tinham em seu próprio idioma os nomes de Gabilgathol e Tumunzahar. Ao norte da enorme elevação do Monte Dolmed ficava Gabilgathol, que os elfos traduziam em sua língua como Belegost, ou seja, Grão-Forte; e ao sul foi esculpida na rocha Tumunzahar, chamada pelos elfos de Nogrod, a Morada Oca. A maior de todas as mansões dos anões era Khazad-dûm, a Mina dos Anões, Hadhodond no idioma dos elfos, que mais tarde nos seus dias escuros foi chamada de Moria; TOLKIEN, 2009 A, p. 65.

Muito bem - disse Thorin. - Há muito tempo, na época de meu avô Thror, nossa família foi expulsa do extremo norte, e voltou com toda sua riqueza e ferramentas para a Montanha deste mapa. Ela fora descoberta pelo meu ancestral distante, Thrain, o Velho, mas na época de Thror eles exploraram minas e fizeram salões maiores e oficinas maiores também, e, além disso, acho que encontraram uma grande quantidade de ouro, além de muitas jóias. De qualquer modo, ficaram imensamente ricos e famosos, e meu

avô tornou-se Rei sob a Montanha novamente, e era tratado com grande reverência pelos homens mortais, que viviam no sul, e estavam se espalhando gradualmente ao longo do Rio Corrente até o vale que fica à sombra da Montanha. Naqueles dias, eles construíram a alegre cidade de Vale. Reis costumavam mandar buscar nossos artífices, e recompensavam muito bem até os menos habilidosos. Pais nos imploravam para aceitar seus filhos como aprendizes, e nos pagavam regimento, sobretudo com suprimentos de comida, que nunca nos preocupávamos em procurar ou cultivar para nosso uso. Esses foram dias felizes, e os mais pobres de nós tinham dinheiro para gastar e emprestar, e tempo para fazer coisas bonitas por puro prazer, sem falar dos brinquedos mais mágicos e maravilhosos, do tipo que não se encontra em lugar algum no mundo hoje em dia. Desse modo, os salões de meu avô ficaram cheios de armaduras e jóias, de esculturas e taças, e o mercado de brinquedos de Vale era a maravilha do norte. TOLKIEN, 2010 D, p. 29.

50

Os orcs eram muito rudes, e beliscavam sem dó, riam e gargalhavam com suas vozes horríveis e cruéis. ... Ora, os orcs são cruéis, malvados e perversos. Não fazem coisas bonitas, mas fazem muitas coisas engenhosas. Podem cavar túneis e minas tão bem quanto qualquer um, exceto os anões mais habilidosos, quando se dão ao trabalho, embora geralmente sejam desorganizados e sujos. Martelos, machados, espadas, punhais, picaretas, tenazes, além de instrumentos de tortura, eles fazem muito bem, ou mandam outras pessoas fazerem conforme o seu padrão, prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrer por falta de ar e luz. Não é improvável que tenham inventado algumas das máquinas que desde então perturbam o mundo, especialmente os instrumentos engenhosos para matar um grande número de pessoas de uma só vez, pois sempre gostaram muito de rodas e motores e explosões, como também de não trabalhar com as próprias mãos além do estritamente necessário; mas naqueles dias e naquelas regiões selvagens ainda não tinham avançado (como se diz) tanto. Não odiavam os anões de modo especial, não mais do que odiavam tudo e todo mundo, particularmente os ordeiros e prósperos; em algumas partes, anões malvados tinham até mesmo se aliado a eles. TOLKIEN, 2010 D, p. 65 – 67.

51

Como Gandalf esperava, o exército orc juntara-se atrás da vanguarda repelida, e agora derramava-se em ódio para dentro do vale, avançando impetuosamente entre os braços da Montanha, procurando o inimigo. Seus estandartes eram incontáveis, negros e vermelhos. E eles avançavam como uma onda furiosa e desordenada. TOLKIEN, 2010 D, p. 259.

52

De repente, um largo fecho de luz amarela fluiu brilhante de dentro de uma porta que se abria. Ali, à sua frente, estava a casa de Tom Bombadil, acima, abaixo, sob a colina. ... Os quatro hobbits atravessaram a ampla soleira de pedra e depois pararam, piscando. Estavam numa sala comprida e baixa, iluminada por lamparinas penduradas às vigas do teto; sobre a mesa de madeira escura e polida queimavam muitas velas, altas e amarelas, emitindo uma luz forte. ... Os hobbits, alegres, sentaram-se em cadeiras baixas de junco, enquanto Fruta d'Ouro se ocupava em pôr a mesa; ... Tom abriu a porta e eles o seguiram por um corredor curto que virava bruscamente. Chegaram a um quarto baixo, com teto inclinado (um puxado, ao que parecia, construído do lado norte da casa). As paredes eram de pedra lisa, mas na maior parte cobertas por cortinas e tapetes verdes e amarelos.

O chão também era de pedra, coberto com juncos verdes e novos. Havia quatro colchões macios, ao lado dos quais ficava uma pilha de cobertores brancos, colocados sobre o chão. Contra a parede oposta estava um banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns com água fria, outros com água fumegante. Ao lado de cada cama, chinelos fofos e verdes, prontos para serem usados. TOLKIEN, 2010 A, p. 195 – 200.

53

Legolas olhou adiante, protegendo os olhos dos raios quase horizontais do sol recém-nascido. — Vejo um rio branco que desce da neve — disse ele. — No ponto onde ele sai da sombra do vale, uma colina verde se ergue sobre o leste. Um fosso, uma poderosa muralha e uma cerca-viva de espinhos a contornam. Lá dentro se erguem os telhados de casas; e no meio, sobre uma plataforma verde, ergue-se imponente uma grande casa de homens. E parece aos meus olhos que o teto é de ouro. A luz dele brilha por sobre toda a região. Dourados, também, são os batentes das portas. Ali diviso homens vestidos em malhas metálicas

brilhantes; mas todos os outros dentro dos pátios ainda estão dormindo.

— Esses pátios são chamados Edoras — disse Gandalf — E Meduseld é aquele palácio dourado. Ali mora Théoden, filho de Thengel, Rei da Terra de Rohan. ...

Os portões escuros foram abertos. Os viajantes entraram, andando em fila atrás de seu guia. Encontraram uma trilha larga, pavimentada com pedras cortadas, que em certos trechos subia em rampa, e em outros por meio de curtos lances de degraus bem construídos. Passaram por muitas casas de madeira e muitas portas escuras. ...

Ali ficava uma alta plataforma, sobre um planalto verde, ao pé do qual um riacho cristalino jorrava de uma pedra esculpida na forma de uma cabeça de cavalo; embaixo via-se uma grande bacia, da qual a água extravasava, alimentando a correnteza que descia. Subindo o planalto verde havia uma escada de pedra, alta e larga, e em cada um dos lados do degrau mais alto estavam cadeiras esculpidas na pedra.

...

Os outros subiram a longa escada sob os olhos das altas sentinelas. Já no alto, permaneceram em silêncio, e não disseram uma palavra, até que Gandalf pisou no terraço pavimentado, na cabeceira da escada. ...

Os guardas então ergueram as pesadas barras das portas, que se abriram lentamente, resmungando em suas grandes dobradiças. Os viajantes entraram. O interior parecia escuro e quente, depois do ar claro sobre a colina.

O salão era comprido e largo, e cheio de sombras e meias-luzes; pilares poderosos sustentavam o teto alto. Mas em alguns pontos a luz do sol caía em raios bruxuleantes das janelas orientais, altas sob os profundos beirais. Através das gelosias do teto, sobre os fios tênues de fumaça que subiam, o céu se mostrava claro e azul. Conforme desviaram os olhos, os viajantes perceberam que o chão era pavimentado com pedras de várias tonalidades; runas trabalhadas e estranhos objetos se entrelaçavam sob seus pés. Viram nesse momento que os pilares eram ricamente entalhados, reluzindo veladamente em ouro e cores meio imperceptíveis. Muitas estampas tecidas pendiam das paredes, e sobre seus amplos espaços marchavam figuras de lendas antigas, algumas apagadas pelos anos algumas escurecidas pela sombra. Mas sobre uma das formas a luz do sol batia: um jovem sobre um cavalo branco. Tocava uma grande corneta, e seus cabelos dourados esvoaçavam ao vento. A cabeça do cavalo estava erguida, e as narinas se abriam vermelhas enquanto relinchava, sentindo o cheiro da batalha à sua frente. Águas espumantes, brancas e verdes, corriam e se encrespavam aos seus joelhos. ...

Na outra extremidade da casa, além da lareira e virado para o norte na direção das portas, estava um estrado com três degraus; no meio do estrado havia uma grande cadeira dourada. TOLKIEN, 2010 B, p. 90 – 96.

54

Ali divisos homens vestidos em malhas metálicas brilhantes; mas todos os outros dentro dos pátios ainda estão dormindo. TOLKIEN, 2010 B, p.91.

Ali estavam sentados muitos homens em malhas reluzentes, que logo saltaram de pé e bloquearam o caminho com lanças. TOLKIEN, 2010 B, p. 92.

Subindo o planalto verde havia uma escada de pedra, alta e larga, e em cada um os lados do degrau mais alto estavam cadeiras esculpidas na pedra. Ali estavam sentados outros guardas, com espadas depositadas sobre os joelhos. TOLKIEN, 2010 B, p. 93.

55

Encontraram uma trilha larga, pavimentada com pedras cortadas, que em certos trechos subia em rampa, e em outros por meio de curtos lances de degraus bem construídos. Passaram por muitas casas de madeira e muitas portas escuras. TOLKIEN, 2010 B, p. 93.

56

Marechal da Terra dos Cavaleiros era o mais alto posto militar, e o título dos lugar-tenentes do Rei (originalmente três), comandantes das tropas reais de Cavaleiros totalmente equipados e treinados. TOLKIEN, 2009 B, p. 356.

O Rei, caindo em decrepitude e raramente deixando sua casa, adquiriu o hábito de expedir ordens a Háma, Capitão de sua Casa, a Elfhelm, e até mesmo aos Marechais da Terra dos Cavaleiros, através da boca de Gríma Língua de Cobra. TOLKIEN, 2010 B, p. 356 – 357.

Em tempos de guerra ou distúrbios, cada Marechal da Terra dos Cavaleiros tinha sob suas ordens imediatas, como parte de sua “casa” (isto é, aquartelado em armas em sua residência), um éóer preparado para combate, que em caso de emergência podia usar a seu próprio critério. TOLKIEN, 2010 B, p. 357.

Após a cura de Théoden por Gandalf, a situação mudou. O Rei voltou a assumir o comando pessoalmente. Éómer foi reempossado e tornou-se virtualmente Primeiro Marechal, pronto a tomar o comando caso o Rei tombasse ou sua força falhasse. TOLKIEN, 2010 B, p. 357.

57

Com essas palavras, eles partiram. Muito velozes eram os cavalos de Rohan. Quando Gimli, depois de um tempo, olhou para trás, o grupo de Éómer já estava pequeno e distante. TOLKIEN, 2010 B, p. 29

O Rei então escolheu homens que não estavam feridos e tinham cavalos velozes, e os enviou na frente com notícias da vitória para todos os vales da Terra dos Cavaleiros; levaram também uma convocação sua, ordenando que todos os homens, jovens e velhos, fossem depressa a Edoras. Ali o Senhor dos Cavaleiros reuniria uma assembléia de todos os que pudessem portar armas, no segundo dia depois da lua cheia. TOLKIEN, 2010 B, p. 125

— Mas ele sabe que somos um povo que luta de preferência montado em cavalos e em espaços abertos, e também sabe que somos um povo disperso, e precisamos de tempo para reunirmos nossos Cavaleiros. TOLKIEN, 2010 C, p. 66

58

Ouviram-se trombetas impudentes. O inimigo avançava como um a onda, uns contra a Muralha do Abismo, outros na direção do passadiço e da rampa que conduzia aos portões do Forte da Trombeta. Ali estavam reunidos os orcs maiores, e os bárbaros das colinas da Terra Parda. Hesitaram por um momento e depois continuaram avançando. TOLKIEN, 2010 B, p. 115.

59

As trombetas soaram. Os cavalos empinaram e relincharam. Lanças batiam nos escudos, então o rei levantou a mão, e numa velocidade semelhante ao início de um grande vendaval o último exército de Rohan cavalgou, retumbando em direção ao oeste. TOLKIEN, 2010 B, p. 108.

60

Ainda a algumas milhas dali, no lado oposto do Vale do Folde Ocidental, ficava uma garganta verde, uma grande reentrância no meio das montanhas, que se transformava num precipício entre elas. Os homens daquela região deram-lhe o nome de Abismo de Helm, em homenagem a um herói de antigas guerras que se refugiara ali. TOLKIEN, 2010 B, p. 110 – 111.

Nele reviveu o valor de Helm, o Mão-de-Martelo. Mas não podemos esperá-lo aqui. TOLKIEN, 2010 B, p. 113.

61

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as vozes deles?

— Eu estou ouvindo — disse Éómer —, mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos.

— Mas há muitos que gritam na língua da Terra Parda — disse Gamling.

— Conheço essa língua. É um dialeto antigo dos homens, que já foi falado em vários vales a oeste da Terra dos Cavaleiros. Escutem! Eles nos odeiam, e estão felizes, pois parecem ter certeza do nosso fim. “O rei, o rei!”, gritam eles. “Vamos capturar o rei deles. Morte aos Forgoil! Morte aos Cabeças de Palha! Morte aos ladrões do norte!” São esses nomes que usam para nós. Nem em quinhentos anos esqueceram a mágoa que sentiram quando os senhores de Gondor deram a Terra dos Cavaleiros a Eorl, o Jovem, e fizeram com ele uma aliança. Saruman instigou esse antigo ódio. São um povo feroz quando provocado. Não vão ceder agora diante do crepúsculo ou da aurora, até que consigam capturar Théoden, ou até que eles mesmos sejam mortos. TOLKIEN, 2010 B, p. 118 – 119.

62

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as vozes deles? TOLKIEN, 2010 B, p. 118.

— Eu estou ouvindo — disse Éomer —, mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos. TOLKIEN, 2010 B, p. 118.

O inimigo avançava como um a onda, uns contra a Muralha do Abismo, outros na direção do passadiço e da rampa que conduzia aos portões do Forte da Trombeta. Ali estavam reunidos os orcs maiores, e os bárbaros das colinas da Terra Parda. Hesitaram por um momento e depois continuaram avançando. TOLKIEN, 2010 B, p. 115.

63

Sabe-se o tamanho da tropa que vem do norte?

— É muito grande — disse o batedor. — Quem está fugindo vê inimigos em dobro, mas eu falei com homens de muita coragem, e não duvido que a força principal do inimigo seja muitas vezes maior do que toda a que temos aqui. TOLKIEN, 2010 B, p. 112

Rapidamente, Éomer deixou seus homens a postos. O rei e os homens de sua casa estavam no Forte da Trombeta, e também havia vários homens do Folde Ocidental. Mas na Muralha do Abismo e na torre, e atrás dela, Éomer reuniu a maioria de sua força, pois ali a defesa parecia mais duvidosa, se o ataque fosse determinado e violento. TOLKIEN, 2010 B, p. 113.

64

E com esse grito surgiu o rei. Seu cavalo branco como a neve, dourado seu escudo, longa sua lança. À sua direita estava Aragorn, herdeiro de Elendil, atrás cavalgavam os senhores da Casa de Eorl, o Jovem. A luz irrompeu no céu. A noite partira.

— Avante Eorlingas! — Com um grito e muito barulho eles avançaram.

Desceram os portões num bramido, atravessaram o passadiço e passaram por entre as tropas de Isengard como o vento se infiltra na relva. Atrás deles, do Abismo, vieram os gritos firmes de homens saindo das cavernas, avançando na direção do inimigo.

Apareceram todos os homens que restavam sobre o Rochedo. E continuamente o som de trombetas ecoava nas colinas. TOLKIEN, 2010 B, p. 122.

O Cavaleiro Branco avançava contra eles, e o terror de sua chegada alucinava o inimigo. Os bárbaros se jogaram ao chão diante dele. Os orcs cambaleavam e gritavam, jogando fora espadas e lanças. Como uma nuvem preta acoçada por um vento forte eles fugiram. Passaram gemendo sob a sombra das árvores que os esperava; e daquela sombra nenhum deles saiu de novo. TOLKIEN, 2010 B, p. 123.

Não sobrara nenhum orc vivo; seus corpos não foram contados. Mas muitos homens das montanhas tinham se rendido; estavam com medo e imploravam clemência. TOLKIEN, 2010 B, p. 126.

65

Assim o Rei da Terra dos Cavaleiros retornou vitorioso do oeste para o Templo da Colina, sob os pés das

Montanhas Brancas. Ali encontrou já reunida a força que restava de seu povo, pois logo que ficaram sabendo da chegada os capitães cavalgaram ao seu encontro no vau, trazendo mensagens de Gandalf. Dúnhere, chefe do povo do Vale Harg, vinha á frente.

— Três dias atrás, ao amanhecer, senhor— disse ele —, Scadufax chegou a Edoras na velocidade do vento, vindo do oeste; Gandalf trouxe notícias de sua vitória para alegrar nossos corações. Mas também trouxe mensagens suas para que apressássemos a reunião dos Cavaleiros. TOLKIEN, 2010 C, p. 59.

66

Os principais obstáculos a uma conquista fácil de Rohan por Saruman eram Théodred e Éomer: homens vigorosos, devotados ao Rei e detentores de seu alto afeto, como seu filho único e filho de sua irmã. Fizeram tudo o que puderam para frustrar a influência que Gríma obteve sobre o Rei quando a saúde deste começou a se deteriorar. Isso ocorreu no início do ano de 3014, quando Théoden estava com 66 anos de idade. Seu mal pode portanto ter decorrido de causas naturais, embora os rohirrim normalmente vivessem até perto dos oitenta anos ou ainda mais. Mas pode muito bem ter sido induzido ou agravado por venenos sutis administrados por Gríma. Seja como for, o sentido que Théoden tinha de debilidade e dependência de Gríma derivava mormente da esperteza e habilidade das sugestões desse conselheiro malévolo. Era sua política desacreditar seus principais oponentes diante de Théoden, e livrar-se deles, se possível. Demonstrou ser impossível criar rivalidade entre eles: Théoden, antes de sua “doença”, fora muito amado por toda a sua família e seu povo, e a lealdade de Théodred e Éomer permaneceu firme, mesmo na sua aparente senilidade. Tampouco era Éomer um homem ambicioso, e seu amor e respeito por Théodred (treze anos mais velho que ele) só ficava atrás de seu amor pelo pai de criação. Portanto, Gríma tentou jogá-los um contra o outro na mente de Théoden, mostrando Éomer como sempre ávido por aumentar sua própria autoridade e por agir sem consultar o Rei nem seu Herdeiro. Nisso teve algum sucesso, que deu frutos quando Saruman finalmente conseguiu obter a morte de Théodred. TOLKIEN, 2009 B, p. 346.

67

— Não, Éomer, você não está entendendo completamente os pensamentos do Mestre Língua de Cobra — disse Gandalf, voltando o olhar agudo para este último. — Ele é bravo e astuto. Agora mesmo está fazendo um jogo com o perigo e ganhou uma jogada. Já desperdiçou horas de meu precioso tempo. Ao chão, cobra! — disse ele de repente com uma voz terrível. — De barriga no chão! Quanto tempo faz que Saruman o comprou? Qual foi o preço prometido? Quando todos os homens estivessem mortos, você teria uma parte no tesouro, e levaria a mulher que deseja? Há muito tempo você a tem observado com seus olhos oblíquos e perseguido seus passos. TOLKIEN, 2010 B, p. 103.

— Você ouviu isso, Língua de Cobra? — disse Théoden. — A escolha é sua: cavalgar comigo para a guerra, e nos deixar comprovar na batalha a sua sinceridade, ou partir agora, para onde quiser. Mas se for assim, se nos encontrarmos novamente, não terei pena.

Lentamente, Língua de Cobra se levantou. Olhou para eles com os olhos semicerrados.

Por último olhou para o rosto de Théoden e abriu a boca, como se fosse falar alguma coisa. Então de repente se aprumou. As mãos se agitavam, os olhos faiscavam.

Havia tanta malícia neles que os homens recuaram.

Mostrou os dentes; e depois, com uma respiração chiada, cuspiu aos pés do rei, e, lançando-se para um lado, fugiu descendo a escada. TOLKIEN, 2010 B, p. 104.

68

No entanto, apesar de todo o seu ódio os terrapardenses ainda temiam os rohirrim quando os encontravam face a face, além de serem menos hábeis no combate e menos bem armados. TOLKIEN, 2009 B, p. 353.

Quando Théodred alcançou os Vaus, o dia estava terminando. Pôs Grimbold no comando da guarnição da margem oeste, reforçada com cinquenta Cavaleiros a pé. O resto de seus Cavaleiros e todos os cavalos foram imediatamente mandados ao lado oposto do rio, exceto sua própria companhia: com estes, a pé, guarneceu a ilhota para cobrir a retirada de Grimbold. caso fosse rechaçado. TOLKIEN, 2009 B, p. 348.

Desvencilhou-se com a chegada das companhias que vinham por trás dele; mas, quando olhou em direção ao leste, ficou consternado. A manhã havia sido turva e nevoenta, mas as brumas se afastavam através do desfiladeiro, levadas por uma brisa do oeste, e longe, a leste do rio, ele divisou outras forças que agora se apressavam na direção dos vaus, se bem que não se podia adivinhar sua grandeza. Ordenou uma retirada imediata. Esta foi realizada em boa ordem e com poucas perdas adicionais pelos Cavaleiros, bem treinados na manobra: mas não se livraram do inimigo nem se afastaram muito dele, pois a retirada sofreu muitos atrasos, quando a retaguarda sob o comando de Grimbold foi obrigada a encarar os perseguidores e rechazar os mais agressivos. TOLKIEN, 2009 B, p. 348.

a força de Saruman era demasiadamente grande. Iniciou seu ataque durante o dia, e antes do meio-dia de 2 de março uma forte tropa de seus melhores combatentes, descendo a Estrada de Isengard, atacou os fortes a oeste dos Vaus. ... Mas a guarnição dos Vaus, embora em número muito menor, resistiu com obstinação. ... Grimbold foi obrigado a se retirar para o lado oposto do Isen. Já era quase a hora do pôr-do-sol. Ele sofrera grandes perdas, mas infligira perdas muito mais pesadas ao inimigo (principalmente orcs), e ainda dominava a margem leste. TOLKIEN, 2009 B, p. 352.

70

Por fim, Grimbold guarneceu a extremidade oeste dos Vaus com a maior parte de seus soldados de infantaria; ali estavam em posição vantajosa nos fortes de terra que guardavam os acessos. TOLKIEN, 2009 B, p. 352.

Não conseguiria manter a margem leste, e retirou-se dela, formando uma grande muralha de escudos em torno de seu acampamento. ... Mas a muralha de escudos agüentava. TOLKIEN, 2009 B, p. 353.

71

Por fim, porém, quando ambos os fortes estavam em franco combate, uma tropa de uruks forçou passagem entre eles e começou a atravessar os Vaus. Grimbold, confiando em que Elfhelm deteria o ataque do lado leste, cruzou com todos os homens que lhe restavam e os rechacou — por algum tempo. Mas então o comandante inimigo lançou mão de um batalhão que não estivera comprometido e rompeu as defesas. Grimbold foi obrigado a se retirar para o lado oposto do Isen. TOLKIEN, 2009 B, p. 352.

72

Vinham a grande velocidade, e de repente pareceu que toda a hoste irrompeu em chamas. Centenas de tochas foram acesas com aquelas levadas pelos líderes das tropas, e, reunindo ao seu fluxo as forças que já guarneciam a margem oeste, precipitaram-se por sobre os Vaus como um rio de fogo, com grande clamor de ódio. ... Logo este estava cercado, e os atacantes jogavam tochas entre eles, e lançavam algumas por sobre o topo da muralha de escudos, esperando atear fogo entre as provisões e aterrorizar os cavalos que Grimbold ainda possuía. TOLKIEN, 2009 B, p. 353.

73

Assim que o inimigo se apossou da extremidade leste dos Vaus, surgiu uma companhia de homens ou homens-orcs (evidentemente despachados com esse fim), ferozes, trajando cotas de malha e armados com machados. TOLKIEN, 2009 B, p. 348.

No entanto, apesar de todo o seu ódio os terrapardenses ainda temiam os rohirrim quando os encontravam face a face, além de serem menos hábeis no combate e menos bem armados. TOLKIEN, 2009 B, p. 353.

74

— Não, não — disse Elfhelm. — O inimigo está na estrada, não nas colinas. Você está ouvindo os woses, os homens selvagens da Floresta: essa é a sua maneira de conversarem a distância. Eles ainda habitam a Floresta Drúadan, pelo que se comenta. São remanescentes de um tempo mais antigo, vivendo escondidos e em pequeno número, selvagens e cautelosos como os animais. Eles não vão para a guerra

com Gondor e a Terra dos Cavaleiros, mas agora estão preocupados com a escuridão e a chegada dos orcs: receiam que os Anos Escuros estejam retornando, o que parece suficientemente provável. Fiquemos agradecidos por não estarem nos caçando: pois eles usam flechas envenenadas, pelo que se diz, e têm habilidades incomparáveis nas florestas. Mas ofereceram seus serviços a Théoden. TOLKIEN, 2010 C, p. 103.

Sentados ali estavam Théoden e Éomer e diante deles, no chão, uma figura estranha de homem, atarracado, nodoso feito uma rocha velha, e os fios de sua barba rala se espalhavam no queixo encarado como musgo seco. Tinha as pernas curtas, os braços gordos, era truncado e roliço, vestido apenas com palha ao redor da cintura. TOLKIEN, 2010 C, p. 104.

75

então o homem selvagem começou a falar, aparentemente respondendo a alguma pergunta. Sua voz era grave e gutural; apesar disso, para a surpresa de Merry, ele falava a Língua Geral, mas de uma maneira pausada, e palavras rudes se misturavam com ela. TOLKIEN, 2010 C, p. 104.

Os capitães vieram e então, saindo das árvores, outras figuras púkel se aproximaram, tão semelhantes ao velho Ghân que Merry mal conseguia distingui-los. Falaram com Ghân numa estranha língua gutural. TOLKIEN, 2010 C, p. 107.

76

— Não, pai dos Cavaleiros — disse ele. — Nós não lutar. Só caçar. Mata gorgún na floresta, odeia os orcs. Vocês também odeia gorgún. Nós ajudar como pode. Homens selvagens ter olhos compridos e orelhas compridas; conhecer todas as trilhas. Homens selvagens viver aqui antes das Casas de Pedra; antes dos homens altos vir da Água. TOLKIEN, 2009 B, p. 104.

— Como você pode saber disso? — perguntou Éomer. O rosto achatado do velho e seus olhos escuros não demonstraram nada, mas sua voz ficou perturbada, contrariada. — Homens selvagens ser selvagens, livres, mas não ser crianças — respondeu ele. — Sou um grande líder, Ghân-buri-Ghân. TOLKIEN, 2010 C, p. 104.

— Deixe Ghân-buri-Ghân terminar! — disse o homem selvagem.

— Ele conhecer mais de uma estrada. Vai levar vocês pela estrada que não tem poço nem gorgún, só homens selvagens e bichos. Muitas trilhas feitas quando o povo das Casas de Pedra era mais forte. Cortaram colinas como os caçadores cortam carne de bicho. Homens selvagens acha que eles come pedra. Eles ir para Rinimon, passando por Drúadan com grandes carroças. Agora ninguém passar mais ali. Estrada esquecida, mas não por homens selvagens. Sobre colina e atrás de colina ela fica ainda debaixo de capim e árvore, lá atrás de Rimmon e descendo para o Din, e no fim volta para a estrada dos Cavaleiros. Homens selvagens mostrar para vocês a estrada. Então vocês matar gorgún, e expulsar a escuridão má com ferro brilhante, e homens selvagens poder voltar para dormir na floresta selvagem. TOLKIEN, 2010 C, p. 105.

— Homens mortos não ser amigos dos homens vivos, e não dar presentes para eles — disse o homem selvagem. — Mas, se Cavaleiros viver depois da Escuridão, então Cavaleiros deixar homens selvagens em paz na floresta e nunca mais caçar eles como bichos. Ghân-buri-Ghân não levar vocês para armadilha. Ele mesmo vai junto com o pai dos Cavaleiros, e, se levar vocês para o lugar errado, vocês mata ele. TOLKIEN, 2010 C, p. 105.

— Homens selvagens andar rápido a pé — disse Ghân. —A trilha é larga para quatro cavalos no Vale das Carroças de Pedra. — Apontou para o sul. — Mas é estreita no começo e no fim. Homem selvagem andar daqui até o Din entre o nascer do sol e o meio-dia. TOLKIEN, 2010 C, p. 106.

— Está tudo escuro, mas não é tudo noite — disse Ghân. — Quando o sol aparece homens selvagens sentir, mesmo quando está escondido. Ele já está subindo sobre as montanhas do leste. O dia começar nos campos do céu. TOLKIEN, 2010 C, p. 106.

— Não adianta mandar Cavaleiros — disse ele. — Homens selvagens já viu tudo o que pode se

ver no ar ruim. Logo chegam aqui para conversar comigo. TOLKIEN, 2010 C, p. 107.

De repente, Ghân voltou-se para o rei. — Homens selvagens dizer muita coisa — disse ele. TOLKIEN, 2010 C, p. 107.

— Matar gorgún! Matar os orcs! Nenhuma outra palavra agrada aos homens selvagens — respondeu Ghân. — Expulsar ar ruim e escuridão com ferro brilhante! TOLKIEN, 2010 C, p. 108.

77

Ghân-buri-Ghán se agachou no chão e tocou a terra com a testa ossuda em sinal de despedida. Então levantou-se, como se fosse partir. Mas de repente parou, olhando para cima como um animal assustado da floresta que fareja algo diferente no ar. Seus olhos se iluminaram. TOLKIEN, 2010 C, p. 108.

78

Tinham urna maravilhosa habilidade para seguir a pista de todas as criaturas viventes e ensinavam aos amigos o que pudessem de seu ofício: mas seus pupilos não os igualavam, pois os drúedain usavam o faro como cães, só que também tinham a visão aguçada. Gabavam-se de ser capazes de farejar um orc a favor do vento mais longe do que outros homens os conseguiam ver, e podiam seguir seu rastro por semanas, exceto através da água corrente. TOLKIEN, 2009 B, p. 367.

79

O Povo de Haleth chamava-os pelo nome drûg, que era uma palavra de sua própria língua. Aos olhos dos elfos e dos outros homens tinham aspecto desgracioso: eram atarracados (com cerca de quatro pés de altura), mas muito espadaúdos, com nádegas pesadas e pernas curtas e grossas. Seus rostos largos tinham olhos profundos com sobrelhas espessas e nariz chatos, e não apresentavam pêlos abaixo das sobrelhas, exceto no caso de alguns homens (que se orgulhavam da distinção), que tinham um pequeno tufo de pêlos negros no meio do queixo. Suas feições eram em geral impassíveis, sendo a boca larga o que mais se movia; e o movimento de seus olhos alertas só podia ser observado de perto, pois eram tão negros que as pupilas não podiam ser distinguidas, mas na ira tinham um fulgor vermelho. A voz era grave e gutural, mas seu riso era uma surpresa: era cheio e retumbante, e fazia com que todos que o ouvissem, elfos ou homens, rissem também por seu puro regozijo sem contaminação de zombaria ou maldade. Na paz, freqüentemente riam enquanto trabalhavam ou brincavam, quando outros homens talvez cantassem. Mas podiam ser inimigos inexoráveis. E sua ira rubra, uma vez inflamada, esfriava devagar, apesar de não demonstrar sinal, exceto a luz em seus olhos; pois lutavam em silêncio e não exultavam na vitória, nem mesmo contra os orcs, as únicas criaturas pelas quais tinham ódio implacável. TOLKIEN, 2009 B, p. 366.

80

Não tinham vida longa e sempre foram poucos, tendo suas perdas sido pesadas na contenda com os orcs, que retribuía seu ódio e se deleitavam em capturá-los e torturá-los. Quando as vitórias de Morgoth destruíram todos os reinos e baluartes dos elfos e dos homens em Beleriand, diz-se que haviam minguado, restando apenas algumas famílias, mormente de mulheres e crianças, algumas das quais foram ter com os últimos refugiados nas Fozes do Sirion. TOLKIEN, 2009 B, p. 366.

Também faziam imagens de si próprios e as colocavam nas entradas de trilhas ou nas curvas de caminhos da floresta. Chamavam-nas de “pedras de vigia”. TOLKIEN, 2009 B, p. 367.

Mas em Rohan a identidade das estátuas do Templo da Colina, chamadas de “Homens-Púkel”, com os “homens selvagens” da Floresta de Drúadan não era reconhecida, TOLKIEN, 2009 B, p. 373.

81

— Homens mortos não ser amigos dos homens vivos, e não dar presentes para eles — disse o homem selvagem. — Mas, se Cavaleiros viver depois da Escuridão, então Cavaleiros deixar homens selvagens em paz na floresta e nunca mais caçar eles como bichos. Ghân-buri-Ghân não levar vocês para

armadilha. Ele mesmo vai junto com o pai dos Cavaleiros, e, se levar vocês para o lugar errado, vocês mata ele.

— Que assim seja! — disse Théoden. TOLKIEN, 2010 C, p. 105.

— Eis que o Rei Elessar chegou! A Floresta de Drúadan ele doa a Ghânburi-ghân e a seu povo, para que seja deles para sempre, e a partir de hoje nenhum homem pode entrar nela sem sua permissão! TOLKIEN, 2010 C, p. 264.

82

Mas em Rohan a identidade das estátuas do Templo da Colina, chamadas de “Homens-Púkel”, com os “homens selvagens” da Floresta de Drúadan não era reconhecida, nem sua “humanidade”; vem daí a referência de Ghân-buri-Ghân à perseguição dos "homens selvagens" pelos rohirrim, no passado. TOLKIEN, 2009 B, p. 363 – 364.

83

Falou de Númenor, de sua glória e queda, e do retorno dos Reis dos Homens à Terra-média, vindos das profundezas do mar, carregados pelas asas da tempestade. Então Elendil, o Alto, e seus poderosos filhos, Isildur e Anárion, tornaram-se grandes senhores, e fundaram o Reino do Norte em Amor, e o Reino do Sul em Gondor, sobre a foz do Anduin. TOLKIEN, 2010 A, p. 374.

— No Sul, o Reinado de Gondor durou muito tempo; por um período seu esplendor cresceu, lembrando de alguma forma a força de Númenor, antes de cair. Altas torres aquele povo construiu, e lugares resistentes, e portos d e muitos navios, e a coroa alada dos Reis dos Homens era respeitada e temida por povos de várias línguas. TOLKIEN, 2010 A, p. 376.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; TOLKIEN, 2009 A, p. 227.

84

Aragorn era o mais alto da Comitiva, mas Boromir, pouco mais baixo, era mais atarracado e tinha uma constituição mais forte. Ele foi na frente, seguido por Aragorn. TOLKIEN, 2010 A, p. 450.

Pippin ficou maravilhado com a força de Boromir, vendo a passagem que tinha aberto apenas com seus braços e pernas. Mesmo agora, carregado como estava, ia alargando a trilha para os que vinham atrás, jogando para os lados a neve enquanto prosseguia. TOLKIEN, 2010 A, p. 452.

85

Mas restam poucos na Terra-média como Aragorn, filho de Arathorn. A raça dos Reis que vieram do outro lado do Mar está quase no fim. TOLKIEN, 2010 A, p. 340.

86

— Vejam! Alguns sulistas escaparam da armadilha e estão fugindo da estrada. Lá vão eles! Nossos homens atrás, e o Capitão liderando. ...

Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas, seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensangüentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada. TOLKIEN, 2010 B, p. 231 – 232.

Estamos indo para um de nossos esconderijos, a menos de dez milhas daqui. Os orcs e os espiões do Inimigo ainda não o encontraram, e, se o encontrassem, poderíamos defendê-lo por muito tempo, mesmo contra muitos inimigos. Lá poderemos nos deitar e descansar um pouco, e vocês também. Pela manhã decidirei qual é a melhor coisa a fazer. Para mim e para vocês. TOLKIEN, 2010 B, p. 239.

Imediatamente se viram num cômodo de pedra, largo e tosco, com um teto irregular e inclinado. Algumas tochas estavam acesas e lançavam uma luz fraca nas paredes tremeluzentes. Muitos homens já estavam lá. Outros ainda vinham chegando em grupos de dois ou três através de uma porta lateral estreita e escura. Quando seus olhos começaram a se acostumar à escuridão, os hobbits viram que a caverna era maior do que tinham suposto e estava repleta com um bom estoque de armas e mantimentos. TOLKIEN, 2010 B, p. 244.

Más notícias logo tornaram a chegar. A passagem do Anduin fora conquistada pelo Inimigo. Faramir estava se retirando para a muralha do Pelennor, reagrupando seus homens nos Fortes do Passadiço, mas sua tropa era dez vezes menor que a do Inimigo.

— Se ele conseguir voltar através do Pelennor, os inimigos estarão nos seus calcanhares — disse o mensageiro. — Eles pagaram caro por terem atravessado, mas menos caro do que imaginávamos. TOLKIEN, 2010 C, p. 87.

O modelo de Minas Tirith era tal que a Cidade fora construída em Sete níveis, cada um cavado no flanco da colina, e ao redor de cada nível se erguia uma muralha, e em cada muralha havia um portão. Mas os portões não eram alinhados, o Grande Portão da Muralha da Cidade ficava no ponto leste do circuito, mas o seguinte voltava-se parcialmente para o sul, e o terceiro parcialmente para o norte, e assim, ora de um lado, ora do outro, dispunham-se os portões na subida, de modo que o caminho pavimentado que ia na direção da Cidadela virava-se primeiro para um lado e depois para o outro pela encosta da colina. E, cada vez que o caminho passava pela linha do Grande Portão, atravessava um túnel em arco, perfurando um vasto pilar de rocha cujo corpo enorme e protuberante dividia em dois todos os círculos da Cidade, com a exceção do primeiro. Pois, em parte devido ao formato inicial da colina, e em parte ao ofício e trabalho árduo dos antigos, ali se erguia, por detrás do amplo pátio além do Portão, uma alta fortaleza de pedra, com sua borda pontuda como a quilha de um navio voltada para o leste. A fortaleza subia até o nível do círculo superior, e ali era coroada por um baluarte, de forma que os habitantes da Cidadela, como marinheiros num navio muito alto, podiam observar do topo, numa linha vertical, o Portão que ficava mais de duzentos metros abaixo. A entrada para a Cidadela também dava para o leste, mas era cavada no coração da rocha. Ali uma longa rampa iluminada conduzia ao sétimo portão. Dessa forma os homens atingiam finalmente o Pátio Alto, e a Praça da Fonte diante dos pés da Torre Branca: alta e elegante, noventa metros da base até o pináculo, onde a bandeira dos Regentes tremulava trezentos metros acima da planície.

Realmente era uma cidadela forte, que não poderia facilmente ser tomada por um exército inimigo, se houvesse alguém lá dentro que soubesse manejar armas; TOLKIEN, 2010 C, p. 11 – 12.

Outras praças fortificadas eles também construíram de cada lado: Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, a leste, sobre uma plataforma saliente das Montanhas Sombrias, como uma ameaça a Mordor; e a oeste, Minas Anor, a Torre do Sol Poente, aos pés do Monte Mindolluin, como um escudo contra os homens selvagens das várzeas. TOLKIEN, 2009 A, p. 227.

Já Minas Anor resistia, e recebeu o novo nome de Minas Tirith. Torre da Guarda, pois ali os Reis fizeram construir na cidadela uma torre branca, muito alta e bela, e seu olho estava voltado para muitas terras. Ainda altiva e forte era essa cidade, e nela a Árvore Branca ainda floresceu por algum tempo diante da Casa dos Reis. Ali os remanescentes dos númenorianos ainda defendiam a passagem do Rio contra os terrores de Minas Morgul e todos os inimigos do oeste, orcs, monstros e homens perversos. Assim, as terras atrás deles, a oeste do Anduin, estavam protegidas da guerra e da destruição. TOLKIEN, 2009 A, p.

Começava a noite, e a luz estava tão fraca que mesmo os homens de visão penetrante da Cidadela mal conseguiam discernir as formas nos campos, a não ser apenas os incêndios que cada vez mais se multiplicavam, e as linhas de fogo que cresciam em tamanho e velocidade. Finalmente, a menos de uma milha da Cidade, um grupo de homens mais bem ordenado apareceu, marchando sem correr, ainda se mantendo unido.

As sentinelas prenderam a respiração.

— Faramir deve estar lá — diziam elas. — Ele consegue dominar homens e animais. Conseguirá chegar até aqui.

Agora a retirada principal estava a menos de quatrocentos metros de distância. Surgindo do fundo da escuridão galopava uma pequena companhia de cavaleiros, tudo o que restava da retaguarda. Mais uma vez se viraram acuados, enfrentando as linhas de fogo que avançavam. Então, de repente, houve um tumulto de gritos ferozes. Cavaleiros inimigos foram chegando e varrendo tudo. As linhas de fogo transformaram-se em rios flamejantes: fileira após fileira de orcs carregando tochas, e sulistas bárbaros com bandeiras vermelhas, gritando em línguas rudes, avançando numa onda, alcançando os soldados em retirada. TOLKIEN, 2010 C, p. 90.

Nesse momento uma trombeta soou na Cidadela, e Denethor finalmente liberou a surtida. Reunidos á sombra do Portão, e sob as muralhas que se erguiam do lado de fora, eles estiveram aguardando um sinal dele: todos os homens com montarias que haviam permanecido na Cidade. Agora saltavam á frente, em forma, num galope rápido, atacando com grande alarido. E das muralhas um grito veio em resposta, pois á frente de todos os demais apareciam os cavaleiros do cisne de Doi Amroth, encabeçados por seu Príncipe com insígnia azul.

— Amroth por Gondor! — gritavam eles. — Amroth por Faramir!

Como trovões eles caíram sobre o inimigo nos dois flancos da retirada; um cavaleiro disparou á frente, veloz como o vento sobre a relva; Scadufax o levava, brilhante, mais uma vez revelado, com uma luz emanando de sua mão erguida.

Os nazgûl soltaram um guincho e fugiram, pois seu Capitão ainda não estava pronto para desafiar o fogo branco de seu oponente. Os exércitos de Morgul, concentrados em sua presa, pegos desprevenidos numa carreira desabalada, dispersaram-se e se espalharam como faíscas ao vento. As companhias avançadas, com grande disposição, viraram-se e atacaram seus perseguidores. Caçadores se transformaram em caça. A retirada virou um assalto. Orcs e homens caídos cobriram o campo, e um cheiro forte subiu das tochas lançadas ao chão, crepitando e se extinguindo numa fumaça espiralada. A cavalaria avançava. TOLKIEN, 2010 C, p. 90 – 91.

A metade norte do Pelennor estava quase toda devastada, e lá se viam acampamentos ardendo; os orcs fugiam na direção do Rio como bandos de animais á frente de caçadores; os rohirrim iam de um lado para o outro como bem queriam. Mas ainda não tinham derrubado o cerco, nem tomado o Portão. Muitos inimigos estavam diante dele, e na metade mais distante da planície ainda havia outras tropas por combater. TOLKIEN, 2010 C, p. 113.

Assim chegou Aragorn, filho de Arathorn, Elessar, herdeiro de Isildur, vindo das Sendas dos Mortos, trazido pelo vento que vinha do Mar até o reino de Gondor, e a alegria dos rohirrim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo.

Os cavaleiros de Doi Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol. Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os

desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. TOLKIEN, 2010 C, p. 122 – 123.

95

Se os rohirrim, no início de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. TOLKIEN, 2010 C, p. 121.

96

No topo de Túna, foram construídos a cidade dos elfos, as brancas muralhas e os terraços de Tirion; e a mais alta das torres dessa cidade era a Torre de Ingwë, Mindon Eldaliéva, cuja lamparina de prata brilhava longe, em meio às névoas do mar. TOLKIEN, 2009 A, p. 38.

Manwë e Varda gostavam mais dos vanyar, os belos-elfos; mas os noldor tinham a preferência de Aulë, e ele e seu povo costumavam andar entre eles. Enormes tornaram-se seu conhecimento e sua habilidade. Entretanto, ainda maior era sua sede de conhecimento; e, sob muitos aspectos, logo ultrapassaram seus mestres. Eram criativos na fala, pois tinham um amor imenso pelas palavras e sempre procuravam descobrir nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam. E aconteceu que os pedreiros da casa de Finwë, trabalhando nas montanhas em busca de pedra (pois adoravam construir altas torres), descobriram pela primeira vez as pedras preciosas e as apresentaram em miríades incontáveis. E inventaram ferramentas para cortar e lapidar as pedras, esculpindo-as em muitas formas. Eles não as guardavam como tesouros, mas as davam livremente e, com seu trabalho, enriqueceram toda Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 39.

Muitas pedras preciosas deram-lhes os noldor: opalas, diamantes e cristais claros, que eles espalharam pelas praias e pelos lagos. Maravilhosas eram as praias de Elendë naquela época. E muitas pérolas eles ganharam por si mesmos do mar; e seus palácios eram de pérolas, e de pérolas eram as mansões de Olwë em Alqualondë, o Porto dos Cisnes, iluminado por muitas lamparinas. Pois aquela era sua cidade, e o porto de seus barcos; e estes eram feitos na forma de cisnes, com bicos de ouro e olhos de ouro e azeviche. A entrada para aquele porto era um arco de rocha viva esculpida pelo mar; e ela ficava nos limites de Eldamar, ao norte da Calaciryra, onde a luz das estrelas era forte e clara. TOLKIEN, 2009 A, p. 40.

97

Houve então enorme inquietação em Tirion, o que perturbou Finwë. E ele convocou todos **os senhores seus súditos** para uma reunião. Fingolfin, porém, apressou-se a chegar a seus **palácios** e parou diante dele. TOLKIEN, 2009 A, p. 46 – 47. Grifos meus.

98

Com ele, para o exílio, foram seus sete filhos; e ao norte de Valinor **construíram**, nas montanhas, uma **fortaleza provida de cofres**. Ali, em Formenos, grande quantidade de pedras preciosas foi acumulada, assim como armas, e as Silmarils foram trancadas numa câmara de ferro. TOLKIEN, 2009 A, p. 48. Grifos meus.

99

E, a cada primeira colheita de frutos, Manwë oferecia **uma grande festa** em louvor a Eru, quando todos os povos de Valinor manifestavam sua alegria em música e poesia sobre Taniquetil. ... Vieram os vanyar, e vieram também os noldor de Tirion; e os Maiar se reuniram; e os Valar estavam **engalanados em sua beleza e majestade**; e eles cantavam diante de Manwë e Varda em seus **grandiosos salões** ou dançavam nas encostas verdes da Montanha que davam para o oeste, na direção das Árvores. ... Fëanor não viera trajado para uma festa. Não usava nenhum ornamento, nem prata, ouro, nem pedra preciosa. TOLKIEN, 2009 A, p. 51. Grifos meus.

Contudo, **os homens não têm habilidade para essas questões**, e tinham ainda menos naquele tempo, antes de se misturarem aos elfos. Por isso, adoravam as águas, e seus corações se comoviam, mas não compreendiam suas mensagens. Mesmo assim, diz-se que antes que se passasse muito tempo **eles encontraram elfos escuros** em muitos lugares e com eles fizeram amizade. E os homens tornaram-se companheiros e **discípulos, em sua infância, desse povo antigo, nômade da raça élfica**, que nunca partiram para Valinor e conheciam os Valar somente como um rumor e um nome distante. TOLKIEN, 2009 A, p. 75. Grifos meus.

Depois de algum tempo, contudo, vendo que não era conveniente a mistura desordenada da vida em comum de elfos e homens, e percebendo que os homens precisavam de senhores de sua própria gente, **os Reis élficos designaram regiões separadas nas quais os homens poderiam levar a vida e indicaram chefes para governar** essas terras livremente. Os homens eram aliados dos eldar na guerra, mas marchavam sob o comando de seus próprios líderes. Entretanto, muitos dos edain se compraziam com a amizade dos elfos e permaneciam entre eles tanto tempo quanto lhes fosse permitido. E os rapazes costumavam prestar serviço por um período nos exércitos dos reis. TOLKIEN, 2009 A, p. 111. Grifos meus.

Fingolfin, como Rei de todos os noldor, enviou-lhes mensagens de boas-vindas; e então muitos rapazes dispostos dos edain partiram para prestar serviços aos reis e senhores dos eldar. TOLKIEN, 2009 A, p. 107.

Os homens eram aliados dos eldar na guerra, mas marchavam sob o comando de seus próprios líderes. Entretanto, muitos dos edain se compraziam com a amizade dos elfos e permaneciam entre eles tanto tempo quanto lhes fosse permitido. E os rapazes costumavam prestar serviço por um período nos exércitos dos reis. TOLKIEN, 2009 A, p. 111.

Foi assim que aconteceu de os edain habitarem as terras dos eldar, alguns aqui, outros acolá, uns nômades, outros fixos, em clãs ou pequenos grupos. E a maior parte deles logo aprendeu o idioma dos elfos-cinzentos, tanto como língua comum quanto porque muitos desejavam conhecer as tradições dos elfos. TOLKIEN, 2009 A, p. 111.

Mas diante dele, aproximando-se mais e mais, viu uma linha de grandes morros que lhe barravam o caminho, estendendo-se para oeste até terminarem em um alto monte: uma torre escura e coroada de nuvens, erguida sobre faldas vigorosas acima de um grande cabo verde que entrava mar adentro.

Esses morros cinzentos eram de fato os contrafortes ocidentais de Ered Wethrin, o muro setentrional de Beleriand, e a montanha era o Monte Taras, a mais ocidental de todas as torres daquela região, ... Sob suas longas encostas, em dias passados, Turgon habitara nos **salões de Vinyamar**, a mais antiga de todas as obras de pedra que os noldor construíram nas terras de seu exílio. Lá se erguia ainda, desolada mas resistente, alta sobre os grandes terraços que se voltavam para o mar. ... Tuor, pois, chegou às ruínas de uma estrada perdida, passou por morros verdes e pedras inclinadas, e assim chegou, quando o dia terminava, **ao antigo palácio** e seus pátios altos e varridos pelo vento. TOLKIEN, 2009 B, p. 62 – 63. Grifos meus.

Mais uma vez passaram pelo portão em silêncio e viram no pátio do outro lado uma companhia ainda maior de guardas, **em cota de malha que refulgia pálida como fogo baço; e as lâminas de seus machados eram vermelhas**. Os que vigiavam este portão eram em sua maior parte do povo dos Sindar de Nevrast. TOLKIEN, 2009 B, p. 97. Grifos meus.

Chegaram então ao caminho mais cansativo, pois no meio do Orfalch o aclave era o mais íngreme; e, enquanto subiam, Tuor viu a maior de todas as muralhas assomando sombria acima dele. Assim aproximaram-se por fim do Quarto Portão, o Portão de Ferro Forjado. Alta e negra era a muralha, e nenhuma lâmpada a iluminava. **Quatro torres de ferro estavam assentadas sobre ela, e entre as duas torres internas estava colocada a figura de uma grande águia, trabalhada em ferro, a própria imagem do Rei Thorondor**, como pousaria em uma montanha vindo das alturas. Mas quando Tuor parou diante do portão, pareceu a seus olhos maravilhados que olhava, através de ramos e troncos de árvores imperecíveis, para dentro de uma pálida clareira da Lua. **Pois passava uma luz pelas filigranas do portão, que eram forjadas e marteladas em forma de árvores com raízes contorcidas e ramos entrelaçados carregados de folhas e flores.** E, ao atravessar, viu como isso podia acontecer; pois a muralha era de grande espessura, e não havia uma grade, e sim três alinhadas, dispostas de forma que, para quem se aproximasse no meio do caminho, cada uma formasse parte do desenho; mas a luz do outro lado era a luz do dia. TOLKIEN, 2009 B, p. 97 – 98. Grifos meus.

Passaram então pelas fileiras dos Guardas de Ferro que estavam atrás do Portão; **negros eram seus mantos bem como sua malha e seus longos escudos, e seu rosto mascarado por viseiras que ostentavam cada uma um bico de águia.** TOLKIEN, 2009 B, p. 98. Grifos meus.

O muro do Quinto Portão era construído de mármore branco, e era baixo e largo; seu parapeito era uma treliça de prata entre cinco grandes globos de mármore; e lá estavam postados muitos arqueiros de vestes brancas. **O portão tinha a forma de três quartos de círculo, e era trabalhado em prata e pérolas de Nevrast com imagens da Lua; mas acima do Portão, sobre o globo central, havia uma imagem da Árvore Branca Telperion, lavrada em prata e malaquita, com flores feitas de grandes pérolas de Balar.** E além do Portão, em um amplo pátio calçado de mármore, verde e branco, estavam parados **arqueiros em cota de malha de prata e elmos de cristas brancas**, cem de cada flanco. TOLKIEN, 2009 B, p. 98 – 99. Grifos meus.

Assim chegaram ao Portão Dourado, o último dos antigos portões de Turgon que foram feitos antes das Nirnaeth; e era muito semelhante ao Portão de Prata, exceto que o muro era construído de mármore amarelo, e os globos e o parapeito eram de ouro vermelho. **Eram seis globos e, no meio, sobre uma pirâmide dourada, estava fixada uma imagem de Laurelin, a Árvore do Sol, com flores feitas de topázio, em longos cachos em correntes de ouro. E o próprio Portão era adornado com discos de ouro, de muitos raios, à semelhança do Sol, engastados entre desenhos de granadas, topázios e diamantes amarelos.** No pátio do outro lado estavam perfilados trezentos arqueiros com arcos longos e sua **malha era coberta de ouro; altas plumas douradas erguiam-se de seus elmos, e seus grandes escudos redondos eram vermelhos como chamas.** TOLKIEN, 2009 B, p. 99. Grifos meus.

De pronto saíram cavaleiros das torres, mas à frente dos da torre norte vinha um montado num cavalo branco. Apeou e veio caminhando em direção deles. Por alto e nobre que fosse Elemmakil, maior e mais soberbo era Ecthelion, Senhor das Fontes, naquela época Guardião do Grande Portão. **Estava trajado todo de prata, e em seu elmo brilhante estava fixada uma ponta de aço encimada por um diamante; e, quando seu escudeiro lhe tomou o escudo, este cintilou como se estivesse orvalhado de gotas de chuva, que eram na verdade mil pinos de cristal.** TOLKIEN, 2009 B, p. 100. Grifos meus.

Uma companhia de orcs estava acampada no meio da estrada, encolhida em torno de uma grande fogueira. TOLKIEN, 2009 B, p. 82.

— Venha então! — disse Voronwë. — Não discuta mais, **ou nos farejarão.** Siga-me! TOLKIEN, 2009 B, p. 83. Grifos meus.

Subitamente, bem de perto **ouviu-se um grito selvagem**, e muitos outros ao longo das margens da estrada lhe responderam. **Uma trompa rouca tocou**, e soaram pés a correr. Mas Tuor manteve-se firme. Aprendera o bastante da **língua dos orcs**, no cativoiro, **para saber o significado daqueles gritos**: os vigias os haviam **farejado** e escutado, mas eles não haviam sido vistos. A caça começara. TOLKIEN, 2009 B, p. 84. Grifos meus.

110

Sinto muito! Eu não quero aventuras, muito obrigado. Hoje não. Bom dia! **Mas, por favor, venha tomar chá**, a qualquer hora que quiser! Por que não amanhã? Venha amanhã! Até logo! - Com isso o hobbit se virou e entrou por sua porta redonda e verde e **a fechou o mais rápido que era possível sem parecer rude**. Afinal de contas, magos são magos. TOLKIEN, 2010 D, p. 13. Grifos meus.

“Os olhos de Thorin brilharam à medida que as lembranças de tesouros perdidos se agitavam em sua mente; mas comentou com desdém, 'Um ladrão pago, você quer dizer. Isso poderá ser considerado, se o prêmio não for alto demais. Mas o que tudo isso tem a ver com um desses aldeões? Eles bebem em recipientes de barro, e não distinguem uma pedra preciosa de uma conta de vidro’”.

“Gostaria que você não falasse sempre com tanta confiança sem conhecimento' disse eu com aspereza. 'Esses aldeões moram no Condado há uns mil e quatrocentos anos, e aprenderam muitas coisas nesse tempo. Tratavam com os elfos e com os anões, mil anos antes de Smaug chegar a Erebor. Nenhum deles é rico como seus antepassados julgavam a riqueza, mas você descobrirá que algumas das suas moradias contêm coisas mais belas do que você pode vangloriar-se aqui, Thorin. O hobbit em quem estou pensando possui ornamentos de ouro. come com talheres de prata e bebe vinho em cristais elegantes’”.

TOLKIEN, 2009. B, p. 511 – 512.

111

- Desculpe por fazê-lo esperar! - ia dizer, quando viu que não era realmente Gandalf. Era um anão com uma barba azul enfiada num cinto de ouro, e olhos muito brilhantes sob seu capuz verde escuro. Assim que Bilbo abriu ele se enfiou porta adentro, como se fosse esperado.

Pendurou a capa com capuz no cabide mais próximo e: - Dwalin, às suas ordens! - disse ele, fazendo uma grande reverência.

- Bilbo Bolseiro às suas! - disse o hobbit, surpreso demais para perguntar qualquer coisa no momento. Quando o silêncio que se seguiu tornou-se incômodo, ele acrescentou:

- **Estava quase na hora do meu chá; por favor, venha e sirva-se.** - Talvez ele tenha sido um pouco seco, mas suas intenções eram gentis. E o que vocês fariam, se um anão aparecesse sem ser convidado em sua casa, e pendurasse suas coisas no seu corredor sem uma palavra de explicação? Não fazia muito tempo que eles estavam à mesa, na verdade, mal tinham chegado ao terceiro pedaço de bolo, quando veio um toque ainda mais alto da campainha.

- Com licença - disse o hobbit, e foi até a porta. TOLKIEN, 2010 D, p. 14. Grifos meus.

112

- Então, finalmente você chegou! - Era o que ele ia dizer para Gandalf desta vez. Mas não era Gandalf. Em vez dele, ali estava na entrada um anão que parecia muito velho, com uma barba branca e um capuz vermelho, que também pulou para dentro assim que a porta foi aberta, como se tivesse sido convidado.

- Vejo que já começaram a chegar - disse ele quando viu pendurado o capuz verde de Dwalin. Pendurou o seu perto do outro, e: - Balin, às suas ordens - disse, com a mão sobre o peito.

- Obrigado! - disse Bilbo, ofegante. Não era a coisa certa para dizer, mas o já começaram a chegar o agitara muito. Ele gostava de visitas, mas gostava de conhecê-las antes que chegassem, e preferia convidá-las por sua própria conta. **Teve um pensamento horrível de que o bolo poderia não ser suficiente e então ele, como anfitrião, que sabia de sua obrigação e se resignava a ela apesar do sofrimento, poderia ter de ficar sem.**

- **Entre e tome um pouco de chá!** - conseguiu dizer, depois de respirar fundo. TOLKIEN, 2010 D, p. 14 – 15. Grifos meus.

113

- **Um pouco de cerveja me cairia melhor**, se não lhe fizer diferença, meu bom senhor - disse Balin, agitando a barba branca. - Mas eu não recuso um pouco de bolo... bolo de sementes se você tiver.

- Um monte! - **Bilbo se viu respondendo, para sua própria surpresa; e se viu também correndo até a adega para encher uma caneca de cerveja, e depois para a despensa para pegar dois belos e redondos bolos de sementes que fizera aquela tarde para petiscar depois do jantar.**

Quando voltou, Balin e Dwalin estavam conversando à mesa como velhos amigos (na verdade, eles eram irmãos). Bilbo arriou a cerveja e o bolo com um baque na mesa diante deles, quando veio um toque forte da campainha de novo, e depois outro toque. TOLKIEN, 2010 D, p. 15. Grifos meus.

114

“Gandalf, com certeza, desta vez”, pensou ele, enquanto arfava ao longo do corredor. Mas não era. Eram mais dois anões, ambos com capuzes azuis, cintos de prata e barbas amarelas; e cada um deles carregava um saco de ferramentas e uma pá. Quando saltaram para dentro, assim que a porta começou a se abrir, Bilbo não ficou nem um pouco surpreso.

- Em que posso ajudá-los, meus anões? - disse ele.

- Kili, às suas ordens! - disse o primeiro. - E Fili! – acrescentou o segundo, e ambos retiraram seus capuzes azuis e fizeram reverência.

- **As suas ordens, e de sua família** - respondeu Bilbo, **lembrando-se das boas maneiras desta vez.** TOLKIEN, 2010 D, p. 15. Grifos meus.

115

Mal havia girado a maçaneta e estavam todos dentro, fazendo reverências e dizendo “às suas ordens” um após o outro. Dori, Nori, Ori, Oin e Gloin eram seus nomes; ... **Alguns pediram cerveja clara, outros pediram cerveja escura, e um deles pediu café, e todos pediram bolo**, o que manteve o hobbit ocupado por um bom tempo.

Um grande bule de café acabava de ser levado ao fogo, os bolos de sementes tinham acabado, e os anões estavam começando uma rodada de bolinhos amanteigados, quando veio uma batida forte. TOLKIEN, 2010 D, p. 16. Grifos meus.

116

- Agora estamos todos aqui! - disse Gandalf, olhando para a fileira de treze capuzes, capuzes de festa, removíveis, da melhor qualidade, e seu próprio chapéu, pendurados nos cabides.

- Que reunião alegre! Espero que tenha sobrado alguma coisa para os atrasados comerem e beberem! O que é isso? Chá! Não, obrigado! **Um pouco de vinho tinto para mim, eu acho.**

- Para mim também - disse Thorin.

- **E geléia de framboesa e torta de maçã** - disse Bifur.

- **E pastelão de carne com queijo** - disse Bofur.

- **E torta de carne de porco com salada** - disse Bombur.

- **E mais bolo, e cerveja clara, e café, se não se incomoda** - disseram os outros anões através da porta.

- **Sirva também alguns ovos, meu bom rapaz!** - disse Gandalf para ele ouvir, enquanto o hobbit se esbaforia para as despensas. - **E traga também a salada de galinha com pickles.**

“Parece que ele sabe tanto sobre o conteúdo das minhas despensas quanto eu”, pensou o Sr. Bolseiro, que estava se sentindo positivamente aturdido e começava a se perguntar se a mais infame das aventuras não tinha vindo parar exatamente dentro de sua casa. **Na hora em que tinha acabado de pegar todas as garrafas e comidas e facas e garfos e copos e pratos e colheres e coisas empilhadas em grandes bandejas**, já estava ficando com muito calor, e com o rosto vermelho, e zangado. TOLKIEN, 2010 D, p. 17 – 18. Grifos meus.

117

- **Não comemos nem sombra de carne de homem faz um tempão** - disse um segundo. - Que raios o William tinha na cabeça quando trouxe a gente pra este lugar, não consigo imaginar. TOLKIEN, 2010 D, p. 39. Grifos meus.

- “Você não acha que o pessoal vai ficar aqui parado esperando para sempre, só para ser devorado por você e Bert. **Vocês dois já devoraram uma aldeia e meia** desde que descemos das montanhas. Quanto mais vão querer? TOLKIEN, 2010 D, p. 40. Grifos meus.

118

Então houve uma bela briga. Bilbo teve esperteza suficiente para se desvencilhar dos pés deles quando Bert o derrubou no chão, antes que começassem a **brigar feito cachorros, chamando um ao outro todos os tipos de nomes perfeitamente verdadeiros e aplicáveis**, em vozes muito altas. **Logo estavam agarrados, quase rolando para cima da fogueira, chutando e esmurrando, enquanto Tom golpeava ambos com um galho** para devolver-lhes o bom senso - e isso, é claro, só os deixava mais furiosos que nunca. TOLKIEN, 2010 D, p. 42. Grifos meus.

119

E assim fizeram. Segurando nas mãos sacos que usavam para carregar carne de carneiro e outras pilhagens, esperaram nas sombras. Assim que cada anão se aproximava e olhava surpreso para a fogueira, para as **canecas derrubadas e os ossos roídos**, pop!, vinha um **saco fedorento** sobre sua cabeça e o anão caía. Logo Dwalin estava deitado ao lado de Balin, Fili e Kili juntos, e Dori, Nori e Ori num monte, e Oin e Gloin e Bifur e Bofur e Bombur desconfortavelmente amontoados perto do fogo. TOLKIEN, 2010 D, p. 43. Grifos meus.

120

Então, com um grande empurrão, a porta de pedra cedeu e todos entraram. **Havia ossos no chão e um cheiro nauseabundo no ar**. Mas havia uma boa quantidade de comida espalhada em prateleiras e no chão, em meio a uma confusão de **objetos saqueados de todos os tipos**, desde botões de latão até potes cheios de moedas de ouro num canto. Havia muitas roupas, também, penduradas nas paredes - pequenas demais para trolls, receio que pertencessem a vítimas -, e entre elas várias espadas de diferentes tipos, formatos e tamanhos. Duas chamaram particularmente a atenção deles, por causa de suas belas bainhas e punhos adornados com pedras preciosas. TOLKIEN, 2010 D, p. 47. Grifos meus.

121

os orcs pegaram chicotes e, com um zunido, estalido!, faziam-nos correr a mais não poder na frente deles, e mais de um anão já choramingava e berrava feito louco quando caíam todos dentro de uma grande caverna. TOLKIEN, 2010 D, p. 66.

122

Estava iluminada por uma grande fogueira no centro e por tochas ao longo das paredes, e estava cheia de orcs. Todos riram, bateram os pés e aplaudiram quando os anões (com o pobre Bilbo no fim e mais perto dos chicotes) entraram correndo, com os condutores-orcs logo atrás, gritando e estalando os chicotes. **Os pôneis já estavam lá, amontoados num canto; e lá também estavam as bagagens e pacotes, todos abertos, sendo vistoriados por orcs, farejados por orcs, manuseados por orcs e disputados por orcs**. Receio que essa tenha sido a última vez que viram aqueles excelentes poneizinhos, entre os quais um alegre e robusto animal que Elrond emprestara a Gandalf, uma vez que seu cavalo não era adequado para as trilhas das montanhas. Pois **os orcs comem cavalos, pôneis e burros (e outras coisas muito mais terríveis)** e estão sempre famintos. TOLKIEN, 2010 D, p. 66. Grifos meus.

Lá nas sombras, numa pedra grande e plana, estava sentado um tremendo orc com uma cabeça enorme, e orcs armados postavam-se ao redor, carregando os machados e as espadas tortas que eles usam. Ora, os orcs são cruéis, malvados e perversos. Não fazem coisas bonitas, mas fazem muitas coisas engenhosas. Podem cavar túneis e minas tão bem quanto qualquer um, exceto os anões mais habilidosos, quando se dão ao trabalho, embora geralmente sejam **desorganizados e sujos**. TOLKIEN, 2010 D, p. 67. Grifos meus.

123

Ali no fundo, na beira da água escura, vivia o velho Gollum, uma **pequena criatura viscosa**. Não sei de onde veio, nem quem ou o que ele era. Era um Gollum - escuro como a escuridão, exceto por dois grandes olhos redondos e pálidos no rosto magro. TOLKIEN, 2010 D, p. 74. Grifos meus.

Olhos pálidos feito lamparinas, **ele procurava peixes cegos, que agarrava com os dedos longos num piscar de olhos**. Gostava também de carne. Gostava de orcs, quando conseguia apanhá-los, mas tomava cuidado para que nunca o descobrissem. TOLKIEN, 2010 D, p. 74 – 75. Grifos meus.

Na realidade, Gollum vivia numa ilha de pedra viscosa no meio do lago. TOLKIEN, 2010 D, p. 75.

124

- Quem são vocês e o que querem? - **perguntou num tom rude**, parado à frente dos dois, sua estatura elevando-se muito acima da de Gandalf. TOLKIEN, 2010 D, p. 117. Grifos meus.

125

Estava bem escuro dentro do salão. Beorn bateu palmas e entraram trotando quatro belos pôneis brancos e vários cães grandes, cinzentos e de corpo alongado. Beorn disse-lhes algo numa língua estranha, que parecia ruídos animais transformados em fala. Eles saíram de novo e logo voltaram **carregando tochas na bocas, que acenderam na fogueira e colocaram em suportes baixos nos pilares do salão, ao redor da lareira central. Os cães conseguiam ficar de pé nas patas traseiras quando desejavam, e carregar coisas com as patas dianteiras. Logo tiraram tábuas e cavaletes das paredes laterais e montaram mesas perto do fogo**.

Então, ouviu-se um méé-méé-méé! E entraram algumas ovelhas brancas como a neve conduzidas por um grande carneiro da cor do carvão. **Uma delas trazia uma toalha branca bordada nas extremidades com figuras de animais, outras traziam nos dorsos largos bandejas com tigelas, pratos, facas e colheres de pau, que os cães pegaram e logo colocaram nas mesas. Estas eram muito baixas, baixas o bastante até para Bilbo sentar-se confortavelmente. De um lado da mesa um pônei empurrou dois bancos baixos, com assentos largos de junco e pernas pequenas e curtas para Gandalf e Thorin, enquanto na outra extremidade colocou a grande cadeira preta de Beorn, do mesmo tipo (na qual ele se sentou esticando bem as longas pernas embaixo da mesa). Eram todas as cadeiras que havia em sua casa, e provavelmente eram baixas como as mesas para a conveniência dos maravilhosos animais que o serviam. E onde os outros se sentaram? Eles não foram esquecidos. Os outros pôneis entraram rolando pedaços de troncos cilíndricos, desbastados e polidos, e baixos o suficiente até para Bilbo; assim logo estavam todos sentados à mesa de Beorn, e havia muitos anos o salão não reunia tantas pessoas assim.**

Ali fizeram uma **ceia**, ou um **jantar**, TOLKIEN, 2010 D, p. 123 – 124. Grifos meus.

126

Bilbo viu que já haviam sido preparadas **camas na lateral do salão**, numa espécie de plataforma elevada entre os pilares e a parede externa. Para ele havia um pequeno colchão de palha e cobertores de lã. Enrolou-se neles todo contente, embora fosse verão. O fogo ardia baixo e ele adormeceu. TOLKIEN, 2010 D, p. 126. Grifos meus.

127

Eis o que prometeu fazer por eles. **Arranjaria pôneis para cada um, e um cavalo para Gandalf, para a viagem pela floresta**, e iria providenciar um **carregamento de comida que duraria semanas se consumido com parcimônia**, embalado de modo fácil de carregar: castanhas, farinha, potes lacrados de frutas secas e vasilhas de barro vermelho cheias de mel, biscoitos que se conservariam por longo tempo e que, mesmo em pequena quantidade, levariam os viajantes bem longe. **O modo de preparar esses biscoitos era um dos segredos de Beorn**, mas havia mel neles, como na maioria das comidas que fazia, e eram saborosos, embora provocassem sede. TOLKIEN, 2010 D, p. 130. Grifos meus.

128

Os cabelos eram escuros como as sombras da noite, e sobre a cabeça via-se um diadema de prata; os olhos eram cinzentos como uma noite clara, e neles havia uma luz como a das estrelas. **Parecia venerável, como um rei coroado com muitos invernos**, e ao mesmo tempo vigoroso como um guerreiro experiente, no auge da força. Era o Senhor de Valfenda, poderoso entre elfos e homens. TOLKIEN, 2010 A, p. 349. Grifos meus.

129

Na altura da frente, a cabeça estava coberta com uma touca de renda prateada, enredada com pequenas pedras, de um brilho branco; mas o traje, de um cinza pálido, não tinha qualquer ornamento, a não ser um cinto de folhas lavradas em prata. TOLKIEN, 2010 A, p. 350.

130

À direita de Frodo estava um anão de aparência importante, **luxuosamente vestido**. A barba, muito comprida e em forma de forquilha, era branca, quase tão branca quanto o branco níveo de suas roupas. **Usava um cinto de prata, e em volta do pescoço uma corrente de prata com diamantes**. Frodo parou de comer para olhá-lo. TOLKIEN, 2010 A, p. 351. Grifos meus.

131

Finalmente o **banquete** chegou ao fim. Elrond e Arwen se levantaram e se afastaram pelo salão, e o grupo os seguiu na devida ordem. As portas foram abertas, e **todos seguiram através de um corredor largo**, passando por outras portas, chegando a um outro salão. Nesse lugar não havia mesas, mas uma fogueira bem acesa queimava numa grande lareira, em meio a dois pilares entalhados. TOLKIEN, 2010 A, p. 354. Grifos meus.

132

— **Nenhum outro povo pisa tão pesadamente** — disse Legolas. — Parece que o prazer deles é ferir e derrubar tudo o que estiver crescendo, mesmo que não esteja em seu caminho.

— Mas eles avançam com grande velocidade apesar disso — disse Aragorn. — **E não se cansam**. E mais tarde talvez tenhamos de procurar nosso caminho em terras duras e desertas. TOLKIEN, 2010 B, p. 10. Grifos meus.

Jogou-se no chão e adormeceu imediatamente, pois não tinha dormido desde a noite que passaram sob a sombra do Tol Brandir. Antes que a aurora estivesse no céu, ele acordou e se levantou. Gimli ainda estava num sono profundo, mas Legolas estava de pé, olhando para o norte, dentro da escuridão, pensativo e quieto como uma árvore jovem numa noite sem vento.

— Eles estão muito, muito longe — disse ele com tristeza, voltando-se para Aragorn.

— **Sei em meu coração que não descansaram esta noite**. Só uma águia poderia alcançá-los agora. TOLKIEN, 2010 B, p. 16. Grifos meus.

133

“Mas como vão saber que não somos orcs? —, pensou ele. “Não acho que tenham ouvido falar em hobbits por aqui. Acho que devo ficar feliz com a probabilidade de esses orcs **animalescos serem destruídos**, mas gostaria mais se fosse salvo.” As chances eram de que ele e Merry fossem mortos juntos com os que os capturaram, antes mesmo que os homens de Rohan tomassem conhecimento deles. TOLKIEN, 2010 B, p. 41 – 42. Grifos meus.

134

— Descanse enquanto puder, pequeno tolo! — disse ele então a Pippin, na Língua Geral, **que na sua boca parecia tão horrenda quanto a própria língua deles**. — Descanse enquanto puder! Vamos achar uma utilidade para suas pernas logo, logo. TOLKIEN, 2010. B, p. 34. Grifos meus.

— Não atraia atenção sobre você, ou poderei esquecer minhas ordens. Malditos sejam os isengardenses! Uglúk u bagronk sha pushdug Saruman-glob búbhosh skai. — Passou a um discurso na própria língua que lentamente foi se transformando em **resmungos e rosnados**. TOLKIEN, 2010 B, p. 34. Grifos meus.

135

Como resposta vieram muitos **berros na língua dos orcs** e o eco do tinido das armas sendo sacadas. Cuidadosamente, Pippin virou-se no chão, tentando ver o que iria acontecer. Seus guardas tinham ido se juntar aos outros na briga. No crepúsculo, Pippin viu um orc negro e grande, provavelmente Uglúk, em pé e encarando Grishnákh, uma criatura de pernas curtas e tortas, muito entroncada e com longos braços que chegavam quase até o chão. Em volta deles estavam muitos outros orcs menores. Pippin imaginou que estes eram os do norte. Estavam empunhando facas e espadas, mas hesitavam em atacar Uglúk.

Uglúk gritou, e muitos orcs que tinham quase o tamanho dele correram na direção onde estava. Então, de repente, sem avisar, Uglúk **saltou à frente, e com dois golpes rápidos decepou as cabeças de dois adversários**. Grishnákh pulou de lado e desapareceu dentro das sombras. TOLKIEN, 2010 B, p. 35 – 36. Grifos meus.

136

De quando em quando, os perseguidores encontravam coisas que tinham sido derrubadas ou jogadas fora: sacos de comida, **crostas e cascas de pães duros e cinzentos**, uma capa preta rasgada, um sapato pesado com pregos de ferro que se arrebetara nas pedras. TOLKIEN, 2010 B, p. 13. Grifos meus.

Um orc se abaixou sobre ele, e jogou-lhe um pouco de pão e uma tira crua de carne-seca. Pippin comeu o **pão velho e cinzento** com avidez, mas não a carne. Estava esfomeado, mas não esfomeado a ponto de comer carne que lhe tinha sido jogada por um orc, a carne de uma criatura que ele não ousava adivinhar qual seria. TOLKIEN, 2010 B, p. 39.

Cortou os nós das pernas e tornozelos de Pippin, **ergueu-o pelos cabelos** e colocou-o de pé. Pippin caiu, e Uglúk o levantou pelos cabelos outra vez.

Vários orcs riram.

Uglúk abriu um cantil com os dentes e derramou um Pouco de **líquido ardente na garganta** de Pippin: ele sentiu uma queimadura forte fluir-lhe pelo corpo. A dor de suas pernas e tornozelos desapareceu. Conseguiu ficar de pé.

— Agora, para o outro — disse Uglúk. Pippin o viu ir até Merry, que estava deitado ali perto, e **chutá-lo**. Merry resmungou. **Agarrando-o de forma rude**, Uglúk o colocou sentado e rasgou a banda que lhe envolvia a cabeça.

Então esfregou o ferimento **com alguma coisa escura** que retirou de uma caixa de madeira. Merry gritou e se debateu alucinado. Os orcs bateram palmas e vaiaram. — Não consegue tomar o remédio — caçoaram eles. — Não sabe o que é bom para ele. Ai! Vamos nos divertir mais tarde. TOLKIEN, 2010 B, p. 37.

137

As palavras de Uglúk foram o bastante, aparentemente, para satisfazer os isengardenses, mas os outros orcs estavam **desmotivados e rebeldes**. Colocaram alguns vigias, mas a maioria deles se deitava no chão, descansando na escuridão agradável. TOLKIEN, 2010 B, p. 43.

138

O rumor da guerra crescia atrás deles. Agora podiam ouvir, chegando através da escuridão, **o som de uma cantoria rude**. Tinham avançado muito pela Garganta do Abismo quando olharam para trás. Então viram tochas, pontos inumeráveis de luz de fogo sobre os campos negros atrás deles, espalhados como flores vermelhas, ou subindo em longas fileiras faiscantes. Em alguns pontos uma chama maior se erguia. TOLKIEN, 2010 B, p. 112. Grifos meus.

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as vozes deles?

— Eu estou ouvindo — disse Éomer —, **mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos.** TOLKIEN, 2010 B, p. 117 – 118. Grifos meus.

139

Era Frodo. Estava nu e parecia desmaiado, jazendo sobre um monte de trapos imundos: seu braço estava erguido, protegendo a cabeça, e através de seu flanco desenhava-se a feia marca de uma chicotada. TOLKIEN, 2010 C, p. 189.

140

O fedor dos orcs suados ao seu redor era sufocante, TOLKIEN, 2010 C, p. 214.

141

De repente avançaram com um barulho de trovão, e o cavaleiro mais à frente mudou de rumo, passando ao lado do pé da colina, e conduzindo o grupo de volta ao sul, ao longo da orla ocidental da cordilheira. Atrás dele ia uma longa fila de homens **vestidos de malhas metálicas**, velozes, brilhantes, terríveis e belos de se olhar.

Os cavalos eram de grande estatura, fortes e com patas bem proporcionadas; **as capas cinzentas reluziam**, as caudas longas esvoaçavam ao vento, **as crinas caíam trançadas sobre os pescoços imponentes.** Os homens que os montavam combinavam muito bem com eles: altos e esbeltos; os cabelos claros como palha saíam dos elmos leves e desciam-lhes em longas tranças pelas costas; os rostos eram austeros e argutos. Nas mãos traziam longas lanças de freixo, escudos pintados pendiam-lhes das costas, longas espadas estavam penduradas em seus **cintos, as bainhas das vestimentas de malha de metal polido desciam-lhes até os joelhos.**

Galopavam em pares, e, embora de quando em quando um deles se erguesse nos estribos e olhasse para os dois lados, TOLKIEN, 2010 B, p. 21.

142

Ali estavam sentados muitos homens em malhas reluzentes, que logo saltaram de pé e bloquearam o caminho com lanças. — Parem, forasteiros desconhecidos! — gritaram eles na língua da Terra dos Cavaleiros, perguntando os nomes e a missão dos forasteiros. TOLKIEN, 2010 B, p. 92.

143

Ali estavam sentados outros guardas, com espadas depositadas sobre os joelhos. Os cabelos dourados caíam-lhes em tranças sobre os ombros; seus escudos verdes ostentavam o sol, **os longos corseletes reluziam**, e quando se levantavam pareciam mais altos que os homens mortais. TOLKIEN, 2010 B, p.93.

144

Na outra extremidade da casa, além da lareira e virado para o norte na direção das portas, estava um estrado com três degraus; no meio do estrado havia uma grande **cadeira dourada.**

Nela sentava-se um homem tão curvado pela idade que quase parecia um anão; mas seus longos cabelos eram brancos e grossos, caindo em grandes tranças que surgiam de **um fino diadema de ouro que lhe cingia a fronte. No centro da testa, brilhava um único diamante branco.** A barba caía-lhe sobre os joelhos como neve, mas em seus olhos ainda queimava uma luz clara, que faiscou quando olharam para os forasteiros. Atrás de sua cadeira estava uma mulher **vestida de branco**, de pé. Nos degraus aos pés do rei sentava-se a figura mirrada de um homem, com um rosto pálido e sábio e pálpebras caídas. TOLKIEN, 2010 B, p. 96. Grifos meus.

145

— Entendo bem o que dizem — respondeu ele na mesma língua —, apesar disso, poucos forasteiros entendem. **Por que então não falam na Língua Geral, como é costume do oeste**, se querem respostas às suas perguntas? TOLKIEN, 2010 B, p. 92. Grifos meus.

146

Deixe que outros lidem com esses hóspedes aborrecidos. Sua carne está quase pronta para servir. Não quer prová-la?

— Quero — disse Théoden. — **E faça com que a comida de meus hóspedes seja servida ao meu lado na mesa.** TOLKIEN, 2010 B, p. 102. Grifos meus.

À mesa do rei sentaram-se Éomer e os quatro hóspedes, e ali também, servindo o rei, estava a senhora Éowyn. Comeram e beberam de pressa. TOLKIEN, 2010 B, p. 104. Grifos meus.

147

Saruman armou **os bárbaros** das colinas e os pastores da **Terra Parda**, além do rio: estes também ele aticou contra nós. Fomos dominados. TOLKIEN, 2010 B, p. 110. Grifos meus.

Da escuridão vieram flechas zunindo. Rapidamente um batedor retornou e reportou que homens montados em lobos estavam circulando no vale, e que uma tropa de **orcs e de homens bárbaros** estava correndo para o sul vindo dos Vaus do Isen, e parecia estar se dirigindo para o Abismo de Helm. TOLKIEN, 2010 B, p. 111. Grifos meus.

Ali estavam reunidos os **orcs maiores, e os bárbaros das colinas da Terra Parda**. Hesitaram por um momento e depois continuaram avançando. O relâmpago produziu um clarão, e estampado em cada elmo e escudo pôde-se ver a mão sinistra de Isengard. Alcançaram o topo do rochedo; dirigiram-se para os portões. TOLKIEN, 2010 B, p. 115. Grifos meus.

— Mas essas criaturas de Isengard, esses **semi-orcs e homens-orcs** que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — **Muito menos os bárbaros das colinas.** Não está ouvindo as vozes deles? TOLKIEN, 2010 B, p. 118. Grifos meus.

148

No entanto, apesar de todo o seu ódio os terrapardenses ainda temiam os rohirrim quando os encontravam face a face, além de serem **menos hábeis no combate e menos bem armados.** TOLKIEN, 2009 B, p. 353. Grifos meus.

149

O tempo passou devagar. Lá embaixo no vale, fogueiras isoladas ainda ardiam. As tropas de Isengard avançavam em silêncio agora. Podia-se ver suas tochas subindo a garganta em muitas fileiras. De repente, do Dique, **gritos e berros, e os ferozes** gritos de guerra começaram. TOLKIEN, 2010 B, p. 114. Grifos meus.

150

Fiquemos agradecidos por não estarem nos caçando: pois eles usam flechas envenenadas, pelo que se diz, e têm habilidades incomparáveis nas florestas. Mas ofereceram seus serviços a Théoden. TOLKIEN, 2010 C, p. 103.

151

Sentados ali estavam Théoden e Éomer e diante deles, no chão, **uma figura estranha** de homem, atarracado, **nodoso** feito uma rocha velha, e os fios de sua barba rala se espalhavam no queixo encaroçado como musgo seco. Tinha as pernas curtas, os braços gordos, era troncado e roliço, **vestido apenas com palha ao redor da cintura.** TOLKIEN, 2010 C, p. 104.

152

— Menos que um olho! — disse Gimli. — **Mas eu não vou entrar em nenhuma casa de orc; nem tocar na carne que comem ou em qualquer coisa que eles tenham maltratado.**

— Nós não pediríamos que fizesse isso — disse Merry. — Nós mesmos já estamos cheios de orcs para o resto da vida. Mas havia muitas outras pessoas em Isengard. Saruman foi sábio o suficiente para não confiar em seus orcs. Tinha homens para guardar seus portões: alguns de seus servidores mais fiéis, eu suponho. De qualquer forma eles tinham privilégios e boas provisões. TOLKIEN, 2010 B, p. 140. Grifos meus.

153

Aragorn e seus companheiros **sentaram-se em uma das pontas de uma longa mesa**, e os hobbits desapareceram através de uma das portas internas.

— Há uma despensa ali dentro, e fora do alcance das enchentes, por sorte — disse Pippin, conforme eles voltaram carregados de **pratos, tigelas, taças, facas e comida de variados tipos**.

— E você não precisa torcer o nariz para as provisões, Mestre Gimli — disse Merry. — **Não é coisa de orc**, mas comida humana, como diz Barbárvore. Vão querer vinho ou cerveja? Há um barril lá dentro — bem razoável. E isto aqui é carne de porco salgada da melhor qualidade. Ou então posso cortar algumas fatias de tocinho defumado e grelhá-las, se quiserem. Lamento que não haja nenhuma verdura. As entregas foram interrompidas nos últimos dias! Não posso lhes oferecer nenhuma outra coisa como acompanhamento a não ser manteiga e mel para os pães. Estão satisfeitos? TOLKIEN, 2010 B, p. 140. Grifos meus.

154

Os três logo ficaram bem ocupados com a refeição; os dois hobbits, sem qualquer embaraço, resolveram comer outra vez.

— Precisamos fazer companhia aos nossos convidados — disseram eles.

— **Estão cheios de cortesias esta manhã** — disse rindo Legolas. — Mas talvez, se não tivéssemos chegado, vocês estivessem comendo para fazer companhia um ao outro de novo. TOLKIEN, 2010 B, p. 140 – 141. Grifos meus.

155

Conduziram-nos para os assentos ao lado de Faramir: barris cobertos com peles e suficientemente mais altos que os bancos dos homens, para a conveniência dos hobbits.

Antes de comer, Faramir e todos os seus homens se viraram e olharam para o oeste, num momento de silêncio. Faramir fez um sinal para Frodo e Sam de que eles deveriam proceder da mesma forma.

Fazemos sempre assim — disse ele, quando se sentaram -: olhamos na direção de Númenor que era, e mais além na direção de Casadelfos que é, e para aquela que fica além de Casadelfos e sempre será. **Vocês não têm esse costume às refeições?**

— Não — disse Frodo, **sentindo-se estranhamente rústico e inculto**. — Mas se somos convidados, **fazemos uma reverência diante de nosso anfitrião**, e depois de termos comido nos levantamos e lhe agradecemos.

— Isso nós também fazemos — disse Faramir.

Depois de terem viajado e acampado por tanto tempo, depois de dias passados em regiões desertas e solitárias, **a refeição noturna pareceu um banquete para os hobbits**: beber um vinho clarete, fresco e perfumado, **comer pão com manteiga, e carnes salgadas, e frutas secas, e um bom queijo vermelho, com as mãos limpas e com facas e pratos limpos**. Nem Frodo nem Sam recusaram nada do que lhes foi oferecido, nem uma segunda, e na verdade nem uma terceira porção. O vinho correu em suas veias e pernas cansadas, e eles se sentiram alegres e com os corações leves, como não se sentiam desde que partiram da terra de Lórien.

Quando tudo estava terminado, Faramir os levou a um cômodo na parte de trás da caverna, parcialmente protegido por cortinas; uma cadeira e dois bancos foram levados para lá. Uma pequena lamparina de barro queimava num nicho. TOLKIEN, 2010 B, p. 246 – 247. Grifos meus.

156

Faramir o observou por um momento, num assombro grave. Então de repente apanhou o hobbit que se desequilibrava, e, erguendo-o suavemente, **carregou-o para a cama, deitou-o ali e o cobriu bem agasalhado**.

Imediatamente, Frodo caiu num sono profundo.

Uma outra cama foi colocada ao lado para seu servidor. Sam hesitou um momento, e depois **fez uma grande reverência**. — Boa noite, Capitão, meu senhor — disse ele. — Arriscou-se, senhor! TOLKIEN, 2010 B, p. 252. Grifos meus.

157

Os Guardas do portão estavam vestidos de preto, e seus elmos tinham formatos estranhos, com a parte superior muito alta e com protetores faciais perfeitamente ajustados ao rosto, e acima desses protetores encaixavam-se as asas brancas de pássaros marinhos; mas os elmos cintilavam com uma chama de prata, pois na realidade eram feitos de mithril, legados da glória de dias antigos. Sobre as vestes negras estava bordada em branco uma árvore florescendo como neve sob uma corôa de prata e estrelas de muitas pontas. Esse era o uniforme dos herdeiros de Elendil, e ninguém o usava em Gondor, a não ser os Guardas da Cidadela diante do Pátio da Fonte, onde a Árvore Branca outrora crescera. TOLKIEN, 2010 C, p. 13.

158

Enquanto falava, tocou um pequeno gongo de prata que ficava perto de seu escabelo, e imediatamente serviçais apareceram. Pippin percebeu então que eles tinham estado em alcovas dos dois lados da porta, sem serem vistos quando ele e Gandalf entraram.

— **Tragam vinho, comida e cadeiras para os convidados** – disse Denethor — e cuidem para que ninguém nos incomode pelo período de uma hora. TOLKIEN, 2010 C, p. 17. Grifos meus.

Os homens vieram trazendo uma cadeira e um banco baixo, e um deles trouxe uma **bandeja com uma jarra de prata e taças, e bolos brancos**. TOLKIEN, 2010 C, p. 18. Grifos meus.

159

Agradeceram-lhe por ter vindo se juntar a eles, ouviram com avidez suas palavras e histórias sobre as terras estrangeiras, e lhe ofereceram toda a comida e a cerveja que ele poderia desejar. TOLKIEN, 2010 C, p. 30.

160

Foi como ele dissera, e Pippin logo se viu trajado com uma roupa estranha, **toda preta e prateada. Tinha uma pequena cota de malha, com anéis forjados de aço**, talvez, embora fossem pretos como o azeviche; também um elmo alto com pequenas asas de corvo dos dois lados, adornado com uma estrela de prata no centro do diadema. Sobre a cota de malha trazia um **pequeno casaco preto, com o símbolo da Árvore bordado em prata no peito**. TOLKIEN, 2010 C, p. 75. Grifos meus.

161

— E mais cedo, deve-se esperar — disse Gandalf — Pois eu não vim de Isengard até aqui, ao longo de cento e cinquenta léguas, na velocidade do vento, apenas para trazer-lhe um pequeno guerreiro, **por mais cortês que ele seja**. TOLKIEN, 2010 C, p. 17. Grifos meus.

— Bem, sim, para ser educado, digo que comi sim — disse Pippin. — Mas nada além de uma taça de vinho e um ou dois pedaços de bolo branco **graças à cortesia de seu senhor**; mas em troca disso ele me torturou com uma hora de interrogatório, e isso é um trabalho que dá fome. TOLKIEN, 2010 C, p. 23. Grifos meus.

162

Hirluin, o Belo, das Colinas Verdes de Pinnath Gelin, com três centenas de esplêndidos homens vestidos de verde. E por último o mais altivo, Imrahil, Príncipe de Doi Amroth, parente do Senhor, **com bandeiras cor de ouro ostentando seu símbolo: o Navio e o Cisne de Prata**, e uma companhia de cavaleiros bem paramentados, montando cavalos cinzentos; atrás deles sete centenas de soldados, altos como senhores,

de olhos cinzentos, cabelos escuros, cantando enquanto avançavam. TOLKIEN, 2010 C, p. 34. Grifos meus.

163

— De nossa tradição e maneiras aprenderam o que lhes agradou, e seus senhores falam nossa língua quando necessário; mas na maioria dos casos mantêm as maneiras de seus antepassados e suas próprias lembranças, e conversam entre si na sua língua do norte. TOLKIEN, 2010 B, p. 248.

164

Lá dentro os corredores eram iluminados pela luz vermelha das tochas, e os guardas-élficos cantavam em sua marcha ao longo das passagens sinuosas, entrecruzadas e ecoantes. Essas passagens não eram como as das cidades dos orcs: eram menores, menos entranhadas na terra, e continham um ar mais limpo. Num grande salão com pilares talhados na pedra estava sentado o Rei Élfico, num tronco de madeira esculpida. Em sua cabeça via-se uma coroa de bagas e folhas vermelhas, pois mais uma vez chegara o outono. Na primavera usava uma coroa de flores silvestres. TOLKIEN, 2010 D, p. 163.

165

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, **corrompidos e escravizados**; e assim Melkor gerou a **horrenda raça dos orcs**, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem **serviam por medo**, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar. TOLKIEN, 2009 A, p. 31. Grifos meus.

166

Já a maioria temia pelos quendi no mundo perigoso, em meio às ciladas da penumbra iluminada pelas estrelas; e, além disso, estavam tomados de amor pela beleza dos elfos e desejavam sua companhia. Ao final, portanto, **os Valar convocaram os quendi a vir a Valinor, para ali se reunirem aos pés dos Poderes à luz das Árvores, para sempre**; ... Foi então que ocorreu a primeira cisão dos elfos. Pois os familiares de Ingwë, e a maior parte dos familiares de Finwë e Elwë, foram influenciados pelas palavras de seus senhores e se dispuseram a partir e acompanhar Oromë. E esses ficaram conhecidos para sempre como os eldar, nome que Oromë deu aos elfos no ofício em sua própria língua. **Muitos, porém, desrespeitaram a convocação, preferindo a luz das estrelas e a amplidão da Terra-média ao rumor das Árvores, e esses são os avari, Os Relutantes**; e nessa época eles se separaram dos eldar e só voltaram a se encontrar passadas muitas eras. TOLKIEN, 2009 A, p. 33. Grifos meus.

167

— Não me resta esperança de a usar em tarefas dignas. Não haverá trabalho para Labadal nos dias vindouros, a não ser trabalho de escravo.

— **O que é um escravo?** — quis saber Túrin.

— **É um homem que foi um homem mas é tratado como um animal** — respondeu Sador. — **Alimentado a-penas para se manter vivo, mantido vivo apenas para labutar, labutando apenas por medo da dor ou da morte.** E destes ladrões pode receber dor ou morte apenas por puro divertimento. Ouvi dizer que escolhem alguns dos pés-ligeiros e os perseguem com cães de caça. Aprenderam mais depressa com os Orcs do que nós com o Povo Belo. TOLKIEN, 2010 E, p. 67. Grifos meus.

E, quando Túrin se aproximou, o medonho saque a Nargothrond já estava praticamente terminado. Os orcs haviam assassinado ou rechaçado todos os que ainda portavam armas, e estavam naquele instante vasculhando os enormes salões e aposentos, a pilhar e destruir. **No entanto, aquelas mulheres e moças que não haviam sido mortas nem queimadas, eles haviam recolhido aos terraços diante das portas, como escravas a serem levadas à servidão de Morgoth.**

Com essa ruína e aflição, **Túrin** deparou. E ninguém conseguia resistir a ele, nem se dispunha a isso, **pois ele derrubou todos os que se postaram à sua frente, passou pela ponte e abriu caminho com violência até as cativas.** TOLKIEN, 2009 A, p. 167.

— Esqueces com quem estás a falar? As coisas que dizes já as disseste há muito tempo aos nossos pais, mas nós escapamos da tua sombra. E agora sabemos a teu respeito, pois olhamos para os rostos que viram a Luz e ouvimos as vozes que falaram com Manwë. Antes de Arda existias, mas outros também existiam e não foste tu que a fizeste. Nem és o mais poderoso de todos, pois consumiste a tua força em ti mesmo e desperdiçaste-a no teu próprio vazio. **Agora não és mais do que um escravo fugido dos Valar, cujas correntes ainda te esperam.** TOLKIEN, 2009 B, p. 57. Grifos meus.

— Uma última coisa te direi então, **escravo Morgoth** — continuou — e não é ditada pela tradição dos Eldar, mas chegou ao meu coração nesta hora. Não és o senhor dos Homens, e nunca serás, mesmo que toda a Arda e Menel fiquem sob o teu domínio. Para além dos Círculos do Mundo não perseguirás aqueles que te renegam. TOLKIEN, 2009 B, p. 58. Grifos meus.

Mas seus inimigos vigiavam suas habitações, e logo estavam cientes da marcha. Não haviam os elfos avançado muito, das colinas para a planície, quando **foram assaltados por grande número de orcs e Orientais**, fugindo em debandada na noite que caía. O coração de Tuor inflamou-se com o fogo da batalha, e não quis fugir, mas menino que era empunhou o machado como seu pai fizera antes, e ele por muito tempo manteve seu posto, matando muitos que o atacaram; mas **por fim foi dominado e feito prisioneiro**, sendo conduzido à presença de Lorgan, o Oriental. Esse Lorgan era considerado **chefe dos Orientais** e afirmava ter sob seu jugo Dor-lómin inteira como feudo **sob as ordens de Morgoth**; e **tomou Tuor por escravo.** TOLKIEN, 2009 B, p. 51. Grifos meus.

Foram, entretanto, **atacados por orcs e orientais antes de conseguir fugir; e Tuor foi capturado e escravizado** por Lorgan, chefe dos orientais de Hithlum. Durante três anos, suportou a escravidão; mas, ao final desse período, fugiu. E, voltando às cavernas de Androth, morou ali sozinho e causou tantas perdas aos orientais que Lorgan pôs sua cabeça a prêmio. TOLKIEN, 2009 A, p. 187. Grifos meus.

Outrora havia Sauron, o Maia, que os sindar em Beleriand chamavam de Gorthaur. No início de Arda, Melkor seduziu-o para sua vassalagem, e Sauron se tomou o maior e mais confiável dos servos do Inimigo; e também o mais perigoso, pois podia assumir muitas formas; e por muito tempo, se quisesse, ainda pôde aparentar nobreza e beleza, de modo a enganar a todos, à exceção dos extremamente cautelosos. TOLKIEN, 2009 A, p. 222.

Não obstante, por muito tempo pareceu aos númenorianos que eles prosperavam; e, se sua felicidade não era maior, eles ainda assim estavam mais fortes; e seus ricos, cada vez mais ricos. Pois, com o auxílio e os conselhos de Sauron, multiplicavam seus bens, inventavam engenhos e construíam naus cada vez maiores. E agora velejavam com poderio e grande armamento até a Terra-média; e não vinham mais como portadores de presentes, nem mesmo como governantes, mas como ferozes guerreiros. **Caçavam os homens da Terra-média, tornavam seus bens e os escravizavam; e muitos eles matavam cruelmente em seus altares.** Pois em suas fortalezas construíram, naquela época, templos e grandes túmulos. **E os**

homens os temiam; e a lembrança dos bondosos reis de outrora desapareceu do mundo e foi obscurecida por muitas histórias de terror. TOLKIEN, 2009 A, p. 214 – 215. Grifos meus.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos **escravos fortes para remar debaixo de açoites.** O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. TOLKIEN, 2009 A, p. 218. Grifos meus.

173

Naquela época, os artífices de Ostin-Edhil superaram tudo o que haviam criado antes. Refletiram, e fizeram Anéis de Poder. Contudo, **Sauron guiava seus esforços e estava a par de tudo o que faziam; pois seu desejo era impor uma obrigação aos elfos e mantê-los sob vigilância.**

Ora, os elfos fizeram muitos anéis. Em segredo, porém. **Sauron fez Um Anel para governar todos os outros,** e o poder dos outros estava vinculado ao dele, de modo a submeter-se totalmente a ele e a durar somente enquanto ele durasse. E grande parte da força e da vontade de Sauron foi transmitida àquele Um Anel. Pois o poder dos anéis élficos era enorme, e aquele que deveria **governá-los** deveria ser um objeto de potência extraordinária. E Sauron o forjou na Montanha de Fogo na Terra da Sombra. E, enquanto usava o Um Anel, ele conseguia perceber tudo o que era feito pelos anéis subalternos, e ler e controlar até mesmo os pensamentos daqueles que os usavam. TOLKIEN, 2009 A, p. 224. Grifos meus.

174

Mas com enorme frequência viam apenas os espectros e as ilusões de Sauron. E um a um mais cedo ou mais tarde, de acordo com sua força inata e a bondade ou a maldade de suas vontades no início, **eles caíam sob a escravidão do anel que portavam e sob o domínio do Um, que era o de Sauron.** E se tornavam invisíveis para sempre, menos para ele, que usava o Anel Governante e passavam para o reino das sombras.

Os nazgûl eram eles, os **Espectros do Anel os mais terríveis servos do Inimigo.** A escuridão ia com eles, e seus gritos eram dados com a voz da morte. Ora, a cobiça e o orgulho de Sauron aumentaram até ele não respeitar nenhum limite e decidir tomar-se senhor de todas as coisas na Terra-média, destruir os elfos e provocar, se possível, a queda de Númenor. **Ele não tolerava nenhuma liberdade nem rivalidade e se intitulou Senhor da Terra.** Uma máscara ainda conseguia usar para poder enganar os olhos dos homens, se quisesse, parecendo-lhes sábio e belo. No entanto, **governava mais pela força e pelo medo,** se esses pudessem resolver. E aqueles que percebiam sua sombra a se espalhar pelo mundo o chamavam de Senhor do Escuro, e de Inimigo. **E ele voltou a reunir sob seu comando todos os seres nefastos dos tempos de Morgoth que permaneciam na terra ou debaixo dela; e os orcs eram seus súditos e se multiplicavam como moscas.** ... Em todas as outras regiões, Sauron reinava, **e quem queria ser livre se abrigava nos redutos de bosques e montanhas, e o medo sempre os perseguia.** TOLKIEN, 2009 A, p. 225 – 226. Grifos meus

Por fim, resolveu que naquele caso só lhe serviriam os seus servos mais poderosos, os Espectros do Anel, que não tinham vontade senão a dele próprio, já que cada um deles era totalmente subserviente ao anel que o escravizara, que Sauron detinha. TOLKIEN, 2009 A, p. 518.

Eles eram de longe os mais poderosos dentre seus servos, e os mais adequados para uma tal missão, pois estavam inteiramente escravizados por seus Nove Anéis, que ele mesmo detinha agora; eram totalmente incapazes de agir contra sua vontade; e, se um deles, mesmo seu capitão, o Rei dos Bruxos, tivesse se apossado do Um Anel, ele o teria trazido de volta a seu Mestre. TOLKIEN, 2009 A, p. 526.

175

— Desde que Bilbo partiu, ando muito preocupado com você, e com todos esses hobbits encantadores, absurdos e desamparados. Seria um triste golpe para o mundo se o Poder Escuro dominasse o Condado; **se todos vocês,** estúpidos e alegres Bolgers, Corneteiros, Boffins, Justa-correias e o resto, para não falar dos ridículos Bolseiros, **fossem todos escravizados.**

Frodo estremeceu.

— Mas por que isso deveria acontecer? — perguntou ele. — **E por que ele iria querer escravos assim?**

— Para falar a verdade — replicou Gandalf —, acredito que até agora, até agora, veja bem — ele ignorou totalmente a existência dos hobbits. Você deve ficar agradecido. Mas a sua segurança passou. Ele não precisa de vocês — tem muitos servidores úteis — mas não se esquecerá de vocês novamente. **E hobbits miseravelmente escravizados seriam muito mais do agrado dele do que hobbits felizes e livres.** Existem coisas assim, como malícia e vingança. TOLKIEN, 2010 A, p. 82. Grifos meus.

176

Não era assim agora. Abaixo das muralhas de Isengard ainda havia acres cultivados pelos escravos de Saruman, **mas a maior parte do vale tinha-se tornado um deserto cheio de mato e de espinheiros. Sarças se arrastavam no solo ou, trepando sobre arbustos ou barrancos, formavam cavernas emaranhadas** onde se abrigavam pequenos animais. TOLKIEN, 2010 B, p. 134. Grifos meus.

177

Era um vale coberto, apenas com uma abertura ao sul. Outrora fora belo e verde, e através dele o Isen corria, já forte e profundo antes de encontrar as planícies; pois era alimentado por muitos riachos e rios menores ao passar pelas colinas banhadas pela chuva, e por toda a sua volta se estendera uma terra agradável e fértil. TOLKIEN, 2010 B, p. 134.

178

Havia ali muitas casas, cômodos, salões e corredores, que cortavam e perfuravam as muralhas do lado interno, de modo que todo o círculo aberto era vigiado por inúmeras janelas e portas escuras. Milhares podiam morar lá, trabalhadores, **servidores, escravos** e guerreiros com grandes estoques de armas; lobos recebiam alimento e abrigo em profundas tocas mais abaixo. TOLKIEN, 2010 B, p. 135. Grifos meus.

179

Isengard era um lugar forte e maravilhoso, e fora belo por muito tempo; ali moraram grandes senhores, os guardiões de Gondor no oeste, e homens sábios que observavam as estrelas. Mas Saruman lentamente transformou o lugar para seus propósitos mutantes, e o melhorou, na sua opinião; mas se enganava — **pois todas as artes e sutis artificios, pelos quais abandonou sua sabedoria antiga,** e que ingenuamente imaginou serem seus, vinham de Mordor; assim tudo o que fez não passou de uma pequena cópia, **um modelo infantil ou uma adulação de escravo,** daquela vasta fortaleza, do arsenal, da prisão, da fornalha de grande poder, Barad-dûr, a Torre Escura, que não tinha rival, e ria da adulação, ganhando tempo, segura de seu orgulho e de sua força incomensurável. TOLKIEN, 2010 B, p. 135. Grifos meus.

180

— Eles empurravam, puxavam, rasgavam, chacoalhavam, e esmurravam; e clangue-bangue, crache-craque, em cinco minutos esses portões enormes estavam no chão destruídos; e alguns dos ents já estavam começando a roer as muralhas, como coelhos num poço de areia. Não sei o que Saruman pensou que estava acontecendo, mas de qualquer forma ele não sabia como lidar com aquilo. Sua magia pode ter enfraquecido nos últimos tempos, é claro; mas de qualquer jeito acho que ele não tinha bravura suficiente, nem muita coragem, sozinho num lugar apertado, **sem um monte de escravos** e máquinas e coisas, se entendem o que quero dizer. **Muito diferente do velho Gandalf.** TOLKIEN, 2010 B, p. 146. Grifos meus.

181

Até mesmo ao Brejo dos Rostos Mortos algum espectro desfigurado de primavera poderia chegar; mas no ponto onde estavam agora nem a primavera nem o verão jamais chegariam outra vez. **Ali nada vivia, nem mesmo as excrescências leprosas que se alimentam da podridão.**

As poças sufocantes estavam cheias de cinzas e lama que se espalhava, num branco-acinzentado repugnante, como se as montanhas tivessem vomitado a imundície de suas entranhas sobre as terras que as circundavam. Altos montes de pedra esmagada e esmagada, grandes cones de terra arruinados pelo

fogo e manchados de veneno jaziam como um cemitério obscuro em fileiras intermináveis, lentamente reveladas na luz relutante.

Tinham chegado à desolação que jazia diante de Mordor: o monumento permanente do trabalho escuro de seus escravos, que deveria perdurar quando todos os seus propósitos se tornassem inócuos: uma terra aviltada, adocida além de qualquer cura — a não ser que o Grande Mar a cobrisse e a lavasse com o esquecimento. TOLKIEN, 2010 B, p. 204 – 205. Grifos meus.

182

Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a idéia de tê-la morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. **E os orcs eram escravos úteis, mas ele os tinha em abundância. Se de vez em quando Laracna capturasse algum para amenizar seu apetite, era bem-vinda: Sauron podia dispor deles. E algumas vezes, como um homem pode jogar uma guloseima para sua gata** (chama-a de minha gata, mas ela não é dele), Sauron costumava enviar-lhe prisioneiros para os quais não tinha melhores usos: ordenava que fossem conduzidos até a toca, e que lhe fossem trazidos relatórios das brincadeiras que ela aprontava. TOLKIEN, 2010 B, p. 291. Grifos meus.

183

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, **seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar**. TOLKIEN, 2010 C, p. 100. Grifos meus.

184

— Orgulho e desespero! — gritou ele. -Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pois tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. **O oeste fracassou. Todos os que não quiserem ser escravos devem agora partir**. TOLKIEN, 2010 C, p. 129. Grifos meus.

185

Ninguém lhes ofereceu resistência. Tomaram todos os navios que estavam alinhados para a batalha, e depois passaram sobre as águas para aqueles que estavam ancorados; todos os marinheiros foram dominados por uma loucura de terror e saltaram para a água, **exceto os escravos acorrentados aos remos**. Avançamos impávidos em meio aos nossos inimigos em fuga, varrendo-os como folhas, até chegarmos à margem. E então Aragorn designou, para cada um dos navios que restavam, um dos dúnedain, que **consolaram os cativos que estavam a bordo, ordenando-lhes que afastassem o medo e se considerassem livres**. TOLKIEN, 2010 C, p. 154 – 155. Grifos meus.

— Naquela noite descansamos enquanto outros trabalhavam. **Pois havia muitos cativos que foram libertados, e muitos escravos, agora livres, que eram pessoas de Gondor, aprisionadas em ataques**; e logo também se formou um grande ajuntamento de homens de Lebennin e do Ethir, e Angbor de Lamedon veio com todos os cavaleiros que pôde reunir. Agora que o medo dos Mortos passara, vinham para nos ajudar e para ver o Herdeiro de Isildur, pois o rumor desse nome se espalhara como fogo na escuridão. E agora chegamos perto do fim da história. Durante a noite e a madrugada muitos navios foram preparados e guarnecidos com homens; pela manhã a frota partiu. Agora parece que tudo aconteceu há muito tempo, e apesar disso foi apenas na manhã do dia anterior a ontem, o sexto desde que partimos do Templo da Colina. TOLKIEN, 2010 C, p. 155 – 156. Grifos meus.

186

— Os termos são estes — disse o Mensageiro, sorrindo e encarando-os um a um: a gentalha de Gondor e seus iludidos aliados devem retirar-se imediatamente para além do Anduin, não sem primeiro

prestarem juramento de nunca mais atacar Sauron, o Grande, aberta ou secretamente. Todas as terras a leste do Anduin deverão pertencer a Sauron para sempre, e unicamente a ele. A região a oeste do Anduin, até as Montanhas Sombrias e o Desfiladeiro de Rohan, deverá pagar tributo a Mordor, e os homens de lá não poderão portar armas, mas terão permissão para governar seus próprios assuntos. No entanto, deverão ajudar a reconstruir Isengard, a qual destruíram por capricho, e essa região será de Sauron, e lá seu tenente deverá morar: não Saruman, mas alguém mais digno de confiança.

Olhando nos olhos do Mensageiro, todos leram seu pensamento. **Seria ele aquele tenente que reuniria tudo o que restasse do oeste sob seu controle seria tirano e eles os seus escravos.** TOLKIEN, 2010 C, p. 170 – 171. Grifos meus.

187

Fingolfin, como Rei de todos os noldor, enviou-lhes mensagens de boas-vindas; e **então muitos rapazes dispostos dos edain partiram para prestar serviços aos reis e senhores dos eldar.** Entre eles estava Malach, filho de Marach, que morara em Hithlum catorze anos. Ele aprendera a língua élfica e recebera o nome de Aradan.

Os edain não permaneceram muito tempo em Estolad, pois muitos ainda desejavam ir para o oeste; só não sabiam o caminho. À sua frente, estavam as bordas de Doriath, e ao sul estava o Sirion e seus pântanos intransponíveis. **Por isso, os reis das três Casas dos noldor, vendo esperança de força nos filhos dos homens, mandaram avisar que quaisquer edain que assim desejassem, poderiam se mudar e vir residir em meio a seu povo.** Começou assim a migração dos edain. De início, aos poucos, mas mais tarde em famílias e clãs, eles levantaram acampamento e deixaram Estolad, até que, após cerca de cinquenta anos, muitos milhares haviam passado para as terras dos Reis. TOLKIEN, 2009 A, p. 107. Grifos meus.

Depois de algum tempo, contudo, vendo que não era conveniente a mistura desordenada da vida em comum de elfos e homens, e percebendo que os homens precisavam de senhores de sua própria gente, **os Reis élficos designaram regiões separadas nas quais os homens poderiam levar a vida e indicaram chefes para governar essas terras livremente.** Os homens eram aliados dos eldar na guerra, mas **marchavam sob o comando de seus próprios líderes.** Entretanto, muitos dos edain se compraziam com a amizade dos elfos e permaneciam entre eles tanto tempo quanto lhes fosse permitido. E os rapazes costumavam prestar serviço por um período nos exércitos dos reis. TOLKIEN, 2009 A, p. 111. Grifos meus.

188

Túrin, no entanto, chorou amargamente, sozinho na noite, embora diante de Morwen nunca mais pronunciasse o nome da irmã. Para um amigo apenas voltou-se naqueles dias, e a ele falou do seu pesar e do vazio da casa. **Esse amigo chamava-se Sador, um criado a serviço de Húrin.** ... Sador trabalhava nas construções anexas, fazendo ou consertando coisas de pouco valor que eram necessárias na casa, pois tinha algum talento para trabalhar a madeira. TOLKIEN, 2009 B, p. 107. Grifos meus.

189

E os Senhores de Númenor pisaram novamente nas praias ocidentais nos Anos Escuros dos homens, e ninguém ousou combatê-los. Pois os homens daquela época que eram dominados pela Sombra estavam agora em sua maioria fracos e temerosos. **E, ao chegar em meio a eles, os númenorianos muito lhes ensinaram.** O trigo e o vinho trouxeram; e instruíram os homens a plantar sementes e a moer o grão, a cortar madeira e a dar forma à pedra, e a organizar sua vida, da forma que era possível nas terras de morte rápida e felicidade escassa.

Então, os homens da Terra-média sentiram alívio; e aqui e ali, nas costas ocidentais, os bosques despovoados recuaram, e os homens, livrando-se do jugo da prole de Morgoth, desaprenderam seu terror das trevas. E reverenciaram a memória dos altos Reis dos Mares. TOLKIEN, 2009 A, p. 205. Grifos meus.

190

Não obstante, por muito tempo pareceu aos númenorianos que eles prosperavam; e, se sua felicidade não era maior, eles ainda assim estavam mais fortes; e seus ricos, cada vez mais ricos. Pois, com o auxílio e os

conselhos de Sauron, multiplicavam seus bens, inventavam engenhos e construíam naus cada vez maiores. E agora velejavam com poderio e grande armamento até a Terra-média; **e não vinham mais como portadores de presentes, nem mesmo como governantes, mas como ferozes guerreiros. Caçavam os homens da Terra-média, tornavam seus bens e os escravizavam;** e muitos eles matavam cruelmente em seus altares. Pois em suas fortalezas construíram, naquela época, templos e grandes túmulos. E os homens os temiam; e a lembrança dos bondosos reis de outrora desapareceu do mundo e foi obscurecida por muitas histórias de terror. TOLKIEN, 2009 A, p. 214 – 215. Grifos meus.

191

— Isso saberemos se conseguirmos chegar a Erech – disse Aragorn. — **Mas o juramento que quebraram foi o de lutar contra Sauron,** portanto eles devem lutar, se quiserem cumpri-lo. Pois em Erech se ergue uma pedra negra que foi trazida de Númenor, como se conta, por Isildur; e ela foi colocada sobre uma colina, **e sobre ela o Rei das Montanhas jurou fidelidade a ele no início do reino de Gondor.** Mas, quando Sauron retornou e ficou outra vez poderoso, **Isildur convocou os homens das Montanhas para que cumprissem seu juramento, e eles não cumpriram:** tinham adotado Sauron durante os Anos Escuros.

— Então Isildur disse ao rei deles: "Tu serás o último rei. E, se o oeste se mostrar mais forte que teu Mestre Negro, esta maldição eu lanço sobre ti e teu povo: jamais descansar enquanto o juramento não for cumprido. Pois esta guerra perdurará por anos sem conta, e vós sereis chamados mais uma vez antes do fim." E eles fugiram diante da ira de Isildur, e não ousaram avançar para lutar a favor de Sauron; esconderam-se em lugares secretos nas montanhas e não tiveram contato com outros homens; e lentamente foram se extinguindo nas colinas desoladas. E o terror dos Mortos Insones paira sobre a colina de Erech e sobre todos os lugares onde aquele povo subsistia. Mas por esse caminho devo ir, já que não há nenhum vivo que possa me ajudar.

Levantou-se.

— Venham! — gritou ele, puxando da bainha a espada, que reluziu na dúbia luz do salão do Forte. — Para a Pedra de Erech! Procuo as Sendas dos Mortos. Que me acompanhe quem quiser! TOLKIEN, 2010 C, p. 47. Grifos meus.

192

E ele, estando livre, reuniu novamente todos os servos que conseguiu encontrar e chegou às ruínas de Angband. Ali, voltou a escavar seus enormes salões subterrâneos e calabouços; e, acima de seus portões, ergueu os picos tríplices das Thangorodrim, e uma densa nuvem de fumaça escura os envolveu eternamente.

Ali multiplicaram-se suas hostes de feras e demônios; e a raça dos orcs, criada tanto tempo antes, cresceu e proliferou nas entranhas da terra. Caía agora sobre Beleriand uma sombra escura, como será relatado a seguir. TOLKIEN, 2009 A, p. 56.

193

Assim Thingol lavrou o destino de Doriath e foi envolvido na maldição de Mandos. E os que ouviram essas palavras perceberam que Thingol cumpriria seu juramento e, mesmo assim, mandaria Beren para a morte; pois sabiam que nem todo o poder dos noldor, antes que o Cerco fosse rompido, havia sido suficiente para ver, mesmo de longe, as reluzentes Silmarils de Fëanor. **Elas estavam engastadas na Coroa de Ferro e eram valorizadas em Angband mais do que qualquer tesouro; e havia balrogs ao seu redor, espadas sem conta, grades fortes, muralhas inexpugnáveis e a sinistra majestade de Morgoth.** TOLKIEN, 2009 A, p. 127. Grifos meus.

194

Entretanto, quando a vanguarda de Maedhros se abateu sobre os orcs, Morgoth soltou sua última força, e Angband ficou vazia. Vieram lobos com cavaleiros que os montavam, **vieram balrogs, dragões e Glaurung, pai dos dragões.** A força e o terror do Grande Lagarto eram agora enormes; e elfos e homens se intimidaram diante dele. E Glaurung avançou entre as hostes de Maedhros e Fingon, separando-as. TOLKIEN, 2009 A, p. 149. Grifos meus.

Nessa Era, como se relata em outra parte, Sauron voltou a se erguer na Terra-média. Ele cresceu e retornou ao mal no qual fora criado por Morgoth, tornando-se poderoso a seu serviço. Já nos tempos de Tar-Minastir, décimo primeiro Rei de Númenor, ele havia fortificado a terra de Mordor e lá construído a Torre de Barad-dûr. E dali em diante sempre lutou pelo domínio da Terra-média, para se tornar rei de todos os reis e semelhante a um deus perante os homens. TOLKIEN, 2009 A, p. 208.

Agora, ele descobria que os reis de Númenor haviam aumentado seu poder e esplendor; e os odiava ainda mais. Também temia que invadissem seu território e lhe tirassem o domínio do leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 209.

E, no sul e no extremo leste, os homens se multiplicavam; e em sua maioria se voltavam para o mal, pois Sauron estava em atividade. TOLKIEN, 2009 A, p. 223.

Em todas as outras regiões, Sauron reinava, e quem queria ser livre se abrigava nos redutos de bosques e montanhas, e o medo sempre os perseguia. No leste e no sul praticamente todos os homens estavam sob seu domínio, e naquele período eles se fortaleceram e construíram muitas cidades e muralhas de pedra; e eram numerosos e ferozes na guerra com suas armas de ferro. Para eles, Sauron era tanto rei quanto deus; e sentiam um pavor extremo dele, pois sua morada era cercada com fogo. TOLKIEN, 2009 A, p. 226.

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre **os grandes campos de trabalho escravo mais ao sul daquele vasto reino**, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnem; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, **levando a terras que pagavam tributo a Mordor**, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. TOLKIEN, 2009 A, p. 205. Grifos meus.

Desse modo, os Exilados de Númenor estabeleceram seus reinos em Amor e em Gondor; mas, antes que se passassem muitos anos, tornou-se manifesto que seu inimigo, Sauron, também voltara. Ele chegou em segredo, como se relatou, **a seu antigo reino de Mordor, do outro lado das Ephel Dúath, as Montanhas Sombrias e esse território tinha fronteiras com Gondor, a leste.**

Ali, sobre o vale de Gorgoroth, foi construída sua fortaleza enorme e poderosa, Barad-dûr, a Torre Escura. E havia uma montanha de fogo naquela terra, que os elfos chamavam de Orodruin. ... Ora, Sauron preparava a guerra contra os eldar e os homens de Ponente; e os fogos da Montanha foram mais uma vez atizados. ... E Sauron chamou a si enorme contingente de seus servos do leste e do sul; TOLKIEN, 2009 A, p. 228.

Preparava-se, entretanto, o Domínio dos Homens e tudo estava em transformação, até que afinal o Senhor do Escuro se ergueu novamente na Floresta das Trevas. ... Eram a sombra de Sauron e o sinal de seu retorno. Pois, vindo dos ermos do leste, ele fixou residência no sul da floresta; e aos poucos foi voltando a crescer e a adquirir forma. Numa colina escura, ele fez sua morada e ali criava seus feitiços. E todo o povo temia o Feiticeiro de Dol Guldur, e no entanto de início eles não sabiam como era enorme o risco que corriam. TOLKIEN, 2009 A, p. 233 – 234.

Investiram contra Dol Guldur e expulsaram Sauron desse reduto; e a Floresta das Trevas, por um curto período, voltou a ser saudável.

Contudo, seu ataque foi muito tardio. Pois o Senhor do Escuro o previra e há muito tempo vinha planejando todos os seus movimentos. E os úlairi, seus nove servos, foram antes dele a fim de tudo preparar para sua chegada. Portanto, sua fuga foi apenas um fingimento, e ele logo voltou. E, antes que os

Sábios pudessem impedi-la, retornou a seu reino em Mordor, onde reergueu as torres sinistras de Barad-dûr. TOLKIEN, 2009 A, p. 236.

201

— Depois, cerca de um ano atrás, um mensageiro veio até Dain, mas não de Moria... de Mordor: um cavaleiro chegou à noite, chamando Dain até o portão. O Senhor Sauron, o Grande, dizia ele, desejava nossa amizade. Em troca daria anéis, assim como tinha dado aos antigos. E o mensageiro queria muito saber a respeito de hobbits, de como eles eram, e onde moravam. —Pois Sauron sabe, dizia ele, —que um deles foi conhecido de vocês em certa época.

— Ao ouvirmos isso, ficamos muito preocupados, e não demos resposta. E então sua voz maléfica ficou mais baixa, e ele a teria suavizado, se pudesse. —Apenas como um pequeno sinal de sua amizade, Sauron pede isto, disse ele: —que encontrem esse ladrão, foi essa a palavra que usou, e consigam dele, quer queira ou não, um pequeno anel, o mais ínfimo dos anéis, que certa vez ele roubou. É um capricho de Sauron, e uma prova da boa vontade de vocês. Encontrem-no, e três anéis que os anões antepassados usaram lhes serão devolvidos, e poderão tomar posse de Moria para sempre. Encontrem apenas notícias do ladrão, se ainda está vivo e onde, e terão grande recompensa e a eterna amizade do Senhor. **Recusem a oferta, e as coisas não vão ficar muito bem. Recusam -se?** Com isso sentimos seu hálito, semelhante ao silvo das serpentes, e todos os que estavam ali tremeram, mas Dain disse: “Não digo sim nem não”.

Preciso pensar na mensagem, e no que está por trás desse belo disfarce.

—Pense bem, mas não por muito tempo, disse ele.

—Levo o tempo que precisar com meu pensamento, respondeu Dain.

—Por enquanto, disse ele, e cavalgou para dentro da escuridão.

— Os corações de nossos líderes ficaram pesados desde aquela noite. Não precisávamos da voz maligna do mensageiro para nos avisar que as palavras dele **continham ameaça e engano**, pois já sabíamos que o poder que outra vez invadira Mordor não tinha mudado, e que esse poder sempre havia nos traído outrora.

O mensageiro voltou duas vezes, e se foi sem resposta. “A terceira e última vez”, dizia ele, “está por chegar, antes do fim do ano”. TOLKIEN, 2010 A, p. 371 – 372. Grifos meus.

202

— Vou dar seu nome e número para os nazgûl — disse o soldado, abaixando a voz num chiado.

— Um deles é o encarregado da Torre agora.

O outro parou, e sua voz se encheu de medo e ódio.

— Seu maldito espião, delator, ladrão! — gritou ele. — Não consegue fazer o seu serviço, e nem ser leal ao seu próprio povo. Vá para os seus Guinchadores sujos, e que eles arranquem sua pele! Se o inimigo não o pegar primeiro. Ouvi dizer que assassinaram o Número Um, e espero que seja verdade! TOLKIEN, 2009 A, p. 207 – 208.

203

Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. **Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do Escuro**; só se preocupavam em terminar a marcha e **escapar do chicote**. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou: TOLKIEN, 2009 A, p. 213. Grifos meus.

204

Naquele período, os Valar trouxeram ordem aos mares, terras e montanhas, e Yavanna finalmente plantou as sementes que havia muito imaginara. E, como houvesse necessidade de luz, já que os fogos estavam dominados ou enterrados sob as colinas primitivas, Aulë, a pedido de Yavanna, criou duas lamparinas poderosas para iluminar a Terra-média, construída por ele entre os mares circundantes. Então Varda encheu as lamparinas, e Manwë as consagrou; e os Valar as puseram em cima de colunas altíssimas, mais elevadas do que qualquer das montanhas mais recentes. Ergueram uma lamparina junto ao norte da Terra-

média, e ela se chamou Illuin; e a outra foi erguida no sul, e foi chamada Ormal; e a luz das Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia. ... **E ali, na Ilha de Almaren, no Grande Lago, foi a primeira morada dos Valar** quando tudo era novo, e o verde recém-criado ainda era uma maravilha aos olhos dos criadores. E eles se contentaram por muito tempo. TOLKIEN, 2009 A, p. 18 – 19.

205

E, embora os Valar ainda nada soubessem a respeito, mesmo assim a perversidade de Melkor e a influência maléfica de seu ódio emanavam de lá, e a Primavera de Arda foi destruída. Os seres verdes adoeceram e apodreceram, os rios foram obstruídos por algas e lodo; criaram-se pântanos, repelentes e venenosos, criatórios de moscas; as florestas tornaram-se sombrias e perigosas, antros do medo; e as feras se transformaram em monstros de chifre e marfim e tingiram a terra de sangue. Os Valar tiveram então certeza, de que Melkor estava agindo novamente, e saíram à procura de seu esconderijo. Melkor, porém, confiante na resistência de Utumno e no poder de seus servos, apresentou-se de repente para a luta e deu o primeiro golpe antes que os Valar estivessem preparados, atacou as luzes de Illuin e Ormal, arrasou suas colunas e quebrou suas lamparinas. Quando as enormes colunas desmoronaram, terras fenderam-se e mares elevaram-se em turbulência. E, quando as lamparinas foram derrubadas, labaredas destruidoras se derramaram pela Terra. E a forma de Arda, além da simetria de suas águas e de suas terras, foi desfigurada naquele momento, de modo tal que os primeiros projetos dos Valar nunca mais foram restaurado ... Assim terminou a Primavera de Arda. A morada do Valar em Almaren foi totalmente destruída, e eles não tinham nenhum local de pouso na face da Terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 20.

206

Por esse motivo partiram da Terra-média e foram para a Terra de Aman, a mais ocidental de todas, junto aos limites do mundo; TOLKIEN, 2009 A, p. 20

E, como Melkor estava de volta a Terra-média e eles ainda não tinham como derrotá-la, os Valar fortificaram sua morada e, junto ao litoral, ergueram as Pelóri, as montanhas de Aman, as mais altas de toda a Terra. E acima de todas as montanhas das Pelóri elevava-se aquela em cujo pico Manwë instalou seu trono. Taniquetil é como os elfos chamam essa montanha sagrada; e Oiolossë, Brancura Eterna; e Elerrína, Coroada de Estrelas, e muitos outros nomes. Já os sindar a mencionavam, em sua língua mais recente, como Amon Uilos. De seu palácio no cume da Taniquetil, Manwë e Varda conseguiam descortinar a Terra inteira, até mesmo as maiores distâncias a leste.

Por trás das muralhas das Pelóri, os Valar estabeleceram seu domínio na região chamada Valinor; e ali ficavam suas casas, seus jardins e suas torres. Nesse território seguro, os Valar acumularam enorme quantidade de luz e tudo de mais belo que fora salvo da destruição. TOLKIEN, 2009 A, p. 20 – 21.

207

E acima de todas as montanhas das Pelóri elevava-se aquela em cujo pico Manwë instalou seu trono. Taniquetil é como os elfos chamam essa montanha sagrada; e Oiolossë, Brancura Eterna; e Elerrína, Coroada de Estrelas, e muitos outros nomes. Já os sindar a mencionavam, em sua língua mais recente, como Amon Uilos. De seu palácio no cume da Taniquetil, Manwë e Varda conseguiam descortinar a Terra inteira, até mesmo as maiores distâncias a leste. ... E quando Valinor estava pronta, e as mansões dos Valar, instaladas no meio da planície do outro lado das montanhas, eles construíram sua cidade, Valmar de muitos sinos. ... Manwë Súlumo, o supremo e mais sagrado dos Valar, instalou-se nas fronteiras de Aman, não abandonando em pensamento as Terras de Fora. Pois seu trono situa-se majestosamente sobre o cume da Taniquetil, a mais alta das montanhas do mundo, que se ergue à beira do mar. ... E ele foi designado vice-regente de Ilúvatar, Rei do mundo dos Valar, dos elfos e dos homens, principal baluarte contra o mal de Melkor. Com Manwë, vivia Varda, a belíssima, ela, que, no idioma sindarin é chamada de Elbereth, Rainha dos Valar, criadora das estrelas; e com os dois morava uma multidão de espíritos abençoados. TOLKIEN, 2009 A, p. 20.

208

Túrin ocupou um assento sem se preocupar, pois estava exausto do caminho e repleto de pensamentos; e por má sorte sentou-se à mesa entre os anciãos do reino, e no próprio lugar onde Saeros costumava se sentar. TOLKIEN, 2009 B, p. 140.

209

Logo depois Thingol e Melian voltaram ao palácio, pois o verão estava terminando; e, quando o Rei ouviu um relato do que ocorrera, sentou-se em seu trono no grande salão em Menegroth, e estavam em torno dele todos os senhores e conselheiros de Doriath. TOLKIEN, 2009 B, p. 145.

210

Thingol os recebeu com simpatia, e colocou Túrin em seus joelhos em homenagem a Húrin, o mais poderoso dos homens, e a seu parente Beren. E assombraram-se aqueles que viram a cena, pois era um sinal de que Thingol tomara Túrin como filho de criação; e nessa época isso não era costume dos reis, nem jamais voltou a ocorrer tratamento semelhante por um senhor élfico a um homem.

— Aqui, filho de Húrin, há de ser seu lar — disse-lhe então Thingol —, e por toda a sua vida há de ser tido por meu filho, apesar de ser homem. Há de lhe ser dada sabedoria além da medida dos homens mortais, e as armas dos elfos não de lhe ser postas nas mãos. Talvez chegue o tempo em que você recupere as terras de seu pai em Hithlum; mas agora habite aqui com amor. TOLKIEN, 2009 B, p. 131 – 132.

211

Após o desastre em Moria [no ano de 1980] e os pesares de Lórien, que estava agora sem monarca (pois Amroth morrera afogado no mar na Baía de Belfalas sem deixar herdeiro), Celeborn e Galadriel voltaram a Lórien, e receberam as boas-vindas do povo. Lá habitaram enquanto durou a Terceira Era, mas não assumiram títulos de Rei nem Rainha, pois diziam que eram apenas guardiães daquele reino pequeno, mas belo, o último posto avançado dos elfos a leste. TOLKIEN, 2009 B, p. 395.

212

Seguindo, então, o conselho de Felagund, **Bëor reuniu todas as famílias e parentes nômades de seu povo para que se mudassem para o outro lado do Gelion e fixassem residência nas terras de Amrod e Amras, junto às margens orientais do Celon, ao sul de Nan Elmoth, perto das fronteiras de Doriath.** E o nome dessa terra daí em diante foi Estolad, o Acampamento. Com tudo, quando, passado um ano, Felagund quis voltar para sua própria terra, Bëor lhe implorou permissão para acompanhá-la. E permaneceu a serviço do Rei de Nargothrond enquanto durou sua vida. Foi assim que ele recebeu seu nome, Bëor, pois antes seu nome era Balan. Bëor significava “vassalo” no idioma de seu povo. **O comando do povo ele entregou a Baran, seu primogênito;** e nunca mais voltou a Estolad. TOLKIEN, 2009 A, p. 106. Grifos meus.

213

Ora, os haladin não viviam sob o comando de senhores, nem em grandes aglomerados; mas cada propriedade era isolada e decidia suas próprias questões. Eram um povo lento para se unir. TOLKIEN, 2009 A, p. 109.

Continuaram, porém, um povo à parte, e ficaram para sempre conhecidos entre elfos e homens como o povo de Haleth. Haleth foi sua chefe enquanto viveu, mas não se casou, e depois dela a chefia passou para Haldan, filho de Haldar, seu irmão. TOLKIEN, 2009 A, p. 110.

214

Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do que a de quaisquer outros de raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da

Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. Entretanto, ficava mais próxima de Valinor. Foi erguida por Ossë das profundezas das Grandes Águas, e foi estabelecida por Aulë e enriquecida por Yavanna; e os eldar para lá levaram flores e fontes de Tol Eressëa. ... E, tendo fixado o rumo em sua direção, os edain finalmente transpuseram as léguas do mar e avistaram ao longe a terra que estava preparada para eles, Andor, a Terra da Dádiva, a cintilar numa névoa dourada. Aproximaram-se, então, saindo do mar para encontrar uma terra bela e produtiva, e se alegraram. E chamaram essa terra de Elenna, que significa Na Direção da Estrela; mas também Anadûnê, que significa Ponente, Númenorê no idioma alto-eldarin.

Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dúnedain: os númenorianos, reis entre os homens. TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203.

215

Às festas em Armenelos veio um certo Beregar, de onde habitava no oeste da Ilha, e com ele veio sua filha Erendis. Ali Almarian, a Rainha, observou sua beleza, de uma espécie raramente vista em Númenor; pois Beregar provinha da Casa de Beor por antiga descendência, apesar de não pertencer à linhagem real de Elros, e Erendis possuía cabelos escuros e uma graça esbelta, com os límpidos olhos cinzentos de sua família. TOLKIEN, 2009 A, p. 296.

— Erendis ainda é jovem — disse Meneldur. — A família de Erendis não tem a longa vida que é concedida aos descendentes de Elros — respondeu Almarian — e o coração dela já está conquistado. TOLKIEN, 2009 A, p. 299.

216

Próximo ao centro do Mittalmar, erguia-se o grande monte chamado Meneltarma, Coluna dos Céus, consagrado à adoração de Eru Ilúvatar. ... Lá jamais se usara ferramenta ou arma; e lá ninguém podia dizer palavra, salvo o Rei. Apenas três vezes a cada ano o Rei falava, oferecendo uma prece pelo ano vindouro no Erukyerme nos primeiros dias da primavera, louvor a Eru Ilúvatar no Eruhaitale no meio do verão e agradecimento a ele no Eruhantale no final do outono. Nessas ocasiões, o Rei subia o monte a pé, seguido de grande afluência do povo, trajando branco e usando guirlandas, mas em silêncio. Em outras épocas, as pessoas tinham a liberdade de subir ao pico sozinhas ou acompanhadas; mas diz-se que o silêncio era tão grande que até mesmo um estranho que ignorasse Númenor e toda a sua história, se para lá fosse transportado, não teria ousado falar em voz alta. TOLKIEN, 2009 A, p. 281 – 282.

217

No meio do território, havia porém uma montanha alta e escarpada, que se chamava Meneltarma, a Coluna dos Céus, e nela havia um local elevado que era consagrado a Eru Ilúvatar. ... E ali estavam a torre e a fortaleza construídas por Elros, Filho de Eärendil, que os Valar designaram para ser o primeiro Rei dos dúnedain ... E toda a sua linhagem, os reis e os senhores da Casa real gozaram de uma vida longa mesmo em comparação com a dos numenorianos. ... Assim, foi passando o tempo; e, enquanto a Terra-média entrava em decadência e iam desaparecendo a luz e a sabedoria, os dúnedain viviam sob a proteção dos Valar, gozando da amizade dos eldar, e progrediam tanto física quanto mentalmente. ... Entretanto, os Senhores de Valinor proibiram os dúnedain de navegar para o ocidente a tal distância que não pudessem mais avistar o litoral de Númenor. TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 204.

218

E os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens e, principalmente, contra a Interdição de navegar para o oeste. ... E, a partir do tempo de Tar-Ancalimon, a oferenda dos primeiros frutos a Eru passou a ser negligenciada, e os homens raramente iam ao Local Sagrado nas alturas da Meneltarma, no meio da terra. ... Mas tudo o que faziam era do conhecimento de Manwë, e os Valar se encolerizaram com os Reis de Númenor, não mais lhes dando conselhos e proteção. ... E no entanto, apesar de tudo isso, a Morte não se afastou da Terra. Pelo contrário, **passou a vir mais cedo**. TOLKIEN, 2009 A, p. 205 – 214. Grifos meus.

219

No entanto, o pior ainda estava por vir Pois Ar-Gimilzôr, o vigésimo segundo rei, foi o maior inimigo dos Fiéis. Em seu reinado, não cuidaram da Árvore Branca, e ela começou a definhir. E ele proibiu terminantemente o uso dos idiomas élficos, além de punir aqueles que acolhessem as embarcações de Eressëa que ainda vinham em segredo às costas ocidentais da Terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 209.

220

De um lado, havia a maioria, e estes eram chamados de Homens do Rei. Tornaram-se arrogantes e se distanciaram dos eldar e dos Valar. E do outro lado, havia a minoria, e esses eram chamadas de elendili, os amigos-dos-elfos. TOLKIEN, 2009 A, p. 207.

221

Ocorreu assim que os númenorianos pela primeira vez estabeleceram grandes colônias nas costas ocidentais das terras antigas, pois sua própria terra lhes parecia restrita, e eles não tinham descanso nem alegria dentro de seus limites; e agora desejavam prosperar e dominar a Terra-média, já que o oeste lhes fora negado. Amplos portos e fortes torres eles construíram; e lá muitos fixaram residência; **mas agora apareciam mais como senhores, chefes e cobradores de tributos do que como alguém que presta auxílio ou ensina.** E as enormes embarcações dos númenorianos eram levadas para o leste pelos ventos e voltavam sempre carregadas. O poder e a majestade de seus reis aumentavam; e eles bebiam, se banqueteavam e se vestiam em ouro e prata.

Em tudo isso, os amigos-dos-elfos tinham pequena participação. Somente eles agora iam ao norte e à terra de Gil-galad, mantendo amizade com os elfos e lhes prestando auxílio contra Sauron; e seu porto era Pelargir, a montante das Fozes do Anduin, o Grande. Já os Homens do Rei navegavam muito longe, na direção sul; e os domínios e fortalezas criados por eles deixaram muitos rumores nas lendas dos homens. TOLKIEN, 2009 A, p. 208. Grifos meus.

222

Contudo, ainda havia um remanescente dos Fiéis, como foi relatado, em Rómenna e nos territórios próximos; e mais alguns espalhados aqui e ali pela Terra. Entre eles os chefes, a quem recorriam em busca de liderança e coragem em tempos funestos, eram Amandil, conselheiro do Rei, e seu filho Elendil, cujos filhos eram Isildur e Anárion, na época jovens, pelos cálculos de Númenor. Amandil e Elendil eram grandes comandantes de navios, e eram da linhagem de Elros Tar Mínyatur, embora não fossem da Casa governante a quem pertenciam a coroa e o trono na cidade de Armenelos. TOLKIEN, 2009 A, p. 213.

223

Naquela ocasião, a frota dos númenorianos escurecia o mar a oeste da Terra e se assemelhava a um arquipélago de mil ilhas. Seus mastros eram como uma floresta sobre as montanhas; suas velas, como uma nuvem melancólica; e seus estandartes eram dourados e negros. TOLKIEN, 2009 A, p. 217.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. ... E elas desrespeitaram a Interdição dos Valar, e entraram em águas proibidas. Para guerrear contra os Imortais, a fim de roubar deles a vida eterna dentro dos Círculos do Mundo. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

224

Abriu-se então no mar um imenso precipício entre Númenor e as Terras Imortais; e as águas jorraram para dentro dele. E o estrondo e a espuma das cataratas subiram aos céus; e o mundo foi abalado. E toda a esquadra dos númenorianos foi arrastada para esse abismo, afundando e sendo engolida para sempre. Já Ar-Pharazôn, o Rei, e os guerreiros mortais que haviam posto os pés na terra de Aman foram soterrados por colinas que desmoronaram. TOLKIEN, 2009 A, p. 218

E Andor, a Terra da Dádiva, Númenor dos Reis, Elenna da Estrela de Eärendil, foi totalmente destruída. Pois estava perto do lado oriental da enorme fenda; e seus alicerces foram revirados, fazendo-a tombar e cair na escuridão; e ela não existe mais. TOLKIEN, 2009 A, p. 219.

Naquela época, aqueles númenorianos que haviam sido salvos da destruição fugiram para o leste como está relatado no Akallabêth. O líder desses era Elendil, o Alto. E seus filhos, Isildur e Anárion. **Parentes do Rei eram eles, descendentes de Elros, mas não se haviam disposto a dar ouvidos a Sauron, recusando-se a entrar em guerra com os Senhores do Oeste.** Manejando suas naus com todos os que permaneciam fiéis, abandonaram a terra de Númenor antes que a destruição a atingisse. ... Isildur e Anárion foram levados mais para o sul e afinal subiram com suas embarcações pelo Grande Rio Anduin. Que sai de Rhovanion para o mar ocidental, na Baía de Belfalas. Estabeleceram um reino naquelas terras, que passaram a se chamar Gondor, enquanto o Reino Setentrional foi chamado de Arnor. TOLKIEN, 2009 A, p. 227 – 228.

Amandil e Elendil eram grandes comandantes de navios, e eram da linhagem de Elros Tar Minyatur, embora não fossem da Casa governante a quem pertenciam a coroa e o trono na cidade de Armenelos. TOLKIEN, 2009 A, p. 213.

Então uma senhora idosa, Ioreth, a mais velha das mulheres que trabalhavam naquela casa, olhando no belo rosto de Faramir, chorou, pois todo o povo o amava. E ela disse:
— Ai de nós se ele morrer! Ah, se houvesse reis em Gondor, como contam que havia outrora! Pois diz a sabedoria que as mãos dos reis são sempre as mãos de um curador. Dessa maneira sempre se sabia quem era o verdadeiro rei. TOLKIEN, 2010 C, p. 137.

Então Gandalf disse:

— Não fiquemos parados aqui na porta, pois o tempo urge. Vamos entrar! Pois só com a chegada de Aragorn haverá esperança para os enfermos que jazem na Casa. Pois assim falou Ioreth, mulher sábia de Gondor: As mãos do rei são as mãos de um curador, e dessa forma o verdadeiro rei será conhecido. TOLKIEN, 2010 C, p. 139.

Aragorn foi primeiro ver Faramir, depois a Senhora Éowyn e por último Merry. Após olhar os rostos dos enfermos e examinar seus ferimentos, suspirou.

— Aqui devo exercer todo o poder e a habilidade que me foram concedidos – disse ele. — Como queria que Elrond estivesse conosco, pois ele é o mais velho de nossa raça, e possui os maiores poderes. TOLKIEN, 2010 C, p. 140.

A não ser, é claro, que se dê importância às rimas de dias antigos, que as mulheres como nossa boa Ioreth ainda repetem sem entender:

Quando o sopro negro desce
e a sombra da morte cresce
e toda a luz se desfaz,
vem athelas! vem athelas!

Vida dos que morrendo estão,

Que o rei detém em sua mão. TOLKIEN, 2010 C, p. 142.

E finalmente Bergil entrou correndo, trazendo seis folhas num pano.

— É folha-do-rei, Senhor — disse ele mas receio que não esteja fresca. Deve ter sido colhida no mínimo há duas semanas. Espero que sirva, Senhor. TOLKIEN, 2010 C, p. 143.

— Vai servir — disse ele. — Agora o pior já passou. Fique e tranquilize-se! — Então, pegando duas folhas, colocou-as nas mãos e soprou nelas, amassando-as em seguida; imediatamente um frescor de vida encheu o quarto, como se o próprio ar tivesse despertado e estremecido, faiscando de alegria. Depois Aragorn jogou as folhas nas tigelas de água fumegante que lhe foram trazidas, e na mesma hora todos os corações ficaram mais leves. A fragrância que atingiu cada um era como uma lembrança de manhãs orvalhadas, de sol sem sombras, em alguma terra cujo próprio mundo de beleza primaveril é apenas uma memória fugidia. Aragorn se levantou reconfortado, e seus olhos sorriram no momento em que aproximou a tigela do rosto dormente de Faramir.

— Veja só! Você acreditaria nisto? — disse Ioreth a uma mulher que estava ao seu lado. — A erva é melhor do que eu pensava. Faz-me lembrar das rosas de Imloth Melui, quando eu era uma menina, e nenhum rei poderia exigir erva melhor. TOLKIEN, 2010 C, p. 143.

Deixou então o quarto com Gandalf e Imrahil; mas Beregon e o filho ficaram, incapazes de conter a alegria que sentiam. Indo atrás de Gandalf e fechando a porta, Pippin ouviu Ioreth exclamar:

— Rei! Você ouviu isso? Que foi que eu disse? As mãos de um curador, foi isso que eu disse. — E logo da Casa propagou-se a notícia de que o rei verdadeiramente estava entre eles, e depois da guerra trouxera a cura, e as novas se espalharam pela Cidade. TOLKIEN, 2010 C, p. 143 – 144.

Então, talvez porque Aragorn tivesse realmente algum esquecido poder do Ponente, talvez pelo efeito causado pelas palavras ditas sobre a Senhora Éowyn, todos os circunstantes tiveram a impressão de que, à medida que a doce influência da erva se espalhava pelo quarto, um vento penetrante soprava através da janela, sem trazer fragrância alguma, mas era um ar inteiramente fresco, limpo e jovem, como se nunca tivesse sido inspirado por qualquer criatura viva, e tivesse acabado de sair diretamente de montanhas cheias de neve, altas sob uma abóbada de estrelas, ou de praias de prata distantes, banhadas por mares de espuma. TOLKIEN, 2010 C, p. 145 – 146.

E, para onde quer que o rei Elessar conduzisse uma guerra, o rei Eomer o acompanhava; e além do Mar de Rhún e nos distantes campos do sul o trovão da cavalaria dos rohírim foi ouvido, **e o Cavallo Branco sobre Verde tremulou em muitos ventos até Éomer ficar velho**. TOLKIEN, 2010 C, p. 380. Grifos meus.

Anexo Capítulo 2:

Trechos

1

Contudo, tão extraordinário era o poder de sua rebelião, que, em eras esquecidas, combateu Manwë e todos os Valar, e durante longos anos em Arda manteve a maior parte dos territórios da Terra sob seu domínio. Mas não estava sozinho. Pois, dos Maiar, muitos foram atraídos por seu esplendor em seus dias de majestade, permanecendo fiéis a ele em seu mergulho nas trevas.

E outros ele corrompeu mais tarde, atraindo-os para si com mentiras e presentes traiçoeiros.

Horrendos entre esses espíritos eram os valaraukar, os flagelos de fogo que na Terra-média eram chamados de balrogs, demônios do terror. TOLKIEN, 2009 A, p. 17.

No norte, porém, Melkor aumentava suas forças e não dormia, mas vigiava e trabalhava. Os seres nefastos que ele havia pervertido andavam a solta, e os bosques escuros e sonolentos eram assombrados por monstros e formas pavorosas. E, em Útumno, reuniu ele ao seu redor seus demônios, aqueles espíritos que primeiro lhe haviam sido leais nos seus dias de esplendor e se tornado mais parecidos com ele em sua depravação. Seus corações eram de fogo, mas eles se ocultavam nas trevas, e o terror ia à sua frente, com seus açoites de chamas. Balrogs foram eles chamados na Terra-média em tempos mais recentes. E, naquela época sombria, Melkor gerou muitos outros monstros de variados tipos e formas, que por muito tempo atormentaram o mundo. E seu reino cada vez mais se espalhava na direção sul, pela Terra-média. TOLKIEN, 2009 A, p. 29.

Muito abaixo dos salões destruídos de Angband, em subterrâneos aos quais os Valar, na pressa de seu ataque, não haviam descido, balrogs ainda estavam escondidos, sempre à espera do retorno de seu Senhor. E agora, velozes, eles se ergueram e, passando por Hithlum, chegaram a Lammoth como uma tempestade de chamas. Com seus açoites de fogo, eles rasgaram as teias de Ungoliant; e ela se acovardou e procurou fugir, soltando vapores negros para se encobrir. TOLKIEN, 2009 A, p. 56.

2

Ora, os Filhos de Ilúvatar são elfos e os homens, os Primogênitos e os Sucessores. E em meio a todos os esplendores do Mundo, seus vastos palácios e espaços e seus círculos de fogo, Ilúvatar escolheu um local para habitarem nas Profundezas do Tempo e no meio das estrelas incontáveis. E essa morada poderia parecer insignificante para quem leve em conta apenas a majestade dos Ainur, e não sua terrível perspicácia; e considere toda a área de Arda como o alicerce de uma coluna e a erga até que o cone do seu topo seja mais aguçado que uma agulha; ou contemple somente a vastidão incomensurável do Mundo, que os Ainur ainda estão moldando, não a precisão detalhada com que moldam todas as coisas que ali existem. Mas, quando os Ainur contemplaram essa morada numa visão e viram os Filhos de Ilúvatar surgirem dentro dela, muitos dos mais poderosos dentre eles concentraram todo o seu pensamento e seu desejo nesse lugar. E, desses, Melkor era o chefe, exatamente como no início ele fora o mais poderoso dos Ainur que haviam participado da Música. E ele fingia, a princípio até para si, que desejava ir até lá e ordenar tudo pelo bem dos Filhos de Ilúvatar, controlando o turbilhão de calor e frio que o atravessava. No fundo, porém, desejava submeter à sua vontade tanto elfos quanto homens, por invejar-lhes os dons que Ilúvatar prometera conceder-lhes; e Melkor desejava ter seus próprios súditos e criados, ser chamado de Senhor e ter comando sobre a vontade de outros. TOLKIEN, 2009 A, p. 8.

Diz-se que, no momento em que Varda encerrou seus trabalhos, e eles foram demorados, quando Menelmacar foi subindo pelo céu, e a chama azul de Helluin cintilou nas névoas acima dos limites do mundo, nessa hora os Filhos da Terra despertaram, os Primogênitos de Ilúvatar.

Perto da lagoa de Cuiviénen, a Água do Despertar, iluminados pelas estrelas, eles acordaram do sono de Ilúvatar. E enquanto permaneciam, ainda em silêncio, junto a Cuiviénen, seus olhos contemplaram antes de mais nada as estrelas dos céus. Por isso, eles sempre amaram o brilho das estrelas, e reverenciam Varda Elentári mais do que qualquer outro Vala.

Nas transformações do mundo, as formas das terras e dos mares foram destruídas e refeitas.

Rios não mantiveram seus cursos, e montanhas não permaneceram firmemente enraizadas; e não há como retomar a Cuiviénen. Diz-se, porém, entre os elfos que essa lagoa ficava a grande distância a leste da Terra-média, e ao norte; e que era uma baía no Mar Interior de Helcar; e esse mar estava onde anteriormente haviam estado os sopés da montanha de Illuin, antes que Melkor a derrubasse. Muita água fluía para ali das regiões montanhosas a leste, e o primeiro som ouvido pelos elfos foi o de água corrente, e o de água caindo na pedra.

Muito tempo viveram eles em seu primeiro lar junto à água, à luz das estrelas, e caminhavam pela Terra maravilhados. E começaram a criar a fala e a dar nomes a todas as coisas que percebiam. A si mesmos, chamaram quendi, querendo dizer adueles que falam com vozes. Pois até então não haviam conhecido nenhum outro ser vivo que falasse ou cantasse. TOLKIEN, 2009 A, p. 30

3

Manwë não dá atenção à própria honra, nem sente apego pelo poder, mas governa todos para a paz. Dentre os elfos, os vanyar ele mais amava; e, dele, os vanyar receberam a música e a poesia; pois a poesia é o prazer de Manwë; e o entoar de palavras é sua música. Seus trajes são azuis, e azul é o brilho de seus olhos; e seu cetro é de safiras, que os noldor fabricaram para ele. TOLKIEN, 2009 A, p. 23.

Os eldar prepararam então uma enorme marcha partindo de sua primeira morada no leste, e se organizaram em três grandes grupos. O menor e primeiro a iniciar viagem era liderado por Ingwë, o senhor supremo de todos os elfos. Ele entrou em Valinor e está sentado aos pés dos Poderes, e todos os elfos reverenciam seu nome. Jamais, porém retornou nem voltou a lançar seu olhar sobre a Terra-média. Os vanyar eram seu povo. São os belos-elfos, amados por Manwë e Varda, e entre os homens poucos falaram com eles. Em seguida, vinham os noldor, um nome de sabedoria, o povo de Finwë. São os elfosprofundos, amigos de Aulë; e eles são celebrados em música por terem lutado e trabalhado penosamente e por muito tempo nas antigas terras do norte. TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

Ora, em seu coração, Melkor odiava acima de tudo os eldar, tanto por serem belos e alegres quanto por ver neles a razão para o ataque dos Valar e sua própria derrocada. Por esse motivo, mais ainda simulava amor por eles, procurando sua amizade e lhes oferecendo seu conhecimento e seus serviços em qualquer grande obra que quisessem empreender. Os vanyar na realidade ainda o mantinham sob suspeita, pois moravam à luz das Árvores e se sentiam satisfeitos; e aos teleri, ele não dava atenção, considerando-os desprezíveis, instrumentos fracos demais para suas intenções. Já os noldor se encantavam com o conhecimento oculto que ele lhes poderia revelar. TOLKIEN, 2009 A, p. 44.

4

Aulë tem poder pouco inferior ao de Ulmo. Governa todas as substâncias das quais Arda é feita. No início, trabalhou bastante na companhia de Manwë e Ulmo; e a criação de todas as terras foi sua tarefa. Ele é ferreiro e mestre de todos os ofícios; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado. São suas as pedras preciosas que jazem nas profundezas da Terra, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as muralhas das montanhas e as bacias dos oceanos. Os noldor foram os que mais aprenderam com ele, e ele sempre foi seu amigo. TOLKIEN, 2009 A, p. 13.

É Aulë que é chamado de Amigo-dos-noldor, pois com ele aprenderam muito nos tempos que viriam; e os noldor são os mais habilidosos dos elfos. E, a seu próprio modo, de acordo com os dons que Ilúvatar lhes concedeu, eles muito acrescentaram aos seus ensinamentos, apreciando línguas e textos, figuras bordadas, desenho e entalhe. Foram também os noldor os primeiros a aprender a criar pedras preciosas; e as mais belas de todas as gemas foram as Silmarils, que estão perdidas. TOLKIEN, 2009 A, p. 22.

Os eldar prepararam então uma enorme marcha partindo de sua primeira morada no leste, e se organizaram em três grandes grupos. O menor e primeiro a iniciar viagem era liderado por Ingwë, o senhor supremo de todos os elfos. Ele entrou em Valinor e está sentado aos pés dos Poderes, e todos os elfos reverenciam seu nome. Jamais, porém retornou nem voltou a lançar seu olhar sobre a Terra-média. Os vanyar eram seu povo. São os belos-elfos, amados por Manwë e Varda, e entre os homens poucos falaram com eles. Em seguida, vinham os noldor, um nome de sabedoria, o povo de Finwë. São os elfosprofundos, amigos de Aulë; e eles são celebrados em música por terem lutado e trabalhado penosamente e por muito tempo nas antigas terras do norte. TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

E então os vanyar e os noldor embarcaram nessa ilha e foram arrastados oceano afora, chegando afinal às longas praias aos pés das Montanhas de Aman; entraram em Valinor e foram acolhidos em sua bem-aventurança. No entanto, o cabo oriental da ilha, que estava profundamente enraizado nos baixios ao largo das Fozes do Sirion, separou-se e ficou para trás; e diz-se que ele se tornou a Ilha de Balar, à qual posteriormente Ossë costumava vir. TOLKIEN, 2009 A, p. 37.

5

O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri, pois se demoraram no caminho e não estavam totalmente decididos a passar da penumbra para a luz de Valinor. Demonstravam enorme encantamento pela água, e aqueles que chegaram finalmente ao litoral do oeste ficaram apaixonados pelo mar. Passaram a ser, na terra de Aman, os elfos-do-mar, os falmari, pois criavam música ao lado das ondas da arrebentação. Dois senhores tinham eles, pois eram muito numerosos: Elwë Singollo (que significa manto-cinzento) e Olwë, seu irmão.

Foram esses os três clãs de eldalië, que, tendo passado para o extremo oeste na época das Árvores, são chamados de calaquendi, elfos-da-luz. Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média, e esses eram em sua maioria do clã dos teleri, como será relatado a partir daqui. Eles moravam à beira-mar, ou perambulavam pelos bosques e montanhas do mundo, mas seus corações estavam sempre voltados para o oeste. A esses elfos os calaquendi chamam de úmanyar, já que nunca chegaram à terra de Aman e ao Reino Abençoado; mas também os úmanyar e os avari eles chamam de moriquendi, elfos-das-trevas, pois jamais contemplaram a Luz que existia antes do Sol e da Lua. TOLKIEN, 2009 A, p. 33 – 34.

Ora, os teleri por muito tempo habitaram a margem oriental daquele rio, com o desejo de ali permanecer, mas os vanyar e os noldor o atravessaram, e Oromë os conduziu pelas passagens nas montanhas. E, quando Oromë já estava mais adiante, os teleri contemplaram os montes sombrios e sentiram medo.

Ergueu-se então alguém do clã de Olwë, que sempre ficava mais para trás no caminho. Lenwë era seu nome. Ele renegou a marcha para o Oeste e levou consigo um grupo numeroso, na direção sul, descendo pelo grande rio, e esses desapareceram do conhecimento de seus parentes, só retomando depois de muitos anos. Eram os Nandor; e se tornaram um povo isolado, diferente dos familiares, a não ser por amar a água e quase sempre habitar as proximidades de cachoeiras e cursos d'água. Sabiam mais sobre seres vivos, árvores e plantas, aves e bichos, do que quaisquer outros elfos. Em anos posteriores, Denethor, filho de Lenwë, voltou-se afinal para o oeste, e conduziu parte daquele povo através das montanhas para entrar em Beleriand antes do surgimento da Lua. TOLKIEN, 2009 A, p. 34 – 35.

E as hostes de teleri atravessaram as Montanhas Nevoentas e cruzaram as amplas terras de Eriador, sempre com o incentivo de Elwë Singóllo, pois ele ansiava por voltar a Valinor e à Luz que havia visto. E não desejava ser afastado dos noldor, pois tinha grande amizade por Finwë, seu senhor. Assim, depois de muitos anos, os teleri afinal também passaram pelas Ered Luin, entrando nas regiões mais orientais de Beleriand. Ali pararam, ficando algum tempo do outro lado do Rio Gelion. TOLKIEN, 2009 A, p. 35.

Melian era uma Maia, da raça dos Valar. Vivia nos jardins de Lórien, e entre todos os de seu povo não havia ninguém mais bela do que Melian, nem mais sábia, nem mais hábil em canções de encantamento. Diz-se que os Valar costumavam abandonar seu trabalho, e as aves de Valinor, sua alegria, que os sinos de Valmar se calavam, e as fontes paravam de jorrar quando na hora da mistura das luzes Melian cantava em Lórien. Os rouxinóis sempre a acompanhavam, e ela lhes ensinou seu canto; e adorava as sombras profundas das grandes árvores. Antes que o Mundo fosse feito, era aparentada da própria Yavanna; e na época em que os quendi despertaram ao lado das águas de Cuiviénen, ela partiu de Valinor e veio até as Terras de Cá: e aí preencheu o silêncio da Terra-média antes do amanhecer com sua voz e as vozes de seus pássaros.

Ora, quando sua viagem estava próxima do final, como já se relatou, o povo dos teleri permaneceu muito tempo no leste de Beleriand, do outro lado do Rio Gelion; e, naquela época, muitos dos noldor ainda estavam mais à oeste, nas florestas que mais tarde foram chamadas de Neldoreth e Region Elwë, senhor dos teleri, muitas vezes atravessava os grandes bosques à procura de Finwë, seu amigo, nas moradas dos noldor. E ocorreu que certa vez ele chegou sozinho ao bosque de Nan Elmoth, iluminado pelas estrelas, e ali de repente ouviu o canto de rouxinóis. Caiu então sobre ele um encantamento, que o deixou imobilizado. E muito ao longe, para além das vazas dos lómelindi, ele ouviu a voz de Melian; e ela encheu seu coração de maravilha e de desejo. Esqueceu-se Elwë, então, inteiramente de seu povo e dos objetivos de sua mente; e, acompanhando os pássaros à sombra das árvores, embrenhou-se por Nan Elmoth adentro e se perdeu. Finalmente, porém, chegou a uma clareira aberta para as estrelas, e ali estava Melian. E, do meio da escuridão, ele a contemplou; e a luz de Aman estava em seu rosto. TOLKIEN, 2009 A, p. 35 – 36.

Assim, o povo de Elwë que o procurava não o encontrou, e Olwë assumiu o trono dos teleri e partiu, como é relatado daqui em diante. Enquanto viveu, Elwë Singollo nunca mais atravessou o mar para chegar a Valinor, e Melian não voltou para lá enquanto perdurou o reinado de ambos. A partir de Melian, porém, surgiu entre elfos e homens uma linhagem dos Ainur que estavam com Ilúvatar antes de Eä. Em tempos posteriores, Elwë tomou-se um rei célebre, e seu povo compreendia todos os eldar de Beleriand; os sindar eram chamados eltos-cinzentos, elfosdo-crepúsculo, e o Rei Manto-cinzentos era ele, Elu Thingol na língua daquela terra. E Melian era sua Rainha, mais sábia do que qualquer filho da Terra-

média; e suas moradas ocultas eram em Menegroth, as Mil Cavernas, em Doriath. Grande poder Melian concedeu a Thingol, que era ele próprio grande entre os eldar; pois somente ele entre todos os sindar havia visto com os próprios olhos as Árvores no dia em que floresceram; e, embora fosse rei dos úmanyar, não era incluído entre os moriquendi, mas entre os elfos-da-luz, poderosos na Terra-média E, do amor de Thingol e Melian, vieram ao mundo os mais belos Filhos de Ilúvatar que já existiram ou virão a existir. TOLKIEN, 2009 A, p. 36.

Pois se interessava pelos litorais da Terra-média e pelas costas das Terras de Cá, e ele ficou descontente porque as vozes dos teleri não seriam mais ouvidas em seu território. Alguns ele convenceu a ficar; e esses foram os falathrim, os elfos-das-falas que em tempos posteriores habitaram os portos de Brithombar e Eglarest, os primeiros marinheiros da Terra-média e os primeiros a fabricar embarcações. Círdan, o Armador, era seu senhor Os parentes e amigos de Elwë Singollo também permaneceram nas Terras de Cá, ainda a procura-lo, embora tivessem preferido partir para Valinor e a Luz das Árvores, se Ulmo e Olwë estivessem dispostos a esperar. Olwë, porém, queria ir embora e afinal a grande maioria grande maioria dos teleri embarcou na ilha, e Ulmo os levou. Nessa ocasião, ficaram para trás os amigos de Elwë; e eles se denominaram o povo abandonado. Habitavam os bosques e as colinas de Belriand, em vez de morar junto ao mar, que os enchia de tristeza; mas o desejo de chegar a Aman permanecia em seus corações. TOLKIEN, 2009 A, p. 37 – 38.

Mas quando despertou de seu longo sono, Elwë saiu de Nan Elmoth com Melian, e os dois dali em diante habitaram os bosques no centro do território. Por maior que fosse seu desejo de ver mais uma vez a luz das Árvores, Elwë enxergava no rosto de Melian a luz de Aman como num espelho sem mácula, e com aquela luz se contentava. Seu povo reuniu-se ao seu redor em júbilo, cheio de admiração; pois se ele havia sido belo e majestoso, agora parecia um senhor Maia, o cabelo como prata acinzentada, mais alto do que todos os Filhos de Ilúvatar; e o aguardava um destino majestoso. TOLKIEN, 2009 A, p. 38.

6

Dizem que no início os anões foram feitos por Aulë na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que não se dispôs a aguardar a realização dos desígnios de Ilúvatar. E Aulë criou os anões, exatamente como ainda são, porque as formas dos Filhos que estavam por vir não estavam nítidas em sua mente e, como o poder de Melkor ainda dominasse a Terra, desejou que eles fossem fortes e obstinados. Temendo, porém, que os outros Valar pudessem condenar sua obra, trabalhou em segredo e fez em primeiro lugar os Sete Pais dos Anões num palácio sob as montanhas na Terra-média. TOLKIEN, 2009 A, p. 25.

7

Naquele dia, todos os seres vivos estavam divididos; e alguns de cada espécie, mesmo entre os animais selvagens e as aves eram encontrados dos dois lados, à única exceção dos elfos Somente eles não se dividiram e seguiram a liderança de Gil-galad. Dos anões, poucos lutaram, fosse de um lado, fosse do outro. Mas a linhagem de Durin de Moria combateu Sauron. TOLKIEN, 2009 A, p. 229.

8

Na cosmogonia há uma queda: uma queda de Anjos, diríamos, apesar de evidentemente ser bem diferente, em forma, daquela do mito cristão. Essas histórias são “novas”, não são derivadas diretamente de outros mitos e lendas, mas devem possuir inevitavelmente uma ampla medida de motivos ou elementos antigos e difundidos; afinal, acredito que as lendas e mitos são compostos mormente da “verdade”, e sem dúvida aspectos presentes nela só podem ser recebidos nesse modo; e há muito tempo certas verdades e modos dessa espécie foram descobertos e devem reaparecer sempre. Não pode haver “história” sem queda — todas as histórias, no fim, são sobre a queda —, pelo menos não para mentes humanas tal como as conhecemos e possuímos.

Assim, prosseguindo, os Elfos sofrem uma queda, antes que sua “história” possa tornar-se histórica. (A primeira queda do Homem, por razões explicadas, não aparece em lugar algum — os Homens não entram em cena até que tudo isso tenha há muito passado, e há apenas um rumor de que por algum tempo eles sucumbiram ao domínio do Inimigo e de que alguns se arrependeram.) TOLKIEN, 2009 C, p. 247 – 248. Carta 131.

A *Queda de Númenor*, a Segunda Queda do Homem (ou do Homem reabilitado, mas ainda mortal), ocasiona o fim catastrófico, não apenas da Segunda Era, mas do Mundo Antigo, o mundo primevo das lendas (visto como plano e limitado). Depois disso começou a Terceira Era, uma Era de Crepúsculo, uma *Medium Aevum*, a primeira do mundo rompido e mudado; a última do domínio remanescente dos Elfos visíveis e completamente encarnados, e também a última na qual o Mal assume uma única forma encarnada dominante.

A *Queda* é em parte o resultado de uma fraqueza interior nos Homens — resultante, se assim quiser, da primeira Queda (não registrada nestes contos), arrependidos, mas não curados definitivamente. A recompensa na terra é mais perigosa para os homens do que a punição! A Queda é alcançada pela astúcia de Sauron ao explorar essa fraqueza. Seu tema central é (inevitavelmente, penso eu, em uma história de Homens) uma Interdição ou Proibição. TOLKIEN, 2009 C, p. 259. Carta 131.

9

Para os homens, **Morgoth simulava compaixão**, se alguém se dispusesse a dar ouvidos a suas mensagens, dizendo que suas aflições derivavam somente de sua servidão aos noldor rebeldes; mas que, nas mãos do legítimo Senhor da Terra-média, eles receberiam honrarias e uma justa recompensa pela bravura, se abandonassem à rebelião. **Contudo, poucos homens das Três Casas dos edain se dispuseram a lhe dar ouvidos**, nem mesmo quando levados aos tormentos de Angband. Por conseguinte, Morgoth os perseguia com ódio; e mandava seus mensageiros atravessarem as montanhas.

Diz-se que foi nessa época que **os homens morenos chegaram** pela primeira vez a Beleriand.

Alguns já estavam em segredo sob o domínio de Morgoth e vieram atender a um chamado seu.

Nem todos, porém, pois os rumores sobre Beleriand, suas terras e águas, suas guerras e sua abundância, se espalhavam por toda à parte, e os pés inquietos dos homens estavam sempre dirigidos para o oeste naquele tempo. **Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos.**

Suas casas eram numerosas, e alguns deles gostavam mais dos anões das montanhas do que dos elfos. Maedhros, porém, consciente da fraqueza dos noldor e dos edain, ao passo que as profundezas de Angband pareciam ter reservas inesgotáveis e sempre renovadas, **fez aliança com esses homens recém-chegados e deu sua amizade a seus maiores chefes, Bór e Ulfang. E Morgoth ficou bem satisfeito, pois era isso o que planejara.** Os filhos de Bór eram Borlad, Borlach e Borthand; e eles acompanharam Maedhros e Maglor com lealdade, iludindo a esperança de Morgoth. **Os filhos de Ulfang, o Negro, eram Ulfast, Ulwarth e Uldor, o Maldito.**

Esses acompanharam Caranthir, jurando-lhe fidelidade, e se revelaram pérfidos.

Não havia grande amor entre os edain e os orientais; e eles raramente se encontravam. TOLKIEN, 2009 A, p. 118. Grifos meus.

10

Contudo, nem com lobo, nem com balrog, nem com **dragão**, teria Morgoth atingido seu objetivo, se não fosse pela traição dos homens. **Nessa hora, revelaram-se as tramóias de Ulfang.**

Muitos dos orientais se voltaram e fugiram, com o coração cheio de mentiras e pavor. Os filhos de Ulfang, porém, de repente passaram para o lado de Morgoth e investiram contra a retaguarda dos filhos de Fëanor. E, na confusão que provocaram, chegaram perto do estandarte de Maedhros. Entretanto, não colheram a recompensa que Morgoth lhes prometera, pois Maglor matou Uldor, o Maldito, líder da traição; e os filhos de Bór, antes de serem mortos, mataram Ulfast e Ulwarth. **Surgiu, porém, um novo contingente de homens que Uldor convocara e mantivera escondidos nas colinas orientais.** Com isso, a hoste de Maedhros agora era atacada de três lados. Ela se dividiu, foi dispersada e fugiu de um lado para o outro. Mesmo assim, o destino salvou os filhos de Fëanor. E, embora todos estivessem feridos, nenhum fora morto, pois se reuniram e, trazendo para junto de si um remanescente do exército dos noldor e dos naugrim, eles abriram à força um caminho para sair da batalha e fugiram para longe, na direção do Monte Dolmed, no leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 149. Grifos meus.

11

Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do

que a de quaisquer outros de raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203.

Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dunedain: os númenorianos, reis entre os homens. Entretanto, eles não escaparam desse modo do destino da morte que Ilúvatar havia estabelecido para toda a humanidade, e ainda eram mortais, embora atingissem idade avançada e não conhecessem nenhuma enfermidade até o momento em que a sombra caísse sobre eles. Por conseguinte tornaram-se sábios e ilustres; e sob todos os aspectos eram mais semelhantes aos Primogênitos do que qualquer outra linhagem dos homens. E eram altos, mais altos do que os mais altos dos filhos da Terra-média. E a luz de seus olhos era como a das estrelas brilhantes. Contudo, era muito devagar que seu número aumentava na Terra, pois, embora lhes nascessem filhos e filhas, mais belos do que os pais, mesmo assim era pequena sua prole. TOLKIEN, 2009 A, p. 203.

E ali estavam a torre e a fortaleza construídas por Elros, Filho de Eärendil, que os Valar designaram para ser o primeiro Rei dos dunedain Ora, Elros e Elrond, seu irmão, descendiam das Três Casas dos edain, mas também em parte dos eldar e dos Valar; pois Idril de Gondolin e Lúthien, filha de Melian, eram suas antepassadas. Com efeito, os Valar não podem retirar a dádiva da morte, que chega aos homens vinda de Ilúvatar; mas, na questão dos meio-elfos, Ilúvatar conferiu-lhes o poder de decidir. E eles resolveram que deveria ser concedido aos filhos de Eärendil o direito de escolher o próprio destino. E Elrond preferiu ficar entre os Primogênitos, e a ele foi concedida a vida dos Primogênitos. Já a Elros, que preferiu ser um Rei dos homens, ainda foi atribuída uma grande quantidade de anos, muitas vezes maior que a dos homens da Terra-média. E toda a sua linhagem, os reis e os senhores da Casa real gozaram de uma vida longa mesmo em comparação com a dos numenorianos. Elros, porém, viveu quinhentos anos e reinou sobre os númenorianos por quatrocentos e dez.

Assim, foi passando o tempo; e, enquanto a Terra-média entrava em decadência e iam desaparecendo a luz e a sabedoria, os dunedain viviam sob a proteção dos Valar, gozando da amizade dos eldar, e progrediam tanto física quanto mentalmente. TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 204.

E chegavam às vezes às costas das Grandes Terras, e sentiam pena do mundo abandonado da Terra-média. E os Senhores de Númenor pisaram novamente nas praias ocidentais nos Anos Escuros dos homens, e ninguém ousou combatê-los. Pois os homens daquela época que eram dominados pela Sombra estavam agora em sua maioria fracos e temerosos. E, ao chegar em meio a eles, os númenorianos muito lhes ensinaram. O trigo e o vinho trouxeram; e instruíram os homens a plantar sementes e a moer o grão, a cortar madeira e a dar forma à pedra, e a organizar sua vida, da forma que era possível nas terras de morte rápida e felicidade escassa.

Então, os homens da Terra-média sentiram alívio; e aqui e ali, nas costas ocidentais, os bosques despovoados recuaram, e os homens, livrando-se do jugo da prole de Morgoth, desaprenderam seu terror das trevas. TOLKIEN, 2009 A, p. 205.

12

Estabeleceram um reino naquelas terras, que passaram a se chamar Gondor, enquanto o Reino Setentrional foi chamado de Amor. No passado remoto, no apogeu de seu poder, os marinheiros de Númenor fundaram um porto e fortificações junto às Fozes do Anduin, a despeito de Sauron na Terra Negra, que ficava próxima, a leste. Em épocas posteriores, até esse porto vinham apenas os Fiéis de Númenor. Portanto, muitos do povo da região litorânea estavam total ou parcialmente familiarizados com os amigos-dos-elfos e com o povo de Elendil. E deram as boas-vindas a seus filhos. A principal cidade desse reino meridional era Osgiliath, que era cortada ao meio pelo Grande Rio. E os númenorianos ali construíram uma ponte enorme, sobre a qual havia torres e casas de pedra de aparência maravilhosa; e altas embarcações vinham do mar até os cais da cidade. Outras praças fortificadas eles também construíram de cada lado: Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, a leste, sobre uma plataforma saliente das Montanhas Sombrias, como uma ameaça a Mordor; e a oeste, Minas Anor, a Torre do Sol Poente, aos pés do Monte Mindolluin, como um escudo contra os homens selvagens das várzeas. Em Minas Ithil, ficava a casa de Isildur; e em Minas Anor, a de Anárion; mas os dois dividiam o reino entre si, e seus tronos estavam um ao lado do outro no Grande Palácio em Osgiliath. Essas eram as principais moradas dos númenorianos em Gondor, mas outras construções fortes e maravilhosas eles realizaram na Terra nos tempos de seu poder, nas Argonath e em Aglarond, assim como no Erech. E no círculo de Angrenost, que os homens chamavam de Isengard, eles construíram o Pináculo de Orthanc, feito de pedra indestrutível.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; e desses os mais renomados eram as Sete Pedras e a Árvore Branca. A Árvore Branca nasceu do fruto de Nimloth, a Bela, que ficava nos pátios do Rei em Armenelos, em Númenor, antes que Sauron a queimasse. E Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar. A Árvore, uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor, foi plantada em Minas Ithil, em frente à casa de Isildur, já que fora ele quem salvara o fruto da destruição; mas as Pedras foram repartidas. TOLKIEN, 2009 A, p. 226.

Três ficaram com Elendil, e duas com cada um de seus Filhos. As de Elendil foram guardadas em torres nas Emyrn Beraid, no Amon Sûl e na cidade de Annúminas. Já as dos Filhos foram para Minas Ithil e Minas Anor, em Orthanc e em Osgiliath. Ora, essas Pedras tinham o poder de permitir que aqueles que olhassem dentro delas percebessem acontecimentos distantes, fosse no tempo, fosse no espaço. Na maioria das vezes, elas revelavam apenas algo que estivesse próximo a outra Pedra irmã, pois eram atraídas cada uma pela outra. Aqueles, porém, que possuíssem enorme força de vontade poderiam aprender a direcionar seu olhar para onde desejassem. Assim, estavam os númenorianos a par de muitos fatos que seus inimigos desejavam ocultar e pouco escapava a sua vigilância nos dias de seu apogeu. TOLKIEN, 2009 A, p. 227

13

Ora, Sauron preparava a guerra contra os eldar e os homens de Ponente; e os fogos da Montanha foram mais uma vez atizados. Motivo pelo qual, ao ver a fumaça de Orodruin ao longe e perceber que Sauron retomara, os númenorianos renomearam aquela montanha como Amon Amarth, o que significa Montanha da Perdição. E Sauron chamou a si enorme contingente de seus servos do leste e do sul; e entre eles não eram poucos os da alta estirpe de Númenor. Pois nos tempos da estada de Sauron naquela terra, os corações de praticamente todo o seu povo se voltaram para as trevas. Por isso, muitos dos que navegaram para o leste naquela época e construíram fortalezas e moradias no litoral já estavam subjugados à sua vontade, e ainda serviam a Sauron com prazer na Terra-média. No entanto, em virtude do poder de Gilgalad, esses renegados, senhores tão poderosos quanto perversos, em sua maioria fixaram residência nas terras meridionais mais distantes. Havia porém dois deles, Herumor e Fuinur, que se alçaram ao poder entre os haradrim, povo numeroso e cruel que habitava o vasto território ao sul de Mordor, para além das Fozes do Anduin. TOLKIEN, 2009 A, p. 228.

14

Assim, conforme a Segunda Era avança, temos um grande Reino e teocracia maligna (pois Sauron é também o deus de seus escravos) crescendo na Terra-média. No Oeste — na verdade, o Noroeste é a única parte claramente contemplada nestes contos — situam-se os precários refúgios dos Elfos, enquanto os Homens naquelas partes permanecem mais ou menos incorruptos, ainda que ignorantes. De fato, a melhor e mais nobre espécie de Homens é aquela aparentada daqueles que partiram para Númenor, mas permanece em um simples estado “homérico” de vida patriarcal e tribal. TOLKIEN, 2009 C, p. 257. Carta 131.

15

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais. E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim.

— Então aconteceu que nos dias de Cirion, o Décimo Segundo Regente (e meu pai é o vigésimo sexto), eles cavalgaram em nossa ajuda e no grande Campo de Celebrant destruíram nossos inimigos, que nos tinham tomado as províncias do norte. Esses são os rohirrim, como os chamamos, senhores dos cavalos, e cedemos a eles os campos de Calenardhon, que desde então se chamam Rohan, pois aquela província sempre fora esparsamente habitada. E tornaram-se nossos aliados, e sempre se mostraram sinceros para conosco, ajudando-nos na necessidade, e guardando nossas fronteiras do norte e o Desfiladeiro de Rohan.

— De nossa tradição e maneiras aprenderam o que lhes agradou, e seus senhores falam nossa língua quando necessário; mas na maioria dos casos mantêm as maneiras de seus antepassados e suas próprias lembranças, e conversam entre si na sua língua do norte. E nós os amamos: homens altos e belas

mulheres, valorosas na mesma medida, de cabelos dourados, olhos claros, e muita força; fazem-nos lembrar da juventude dos homens, como eram nos Dias Antigos. Na verdade, os nossos mestres na tradição afirmam que é antiga essa afinidade com eles, que descendem das mesmas Três Casas dos homens, que eram os numenorianos em seu princípio; talvez não de Hador — o dos Cabelos Dourados, o Amigo-dos-elfos, mas de algum dentre seus filhos e sua gente que não atravessaram o Mar rumo ao oeste, recusando o chamado.

— Pois assim consideramos os homens em nossa tradição, chamando-os de Altos, ou homens do oeste, que eram os numenorianos; e os Povos Médios, homens do Crepúsculo, que são os rohirrim e seus parentes que ainda moram no norte, e os bárbaros, os homens da Escuridão.

— Mas agora, se os rohirrim ficaram em alguns aspectos mais semelhantes a nós, realçando artes e boas maneiras, nós também ficamos mais parecidos com eles, e mal podemos reivindicar o título de Altos. TOLKIEN, 2010 B, p. 248 – 249.

16

Cf. O Senhor dos Anéis, Apêndice F (Dos homens): “Estes [os habitantes da Terra Parda] eram remanescentes dos povos que haviam habitado os vales das Montanhas Brancas em épocas passadas. Os Mortos do Templo da Colina eram da sua estirpe. Mas nos Anos Escuros outros se haviam mudado para os vales meridionais das Montanhas Sombrias, e de lá alguns haviam migrado para as terras vazias ao norte, até as Colinas dos Túmulos. Deles descendiam os homens de Bri. mas havia muito tempo eles se tinham sujeitado ao Reino do Norte de Arnor, adotando a língua westron. Somente na Terra Parda os homens dessa raça se ativeram à sua antiga fala e costumes: um povo reservado, hostil aos dunedain, que odiava os rohirrim”. TOLKIEN, 2009 B, p. 621 – 622.

Nos sopés ocidentais das Montanhas da Névoa morava o remanescente do povo que os rohirrim mais tarde chamaram de terrapardenses: um povo taciturno, aparentado com os antigos habitantes dos vales das Montanhas Brancas que foram amaldiçoados por Isildur. Tinham pouco apreço por Gondor, mas, apesar de bastante intrépidos e ousados, eram muito poucos e tinham excessivo respeito pelo poderio dos Reis para incomodá-los, ou para desviar os olhos de leste, de onde vinham todos os seus principais perigos. TOLKIEN, 2009 B, p. 561.

17

Entretanto, os Carroceiros lambiam suas feridas e tramavam vingança. Além do alcance das armas de Gondor, em terras a leste do Mar de Rhûn de onde nenhuma notícia chegava a seus Reis, sua gente se espalhava e se multiplicava, ávida de conquistas e presas, e cheia de ódio por Gondor, que se interpunha diante deles. Passou muito tempo, porém, antes que se movessem. Por um lado temiam o poderio de Gondor e, nada sabendo do que acontecia a oeste do Anduin, criam que seu reino era maior e mais populoso do que realmente era naquela época. Por outro lado, os Carroceiros orientais haviam-se espalhado para o sul, além de Mordor, e estavam em conflito com os povos de Khand e seus vizinhos mais ao sul. Uma paz e aliança acabou surgindo entre esses inimigos de Gondor, e preparou-se um ataque que deveria ocorrer ao mesmo tempo pelo norte e pelo sul. TOLKIEN, 2009 B, p. 458.

18

Assim, foi só quando terminou o inverno do ano de 2509 que Cirion se deu conta da preparação de um grande movimento contra Gondor: hostes de homens estavam se concentrando em toda a margem meridional da Floresta das Trevas. Estavam apenas toscamente armados e não tinham grande número de cavalos de montaria, empregando estes principalmente para tiro, visto que tinham muitas grandes carroças, à semelhança dos Carroceiros (com quem sem dúvida eram aparentados) que haviam atacado Gondor nos últimos dias dos Reis. Mas o que lhes faltava em equipamentos bélicos era compensado pelo número de homens, conforme se podia estimar. TOLKIEN, 2009 B, p. 466 – 467.

19

Era assim quando se renovaram os ataques a Gondor vindos do leste, e orcs e Orientais invadiram Calenardhon e sitiaram os fortes, que não teriam resistido por muito tempo. Então chegaram os rohirrim: e, após a vitória de Eorl no Campo de Celebrant no ano de 2510, seu povo numeroso e aguerrido precipitou-se Calenardhon adentro com inúmeros cavalos, expulsando ou destruindo os invasores do

leste. Cirion, o Regente, deu-lhes a posse de Calenardhon, que daí em diante foi chamada de Terra dos Cavaleiros, ou em Gondor Rochand (mais tarde Rohan). Os rohirrim começaram imediatamente a povoar aquela região, porém durante o reinado de Eorl suas fronteiras orientais, ao longo das Emyrn Muil e do Anduin, estavam ainda sob ataque. Mas no tempo de Brego e Aldor os terrapardenses foram outra vez desenraizados e expulsos para além do Isen, e os Vaus do Isen foram guardados. Assim os rohirrim atraíram o ódio dos terrapardenses, que somente seria apaziguado quando do retorno do Rei, então ainda num futuro longínquo. Sempre que os rohirrim estavam fracos ou em apuros, os terrapardenses renovavam seus ataques. TOLKIEN, 2009 B, p. 562 – 563.

20

"Dos reis da Terra dos Cavaleiros entre Eorl e Théoden fala-se muito em HeIm Mão-de-Martelo. Era um homem austero, de grande força.

Havia naquele tempo um homem chamado Freca, que afirmava ser descendente do rei Fréawine, embora tivesse, afirmavam os homens, muito sangue da Terra Parda, e os cabelos escuros. Ficou rico e poderoso, possuindo amplas terras dos dois lados do Adorn³³. Perto da nascente desse rio, construiu para si uma fortaleza, dando pouca atenção ao rei. HeIm não confiava nele, mas o convocava para seus conselhos; Freca vinha quando queria.

"Para participar de um desses conselhos, Freca chegou cavalgando

acompanhado de muitos homens, e pediu a mão da filha de HeIm para seu filho Wulf. Mas Helm disse:

— Você cresceu desde que estive aqui pela última vez; principalmente em gordura, eu acho — ; os homens riram disso, pois Freca tinha uma barriga volumosa.

"Então Freca ficou furioso e insultou o rei, dizendo por fim:

— Reis velhos que recusam o bastão que lhes é oferecido podem cair de joelhos. — HeIm respondeu:

— Venha! O casamento de seu filho é uma ninharia. Helm e Freca podem cuidar disso mais tarde. Enquanto isso, o rei e seu conselho têm assuntos importantes a tratar.

"Quando terminou o conselho, Helm levantou-se e colocou as mãos enormes sobre os ombros de Freca, dizendo:

— O rei não permite gritarias em sua casa, mas os homens são mais livres lá fora — forçou então Freca a andar á sua frente, saindo de Edoras e entrando no campo. Aos homens de Freca que se aproximavam, ele disse:

— Fora daqui! Não precisamos de ouvintes! Vamos tratar de um assunto particular. Vão conversar com meus homens. — E eles olharam e viram que os homens e amigos do rei estavam em número muito maior que eles, e recuaram.

— Agora, terrapardense — disse o rei — você só tem de lidar com Helm, sozinho e desarmado. Mas você já disse muito, e é minha vez de falar. Freca, sua loucura cresceu com sua barriga. Você fala em um bastão! Se Helm não aprecia um bastão torto que lhe é jogado, ele o quebra. Assim! — Com essas palavras, deu um murro em Freca com tal força que ele caiu zozzo para trás, e morreu logo em seguida. TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 373.

21

Depois Gollum silenciosamente recuou e escorregou para dentro da concavidade.

— Mais homens indo para Mordor — disse ele em voz baixa. — Caras escuras. Nunca tínhamos visto homens como esses antes, não, Sméagol nunca viu. São cruéis.

Têm olhos negros, e longos cabelos negros, e argolas de ouro nas orelhas; sim, um monte de ouro bonito. E alguns têm tinta vermelha nas faces, e capas vermelhas; e levam bandeiras vermelhas, e vermelhas são as pontas de suas lanças; e têm escudos redondos, amarelos e negros com grandes cravos. Não são bonzinhos; parecem homens muito, muito cruéis. Quase tão maus quanto os orcs, e muito maiores. Sméagol acha que eles vieram do sul, de além do fim do Grande Rio: vieram por aquela estrada. Passaram pelo Portão Negro; mas outros podem segui-los. Cada vez mais gente vindo para Mordor. Um dia, todos os povos estarão lá dentro. TOLKIEN, 2010 B, p. 218.

Não que muitos tenham retornado, e não que se acreditasse em tudo o que diziam: notícias de Bri, e não certeza de conversa do Condado, como dizem os ditados. Mas ouvi histórias sobre as pessoas grandes lá das Terras do Sol. Nós os chamamos de Morenos em nossas histórias; e eles montam em

olifantes, pelo que se diz, quando lutam. Colocam casas e torres nos lombos dos olifantes, e os olifantes jogam pedras e árvores uns nos outros.

Por isso, quando você disse “Homens do Sul, todos de vermelho e dourado”, eu disse “você viu algum olifante?”. Pois se tivesse visto, eu ia dar uma olhada, com ou sem risco. — Mas agora acho que nunca verei um olifante. Talvez nem exista um animal assim. TOLKIEN, 2010 B, p. 219.

— São cerca de dez léguas daqui até a praia oriental do Anduin — disse Mablung —, raramente chegamos tão longe. Mas temos uma nova missão nesta jornada: viemos preparar uma emboscada para os homens de Harad. Malditos sejam!

— E, malditos sejam os sulistas! — disse Damrod. — Comenta-se que havia transações antigamente entre Gondor e os reinos de Harad do extremo sul, embora nunca tenha existido amizade. Naqueles dias, nossas fronteiras ficavam lá no sul, além da foz do Anduin, e Umbar, o mais próximo dos reinos deles, reconhecia nosso poder. Mas muito tempo se passou. Já faz muitas vidas de homem que um sulista passou, indo ou vindo, entre nós. Ultimamente soubemos que o Inimigo esteve entre eles, que passaram para o lado d’Ele, ou retornaram a Ele — estavam sempre à sua disposição — como também fizeram tantos outros no leste. Não duvido que os dias de Gondor estejam chegando ao fim, e que as muralhas de Minas Tirith estejam condenadas, tão grandes são sua malícia e força.

— Mesmo assim, não vamos ficar de braços cruzados e deixar que Ele faça tudo como desejar — disse Mablung. — Esses malditos sulistas vêm agora marchando pelas estradas antigas para aumentar os exércitos da Torre Escura. Sim, pelas mesmas estradas que o trabalho de Gondor construiu. E cada vez avançam com menos cautela, pensando que o poder de seu novo senhor é grande o suficiente, de modo que a mera sombra de suas colinas irá protegê-los. Viemos para lhes ensinar uma outra lição. TOLKIEN, 2010 B, p. 230 – 231.

Sam, aflito para ver mais, foi juntar-se aos guardas. Subiu um pouco num dos loureiros maiores. Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas, seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensanguentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada. TOLKIEN, 2010 B, p. 232.

Pois, no mesmo momento em que Mablung ia em direção ao corpo caído, ouviu-se outro barulho. Grande gritaria. Em meio a ela Sam ouviu o ruído de rugidos ou trombetas. E depois um grande baque de batidas e golpes surdos, como enormes aríetes estrondeando no chão.

— Cuidado! Cuidado! — gritou Damrod aos seus companheiros. — Que os Valar consigam desviá-lo! Múmak! Múmak!

Para seu assombro, terror e enorme prazer, Sam viu um vulto enorme romper dentre as árvores e vir descendo a encosta. Grande como uma casa, muito maior que uma casa, pareceu-lhe, uma colina móvel revestida de cinza.

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Múmak de Harad era realmente um animal enorme, e como aquele não há mais hoje em dia na Terra-média; seu parente que ainda vive nos últimos tempos é apenas uma lembrança de seu tamanho e majestade. Veio avançando, direto para os vigias, e então desviou no momento exato, passando a apenas alguns metros, fazendo tremer o chão sob seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a longa tromba erguida como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. Os arreios ricamente enfeitados de vermelho e dourado pendiam em farrapos soltos. Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo ofegante, destroçados em sua passagem furiosa através do bosque; e em cima de seu pescoço ainda se pendurava desesperadamente um pequeno vulto — o corpo de um guerreiro poderoso, um gigante entre os Morenos. TOLKIEN, 2010 B, p. 232.

Mais sábios, porque recrutaram a força de nosso povo entre a gente vigorosa da costa marítima, e entre os fortes montanheses das Ered Nimrais. E fizeram uma trégua com os povos altivos do norte, que nos tinham frequentemente assaltado, homens violentos, mas nossos parentes distantes, diferentes dos selvagens orientais e dos cruéis haradrim. TOLKIEN, 2010 B, p. 241.

Já era noite quando a notícia chegou. Um homem veio dos vaus cavalgando depressa, dizendo que um exército tinha saído de Minas Morgul e já estava se aproximando de Osgiliath; e ele tinham-se juntado regimentos vindos do sul, os haradrim, homens cruéis e altos. — E ficamos sabendo — disse o mensageiro — que o Capitão Negro os lidera novamente, e o seu terror o antecede através do Rio. TOLKIEN, 2010 C, p. 87.

No momento em que os nazgúl desviaram do ataque do Cavaleiro Branco, uma seta mortal veio voando e Faramir, que estivera impedindo o avanço de um campeão montado de Harad, tombou no chão. Apenas o ataque de Doí Amroth pudera salvá-lo das espadas rubras do sul, que o teriam golpeado ali no chão. TOLKIEN, 2010 C, p. 91.

Desde a meia-noite prosseguia o ataque. Tambores retumbavam. Ao norte e ao sul, as companhias inimigas, uma atrás da outra, avançavam contra as muralhas. Chegavam animais enormes, parecendo edifícios moveis a luz rubra e oscilante, os múmakil de Harad, arrastando pelas alamedas enormes torres e máquinas, em meio ao incêndio. TOLKIEN, 2010 C, p. 99 – 100.

Muitos inimigos estavam diante dele, e na metade mais distante da planície ainda havia outras tropas por combater. Ao sul, além da estrada, estava a maior força dos haradrim, e lá os seus cavaleiros se reuniam em torno da bandeira de seu capitão. Ele olhou e na luz que crescia viu a bandeira do rei; percebeu que ela estava muito à frente da batalha e com poucos homens em volta. Então encheu-se de uma ira sanguinária e soltou um grito; exibindo sua bandeira, serpente negra sobre escarlate, partiu contra o cavalo branco e o campo verde com uma grande força de homens; as cimitarras nas mãos dos sulistas pareciam estrelas faiscando. TOLKIEN, 2010 C, p. 113.

Novas forças do inimigo subiam depressa pela estrada que vinha do Rio; dos pontos sob as muralhas vinham as legiões de Morgul; dos campos do sul vinham a pé homens de Harad, precedidos por cavaleiros, e atrás deles assomavam os enormes lombos dos múmakil, carregando torres de guerra. Mas ao norte a crista branca de Éomer liderava a grande dianteira dos rohirrim, que ele outra vez reunira e ordenara; da Cidade veio toda a força de homens que lá havia, e o cisne prateado de Dol Amroth vinha na vanguarda, expulsando do Portão o inimigo. TOLKIEN, 2010 C, p. 117.

A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas, derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. Mas, onde quer que surgissem os múmakil, por ali os cavalos não passavam, recuando e desviando; os grandes monstros continuavam invictos, e erguiam-se como torres de defesa; os haradrim se agrupavam em volta deles. Se os rohirrim, no início de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. Haviam sido reunidos lá, para saquear a cidade e violar Gondor, aguardando o chamado de seu Capitão. Ele agora estava destruído, as Gothmog, o tenente de Morgul, os enviara para a luta: orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls, com olhos brancos e línguas vermelhas. Alguns ainda corriam na retaguarda dos rohirrim, outros se mantinham no oeste, para afastar as forças de Gondor e evitar que elas se juntassem às de Rohan. TOLKIEN, 2010 C, p. 120 – 121.

E lá os homens de Lamedon disputavam os vaus com o povo cruel de Umbar e Harad, que tinha subido o rio navegando. Mas tanto os defensores como os inimigos desistiram da batalha e fugiram quando chegamos, gritando que o Rei dos Mortos os estava atacando. Apenas Angbor, Senhor de Lamedon, teve a coragem de nos esperar; TOLKIEN, 2010 C, p. 153.

22

Mas os hobbits na verdade nunca estudaram qualquer tipo de magia, e sua habilidade para desaparecer se deve somente a um talento profissional que a hereditariedade, a prática e uma relação íntima com a terra tornaram inimitáveis por raças maiores e mais desengonçadas.

São um povo pequeno, menores que os anões: menos robustos e troncados, quer dizer, mesmo que na realidade não sejam muito mais altos, a sua altura é variável, indo de 60 centímetros a 1 metro e 20 centímetros em nossa medida. Raramente chegam a 1 metro e meio; mas eles diminuiram pelo que dizem, e em tempos antigos eram maiores. TOLKIEN, 2010 A, p. 16.

É fato que, apesar de um estranhamento posterior, os hobbits são nossos parentes: muito mais próximos que os elfos, ou mesmo que os anões. Antigamente, falavam a língua dos homens, à sua própria maneira, e em grande parte gostavam e desgostavam das mesmas coisas que os homens. TOLKIEN, 2010 A, p. 17.

23

19. Por que Z coloca bicos e penas nos Orcs!? (Orcs não é uma forma de *Alcas*) Declara-se claramente que os Orcs são deturpações da forma “humana” vista em Elfos e Homens. Eles são (ou eram) atarracados, largos, de narizes achatados, de peles amarelentas, com bocas largas e olhos oblíquos: na realidade, versões degradadas e repulsivas dos (para os europeus) menos formosos tipos mongóis. TOLKIEN, 2009 C, p. 456. Carta 210.

— Se pudesse escolher, gostaria que vocês estivessem mortos agora disse o outro. — Faria você guinchar, seu rato miserável! — Abaixou-se sobre Pippin, aproximando suas presas amarelas do rosto dele. Tinha na mão uma faca preta com uma lâmina denteada. — Fique quieto, ou vou fazer cócegas em você com isto — disse ele num chiado. TOLKIEN, 2010 B, p. 34.

Uglúk gritou, e muitos orcs que tinham quase o tamanho dele correram na direção onde estava. Então, de repente, sem avisar, Uglúk saltou à frente, e com dois golpes rápidos decepou as cabeças de dois adversários. Grishnákh pulou de lado e desapareceu dentro das sombras. Os outros recuaram, e um deles, dando um passo para trás, caiu sobre a figura prostrada de Merry soltando um palavrão. Mas provavelmente isso salvou a vida do hobbit, pois os seguidores de Uglúk saltaram sobre ele e mataram um outro com suas espadas de lâminas largas. Era o guarda de presas amarelas. Seu corpo caiu bem em cima de Pippin, ainda segurando sua longa faca serrilhada. TOLKIEN, 2010 B, p. 36.

Um orc agarrou Pippin como um saco, pôs sua cabeça entre as mãos amarradas do hobbit, segurou-lhe os braços puxando-os para baixo, até que o rosto de Pippin ficasse contra seu pescoço; depois saiu levando-o consigo. Um outro deu o mesmo tratamento a Merry. A mão em garra do orc prendeu como ferro o braço de Pippin; as unhas entraram-lhe na carne. Ele fechou os olhos e voltou aos seus sonhos terríveis. TOLKIEN, 2010 B, p. 36.

No momento em que braços longos e garras fortes o pegaram, deixou o broche cair no chão. “Acho que vai ficar ali até o fim dos tempos”, pensou ele. “Não sei por que fiz isso. TOLKIEN, 2010 B, p. 38.

E todos os que escutaram aquele som tremeram. Muitos orcs se jogaram ao chão cobrindo os ouvidos com as garras. TOLKIEN, 2010 B, p. 122.

Pelo que Sam pôde perceber, Shagrat perseguiu Soaga ao redor da cobertura, até que, agachando-se e despistando-o, o orc menor arremessou-se com um grito para dentro da torre outra vez e desapareceu. Então Shagrai parou. Da porta leste Sam podia vê-lo agora próximo ao parapeito, resfolegando, sua garra esquerda abrindo-se e fechando-se sem forças. Colocou o fardo no chão e com a garra direita sacou uma longa faca vermelha e cuspiu nela. Indo até o parapeito, debruçou-se, examinando o pátio externo lá embaixo. Gritou duas vezes, mas não veio nenhuma resposta. TOLKIEN, 2010 C, p. 185.

De repente, no momento em que Shagrai se abaixava sobre a ameia, com as costas para o topo do telhado, Sam viu surpreso que um dos corpos espalhados estava se mexendo. Arrastava-se. Esticou uma garra e pegou o fardo. Levantou-se com dificuldade. Na outra mão segurava uma lança de ponta larga e haste curta quebrada. TOLKIEN, 2010 C, p. 185.

O orc menor saiu correndo pela porta do torreão. Atrás dele veio Shagrat, um orc grande com braços compridos que, correndo ele agachado, alcançavam o chão. Mas um braço estava ferido e parecia sangrar; o outro segurava um grande fardo preto. No clarão vermelho Sam, encolhendo-se atrás da porta da escadaria, viu de relance seu rosto mau, quando ele passou: parecia que garras cortantes o haviam rasgado, e estava sujo de sangue; pingava baba de suas presas pontudas; rosnava como um animal. TOLKIEN, 2010 C, p. 185.

Não estava mais segurando o Anel, mas ele estava lá, um poder oculto, uma ameaça assustadora para os escravos de Mordor; e em sua mão levava Ferroada, cuja luz feriu os olhos do orc como o brilho das estrelas cruéis das terríveis terras dos elfos: sonhar com aquelas estrelas já incutia um gélido terror em toda a sua espécie. E Shagrat não conseguia lutar e segurar seu tesouro ao mesmo tempo. Parou, rosnando, mostrando as presas. Então, mais uma vez, á maneira dos orcs, saltou de lado, e, quando Sam pulou sobre ele, o orc, usando o fardo pesado como escudo e arma, arremessou-o com força no rosto do inimigo. Sam cambaleou e, antes que pudesse se recuperar, Shagrat passou por ele como um dardo, descendo a escada. TOLKIEN, 2010 C, p. 186.

— Só isso? — disse Frodo. — Parecem semanas. Você precisa me contar tudo, se tivermos uma chance. Alguma coisa me atingiu, não foi? E eu caí na escuridão e em sonhos ruins; depois acordei e vi que acordar foi pior. Um monte de orcs ao meu redor. Acho que tinham acabado de despejar alguma bebida horrível e ardente pela minha garganta abaixo. Minha cabeça clareou, mas eu estava cansado e sentindo dores. Despiram-me de tudo, e então dois grandes brutos vieram me interrogar, interrogaram-me até que achei que ia enlouquecer, vinham por cima de mim, olhando-me com avidez, acariciando as facas. Nunca vou esquecer aqueles olhos e aquelas garras. TOLKIEN, 2010 C, p. 190.

Pippin nunca conhecera horas tão escuras, nem mesmo quando estivera nas garras dos Uruk-hai. TOLKIEN, 2010 C, p. 94.

24

E assim pareceu que fariam. Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do Escuro; só se preocupavam em terminar a marcha e escapar do chicote. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou. TOLKIEN, 2010 C, p. 213.

25

De repente dois orcs surgiram. Um estava vestido em farrapos castanhos e armado com um arco de chifre: era de uma raça pequena, tinha a pele negra e vinha farejando com as largas narinas: evidentemente algum tipo de batedor. O outro era um grande orc lutador, parecido com os da companhia de Shagrat, ostentando o símbolo do Olho. Também trazia um arco nas costas e carregava uma lança curta de cabeça larga. Como de costume, estavam discutindo, e, sendo de raças diferentes, usavam a Língua Geral à sua maneira. A menos de vinte passos de onde os hobbits estavam á espreita o orc pequeno estacou. TOLKIEN, 2010 C, p. 206.

26

Não tenho certeza sobre os Trolls. Acredito que sejam meras “imitações” e, portanto (embora aqui, é claro, eu esteja apenas usando elementos de antiga criação mítica bárbara que não possuía uma metafísica “consciente”), voltam a ser meras imagens de pedra quando não estão no escuro. Mas há outras espécies de Trolls além desses extremamente ridículos, ainda que brutais, Trolls-de-pedra, para os quais outras origens são sugeridas. É claro que (visto que inevitavelmente meu mundo é por demais imperfeito mesmo em seu próprio plano, nem foi feito completamente coerente — nosso Mundo Real também não *parece* ser completamente coerente; e, na verdade, eu mesmo não estou convencido de que, embora em cada mundo em cada plano tudo deva estar, no final das contas, sob a Vontade de Deus, mesmo no nosso não haja algumas imitações subcriacionais “toleradas”!) quando você faz Trolls *falarem*, está lhes dando um poder que no nosso mundo (provavelmente) significa a posse de uma “alma”. Porém, não concordo (caso o senhor admita esse elemento de contos de fadas) que meus trolls apresentem qualquer sinal de “bem” estrita e não sentimentalmente observado. TOLKIEN, 2009 C, p. 319 – 320. Carta 153.

Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do que a de quaisquer outros de raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. Entretanto, ficava mais próxima de Valinor. Foi erguida por Ossë das profundezas das Grandes Águas, e foi estabelecida por Aulë e enriquecida por Yavanna; e os eldar para lá levaram flores e fontes de Tol Eressëa. Essa terra os Valar chamaram de Andor, a Terra da Dádiva; e a Estrela de Eärendil brilhou luminosa no oeste como sinal de que tudo estava pronto, e para servir como guia pelo mar; e os homens se admiraram de ver aquela chama prateada nos caminhos do Sol. TOLKIEN, 2009 A, p. 202 – 203.

Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dunedain: os númenorianos, reis entre os homens. Entretanto, eles não escaparam desse modo do destino da morte que Ilúvatar havia estabelecido para toda a humanidade, e ainda eram mortais, embora atingissem idade avançada e não conhecessem nenhuma enfermidade até o momento em que a sombra caísse sobre eles. Por conseguinte tornaram-se sábios e ilustres; e sob todos os aspectos eram mais semelhantes aos Primogênitos do que qualquer outra linhagem dos homens. E eram altos, mais altos do que os mais altos dos filhos da Terra-média. E a luz de seus olhos era como a das estrelas brilhantes. Contudo, era muito devagar que seu número aumentava na Terra, pois, embora lhes nascessem filhos e filhas, mais belos do que os pais, mesmo assim era pequena sua prole. TOLKIEN, 2009 A, p. 203.

E ali estavam a torre e a fortaleza construídas por Elros, Filho de Eärendil, que os Valar designaram para ser o primeiro Rei dos dunedain. Ora, Elros e Elrond, seu irmão, descendiam das Três Casas dos edain, mas também em parte dos eldar e dos Valar; pois Idril de Gondolin e Lúthien, filha de Melian, eram suas antepassadas. Com efeito, os Valar não podem retirar a dádiva da morte, que chega aos homens vinda de Ilúvatar; mas, na questão dos meio-elfos, Ilúvatar conferiu-lhes o poder de decidir. E eles resolveram que deveria ser concedido aos filhos de Eärendil o direito de escolher o próprio destino. E Elrond preferiu ficar entre os Primogênitos, e a ele foi concedida a vida dos Primogênitos. Já a Elros, que preferiu ser um Rei dos homens, ainda foi atribuída uma grande quantidade de anos, muitas vezes maior que a dos homens da Terra-média. E toda a sua linhagem, os reis e os senhores da Casa real gozaram de uma vida longa mesmo em comparação com a dos numenorianos. Elros, porém, viveu quinhentos anos e reinou sobre os númenorianos por quatrocentos e dez. TOLKIEN, 2009 A, p. 203 – 204.

Os edain (Atani) eram três povos cujos membros eram homens que, chegando primeiro ao oeste da Terra-média e às praias do Grande Mar, tornaram-se aliados dos eldar contra o Inimigo.

Houve três uniões entre os eldar e os edain: Lúthien e Beren, Idril e Tuor, Arwen e Aragorn. Através do último reunificaram-se ramos dos meio-elfos, separados havia muito tempo, e sua linhagem foi restaurada.

Lúthien Tinúviel era filha do rei Thingol Capa-Cinzenta, de Doriath, da Primeira Era, mas sua mãe era melian, do povo dos valar.

Beren era filho de Barahir, da Primeira Casa dos edain. Juntos eles arrancaram uma silmaril da Coroa de Ferro de Morgoth⁴. Lúthien tornou-se mortal e os elfos a perderam. Dior era seu filho. Elwing era filha deste, e guardou em seu poder a silmaril.

Idril Celebrindal era filha de Turgon, rei da cidade oculta de Gondolin⁵. Tuor era filho de Huor, da Casa de Hador, a Terceira Casa dos edain, e a mais renomada nas guerras contra Morgoth. Eärendil era filho deles.

Eärendil casou-se com Elwing, e com o poder da silmaril passou pelas Sombras⁶ e chegou ao Extremo Oeste, e falando como um embaixador tanto dos elfos como dos homens obteve a ajuda através da qual Morgoth foi derrotado. Eärendil foi proibido de retornar para as terras mortais, e seu navio levando a silmoril zarpou pelos céus navegando como uma estrela, e como sinal de esperança para os habitantes da Terra-média, oprimidos pelo Grande Inimigo ou por seus servidores. Apenas as silmarilli preservavam a antiga luz emanada pelas Duas Árvores de Valinor antes que Morgoth as envenenasse; mas as outras duas se perderam no final da Primeira Era.

Narra-se essa história completa, e muito mais a respeito de elfos e homens, no Silmarillion.

Os filhos de Eärendil eram Elros e Elrond, os Peredhil, ou meio-elfos. Somente neles a linhagem dos heróicos líderes dos edain da Primeira Era foi preservada; da mesma forma, após a queda de Gil-galad, a linhagem dos altos-elfos reis só ficou representada na Terra-média por seus descendentes.

No final da Primeira Era os valar impuseram uma escolha irrevogável aos meio-elfos, ou seja, eles deveriam decidir a que raça pertenceriam. Elrond escolheu ser do Povo Élfico, e transformou-se num mestre da sabedoria. Portanto, a ele foi concedida a mesma graça recebida pelos altos-elfos que ainda permaneciam na Terra-média que, quando por fim estivessem cansados das terras mortais, eles poderiam tomar um navio e partir dos Portos Cinzentos para o Extremo Oeste; essa graça perdurou depois da mudança do mundo. Mas para os filhos de Elrond também foi indicada uma escolha: passar com o pai dos círculos do mundo ou, se permanecessem, tornarem-se mortais e morrerem na Terra-média. Em consequência disso, para Elrond, todas as possibilidades da Guerra do Anel estavam carregadas de tristeza.

Elros escolheu ser do povo dos homens e permanecer com os edain; mas foilhe concedido um grande tempo de vida, muitas vezes maior que o dos homens inferiores.

Como recompensa por seus sofrimentos na causa contra Morgoth, os valar, Guardiões do Mundo, concederam aos edain uma terra para morarem, retirada dos perigos da Terra-média. A maioria deles, portanto, cruzou o Mar, e guiados pela Estrela de Eärendil chegaram à grande Ilha de Elessar, no extremo oeste das Terras Mortais. Ali eles fundaram o reino de Númenor.

Havia uma alta montanha no centro da ilha, chamada Meneltarma, e de seu topo os que enxergavam longe podiam divisar a torre branca do porto dos eldar em Eressëa. De lá os eldar vieram para se juntar aos edain, enriquecendo-os com conhecimento e muitas dádivas; mas aos númenorianos foi imposta uma ordem, a "Interdição dos Valar": ficavam proibidos de navegar para o oeste, além do campo de visão de suas próprias praias, e também de pôr os pés nas Terras Imortais. Pois embora lhes tivesse sido concedida uma grande longevidade, no início três vezes maior que a dos homens inferiores, eles deviam permanecer mortais, uma vez que aos valar foi permitido tomar deles a Dádiva dos Homens (ou a Destruição dos Homens, como foi posteriormente denominada). TOLKIEN, 2010 C, p. 329 – 331.

28

Contudo, no final, no desgaste dos anos velozes da Terra-média, Gondor decaiu, e a linhagem de Meneldil, filho de Anárion, perdeu a força. Pois o sangue dos númenorianos se tornou muito misturado com o de outros homens; seu poder e sua sabedoria foram reduzidos, seus anos de vida, encurtados, e a vigilância sobre Mordor, negligenciada. E, no reinado de Telemnar, o vigésimo terceiro da linhagem de Meneldil, trazida por ventos sinistros do leste, veio uma peste que se abateu sobre o Rei e seus filhos, e muitos do povo de Gondor pereceram. Então ficaram abandonados os fortes nas fronteiras com Mordor, e Minas Ithil ficou deserta, sem sua gente. E o mal voltou a entrar na Terra Negra. Em segredo. As cinzas de Gorgoroth foram agitadas como que por um vento frio, pois formas sinistras ali se reuniam. Diz-se que essas eram de fato os úlairi, que Sauron chamava de nazgûl, os Nove Espectros do Anel, que por muito tempo haviam permanecido ocultos, mas agora voltavam para abrir caminho para seu Senhor, pois ele começava a crescer novamente. TOLKIEN, 2009 A, p. 231.

Ali, entre as montanhas e o mar, morava um povo forte. Eram considerados homens de Gondor, mas seu sangue era mesclado, e havia pessoas baixas e morenas entre eles, cujos antepassados eram na maioria os homens esquecidos que moraram na sombra das montanhas nos Anos Escuros, antes da chegada dos reis. Mas mais além, no grande feudo de Belfalas, morava o Príncipe Imrahil, em seu castelo de Doi Amroth perto do mar, e ele tinha sangue nobre, e seu povo também, homens grandes e ativos com olhos cinzentos da cor do mar. TOLKIEN, 2010 C, p. 10.

Depois do retorno de Eldacar, o sangue da casa real e de outras casas dos dúnedain misturou-se mais ao sangue dos homens inferiores.

Muitos foram mortos na Contenda das Famílias, e Eldacar via com bons olhos os homens do norte, que o ajudaram a recuperar a coroa; por esses motivos, ao povo de Gondor juntou-se um grande número de gente vinda de Rhovanion.

No princípio, essa miscigenação não apressou o declínio dos dúnedain como se temera; mas mesmo assim o declínio continuou, pouco a pouco, como já acontecia antes. Pois sem dúvida sua razão era acima de tudo a própria Terra-média, além da lenta retirada das dádivas dos númenorianos após a queda da Terra da Estrela. Eldacar viveu até os duzentos e trinta e cinco anos, e foi rei por cinquenta e oito, dos quais dez foram passados no exílio. TOLKIEN, 2010 C, p. 348.

A sabedoria e a longevidade dos númenorianos também foram minguando, à medida que eles se miscigenaram com homens inferiores. TOLKIEN, 2010 C, p. 396 – 397.

Tanto o grande cabo como o porto de Umbar, todo bloqueado por terras, foram propriedade númenoriana desde os Dias Antigos, mas tratava-se de uma fortaleza dos homens do Rei, que posteriormente foram chamados de númenorianos negros, corrompidos por Sauron, e que Odiavam acima de tudo os seguidores de Elendil. **Depois da queda de Sauron, sua raça minguou depressa, ou misturou-se com a dos homens da Terra-média**, mas eles herdaram com a mesma intensidade o ódio por Gondor. Umbar, portanto, só foi tomada a um alto custo. TOLKIEN, 2010 C, p. 344. Grifos meus.

Mas, já que precisava de homens e queria fortalecer os laços entre Gondor e os homens do norte, tomou a seu serviço muitos destes, dando a alguns altos postos em seus exércitos.

Rómendacil mostrava uma preferência por Vidugavia, que o ajudara durante a guerra. Ele se autodenominava Rei de Rhovanion, e de fato era o mais poderoso dos príncipes do norte, embora seu reino ficasse entre a Floresta Verde e o rio Celduin (28). Em 1250, Rómendacil mandou seu filho Valacar como embaixador para morar um tempo com Vidugavia e se familiarizar com a língua, os costumes e as políticas dos homens do norte. Mas Valacar excedeu em muito os desígnios de seu pai. Tornou-se um apaixonado pelas terras e pelo povo do norte, e casou-se com Vidumavi, filha de Vidugavia. Demorou alguns anos para retornar. Desse casamento originou-se depois a guerra da Contenda das Famílias.

"Pois os nobres de Gondor não viam com bons olhos a presença dos homens do norte entre eles; nunca se ouvira falar antes de um herdeiro da coroa, ou qualquer filho do rei, que se tivesse casado com alguém de **uma raça inferior** e estranha. Já havia rebelião nas províncias do sul quando o rei Valacar ficou velho. Sua rainha fora uma senhora bela e nobre, mas de vida curta, conforme era o destino dos homens inferiores, e os dúnedain temiam que com os seus descendentes acontecesse o mesmo e que eles perdessem a majestade dos reis dos homens. Além disso, não estavam dispostos a aceitar como seu senhor o filho dela que, apesar de agora se chamar Eldacar, nascera em terras estrangeiras e em sua infância se chamara Vinitharya, um nome do povo de sua mãe.

"Portanto, quando Eldacar sucedeu o pai, houve guerra em Gondor.

Mas não foi fácil afastar Eldacar de sua herança. A linhagem de Gondor ele acrescentara o espírito destemido dos homens do norte. Era belo e corajoso, e não mostrava sinais de envelhecer mais depressa que seu pai. Quando os aliados, chefiados pelos descendentes dos reis, insurgiram-se contra ele, opôs-se a eles até o esgotamento de suas forças. TOLKIEN, 2010 C, p. 344 – 345.

29

"Dos reis da Terra dos Cavaleiros entre Eorl e Théoden fala-se muito em HeIm Mão-de-Martelo. Era um homem austero, de grande força.

Havia naquele tempo um homem chamado Freca, que afirmava ser descendente do rei Fréawine, embora tivesse, afirmavam os homens, muito sangue da Terra Parda, e os cabelos escuros. Ficou rico e poderoso, possuindo amplas terras dos dois lados do Adorn³³. Perto da nascente desse rio, construiu para si uma fortaleza, dando pouca atenção ao rei. HeIm não confiava nele, mas o convocava para seus conselhos; Freca vinha quando queria.

"Para participar de um desses conselhos, Freca chegou cavalgando

acompanhado de muitos homens, e pediu a mão da filha de HeIm para seu filho Wulf. Mas Helm disse:

— Você cresceu desde que estive aqui pela última vez; principalmente em gordura, eu acho — ; os homens riram disso, pois Freca tinha uma barriga volumosa.

"Então Freca ficou furioso e insultou o rei, dizendo por fim:

— Reis velhos que recusam o bastão que lhes é oferecido podem cair de joelhos. — HeIm respondeu:

— Venha! O casamento de seu filho é uma ninharia. HeIm e Freca podem cuidar disso mais tarde. Enquanto isso, o rei e seu conselho têm assuntos importantes a tratar.

"Quando terminou o conselho, Helm levantou-se e colocou as mãos enormes sobre os ombros de Freca, dizendo:

— O rei não permite gritarias em sua casa, mas os homens são mais livres lá fora — forçou então Freca a andar á sua frente, saindo de Edoras e entrando no campo. Aos homens de Freca que se aproximavam, ele disse:

— Fora daqui! Não precisamos de ouvintes! Vamos tratar de um assunto particular. Vão conversar com meus homens. — E eles olharam e viram que os homens e amigos do rei estavam em número muito maior que eles, e recuaram.

— Agora, terrapardense — disse o rei — você só tem de lidar com Helm, sozinho e desarmado. Mas você já disse muito, e é minha vez de falar. Freca, sua loucura cresceu com sua barriga. Você fala em um bastão! Se Helm não aprecia um bastão torto que lhe é jogado, ele o quebra. Assim! — Com essas palavras, deu um murro em Freca com tal força que ele caiu zonzo para trás, e morreu logo em seguida. TOLKIEN, 2010 C, p. 372 – 373.

30

Pessoalmente, eu estaria inclinado a recusar o fornecimento de qualquer *Bestätigung* (embora aconteça de eu poder fazê-lo) e deixar que uma tradução alemã fosse suspensa. De qualquer forma, devo opor-me fortemente à aparição impressa de qualquer declaração semelhante. Não julgo a (provável) ausência total de sangue judeu como necessariamente meritório; possuo muitos amigos judeus, e lamentaria asseverar a noção de que aprovo a totalmente perniciosa e não-científica doutrina racial. TOLKIEN, 2009 C, p. 61. Carta 29.

31

Mas todas as Grandes Coisas planejadas de uma grande maneira dão essa sensação para o sapo debaixo do chapéu-de-sapo, embora de um ângulo geral elas de fato funcionem e cumpram seu serviço. Um serviço fundamentalmente maligno. Pois estamos tentando conquistar Sauron com o Anel. E seremos bem-sucedidos (ao que parece). Contudo, a punição, como você sabe, é criar novos Saurons e lentamente transformar Homens e Elfos em Orcs. Não que na vida real as coisas sejam tão claras como em uma história, e começamos com muitos Orcs no nosso lado. TOLKIEN, 2009 C, p. 133. Carta 66.

Sim, penso nos orcs como uma criação tão real quanto qualquer coisa na ficção “realista”: suas palavras vigorosas descrevem bem a tribo; apenas na vida real eles estão em ambos os lados, é claro. Pois o “romance” se originou da “alegoria” e suas guerras ainda são produzidas a partir da “guerra interior” da alegoria na qual o bem está de um lado e várias formas de maldade estão no outro. Na vida real (exterior), os homens estão nos dois lados: o que significa uma aliança diversificada de orcs, feras, demônios, homens simples naturalmente honestos e anjos. Mas faz alguma diferença quem seus capitães são e se eles são órquicos per se! TOLKIEN, 2009 C, p. 140. Carta 71.

Não há “simbolismo” ou alegoria consciente em minha história. Alegorias do tipo “cinco magos = cinco sentidos” são completamente estranhas ao meu modo de pensar. Havia cinco magos e esta é apenas uma parte única da história. Perguntar se os Orcs “são” comunistas para mim é tão sensato quanto perguntar se comunistas são Orcs. TOLKIEN, 2009 C, p. 436. Carta 203.

Anexo capítulo 3

Trechos:

1

Por esse motivo partiram da Terra-média e foram para a Terra de Aman, a mais ocidental de todas, junto aos limites do mundo; pois seu litoral oeste dá para o Mar de Fora, que é chamado pelos elfos de Ekkaia e circunda o Reino de Arda. A extensão desse mar ninguém conhece a não ser os Valar; e, para além dele, ficam as Muralhas da Noite. Já a costa leste de Aman era o limite mais distante de Belegaer, o Grande Mar do Oeste. E, como Melkor estava de volta a Terra-média e eles ainda não tinham como derrotá-la, os Valar fortificaram sua morada e, junto ao litoral, ergueram as Pelóri, as montanhas de Aman, as mais altas de toda a Terra. E acima de todas as montanhas das Pelóri elevava-se aquela em cujo pico Manwë instalou seu trono. Taniquetil é como os elfos chamam essa montanha sagrada; e Oiolossë, Brancura Eterna; e Elerrína, Coroada de Estrelas, e muitos outros nomes. Já os sindar a mencionavam, em sua língua mais recente, como Amon Uilos. De seu palácio no cume da Taniquetil, Manwë e Varda conseguiram descortinar a Terra inteira, até mesmo as maiores distâncias a leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 20.

Nesse território seguro, os Valar acumularam enorme quantidade de luz e tudo de mais belo que fora salvo da destruição. E muitas outras coisas ainda mais formosas eles voltaram a criar; e Valinor tornou-se ainda mais bonita do que a Terra-média na Primavera de Arda. E Valinor foi abençoada, pois os Imortais ali moravam; e ali nada desbotava nem murchava; não havia mácula alguma em flor ou folha naquela terra; nem nenhuma decomposição ou enfermidade em coisa alguma que fosse viva; pois as próprias pedras e águas eram abençoadas. TOLKIEN, 2009 A, p. 21.

E enquanto olhavam, sobre a colina surgiram dois brotos esguios; e o silêncio envolveu todo o mundo naquela hora, nem havia nenhum outro som que não o canto de Yavanna. Em obediência a seu canto, as árvores jovens cresceram e ganharam beleza e altura; e vieram a florir; e assim, surgiram no mundo as Duas Árvores de Valinor. De tudo o que Yavanna criou, são as mais célebres, e em torno de seu destino são tecidas todas as histórias dos Dias Antigos.

Uma tinha folhas verde-escuras, que na parte de baixo eram como prata brilhante; e de cada uma de suas inúmeras flores caía sem cessar um orvalho de luz prateada; e a terra sob sua copa era manchada pelas sombras de suas folhas esvoaçantes. A outra apresentava folhas de um verde viçoso, como o da faia recém-aberta, orladas de um dourado cintilante. As flores balançavam nos galhos em cachos de um amarelo flamejante, cada um na forma de uma cornucópia brilhante, derramando no chão uma chuva dourada. E da flor daquela árvore, emanavam calor e uma luz esplêndida. Telperion, a primeira, era chamada em Valinor, e Silpion, e Ninquelótë, entre muitos outros nomes; mas Laurelin era a outra, e também Malinalda e Culúrien, entre muitos outros nomes poéticos.

Em sete horas, a glória de cada árvore atingia a plenitude e voltava novamente ao nada; e cada uma despertava novamente para a vida uma hora antes de a outra deixar de brilhar. Assim, em Valinor, duas vezes ao dia havia uma hora suave de luz mais delicada, quando as duas árvores estavam fracas e seus raios prateados e dourados se fundiam. Telperion era a mais velha das árvores e chegou primeiro à sua plena estatura e florescimento; e aquela primeira hora em que brilhou, com o bruxulear pálido de uma alvorada de prata, os Valar não incluíram na história das horas, mas denominaram a Hora Inaugural, e a partir dela passaram a contar o tempo de seu reinado em Valinor. Portanto, à sexta hora do Primeiro Dia, e de todos os dias jubilosos que se seguiram, até o Ocaso de Valinor, Telperion interrompia sua vez de florir; e na décima segunda hora, era Laurelin que o fazia. E cada dia dos Valar em Aman continha doze horas e terminava com a segunda fusão das luzes, na qual Laurelin empalidecia, e Telperion se fortalecia.

Contudo, a luz que se derramava das árvores persistia muito, antes de ser levada para as alturas pelos ares ou de afundar terra adentro. E as gotas de orvalho de Telperion e a chuva que caía de Laurelin, Varda armazenava em enormes tonéis, como lagos brilhantes, que eram para toda a terra dos Valar como poços de água e luz. Assim começaram os Dias de Bem-aventurança de Valinor; e assim começou a Contagem do Tempo. TOLKIEN, 2009 A, p. 21 – 22.

E Ulmo estava sempre aberto a todos os que estavam perdidos nas trevas ou perambulavam afastados da luz dos Valar; e também nunca abandonou a Terra-média, nem deixou de refletir sobre tudo o que aconteceu desde então em termos de destruição ou de mudança, e não deixará de fazê-la até o final dos tempos. TOLKIEN, 2009 A, p. 23.

Durante longas eras, os Valar viveram em bem-aventurança, à luz das Árvores por trás das Montanhas de Aman, mas toda a Terra-média jazia em penumbra, à luz das estrelas. TOLKIEN, 2009 A, p. 28.

Ao final, portanto, os Valar convocaram os quendi a vir a Valinor, para ali se reunirem aos pés dos Poderes à luz das Árvores, para sempre; TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri, pois se demoraram no caminho e não estavam totalmente decididos a passar da penumbra para a luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 33.

Foram esses os três clãs de eldalië, que, tendo passado para o extremo oeste na época das Árvores, são chamados de calaquendi, elfos-da-luz. Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média, e esses eram em sua maioria do clã dos teleri, como será relatado a partir daqui. Eles moravam à beira-mar, ou perambulavam pelos bosques e montanhas do mundo, mas seus corações estavam sempre voltados para o oeste. A esses elfos os calaquendi chamam de úmanyar, já que nunca chegaram à terra de Aman e ao Reino Abençoado; mas também os úmanyar e os avari eles chamam de moriquendi, elfos-das-trevas, pois jamais contemplaram a Luz que existia antes do Sol e da Lua. TOLKIEN, 2009. A, p. 34.

Grande poder Melian concedeu a Thingol, que era ele próprio grande entre os eldar; pois somente ele entre todos os sindar havia visto com os próprios olhos as Árvores no dia em que floresceram; e, embora fosse rei dos úmanyar, não era incluído entre os moriquendi, mas entre os elfos-da-luz, poderosos na Terra-média E, do amor de Thingol e Melian, vieram ao mundo os mais belos Filhos de Ilúvatar que já existiram ou virão a existir. TOLKIEN, 2009 A, p. 36.

A esses, os Valar haviam proporcionado uma terra e um local de moradia. Mesmo em meio às flores radiantes dos jardins iluminados pelas Árvores de Valinor, eles às vezes ainda sentiam falta das estrelas. E assim foi feita uma fenda nas grandes muralhas das Pelóri, e ali, num vale profundo que corria até o mar, os eldar ergueram uma colina alta e verdejante. Túna, chamavase ela. Do ocidente, a luz das Árvores a iluminava; e sua sombra sempre era projetada para o leste. E, para o leste, ela dava para a Baía de Casadelfos, para a Ilha Solitária e para os Mares Sombrios. E então, através da Calacirya, a Passagem da Luz, jorrava o esplendor do Reino Abençoado, aquecendo as ondas escuras com tons de prata e ouro e tocando a Ilha Solitária, o que tomou sua costa oeste verde e bela. Ali surgiram as primeiras flores que existiram a leste das Montanhas de Aman. TOLKIEN, 2009 A, p. 38.

Ainda assim, após a Longa Noite, a luz de Valinor era mais forte e mais clara do que a da Terra-média; pois o Sol lá descansava, e as luzes do firmamento se aproximavam mais da Terra naquela região. No entanto, nem o Sol nem a Lua conseguem trazer à lembrança a luz que existia antes, a que emanava das Árvores antes que elas fossem tocadas pelo veneno de Ungoliant. Aquela luz sobrevive agora apenas nas Silmarils. TOLKIEN, 2009 A, p. 73.

- Atrás de nós, ficam as trevas – dizia Bëor – e nós lhes demos as costas. Não desejamos voltar para lá, nem mesmo em pensamento. Nossos corações estão voltados para o oeste, e acreditamos que encontraremos a Luz. TOLKIEN, 2009 A, p. 105.

- Enfrentamos longos caminhos – diziam eles, abertamente – desejando escapar aos perigos da Terra-média e dos seres sinistros que ali habitam; pois ouvimos dizer que havia Luz no oeste Mas agora descobrimos que a Luz fica do outro lado do Mar. Não podemos ir para lá, onde moram em bem-aventurança os Deuses, com exceção de um, pois o Senhor da Escuridão está aqui diante de nós; assim como os eldar, sábios porém cruéis, que lhe fazem guerra sem cessar. No norte, vive ele, dizem os eldar. E lá estão a dor e a morte das quais fugimos. Não iremos nessa direção. TOLKIEN, 2009 A, p. 108.

Mesmo assim, os edain de outrora aprenderam rapidamente com os eldar toda arte e todo conhecimento que puderam absorver, e seus filhos desenvolveram sabedoria e perícia, até suplantarem de longe todos os outros seres humanos que ainda permaneciam a leste das montanhas e não haviam visto os eldar, nem contemplado os rostos que conheceram a Luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 112.

Já Eärendil não via restar mais esperança alguma no território da Terra-média, e mais uma vez se voltou em desespero e não retornou para casa, mas mudou o curso para procurar Valinor novamente, com Elwing a seu lado. Passava a maior parte do tempo na proa de Vingilot, e a Silmaril estava atada à sua testa. E, quanto mais penetravam no oeste, mais sua luz aumentava.

Dizem os sábios que foi graças ao poder dessa pedra sagrada que, com o tempo, eles chegaram às águas que nenhuma embarcação, a não ser as dos teleri, havia conhecido. E chegaram às Ilhas Encantadas, e escaparam de seu encantamento; entraram pelos Mares Sombrios e superaram suas sombras; e avistaram Tol Eressëa, a Ilha Solitária, mas ali não se detiveram. E afinal lançaram âncora na Baía de Eldamar. Os teleri viram a chegada daquela embarcação, vinda do leste, e ficaram pasmos, contemplando de longe a luz da Silmaril, que era fortíssima. TOLKIEN, 2009 A, p. 195.

Contam os eldar que os homens chegaram ao mundo na época da Sombra de Morgoth e rapidamente caíram sob seu domínio, pois Morgoth mandou seus emissários para o meio deles, e os homens, dando ouvidos a suas palavras astutas e cruéis, adoravam as Trevas e ao mesmo tempo as temiam. Houve, porém, alguns que deram as costas ao mal e deixaram as terras de suas famílias para vagar sempre para o oeste, pois tinham ouvido um rumor de que no oeste existia uma luz que Sombra nenhuma conseguia obscurecer. Os servos de Morgoth os perseguiram com ódio; e suas viagens foram longas e árduas. Mesmo assim, eles chegaram afinal às terras que dão para o Mar, e entraram em Beleriand nos dias da Guerra das Gemas. TOLKIEN, 2009 A, p. 201 – 202.

2

Grande poder Melian concedeu a Thingol, que era ele próprio grande entre os eldar; pois somente ele entre todos os sindar havia visto com os próprios olhos as Árvores no dia em que floresceram; e, embora fosse rei dos úmanyar, não era incluído entre os moriquendi, mas entre os elfos-da-luz, poderosos na

Terra-média E, do amor de Thingol e Melian, vieram ao mundo os mais belos Filhos de Ilúvatar que já existiram ou virão a existir. TOLKIEN, 2009 A, p. 36.

3

Diz-se que foi nessa época que os homens morenos chegaram pela primeira vez a Beleriand.

Alguns já estavam em segredo sob o domínio de Morgoth e vieram atender a um chamado seu.

Nem todos, porém, pois os rumores sobre Beleriand, suas terras e águas, suas guerras e sua abundância, se espalhavam por toda à parte, e os pés inquietos dos homens estavam sempre dirigidos para o oeste naquele tempo. Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos. TOLKIEN, 2009 A, p. 118.

4

Os homens das Três Casas cresceram e se multiplicaram, mas a maior delas foi à Casa de Hador Cabeça-dourada, par dos Senhores élficos. Seu povo tinha grande força e estatura, era alerta no raciocínio, corajoso e leal, rápido na irritação e no riso, poderoso entre os Filhos de Ilúvatar na juventude da Humanidade. Louros eram eles em sua maioria, e de olhos azuis; TOLKIEN, 2009 A, p. 111.

5

Ora, eles pertenciam à família e aos seguidores de Bëor, o Velho, como ele mais tarde foi chamado, um líder entre os homens. Passadas muitas vidas vagando para sair do leste, ele os conduziu afinal através das Montanhas Azuis, os primeiros da raça dos homens a entrar em Beleriand. E cantavam porque estavam felizes, e acreditavam ter escapado de todos os perigos, tendo chegado finalmente a uma terra sem medo. Por muito tempo, Felagund os observou, e o amor por eles brotou em seu coração; mas ele continuou escondido nas árvores até que todos estivessem dormindo. TOLKIEN, 2009 A, p. 104.

Entretanto, dizia-se depois entre os eldar que, quando os homens despertaram em Hildórien, ao nascer do Sol, os espiões de Morgoth estavam alertas e logo lhe levaram a notícia. E essa questão lhe pareceu tão importante, que, em segredo e oculto pelas sombras, ele próprio saiu de Angband e penetrou na Terra-média, deixando o comando da guerra nas mãos de Sauron. De seus contatos com os homens, os eldar de fato nada sabiam na época, e descobriram pouca coisa mais tarde. Mas percebiam com clareza que (como a sombra do Fratricídio e da Condenação de Mandos se abatia sobre os noldor) uma escuridão encobria os corações dos homens, mesmo no povo de amigos-dos-elfos que conheceram primeiro. Corromper ou destruir tudo o que surgisse de novo e belo sempre fora o principal desejo de Morgoth; e, sem dúvida, também era esse seu objetivo nessa viagem: usando o medo e as mentiras, tomar os homens inimigos dos eldar, e instigá-los a deixar o leste para entrar em Beleriand. Esse plano era, porém, de lenta maturação e nunca foi plenamente realizado; pois os homens (ao que se diz) eram de início muito poucos, e Morgoth, temendo a união e o poder crescente dos eldar, retornou para Angband, deixando atrás de si, na época, nada mais do que alguns servos, e esses dos menos astutos e poderosos.

Ora, Felagund soube por Bëor que havia muitos outros homens de pensamento semelhante que também estavam viajando para o oeste.

- Outros da minha própria gente cruzaram as Montanhas e vêm perambulando não muito longe daqui; e os haladin, um povo do qual estamos isolados pela fala, ainda estão nos vales nas encostas orientais, esperando notícias antes de decidir avançar. Existem ainda outros homens, cujo idioma é mais parecido com o nosso, com quem lidamos às vezes. Estavam à nossa frente na marcha para o oeste, mas nós os ultrapassamos, pois são um povo numeroso, que mesmo assim se mantém unido e se movimenta com vagar, sendo todos eles governados por um líder que chamam de Marach. TOLKIEN, 2009 A, p. 105 – 106.

6

Para os homens, Morgoth simulava compaixão, se alguém se dispusesse a dar ouvidos a suas mensagens, dizendo que suas aflições derivavam somente de sua servidão aos noldor rebeldes; mas que, nas mãos do legítimo Senhor da Terra-média, eles receberiam honrarias e uma justa recompensa pela bravura, se abandonassem à rebelião. Contudo, poucos homens das Três Casas dos edain se dispuseram a lhe dar ouvidos, nem mesmo quando levados aos tormentos de Angband. Por conseguinte, Morgoth os perseguia com ódio; e mandava seus mensageiros atravessarem as montanhas.

Diz-se que foi nessa época que os homens morenos chegaram pela primeira vez a Beleriand.

Alguns já estavam em segredo sob o domínio de Morgoth e vieram atender a um chamado seu.

Nem todos, porém, pois os rumores sobre Beleriand, suas terras e águas, suas guerras e sua abundância, se espalhavam por toda à parte, e os pés inquietos dos homens estavam sempre dirigidos para o oeste naquele tempo. Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos.

Suas casas eram numerosas, e alguns deles gostavam mais dos anões das montanhas do que dos elfos. Maedhros, porém, consciente da fraqueza dos noldor e dos edain, ao passo que as profundezas de Angband pareciam ter reservas inesgotáveis e sempre renovadas, fez aliança com esses homens recém-chegados e deu sua amizade a seus maiores chefes, Bór e Ulfang. E Morgoth ficou bem satisfeito, pois era isso o que planejava. Os filhos de Bór eram Borlad, Borlach e Borthand; e eles acompanharam Maedhros e Maglor com lealdade, iludindo a esperança de Morgoth. Os filhos de Ulfang, o Negro, eram Ulfast, Ulwarth e Uldor, o Maldito. Esses acompanharam Caranthir, jurando-lhe fidelidade, e se revelaram pérfidos.

Não havia grande amor entre os edain e os orientais; e eles raramente se encontravam. Pois os recém-chegados residiram muito tempo em Beleriand Oriental, mas o povo de Hador estava preso em Hithlum, e a Casa de Bëor estava praticamente destruída. TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119.

Contudo, nem com lobo, nem com balrog, nem com dragão, teria Morgoth atingido seu objetivo, se não fosse pela traição dos homens. Nessa hora, revelaram-se as tramóias de Ulfang.

Muitos dos orientais se voltaram e fugiram, com o coração cheio de mentiras e pavor. Os filhos de Ulfang, porém, de repente passaram para o lado de Morgoth e investiram contra a retaguarda dos filhos de Fëanor. E, na confusão que provocaram, chegaram perto do estandarte de Maedhros. Entretanto, não colheram a recompensa que Morgoth lhes prometera, pois Maglor matou Uldor, o Maldito, líder da traição; e os filhos de Bór, antes de serem mortos, mataram Ulfast e Ulwarth. Surgiu, porém, um novo contingente de homens que Uldor convocara e mantivera escondidos nas colinas orientais. Com isso, a hoste de Maedhros agora era atacada de três lados. Ela se dividiu, foi dispersada e fugiu de um lado para o outro. Mesmo assim, o destino salvou os filhos de Fëanor. E, embora todos estivessem feridos, nenhum fora morto, pois se reuniram e, trazendo para junto de si um remanescente do exército dos noldor e dos naugrim, eles abriram à força um caminho para sair da batalha e fugiram para longe, na direção do Monte Dolmed, no leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 149.

Grande foi o triunfo de Morgoth, e seu objetivo se realizou de um modo que o agradou. Pois homens haviam tirado a vida de homens e traído os eldar; e o medo e o ódio haviam sido despertados entre aqueles que deveriam ter estado unidos contra Morgoth. Daquela época em diante, os corações dos elfos se distanciaram dos homens, com a única exceção daqueles pertencentes às Três Casas dos edain.

O reino de Fingon não mais existia; e os filhos de Fëanor vagavam como folhas ao vento. Seus exércitos estavam dispersos; e sua aliança, rompida. E eles se acostumaram a uma vida selvagem nos bosques, aos pés das Ered Lindon, misturando-se aos elfos-verdes de Ossiriand, destituídos de seu poder e glória de outrora. Uns poucos dos haladin ainda habitavam Brethil, sob a proteção dos bosques, e Handir, filho de Haldir, era seu senhor. Já a Hithlum nunca mais voltou um sequer do exército de Fingon, nem homem nenhum da Casa de Hador; nem sequer notícias da batalha ou do destino de seus senhores. Morgoth, porém, mandou para lá os orientais que lhe prestaram serviço, negando-lhes as ricas terras de Beleriand, por eles cobiçadas. Morgoth encerrou-os em Hithlum, com a proibição de sair dali. Essa foi a recompensa que lhes deu pela traição a Maedhros: o direito de pilhar e atormentar os velhos, as mulheres e as crianças do povo de Hador. Os que restaram dos eldar de Hithlum foram levados para as minas do norte, para lá trabalhar como escravos, à exceção de alguns que o enganaram e fugiram para o meio das matas e das montanhas. TOLKIEN, 2009 A, p. 151 – 152.

Ora, depois da Nimaeth Amoediad, Morwen ainda residia em Dor-lómin, pois Túrin tinha apenas oito anos e ela estava novamente grávida. Eram tempos terríveis; pois os orientais que haviam chegado a Hithlum menosprezavam o povo de Hador e o oprimiam, confiscavam suas terras e bens e escravizavam seus filhos. No entanto, tão grandes eram a beleza e a majestade da Senhora de Dor-lómin, que os orientais sentiam medo e não ousavam pôr as mãos nela ou em sua propriedade. E entre eles murmuravam, dizendo que ela era perigosa, uma bruxa perita em magia e que tinha uma aliança com os elfos. Ela, porém, estava agora pobre e desassistida, a não ser pela ajuda secreta que lhe prestava uma parenta de Húrin chamada Aerin, que Brodda, um oriental, tornara como mulher. E Morwen tinha pavor de que Túrin fosse separado dela e escravizado. Ocorreu-lhe então mandar o menino embora em segredo

e implorar ao Rei Thingol que o abrigasse, pois Beren, filho de Barahir, era parente de seu pai, e ele havia sido amigo de Húrin antes que o mal sucedesse. TOLKIEN, 2009 A, p. 154.

Assim, com grande esforço, chegou ele aos passos de Dor-lómin, através de terríveis nevascas do norte, e voltou a encontrar a terra de sua infância. Desolada e nua estava ela; e Morwen desaparecera. Sua casa estava vazia, destruída e fria e por perto não morava nenhum ser vivo.

Por isso, Túrin partiu e chegou à casa de Brodda, o Oriental, ele que tornara como esposa Aerin, parenta de Húrin. Ali soube por meio de uma velha criada que Morwen viajara havia muito tempo, pois fugira com Nienor para longe de Dor-lómin, sem que ninguém, a não ser Aerin, conhecesse seu destino.

Foi Túrin então até a mesa de Brodda e, segurando-o, sacou da espada e exigiu que lhe dissessem para onde Morwen tinha ido. Aerin declarou-lhe que ela fora para Doriath em busca do filho.

- Pois as terras naquela época estavam livres do mal graças ao Espada Negra do sul, que agora caiu, ao que dizem.

Nesse momento, os olhos de Túrin se abriram, e os últimos fios da teia de encantamento de Glaurung se dissiparam. E, pela agonia, por raiva das mentiras que o haviam iludido e por ódio aos opressores de Morwen, uma fúria sinistra o dominou, e ele matou Brodda em sua própria casa, bem como outros orientais que eram seus convidados. Depois, fugiu pelo inverno adentro, um acochado; mas recebeu ajuda de alguns que haviam restado da Casa de Hador e tinham experiência de viver em terras ermas. Com eles, escapou em meio a nevascas e chegou a um refúgio de proscritos nas montanhas ao sul de Dor-lómin. Dali, Túrin saiu mais uma vez da terra de sua infância e retomou ao vale do Sirion. Estava amargurado, pois a Dor-lómin trouxera apenas uma aflição ainda maior aos que haviam restado de seu povo; e eles se alegraram com sua partida. Só um consolo ele teve: saber que, pelas proezas do Espada Negra, os caminhos até Doriath haviam sido abertos para Morwen. E disse ele em pensamento: “Então, aqueles feitos não resultaram em malefício a todos. E onde mais eu poderia ter me dedicado melhor à minha família, mesmo chegando mais cedo? Pois, se for rompido o Cinturão de Melian, acaba a última esperança. Não, é de fato melhor como as coisas estão. Pois eu lanço uma sombra aonde quer que vá. Que Melian as proteja! E eu as deixarei em paz, sem minha presença sombria por algum tempo.” TOLKIEN, 2009 A, p. 169.

Com o passar dos anos, porém, a vida do antigo povo de Hithlum, os que ainda permaneciam, elfos ou homens, tornou-se cada vez mais dura e perigosa. Pois, como se relatou em outra parte, Morgoth quebrou os juramentos que fizera aos Orientais que o serviram, negou-lhes as ricas terras de Beleriand que desejavam e expulsou esse povo perverso para Hithlum, com ordens de que lá morassem. E, embora não mais amassem a Morgoth, eles ainda o serviam com temor e odiavam todo o povo dos elfos. Desprezavam o remanescente da Casa de Hador (os velhos, as mulheres e as crianças, em sua maioria), e os oprimiam; casavam-se à força com suas mulheres, tomavam suas terras e seus bens, e escravizavam seus filhos. TOLKIEN, 2009 B, p. 49.

Morwen Eledhwen permaneceu em Hithlum, calada em seu sofrimento. Seu filho Túrin tinha apenas nove anos, e ela estava grávida novamente. Seus dias eram terríveis. Os Orientais entraram na região em grandes números, trataram com crueldade o povo de Hador, roubaram tudo o que possuíam e os escravizaram. Todo o povo das terras natais de Húrin que podia trabalhar ou servir a qualquer propósito foi levado, mesmo moças e rapazes, e os velhos foram mortos ou expulsos para morrerem de fome. No entanto, ainda não ousavam pôr as mãos na Senhora de Dor-lómin, ou expulsá-la de sua casa; pois corria entre eles que era perigosa, uma bruxa que tratava com os demônios-brancos: pois assim chamavam os elfos, odiando os, porém temendo-os mais. TOLKIEN, 2009 B, p. 122.

À medida que o tempo passava, o coração de Morwen se tornava mais sombrio de temor por seu filho Túrin, herdeiro de Dor-lómin e Ladros; pois para ele não via esperança melhor que tornar-se escravo dos homens Orientais antes que crescesse muito mais. TOLKIEN, 2009 B, p. 124.

— Um homem que era homem, mas é tratado como animal — respondeu Sador. — Alimentado só para se manter vivo, mantido vivo só para labutar, labutando só por medo da dor ou da morte. E desses saqueadores poderá receber a dor ou a morte só para o prazer deles. Ouvi dizer que escolhem alguns velozes e os caçam com cães. Aprenderam mais depressa com os orcs do que nós aprendemos com o Belo Povo. TOLKIEN, 2009 B, p. 128.

De lá alcançou as passagens que levavam a Dor-lómin. A neve chegava implacável do norte, e os caminhos eram arriscados e frios. Apesar de haverem se passado 23 anos desde que pisara aquela trilha,

ela estava gravada em seu coração, tão grande fora o pesar de cada passo ao separar-se de Morwen. Assim chegou por fim à terra de sua infância. Estava árida e deserta. Ali as pessoas eram escassas e rudes, e falavam o áspero idioma dos Orientais enquanto o idioma antigo se tornara a língua dos servos, ou dos inimigos. TOLKIEN, 2009 B, p. 185.

7

Na verdade, a princípio, eles acreditaram que Felagund fosse um dos Valar, de quem tinham ouvido rumores de que moravam longe no oeste. E essa seria (há quem diga) a causa de sua viagem. Felagund, porém, permaneceu com eles e lhes ensinou o verdadeiro conhecimento. Eles o amaram e o aceitaram como senhor, sendo para sempre leais à Casa de Finarfin. TOLKIEN, 2009 A, p. 105.

No ano seguinte, Marach conduziu seu povo através das montanhas. Era uma gente alta, belicosa, que marchava em companhias organizadas. E os elfos de Ossiriand se esconderam e não armaram emboscadas para eles. Marach, porém, tendo sabido que o povo de Bëor habitava uma terra verde e fértil, desceu pela Estrada dos Anões e se instalou na região a sul e leste das moradas de Baran, filho de Bëor; e houve grande amizade entre esses povos. TOLKIEN, 2009 A, p. 106 – 107.

Os homens das Três Casas cresceram e se multiplicaram, mas a maior delas foi à Casa de Hador Cabeçadourada, par dos Senhores élficos. Seu povo tinha grande força e estatura, era alerta no raciocínio, corajoso e leal, rápido na irritação e no riso, poderoso entre os Filhos de Ilúvatar na juventude da Humanidade. Louros eram eles em sua maioria, e de olhos azuis; TOLKIEN, 2009 A, p. 111.

8

Os Homens das Três Casas foram recompensados por seu valor e pela aliança fiel com a permissão de residirem “ao extremo oeste de todos os mortais”, na grande ilha “Atlântida” de *Númenóre***. O destino ou dádiva de Deus, a mortalidade, os deuses obviamente não podem anular, mas os Númenóreanos possuem uma vida de grande duração. Fazem-se ao mar e deixam a Terra-média, e estabelecem um grande reino de marinheiros no mais longínquo limite da vista de Eressëa (mas não de Valinor). TOLKIEN, 2009 C, p. 252. Carta 131.

Acredita-se que o Westron ou L.C. deriva do idioma Humano *Adunaico* dos Númenóreanos, difundindo-se a partir dos Reinos Númenóreanos nos dias dos Reis, e especialmente a partir de *Gondor*, onde ele permanece falado em um estilo mais nobre e particularmente mais antigo (um estilo também geralmente adotado pelos Elfos quando usam esse idioma). Mas todos os nomes em *Gondor*, salvo alguns de origem supostamente pré-histórica, são de forma Élfica, uma vez que a nobreza Númenóreana ainda usava um idioma Élfico, ou podia usar. Tal fato dava-se porque haviam sido aliados dos Elfos na Primeira Era, e por essa razão fora-lhes concedido a ilha Atlântida de Númenor. TOLKIEN, 2009 C, p. 293. Carta 144.

Foi-se a época “mitológica” em que Valinor (ou Valimar), a Terra dos Valar (deuses, se preferir) existia fisicamente no Extremo Oeste, ou a imortal Ilha Eldaica (Élfica) de Eressëa; ou a Grande Ilha de Ponente (Númenor-Atlântida). Após a Queda de Númenor, e de sua destruição, todas essas foram removidas do mundo “físico” e não eram alcançáveis por meios materiais. Somente os Eldar (ou Altos-Elfos) ainda podiam navegar para lá, abandonando o tempo e a mortalidade, mas jamais retornando. TOLKIEN, 2009 C, p. 312. Carta 151.

O “mito” específico que subjaz a esta história e ao temperamento tanto de Homens como de Elfos nesta época é a Queda de Númenor: uma variedade especial da tradição da Atlântida. Ela me parece tão fundamental à “história mítica” — se ela possui qualquer tipo de fundamento em uma história real, *pace* Saurat e outros, não é relevante — que alguma versão dela teria de ser inserida. TOLKIEN, 2009 C, p. 330 – 331. Carta 154.

Digo isso sobre o “coração” pois tenho o que alguns podem chamar de um complexo de Atlântida. Possivelmente herdado, embora meus pais tenham morrido jovens demais para que eu soubesse tais coisas sobre eles, e jovens demais para transmitir tais coisas em palavras. Herdado de mim (suponho) apenas por um de meus filhos⁴, embora eu não soubesse isso sobre meu filho até recentemente, e ele não sabia disso sobre mim. Refiro-me ao terrível sonho recorrente (que começa com a lembrança) da Grande Onda, elevando-se e vindo inevitavelmente sobre as árvores e os campos verdes. (Transmiti-o a Faramir.)

Não acho que eu o tenha tido desde que escrevi a “Queda de Númenor” como a última das lendas da Primeira e Segunda Eras. TOLKIEN, 2009 C, p. 355. Carta 163.

Outro ingrediente, não mencionado antes, também entrou em operação em minha necessidade de fornecer uma grande função para Passolargo-Ara-gorn. O que posso chamar de minha assombração de Atlântida. Essa lenda ou mito ou lembrança turva de alguma história antiga sempre me incomodou. Ao dormir eu tinha o terrível sonho da Onda inelutável, ou saindo do mar calmo, ou elevando-se sobre as verdejantes terras do interior. Ele ainda ocorre ocasionalmente, apesar de agora exorcizado por escrever sobre ele. Ele sempre termina em capitulação, e acordo ofegando ao sair de águas profundas. Eu costumava desenhá-lo ou escrever poemas sobre ele. Quando C. S. Lewis e eu jogamos cara ou coroa, e ele ficou de escrever sobre uma viagem espacial e eu sobre uma viagem no tempo, comecei um livro abortivo de viagem no tempo cujo final seria a presença de meu herói na submersão de Atlântida. Esta seria chamada *Númenor*, a Terra no Oeste. O fio da história seria a ocorrência repetidas vezes em famílias humanas (como Durin entre os Anões) de um pai e um filho chamados por nomes que poderiam ser interpretados como Amigo-da-Bem-aventurança e Amigo-dos-Elfos. Descobre-se no final que estes nomes não mais compreendidos referem-se à situação Atlante-Númenórea-na e significam “aquele leal aos Valar, satisfeito com a bem-aventurança e a prosperidade dentro dos limites estabelecidos” e “aquele leal à amizade com os Altos-elfos”. Começava com uma afinidade de pai e filho entre Edwin e Elwin do presente e deveria retornar à época lendária através de um Eädwine e AElfwine por volta de 918 d.C. e Audoin e Alboin das lendas lombardas, e assim para as tradições do Mar do Norte a respeito da chegada do milho e heróis da cultura, ancestrais de linhagens de reis, em barcos (e sua partida em navios funerários). Um certo Sheaf [“Feixe”], ou Shield Sheafing [“Escudo Enfeixado”], pode de fato ser considerado como um dos ancestrais distantes da nossa atual Rainha. Em minha história chegaríamos por fim a Amandil e Elendil, líderes do partido leal em Númenor, quando esta caiu sob o domínio de Sauron. Elendil “Amigo-dos-Elfos” foi o fundador dos reinos Exilados em Arnor e Gondor. Mas vi que meu verdadeiro interesse estava apenas no final, a *Akallabêth* ou *Atalantie** (“Queda” em Númenóreano e Quenya), de modo que relacionei todo o material que havia escrito sobre as originalmente não-relacionadas lendas de Númenor com a mitologia principal. TOLKIEN, 2009 C, p. 576 – 577. Carta 257.

Sua grafia *numinor* é um erro de audição, auxiliado, sem dúvida, por sua associação do nome com o latim *númen*, *númina* e com o adjetivo “numinoso”. Um erro infeliz, visto que o nome não possui tais ligações e não possui referências à “divindade” ou sentido de sua presença. É uma construção a partir da base Eldarin “abaixo, debaixo; descer”; Q. *núme* “descer, ocidente”; *númen* “a direção ou região do pôr-do-sol” + *nóre* “terra” como uma área habitada. Frequentemente usei *Westernesse* [“Ponente”] como tradução. Esta é derivada da rara palavra *Westernesse* em inglês médio (que eu saiba apenas no ms. C de *King Horn*), onde o significado é vago, mas que pode significar “Terras Ocidentais” em distinção do Leste habitado pelos pagãos e sarracenos. Lewis não teve parte em uma “investigação sobre Númenor”. N. é minha alteração pessoal do mito e/ou tradição de Atlântida e ajuste desta à minha mitologia geral. De todas as imagens míticas ou “arquetípicas”, esta é a mais profundamente assentada em minha imaginação, e por muitos anos tive um sonho recorrente de Atlântida: a estupenda e inelutável onda avançando do Mar ou sobre a terra, às vezes escura, às vezes verde e iluminada pelo sol. TOLKIEN, 2009 C, p. 599. Carta 276⁴⁵⁵.

O resultado dele é bem conhecido. Minha tentativa, após alguns capítulos promissores, esgotou-se: era um desvio demasiado grande para o que eu realmente queria fazer, uma nova versão da lenda de Atlântida. TOLKIEN, 2009 C, p. 625. Carta 294.

9

19. Por que Z coloca bicos e penas nos Orcs!?! (Orcs não é uma forma de *Alcas*) Declara-se claramente que os Orcs são deturpações da forma “humana” vista em Elfos e Homens. Eles são (ou eram) atarracados, largos, de narizes achatados, de peles amarelentas, com bocas largas e olhos oblíquos: na realidade, versões degradadas e repulsivas dos (para os europeus) menos formosos tipos mongóis. TOLKIEN, 2009 C, p. 456. Carta 210.

⁴⁵⁵ Essa carta pode também ser observada em sua passagem que fala sobre as terras ocidentais como um lugar oposto as terras do Leste, habitadas por pagãos e sarracenos.

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que **todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos.** Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar. TOLKIEN, 2009 A, p. 31.

Ora, os orcs que se multiplicavam na escuridão da terra tomaram-se fortes e cruéis, e seu senhor sinistro os encheu de desejo de devastação e morte. Eles saíram então dos portões de Angband sob as nuvens que Morgoth fez surgir e passaram em silêncio para os planaltos do norte. Dali, de súbito, um enorme exército entrou em Beleriand e atacou o Rei Thingol. Ora, em seus vastos domínios, muitos elfos perambulavam livremente na natureza ou moravam pacificamente em pequenos clãs muito afastados. Somente em torno de Menegroth, no centro da região e ao longo das Falas, no país dos marinheiros, havia grandes populações. Os orcs, porém, investiram contra os dois lados de Menegroth; e, a partir de acampamentos no leste, entre o Celon e o Gelion, e, no oeste, nas planícies entre o Sirion e o Narog, **praticaram todo tipo de pilhagem.** TOLKIEN, 2009 A, p. 68.

Foi uma vitória e, ainda assim, uma advertência. E os príncipes lhe deram atenção, reforçando ainda mais sua aliança, fortalecendo e organizando sua vigilância, para iniciar o Cerco a Angband, que durou quase quatrocentos anos do Sol. Por um longo período após Dagor Aglareb, nenhum servo de Morgoth se dispôs a sair de seus portões, por temor aos senhores dos noldor. E Fingolfin se vangloriava de que, a menos que houvesse traição entre eles mesmos, Morgoth jamais conseguiria romper o esconderijo dos eldar, nem surpreendê-los desprevenidos. Contudo, os noldor não conseguiam nem conquistar Angband, nem recuperar as Silmarils; e a guerra nunca cessou totalmente em todo aquele período do Cerco, pois Morgoth inventava novas maldades e, de quando em quando, testava seus inimigos. Tampouco foi possível o cerco total à fortaleza de Morgoth, pois as Montanhas de Ferro, de cuja enorme muralha em curva se projetavam às torres das Thangorodrim, a defendiam dos dois lados e eram intransponíveis aos noldor, em virtude da neve e do gelo. Assim, em sua retaguarda e na direção norte, Morgoth não tinha inimigos; e por essas vias às vezes saíam espíões, que por caminhos tortuosos entravam em Beleriand. E, no desejo supremo de semear o medo e a desunião entre os eldar, Morgoth ordenou aos orcs que capturassem vivo qualquer um que pudessem e o trouxessem amarrado até Angband. **E alguns ele amedrontou tanto com o terror de seus olhos, que eles não precisavam mais de correntes, mas viviam apavorados, fazendo sua vontade onde quer que estivessem.** Assim, Morgoth ficou sabendo grande parte de tudo o que havia acontecido desde a rebelião de Fëanor; e se alegrou, vendo ali a semente de muitas dissensões entre seus inimigos. TOLKIEN, 2009 A, p. 84, 85.

Para ali, como foi relatado anteriormente, Ungoliant fugira dos açoites dos balrogs; e ali ela viveu por um tempo, enchendo os desfiladeiros com sua escuridão fatal; e ali ainda, quando ela se foi, sua prole abominável se escondia e tecia suas teias nefastas. **E os fios da água que escorriam das Ered Gorgoroth eram contaminados e perigosos, pois o coração de quem os provasse se enchia de sombras de loucura e desespero.** Todos os seres vivos evitavam essa terra; e os noldor passavam por Nan Dungortheb somente em caso de grande necessidade, por trilhas próximas à fronteira de Doriath e à maior distância possível das colinas mal-assombradas. Esse caminho fora aberto muito antes, na época em que Morgoth ainda não voltara a Terra-média. **E quem seguisse por ele iria para o leste até Esgalduin,** onde, no tempo do Cerco, ainda havia a ponte de pedra de Iant Iaur. Dali, o viajante atravessaria Dor Dínen, a Terra Silenciosa, e, cruzando os Arossiach (que significa os Vaus do Aros), chegaria às fronteiras setentrionais de Beleriand, onde viviam os filhos de Fëanor. TOLKIEN, 2009 A, p. 89.

Fingolfin então contemplou (como lhe parecia) a total destruição dos noldor, e a derrota irremediável de todas as suas casas. E, cheio de cólera e desespero, montou em Rochallor, seu cavalo magnífico, e partiu sozinho, sem que ninguém pudesse contê-lo. Passou por Dor-nu-Fauglith como um vento em meio à

poeira; e todos os que viram sua investida fugiram assustados, acreditando que o próprio Oromë chegara. Pois ele fora dominado por uma loucura furiosa, tal que seus olhos brilhavam como os olhos dos Valar. Assim, **chegou sozinho aos portões de Angband, fez soar sua trompa e golpeou mais uma vez as portas de bronze, desafiando Morgoth a se apresentar para um combate homem a homem.** E Morgoth veio. Essa foi a última vez naquelas guerras em que ele atravessou as portas de seu reduto; e o **que se diz é que não aceitou o desafio de bom grado.**

Pois, embora seu poder fosse maior que tudo o que existe no mundo, ele era o único dos Vaiair que conhecia o medo. Agora, porém, não podia fugir ao desafio diante de seus capitães. Pois as rochas reverberavam com a música aguda da trompa de Fingolfin, sua voz chegava clara e nítida às profundezas de Angband, e Fingolfin chamava Morgoth de **covarde e de senhor de escravos.** Por isso, Morgoth veio, subindo lentamente de seu trono subterrâneo, e o ruído de seus passos era como trovões no seio da terra. E se apresentou trajando uma armadura negra.

Parou diante do Rei como uma torre, com sua coroa de ferro. E seu enorme escudo, negro sem brasão, lançava uma sombra como uma nuvem de tempestade. Fingolfin, entretanto, cintilava dentro da sombra como uma estrela; pois sua malha era recoberta de prata, e seu escudo azul era engastado com cristais. E ele sacou sua espada Ringil, que refulgia como o gelo.

Morgoth então ergueu bem alto Grond, o Martelo do Mundo Subterrâneo, e o fez baixar como um raio. Fingolfin, porém, deu um salto para o lado, e Grond abriu um tremendo buraco na terra, de onde jorraram fumaça e fogo. Muitas vezes Morgoth tentou esmagá-la, e a cada vez Fingolfin escapava com um salto, como o relâmpago que sai de uma nuvem escura. E fez sete ferimentos em Morgoth; e sete vezes Morgoth deu um grito de agonia, com o que os exércitos de Angband se prostraram no chão, aflitos, e os gritos ecoaram pelas terras do norte.

Mas, por fim, o Rei se cansou, e Morgoth o empurrou para baixo com o escudo. Três vezes, Fingolfin foi esmagado até se ajoelhar, e três vezes ele se levantou portando seu escudo quebrado e seu elmo amassado. Entretanto, a terra estava toda esburacada e rasgada ao seu redor, e ele tropeçou e caiu para trás aos pés de Morgoth. E Morgoth pôs o pé esquerdo sobre o pescoço de Fingolfin; e o peso era o de uma colina desmoronando. **Contudo, num golpe final e desesperado, Fingolfin lhe cortou o pé com Ringil, e o sangue jorrou negro e fumegante, enchendo os buracos feitos por Grond. Assim morreu Fingolfin, Rei Supremo dos noldor, o mais altivo e destemido dos Reis élficos de outrora.** Os orcs não se vangloriaram desse duelo junto aos portões. Nem os elfos cantam esse feito, pois é por demais profunda sua dor. TOLKIEN, 2009 A, p. 115.

Muitos dos noldor e dos sindar, eles levaram em cativeiro até Angband, e **os tornaram escravos, forçando-os a usar sua perícia e seus conhecimentos a serviço de Morgoth.** E Morgoth mandava seus espíes para o mundo, e eles se apresentavam sob formas falsas, e a trapaça estava em sua fala. **Prometiam recompensas mentirosas e, com palavras astuciosas, procuravam despertar o medo e a inveja entre os povos, acusando seus reis e chefes de ganância e de traição uns para com os outros.** TOLKIEN, 2009 A, p. 118.

Foi assim que Turgon forçou um caminho na direção sul até que, sob a proteção da guarda de Húrin e Huor, desceu pelo Sirion e escapou. Sumiu no meio das montanhas, sem ser visto pelos olhos de Morgoth. **Os irmãos, porém, reuniram em torno de si os remanescentes dos homens da Casa de Hador e foram cedendo palmo a palmo, até chegar a uma posição por trás do Pântano de Serech, tendo à sua frente o córrego de Rivil. Ali fi-caram e não recuaram mais.**

Então, todas as hostes de Angband os atacaram como enxames, cobriram o córrego com seus mortos e cercaram o que restava de Hithlum como uma maré que se avoluma em tomo de uma rocha. Ali, quando o Sol se pôs no sexto dia; e a sombra das Ered Wethrin escureceu, Huor caiu, atingido no olho por uma flecha envenenada, e todos os corajosos homens de Hador foram exterminados a seu redor, aos montes. E os orcs os decapitaram e empilharam suas cabeças como um monte de ouro à luz do pôr-do-sol.

Em último lugar, Húrin resistia sozinho. Largou, então, seu escudo para brandir o machado com as duas mãos. Contam as canções que o machado fumegava no sangue negro da guarda de trolls de Gothmog, até se consumir; e a cada vez que abatia um inimigo, Húrin gntava: **“Aurë entuluva! O dia voltará!”** Setenta vezes repetiu ele esse grito; mas acabaram por capturá-la vivo, por ordem de Morgoth, pois os orcs o agarraram com suas mãos, que não se soltavam mesmo quando ele as decepava dos braços. **E a cada instante o inimigo se renovava, até que afinal ele caiu soterrado por eles. Gothmog então o amarrou e o arrastou até Angband sob zombarias.** TOLKIEN, 2009 A, p. 151.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

No leste e no sul praticamente todos os homens estavam sob seu domínio, e naquele período eles se fortaleceram e construíram muitas cidades e muralhas de pedra; e eram numerosos e ferozes na guerra com suas armas de ferro. Para eles, Sauron era tanto rei quanto deus; e sentiam um pavor extremo dele, pois sua morada era cercada com fogo.

Contudo, ocorreu afinal uma trégua nos ataques de Sauron às terras ocidentais. TOLKIEN, 2009 A, p. 226.

— Ah! O Anel — disse Boromir, com os olhos faiscando. — O Anel! Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez?

Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. **Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável.**

— É melhor que ele fique escondido — respondeu ele.

— Como quiser. Não me preocupo — disse Boromir. — Mas não posso nem falar dele? Pois você parece estar sempre pensando só no poder do Anel nas mãos do Inimigo: em seus usos maléficos, e não nos bons. O mundo está mudando, você diz. Minas Tirith vai perecer, se o Anel perdurar. Mas por quê? Certamente seria assim se o Anel estivesse com o Inimigo. Mas por quê, se estivesse conosco?

— Você não estava no Conselho? — respondeu Frodo. — Porque não podemos usá-lo, e porque o que é feito com ele se transforma em malefício.

Boromir levantou-se e ficou andando de um lado para outro, impaciente.

— Você continua dizendo isso — exclamou ele. — Gandalf, Elrond... todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. **Homens de coração sincero, estes não serão cor rompidos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de provações.** Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. **Os corajosos, os destemidos, só estes conseguirão a vitória. O que não poderia fazer um guerreiro nesta hora, um grande líder? O que Aragorn não poderia fazer? Ou, se ele se recusar, por que não Boromir? O Anel poderia me dar poder de Comando. Como eu poderia rechaçar os exércitos de Mordor, e todos os homens seguiriam minha bandeira!**

Boromir andava para cima e para baixo, falando cada vez mais alto.

Parecia quase que tinha esquecido de Frodo, enquanto sua fala se detinha em muralhas e armas, e no ajuntamento de tropas de homens; fazia planos para grandes alianças e gloriosas vitórias futuras; e destruía Mordor e se tornava um rei poderoso, benevolente e sábio. De repente, parou e agitou os braços.

— E eles nos dizem para jogá-lo fora! — gritou ele. — Não digo destruí-lo. Isso seria bom, se racionalmente pudéssemos ter alguma esperança de fazê-lo. Mas não podemos. O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura!

— Certamente você está entendendo, meu amigo? — disse ele, voltando-se agora de repente para Frodo outra vez. — Você diz que está com medo. Se é assim, os mais corajosos devem perdoá-lo. Mas não seria na verdade o seu bom senso que se revolta?

— Não, estou com medo — disse Frodo. — Simplesmente com medo. Mas estou feliz por ter ouvido você falar tão abertamente. Minha mente agora está menos confusa.

— Então você virá para Minas Tirith? — gritou Boromir, com os olhos brilhando e o rosto ansioso.

— Você não está me entendendo — disse Frodo.

— Mas você virá, pelo menos por um tempo? — persistiu Boromir. — Minha cidade não está longe agora, e a distância de lá até Mordor é um pouco maior do que se partíssemos daqui. Faz tempo que estamos viajando por lugares desertos, e você precisa saber o que o Inimigo está fazendo antes de tomar uma decisão. Venha comigo, Frodo — disse ele. — Você precisa descansar antes de sua aventura, se é que precisa mesmo ir. — Colocou a mão no ombro do hobbit de um modo amigável, **mas Frodo sentiu a mão tremendo com uma agitação contida.** Deu um passo abrupto para trás, e olhou alarmado para aquele homem alto, com quase o dobro de seu tamanho e muitas vezes mais forte que ele.

— Por que essa hostilidade? — perguntou Boromir. — Sou um homem sincero. Não sou ladrão nem perseguidor. Preciso de seu Anel: agora você já sabe; mas dou-lhe minha palavra de que não pretendo ficar com ele. Você não permitiria pelo menos que eu tentasse pôr em prática meu plano? Empreste-me o Anel!

— Não! Não! — gritou Frodo. — O Conselho designou-me como Portador.

— É por nossa própria tolice que o Inimigo vai nos derrotar — gritou Boromir. — Isso me enfurece! Tolo! Tolo obstinado! Correndo de livre e espontânea vontade em direção à morte, e arruinando nossa causa. Se algum mortal tem o direito de reivindicar o Anel, esse direito pertence aos homens de Númenor, e não aos pequenos. O direito não é seu, exceto por um acaso infeliz, Podia ter sido meu. Devia ser meu. Dê-me o Anel!

Frodo não respondeu, mas se afastou até que a grande pedra plana ficasse entre eles.

— Vamos, vamos, meu amigo! — disse Boromir numa voz mais suave. — Por que não se livrar dele? Por que não se libertar de sua dúvida e de seu medo? Você pode colocar a culpa em mim, se quiser. Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você, pequeno — gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo.

Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou -o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção.

O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

— Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldição você e todos os pequenos com a morte e a escuridão!

Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar. Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— O que eu disse? — gritou ele. — O que eu fiz? Frodo, Frodo! — chamou ele. — **Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou. Volte!**

Não houve resposta. Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe, saltando cegamente pela trilha, em direção ao topo da colina. Estava atormentado de pavor e tristeza, **vendo em pensamento o rosto louco e enfurecido de Boromir, e seus olhos flamejantes.**

Logo já estava no topo do Amon Hen, e parou, tomando fôlego. Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. No centro, instalada sobre quatro pilares esculpidos, estava uma cadeira alta, à qual se chegava por uma escada de muitos degraus.

Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas.

No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele. Então, aqui e ali a névoa cedeu e ele viu muitas imagens: pequenas e nítidas como se estivessem sob seus olhos numa mesa, e ao mesmo tempo remotas. Não havia sons, só imagens claras e vívidas. Parecia que o mundo tinha encolhido e silenciado. Ele estava sobre o Trono da Visão no Amon Hen, a Colina do Olho dos homens de Númenor. **Ao Leste, examinou as terras selvagens que não estavam nos mapas, planícies sem nome, e florestas inexploradas.**

Olhou para o Norte e o Grande Rio jazia como uma fita embaixo dele; as Montanhas Sombrias se erguiam pequenas e rígidas como dentes quebrados. **No Oeste viu as pastagens largas de Rohan, e Orthanc, o pináculo de Isengard, como um ferrão preto.** Olhou ao Sul, e bem abaixo de seus pés o Grande Rio se enrolava como uma onda enorme e se jogava sobre as cachoeiras de Rauros num abismo de espuma; um arco-íris brilhante brincava na fumaça. E viu Ethir Anduin, o grande delta do Rio, e milhares de pássaros marinhos rodopiando como uma poeira branca ao sol, e debaixo deles um mar verde e prateado, encrespando-se em linhas intermináveis.

Mas em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanhas Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. Sob os galhos da Floresta das Trevas havia contendidas mortais entre elfos e homens e animais cruéis. A terra dos beornings estava em chamas; uma nuvem cobria Moria; fumaça subia das fronteiras de Lórien.

Cavaleiros galopavam sobre a relva de Rohan; de Isengard jorravam lobos.

Dos portos de Harad, navios de guerra saíam para o mar; e **do Oeste saíam homens sem parar: espadachins, lanceiros, arqueiros, carruagens levando líderes e carroças carregadas.** Todo o

poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, **Frodo viu Minas Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mais forte.**

Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol.

O fogo reluzia em meio à fumaça.

A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportável empestava o ar.

Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. **Perdeu todas as esperanças.**

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava. TOLKIEN, 2010 A, p. 614 - 619.

Atravessaram como um enxame de besouros. Mas é o Capitão Negro quem nos derrota. **Poucos suportam e resistem até mesmo ao rumor de sua chegada. Seu próprio povo estremece diante dele, e se mataria se ele ordenasse.** TOLKIEN, 2010 C, p. 87.

— Pode ter sido isso — respondeu Gandalf numa voz suave. — Mas nosso teste de forças ainda não começou. E, se palavras pronunciadas antigamente forem verdadeiras, ele não deverá cair pela mão do homem, e o destino que o aguarda é desconhecido dos Sábios. Seja como for, o Capitão do Desespero não está avançando, ainda. **Ele governa bem de acordo com as regras que você acabou de mencionar, na retaguarda, empurrando antes para a frente seus escravos alucinados.** TOLKIEN, 2010 C, p. 89.

Logo já havia grande perigo de incêndio atrás da muralha, e todos os que estavam disponíveis se ocupavam em dominar as chamas que se deflagravam em vários pontos. Então, em meio aos golpes mais poderosos, **veio uma outra saraivada, menos destruidora e no entanto mais horrível. Por todas as ruas e alamedas atrás do Portão caíam pequenos projéteis redondos que não explodiam. Mas, quando os homens corriam para saber o que poderia ser aquilo, soltavam gritos ou choravam. O Inimigo estava arremessando para dentro da Cidade todas as cabeças daqueles que tinham caído na luta em Osgiliath, ou na Rammass, ou nos campos. Eram horripilantes de se olhar, pois, embora algumas estivessem esmagadas e disformes, e algumas tivessem sido cruelmente esfaqueadas, muitas ainda conservavam seus traços, indicando que aqueles homens tinham morrido em sofrimento; todas estavam marcadas com o símbolo maligno do Olho sem Pálpebra. Mesmo desfiguradas e aviltadas como estavam, freqüentemente era possível que daquela forma um homem revisse o rosto de alguém que conhecera,** que já andara armado e orgulhoso, ou cultivara os campos ou, vindo dos verdes vales das colinas, cavalgara para lá num dia de folga. TOLKIEN, 2010 C, p. 93, 94.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; **embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar.** TOLKIEN, 2010 C, p. 100.

Frodo e Sam observaram toda aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. Ficaram imaginando como o Senhor daquele reino conseguia manter e alimentar seus escravos e exércitos. Pois ele tinha exércitos. Até onde a vista alcançava, ao longo das bordas do Morgai e mais além, ao sul, havia acampamentos, alguns feitos de tendas, e outros organizados como pequenas cidades. Uma das maiores estava bem abaixo deles. A menos de uma milha de distância na planície, ela se amontoava como um enorme ninho de insetos, com ruas retas e áridas cheias de barracos e longos prédios baixos e sem cor. Pela cidade o chão estava apinhado de gente indo de um lado para o outro; uma estrada larga saía do povoado em direção ao sudeste para encontrar o caminho de Morgul, e ao longo dela corriam muitas fileiras de pequenas figuras negras...

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre os grandes campos de trabalho escravo mais ao

sul daquele vasto reino, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnem; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, levando a terras que pagavam tributo a Mordor, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. Ali, nas regiões do norte, havia minas e forjas, e a concentração de tropas para uma guerra longamente planejada; ali o Poder Escuro, movendo Seus exércitos como peças num tabuleiro, os estava reunindo. Seus primeiros movimentos, seus primeiros testes de força, haviam sido feitos sobre a linha ocidental, ao norte e ao sul. Agora os retirara, trazendo novas forças, preparando ao redor de Cirith Gorgor um golpe vingador. E, se também fosse o seu propósito defender a Montanha contra qualquer aproximação, dificilmente poderia ter feito trabalho melhor. TOLKIEN, 2010 C, p. 205.

Não tiveram de esperar muito. Os orcs vinham num passo rápido. Os que estavam nas primeiras colunas traziam tochas. Vinham avançando chamas rubras no escuro, crescendo rapidamente. Agora Sam também curvara a cabeça, na esperança de esconder o rosto quando as tochas os alcançassem; colocou os escudos diante dos joelhos para esconder seus pés. "Se pelo menos estiverem com pressa e deixarem em paz um par de soldados cansados, avançando em sua marcha!", pensou ele.

E assim pareceu que fariam. Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do Escuro; só se preocupavam em terminar a marcha e escapar do chicote. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou:

— Ei, vocês! Levantem-se! — Eles não responderam, e com um grito ele deteve toda a companhia.

— Vamos, suas lesmas! — gritou ele. — Não é hora de vagabundear. — Deu um passo na direção deles, e mesmo no escuro reconheceu os símbolos de seus escudos.

— Desertando, hein? — rosnou ele. — Ou pensando no assunto? Todo o seu povo deveria estar dentro de Udún antes da noite de ontem. Vocês sabem disso. De pé e atrás de mim, ou vou pegar seus números e denunciá-los.

Com um esforço os dois hobbits ficaram de pé, e mantendo-se curvados, mancando como se fossem soldados de pés feridos, arrastaram-se até o fim da fila.

— Não, não lá atrás — gritou o condutor de escravos. — Três colunas à frente. E fiquem lá, ou vão se ver comigo, quando eu chegar ao fim da fila! — Lançou o longo açoite estalando sobre suas cabeças, e então com um outro estalo e um grito ordenou que a companhia continuasse marchando num trote forçado.

Foi difícil para o pobre Sam, cansado como estava; mas para Frodo foi um tormento, que logo se transformou num pesadelo. Travou os dentes e tentou deixar de pensar, esforçando-se para avançar. O fedor dos ores suados ao seu redor era sufocante, e ele começou a ofegar de sede. Foram avançando sempre, e ele colocava toda a sua determinação em respirar e manter os pés em movimento, sem ousar pensar para que final maligno se dirigia, suportando tudo aquilo. Não havia esperança de escapar sem ser visto. De vez em quando o condutor recuava e zombava deles.

— Olhem lá! — dizia ele rindo, ameaçando chicotear-lhes as pernas. — Onde há um açoite há um aceite, suas lesmas. Aguentem firmes! Eu daria um fresco para vocês agora, mas vocês vão levar tantas chicotadas quantas suas peles puderem suportar quando chegarem atrasados ao acampamento. Vai fazer bem. Não sabem que estamos em guerra?

Tinham avançado algumas milhas, e a estrada finalmente descia uma longa ladeira para entrar na planície. quando a força de Frodo começou a desaparecer e sua vontade vacilou. Ele se arrastava e tropeçava. Desesperado, Sam tentava ajudá-lo e mantê-lo de pé, embora sentisse que ele próprio mal conseguiria aguentar aquele passo por muito mais tempo: seu mestre cairia ou desmaiaria, e tudo seria descoberto; e seus duros esforços teriam sido em vão. "Pelo menos vou pegar aquele condutor grande". pensou ele.

Então, no momento em que estava levando a mão ao punho da espada, chegou um alívio inesperado. Estavam agora na planície, chegando perto da entrada de Udún.

Um pouco à frente, antes do portão na extremidade da ponte, a estrada do oeste convergia com outras que vinham do sul e de Barad-dûr. Ao longo de todas as estradas tropas se moviam, pois os Capitães do Oeste estavam avançando e o Senhor do Escuro apressava suas forças na direção do norte. Foi assim que várias companhias se encontraram na encruzilhada, na escuridão além da luz das fogueiras de acampamento sobre as muralhas. Imediatamente houve um grande tropel e xingamentos, pois cada tropa queria chegar primeiro ao portão e terminar a marcha. Embora os condutores gritassem e aplicassem

os chicotes, irromperam brigas e espadas foram sacadas. Uma tropa de uruks bem armados de Barad-dûr atacou uma fileira de Durthang, criando confusão. Como estava de dor e cansaço, Sam despertou, agarrou depressa a sua chance, e jogou-se no chão, arrastando Frodo consigo. Orcs caíram sobre os dois, rosnando e xingando, até que finalmente, sem serem notados, os dois pularam por sobre a borda oposta da estrada. Ali havia um meio-fio alto pelo qual os condutores de tropas podiam se guiar na noite escura ou no nevoeiro, e que subia um pouco acima do nível da região aberta. Ficaram quietos por um tempo. Estava escuro demais para procurar um esconderijo, se é que havia algum por ali. Mas Sam sentiu que precisavam no mínimo se distanciar um pouco mais das estradas e ficar fora do alcance da luz das tochas.

— Venha, Sr. Frodo! sussurrou ele. Rasteje mais um pouco, e depois o senhor pode descansar em paz.

Num último esforço desesperado, Frodo se levantou usando as mãos e lutou por talvez mais uns vinte metros. Então mergulhou num poço raso que se abriu inesperadamente diante deles, e lá ficou deitado feito morto. TOLKIEN, 2010 C, p. 213 a 215.

Sam deixou de pensar nele. Correu para a figura encolhida no chão. Era Frodo. Estava nu e parecia desmaiado, jazendo sobre um monte de trapos imundos: seu braço estava erguido, protegendo a cabeça, e através de seu flanco desenhava-se a feia marca de uma chicotada. TOLKIEN, 2010 C, p. 189.

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. — É melhor ser queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada de túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sons de morte embalsamada. **Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou.** Voltem e queimem! ...

— Aqui esperaremos — disse ele. — Mas não quero que mandem chamar os embalsamadores. Tragam-nos lenha de queima rápida, e coloquem-na em toda a nossa volta, e embaixo; derramem óleo sobre ela. E, quando eu mandar, lancem uma tocha. Façam isso e não falem mais comigo. Adeus!...

De repente o silêncio foi quebrado, e eles ouviram lá embaixo gritos e o tinir de espadas: tais sons não se ouviam nos lugares sagrados desde a construção da Cidade. Por fim chegaram à Rath Dínen e correram para a Casa dos Regentes, que assomava na meia-luz sob sua grande abóbada.

— Parem! Parem! — gritou Gandalf, saltando na direção da escada de pedra diante da porta. — Parem com esta loucura!

Pois lá estavam os servidores de Denethor empunhando espadas e tochas; mas sozinho, no vestíbulo, no degrau mais alto, estava Beregond, vestido no uniforme negro e prata da Guarda; segurando a porta e impedindo que eles entrassem. Dois já tinham caído sob os golpes de sua espada, manchando de sangue o recinto sagrado; os outros o amaldiçoavam, chamando-o de criminoso e traidor do seu mestre.

No momento em que Gandalf e Pippin avançaram, ouviram a voz de Denethor gritar de dentro da casa dos mortos:

— Depressa, depressa! Façam como ordenei! Matem esse renegado! Ou será que eu mesmo terei de fazê-lo? — Então a porta que Beregond mantinha fechada com a mão esquerda foi escancarada, e atrás dela postava-se o Senhor da Cidade, alto e cruel, com uma luz de fogo nos olhos, empunhando uma espada.

Mas Gandalf, num salto, subiu os degraus, e os homens recuaram cobrindo os olhos, pois sua chegada foi como a luz branca que irrompe num lugar escuro, e ele avançou furioso. Levantou a mão e, no instante em que Denethor desferia o golpe, a espada voou pelos ares e caiu atrás dele, nas sombras da casa; o Regente recuou diante de Gandalf, atônito.

— O que é isso, meu senhor? — disse o mago. — As casas dos mortos não são lugar para os vivos. E por que há homens lutando aqui, no Recinto Sagrado, quando já existe guerra o suficiente diante do Portão? Ou será que nosso Inimigo conseguiu até mesmo chegar à Rath Dínen?

— Desde quando o Senhor de Gondor te deve explicações? — disse Denethor. — Ou será que não posso comandar meus servidores?

— Você pode — disse Gandalf — Mas outros podem contestar sua vontade, se ela se voltar para a loucura e a maldade. Onde está Faramir, seu filho?

— Está deitado lá dentro — disse Denethor, queimando, já está queimando. Atearam fogo à sua carne. Mas em breve todos estarão queimando. O oeste fracassou. Tudo irá pelos ares numa grande fogueira, e tudo estará terminado. Cinzas! Cinzas e fumaça carregadas pelo vento!

Então Gandalf, percebendo a loucura que tomava conta do Regente, receou que ele já tivesse feito alguma maldade, e forçou a passagem, seguido por Beregond e Pippin, enquanto Denethor foi recuando para dentro, até ficar ao lado da mesa. Mas lá encontraram Faramir, ainda delirando de febre, deitado sobre a mesa. Embaixo dela havia feixes de lenha, que também se erguiam em pilhas altas por

toda a volta, e tudo estava encharcado de óleo, até mesmo as roupas e as cobertas de Faramir; mas ainda não se ateara fogo ao combustível. Então Gandalf revelou a força que nele se ocultava, mesmo quando a luz de seu poder se escondia sob seu manto cinzento.

Saltou por cima dos feixes, e erguendo o enfermo com delicadeza desceu de novo, levando-o na direção da porta. Mas nesse momento Faramir gemeu e chamou pelo pai, em meio ao seu delírio.

Denethor fez um movimento brusco, como alguém que acorda de um transe; o fogo morreu em seus olhos, e ele chorou; depois disse:

— Não me tomem meu filho! Ele está me chamando.

— Está sim — disse Gandalf—, mas você ainda não pode se aproximar dele. Pois ele precisa buscar a cura já no limiar da morte, e talvez não a encontre. Enquanto isso você deve sair para a batalha de sua Cidade, onde talvez a morte o aguarde. No fundo, você sabe disso.

— Ele não acordará de novo — disse Denethor. — A batalha é inútil. Por que deveríamos desejar viver por mais tempo? Por que não deveríamos nos encaminhar para a morte lado a lado?

— A autoridade não lhe foi dada, Regente de Gondor, para ordenar a hora de sua morte — respondeu Gandalf — E apenas os reis bárbaros, sob o domínio do Poder Escuro, fizeram isso, matando-se por orgulho e desespero, assassinando seus parentes para aliviar a própria morte. — Então, passando pela porta, levou Faramir da casa mortal e o deitou na cama em que fora trazido, que agora jazia no vestíbulo. Denethor o seguiu e parou, trêmulo, olhando com ansiedade para o rosto do filho.

E por um instante, enquanto todos estavam quietos e imóveis, assistindo ao Senhor em sua agonia, Denethor vacilou.

— Venha — disse Gandalf. — Há quem precise de nós. Ainda há muita coisa que você pode fazer.

Denethor então riu de repente. Erguia-se alto e garboso outra vez, e com passadas rápidas foi até a mesa e tirou dela o travesseiro no qual sua cabeça estivera deitada. Depois, dirigindo-se para a porta, retirou fora a fronha e eis que entre suas mãos estava um palantír. Ergueu-o, e aqueles que olharam o globo tiveram a impressão de que ele começou a reluzir com uma chama interna, de tal modo que o rosto magro do Senhor se acendeu num fogo rubro, e parecia esculpido em pedra, bem definido com sombras escuras, nobre, altivo e terrível. Seus olhos faiscaram.

— Orgulho e desespero! — gritou ele. -Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pois tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. O oeste fracassou. Todos os que não quiserem ser escravos devem agora partir.

— Tais conselhos realmente farão da vitória do Inimigo uma certeza — disse Gandalf.

— Pois continua alimentando esperanças! — disse rindo Denethor. — Então não te conheço, Mithrandir? Tua esperança é governar em meu lugar, ficar atrás de todos os tronos, do norte, do sul ou do oeste. Li tua mente e suas políticas. Achas que não sei que tu ordenaste a este Pequeno que ficasse calado? Que tu o trouxeste aqui para ser um espião em meu próprio aposento? Apesar disso, em nossa conversa eu soube os nomes e os propósitos de todos os teus companheiros. Eu sei! Com a mão esquerda tu me usarias por um tempo como um escudo contra Mordor, enquanto com a mão direita trarias este Guardião do Norte para me suplantar.

— Mas eu te digo, Gandalf Mithrandir, não serei teu brinquedo! Sou um Regente da Casa de Anárion. Não vou me rebaixar para ser o camareiro caduco de um arrivista. Mesmo que a reivindicação dele se mostrasse autêntica, ainda assim ele apenas pertence á linhagem de Isildur. Não me curvaria diante desse sujeito, o último representante de uma casa destruída, há muito tempo desprovida de realeza e dignidade.

— Então, o que escolheria você — disse Gandalf—, se seu desejo pudesse ser realizado?

— Eu escolheria as coisas como elas sempre foram em todos os dias de minha vida — respondeu Denethor — e nos dias de meus antepassados que me precederam: ser o Senhor desta Cidade em paz, e deixar meu lugar para um filho depois de mim, um filho que fosse dono da própria vontade, e não o pupilo de um mago. Mas, se o destino me nega isso, então não quero nada: nem a vida diminuída, nem o amor pela metade, nem a honra abalada.

— A mim não pareceria que um Regente que com fidelidade entrega seu cargo fica diminuído em amor ou em honra — disse Gandalf. — E pelo menos você não privaria seu filho do poder de escolha, enquanto ainda há dúvidas sobre sua morte.

Àquelas palavras, os olhos de Denethor se inflamaram de novo e, levando a pedra debaixo do braço, ele sacou uma faca e deu largas passadas na direção da cama. Mas Beregon saltou à frente e se

interpôs entre o Regente e Faramir.

— Então! — gritou Denethor. — Tu já roubaste metade do amor de meu filho. Agora roubas também os corações de meus cavaleiros, de modo que por fim eles me roubam inteiramente o meu filho. Mas pelo menos nisto tu não desafiarás minha vontade: não decidirás sobre o meu próprio fim.

— Venham até aqui! — gritou ele para os servidores. — Venham, se não forem todos covardes! — Então dois deles subiram correndo os degraus na direção do Senhor.

Denethor rapidamente apanhou uma tocha da mão de um deles e voltou correndo para o interior da casa. Antes que Gandalf pudesse impedi-lo, jogou a tocha em meio à lenha, que imediatamente crepitou e rugiu em chamas.

Então Denethor saltou para cima da mesa, e parando ali, envolvido em fogo e fumaça, pegou o cajado de sua regência que estava aos seus pés e quebrou-o contra o joelho. Jogando os pedaços nas chamas, curvou-se e se deitou na mesa, agarrando ao peito com as duas mãos o palantír. E conta-se que, depois desse momento, qualquer um que olhasse dentro da Pedra, a não ser que tivesse uma grande força capaz de dirigir a própria vontade para um outro propósito, veria apenas duas mãos idosas crispando-se no fogo. Gandalf, desolado e aterrorizado, virou o rosto e fechou a porta. Por um tempo ficou parado no limiar, pensando, sem dizer nada, enquanto os que tinham ficado do lado de fora ouviam o rugido do fogo lá dentro. Então Denethor deu um enorme grito, e depois não falou mais nada, nem foi visto de novo por nenhum mortal.

— Assim se vai Denethor, filho de Ecthelion — disse Gandalf. Então voltou-se para Beregond e os servidores do Senhor, que se mantinham imóveis e horrorizados.

— E assim se vão também os dias da Gondor que vocês conheceram; para o bem ou para o mal, eles estão terminados. Atos de maldade foram feitos aqui, mas agora deixem que toda a inimizade que existe entre vocês seja afastada, pois tudo isso foi tramado pelo Inimigo e põe em funcionamento a sua vontade. Vocês foram capturados numa teia de ordens antagônicas, teia esta que não foi tecida por vocês. Mas pensem, servidores do Senhor, cegos em sua obediência, que, se não fosse pela traição de Beregond, Faramir, Capitão da Torre Branca, também teria queimado até a morte. TOLKIEN, 2010 C, p. 96, 98, 127 a 131. Grifos meus.

11

No início, os Primogênitos de Ilúvatar eram mais fortes e imponentes do que se tornaram desde então, mas não eram mais belos; pois, embora a beleza dos quendi nos dias de juventude superasse qualquer outra que Ilúvatar tenha feito surgir, ela não pereceu, mas vive no oeste, e a tristeza e a sabedoria a enriqueceram. E Oromë amou os quendi e os chamou em sua própria língua de eldar, o povo das estrelas. Esse nome, entretanto, mais tarde só foi usado por aqueles que o seguiram na estrada para o oeste.

Contudo, muitos dos quendi se apavoraram com sua chegada. E isso era obra de Melkor. Pois, em retrospectiva, os sábios declaram que Melkor, sempre alerta, fora o primeiro a se dar conta do despertar dos quendi; e enviara sombras e espíritos malévolos para espioná-los e armar-lhes emboscadas. Ocorreu assim, alguns anos antes da chegada de Oromë, que, se qualquer elfo se perdesse longe de casa, sozinho ou em pequenos grupos, era freqüente que desaparecesse e nunca retornasse; e os quendi diziam que o Caçador o apanhara e sentiam medo. E, de fato, as mais antigas canções dos elfos – cujos ecos ainda são lembrados no oeste – falam de formas sombrias, que perambulavam nas colinas que se erguiam a partir de Cuiviénen, ou que passavam de repente encobrendo as estrelas, ou ainda do Cavaleiro sinistro montado em seu cavalo selvagem que perseguia os caminhantes para apanhá-los e devorá-los. **Ora, Melkor sentia um ódio imenso de Oromë e temia seus passeios a cavalo, e ele, ou mandou realmente seus servos obscuros como cavaleiros, ou espalhou rumores mentirosos, com o objetivo de que os quendi evitassem Oromë, se algum dia o encontrassem.** TOLKIEN, 2009. A, p. 30 – 31. Grifos meus.

E então os vanyar e os noldor embarcaram nessa ilha e foram arrastados oceano afora, **chegando afinal às longas praias aos pés das Montanhas de Aman; entraram em Valinor e foram acolhidos em sua bem-aventurança.** TOLKIEN, 2009 A, p. 37. Grifos meus.

Agora as Três Famílias dos eldar estavam finalmente reunidas em Valinor, e Melkor estava acorrentado. Esse foi o Apogeu do Reino Abençoado, a plenitude de sua glória e bem-aventurança, longo na contagem dos anos, mas muito breve na memória. **Naquele tempo, os eldar atingiram a maturidade de corpo e mente; e os noldor progrediram sempre em conhecimentos e habilidades;** e os longos anos foram preenchidos com seus trabalhos prazerosos, nos quais inventaram muitas coisas belas e maravilhosas.

Aconteceu então que os noldor foram os primeiros a quem ocorreu a idéia das letras, e Rúmil de Tirion foi o nome do estudioso que conseguiu adequar sinais ao registro da fala e da música, alguns para serem gravados em metal ou em pedra, outros para serem desenhados com pincel ou pena. TOLKIEN, 2009 A, p. 41. Grifos meus.

Vieram os vanyar, e vieram também os noldor de Tirion; e os Maiar se reuniram; e os Valar estavam engalanados em sua beleza e majestade; e eles cantavam diante de Manwë e Varda em seus grandiosos salões ou dançavam nas encostas verdes da **Montanha que davam para o oeste, na direção das Árvores.** TOLKIEN, 2009 A, p. 51. Grifos meus.

Foi assim que os homens chamaram o Rei Felagund, que foi o primeiro dos eldar que conheceram, de **Nóm, ou seja, Sabedoria**, na linguagem daquele povo; e, por causa dele, **chamaram seu povo de nómim, os Sábios.** Na verdade, a princípio, eles **acreditaram que Felagund fosse um dos Valar, de quem tinham ouvido rumores de que moravam longe no oeste. E essa seria (há quem diga) a causa de sua viagem.** Felagund, porém, permaneceu com eles e **lhes ensinou o verdadeiro conhecimento.** Eles o amaram e o aceitaram como senhor, sendo para sempre leais à Casa de Finarfin. TOLKIEN, 2009 A, p. 105. Grifos meus.

12

Atravessaram como um enxame de besouros. Mas é o Capitão Negro quem nos derrota. **Poucos suportam e resistem até mesmo ao rumor de sua chegada. Seu próprio povo estremesse diante dele, e se mataria se ele ordenasse.** TOLKIEN, 2010 C, p. 87. Grifos meus.

— Pode ter sido isso — respondeu Gandalf numa voz suave. — Mas nosso teste de forças ainda não começou. E, se palavras pronunciadas antigamente forem verdadeiras, ele não deverá cair pela mão do homem, e o destino que o aguarda é desconhecido dos Sábios. Seja como for, o Capitão do Desespero não está avançando, ainda. **Ele governa bem de acordo com as regras que você acabou de mencionar, na retaguarda, empurrando antes para a frente seus escravos alucinados.** TOLKIEN, 2010 C, p. 89. Grifos meus.

Logo já havia grande perigo de incêndio atrás da muralha, e todos os que estavam disponíveis se ocupavam em dominar as chamas que se deflagravam em vários pontos. Então, em meio aos golpes mais poderosos, **veio uma outra saraivada, menos destruidora e no entanto mais horrível. Por todas as ruas e alamedas atrás do Portão caíam pequenos projéteis redondos que não explodiam. Mas, quando os homens corriam para saber o que poderia ser aquilo, soltavam gritos ou choravam. O Inimigo estava arremessando para dentro da Cidade todas as cabeças daqueles que tinham caído na luta em Osgiliath, ou na Rammas, ou nos campos. Eram horripilantes de se olhar, pois, embora algumas estivessem esmagadas e disformes, e algumas tivessem sido cruelmente estraçalhadas, muitas ainda conservavam seus traços, indicando que aqueles homens tinham morrido em sofrimento; todas estavam marcadas com o símbolo maligno do Olho sem Pálpebra. Mesmo desfiguradas e aviltadas como estavam, freqüentemente era possível que daquela forma um homem revisse o rosto de alguém que conhecera,** que já andara armado e orgulhoso, ou cultivara os campos ou, vindo dos verdes vales das colinas, cavalgara para lá num dia de folga. TOLKIEN, 2010 C, p. 93 – 94. Grifos meus.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; **embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar.** TOLKIEN, 2010 C, p. 100. Grifos meus.

Frodo e Sam observaram toda aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. Ficaram imaginando como o Senhor daquele reino conseguia manter e alimentar seus escravos e exércitos. Pois ele tinha exércitos. Até onde a vista alcançava, ao longo das bordas do Morgai e mais além, ao sul, havia acampamentos, alguns feitos de tendas, e outros organizados como pequenas cidades. Uma das maiores estava bem abaixo deles. A menos de uma milha de distância na planície, ela se amontoava como um enorme ninho de insetos, com ruas retas e áridas cheias de barracos e longos prédios baixos e sem cor. Pela cidade o chão estava apinhado de gente indo de um lado

para o outro; uma estrada larga saía do povoado em direção ao sudeste para encontrar o caminho de Morgul, e ao longo dela corriam muitas fileiras de pequenas figuras negras...

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre os grandes campos de trabalho escravo mais ao sul daquele vasto reino, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnem; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, levando a terras que pagavam tributo a Mordor, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. Ali, nas regiões do norte, havia minas e forjas, e a concentração de tropas para uma guerra longamente planejada; ali o Poder Escuro, movendo Seus exércitos como peças num tabuleiro, os estava reunindo. Seus primeiros movimentos, seus primeiros testes de força, haviam sido feitos sobre a linha ocidental, ao norte e ao sul. Agora os retirara, trazendo novas forças, preparando ao redor de Cirith Gorgor um golpe vingador. E, se também fosse o seu propósito defender a Montanha contra qualquer aproximação, dificilmente poderia ter feito trabalho melhor. TOLKIEN, 2010 C, p. 205.

Não tiveram de esperar muito. Os orcs vinham num passo rápido. Os que estavam nas primeiras colunas traziam tochas. Vinham avançando chamas rubras no escuro, crescendo rapidamente. Agora Sam também curvara a cabeça, na esperança de esconder o rosto quando as tochas os alcançassem; colocou os escudos diante dos joelhos para esconder seus pés. "Se pelo menos estiverem com pressa e deixarem em paz um par de soldados cansados, avançando em sua marcha!", pensou ele.

E assim pareceu que fariam. Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do Escuro; só se preocupavam em terminar a marcha e escapar do chicote. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou:

— Ei, vocês! Levantem-se! — Eles não responderam, e com um grito ele deteve toda a companhia.

— Vamos, suas lesmas! — gritou ele. — Não é hora de vagabundear. — Deu um passo na direção deles, e mesmo no escuro reconheceu os símbolos de seus escudos.

— Desertando, hein? — rosnou ele. — Ou pensando no assunto? Todo o seu povo deveria estar dentro de Udún antes da noite de ontem. Vocês sabem disso. De pé e atrás de mim, ou vou pegar seus números e denunciá-los.

Com um esforço os dois hobbits ficaram de pé, e mantendo-se curvados, mancando como se fossem soldados de pés feridos, arrastaram-se até o fim da fila.

— Não, não lá atrás — gritou o condutor de escravos. — Três colunas à frente. E fiquem lá, ou vão se ver comigo, quando eu chegar ao fim da fila! — Lançou o longo açoite estalando sobre suas cabeças, e então com um outro estalo e um grito ordenou que a companhia continuasse marchando num trote forçado.

Foi difícil para o pobre Sam, cansado como estava; mas para Frodo foi um tormento, que logo se transformou num pesadelo. Travou os dentes e tentou deixar de pensar, esforçando-se para avançar. O fedor dos ores suados ao seu redor era sufocante, e ele começou a ofegar de sede. Foram avançando sempre, e ele colocava toda a sua determinação em respirar e manter os pés em movimento, sem ousar pensar para que final maligno se dirigia, suportando tudo aquilo. Não havia esperança de escapar sem ser visto. De vez em quando o condutor recuava e zombava deles.

— Olhem lá! — dizia ele rindo, ameaçando chicotear-lhes as pernas. — Onde há um açoite há um aceite, suas lesmas. Aguentem firmes! Eu daria um fresco para vocês agora, mas vocês vão levar tantas chicotadas quantas suas peles puderem suportar quando chegarem atrasados ao acampamento. Vai fazer bem. Não sabem que estamos em guerra?

Tinham avançado algumas milhas, e a estrada finalmente descia uma longa ladeira para entrar na planície. quando a força de Frodo começou a desaparecer e sua vontade vacilou. Ele se arrastava e tropeçava. Desesperado, Sam tentava ajudá-lo e mantê-lo de pé, embora sentisse que ele próprio mal conseguiria aguentar aquele passo por muito mais tempo: seu mestre cairia ou desmaiaria, e tudo seria descoberto; e seus duros esforços teriam sido em vão. "Pelo menos vou pegar aquele condutor grande". pensou ele.

Então, no momento em que estava levando a mão ao punho da espada, chegou um alívio inesperado. Estavam agora na planície, chegando perto da entrada de Udún.

Um pouco à frente, antes do portão na extremidade da ponte, a estrada do oeste convergia com outras que vinham do sul e de Barad-dûr. Ao longo de todas as estradas tropas se moviam, pois os Capitães do Oeste estavam avançando e o Senhor do Escuro apressava suas forças na direção do norte.

Foi assim que várias companhias se encontraram na encruzilhada, na escuridão além da luz das fogueiras de acampamento sobre as muralhas. Imediatamente houve um grande tropel e xingamentos, pois cada tropa queria chegar primeiro ao portão e terminar a marcha. Embora os condutores gritassem e aplicassem os chicotes, irromperam brigas e espadas foram sacadas. Uma tropa de uruks bem armados de Barad-dûr atacou uma fileira de Durthang, criando confusão. Como estava de dor e cansaço, Sam despertou, agarrou depressa a sua chance, e jogou-se no chão, arrastando Frodo consigo. Orcs caíram sobre os dois, rosnando e xingando, até que finalmente, sem serem notados, os dois pularam por sobre a borda oposta da estrada. Ali havia um meio-fio alto pelo qual os condutores de tropas podiam se guiar na noite escura ou no nevoeiro, e que subia um pouco acima do nível da região aberta. Ficaram quietos por um tempo. Estava escuro demais para procurar um esconderijo, se é que havia algum por ali. Mas Sam sentiu que precisavam no mínimo se distanciar um pouco mais das estradas e ficar fora do alcance da luz das tochas.

— Venha, Sr. Frodo! sussurrou ele. Rasteje mais um pouco, e depois o senhor pode descansar em paz.

Num último esforço desesperado, Frodo se levantou usando as mãos e lutou por talvez mais uns vinte metros. Então mergulhou num poço raso que se abriu inesperadamente diante deles, e lá ficou deitado feito morto. TOLKIEN, 2010 C, p. 213 – 215.

Sam deixou de pensar nele. Correu para a figura encolhida no chão. Era Frodo. Estava nu e parecia desmaiado, jazendo sobre um monte de trapos imundos: seu braço estava erguido, protegendo a cabeça, e através de seu flanco desenhava-se a feia marca de uma chicotada. TOLKIEN, 2010 C, p. 189.

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. — É melhor ser queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada de túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sons de morte embalsamada. **Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou.** Voltem e queimem! ...

— Aqui esperaremos — disse ele. — Mas não quero que mandem chamar os embalsamadores. Tragam-nos lenha de queima rápida, e coloquem-na em toda a nossa volta, e embaixo; derramem óleo sobre ela. E, quando eu mandar, lancem uma tocha. Façam isso e não falem mais comigo. Adeus!...

De repente o silêncio foi quebrado, e eles ouviram lá embaixo gritos e o tinir de espadas: tais sons não se ouviam nos lugares sagrados desde a construção da Cidade. Por fim chegaram à Rath Dínen e correram para a Casa dos Regentes, que assomava na meia-luz sob sua grande abóbada.

— Parem! Parem! — gritou Gandalf, saltando na direção da escada de pedra diante da porta. — Parem com esta loucura!

Pois lá estavam os servidores de Denethor empunhando espadas e tochas; mas sozinho, no vestíbulo, no degrau mais alto, estava Beregond, vestido no uniforme negro e prata da Guarda; segurando a porta e impedindo que eles entrassem. Dois já tinham caído sob os golpes de sua espada, manchando de sangue o recinto sagrado; os outros o amaldiçoavam, chamando-o de criminoso e traidor do seu mestre.

No momento em que Gandalf e Pippin avançaram, ouviram a voz de Denethor gritar de dentro da casa dos mortos:

— Depressa, depressa! Façam como ordenei! Matem esse renegado! Ou será que eu mesmo terei de fazê-lo? — Então a porta que Beregond mantinha fechada com a mão esquerda foi escancarada, e atrás dela postava-se o Senhor da Cidade, alto e cruel, com uma luz de fogo nos olhos, empunhando uma espada.

Mas Gandalf, num salto, subiu os degraus, e os homens recuaram cobrindo os olhos, pois sua chegada foi como a luz branca que irrompe num lugar escuro, e ele avançou furioso. Levantou a mão e, no instante em que Denethor desferia o golpe, a espada voou pelos ares e caiu atrás dele, nas sombras da casa; o Regente recuou diante de Gandalf, atônito.

— O que é isso, meu senhor? — disse o mago. — As casas dos mortos não são lugar para os vivos. E por que há homens lutando aqui, no Recinto Sagrado, quando já existe guerra o suficiente diante do Portão? Ou será que nosso Inimigo conseguiu até mesmo chegar à Rath Dínen?

— Desde quando o Senhor de Gondor te deve explicações? — disse Denethor. — Ou será que não posso comandar meus servidores?

— Você pode — disse Gandalf — Mas outros podem contestar sua vontade, se ela se voltar para a loucura e a maldade. Onde está Faramir, seu filho?

— Está deitado lá dentro — disse Denethor, queimando, já está queimando. Atearam fogo à sua carne. Mas em breve todos estarão queimando. O oeste fracassou. Tudo irá pelos ares numa grande fogueira, e tudo estará terminado. Cinzas! Cinzas e fumaça carregadas pelo vento!

Então Gandalf, percebendo a loucura que tomava conta do Regente, receou que ele já tivesse

feito alguma maldade, e forçou a passagem, seguido por Beregonde e Pippin, enquanto Denethor foi recuando para dentro, até ficar ao lado da mesa. Mas lá encontraram Faramir, ainda delirando de febre, deitado sobre a mesa. Embaixo dela havia feixes de lenha, que também se erguiam em pilhas altas por toda a volta, e tudo estava encharcado de óleo, até mesmo as roupas e as cobertas de Faramir; mas ainda não se ateara fogo ao combustível. Então Gandalf revelou a força que nele se ocultava, mesmo quando a luz de seu poder se escondia sob seu manto cinzento.

Saltou por cima dos feixes, e erguendo o enfermo com delicadeza desceu de novo, levando-o na direção da porta. Mas nesse momento Faramir gemeu e chamou pelo pai, em meio ao seu delírio.

Denethor fez um movimento brusco, como alguém que acorda de um transe; o fogo morreu em seus olhos, e ele chorou; depois disse:

— Não me tomem meu filho! Ele está me chamando.

— Está sim — disse Gandalf —, mas você ainda não pode se aproximar dele. Pois ele precisa buscar a cura já no limiar da morte, e talvez não a encontre. Enquanto isso você deve sair para a batalha de sua Cidade, onde talvez a morte o aguarde. No fundo, você sabe disso.

— Ele não acordará de novo — disse Denethor. — A batalha é inútil. Por que deveríamos desejar viver por mais tempo? Por que não deveríamos nos encaminhar para a morte lado a lado?

— A autoridade não lhe foi dada, Regente de Gondor, para ordenar a hora de sua morte — respondeu Gandalf — E apenas os reis bárbaros, sob o domínio do Poder Escuro, fizeram isso, matando-se por orgulho e desespero, assassinando seus parentes para aliviar a própria morte. — Então, passando pela porta, levou Faramir da casa mortal e o deitou na cama em que fora trazido, que agora jazia no vestíbulo. Denethor o seguiu e parou, trêmulo, olhando com ansiedade para o rosto do filho.

E por um instante, enquanto todos estavam quietos e imóveis, assistindo ao Senhor em sua agonia, Denethor vacilou.

— Venha — disse Gandalf. — Há quem precise de nós. Ainda há muita coisa que você pode fazer.

Denethor então riu de repente. Erguia-se alto e garboso outra vez, e com passadas rápidas foi até a mesa e tirou dela o travesseiro no qual sua cabeça estivera deitada. Depois, dirigindo-se para a porta, retirou fora a fronha e eis que entre suas mãos estava um palantír. Ergueu-o, e aqueles que olharam o globo tiveram a impressão de que ele começou a reluzir com uma chama interna, de tal modo que o rosto magro do Senhor se acendeu num fogo rubro, e parecia esculpido em pedra, bem definido com sombras escuras, nobre, altivo e terrível. Seus olhos faiscaram.

— Orgulho e desespero! — gritou ele. — Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pois tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. O oeste fracassou. Todos os que não quiserem ser escravos devem agora partir.

— Tais conselhos realmente farão da vitória do Inimigo uma certeza — disse Gandalf.

— Pois continua alimentando esperanças! — disse rindo Denethor. — Então não te conheço, Mithrandir? Tua esperança é governar em meu lugar, ficar atrás de todos os tronos, do norte, do sul ou do oeste. Li tua mente e suas políticas. Achas que não sei que tu ordenaste a este Pequeno que ficasse calado? Que tu o trouxeste aqui para ser um espião em meu próprio aposento? Apesar disso, em nossa conversa eu soube os nomes e os propósitos de todos os teus companheiros. Eu sei! Com a mão esquerda tu me usarias por um tempo como um escudo contra Mordor, enquanto com a mão direita trarias este Guardião do Norte para me suplantar.

— Mas eu te digo, Gandalf Mithrandir, não serei teu brinquedo! Sou um Regente da Casa de Anárion. Não vou me rebaixar para ser o camareiro caduco de um arrivista. Mesmo que a reivindicação dele se mostrasse autêntica, ainda assim ele apenas pertence à linhagem de Isildur. Não me curvaria diante desse sujeito, o último representante de uma casa destruída, há muito tempo desprovida de realeza e dignidade.

— Então, o que escolheria você — disse Gandalf —, se seu desejo pudesse ser realizado?

— Eu escolheria as coisas como elas sempre foram em todos os dias de minha vida — respondeu Denethor — e nos dias de meus antepassados que me precederam: ser o Senhor desta Cidade em paz, e deixar meu lugar para um filho depois de mim, um filho que fosse dono da própria vontade, e não o pupilo de um mago. Mas, se o destino me nega isso, então não quero nada: nem a vida diminuída, nem o amor pela metade, nem a honra abalada.

— A mim não pareceria que um Regente que com fidelidade entrega seu cargo fica diminuído em amor ou em honra — disse Gandalf. — E pelo menos você não privaria seu filho do poder de escolha,

enquanto ainda há dúvidas sobre sua morte.

Aquelas palavras, os olhos de Denethor se inflamaram de novo e, levando a pedra debaixo do braço, ele sacou uma faca e deu largas passadas na direção da cama. Mas Beregonde saltou à frente e se interpôs entre o Regente e Faramir.

— Então! — gritou Denethor. — Tu já roubaste metade do amor de meu filho. Agora roubas também os corações de meus cavaleiros, de modo que por fim eles me roubam inteiramente o meu filho. Mas pelo menos nisto tu não desafiarás minha vontade: não decidirás sobre o meu próprio fim.

— Venham até aqui! — gritou ele para os servidores. — Venham, se não forem todos covardes! — Então dois deles subiram correndo os degraus na direção do Senhor.

Denethor rapidamente apanhou uma tocha da mão de um deles e voltou correndo para o interior da casa. Antes que Gandalf pudesse impedi-lo, jogou a tocha em meio à lenha, que imediatamente crepitou e rugiu em chamas.

Então Denethor saltou para cima da mesa, e parando ali, envolvido em fogo e fumaça, pegou o cajado de sua regência que estava aos seus pés e quebrou-o contra o joelho. Jogando os pedaços nas chamas, curvou-se e se deitou na mesa, agarrando ao peito com as duas mãos o palantír. E conta-se que, depois desse momento, qualquer um que olhasse dentro da Pedra, a não ser que tivesse uma grande força capaz de dirigir a própria vontade para um outro propósito, veria apenas duas mãos idosas crispando-se no fogo. Gandalf, desolado e aterrorizado, virou o rosto e fechou a porta. Por um tempo ficou parado no limiar, pensando, sem dizer nada, enquanto os que tinham ficado do lado de fora ouviam o rugido do fogo lá dentro. Então Denethor deu um enorme grito, e depois não falou mais nada, nem foi visto de novo por nenhum mortal.

— Assim se vai Denethor, filho de Ecthelion — disse Gandalf. Então voltou-se para Beregonde e os servidores do Senhor, que se mantinham imóveis e horrorizados.

— E assim se vão também os dias da Gondor que vocês conheceram; para o bem ou para o mal, eles estão terminados. Atos de maldade foram feitos aqui, mas agora deixem que toda a inimizade que existe entre vocês seja afastada, pois tudo isso foi tramado pelo Inimigo e pôe em funcionamento a sua vontade. Vocês foram capturados numa teia de ordens antagônicas, teia esta que não foi tecida por vocês. Mas pensem, servidores do Senhor, cegos em sua obediência, que, se não fosse pela traição de Beregonde, Faramir, Capitão da Torre Branca, também teria queimado até a morte. TOLKIEN, 2010 C, p. 96 – 98, 127 – 131. Grifos meus.

13

No norte, porém, Melkor aumentava suas forças e não dormia, mas vigiava e trabalhava. Os seres nefastos que ele havia pervertido andavam a solta, e os bosques escuros e sonolentos eram assombrados por monstros e formas pavorosas. E, em Útumno, reuniu ele ao seu redor seus **demônios, aqueles espíritos que primeiro lhe haviam sido leais nos seus dias de esplendor e se tornado mais parecidos com ele em sua depravação**. Seus corações eram de fogo, mas eles se ocultavam nas trevas, e o terror ia à sua frente, com seus açoites de chamas. Balrogs foram eles chamados na Terra-média em tempos mais recentes. E, naquela época sombria, **Melkor gerou muitos outros monstros de variados tipos e formas, que por muito tempo atormentaram o mundo**. E seu reino cada vez mais se espalhava na direção sul, pela Terra-média.

E Melkor construiu também uma fortaleza e arsenal não muito distante do litoral noroeste, para resistir a qualquer ataque que viesse de Aman. Essa cidadela era comandada por Sauron, lugartenente de Melkor; e seu nome era Angband. TOLKIEN, 2009 A, p. 29. Grifos meus.

Dali em diante, as labaredas e a fumaça subiam incessantes, pois o poder de Sauron crescia e, naquele templo, com derramamento de sangue, tormentos e crueldade imensa, os homens faziam sacrifícios a Melkor para que ele os libertasse da morte. E o mais freqüente era que escolhessem suas vítimas entre os Fiéis. Porém, eles nunca eram acusados abertamente de não adorar Melkor, o Doador da Liberdade, mas o motivo para persegui-los era seu ódio ao Rei, o fato de serem rebeldes ou de tramar contra sua gente, inventando mentiras e venenos. Essas acusações eram em sua maioria falsas. Contudo, aqueles foram dias amargos, e ódio gera ódio.

E no entanto, apesar de tudo isso, a Morte não se afastou da Terra. Pelo contrário, passou a vir mais cedo. Com maior freqüência e com muitas roupagens terríveis. Pois, enquanto no passado os homens envelheciam lentamente e se deitavam no final para dormir, quando finalmente se cansavam do mundo, agora a loucura e a doença os acometiam. E mesmo assim, eles sentiam medo de morrer e entrar no escuro, o reino do senhor que haviam escolhido; e se amaldiçoavam em sua agonia. E os homens se armavam naquela época e se matavam uns aos outros por motivos insignificantes; pois se haviam tornado

irritadiços, e Sauron, ou aqueles que ele recrutara para si, percorria a Terra, instigando um homem contra o outro, de modo que o povo murmurava contra o Rei e os senhores, ou contra qualquer um que tivesse algo que eles não possuíssem. E os homens dotados de poder se vingavam com crueldade. TOLKIEN, 2009 A, p. 214.

Ora, em Eras antigas, na ilha de Númenor, o tempo era sempre propício às necessidades e preferências dos homens: chuva na estação devida e sempre na medida certa; e sol, ora mais quente, ora menos, e ventos do mar. E quando o vento vinha do oeste, a muitos parecia que vinha impregnado de uma fragrância, efêmera, porém agradável, inspiradora, como a de flores eternamente abertas em prados perenes, que não têm nomes em plagas mortais. Tudo isso agora mudara. Pois o próprio céu havia escurecido; e havia tempestades de chuva e granizo naquela época, assim como ventos violentos. E de quando em quando uma grande nau dos númenorianos afundava e não voltava ao porto, embora uma desgraça semelhante não lhes houvesse ocorrido até então desde a ascensão da Estrela. E do oeste às vezes vinha uma enorme nuvem ao entardecer, com a forma de uma águia, com as pontas das asas abertas para o norte e para o sul; e aos poucos ela assomava, encobrindo totalmente o pôr-do-sol, e a escuridão absoluta caía então sobre Númenor. E algumas das águias traziam raios sob as asas, e trovões reverberavam entre o céu e as nuvens. TOLKIEN, 2009 A, p. 217.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

E um a um mais cedo ou mais tarde, de acordo com sua força inata e a bondade ou a maldade de suas vontades no início, eles caíam sob a escravidão do anel que portavam e sob o domínio do Um, que era o de Sauron. E se tornavam invisíveis para sempre, menos para ele, que usava o Anel Governante e passavam para o reino das sombras.

Os nazgûl eram eles, os Espectros do Anel os mais terríveis servos do Inimigo. TOLKIEN, 2009 A, p. 225.

E Sauron chamou a si enorme contingente de seus servos do leste e do sul; e entre eles não eram poucos os da alta estirpe de Númenor. Pois nos tempos da estada de Sauron naquela terra, os corações de praticamente todo o seu povo se voltaram para as trevas. Por isso, muitos dos que navegaram para o leste naquela época e construíram fortalezas e moradias no litoral já estavam subjugados à sua vontade, e ainda serviam a Sauron com prazer na Terra-média. No entanto, em virtude do poder de Gilgalad, esses renegados, senhores tão poderosos quanto perversos, em sua maioria fixaram residência nas terras meridionais mais distantes. Havia porém dois deles, Herumor e Fuinur, que se alçaram ao poder entre os haradrim, povo numeroso e cruel que habitava o vasto território ao sul de Mordor, para além das Fozes do Anduin. TOLKIEN, 2009 A, p. 228.

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que **todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos.** Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar. TOLKIEN, 2009 A, p. 31. Grifos meus.

14

Naquele período, os Valar trouxeram ordem aos mares, terras e montanhas, e Yavanna finalmente plantou as sementes que havia muito imaginara. E, como houvesse necessidade de luz, já que os fogos estavam dominados ou enterrados sob as colinas primitivas, Aulë, a pedido de Yavanna, criou duas lamparinas poderosas para iluminar a Terra-média, construída por ele entre os mares circundantes. Então Varda encheu as lamparinas, e Manwë as consagrou; e os Valar as puseram em cima de colunas altíssimas, mais elevadas do que qualquer das montanhas mais recentes. Ergueram uma lamparina junto

ao norte da Terra-média, e ela se chamou Illuin; e a outra foi erguida no sul, e foi chamada Ormal; e a luz das Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia.

Então, as sementes que Yavanna havia plantado logo começaram a brotar e a se desenvolver, e surgiu uma infinidade de seres em crescimento, grandes e pequenos, musgos, capins e enormes samambaias, e árvores cujas copas eram coroadas de nuvens, como montanhas vivas, mas cujos pés ficavam envoltos numa penumbra verde. E surgiram feras que habitavam as pradarias, os rios e os lagos, ou caminhavam nas sombras dos bosques. Ainda não surgira nenhuma flor, nem cantara pássaro algum, pois esses seres esperavam sua vez no ventre de Yavanna; mas havia abundância do que ela imaginara, e nenhum lugar era mais rico do que as partes mais centrais da Terra, onde a luz das duas Lamparinas se encontrava e se fundia. E ali, na Ilha de Almaren, no Grande Lago, foi a primeira morada dos Valar quando tudo era novo, e o verde recém-criado ainda era uma maravilha aos olhos dos criadores. E eles se contentaram por muito tempo.

Ora, veio a acontecer que, enquanto os Valar repousavam da sua labuta e observavam o crescimento e o desabrochar daquilo que haviam inventado e iniciado, Manwë ofereceu uma grande festa; e os Valar e toda a sua gente atenderam ao convite. No entanto, Aulë e Tulkas estavam exaustos; pois a habilidade de Aulë e a força de Tulkas haviam estado ininterruptamente a serviço de todos, nos dias de sua faina. E Melkor sabia de tudo o que era feito, pois já naquela época dispunha de espíões e amigos secretos entre os Maiar, que havia atraído para sua causa. E muito ao longe, nas trevas, ele se enchia de ódio, sentindo inveja do trabalho de seus pares e desejando submetê-los. Assim, Melkor chamou a si os espíritos que desviara para seu serviço, fazendo-os sair das mansões de Eä, e se considerou forte. E, vendo que essa era sua hora, ele mais uma vez se aproximou de Arda e baixou os olhos até ela; e a beleza da Terra em sua Primavera o enfureceu ainda mais.

Assim, os Valar se reuniram em Almaren, sem temer mal algum, e, por causa da luz de Illuin, não perceberam a sombra do norte que vinha sendo lançada de longe por Melkor; pois ele se tornara escuro como a Noite do Vazio. E dizem as canções que, naquela festa, na Primavera de Arda, Tulkas desposou Nessa, a irmã de Oromë, e ela dançou diante dos Valar sobre a relva verdejante de Almaren. Tulkas então adormeceu, exausto e contente, e Melkor acreditou que sua hora havia chegado.

Transpôs as Muralhas da Noite com sua legião e chegou a Terra-média, à distância, no norte, sem que os Valar dele se apercebessem.

Melkor iniciou então as escavações e a construção de uma enorme fortaleza nas profundezas da Terra, debaixo das montanhas escuras onde os raios de Illuin eram frios e pálidos. Esse reduto foi chamado Utumno. E, embora os Valar ainda nada soubessem a respeito, mesmo assim a perversidade de Melkor e a influência maléfica de seu ódio emanavam de lá, e a Primavera de Arda foi destruída. Os seres verdes adoeceram e apodreceram, os rios foram obstruídos por algas e lodo; criaram-se pântanos, repelentes e venenosos, criatórios de moscas; as florestas tornaram-se sombrias e perigosas, antros do medo; e as feras se transformaram em monstros de chifre e marfim e tingiram a terra de sangue. Os Valar tiveram então certeza, de que Melkor estava agindo novamente, e saíram à procura de seu esconderijo. Melkor, porém, confiante na resistência de Utumno e no poder de seus servos, apresentou-se de repente para a luta e deu o primeiro golpe antes que os Valar estivessem preparados, atacou as luzes de Illuin e Ormal, arrasou suas colunas e quebrou suas lamparinas. Quando as enormes colunas desmoronaram, terras fenderam-se e mares elevaram-se em turbulência. E, quando as lamparinas foram derrubadas, labaredas destruidoras se derramaram pela Terra. E a forma de Arda, além da simetria de suas águas e de suas terras, foi desfigurada naquele momento, de modo tal que os primeiros projetos dos Valar nunca mais foram restaurados.

Em meio à confusão e às trevas, Melkor conseguiu escapar, embora o medo se abatesse sobre ele; pois, mais alto que o bramido dos mares, ele ouvia a voz de Manwë como um vento fortíssimo, e a terra tremia sob os pés de Tulkas. Chegou, porém a Utumno antes que Tulkas conseguisse alcançá-lo; e ali permaneceu escondido. E os Valar não puderam então derrotá-lo, já que a maior parte de sua força era necessária para controlar as turbulências da Terra e salvar da destruição tudo o que pudesse ser salvo de sua obra. Depois, eles receberam fender novamente a Terra, enquanto não soubessem onde habitavam os Filhos de Ilúvatar, que ainda estavam por vir num momento que desconheciam. TOLKIEN, 2009 A, p. 18 – 20.

15

Concedeu-lhe então Manwë o perdão; mas os Valar ainda não se dispunham a deixá-la partir para fora do alcance de sua visão e de sua vigilância; e ele foi obrigado a permanecer dentro dos portões de Valmar. Entretanto, eram aparentemente justos todos os atos e palavras de Melkor naquela época; e tanto os Valar quanto os eldar se beneficiavam de sua ajuda e de seus conselhos, se os procurassem.

Portanto, dentro de pouco tempo, ele recebeu permissão para andar livremente pelo território; e a Manwë pareceu que o mal de Melkor estava curado. Pois Manwë era isento de maldade e não conseguia compreendê-la; e sabia que no início, no pensamento de Ilúvatar, Melkor havia sido igual a ele; e Manwë não chegava a enxergar as profundezas do coração de Melkor e não percebia que o amor o abandonara para sempre.

Ulmo, porém, não se iludiu. E Tulkas cerrava os punhos sempre que via passar Melkor, seu inimigo. Pois se Tulkas é lento para chegar à ira, também é lento para esquecer. Seguiram os dois, no entanto, a decisão de Manwë; pois aqueles que defendem a autoridade contra a rebelião não devem eles próprios se rebelar.

Ora, em seu coração, Melkor odiava acima de tudo os eldar, tanto por serem belos e alegres quanto por ver neles a razão para o ataque dos Valar e sua própria derrocada. Por esse motivo, mais ainda simulava amor por eles, procurando sua amizade e lhes oferecendo seu conhecimento e seus serviços em qualquer grande obra que quisessem empreender. Os vanyar na realidade ainda o mantinham sob suspeita, pois moravam à luz das Árvores e se sentiam satisfeitos; e aos teleri, ele não dava atenção, considerando-os desprezíveis, instrumentos fracos demais para suas intenções. Já os noldor se encantavam com o conhecimento oculto que ele lhes poderia revelar. E alguns deram ouvidos a palavras que teria sido melhor nunca terem escutado. Melkor de fato declarou mais tarde que Fëanor havia aprendido grandes artes com ele em segredo, e que havia sido instruído por ele em suas maiores obras; mas Melkor mentia, em sua cobiça e inveja, pois nenhum dos eldalië jamais odiou Melkor mais do que Fëanor, filho de Finwë, que primeiro lhe deu o nome de Morgoth. E, embora tivesse se enredado nas tramas da perversidade de Melkor contra os Valar, Fëanor jamais conversou com ele nem aceitou seus conselhos. Pois Fëanor era movido pelo fogo de seu próprio coração, apenas; trabalhando sempre com rapidez e em solidão; e não pedia ajuda nem procurava a opinião de ninguém que habitasse Aman, fosse grande, fosse pequeno, à única e breve exceção de Nerdanel, a Sábida, sua esposa. TOLKIEN, 2009 A, p. 43 – 44.

E então Melkor cobiçou as Silmarils, e a mera lembrança de seu brilho era um fogo a lhe corroer o coração. **Daquela época em diante, instigado por esse desejo, ele buscou, cada vez mais avidamente, um meio de destruir Fëanor e encerrar a amizade entre os Valar e os elfos; mas disfarçou seus objetivos com astúcia, e nenhuma malignidade podia ser vislumbrada no semblante que ele apresentava. Por muito tempo dedicou-se ele a esse trabalho, e a princípio lentos e estéreis eram seus esforços. Contudo, quem semeia mentiras no final não deixará de ter sua colheita; e em breve poderá descansar da labuta enquanto outros vão colher e semear em seu lugar.** Melkor sempre encontrava ouvidos que lhe dessem atenção, e algumas línguas que aumentassem o que haviam escutado; e suas mentiras passaram de amigo a amigo, como segredos cujo conhecimento demonstra a sabedoria de quem os revela. Amargo foi o preço pago pelos noldor, nos tempos que se seguiram, pela tolice de manter os ouvidos abertos.

Quando via que muitos se inclinavam em sua direção, Melkor costumava caminhar entre eles; e, **em meio a suas belas palavras, eram entremeadas outras, com tanta sutileza, que muitos daqueles que as ouviam, ao procurar se lembrar, acreditavam terem elas brotado de seu próprio pensamento. Ele fazia surgirem visões em seus corações dos esplêndidos reinos que eles poderiam ter governado por si mesmos, em poder e liberdade, no leste; e então se espalharam rumores de que os Valar teriam atraído os eldar para Aman em decorrência de sua inveja, temendo que a beleza dos quendi e o poder criador que Ilúvatar lhes havia transmitido crescessem tanto, que os Valar não pudessem mais controlá-lo, à medida que os elfos crescessem e se espalhassem pelas terras do mundo.** TOLKIEN, 2009 A, p. 45. Grifos meus.

Naquela época, além disso, embora os Valar soubessem de fato da chegada dos homens, que ocorreria, os elfos nada sabiam a respeito; pois Manwë não lhes havia feito essa revelação.

Melkor, porém, falou-lhes em segredo dos homens mortais, percebendo que o silêncio dos Valar poderia ser distorcido. Pouco sabia ele, ainda, dos homens, pois, absorto em seu próprio pensamento, na Música, prestara pouquíssima atenção ao Terceiro Tema de Ilúvatar; **mas agora corriam entre os elfos rumores de que Manwë os mantinha cativos, para que os homens pudessem chegar e suplantá-los nos territórios da Terra-média, pois os Valar consideravam que poderiam influenciar com maior facilidade essa raça mais fraca e de vida curta, privando os elfos da herança de Ilúvatar. Pouca verdade havia nisso; e raramente os Valar chegaram a tentar influenciar a vontade dos homens; mas muitos dos noldor acreditaram, ou acreditaram em parte, nessas palavras nefastas.**

Assim, antes que os Valar percebessem, a paz de Valinor estava envenenada. Os noldor começaram a resmungar contra eles, e muitos se encheram de orgulho, esquecendo-se de que grande parte do que possuíam e conheciam lhes chegara como presente dos Valar. Ardia com maior violência a nova

chama do desejo de liberdade e de territórios mais vastos no coração impaciente de Fëanor; **e Melkor ria em segredo, pois era esse o alvo ao qual se dirigiam suas mentiras**, já que odiava Fëanor acima de todos e sempre cobiçara as Silmarils. Dessas, porém, não lhe era permitido aproximar-se. Pois, embora em grandes comemorações Fëanor as usasse, refulgentes sobre a testa, em outras ocasiões elas eram guardadas em segurança, trancadas nas câmaras profundas de seus tesouros em Tirion. De fato, Fëanor começara a amar as Silmarils com um amor ganancioso, ressentindo-se de que qualquer um as visse, à exceção do pai e de seus sete filhos. Agora raramente se lembrava de que a luz das pedras não era propriedade sua.

Nobres príncipes eram Fëanor e Fingolfin, os filhos mais velhos de Finwë, respeitados por todos em Aman; mas agora eles se haviam tornado orgulhosos, e cada um sentia ciúme de seus direitos e de seus bens. **E então Melkor espalhou novas mentiras em Eldamar**, e rumores chegaram aos ouvidos de Fëanor, dizendo que Fingolfin e seus filhos estavam tramando usurpar a liderança de Finwë e da linha primogênita de Fëanor, para suplantá-los, com a permissão dos Valar; pois aos Valar desagradava que as Silmarils estivessem em Tirion, e não confiadas à sua guarda. Já para Fingolfin e Finarfin foi dito: - Cuidado! Pouco amor já teve um dia o orgulhoso filho de Míriel pelos filhos de Indis. Agora ele se tornou importante, e tem o pai sob seu domínio. Não vai demorar muito para ele expulsar vocês de Túna! **E, quando Melkor viu que as mentiras se inflamavam, e que o orgulho e a raiva haviam despertado entre os noldor, ele lhes falou de armas.** E foi nessa época que os noldor começaram a forjar espadas, machados e lanças. Também fizeram escudos, exibindo os símbolos das muitas casas e clãs que competiam entre si. Somente estes eles usavam em público, e de outras armas não falavam, pois cada um acreditava que somente ele havia recebido o aviso. E Fëanor construiu uma forja secreta, que nem mesmo Melkor conhecia; e ali temperou espadas cruéis para si e para os filhos, além de criar elmos altos, com plumas vermelhas. Lamentou amargamente Mahtan o dia em que ensinara ao marido de Nerdanel todo o conhecimento de metais que havia aprendido com Aulë.

E assim, por meio de mentiras, rumores maldosos e conselhos falsos, Melkor atçou os corações dos noldor para a luta; e de suas contendas, com o tempo, resultou o fim dos belos dias de Valinor e o crepúsculo de sua glória antiqüíssima. Pois Fëanor começava agora a falar abertamente em rebelião contra os Valar, proclamando alto e bom som que partiria de Valinor de volta para o mundo de fora e livraria os noldor da escravidão, se eles quisessem segui-la. TOLKIEN, 2009 A, p. 45 – 46.

16

Então, os homens da Terra-média sentiram alívio; e aqui e ali, nas costas ocidentais, os bosques despovoados recuaram, e os homens, livrando-se do jugo da prole de Morgoth, desaprenderam seu terror das trevas. E reverenciaram a memória dos altos Reis dos Mares. E, após sua partida, eles os chamaram de deuses, com a esperança de que voltassem. Pois, nessa época, os númenorianos nunca permaneciam muito tempo na Terra-média, nem instalavam por lá residência própria. Para o leste, eles deviam navegar; mas sempre era para o oeste que seus corações se voltavam.

Ora, esse desejo foi crescendo cada vez mais com o passar dos anos. E os númenorianos começaram a ansiar pela cidade imortal que viam de longe; e ficou mais intenso em seu íntimo o desejo pela vida eterna, de escapar à morte e ao final dos prazeres. E quanto mais cresciam seu poder e sua glória, mais aumentava sua inquietação. Pois, embora os Valar houvessem premiado os dúnedain com uma vida mais longa, não podiam tirar deles o cansaço do mundo, que acabava chegando, e eles morriam, até mesmo os reis da linhagem de Eärendil. E o decurso de sua vida era curto aos olhos dos eldar. Foi assim que se abateu sobre eles uma sombra, na qual talvez estivesse presente a vontade de Morgoth, que ainda se manifestava no mundo. E os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens e, principalmente, contra a Interdição de navegar para o oeste. TOLKIEN, 2009 A, p. 205.

17

Então, Tar-Ancalimon, filho de Atanamir, tomou-se Rei. E seu pensamento era semelhante. E, em seu reinado. O povo de Númenor tornou-se dividido. De um lado, havia a maioria, e estes eram chamados de Homens do Rei. Tornaram-se arrogantes e se distanciaram dos eldar e dos Valar. TOLKIEN, 2009 A, p. 207.

Dessa forma tomou-se reduzida à felicidade de Ponente; mas ainda assim seu poderio e seu esplendor aumentavam. Pois os reis e seu povo ainda não haviam abandonado a sabedoria e, se não amavam mais os Valar, pelo menos ainda os temiam. Não ousavam desrespeitar abertamente a Interdição ou navegar para

além dos limites estabelecidos. Ainda para o leste dirigiam suas altas embarcações. Contudo, o medo da morte cada vez mais se adensava sobre eles; e eles procuravam adiá-la por todos os meios a seu alcance. Começaram então a construir casas imensas para os mortos, enquanto seus sábios trabalhavam sem cessar para descobrir, se possível, o segredo de fazer voltar a vida ou, no mínimo, prolongar os dias dos homens. Conseguiram apenas aprender a arte de preservar inalterada a carne morta dos homens; e encheram toda a terra com túmulos silenciosos, nos quais a idéia da morte ficava encerrada na escuridão. Já os que estavam vivos se voltavam ainda com maior avidez para o prazer e a folia, desejando cada vez mais bens e riquezas. E, a partir do tempo de Tar-Ancalimon, a oferenda dos primeiros frutos a Eru passou a ser negligenciada, e os homens raramente iam ao Local Sagrado nas alturas da Meneltarma, no meio da terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 208.

Ocorreu assim que os númenorianos pela primeira vez estabeleceram grandes colônias nas costas ocidentais das terras antigas, pois sua própria terra lhes parecia restrita, e eles não tinham descanso nem alegria dentro de seus limites; e agora desejavam prosperar e dominar a Terra-média, já que o oeste lhes fora negado. Amplos portos e fortes torres eles construíram; e lá muitos fixaram residência; mas agora apareciam mais como senhores, chefes e cobradores de tributos do que como alguém que presta auxílio ou ensina. E as enormes embarcações dos númenorianos eram levadas para o leste pelos ventos e voltavam sempre carregadas. O poder e a majestade de seus reis aumentavam; e eles bebiam, se banqueteavam e se vestiam em ouro e prata. TOLKIEN, 2009 A, p. 208.

Naqueles tempos, a Sombra foi ficando mais densa sobre Númenor; e as velas dos Reis da Casa de Elros foram reduzidas em virtude de sua rebelião, mas eles endureceram seus corações ainda mais contra os Valar. E o décimo nono rei recebeu o certo de seus antepassados, e subiu ao trono com o nome de Adûnakhor, Senhor do Oeste, abandonando os idiomas élficos e proibindo seu uso ao alcance de seus ouvidos. Contudo, no Pergaminho dos Reis, o nome Herunúmen foi inscrito no idioma alto-élfico em obediência ao costume antigo, que os reis temiam despeitar totalmente, com medo de que algum mal acontecesse. Ora, esse título pareceu muito arrogante aos Fiéis, por ser o título dos Valar, e seus corações enfrentaram um terrível dilema entre sua lealdade à Casa de Elros e sua reverência aos Poderes designados. No entanto, o pior ainda estava por vir. Pois Ar-Gimilzôr, o vigésimo segundo rei, foi o maior inimigo dos Fiéis. Em seu reinado, não cuidaram da Árvore Branca, e ela começou a definhar. E ele proibiu terminantemente o uso dos idiomas élficos, além de punir aqueles que acolhessem as embarcações de Eressëa que ainda vinham em segredo às costas ocidentais da Terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 209.

Grande foi a ira de Ar-Pharazôn diante dessas notícias. E, enquanto se detinha a ponderar em segredo, seu coração se encheu do desejo de poder sem limites e da tirania exclusiva de sua vontade. E, sem pedir conselhos aos Valar ou auxílio da prudência de qualquer outra mente que não fosse a sua, determinou que o título de Rei dos Homens ele próprio reivindicaria e forçaria Sauron a ser seu servo e vassalo. Pois, em seu orgulho, considerava que nenhum rei jamais surgiria com tanto poder a ponto de rivalizar com o herdeiro de Eärendil. Portanto, naquela época, começou a forjar grande arsenal de armas e construiu muitas naus de guerra que equipou com suas armas. E, quando tudo estava pronto, ele próprio navegou com seu exército até o leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 211.

E no entanto, apesar de tudo isso, a Morte não se afastou da Terra. Pelo contrário, passou a vir mais cedo. Com maior frequência e com muitas roupagens terríveis. Pois, enquanto no passado os homens envelheciam lentamente e se deitavam no final para dormir, quando finalmente se cansavam do mundo, agora a loucura e a doença os acometiam. E mesmo assim, eles sentiam medo de morrer e entrar no escuro, o reino do senhor que haviam escolhido; e se amaldiçoavam em sua agonia. E os homens se armavam naquela época e se matavam uns aos outros por motivos insignificantes; pois se haviam tornado irritadiços, e Sauron, ou aqueles que ele recrutara para si, percorria a Terra, instigando um homem contra o outro, de modo que o povo murmurava contra o Rei e os senhores, ou contra qualquer um que tivesse algo que eles não possuíssem. E os homens dotados de poder se vingavam com crueldade.

Não obstante, por muito tempo pareceu aos númenorianos que eles prosperavam; e, se sua felicidade não era maior, eles ainda assim estavam mais fortes; e seus ricos, cada vez mais ricos. Pois, com o auxílio e os conselhos de Sauron, multiplicavam seus bens, inventavam engenhos e construíam naus cada vez maiores. E agora velejavam com poderio e grande armamento até a Terra-média; e não vinham mais como portadores de presentes, nem mesmo como governantes, mas como ferozes guerreiros. Caçavam os homens da Terra-média, tornavam seus bens e os escravizavam; e muitos eles matavam cruelmente em seus altares. Pois em suas fortalezas construíram, naquela época, templos e grandes

túmulos. E os homens os temiam; e a lembrança dos bondosos reis de outrora desapareceu do mundo e foi obscurecida por muitas histórias de terror. TOLKIEN, 2009 A, p. 214 – 215.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

Nessa Era, como se relata em outra parte, Sauron voltou a se erguer na Terra-média. Ele cresceu e retornou ao mal no qual fora criado por Morgoth, tornando-se poderoso a seu serviço. Já nos tempos de Tar-Minastir, décimo primeiro Rei de Númenor, ele havia fortificado a terra de Mordor e lá construído a Torre de Barad-dûr. E dali em diante sempre lutou pelo domínio da Terra-média, para se tornar rei de todos os reis e semelhante a um deus perante os homens. E Sauron odiava os númenorianos. Em virtude dos feitos de seus pais, de sua antiga aliança com os elfos e de sua lealdade aos Valar. Ele também não se esquecia da ajuda que Tar-Minastir havia prestado a Gil-galad no passado remoto, na época em que o Um Anel fora forjado e houvera guerra entre Sauron e os elfos, em Eriador. Agora, ele descobria que os reis de Númenor haviam aumentado seu poder e esplendor; e os odiava ainda mais. Também temia que invadissem seu território e lhe tirassem o domínio do leste. No entanto, por muito tempo não ousou desafiar os Senhores do Mar e se retirou do litoral Sauron, porém, sempre fora astuto. E o que se diz é que, entre aqueles que ele apanhou na armadilha dos Nove Anéis, três eram grandes senhores de raça númenoriana. E, quando surgiram os úlairi, que eram os Espectros do Anel, seus servos, e o poder de seu terror e domínio sobre os homens atingira enormes proporções, ele começou a atacar os locais fortificados dos númenorianos à beira-mar. TOLKIEN, 2009 A, p. 208 – 209.

E Sauron veio. Mesmo de sua poderosa torre de Barad-dûr veio ele, sem fazer nenhuma menção de combate. Pois percebia que o poder e a majestade dos Reis do Mar superavam tudo o que deles se dizia, de modo que não poderia confiar que mesmo os melhores de seus servos a eles resistissem. E viu que ainda não chegara a hora de fazer valer sua vontade com os dúnedain. E Sauron era astucioso, bem treinado para conquistar o que quisesse pela sutileza quando a força pudesse não lhe ser útil. Humilhou-se, portanto, diante de Ar-Pharazôn e controlou sua língua ferina. E os homens ficaram admirados, pois tudo o que ele disse parecia justo e prudente.

Ar-Pharazôn, porém, não se deixou enganar. E lhe ocorreu que, para melhor vigiar Sauron e controlar seus votos de lealdade, ele deveria ser levado para Númenor, para lá permanecer como refém de si mesmo e de todos os seus servos na Terra-média. Sauron consentiu nessa idéia como que a contragosto, embora em seu íntimo a acolhesse com alegria, pois ela de fato se harmonizava com seus desejos. E Sauron atravessou o Mar e contemplou a terra de Númenor e a cidade de Armenelos nos dias de sua glória, e ficou estarelecido. Mas no fundo de seu coração, encheu-se ainda mais de inveja e ódio.

Contudo, tal era sua astúcia em raciocínio e palavras, e tal a força de sua determinação oculta, que, antes que se passassem três anos, ele já se tornara íntimo dos pensamentos secretos do Rei. Pois elogios doces como o mel estavam sempre na ponta de sua língua, e Sauron conhecia muitos fatos ainda não revelados aos homens. E, ao ver o privilégio de que ele gozava junto a seu senhor, todos os conselheiros começaram a adulá-la, à exceção de um, Amandil, senhor de Andúnië. Então, lentamente, operou-se na terra uma transformação, e os corações dos amigosdos-elfos se perturbaram profundamente, e muitos se afastaram cheios de medo. E, embora os que permanecessem ainda se intitulassem fiéis, seus inimigos os chamavam de rebeldes. Pois, agora, tendo acesso aos ouvidos dos homens, Sauron com muitos argumentos negava tudo o que os Valar haviam ensinado. E disse aos homens que pensassem que no mundo, no leste e mesmo no oeste, ainda havia muitos mares e muitas terras a serem conquistadas, que possuíam tesouros sem conta. E, no entanto, se eles acabassem chegando ao final dessas terras e desses mares, para além de tudo ficava o Escuro Ancestral. E dele o mundo foi feito. Pois somente o Escuro é digno de adoração, e seu Senhor pode ainda criar outros mundos para doar àqueles que lhe prestarem serviços, de modo que seu poder não terá limites.

- Quem é o Senhor do Escuro? - perguntou, então, Ar-Pharazôn.

E a portas fechadas Sauron falou ao Rei, dizendo-lhe mentiras.

- É aquele cujo nome não se pronuncia mais, pois os Valar os enganaram a respeito dele, apresentando em seu lugar o nome de Eru, um espectro criado pela insensatez de seus corações, que procura acorrentar os homens em servidão aos Valar. Pois eles são o oráculo desse Eru, que fala apenas o que eles querem. Mas aquele que é senhor dos Valar ainda vencerá, e os libertará desse fantasma. E seu nome é Melkor, Senhor de Todos, Doador da Liberdade, e ele os tornará mais fortes do que os Valar.

Então, Ar-Pharazôn, o Rei, voltou-se para o culto do Escuro e de Melkor, seu Senhor, a princípio em segredo; mas dentro em pouco abertamente e diante de seu povo. E eles em sua grande maioria o imitaram. TOLKIEN, 2009 A, p. 211 – 213.

E Sauron recomendou ao Rei que cortasse a Árvore Branca, Nimloth, a Bela, que crescia em seus pátios, pois ela era uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 213.

Assim, Ar-Pharazôn, Rei da Terra da Estrela, chegou a ser o tirano mais poderoso que já havia existido no mundo desde o reino de Morgoth, embora de fato Sauron tudo governasse por trás do trono. Passaram, porém, os anos, e o Rei sentiu a aproximação da sombra da morte, à medida que sua idade avançava. Foi dominado então pelo medo e pela cólera. Era agora chegada a hora que Sauron preparara e pela qual vinha esperando havia muito tempo. E Sauron falou com o Rei, dizendo que sua força era agora tamanha, que ele poderia pensar em fazer valer sua vontade em todos os aspectos sem se sujeitar a nenhuma ordem ou interdição.

- Os Valar se apossaram da terra em que não há morte; e eles lhe dizem mentiras a respeito dela, ocultando-a da melhor forma possível, por causa de sua avareza e de seu temor de que os Reis dos Homens lhes tomem o reino imortal e governem o mundo em seu lugar. E embora, sem dúvida, o dom da vida eterna não seja para todos, mas apenas para aqueles que o merecem, por serem homens de poder, orgulho e alta linhagem, é uma negação de toda a justiça que esse dom, que é seu direito, seja recusado ao Rei dos Reis, Ar-Pharazôn, o mais poderoso dos filhos da Terra com quem somente Manwë pode se comparar, e talvez nem mesmo ele. Mas grandes reis não toleram recusas e tomam o que é seu por direito.

Ar-Pharazôn, então, atoleimado e já caminhando sob a sombra da morte, pois seu tempo se aproximava do fim, deu ouvidos a Sauron e começou a ponderar em seu íntimo como empreender uma guerra contra os Valar. Muito tempo dedicou à preparação para esse intento, sem falar abertamente sobre ele, embora não fosse possível ocultá-lo de todos. TOLKIEN, 2009 A, p. 215.

Endureceu então Ar-Pharazôn seu coração e embarcou em sua poderosa nau, Alcarondas, o Castelo do Mar. Era provida de muitos remos e de muitos mastros, dourados e negros, e nela foi instalado o trono de Ar-Pharazôn. Ele então vestiu sua armadura e pôs a coroa na cabeça; mandou hastear o estandarte e deu o sinal para içar âncoras. E naquela hora os clarins de Númenor abafaram o ruído dos trovões.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. Caiu a escuridão sobre a Terra, e o mar estava calmo, enquanto o mundo esperava o que iria acontecer. Lentamente, as esquadras desapareceram da vista dos que olhavam nos portos, suas luzes foram se apagando, e a noite apoderou-se delas. E pela manhã, já não estavam mais lá. Pois surgira um vento leste que as soprou para longe. E elas desrespeitaram a Interdição dos Valar, e entraram em águas proibidas. Para guerrear contra os Imortais, a fim de roubar deles a vida eterna dentro dos Círculos do Mundo.

No entanto, a frota de Ar-Pharazôn foi surgindo das profundezas do oceano e cercou Avallónë e toda a ilha de Eressëa, e os eldar se entristeceram, pois a luz do Sol poente foi tapada pela nuvem dos númenorianos. E, finalmente, Ar-Pharazôn chegou mesmo a Aman, o Reino Abençoado, e às costas de Valinor. E ainda assim o silêncio era total, e o destino estava por um fio.

Pois Ar-Pharazôn hesitou no final e quase retornou. Teve dúvidas em seu coração quando deparou com as praias silenciosas e quando viu Taniquetil brilhando, mais branca do que a neve, mais fria do que a morte, muda, imutável, terrível como a sombra da luz de Ilúvatar. Mas o orgulho era agora seu senhor; e ele afinal deixou sua nau e pisou na praia, reivindicando para si a posse daquela terra se ninguém viesse lutar por ela. E um exército de númenorianos armou um enorme acampamento perto de Túna, de onde todos os eldar haviam fugido.

Então, Manwë sobre a Montanha invocou Ilúvatar; e naquela época os Valar renunciaram a sua autoridade sobre Arda. Ilúvatar, porém, acionou seu poder e mudou a aparência do mundo.

Abriu-se então no mar um imenso precipício entre Númenor e as Terras Imortais; e as águas jorraram para dentro dele. E o estrondo e a espuma das cataratas subiram aos céus; e o mundo foi abalado. E toda a esquadra dos númenorianos foi arrastada para esse abismo, afundando e sendo engolida para sempre. Já Ar-Pharazôn, o Rei, e os guerreiros mortais que haviam posto os pés na terra de Aman foram soterrados por colinas que desmoronaram. Conta-se que ali eles jazem, presos, nas Grutas dos Esquecidos, até a Última Batalha e o Juízo Final. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

Pois o próprio Sauron foi dominado por um medo enorme diante da fúria dos Valar e da condenação que Eru lançou sobre terras e mares. Era muito maior do que qualquer coisa que ele podia ter desejado, pois só esperava pela morte dos númenorianos e pela derrota de seu rei arrogante. E Sauron, sentado em sua cadeira negra no centro do Templo, havia rido ao ouvir os clarins de Ar-Pharazôn soando para a batalha; e mais uma vez havia rido ao ouvir os trovões da tempestade; e uma terceira vez, no momento em que ria de sua própria idéia, pensando no que iria fazer agora no mundo, já que estava livre dos edain para sempre, foi apanhado no meio de seu júbilo; e sua cadeira e seu templo caíram no abismo. Sauron, entretanto, não era de carne mortal; e, embora estivesse agora destituído dessa forma na qual havia cometido tamanho mal, para nunca mais voltar a parecer simpático aos olhos dos homens, mesmo assim seu espírito se elevou das profundezas e passou como uma sombra e um vento escuro por cima do mar, voltando à Terra-média e a Mordor, que era seu lar. Ali, ele mais uma vez apanhou seu magnífico Anel em Barad-dûr; e ali permaneceu, sinistro e mudo, até inventar para si uma nova aparência, uma imagem de perversidade e ódio tornados visíveis; e poucos conseguiam encarar o Olho de Sauron, o Terrível. TOLKIEN, 2009 A, p. 220.

19

Vendo a desolação do mundo, Sauron conclui em seu íntimo que os Valar, tendo destronado Morgoth, tinham mais uma vez se esquecido da Terra-média. E seu orgulho cresceu rapidamente. Ele encarava os eldar com ódio, e temia os homens de Númenor, que de vez em quando voltavam em seus barcos às costas da Terra-média; mas por muito tempo disfarçou seu pensamento e ocultou os desígnios sinistros que elaborava no coração.

Sauron descobriu que os homens eram os mais fáceis de influenciar dentre todos os povos da Terra; mas por muito tempo procurou convencer os elfos a lhe prestarem serviço, pois sabia que os Primogênitos tinham maior poder. E andava livremente em meio a eles, e sua aparência ainda era de alguém belo e sábio. Somente a Lindon não ia, pois Gil-galad e Elrond duvidavam dele e de sua bela aparência; e, embora não soubessem quem ele era na realidade, não admitiam sua entrada naquele território. Em outras partes, entretanto, os elfos o recebiam com prazer, e poucos deles davam ouvidos aos mensageiros de Lindon que lhes recomendavam cautela. Pois Sauron adorou o nome de Annatar Senhor dos Presentes, e a princípio muito proveito eles tiraram da amizade com ele. TOLKIEN, 2009 A, p. 223.

Mas com o tempo Galadriel deu-se conta de que Sauron fora outra vez deixado para trás, tal como nos antigos dias do cativo de Melkor [vide O Silmarillion, p. 51]. Ou melhor, visto que Sauron ainda não tinha um nome único, e não se percebera que suas operações procediam de um único espírito malévolos, servo principal de Melkor, ela notou que havia um maligno propósito controlador à solta no mundo, e que parecia provir de uma fonte mais a leste, além de Eriador e das Montanhas da Névoa. TOLKIEN, 2009 B, p. 379.

Foi em Eregion que os conselhos de Sauron foram acolhidos com maior prazer, pois naquela terra os noldor sempre desejaram aumentar a perícia e a sutileza de suas obras. Além do mais, eles não estavam em paz em seu íntimo, já que se haviam recusado a voltar para o oeste e desejavam tanto permanecer na Terra-média, que amavam, quanto gozar da bem-aventurança dos que haviam partido. Por isso, deram ouvidos a Sauron e com ele muito aprenderam, pois seu conhecimento era imenso. Naquela época, os artífices de Ost-in-Edhil superaram tudo o que haviam criado antes. Refletiram, e fizeram Anéis de Poder. Contudo, Sauron guiava seus esforços e estava a par de tudo o que faziam; pois seu desejo era impor uma obrigação aos elfos e mantê-los sob vigilância.

Ora, os elfos fizeram muitos anéis. Em segredo, porém. Sauron fez Um Anel para governar todos os outros, e o poder dos outros estava vinculado ao dele, de modo a submeter-se totalmente a ele e a durar somente enquanto ele durasse. E grande parte da força e da vontade de Sauron foi transmitida àquele Um Anel. Pois o poder dos anéis élficos era enorme, e aquele que deveria governá-los deveria ser um objeto de potência extraordinária. E Sauron o forjou na Montanha de Fogo na Terra da Sombra. E, enquanto usava o Um Anel, ele conseguia perceber tudo o que era feito pelos anéis subalternos, e ler e controlar até mesmo os pensamentos daqueles que os usavam.

Os elfos, entretanto, não se deixariam apanhar com tanta facilidade. Assim que Sauron pôs o Um Anel no dedo, eles se deram conta dele, reconheceram-no e perceberam que ele queria ser senhor deles e de tudo o que eles criavam. Então, enfurecidos e cheios de medo, recolheram seus anéis. Sauron, porém, descobrindo-se traído e vendo que não conseguira enganar os elfos, enfureceu-se. E investiu contra eles em guerra declarada, exigindo que todos os anéis lhe fossem entregues, já que os joalheiros élficos não

poderiam tê-los executado sem seus conhecimentos e conselhos. Mas os elfos fugiram dele; e três dos anéis eles salvaram, levaram embora e esconderam. TOLKIEN, 2009 A, p. 224.

Sauron, entretanto, acumulou nas mãos todos os Anéis de Poder que restavam. E os distribuiu a outros povos da Terra-média, esperando assim atrair para sua influência todos os que desejassem um poder secreto maior do que o atribuído à sua espécie. Sete anéis deu ele aos anões; mas aos homens deu nove, pois os homens se revelaram, nesse aspecto como em outros, os mais propensos a se submeter à sua vontade. E todos esses anéis que ele controlava ele perverteu, ainda com maior facilidade por ter participado de sua confecção; e eles eram amaldiçoados e acabavam por trair todos os que os usavam. Os anões de fato se provaram resistentes e duros de domar. É que eles não suportam o domínio de outros, e é difícil descobrir o que passa em seus corações; além disso, não podem ser transformados em sombras. Usavam seus anéis somente para a obtenção de riquezas, mas a cólera e uma cobiça avassaladora por ouro foram despertados em seu íntimo, e disso bastantes malefícios resultaram em proveito de Sauron. Diz-se que a origem de cada um dos Sete Tesouros dos Reis Anões de outrora foi um anel de ouro. Mas todos esses tesouros já há muito foram pilhados, e os dragões os devoraram; e dos Sete Anéis alguns foram consumidos pelo fogo, e alguns Sauron recuperou.

Revelou-se mais fácil atrair os homens para a armadilha. Os que usaram os nove Anéis tornaram-se poderosos no seu tempo, reis, feiticeiros e guerreiros do passado remoto. Conquistaram glória e enorme fortuna, mas elas acabaram sendo sua desgraça. Ao que parecia eles tinham vida eterna, mas a vida se tornou insuportável para eles. Podiam caminhar, se quisessem, sem serem vistos por nenhum olhar neste mundo sob o sol; e podiam enxergar coisas em mundos invisíveis para os mortais. Mas com enorme freqüência viam apenas os espectros e as ilusões de Sauron. E um a um mais cedo ou mais tarde, de acordo com sua força inata e a bondade ou a maldade de suas vontades no início, eles caíam sob a escravidão do anel que portavam e sob o domínio do Um, que era o de Sauron. E se tornavam invisíveis para sempre, menos para ele, que usava o Anel Governante e passavam para o reino das sombras.

Os nazgûl eram eles, os Espectros do Anel os mais terríveis servos do Inimigo. A escuridão ia com eles, e seus gritos eram dados com a voz da morte. Ora, a cobiça e o orgulho de Sauron aumentaram até ele não respeitar nenhum limite e decidir tomar-se senhor de todas as coisas na Terra-média, destruir os elfos e provocar, se possível, a queda de Númenor. Ele não tolerava nenhuma liberdade nem rivalidade e se intitulou Senhor da Terra. Uma máscara ainda conseguia usar para poder enganar os olhos dos homens, se quisesse, parecendo-lhes sábio e belo. No entanto, governava mais pela força e pelo medo, se esses pudessem resolver. E aqueles que percebiam sua sombra a se espalhar pelo mundo o chamavam de Senhor do Escuro, e de Inimigo. E ele voltou a reunir sob seu comando todos os seres nefastos dos tempos de Morgoth que permaneciam na terra ou debaixo dela; e os orcs eram seus súditos e se multiplicavam como moscas. Assim começaram os Anos Escuros, que os elfos chamaram de Dias da Fuga. Nessa época, muitos dos elfos da Terra-média fugiram para Lindon, e dali cruzaram os mares para nunca mais retornar; e muitos foram destruídos por Sauron e seus servos. TOLKIEN, 2009 A, p. 225.

20

— Muito depois, mas ainda há muito tempo, vivia nas margens do Grande Rio, na borda das Terras Ermas, um pequeno povo de mãos ágeis e pés silenciosos. Acho que eram semelhantes aos hobbits; parentes dos pais dos pais dos Grados, pois amavam o Rio e sempre nadavam nele, ou faziam pequenos barcos de junco.

Havia entre eles uma família muito considerada, pois era maior e mais rica que a maioria, que era governada pela avó, senhora austera e conhecedora da história antiga de seu povo. O elemento mais curioso e mais ávido de conhecimento dessa família se chamava Sméagol. Ele se interessava por raízes e origens; mergulhava em lagos fundos, fazia escavações embaixo de árvores e plantas novas, abria túneis em colinas verdes; com o tempo, deixou de olhar os topos das colinas, as folhas nas árvores, e as flores se abrindo no ar: sua cabeça e olhos só se dirigiam para baixo.

— Tinha um amigo chamado Déagol, parecido com ele, de olhos mais penetrantes mas não tão rápido ou forte. Uma vez pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis, onde havia grandes canteiros de íris e juncos em flor. Ali Sméagol desceu e foi fuçar as margens, mas Déagol ficou sentado no barco pescando. De repente um grande peixe mordeu a isca, e antes que soubesse onde estava, ele foi arrastado para fora do barco e dentro da água, até o fundo. Então soltou a linha, pois julgou ver alguma coisa brilhando no leito do rio, e prendendo a respiração conseguiu apanhá-la.

— Depois subiu soltando bolhas, com plantas em seu cabelo e um monte de lama na mão, e nadou até a margem. E veja só! Quando limpou a lama, viu em sua mão um lindo anel de ouro, que brilhava e resplandecia ao sol. Seu coração se alegrou. Mas Sméagol tinha ficado vigiando de trás de uma

árvore, e enquanto Déagol se regozijava com o anel, Sméagol chegou devagar por trás dele, —Dê isso para nós, Déagol, meu querido!, disse Sméagol sobre o ombro do amigo.

—Por quê?!, perguntou Déagol.

—Porque é meu aniversário, meu querido, e eu quero isso!, disse Sméagol.

—Eu não ligo, disse Déagol. —Eu já lhe dei um presente de aniversário, que foi mais do que eu podia. Eu encontrei isso, e vou ficar com ele. —Vai mesmo, meu querido?! disse Sméagol; e segurou Déagol pela garganta e o estrangulou, porque o ouro era tão brilhante e bonito. Depois pôs o anel em seu dedo.

— Jamais se descobriu o que tinha acontecido com Déagol; foi assassinado longe de casa, e seu corpo foi habilmente escondido. Mas Sméagol voltou sozinho, e descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito satisfeito com essa descoberta e a ocultou. Usava-a para descobrir segredos, e se descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito satisfeito com essa descoberta e a ocultou. Usava-a para descobrir segredos, e se aproveitava de seus conhecimentos em feitos desonestos e maliciosos. Ficou com olhos perspicazes e ouvidos aguçados para tudo que fosse pernicioso. O anel tinha lhe dado poderes de acordo com sua estatura. Não é de admirar que tenha se tornado muito impopular e que fosse evitado (quando visível) por todos os seus parentes. Estes o chutavam, e ele mordida seus pés. Começou a roubar e a andar por aí resmungando para si mesmo, gorgolejando. Por isso chamavam-no de Gollum e o amaldiçoavam, e lhe diziam para ir embora; sua avó, querendo paz, expulsou-o da família e o pôs para fora de sua toca.

— Vagou sozinho, chorando um pouco pela dureza do mundo, e viajou rio acima, até chegar a um riacho que descia das montanhas, seguindo esse caminho. Capturava peixes em lagos fundos com dedos invisíveis e os comia crus. Num dia muito quente, quando se inclinava sobre um lago, sentiu algo queimando na sua nuca, e uma luz ofuscante que vinha da água doeu em seus olhos molhados. Surpreendeu-se com isso, pois havia quase se esquecido da existência do sol. Então, pela última vez, olhou para cima e o desafiou com o punho fechado.

— Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias, de onde vinha o riacho. E de repente pensou: —Debaixo daquelas montanhas deve ser um lugar fresco e de muita sombra. O sol não poderia me olhar ali. As raízes dessas montanhas devem ser raízes de verdade; deve haver grandes segredos enterrados lá que não foram descobertos desde o início.

— Então viajou de noite pelas montanhas, e encontrou uma pequena caverna, da qual corria o riacho escuro; e fez o caminho rastejando, como uma larva entrando no coração das montanhas; e sumiu de todo o conhecimento. O Anel entrou nas sombras com ele, e nem mesmo quem o fez, quando seu poder começou a crescer novamente, pôde saber qualquer coisa sobre o assunto. TOLKIEN, 2010 A, p. 87 – 90.

— Receio que isso seja a pura verdade — disse Gandalf. — Mas havia algo mais nisso tudo, eu acho, que você ainda não pode ver. Até mesmo Gollum não estava totalmente arruinado. Provou ser mais resistente até do que um dos Sábios poderia imaginar — como também pode acontecer com um hobbit. Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma luz que vinha do passado. Penso que na verdade deve ter sido bom para ele ouvir uma voz agradável novamente, trazendo lembranças do vento, das árvores, e do sol na grama, e coisas desse tipo que estavam esquecidas.

— Mas é óbvio que isso só iria fazer com que a sua parte má ficasse mais furiosa no fim — a não ser que pudesse ser conquistada. A não ser que pudesse ser curada. — Gandalf suspirou. — Infelizmente, há poucas chances. Mas ainda há esperança. Sim, pois embora ele tivesse possuído o Anel por um período tão longo, incluindo quase todo o espaço de que possa se lembrar, já fazia tempo que não o usava muito: na negra escuridão era quase desnecessário. Certamente Gollum nunca —desapareceu. Está magro e ainda resistente. Mas a coisa estava devorando sua mente, é claro, e o tormento já era quase insuportável.

— Todos os —grandes segredos sob as montanhas acabaram se transformando apenas numa noite vazia: não havia mais nada para descobrir, nada que valesse a pena fazer, apenas comer coisas nojentas furtivamente e remoer ressentimentos. Odiava a escuridão, e ainda mais a luz: odiava tudo, e acima de tudo o Anel. TOLKIEN, 2010 A, p. 90 – 91.

21

— Ah! O Anel — disse Boromir, com os olhos faiscando. — O Anel! Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez?

Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. **Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável.**

— É melhor que ele fique escondido — respondeu ele.

— Como quiser. Não me preocupo — disse Boromir. — Mas não posso nem falar dele? Pois você parece estar sempre pensando só no poder do Anel nas mãos do Inimigo: em seus usos maléficos, e não nos bons. O mundo está mudando, você diz. Minas Tirith vai perecer, se o Anel perdurar. Mas por quê? Certamente seria assim se o Anel estivesse com o Inimigo. Mas por quê, se estivesse conosco?

— Você não estava no Conselho? — respondeu Frodo. — Porque não podemos usá-lo, e porque o que é feito com ele se transforma em malefício.

Boromir levantou-se e ficou andando de um lado para outro, impaciente.

— Você continua dizendo isso — exclamou ele. — Gandalf, Elrond... todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. **Homens de coração sincero, estes não serão corrompidos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de provações.** Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. **Os corajosos, os destemidos, só estes conseguirão a vitória. O que não poderia fazer um guerreiro nesta hora, um grande líder?** O que Aragorn não poderia fazer? Ou, se ele se recusar, por que não Boromir? O Anel poderia me dar poder de Comando. Como eu poderia rechaçar os exércitos de Mordor, e todos os homens seguiriam minha bandeira!

Boromir andava para cima e para baixo, falando cada vez mais alto.

Parecia quase que tinha esquecido de Frodo, enquanto sua fala se detinha em muralhas e armas, e no ajuntamento de tropas de homens; fazia planos para grandes alianças e gloriosas vitórias futuras; e destruía Mordor e se tornava um rei poderoso, benevolente e sábio. De repente, parou e agitou os braços.

— E eles nos dizem para jogá-lo fora! — gritou ele. — Não digo destruí-lo. Isso seria bom, se racionalmente pudéssemos ter alguma esperança de fazê-lo. Mas não podemos. O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura!

— Certamente você está entendendo, meu amigo? — disse ele, voltando-se agora de repente para Frodo outra vez. — Você diz que está com medo. Se é assim, os mais corajosos devem perdô-lo. Mas não seria na verdade o seu bom senso que se revolta?

— Não, estou com medo — disse Frodo. — Simplesmente com medo. Mas estou feliz por ter ouvido você falar tão abertamente. Minha mente agora está menos confusa.

— Então você virá para Minas Tirith? — gritou Boromir, com os olhos brilhando e o rosto ansioso.

— Você não está me entendendo — disse Frodo.

— Mas você virá, pelo menos por um tempo? — persistiu Boromir. — Minha cidade não está longe agora, e a distância de lá até Mordor é um pouco maior do que se partíssemos daqui. Faz tempo que estamos viajando por lugares desertos, e você precisa saber o que o Inimigo está fazendo antes de tomar uma decisão. Venha comigo, Frodo — disse ele. — Você precisa descansar antes de sua aventura, se é que precisa mesmo ir. — Colocou a mão no ombro do hobbit de um modo amigável, **mas Frodo sentiu a mão tremendo com uma agitação contida.** Deu um passo abrupto para trás, e olhou alarmado para aquele homem alto, com quase o dobro de seu tamanho e muitas vezes mais forte que ele.

— Por que essa hostilidade? — perguntou Boromir. — Sou um homem sincero. Não sou ladrão nem perseguidor. Preciso de seu Anel: agora você já sabe; mas dou-lhe minha palavra de que não pretendo ficar com ele. Você não permitiria pelo menos que eu tentasse pôr em prática meu plano? Empreste-me o Anel!

— Não! Não! — gritou Frodo. — O Conselho designou-me como Portador.

— É por nossa própria tolice que o Inimigo vai nos derrotar — gritou Boromir. — Isso me enfurece! Tolo! Tolo obstinado! Correndo de livre e espontânea vontade em direção à morte, e arruinando nossa causa. Se algum mortal tem o direito de reivindicar o Anel, esse direito pertence aos homens de Númenor, e não aos pequenos. O direito não é seu, exceto por um acaso infeliz, Podia ter sido meu. Devia ser meu. Dê-me o Anel!

Frodo não respondeu, mas se afastou até que a grande pedra plana ficasse entre eles.

— Vamos, vamos, meu amigo! — disse Boromir numa voz mais suave. — Por que não se livrar dele? Por que não se libertar de sua dúvida e de seu medo? Você pode colocar a culpa em mim, se quiser. Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você ,

pequeno — gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo.

Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou -o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção.

O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

— Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldição você e todos os pequenos com a morte e a escuridão!

Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar. Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— O que eu disse? — gritou ele. — O que eu fiz? Frodo, Frodo! — chamou ele. — **Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou. Volte!**

Não houve resposta. Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe, saltando cegamente pela trilha, em direção ao topo da colina. Estava atormentado de pavor e tristeza, **vendo em pensamento o rosto louco e enfurecido de Boromir, e seus olhos flamejantes.**

Logo já estava no topo do Amon Hen, e parou, tomando fôlego. Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. No centro, instalada sobre quatro pilares esculpidos, estava uma cadeira alta, à qual se chegava por uma escada de muitos degraus.

Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas.

No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele. Então, aqui e ali a névoa cedeu e ele viu muitas imagens: pequenas e nítidas como se estivessem sob seus olhos numa mesa, e ao mesmo tempo remotas. Não havia sons, só imagens claras e vívidas. Parecia que o mundo tinha encolhido e silenciado. Ele estava sobre o Trono da Visão no Amon Hen, a Colina do Olho dos homens de Númenor. **Ao Leste, examinou as terras selvagens que não estavam nos mapas, planícies sem nome, e florestas inexploradas.**

Olhou para o Norte e o Grande Rio jazia como uma fita embaixo dele; as Montanhas Sombrias se erguiam pequenas e rígidas como dentes quebrados. **No Oeste viu as pastagens largas de Rohan, e Orthanc, o pináculo de Isengard, como um ferrão preto.** Olhou ao Sul, e bem abaixo de seus pés o Grande Rio se enrolava como uma onda enorme e se jogava sobre as cachoeiras de Rauros num abismo de espuma; um arco -íris brilhante brincava na fumaça. E viu Ethir Anduin, o grande delta do Rio, e milhares de pássaros marinhos rodopiando como uma poeira branca ao sol, e debaixo deles um mar verde e prateado, encrespando-se em linhas intermináveis.

Mas em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanhas Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. Sob os galhos da Floresta das Trevas havia contendas mortais entre elfos e homens e animais cruéis. A terra dos beornings estava em chamas; uma nuvem cobria Moria; fumaça subia das fronteiras de Lórien.

Cavaleiros galopavam sobre a relva de Rohan; de Isengard jorravam lobos.

Dos portos de Harad, navios de guerra saíam para o mar; **e do Oeste saíam homens sem parar: espadachins, lanceiros, arqueiros, carruagens levando líderes e carroças carregadas.** Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, **Frodo viu Minas Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mais forte.**

Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol.

O fogo reluzia em meio à fumaça.

A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportável empestava o ar.

Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. **Perdeu todas as esperanças.**

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava. TOLKIEN, 2010. A, p. 614 – 619. Grifos meus.

22

Quando Sauron ouviu falar do arrependimento e da revolta de Celebrimbor, seu disfarce caiu e sua ira se revelou. E reunindo um grande exército, avançou sobre Calenardhon (Rohan) para invadir Eriador no ano de 1695. Quando Gil-galad recebeu notícias disso, enviou um exército comandado por Elrond Meio-Elfo; mas Elrond tinha um longo caminho a percorrer, e Sauron voltou-se para o norte prosseguindo imediatamente para Eregion. Os batedores e a vanguarda da hoste de Sauron já se aproximavam quando Celeborn fez uma investida e os rechaçou; mas, embora conseguisse reunir suas forças às de Elrond, não puderam voltar a Eregion, pois a hoste de Sauron era muito maior que a deles, grande o suficiente para mantê-los à distância e ao mesmo tempo atacar Eregion com vigor. Finalmente os atacantes irromperam em Eregion com ruína e devastação e capturaram o principal objeto do ataque de Sauron, a Casa dos Mírdain, onde estavam suas forjas e seus tesouros. Celebrimbor, desesperado, enfrentou Sauron ele mesmo na escadaria da grande porta dos Mírdain; mas foi agarrado e feito prisioneiro, e a Casa foi saqueada. Lá Sauron apossou-se dos Nove Anéis e de outras obras menores dos Mírdain; mas não conseguiu encontrar os Sete e os Três. Então Celebrimbor foi torturado, e Sauron descobriu por ele a quem haviam sido confiados os Sete. Isso foi revelado por Celebrimbor porque nem os Sete nem os Nove tinham tanto valor para ele quanto os Três. Os Sete e os Nove foram feitos com o auxílio de Sauron, ao passo que os Três foram feitos por Celebrimbor sozinho, com poder e propósito diversos. TOLKIEN, 2009 B, p. 383 – 384.

23

Então, Tar-Ancalimon, filho de Atanamir, tomou-se Rei. E seu pensamento era semelhante. E, em seu reinado. O povo de Númenor tornou-se dividido. De um lado, havia a maioria, e estes eram chamados de Homens do Rei. Tornaram-se arrogantes e se distanciaram dos eldar e dos Valar. E do outro lado, havia a minoria, e esses eram chamadas de elendili, os amigos-dos-elfos. Pois, embora continuassem leais de fato ao Rei e à Casa de Elros, desejavam manter a amizade dos eldar e escutavam os conselhos dos Senhores do Oeste. Não obstante, nem mesmo eles, que se intitulavam os Fiés escapavam totalmente da aflição de seu povo, e eram atormentados pela idéia da morte. TOLKIEN, 2009 A, p. 207 – 208.

24

Ocorreu assim que os númenorianos pela primeira vez estabeleceram grandes colônias nas costas ocidentais das terras antigas, pois sua própria terra lhes parecia restrita, e eles não tinham descanso nem alegria dentro de seus limites; e agora desejavam prosperar e dominar a Terra-média, já que o oeste lhes fora negado. Amplos portos e fortes torres eles construíram; e lá muitos fixaram residência; mas agora apareciam mais como senhores, chefes e cobradores de tributos do que como alguém que presta auxílio ou ensina. E as enormes embarcações dos númenorianos eram levadas para o leste pelos ventos e voltavam sempre carregadas. O poder e a majestade de seus reis aumentavam; e eles bebiam, se banqueteavam e se vestiam em ouro e prata.

Em tudo isso, os amigos-dos-elfos tinham pequena participação. Somente eles agora iam ao norte e à terra de Gil-galad, mantendo amizade com os elfos e lhes prestando auxílio contra Sauron; e seu porto era Pelargir, a montante das Fozes do Anduin, o Grande. Já os Homens do Rei navegavam muito longe, na direção sul; e os domínios e fortalezas criados por eles deixaram muitos rumores nas lendas dos homens. TOLKIEN, 2009 A, p. 208.

Naqueles tempos, a Sombra foi ficando mais densa sobre Númenor; e as vielas dos Reis da Casa de Elros foram reduzidas em virtude de sua rebelião, mas eles endureceram seus corações ainda mais contra os Valar. E o décimo nono rei recebeu o certo de seus antepassados, e subiu ao trono com o nome de Adúnakhor, Senhor do Oeste, abandonando os idiomas élficos e proibindo seu uso ao alcance de seus ouvidos. Contudo, no Pergaminho dos Reis, o nome Herunúmen foi inscrito no idioma alto-élfico em obediência ao costume antigo, que os reis temiam despeitar totalmente, com medo de que algum mal acontecesse. Ora, esse título pareceu muito arrogante aos Fiéis, por ser o título dos Valar, e seus corações enfrentaram um terrível dilema entre sua lealdade à Casa de Elros e sua reverência aos Poderes

designados. No entanto, o pior ainda estava por vir Pois Ar-Gimilzôr, o vigésimo segundo rei, foi o maior inimigo dos Fiéis. Em seu reinado, não cuidaram da Árvore Branca, e ela começou a definhir. E ele proibiu terminantemente o uso dos idiomas élficos, além de punir aqueles que acolhessem as embarcações de Eressëa que ainda vinham em segredo às costas ocidentais da Terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 209.

Depois da Casa real, a de maior nobreza era a dos Senhores de Andúnië, pois eles pertenciam à linhagem de Elros, sendo descendentes de Silmarien, filha de Tar-Elendil, o quarto rei de Númenor. E esses senhores eram leais aos reis e lhes prestavam reverência; e o Senhor de Andúnië sempre estava entre os principais conselheiros do Trono. Contudo, também desde o início, eles nutriam amor especial pelos eldar e veneração pelos Valar. E, à medida que a Sombra se espalhava, eles ajudavam os Fiéis no que fosse possível. Por muito tempo, entretanto, não se declararam abertamente e preferiram procurar corrigir os corações dos Senhores do Cetro com conselhos mais prudentes. TOLKIEN, 2009 A, p. 209 – 210.

Entretanto, ao subir ao trono, Inziladûn voltou a adotar um título no idioma élfico de outrora, denominando-se Tar-Palantir, pois tinha excelente visão tanto no olhar quanto no pensamento, e mesmo os que o odiavam. Temiam suas palavras como temeriam as de um vidente. Por algum tempo, ele deixou os Fiéis em paz: e voltou a freqüentar nas devidas ocasiões o Local Sagrado de Eru, na Meneltarma. Que Ar-Gimilzôr abandonara. Da Árvore Branca, ele agora cuidava com honrarias. E profetizou que, quando a Árvore perecesse. Também chegaria ao fim a linhagem dos Reis. Seu arrependimento chegou, porém tarde demais para apaziguar a cólera dos Valar provocada pela insolência de seus antepassados, da qual a maior parte de seu povo não se arrependia. E Gimilkhâd era forte e violento. Ele assumiu a liderança daqueles que antes eram chamados de homens do Rei, opondo-se abertamente à vontade do irmão tanto quanto ousava, e ainda mais às ocultas. Foram, assim, os dias de Tar-Palantir anuviados pela mágoa. E ele costumava passar grande parte do tempo no oeste. Lá subia a antiga torre do Rei Minastir sobre a colina de Oromet perto de Andúnië, de onde olhava para o oeste ansioso, esperando enxergar talvez uma vela no mar. Porém, nenhuma embarcação jamais voltou a sair do oeste para Númenor, e Avallónë estava sempre envolta em nuvens. TOLKIEN, 2009 A, p. 210.

Então, Ar-Pharazôn, o Rei, voltou-se para o culto do Escuro e de Melkor, seu Senhor, a princípio em segredo; mas dentro em pouco abertamente e diante de seu povo. E eles em sua grande maioria o imitaram. Contudo, ainda havia um remanescente dos Fiéis, como foi relatado, em Rómenna e nos territórios próximos; e mais alguns espalhados aqui e ali pela Terra. Entre eles os chefes, a quem recorriam em busca de liderança e coragem em tempos funestos, eram Amandil, conselheiro do Rei, e seu filho Elendil, cujos filhos eram Isildur e Anárion, na época jovens, pelos cálculos de Númenor. Amandil e Elendil eram grandes comandantes de navios, e eram da linhagem de Elros Tar Mínyatur, embora não fossem da Casa governante a quem pertenciam a coroa e o trono na cidade de Armenelos.

Nos dias de sua juventude, quando andavam juntos, Amandil havia sido caro a Pharazôn e, apesar de pertencer aos amigos-dos-elfos, permanecera no conselho até a vinda de Sauron. Agora era dispensado, pois Sauron o detestava mais do que a qualquer outro em Númenor. No entanto, ele era tão nobre e havia sido tão notável como capitão no mar, que ainda era reverenciado por muitas pessoas, e nem o Rei nem Sauron ousavam por enquanto colocar as mãos nele.

Por conseguinte, Amandil retirou-se para Rómenna, e todos aqueles que ele sabia ainda serem fiéis, foram convocados para ir para lá em segredo Pois ele tendia que o mal agora crescesse rápido e que todos os amigos-dos-elfos corresse perigo E isso logo aconteceu. Pois Meneltarma estava totalmente abandonada naquela época; e, embora nem mesmo Sauron ousasse profanar aquele local sublime, mesmo assim o Rei não permitia que nenhum homem, sob pena de morte, escalasse a montanha, nem mesmo aqueles Fiéis que mantinham Ilúvatar em seus corações. E Sauron recomendou ao Rei que cortasse a Árvore Branca, Nimloth, a Bela, que crescia em seus pátios, pois ela era uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 213.

Dali em diante, as labaredas e a fumaça subiam incessantes, pois o poder de Sauron crescia e, naquele templo, com derramamento de sangue, tormentos e crueldade imensa, os homens faziam sacrifícios a Melkor para que ele os libertasse da morte. E o mais freqüente era que escolhessem suas vítimas entre os Fiéis. Porém, eles nunca eram acusados abertamente de não adorar Melkor, o Doador da Liberdade, mas o motivo para persegui-los era seu ódio ao Rei, o fato de serem rebeldes ou de tramar contra sua gente, inventando mentiras e venenos. Essas acusações eram em sua maioria falsas. Contudo, aqueles foram dias amargos, e ódio gera ódio. TOLKIEN, 2009 A, p. 214.

Assim, Ar-Pharazôn, Rei da Terra da Estrela, chegou a ser o tirano mais poderoso que já havia existido no mundo desde o reino de Morgoth, embora de fato Sauron tudo governasse por trás do trono. Passaram, porém, os anos, e o Rei sentiu a aproximação da sombra da morte, à medida que sua idade avançava. Foi dominado então pelo medo e pela cólera. Era agora chegada a hora que Sauron preparara e pela qual vinha esperando havia muito tempo. E Sauron falou com o Rei, dizendo que sua força era agora tamanha, que ele poderia pensar em fazer valer sua vontade em todos os aspectos sem se sujeitar a nenhuma ordem ou interdição.

- Os Valar se apossaram da terra em que não há morte; e eles lhe dizem mentiras a respeito dela, ocultando-a da melhor forma possível, por causa de sua avareza e de seu temor de que os Reis dos Homens lhes tomem o reino imortal e governem o mundo em seu lugar. E embora, sem dúvida, o dom da vida eterna não seja para todos, mas apenas para aqueles que o merecem, por serem homens de poder, orgulho e alta linhagem, é uma negação de toda a justiça que esse dom, que é seu direito, seja recusado ao Rei dos Reis, Ar-Pharazôn, o mais poderoso dos filhos da Terra com quem somente Manwë pode se comparar, e talvez nem mesmo ele. Mas grandes reis não toleram recusas e tomam o que é seu por direito.

Ar-Pharazôn, então, atoleimado e já caminhando sob a sombra da morte, pois seu tempo se aproximava do fim, deu ouvidos a Sauron e começou a ponderar em seu íntimo como empreender uma guerra contra os Valar. Muito tempo dedicou à preparação para esse intento, sem falar abertamente sobre ele, embora não fosse possível ocultá-lo de todos. TOLKIEN, 2009 A, p. 215.

Ora, em Eras antigas, na ilha de Númenor, o tempo era sempre propício às necessidades e preferências dos homens: chuva na estação devida e sempre na medida certa; e sol, ora mais quente, ora menos, e ventos do mar. E quando o vento vinha do oeste, a muitos parecia que vinha impregnado de uma fragrância, efêmera, porém agradável, inspiradora, como a de flores eternamente abertas em prados perenes, que não têm nomes em plagas mortais. Tudo isso agora mudara. Pois o próprio céu havia escurecido; e havia tempestades de chuva e granizo naquela época, assim como ventos violentos. E de quando em quando uma grande nau dos númenorianos afundava e não voltava ao porto, embora uma desgraça semelhante não lhes houvesse ocorrido até então desde a ascensão da Estrela. E do oeste às vezes vinha uma enorme nuvem ao entardecer, com a forma de uma águia, com as pontas das asas abertas para o norte e para o sul; e aos poucos ela assomava, encobrindo totalmente o pôr-do-sol, e a escuridão absoluta caía então sobre Númenor. E algumas das águias traziam raios sob as asas, e trovões reverberavam entre o céu e as nuvens.

Surgiu então o medo entre os homens.

- Vejam as Águias dos Senhores do Oeste! - gritavam eles

- As Águias de Manwë estão investindo contra Númenor! - E caíam prostrados.

Então, uns poucos se arrependiam por algum tempo, mas outros endureceram seus corações e brandiram os punhos para os céus.

- Os Senhores do Oeste tramaram contra nós. Estão atacando primeiro. O próximo movimento será nosso! - Essas palavras o próprio Rei pronunciou, mas elas haviam sido maquinadas por Sauron.

Então os raios aumentaram e mataram homens nas colinas, nos campos e nas ruas da cidade. E uma faísca de fogo atingiu em cheio a cúpula do Templo e a fendeu, e ela ficou envolta em chamas. Mas o Templo em si não sofreu abalo, e Sauron ficou de pé em seu pináculo, desafiando os relâmpagos sem ser atingido. E nessa hora os homens o chamaram de deus e fizeram tudo o que ele queria. Quando, contudo, ocorreu o último prodígio, eles lhe prestaram pouca atenção. Pois a terra tremeu sob seus pés; e um ronco semelhante ao de um trovão subterrâneo misturou-se ao bramido do mar; e a fumaça saiu pelo pico da Meneltarma. TOLKIEN, 2009 A, p. 217.

Então, as Águias dos Senhores do Oeste surgiram, saindo do entardecer, dispostas como que para a batalha, avançando numa linha cuo final se reduzia até ficar fora do alcance da vista. E, enquanto se aproximavam, suas asas se abriam cada vez mais e abarcavam o céu. Mas o oeste brilhava vermelho atrás delas; e elas refulgiam embaixo, como se estivessem iluminadas por um fogo de raiva enorme, de modo que toda Númenor parecia colorir-se de uma luz esbraseada. E os homens contemplavam o rosto dos companheiros, e lhes parecia que estavam vermelhos de raiva.

Endureceu então Ar-Pharazôn seu coração e embarcou em sua poderosa nau, Alcarondas, o Castelo do Mar. Era provida de muitos remos e de muitos mastros, dourados e negros, e nela foi instalado o trono de Ar-Pharazôn. Ele então vestiu sua armadura e pôs a coroa na cabeça; mandou hastear o estandarte e deu o sinal para içar âncoras. E naquela hora os clarins de Númenor abafaram o ruído dos trovões.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. Caiu a escuridão sobre a Terra, e o mar estava calmo, enquanto o mundo esperava o que iria acontecer. Lentamente, as esquadras desapareceram da vista dos que olhavam nos portos, suas luzes foram se apagando, e a noite apoderou-se delas. E pela manhã, já não estavam mais lá. Pois surgira um vento leste que as soprou para longe. E elas desrespeitaram a Interdição dos Valar, e entraram em águas proibidas. Para guerrear contra os Imortais, a fim de roubar deles a vida eterna dentro dos Círculos do Mundo.

No entanto, a frota de Ar-Pharazôn foi surgindo das profundezas do oceano e cercou Avallónë e toda a ilha de Eressëa, e os eldar se entristeceram, pois a luz do Sol poente foi tapada pela nuvem dos númenorianos. E, finalmente, Ar-Pharazôn chegou mesmo a Aman, o Reino Abençoado, e às costas de Valinor. E ainda assim o silêncio era total, e o destino estava por um fio.

Pois Ar-Pharazôn hesitou no final e quase retornou. Teve dúvidas em seu coração quando deparou com as praias silenciosas e quando viu Taniquetil brilhando, mais branca do que a neve, mais fria do que a morte, muda, imutável, terrível como a sombra da luz de Ilúvatar. Mas o orgulho era agora seu senhor; e ele afinal deixou sua nau e pisou na praia, reivindicando para si a posse daquela terra se ninguém viesse lutar por ela. E um exército de númenorianos armou um enorme acampamento perto de Túna, de onde todos os eldar haviam fugido. TOLKIEN, 2009 A, p. 218.

26

Portanto, quando Sauron julgou chegada a hora, investiu com força enorme contra o novo reino de Gondor, tomou Minas Ithil e destruiu a Árvore Branca de Isildur que lá estava plantada. Contudo, Isildur escapou, levando consigo uma muda da Árvore, desceu o Rio de barco com a mulher e os filhos, e, velejando, partiu das Fozes do Anduin à procura de Elendil. Enquanto isso, Anárion resistia em Osgiliath contra o Inimigo, e por algum tempo conseguiu rechaçá-lo para as montanhas; mas Sauron voltou a reunir forças, e Anárion percebeu que, a menos que chegasse algum auxílio, seu reino não agüentaria muito mais.

Ora, Elendil e Gil-galad examinaram juntos a questão, pois perceberam que Sauron se fortaleceria demais e derrotaria todos os inimigos, um a um, se eles não se unissem para enfrentá-lo. Criaram portanto aquela liga que é chamada de Última Aliança, e marcharam para o leste, para o interior da Terra-média, reunindo um imenso exército de elfos e homens. E pararam algum tempo em Imladris. Diz-se que as hostes ali reunidas eram mais belas e esplêndidas em armas do que qualquer outra que tenha sido vista desde então na Terra-média; e nenhum contingente mais numeroso foi formado desde que o exército dos Valar atacou as Thangorodrim.

De Imladris, eles atravessaram as Montanhas Nevoentas por muitos desfiladeiros e marcharam ao longo do Rio Anduin, chegando, afinal, a deparar com o exército de Sauron em Dagorlad, a Planície da Batalha, que se estende diante dos portões da Terra Negra. Naquele dia, todos os seres vivos estavam divididos; e alguns de cada espécie, mesmo entre os animais selvagens e as aves eram encontrados dos dois lados, à única exceção dos elfos. Somente eles não se dividiram e seguiram a liderança de Gil-galad. Dos anões, poucos lutaram, fosse de um lado, fosse do outro. Mas a linhagem de Durin de Moria combateu Sauron.

O exército de Gil-galad e de Elendil obteve a vitória, pois o poder dos elfos ainda era tremendo naquele tempo, e os númenorianos eram altos e fortes, e terríveis em sua fúria. A Aeglos, a lança de Gil-galad, ninguém conseguia resistir; e a espada de Elendil enchia os orcs e os homens de medo, pois ela refulgia com a luz do Sol e da Lua, e se chamava Narsil. Então Gil-galad e Elendil entraram em Mordor e cercaram o reduto de Sauron. Sitiaram a fortaleza por sete anos e sofreram graves perdas pelo fogo, por lanças e setas do Inimigo, e Sauron fez muitas investidas contra eles. Ali, no vale de Gorgoroth, Anárion, filho de Elendil, foi morto, além de muitos outros.

No final, porém, o cerco era tão rigoroso, que o próprio Sauron se apresentou; e lutou com Gilgalad e Elendil, matando os dois; e a espada de Elendil quebrou quando ele tombou. Mas Sauron também foi derrubado; e, com o toco de Narsil, Isildur arrancou o Anel Governante da mão de Sauron e ficou com ele para si. Então Sauron foi derrotado por algum tempo e abandonou seu corpo. Seu espírito fugiu para longe e se ocultou em local ermo. E por muitos anos ele não voltou a assumir forma visível. TOLKIEN, 2009 A, p. 229.

27

No momento em que olhava, seus ouvidos atentos distinguiram sons vindos da floresta abaixo,

no lado oeste do Rio. Retesou-se. Eram gritos, e em meio a eles, para seu terror, Aragorn pôde perceber vozes rudes de orcs. Então, de repente, num chamado grave, uma poderosa corneta soou, e seus clangores golpearam as colinas e ecoaram nas concavidades, erguendo-se num grito poderoso acima do rugido da cachoeira.

— **A corneta de Boromir!** — gritou ele. — Ele está em apuros! — Saltou os degraus e desceu a trilha aos pulos. — Que lástima! Uma má sorte paira sobre mim hoje, e tudo o que faço dá errado. Onde está Sam?

Conforme corria, os gritos iam ficando mais nítidos, mas a corneta soava mais fraca e desesperada. Ferozes e agudos cresciam os urros dos orcs, até que de repente a voz da trombeta calou. Aragorn precipitou-se pela última encosta, mas antes que conseguisse atingir o pé da colina os outros sons também foram diminuindo; e no momento em que ele virou à esquerda e correu na direção deles, os gritos sumiram, até que finalmente não podiam mais ser ouvidos. Puxando sua espada reluzente e gritando Elendil! Elendil!

Aragorn irrompeu através das árvores.

A uma milha, talvez, do Parth Galen, numa pequena clareira não muito distante do lago, encontrou Boromir. Estava sentado e recostado numa grande árvore, como se descansasse. Mas Aragorn viu que ele estava perfurado por muitas flechas com plumas negras; ainda se via a espada em sua mão, mas estava quebrada perto do punho.

A corneta, partida em duas, descansava ao seu lado. Viu muitos orcs abatidos, empilhados em toda a volta e aos pés de Boromir.

Aragorn ajoelhou-se ao lado dele. Boromir, abrindo os olhos, esforçava-se para falar. Finalmente, lentas palavras afloraram. — Tentei tirar o Anel de Frodo — disse ele. — Sinto muito. Paguei por isso. — Seu olhar desviou para os inimigos caídos; pelo menos vinte. — Eles se foram; os Pequenos; os orcs os levaram. Acho que não estão mortos. — Fez uma pausa na qual seus olhos se fecharam de cansaço.

Depois de um momento, falou outra vez.

— Adeus, Aragorn! Vá para Minas Tirith e salve meu povo! Eu falhei.

— Não! — disse Aragorn, pegando-lhe a mão e beijando sua fronte. Você venceu. Poucos conseguiram tal vitória. Fique em paz! Minas Tirith não sucumbirá!

Boromir sorriu,

— Para que lado foram? Frodo estava com eles? — perguntou Aragorn. Mas Boromir não falou mais nada. TOLKIEN, 2010 B, p. 4 – 5. Grifos meus.

— Mas essas criaturas de Isengard, esses semi-orcs e homens-orcs que o trabalho maligno de Saruman criou, não vão tremer diante do sol — disse Gamling. — Muito menos os bárbaros das colinas. Não está ouvindo as vozes deles?

— Eu estou ouvindo — disse Éomer —, mas não representam mais que gritos de pássaros e urros de animais aos meus ouvidos.

— Mas há muitos que gritam na língua da Terra Parda — disse Gamling.

— Conheço essa língua. É um dialeto antigo dos homens, que já foi falado em vários vales a oeste da Terra dos Cavaleiros. Escutem! Eles nos odeiam, e estão felizes, pois parecem ter certeza de nosso fim. “O rei, o rei!”, gritam eles. “Vamos capturar o rei deles.

Morte aos Forgoil! Morte aos Cabeças de Palha! Morte aos ladrões do norte!” São esses nomes que usam para nós. Nem em quinhentos anos esqueceram a mágoa que sentiram quando os senhores de Gondor deram a Terra dos Cavaleiros a Eorl, o Jovem, e fizeram com ele uma aliança. Saruman instigou esse antigo ódio. São um povo feroz quando provocado. Não vão ceder agora diante do crepúsculo ou da aurora, até que consigam capturar Théoden, ou até que eles mesmos sejam mortos. TOLKIEN, 2010 B, p. 119. Grifos meus.

— Não lhe dei permissão para sair — disse Gandalf numa voz firme. Ainda não terminei. Você se transformou num tolo, Saruman, e apesar disso causa pena. Poderia ainda ter desviado da loucura e do mal, e ter sido útil. Mas você escolhe ficar e ruminar as pontas de suas antigas tramas. Então fique! Mas eu o aviso, você não vai sair com facilidade outra vez. Não, a menos que as mãos escuras do leste se estendam para apanhá-lo, Saruman! — gritou ele, e sua voz cresceu em poder e autoridade. TOLKIEN, 2010 B, p. 161.

Cordas com ganchos foram jogadas por sobre o parapeito tão rápido que os homens não conseguiam cortá-las ou jogá-las todas de volta. Subiram centenas de longas escadas. Muitas caíam destruídas, mas eram substituídas por muitas outras, e os orcs subiam por elas como os

macacos das escuras florestas do sul. Diante da base da muralha, os mortos e feridos se empilhavam como os destroços de uma tempestade; cada vez mais altos ficaram os horrendos montes, e ainda assim o inimigo avançava. TOLKIEN, 2010 B, p. 117.

Um poder e uma realeza tão grandes revelaram-se em Aragorn, ali parado, sozinho sobre os portões em ruína, diante de uma tropa de inimigos, que muitos **bárbaros pararam,** e olharam por sobre os ombros para trás, na direção do vale; outros olharam para o céu cheios de dúvidas. Mas os orcs riram em altas vozes e uma saraivada de flechas e dardos zuniu sobre a muralha, no momento em que Aragorn descia num salto. TOLKIEN, 2010 B, p. 122.

Um novo temor se apoderou deles. Ouviram o som de cantorias e gritos roucos.

Primeiro parecera muito distante, mas foi se aproximando.

Assaltou-os o pensamento de que os Asas Negras os tinham visto e enviado soldados armados para capturá-los: nenhuma velocidade parecia demasiada para aqueles terríveis servidores de Sauron.

Os três se agacharam e ficaram escutando. As vozes e o tinido de armas e armaduras estavam muito próximos. Frodo e Sam afrouxavam suas pequenas espadas nas bainhas.

Era impossível fugir.

Gollum se ergueu lentamente e se arrastou como um inseto até a borda da concavidade. Com todo cuidado, ergueu-se centímetro por centímetro, até conseguir espiar por entre duas pontas quebradas na rocha. Permaneceu ali imóvel por algum tempo, sem fazer qualquer ruído. De repente as vozes começaram a diminuir outra vez, e então lentamente sumiram. Distante, uma trombeta soou sobre os contrafortes do Morannon.

Depois Gollum silenciosamente recuou e escorregou para dentro da concavidade.

— Mais homens indo para Mordor — disse ele em voz baixa. — **Caras escuras.** Nunca tínhamos visto homens como esses antes, não, Sméagol nunca viu. São cruéis.

Têm olhos negros, e longos cabelos negros, e argolas de ouro nas orelhas; sim, um monte de ouro bonito. E alguns têm tinta vermelha nas faces, e capas vermelhas; e levam bandeiras vermelhas, e vermelhas são as pontas de suas lanças; e têm escudos redondos, amarelos e negros com grandes cravos. Não são bonzinhos; parecem homens muito, muito cruéis. **Quase tão maus quanto os orcs,** e muito maiores. Sméagol acha que eles vieram do sul, de além do fim do Grande Rio: vieram por aquela estrada. Passaram pelo Portão Negro; mas outros podem segui-los. Cada vez mais gente vindo para Mordor. Um dia, todos os povos estarão lá dentro.

— Você viu algum olifante? — perguntou Sam, esquecendo o medo em sua avidez por novidades de lugares estranhos.

— Não, nenhum olifante. O que são olifantes? — disse Gollum.

Sam levantou-se e, com as mãos para trás (como sempre fazia quando “falava poesia”), começou:

*Qual rato, sou cinzento,
Sou grande, um monumento,
Nariz feito um laço,
A terra tremer eu faço,
Quando piso na relva;
Galhos quebro na selva.
Tenho chifre no dente
E caminho pra frente,
Orelhonas abano
Entra ano, sai ano,
O chão piso sem jeito,
Mas no chão nunca deito,
Nem que a morte me tome.
Olifante é meu nome,
Maior de todos, penso,
Alto, velho, sou imenso.
Quem um dia me conhece
De mim jamais se esquece.
Quem não tem essa dita
Em mim não acredita;
Mas sou um Olifante antigo,*

Mentir não é comigo.

— Essa — disse Sam, quando terminou de recitar, essa é uma rima que temos no Condado. Besteira, talvez, ou talvez não. Mas também temos nossas histórias, e notícias vindas do sul, você sabe. Antigamente os hobbits costumavam viajar de vez em quando.

Não que muitos tenham retornado, e não que se acreditasse em tudo o que diziam: notícias de Bri, e não certeza de conversa do Condado, como dizem os ditados. Mas ouvi histórias sobre as pessoas grandes lá das Terras do Sol. Nós os chamamos de **Morenos** em nossas histórias; e eles montam em olifantes, pelo que se diz, quando lutam. Colocam casas e torres nos lombos dos olifantes, e os olifantes jogam pedras e árvores uns nos outros.

Por isso, quando você disse “**Homens do Sul**, todos de vermelho e dourado”, eu disse “você viu algum olifante?”. Pois se tivesse visto, eu ia dar uma olhada, com ou sem risco. — Mas agora acho que nunca verei um olifante. Talvez nem exista um animal assim. TOLKIEN, 2010 B, p. 217 – 219. Grifos meus.

— São cerca de dez léguas daqui até a praia oriental do Anduin — disse Mablung —, raramente chegamos tão longe. Mas temos uma nova missão nesta jornada: viemos preparar uma emboscada para os **homens de Harad**. Malditos sejam!

— E, **malditos sejam os sulistas!** — disse Damrod. — Comenta-se que havia transações antigamente entre Gondor e os reinos de Harad do extremo sul, embora nunca tenha existido amizade. Naqueles dias, nossas fronteiras ficavam lá no sul, além da foz do Anduin, e Umbar, o mais próximo dos reinos deles, reconhecia nosso poder. Mas muito tempo se passou. Já faz muitas vidas de homem que um sulista passou, indo ou vindo, entre nós. Ultimamente soubemos que o Inimigo esteve entre eles, que passaram para o lado d’Ele, ou retornaram a Ele — estavam sempre á sua disposição — **como também fizeram tantos outros no leste**. Não duvido que os dias de Gondor estejam chegando ao fim, e que as muralhas de Minas Tirith estejam condenadas, tão grandes são sua malícia e força.

— Mesmo assim, não vamos ficar de braços cruzados e deixar que Ele faça tudo como desejar — disse Mablung. — **Esses malditos sulistas** vêm agora marchando pelas estradas antigas para aumentar os exércitos da Torre Escura. Sim, pelas mesmas estradas que o trabalho de Gondor construiu. E cada vez avançam com menos cautela, pensando que o poder de seu novo senhor é grande o suficiente, de modo que a mera sombra de suas colinas irá protegê-los. Viemos para lhes ensinar uma outra lição.

Foi-nos reportado há alguns dias que uma grande força deles agora marcha para o norte. Pelos nossos cálculos, um dos regimentos deve passar por volta do meio-dia — na estrada lá em cima, no ponto onde ela atravessa uma fenda. A estrada pode atravessar, mas eles não! Não enquanto Faramir for Capitão. Agora ele lidera em todas as ocasiões perigosas. Mas sua vida tem algum encantamento, ou o destino o poupa para algum outro fim. TOLKIEN, 2010 B, p. 230 – 231. Grifos meus.

Lá, distante, além da triste Gondor agora subjugada pela escuridão, o sol estava descendo, encontrando finalmente a orla da grande muralha de nuvens lentas, e caindo num fogo agourento na direção do Mar ainda não poluído. A breve luz bateu num enorme vulto sentado, parado e solene como os grandes reis de pedra dos Argonath. Os anos o haviam corroído, e mãos violentas o tinham mutilado. A cabeça se fora, e em seu lugar estava colocada em arremedo uma pedra redonda e áspera, rudemente pintada por mãos selvagens á semelhança de um rosto sorridente com um grande olho vermelho no meio da testa. Sobre os joelhos e sobre a cadeira imponente, e ao redor de todo o pedestal, havia garranchos ociosos, misturados aos símbolos grosseiros usados pelos vermes que habitavam Mordor. TOLKIEN, 2010 B, p. 270.

Com relutância Frodo deu as costas para o oeste e foi seguindo os passos de seu guia, entrando na escuridão do leste. Deixaram o círculo de árvores e foram ao longo da estrada na direção das montanhas. Essa estrada também continuava reta por um trecho, mas logo começou a desviar para o sul, até passar exatamente embaixo da grande saliência de pedra que tinham visto à distância. Negra e ameaçadora ela se erguia, mais escura que o céu negro que a emoldurava. TOLKIEN, 2010 B, p. 271.

O grande ruído retumbante, mais alto do que nunca, reboou sob o chão e ecoou nas montanhas. Então, com uma rapidez estonteante, surgiu um grande clarão vermelho. De trás das montanhas orientais ele saltou no céu e tingiu de escarlate as nuvens baixas.

Naquele vale de sombra e de luz fria e mortal parecia insuportavelmente violento e cruel.

Picos de rocha e montanhas, como espadas chanfradas, surgiram negros e assustados contra a chama crescente de Gorgoroth. Então ouviu-se um enorme estrondo de trovão.

E Minas Morgul respondeu. Houve um clarão de relâmpagos lívidos: garfos de fogo azul saltando da torre e das colinas ao redor para dentro das nuvens sombrias. A terra rosou e da cidade veio um grito. Misturado a vezes roucas como as das aves de rapina, e ao relinchar agudo de cavalos alucinados de raiva e medo, veio um guincho dilacerante, que foi rapidamente aumentando num tom agudo, ultrapassando o alcance da audição. Os hobbits se viraram na direção dele, e se jogaram ao chão, com as mãos nos ouvidos.

Quando o terrível grito acabou, morrendo num longo gemido repugnante e depois silenciando, Frodo lentamente levantou a cabeça.

Cortando o vale estreito, agora quase ao nível de seus olhos, as muralhas da cidade maligna se erguiam, e seu portão cavernoso, na forma de uma boca aberta com dentes reluzentes, abriu-se ainda mais. E através do portão avançou um exército.

Toda aquela tropa vestia fardas pretas, escuras como a noite.

Contra as muralhas descoradas e o pavimento luminoso da estrada Frodo podia vê-los, pequenas figuras negras em inúmeras fileiras, marchando rápida e silenciosamente, passando para o lado de fora numa correnteza infinita. Diante deles um grande grupo de cavaleiros avançando como sombras ordenadas, e na frente destes vinha um, maior que todos os outros: um Cavaleiro, todo negro, a não ser por sua cabeça encapuzada que tinha um elmo semelhante a uma corôa, que faiscava com uma luz perigosa. Agora estava se aproximando da ponte, e os olhos atentos de Frodo o seguiam, incapazes de piscar ou desviar-se. Seria ele o Senhor dos Nove Cavaleiros, que retornara à terra para conduzir sua horrenda tropa à batalha? Sim, sem dúvida ali estava o rei desfigurado cuja mão fria apunhalara o Portador do Anel com sua faca mortal. O antigo ferimento latejou de dor e um grande arrepio se espalhou na direção do coração de Frodo.

No momento em que esses pensamentos o enchiam de medo e o mantinham preso, como se sob o efeito de algum tipo de encantamento, o Cavaleiro de repente parou, bem em frente à entrada da ponte, e atrás dele toda a tropa ficou imóvel.

Houve uma pausa, um silêncio total. Talvez fosse o Anel chamando o Senhor dos Espectros, e por um momento ele ficou perturbado, sentindo algum outro poder dentro de seu vale. Para um e outro lado sua cabeça voltou-se, coberta pelo elmo e coroada de terror, esquadrihando as sombras com olhos invisíveis. Frodo esperou, como um pássaro sentindo a aproximação de uma cobra, incapaz de se mexer. E enquanto esperava sentiu, mais insistente que nunca, a ordem para que colocasse o Anel. Mas, embora a pressão fosse grande, Frodo não se sentia inclinado a ceder a ela. Sabia que o Anel só iria traí-lo, e que não tinha, mesmo que o colocasse, poder para enfrentar o Rei de Morgul — ainda não.

Não havia mais qualquer resposta àquela ordem em sua própria vontade, embora estivesse enfraquecida pelo medo, e Frodo sentia apenas os golpes de um grande poder que vinha de fora. Essa força externa tomou sua mão, e enquanto Frodo observava com sua mente, não deliberadamente mas em estado de expectativa (como se estivesse assistindo a alguma distante história antiga), moveu a mão centímetro por centímetro na direção da corrente em seu pescoço. Então sua própria vontade se agitou; lentamente forçou a mão de volta e a pôs à busca de alguma outra coisa, uma coisa escondida perto de seu peito. Parecia fria e dura quando a mão se fechou em volta dela: o frasco de Galadriel, há tanto tempo guardado, e quase esquecido até aquele momento. Quando o tocou, por uns momentos todo o pensamento do Anel foi banido de sua mente. Suspirou e abaixou a cabeça.

Nessa hora o Rei dos Espectros se virou, cravou as esporas no lombo do cavalo e começou a atravessar a ponte, e toda a sua tropa escura o seguiu. Talvez os capuzes élficos tivessem desafiado seu olhar, e a mente de seu pequeno inimigo, fortalecida, tivesse desviado seu pensamento. Mas ele estava com pressa. A hora já tinha soado, e ao comando de seu grande Mestre ele devia **marchar levando a guerra para o oeste.**

Logo desapareceu, como uma sombra entrando na sombra, descendo a estrada tortuosa, e atrás dele ainda as fileiras negras atravessavam a ponte. Um exército tão grande nunca saíra daquele vale desde os dias do poder de Isildur; nenhuma tropa tão desumana e forte em armas houvera investido contra os vaus do Anduin; apesar disso, era apenas uma, e não a maior tropa que Mordor podia enviar.

Frodo se mexeu. E de repente seu coração buscou Faramir. “A tempestade finalmente irrompeu”, pensou ele. “Esse grande conjunto de lanças e espadas está indo para Osgiliath. Poderá Faramir chegar a tempo? Ele supunha, mas será que realmente sabia a hora? E quem poderá proteger os vaus quando o Rei dos Nove Cavaleiros chegar? E outros exércitos virão. Estou atrasado demais. Tudo está perdido. Hesitei no caminho. Tudo está perdido. Mesmo que consiga cumprir minha missão, ninguém jamais saberá. Não haverá ninguém a quem eu possa contar. Terá sido em vão.”

Tomado de fraqueza, Frodo chorou. E a tropa de Morgul ainda atravessava a ponte.

Então, a uma grande distância, como se saísse de lembranças do Condado, nalguma tenra manhã ensolarada, quando o dia chegava e as portas estavam se abrindo, Frodo ouviu a voz de Sam

falando. TOLKIEN, 2010 B, p. 274 – 275. Grifos meus.

— Aiya Eärendil Elenion Ancalima! — gritou ele, sem saber o que tinha dito, pois parecia que outra voz falara através da sua, límpida, não molestada pelo ar pestilento da caverna. Mas há outros poderes na Terra-média, forças da noite, que são antigas e poderosas. E Aquela que andava na escuridão ouvira os elfos gritando aquele grito antigamente, nas profundezas do tempo, e não dera importância a ele, que também não a amedrontava agora. No momento em que Frodo falou, sentiu uma grande força maligna pesar sobre si, e um olhar mortal examinando a sua pessoa. Não muito distante no túnel, entre eles e a abertura onde tinham cambaleado e tropeçado, ele percebeu olhos ficando cada vez mais visíveis, dois grandes aglomerados de olhos com muitas janelas — a ameaça que se aproximava finalmente se desmascarou. A radiação da estrela de cristal se partiu naqueles milhares de facetas e foi lançada de volta, mas atrás do clarão um fogo pálido e mortal começou a brilhar fixo lá dentro, uma chama acesa em alguma escura caverna de pensamento maligno. Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem qualquer esperança de escaparem.

Frodo e Sam, tomados de terror, começaram a recuar devagar, a própria vista presa do olhar terrível daqueles maléficos olhos; mas, conforme recuavam, os olhos avançavam. A mão de Frodo vacilou e lentamente o Frasco foi descendo. Então, de repente, libertados do fascínio que os prendia a fim de que pudessem correr um pouco em pânico inútil, para o divertimento dos olhos, os dois se viraram e correram juntos; mas no momento em que arrancaram Frodo se virou e viu aterrorizado que imediatamente os olhos começaram a persegui-los aos saltos. O odor de morte era como uma nuvem ao seu redor...

A saída estava bloqueada por algum tipo de barreira, que não era feita de pedra: parecia macia e um pouco elástica, e ao mesmo tempo forte e impenetrável; o ar passava por ela, mas não se via qualquer sinal de luz. Mais uma vez avançaram e foram arremessados para trás.

Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.

Cruzando a extensão horizontal e vertical do túnel, uma grande teia fora tecida, metodicamente como a teia de uma enorme aranha, mas com uma textura mais densa e muito maior, e cada fio era grosso como uma corda.

Sam riu de modo sinistro. — Teias de aranha! — disse ele. — Isso é tudo? Mas que aranha! Vamos a elas, acabemos com elas! ...

Sam e seu mestre sabiam muito pouco sobre a astúcia de Laracna. Ela tinha muitas saídas de sua toca.

Ali morara por muitas eras um ser mau na forma de uma aranha, semelhante àqueles que tinham outrora vivido na Terra dos elfos no oeste, que jaz agora sob o Mar, semelhante àqueles contra os quais Beren lutara nas Montanhas de Terror em Doriath, e assim encontrou Lúthien sobre a verde relva em meio às cicutas sob o luar, há muito tempo. Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão. Por toda a volta suas crias menores, bastardos dos companheiros miseráveis, seus próprios filhos que ela matava, espalharam-se de vale em vale, das Ephel Dúath até as colinas do leste, até Doí Guldur e as fortalezas da Floresta das Trevas. Mas nenhuma se comparava a ela, Laracna, a Grande, última filha de Ungoliant a importunar o mundo infeliz.

Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.

Mas a ganância dela não era a dele. Ela pouco sabia e não se preocupava com torres ou anéis ou qualquer coisa criada por mentes ou mãos, ela que só desejava a morte para todos os outros, mentes e corpos, e para si mesma uma fartação de vida, solitária, inchada até que as montanhas não mais conseguissem abrigá-la, até que a escuridão não a pudesse conter.

Mas esse desejo estava muito distante, e havia muito tempo ela estava faminta, espreitando no seu covil, enquanto o poder de Sauron crescia, e a luz e os seres vivos abandonavam suas fronteiras, e a cidade no vale ficou morta, e nenhum elfo ou homem se aproximava, apenas os infelizes orcs. Comida ruim e arisca. Mas ela precisava comer, e, por mais que se empenhassem em cavar novos caminhos

sinuosos que vinham da passagem e de sua torre, ela sempre achava um modo de enganá-los.

Mas ela desejava carne mais tenra. E Gollum lhe trouxera.

— Veremos, veremos — ele sempre dizia a si mesmo, quando a disposição maligna o atacava, quando andava nas estradas perigosas que vinham das Eryn Muil para o vale Morgul — vamos ver. Pode muito bem ser, sim, pode muito bem ser que, quando Ela jogar fora os ossos e as vestes vazias, nós possamos encontrá-lo, e vamos pegá-lo, o Precioso, uma recompensa para o pobre Sméagol, que traz comida boazinha. E vamos salvar o Precioso, como prometemos. É sim. E, quando o tivermos a salvo, então Ela vai ficar sabendo, é sim, e então vamos dar-lhe o troco, meu precioso. Então vamos dar o troco a todo o mundo! Assim pensava num canto escondido de sua mente, que ele ainda tinha esperança de esconder dela, mesmo quando viera até ela de novo e lhe fizera uma grande reverência, enquanto seus companheiros dormiam.

Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a idéia de tê-la morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. E os orcs eram escravos úteis, mas ele os tinha em abundância. Se de vez em quando Laracna capturasse algum para amenizar seu apetite, era bem-vinda: Sauron podia dispor deles. E algumas vezes, como um homem pode jogar uma guloseima para sua gata (chama-a de minha gata, mas ela não é dele), Sauron costumava enviar-lhe prisioneiros para os quais não tinha melhores usos: ordenava que fossem conduzidos até a toca, e que lhe fossem trazidos relatórios das brincadeiras que ela aprontava.

Assim viviam ambos, deliciando-se com as próprias tramóias, sem temer ataque ou ira ou o fim de suas maldades. Nunca jamais qualquer mosca escapara das teias de Laracna, e sua fome e sua ira estavam agora maiores do que nunca...

Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio. Um pouco à frente e à esquerda ele a viu, saindo de um buraco negro de sombra sob o penhasco, a forma mais odiosa que ele jamais vira, horrível além do horror de um pesadelo. Era muito semelhante a uma aranha, mas maior que as grandes feras caçadoras, e mais terrível que elas por causa do propósito maligno em seus olhos sem remorso. Os mesmos olhos que ele pensava estarem derrotados e vencidos acendiam-se outra vez numa luz cruel, agrupados em sua cabeça protuberante. Tinha grandes chifres, e atrás de seu curto pescoço em forma de haste estava um enorme corpo inchado, um vasto saco intumescido, balançando e caído por entre as pernas o tronco era preto, manchado com marcas lívidas, mas a barriga embaixo era clara e luminosa, exalando um cheiro ruim. As pernas eram curvas, com grandes juntas nodosas bem acima de suas costas, e tinha pêlos espetados como espinhos de aço, e na extremidade de cada perna havia uma garra.

Assim que, apertando o corpo mole e pesado e dobrando as pernas, ela saiu pela abertura superior de sua toca, moveu-se a uma terrível velocidade, ora correndo sobre suas pernas rangentes, ora dando um salto repentino. Estava entre Sam e seu mestre. Ou não estava enxergando Sam ou o evitava naquele momento por ser ele o portador da luz, e fixava toda a sua atenção em uma presa, em Frodo, privado de seu Frasco, correndo descuidadamente pela trilha, inconsciente ainda do perigo que o ameaçava. Ele corria rápido, mas Laracna era mais rápida; em alguns saltos poderia capturá-lo.

Sam respirou fundo e reuniu todo o fôlego que lhe restava para gritar.

— Cuidado atrás! — berrou ele. — Cuidado, mestre! Eu... — mas de repente seu grito foi emudecido.

Uma longa mão pegajosa cobriu-lhe a boca e uma outra o pegou pelo pescoço, enquanto alguma coisa se enrolava em torno de sua perna. Pego de surpresa, ele tombou para trás e caiu nos braços de quem o atacara.

— Pegamos ele! — chiou Gollum ao seu ouvido. — Finalmente, meu precioso, nós pegamos ele, é sim, o hobbit malvado. Nós fica com este. Ela fica com o outro. E sim, Laracna vai pegar ele, não Sméagol: ele prometeu; não vai machucar o Mestre de jeito nenhum. Mas ele pegou você, seu nojento, malvado, hobbitzinho ssafado!

— Gollum cuspiu no pescoço de Sam.

A fúria diante da traição e o desespero em ser detido quando seu mestre corria um perigo mortal deram a Sam uma repentina violência e uma força que estava além de qualquer coisa que Gollum tinha esperado daquele hobbit que considerava parvo e estúpido. Nem mesmo o próprio Gollum poderia ter-se virado com maior rapidez ou força. A mão que cobria a boca de Sam escorregou, e Sam se abaixou e se jogou para a frente de novo, tentando se livrar da outra mão que lhe agarrava o pescoço. A mão direita ainda segurava a espada, e no braço esquerdo, pendurado pela correia, estava o cajado de Faramir...

Frodo jazia no chão com o rosto para cima e aquela criatura monstruosa se debruçava sobre ele, tão concentrada em sua vítima que não se deu conta de Sam e de seus gritos até que ele estivesse bem

próximo. Quando Sam veio correndo na direção deles, viu que Frodo já estava preso por cordas passadas em torno de seu corpo, dos tornozelos até os ombros, e Laracna, com suas grandes patas dianteiras, começava a erguê-lo e arrastá-lo dali.

Perto de Frodo jazia, luzindo no chão, a espada élfica, no local onde caíra inútil de sua mão. Sam não parou para pensar no que se deveria fazer, se estava sendo corajoso ou leal, ou se estava possesso de raiva. Deu um salto à frente e gritou, agarrando a espada de seu mestre com a mão esquerda.

Então avançou. Nunca se vira um ataque tão violento no mundo selvagem dos animais, no qual uma pequena criatura, armada apenas com minúsculos dentes, é capaz de saltar sobre uma torre de chifres e carapaça que pisa sobre seu companheiro caído.

Perturbada, como se tivesse sido despertada de algum sonho de volúpia pelo pequeno grito do hobbit, lentamente voltou a malícia apavorante de seu olhar na direção dele. Mas quase antes de ela perceber que avançava sobre ela uma fúria maior do que qualquer outra provada em anos incontáveis, a espada brilhante golpeou sua pata e decepou a garra. Sam saltou para dentro dos arcos de suas pernas, e com um rápido impulso de sua outra mão desferiu um golpe contra o aglomerado de olhos na cabeça abaixada. Um grande olho escureceu.

Agora a infeliz criatura estava bem debaixo dela, no momento longe do alcance de seu ferrão e suas garras. Sua vasta barriga estava sobre Sam com sua luz pútrida, e o mau cheiro que vinha dela quase o derrubou. Mas ainda lhe restava fúria para mais um golpe, e antes que ela pudesse cair com o corpo sobre ele, sufocando-o com toda a sua pequena coragem atrevida, ele, num esforço desesperado, rasgou-lhe um talho no corpo com a reluzente espada élfica.

Mas Laracna não era como os dragões, e não tinha nenhum outro ponto frágil a não ser os olhos. Calombosa, esburacada e corrompida era a sua carapaça antiga como a eternidade, mas sua espessura era sempre alimentada de dentro para fora, formando camada sobre camada de excrescência maligna. A lâmina fez um talho horroroso, mas aquelas dobras hediondas não podiam ser perfuradas pela força humana, nem mesmo se elfos ou anões forjassem o aço, nem se a mão de Beren ou de Túrin o brandissem. Ela recuou quando golpeada, e então ergueu a enorme bolsa de sua barriga bem acima da cabeça de Sam. O veneno espumava e borbulhava do ferimento. Abrindo agora as pernas, ela fez seu enorme peso cair sobre ele outra vez. Cedo demais.

Pois Sam ainda estava de pé e, deixando cair sua própria espada, segurou com as duas mãos a espada élfica com a ponta para cima, afastando aquele teto horrível; e assim Laracna, com o impulso de sua própria disposição maligna, num esforço maior que o da mão de qualquer guerreiro, jogou-se sobre um cravo cruel. A espada foi penetrando cada vez mais fundo, enquanto Sam era lentamente prensado contra o chão.

Laracna jamais conhecera tal aflição, nem sonhara conhecer, em todo o seu vasto mundo de maldades. Nem o soldado mais valente da antiga Gondor, nem o orc mais selvagem preso numa armadilha, jamais lhe tinham resistido daquela maneira, ou enfiado uma lâmina em sua amada carne. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Erguendo-se de novo, num repêlo violento devido à dor, encolheu sob o corpo as pernas contorcidas e pulou para trás num salto convulsivo.

Sam caíra de joelhos ao lado da cabeça de Frodo, os sentidos confusos devido ao terrível fedor, as duas mãos ainda agarrando o punho da espada. Apesar da névoa diante de seus olhos, ele percebia vagamente o rosto de Frodo, e tenazmente lutava para se controlar e se libertar do desfalecimento que o ameaçava. Lentamente ergueu a cabeça e a viu, apenas a alguns passos de distância, fitando-o, a boca emporcalhada por um cuspe venenoso, e um líquido esverdeado escorrendo de seu olho ferido. Estava agachada, com a barriga trêmula estatelada sobre o chão, os grandes arcos das pernas tremendo, enquanto reunia forças para um outro salto — desta vez para esmagar e ferir até a morte: nada de pequenas picadas venenosas para acalmar a luta de sua comida; desta vez para matar e depois estraçalhar.

No momento em que o próprio Sam se agachava, olhando para ela, enxergando sua morte naqueles olhos, um pensamento lhe ocorreu, como se alguma voz remota lhe tivesse falado, e ele bateu o peito com a mão esquerda e encontrou o que procurava: frio, duro e sólido pareceu-lhe ao tato, naquele mundo fantasmagórico de horror, o Frasco de Galadriel.

— Galadriel! — disse ele numa voz sumida, e então ouviu vozes distantes mas nítidas: o clamor dos elfos andando sob as estrelas nas amadas sombras do Condado, e a música dos elfos como lhe chegara em sonhos no Salão de Fogo da casa de Elrond.

Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida:

Gilthoniel! A Elbereth!

A Elbereth Gilthoniel

o menel palan-díriel,

le nallon si di'nguruthos!

A tiro nin, Fanuilos!

Com isso levantou-se cambaleando e outra vez era Samwise, o hobbit, filho de Hamfast.

— Agora venha, sua nojenta! — gritou ele. — Você machucou meu mestre, sua bruta, e vai pagar por isso. Nós vamos seguir em frente, mas primeiro vamos acertar as contas com você. Venha, e experimente isso de novo!

Como se o espírito indomável do hobbit tivesse colocado sua força em ação, o cristal se acendeu de repente como uma tocha branca em sua mão. Queimava como uma estrela que, saltando do firmamento, corta o ar escuro com uma luz intolerável. Nenhum terror igual vindo do céu jamais queimara no rosto de Laracna antes. Os raios daquela luz penetraram sua cabeça machucada e a cortaram com uma dor insuportável, e a terrível infecção de luz se espalhou de um olho para outro. Ela caiu para trás, golpeando o ar com as patas dianteiras, sua visão fulminada por relâmpagos internos, sua mente agonizando.

Então, virando sua cabeça mutilada, rolou no chão e começou a se arrastar, garra após garra, na direção da abertura no penhasco escuro lá atrás.

Sam avançou. Cambaleava como um bêbado, mas avançou. E Laracna finalmente recuou, encolhida e derrotada, tentando aos trancos e barrancos correr dele. Atingiu o buraco e, passando apertada, deixou um rastro de muco verde-amarelado e esgueirou-se para dentro, no momento em que Sam desfechava um último golpe em suas pernas rastejantes. Depois ele caiu no chão.

Laracna se fora, e se porventura permaneceu por muito tempo em sua toca, cuidando de sua malícia e miséria, e em lentos anos de escuridão se curou de dentro para fora, reconstruindo o aglomerado de olhos, até poder, com fome mortal, armar mais uma vez suas horripilantes ciladas nas fendas das Montanhas da Sombra, esta história não conta.

Sam foi deixado em paz. Exausto, enquanto a noite da Terra Inominada caía sobre o lugar da batalha, arrastou-se de volta ao seu mestre. TOLKIEN, 2010. B, p. 287 – 296.

Espero que Passolargo ou alguém venha nos reclamar! Mas será que devo alimentar essa esperança? Isso não estragaria todos os planos? Gostaria de poder me libertar!” Tentou por uns momentos, mas foi totalmente inútil. Um dos orcs que estava sentado ali perto riu e disse alguma coisa a um companheiro na sua língua abominável.

— Descanse enquanto puder, pequeno tolo! — disse ele então a Pippin, na Língua Geral, que na sua boca parecia tão horrenda quanto a própria língua deles. — Descanse enquanto puder! Vamos achar uma utilidade para suas pernas logo, logo.

Vai desejar não ter nenhuma antes de chegarmos em casa.

— Se pudesse escolher, gostaria que vocês estivessem mortos agora disse o outro. — Faria você guinchar, seu rato miserável! — Abaixou-se sobre Pippin, aproximando suas presas amarelas do rosto dele. Tinha na mão uma faca preta com uma lâmina denteada. — Fique quieto, ou vou fazer cócegas em você com isto — disse ele num chiado.

— Não atraia atenção sobre você, ou poderei esquecer minhas ordens. Malditos sejam os isengardenses! Uglúk u bagronk sha pushdug Saruman-glob búbhosh skai. — Passou a um discurso na própria língua que lentamente foi se transformando em resmungos e rosnados.

Apavorado, Pippin ficou imóvel, embora sentisse a dor aumentar nos pulsos e tornozelos, e as pedras sobre as quais estava deitado lhe perfurassem as costas. Para tirar o pensamento de si próprio, escutava atentamente tudo o que conseguia ouvir. Havia muitas vozes ao redor, e embora a língua dos orcs soasse sempre cheia de ódio e raiva parecia que alguma coisa semelhante a uma discussão tinha começado, e estava ficando mais acirrada.

Para a sua própria surpresa, percebeu que grande parte da conversa era inteligível; muitos orcs estavam usando uma linguagem comum.

Aparentemente, membros de duas ou três tribos completamente diferentes estavam presentes, e não podiam entender a língua uns dos outros. Houve uma discussão acalorada sobre o que deveriam fazer: que caminho deviam tomar e o que devia ser feito com os prisioneiros.

— Não há tempo para matá-los adequadamente — disse um. — Não há tempo para diversão nesta viagem.

— Isso não se pode evitar — disse um outro. — Mas por que não matá-los rápido, matá-los agora? São um incômodo desgraçado, e estamos compressa.

A noite está chegando, e devemos nos mexer e ir adiante.

— Ordens — disse uma terceira voz num rosnado grave. — Matem todos, mas NÃO os Pequenos; eles devem ser trazidos VIVOS o mais rápido possível. Isso é as minhas ordens.

— Por que os querem? — perguntaram muitas vozes. — Por que vivos? Eles dão bom divertimento?

— Não! Ouvi dizer que um deles tem uma coisa, uma coisa que é necessária para a Guerra,

algum truque élfico ou outra coisa. De qualquer forma, os dois serão interrogados.

— É tudo o que você sabe? Por que não os revistamos para descobrir? Podíamos achar alguma coisa que nós mesmos poderíamos usar.

— Essa é uma observação muito interessante — zombou uma voz, mais suave e mais maligna que as outras. — Talvez eu tenha de reportar isso. NINGUÉM deve revistar ou roubar os prisioneiros: essas são as minhas ordens.

— E minhas também — disse a voz grave. — Vivos e como foram capturados; sem roubo. Isso é minhas ordens.

— Não nossas ordens — disse uma das vozes anteriores. — Fizemos todos o caminho desde as Minas para matar e vingar nosso povo. Quero matar, e depois voltar para o norte.

— Então vai ficar querendo — disse a voz rosnante. — Sou Uglúk. Eu dou as ordens.

Volto para Isengard pelo caminho mais curto.

— Quem é o patrão: Saruman ou o Grande Olho? — disse a voz maligna. — Temos de voltar imediatamente para Lugbúrz.

— Se conseguíssemos atravessar o Grande Rio, poderíamos fazer isso — disse outra voz. — Mas não há um número suficiente de nós que se aventure pelo caminho das pontes.

— Eu a atravessei — disse a voz maligna. — Um Nazgúl alado espera por nós na margem leste, ao norte.

— Talvez, talvez! Daí você vai fugir voando com nossos prisioneiros e ficar com toda a recompensa e os elogios em Lugbúrz, e deixar que nós voltemos a pé como pudermos através da Terra dos Cavalos. Não, vamos ficar juntos. Estas terras são perigosas: cheias de rebeldes e bandidos.

— É, devemos ficar juntos — rosnou Uglúk. — Não confio em você, pequeno suíno.

Você manda em seu próprio chiqueiro. Se não fosse a gente, todos vocês teriam fugido.

Nós somos Uruk-hai guerreiros! Matamos o grande guerreiro. Trouxemos os prisioneiros.

Somos servidores de Saruman, o Sábio, a Mão Branca: a Mão que nos dá carne humana para comer. Viemos de Isengard, e os trouxemos aqui, e vamos levá-los de volta pelo caminho que escolhermos. Sou Uglúk. Eu falei.

— Você falou mais que o suficiente, Uglúk — zombou a voz maligna. Fico pensando se gostariam disso em Lugbúrz. Eles poderiam pensar que os ombros de Uglúk precisam ser aliviados do peso de uma cabeça inchada.

Poderiam perguntar de onde vieram suas estranhas idéias. Vieram de Saruman, talvez? Quem ele pensa que é, dando as ordens sozinho com suas nojentas insígnias brancas?

Talvez eles concordem comigo, com Grishnákh, o mensageiro em quem confiam; e eu, Grishnákh, digo isto: Saruman é um idiota, e um idiota sujo e traiçoeiro. Mas o Grande Olho está sobre ele.

— Suíno, é? O que vocês acham, pessoal, de serem chamados de suínos pelos dedos-duros de um maguinho sujo? Garanto que eles comem carne de orc.

Como resposta vieram muitos berros na língua dos orcs e o eco do tinido das armas sendo sacadas. Cuidadosamente, Pippin virou-se no chão, tentando ver o que iria acontecer. Seus guardas tinham ido se juntar aos outros na briga. No crepúsculo, Pippin viu um orc negro e grande, provavelmente Uglúk, em pé e encarando Grishnákh, uma criatura de pernas curtas e tortas, muito entroncada e com longos braços que chegavam quase até o chão. Em volta deles estavam muitos outros orcs menores. Pippin imaginou que estes eram os do norte. Estavam empunhando facas e espadas, mas hesitavam em atacar Uglúk. TOLKIEN, 2010 B, p. 34 – 35.

15

Sam, aflito para ver mais, foi juntar-se aos guardas. Subiu um pouco num dos loureiros maiores. Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas, seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensanguentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada.

Era a primeira vez que Sam via uma batalha de homens contra homens, e não estava gostando muito do espetáculo. Ficou feliz por não conseguir ver o rosto morto.

Perguntava-se qual seria o nome do homem e de onde teria vindo, e se realmente tinha o coração mau, ou que mentiras ou ameaças o teriam conduzido na longa marcha desde seu lar, e se realmente não teria preferido ficar lá em paz — tudo num lampejo de pensamento que logo foi afastado de sua mente. Pois, no mesmo momento em que Mablung ia em direção ao corpo caído, ouviu-se outro barulho. Grande gritaria. Em meio a ela Sam ouviu o ruído de rugidos ou trombetas. E depois um grande baque de batidas e golpes surdos, como enormes aríetes estrondeando no chão.

— Cuidado! Cuidado! — gritou Damrod aos seus companheiros. — Que os Valar consigam desviá-lo! Múmak! Múmak!

Para seu assombro, terror e enorme prazer, Sam viu um vulto enorme romper dentre as árvores e vir descendo a encosta. Grande como uma casa, muito maior que uma casa, pareceu-lhe, uma colina móvel revestida de cinza.

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Múmak de Harad era realmente um animal enorme, e como aquele não há mais hoje em dia na Terra-média; seu parente que ainda vive nos últimos tempos é apenas uma lembrança de seu tamanho e majestade. Veio avançando, direto para os vigias, e então desviou no momento exato, passando a apenas alguns metros, fazendo tremer o chão sob seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a longa tromba erguida como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. Os arreios ricamente enfeitados de vermelho e dourado pendiam em farrapos soltos. Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo ofegante, destroçados em sua passagem furiosa através do bosque; e em cima de seu pescoço ainda se pendurava desesperadamente um pequeno vulto — o corpo de um guerreiro poderoso, um gigante entre os Morenos.

O grande animal avançava retumbando, cambaleando numa ira cega através de poças e moitas. Flechas inofensivas batiam e ricocheteavam na pele grossa de seus flancos. Homens dos dois lados corriam fugindo dele, mas vários ele alcançou e esmagou contra o chão. Logo sumiu de vista, ainda trombeteando e estremecendo o solo em algum ponto distante. O que aconteceu com ele Sam nunca soube: se escapou para perambular no ermo por um tempo, até que percesse longe de sua casa ou ficasse preso em algum poço fundo; ou ainda se continuou até mergulhar no Grande Rio e ser engolido pelas águas.

Sam respirou fundo. — Era um Olifante! — disse ele. — Então existem Olifantes, e eu vi um. Que vida! Mas ninguém lá em casa vai acreditar em mim. Bem, se tudo acabou, vou dormir um pouco. TOLKIEN, 2010 B, p. 232 – 233.

Agora a retirada principal estava a menos de quatrocentos metros de distância. Surgindo do fundo da escuridão galopava uma pequena companhia de cavaleiros, tudo o que restava da retaguarda. Mais uma vez se viraram acuados, enfrentando as linhas de fogo que avançavam. Então, de repente, houve um tumulto de gritos ferozes. Cavaleiros inimigos foram chegando e varrendo tudo. As linhas de fogo transformaram-se em rios flamejantes: **fileira após fileira de orcs carregando tochas, e sulistas bárbaros com bandeiras vermelhas, gritando em línguas rudes, avançando numa onda, alcançando os soldados em retirada.** E, com um grito cortante, da escuridão do céu negro caíram as sombras aladas, os nazgûl mergulhando para a matança. TOLKIEN, 2010 C, p. 90. Grifos meus.

No momento em que os nazgûl desviaram do ataque do Cavaleiro Branco, uma seta mortal veio voando e Faramir, que estivera impedindo o avanço de um campeão montado de Harad, tombou no chão. Apenas o ataque de Doí Amroth pudera salvá-lo das **espadas rubras do sul**, que o teriam golpeado ali no chão. TOLKIEN, 2010 C, p. 91. Grifos meus.

— Não há notícia dos rohirrim — disse ele. — Rohan não virá agora. Ou, se vier, isso não nos servirá de nada. O novo exército do qual tivemos notícias chegou primeiro, vindo do outro lado do rio passando por Andros, ouvi dizer. **São fortes: batalhões de orcs do Olho, e incontáveis companhias de homens de um outro tipo que nunca vimos antes. Não são altos, mas corpulentos e sisudos, Barbados como os anões, brandindo grandes machados. Achamos que eles vêm de alguma região selvagem do amplo leste.** Tomaram a estrada do norte, e muitos avançaram até Anórien. Os rohirrim estão impossibilitados de chegar. TOLKIEN, 2010 C, p. 92. Grifos meus.

O auxílio aos rohirrim não chegou demasiado cedo; a sorte se voltara contra Éomer, e sua fúria o traía. A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas, derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. Mas, onde quer que surgissem os múmakil, por ali os cavalos não passavam,

recuando e desviando; os grandes monstros continuavam invictos, e erguiam-se como torres de defesa; os haradrim se agrupavam em volta deles. Se os rohirrim, no início de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. Haviam sido reunidos lá, para saquear a cidade e violar Gondor, aguardando o chamado de seu Capitão. Ele agora estava destruído, as Gothmog, o tenente de Morgul, os enviara para a luta: **orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls, com olhos brancos e línguas vermelhas.** Alguns ainda corriam na retaguarda dos rohirrim, outros se mantinham no oeste, para afastar as forças de Gondor e evitar que elas se juntassem às de Rohan. TOLKIEN, 2010 C, p. 120 – 121. Grifos meus.

Em vão os homens mostravam os punhos para os impiedosos inimigos que se aglomeravam diante do Portão. **Não se importavam com pragas, e nem entendiam as línguas dos homens do oeste, pois gritavam com vozes roucas como animais e aves de rapina.** Mas logo restavam poucos em Minas Tirith com coragem suficiente para se erguer e desafiar os exércitos de Mordor. Pois o Senhor da Torre Escura tinha ainda uma outra arma, mais rápida que a fome, o medo e o desespero. TOLKIEN, 2010 C, p. 94. Grifos meus.

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. — É melhor ser queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada de túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sonos de morte embalsamada. **Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou.** Voltem e queimem! TOLKIEN, 2010 C, p. 96. Grifos meus.

Ao sul, além da estrada, estava a maior força dos haradrim, e lá os seus cavaleiros se reuniam em torno da bandeira de seu capitão. **Ele olhou e na luz que crescia viu a bandeira do rei; percebeu que ela estava muito à frente da batalha e com poucos homens em volta. Então encheu-se de uma ira sanguinária e soltou um grito;** exibindo sua bandeira, serpente negra sobre escarlate, partiu contra o cavalo branco e o campo verde com uma grande força de homens; **as cimitarras nas mãos dos sulistas pareciam estrelas faiscando.** TOLKIEN, 2010 C, p. 113. Grifos meus.

Então Théoden percebeu a presença do inimigo, e não esperou pelo ataque: gritando para Snawmana, atirou-se ao seu encontro. Grande foi o estrondo do choque entre os dois. Mas ardeu com mais intensidade a fúria branca dos homens do norte que eram mais habilidosos e ferinos com lanças longas. Eram poucos mas abriram caminho em meio aos sulistas como um raio na floresta. Bem ao centro da tropa ia Théoden, filho de Thengel, e sua lança se partiu no momento em que ele derrubou o capitão inimigo. Sacou então a espada, **avançou contra a bandeira, derrubando seu mastro e quem a carregava, e a serpente negra soçobrou. Todos da cavalaria oponente que escaparam da morte viraram-se e fugiram para longe.** Mas eis que, subitamente, em meio à glória do rei, seu escudo dourado embaçou-se. A nova manhã apagou-se no céu. A escuridão caiu sobre ele. Os cavalos empinavam-se relinchando. Homens atirados das selas gemiam no chão.

— **Sigam-me! Sigam-me!** — gritou Théoden. — **Levantem-se, eorlingas!**

Não temam a escuridão! — Mas Snawmana, num terror alucinado, levantou-se sobre as pernas traseiras, lutando com o ar, e então, com um rincho horrível, caiu sobre o próprio lombo: uma lança negra o atingira. O rei ficou debaixo do cavalo. TOLKIEN, 2010 C, p. 113 – 114. Grifos meus.

O auxílio aos rohirrim não chegou demasiado cedo; a sorte se voltara contra Éomer, e sua fúria o traía. A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, **e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas,** derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. TOLKIEN, 2010 C, p. 120. Grifos meus.

"No ano dois mil quinhentos e dez da Terceira Era, um novo perigo ameaçou Gondor. Um grande **exército de bárbaros do nordeste se espalhou em Rhovanion** e, descendo das **Terras Castanhas,** atravessou o Anduin em jangadas. Ao mesmo tempo, por acaso ou por estratégia, os orcs (que naquela época, antes de sua guerra contra os anões, formavam um poderoso exército) desceram das Montanhas. TOLKIEN, 2010 C, p. 370. Grifos meus.

"Assim chegou à batalha do Campo de Celebrant, pois esse era o nome da terra verde que ficava entre o Veio de Prata e o Limclaro. Ali o exército do norte de Gondor corria perigo. Derrotados no

Descampado e isolados do sul, seus homens tinham sido forçados a atravessar o Limclaro, e foram subitamente atacados pelo exército dos orcs que os empurrava na direção do Anduin. Não havia mais esperanças quando, inesperadamente, **os Cavaleiros surgiram do norte e investiram contra a retaguarda do inimigo.** Então as chances da batalha se inverteram, e o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas. Eorl conduziu seus homens numa perseguição, e tão grande era o medo que precedia os cavaleiros do norte que os invasores do Descampado também ficaram em pânico, e foram perseguidos pelos homens de Eorl através das planícies de Calenardhon.

"O povo daquela região se tornara pouco numeroso desde a Peste, e os que restaram tinham sido mortos pelos selvagens orientais. Cirion, portanto, como recompensa pela ajuda recebida, doou a região de Calenardhon que fica entre o Anduin e o Isen a Eorl e seu povo; estes mandaram buscar no norte suas esposas, filhos e pertences, assentando-se naquela região. Deram-lhe um novo nome, **Terra dos Cavaleiros,** e passaram a se autodenominar eorlingas; mas em Gondor sua terra era chamada Rohan, e seu povo os rohirrim (ou seja, **Senhores dos Cavalos**). Assim Eorl se tomou o primeiro rei da Terra dos Cavaleiros, e escolheu para morar uma colina verde á frente dos pés das Montanhas Brancas, que formavam a fronteira sul de sua terra. TOLKIEN, 2010 C, p. 371. Grifos meus.

"Helm então declarou que o filho de Freca e seus parentes próximos eram inimigos do rei, e eles fugiram, pois imediatamente **Helm enviou muitos cavaleiros para as fronteiras ocidentais.**"

Quatro anos mais tarde (2758), grandes problemas sobrevieram a Rohan, e nenhum auxílio pôde ser enviado de Gondor, pois três esquadras dos Corsários atacaram aquele reino e havia guerra ao longo de todo o litoral. **Ao mesmo tempo, Rohan foi mais uma vez invadida pelo leste,** e os homens da Terra Parda, percebendo sua oportunidade, atravessaram o Isen e desceram de Isengard. Ficou-se logo sabendo que Wulf era o seu líder. Formavam um grande exército, pois juntaram-se a ele os inimigos de Gondor que desembarcaram na foz do Lefnui e na do Isen.

Os rohirrim foram derrotados e sua terra foi assolada; os que não foram mortos ou escravizados fugiram para os vales das montanhas. Helm foi expulso das Travessias do Isen com grandes perdas, refugiando-se no Forte da Trombeta e no precipício que ficava mais atrás (que depois ficou conhecido como Abismo de Helm). Ali ficou sitiado. Wulf tomou Edoras e sentou-se em Meduseld, intitulando-se rei. **Ali Haleth, filho de Helm, foi o último a morrer, defendendo as portas.** TOLKIEN, 2010 C, p. 373 – 374. Grifos meus.

Os invasores do leste morreram ou se retiraram, e finalmente chegou ajuda de Gondor, pelas estradas a leste e a oeste das montanhas. Antes do término do ano (2759), os **terrapardenses** foram expulsos, até mesmo de Isengard; então Fréaláf tornou-se rei. TOLKIEN, 2010 C, p. 375. Grifos meus.

Dois dias mais tarde o exército do oeste estava todo reunido no Pelennor. **A tropa de orcs e orientais retornara de Anórien, mas acossados e dispersados pelos rohirrim eles tinham fugido, derrotados, quase sem resistir, na direção de Cair Andros;** com essa ameaça afastada e com novas forças chegando do sul, a Cidade ficou tão bem guarnecida quanto possível. Batedores reportaram que não restava nenhum inimigo nas estradas do leste até a altura da Encruzilhada do Rei Caído. Tudo agora estava pronto para o último golpe. Legolas e Gimli cavalgariam juntos outra vez na companhia de Aragorn e Gandalf, que iam na vanguarda com os dúnedain e os filhos de Elrond. Mas Merry, para a sua vergonha, não deveria ir com eles. TOLKIEN, 2010 C, p. 162. Grifos meus.

Os Capitães curvaram as cabeças; e, quando as ergueram de novo, eis que os inimigos estavam fugindo e o poder de Mordor se dispersava como poeira no vento. Como formigas que vagam sem destino e sem propósito, para depois morrerem exauridas, quando a morte golpeia o ser inchado e incubante que habita o formigueiro e a todas mantém sob controle, da mesma maneira as criaturas de Sauron, orcs ou trolls ou animais escravizados por encantamento, corriam de um lado para o outro sem rumo; alguns se matavam ou se jogavam em abismos, ou ainda fugiam gemendo para se esconderem em buracos e lugares escuros e sem luz, distantes de qualquer esperança.

Mas os homens de Rhún e Harad, orientais e sulistas, viram a destruição de sua guerra e a grande majestade e glória dos Capitães do Oeste. E aqueles que havia mais tempo estavam mais envolvidos na servidão maligna, odiando o oeste, e contudo eram homens altivos e corajosos, por sua vez se ajuntaram numa resistência desesperada. Mas a maioria deles fugiu como pôde para o leste; alguns

ainda jogaram suas armas ao chão e imploraram clemência⁴⁵⁶. TOLKIEN, 2010 C, p. 234.

Frodo e Sam observaram toda aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. Ficaram imaginando como o Senhor daquele reino conseguia manter e alimentar seus escravos e exércitos. Pois ele tinha exércitos. Até onde a vista alcançava, ao longo das bordas do Morgai e mais além, ao sul, havia acampamentos, alguns feitos de tendas, e outros organizados como pequenas cidades. Uma das maiores estava bem abaixo deles. A menos de uma milha de distância na planície, ela se amontoava como um enorme ninho de insetos, com ruas retas e áridas cheias de barracos e longos prédios baixos e sem cor. Pela cidade o chão estava apinhado de gente indo de um lado para o outro; uma estrada larga saía do povoado em direção ao sudeste para encontrar o caminho de Morgul, e ao longo dela corriam muitas fileiras de pequenas figuras negras...

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre os grandes campos de trabalho escravo mais ao sul daquele vasto reino, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnem; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, levando a terras que pagavam tributo a Mordor, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. Ali, nas regiões do norte, havia minas e forjas, e a concentração de tropas para uma guerra longamente planejada; ali o Poder Escuro, movendo Seus exércitos como peças num tabuleiro, os estava reunindo. Seus primeiros movimentos, seus primeiros testes de força, haviam sido feitos sobre a linha ocidental, ao norte e ao sul. Agora os retirara, trazendo novas forças, preparando ao redor de Cirith Gorgor um golpe vingador. E, se também fosse o seu propósito defender a Montanha contra qualquer aproximação, dificilmente poderia ter feito trabalho melhor. TOLKIEN, 2010 C, p. 205.

Chegou a última etapa da viagem para Orodruin, que foi um tormento maior do que Sam jamais sonhara poder suportar. Sentia dores, e sua boca estava tão ressecada que ele não conseguia sequer engolir um bocado de comida. Tudo continuava escuro, não apenas por causa da fumaça da Montanha: parecia haver uma tempestade se aproximando, e na distância a sudeste havia um faiscar de relâmpagos sob os céus negros. Pior de tudo, o ar estava cheio de vapores; respirar era difícil e doloroso, e os dois foram dominados por uma tontura, de modo que cambaleavam e freqüentemente caíam. E mesmo assim sua força de vontade não cedeu, e eles avançavam com esforço.

A Montanha espreitava cada vez mais de perto até que, se eles levantassem as cabeças pesadas, ela encheria toda a sua visão, assomando vasta diante deles: uma enorme massa de cinza e lava e pedra queimada, da qual um cone de lados íngremes se erguia até as nuvens. Antes que terminasse o crepúsculo que durara todo um dia, e a verdadeira noite chegasse, eles já tinham chegado aos arrastões e tropeções aos próprios pés da Montanha. TOLKIEN, 2010 C, p. 223.

28

Em último lugar está o nome de Melkor, Aquele que se levanta Poderoso. A esse nome, porém, ele renunciou. E os noldor, entre os elfos os que mais sofreram com sua perversidade, se recusam a pronunciar-lo e o chamam de Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo. Grande poder lhe foi concedido por Ilúvatar, e ele era contemporâneo de Manwë. Dispunha dos poderes e conhecimentos de todos os outros Valar, mas os desviava para objetivos perversos e desperdiçava sua força em violência e tirania. Pois cobiçava Arda e tudo o que nela existia, desejando a realeza de Manwë e o domínio sobre os reinos de seus pares.

Do esplendor, por arrogância, caiu no desdém por tudo o que não fosse ele mesmo, um espírito devastador e impiedoso. O entendimento ele transformou em sutileza, em perverter à própria vontade tudo o que quisesse usar, e acabou se tornando um mentiroso contumaz. Começou desejando a Luz; mas, quando viu que não podia possuí-la só para si, desceu através do fogo e da ira, em enormes labaredas, até as Trevas. E às trevas recorreu principalmente em seus atos malignos em Arda e encheu-as de temor por todas as criaturas vivas.

Contudo, tão extraordinário era o poder de sua rebelião, que, em eras esquecidas, combateu Manwë e todos os Valar, e durante longos anos em Arda manteve a maior parte dos territórios da Terra sob seu domínio. Mas não estava sozinho. Pois, dos Maiar, muitos foram atraídos por seu esplendor em seus dias de majestade, permanecendo fiéis a ele em seu mergulho nas trevas.

⁴⁵⁶ Essa passagem indica que os capitães do Oeste não teriam ido em perseguição aos seus inimigos, mas sim, agido com clemência.

E outros ele corrompeu mais tarde, atraindo-os para si com mentiras e presentes traiçoeiros.

Horrendos entre esses espíritos eram os valaraukar, os flagelos de fogo que na Terra-média eram chamados de balrogs, demônios do terror. TOLKIEN, 2009 A, p.17.

29

Ora, foi para a água que aquele Ainu que os elfos chamam de Ulmo voltou seu pensamento, e de todos foi ele quem recebeu de Ilúvatar noções mais profundas de música. Já sobre os ares e os ventos, mais havia refletido Manwë, o mais nobre dos Ainur.

Sobre a textura da Terra havia pensado Aulë, a quem Ilúvatar concedera talentos e conhecimentos pouco inferiores aos de Melkor; mas a alegria e o prazer de Aulë estão no ato de fazer e no resultado desse ato, não na posse nem em sua própria capacidade; motivo pelo qual ele dá, e não acumula, é livre de preocupações e sempre se interessa por alguma nova obra.

E Ilúvatar falou a Ulmo, e disse: - Não vês como aqui neste pequeno reino, nas Profundezas do Tempo, Melkor atacou tua província? Ele ocupou o pensamento com um frio severo e implacável, mas não destruiu a beleza de tuas fontes, nem de teus lagos cristalinos. Contempla a neve, e o belo trabalho da geada! Melkor criou calores e fogo sem limites, e não conseguiu secar teu desejo nem sufocar de todo a música dos mares. Admira então a altura e a glória das nuvens, e das névoas em permanente mutação; e ouve a chuva a cair sobre a Terra! E nessas nuvens, tu és levado mais para perto de Manwë, teu amigo, a quem amas.

Respondeu então Ulmo: - Na verdade, a Água tornou-se agora mais bela do que meu coração imaginava. Meu pensamento secreto não havia concebido o floco de neve, nem em toda a minha música estava contida a chuva que cai. Procurarei Manwë para que ele e eu possamos criar melodias eternamente para teu prazer! - E Manwë e Ulmo se aliaram desde o início, e sob todos os aspectos serviram com a máxima fidelidade aos objetivos de Ilúvatar. TOLKIEN, 2009 A, p. 9.

Manwë e Melkor eram irmãos no pensamento de Ilúvatar. O mais poderoso daqueles Ainur que vieram para o Mundo foi inicialmente Melkor. Já Manwë tem a maior estima de Ilúvatar e compreende com mais clareza seus objetivos. Ele foi designado para ser, na plenitude do tempo, o primeiro de todos os Reis: senhor do reino de Arda e governante de todos os que o habitam. Em Arda, seu prazer está nos ventos e nas nuvens, e em todas as regiões do ar, das alturas às profundezas, dos limites mais remotos do Véu de Arda às brisas que sopram nos prados. Súlumo é seu sobrenome, Senhor do Alento de Arda. Ele ama todas as aves velozes, de asas fortes, e elas vão e vêm, atendendo às suas ordens. TOLKIEN, 2009 A, p. 12.

Manwë não dá atenção à própria honra, nem sente apego pelo poder, mas governa todos para a paz. Dentre os elfos, os vanyar ele mais amava; e, dele, os vanyar receberam a música e a poesia; pois a poesia é o prazer de Manwë; e o entoar de palavras é sua música. Seus trajes são azuis, e azul é o brilho de seus olhos; e seu cetro é de safiras, que os noldor fabricaram para ele.

E ele foi designado vice-regente de Ilúvatar, Rei do mundo dos Valar, dos elfos e dos homens, principal baluarte contra o mal de Melkor. Com Manwë, vivia Varda, a belíssima, ela, que, no idioma sindarin é chamada de Elbereth, Rainha dos Valar, criadora das estrelas; e com os dois morava uma multidão de espíritos abençoados. TOLKIEN, 2009 A, p. 23.

30

Os Grandes, entre esses espíritos, os elfos denominam Valar, os Poderes de Arda; e os homens com frequência os chamaram deuses. Os Senhores dos Valar são sete; e as Valier, as Rainhas dos Valar, são também em número de sete. Estes eram seus nomes no idioma élfico falado em Valinor, embora eles tenham outros nomes na fala dos elfos da Terra-média, e entre os homens seus nomes sejam numerosos. Os nomes dos Senhores na ordem correta são Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas; e os das Rainhas são Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa. Melkor não é mais incluído entre os Valar, e seu nome não é pronunciado na Terra. TOLKIEN, 2009 A, p. 12 – 13.

Com Manwë mora Varda, Senhora das Estrelas, que conhece todas as regiões de Eä. Sua beleza é por demais majestosa para ser descrita nas palavras de homens ou elfos, pois a luz de Ilúvatar ainda vive em seu semblante. Na luz estão seu poder e sua alegria. Das profundezas de Eä, veio ela em auxílio a Manwë; pois conhecia Melkor antes do início da Música e o rejeitava; e ele a odiava e temia mais do que qualquer outro ser criado por Eru. Manwë e Varda raramente se separam, e permanecem em Valinor.

Suas moradas são acima das neves eternas, em Oirossë, a torre suprema da Taniquetil, a mais alta de todas as montanhas na face da Terra. Quando Manwë sobe ao seu trono e olha em volta, se Varda estiver a seu lado, ele vê mais longe do que todos os outros olhos, através da névoa, através da escuridão e por sobre as léguas dos mares.

E, se Manwë estiver com ela, Varda ouve com mais clareza do que todos os outros seres o som de vozes que gritam de leste a oeste, dos montes e dos vales, e também dos locais sinistros que Melkor criou na Terra. De todos os Grandes Seres que habitam o mundo, os elfos sentem maior reverência e amor por Varda. O nome que lhe dão é Elbereth, e eles o invocam das sombras da Terra-média, elevando-o em hino quando nascem as estrelas.

Ulmo é o Senhor das Águas. Ele vive só. Não mora em lugar algum por muito tempo, mas se movimenta à vontade em todas as águas profundas da Terra ou debaixo dela. Seu poder só é inferior ao de Manwë; e, antes da criação de Valinor, era seu melhor amigo. A partir dessa época, entretanto, raramente foi às assembléias dos Valar, a menos que questões importantes estivessem em discussão. Pois guardava na mente Arda inteira; e não necessita de um local de repouso. Além disso, não gosta de caminhar sobre a terra e raramente se dispõe a se apresentar num corpo, como fazem seus pares. Se os Filhos de Eru o avistassem, eram dominados por intenso pavor; pois a chegada do Rei dos Mares era terrível, como uma onda que se agiganta e avança sobre a terra, com elmo escuro e crista de espuma, e cota de malha cintilando do prateado a matizes do verde. As trombetas de Manwë são estridentes, mas a voz de Ulmo é profunda, como as profundezas do oceano que só ele viu.

Não obstante, Ulmo ama elfos e homens e nunca os abandonou, nem mesmo quando foram alvo da ira dos Valar. Às vezes, ele vem despercebido ao litoral da Terra-média, ou entra terra adentro, subindo por braços de mar para aí criar música com suas grandes trompas, as Ulumúri, que são feitas de concha branca; e aqueles que a escutam, passam a ouvi-la para sempre em seu coração, e o anseio pelo mar nunca mais os abandona. Na maioria das vezes, porém, Ulmo fala àqueles que moram na Terra-média com vozes que são ouvidas apenas como a música das águas. Pois tem sob seu domínio todos os mares, lagos, fontes e nascentes, e os elfos dizem que o espírito de Ulmo corre em todas as veias do mundo. Assim, mesmo nas profundezas do mar, chegam a Ulmo notícias de todas as necessidades e aflições de Arda, que de outra forma permaneceriam ocultas a Manwë.

Aulë tem poder pouco inferior ao de Ulmo. Governa todas as substâncias das quais Arda é feita. No início, trabalhou bastante na companhia de Manwë e Ulmo; e a criação de todas as terras foi sua tarefa. Ele é ferreiro e mestre de todos os ofícios; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado. São suas as pedras preciosas que jazem nas profundezas da Terra, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as muralhas das montanhas e as bacias dos oceanos. Os noldor foram os que mais aprenderam com ele, e ele sempre foi seu amigo. Melkor sentia inveja de Aulë, pois era Aulë o que mais se assemelhava a ele em idéias e poderes; e houve um longo conflito entre os dois, no qual Melkor sempre desfigurava ou desfazia as obras de Aulë; e Aulë se exauria a reparar os tumultos e as desordens de Melkor. Os dois também desejavam criar coisas que fossem suas, novas e ainda não imaginadas pelos outros, e gostavam de ter sua habilidade elogiada. Aulë, porém, mantinha-se fiel a Eru e submetia tudo o que fazia à sua vontade; e não invejava os feitos dos outros, mas procurava conselhos e os dava. Ao passo que Melkor dissipava seu espírito em inveja e ódio, até que afinal não fazia mais outra coisa a não ser ridicularizar o pensamento de terceiros, e destruiria todas as obras alheias se pudesse.

A esposa de Aulë é Yavanna, a Provedora de Frutos. Ela ama todas as coisas que crescem na terra, e guarda na mente todas as suas incontáveis formas, das árvores semelhantes a torres nas florestas primitivas ao musgo sobre as pedras ou aos seres pequenos e secretos que vivem no solo. Em reverência, Yavanna vem logo após Varda entre as Rainhas dos Valar. Na forma de mulher, ela é alta e se traça de verde; mas às vezes assume outras formas. Há quem a tenha visto em pé como uma árvore sob o firmamento, coroada pelo Sol; e, de todos os seus galhos, derramava-se um orvalho dourado sobre a terra estéril, que se tornava verdejante com o trigo; mas as raízes das árvores estavam nas águas de Ulmo, e os ventos de Manwë falavam nas suas folhas. Kementári, Rainha da Terra, é seu sobrenome na língua eldarin.

Os fëanturi, senhores dos espíritos, são irmãos; e são geralmente chamados de Mandos e Lórien. Contudo, esses são de fato os nomes dos locais onde moram, sendo verdadeiros nomes Námo e Irmo.

Námo, o mais velho, mora em Mandos, que fica a oeste, em Valinor. Ele é o guardião das Casas dos Mortos; e o que convoca os espíritos dos que foram assassinados. Nunca se esquece de nada; e conhece todas as coisas que estão por vir, à exceção daquelas que ainda se encontram no arbítrio de Ilúvatar. Ele é o Oráculo dos Valar; mas pronuncia seus presságios e suas sentenças apenas em obediência a Manwë. Vairë, a Tecelã, é sua esposa, e tece em suas telas, repletas de histórias, todas as coisas que um

dia existiram no Tempo, e as moradas de Mandos, que sempre se ampliam com o passar das eras, estão re-vestidas dessas telas.

Irmo, o mais novo, é o senhor das visões e dos sonhos. Em Lórien estão seus jardins na terra dos Valar, repletos de espíritos, são os mais belos locais do mundo. Estë, a Suave, curadora de ferimentos e da fadiga, é sua esposa. Cinzentos são seus trajes, e o repouso é seu dom. Ela não se movimenta de dia, mas dorme numa ilha no lago sombreado de árvores de Lórellin. Nas fontes de Irmo e Estë, todos os que moram em Valinor revigoram suas forças; e com frequência os Valar vêm eles próprios a Lórien para ali encontrar repouso e alívio dos encargos de Arda.

Mais poderosa do que Estë é Nienna, irmã dos fëanturi, que vive sozinha. Ela conhece a dor da perda e pranteia todos os ferimentos que Arda sofreu pelos estragos provocados por Melkor.

Tão imensa era sua tristeza, à medida que a Música se desenvolvia, que seu canto se transformou em lamento bem antes do final; e o som do lamento mesclou-se aos temas do Mundo antes que ele começasse. Não chora, porém, por si mesma; e quem escutar o que ela diz, aprende a compaixão e a persistência na esperança. Sua morada fica a oeste do Oeste, nos limites do mundo; e ela raramente vem à cidade de Valimar, onde tudo é alegria. Prefere visitar a morada de Mandos, que fica mais perto da sua; e todos os que esperam em Mandos clamam por ela, pois ela traz força ao espírito e transforma a tristeza em sabedoria. As janelas de sua casa olham para fora das muralhas do mundo.

O maior na força e nos atos de bravura é Tulkas, cujo sobrenome é Astaldo, o Valente. Chegou a Arda por último, para auxiliar os Valar nas primeiras batalhas contra Melkor. Aprecia a luta corpo a corpo e as competições de força; não cavalga nenhum corcel, pois supera em velocidade todas as criaturas providas de patas, além de ser incansável. Seu cabelo e sua barba são dourados; e sua pele, corada. Suas armas são suas mãos. Presta pouca atenção ao passado ou ao futuro, e não tem serventia como conselheiro, mas é um amigo destemido. Sua esposa é Nessa, a irmã de Oromë, e também ela é ágil e veloz. Ama os cervos, e eles acompanham seus passos onde quer que ela vá aos bosques; mas ela corre mais do que eles, célere como uma flecha com o vento nos cabelos. Adora dançar, e dança em Valimar em gramados eternamente verdes.

Oromë é um senhor poderoso. Embora seja menos forte do que Tulkas, é mais temível em sua ira; ao passo que Tulkas sempre ri, tanto na luta por esporte quanto na guerra; e, mesmo diante de Melkor, ele ri em batalhas ocorridas antes do nascimento dos elfos. Oromë amava as terras da Terra-média e as deixou a contragosto, sendo o último a chegar a Valinor. Muitas vezes, no passado, atravessava as montanhas de volta para o leste e retornava com suas hostes para os montes e as planícies. É caçador de monstros e feras cruéis e adora cavalos e cães de caça, ama todas as árvores, motivo pelo qual é chamado de Aldaron e, pelos sindar, Tauron, o Senhor das Florestas. Nahar é o nome de seu cavalo, branco à luz do sol e prateado à noite. Valaróma é o nome da sua enorme trompa, cujo som se assemelha ao nascer do Sol escarlate, ou ao puro relâmpago que divide as nuvens. Mais alto que todas as trompas de suas hostes, ela era ouvida nos bosques que Yavanna fez surgir em Valinor; pois ali Oromë treinava sua gente e seus animais para perseguir as criaturas perversas de Melkor. A esposa de Oromë é Vána, a Semprejovem, irmã mais nova de Yavanna. Todas as flores brotam à sua passagem e se abrem se ela as contemplar de relance. E todos os pássaros cantam à sua chegada.

São esses os nomes dos Valar e das Valier, e aqui se descreve por alto sua aparência, como os eldar os viram em Aman. Mas, por mais belas e nobres que fossem as formas dos Filhos de Ilúvatar, elas não passavam de um véu a encobrir sua beleza e seu poder. E, se pouco se diz aqui de tudo o que os eldar souberam outrora, isso não é nada em comparação com seu verdadeiro ser, que remonta a regiões e eras muito além do alcance de nossa mente. Entre eles, nove gozavam de maior poder e reverência; mas um foi excluído do grupo e oito permanecem, os Aratar, os Seres Superiores de Arda. Manwë e Varda, Ulmo, Yavanna e Aulë, Mandos, Nienna e Oromë. Embora Manwë seja seu Rei e tenha a lealdade de todos sob as ordens de Eru, em majestade eles são semelhantes, ultrapassando de longe todos os outros, sejam Valar, sejam Maiar, sejam de qualquer outra ordem que Ilúvatar tenha enviado para Eä. TOLKIEN, 2009 A, p. 13 – 15.

31

Fingolfin então contemplou (como lhe parecia) a total destruição dos noldor, e a derrota irremediável de todas as suas casas. E, cheio de cólera e desespero, montou em Rochallor, seu cavalo magnífico, e partiu sozinho, sem que ninguém pudesse contê-lo. Passou por Dor-nu-Fauglith como um vento em meio à poeira; e todos os que viram sua investida fugiram assustados, acreditando que o próprio Oromë chegara. Pois ele fora dominado por uma loucura furiosa, tal que seus olhos brilhavam como os olhos dos Valar. Assim, **chegou sozinho aos portões de Angband, fez soar sua trompa e golpeou mais uma vez as portas de bronze, desafiando Morgoth a se apresentar para um combate homem a homem.** E

Morgoth veio. Essa foi a última vez naquelas guerras em que ele atravessou as portas de seu reduto; e o que se diz é que não aceitou o desafio de bom grado.

Pois, embora seu poder fosse maior que tudo o que existe no mundo, ele era o único dos Vair que conhecia o medo. Agora, porém, não podia fugir ao desafio diante de seus capitães. Pois as rochas reverberavam com a música aguda da trompa de Fingolfin, sua voz chegava clara e nítida às profundezas de Angband, e Fingolfin chamava Morgoth de **covarde e de senhor de escravos**. Por isso, Morgoth veio, subindo lentamente de seu trono subterrâneo, e o ruído de seus passos era como trovões no seio da terra. E se apresentou trajando uma armadura negra.

Parou diante do Rei como uma torre, com sua coroa de ferro. E seu enorme escudo, negro sem brasão, lançava uma sombra como uma nuvem de tempestade. Fingolfin, entretanto, cintilava dentro da sombra como uma estrela; pois sua malha era recoberta de prata, e seu escudo azul era engastado com cristais. E ele sacou sua espada Ringil, que refulgia como o gelo.

Morgoth então ergueu bem alto Grond, o Martelo do Mundo Subterrâneo, e o fez baixar como um raio. Fingolfin, porém, deu um salto para o lado, e Grond abriu um tremendo buraco na terra, de onde jorraram fumaça e fogo. Muitas vezes Morgoth tentou esmagá-la, e a cada vez Fingolfin escapava com um salto, como o relâmpago que sai de uma nuvem escura. E fez sete ferimentos em Morgoth; e sete vezes Morgoth deu um grito de agonia, com o que os exércitos de Angband se prostraram no chão, aflitos, e os gritos ecoaram pelas terras do norte.

Mas, por fim, o Rei se cansou, e Morgoth o empurrou para baixo com o escudo. Três vezes, Fingolfin foi esmagado até se ajoelhar, e três vezes ele se levantou portando seu escudo quebrado e seu elmo amassado. Entretanto, a terra estava toda esburacada e rasgada ao seu redor, e ele tropeçou e caiu para trás aos pés de Morgoth. E Morgoth pôs o pé esquerdo sobre o pescoço de Fingolfin; e o peso era o de uma colina desmoronando. **Contudo, num golpe final e desesperado, Fingolfin lhe cortou o pé com Ringil, e o sangue jorrou negro e fumegante, enchendo os buracos feitos por Grond. Assim morreu Fingolfin, Rei Supremo dos noldor, o mais altivo e destemido dos Reis élficos de outrora.** Os orcs não se vangloriaram desse duelo junto aos portões. Nem os elfos cantam esse feito, pois é por demais profunda sua dor. TOLKIEN, 2009 A, p. 115. Grifos meus.

32

Havia, porém, entre eles um homem chamado Haldad, que era autoritário e destemido. **Ele reuniu todos os homens corajosos que conseguiu encontrar e recuou para o território entre o Ascar e o Geúon.** Ali, no canto mais remoto, construiu uma paliçada de um rio ao outro. Para trás dela foram levadas todas as mulheres e crianças que conseguiram salvar. **Ali foram sitiados, até seus alimentos terminarem.**

Haldad tinha dois gêmeos: Haleth, a filha, e Haldar, o filho. **E os dois foram valentes na defesa, pois Haleth era mulher de grande coração e força. No final, porém, Haldad foi morto numa investida contra os orcs; e Haldar, que se apressou a salvar o corpo do pai da carnificina, foi abatido a seu lado.** Haleth, então, manteve seu povo unido, embora eles estivessem sem esperanças; e alguns se jogaram nos rios e morreram afogados. Entretanto, sete dias depois, quando os orcs faziam sua última investida e já haviam atravessado a paliçada, ouviu-se de repente o som de clarins, e Caranthir com seu exército desceu do norte e empurrou os orcs para dentro dos rios. TOLKIEN, 2009 A, p. 109. Grifos meus.

33

Todos esses foram enredados na teia da Condenação dos noldor; e realizaram grandes feitos que os eldar ainda lembram entre as histórias dos Reis de outrora. E naquela época a força dos homens se somava ao poder dos noldor, e eram grandes suas esperanças. E Morgoth estava severamente cercado, pois o povo de Hador, resistente para agüentar o frio e longos períodos de nomadismo, **não temia fazer longas incursões eventuais ao norte e lá montar guarda para vigiar os movimentos do Inimigo.** Os homens das Três Casas cresceram e se multiplicaram, mas a maior delas foi à **Casa de Hador Cabeçadourada**, par dos Senhores élficos. **Seu povo tinha grande força e estatura, era alerta no raciocínio, corajoso e leal**, rápido na irritação e no riso, poderoso entre os Filhos de Ilúvatar na juventude da Humanidade. **Louros eram eles em sua maioria, e de olhos azuis;** mas Túrin, cuja mãe era Morwen, da Casa de Bëor, não era assim. Os homens daquela casa tinham cabelos escuros ou castanhos, **e olhos cinzentos. E de todos eram os mais parecidos com os noldor e os mais amados por eles;** pois eram sérios, habilidosos, céleres na compreensão e de longa memória; e ainda levados com mais facilidade à compaixão do que ao riso. Semelhante a eles era o povo da floresta de Haleth, mas esses tinham menor estatura e menor curiosidade pelas tradições. Usavam poucas palavras e não apreciavam grandes

ajuntamentos humanos. Muitos dentre eles apreciavam a solidão e perambulavam livremente pelos bosques, enquanto o espanto com as terras dos eldar ainda lhes era recente. TOLKIEN, 2009 A, p. 111 – 112. Grifos meus.

34

Então, Galdor, o Alto, assumiu a posição de autoridade do pai. E, graças à força e à altura das Montanhas Sombrias, que resistiram à correnteza de fogo, **e à bravura dos elfos e dos homens do norte**, que nem orc nem balrog tinham conseguido derrotar, Hithlum permaneceu incólume, uma ameaça no flanco do ataque de Morgoth; mas Fingolfin foi separado de seus semelhantes por um oceano de inimigos. TOLKIEN, 2009 A, p. 114. Grifos meus.

35

Afinal, de tal desespero era a situação de Barahir, que sua mulher Emeldir, a de Coração Viril (cuja disposição era mais lutar ao lado do marido e do filho do que fugir), reuniu todas as mulheres e crianças que restavam e deu armas àquelas que quisessem portá-las. Conduziu-as, então, para dentro das montanhas que estavam às suas costas; e por trilhas perigosas, até finalmente chegarem com grandes perdas e desditas a Brethil. TOLKIEN, 2009 A, p. 117. Grifos meus.

36

Tornaram-se eles proscritos, sem esperanças, um bando de desesperados que não podia escapar **e não queria se render**, pois suas moradas estavam destruídas, e suas mulheres e filhos, se não tivessem sido capturados ou exterminados, tinham fugido. TOLKIEN, 2009 A, p. 117. Grifos meus.

37

A batalha estava perdida, mas, mesmo assim, Húrin, Huor e o que restava da Casa de Hador mantinham-se firmes com Turgon, de Gondolin; e as hostes de Morgoth ainda não haviam conseguido conquistar o Passo do Sirion. TOLKIEN, 2009 A, p. 150. Grifos meus.

Turgon aceitou, então, os conselhos de Húrin e Huor. E, **convocando todos os que restavam do exército de Gondolin, bem como aqueles do povo de Fingon que puderam ser reunidos, recuou na direção do Passo do Sirion.** E seus capitães, Ecthelion e Glorfindel, protegeram os flancos à direita e à esquerda, para que nenhum inimigo passasse por eles. Já os homens de Dor-lómin defenderam a retaguarda, como Húrin e Huor desejavam; pois em seu íntimo não queriam deixar as Terras do norte e, se não conseguissem reconquistar seus lares, ali permaneceriam até o final. Desse modo foi reparada a traição de Uldor; **e de todos os feitos da guerra que os pais dos homens realizaram em benefício dos eldar, a resistência final dos homens de Dor-lómin é o mais famoso.** TOLKIEN, 2009 A, p. 150 – 151. Grifos meus.

Foi assim que Turgon forçou um caminho na direção sul até que, sob a proteção da guarda de Húrin e Huor, desceu pelo Sirion e escapou. Sumiu no meio das montanhas, sem ser visto pelos olhos de Morgoth. **Os irmãos, porém, reuniram em torno de si os remanescentes dos homens da Casa de Hador e foram cedendo palmo a palmo, até chegar a uma posição por trás do Pântano de Serech, tendo à sua frente o córrego de Rivil. Ali fi-caram e não recuaram mais.**

Então, todas as hostes de Angband os atacaram como enxames, cobriram o córrego com seus mortos e cercaram o que restava de Hithlum como uma maré que se avoluma em tomo de uma rocha. Ali, quando o Sol se pôs no sexto dia; e a sombra das Ered Wethrin escureceu, Huor caiu, atingido no olho por uma flecha envenenada, e todos os corajosos homens de Hador foram exterminados a seu redor, aos montes. E os orcs os decapitaram e empilharam suas cabeças como um monte de ouro à luz do pôr-do-sol.

Em último lugar, Húrin resistia sozinho. Largou, então, seu escudo para brandir o machado com as duas mãos. Contam as canções que o machado fumegava no sangue negro da guarda de trolls de Gothmog, até se consumir; e a cada vez que abatia um inimigo, Húrin gntava: “Aurë entuluva! O dia voltará!” Setenta vezes repetiu ele esse grito; mas acabaram por capturá-la vivo, por ordem de Morgoth, pois os orcs o agarraram com suas mãos, que não se soltavam mesmo quando ele as decepava dos braços. E a cada instante o inimigo se renovava, até que afinal ele caiu

soterrado por eles. **Gothmog então o amarrou e o arrastou até Angband sob zombarias.** TOLKIEN, 2009 A, p. 151. Grifos meus.

38

Contudo, nem com lobo, nem com balrog, nem com dragão, teria Morgoth atingido seu objetivo, se não fosse pela traição dos homens. Nessa hora, revelaram-se as tramóias de Ulfang.

Muitos dos orientais se voltaram e fugiram, com o coração cheio de mentiras e pavor. Os filhos de Ulfang, porém, de repente passaram para o lado de Morgoth e investiram contra a retaguarda dos filhos de Fëanor. E, na confusão que provocaram, chegaram perto do estandarte de Maedhros. Entretanto, não colheram a recompensa que Morgoth lhes prometera, pois Maglor matou Uldor, o Maldito, líder da traição; e os filhos de Bór, antes de serem mortos, mataram Ulfast e Ulwarth. Surgiu, porém, um novo contingente de homens que Uldor convocara e mantivera escondidos nas colinas orientais. Com isso, a hoste de Maedhros agora era atacada de três lados. Ela se dividiu, foi dispersada e fugiu de um lado para o outro. Mesmo assim, o destino salvou os filhos de Fëanor. E, embora todos estivessem feridos, nenhum fora morto, pois se reuniram e, trazendo para junto de si um remanescente do exército dos noldor e dos naugrim, eles abriram à força um caminho para sair da batalha e fugiram para longe, na direção do Monte Dolmed, no leste. TOLKIEN, 2009 A, p. 149.

39

— Não posso andar pelo salão de Brodda? — perguntou Túrin, irado — E vão espancar-me? Venha ver!

Com isso, entrou no salão, tirou o capuz, e, empurrando para o lado todos que estavam em seu caminho, dirigiu-se para a mesa onde estavam sentados o dono da casa e sua esposa, e outros senhores Orientais. Então alguns correram para agarrá-lo, mas ele os lançou ao chão.

— Ninguém comanda esta casa, ou é ela uma toca de orcs? — gritou — Onde está o dono?

— Eu comando esta casa — disse Brodda, erguendo-se furioso.

Mas, antes que pudesse dizer mais, Túrin falou.

— Então não aprendeu a cortesia que havia nesta terra antes de você. Agora os homens têm o costume de deixar os lacaios maltratarem os parentes das esposas? Sou um deles, e tenho um mandado para a Senhora Aerin. Devo vir em liberdade, ou devo vir como quero?

— Venha! — disse Brodda, e franziu o cenho; mas Aerin empalideceu.

Então Túrin caminhou até a mesa principal, parou diante dela e inclinou-se.

— Perdoe-me, Senhora Aerin — disse — por invadir assim sua casa; mas minha missão é urgente e me trouxe de longe. Busco Morwen, Senhora de Dor-lómin, e sua filha

Nienor. Mas a casa dela está vazia e saqueada. O que pode contar-me?

— Nada — disse Aerin apavorada, pois Brodda a observava de perto. — Nada, exceto que se foi.

— Isso não creio — disse Túrin.

Brodda deu então um salto, e estava vermelho de raiva e embriaguez. — Basta! — gritou. — Minha esposa há de ser desmentida diante de mim por um mendigo que fala a língua dos servos? Não há Senhora de Dor-lómin. Mas quanto a Morwen, ela pertencia ao povo dos escravos, e fugiu como fogem os escravos. Faça o mesmo, e depressa, ou mandarei enforcá-lo numa árvore!

Então Túrin pulou sobre ele, sacou a espada negra e agarrou Brodda pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás. — Que ninguém se mova — disse — ou esta cabeça abandonará seus ombros! Senhora Aerin, mais uma vez eu pediria seu perdão, se eu pensasse que este canalha alguma vez lhe fez algo que não fosse o mal. Mas fale agora, e não me negue nada! Não sou Túrin, Senhor de Dor-lómin? Devo ordenar-lhe?

— Ordene-me — respondeu ela.

— Quem saqueou a casa de Morwen?

— Brodda — respondeu ela.

— Quando ela fugiu, e para onde?

— Um ano e três meses atrás — disse Aerin. — O Senhor Brodda e outros Forasteiros do leste por aqui a oprimiram cruelmente. Há muito tempo fora convidada a ir para o Reino Oculito; e por fim partiu. Pois as terras daqui até lá estavam então livres do mal, por algum tempo, graças à bravura do Espada-Negra das terras do sul, ao que dizem; mas agora isso acabou. Ela imaginava lá encontrar o filho à sua espera. Mas, se você é ele, então temo que tudo tenha dado errado.

Riu-se Túrin, então, amargamente. — Errado, errado? — exclamou. — Sim, sempre errado: tão tortuoso como Morgoth! — E subitamente uma ira negra o sacudiu; pois seus olhos se abriram, o feitiço

de Glaurung soltou suas últimas amarras e ele reconheceu as mentiras com que fora ludibriado. — Fui burlado para vir e aqui morrer desonrado, eu que poderia ao menos ter tido um fim valoroso ante as Portas de Nargothrond? — E da noite em torno do salão lhe parecia ouvir os gritos de Finduilas.

— Não serei o primeiro a morrer aqui! — gritou. E agarrou Brodda, e com a força de sua grande angústia e ira ergueu-o bem alto, sacudindo-o como se fosse um cão. — Morwen do povo dos escravos, disse você? Seu filho de covardes, ladrão, escravo de escravos! — Com isso lançou Brodda de cabeça por cima da própria mesa, bem no rosto de um Oriental que se levantou para atacar Túrin.

Nessa queda o pescoço de Brodda partiu-se; e Túrin saltou atrás de seu arremesso, matando mais três que lá estavam agachados, pois os apanhou desarmados. Houve um tumulto no salão. Os Orientais que lá estavam sentados teriam atacado Túrin, mas muitos outros dentre os anciãos de Dor-lómin estavam lá reunidos. Por muito tempo haviam sido mansos criados, mas agora se levantaram em rebelião, aos gritos. Logo começou uma luta ferrenha no salão, e, embora os servos tivessem contra adagas e espadas apenas facas de carne e objetos semelhantes de que puderam se apossar, rapidamente muitos foram mortos de ambos os lados, antes que Túrin saltasse entre eles e matasse o último dos Orientais que ali restava.

Então descansou, encostado a uma coluna, e o fogo de sua ira era como cinzas. Mas o velho Sador arrastou-se para seu lado e o agarrou pelos joelhos, pois estava mortalmente ferido.

— Três vezes sete anos e mais, foi longa a espera por esta hora — disse. — Mas agora vá, vá, senhor! Vá e não volte, senão com maior força. Levantarão a região contra você.

Muitos correram do salão. Vá, ou se acabará aqui. Adeus! — Então escorregou até o chão e morreu.

— Ele fala com a verdade da morte — disse Aerin. — Você ficou sabendo o que queria. Agora vá depressa! Mas antes vá até Morwen e a console, ou considerarei difícil perdoar toda a ruína que provocou aqui. Pois, por pior que fosse minha vida, você me trouxe a morte com sua violência. Os Forasteiros se vingarão desta noite, em todos os que estavam aqui. Temerários são seus atos, filho de Húrin, como se ainda fosse apenas a criança que conheci.

— E fraco é seu coração, Aerin, filha de Indor, como quando eu a chamava de tia, e um cachorro turbulento lhe metia medo — disse Túrin. — Você foi feita para um mundo mais amável. Mas vamos embora! Vou levá-la a Morwen.

— A neve jaz sobre a terra, porém mais funda sobre minha cabeça — respondeu ela.

— Eu morreria nos ermos com você, do mesmo modo que com os brutos Orientais. Você não pode consertar o que fez. Vá! Ficar piorará tudo e despojará Morwen sem propósito. Vá, eu lhe imploro!

Túrin inclinou-se profundamente diante dela, virou-se e deixou o salão de Brodda; mas todos os rebeldes que tinham forças o seguiram. Fugiram para as montanhas, pois alguns deles conheciam bem os caminhos dos ermos e abençoaram a neve que caía atrás deles e lhes cobria os rastros. Assim, apesar de a caçada logo se iniciar, com muitos homens, cães e relinchar de cavalos, eles escaparam para o sul em direção das colinas. Então, olhando para trás, viram uma luz vermelha ao longe, na região que haviam abandonado.

— Eles incendiaram o salão — disse Túrin. — Com que finalidade?

— Eles? Não, senhor: ela, imagino — disse um deles, de nome Asgon. — Muitos homens de armas interpretam mal a paciência e o silêncio. Ela fez muito bem entre nós a muito custo. Seu coração não era fraco, e a paciência acaba por se partir.

Agora alguns dos mais robustos, capazes de resistir ao inverno, ficaram com Túrin e o conduziram por estranhas trilhas até um refúgio nas montanhas, uma caverna conhecida de proscritos e fugitivos; e lá havia escondido um estoque de comida. Lá esperaram até que a neve cessou, e então lhe deram alimento e o levaram a uma passagem pouco usada, que conduzia ao sul, ao Vale do Sirion, aonde a neve não chegara. No caminho que descia, separaram-se.

— Agora adeus, Senhor de Dor-lómin — disse Asgon. — Mas não se esqueça de nós. Agora seremos homens perseguidos; e o Povo-Lobo será mais cruel por causa de sua vinda. Portanto vá, e não volte, a não ser que venha com força bastante para nos libertar. Adeus! TOLKIEN, 2009 B, p. 189 – 193.

E Isildur não disse palavra, mas saiu à noite e realizou um feito pelo qual conquistou renome em tempos futuros. Pois entrou sozinho e disfarçado em Armenelos e chegou aos pátios do Rei, acesso que era agora proibido aos Fiéis. Foi ao local da Árvore, que era interditado a todos por ordens de Sauron; e a Árvore era vigiada dia e noite por guardas a seu serviço. Naquela época, Nimloth estava escura, sem nenhuma flor, já que o outono estava avançado e seu inverno se avizinhava. E Isildur passou pelos guardas, tirou da Árvore um fruto que dela estava suspenso e se voltou para ir embora. Os guardas, porém, foram alertados

e atacaram Isildur, que lutou para fugir, recebendo muitos ferimentos, e escapou. E, como estivesse disfarçado, não se descobriu quem havia posto as mãos na Árvore. Isildur, entretanto, chegou com grande dificuldade a Rómenna e entregou o fruto nas mãos de Amandil, antes que lhe faltassem as forças. O fruto foi então plantado em segredo e abençoado por Amandil; e na primavera um broto nasceu e cresceu. No entanto, quando sua primeira folha se abriu, Isildur, que por muito tempo estivera acamado e chegara a ver a morte de perto, levantou-se e não foi mais perturbado pelos ferimentos. TOLKIEN, 2009 A, p. 213 – 214

41

No final, porém, o cerco era tão rigoroso, que o próprio Sauron se apresentou; e lutou com Gilgalad e Elendil, matando os dois; e a espada de Elendil quebrou quando ele tombou. Mas Sauron também foi derrubado; e, com o toco de Narsil, Isildur arrancou o Anel Governante da mão de Sauron e ficou com ele para si. Então Sauron foi derrotado por algum tempo e abandonou seu corpo. Seu espírito fugiu para longe e se ocultou em local ermo. E por muitos anos ele não voltou a assumir forma visível. TOLKIEN, 2009 A, p. 229.

42

— Aiya Eärendil Elenion Ancalima! — gritou ele, sem saber o que tinha dito, pois parecia que outra voz falara através da sua, límpida, não molestada pelo ar pestilento da caverna. Mas há outros poderes na Terra-média, forças da noite, que são antigas e poderosas. E Aquela que andava na escuridão ouvira os elfos gritando aquele grito antigamente, nas profundezas do tempo, e não dera importância a ele, que também não a amedrontava agora. No momento em que Frodo falou, sentiu uma grande força maligna pesar sobre si, e um olhar mortal examinando a sua pessoa. Não muito distante no túnel, entre eles e a abertura onde tinham cambaleado e tropeçado, ele percebeu olhos ficando cada vez mais visíveis, dois grandes aglomerados de olhos com muitas janelas — a ameaça que se aproximava finalmente se desmascarou. A radiação da estrela de cristal se partiu naqueles milhares de facetas e foi lançada de volta, mas atrás do clarão um fogo pálido e mortal começou a brilhar fixo lá dentro, uma chama acesa em alguma escura caverna de pensamento maligno. Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem qualquer esperança de escaparem.

Frodo e Sam, tomados de terror, começaram a recuar devagar, a própria vista presa do olhar terrível daqueles maléficos olhos; mas, conforme recuavam, os olhos avançavam. A mão de Frodo vacilou e lentamente o Frasco foi descendo. Então, de repente, libertados do fascínio que os prendia a fim de que pudessem correr um pouco em pânico inútil, para o divertimento dos olhos, os dois se viraram e correram juntos; mas no momento em que arrancaram Frodo se virou e viu aterrorizado que imediatamente os olhos começaram a persegui-los aos saltos. O odor de morte era como uma nuvem ao seu redor...

A saída estava bloqueada por algum tipo de barreira, que não era feita de pedra: parecia macia e um pouco elástica, e ao mesmo tempo forte e impenetrável; o ar passava por ela, mas não se via qualquer sinal de luz. Mais uma vez avançaram e foram arremessados para trás.

Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.

Cruzando a extensão horizontal e vertical do túnel, uma grande teia fora tecida, metodicamente como a teia de uma enorme aranha, mas com uma textura mais densa e muito maior, e cada fio era grosso como uma corda.

Sam riu de modo sinistro. — Teias de aranha! — disse ele. — Isso é tudo? Mas que aranha! Vamos a elas, acabemos com elas! ...

Sam e seu mestre sabiam muito pouco sobre a astúcia de Laracna. Ela tinha muitas saídas de sua toca.

Ali morara por muitas eras um ser mau na forma de uma aranha, semelhante àqueles que tinham outrora vivido na Terra dos elfos no oeste, que jaz agora sob o Mar, semelhante àqueles contra os quais Beren lutara nas Montanhas de Terror em Doriath, e assim encontrou Lúthien sobre a verde relva em meio às cicutas sob o luar, há muito tempo. Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de

sombra; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão. Por toda a volta suas crias menores, bastardos dos companheiros miseráveis, seus próprios filhos que ela matava, espalharam-se de vale em vale, das Ephel Dúath até as colinas do leste, até Doi Guldur e as fortalezas da Floresta das Trevas. Mas nenhuma se comparava a ela, Laracna, a Grande, última filha de Ungoliant a importunar o mundo infeliz.

Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.

Mas a ganância dela não era a dele. Ela pouco sabia e não se preocupava com torres ou anéis ou qualquer coisa criada por mentes ou mãos, ela que só desejava a morte para todos os outros, mentes e corpos, e para si mesma uma fartação de vida, solitária, inchada até que as montanhas não mais conseguissem abrigá-la, até que a escuridão não a pudesse conter.

Mas esse desejo estava muito distante, e havia muito tempo ela estava faminta, espreitando no seu covil, enquanto o poder de Sauron crescia, e a luz e os seres vivos abandonavam suas fronteiras, e a cidade no vale ficou morta, e nenhum elfo ou homem se aproximava, apenas os infelizes orcs. Comida ruim e arisca. Mas ela precisava comer, e, por mais que se empenhassem em cavar novos caminhos sinuosos que vinham da passagem e de sua torre, ela sempre achava um modo de enganá-los.

Mas ela desejava carne mais tenra. E Gollum lhe trouxera.

— Veremos, veremos — ele sempre dizia a si mesmo, quando a disposição maligna o atacava, quando andava nas estradas perigosas que vinham das Eryn Muil para o vale Morgul — vamos ver. Pode muito bem ser, sim, pode muito bem ser que, quando Ela jogar fora os ossos e as vestes vazias, nós possamos encontrá-lo, e vamos pegá-lo, o Precioso, uma recompensa para o pobre Sméagol, que traz comida boazinha. E vamos salvar o Precioso, como prometemos. É sim. E, quando o tivermos a salvo, então Ela vai ficar sabendo, é sim, e então vamos dar-lhe o troco, meu precioso. Então vamos dar o troco a todo o mundo! Assim pensava num canto escondido de sua mente, que ele ainda tinha esperança de esconder dela, mesmo quando viera até ela de novo e lhe fizera uma grande reverência, enquanto seus companheiros dormiam.

Quanto a Sauron, ele sabia onde ela estava entocada. Prezava a idéia de tê-la morando lá, faminta mas não diminuída em malícia, uma sentinela mais eficiente daquela passagem antiga para suas terras que qualquer outra que seu talento poderia ter criado. E os orcs eram escravos úteis, mas ele os tinha em abundância. Se de vez em quando Laracna capturasse algum para amenizar seu apetite, era bem-vinda: Sauron podia dispor deles. E algumas vezes, como um homem pode jogar uma guloseima para sua gata (chama-a de minha gata, mas ela não é dele), Sauron costumava enviar-lhe prisioneiros para os quais não tinha melhores usos: ordenava que fossem conduzidos até a toca, e que lhe fossem trazidos relatórios das brincadeiras que ela aprontava.

Assim viviam ambos, deliciando-se com as próprias tramóias, sem temer ataque ou ira ou o fim de suas maldades. Nunca jamais qualquer mosca escapara das teias de Laracna, e sua fome e sua ira estavam agora maiores do que nunca...

Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio. Um pouco à frente e à esquerda ele a viu, saindo de um buraco negro de sombra sob o penhasco, a forma mais odiosa que ele jamais vira, horrível além do horror de um pesadelo. Era muito semelhante a uma aranha, mas maior que as grandes feras caçadoras, e mais terrível que elas por causa do propósito maligno em seus olhos sem remorso. Os mesmos olhos que ele pensava estarem derrotados e vencidos acendiam-se outra vez numa luz cruel, agrupados em sua cabeça protuberante. Tinha grandes chifres, e atrás de seu curto pescoço em forma de haste estava um enorme corpo inchado, um vasto saco intumescido, balançando e caído por entre as pernas o tronco era preto, manchado com marcas lívidas, mas a barriga embaixo era clara e luminosa, exalando um cheiro ruim. As pernas eram curvas, com grandes juntas nodosas bem acima de suas costas, e tinha pêlos espetados como espinhos de aço, e na extremidade de cada perna havia uma garra.

Assim que, apertando o corpo mole e pesado e dobrando as pernas, ela saiu pela abertura superior de sua toca, moveu-se a uma terrível velocidade, ora correndo sobre suas pernas rangentes, ora dando um salto repentino. Estava entre Sam e seu mestre. Ou não estava enxergando Sam ou o evitava naquele momento por ser ele o portador da luz, e fixava toda a sua atenção em uma presa, em Frodo, privado de seu Frasco, correndo descuidadamente pela trilha, inconsciente ainda do perigo que o ameaçava. Ele corria rápido, mas Laracna era mais rápida; em alguns saltos poderia capturá-lo.

Sam respirou fundo e reuniu todo o fôlego que lhe restava para gritar.

— Cuidado atrás! — berrou ele. — Cuidado, mestre! Eu... — mas de repente seu grito foi emudecido.

Uma longa mão pegajosa cobriu-lhe a boca e uma outra o pegou pelo pescoço, enquanto alguma coisa se enrolava em torno de sua perna. Pego de surpresa, ele tombou para trás e caiu nos braços de quem o atacara.

— Pegamos ele! — chiou Gollum ao seu ouvido. — Finalmente, meu precioso, nós pegamos ele, é sim, o hobbit malvado. Nós fica com este. Ela fica com o outro. E sim, Laracna vai pegar ele, não Sméagol: ele prometeu; não vai machucar o Mestre de jeito nenhum. Mas ele pegou você, seu nojento, malvado, hobbitzinho ssafado!

— Gollum cuspiu no pescoço de Sam.

A fúria diante da traição e o desespero em ser detido quando seu mestre corria um perigo mortal deram a Sam uma repentina violência e uma força que estava além de qualquer coisa que Gollum tinha esperado daquele hobbit que considerava parvo e estúpido. Nem mesmo o próprio Gollum poderia ter-se virado com maior rapidez ou força. A mão que cobria a boca de Sam escorregou, e Sam se abaixou e se jogou para a frente de novo, tentando se livrar da outra mão que lhe agarrava o pescoço. A mão direita ainda segurava a espada, e no braço esquerdo, pendurado pela correia, estava o cajado de Faramir...

Frodo jazia no chão com o rosto para cima e aquela criatura monstruosa se debruçava sobre ele, tão concentrada em sua vítima que não se deu conta de Sam e de seus gritos até que ele estivesse bem próximo. Quando Sam veio correndo na direção deles, viu que Frodo já estava preso por cordas passadas em torno de seu corpo, dos tornozelos até os ombros, e Laracna, com suas grandes patas dianteiras, começava a erguê-lo e arrastá-lo dali.

Perto de Frodo jazia, luzindo no chão, a espada élfica, no local onde caíra inútil de sua mão. Sam não parou para pensar no que se deveria fazer, se estava sendo corajoso ou leal, ou se estava possesso de raiva. Deu um salto à frente e gritou, agarrando a espada de seu mestre com a mão esquerda.

Então avançou. Nunca se vira um ataque tão violento no mundo selvagem dos animais, no qual uma pequena criatura, armada apenas com minúsculos dentes, é capaz de saltar sobre uma torre de chifres e carapaça que pisa sobre seu companheiro caído.

Perturbada, como se tivesse sido despertada de algum sonho de volúpia pelo pequeno grito do hobbit, lentamente voltou a malícia apavorante de seu olhar na direção dele. Mas quase antes de ela perceber que avançava sobre ela uma fúria maior do que qualquer outra provada em anos incontáveis, a espada brilhante golpeou sua pata e decepcionou a garra. Sam saltou para dentro dos arcos de suas pernas, e com um rápido impulso de sua outra mão desferiu um golpe contra o aglomerado de olhos na cabeça abaixada. Um grande olho escureceu.

Agora a infeliz criatura estava bem debaixo dela, no momento longe do alcance de seu ferrão e suas garras. Sua vasta barriga estava sobre Sam com sua luz pútrida, e o mau cheiro que vinha dela quase o derrubou. Mas ainda lhe restava fúria para mais um golpe, e antes que ela pudesse cair com o corpo sobre ele, sufocando-o com toda a sua pequena coragem atrevida, ele, num esforço desesperado, rasgou-lhe um talho no corpo com a reluzente espada élfica.

Mas Laracna não era como os dragões, e não tinha nenhum outro ponto frágil a não ser os olhos. Calombosa, esburacada e corrompida era a sua carapaça antiga como a eternidade, mas sua espessura era sempre alimentada de dentro para fora, formando camada sobre camada de excrescência maligna. A lâmina fez um talho horroroso, mas aquelas dobras hediondas não podiam ser perfuradas pela força humana, nem mesmo se elfos ou anões forjassem o aço, nem se a mão de Beren ou de Túrin o brandissem. Ela recuou quando golpeada, e então ergueu a enorme bolsa de sua barriga bem acima da cabeça de Sam. O veneno espumava e borbulhava do ferimento. Abrindo agora as pernas, ela fez seu enorme peso cair sobre ele outra vez. Cedo demais.

Pois Sam ainda estava de pé e, deixando cair sua própria espada, segurou com as duas mãos a espada élfica com a ponta para cima, afastando aquele teto horrível; e assim Laracna, com o impulso de sua própria disposição maligna, num esforço maior que o da mão de qualquer guerreiro, jogou-se sobre um cravo cruel. A espada foi penetrando cada vez mais fundo, enquanto Sam era lentamente prensado contra o chão.

Laracna jamais conhecera tal aflição, nem sonhara conhecer, em todo o seu vasto mundo de maldades. Nem o soldado mais valente da antiga Gondor, nem o orc mais selvagem preso numa armadilha, jamais lhe tinham resistido daquela maneira, ou enfiado uma lâmina em sua amada carne. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Erguendo-se de novo, num repelão violento devido à dor, encolheu sob o corpo as pernas contorcidas e pulou para trás num salto convulsivo.

Sam caíra de joelhos ao lado da cabeça de Frodo, os sentidos confusos devido ao terrível fedor, as duas mãos ainda agarrando o punho da espada. Apesar da névoa diante de seus olhos, ele percebia vagamente o rosto de Frodo, e tenazmente lutava para se controlar e se libertar do desfalecimento que o ameaçava. Lentamente ergueu a cabeça e a viu, apenas a alguns passos de distância, fitando-o, a boca

emporcilhada por um cuspe venenoso, e um líquido esverdeado escorrendo de seu olho ferido. Estava agachada, com a barriga trêmula estatelada sobre o chão, os grandes arcos das pernas tremendo, enquanto reunia forças para um outro salto — desta vez para esmagar e ferroar até a morte: nada de pequenas picadas venenosas para acalmar a luta de sua comida; desta vez para matar e depois estraçalhar.

No momento em que o próprio Sam se agachava, olhando para ela, enxergando sua morte naqueles olhos, um pensamento lhe ocorreu, como se alguma voz remota lhe tivesse falado, e ele bateu o peito com a mão esquerda e encontrou o que procurava: frio, duro e sólido pareceu-lhe ao tato, naquele mundo fantasmagórico de horror, o Frasco de Galadriel.

— Galadriel! — disse ele numa voz sumida, e então ouviu vozes distantes mas nítidas: o clamor dos elfos andando sob as estrelas nas amadas sombras do Condado, e a música dos elfos como lhe chegara em sonhos no Salão de Fogo da casa de Elrond.

Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida:

Gilthoniel! A Elbereth!

A Elbereth Gilthoniel

o menel palan-diriel,

le nallon si di'nguruthos!

A tiro nin, Fanuilos!

Com isso levantou-se cambaleando e outra vez era Samwise, o hobbit, filho de Hamfast.

— Agora venha, sua nojenta! — gritou ele. — Você machucou meu mestre, sua bruta, e vai pagar por isso. Nós vamos seguir em frente, mas primeiro vamos acertar as contas com você. Venha, e experimente isso de novo!

Como se o espírito indomável do hobbit tivesse colocado sua força em ação, o cristal se acendeu de repente como uma tocha branca em sua mão. Queimava como uma estrela que, saltando do firmamento, corta o ar escuro com uma luz intolerável. Nenhum terror igual vindo do céu jamais queimara no rosto de Laracna antes. Os raios daquela luz penetraram sua cabeça machucada e a cortaram com uma dor insuportável, e a terrível infecção de luz se espalhou de um olho para outro. Ela caiu para trás, golpeando o ar com as patas dianteiras, sua visão fulminada por relâmpagos internos, sua mente agonizando.

Então, virando sua cabeça mutilada, rolou no chão e começou a se arrastar, garra após garra, na direção da abertura no penhasco escuro lá atrás.

Sam avançou. Cambaleava como um bêbado, mas avançou. E Laracna finalmente recuou, encolhida e derrotada, tentando aos trancos e barrancos correr dele. Atingiu o buraco e, passando apertada, deixou um rastro de muco verde-amarelado e esgueirou-se para dentro, no momento em que Sam desfechava um último golpe em suas pernas rastejantes. Depois ele caiu no chão.

Laracna se fora, e se porventura permaneceu por muito tempo em sua toca, cuidando de sua malícia e miséria, e em lentos anos de escuridão se curou de dentro para fora, reconstruindo o aglomerado de olhos, até poder, com fome mortal, armar mais uma vez suas horripilantes ciladas nas fendas das Montanhas da Sombra, esta história não conta.

Sam foi deixado em paz. Exausto, enquanto a noite da Terra Inominada caía sobre o lugar da batalha, arrastou-se de volta ao seu mestre. TOLKIEN, 2010 B, p. 287 – 296.

43

Por fim, como Manwë havia prometido, ele foi conduzido novamente diante dos tronos dos Valar. **Contemplou então sua glória e sua bem-aventurança; e a inveja encheu seu coração. Viu os Filhos de Ilúvatar sentados aos pés dos Poderosos, e o ódio o dominou. Observou a abundância de pedras preciosas, e as cobiçou. Ocultou, porém, seus pensamentos e adiou sua vingança.** TOLKIEN, 2009 A, p. 43.

Ora, em seu coração, Melkor odiava acima de tudo os eldar, tanto por serem belos e alegres quanto por ver neles a razão para o ataque dos Valar e sua própria derrocada. **Por esse motivo, mais ainda simulava amor por eles, procurando sua amizade e lhes oferecendo seu conhecimento e seus serviços em qualquer grande obra que quisessem empreender.** TOLKIEN, 2009 A, p. 44.

E então Melkor cobiçou as Silmarils, e a mera lembrança de seu brilho era um fogo a lhe corroer o coração. **Daquela época em diante, instigado por esse desejo, ele buscou, cada vez mais avidamente, um meio de destruir Fëanor e encerrar a amizade entre os Valar e os elfos; mas disfarçou seus objetivos com astúcia, e nenhuma malignidade podia ser vislumbrada no semblante que ele apresentava. Por muito tempo dedicou-se ele a esse trabalho, e a princípio lentos e estêreos**

eram seus esforços. Contudo, **quem semeia mentiras no final não deixará de ter sua colheita; e em breve poderá descansar da labuta enquanto outros vão colher e semear em seu lugar.** Melkor sempre encontrava ouvidos que lhe dessem atenção, e algumas línguas que aumentassem o que haviam escutado; e **suas mentiras passaram de amigo a amigo,** como segredos cujo conhecimento demonstra a sabedoria de quem os revela. Amargo foi o preço pago pelos noldor, nos tempos que se seguiram, pela tolice de manter os ouvidos abertos.

Quando via que muitos se inclinavam em sua direção, Melkor costumava caminhar entre eles; e, **em meio a suas belas palavras, eram entremeadas outras, com tanta sutileza, que muitos daqueles que as ouviam, ao procurar se lembrar, acreditavam terem elas brotado de seu próprio pensamento. Ele fazia surgirem visões em seus corações dos esplêndidos reinos que eles poderiam ter governado por si mesmos, em poder e liberdade, no leste; e então se espalharam rumores de que os Valar teriam atraído os eldar para Aman em decorrência de sua inveja, temendo que a beleza dos quendi e o poder criador que Ilúvatar lhes havia transmitido crescessem tanto, que os Valar não pudessem mais controlá-lo, à medida que os elfos crescessem e se espalhassem pelas terras do mundo.** TOLKIEN, 2009 A, p. 45. Grifos meus.

Naquela época, além disso, embora os Valar soubessem de fato da chegada dos homens, que ocorreria, os elfos nada sabiam a respeito; pois Manwë não lhes havia feito essa revelação.

Melkor, porém, falou-lhes em segredo dos homens mortais, percebendo que o silêncio dos Valar poderia ser distorcido. Pouco sabia ele, ainda, dos homens, pois, absorto em seu próprio pensamento, na Música, prestara pouquíssima atenção ao Terceiro Tema de Ilúvatar; **mas agora corriam entre os elfos rumores de que Manwë os mantinha cativos, para que os homens pudessem chegar e suplantá-los nos territórios da Terra-média, pois os Valar consideravam que poderiam influenciar com maior facilidade essa raça mais fraca e de vida curta, privando os elfos da herança de Ilúvatar. Pouca verdade havia nisso; e raramente os Valar chegaram a tentar influenciar a vontade dos homens; mas muitos dos noldor acreditaram, ou acreditaram em parte, nessas palavras nefastas.**

Assim, antes que os Valar percebessem, a paz de Valinor estava envenenada. Os noldor começaram a resmungar contra eles, e muitos se encheram de orgulho, esquecendo-se de que grande parte do que possuíam e conheciam lhes chegara como presente dos Valar. Ardia com maior violência a nova chama do desejo de liberdade e de territórios mais vastos no coração impaciente de Fëanor; e **Melkor ria em segredo, pois era esse o alvo ao qual se dirigiam suas mentiras,** já que odiava Fëanor acima de todos e sempre cobiçara as Silmarils. Dessas, porém, não lhe era permitido aproximar-se. Pois, embora em grandes comemorações Fëanor as usasse, refulgentes sobre a testa, em outras ocasiões elas eram guardadas em segurança, trancadas nas câmaras profundas de seus tesouros em Tirion. De fato, Fëanor começara a amar as Silmarils com um amor ganancioso, ressentindo-se de que qualquer um as visse, à exceção do pai e de seus sete filhos. Agora raramente se lembrava de que a luz das pedras não era propriedade sua.

Nobres príncipes eram Fëanor e Fingolfin, os filhos mais velhos de Finwë, respeitados por todos em Aman; mas agora eles se haviam tornado orgulhosos, e cada um sentia ciúme de seus direitos e de seus bens. **E então Melkor espalhou novas mentiras em Eldamar,** e rumores chegaram aos ouvidos de Fëanor, dizendo que Fingolfin e seus filhos estavam tramando usurpar a liderança de Finwë e da linha primogênita de Fëanor, para suplantá-los, com a permissão dos Valar; pois aos Valar desagradava que as Silmarils estivessem em Tirion, e não confiadas à sua guarda. Já para Fingolfin e Finarfin foi dito: - Cuidado! Pouco amor já teve um dia o orgulhoso filho de Míriel pelos filhos de Indis. Agora ele se tornou importante, e tem o pai sob seu domínio. Não vai demorar muito para ele expulsar vocês de Túna! **E, quando Melkor viu que as mentiras se inflamavam, e que o orgulho e a raiva haviam despertado entre os noldor, ele lhes falou de armas.** E foi nessa época que os noldor começaram a forjar espadas, machados e lanças. Também fizeram escudos, exibindo os símbolos das muitas casas e clãs que competiam entre si. Somente estes eles usavam em público, e de outras armas não falavam, pois cada um acreditava que somente ele havia recebido o aviso. E Fëanor construiu uma forja secreta, que nem mesmo Melkor conhecia; e ali temperou espadas cruéis para si e para os filhos, além de criar elmos altos, com plumas vermelhas. Lamentou amargamente Mahtan o dia em que ensinara ao marido de Nerdanel todo o conhecimento de metais que havia aprendido com Aulë.

E assim, por meio de mentiras, rumores maldosos e conselhos falsos, Melkor atçou os corações dos noldor para a luta; e de suas contendas, com o tempo, resultou o fim dos belos dias de Valinor e o crepúsculo de sua glória antiqüíssima. Pois Fëanor começava agora a falar abertamente em rebelião contra os Valar, proclamando alto e bom som que partiria de Valinor de volta para o mundo de fora e livraria os noldor da escravidão, se eles quisessem segui-la. TOLKIEN, 2009 A, p. 45 – 46. Grifos meus.

Nem todos, porém, pois os rumores sobre Beleriand, suas terras e águas, suas guerras e sua abundância, se espalhavam por toda à parte, e os pés inquietos dos homens estavam sempre dirigidos para o oeste naquele tempo. Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos.

Suas casas eram numerosas, e alguns deles gostavam mais dos anões das montanhas do que dos elfos. Maedhros, porém, consciente da fraqueza dos noldor e dos edain, ao passo que as profundezas de Angband pareciam ter reservas inesgotáveis e sempre renovadas, fez aliança com esses homens recém-chegados e deu sua amizade a seus maiores chefes, Bór e Ulfang. E Morgoth ficou bem satisfeito, pois era isso o que planejara. Os filhos de Bór eram Borlad, Borlach e Borthand; e eles acompanharam Maedhros e Maglor com lealdade, iludindo a esperança de Morgoth. Os filhos de Ulfang, o Negro, eram Ulfast, Ulwarth e Uldor, o Maldito.

Esses acompanharam Caranthir, jurando-lhe fidelidade, e se revelaram pérfidos.

Não havia grande amor entre os edain e os orientais; e eles raramente se encontravam. TOLKIEN, 2009 A, p. 118 – 119.

Um dos viajantes, camarada vesgo e de aparência desagradável, estava prevendo que mais e mais pessoas viriam para o Norte num futuro próximo. — Se não providenciarem lugares para eles, eles mesmos farão isso, pois têm direito de viver, como as outras pessoas — disse ele em voz alta. Os habitantes locais não pareciam contentes diante da perspectiva. TOLKIEN, 2010 A, p. 247.

Mas havia um habitante de Bri de pele escura, que ficou olhando para eles como quem sabia das coisas, e com um ar zombeteiro que os deixava pouco à vontade. Depois escapou pela porta, sendo seguido pelo sulista vesgo: os dois tinham estado cochichando juntos por um bom tempo durante a noite. Harry, o porteiro, também saiu logo após eles. TOLKIEN, 2010 A, p. 253.

E mais estão a caminho. Há outros. Sei quantos são. Conheço esses Cavaleiros. — Parou, e seus olhos ficaram frios e duros. — E há algumas pessoas em Bri que não merecem confiança — continuou ele. Bill Samambaia, por exemplo. Ele tem o nome sujo na região de Bri, e pessoas estranhas o visitam. Devem tê-lo notado em meio ao grupo: um sujeito moreno e sarcástico. Estava bastante íntimo de um dos estranhos do Sul, e eles se esgueiraram para fora logo depois do seu — acidente. Nem todos esses sulistas têm boas intenções; e quanto a Bill Samambaia, este venderia qualquer coisa a qualquer pessoa e seria capaz de fazer maldades só para se divertir. TOLKIEN, 2010 A, p. 260.

— Eu sei — disse Passolargo. — O Hálito Negro. Os Cavaleiros devem ter deixado os cavalos do lado de fora, Passando pelo Portal Sul em segredo. Agora vão saber tudo o que aconteceu, pois visitaram Bill Samambaia; e provavelmente aquele sulista também era um espião. Pode ser que aconteça alguma coisa, antes que deixemos Bri. TOLKIEN, 2010 A, p. 274.

Entretanto, nesse meio tempo, o Sr. Carrapicho ficou achando que seu dinheiro tinha-se ido de verdade, e que talvez tivesse feito um mau negócio. E ele teve outros problemas. Pois houve uma grande agitação, logo que os outros hóspedes acordaram e souberam da notícia do ataque à estalagem. Os viajantes do Sul tinham perdido muitos cavalos, e punham a culpa no proprietário em voz alta, até que ficaram sabendo que uma pessoa de seu próprio grupo também tinha desaparecido, justamente o companheiro vesgo de Bill Samambaia. A suspeita recaiu imediatamente sobre ele. TOLKIEN, 2010 A, p. 283.

Conforme iam passando, os hobbits não tomavam conhecimento das cabeças curiosas que espiavam das portas, ou surgiam sobre muros ou cercas. Mas chegando perto do outro portal, Frodo viu uma casa escura e malcuidada atrás de uma cerca-viva espessa: a última casa da aldeia. Em uma das janelas, viu de relance um rosto amarelento, com olhos furtivos, vesgos; o rosto desapareceu imediatamente.

— Então é aí que o sulista está escondido!! , pensou ele. — Ele se parece muito com um orc. TOLKIEN, 2010 A, p. 284.

Algum tempo antes, um dos servos mais confiáveis de Saruman (porém um indivíduo desordeiro, um proscrito da Terra Parda, onde muitos diziam que tinha sangue de orc) voltara das

fronteiras do Condado, onde estivera negociando a compra de “erva” e outros suprimentos. Saruman começava a abastecer Isengard para o caso de guerra. Aquele homem estava então voltando para dar prosseguimento aos negócios e para organizar o transporte de muitas mercadorias antes que o outono acabasse.

Também tinha ordens para entrar no Condado, se possível, e descobrir se houvera alguma partida recente de pessoas bem conhecidas. Estava bem suprido de mapas, listas de nomes e notas acerca do Condado.

Esse terrapardense foi alcançado por vários Cavaleiros Negros quando estes se aproximavam da travessia de Tharbad. Em extremo terror, foi arrastado até o Rei dos Bruxos e interrogado. Salvou a vida traindo Saruman. Assim, o Rei dos Bruxos descobriu que Saruman sabia muito bem, todo o tempo, onde ficava o Condado, e sabia muitas coisas a seu respeito que poderia e deveria ter contado aos servos de Sauron se fosse um aliado fiel. O Rei dos Bruxos também obteve muitas informações, incluindo algumas sobre o único nome que lhe interessava: Bolseiro. Foi por essa razão que a Vila dos Hobbits foi designada como um dos pontos para visita e interrogatório imediatos.

O Rei dos Bruxos tinha agora uma compreensão mais clara do assunto. Muito tempo atrás conhecera algo sobre a região, em suas guerras contra os dunedain, e especialmente sobre as Tyn Gorthad de Cardolan, agora as Colinas dos Túmulos, cujos espíritos malignos ele mesmo mandara para lá. Vendo que seu Mestre suspeitava de algum movimento entre o Condado e Valfenda, viu também que Bri (cuja posição conhecia) seria um ponto importante, ao menos para informações. Portanto lançou a Sombra do terror sobre o terrapardense e o enviou a Bri como agente. Era ele o sulista vesgo na estalagem. TOLKIEN, 2009 B, p. 534 – 535.

46

Sam, aflito para ver mais, foi juntar-se aos guardas. Subiu um pouco num dos loureiros maiores. Por um instante viu, de relance e a alguma distância, homens morenos de vermelho descendo a encosta, e guerreiros vestidos de verde aos saltos atrás deles, derrubando-os enquanto fugiam. Flechas enchiam o ar. Então, de repente, pela borda do barranco onde estavam escondidos, um homem caiu, batendo contra as árvores esguias, quase em cima deles. Foi parar na samambaia a pouca distância deles, o rosto para baixo, com flechas adornadas com penas verdes enfiadas em seu pescoço, sob um colarinho de ouro. Suas vestes vermelhas estavam rasgadas, seu corselete de placas de bronze justapostas estava partido e despedaçado, suas tranças negras adornadas com ouro ensangüentadas. A mão morena ainda agarrava o punho de uma espada quebrada.

Era a primeira vez que Sam via uma batalha de homens contra homens, e não estava gostando muito do espetáculo. Ficou feliz por não conseguir ver o rosto morto.

Perguntava-se qual seria o nome do homem e de onde teria vindo, e se realmente tinha o coração mau, ou que mentiras ou ameaças o teriam conduzido na longa marcha desde seu lar, e se realmente não teria preferido ficar lá em paz — tudo num lampejo de pensamento que logo foi afastado de sua mente. Pois, no mesmo momento em que Mablung ia em direção ao corpo caído, ouviu-se outro barulho. Grande gritaria. Em meio a ela Sam ouviu o ruído de rugidos ou trombetas. E depois um grande baque de batidas e golpes surdos, como enormes aríetes estrondeando no chão.

— Cuidado! Cuidado! — gritou Damrod aos seus companheiros. — Que os Valar consigam desviá-lo! Múmak! Múmak!

Para seu assombro, terror e enorme prazer, Sam viu um vulto enorme romper dentre as árvores e vir descendo a encosta. Grande como uma casa, muito maior que uma casa, pareceu-lhe, uma colina móvel revestida de cinza.

O medo e a surpresa talvez tenham aumentado seu tamanho aos olhos do hobbit, mas o Múmak de Harad era realmente um animal enorme, e como aquele não há mais hoje em dia na Terra-média; seu parente que ainda vive nos últimos tempos é apenas uma lembrança de seu tamanho e majestade. Veio avançando, direto para os vigias, e então desviou no momento exato, passando a apenas alguns metros, fazendo tremer o chão sob seus pés: as grandes pernas como árvores, enormes orelhas semelhantes a velas abertas, a longa tromba erguida como uma enorme serpente pronta para atacar, os pequenos olhos vermelhos coléricos. Suas presas levantadas semelhantes a chifres estavam fixadas com bandas de ouro e pingavam sangue. Os arreios ricamente enfeitados de vermelho e dourado pendiam em farrapos soltos. Os escombros do que parecia ter sido uma verdadeira torre de guerra jaziam sobre seu lombo ofegante, destrocados em sua passagem furiosa através do bosque; e em cima de seu pescoço ainda se pendurava desesperadamente um pequeno vulto — o corpo de um guerreiro poderoso, um gigante entre os Morenos.

O grande animal avançava retumbando, cambaleando numa ira cega através de poças e moitas. Flechas inofensivas batiam e ricocheteavam na pele grossa de seus flancos. Homens dos dois lados

corriam fugindo dele, mas vários ele alcançou e esmagou contra o chão. Logo sumiu de vista, ainda trombeteando e estremeando o solo em algum ponto distante. O que aconteceu com ele Sam nunca soube: se escapou para perambular no ermo por um tempo, até que percesse longe de sua casa ou ficasse preso em algum poço fundo; ou ainda se continuou até mergulhar no Grande Rio e ser engolido pelas águas. TOLKIEN, 2010 B, p. 232 – 233.

47

Em vão os homens mostravam os punhos para os impiedosos inimigos que se aglomeravam diante do Portão. **Não se importavam com pragas, e nem entendiam as línguas dos homens do oeste, pois gritavam com vozes roucas como animais e aves de rapina.** Mas logo restavam poucos em Minas Tirith com coragem suficiente para se erguer e desafiar os exércitos de Mordor. Pois o Senhor da Torre Escura tinha ainda uma outra arma, mais rápida que a fome, o medo e o desespero. TOLKIEN, 2010 C, p. 94.

Desde a meia-noite prosseguia o ataque. Tambores retumbavam. Ao norte e ao sul, as companhias inimigas, uma atrás da outra, avançavam contra as muralhas.

Chegavam animais enormes, parecendo edifícios moveis a luz rubra e oscilante, os múmakil de Harad, arrastando pelas alamedas enormes torres e máquinas, em meio ao incêndio. Seu Capitão já não se preocupava muito com o que faziam ou quantos poderiam ser mortos: seu único objetivo era testar a força da defesa e manter os homens de Gondor ocupados em vários lugares. Era contra o Portão que ele jogaria seu maior peso. O Portão podia ser muito forte, feito de aço e ferro, guardado por torres e baluartes de pedra invencível, e apesar disso era a chave, o ponto mais fraco em toda aquela muralha alta e impenetrável. Os tambores retumbaram mais alto. As labaredas subiram com mais força. Grandes máquinas se arrastavam através do campo, e no meio havia um enorme arfete, grande como uma árvore da floresta, de trinta metros de comprimento, oscilando preso a fortes correntes. Estivera sendo forjado por muito tempo nas escuras ferrarias de Mordor, e sua cabeça hedionda, moldada em aço negro, tinha o formato de um lobo voraz; possuía feitiços de destruição. Chamavam-no Grond, em memória do Martelo do Mundo Subterrâneo de outrora. Grandes animais o puxavam, orcs se amontoavam em volta dele, e atrás vinham os trolls das montanhas para manejá-lo. Mas em volta do Portão a resistência ainda era forte, e ali os cavaleiros de Doí Amroth e os mais resistentes da guarnição se mantinham sitiados. Choviam flechas e lanças; torres de sitio tombavam ou de repente se incendiavam como tochas. Por toda a volta, diante das muralhas dos dois lados do Portão, o chão estava coberto de escombros e de corpos dos mortos; mesmo assim, como se guiados por uma loucura, mais e mais deles chegavam.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar. TOLKIEN, 2010 C, p. 99 – 100.

O auxílio aos rohirrim não chegou demasiado cedo; a sorte se voltara contra Éomer, e sua fúria o traía. A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas, derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. Mas, onde quer que surgissem os múmakil, por ali os cavalos não passavam, recuando e desviando; os grandes monstros continuavam invictos, e erguiam-se como torres de defesa; os haradrim se agrupavam em volta deles. Se os rohirrim, no início de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. Havia sido reunidos lá, para saquear a cidade e violar Gondor, aguardando o chamado de seu Capitão. Ele agora estava destruído, as Gothmog, o tenente de Morgul, os enviara para a luta: **orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls, com olhos brancos e línguas vermelhas.** Alguns ainda corriam na retaguarda dos rohirrim, outros se mantinham no oeste, para afastar as forças de Gondor e evitar que elas se juntassem às de Rohan. TOLKIEN, 2010 C, p. 120 – 121. Grifos meus.

Os cavaleiros de Doí Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: **homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol.** Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. Lá vinham Legolas e Gimli, brandindo seu machado; Halbarad com a bandeira; e Elladan e Elrohir com estrelas na frente,

junto com os dúnedain de mãos inclementes. Guardiões do norte, conduzindo uma grande tropa do valoroso povo de Lebennin e Lamedon e dos feudos do sul. Mas à frente de todos vinha Aragorn, com a Chama do Oeste, Andúril, como um novo fogo aceso, Narsil reforjada, letal como antigamente, e em sua testa brilhava a Estrela de Elendil. TOLKIEN, 2010 C, p. 123. Grifos meus.

48

E depois disso, três vezes ao dia, os arautos proclamavam a chegada do Rei Elessar. Mas ninguém respondia ao desafio. Não obstante, embora marchassem numa paz aparente, os corações de todo o exército, dos postos mais altos até os mais baixos, estavam pesados, e a cada milha que avançavam ao norte um mau presságio crescia dentro deles. Foi perto do fim do segundo dia desde que partiram em marcha da Encruzilhada que encontraram, pela primeira vez, uma ocasião de batalha. Um poderoso grupo de orcs tentou aprisionar a companhia que vinha à frente numa emboscada, exatamente no local onde Faramir tinha atocaiado os homens de Harad, no ponto em que a estrada entrava num corte profundo através de uma saliência das colinas a leste. Mas os Capitães do Oeste foram devidamente advertidos por seus batedores, homens habilidosos de Henneth Annún, liderados por Mablung; dessa forma, os que preparavam a emboscada acabaram presos nela. Cavaleiros deram uma grande volta no sentido oeste e vieram atacando o flanco do inimigo e sua retaguarda, e os orcs e orientais foram destruídos ou rechaçados para o leste, na direção das colinas. Mas a vitória pouco encorajou os corações dos capitães. TOLKIEN, 2010 C, p. 165.

As duas enormes portas de ferro do Portão Negro sob seu arco sinistro estavam muito bem fechadas. Sobre a ameia nada se via. Estava tudo quieto, mas persistia a sensação de vigilância. Tinham chegado ao derradeiro estágio de sua loucura e pararam, abandonados e sentindo frio, na luz cinzenta do início do dia, diante de torres e muralhas que seu exército não podia atacar com esperanças, nem mesmo se tivessem levado até lá máquinas muito poderosas, e se as tropas inimigas fossem para guarnecer a muralha e o portão. **Mas eles sabiam que todas as colinas e rochas ao redor do Morannon estavam cheias de inimigos ocultos, e o sombrio desfiladeiro mais além era perfurado e cheio de túneis apinhados de ninhadas de seres malignos.** E ali parados eles viram todos os nazgûl reunidos, pairando como abutres sobre as Torres dos Dentes, sabendo que estavam sendo vigiados. Mas ainda assim o Inimigo não dava qualquer sinal. TOLKIEN, 2010 C, p. 167. Grifos meus.

49



TOLKIEN & TOLKIEN, 2002.



TOLKIEN, 2010 A

Era por isso que, em decorrência da Interdição dos Valar, as viagens dos dunedain naquele tempo eram sempre na direção leste, e não oeste, desde as trevas do norte ao calor do sul, e para além do sul até a Escuridão Inferior. E os dunedain chegaram mesmo a entrar nos mares interiores, a velejar pela Terra-média e a avistar do alto de suas proas os Portões da Manhã no leste. E chegavam às vezes às costas das Grandes Terras, e sentiam pena do mundo abandonado da Terra-média. E os Senhores de Númenor pisaram novamente nas praias ocidentais nos Anos Escuros dos homens, e ninguém ousou combatê-los. Pois os homens daquela época que eram dominados pela Sombra estavam agora em sua maioria fracos e temerosos. E, ao chegar em meio a eles, os númenorianos muito lhes ensinaram. O trigo e o vinho trouxeram; e instruíram os homens a plantar sementes e a moer o grão, a cortar madeira e a dar forma à pedra, e a organizar sua vida, da forma que era possível nas terras de morte rápida e felicidade escassa.

Então, os homens da Terra-média sentiram alívio; e aqui e ali, nas costas ocidentais, os bosques despovoados recuaram, e os homens, livrando-se do jugo da prole de Morgoth, desaprenderam seu terror das trevas. E reverenciaram a memória dos altos Reis dos Mares. E, após sua partida, eles os chamaram de deuses, com a esperança de que voltassem. Pois, nessa época, os númenorianos nunca permaneciam muito tempo na Terra-média, nem instalavam por lá residência própria. Para o leste, eles deviam navegar; mas sempre era para o oeste que seus corações se voltavam. TOLKIEN, 2009 A, p. 205.

Isildur e Anárion foram levados mais para o sul e afinal subiram com suas embarcações pelo Grande Rio Anduin. Que sai de Rhovanion para o mar ocidental, na Baía de Belfalas. Estabeleceram um reino naquelas terras, que passaram a se chamar Gondor, enquanto o Reino Setentrional foi chamado de Amor. No passado remoto, no apogeu de seu poder, os marinheiros de Númenor fundaram um porto e fortificações junto às Fozes do Anduin, a despeito de Sauron na Terra Negra, que ficava próxima, a leste. Em épocas posteriores, até esse porto vinham apenas os Fiéis de Númenor. Portanto, muitos do povo da

região litorânea estavam total ou parcialmente familiarizados com os amigos-dos-elfos e com o povo de Elendil. E deram as boas-vindas a seus filhos. A principal cidade desse reino meridional era Osgiliath, que era cortada ao meio pelo Grande Rio. E os númenorianos ali construíram uma ponte enorme, sobre a qual havia torres e casas de pedra de aparência maravilhosa; e altas embarcações vinham do mar até os cais da cidade. Outras praças fortificadas eles também construíram de cada lado: Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, a leste, sobre uma plataforma saliente das Montanhas Sombrias, como uma ameaça a Mordor; e a oeste, Minas Anor, a Torre do Sol Poente, aos pés do Monte Mindolluin, como um escudo contra os homens selvagens das várzeas. Em Minas Ithil, ficava a casa de Isildur; e em Minas Anor, a de Anárion; mas os dois dividiam o reino entre si, e seus tronos estavam um ao lado do outro no Grande Palácio em Osgiliath. Essas eram as principais moradas dos númenorianos em Gondor, mas outras construções fortes e maravilhosas eles realizaram na Terra nos tempos de seu poder, nas Argonath e em Aglarond, assim como no Erech. E no círculo de Angrenost, que os homens chamavam de Isengard, eles construíram o Pináculo de Orthanc, feito de pedra indestrutível.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; e desses os mais renomados eram as Sete Pedras e a Árvore Branca. A Árvore Branca nasceu do fruto de Nimloth, a Bela, que ficava nos pátios do Rei em Armenelos, em Númenor, antes que Sauron a queimasse. E Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar. A Árvore, uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor, foi plantada em Minas Ithil, em frente à casa de Isildur, já que fora ele quem salvara o fruto da destruição; mas as Pedras foram repartidas. TOLKIEN, 2009 A, p. 226 – 227.

52

Ora, Elendil e Gil-galad examinaram juntos a questão, pois perceberam que Sauron se fortaleceria demais e derrotaria todos os inimigos, um a um, se eles não se unissem para enfrentá-lo. Criaram portanto aquela liga que é chamada de Última Aliança, e marcharam para o leste, para o interior da Terra-média, reunindo um imenso exército de elfos e homens. E pararam algum tempo em Imladris. Diz-se que as hostes ali reunidas eram mais belas e esplêndidas em armas do que qualquer outra que tenha sido vista desde então na Terra-média; e nenhum contingente mais numeroso foi formado desde que o exército dos Valar atacou as Thangorodrim.

De Imladris, eles atravessaram as Montanhas Nevoentas por muitos desfiladeiros e marcharam ao longo do Rio Anduin, chegando, afinal, a deparar com o exército de Sauron em Dagorlad, a Planície da Batalha, que se estende diante dos portões da Terra Negra. Naquele dia, todos os seres vivos estavam divididos; e alguns de cada espécie, mesmo entre os animais selvagens e as aves eram encontrados dos dois lados, à única exceção dos elfos Somente eles não se dividiram e seguiram a liderança de Gil-galad. Dos anões, poucos lutaram, fosse de um lado, fosse do outro. Mas a linhagem de Durin de Moria combateu Sauron.

O exército de Gil-galad e de Elendil obteve a vitória, pois o poder dos elfos ainda era tremendo naquele tempo, e os númenorianos eram altos e fortes, e terríveis em sua fúria. A Aeglos, a lança de Gil-galad, ninguém conseguia resistir; e a espada de Elendil enchia os orcs e os homens de medo, pois ela refulgia com a luz do Sol e da Lua, e se chamava Narsil Então Gil-galad e Elendil entraram em Mordor e cercaram o reduto de Sauron. Sitiaram a fortaleza por sete anos e sofreram graves perdas pelo fogo, por lanças e setas do Inimigo, e Sauron fez muitas investidas contra eles. Ali, no vale de Gorgoroth, Anárion, filho de Elendil, foi morto, além de muitos outros.

No final, porém, o cerco era tão rigoroso, que o próprio Sauron se apresentou; e lutou com Gilgalad e Elendil, matando os dois; e a espada de Elendil quebrou quando ele tombou. Mas Sauron também foi derrubado; e, com o toco de Narsil, Isildur arrancou o Anel Governante da mão de Sauron e ficou com ele para si. Então Sauron foi derrotado por algum tempo e abandonou seu corpo. Seu espírito fugiu para longe e se ocultou em local ermo. E por muitos anos ele não voltou a assumir forma visível.

Assim começou a Terceira Era do Mundo, depois dos Dias Antigos e dos Anos Escuros. E naquela época ainda havia esperança e lembrança da alegria; e por muito tempo a Árvore Branca dos eldar floriu nos pátios dos Reis dos homens, pois a muda salva por Isildur ele plantou na cidadela de Anor em memória de seu irmão, antes de partir de Gondor. Os servos de Sauron foram descobertos e desbaratados, mas não totalmente destruídos. E, embora muitos homens abandonassem nesse momento o mal e se tornassem súditos dos herdeiros de Elendil, muitos outros se lembravam de Sauron em seus corações e odiavam os reinos do oeste. TOLKIEN, 2009 A, p. 229.

Assim, com o tempo, Narsil chegou às mãos de Valandil, herdeiro de Isildur, em Imladris; mas sua lâmina estava partida; sua luz, extinta; e ela não voltou a ser forjada. E Mestre Elrond previu que isso só aconteceria quando o Anel Governante voltasse a ser encontrado, e Sauron retomasse. Mas a esperança de elfos e homens era que esses fatos nunca ocorressem.

Valandil foi morar em Annúminas, mas seu povo estava reduzido, e dos númenorianos e dos homens de Eriador muito poucos restavam para povoar a Terra e manter todos os prédios construídos por Elendil. Em Dagorlad, em Mordor e nos Campos de Lis muitos haviam tombado. E ocorreu que, depois do reinado de Eärendur, o sétimo rei que sucedeu a Valandil, os homens de Ponente, os dúnedain do norte, dividiram-se em pequenos reinos e feudos; e seus inimigos os devoraram um a um. Cada vez mais iam diminuindo com o tempo, até que sua glória passou, deixando apenas túmulos verdes na relva. Finalmente, deles nada restou a não ser um povo estranho a perambular em segredo no mato, e outros homens não conheciam seus lares nem o objetivo de suas viagens; e, a não ser em Imladris, na casa de Elrond, sua origem ancestral foi esquecida. Contudo, os fragmentos da espada foram preservados durante muitas vidas dos homens pelos herdeiros de Isildur; e sua linhagem, de pai para filho, permaneceu intacta. TOLKIEN, 2009 A, p. 230 – 231.

A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e na lâmina foi inscrito o desenho de sete estrelas, colocadas entre a lua crescente e o sol raiado; em volta delas foram escritas várias runas, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia guerrear nas fronteiras de Mordor. Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada; nela a luz do sol reluzia vermelha, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era resistente e afiado. E Aragorn lhe deu um novo nome, chamando-a de Andúril, Chama do Oeste. TOLKIEN, 2010 A, p. 425.

Os cavaleiros de Doi Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol. Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. Lá vinham Legolas e Gimli, brandindo seu machado; Halbarad com a bandeira; e Elladan e Elrohir com estrelas na frente, junto com os dúnedain de mãos inclementes. Guardiões do norte, conduzindo uma grande tropa do valoroso povo de Lebennin e Lamedon e dos feudos do sul. Mas à frente de todos vinha Aragorn, com a Chama do Oeste, Andúril, como um novo fogo aceso, Narsil reforjada, letal como antigamente, e em sua testa brilhava a Estrela de Elendil. TOLKIEN, 2010 C, p. 123.

E traziam a Númenor muitos presentes: pássaros canoros, flores perfumadas e ervas de grande poder de cura. Trouxeram também uma muda de Celeborn, a Árvore Branca que crescia no meio de Eressëa; e ela era por sua vez uma muda de Galathilion, a Árvore de Túna, a cópia de Telperion que Yavanna dera aos eldar no Reino Abençoado. E a árvore cresceu e floriu nos pátios do Rei em Armenelos: Nimloth era seu nome. Ela florescia ao entardecer e enchia as sombras da noite com sua fragrância. TOLKIEN, 2009 A, p. 205.

Por conseguinte, Amandil retirou-se para Rómenna, e todos aqueles que ele sabia ainda serem fiéis, foram convocados para ir para lá em segredo. Pois ele tendia que o mal agora crescesse rápido e que todos os amigos-dos-elfos corressem perigo. E isso logo aconteceu. Pois Meneltarma estava totalmente abandonada naquela época; e, embora nem mesmo Sauron ousasse profanar aquele local sublime, mesmo assim o Rei não permitia que nenhum homem, sob pena de morte, escalasse a montanha, nem mesmo aqueles Fiéis que mantinham Ilúvatar em seus corações. E Sauron recomendou ao Rei que cortasse a Árvore Branca, Nimloth, a Bela, que crescia em seus pátios, pois ela era uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor. TOLKIEN, 2009 A, p. 213.

De início, o Rei não quis concordar com isso, pois acreditava que a boa sorte de sua casa estivesse vinculada à Árvore, como Tar-Palantir havia profetizado. Assim, em sua loucura, ele, que agora detestava os eldar e os Valar, se agarrava em vão à sombra das antigas alianças de Númenor. Contudo, quando Amandil ouviu rumores das más intenções de Sauron, sentiu o coração pesaroso, sabendo que no final Sauron sem dúvida faria valer sua vontade. Falou então com Elendil e com os filhos de Elendil, lembrando a história das Árvores de Valinor. E Isildur não disse palavra, mas saiu à noite e realizou um

feito pelo qual conquistou renome em tempos futuros. Pois entrou sozinho e disfarçado em Armenelos e chegou aos pátios do Rei, acesso que era agora proibido aos Fiéis. Foi ao local da Árvore, que era interdito a todos por ordens de Sauron; e a Árvore era vigiada dia e noite por guardas a seu serviço. Naquela época, Nimloth estava escura, sem nenhuma flor, já que o outono estava avançado e seu inverno se avizinhava. E Isildur passou pelos guardas, tirou da Árvore um fruto que dela estava suspenso e se voltou para ir embora. Os guardas, porém, foram alertados e atacaram Isildur, que lutou para fugir, recebendo muitos ferimentos, e escapou. E, como estivesse disfarçado, não se descobriu quem havia posto as mãos na Árvore. Isildur, entretanto, chegou com grande dificuldade a Rómenna e entregou o fruto nas mãos de Amandil, antes que lhe faltassem as forças. O fruto foi então plantado em segredo e abençoado por Amandil; e na primavera um broto nasceu e cresceu. No entanto, quando sua primeira folha se abriu, Isildur, que por muito tempo estivera acamado e chegara a ver a morte de perto, levantou-se e não foi mais perturbado pelos ferimentos. TOLKIEN, 2009 A, p. 213 – 214.

Elendil, entretanto, fez tudo o que seu pai recomendara, e suas naus foram ancoradas ao largo da costa oriental da Terra. E os Fiéis embarcaram suas mulheres e filhos, seus bens de herança e enorme quantidade de mercadorias. Eram muitos os objetos de beleza e poder, como os que os númenorianos haviam criado em seus tempos de sabedoria, potes e jóias, bem como pergaminhos de tradições inscritos em negro e vermelho. E eles possuíam Sete Pedras, presentes dos eldar. No barco de Isildur, porém, era guardada a jovem árvore, a muda de Nimloth, a Bela. TOLKIEN, 2009 A, p. 216.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; e desses os mais renomados eram as Sete Pedras e a Árvore Branca. A Árvore Branca nasceu do fruto de Nimloth, a Bela, que ficava nos pátios do Rei em Armenelos, em Númenor, antes que Sauron a queimasse. E Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar. A Árvore, uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor, foi plantada em Minas Ithil, em frente à casa de Isildur, já que fora ele quem salvara o fruto da destruição; mas as Pedras foram repartidas. TOLKIEN, 2009 A, p. 227.

Portanto, quando Sauron julgou chegada a hora, investiu com força enorme contra o novo reino de Gondor, tomou Minas Ithil e destruiu a Árvore Branca de Isildur que lá estava plantada. Contudo, Isildur escapou, levando consigo uma muda da Árvore, desceu o Rio de barco com a mulher e os filhos, e, velejando, partiu das Fozes do Anduin à procura de Elendil. TOLKIEN, 2009 A, p. 228.

Assim começou a Terceira Era do Mundo, depois dos Dias Antigos e dos Anos Escuros. E naquela época ainda havia esperança e lembrança da alegria; e por muito tempo a Árvore Branca dos eldar floresceu nos pátios dos Reis dos homens, pois a muda salva por Isildur ele plantou na cidadela de Anor em memória de seu irmão, antes de partir de Gondor. Os servos de Sauron foram descobertos e desbaratados, mas não totalmente destruídos. E, embora muitos homens abandonassem nesse momento o mal e se tornassem súditos dos herdeiros de Elendil, muitos outros se lembravam de Sauron em seus corações e odiavam os reinos do oeste. TOLKIEN, 2009 A, p. 229.

No sul, o reino de Gondor resistiu, e por algum tempo seu esplendor aumentou, até lembrar a prosperidade e a majestade de Númenor antes da queda. Torres elevadas construiu o povo de Gondor, praças fortificadas e portos para muitas embarcações. E a Coroa Alada dos Reis dos Homens era reverenciada por pessoas de muitas terras e idiomas. Por muitos anos, a Árvore Branca cresceu diante da casa do Rei em Minas Anor, muda daquela árvore que Isildur trouxera das lonjuras do Mar, de Númenor; e a muda antes dela tinha vindo de Avallónë; e, antes dessa, de Valinor, no Dia antes dos dias, quando o mundo era jovem. TOLKIEN, 2009 A, p. 231.

Já Minas Anor resistia, e recebeu o novo nome de Minas Tirith. Torre da Guarda, pois ali os Reis fizeram construir na cidadela uma torre branca, muito alta e bela, e seu olho estava voltado para muitas terras. Ainda ativa e forte era essa cidade, e nela a Árvore Branca ainda floresceu por algum tempo diante da Casa dos Reis. Ali os remanescentes dos númenorianos ainda defendiam a passagem do Rio contra os terrores de Minas Morgul e todos os inimigos do oeste, orcs, monstros e homens perversos. Assim, as terras atrás deles, a oeste do Anduin, estavam protegidas da guerra e da destruição. TOLKIEN, 2009 A, p. 231 – 232.

Nos pátios de Minas Anor, a Árvore Branca voltou a florir, pois uma muda fora encontrada por Mithrandir nas neves da Mindolluin, que se erguia alta e branca, acima da Cidade de Gondor. E, enquanto

a árvore ainda crescia ali, os Dias Antigos não foram completamente esquecidos nos corações dos Reis. TOLKIEN, 2009 A, p. 238.

Os Guardas do portão estavam vestidos de preto, e seus elmos tinham formatos estranhos, com a parte superior muito alta e com protetores faciais perfeitamente ajustados ao rosto, e acima desses protetores encaixavam-se as asas brancas de pássaros marinhos; mas os elmos cintilavam com uma chama de prata, pois na realidade eram feitos de mithril, legados da glória de dias antigos. Sobre as vestes negras estava bordada em branco uma árvore florescendo como neve sob uma corôa de prata e estrelas de muitas pontas. Esse era o uniforme dos herdeiros de Elendil, e ninguém o usava em Gondor, a não ser os Guardas da Cidadela diante do Pátio da Fonte, onde a Arvore Branca outrora crescera. TOLKIEN, 2010 C, p. 13.

Já parecia que a notícia de sua chegada os precedera; imediatamente foram admitidos, silenciosamente e sem perguntas. Gandalf atravessou depressa o pátio pavimentado com pedras brancas. Uma fonte suave brincava ali no sol da manhã, e um gramado verde-claro jazia ao redor dela; mas na névoa, inclinando-se sobre o lago, havia uma árvore morta, e gotas pingavam tristemente de seus ramos secos e quebrados, caindo de novo na água límpida.

Pippin a contemplou enquanto corria atrás de Gandalf. A cena era melancólica, pensou ele, e ficou imaginando por que a árvore morta fora deixada naquele lugar onde todo o resto era bem cuidado.

Sete estrelas, sete pedras e uma árvore branca.

As palavras murmuradas por Gandalf retornaram-lhe á mente. E então viu-se às portas do grande palácio sob a torre reluzente, e seguindo o mago passou pelas altas sentinelas e entrou nas sombras frescas e ressonantes da casa de pedra. TOLKIEN, 2010 C, p. 13.

De repente Pippin lembrou-se das rochas esculpidas dos Argonath, e ficou tomado de admiração, olhando aquela avenida de reis há muito mortos. Na extremidade, sobre uma plataforma de muitos degraus, erguia-se um trono alto sob um dossel de mármore, que tinha a forma de um elmo coroadado. Atrás dele, gravada na parede e adornada com pedras, via-se a imagem de uma árvore em flor. Mas o trono estava vazio. Ao pé da plataforma, sobre o degrau inferior, que era largo e profundo, havia uma cadeira de pedra preta e sem adornos, e nela estava sentado um velho que olhava para o próprio colo. Em sua mão via-se um bastão branco com um botão de ouro. Não ergueu os olhos. Solenemente os dois caminharam pelo longo piso na direção dele, até ficarem a três passos de seu escabelo. TOLKIEN, 2010 C, p. 14 – 15.

Foi como ele dissera, e Pippin logo se viu trajado com uma roupa estranha, toda preta e prateada. Tinha uma pequena cota de malha, com anéis forjados de aço, talvez, embora fossem pretos como o azeviche; também um elmo alto com pequenas asas de corvo dos dois lados, adornado com uma estrela de prata no centro do diadema. Sobre a cota de malha trazia um pequeno casaco preto, com o símbolo da Árvore bordado em prata no peito. TOLKIEN, 2010 C, p. 75.

Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-la de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca, representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta corôa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a corôa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro. TOLKIEN, 2010 C, p. 122.

— E eu pelo povo da Grande Floresta — disse Legolas —, e por amor do Senhor da Árvore Branca. TOLKIEN, 2010 C, p. 157.

Sobre um monte estavam ele e Gandalf, e ali, bela e desesperada, erguia-se a bandeira da Árvore e das Estrelas. Sobre o outro monte ao lado erguiam-se as bandeiras de Rohan e Doí Amroth, Cavalo Branco e Cisne de Prata; em torno de cada monte foi formado um círculo que vigiava em todas as direções, erigido de lanças e espadas. Mas na frente, na direção de Mordor, onde o primeiro e terrível assalto viria, estavam os filhos de Elrond à esquerda, com os dúnedain ao redor deles, e á direita o Príncipe Imrahil com os homens de Doí Amroth, altos e belos, além de soldados escolhidos da Torre da Guarda. TOLKIEN, 2010 C, p. 172.

E assim, com o sangue quente a corar-lhes as faces e os olhos brilhando de surpresa, Frodo e Sam avançaram e viram que em meio ao exército clamante estavam três altos assentos feitos de turfa verde. Atrás do assento à direita pairava, branco sobre verde, um grande cavalo correndo solto; à esquerda havia uma bandeira, prata sobre azul, um navio com proa em cisne vagando sobre o mar; mas atrás do trono mais alto, que ficava bem ao centro, um grande estandarte se abria na brisa, e nele uma árvore branca floria sobre um campo de sable, sob uma corôa reluzente e sete estrelas brilhantes. Sentado no trono estava um homem vestido de malha metálica, com uma grande espada sobre os joelhos; mas em sua cabeça não havia elmo. TOLKIEN, 2010 C, p. 239.

*Cantai, ó povo da Torre de Anor,
que o Reino de Sauron para sempre acabou,
e a Torre Escura enfim ruiu.
Cantai e jubilai, ó povo da Torre da Guarda,
que vossa vigília não foi em vão,
e o Portão Negro foi quebrado,
e vosso Rei já pôde passar em marcha triunfal.
Cantai e alegrai-vos, vós todos, filhos do oeste,
que vosso Rei há de voltar outra vez,
e ele habitará entre vós todos os dias de vossa vida.
E a Árvore que havia secado renovada será,
e será plantada nos lugares altos,
e a Cidade será abençoada.
Cantai todos, ó povo! TOLKIEN, 2010 C, p. 250 – 251.*

E nesse momento todas as trombetas soaram, o Rei Elessar avançou chegando até a barreira, e Húrin das Chaves a afastou; em meio à música de harpas, violas e flautas, e do canto de vozes límpidas, o Rei passou pelas ruas cobertas de flores, chegando à Cidadela, e a adentrou; a bandeira da Arvore e das Estrelas foi desfaldada sobre o torreão mais alto, e iniciou-se o reinado do rei Elessar, do qual falaram muitas canções. TOLKIEN, 2010 C, p. 256.

— Mas eu morrerei — disse Aragorn. — Pois sou um homem mortal, e, embora seja o que sou e da raça pura do oeste, devendo ter uma vida mais longa que os outros homens, ela vai durar pouco tempo; e, depois que aqueles que agora estão nos ventres das mulheres nascerem e estiverem velhos, eu também ficarei velho. E quem então deverá governar Gondor e aqueles que consideram esta Cidade a sua rainha, se meu desejo não for satisfeito? A Árvore no Pátio da Fonte ainda está seca e estéril. Quando terei um sinal de que um dia será de outro modo?

— Desvie seu rosto do mundo verde, e olhe para onde tudo parece desolado e frio! — disse Gandalf.

Então Aragorn se virou, e havia uma ladeira de pedra atrás dele, que descia da orla da neve; e, quando olhou, percebeu que ali, solitária, em meio à desolação, estava uma coisa viva. E ele subiu até ela, e viu que exatamente da orla da neve nascia uma muda de árvore que não ultrapassava noventa centímetros em altura. Já já exibia jovens folhas longas e belas, escuras na face superior e prateadas por baixo, e sobre sua esbelta copa carregava um pequeno cacho de flores, cujas pétalas brancas brilhavam como a neve iluminada pelo sol.

Então Aragorn exclamou:

— Yé! utúvienes! Encontrei-a! Veja! Aqui está uma descendente da Mais Velha das Árvores. Mas como veio parar aqui? Pois ela mesma não tem mais de sete anos de idade.

E Gandalf, aproximando-se, olhou para a pequena árvore e disse:

— Realmente, esta é uma muda da linhagem de Nimloth, a bela, e esta foi uma semente de Galathilion, que nasceu do fruto de Telperion dos muitos nomes, a Mais Velha das Árvores. Quem poderá dizer como ela veio parar aqui na hora marcada? Mas este é um antigo local sagrado, e, antes que os reis caíssem ou a Arvore secasse no pátio, um fruto deve ter sido plantado aqui. Pois comenta-se que, embora o fruto da Árvore raramente fique maduro, mesmo assim a vida que existe dentro dele pode dormir através de muitos e muitos anos, e ninguém pode predizer o tempo em que despertará. Lembre-se disso. Pois, se algum dia um fruto amadurecer, ele deve ser plantado, para evitar que a linhagem desapareça do mundo. Aqui ele foi colocado, escondido nas montanhas, da mesma forma que a raça de Elendil ficou escondida nos ermos do norte. E apesar disso a linhagem de Nimloth é muito mais antiga do que a sua, Rei Elessar.

Aragorn encostou delicadamente sua mão á muda de árvore e ai percebeu, surpreso, que ela se prendia muito de leve á terra; retirou-a sem feri-la, e levou-a de volta à Cidadela. Então a árvore seca foi arrancada, mas com reverência; não a queimaram, mas a deitaram para que descansasse no silêncio de Rath Dinen. E Aragorn plantou a nova árvore no pátio perto da fonte, e ela começou a crescer rápida e alegremente; e, quando chegou o mês de junho, ficou carregada de flores. TOLKIEN, 2010 C, p. 259 – 260.

Quando o rei Telemnar morreu, as Arvores Brancas de Minas Anor também murcharam e morreram. Mas Tarondor, seu sobrinho e sucessor, replantou uma muda na na Cidadela. Foi ele também quem transferiu a casa real definitivamente para Minas Mor, pois Osgiliath estava agora parcialmente abandonada, e começava a cair em ruínas. TOLKIEN, 2010 C, p. 349.

Não obstante, os regentes nunca tomaram assento no antigo trono, e não usavam coroa ou cetro. Tinham um bastão branco apenas como símbolo de seu posto; sua bandeira era branca e sem insígnias, ao passo que a bandeira real fora sable, exibindo uma árvore branca em flor sob sete estrelas. TOLKIEN, 2010 C, p. 355.

Quando morreu Belecthor II, o vigésimo primeiro regente, a Árvore Branca também morreu em Minas Tirith, mas foi deixada de pé "até o retorno do rei", pois não se conseguiu achar uma muda. TOLKIEN, 2010 C, p. 357.

E depois da Guerra os dias dos regentes governantes chegaram ao fim, pois o herdeiro de Isildur e Anárion retornou, o governo dos reis foi restabelecido, e a bandeira da Árvore Branca foi mais uma vez desfraldada sobre a Torre de Ecthelion." TOLKIEN, 2010 C, p. 360.

Com frequência o cumpriu, pois, embora Sauron tivesse desaparecido, os ódios e maldades semeados por ele não haviam morrido, e o Rei do Oeste teve de subjugar muitos inimigos antes que a Arvore Branca pudesse crescer em paz. E, para onde quer que o rei Elessar conduzisse uma guerra, o rei Eomer o acompanhava; e além do Mar de Rhún e nos distantes campos do sul o trovão da cavalaria dos rohírrim foi ouvido, e o Cavalo Branco sobre Verde tremulou em muitos ventos até Éomer ficar velho. TOLKIEN, 2010 C, p. 380.

*Grandes reis e navios
Três vezes três
Que trouxeram da terra submersa
Pelo mar na fluidez?
Sete estrelas, sete pedras
Branca árvore talvez.* TOLKIEN, 2010 B, p. 174.

55

*Branca-de-Neve! Clara Senhora!
Reinas além dos Mares Poentes!
És nossa Luz aqui nesta hora
No mundo das arvores onipresentes!
Ó Gilthoniel! Ó Elbereth!
De hálito puro e claro olhar!
Branca-de-Neve, a ti nossa voz
Em longes terras, além do Mar.
Estrelas que, no Ano sem Sol,
Pela sua mão fostes semeadas,
Em campos de vento, em claro arrebol,
Agora sois flores prateadas.
ó Elbereth, ó Gilthoniel!
Inda lembramos, nós que moramos
Nesta lonjura, em matas silentes,
A luz dos astros nos Mares Poentes.*

A canção terminou⁴⁵⁷. TOLKIEN, 2010 A, p. 129.

*Gil-galad foi um Elfo-rei que ao som das harpas cantarei:
foi o último livre a reinar entre essas Montanhas e o Mar.
Longa sua espada, a lança esguia, seu elmo ao longe resplandecia;
milhões de estrelas lá no céu refletiam-se em seu broquel.
Há muito tempo, foi-se embora, e ninguém sabe onde ele mora;
sua estrela, na escuridão, em Mordor onde as sombras vão⁴⁵⁸.* TOLKIEN, 2010 A, p. 292.

*Earendil foi um marinheiro
que veio em Arvernien morar:
cortou madeira de Nimbrethil,
fez um navio para viajar;
teceu as velas com fios de prata,
também de prata é a iluminação;
qual cisne a proa foi esculpida,
e a luz dá vida a seu pavilhão.*

*Com armadura de antigos reis,
malha de anéis, qual manto real,
broquel brilhante de runas cheio,
vai protegê-lo de todo mal;
pro arco um chifre deu-lhe um dragão,
de ébano bom as flechas que tinha;
de fio de prata era o gibão,
de calcedônia era a bainha;
valente espada de aço fino,
e adamantino elmo o respalda;
pena de águia traz por enfeite,
e sobre o peito linda esmeralda.
Sob o luar e sob as estrelas,
viajava pelas praias do Norte;
como encantado, confuso ia
além dos dias da terra da morte
Quer do rangido do Gelo Estreito,
das sombras leito em campo gelado,
quer do calor e da lava ardente,
rápido sempre saía por um lado;
por águas negras longe trafega,
até que navega em Noite do Nada
e vai passando sem encontrar
praia brilhante ou luz desejada.
Vêm procurá-lo os ventos da ira
e cego gira em mar sem promessa;
de Oeste a Leste, tudo impreciso,
e sem aviso à casa regressa.*

*Voando chega até ele Elwing
e há chama enfim na treva a queimar;
mais que diamante brilha e resplende
o fogo ardente de seu colar.
Com a Silmaril ela o ataviou
e o coroou com a luz vivente;
sem medo então, com fogo no olhar,
vai navegar; e na noite quente
lá do Outro mundo além do Mar*

⁴⁵⁷ Cantada por um grupo de elfos.

⁴⁵⁸ Cantada pelo hobbit Sam.

*surge o troar de forte tormenta
em Tarmenel, um vento poder;
por rota incerta, rara e agourenta,
leva seu barco num sopro mordaz,
poder feroz de morte no ar
e mares tristes e abandonados
de lado a lado ele viu passar.*

*Por Noite terna reconduzido,
em atro estampido de ondas que vão
por mar sem luz de costas profundas
mortas no fundo desde a criação;
foi lá que ouviu em praias de pérolas,
onde da terra a música cessa,
onde na espuma há ondas rolando d
e ouro amarelo e jóias à beça.*

*Viu a Montanha subindo calada,
na tarde sentada sobre os joelhos
de Valinor, enquanto Eldamar
olhava o mar além dos escolhos.
Errante em fuga da noite sai
e a um porto vai enfim atracar;
na Casadelfos verde e bonita,
o ar palpita e, cor de luar,
sob a Colina de Ilmarin,
brilham num vale diafanizadas,
iluminadas torres de Tírión
no Lago Sombra sempre espelhadas.*

*Lá descansou das duras andanças,
música e dança por lá aprendeu,
mil maravilhas foram contadas
e harpas douradas alguém lhe deu.
De branco élfico foi revestido
e, precedido por luzes sete,
passando por Calacirian
na terra arcana e vazia se mete.
Viu salões imemoriais
com os anais de anos sem conta,
do Antigo Rei viu reinos sem fim
em Ilmarin do Monte na ponta;
novas palavras então aprende
de homens grandes e elfos matreiros,
além do mundo onde há visões
que só se expõem aos forasteiros.*

*Foi construído novo navio
todo mithril e aí cristalino,
proa brilhante, mas ninguém rema
ou vela treme em mastro argentino:
a Silmaril, sua única luz,
que ele conduz qual flâmula em chama
para brilhar junto a Elbereth
que reaparece e logo derrama
imortais asas para o transporte,
traça-lhe a sorte sempre sua,
zarpar por céus sem litoral
por trás do Sol e da luz da Lua.*

*Das Sempriguais, colinas pacatas,
onde cascatas tecem sua rede,
levam-no as asas, farol errante,
além do grande Monte Parede.
Do Fim-do-Mundo ele desvia
e gostaria de achar a trilha
do lar, por entre sombras vagando,
sempre queimando qual astro em ilha
sobrevoando a névoa ele vem,
chama do além que ao Sol é clarão,
é maravilha de um novo dia
onde águas cinza do Norte vão.
Por sobre a Terra-média passou
e ali soou a voz de quem chora,
donzelas élficas e mulheres
dos Dias Antigos, de anos de outrora.
Mas sobre si levava sua sorte,
da Lua até a morte, estrela fadada
a ir queimando sem se deter
para rever sua terra amada;
pra todo o sempre nesta missão,
sem que descanso tenha à frente,
longe levar da lâmpada a flama
qual Porta -chama do Ponente. TOLKIEN, 2010 A, p. 360 – 364⁴⁵⁹.*

56

— Ah! O Anel — disse Boromir, com os olhos faiscando. — O Anel! Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez?

Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. **Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável.**

— É melhor que ele fique escondido — respondeu ele.

— Como quiser. Não me preocupo — disse Boromir. — Mas não posso nem falar dele? Pois você parece estar sempre pensando só no poder do Anel nas mãos do Inimigo: em seus usos maléficis, e não nos bons. O mundo está mudando, você diz. Minas Tirith vai perecer, se o Anel perdurar. Mas por quê? Certamente seria assim se o Anel estivesse com o Inimigo. Mas por quê, se estivesse conosco?

— Você não estava no Conselho? — respondeu Frodo. — Porque não podemos usá-lo, e porque o que é feito com ele se transforma em malefício.

Boromir levantou-se e ficou andando de um lado para outro, impaciente.

— Você continua dizendo isso — exclamou ele. — Gandalf, Elrond... todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. **Homens de coração sincero, estes não serão cor rompídos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de proações.** Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. **Os corajosos, os destemidos, só estes conseguirão a vitória. O que não poderia fazer um guerreiro nesta hora, um grande líder?** O que Aragorn não poderia fazer? Ou, se ele se recusar, por que não Boromir? O Anel poderia me dar poder de Comando. Como eu poderia rechaçar os exércitos de Mordor, e todos os homens seguiriam minha bandeira!

Boromir andava para cima e para baixo, falando cada vez mais alto.

Parecia quase que tinha esquecido de Frodo, enquanto sua fala se detinha em muralhas e armas, e no ajuntamento de tropas de homens; fazia planos para grandes alianças e gloriosas vitórias futuras; e

⁴⁵⁹ Cantada pelo hobbit Bilbo

destruía Mordor e se tornava um rei poderoso, benevolente e sábio. De repente, parou e agitou os braços.

— E eles nos dizem para jogá-lo fora! — gritou ele. — Não digo destruí-lo. Isso seria bom, se racionalmente pudéssemos ter alguma esperança de fazê-lo. Mas não podemos. O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura!

— Certamente você está entendendo, meu amigo? — disse ele, voltando-se agora de repente para Frodo outra vez. — Você diz que está com medo. Se é assim, os mais corajosos devem perdoá-lo. Mas não seria na verdade o seu bom senso que se revolta?

— Não, estou com medo — disse Frodo. — Simplesmente com medo. Mas estou feliz por ter ouvido você falar tão abertamente. Minha mente agora está menos confusa.

— Então você virá para Minas Tirith? — gritou Boromir, com os olhos brilhando e o rosto ansioso.

— Você não está me entendendo — disse Frodo.

— Mas você virá, pelo menos por um tempo? — persistiu Boromir. — Minha cidade não está longe agora, e a distância de lá até Mordor é um pouco maior do que se partíssemos daqui. Faz tempo que estamos viajando por lugares desertos, e você precisa saber o que o Inimigo está fazendo antes de tomar uma decisão. Venha comigo, Frodo — disse ele. — Você precisa descansar antes de sua aventura, se é que precisa mesmo ir. — Colocou a mão no ombro do hobbit de um modo amigável, **mas Frodo sentiu a mão tremendo com uma agitação contida.** Deu um passo abrupto para trás, e olhou alarmado para aquele homem alto, com quase o dobro de seu tamanho e muitas vezes mais forte que ele.

— Por que essa hostilidade? — perguntou Boromir. — Sou um homem sincero. Não sou ladrão nem perseguidor. Preciso de seu Anel: agora você já sabe; mas dou-lhe minha palavra de que não pretendo ficar com ele. Você não permitiria pelo menos que eu tentasse pôr em prática meu plano? Emprésteme o Anel!

— Não! Não! — gritou Frodo. — O Conselho designou-me como Portador.

— É por nossa própria tolice que o Inimigo vai nos derrotar — gritou Boromir. — Isso me enfurece! Tolo! Tolo obstinado! Correndo de livre e espontânea vontade em direção à morte, e arruinando nossa causa. Se algum mortal tem o direito de reivindicar o Anel, esse direito pertence aos homens de Númenor, e não aos pequenos. O direito não é seu, exceto por um acaso infeliz, Podia ter sido meu. Devia ser meu. Dê-me o Anel!

Frodo não respondeu, mas se afastou até que a grande pedra plana ficasse entre eles.

— Vamos, vamos, meu amigo! — disse Boromir numa voz mais suave. — Por que não se livrar dele? Por que não se libertar de sua dúvida e de seu medo? Você pode colocar a culpa em mim, se quiser. Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você, pequeno — gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo.

Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou -o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção.

O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

— Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldição você e todos os pequenos com a morte e a escuridão!

Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar. Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— O que eu disse? — gritou ele. — O que eu fiz? Frodo, Frodo! — chamou ele. — **Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou. Volte!**

Não houve resposta. Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe, saltando cegamente pela trilha, em direção ao topo da colina. Estava atormentado de pavor e tristeza, **vendo em pensamento o rosto louco e enfurecido de Boromir, e seus olhos flamejantes.**

Logo já estava no topo do Amon Hen, e parou, tomando fôlego. Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. No centro, instalada sobre quatro pilares esculpidos, estava uma cadeira alta, à qual se chegava por uma escada de muitos degraus.

Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas.

No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele. Então, aqui e ali a névoa cedeu e ele viu muitas imagens: pequenas e nítidas como se estivessem sob seus olhos numa mesa, e ao mesmo tempo remotas. Não havia sons, só imagens claras e vívidas. Parecia que o mundo tinha encolhido e silenciado. Ele estava sobre o Trono da Visão no Amon Hen, a Colina do Olho dos homens de Númenor. **Ao Leste, examinou as terras selvagens que não estavam nos mapas, planícies sem nome, e florestas inexploradas.**

Olhou para o Norte e o Grande Rio jazia como uma fita embaixo dele; as Montanhas Sombrias se erguiam pequenas e rígidas como dentes quebrados. **No Oeste viu as pastagens largas de Rohan, e Orthanc, o pináculo de Isengard, como um ferrão preto.** Olhou ao Sul, e bem abaixo de seus pés o Grande Rio se enrolava como uma onda enorme e se jogava sobre as cachoeiras de Rauros num abismo de espuma; um arco -íris brilhante brincava na fumaça. E viu Ethir Anduin, o grande delta do Rio, e milhares de pássaros marinhos rodopiando como uma poeira branca ao sol, e debaixo deles um mar verde e prateado, encrespando-se em linhas intermináveis.

Mas em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanhas Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. Sob os galhos da Floresta das Trevas havia contendas mortais entre elfos e homens e animais cruéis. A terra dos beornings estava em chamas; uma nuvem cobria Moria; fumaça subia das fronteiras de Lórien.

Cavaleiros galopavam sobre a relva de Rohan; de Isengard jorravam lobos.

Dos portos de Harad, navios de guerra saíam para o mar; e do Oeste saíam homens sem parar: espadachins, lanceiros, arqueiros, carruagens levando líderes e carroças carregadas. Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, **Frodo viu Minas Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mais forte.**

Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol.

O fogo reluzia em meio à fumaça.

A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportável empestava o ar.

Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. **Perdeu todas as esperanças.**

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava. TOLKIEN, 2010 A, p. 614 – 619. Grifos meus.

57

E por último o mais altivo, Imrahil, Príncipe de Doi Amroth, parente do Senhor, com bandeiras cor de ouro ostentando seu símbolo: o Navio e o Cisne de Prata, e uma companhia de cavaleiros bem paramentados, montando cavalos cinzentos; atrás deles sete centenas de soldados, altos como senhores, de olhos cinzentos, cabelos escuros, cantando enquanto avançavam. E isso era tudo, menos de três mil no total. Ninguém mais viria. TOLKIEN, 2010 C, p. 34.

Então, de súbito, Merry finalmente a sentiu, sem sombra de dúvida: uma mudança. Sentia o vento no rosto! Surgia uma luz fraca. Distantes, muito além e ao sul, era possível divisar nuvens como formas cinzentas e remotas, subindo, flutuando: a aurora estava atrás delas. Mas naquele mesmo momento houve um clarão, como se um relâmpago tivesse saltado da terra sob a Cidade. Por um cáustico momento permaneceu feito luz deslumbrante em negro e branco, com sua extremidade superior como uma agulha em faiscas; e depois, quando a escuridão se fechou mais uma vez, veio retumbando pelas colinas um grande estrondo.

Àquele som, a figura curvada do rei de repente se aprumou. Agora ele parecia alto e orgulhoso novamente; e levantando-se nos estribos gritou numa voz poderosa, mais cristalina do que qualquer um já ouvira um homem mortal produzir antes:

Acordem, acordem,

*Cavaleiros de Théoden!
Duros feitos despertam;
jugo e massacre.
Quebrada será a lança,
trincado será o escudo,
em dia de espada,
vermelho, antes de o sol raiar!
Avante agora, avante!
Avante para Gondor!*

E com isso tomou uma grande corneta da mão de Guthláf, seu porta bandeira, e produziu um clangor tão forte que a corneta se partiu em dois pedaços. E imediatamente todas as cornetas do exército se ergueram em música, e o toque das cornetas de Rohan naquela hora era como tempestade sobre a planície, e como um trovão nas montanhas.

Avante agora, avante! Avante para Gondor!

De repente o rei gritou para Snawmana, e o cavalo disparou. Atrás dele sua bandeira tremulava ao vento, corcel branco sobre um campo verde, mas o rei era mais veloz. Depois vieram numa carreira desabalada os cavaleiros de sua casa, mas o rei sempre se mantinha à frente. Éomer cavalgava ali, o rabo— de-cavalo branco de seu elmo solto ao vento, e a vanguarda do primeiro éored rugia como uma onda enorme que se arrebenta em espuma na praia, mas não se podia alcançar Théoden. Parecia um condenado à morte, ou então a fúria da batalha de seus antepassados corria como um fogo novo em suas veias, e ele ia montado em Snawmana como um deus antigo, talvez mesmo como Oromê, o Grande, na batalha dos Valar, quando o mundo era jovem. Seu escudo dourado estava descoberto e era surpreendente ver seu brilho como uma imagem do Sol, e a relva se incendiava verde ao redor dos pés de seu corcel. Pois a manhã chegara, a manhã e um vento do mar; a escuridão fora removida, e os exércitos de Mordor gemeram, tomados de terror, fugiram e morreram, pisoteados pelos cascos da ira. E então todo o exército de Rohan irrompeu numa canção, e cantando enquanto matavam, pois a alegria da batalha estava neles, e o som de sua música, que era belo e terrível, chegava até a Cidade. TOLKIEN, 2010 C, p. 111 – 112. Grifos meus.

Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-la de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca, representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta corôa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a corôa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro.

Assim chegou Aragorn, filho de Arathorn, Elessar, herdeiro de Isildur, vindo das Sendas dos Mortos, trazido pelo vento que vinha do Mar até o reino de Gondor, e a alegria dos rohirrim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo. TOLKIEN, 2010 C, p. 122 – 123.

58

As linhas de fogo transformaram-se em rios flamejantes: fileira após fileira de orcs carregando tochas, e sulistas bárbaros com bandeiras vermelhas, gritando em línguas rudes, avançando numa onda, alcançando os soldados em retirada. E, com um grito cortante, da escuridão do céu negro caíram as sombras aladas, os nazgûl mergulhando para a matança. TOLKIEN, 2010 C, p. 90.

O Portão foi fechado. Durante toda a noite, vigias nas muralhas ouviram os rumores dos inimigos que perambulavam do lado de fora, queimando árvores e campos, apunhalando qualquer homem que encontrassem, vivo ou morto. Não se podia adivinhar quantos tinham atravessado o rio no escuro, mas quando a manhã, ou sua sombra embaçada, avançou furtivamente sobre a planície, percebeu-se que o medo noturno não superestimara o número. A planície estava escurecida pelas suas companhias marchando, e até onde a vista alcançava surgiam, como florescências nojentas de fungos, por toda a volta

da cidade sitiada, grandes acampamentos de tendas negras ou de um vermelho sombrio. TOLKIEN, 2010 C, p. 92.

Desde a meia-noite prosseguia o ataque. Tambores retumbavam. Ao norte e ao sul, as companhias inimigas, uma atrás da outra, avançavam contra as muralhas.

Chegavam animais enormes, parecendo edifícios moveis a luz rubra e oscilante, os múmakil de Harad, arrastando pelas alamedas enormes torres e máquinas, em meio ao incêndio. Seu Capitão já não se preocupava muito com o que faziam ou quantos poderiam ser mortos: seu único objetivo era testar a força da defesa e manter os homens de Gondor ocupados em vários lugares. Era contra o Portão que ele jogaria seu maior peso. O Portão podia ser muito forte, feito de aço e ferro, guardado por torres e baluartes de pedra invencível, e apesar disso era a chave, o ponto mais fraco em toda aquela muralha alta e impenetrável. Os tambores retumbaram mais alto. As labaredas subiram com mais força. Grandes máquinas se arrastavam através do campo, e no meio havia um enorme aríete, grande como uma árvore da floresta, de trinta metros de comprimento, oscilando preso a fortes correntes. Estivera sendo forjado por muito tempo nas escuras ferrarias de Mordor, e sua cabeça hedionda, moldada em aço negro, tinha o formato de um lobo voraz; possuía feitiços de destruição. Chamavam-no Grond, em memória do Martelo do Mundo Subterrâneo de outrora. Grandes animais o puxavam, orcs se amontoavam em volta dele, e atrás vinham os trolls das montanhas para manejá-lo. Mas em volta do Portão a resistência ainda era forte, e ali os cavaleiros de Doí Amroth e os mais resistentes da guarnição se mantinham sitiados. Choviam flechas e lanças; torres de sitio tombavam ou de repente se incendiavam como tochas. Por toda a volta, diante das muralhas dos dois lados do Portão, o chão estava coberto de escombros e de corpos dos mortos; mesmo assim, como se guiados por uma loucura, mais e mais deles chegavam.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar.

Ao sul, além da estrada, estava a maior força dos haradrim, e lá os seus cavaleiros se reuniam em torno da bandeira de seu capitão. Ele olhou e na luz que crescia viu a bandeira do rei; percebeu que ela estava muito à frente da batalha e com poucos homens em volta. Então encheu-se de uma ira sanguinária e soltou um grito; exibindo sua bandeira, serpente negra sobre escarlate, partiu contra o cavalo branco e o campo verde com uma grande força de homens; as cimitarras nas mãos dos sulistas pareciam estrelas faiscando. TOLKIEN, 2010 C, p. 113.

59

Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-la de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca, representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta corôa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a corôa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro.

Assim chegou Aragorn, filho de Arathorn, Elessar, herdeiro de Isildur, vindo das Sendas dos Mortos, trazido pelo vento que vinha do Mar até o reino de Gondor, e a alegria dos rohirrim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios

navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo.

Os cavaleiros de Doí Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol. Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. Lá vinham Legolas e Gimli, brandindo seu machado; Halbarad com a bandeira; e Elladan e Elrohir com estrelas na frente, junto com os dúnedain de mãos inclementes. Guardiões do norte, conduzindo uma grande tropa do valoroso povo de Lebennin e Lamedon e dos feudos do sul. Mas à frente de todos vinha Aragorn, com a Chama do Oeste, Andúril, como um novo fogo aceso, Narsil reforjada, letal como antigamente, e em sua testa brilhava a Estrela de Elendil. TOLKIEN, 2010 C, p. 122 – 123.

Dois dias mais tarde o exército do oeste estava todo reunido no Pelennor. A tropa de orcs e orientais retornara de Anórien, mas acossados e dispersados pelos rohirrim eles tinham fugido, derrotados, quase sem resistir, na direção de Cair Andros; com essa ameaça afastada e com novas forças chegando do sul, a Cidade ficou tão bem guarnecida quanto possível. Batedores reportaram que não restava nenhum inimigo nas estradas do leste até a altura da Encruzilhada do Rei Caído. Tudo agora estava pronto para o último golpe. Legolas e Gimli cavalgariam juntos outra vez na companhia de Aragorn e Gandalf, que iam na vanguarda com os dúnedain e os filhos de Elrond. TOLKIEN, 2010 C, p. 162.

E depois disso, três vezes ao dia, os arautos proclamavam a chegada do Rei Elessar. Mas ninguém respondia ao desafio. Não obstante, embora marchassem numa paz aparente, os corações de todo o exército, dos postos mais altos até os mais baixos, estavam pesados, e a cada milha que avançavam ao norte um mau presságio crescia dentro deles. Foi perto do fim do segundo dia desde que partiram em marcha da Encruzilhada que encontraram, pela primeira vez, uma ocasião de batalha. Um poderoso grupo de orcs e orientais tentou aprisionar a companhia que vinha à frente numa emboscada, exatamente no local onde Faramir tinha atocaiado os homens de Harad, no ponto em que a estrada entrava num corte profundo através de uma saliência das colinas a leste. Mas os Capitães do Oeste foram devidamente advertidos por seus batedores, homens habilidosos de Henneth Annún, liderados por Mablung; dessa forma, os que preparavam a emboscada acabaram presos nela. Cavaleiros deram uma grande volta no sentido oeste e vieram atacando o flanco do inimigo e sua retaguarda, e os orcs e orientais foram destruídos ou rechaçados para o leste, na direção das colinas. Mas a vitória pouco encorajou os corações dos capitães. TOLKIEN, 2010 C, p. 165.

Então alguns, envergonhados diante de tal demência, superaram o medo e continuaram avançando, e os outros ganharam novas esperanças, ouvindo a menção de um feito corajoso à altura deles a que podiam se dedicar, e partiram. Dessa forma, sendo que muitos homens já haviam sido deixados na Encruzilhada, foi com menos de seis mil homens que os Capitães do Oeste chegaram finalmente para desafiar o Portão Negro e o poder de Mordor. TOLKIEN, 2010 C, p. 166.

Os Capitães montaram de novo e recuaram, e do exército de Mordor subiu um grito de escárnio. A poeira se ergueu sufocando o ar, pois de um ponto próximo dali veio marchando uma tropa de orientais que estivera esperando pelo sinal nas sombras de Ered Lithui, além da Torre mais distante. As colinas dos dois lados do Morannon despejavam inúmeros orcs. Os homens do oeste estavam encurralados, e logo, por toda a volta dos montes cinzentos onde eles estavam, forças dez vezes maiores e ainda mais numerosas que isso os cercariam num mar de inimigos. Sauron tinha mordido a isca com mandíbulas de aço. TOLKIEN, 2010 C, p. 172.

Por todos os flancos das colinas atacavam os exércitos de Mordor. Os Capitães do Oeste soçobravam num mar crescente. O sol brilhava rubro, e sob as asas dos nazgúl as sombras de morte caíam escuras cobrindo a terra. Aragorn, sob a sua bandeira, estava silencioso e austero, como alguém perdido em pensamentos de coisas distantes ou há muito passadas; mas seus olhos reluziam como estrelas que ficam mais brilhantes à medida que a noite se aprofunda. No topo da colina estava Gandalf, branco e impassível, e nenhuma sombra o cobria. O ataque de Mordor explodiu como uma onda contra as colinas sitiadas, vozes rugindo como vagas em meio à destruição e ao entrechoque das armas.

Como se a seus olhos fosse concedida uma visão súbita, Gandalf se mexeu; voltou-se, olhando para o norte, onde os céus estavam pálidos e limpos. Então levantou as mãos e bradou numa voz que retumbou acima de todo o alarido: As Águias estão chegando! E muitas vezes responderam, gritando: As Águias estão chegando! As Águias estão chegando! Os exércitos de Mordor olharam para cima, sem saber o que aquele sinal podia significar. Lá vinha Gwaihir, o Senhor dos Ventos, e Landroval, seu irmão, as maiores de todas as Águias do Norte, e os mais poderosos descendentes do velho Thorondor, que construía seus ninhos nos picos inacessíveis das Montanhas Circundantes quando a Terra-média era jovem. Atrás deles vinham em longas e velozes fileiras todos os seus vassallos das montanhas do norte, cada vez mais rápidos num vento crescente. Caíram direto sobre os nazgúl, descendo dos altos ares num súbito mergulho, e o ruflar de suas amplas asas passou como uma rajada de vento. Mas os nazgúl se viraram e fugiram, sumindo dentro das sombras de Mordor, respondendo a um chamado súbito e terrível vindo da Torre Escura; e naquele momento todos os exércitos de Mordor estremeceram, a dúvida oprimiu-lhes os corações, seu riso falhou, suas mãos tremeram e suas pernas bambearam. O Poder que os fazia avançar e os enchia de ódio e fúria estava vacilando, sua vontade afastava-se deles; agora, olhando

nos olhos do inimigo, eles viam uma luz fatal, e sentiam medo. Todos os Capitães do Oeste clamaram em altos brados, pois seus corações se encheram de uma nova esperança em meio à escuridão. Das colinas sitiadas avançaram contra os inimigos vacilantes os soldados de Gondor, os Cavaleiros de Rohan, os dúnedain do norte, companhias em fileiras cerradas penetrando a turba com estocadas de lanças enfurecidas. Mas Gandalf ergueu os braços e chamou mais uma vez numa voz límpida:

— Parem, homens do oeste! Parem e esperem! Esta é a hora da condenação.

E, no momento em que falava, a terra tremeu sob seus pés. Então, subindo depressa, bem acima das Torres do Portão Negro, muito mais alta que montanhas, uma vasta escuridão irrompeu nos céus, coruscando fogo. E a terra gemeu e estremeceu. As Torres dos Dentes balançaram, cambalearam e caíram; a poderosa fortificação desmoronou, o Portão Negro se desfez em ruínas; e de longe, às vezes fraco, às vezes crescendo, outras ainda subindo até as nuvens, vinha um retumbar como o de tambores, um rugido, um ruído longo e turbulento de destruição. TOLKIEN, 2010 C, p. 233 – 234.

Mas os homens de Rhún e Harad, orientais e sulistas, viram a destruição de sua guerra e a grande majestade e glória dos Capitães do Oeste. E aqueles que havia mais tempo estavam mais envolvidos na servidão maligna, odiando o oeste, e contudo eram homens altivos e corajosos, por sua vez se juntaram numa resistência desesperada. Mas a maioria deles fugiu como pôde para o leste; alguns ainda jogaram suas armas ao chão e imploraram clemência. TOLKIEN, 2010 C, p. 234.

61

Mas os homens de Rhún e Harad, orientais e sulistas, viram a destruição de sua guerra e a grande majestade e glória dos Capitães do Oeste. E aqueles que havia mais tempo estavam mais envolvidos na servidão maligna, odiando o oeste, e contudo eram homens altivos e corajosos, por sua vez se juntaram numa resistência desesperada. Mas a maioria deles fugiu como pôde para o leste; alguns ainda jogaram suas armas ao chão e imploraram clemência. TOLKIEN, 2010 C, p. 234.

— O Rei? — disse Sam. — Que Rei, e quem é ele? — O Rei de Gondor, e Senhor das Terras do Oeste — disse Gandalf—; e ele voltou a tomar posse de todo o seu antigo reino. Logo partirá para a coroação, mas está aguardando vocês. TOLKIEN, 2010 C, p. 238.

— Vejam, senhores, cavaleiros e homens de honra imaculada, reis e príncipes e belo povo de Gondor, Cavaleiros de Rohan e vós, filhos de Elrond, e dúnedain do norte, elfo e anão e valentes do Condado, e todas as pessoas livres do oeste, ouçam agora a minha balada. Pois vou cantar para todos sobre Frodo dos Nove Dedos e o Anel da Perdição. TOLKIEN, 2010 C, p. 240.

E ele cantou, alternando a língua do elfos e a do oeste, até que seus corações, feridos por doces palavras, transbordaram, numa alegria que se assemelhava a espadas, e eles passaram em pensamentos para regiões onde dor e prazer fluem juntos, e as lágrimas são o próprio vinho da felicidade. TOLKIEN, 2010 C, p. 240.

Mas por fim, quando o mês de maio se aproximava, os Capitães do Oeste partiram de novo; foram de navio com todos os seus homens, e navegaram de Cair Andros pelo Anduin até Osgiliath, e lá permaneceram por mais um dia; no dia seguinte chegaram aos campos verdes do Pelennor e viram outra vez as torres brancas sob a alta Mindolluin, a Cidade dos Homens de Gondor, última lembrança do Ponente, que atravessara a escuridão e o fogo para atingir um novo dia. E lá, no meio dos campos, eles montaram seus pavilhões e aguardaram a chegada da manhã, pois era Véspera de Maio, e o Rei entraria pelos seus portões com o nascer do sol. E assim, cantando, Legolas saiu, descendo a colina. TOLKIEN, 2010 C, p. 243 – 244.

E, antes que o sol tivesse descido do meio-dia, do leste chegou voando uma grande Águia, trazendo notícias dos Senhores do Oeste que superavam qualquer esperança, exclamando:

*Cantai, ó povo da Torre de Anor,
que o Reino de Sauron para sempre acabou,
e a Torre Escura enfim ruiu.*

*Cantai e jubilai, ó povo da Torre da Guarda,
que vossa vigília não foi em vão,*

*e o Portão Negro foi quebrado,
e vosso Rei já pôde passar em marcha triunfal.*

*Cantai e alegrai-vos, vós todos, filhos do oeste,
que vosso Rei há de voltar outra vez,
e ele habitará entre vós todos os dias de vossa vida.*

*E a Árvore que havia secado renovada será,
e será plantada nos lugares altos,
e a Cidade será abençoada.
Cantai todos, ó povo! TOLKIEN, 2010 C, p. 250 – 251.*

Agora os Capitães do Oeste conduziam seu exército em direção à Cidade, e o povo os via avançar fileira após fileira, faiscando e reluzindo ao nascer do sol, ondulando como prata. E assim eles chegaram diante do Pórtico e pararam a duzentos metros das muralhas. Até aquele momento, os portões ainda não haviam sido reconstruídos, e uma estacada fora construída atravessando a entrada da Cidade, e lá estavam homens armados vestindo prata e negro, erguendo longas espadas. TOLKIEN, 2010 C, p. 253.

— Homens de Gondor, ouçam agora o Regente deste Reino! Vejam! Finalmente chegou alguém para reivindicar o trono. Aqui está Aragorn, filho de Arathorn, chefe dos dúnedain de Arnor, Capitão do Exército do Oeste, portador da Estrela do Norte, possuidor da Espada Reforjada, vitorioso em batalha, cujas mãos trazem a cura, o Pedra Élfica, Elessar da linhagem de Valandil, filho de Isildur, filho de Elendil de Númenor. Deve ele ser rei e entrar na Cidade para ali morar? TOLKIEN, 2010 C, p. 255.

Em seu tempo a Cidade ficou mais bonita do que jamais fora, até mesmo mais do que nos dias de suas primeiras glórias; e encheu-se de árvores e fontes, e seus portões eram confeccionados em mithril e aço, e suas ruas eram pavimentadas de mármore branco, e o Povo da Montanha trabalhava nela, e o Povo da Floresta alegrava-se em visitá-la; tudo foi sanado e melhorado, e as casas se encheram de homens e mulheres e do riso das crianças; nenhuma janela ficou fechada e nenhum pátio vazio; e após o término da Terceira Era do mundo, entrando na nova era, a Cidade ainda preservava a lembrança e a glória dos anos passados.

Nos dias seguintes à sua coroação, o Rei sentou-se em seu trono no Palácio dos Reis e pronunciou seus julgamentos. Embaixadas vieram de muitas terras e povos, do leste e do sul e das fronteiras da Floresta das Trevas, e da Terra Parda no oeste. E o rei perdoou os orientais que se haviam rendido e os mandou embora em liberdade, e fez as pazes com o povo de Harad; os escravos de Mordor ele libertou, dando-lhes todas as terras ao redor do Lago Núrnen, para que lhes pertencessem. E foram trazidas à sua presença muitas pessoas, para que recebessem seu elogio e recompensa por seu valor. TOLKIEN, 2010 C, p. 256 – 257.

— Sei o que vem me dizer, Frodo: você deseja retornar para casa. Bem, caríssimo amigo, a árvore cresce melhor na terra em que nasceu, mas para você sempre haverá boas-vindas em todas as terras do oeste. E, embora o seu povo tenha pouca fama nas lendas dos grandes, agora terá mais renome do que muitos grandes reinos que não existem mais. TOLKIEN, 2010 C, p. 262.

Com essas palavras despediram-se, na hora do pôr-do-sol; quando, depois de um tempo, eles se viraram e olharam para trás, viram o Rei do Oeste sentado sobre o seu cavalo com os cavaleiros ao redor; e o sol poente reluzia sobre eles e fazia com que seus arreios brilhassem como ouro vermelho, e o manto branco de Aragorn transformou-se numa chama. Então Aragorn pegou a pedra verde e a ergueu, e um fogo verde emanou de sua mão. TOLKIEN, 2010 C, p. 271 – 272.

— Eu sou um mensageiro do Rei — disse ele. — Você está falando com o amigo do Rei, e um dos mais renomados em todas as terras do oeste. Você é um rufião idiota. Ajoelhe-se aqui na estrada e peça perdão, ou enfio esta assassina de troll em você! TOLKIEN, 2010 C, p. 298.

62

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. — É melhor ser queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada de túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sons de morte

embalsamada. Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou. Voltem e queimem! TOLKIEN, 2010 C, p. 96.

— Está deitado lá dentro — disse Denethor, queimando, já está queimando. Atearam fogo à sua carne. Mas em breve todos estarão queimando. O oeste fracassou. Tudo irá pelos ares numa grande fogueira, e tudo estará terminado. Cinzas! Cinzas e fumaça carregadas pelo vento! TOLKIEN, 2010 C, p. 128.

— Orgulho e desespero! — gritou ele. -Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pois tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. O oeste fracassou. Todos os que não quiserem ser escravos devem agora partir. TOLKIEN, 2010 C, p. 129.

63

Despertou então Manwë, desceu até Yavanna na colina Ezellohar e sentou-se a seu lado, à sombra das Duas Árvores. E Manwë falou: - Ó, Kementári, Eru pronunciou-se e disse: “Será que algum Vala supõe que eu não tenha ouvido toda a Música? Mesmo o som mais ínfimo da voz mais fraca? Vejam! Quando os Filhos despertarem, o pensamento de Yavanna também despertará, e ele convocará espíritos de muito longe, que irão se misturar aos kelvar e aos olvar, e alguns ali residirão e serão reverenciados, e sua justa ira será temida. Por algum tempo: enquanto os Primogênitos estiverem no apogeu, e os Segundos forem jovens.” Não te lembras agora, Kementári, que teu pensamento cantava, nem sempre sozinho? Que teu pensamento e o meu tampouco se encontravam, de modo que nós dois alçávamos vôo juntos como grandes aves que sobem acima das nuvens? Isso também irá se passar pela intenção de Ilúvatar; e, antes que os Filhos despertem, as Águias dos Senhores do Oeste surgirão com asas como o vento”. TOLKIEN, 2009 A, p. 27 – 28.

Melkor enfrentou a investida dos Valar no noroeste da Terra-média, e toda a região sofreu grande destruição. Mas a primeira vitória dos exércitos do oeste foi rápida, e os servos de Melkor fugiram, perseguidos, até Utumno. Então, os Valar cruzaram a Terra-média, e montaram guarda para vigiar Cuiviénen; e daí em diante os quendi nada souberam da grande Batalha dos Poderes senão que a Terra tremia e gemia sob seus pés, e as águas mudavam de lugar; e ao norte havia clarões como os de enormes fogueiras. Longo e angustiante foi o cerco a Utumno, e muitas batalhas foram travadas diante de seus portões, das quais nada chegou aos ouvidos dos elfos, a não ser rumores. Nessa época, a forma da Terra-média foi alterada, e o Grande Mar que a separava de Aman se alargou e se aprofundou. Ele também avançou costa adentro e formou um golfo profundo mais ao sul. Muitas baías menores foram abertas entre o Grande Golfo e Helcaraxë no extremo norte, onde a Terra-média e Aman se aproximavam. TOLKIEN, 2009 A, p. 32.

Entretanto, está claro, a partir dessas lendas e das evidências de suas palavras e hábitos peculiares, que os hobbits, como muitos outros povos, se dirigiram para o Oeste no passado. Suas histórias mais antigas parecem ser de um tempo em que eles moravam nos vales superiores de Anduin, entre a orla da Grande Floresta Verde e as Montanhas Sombrias. Já não se conhece com certeza a razão pela qual empreenderam a tarefa árdua e perigosa de atravessar as montanhas e chegar até Eriador. TOLKIEN, 2010 A, p. 18

Mas agora Frodo sempre encontrava anões estranhos de países distantes, procurando refúgio no Oeste. Estavam preocupados, e alguns deles falavam aos sussurros sobre o Inimigo e a Terra de Mordor.

Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor. A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se espalhando em todas as direções, e lá no extremo oriente e ao sul havia guerras e o medo crescia. Os orcs se multiplicavam de novo nas montanhas. Os trolls estavam longe de suas terras e tinham deixado de ser estúpidos; eram astutos e tinham armas terríveis. E havia murmúrios sobre criaturas ainda mais horríveis que todas essas, mas que não tinham nome. TOLKIEN, 2010 A, p. 74.

Frodo estava sentado em silêncio e paralisado. Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava para envolvê-lo. TOLKIEN, 2010 A, p. 85

Apertou o Anel em sua mão, como se já enxergasse dedos escuros se estendendo para tentar tomá-lo.

— Foi tomado dele — disse Gandalf. — Antigamente a força de resistência dos elfos contra ele era maior; e homens e elfos não eram tão estranhos uns aos outros. Os homens de Ponente vieram ajudá-los. Este é um capítulo da antiga história que merece ser recordado; naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão. Um dia, talvez, eu lhe conte toda a história, ou quem sabe você a escute de alguém que a conhece melhor. TOLKIEN, 2010 A, p. 86 – 87.

— Sim, a Mordor — disse Gandalf — Infelizmente, Mordor atrai todas as coisas malignas, e o Poder Escuro estava usando todas as forças para reuni-las ali. O Anel do Inimigo também cumpriria seu papel, fazendo Gollum ficar atento aos chamados. E todas as pessoas estavam na época sussurrando sobre a nova Sombra no Sul, e sobre seu ódio pelo Oeste. Ali estavam seus novos e bons amigos, que o ajudariam em sua vingança. TOLKIEN, 2010 A, p. 96 – 97.

Um som, como de ventania, trouxe o ruído de cascos, galopando, galopando, galopando, vindo do Leste. — Cavaleiros Negros!!, pensou Frodo enquanto acordava, ainda com o som de cascos ecoando em sua cabeça. Perguntou-se então se teria coragem de abandonar a segurança daquelas paredes de pedra. Permaneceu imóvel, ainda escutando; mas tudo agora estava no mais absoluto silêncio, e finalmente ele se virou e adormeceu novamente, ou vagou em algum outro sonho do qual não se recordou depois. TOLKIEN, 2010 A, p. 204.

— Facas velhas são longas o bastante para serem usadas como espadas pelos hobbits — disse ele. — É bom ter lâminas afiadas, se pessoas do Condado forem caminhando para o leste, para o sul, ou em direção ao perigo sombrio e distante. — Então Tom disse que aquelas lâminas tinham sido forjadas muitos anos atrás pelos homens de Ponente: eram inimigos do Senhor do Escuro, mas foram derrotados pelo maldoso rei de Carn Dum na Terra de Angmar. TOLKIEN, 2010 A, p. 232.

— Não, espero que não esta noite — respondeu Tom Bombadil. — Talvez nem amanhã. Mas não confiem em minhas suposições; pois não posso dizer nada com certeza. Para o leste, meu conhecimento falha. Tom não é o senhor dos Cavaleiros da Terra Negra, que fica distante de sua região. TOLKIEN, 2010 A, p. 234.

— Não é sempre que vemos pessoas do Condado viajando com pôneis pela Estrada à noite — continuou ele, quando os hobbits pararam um momento diante de sua porta. — Perdoem a minha curiosidade em saber que tipo de negócio os leva para o leste, além de Bri! Quais são seus nomes, se me permitem a pergunta? TOLKIEN, 2010 A, p. 240.

— Contra a sombra do Leste — disse Passolargo baixinho. — Você não pode muito, Carrapicho, mas uma coisa pequena já é de grande ajuda. Você pode permitir que o Sr. Monteiro fique aqui esta noite, sob esse nome, e pode esquecer o nome Bolseiro até que ele esteja bem longe. TOLKIEN, 2010 A, p. 266.

— Não, não há túmulo nenhum no Topo do Vento, nem nas outras colinas

— respondeu Passolargo. — Os homens do Oeste não viveram aqui, embora nos seus últimos dias tenham defendido as colinas por um período, contra o mal que vinha de Angmar. Esta trilha foi feita para servir os fortes ao longo das muralhas. Mas muito antes, nos dias do Reinado do Norte, construíram uma grande torre de observação no Topo do Vento, que chamavam de Amon Sul. Ela foi queimada e destruída, e nada mais resta agora, a não ser um círculo em ruínas, como uma coroa grosseira sobre a cabeça da velha colina. Apesar disso, já foi alta e bonita. Conta-se que Elendil ficava ali olhando, à espera de Gil-galad que vinha do Oeste, nos dias da última Aliança. TOLKIEN, 2010 A, p. 291 – 292.

— Essa é uma canção — disse ele — no estilo chamado *anthenath* entre os elfos, mas é difícil reproduzi-la na Língua Geral, e o que cantei é apenas um eco rude dela. Fala sobre o encontro de Beren, filho de Barahir, e Lúthien Tinúviel. Beren era um homem mortal, mas Lúthien era a filha de Thingol, um Rei Élfico da Terra -média na época em que o mundo era jovem. Ela era a mais bonita entre todas as donzelas daquele mundo. Sua graciosidade se comparava à das estrelas sobre a névoa das terras do Norte,

e em seu rosto brilhava uma luz. Naqueles dias, o Grande Inimigo, de quem Sauron de Mordor era apenas um servidor, morava em Angband no Norte, e os elfos do Oeste, voltando à Terra-média, guerrearam contra ele para reaver as Silmarils que ele havia roubado, e os pais dos homens ajudaram os elfos. Mas o Inimigo foi vitorioso e Barahir foi assassinado. Beren, escapando de grandes perigos, veio pelas Montanhas do Terror e chegou até o escondido Reino de Thingol na floresta de Neldoreth. Ali viu Lúthien, cantando e dançando numa clareira ao lado do rio encantado Esgalduin; ele a chamou de Tinúviel, que quer dizer Rouxinol na língua antiga. Muitas coisas tristes aconteceram a eles depois disso, e ficaram separados por muito tempo. Tinúviel resgatou Beren dos calabouços de Sauron e juntos eles passaram por grandes perigos, até mesmo destronando o Grande Inimigo e pegando de sua coroa de ferro uma das três Silmarils, as mais brilhantes das jóias, para usá-la como dote de Lúthien a ser pago a seu pai, Thingol. Mas no fim Beren foi assassinado pelo Lobo que veio dos portões de Angband, e morreu nos braços de Tinúviel. Mas ela escolheu a mortalidade, aceitando desaparecer do mundo, para poder segui-lo; conta-se que eles se encontraram de novo além dos Mares Divisores, e depois de andarem juntos e vivos outra vez nas florestas verdes, por um curto período, juntos passaram, há muito tempo, para além dos confins deste mundo. Desse modo, Lúthien Tinúviel foi a única, de todo o povo Élfico, a realmente morrer e deixar o mundo, e eles perderam a que mais amavam. Mas, a partir dela, a linhagem dos Elfos - senhores de antigamente teve uma descendência entre os homens. Ainda vivem aqueles de quem Lúthien foi ancestral, e afirma-se que essa linhagem nunca vai terminar. Elrond de Valfenda faz parte dela. Pois de Beren e Lúthien nasceu o herdeiro de Dior Thingol, e dele nasceu Elwing, a Branca, que se casou com Earendil, aquele que conduziu seu navio das névoas do mundo para dentro dos mares do céu com a Silmaril em sua testa. E de Earendil nasceram os Reis de Númenor, quer dizer, de Ponente. TOLKIEN, 2010 A, p. 304 – 305.

— Essas folhas — disse ele —, caminhei muito para encontrá-las, pois esta planta não nasce nas colinas sem vegetação. Mas nas moitas que ficam lá adiante, ao sul da Estrada, consegui encontrá-la pelo cheiro das folhas. Esmagou uma folha nos dedos, e ela emanou uma fragrância doce e pungente. — Foi sorte tê-la encontrado, pois esta é uma planta medicinal que os homens do Oeste trouxeram para a Terra-média. Athelas é o nome que lhe davam, e atualmente alguns pés crescem esparsos, perto dos lugares onde eles moraram ou acamparam antigamente. A planta não é conhecida no Norte, a não ser por alguns daqueles que vagam pelas Terras Ermas. Tem grandes poderes, mas sobre um fermento como esse sua eficácia pode ser pequena. TOLKIEN, 2010 A, p. 312.

— Apenas um guardião! — gritou Gandalf — Meu querido Frodo, é exatamente isso que os guardiões são: os últimos remanescentes no Norte desse grande povo, os homens do Oeste. Já me ajudaram antes; e vou precisar da ajuda deles no futuro; agora chegamos a Valfenda, mas o Anel ainda não está a salvo. TOLKIEN, 2010 A, p. 340.

— O Dúnadan — disse Bilbo. — Sempre o chamam por esse nome aqui. Mas pensei que soubesse a língua élfica o suficiente para conhecer a expressão dún-adan: homem do Oeste, de Númenor. Mas este não é o momento para aulas? — Voltou-se para Passolargo — Onde esteve, meu amigo? Por que não participou do banquete? A Senhora Arwen estava lá. TOLKIEN, 2010 A, p. 358.

— Fez bem em ter vindo — disse Elrond. — Hoje você ouvirá tudo o que precisa para entender os propósitos do Inimigo. Não há nada que possa fazer, a não ser resistir, com ou sem esperança. Mas você não está só. Saberá que seu problema é apenas parte do problema de todo o mundo ocidental. O Anel! Que devemos fazer com o Anel, o mais ínfimo dos anéis, a ninharia que Sauron cobiça? É isso que devemos considerar. TOLKIEN, 2010 A, p. 373.

— E de fato foi — respondeu Elrond com gravidade. — Mas minha memória alcança até os Dias Antigos. Earendil foi meu pai, e nasceu em Gondolin antes da queda; e minha mãe era Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Já vi três eras do Oeste do Mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas. TOLKIEN, 2010 A, p. 374.

— Chamei de infrutífera a vitória da última Aliança? Não inteiramente, embora não tenha alcançado seus objetivos. O poder de Sauron diminuiu, mas não foi destruído. O Anel estava perdido, mas não desfeito. A Torre Escura foi quebrada, mas os alicerces não foram removidos, pois haviam sido feitos com o poder do Anel, e enquanto este permanecer os alicerces vão durar. Muitos elfos e muitos homens poderosos, e muitos de seus amigos, morreram na guerra. Anárion foi morto, e Isildur foi morto; Gil-galad e Elendil não existiam mais. Nunca mais haverá uma aliança semelhante entre homens e elfos, pois os homens se

multiplicam, e os Primogênitos estão se extinguindo, e os dois povos estão ficando cada vez mais distantes. E desde aquele dia, a raça de Númenor vem decaindo, e o tempo que vivem diminui.

— No Norte, depois da guerra e do massacre dos Campos de Lis, os homens do Ponente diminuíram em número, e sua cidade de Annúminas ao lado do lago Vesperturvo ficou em ruínas; os herdeiros de Valandil se mudaram e foram morar em Fornost, nas altas Colinas do Norte, e essa também é uma região desolada atualmente. Os homens a chamam de Fosso dos Mortos, e temem pisá-lo. O povo de Arnor diminuiu, e foi devorado pelos inimigos, e seu reinado passou, deixando apenas túmulos verdes nas colinas cobertas de capim. TOLKIEN, 2010 A, p. 376.

— Não creiam que na terra de Gondor o sangue de Númenor esteja dissipado, nem que toda sua dignidade e esplendor foram esquecidos. Por nossos esforços, o povo selvagem do Leste ainda não avançou, e o terror de Morgul é mantido sob controle; só assim são mantidas a paz e a liberdade nas terras atrás de nós, que somos o baluarte do Oeste. Mas se as passagens do Rio fossem tomadas, o que aconteceria? TOLKIEN, 2010 A, p. 378.

— Nesse sonho, vi o céu do Leste ficar cinza-escuro, e havia um trovão crescente, mas no Oeste uma luz pálida permanecia, e vindo dela eu escutava uma voz, remota mas clara, gritando: — Procure a Espada que foi quebrada.— Em Imladris ela está; Mais fortes que de Morgul encantos Conselhos lhe darão lá. E lá um sinal vai ser revelado Do Fim que está por vir E a Ruína de Isildur já acorda, E o Pequeno já vai surgir. Dessas palavras, pudemos entender pouca coisa, e falamos com nosso pai, Denethor, Senhor de Minas Tirith, sábio na tradição de Gondor. Ele só disse que Iraladris fora, há muito tempo, o nome usado pelos elfos para um vale no extremo Norte, onde Elrond, o Meio-elfo, morava, o maior dos eruditos na tradição. Portanto, meu irmão, vendo o desespero de nossa necessidade, estava ansioso para atender ao que dizia o sonho, e procurar Imladris; mas, já que o caminho era cheio de dúvidas e perigos, encarreguei-me da viagem. Meu pai relutou em dar permissão para minha partida, e muito vaguei por estradas abandonadas, procurando a casa de Elrond, da qual muitos tinham ouvido falar, mas poucos sabiam onde ficava. TOLKIEN, 2010 A, p. 379.

— E esperemos que ninguém jamais fale essa língua aqui de novo — respondeu Gandalf. — Não obstante isso, não peço suas desculpas, Mestre Elrond. Pois se essa língua não estiver prestes a ser ouvida em todos os cantos do Oeste, então que todos deixem de lado a dúvida de que esse objeto é realmente o que os Sábios declararam: o tesouro do Inimigo, carregado de toda a sua malícia; e nele está uma grande parte de sua força de antigamente. Vêm dos Anos Negros as palavras que os Ourives de Eregion escutaram, sabendo assim que tinham sido traídos: Um Anel para a todos governar Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer. E na Escuridão aprisioná-los. TOLKIEN, 2010 A, p. 391.

— Ninguém aqui pode — disse Elrond, com uma voz grave. — Pelo menos, ninguém pode predizer o que virá a acontecer, se tomarmos esta ou aquela estrada. A estrada em direção ao Oeste parece mais fácil. Portanto, deve ser descartada. Será vigiada. Os elfos fugiram por ali muitas vezes. Agora, no mínimo, devemos tomar uma estrada difícil, uma estrada imprevista. Ali está nossa esperança, se é que chega a ser uma esperança. Caminhar em direção ao perigo — para Mordor. Precisamos enviar o Anel para o Fogo. TOLKIEN, 2010 A, p. 411.

— Oito — disse Legolas. — Eu, quatro hobbits, dois homens, um dos quais é Aragorn, um amigo-dos-elfos do povo do Ponente. TOLKIEN, 2010 A, p. 528.

As montanhas ao Oeste estão ficando perigosas; ao Leste as terras estão perdidas, e cheias das criaturas de Sauron; comenta-se também que não poderemos passar em segurança para o Sul através de Rohan, e que a foz do Grande Rio está sendo vigiada pelo Inimigo. Mesmo que conseguíssemos chegar à beira do mar, já não poderíamos encontrar qualquer abrigo ali. Comenta-se que ainda existem os portos dos Altos-elfos, mas estes ficam no extremo Norte e no extremo Oeste, além da terra dos Pequenos. Mas onde realmente ficam, embora possa ser do conhecimento do Senhor e da Senhora, eu não sei. TOLKIEN, 2010 A, p. 536.

Levantou os braços brancos, e estendeu as mãos na direção Leste num gesto de rejeição e recusa. Eärendil, a Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho. Tão claro era o brilho que a silhueta da Senhora Élfica lançava uma sombra apagada sobre o chão. Os raios da estrela reluziram sobre um anel em seu dedo, que cintilou como ouro polido coberto com luz prateada, e a pedra branca que havia

nele piscou como se a Estrela da Tarde tivesse descido para descansar na mão dela. Frodo olhou para o anel admirado, pois de repente teve a impressão de que compreendia tudo. TOLKIEN, 2010 A, p. 562.

Apesar disso, não se viu qualquer sinal de inimigos naquele dia, nem no dia seguinte. As horas enfadonhas e cinzentas se arrastavam sem qualquer surpresa. Quando o terceiro dia de jornada terminava, a região começou lentamente a mudar: as árvores rarearam e desapareceram por completo. Na margem Leste à esquerda deles, viram encostas compridas e informes erguendo-se em direção ao céu; tinham uma aparência escura e seca, como se o fogo as tivesse varrido, não deixando qualquer folha verde: um deserto hostil sem nem uma árvore quebrada ou rocha escarpada que aliviasse o vazio. Naquele dia tinham atingido as Terras Castanhas que ficavam, vastas e desoladas, entre o Sul da Floresta das Trevas e as colinas de Emym Muil. Nem mesmo Aragorn sabia dizer que pestilência ou guerra, ou que feito maléfico do Inimigo tinha desolado toda a região daquela maneira.

Do lado Oeste, à direita deles, a região também não tinha árvores, mas era plana, e em vários pontos coberta com amplos trechos de capim verde. TOLKIEN, 2010 A, p. 586.

Nesse momento, ouviu-se o zunido de cordas de arcos: muitas flechas assobiaram sobre suas cabeças, e algumas caíram no meio deles. Uma atingiu Frodo entre os ombros e ele cambaleou para frente com um grito, deixando cair seu remo: mas a flecha caiu para trás, repelida pelo seu colete oculto de malha metálica. Uma outra passou através do capuz de Aragorn, e uma terceira ficou espetada na borda do segundo barco, perto da mão de Merry. Sam julgava poder divisar figuras negras correndo de um lado para o outro sobre os longos montes de pedra que jaziam sobre a praia Leste. Pareciam estar muito perto. TOLKIEN, 2010 A, p. 595.

— Elebereth Gilthoml! — suspirou Legolas ao erguer os olhos. No momento em que falava, uma forma escura, como uma nuvem mas que não era uma nuvem, pois movia-se muito mais rápido, surgiu do negrume do Sul, correndo em direção à Comitiva, vedando toda a luz conforme se aproximava. Logo se definiu como uma grande criatura alada, mais negra que os abismos da noite. Vozes selvagens se ergueram para saudá-la, do outro lado do Rio. Frodo sentiu um calafrio repentino percorrendo seu corpo e apertando seu coração; teve uma sensação gelada e mortal na região do ombro, como a lembrança de um velho ferimento. Agachou-se como se estivesse tentando se esconder.

De repente, o grande arco de Lórien cantou. A flecha, impulsionada pela corda, zuniu no ar. Frodo olhou para cima. Quase em cima dele, a forma alada guinou. Ouviu-se um grasnado alto e rouco, no momento em que a criatura caiu, desaparecendo dentro da escuridão da praia Leste.

O céu estava limpo outra vez. Na escuridão, podia -se distinguir um tumulto de muitas vozes distantes, praguejando e lamentando, e então silêncio. Depois disso nenhuma lança ou grito veio do Leste naquela noite. TOLKIEN, 2010 A, p. 596 – 597.

O dia chegou como fogo e fumaça. No Leste, viam -se camadas negras de nuvens baixas, semelhantes à fumaça de um grande incêndio. O sol que se levantava as iluminava por baixo com chamas de um vermelho obscuro, mas logo subiu acima delas para o céu limpo. O pico do Tol Brandir estava coberto de ouro. Frodo olhou para o Leste e ficou observando aquela ilha imponente, que emergia íngreme da água corrente. Bem acima dos altos penhascos ficavam encostas escarpadas galgadas por árvores, cujas copas se sobrepunham umas às outras; mais acima ainda ficavam paredões cinzentos de rochas inacessíveis, coroadas por um grande pináculo de pedra. Muitos pássaros voavam em círculos ao redor dele, mas não se via qualquer outro sinal de seres vivos.

Depois que todos haviam comido, Aragorn reuniu a Comitiva.

— Finalmente o dia chegou — disse ele. — O dia da escolha que adiamos por tanto tempo. Que será agora de nossa Comitiva, que viajou até aqui como uma sociedade. Devemos rumar para o Oeste com Boromir e nos dirigir para as guerras de Gondor, ou rumar para o Leste em direção ao Medo e à Sombra; ou devemos ainda romper nossa sociedade e ir por este ou aquele caminho, como cada um escolher? O que quer que façamos deve ser feito logo. Não podemos permanecer aqui por muito tempo. Sabemos que o inimigo está na margem Leste, mas receio que os orcs possam já estar deste lado do Rio. TOLKIEN, 2010 A, p. 610 – 611.

— Vejam! — gritou Aragorn. — Aqui encontramos sinais! — Apanhou da pilha de armas repugnantes duas facas com lâminas em forma de folha, trabalhadas em ouro e vermelho; procurando um pouco mais, encontrou as bainhas, negras e ornadas com pequenas pedras vermelhas. — Estas não são ferramentas de orcs! — disse ele. — Estavam sendo carregadas pelos hobbits. Sem dúvida, os orcs os despojaram, mas temeram guardar as facas, reconhecendo o que eram: trabalho do Ponente, cheio de

encantos para a destruição de Mordor. Bem, agora, se ainda estão vivos, nossos amigos estão desarmados. Vou levar essas coisas, na esperança de poder devolvê-las a eles, embora essa esperança seja ínfima. TOLKIEN, 2010 B, p. 6.

— Quem são vocês, e o que fazem nesta terra? — perguntou o Cavaleiro, usando a Língua Geral do Oeste, numa maneira e tom semelhantes aos de Boromir, homem de Gondor. TOLKIEN, 2010 B, p. 21.

— Eu costumava ficar ansioso quando a sombra cobriu a Floresta das Trevas, mas quando ela foi para Mordor parei de me preocupar por uns tempos: Mordor fica muito distante. Mas parece que o vento está se fixando no leste, e a devastação de todas as florestas pode estar chegando. Não há nada que um velho ent possa fazer para impedir que essa tempestade avance: ele deve vencê-la ou arrebentar-se. TOLKIEN, 2010 B, p. 59.

— Na verdade é — disse Gandalf — Duplamente, E isso não é estranho? Nada que suportamos recentemente parece tão lamentável quanto a traição de Isengard. Mesmo considerando-se o padrão de um senhor e um capitão, Saruman se tomou muito forte. Ameaça os homens de Rohan e retira o apoio que eles receberiam de Minas Tirith, exatamente no momento em que o golpe principal se aproxima, vindo do leste. Apesar disso, uma arma traiçoeira é sempre perigosa para quem a empunha. Saruman também desejava apossar-se do Anel, para uso próprio, ou pelo menos capturar alguns hobbits para seus propósitos malignos. Então, agindo em conjunto, nossos inimigos só conseguiram trazer Merry e Pippin numa velocidade espantosa, e no momento certo, até Fangorn, para onde eles nunca teriam vindo de outra forma! Além disso, encheram-se de dúvidas novas que atrapalham seus planos. Nenhuma notícia da batalha chegará a Mordor, graças aos Cavaleiros de Rohan; mas o Senhor do Escuro sabe que dois hobbits foram captura dos nos Emyrn Muil e levados para Isengard contra a vontade de seus próprios servidores. Agora ele teme Isengard e também Minas Tirith. Se Minas Tirith cair, isso será ruim para Saruman. TOLKIEN, 2010 B, p. 82.

— Não — disse Gandalf — Não é essa a estrada que devem pegar. Pronunciei palavras de esperança. Mas apenas de esperança. Esperança não é vitória. A guerra está sobre nós e todos os nossos amigos, uma guerra na qual apenas a utilização do Anel poderia nos dar certeza de vitória. Enche-me de grande tristeza e medo: pois muita coisa será destruída, e tudo pode ser perdido. Sou Gandalf, Gandalf, o Branco, mas o Negro ainda é mais poderoso.

Levantou-se e olhou em direção ao leste, protegendo os olhos, como se enxergasse coisas muito distantes que nenhum deles podia ver. Depois balançou a cabeça.

— Não — disse ele numa voz suave —, o Anel está além de nosso alcance. Alegremo-nos pelo menos com isso. Não podemos mais ser tentados a usá-lo. Devemos descer e enfrentar um perigo quase desesperador, mas aquele perigo mortal foi removido. — Virou-se. — Venha, Aragorn, filho de Arathorn! — disse ele. — Não se arrependa de sua escolha no vale das Emyrn Muil, nem considere que esta busca foi em vão, Em meio a muitas dúvidas, você escolheu a trilha certa: a escolha foi justa, e foi recompensada. Pois assim nos encontramos em tempo, e se fosse de outro modo poderíamos ter nos encontrado tarde demais. Mas a busca de seus companheiros terminou. Sua próxima jornada está marcada pela palavra que deu. Deve ir a Edoras e procurar Théoden em seu palácio. Precisam de você. A luz de Andúril deve agora ser revelada na batalha pela qual ela esperou por tanto tempo. Há guerra em Rohan, é um mal maior: as coisas não vão bem para Théoden. TOLKIEN, 2010 B, p. 84 – 85.

— Fala corretamente, meu senhor — disse o homem pálido sentado nos degraus do estrado. — Ainda não faz cinco dias que chegou a triste notícia de que seu filho, Théodred foi morto nas Fronteiras Ocidentais: seu braço direito, Segundo Marechal da Terra dos Cavaleiros. Em Éomer pouco se pode confiar. Poucos homens restariam para guardar suas muralhas, se lhe fosse permitido governar. E agora mesmo sabemos por Gondor que o Senhor do Escuro se agita no leste. É esta hora que esse andarilho escolhe para retornar. Realmente, por que devemos lhe dar boas-vindas, Mestre Corvo da Tempestade? Vou chamá-lo de Láthspell, Más-notícias; e más notícias não fazem bons hóspedes, dizem por aí. — Soltou uma gargalhada sinistra, conforme levantou as pesadas pálpebras por um instante e lançou um olhar sombrio para os forasteiros. TOLKIEN, 2010 B, p. 96 – 97.

Gandalf agora falava rápido. Sua voz era baixa e confidencial, e ninguém a não ser o rei ouvia o que ele dizia. Mas a cada palavra do mago aumentava o brilho nos olhos de Théoden, e finalmente ele

se levantou de seu assento em toda a sua imponência, tendo Gandalf ao lado dele, e juntos lá do alto eles olharam na direção do leste.

— Realmente! — disse Gandalf, agora numa voz alta, forte e clara naquela direção está nossa esperança, lá onde está nosso maior medo. O destino ainda está por um fio. Mas ainda há esperança, se conseguirmos resistir imbatíveis por um tempo. TOLKIEN, 2010 B, p. 100.

— De pé já, de pé, Cavaleiros de Théoden! Duros feitos despertam, a leste já escurece. A sela do cavalo, o som à trombeta! Avante, Eorlingas! TOLKIEN, 2010 B, p. 101.

— Pensou que eu tinha ficado em Meduseld, curvado como uma árvore velha sob a neve do inverno. Era assim quando veio para a guerra. Mas um vento oeste chacoalhou os ramos — disse Théoden . — Dê a este homem um cavalo descansado! Vamos em auxílio de Erkenbrand. TOLKIEN, 2010 B, p. 110.

De fato, a cada passo que dava na direção dos portões de Mordor, Frodo sentia o Anel na corrente em volta de seu pescoço ficar mais difícil de carregar. Começava agora a senti-lo como um verdadeiro peso que o atraía para o leste. Mas, muito mais que isso, ele estava preocupado com o Olho: era esse o nome que lhe dava quando falava consigo mesmo. Era isso, mais que o peso do Anel, que o fazia se curvar e se abaixar conforme caminhava. O Olho: aquela horrível sensação crescente de uma vontade hostil que lutava com grande força para penetrar todas as sombras de nuvens, e a terra e a carne, para vê-lo: para cravá-lo sob seu olhar mortal, nu, imóvel. TOLKIEN, 2010 B, p. 203 – 204.

Estes eram homens de outra raça, vindos das selvagens terras do leste, reunindo-se ao chamado de seu Senhor Supremo; exércitos que tinham acampado diante de seu Portão durante a noite e agora marchavam para aumentar seu poder crescente. Como se de súbito percebesse completamente o perigo da posição deles, sozinhos, à luz crescente do dia, tão próximos daquela ameaça devastadora, Frodo puxou rápido seu frágil capuz cinzento sobre a cabeça, e desceu para dentro do valezinho. Depois voltou-se para Gollum. TOLKIEN, 2010 B, p. 212.

Terminaram de comer e Sam foi até o riacho enxaguar seu equipamento. Conforme se levantou para retornar, voltou-se e olhou a encosta. Nesse momento, viu o sol se erguer acima do vapor, ou névoa, ou sombra escura ou o que quer que fosse aquilo que sempre havia ao leste, e enviar seus raios dourados sobre as árvores e clareiras ao redor. Então percebeu uma espiral de fumaça azul acinzentada, perfeitamente visível contra a luz do sol, que subia de uma moita mais acima. Chocado, Sam percebeu que era a fumaça de sua pequena fogueira, que ele esquecera de apagar. TOLKIEN, 2010 B, p. 277.

— Nós o chamávamos de Mithrandir, à maneira dos elfos — disse Faramir — e ele ficava satisfeito. Tenho muitos nomes em diferentes lugares, dizia ele. Mithrandir entre os elfos, Tharkún para os anões; eu era Olórin em minha juventude no Ocidente que está esquecido; no sul, Incánus, no norte Gandalf para o leste eu nunca vou. TOLKIEN, 2010 B, p. 241.

— Os homens de Númenor se estabeleceram por toda a volta das praias e regiões próximas ao mar das Grandes Terras, mas a maior parte deles se entregou ao mal e à loucura. Muitos se enamoraram da Escuridão e das artes negras; outros se entregaram inteiramente ao ócio e ao prazer, e outros ainda lutaram entre si até que, enfraquecidos, foram conquistados pelos homens selvagens.

— Não se afirma que alguma vez artes malignas tenham sido praticadas em Gondor, ou que o Inominável tenha sido evocado com deferência por lá; a antiga sabedoria e beleza trazidas do oeste permaneceram por muito tempo no reino dos filhos de Elendil, o Belo, e ainda perduram. Mesmo assim, foi Gondor que provocou sua própria ruína, caindo passo a passo no desvario, e achando que o Inimigo estava adormecido, aquele que na verdade estava apenas banido, e não destruído. TOLKIEN, 2010 B, p. 248.

Estavam constantemente subindo. Em sua primeira pausa olharam para trás, e mal puderam divisar o teto da floresta que tinham deixado lá embaixo, jazendo como uma vasta e densa sombra, um pedaço de noite mais escuro sob um céu escuro e vazio. Parecia haver um grande negrume assomando lentamente a leste, devorando as estrelas apagadas e indistintas. Mais tarde, a lua que descia livrou-se da perseguição de uma nuvem, mas estava completamente cercada por uma aura amarela e doentia. TOLKIEN, 2010 B, p. 267.

O brilho vermelho sobre Mordor se extinguiu. O crepúsculo foi ficando mais profundo enquanto grandes quantidades de vapor subiam no leste e se espalhavam acima deles. Frodo e Sam comeram um pouco e depois se deitaram, mas Gollum estava inquieto. TOLKIEN, 2010 B, p. 267 – 268.

— Devemos ir — disse ele. — Não podemos ficar aqui. Apressem-se!
Com relutância Frodo deu as costas para o oeste e foi seguindo os passos de seu guia, entrando na escuridão do leste. Deixaram o círculo de árvores e foram ao longo da estrada na direção das montanhas. Essa estrada também continuava reta por um trecho, mas logo começou a desviar para o sul, até passar exatamente embaixo da grande saliência de pedra que tinham visto à distância. Negra e ameaçadora ela se erguia, mais escura que o céu negro que a emoldurava. TOLKIEN, 2010 B, p. 271.

Nessa hora o Rei dos Espectros se virou, cravou as esporas no lombo do cavalo e começou a atravessar a ponte, e toda a sua tropa escura o seguiu. Talvez os capuzes élficos tivessem desafiado seu olhar, e a mente de seu pequeno inimigo, fortalecida, tivesse desviado seu pensamento. Mas ele estava com pressa. A hora já tinha soado, e ao comando de seu grande Mestre ele devia marchar levando a guerra para o oeste.

Logo desapareceu, como uma sombra entrando na sombra, descendo a estrada tortuosa, e atrás dele ainda as fileiras negras atravessavam a ponte. Um exército tão grande nunca saíra daquele vale desde os dias do poder de Isildur; nenhuma tropa tão desumana e forte em armas houvera investido contra os vaus do Anduin; apesar disso, era apenas uma, e não a maior tropa que Mordor podia enviar. TOLKIEN, 2010 B, p. 275.

Ainda muito à frente e ainda muito acima Frodo, erguendo os olhos, viu o que supôs ser exatamente o coroamento daquela triste estrada. Contra a vermelhidão sombria do céu do leste, uma fenda se desenhava na borda mais alta, estreita, profunda, entre duas saliências negras; e em cada saliência havia um chifre de pedra. TOLKIEN, 2010 B, p. 278.

— Significa muito. Mas já sei o suficiente sobre esses feitos para fazer meus próprios planos contra a ameaça do leste. — Voltou os olhos escuros para Gandalf, e agora Pippin percebia uma semelhança entre os dois, e sentia a tensão entre eles, quase como se visse uma linha de fogo latente traçada de olho a olho, que poderia de repente explodir em chamas. TOLKIEN, 2010 C, p. 18.

— Ele não é como os outros homens de sua época, Pippin, e, qualquer que seja sua descendência de pai para filho, por algum acaso o sangue que corre em suas veias é praticamente o sangue legítimo do Ponente; como também o que corre nas veias de seu outro filho, Faramir, e apesar disso não corria nas de Boromir, a quem ele amava mais. TOLKIEN, 2010 C, p. 20.

Ficaram em silêncio por um tempo. Pippin olhou ansioso para o leste, como se a qualquer momento esperasse ver milhares de orcs inundando os campos. — O que vejo ali? — perguntou ele, apontando para baixo, para o meio da grande curva do Anduin. — Aquela é outra cidade, ou o quê? TOLKIEN, 2010 C, p. 26.

— E mesmo assim — ele parou e se levantou, olhando em volta, para o norte, o leste e o sul — os acontecimentos em Isengard devem nos advertir de que estamos presos numa grande rede e estratégia. Não é mais uma contenda nos vaus, atacando por Ithilien e por Anórien, com emboscadas e pilhagens. Esta é uma grande guerra planejada há muito tempo, e nela somos apenas uma peça, não importa o que o orgulho possa dizer. As coisas estão se movendo no extremo leste, além do Mar Interno, sabemos pelos relatos; e também no norte, na Floresta das Trevas e mais além; e ao sul em Harad. E agora todos os reinos deverão ser submetidos à prova, para resistir ou cair — sob a Sombra. TOLKIEN, 2010 C, p. 28.

Pippin não respondeu. Olhou as grandes muralhas, e as torres e as altivas bandeiras, e o sol no céu alto, e depois para a escuridão que se adensava no leste; pensou nos longos dedos daquela Sombra: os orcs das florestas e montanhas, a traição de Isengard, os pássaros de olhos malévolos, e os Cavaleiros Negros até mesmo nas alamedas do Condado — e pensou também no terror alado, os nazgûl. Estremeceu, e teve a impressão de que a esperança definhava. E naquele exato momento o sol, por um instante, vacilou e foi obscurecido, como se uma asa negra tivesse passado por ele. Quase inaudível ele teve a impressão de captar, alto e muito acima nos céus, um grito: fraco, mas de estremecer o coração, cruel e frio. Ficou branco e encolheu-se contra a muralha. TOLKIEN, 2010 C, p. 28.

— O golpe apressado geralmente se perde — disse Aragorn. — Devemos pressionar nosso Inimigo, e não mais esperar que ele ataque. Vejam, meus amigos, quando dominei a Pedra, aprendi muitas coisas. Vi um grande perigo inesperado vindo do sul e se aproximando de Gondor, que retirará grande parte da força de defesa de Minas Tirith. Se não houver um contragolpe rápido, acho que a Cidade estará perdida antes que dez dias se passem. TOLKIEN, 2010 C, p. 45.

— Assim falou Malbeth o Vidente nos dias de Arvedui o último rei de Fornost — disse Aragorn:

*Sobre a terra se estende uma sombra terrível,
Lançando sobre o oeste longas asas de trevas.
A Torre treme; das tumbas de reis
a sina se aproxima. Os Mortos despertam,
chegada é a hora dos que foram perjuros:
junto á Pedra de Erech de pé ficarão
para ouvir a corneta ecoar nas colinas
De quem será a corneta? Quem irá chamar
da dúbia meia-luz o olvidado povo?
O herdeiro daquele a quem foi feita a jura.
Do norte ele virá movido pela sorte.*

Seguirá pela Porta para as Sendas dos Mortos. TOLKIEN, 2010 C, p. 46.

Agora todas as estradas corriam juntas para o leste, ao encontro da guerra iminente e do ataque da Sombra. E, no momento em que Pippin se postava no Grande Portão da Cidade e via o Príncipe de Doí Amroth entrar cavalgando com suas insígnias, o Rei de Rohan desceu as colinas. TOLKIEN, 2010 C, p. 57.

— As Sendas dos Mortos — murmurou Merry para si mesmo. — As Sendas dos Mortos? O que significa tudo isso? Todos me abandonaram agora. Cada um em direção a um destino: Gandalf e Pippin para a guerra no leste; TOLKIEN, 2010 C, p. 63.

— Mas ele sabe que somos um povo que luta de preferência montado em cavalos e em espaços abertos, e também sabe que somos um povo disperso, e precisamos de tempo para reunirmos nossos Cavaleiros. Não é verdade, Hirgon, que o Senhor de Minas Tirith sabe mais do que coloca em sua mensagem? Pois já estamos em guerra. Como você deve ter ouvido, você não nos encontra totalmente despreparados. Gandalf, o Cinzento, esteve entre nós, e neste exato momento estamos concentrando nossas tropas para a batalha no leste.

— O que o Senhor Denethor possa saber ou supor sobre todas essas coisas não posso dizer — respondeu Hirgon. — Mas realmente nosso caso é desesperador. Mas meu senhor não lhe envia nenhum comando, ele lhe implora apenas para que se recorde da velha amizade e dos juramentos feitos há muito tempo, e que para o seu próprio bem faça o que puder. Ficamos sabendo que muitos reis cavalgaram do leste a serviço de Mordor. Do norte até o campo de Dagorlad há conflitos e rumores de guerra. No sul os haradrim estão se movendo, e o medo paira sobre todas as nossas regiões costeiras, de modo que receberemos pouca ajuda de lá. Apresse-se! Pois é diante das muralhas de Minas Tirith que o destino de nossa época será decidido, e, se a maré não for estancada ali, então inundará todos os belos campos de Rohan, e nem mesmo aqui, neste Forte entre as colinas, haverá refúgio. TOLKIEN, 2010 C, p. 66 – 67.

Foi assim que, em meio a uma escuridão que se adensava, o Rei da Terra dos Cavaleiros se aprontou para conduzir todos os seus homens na estrada para o leste.

Os corações estavam pesados, e muitos estremeavam diante da sombra. Mas eram um povo resoluto, leal ao seu senhor, e ouvia-se pouco choro ou murmúrio, mesmo no acampamento da Fortaleza, onde se abrigavam os exilados de Edoras, mulheres; crianças e velhos. O destino pairava sobre eles, que o enfrentavam em silêncio. TOLKIEN, 2010 C, p. 70.

Continuaram descendo pela estrada cinzenta ao lado do Riacho de Neve, correndo sobre suas pedras, através das aldeias de Sob-templo e de Sobre-riacho, onde muitos rostos tristes de mulheres olhavam através de portas escuras; assim, sem cornetas ou harpas ou música de vozes humanas, começou a grande cavalgada para o leste, da qual as canções de Rohan se ocuparam por muitas vidas de homem posteriormente. TOLKIEN, 2010 C, p. 71.

Cinco noites, cinco dias, avante para o leste foram os eorlingas Pelo Folde e por Fenmark e por Firienholt, seis milhares de lanças para Sunlending, Mundburg magnífica aos pés do Mindolluin, dos reis do Mar cidade no reino do sul infestado de inimigos, sitiado pelo fogo.

O Destino os dirigia.

As trevas dominaram cavalo e cavaleiro; cascos na distância sumiram no silêncio: assim rezam as canções. TOLKIEN, 2010 C, p. 71.

Enquanto cavalgavam chegaram-lhes aos ouvidos os boatos da guerra no norte. Homens sozinhos, cavalgando alucinados, trouxeram notícias sobre os inimigos atacando as fronteiras orientais, sobre exércitos de orcs marchando no Descampado de Rohan. TOLKIEN, 2010 C, p. 72 – 73.

Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela um raio de luz branca cortou os ares acima. O nazgûl soltou um grito longo e choroso e desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo. TOLKIEN, 2010 C, p. 78.

Foi Gandalf quem por último falou com Faramir antes que este partisse para o leste.

— Não jogue fora sua vida temerariamente ou movido pela mágoa – disse ele. — Você será necessário aqui, para outras coisas além da guerra. Seu pai O ama, Faramir, e vai se lembrar disso antes do fim. Adeus! TOLKIEN, 2010 C, p. 86.

E por toda aquela noite Pippin, solitário e insone, ficou na muralha, olhando para o leste. TOLKIEN, 2010 C, p. 87.

O tempo passou. Por fim as sentinelas nas muralhas conseguiram ver a retirada das companhias avançadas. Pequenos grupos de homens cansados e frequentemente feridos chegaram primeiro com pouca ordem; alguns corria alucinados, como se estivessem sendo perseguidos. Na distância ao leste fogueiras longínquas bruxuleavam, e agora parecia que em alguns pontos elas rastejavam através da planície. Casas e celeiros estavam em chamas. Então, de vários pontos, pequenos rios de fogo rubro vieram correndo, ziguezagueando através da escuridão, convergindo na direção da linha da larga estrada que conduzia do portão à Cidade de Osgiliath. TOLKIEN, 2010 C, p. 89 – 90.

Mas Denethor não permitiu que fossem longe. Embora o inimigo estivesse sob controle e por enquanto rechaçado, grandes exércitos chegavam do leste. Mais uma vez soou a trombeta, ordenando a retirada. A cavalaria de Gondor parou. TOLKIEN, 2010 C, p. 91.

— Não há notícia dos rohirrim — disse ele. — Rohan não virá agora. Ou, se vier, isso não nos servirá de nada. O novo exército do qual tivemos notícias chegou primeiro, vindo do outro lado do rio passando por Andros, ouvi dizer. São fortes: batalhões de orcs do Olho, e incontáveis companhias de homens de um outro tipo que nunca vimos antes. Não são altos, mas corpulentos e sisudos, Barbados como os anões, brandindo grandes machados. Achamos que eles vêm de alguma região selvagem do amplo leste. Tomaram a estrada do norte, e muitos avançaram até Anórien. Os rohirrim estão impossibilitados de chegar. TOLKIEN, 2010 C, p. 92.

Mas, no momento em que Gandalf e seus companheiros chegaram carregando a cama á porta principal das Casas, ouviram um grande grito subindo do campo diante do Portão, que foi ficando agudo e passou trespassando o céu, extinguindo-se no vento. Foi um grito tão terrível que por um momento todos ficaram paralisados; mas, quando passou, de repente todos os corações se enlevaram numa esperança que não sentiam desde que a escuridão viera do leste, e tiveram a impressão de que a luz ficava mais clara e que o sol aparecia por entre as nuvens. TOLKIEN, 2010 C, p. 132.

— Meus amigos — disse ele —, e todos vocês, povo desta cidade e das terras do oeste! Acontecimentos muito tristes e importantes se passaram. Devemos chorar ou nos alegrar? Além de qualquer esperança, o Capitão de nossos inimigos foi destruído, e vocês ouviram o eco de seu último desespero. Mas ele não partiu sem antes deixar muito sofrimento e perdas amargas. E isso eu poderia ter evitado, não fosse pela loucura de Denethor. Tão poderoso foi o alcance de nosso Inimigo! É triste, mas

agora percebo como sua vontade conseguiu penetrar o próprio coração da Cidade. TOLKIEN, 2010 C, p. 132.

— Isso é verdade — disse Gandalf — Não aconselho que deixem a Cidade completamente desguarnecida. Na verdade, a força que conduzirmos para o leste não precisa ser grande o suficiente para um assalto real contra Mordor, contanto que seja grande o suficiente para provocar uma batalha. Deve se mover com rapidez. Portanto, pergunto aos Capitães: que força poderíamos reunir e conduzir no prazo máximo de dois dias? Recomendo que essa força deve ser formada por homens corajosos que partem por sua própria vontade, conhecendo o perigo que correm. TOLKIEN, 2010 C, p. 160.

— Os termos são estes — disse o Mensageiro, sorrindo e encarando-os um a um: a gentilha de Gondor e seus iludidos aliados devem retirar-se imediatamente para além do Anduin, não sem primeiro prestarem juramento de nunca mais atacar Sauron, o Grande, aberta ou secretamente. Todas as terras a leste do Anduin deverão pertencer a Sauron para sempre, e unicamente a ele. A região a oeste do Anduin, até as Montanhas Sombrias e o Desfiladeiro de Rohan, deverá pagar tributo a Mordor, e os homens de lá não poderão portar armas, mas terão permissão para governar seus próprios assuntos. No entanto, deverão ajudar a reconstruir Isengard, a qual destruíram por capricho, e essa região será de Sauron, e lá seu tenente deverá morar: não Saruman, mas alguém mais digno de confiança.

Olhando nos olhos do Mensageiro, todos leram seu pensamento. Seria ele aquele tenente que reuniria tudo o que restasse do oeste sob seu controle seria tirano e eles os seus escravos. TOLKIEN, 2010 C, p. 170 – 171.

Os Capitães montaram de novo e recuaram, e do exército de Mordor subiu um grito de escárnio. A poeira se ergueu sufocando o ar, pois de um ponto próximo dali veio marchando uma tropa de orientais que estivera esperando pelo sinal nas sombras de Ered Lithui, além da Torre mais distante. As colinas dos dois lados do Morannon despejavam inúmeros orcs. Os homens do oeste estavam encurralados, e logo, por toda a volta dos montes cinzentos onde eles estavam, forças dez vezes maiores e ainda mais numerosas que isso os cercariam num mar de inimigos. Sauron tinha mordido a isca com mandíbulas de aço. TOLKIEN, 2010 C, p. 172.

— Queria saber se em algum momento eles pensam em nós — disse ele —, e o que está acontecendo lá longe. Acenou com a mão no ar num gesto vago, mas agora na verdade estava virado para o sul, voltando ao túnel de Laracna, e não para o oeste. No mundo lá fora, no lado oeste aproximava-se o meio-dia do décimo quarto dia de março, de acordo com o Registro do Condado, e nesse momento Aragorn conduzia a frota negra saindo de Pelargir, e Merry cavalgava com os rohirrim, descendo o Vale das Carroças de Pedra, enquanto em Minas Tirith subiam as chamas e Pippin observava a loucura crescendo nos olhos de Denethor. Apesar disso, em meio a todas as preocupações e temores, os pensamentos de seus amigos voltavam-se constantemente para Frodo e Sam. Eles não tinham sido esquecidos. Mas estavam fora do alcance de qualquer ajuda, e nenhum pensamento poderia trazer qualquer socorro para Samwise, filho de Hamfast; por isso, ele estava completamente sozinho. TOLKIEN, 2010 C, p. 175.

— Bem, não muita, Sam — suspirou Frodo. — Aquilo está acontecendo lá longe, além das montanhas. Estamos indo para o leste, não para o oeste. E estou tão cansado! E o Anel pesa tanto, Sam. E começo a vê-lo em minha mente todo o tempo, como uma grande roda de fogo. TOLKIEN, 2010 C, p. 200.

Lentamente a luz aumentou, até ficar mais clara do que nunca. Um vento forte soprava do oeste e varria dos ares mais altos a fumaça de Mordor. Não demorou muito para que os hobbits conseguissem visualizar o formato da terra no raio de algumas milhas. O fosso entre as montanhas e o Morgai diminuía cada vez mais durante a subida, e a borda interna agora não passava de um patamar nas encostas íngremes dos Ephel Dúath; mas a leste a queda para o Gorgoroth era abrupta como sempre. À frente o curso de água terminava em degraus quebrados de pedra; da cordilheira principal lançava-se um contraforte alto e nu, que avançava para o leste como uma muralha. Para encontrá-lo ali, vindo da enevoada cordilheira norte de Ered Lirhui, um longo braço pontudo se estendia; entre as extremidades havia um desfiladeiro estreito: Carach Angren, a Boca Ferrada, além da qual ficava o profundo vale de Udún. Naquele vale atrás do Moratmon estavam os túneis e os depósitos de armas que os servidores de Mordor haviam feito para a defesa do Portão Negro; e ali agora o seu Senhor estava reunindo às pressas grandes forças para enfrentar o ataque dos Capitães do Oeste. Sobre os contrafortes salientes, fortes e torres haviam sido construídos, e

ali queimavam fogueiras de acampamento; através de todo o desfiladeiro fora erguida uma muralha de terra, e fora escavada uma trincheira funda que só podia ser atravessada por uma única ponte. TOLKIEN, 2010 C, p. 210.

Um pouco à frente, antes do portão na extremidade da ponte, a estrada do oeste convergia com outras que vinham do sul e de Barad-dûr. Ao longo de todas as estradas tropas se moviam, pois os Capitães do Oeste estavam avançando e o Senhor do Escuro apressava suas forças na direção do norte. Foi assim que várias companhias se encontraram na encruzilhada, na escuridão além da luz das fogueiras de acampamento sobre as muralhas. TOLKIEN, 2010 C, p. 214.

De todos os escravos do Senhor do Escuro, apenas os nazgûl poderiam tê-lo advertido do perigo, pequeno mas indomável, que se esgueirava para dentro do próprio coração de seu vigiado reino. Mas os nazgûl com suas asas negras estavam longe em outra missão. Estavam reunidos num ponto distante, cobrindo de sombras a marcha dos Capitães do Oeste, e para lá também o pensamento da Torre Escura se dirigia. TOLKIEN, 2010 C, p. 222.

O Olho não estava voltado para eles: olhava para o norte, onde os Capitães do Oeste estavam encurralados, e para lá voltava agora toda a sua maldade, enquanto o poder se movia para desferir seu golpe mortal; mas Frodo, diante daquela rápida visão, sentiu-se como alguém golpeado mortalmente. Sua mão procurou a corrente em volta do pescoço. TOLKIEN, 2010 C, p. 227.